



ANAIS

- 2024 -





**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ
CAMPUS JACAREZINHO
CENTRO DE LETRAS, COMUNICAÇÃO E ARTES**

**XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS –
SÓLETRAS**

de 06 a 08 de fevereiro de 2024

ANAIS

Jacarezinho - PR

400

XIV Seminário de Iniciação Científica Estudos Linguísticos e Literários: SÓLETRAS (14. : 2024 : Jacarezinho, PR)

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica Estudos Linguísticos e Literários: SÓLETRAS / coordenação de Patrícia Cristina De Oliveira Duarte. - Jacarezinho : UENP, 2024

1163 p.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: https://eventos.uenp.edu.br/soletras/wp-content/uploads/sites/10/2024/04/ANAIS-SOLETRAS-2024_compressed.pdf

ISSN: 18089216

I. Duarte, Patrícia Cristina De Oliveira. II. Título

Ficha catalográfica elaborada por Lidia Orlandini Feriato Andrade,
CRB 9/1556. Sistema de Bibliotecas da UENP.

COORDENAÇÃO GERAL

Prof.^a Dr.^a Patrícia Cristina de Oliveira Duarte

COMISSÃO ORGANIZADORA

Prof.^a Me. Everton Bernardes Wenceslau
Prof.^a Dr. Luiz Antonio Xavier Dias
Prof.^a Dr.^a Nerynei Meira Carneiro Bellini
Prof.^a Esp. Pâmela Cristina Gonzaga
Prof.^a Dr.^a Patrícia Cristina de Oliveira Duarte
Prof.^a Dr.^a Vera Maria Ramos Pinto

COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof. ^a Dr. ^a Carolina Natale Toti	Prof. ^a Dr. ^a Nerynei Meira Carneiro Bellini
Prof. Me. Éverton Bernardes Wenceslau	Prof. ^a Esp. Pâmela Cristina Pereira Gonzaga
Prof. Dr. Fábio Antonio Gabriel	Prof. ^a Dr. ^a Patrícia Cristina de Oliveira Duarte
Prof. ^a M. ^a Fernanda de Cassia Miranda	Profa. M. ^a Paula Elisie Madoglio Izidoro
Prof. Dr. Fernando Moreno da Silva	Prof. ^a Dr. ^a Rafaela Stopa
Prof. ^a Dr. ^a Joagda Rezende Abib	Prof. Dr. Ricardo André Ferreira Martins
Prof. ^a Dr. ^a Luciana Brito	Prof. ^a Dr. ^a Tania Regina Montanha Toledo
Prof. Dr. Luiz Antonio Xavier Dias	Scoparo
Prof. ^a M. ^a Marilene Prezzotto	Prof. Dr. Thiago Leonardo Ribeiro
Prof. ^a Esp. Monica de Aguiar Moreira Garbelini	Prof. ^a Dr. ^a Valdirene Barboza Araújo Batista
	Prof. ^a Dr. ^a Vera Maria Ramos Pinto

MONITORES

Amábilly Reis Rocha	Derik Gabriel Nizoli Rocha
Amanda Teixeira Faria	Ellen Lourdes Da Silva Souza
Ana Luiza M. Andreetta	Ellen Patrícia Da Silva
Antonio Augusto Guimarães	Felipe Miguel da Silva Begrami
Antônio Spiassi Silva Pereira Mendes	Lucas Ribeiro de Morais
Bruno de Andrade Garcia	Luiz Gustavo Vilella Melo
Camili Silvério De Oliveira	Mariana Yasmim Granatto Vitorino
Camilly Costa Pereira	Maysa Alves
Débora Kely Andreatto Oliveira	

APOIO TÉCNICO E LOGÍSTICO

Gerson Tashiro Filho

EDITORÇÃO

Prof. Dr. Thiago Leonardo Ribeiro
Prof.^a Dr.^a Vera Maria Ramos Pinto

PROGRAMAÇÃO COMPLETA

06/02/2022 – Terça-feira

Tarde

14h00 às 19h20 Credenciamento e reunião com os Grupos de Pesquisa na área de Linguística
Local: Núcleo Institucional de Pesquisas (NIP)

Noite

19h30 Abertura oficial do evento - Local: Anfiteatro do PDE

20h às 20h30 Apresentações culturais

20h30 às 21h30 Conferência de abertura: **TELETANDEM: CONECTANDO CULTURAS PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE INGLÊS E ESPANHOL** com Prof.º Dr.ª Laura Rampazzo (IFSP) e Prof.ª Dr.ª Micheli Gomes de Souza (UNESP). Como mediadores Prof. Mdo. William Messias Secco e Prof.ª Md.ª Fernanda Tamarozzi de Oliveira (Paraná Fala Idiomas/CRI – UENP)

07/02/2022 – Quarta-feira

Tarde

14h às 17h30 - SIMPÓSIOS (comunicações orais) On-line, via Google Meet

Noite

20h às 22h50 MINICURSOS - Local: Salas de aula CLCA – Bloco II

1. Implicações do inglês como língua franca na educação.

Prof.ª M.ª Fernanda de Cássia Miranda e alunos do primeiro ano de Letras/Inglês (CLCA – UENP/CJ)

2. Tecnologias na educação: contribuições das metodologias ativas no trabalho docente para uma aprendizagem significativa

Prof. Dr. Fábio Antonio Gabriel (CLCA – UENP/CJ)

3. Leitura de literatura em sala de aula: desafios e possibilidades

Profa. Dra. Rafaela Stopa (CLCA-UENP/CJ)

Profa. Dra. Valdirene Barbosa de Araújo Batista (CLCA-UENP/CJ)

4. Adulterio na Literatura

Prof. Esp. Mônica de Aguiar Moreira Garbelini (CLCA-UENP/CJ).

Profa. Dra. Tania Regina Montanha Toledo Scoparo (CLCA-UENP/CJ).

Discentes do quarto ano Letras – Português/Inglês (CLCA-UENP/CJ)

5. Tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) no ensino de línguas

Prof. Mdo William Messias Secco (Paraná Fala Idiomas – Inglês -CRI/UENP).

Profa Mda Fernanda Tamarozzi de Oliveira (Paraná Fala Idiomas – Espanhol-CRI/UENP)

6. Leitura de diversos gêneros textuais em sala de aula

Profa. Esp. Vanessa Aparecida Duarte Almeida (GP Leitura e Ensino – CLCA-UENP/CJ).

7. Artigo de opinião no vestibular: processo de criação e recepção

Prof. Dr. Luiz Antonio Xavier Dias (CLCA-UENP/CJ) e alunos do primeiro ano Letras/Inglês

8. CANVA NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE: ESTRATÉGIAS VISUAIS E INCLUSIVAS PARA SURDOS

Prof. Esp. Everton Diego Lisboa (CAS – SEED -PR)

9. QUE HISTÓRIA É ESSA? LUDONARRAR PARA ENGAJAR

Prof. Dr. David José de Andrade Silva (IFPR/Campus Jacarezinho)

08/02/2022 – Quinta-feira

Tarde

14h00 às 19h00 - Reunião com os Grupos de Pesquisa na área de Línguas Estrangeiras Modernas

Local: Núcleo Institucional de Pesquisas (NIP)

Noite

19h30 às 22h30 - SIMPÓSIOS (COMUNICAÇÕES ORAIS) On-line, via Google Meet

APRESENTAÇÃO

Proposta e organizada pelo Centro de Letras, Comunicação e Artes (CLCA) da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Campus de Jacarezinho, a XIV edição do Seminário de Iniciação Científica Estudos Linguísticos e Literários (SÓLetras) realizou-se no período de 6 a 8 de fevereiro de 2024, no CLCA-UENP/CJ e no Anfiteatro do PDE.

De natureza híbrida, o evento buscou promover a produção científica de docentes e discentes, dos Grupos de Pesquisa dos Cursos de Letras do CLCA de Jacarezinho e sua divulgação oral, para socializar resultados de pesquisas e práticas educativas na área dos estudos linguísticos e literários, em seus diálogos com outros campos do conhecimento.

Nesse enfoque, foram propostas discussões sobre gêneros discursivos/textuais, relação teoria/prática – a práxis, no ensino de línguas, por meio de conferências, mesas-redondas, minicursos, oficinas e apresentações de trabalhos (comunicação oral). De forma dialógica e transdisciplinar, o evento objetiva expandir o conhecimento acadêmico-científico de alunos da graduação e da pós-graduação, aperfeiçoando, ainda, os saberes profissionais de docentes que atuam no ensino fundamental e médio.

Estes Anais apresentam um total de 64 artigos completos referentes a minicursos e comunicações que contemplam as áreas: Ensino de línguas (materna e estrangeira); Estudos linguísticos; Estudos Literários; Formação docente; Gêneros discursivos/textuais. Os trabalhos foram enviados por doutores, pós-doutores, mestres, especialistas, pesquisadores de iniciação científica e graduandos de várias instituições de ensino como UENP/CJ, UENP/CP, UEL, UEM, UNIOESTE, UNESP, IFPR/Campus Jacarezinho, IFSP, que pretendem propagar seus estudos e compartilhar saberes.

Os textos aqui apresentados são de responsabilidade dos seus respectivos autores.

Comissão Organizadora

SUMÁRIO

COMISSÃO ORGANIZADORA	02
COMISSÃO CIENTÍFICA	02
MONITORES.....	02
EDITORÇÃO	02
PROGRAMAÇÃO COMPLETA.....	03
APRESENTAÇÃO.....	06
TRABALHOS COMPLETOS	
“A MORTA”, DE GUY DE MAUPASSANT: UMA ANÁLISE DO FANTÁSTICO	
Izabela Fabro de Paula (G-CLCA-UENP/CJ)	
Samira Bebiano Barbosa (G-CLCA-UENP/CJ)	
Nerynei Meira Carneiro Bellini (Orientadora-CLCA-UENP/CJ).....	14
A ADAPTAÇÃO E A APROXIMAÇÃO DO LEITOR JOVEM DA LITERATURA CLÁSSICA: UMA ANÁLISE DA RECEPÇÃO DE <i>DOM CASMURRO EM QUADRINHOS</i>, DE WELLINGTON SRBEK & JOSÉ AGUIAR	
José Henrique Ritti (G-CLCA-UENP/CJ)	
Valdirene Barbosa de Araújo Batista (CLCA-UENP/CJ).....	30
A FIGURA FEMININA NO SAMBA-ENREDO: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA	
Tanielle Vitória da Silva (G-CLCA-UENP/CJ)	
Thainá Giovanna Soares Cordeiro (G-CLCA-UENP/CJ)	
Ricardo André Ferreira Martins (CLCA-UENP/CJ).....	58
A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTOJUVENIL	
Adriana Marques de Oliveira (G-CLCA-UENP/CJ)	
Nerynei Meira Carneiro Bellini (Orientadora-CLCA-UENP/CJ).....	72
A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE LITERATURA ERÓTICA E PORNOGRÁFICA NA EDUCAÇÃO	
Stefani da Silva Furlan dos Santos (G-CLCA-UENP/CJ)	
Ricardo André Ferreira Martins (Orientador-CLCA-UENP/CJ).....	93
A LEITURA NA PLATAFORMA DIGITAL LEIA PARANÁ	
Camila Carvalho Czerwinski (Bolsista PIBID-G-CLCA-UENP/CJ)	
Thainara Aparecida Pereira (Bolsista PIBID-G-CLCA-UENP/CJ)	
Vera Maria Ramos Pinto (Orientadora-CLCA-UENP/CJ).....	123

A LITERATURA NA SALA DE AULA: CAFÉ COM POESIA

- Silvana Querino da Silva (SEED-PR/Supervisora PIBID-CLCA-UENP/CJ)
Karla Cristina Crispim Marquezim (Bolsista PIBID- G-CLCA-UENP/CJ)
Mônica da Silva Freitas (Bolsista PIBID-G-CLCA-UENP/CJ)
Vera Maria Ramos Pinto (Orientadora-CLCA-UENP/CJ) 134

A PERSONAGEM PAULO EM SE EU FECHAR OS OLHOS AGORA (2009) E VIDAS PROVISÓRIAS (2013)

- Wesley de Cássio Gonçalves (G-CLCA-UENP/CJ)
Luciana Brito (Orientadora-CLCA-UENP/CJ) 145

A RELAÇÃO ENTRE O HOMEM E A NATUREZA NO ROMANCE “O VELHO E O MAR”, DE ERNEST HEMINGWAY E NA CANÇÃO “O VELHO E O MAR”, DE RUBEL

- Jéssica Adriane Etoze Fogaça (G-CLCA-UENP/CJ)
Fernanda de Cássia Miranda (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)
Mônica de Aguiar Moreira Garbelini (Orientadora-CLCA-UENP/CJ) 173

A TRANSGRESSÃO SOCIAL NA OBRA NOITE NA TAVERNA DE ÁLVARES DE AZEVEDO

- Guidemerson Correa do Prado (G-CLCA-UENP/CJ)
Ricardo André Ferreira Martins (Orientador-CLCA-UENP/CJ) 190

AÇÕES INICIAIS DO PARANÁ FALA ESPANHOL NA UEM: UMA NOITE DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

- Kezia Naiara Bernardes dos Reis (UEM-PFE)
Viviane Cristina Poletto Lugli (UEM-PFE) 223

ANÁLISE AMPLIADA DA OBRA AUTO DA COMPADECIDA, ARIANO SUASSUNA

- Stefane Luciana de Carvalho (G-CLCA-UENP/CJ)
Bruna Cláudia Lauriano da Silva(G-CLCA-UENP/CJ)
Mateus Henrique da Costa (G-CLCA-UENP/CJ)
Ricardo André Ferreira Martins (Orientador-CLCA-UENP/CJ) 235

ANÁLISE AMPLIADA DA OBRA A BOLSA AMARELA DE LYGIA BOJUNGA

- Joyce Barbosa de Castro (G-CLCA-UENP/CJ)
Larissa Raiane da Silva Camargo (G-CLCA-UENP/CJ)
Maria das Graças Becker de Souza (G-CLCA-UENP/CJ)
Ricardo André Ferreira Martins (CLCA-UENP/CJ) 242

ANÁLISE EXPANDIDA DA OBRA “DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS” DE JORGE AMADO

- Alexandre da Silva Brocal (G-CLCA-UENP/CJ)
Talita Carolina Theodoro (G-CLCA-UENP/CJ)
Thiago Batista de Souza (G-CLCA-UENP/CJ)
Ricardo André Ferreira Martins (CLCA-UENP/CJ) 252

ANÁLISE METAPLÁSICA NA LINGUAGEM DA SÉRIE 'A GRANDE FAMÍLIA (2007)': UMA PERSPECTIVA CIENTÍFICA

Esdras José da Silva Costa (G-CLCA-UENP/CJ)

Vitória Aparício Toledo (G-CLCA-UENP/CJ)

Luiz Antonio Xavier Dias (Orientador-CLCA-UENP/CJ) 261

AS AVENTURAS DE ROBINSON CRUSOÉ

Adriana Marques de Oliveira (G-CLCA-UENP/CJ)

Matheus Afonso Ferreira do Vale (G-CLCA-UENP/CJ)

Stefani da Silva Furlan (G-CLCA-UENP/CJ)

Ricardo André Ferreira Martins (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)..... 270

AS CRIAÇÕES NEOLÓGICAS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL DE MIA COUTO

Sabrina de Almeida (G-CLCA-UENP/CJ)

Fernando Moreno da Silva (CLCA-UENP/CJ) 282

AS VARIEDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO-APRENDIZAGEM E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Mariele Souza Wenceslau (G-CLCA-UENP/CJ)

Patrícia Cristina de Oliveira Duarte (CLCA-UENP/CJ) 301

AS VISÕES E CONTRAPARTIDAS NO ROMANTISMO ATRAVÉS DO TEXTO LITERÁRIO UBIRAJARA DE JOSÉ DE ALENCAR

Guiel Aparecido Barbosa Muniz (G-CLCA-UENP/CJ)

Marcelo Reis da Silva (G-CLCA-UENP/CJ)

Ricardo André Ferreira Martins (CLCA-UENP/CJ) 320

ATIVIDADE LÚDICA: PIZZA LITERÁRIA

Amanda Teixeira Faria (Bolsista PIBID-G-CLCA-UENP/CJ)

Felipe Miguel da Silva Begrami (Bolsista PIBID-G-CLCA-UENP/CJ)

Vera Maria Ramos Pinto (Orientadora-CLCA-UENP/CJ) 333

CAPA DE REVISTA: AS ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS COMO MANIPULAÇÃO DO DISCURSO

Kaick Vinícius Silva Ribeiro (UENP/CJ)

Tânia Regina Montanha Toledo Scoparo (Orientadora-CLCA-UENP/CJ) 345

CATEGORIZAÇÃO DO GÊNERO DISCURSIVO CONTO, SOB A PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Maria Luiza Ribeiro Coelho Barbosa (G-CLCA-UENP/CJ)

Patrícia Cristina de Oliveira Duarte (CLCA-UENP/CJ) 364

COMBATE AO RACISMO: ANALISANDO A CARTILHA DO TSE CONTENDO EXPRESSÕES RACISTAS

Ana Isabel de Moraes (G-CLCA-UENP/CJ)

Larissa Raiane da Silva Camargo (G-CLCA-UENP/CJ)

Fernando Moreno da Silva (CLCA-UENP/CJ) 374

CONHECIMENTO E RECONHECIMENTO DA LITERATURA INDÍGENA NO BRASIL

Keily Rafaela Camargo (G-CLCA-UENP/CJ)
Maria Clara dos Santos Granemann (G-CLCA-UENP/CJ)
Ricardo André Ferreira Martins (Orientador-CLCA-UENP/CJ) 391

CONSIDERAÇÕES SOBRE O GÊNERO FÁBULA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA

Jonatan Cardoso Flores (G-CLCA-UENP/CJ)
Johann Roesener (G-CLCA-UENP/CJ)
Patrícia Cristina de Oliveira Duarte (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)..... 425

CONTRIBUIÇÕES DA CULTURA DE FÃS NA INTERNET PARA O APRENDIZADO DE INGLÊS

Letícia da Silva Oliveira (G-CLCA-UENP/CJ)
Carolina Toti (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)..... 441

COPO VAZIO (2021) E A BUSCA PELO AMOR

Ana Clara Ferreira (G-CLCA-UENP/CJ)
Ricardo André Ferreira Martins (Orientador-CLCA-UENP/CJ) 457

DA PÁGINA AO FILME – ANÁLISE COMPARATIVA DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS DE LEWIS CARROLL E A TRANSPOSIÇÃO CINEMATOGRAFICA DE TIM BURTON.

Alícia Karine Mendes Pedroso (G-CLCA-UENP/CJ)
Carolina Toti (Orientador-CLCA-UENP/CJ)..... 481

DO ROMANCE ESCRITO ÀS TELAS DA TELEVISÃO: UM ESTUDO SOBRE ADAPTAÇÃO A PARTIR DAS OBRAS *LA MENTIRA* E *CORAÇÕES FERIDOS*

Alexandre da Silva Brocal (G-CLCA-UENP/CJ)
Matheus Perole de Oliveira (G-CLCA-UENP/CJ)
Nerynei Meira Carneiro Bellini (Orientadora-CLCA-UENP/CJ) 504

ECOANDO NOTAS: ANÁLISE ESTILÍSTICA DAS OBRAS DE O TEATRO MÁGICO

Raiane Quirino Bento (G-CLCA-UENP/CJ)
Paula Elise Madoglio Izidoro (Orientadora-CLCA-UENP/CJ) 527

A ESTÉTICA DE TERROR NA OBRA *O VILAREJO* DE RAPHAEL MONTES

Ana Livia Domingos (G-CLCA-UENP/CJ)
Eloisa Gomes Faria (G-CLCA-UENP/CJ)
Sara Mendes (G-CLCA-UENP/CJ)..... 546

**ESTUDOS FEMINISTAS E LITERATURA COMPARADA: UM OLHAR PARA A
CONSTRUÇÃO LITERÁRIA DE VIRGÍNIA EM *CIRANDA DE PEDRA*, DE LYGIA
FAGUNDES TELLES**

Eloisa Gomes Faria (G-CLCA-UENP/CJ)

Valdirene Barboza de Araújo Batista (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)..... 556

EXPANSÃO DO ROMANCE *CAPITÃES DA AREIA*

Hdanubya Cassya do Nascimento Faria (G-CLCA-UENP/CJ)

Rafaela Galdino da Silva (G-CLCA-UENP/CJ)

Renata Nogueira do Nascimento (G-CLCA-UENP/CJ)

Ricardo André Ferreira Martins (Orientador-CLCA-UENP/CJ) 569

**FALAS CISTEMÁTICAS: A LINGUAGEM NEUTRA NUMA PERSPECTIVA DE
NÃO BINARIDADE DE GÊNERO**

Izak Noah Cruz de Araújo (G-CLCA-UENP/CJ)

Fernando Moreno da Silva (Orientador-CLCA-UENP/CJ) 588

**FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA INGLESA A
PARTIR DA PERSPECTIVA SOCIOINTERACIONISTA**

Alana Martins de Paula (G-CLCA-UENP/CJ)

Fábio Antônio Gabriel (Orientador-CLCA-UENP/CJ)..... 613

**GRAMÁTICA HISTÓRICA EM CANÇÕES BRASILEIRAS: UMA ANÁLISE DE
METAPLASMOS**

Maria Fernanda Lopes da Fonseca (G-CLCA-UENP/CJ)

Thalia Baptista da Silva (G-CLCA-UENP/CJ)

Luiz Antonio Xavier Dias (CLCA-UENP/CJ) 635

**LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA PROPOSTA DE
ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Ederson da Paixão (PPed-UENP)

Patrícia Cristina de Oliveira Duarte (CLCA-UENP/CJ) 646

**LETRAMENTO LITERÁRIO: A FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS POR
MEIO DA OBRA *O PEQUENO PRÍNCIPE***

Joyce Barbosa de Castro (G-CLCA-UENP/CJ)

Maria das Graças Becker de Souza (G-CLCA-UENP/CJ)

Nerynei Meira Carneiro Bellini (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)..... 656

**LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA
PARA O LIVRO *O MUNDO É DOS CANÁRIOS*, DE LUIZ ANTONIO AGUIAR**

Anna Carolina de Paulo Oliveira (G-CLCA-UENP/CJ)

Júlia Evelyn Rosa (G-CLCA-UENP/CJ)

Rafaela Stopa (Orientadora-CLCA-UENP/CJ) 688

LINGUAGEM E ENSINO: ESTUDOS DE GÊNERO ORAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Camila Fernanda da Silva Martins (G-CLCA-UENP/CJ)
Paula Elisie Madoglio Izidoro (Orientadora-CLCA-UENP/CJ) 706

METAPLASMOS EM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Thalita de Assis Belizario (G-CLCA-UENP/CJ)
Stephany Von Vogler Branco (G-CLCA-UENP/CJ)
Thainara Aparecida Pereira (G-CLCA-UENP/CJ)
Luiz Antonio Xavier Dias (Orientador-CLCA-UENP/CJ) 727

METAPLASMOS EM MÚSICAS CAIPIRAS

Camila Carvalho Czerwinski (G-CLCA-UENP/CJ)
Ingrid Elen Nunes Guedes Silva (G-CLCA-UENP/CJ)
Mariana Garcia Carregosa Gaino (G-CLCA-UENP/CJ)
Luiz Antonio Xavier Dias (Orientador-CLCA-UENP/CJ) 741

METAPLASMOS EM SÉRIES: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA

Guidemerson Correa do Prado (G-CLCA-UENP/CJ)
Maria Clara Dos Santos Granemann (G-CLCA-UENP/CJ)
Keily Rafaela Camargo (G-CLCA-UENP/CJ)
Luiz Antônio Xavier Dias (Orientador-CLCA-UENP/CJ) 754

METAPLASMOS NA MÚSICA CAIPIRA

Eloisa Gomes Faria (G-CLCA-UENP/CJ)
Sara Mendes (G-CLCA-UENP/CJ)
Ana Lívia Domingos (G-CLCA-UENP/CJ)
Luiz Antonio Xavier Dias (Orientador-CLCA-UENP/CJ) 779

METAPLASMOS NAS CANÇÕES POPULARES BRASILEIRAS – A ORIGEM DAS PALAVRAS, FORMAS E DERIVAÇÕES AO LONGO DO TEMPO

Pâmela Fernanda de Mattos (G-CLCA-UENP/CJ)
Raiane Quirino Bento (G-CLCA-UENP/CJ)
Luiz Antonio Xavier Dias (Orientador-CLCA-UENP/CJ) 790

METAPLASMOS NAS HQS E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA LÍNGUA PORTUGUESA

Marcelo Henrique Lisboa (G-CLCA-UENP/CJ)
Vilma Aparecida Siqueira Duarte (G-CLCA-UENP/CJ)
Rebecca Sayuri Uchiyama (G-CLCA-UENP/CJ)
Luiz Antonio Xavier Dias (Orientador-CLCA-UENP/CJ) 800

METAPLASMOS NO FILME CENTRAL DO BRASIL: UMA EXPLORAÇÃO LINGÜÍSTICA

Stefane Luciana de Carvalho (G-CLCA-UENP/CJ)
Bruna Cláudia Lauriano da Silva (G-CLCA-UENP/CJ)
Rebeca Caroline Golfeto (G-CLCA-UENP/CJ)
Luiz Antonio Xavier Dias (Orientador-CLCA-UENP/CJ) 815

O ASPECTO SOCIAL DA EDUCAÇÃO EM BERNARD CHARLOT E PAULO FREIRE: RELAÇÕES COM O SABER NO AMBIENTE ESCOLAR E A QUESTÃO DO FRACASSO ESCOLAR

Wagner de Moraes Barboza (G-CLCA-UENP/CJ)
Fábio Antônio Gabriel (Orientador-CLCA-UENP/CJ) 825

O ENSINO DA INTERTEXTUALIDADE NAS SALAS DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Ana Julia de Moraes (G-CLCA-UENP/CJ)
Rubia Maria da Cruz Jardim (G-CLCA-UENP/CJ)
Vera Maria Ramos Pinto (Orientadora-CLCA-UENP/CJ) 841

O ESPAÇO DA LITERATURA LGBTQIA+ NA EDUCAÇÃO BÁSICA: A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE

Henrique Aparecido Garcia (G-CLCA-UENP/CJ)
Valdirene Barboza de Araujo Batista (Orientadora-CLCA-UENP/CJ) 856

O HERÓI PROBLEMÁTICO EM O PROCESSO

Guiel Aparecido Barbosa Muniz (G-CLCA-UENP/CJ)
Thiago Batista de Souza (G-CLCA-UENP/CJ)
Luciana Brito (Orientadora-CLCA-UENP/CJ) 874

O KREYÒL HAITIANO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO – UM ESTUDO DE CASO

Becatrie Lorsa Pierre Louis (PG-UNIOESTE) 900

O MEU AMIGO PINTOR: A DEPRESSÃO E O SUICÍDIO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL

Paula Cristina Soares (G-CLCA-UENP/CJ)
Luciana Brito (Orientadora-CLCA-UENP/CJ) 920

O PERFIL GAMER E O RECONHECIMENTO DA LÍNGUA GAMER SOB A PERSPECTIVA DA VARIAÇÃO DIAMÉSICA

Lirane Rossi Martinez (PG-UEL/CAPES)
Vanderici de Andrade Aguilera (Orientadora-UEL) 935

O RESGATE DO GÓTICO EM A COLINA ESCARLATE

Maria Eduarda de Faria Azevedo (G-CLCA-UENP/CJ)
Mônica Aguiar Moreira Garbelini (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)
Marilene Prezotto (Coorientadora-CLCA-UENP/CJ) 960

O SUJEITO ENTRE LÍNGUAS: PERSPECTIVAS PSICANALÍTICAS SOBRE O CONTEXTO DE EDUCAÇÃO BI/MULTILÍNGUE Jefferson Lhamas dos Santos (PG-UEL/SEED).....	983
O USO DAS TICS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: A REALIDADE DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DO PARANÁ Elaine Cristina de Freitas Silva (UENP/CP)	1004
PERSPECTIVAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS: UMA ANÁLISE DE QUARTO DE DESPEJO EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO Hdanubya Cassya do Nascimento (CLCA-UENP/CJ) Renata Nogueira do Nascimento Rocha (CLCA-UENP/CJ)	1016
REFLEXÕES A PARTIR DA PERSONAGEM ARYA STARK NA OBRA FANTÁSTICA AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO, DE GEORGE R. R. MARTIN Daniel Caetana Vieira (G-CLCA-UENP/CJ) Nerynei Meira Carneiro Bellini (Orientadora-CLCA-UENP/CJ).....	1038
REFLEXÕES SOBRE A REALIDADE POR MEIO DO FANTÁSTICO EM CONTO ESPANHOL SOBRE A GUERRA Marcelo Reis da Silva (G-CLCA-UENP/CJ) Nerynei Meira Carneiro Bellini (CLCA-UENP/CJ)	1055
SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO (1594): UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA EM SALA DE AULA Nívea Schiramm Costa (G-CLCA-UENP/CJ) Mônica de Aguiar Moreira Garbelini (Orientadora-CLCA-UENP/CJ) Luiz Antonio Xavier Dias (Coorientador-CLCA-UENP/CJ).....	1076
UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA SOBRE A COMPREENSÃO DE FIGURAS DE LINGUAGEM EM CONTEXTOS DE NEUROATIPICIDADE E AUTISMO: POSSIBILIDADES NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS Henrique Aparecido Apolinário (G-CLCA-UENP/CJ) Luiz Antonio Xavier Dias (Orientador-CLCA-UENP/CJ)	1090
VARIAÇÃO FONÉTICA: UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA VARIÁVEL CADARÇO Thiago Leonardo Ribeiro (SEED-PR) Vera Maria Ramos Pinto (CLCA-UENP/CJ).....	1115
VIOLÊNCIA COMO FATOR DE ATRAÇÃO NO ROMANCE POLICIAL CONTEMPORÂNEO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE “UMA MULHER NO ESCURO”, DE RAPHAEL MONTES, E “UM CRIME ADORMECIDO”, DE AGATHA CHRISTIE Nicole de Campos Sandri (G-CLCA-UENP/CJ) Mônica Moreira Garbellini (Orientadora-CLCA-UENP/CJ) Luiz Antonio Xavier Dias (Coorientador-CLCA-UENP/CJ).....	1128



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

“A MORTA”, DE GUY DE MAUPASSANT: UMA ANÁLISE DO FANTÁSTICO

Izabela Fabro de Paula (G-CLCA-UENP/CJ)

Samira Bebiano Barbosa (G-CLCA-UENP/CJ)

Nerynei Meira Carneiro Bellini (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Guy de Maupassant (1850-1893) foi um grande escritor de contos do gênero fantástico. A escrita literária destaca-se por causar assombro e estranheza nos leitores, devido ao estilo de Maupassant e às articulações formais que realiza em seus contos. Guy, em suas obras, conseguia inserir temas insólitos de maneira sutil em cenas reais do cotidiano, algumas vezes, sugerindo alucinações ou sonhos vividos por seus personagens. O foco central deste estudo recai sobre a obra "A morta" (2001) na qual serão explorados os principais elementos do gênero fantástico presentes na escrita do autor. A pesquisa é qualitativa, de cunho bibliográfico, conforme preconizado por Oliveira (2016). A investigação em tela propõe-se a realizar uma interpretação aprofundada dos eventos narrados e das configurações estruturais do conto. Para alcançar esse objetivo serão empregadas as perspectivas teóricas de renomados estudiosos do fantástico, tais como, Lovecraft (1984), Todorov (1992), Roas (2001), Camarani (2014), Bellini (2017), bem como de autores dedicados à análise formal da narrativa, como Candido (1976) e Franco Jr. (2009), entre outros. Por fim, como resultado espera-se comprovar que as articulações formais do fantástico podem criar efeitos nos personagens e, possivelmente, no leitor.

Palavras-chave: Fantástico. Guy de Maupassant. Literatura.

Introdução

O conto fantástico "A Morta" foi publicado pela primeira vez em 1887 na França pelo jornal *Gil Blas* e, posteriormente, na coletânea *La main gauche*, com o título "La morte". A versão utilizada para análise, neste trabalho, é do ano de 2001, impressa pela editora L&PM, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

O gênero fantástico está diretamente ligado a elementos reais e irrealis, Guy é um grande escritor desse gênero, tendo escrito vários contos macabros, muitos relacionados a



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

acontecimentos mórbidos. Esse autor possuía grande "fascínio" por elementos relacionados à morte. Algumas de suas obras, como a que será estudada neste trabalho, apresenta os elementos fantásticos por meio da urdidura textual de alucinações ou sonhos vividos por seus personagens. Essa forma de apresentar o fantástico nas obras o diferencia dos demais autores, pois ele insere esses elementos de maneira sutil e possível. Ele possuía a habilidade de inserir elementos fantásticos dentro de histórias que retratavam a realidade. De maneira natural, Guy retrata acontecimentos sobrenaturais dentro de cenas do cotidiano. Essa habilidade é essencial para a criação de contos no gênero fantástico.

A partir disso, será elaborada uma análise das diversas características do gênero, presentes na obra "A Morta". Nesse conto, relata-se a história de um homem muito apaixonado, que dedica algumas páginas a mostrar o tamanho do seu amor por sua amada. Infelizmente a narrativa dá continuidade a um triste acontecimento: a morte da amada. Ele conta que seu amor teve uma morte repentina e sem explicação. A morte dela causa-lhe tanta dor e sofrimento que ele passa a fugir daqueles que o procuravam para prestar-lhe condolências. Em uma dessas fugas, o homem decide passar uma última noite com sua amada, ao lado de seu túmulo no cemitério. No decorrer da noite, ele é tomado pelo medo, por estar sozinho entre os mortos e põe-se a caminhar pelos túmulos, sentindo-se muito assustado. Repentinamente, de maneira macabra, ele presencia um morto saindo de seu túmulo. O cadáver lê a inscrição em sua lápide na qual estão escritas lindas palavras sobre a pessoa que ele foi em vida, sobre seu amor pela família e sua bondade com os outros. O morto, no entanto, substitui essas palavras e no lugar escreve sua verdadeira face, que havia sido uma pessoa cruel e mesquinha. Após isso, por todos os lados do cemitério, os mortos se erguiam e confessavam seus pecados em suas lápides. Desesperado, o protagonista corre pelos túmulos à procura do de sua amada, chegando bem a tempo de vê-la substituindo a linda inscrição que retratava o amor dos dois pela confissão de que na noite em que o estava



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

traiando, tomou muita chuva, contraiu um resfriado e morreu. Após esse acontecimento, o conto encerra-se com o personagem principal sendo encontrado inconsciente em cima do túmulo de sua amada.

A Narrativa Fantástica

Segundo Todorov (2010), a narrativa fantástica deve ter duas estéticas: a do real e a do sobrenatural. Para que o fantástico esteja presente em um conto, precisa haver hesitação e a ambiguidade deve ser mantida até o fim. No enredo do conto não há respostas claras, mas há ambiguidade, duas possibilidades de explicação, dão-se as duas ordens: a do real e a do sobrenatural, sem haver comprovação de uma delas, opta-se pela manutenção da incerteza e da ambiguidade no texto.

No cerne do fantástico, conforme delineado pelo teórico Todorov (2010), encontra-se o ambiente do mundo real, no qual algo ocorre de maneira inexplicável à luz das leis naturais estabelecidas. Isso suscita indagações cruciais, tais como, o evento é "realidade ou sonho?" Ainda, consiste em "verdade ou ilusão?". Todorov (2010, p.31) enfatiza que o fantástico se manifesta nessa atmosfera de incerteza, caracterizada pela hesitação experimentada por um ser que, acostumado apenas às leis naturais, depara-se com um evento aparentemente sobrenatural.

A narrativa do conto adota uma perspectiva em primeira pessoa, onde o pronome "eu" desempenha um papel crucial. Essa escolha narrativa contribui para a criação de uma atmosfera ambígua. O narrador relembra o período em que estava profundamente apaixonado por uma mulher, uma paixão que o transformou em um homem solitário e desorientado, conforme o seguinte excerto: *“Eu a amara perdidamente! Por que amamos?”* (Maupassant, 2001, p. 54). No desdobrar da narrativa, o protagonista mantém o hábito de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

emitir declarações que instigam dúvidas a respeito de sua saúde mental. Expressões, tais como: *"E depois ela morreu. Como? Não sei, não sei mais"* ou *"Falava-lhe, ela me respondia. O que dissemos um ao outro? Não sei mais. Esqueci tudo, tudo, tudo!"* (Maupassant, 2001, p. 55) contribuem para a construção dessa atmosfera enigmática e perturbadora. A cada momento, evidencia-se um aprofundamento progressivo dos delírios do personagem, os quais culminam em sua decisão de passar a noite no cemitério após contemplar por algum tempo a lápide de sua amada. Sua escolha é motivada pelo desejo de descansar ao lado dela, buscando vivenciar "uma última noite" juntos.

Fiquei lá por muito tempo, muito tempo. Depois, percebi que a noite se aproximava. Então, um desejo estranho, louco, um desejo de amante desesperado apoderou-se de mim. Resolvi passar a noite junto dela, a última noite, chorando no seu túmulo. (Maupassant, 2001, p.56).

Por meio da construção de sua narrativa, Maupassant gera hesitação nos personagens e, conseqüentemente, no leitor, impossibilitando a formação de convicções sobre os eventos reais. A incerteza paira sobre se as situações descritas são ilusões, alucinações do personagem, sonhos ou realidade. Essa dúvida resulta na verossimilhança e no toque fantástico do texto.

O fantástico de Maupassant

Guy de Maupassant, ao criar seus contos, demonstrou habilidade em explorar as complexidades da psique humana. Seus personagens, frequentemente atormentados e perturbados, refletem um toque assustador, explorando a interseção entre razão e loucura. Essa escolha temática parece refletir a tumultuada vida do autor, marcada por conflitos pessoais e problemas de saúde.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Nascido na Normandia, Maupassant tinha uma relação próxima com sua mãe, que enfrentava crises nervosas intensas. Sua juventude foi marcada por tédio e melancolia em um internato religioso. Mais tarde, em Paris, sob a orientação de Gustave Flaubert, ele encontrou seu caminho na carreira literária. A carreira de Maupassant foi intensa, mas sua saúde frágil, agravada pela sífilis, resultou em uma década produtiva, seguida por uma espiral descendente.

As obsessões com a morte, pessimismo e delírios levaram Maupassant a um ato extremo em 1892, quando cortou a própria garganta. Embora tenha sobrevivido, passou seus últimos anos isolado, enfrentando inimigos imaginários e vivendo em um estado de desequilíbrio mental. Sua morte prematura em 1893 encerrou uma carreira literária intensa, marcada por mais de trezentos contos, seis romances e uma centena de crônicas. Elementos como solidão, crises nervosas e os traumas da guerra franco-prussiana contribuíram para o caráter sombrio e melancólico presente na obra de Maupassant.

Ao contrário de outros escritores do gênero fantástico, as obras de Maupassant não apresentam monstros ou criaturas sobrenaturais de forma proeminente. Ele aborda o aspecto psicológico do fantástico, explorando temas como sonhos e alucinações, nos quais alguns eventos podem ser interpretados de maneira racional. Conforme observado por Ana Luiza Silva Camarani (2014, p. 22): "O escritor buscou nuances, circundou o sobrenatural em vez de adentrá-lo; encontrou efeitos aterradores permanecendo no limite do possível, lançando o espírito na hesitação, na inquietação". Nas obras de Maupassant, ele constrói eventos que, em muitos casos, podem ser entendidos e categorizados como eventos oníricos ou alucinações. Em "A Morta", o autor atravessa um momento extremamente desafiador, com pensamentos beirando a insanidade, quando ocorre o elemento sobrenatural no conto, o qual poderia, eventualmente, ser justificado pelos tumultuados estados mentais do protagonista.

Os contos de Maupassant são narrados em primeira pessoa. Em "A Morta", toda a



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

trama é apresentada por meio da narração de um protagonista que está imerso em um profundo sofrimento. Essa perspectiva impregna a narrativa com os pensamentos intensos do narrador, conferindo um tom sombrio à história. Cada evento é, assim, permeado pela sombra de seu sofrimento, tornando-se uma peça fundamental na construção da atmosfera densa e melancólica da obra. O fato de ser narrado em primeira pessoa implica que a versão apresentada é a única a que temos acesso, suscitando dúvidas sobre a veracidade dos eventos narrados. Assim, como diz Todorov (1992, p. 75): “O acento recai então sobre o fato de que se trata do discurso de um personagem, mais que do discurso do autor”. Embora geralmente não questionemos a sinceridade dos personagens ao ler uma história, quando confrontados com uma narrativa que oscila entre elementos sobrenaturais e racionais, a dúvida pode surgir. Ao tentarmos entender eventos inexplicáveis, enquanto leitores, questionamos: “Será que ele está sendo honesto? E essa verdade é tangível ou produto da imaginação do personagem?”. A propósito, recorremos à assertiva de Todorov (1992, p. 76): “Não nos diz que o narrador minta, e a possibilidade de que o faça, em certa medida nos choca estruturalmente; mas esta possibilidade existe, e a vacilação pode nascer no leitor”. Não há maneira de ter certeza, mas essa incerteza amplifica a intriga da história, introduzindo inúmeras possibilidades que cativam o leitor.

Lovecraft (1984, p. 46-47), em seu livro *El horror en la literatura* (publicado em espanhol pela Alianza Editorial) no capítulo que trata da literatura sobrenatural no continente europeu, afirma sobre os contos de Maupassant:

Los cuentos poderoso y cínico Guy de Maupassant, escritos hacia la época en que le empezaba a dominar su locura final, presentan características propias, y son efusiones morbosas de un cerebro realista en estado patológico, más que productos imaginativos sanos de una visión naturalmente inclinada hacia la fantasía y sensible a las ilusiones normales de lo invisible. Sin embargo, poseen el más vivo interés e intensidad, y



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

sugieren con fuerza maravillosa la inminencia de unos terrores indecibles, y el acoso implacable al que se ve sometido un desdichado por parte de espantosos y terribles representantes de las negruras exteriores.

Nas obras de Maupassant, o fantástico é uma ferramenta narrativa poderosa, permeando suas histórias com um senso único de mistério e inquietude. Em muitas obras, Maupassant utiliza elementos sobrenaturais como uma forma de crítica social, abordando questões como a decadência da sociedade, a fragilidade da condição humana e a inevitabilidade do destino, muitas vezes usando o fantástico como uma lente para amplificar essas preocupações. A habilidade do autor contribui significativamente para o impacto duradouro de suas narrativas no gênero do fantástico.

Tempo-espço em “A morta”

A ambientação preferida pelo fantástico, que contribui para o medo e incerteza, é aquela que remete ao turno da noite. No conto em análise, o período noturno ergue-se como uma fronteira para outra dimensão: a do cotidiano e familiar, que desencadeia o início do pesadelo e do tormento. A temporalidade dos eventos é circunscrita pela duração do sonho ou da alucinação, sendo estritamente confinada ao período noturno. O narrador do conto fantástico “A morta” configura esse tempo: “Quando a noite ficou escura, bem escura, deixei o meu abrigo e comecei a caminhar de mansinho, com passos lentos e surdos, por essa terra repleta de mortos.” (Maupassant, 2001, p. 58).

Apenas a chegada da luz atua como uma forma de restauração da ordem, marcando o retorno à racionalidade, momento em que a experiência vivida pode ser reavaliada, como vemos em: “Parece que me encontraram inanimado, ao nascer do dia, junto a uma sepultura.” (Maupassant, 2001, p. 58).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Assim como o tempo, o espaço atua como um elemento que suscita dúvidas e intensifica o medo. Nesse contexto, a escolha do ambiente pelo escritor nunca é casual, sendo crucial a percepção e a valorização do cenário onde se desenrola a trama para compreender o comportamento dos personagens. A imersão na atmosfera inquietante simboliza a condição de hesitação e temor, delineando o percurso doloroso e a irreversibilidade da trajetória empreendida pelos personagens. O segmento a seguir dá uma ideia do espaço onde ocorre a maior parte das ações:

(...) apalpava pedras, cruzes, grades de ferro, coroas de vidro, coroas de flores murchas! Lia nomes com os dedos, passando-os sobre as letras. Que noite! Que noite! Não a encontrava! Não havia lua! Que noite! Sentia medo, um medo horrível, nesses caminhos estreitos entre duas filas de túmulos! Túmulos! Túmulos! Túmulos. Sempre túmulos! À direita, à esquerda, à frente, à minha volta, por toda parte, túmulos! Sentei-me num deles, pois não podia mais caminhar, de tal forma meus joelhos se dobravam. (Maupassant, 2001, p. 57).

O cenário mórbido, meticulosamente construído, não apenas serve como pano de fundo, mas se torna quase um personagem por si só, ecoando os temas sombrios e perturbadores que permeiam a história. Esses elementos, combinados de forma perspicaz, revelam a maestria de Maupassant em criar um ambiente que desafia e fascina o leitor, demonstrando as complexidades do gênero fantástico em toda a sua glória literária.

Narrador e personagem em prol da ambiguidade do fantástico em “A morta”

Antonio Candido (1976, p. 17-18), quando em seu livro *A personagem de ficção* (1976), afirma que: “É porém a personagem que com mais nitidez torna patente a ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza”, defende a importância desse



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

elemento narrativo para a coerência textual da ficção. Com essa assertiva, Candido refere-se à construção da obra literária em geral e seu caráter epistemológico na feitura da personagem, ou seja, a configuração formal e sua produção de sentido.

Parece-nos que o papel da personagem, que foi discutido por Candido (1976), potencializa-se no fantástico. Nesse sentido, muitos contos de Maupassant introduzem o narrador representado (narrador-personagem), cuja presença revela-se propícia para a amplificação do elemento sobrenatural e da ficcionalidade. Esse tipo de narrador, ao mesmo tempo que confere credibilidade ao texto, desempenha um papel crucial como testemunha autêntica, essencial para reforçar a natureza ambígua da narrativa. Ao relatar sua própria perspectiva dos eventos, assume uma condição pivotal no jogo narrativo.

Em “A Morta”, o narrador representado mantém um diálogo com um interlocutor implícito no texto. Neste caso, trata-se de um destinatário cuja identidade apenas pode ser deduzida por meio das pistas deixadas pelo protagonista:

Não vou contar a nossa história. O amor só tem uma história, sempre a mesma. Encontrei-a e amei-a. Eis tudo. E vivi durante um ano na sua ternura, nos seus braços, nas suas carícias, no seu olhar, nos seus vestidos, na sua voz, envolvido, preso, acorrentado a tudo que vinha dela, de maneira tão absoluta que nem sabia mais se era dia ou noite, se estava morto ou vivo, na velha Terra ou em outro lugar qualquer.
E depois ela morreu. Como? Não sei, não sei mais. (Maupassant, 2001, p. 56).

Neste instante, o leitor adentra o universo psicológico do narrador, que, apesar de negar o avanço da narrativa, enreda e intensifica a trama por meio de seu drama pessoal. Esse narrador-personagem, ao dizer “Não vou contar nossa história” (Maupassant, 2001, p.56) começa um relato a partir da qual se desenvolve o enredo, direcionando-se ao narratário. O uso da primeira pessoa no texto valida os sentimentos de medo e pânico, ao



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

mesmo tempo em que cultiva a incerteza no leitor, cuja perspectiva fica restrita às informações fornecidas pelo protagonista. Essa escolha não é aleatória; é, de fato, o tipo de narrador que atende de maneira exemplar aos propósitos do gênero fantástico, fazendo com que o leitor embarque no imaginário, muitas vezes sem perceber:

A intrusão do narrador constitui recurso valioso na organização narrativa, uma vez que, quando utilizada convenientemente, capta a atenção do leitor e provoca efeitos singulares. Graças a esse artifício, vigente também em narrativas fantásticas e realistas maravilhosas, é que o leitor é ludibriado e embarca sutilmente no imaginário. Isto implica presença indispensável aos propósitos de textos díspares, que indicarão os diferentes narradores. (Bellini, 2017, p. 77).

O narrador do conto é profundamente abalado pelo desespero decorrente da perda de sua amada, um tema que personifica o fenômeno extraordinário que se desenrolará ao longo da narrativa. O protagonista encontra-se em um estado de confusão e incerteza em relação à temporalidade dos eventos. Esse tumulto mental o leva a uma deambulação, conduzindo-o ao cenário mórbido e solitário do cemitério: “Saí e, contra minha vontade, sem saber, sem querer, dirigi-me ao cemitério (...) Sentia medo, um medo terrível naquelas trilhas estreitas, entre duas linhas de túmulos!” (Maupassant, 2001, p.57). Ao afirmar que sentia muito medo, compreendemos que o pavor provoca a incerteza sobretudo, quanto à veracidade do que realmente ele vê, ouve e sente. Isso porque, o protagonista afirma ver os cadáveres, cada um, respectivamente, levantando de seus túmulos e para apagar as inscrições de suas lápides e escrever a verdade de suas histórias. O narrador perde os sentidos após ver sua amada. Esse acontecimento irreal pode sugerir que a ficção possibilita a capacidade de explorar e contemplar situações que transcendem à realidade. Enriquecendo, assim, a percepção do mundo real ao oferecer perspectivas únicas e explorando possibilidades que não seriam facilmente acessíveis de outro modo, como cita Franco Junior (2009):

- 23 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

É precisamente a ficção que possibilita viver e contemplar tais possibilidades, graças ao modo irreal de suas camadas profundas, graças aos quase-juízos que fingem referir-se a realidades sem realmente se referirem a seres reais; e graças ao modo de aparecer concreto e quase-sensível deste mundo imaginário nas camadas exteriores. (Franco Junior, 2009, p.36)

A escolha de um vocabulário rico em sensações e percepções desempenha um papel estrutural ao estabelecer uma proximidade com o leitor. A presença frequente de modalizações, como "tive a impressão" e "parece que", associadas às assertivas como "Eu via, via muito bem, ainda que a noite fosse profunda", não apenas reforça a ambiguidade, mas também gera hesitação no leitor, convidando-o a refletir sobre as diversas possibilidades de interpretação dos eventos. Esse método, recorrente no contexto do fantástico, evidencia que nada é definitivo e que tudo se equilibra na fronteira indecisa entre o sonho e a realidade.

O conto está imerso no caminho da hesitação. A narrativa, inserida em um quadro realista, é moldada pelo fenômeno aparentemente irracional, questionando a razão dos protagonistas. Maupassant fornece vários indícios capazes de suscitar dúvidas quanto ao equilíbrio emocional do personagem. Assim, a incerteza instala-se em duas vias: pelo medo aterrador do invisível e pela perda de controle da consciência, frequentemente abalada por situações perturbadoras, onde nem o narrador sabe o que houve. “El relato fantástico une la incertidumbre con la convicción de que un saber es posible: solo es necesario ser capaz de adquirirlo. El caso existe por la incapacidad del protagonista de resolver la adivinanza.” (Roas, 2001, p. 100).

É crucial lembrar que, uma vez estabelecida a ambiguidade, a porta continua entreaberta para uma explicação racional desses eventos extraordinários, considerando que os protagonistas podem estar em estados potenciais de alucinação, sonho, delírio ou



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

embriaguez. A razão, portanto, equilibra-se numa corda bamba, e é exatamente dessa incerteza que o texto fantástico se nutre.

Possíveis interpretações da obra fantástica “A morta”

É notório o conhecimento de que obras literárias, desde que bem articuladas em sua forma e conteúdo, possibilitam diversas interpretações. No contexto de uma obra de literatura fantástica, especialmente as de Maupassant, que frequentemente apresentam uma grande sugestividade interpretativa, as chances de promover mais de uma interpretação são ainda maiores.

Na obra em análise, ao considerarmos a narrativa de maneira objetiva, deparamo-nos com uma história trágica de amor. Um homem profundamente apaixonado por sua esposa enfrenta uma dolorosa perda e passa por crises existenciais diante do vazio deixado por sua amada. Posteriormente, ele vivencia uma experiência extraordinária ao descobrir, por meio de uma confissão *post-mortem* feita pelo cadáver de sua esposa, que ela partira devido à consequência de ter traído o marido. A história é concluída sem oferecer ao leitor em potencial uma reação clara do protagonista. Apenas se relata que ele é encontrado inconsciente sobre a lápide, o que amplia o espectro de possibilidades interpretativas. O viúvo poderia ter acreditado na confissão ou não; caso tenha acreditado, quais seriam suas ações subsequentes? Ele teria afundado ainda mais na tristeza ao perceber que sua amada talvez não o amasse tanto quanto ele imaginava?

A principal fonte de interpretações, contudo, assim como em outras obras deste autor, reside na indagação sobre se a narrativa representa um sonho ou um evento sobrenatural. Uma das interpretações viáveis sugere que o protagonista, profundamente abalado pela morte súbita de sua amada, poderia ter experimentado uma crise psicológica.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Ao encontrar-se solitário no cemitério durante a noite, é plausível que tenha concebido toda a situação, inclusive a visão dos mortos emergindo de suas sepulturas e a confissão póstuma de sua esposa morta. Antes do acontecimento sobrenatural, o personagem experimenta um intenso medo, como indicado pela passagem: "Quanto tempo fiquei ali? Não sei. Estava paralisado de terror, alucinado de pavor, prestes a gritar, prestes a morrer" (Maupassant, 2001, p. 57). Esse trecho narrativo, que traz uma indagação do protagonista, evidencia o quanto estava perturbado pela situação. Essa percepção poderia ser interpretada como o resultado de um pesadelo, influenciado pela desconfiança em relação à fidelidade de sua amada, o que intensifica sua imaginação. Alternativamente, a intensa tristeza pela perda poderia ter desencadeado alucinações relacionadas a esse evento fictício.

Embora uma explicação racional para os eventos descritos possa ser plausível, é importante reconhecer que não podemos descartar a possibilidade da narrativa sobrenatural apresentada na história. Nessa perspectiva, os falecidos não apenas ressurgiram de suas sepulturas, mas também confessaram seus pecados ao homem aflito. Em um cenário onde até mesmo sua amada, por quem ele tanto sofria, confessou algo que possivelmente partiu ainda mais seu coração. Essa dualidade entre o mundo real e o sobrenatural, presente na narrativa, amplia as possibilidades interpretativas e nos convida a explorar os limites da nossa compreensão diante dos "inexplicáveis" da existência humana.

Considerações finais

O fantástico de Maupassant destaca-se das demais obras por apresentar características únicas que se tornaram sua marca registrada. A principal delas é a ambiguidade do fantástico, que, como já citado, apresenta fatos que podem ser interpretados de forma literal ou não. Acreditamos ter demonstrado bem esse fato ao analisar "A Morta",



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

que se torna um exemplo muito claro dessa característica, pois apresenta uma narrativa que pode ser interpretada de forma imaginária, que está firmada no sobrenatural, ou uma leitura com base em algo verídico, isto é, uma triste história, que está envolta nos delírios mentais de um personagem.

A partir da análise do conto em pauta, correlacionada ao estudo dos aspectos do gênero fantástico, concluímos que se trata de obras que causam um certo impacto no leitor quando este é colocado diante da decisão de acreditar ou não no personagem narrador. A simples ideia de ter que julgar a veracidade da palavra daquele que conta a história já a torna muito mais interessante, pois coloca o leitor em um estado de reflexão e incerteza, onde cada detalhe da trama ganha uma importância singular. Essa tensão entre o real e o imaginário, entre a razão e a fantasia, é o que confere às obras do gênero fantástico um apelo tão duradouro e intrigante, desafiando constantemente as fronteiras da nossa compreensão e convidando-nos a explorar os limites da nossa própria percepção da realidade.

A construção meticulosa do personagem narrador e do cenário em que ele se insere é realizada de forma perspicaz, como podemos constatar. Embora seja um conto breve, apresenta uma riqueza de elementos que acentuam os traços distintivos do gênero fantástico. Os delírios do personagem não apenas adicionam profundidade à trama, mas também abrem espaço para a ambiguidade entre lucidez e loucura, destacando a complexidade psicológica da narrativa. Além disso, o cenário mórbido, cuidadosamente delineado, emerge como uma outra marca distintiva de Maupassant, reforçando a atmosfera sombria e enigmática que permeia a história. A combinação desses elementos contribui para a densidade e a intensidade do conto, consolidando-o como uma obra emblemática do gênero fantástico.

O estudo analítico possibilitou comprovar que a habilidade de Maupassant transporta o leitor para um mundo onde a linha entre a realidade e a fantasia torna-se tênue. Os delírios do personagem narrador não apenas adicionam uma camada de mistério, mas



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

também desafiam nossa percepção do que é verdadeiro e do que é imaginário. Além disso, o espaço lúgubre e sombrio, construído com primor, reforça a inquietação e incerteza do protagonista. Em Maupassant, esses elementos narrativos são articulados de tal maneira que podem suscitar no leitor em potencial, os efeitos de inquietação e terror que impregnam o personagem central.

Por fim, a análise metódica revelou-se não apenas esclarecedora, mas também estimulante, pois nos proporcionou um espaço para expressar nossas próprias opiniões de forma livre e autêntica. Vale ressaltar que as interpretações e reflexões apresentadas ao longo do trabalho foram, em sua maioria, elaboradas por nós, o que confere uma autenticidade e originalidade ímpares à nossa pesquisa. Essa abordagem profundamente reflexiva e crítica ampliou consideravelmente nossa compreensão do universo maupassantiano, proporcionando-nos uma visão mais ampla e perspicaz de sua obra e seu impacto.

Referências

BELLINI, Nerynei Meira Carneiro. **O caleidoscópio de José J. Veiga: narrativas do insólito**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.

CAMARANI, Ana Luiza Silva. **A Literatura fantástica: caminhos teóricos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem de ficção**. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. “Operadores de leitura da narrativa”. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: EDUEM, 2009. p. 33-58.

LOVECRAFT, H. P. **El horror en la literatura**. Madrid: Alianza Editorial, 1984.

MAUPASSANT, Guy de. “A morta”. In: MAUPASSANT, Guy de. **Contos fantásticos. O Horla e outras histórias**. Tradução de José Thomaz Brum. Porto Alegre: L&PM, 2001.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

ROAS, David. **Teorías de lo fantástico**. Madrid: Arco/Libros, S.L. 2001.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**A ADAPTAÇÃO E A APROXIMAÇÃO DO LEITOR JOVEM DA LITERATURA
CLÁSSICA: UMA ANÁLISE DA RECEPÇÃO DE *DOM CASMURRO EM
QUADRINHOS*, DE WELLINGTON SRBEK & JOSÉ AGUIAR**

José Henrique Ritti (UENP/CJ)
Valdirene Barbosa de Araújo Batista (UENP/CJ)

Resumo: Este trabalho analisa a adaptação em quadrinhos de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, feita por Wellington Srbek e José Aguiar, publicada pela Editora Nemo em 2011. O objetivo é comparar o texto original e o adaptado, com foco nos aspectos formais e estéticos, refletindo sobre como a adaptação pode contribuir para a formação do leitor e aproximá-lo do clássico. Para isso, foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre literatura juvenil, literatura clássica, adaptação literária e histórias em quadrinhos, e uma pesquisa de campo com alunos do ensino médio, que leram e avaliaram o livro em quadrinhos e a obra original. Como aporte teórico, tem-se Candido (1989), Hutcheon (2013), dentre outros estudiosos. A pesquisa evidenciou que a adaptação em quadrinhos pode despertar o interesse e a curiosidade pelo texto de Machado de Assis, sem simplificar ou banalizar a obra, mas oferecendo uma nova experiência estética e uma nova visão crítica sobre a história de Bentinho e Capitu.

Palavras-chave: Literatura Juvenil. Literatura Clássica. Adaptação Literária. Histórias em Quadrinhos. *Dom Casmurro*.

Introdução

A literatura clássica é um patrimônio cultural que representa os valores, as ideias e as expressões artísticas de diferentes épocas e lugares. Ela é considerada uma fonte de conhecimento, de prazer e de formação para os leitores, que podem entrar em contato com obras que marcaram a história da literatura e da humanidade. No entanto, muitas vezes, o leitor em formação, especialmente o jovem, encontra dificuldades para se aproximar e interessar pela literatura clássica, seja em razão da linguagem, do contexto de produção ou



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

do estilo das obras.

Nesse sentido, surge a necessidade de se buscar formas de facilitar e estimular o acesso do leitor em formação à literatura clássica, sem que isso signifique uma perda da qualidade ou da essência do texto original. Uma dessas formas é a adaptação literária, que consiste na transposição de um gênero para outro com o intuito de ampliar o público leitor, atualizar a recepção do texto ou explorar novas possibilidades expressivas.

Dentro do universo das adaptações literárias há uma modalidade que vem ganhando cada vez mais espaço e reconhecimento: a adaptação em quadrinhos (HQs), que é uma forma de adaptação intersemiótica, ou seja, que utiliza diferentes sistemas de signos, como o verbal e o visual, para recriar o texto original, combinando imagens e palavras para contar uma história. Com uma linguagem própria, elas combinam diferentes elementos, como quadros, balões, onomatopeias, linhas cinéticas, etc. As HQs podem abordar diversos temas e possuir variados estilos.

Partindo do princípio de que esse gênero textual pode potencializar a aproximação dos jovens leitores da literatura clássica, neste artigo, apresentamos o resultado de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, cujo objeto de estudo foi *Dom Casmurro em quadrinhos*, uma adaptação feita por Wellington Srbek e José Aguiar, que são dois renomados autores de quadrinhos brasileiros. Eles procuraram fazer uma adaptação fiel e respeitosa do texto original de Machado de Assis, utilizando os recursos visuais e narrativos dos quadrinhos, como as cores, os planos, os ângulos, os enquadramentos, os cortes, etc., para recriar a história de Bentinho e Capitu.

A questão que motivou a realização da pesquisa foi a busca de respostas para indagações que vão nesta direção: a adaptação em quadrinhos consegue aproximar o leitor em formação do texto clássico? O processo de adaptação implica em perda considerável da qualidade do texto original? Para responder às questões postas na pesquisa, analisamos os



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

elementos estéticos da adaptação de *Dom Casmurro*, de autoria de Wellington Srbek e José Aguiar, e a recepção da obra por alunos do ensino médio, que foram convidados a ler e avaliar tanto a adaptação quanto o romance *Dom Casmurro*. Cabe pontuar que todo o processo de pesquisa ocorreu na esfera do programa institucional Residência Pedagógica. Conforme já foi sinalizado, a hipótese inicial foi a de que a adaptação em quadrinhos pode ser uma forma de despertar o interesse e a curiosidade dos leitores mirins pelo texto de Machado de Assis, sem que isso implique em uma simplificação ou uma banalização do texto clássico, de modo a valorizar e divulgar a obra clássica.

Nessa direção, os objetivos principais do trabalho são: analisar como o texto clássico e o texto adaptado se relacionam em termos de conteúdo e de recursos estilísticos; verificar como a adaptação em quadrinhos pode contribuir para a formação do leitor e aproximá-lo do texto clássico; avaliar a recepção da obra pelos alunos do ensino médio. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, baseada na consulta de livros, artigos e sites sobre os conceitos de literatura juvenil, literatura clássica, adaptação literária e histórias em quadrinhos, além de uma pesquisa de campo com alunos do ensino médio, por intermédio da aplicação de um questionário com questões abertas e fechadas.

O artigo está organizado da seguinte forma: inicialmente, faremos uma revisão teórica sobre os conceitos de literatura juvenil, literatura clássica, adaptação literária e história em quadrinhos; em seguida, faremos uma análise comparativa entre o texto clássico e o texto adaptado, verificando as diferenças e as semelhanças de conteúdo e de estética presentes em cada obra; dando prosseguimento, faremos uma análise da recepção da obra pelos alunos do ensino médio, apresentando e discutindo os resultados da análise do questionário aplicado e, na conclusão, faremos uma síntese dos principais pontos abordados no trabalho, bem como as considerações finais.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A importância da literatura clássica para a formação humana

Conforme já destacado na seção anterior, a literatura, produto da linguagem, pode contribuir para a formação humana, cultural e crítica dos indivíduos, especialmente dos jovens em fase escolar. Por meio dela, é possível entrar em contato com diferentes realidades, épocas, valores, ideias e sentimentos, ampliando a visão de mundo e o repertório cultural dos leitores. Nesse contexto, a literatura clássica se destaca como um patrimônio cultural da humanidade, que representa as obras mais significativas, influentes e duradouras de cada tradição literária. Ler os clássicos é uma forma de conhecer as origens, as transformações e as permanências da literatura, bem como de dialogar com os autores e as obras que marcaram a história da arte e do pensamento.

Mas o que são os clássicos? Como definir quais obras merecem esse título? Essas são questões que não têm uma resposta única ou definitiva, pois depende de critérios históricos, estéticos, ideológicos e culturais que variam de acordo com o tempo, o espaço e o contexto. No entanto, alguns autores tentaram oferecer pistas para identificar e compreender os clássicos da literatura. Um deles foi Ítalo Calvino que, em seu livro *Por que ler os clássicos?* (1993), propôs 14 definições possíveis para o conceito de clássico, estando entre elas: os clássicos são aqueles livros que trazem as marcas das leituras que precederam a nossa, evidenciando as marcas deixadas nas culturas, linguagem e/ou nos costumes atravessados; exercem uma influência particular, impondo-se como inesquecíveis e ocultados nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual; é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer; são os livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato, revelam-se novos, inesperados, inéditos; são livros sempre ricos para os que leram e se identificaram com ele. Logo, um clássico sempre tem algo a dizer para leitores de todos os tempos.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Com base nas proposições de Calvino (1993), os clássicos são obras que possuem uma qualidade estética, uma relevância histórica e uma atualidade permanente, que os tornam capazes de resistir ao tempo, de dialogar com diferentes leitores e de renovar o seu sentido a cada leitura. Os clássicos, portanto, não são apenas objetos de admiração ou de reverência, mas de fruição, de reflexão e de crítica, que podem ensinar, emocionar e desafiar.

No Brasil, um dos autores que mais se dedicou ao estudo e à divulgação dos clássicos da literatura foi Antônio Candido. No ensaio “O direito à literatura” (1988), defendeu a ideia de que a literatura é um direito humano, que contribui para a formação e a humanização dos indivíduos, especialmente dos mais marginalizados e oprimidos. Para ele, a literatura é uma forma de expressão que permite ao homem “conhecer-se, reconhecer-se, afirmar-se, negar-se, transcender-se” (CANDIDO, 1988, p. 175). Em razão disso, deve ser acessível a todos, sem distinção de classe, raça, gênero ou idade. Esse crítico literário também afirmou que a literatura clássica é um patrimônio cultural que deve ser preservado e transmitido, posto que ela representa “a expressão do que há de mais alto e mais profundo na criação literária de um povo” (CANDIDO, 1988, p. 177), podendo nos oferecer “um contato com as grandes obras que, pelo seu valor intrínseco, pela sua capacidade de comunicar emoções, ideias, visões de mundo, representam uma experiência única, que enriquece a nossa vida” (CANDIDO, 1988, p. 178).

No entanto, aproximar os leitores jovens da literatura clássica nem sempre é uma tarefa fácil, haja vista que, muitas vezes, eles se sentem distantes, desinteressados ou intimidados pelos textos considerados canônicos, seja pela linguagem, pelo estilo, pelo contexto ou pela complexidade. Corrobora essa afirmação os resultados obtidos pela pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. Realizada pelo Instituto Pró-Livro em 2020, essa investigação revelou que a literatura clássica está entre as categorias de livros menos lidos pelos brasileiros, estando os meios digitais cada vez mais presentes na vida dos leitores



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

mirins, os quais preferem ler em dispositivos eletrônicos, como celulares, tablets e computadores.

Diante desse cenário, surge a questão: como despertar o interesse e a curiosidade dos leitores jovens pela literatura clássica, sem simplificar ou banalizar as obras, mas oferecendo uma nova experiência estética e uma nova visão crítica sobre elas? Uma possível resposta é a adaptação literária, que, de modo simplificado, é um processo que envolve retextualização, recriação, reinterpretação e intertextualidade, por intermédio da transposição de uma obra literária para outro gênero, mantendo alguns elementos do texto original, mas também acrescentando, modificando ou excluindo outros, de acordo com as intenções e as escolhas do adaptador.

Literatura juvenil, literatura clássica e adaptação literária

A expressão “literatura juvenil” tem sido amplamente utilizada para se referir às obras literárias destinadas ou lidas, predominantemente, por jovens, isto é, por pessoas que encontram em uma fase de transição entre a infância e a vida adulta. Essa fase é marcada por mudanças físicas, emocionais, sociais e culturais, exigindo do jovem uma busca por sua identidade, papel na sociedade e um projeto de vida. A literatura juvenil pode ser uma fonte de informação, de prazer e de formação para o leitor em formação, que pode encontrar nas obras literárias reflexões, questionamentos, experiências e valores que o ajudem a compreender a si mesmo e o mundo que o cerca.

Como apontam os estudos de diversos especialistas do tema, a literatura juvenil é um campo heterogêneo e complexo, abrangendo diferentes gêneros, temas, estilos e formas de expressão. Ela pode ser produzida por autores de diversas épocas, lugares e culturas, que se dirigem aos jovens de forma direta ou indireta, intencionalmente ou não. Ela pode ser lida



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

por jovens com interesses e níveis de leitura variados, os quais podem se identificar ou não com as obras literárias, apreciá-las ou rejeitá-las, interpretá-las de forma crítica ou ingênua. A literatura juvenil, portanto, não é um conceito fixo e definitivo, mas, sim, um conceito dinâmico e relativo, dependendo de vários fatores para ser compreendida, como o autor, o texto, o leitor, o contexto e a época.

Nos últimos anos, a literatura juvenil tem sido um campo propício para o estabelecimento de diálogo com a literatura clássica. Não raro os autores têm lançado adaptações de textos clássicos, em geral, objetivando aproximar o jovem leitor de obras literárias que são consideradas um patrimônio cultural da humanidade, por diferentes razões, estando entre elas a originalidade, elementos estéticos e estilísticos inovadores, valores culturais que ultrapassam o tempo e o espaço. Muitos desses escritores têm lançado mão das HQs para fazer a adaptação de um texto clássico. Nesse cenário, a grande questão que se coloca é como fazer a adaptação de um texto clássico sem que isso signifique uma perda da qualidade ou da essência do texto original.

Vale ressaltar que a adaptação literária é um fenômeno que ocorre há muito tempo na história da literatura. Em diferentes tempos, os escritores fizeram adaptações com o intuito de ampliar o público leitor, atualizar a recepção do texto ou explorar novas possibilidades expressivas. No caso da adaptação em quadrinhos, conforme já foi informado, ao produzi-la, o autor precisa lidar com diferentes semioses, uma vez que utiliza sistemas de signos diversos, como o verbal e o visual, para recriar o texto original.

Em geral, as adaptações são realizadas por processos de seleção de conteúdo em que o enredo e certos elementos muito próximos ao mote do original podem ser mantidos em essência e determinadas passagens podem ser suprimidas. São paráfrases, pois contam uma história de forma resumida, com palavras próprias do parafrazeador; são “recontos” em que há o ato de “recriar exatamente o que leu, viu ou ouviu, ou, a partir de uma história original e



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

preservando os dados básicos dessa história, reescrever o texto” (Versiani; Yunes; Carvalho, 2012, p. 95).

Embora façam releituras de textos antigos, como denota Feijó (2010, p. 42), as adaptações de clássicos da literatura para o público escolar devem ser consideradas “textos novos, construídos sobre enredos antigos; são apropriações”. E, com relação aos objetivos que possuem em sua concepção e alcance de público, apesar de serem concebidas como produtos editoriais, com lógicas de mercado bem definidas em termos de comercialização e divulgação, dependem da influência que a tradição literária exerce sobre pais, alunos e professores para se manterem vivas, como afirmou Feijó (2010). Adaptar, portanto, é fazer uma releitura de um texto primeiro, reescrito sob um novo olhar, por meio de uma criteriosa seleção lexical, consonante com o que se espera alcançar e provocar em determinado público, com o objetivo de se formar leitores.

A adaptação literária é um fenômeno que consiste na transposição de uma obra literária para outra mídia, linguagem ou gênero, mantendo alguns elementos da obra original, mas também acrescentando, modificando ou excluindo outros, de acordo com as intenções e as escolhas do adaptador. A adaptação literária pode ser vista como uma forma de recriação, de reinterpretação e de intertextualidade, que estabelece um diálogo entre o texto adaptado e o texto adaptador, e entre esses elementos e os leitores.

Ainda que não haja consenso entre os estudiosos da adaptação literária em razão de sua complexidade, alguns pesquisadores oferecem algumas pistas para identificar e compreendê-la, considerando os seus aspectos formais, históricos, culturais e estéticos. Destaca-se nessa área do conhecimento, os estudos desenvolvidos por Linda Hutcheon; no livro *Uma teoria da adaptação* (2013), essa teórica canadense propôs uma abordagem multidisciplinar e multifacetada para o fenômeno da adaptação, considerando-a como um produto formal, um processo de criação e um processo de recepção. Para ela, a adaptação é



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

uma forma de intertextualidade, que se manifesta como um palimpsesto, ou seja, um texto que contém vestígios de outro texto, que ressoam através da repetição com variação. A adaptação busca equivalências em diferentes sistemas de signos para os vários elementos da história, como temas, eventos, personagens, motivações, pontos de vista, consequências, contextos, símbolos, imagens, etc.

Para Hutcheon, o conceito de adaptação se constrói a partir do que ela nomeia “modos de engajamento”, que são: *contar*, *mostrar* e *interagir*. Sob sua perspectiva, “a adaptação buscaria, em linhas gerais, ‘equivalências’ em diferentes sistemas de signos para os vários elementos da história: temas, eventos, mundo, personagens, motivações, pontos de vista, consequências, contextos, símbolos, imagens, e assim por diante” (Hutcheon, 2013, p. 32). O contar diz respeito a textos de mídias equivalentes, como é o caso da relação entre quadrinhos e literatura. O modo mostrar diz respeito a mídias visuais, como, por exemplo, o cinema. Já o interagir, abrange os meios artísticos que necessitam de uma participação (interação) do fruidor. Para a autora:

Ter em mente esses três modos de engajamento com as histórias – contar, mostrar e interagir – pode nos ajudar a estabelecer certas precisões e distinções que o foco isolado na mídia não pode. Além disso, permite-nos fazer conexões entre as mídias que a concentração na especificidade midiática pode apagar, afastando-nos assim das definições formais de adaptação, em particular, para considerar o processo. (Hutcheon, 2013, p. 53-54)

Sendo assim, na perspectiva dessa pesquisadora, um texto pode estar presente em diferentes mídias e assumir formas variadas, desconstruindo a hierarquização das artes, em que a literatura clássica, na condição de texto original, ocuparia sempre o posto mais alto e o texto adaptado teria um valor secundário.

Cabe ainda ressaltar que, para Hutcheon (2013), a adaptação, tal como a evolução, é



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

um fenômeno transgeracional. Algumas histórias obviamente têm mais estabilidade e penetração no meio cultural do que outras. Com o passar do tempo, essas histórias vão sendo recontadas e recriadas de diferentes maneiras, mídias e espaços culturais. Para a autora, algumas histórias mais do que sobrevivem, florescem.

Outro pesquisador que contribuiu para os estudos da adaptação foi Robert Stam. Em seu livro *A literatura através do cinema* (2008), ele analisou as relações entre a literatura e o cinema. Essas duas formas de expressão artística se influenciam mutuamente, gerando adaptações que podem ser vistas como traduções, transposições, transmutações ou transcriações. Para Stam, a adaptação é um processo de transformação que implica em escolhas, negociações, perdas e ganhos, sempre dependendo do contexto histórico, cultural, político e ideológico em que se insere. A adaptação também é um processo de interpretação, que envolve a leitura, a compreensão e a reescrita de um texto, que pode gerar diferentes efeitos e sentidos para os leitores e espectadores. Tal como Hutcheon, Stam concebe a adaptação como um processo de intertextualidade, que estabelece relações de semelhança e diferença, de homenagem e crítica, de fidelidade e infidelidade, entre o texto adaptado e o texto adaptador.

Igualmente, é necessário lançar luz aos estudos de Fábio Figueiredo sobre esse fenômeno. Em artigo intitulado “Adaptação literária: uma proposta de análise” (2010) o pesquisador apresentou uma proposta de análise das adaptações literárias, baseada nos conceitos de palimpsesto, de intertextualidade e de transcodificação. Para ele, a adaptação literária é um texto que se constrói sobre outro texto, mantendo uma relação de dependência e de independência com o texto adaptado, o que se dá por intermédio de diferentes códigos e signos para transmitir a sua mensagem. Para Figueiredo (2010), a adaptação literária é um texto que dialoga com outros textos, fazendo referências, alusões, citações, paródias, pastiches, etc., criando novos sentidos e efeitos a partir dessas relações. A adaptação literária



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

também é um texto que muda de mídia, de linguagem ou de gênero, o que implica em mudanças de forma, de conteúdo e de estética, requerendo uma nova leitura e uma nova interpretação.

Esses autores nos fornecem algumas ferramentas teóricas e metodológicas para analisar as adaptações literárias, considerando os seus aspectos de transposição, de reinterpretação e de intertextualidade, que ocorrem na passagem de uma obra literária para outra mídia, linguagem ou gênero. Ainda que possam existir singularidades nos estudos de Hutcheon (2023), Stam (2008) e Figueiredo (2010), em geral, eles reiteram a ideia de que a adaptação literária é um processo complexo e criativo, que envolve escolhas, negociações e transformações do texto original, levando em conta os aspectos formais, estéticos, narrativos, ideológicos e culturais de cada forma ou mídia.

Dessa maneira, não é uma cópia fiel ou uma reprodução mecânica do texto original, mas, sim, uma reinterpretação, uma recriação e uma reescritura do texto original, que busca manter uma relação de fidelidade, de respeito e de diálogo com o texto original, mas também busca trazer algo de novo, de diferente e de original para o texto adaptado. Por essa ótica, a adaptação literária não é uma forma de subordinação, de simplificação ou de traição do texto original, ao contrário, é uma forma de valorização, de diversificação e de divulgação do texto original.

Nesse sentido, ao adaptar em quadrinhos o célebre romance de Machado de Assis, Srbek e Aguiar recriam a obra de modo a criar uma nova experiência estética e uma nova visão crítica sobre a obra de Machado de Assis, podendo ser uma forma de facilitar e estimular o acesso do leitor juvenil e essa obra clássica. A adaptação pode despertar curiosidade pela obra original, sem que isso implique em uma perda da qualidade ou da essência do texto original. Como defende Hutcheon (2013), uma adaptação não deve ser marginalizada e encarada como um texto inferior ao “original”, como muitas vezes expressa



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

a crítica. Além disso, considerando o cenário frágil de leitores em nosso país evidenciado pela pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, lançar mão dessa adaptação literária em contexto escolar pode ser um caminho bastante interessante tanto para a formação de novos leitores quanto para aproximar os jovens da literatura clássica.

As histórias em quadrinhos e suas singularidades

As histórias em quadrinhos são uma forma de arte sequencial, que combina imagens e palavras para contar histórias com temáticas variadas. Elas possuem uma linguagem própria, a qual se constrói a partir do emprego de variados elementos, como quadros, balões, onomatopeias, linhas cinéticas, etc. Publicadas em jornais e revistas, elas surgiram no final do século XIX como um meio de entretenimento e de humor, tendo se desenvolvido ao longo do século XX, ganhando novas formas, estilos e públicos, e se consolidado como uma forma de arte e de cultura, reconhecida e apreciada em todo o mundo.

As HQs podem ser divididas em diferentes tipos, de acordo com a origem, a forma e o conteúdo. Alguns dos tipos mais conhecidos são: os *comics*, os *mangás*, os *álbuns*, as *tiras*. Os *comics* são as histórias em quadrinhos produzidas nos Estados Unidos, caracterizando-se por ter um formato de revista, com capas coloridas e páginas internas em preto e branco, tendo como temas principais histórias de super-heróis, de ficção científica e de terror. Os *mangás* são HQs produzidas no Japão; essas têm formato de livro, possuindo capas e páginas internas em preto e branco, nas quais são abordados diversos gêneros e temas, como romance, aventura, fantasia, esporte, etc. Os *álbuns* são as histórias em quadrinhos produzidas na Europa, especialmente na França e na Bélgica. Eles também possuem formato de livro, com capas e páginas internas coloridas, e abordam, principalmente, o humor, a aventura e a ficção histórica. Já as *tiras* são as histórias em quadrinhos produzidas em vários



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

países; elas se caracterizam por terem um formato de uma ou poucas tiras, com imagens e textos reduzidos, com o intuito de mobilizar o humor e a crítica social.

Os quadrinhos, ao se entrelaçarem à literatura, fazem isso empregando uma linguagem híbrida. Contudo, não é uma junção genérica de verbal e não verbal: o verbal é configurado pelo não verbal e vice-versa. As palavras impressas significam também como as imagens: o tamanho das letras, a cor, o traço, o formato, a colocação no interior da vinheta agregam sentidos variados e interferem na interlocução com o leitor. Por outro lado, cores, traços, formas, intervalos entre vinhetas, focalização de cenas e personagens enriquecem o não verbal, complexificando suas potencialidades significativas.

No processo da adaptação quadrinística, o texto adaptante reconfigura o texto adaptado em níveis e graus variados, o que resulta em um espessamento da relação do texto com o leitor. A quadrinização de textos literários é uma forma de produção artística que se expõe como intervalar, pois em sua própria denominação conjuga duas linguagens originalmente polarizadas. A literatura pertenceu tradicionalmente aos segmentos sociais privilegiados, mais recentemente, com as transformações sociais, políticas e econômicas decorrentes da Revolução Francesa em todo o mundo ocidental, os textos literários ganharam novos públicos. Os quadrinhos, por sua vez, são fruto da sociedade capitalista, industrial, podendo representar a “perda da aura” de que trata Benjamin (1985).

Nas HQs, o sistema verbal é composto pelas palavras presentes nos balões, onde são registrados os diálogos e/ou pensamentos dos personagens; nos letreiros, que são as formas que representam a narração ou a descrição da cena; ou nas onomatopeias, que se caracterizam pela representação dos sons da história. Já o sistema visual é composto pelas imagens, as quais podem aparecer nos quadros criados para delimitar o espaço da cena; nos planos, cuja função é definir a distância entre o observador e o objeto observado; nos ângulos, que são as formas que definem a posição do observador em relação ao objeto



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

observado; nos enquadramentos, os quais mostram ou ocultam determinada cena; nos cortes, os quais transitam entre uma cena e outra, etc. A combinação desses elementos cria uma linguagem própria nas histórias em quadrinhos, permitindo ao autor expressar a sua visão de mundo, a sua criatividade e a sua intencionalidade.

As adaptações de obras clássicas por meio de história em quadrinhos podem tornar o texto clássico mais acessível e atraente para o leitor, especialmente para o leitor em formação. Nesses termos, podem ser uma forma de aproximar esse grupo de leitores da literatura clássica, despertando o seu interesse e a sua curiosidade pela obra original, sem que isso implique em uma simplificação ou uma banalização do texto. Pelo contrário, as adaptações de obras clássicas podem ser uma forma de valorizar e divulgar a obra original, oferecendo ao leitor uma nova experiência estética e uma visão crítica sobre a obra original.

Quando ocorre um processo de adaptação, os sujeitos nele envolvidos recriam o texto literário, de acordo com suas perspectivas. No caso das adaptações quadrinísticas, geralmente, o processo dialógico se amplifica: há roteiristas, desenhistas, coloristas etc. Alguns volumes apresentam somente um adaptador, outros trazem um grupo, sem nomeação específica. Os quadrinhos partilham com a literatura algumas peculiaridades de linguagem: são narrativas ficcionais, logo, trabalham com personagens, ambiente/espço, tempo, narrador, foco narrativo etc. Mas esses elementos partilhados são adaptados para o hibridismo da linguagem quadrinística: são construídos visualmente. Segundo Vergueiro (2009), na linguagem dos quadrinhos, o não verbal lê incessantemente o verbal.

No que tange a *Dom Casmurro em quadrinhos*, é possível afirmar que os autores procuraram fazer uma adaptação fiel e respeitosa do texto de Machado de Assis, mantendo o tom irônico e ambíguo do autor, porém de modo acessível e atraente para o público contemporâneo, especialmente para os jovens leitores. Para isso, eles utilizaram os recursos visuais e narrativos dos quadrinhos, como as cores, os planos, os ângulos, os



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

enquadramentos, os cortes, etc., para recriar a história de Bentinho e Capitu, dando-lhes uma nova vida e uma nova interpretação.

Análise literária comparativa do texto clássico e do texto adaptado

Dom Casmurro, de Machado de Assis, é um romance que narra a história de amor e ciúme ocorrida entre Bentinho e Capitu, apresentada ao leitor sob a ótica do narrador-protagonista, que suspeita da traição de sua esposa com o seu melhor amigo, Escobar. O narrador Bento, já adulto, narra a sua história desde a infância até a velhice. Os personagens principais são Bentinho, Capitu, Escobar, José Dias e Dona Glória, que formam o núcleo familiar e social da história. O narrador conta a sua história com um tom irônico, ambíguo e melancólico, deixando dúvidas sobre a veracidade dos fatos narrados, bem como sobre a imparcialidade narrativa.

O tempo é cronológico, mas também psicológico, tendo em vista que reflete o estado de espírito e a memória do narrador, que alterna entre o passado e o presente, entre a lembrança e o esquecimento, entre a certeza e a dúvida. O espaço é físico e social, tendo a história se passado no Rio de Janeiro do século XIX, retratando suas ruas, casas, igrejas, escolas, etc., e também a sociedade da época, com seus costumes, valores, preconceitos, etc.

Dom Casmurro em Quadrinhos, de Wellington Srbek e José Aguiar, tem um enredo fiel ao original, mantendo a ordem cronológica dos acontecimentos narrados pelo narrador de Machado de Assis. Nota-se, entretanto, que os autores fizeram algumas alterações, supressões e acréscimos para adequar o texto ao formato e ao público dos quadrinhos. O mesmo ocorre com os personagens principais: são os mesmos do original, porém sofreram mudanças na aparência, na personalidade e na relação entre eles. Aparentemente, isso ocorreu para dar mais dinamismo, expressividade e dramaticidade à história.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Na adaptação em quadrinhos, além de Bentinho, que continua narrando a sua história com um tom irônico, ambíguo e melancólico, tendo deixado, igualmente, dúvidas sobre a veracidade dos fatos narrados e acerca de sua imparcialidade, há um narrador externo, que faz comentários e intervenções na história, para orientar e provocar o leitor. No que se refere ao tempo, na narrativa em quadrinhos, ele também é cronológico e psicológico, estando representado por elementos visuais, como as cores, os planos, os ângulos, etc.,. Esses indicam as mudanças, as rupturas e as continuidades na história. O mesmo ocorre com o espaço que continua sendo o Rio de Janeiro do século XIX, em seus aspectos físicos, sociais e valorativos. O cenário, igualmente, é representado por elementos visuais, como os quadros, os enquadramentos, os cortes, etc.

No que se refere à linguagem, comumente o romance machadiano tem sido definido como um texto que utiliza a linguagem de forma refinada, elegante e sofisticada, com um vocabulário rico, variado e culto, com uma sintaxe complexa, elaborada e precisa e com uma ortografia arcaica, que segue as normas da época. O estilo é marcado pela ironia, pela ambiguidade e pelo humor, o que produz um efeito, respectivamente, de crítica, dúvida e diversão. O tom é irônico, ambíguo e melancólico e o humor é sutil, refinado e inteligente. Tais elementos podem provocar riso ou diversão, bem como suscitar dúvidas no leitor. A ironia é constante, sutil e mordaz, podendo levar o leitor a fazer interpretações equivocadas, tendo em vista que, com certa frequência, diz o contrário do que se pensa ou do que se espera, lançando mão da crítica e do sarcasmo. Já a ambiguidade é predominante na obra, sutil e enigmática: cria dúvidas e incertezas no leitor, por meio do emprego de palavras ou situações que produzem duplo sentido, bem como ter mais de um significado ou interpretação.

Em *Dom Casmurro em Quadrinhos* a linguagem é clara e direta, com um vocabulário simples, comum e atual. O mesmo ocorre com a sintaxe que também é simples,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

direta e concisa; a ortografia é moderna, seguindo as normas atuais. O estilo é marcado pela fidelidade, pelo respeito e pelo diálogo com o texto original, o que pode ser vislumbrado na manutenção da ironia, da ambiguidade e do humor machadiano. Os autores também fazem alterações, supressões e acréscimos linguísticos, com vistas, certamente, a promover a adequação do texto em questão ao público dos quadrinhos.

O tom da HQ também é irônico, ambíguo, melancólico e provocativo, e o narrador continua narrando a sua história de maneira a orientar o leitor para que acredite na interpretação feita por ele dos fatos narrados. O humor é sutil, refinado e inteligente; também provoca o riso e a diversão no leitor, por meio de situações, personagens ou palavras que criam um efeito de contraste, surpresa ou de absurdo, tal como ocorre no texto machadiano. Os elementos visuais, como as expressões faciais, os gestos, as cores, etc., intensificam o efeito cômico.

Já a ironia e ambiguidade também estão presentes no texto adaptado tal como está no texto original, podendo contribuir para que o leitor mire e interprete a história de Bentinho e Capitu fazendo um trajeto semelhante ao do romance. Enquanto Machado consegue isso unicamente por meio da linguagem verbal, na HQ em questão, isso é possível em decorrência das múltiplas semioses, como os planos, os ângulos, os enquadramentos, as cores, os cortes, os silêncios, etc., que induzem o efeito irônico e ambíguo.

A comparação das duas obras revela que há diferenças e semelhanças estéticas e estilísticas, o que permite produzir efeitos de sentido que ora se aproximam, ora se distanciam uma da outra. As diferenças se devem às escolhas, às negociações e às transformações feitas pelos autores em função das singularidades das HQs, bem como pela necessidade de aproximar o texto clássico dos leitores contemporâneos. Observamos que os autores buscaram adequar o texto à linguagem, ao estilo, ao tom, ao humor, à ironia e à ambiguidade dos quadrinhos, os quais possuem certa singularidade no romance. Neste, tais



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

elementos chegam ao leitor, predominantemente, pelo modo de narrar de Bento Santiago; nos quadrinhos esse efeito é causado pela combinação das múltiplas semioses.

No que tange às semelhanças, essas são perceptíveis na preservação do tom irônico e ambíguo do texto original, bem como na fidelidade ao enredo, na manutenção dos personagens principais, do narrador, do tempo e do espaço da história. Dessa forma, pode-se afirmar que a adaptação em quadrinhos em questão tende a valorizar e a respeitar a obra clássica, funcionando como sua divulgadora, oferecendo ao leitor uma nova experiência estética e nova visão crítica sobre a sociedade da época em que o romance de Machado de Assis foi produzido, bem como desse célebre romance.

A pesquisa de campo e a recepção de *Dom Casmurro em quadrinhos*

Conforme já foi anunciado na parte introdutória deste artigo, utilizamos como metodologia as pesquisas bibliográfica e de campo. Isso se fez necessário porque a realização da pesquisa bibliográfica unicamente não seria suficiente para buscar as respostas aos questionamentos que deram origem ao nosso TCC: *Dom Casmurro em quadrinhos* pode levar o leitor jovem à leitura do texto clássico?; Os estudantes apreciarão mais a leitura do texto quadrinhos do que a obra original?; Os estudantes perceberão as diferenças e as semelhanças de conteúdo, estética e estilo das duas obras?; Serão capazes de produzir uma visão crítica e reflexiva das duas obras?

Por meio da pesquisa de campo, que é um tipo de pesquisa que consiste em coletar dados diretamente da realidade, por intermédio da observação, entrevista, questionário etc., foi possível buscar respostas para essas e outras indagações que surgiram ao longo do processo de desenvolvimento do TCC. No caso deste estudo, optamos por realizar uma



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

pesquisa de campo de caráter quantitativo e qualitativo, haja vista termos buscado obter dados numéricos e descritivos sobre a recepção das duas obras pelos alunos do ensino médio.

O trabalho investigativo foi realizado em uma escola pública da rede estadual paranaense, localizada no município de Jacarezinho/PR, na esfera do programa institucional Residência Pedagógica. No total, participaram da pesquisa dez estudantes do 3º ano do ensino médio, os quais aceitaram participar voluntariamente da pesquisa. Antes da realização da investigação propriamente dita os estudantes foram informados sobre os objetivos, os procedimentos e os instrumentos da pesquisa, tendo todos aceitado a participar dela voluntariamente.

Inicialmente, aplicamos um questionário com dez questões, sendo cinco fechadas e cinco abertas. As questões fechadas intencionam conhecer o perfil, o hábito e o gosto de leitura, e para saber se eles já conheciam ou tinham lido o romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, ou mesmo uma adaptação em quadrinhos, a saber: Qual é o seu sexo?; Qual é a sua idade?; Qual é a sua classe social?; Com que frequência você lê livros?; Quais são os gêneros de livros que você mais gosta?. Já as questões abertas foram as seguintes: Por que você lê livros?; Como você escolhe os livros que vai ler?; O que você espera de um bom livro?; Você já conhece ou já leu a obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis?; Você já conhece ou já leu a adaptação em quadrinhos *Dom Casmurro em Quadrinhos*, de Wellington Srbek e José Aguiar?

A tabela abaixo mostra as respostas dos alunos às questões fechadas do questionário inicial, em números absolutos e percentuais.

Questão	Resposta	Número de Alunos	Percentual
Qual é o seu sexo	Masculino	5	50%
	Feminino	5	50%



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Qual Sua Idade?	17 anos	10	
Qual é a sua classe social?	Baixa	6	60%
	Média baixa	4	40%
	Média		
	Média alta		
	Alta		
Com que frequência você lê livros?	Todos os dias	2	20%
	Uma vez por semana	3	30%
	Uma vez por mês	2	20%
	Raramente	2	20%
	Nunca	1	10%
Quais são os gêneros de livros que você mais gosta?	Romance	4	40%
	Aventura	3	30%
	Fantasia	2	20%
	Terror	1	10%
	Policia	0	0%

Fonte: elaborado pelos autores



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Os dados obtidos nas questões fechadas revelam um perfil bem homogêneo dos participantes da pesquisa no que se refere ao sexo, idade e classe social, sendo uma metade meninos e a outra meninas, todos com 17 anos de idade, e pertencentes à classe social baixa ou média baixa. Em relação ao hábito e ao gosto de leitura, os alunos apresentaram uma diversidade maior: a maioria lê livros com alguma frequência, sendo os gêneros preferidos o romance, a aventura e a fantasia, respectivamente.

A análise das questões abertas evidenciou que os estudantes não tinham conhecimento prévio do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, ou de algum tipo de adaptação em quadrinhos. A título de ilustração, ao serem questionados a respeito das razões que os levam a ler livros, as respostas mostram que eles leem por diferentes motivos, estando esses relacionados ao prazer, à informação, à formação ou à obrigação, conforme ilustram as respostas abaixo:

Por que você lê livros?

Eu leio livros porque eu gosto de viajar para outros mundos, de conhecer outras histórias, de me divertir e de aprender coisas novas.

Eu leio livros porque eu acho que é importante para a minha formação, para melhorar o meu vocabulário, a minha escrita e a minha interpretação.

Eu leio livros porque eu não tenho nada melhor para fazer, e porque às vezes eu tenho que ler para a escola.

Quando indagados a respeito dos critérios adotados para a seleção de um livro, também aparece certa diversidade nas respostas. Segundo os estudantes, a forma, o conteúdo, o contexto ou a situação são alguns fatores que interferem nesse processo de escolha. Abaixo, seguem algumas respostas que ilustram essa afirmação.

Como você escolhe os livros que vai ler?

Eu escolho os livros que eu vou ler pelo título, pela capa, pelo resumo, pelo autor ou pela indicação de alguém.

- 50 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Eu escolho os livros que eu vou ler pelo gênero, pelo tema, pelo personagem ou pela história que me interessa.

Eu escolho os livros que eu vou ler pelo preço, pela disponibilidade, pela facilidade ou pela necessidade.

No que se refere à questão “O que você espera de um bom livro?”. Em geral, os alunos esperam que ele atenda às suas expectativas, que podem ser relacionadas à estética, à ética, à didática ou à pragmática, tal como podemos observar nas respostas que seguem.

Eu espero de um bom livro que ele me prenda a atenção, que ele me emocione, que ele me surpreenda, que ele me faça pensar.

Eu espero de um bom livro que ele me ensine algo, que ele me informe, que ele me esclareça, que ele me oriente.

Eu espero de um bom livro que ele seja curto, que ele seja fácil, que ele seja claro, que ele seja simples.

Após traçar o perfil dos participantes da pesquisa, no terceiro momento, entregamos a eles um exemplar do livro *Dom Casmurro em Quadrinhos*, de Wellington Srbek e José Aguiar, e pedimos que lessem a obra em casa, no prazo de uma semana. Terminada a leitura, foi aplicado um questionário intermediário, cujo objetivo foi diagnosticar a recepção dos estudantes da narrativa em quadrinhos, o grau de satisfação, de compreensão, de identificação e de crítica em relação à obra.

Em seguida, solicitamos que os alunos fizessem a leitura de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, como tarefa de casa, num prazo de duas semanas. Encerrada a leitura, foi aplicado um outro questionário, sendo metade das perguntas com respostas fechadas e a outra metade com questões abertas. Essas perguntas objetivaram obter dados quantitativos e qualitativos sobre a avaliação, a comparação, a interpretação das duas obras pelos alunos, a experiência de leitura, a aprendizagem e aspectos da formação leitora dos participantes da pesquisa. Cabe pontuar que os questionários aplicados no âmbito do TCC, foram elaborados



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

considerando questões pertinentes para a literatura juvenil, a literatura clássica, a adaptação literária, a histórias em quadrinhos e para a análise comparativa entre o texto clássico e o texto adaptado. Os questionários foram aplicados em forma de papel, e os alunos responderam individualmente, sem consulta ou interferências, tendo todos participado da atividade proposta.

Sobre conhecer ou não a obra original, os alunos conheciam, no entanto não apresentavam interesse por motivos pessoais, conforme sinaliza os depoimentos a seguir:

Você conhecia previamente a obra original?

Conheço, porém nunca havia tido a chance de conhece-lo melhor.

Sim, conheço, porém nunca tive interesse pela obra. Textos clássicos não me agradam.

Não conheço, acredito que seja porque não tenho interesse por leitura.

Quanto à adaptação, os estudantes se identificaram tanto gráfica quanto visualmente.

O que achou da adaptação?

Como eu já conhecia o texto original, gostei do visual que não tem na obra original.

Não li a obra original, mas gostei muito da adaptação. É totalmente diferente dos textos comuns, porém não é como um livro em quadrinhos comum, não é infantil.

Conheço a obra original e acrescento adaptação a minha lista de livros, mas não fico com o texto original.

No que diz respeito à obra poder ajudar no processo de compreensão de *Dom Casmurro*, as respostas que vêm logo abaixo evidenciam que adaptação foi de suma importância para a compreensão do clássico machadiano.

Caso tenha lido a obra original, a adaptação facilitou seu entendimento da obra?



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Sim, a ilustração torna o texto mais entendível e didático, levando em conta ser uma obra de grande importância.
Facilitou, ficou uma leitura mais rápida.
Tentei ler a obra original algumas vezes, mas nunca terminei a leitura, porque é um texto muito maçante. Na adaptação consegui chegar ao fim da obra.

Nesses termos, os dados obtidos nos questionários iniciais, intermediários e finais se relacionam com os conceitos de literatura juvenil, literatura clássica, adaptação literária e histórias em quadrinhos e com as categorias de análise comparativa entre o texto clássico e o texto adaptado, de forma a revelar as percepções, as preferências e as avaliações dos alunos sobre as obras lidas.

Os dados obtidos por meio do questionário inicial mostram que os alunos tinham um perfil homogêneo em relação ao sexo, à idade e à classe social, mas uma diversidade maior em relação ao hábito e ao gosto de leitura. Esse perfil se relaciona com questões ligadas ao estatuto da literatura juvenil que, conforme já foi pontuado, é um termo relativo e dinâmico, que depende de vários fatores, como o autor, o texto, o leitor, o contexto e a época. O fato de os estudantes não terem conhecimento prévio ou contato anterior com *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, ou com a adaptação em quadrinhos se liga a elementos que se relacionam com o conceito de literatura clássica, tendo em vista que, muitas vezes, os textos clássicos são vistos como distantes, difíceis ou desinteressantes pelo leitor em formação.

No que diz respeito à recepção de *Dom Casmurro em Quadrinhos*, de Wellington Srbek e José Aguiar, os participantes da pesquisa alegaram ter tido alto grau de satisfação, de compreensão, de identificação e de crítica em relação à obra. Nesses termos, é possível afirmar que os autores foram bem-sucedidos ao adaptarem o texto clássico de Machado de Assis para a linguagem dos quadrinhos. Suas escolhas, negociações e transformações do



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

texto original podem atualizar o texto original, possibilitando novas experiências estéticas. Da mesma maneira, pode-se afirmar que, neste caso específico, a HQ mostrou ser um gênero que pode viabilizar a aproximação dos leitores contemporâneos de obras clássicas.

Já os dados levantados no questionário final mostram que os alunos tiveram uma opinião variada sobre o romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Isso porque eles tiveram um grau variável de satisfação, de compreensão, de identificação e de crítica em relação à obra, o que, mais uma vez, vai ao encontro de questões ligadas à recepção da literatura clássica na sociedade atual. Os dados levantados evidenciaram que os alunos foram capazes de perceber e de avaliar diferenças e semelhanças de conteúdo, de estilo e de estética na análise comparativa das duas obras. Tal percepção mobilizou a produção de efeitos de sentido ora diferentes, ora similares.

Conclusão

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, buscamos responder à seguinte questão-problema: como a adaptação em quadrinhos de *Dom Casmurro*, de Wellington Srbek e José Aguiar, pode contribuir para a formação do leitor e aproximá-lo da literatura clássica, representada pelo romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis? Para responder a essa questão foi necessário realizar as pesquisas bibliográfica e a de campo. A primeira nos levou a refletir sobre questões ligadas ao estatuto das literaturas juvenil e clássica, da adaptação literária e das histórias em quadrinhos, bem como pensar nas categorias de análise comparativa entre o texto clássico e o texto adaptado.

A análise de *Dom Casmurro em quadrinhos*, de Wellington Srbek e de José Aguiar, à luz desses conceitos teóricos, permitiu compreender que essa adaptação em questão pode ser uma forma de valorizar e divulgar a obra clássica, pois mantém uma relação de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

fidelidade, de respeito e de diálogo com o texto original, mas também busca trazer algo de novo, de diferente e de original para o texto adaptado, oferecendo ao leitor uma nova experiência estética e uma nova visão crítica sobre a obra clássica. Vale salientar que essa obra não é uma simplificação ou uma banalização do texto machadiano, pois não é uma cópia fiel ou uma reprodução mecânica do texto original, mas, sim, uma reinterpretação, uma recriação e uma reescrita do texto original, que busca manter a qualidade e a essência do texto original, mas também adequá-lo ao formato e ao público dos quadrinhos.

A obra preserva o tom irônico e ambíguo do autor, bem como o enredo, os personagens, o narrador, o tempo, o espaço, a linguagem, o estilo, o humor, a ironia e a ambiguidade da história. No entanto, faz isso por meio da linguagem multissemiótica das HQs, explorando as possibilidades expressivas dos aspectos visuais, como as cores, os planos, os ângulos, os enquadramentos, os cortes, etc. Sendo assim, oferece ao leitor uma forma ou mídia mais familiar, mais acessível, a qual pode facilitar e estimular o acesso do leitor em formação à literatura clássica.

No que tange à pesquisa de campo, essa, apesar de suas limitações, reforçou a importância de Dom Casmurro em quadrinhos como obra que pode aproximar o leitor mirim contemporâneo da literatura clássica. Como limitações da pesquisa, podemos citar o número reduzido de participantes da pesquisa (dez alunos do Ensino Médio), o que dificulta a generalização e a comparação dos resultados; o tempo foi curto e insuficiente, pois os alunos tiveram apenas três semanas para ler as duas obras (uma para a HQ e duas para o romance). Esse fator pode ter impedido os estudantes de terem uma compreensão mais aprofundada do romance, levando alguns estudantes a rejeitar o texto clássico. A falta de um acompanhamento mais próximo do processo de leitura também pode ter sido um complicador; da mesma maneira, pode ser que a orientação inicial dada aos alunos acerca dos procedimentos a serem adotados durante a leitura das obras pode não ter sido suficiente.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Igualmente, as respostas dadas pelos estudantes, em especial no questionário final, podem ter sido afetadas por fatores, como a expectativa, a motivação, a sinceridade, a coerência, entre outros.

Apesar desses fatores negativos, podemos afirmar que os resultados obtidos pela pesquisa de campo confirmaram parcialmente a nossa hipótese, pois mostraram que os alunos tiveram uma recepção positiva de *Dom Casmurro* em quadrinhos, o que não aconteceu com o romance, já que nem todos se identificaram com o texto clássico. Isso porque alguns não conseguiram compreender e se identificar com o texto clássico, o que levou alguns estudantes a emitir uma crítica negativa em relação ao romance. Seja como for, ficou evidente que a adaptação em quadrinhos pode ser uma forma de despertar o interesse e a curiosidade pelo texto de Machado de Assis, pois oferece ao leitor uma forma ou mídia mais familiar, mais acessível e mais atraente, que pode facilitar e estimular o acesso do leitor em formação à literatura clássica.

Assim, *Dom Casmurro em quadrinhos* pode contribuir para a formação do leitor, podendo desenvolver as habilidades de leitura, de interpretação, de crítica e de criatividade do leitor. Este pode entrar em contato com obras que marcaram a história da literatura e da humanidade, mobilizando nele a capacidade de refletir sobre a sua própria realidade e identidade.

Referências

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1994.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Editora Ática, 2008.

SRBEK, Wellington; AGUIAR, José. **Dom Casmurro em quadrinhos**. Belo Horizonte: Nemo, 2011.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 3. ed. Ver. E ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1988. P. 171-194.

CANDIDO, Antônio. O narrador de Machado de Assis. In: CÂNDIDO, Antônio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. p. 135-152.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 9. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada: história, teoria e crítica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

CASTRO ROCHA, João Cezar de (Org.). **Literatura comparada: perspectivas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.

FEIJÓ, Rosane Gazolla Alves. Adaptações de clássicos da literatura para o público escolar: uma questão de mercado. In: **Anais do 13º Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa do IP-PUC-SP**. São Paulo: EDUC, 2010. P. 39-47.

FIGUEIREDO, Fábio. Adaptação literária: uma proposta de análise. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 30, n. ½, p. 145-154, jan./dez. 2010.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução de André Cechinel. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

SRBEK, Wellington; AGUIAR, José. **Dom Casmurro em quadrinhos**. Belo Horizonte: Nemo, 2012.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**A FIGURA FEMININA NO SAMBA-ENREDO: A REPRESENTAÇÃO DA
MULHER NEGRA**

Tanielle Vitória da Silva (UENP/CJ)
Thainá Giovanna Soares Cordeiro (UENP/CJ)
Ricardo André Ferreira Martins (UENP/CJ)

Resumo: O samba-enredo está presente há décadas nos desfiles de carnaval. Além de sua grande importância para a cultura negra brasileira, as letras contam histórias, reais ou fictícias, que promovem identificação e difundem tradições e valores. O objetivo do presente trabalho é analisar e evidenciar as diferenças no que se refere à representação da mulher negra nos enredos produzidos por escolas de samba, dos mais antigos aos mais recentes. A elaboração deste trabalho deu-se por meio de pesquisa bibliográfica em artigos e outras publicações sobre o tema e através dele espera-se que seja compreendida a importância do papel que o subgênero textual samba-enredo desempenha enquanto meio de compartilhar histórias e o impacto nas histórias das mulheres negras neles representadas.

Palavras-chave: Samba-enredo. Mulher negra. Literatura.

Introdução

O enredo, em sua essência, é entendido como a organização de uma história, o corpo de uma narrativa. Pode ser apresentado de inúmeras formas e para diferentes fins. Segundo Mesquita (1987) “Todas as atividades que o inventar/narrar/ouvir/ler histórias envolvem podem ser associadas também à natureza lúdica do homem”, a autora sugere que o enredo pode ser entendido como um jogo, onde quem narra é um jogador e, junto do texto e do interlocutor, forma o que se pode chamar de comunidade lúdica. Tal relação demanda um trabalho com as emoções, tanto na produção do discurso – na escolha de palavras - quanto no modo como ele será emitido, com todas as suas nuances. Além disso, estão envolvidas, também, as emoções do interlocutor, somente assim ele será capaz de, verdadeiramente,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

compreender e se identificar com a história.

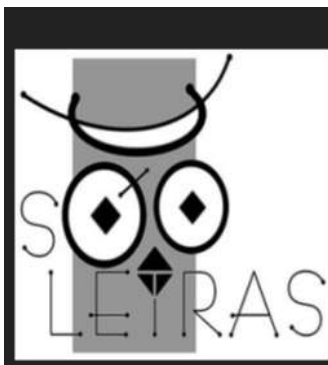
Ao analisar o enredo sob a perspectiva da contação de história, sendo esta uma das mais antigas atividades do ser humano, podemos atribuir a ele o poder de difundir narrativas sobre grandes personalidades e perpetuá-las na história, permanecendo no imaginário do povo.

Países de diferentes culturas usam a música como forma de compartilhar histórias, no Brasil não é diferente, povos marginalizados viram na musicalidade a oportunidade de mostrar seu cotidiano àqueles que fingiam não vê-los. Da junção da contação de história (enredo) e do ritmo (samba), nasce o samba-enredo.

O samba-enredo é um subgênero do samba. Presente nos desfiles de Carnaval e parte da cultura popular brasileira, surgiu no Rio de Janeiro, em meados da década de 1930. Deve conter uma letra versificada e melodia e sua narrativa necessita conter características pré-definidas a cada ano. O samba-enredo que a escola apresentará é escolhido em um concurso aberto ao público (Sautchuk, 2020). Através de suas narrativas, as escolas de samba transmitem mensagens sobre temas como diversidade cultural do país, sua história e questões sociais, desta maneira é extremamente popular durante os desfiles.

A maneira como a literatura retrata diversos grupos passou por diversas mudanças ao longo dos séculos, refletindo as modificações culturais e sociais pelas quais passava a sociedade, o que pode ser observado também dentro do samba-enredo. Sautchuk (2020, p. 18) afirma que “as escolas de samba vêm passando por diversas mudanças junto com o contexto histórico em que elas estão inseridas e que o seu surgimento foi parte importante para a exaltação e visibilidade da cultura negra perante a sociedade e autoridades.” Sendo assim, através da análise de obras, é possível perceber como esta manifestação artística representou as mulheres e como eram vistas em diferentes períodos.

O samba-enredo é uma parte importante da cultura urbana do Brasil, apresenta em



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

suas narrativas experiências do povo brasileiro. De acordo com Rosa (2021, p.21), “os sambas-enredo, assim como o próprio enredo, trazem a responsabilidade de representatividade cultural e, muitas vezes, servem como exemplo para as crianças e jovens”, sendo assim, a mulher negra por vezes se identifica com a narrativa, vendo sua própria realidade nos temas abordados.

É disseminada, no Brasil, uma visão estereotipada deste grupo na sociedade, muitas vezes negativa e degradante. Em busca de evitar essa representação falsa, o ambiente carnavalesco se mostra, em alguns casos, um refúgio para os indivíduos que pertencem a ele. De acordo com Romano (2013, p.16-17),

Através da preservação cultural a mulher negra integrante das escolas de samba atua na busca por uma identidade coletiva [...] o meio carnavalesco seria como um “reduto” para que estas mulheres que se sentem não identificadas com a identidade que lhes é imposta, possam retomar a suas raízes, além de que neste contexto são reverenciadas pelos resquícios da raça negra.

Na visão de Rosa (2021, p. 81), “o sentimento de orgulho em relação às origens, à cultura e à ancestralidade ganha força na sociedade atual através da luta de movimentos negros e essa mudança na sociedade é percebida através dos sambas-enredos”. Percebe-se que este gênero trata de temas em evidência e pertinentes para promover debates e reflexões acerca da presença de pessoas negras em papéis de destaque.

A revolução documental, proposta por pesquisadores franceses a partir de uma história-problema, em vista de novas abordagens e novos objetos,

propiciou a valorização de vestígios humanos plurais, ou seja, os documentos de diversos sujeitos históricos, possibilitando repensar a pesquisa, os estudos históricos e a escrita da História em uma perspectiva de longa duração, analisando as transformações, as mudanças e as

- 60 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

permanências (Silva, A. 2021, p. 153).

Sendo assim, o samba-enredo, além de cumprir a função do gênero, passa a ser registro histórico, possibilitando que os temas abordados possam ser posteriormente estudados/analísados. O retrato de um grupo invariavelmente muda com o passar do tempo e, no momento em que um enredo adentra o imaginário do povo, ele passa a compor a memória daquilo que já foi e do caminho trilhado até ser como é hoje.

Este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro trata da introdução ao tema, com contextualização e justificativa. O segundo apresenta o desenvolvimento do trabalho, contendo as análises. O terceiro capítulo expõe as considerações finais.

Desenvolvimento

Para análise, foram selecionados quatro sambas-enredo produzidos entre os anos de 1974 a 2019, neles são expressas diferentes visões sobre mulheres pretas. Com o passar do tempo, naturalmente, ocorrem mudanças em todos os cenários sociais e no caso da representação da mulher negra em movimentos culturais, é um trabalho gradativo que evoluiu de meras menções a serviços prestados à exaltação de conquistas e méritos.

Em seu texto *As mulheres afros-descendentes inspiram sambas-enredo das agremiações carnavalescas paulistanas (1974 - 1988)* (2020), Zélia Silva analisa alguns sambas-enredo que trazem em suas letras histórias sobre mulheres afrodescendentes, apresentados no carnaval paulistano entre os anos de 1974 e 1988.

No ano de 1974, a Escola de Samba Camisa Verde e Branco foi campeã no carnaval de São Paulo com o samba-enredo *Uma Certa Nega Fulô*, composto por Ideval Zelão e Miro, contando a história de uma mucama que ao se casar com o senhor branco se tornou



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

senhora. A figura da mucama gerou controvérsias entre os demais escravos. Seu papel nas tarefas domésticas, como amamentar os filhos de sua senhora, cozinhar e vestir as sinhás e convivência diária no interior da casa era visto por alguns como conformismo diante da situação e por outros, mais otimistas, como um caminho para a mudança (Silva, Z. 2020).

Da senzala a nobreza/Seu amor, sua beleza/As cantigas de ninar/Veio ao salão para dançar/Ô abram ala, pois chegou Nega Fulô/E chegou de verde e branco/Espalhando seu encanto/Uma filha de Nagô/Embala o Erê, o Grauna/Pode embalar/Nas mãos de Catambú/Este negro vai trabalhar/Esta mucama/Que se tornou grande senhora/Não podia imaginar/Novo romper da aurora/Grilhões caíram/E o negro então sorriu/Com o branco ao seu lado/Sob este céu cor de anil/Sob este céu cor de anil/Vamos cantar minha gente/La la laue/Dunga tará/Tará sinherê (SASP, 1974).

O samba-enredo começa descrevendo a chegada da protagonista ao salão de dança. As características que lhe são atribuídas mostram uma mulher que exala encanto e leveza. Em seguida, são incorporadas as cores da escola de samba à figura de Nega Fulô, demonstrando harmonia entre a mensagem que é passada pela letra e o que a personagem representa para os demais na situação em que é inserida.

Nega Fulô é descrita como uma moça bela e alegre e sua ação de tornar-se senhora é vista como algo extremamente positivo, que une negros e brancos e traz liberdade e felicidade, como visto nos versos "Novo romper da aurora/Grilhões caíram/E o negro então sorriu/Com o branco ao seu lado".

Os últimos versos apresentam uma visão utópica, considerando o contexto em que se passa a obra. É descrito um cenário em que, surpreendentemente, a união realizada através do casamento culmina na quebra de correntes, com brancos e negros lado a lado, a história contada termina com todos sendo convidados a cantar num ambiente de felicidade.

De modo realista, embora Nega Fulô tenha ascendido socialmente, ela não está em



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

posição de ajudar os seus a fazer o mesmo. Sem autoridade sobre si, vide a época, pretos e brancos só puderam estar lado a lado quando um branco assim o quis.

A obra retrata a celebração da esperança e da união entre os personagens, refletindo um panorama otimista de harmonia e cooperação. Seus versos retratam a mulher destacando sua força, sua beleza e seu papel fundamental na construção de uma sociedade mais igualitária. Além disso, a música exalta a riqueza da cultura negra, mergulhando nas tradições ancestrais que enriquecem a identidade nacional, celebrando a diversidade.

O samba-enredo *Festa para uma Rainha Negra*, composição de Mestre Lagrilla e Ideval, foi apresentado em 1986, pela Escola de Samba Imperador do Ipiranga, como uma homenagem a Luíza Mahin, que afirmava ser uma rainha africana que fora vendida como escrava. Libertada em 1812, a ex-escrava tornou sua casa um quartel general das principais revoltas negras da Bahia. "Tornou-se protagonista da revolta dos Malês, ocorrida na Bahia em 1835, o que não era exceção uma vez que nas revoltas anteriores, como a de 1814, analisada por João José Reis, outras mulheres escravizadas também participaram de revoltas" (Silva, Z. 2020, p. 9). A Revolta dos Malês foi mal sucedida e acabou com punições violentas. Luíza fugiu para o Rio de Janeiro, onde continuou sua luta. Posteriormente, foi presa e seu paradeiro é desconhecido. Nem mesmo seu filho, Luiz Gama, foi capaz de descobrir seu destino, quando procurou a mãe já adulto (Silva, Z. 2020).

Uma época distante, senhor/lá pra os lados da Bahia/Era lei do cativo
senhor/para o negro que sofria/A razão chegou mais forte porque/a revolta
dos Malês/Nega "Luíza" mulher sofrida/entra na luta filha de Gegê/Ole
ola lala/acende a fogueira, o batuque não pode parar/Ole ola lala/segura na
barra da saia, senão ela pode queimar/Menino toca o ganze ou ganzá/esta
noite é pra cantar/Aqui só há alegria e amor/hoje é festa no Congar/O
terreiro enfeitado e no céu/a lua clarear/Não chores não, corre pra
ver/Luiza rainha, filha de Gegê/Ole ola lala/acende a fogueira, o batuque
não pode parar/Ole ola lala/segura na barra da saia, senão ela pode
queimar/Bate a cabeça no chão, oh senhor/ela acabou de chegar/No tempo

- 63 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

da escravidão, o que fez?/Guerreou pra nos salvar/Para a deusa de bronze, o que?/Oferendas vamos dar/E esta noite é pra você/nossa rainha filha de Gegê/Ole ola lala/acende a fogueira, o batuque não pode parar/Ole ola lala/segura na barra da saia, senão ela pode queimar (SASP, 1986).

Os primeiros versos do enredo que reverencia Luíza Mahin contextualizam o cenário histórico, geográfico e temporal da narrativa, como é possível observar “Uma época distante, senhor/lá pra os lados da Bahia/Era lei do cativo senhor/para o negro que sofria”. Em seguida, “Nega ‘Luíza’” é apresentada: uma figura feminina marcada pela adversidade, cuja vida e resistência merecem ser celebradas. No desfecho, sua proclamada realeza é reconhecida e suas origens africanas são enaltecidas em “E esta noite é pra você/nossa rainha filha de Gegê ” ao redor da fogueira, ao som dos batuques, em uma prece que expressa gratidão à guerreira por suas contribuições em prol de seu povo.

Segundo Zélia Silva (2020, p. 10), o texto “traz um tom épico em sua narrativa. Não se trata de uma alegoria ou metáfora e sim louvor à guerreira Luíza que lutou para libertar os negros do cativo.” Para a autora, a homenagem a Luíza faz parte da exaltação à memória dos levantes dos escravos entre os afro-descendentes. Os versos falam do sofrimento e opressão sofridos pelo povo negro na Bahia. Luíza é parte do grupo, é descrita como uma “mulher sofrida” e sua chegada representa a esperança por dias melhores, é recebida com alegria, vista como salvadora e tratada como rainha, como é possível notar nos versos “No tempo da escravidão, o que fez?/Guerreou pra nos salvar/Para a deusa de bronze, o que?/Oferendas vamos dar”.

Os anos 1980 ficaram marcados por uma maior participação política dessa comunidade, que trouxe à tona, com louvor, os heróis e heroínas que lutaram incessantemente para romper os grilhões da escravidão. Luíza trouxe esperança, o encorajamento à luta para o povo baiano, que há muito se levantava contra toda opressão do período escravocrata.

- 64 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Os compositores Joaquim e Benê utilizaram o samba-enredo *Filhos de Mãe Preta* para abordar o centenário da abolição da escravidão no Brasil, no ano de 1988, através da Escola de Samba Unidos do Peruche.

Atôô Oabaluê/Atôô Oabaluê/Vem oh claridade/a Peruche canta a liberdade/Ê! Mãe África/espalhando seus filhos no mundo/Esse banzo tão profundo/que despertam num segundo/Quando alegre a caminhar/tantas estrelas a brilhar ao léo/Não é brinquedo de Isabel/Pixinguinha e Clementina/Uma força que domina/uma luz que vem do céu/Oiá, ieo/da raiz a flor mais bela/Oiá, ieo/é Zumbi é Luther King e Mandella/Negras pedras preciosas/levam o barco a remar/Essa gente tão formosa/ilumina meu cantar/Quilombo/um canto livre ecoou/Malê Gegê filho de Zumbi/Anuanas que vem de Nagô/Filhos de Mãe Preta/netos de Yoruba/Contagiando o mundo/exaltando os Orixás (SASP, 1988).

O texto destaca figuras históricas importantes, como Zumbi dos Palmares, Martin Luther King Jr. e Mandela, conectando suas lutas pela liberdade e igualdade, além de exaltar a resistência dos povos negros. As estrelas mencionadas no samba podem representar tanto os ancestrais africanos que guiaram os descendentes em sua jornada quanto os personagens históricos citados, que são comparados também a joias, metáforas usadas para evocar sentimentos de orgulho, beleza e resistência. Ademais, estão presentes referências culturais, desde expressões africanas como "Oiá, ieo" até a celebração da riqueza da herança africana, reconhecendo a diversidade cultural e religiosa presente na diáspora africana, através da menção a Orixás e referência a tradições religiosas.

No geral a letra cita figuras importantes para a luta dos negros por seus direitos e liberdade em diferentes espaços ao redor do mundo e períodos de tempo, afirmando que são filhos de Mãe Preta e por ela protegidos e iluminados (Silva, Z. 2020). Nestes versos, a divindade Mãe Preta assume um papel típico de uma figura materna, que cuida, guia e protege seus filhos, auxiliando-os para que possam conquistar seus objetivos, neste caso a



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

libertação de seu povo e busca por respeito.

O título "Filhos de Mãe Preta" destaca a figura da mãe negra como um símbolo de força, resiliência e maternidade. Os aspectos da cultura africana que se perpetuam fora do continente são citados em tom de exaltação, como o canto aos orixás e a força de um povo que, mesmo oprimido, continua a caminhar, porque Mãe África rege seus filhos onde quer que estejam, sob qualquer circunstância.

A presença dessas referências culturais também reforça a conexão com as raízes africanas e a espiritualidade afro-brasileira. A letra transmite uma mensagem de empoderamento e resistência, ao exaltar a força e a beleza do povo negro, mesmo diante das adversidades históricas e sociais.

No texto *Epistemologias do Sul, Descolonizando o Ensino de História do Brasil: O Samba Canta a Mulher Negra Ruth De Souza*, Ana Silva (2021) realiza uma análise do samba-enredo *Ruth de Souza, Senhora liberdade. Abre as asas sobre nós!*, composto por Samir Trindade, Júnior Fionda e Elson Ramirez, enredo do carnavalesco Cahê Rodrigues, apresentado pela escola de samba Acadêmicos de Santa Cruz no carnaval de 2019, no Rio de Janeiro.

Nascida no Rio de Janeiro, no ano de 1921, Ruth de Souza foi uma figura importante para a dramaturgia brasileira. A atriz “foi a primeira mulher negra a pisar no palco do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, a protagonizar uma telenovela, a ser capa da revista Manchete em 1953 e primeira mulher brasileira a ser indicada a um prêmio internacional de cinema” (Silva, A. 2021, p. 165). Ficou conhecida como a “Dama do Teatro Negro do Brasil”.

Apesar do preconceito existente na época, dos estereótipos e da discriminação social e racial por que passou, Ruth foi pioneira e exemplo para diversas outras mulheres negras que vieram depois. Através de dedicação, estudo, beleza e sua arte, sua impressionante



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

trajetória marcou a história, teve uma carreira extensa, um currículo repleto de grandes obras e recebeu diversos prêmios e homenagens ao longo da vida (Silva, A. 2021).

Dama, meu motivo de rara beleza
Acalanto a sua alteza
A estrela que brilha por nós
Oh, pérola negra!
Joia que emana a paz
Lapidada nas Minas Gerais
Seu destino: Encantar corações
Canoas, um cortejo de saudade
A doce lembrança que ficou pra trás
No Rio, lindo mar de esperança
Refletindo a infância, acende os ideais

Talento é dom pra vencer
Preconceito não pôde calar
Foi preciso acreditar
Menina mostra a força da mulher
O negro pode ser o que quiser

Resplandeceu da humildade a sua glória
A emoção, pioneira no Municipal
E aprendeu, viveu a arte em sua história
Inspiração, no palco do meu carnaval
Divina musa, no esplendor se fez atriz
Um sorriso de uma raça não apaga a cicatriz

Voa, senhora mãe da liberdade
Em seu papel, a igualdade
De quem sentiu na pele a dor
Brilham Marias, Carolinas de Jesus
Você foi a resistência
E a resistência hoje é Santa Cruz

Ê, Odara, ê, Odara, ê, Odara
Ê, oh, Sinhá Moça
Ê, Odara, ê, o samba
Reverenciar Ruth de Souza (APOTEOSE, 2019)

- 67 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A primeira estrofe fala do passado de Ruth, sua infância e locais onde morou. São utilizados para descrevê-la adjetivos positivos, que exaltam sua beleza, como “estrela”, e “joia” de “rara beleza”. Aqui a mulher negra é tratada com respeito, descrita de maneira favorável, ao contrário do tratamento direcionado à figura estereotípica. O segundo parágrafo exalta o talento e força da homenageada, fazendo alusão aos empecilhos enfrentados ao longo da carreira devido ao preconceito. Termina com um incentivo ao povo negro, afirmando que pode contribuir em quaisquer áreas da vida social que desejar, a exemplo das conquistas de Ruth (Silva, A. 2021).

A estrofe seguinte relata feitos da carreira da homenageada, como sua estreia no Teatro Municipal do Rio de Janeiro nos anos de 1940, sem ignorar os percalços, o verso "Um sorriso de uma raça não apaga a cicatriz" transmite a ideia de que a atriz superou as adversidades para encantar as pessoas no palco, representando "o sorriso de uma raça".

A penúltima estrofe é iniciada referindo-se à atriz como “Senhora mãe da liberdade”, referindo-se a luta de Ruth de Souza para se destacar nas artes cênicas, sendo exaltada de maneira que nenhuma mulher negra havia sido antes, abrir o espaço para que outras mulheres negras pudessem trilhar seus caminhos e serem bem sucedidas no mundo das Artes, como Carolina Maria de Jesus, escritora negra da favela do Canindé, autora da obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, publicada em 1960, que é citada posteriormente. Na última estrofe do samba-enredo, a atriz é saudada e, enfim, nomeada (Silva, A. 2021).

Neste exemplo mais recente, é clara a complexidade da jornada pela qual passou, ao longo das décadas, a mulher negra. Ruth de Souza, precursora no campo das artes, representa diversas mulheres que, em posições similares, tiveram que lutar por seu espaço, enfrentando o preconceito, o racismo e o machismo em uma sociedade que não as via como dignas. Pelo



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

contrário, pregava que deveriam ocupar posições consideradas inferiores, servir como auxiliares e objetificava os seus corpos.

Por fim, após uma extensa luta que dura até os dias atuais pelo protagonismo, a mulher negra é vista em uma posição onde suas conquistas são comemoradas e compartilhadas por todo o povo negro. A letra do samba enredo, em homenagem à atriz, conta sua história e de suas semelhantes, as dificuldades, esplendor, determinação e sucesso.

Em síntese, ao analisar as representações das mulheres pretas nos sambas-enredo carnavalescos, destaca-se a narrativa de mais de um século, desde Nega Fulô até Ruth de Souza. O samba-enredo emerge como um agente vital na preservação da memória e história do Brasil, sublinhando as lutas persistentes de figuras como Luíza e tantas outras filhas de Mãe África, reforçando a lembrança de que ocupar seus lugares na sociedade exigiu e ainda exige uma significativa dose de resistência.

Considerações finais

A presença da mulher negra no contexto do samba-enredo faz parte de uma história rica que contribui para o entendimento da evolução da visão do grupo por parte da sociedade ao longo do tempo.

As letras das produções contam uma narrativa de evolução que acompanha a trajetória do povo negro ao longo do tempo. Desde os desafios enfrentados na luta pela liberdade até às adversidades impostas pelos preconceitos sociais, as obras trazem à tona uma jornada marcada por superações e resistência. As narrativas culminam em um ponto de celebração, destacando as conquistas alcançadas e ressaltando a importância da cultura negra na construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

No que diz respeito aos principais temas explorados, após realizada a análise das



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

obras selecionadas, destacam-se a luta pela liberdade, a esperança motivada pelo sujeito em questão, a proteção divina e a árdua trajetória trilhada pelas protagonistas.

Apesar da apresentação de alguns temas polêmicos, no geral, a representação produzida pelo gênero contrasta com a visão estereotipada da sociedade em que foi produzida, as letras dos sambas-enredo trazem uma abordagem positiva.

É inegável que as escolas de samba desempenharam um papel crucial na desconstrução de estigmas e na promoção de uma imagem mais complexa e realista da mulher negra. Elas proporcionaram um espaço para a expressão cultural e artística, permitindo que se tornassem protagonistas de suas próprias narrativas. Além disso, ao destacar figuras históricas e contemporâneas relevantes, o samba enredo tornou-se um veículo para educar e conscientizar a sociedade sobre a importância da diversidade e inclusão.

O contraste entre a visão da sociedade em geral e a representação da mulher preta no samba-enredo revela não apenas uma evolução artística, mas também uma mudança social profunda. Ao desafiar estereótipos, contribui para a construção de uma narrativa mais justa e inclusiva, refletindo a riqueza e a diversidade da experiência destas mulheres.

Referências

APOTEOSE. Acadêmicos de Santa Cruz. **Ruth de Souza, Senhora liberdade. Abre as asas sobre nós**. Rio de Janeiro: Apoteose, 2019. Disponível em: <http://www.apoteose.com/carnaval-2019/academicos-de-santa-cruz/samba-enredo/>. Acesso em: 25 nov. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MESQUITA, Samira Nahid de. **O Enredo**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

ROMANO, REJANE. **A identidade negra feminina das integrantes de escolas de samba**.

- 70 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Biblioteca Latino-Americana de Cultura e Comunicação, v. 1, n. 1, 2013.

ROSA, Marina Leme. **Análise de conteúdo dos sambas-enredo do Rio de Janeiro com temática afro e afro-brasileira**. Orientador: Francisco Topa. 2021. Dissertação (Mestrado). 173 f. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2021.

SASP - Sociedade Amantes do Samba Paulista. Disponível em:
https://www.carnavalpaulistano.com.br/A_CARNAVAIS.asp. Acesso em 25 nov. 2023.

SAUTCHUK, Jaime. **Samba-Enredo: A Literatura Rebelde**. Revista Xapuri, 2020.
Disponível em: <https://www.xapuri.info/home/samba-enredo-a-literatura-rebelde/>. Acesso em: 15/01/2022.

SILVA, Ana Lúcia da. **Epistemologias do sul, descolonizando o ensino de história do Brasil: o samba canta a mulher negra Ruth de Souza**. História & Ensino, v. 27, n. 2, p. 149-184, 2021.

SILVA, Zélia Lopes da. **As mulheres afros-descendentes inspiram sambas-enredo das agremiações carnavalescas paulistanas (1974 - 1988)**. In: XXV Encontro Estadual de História da Anpuh/SP, 2020, São Paulo. Anais Eletrônicos. São Paulo: Anpuh, 2020.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTOJUVENIL

Adriana Marques de Oliveira (G-CLCA-UENP/CJ)
Nerynei Meira Carneiro Bellini (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a importância da literatura na educação infantojuvenil, a partir de algumas obras de Marcos Rey, publicadas na Série Vaga-Lume. Para isso, utiliza-se uma pesquisa exploratória, bibliográfica e qualitativa, baseada na leitura e na interpretação das obras *O Mistério do Cinco Estrelas* e *Gincana da Morte*, bem como em autores que discutem a literatura juvenil. Os resultados apontam que as obras de Marcos Rey contribuem para o desenvolvimento do leitor crítico e consciente, além de despertarem o interesse pela leitura desde a infância, por meio de narrativas envolventes, criativas e contextualizadas. Conclui-se que a literatura é um instrumento fundamental para a educação infantojuvenil, pois amplia o repertório cultural, linguístico e cognitivo dos alunos, além de estimular a imaginação, a sensibilidade e a reflexão.

Palavras-chave: Literatura Juvenil. Série Vaga-Lume. Formação do leitor.

Introdução

A formação do leitor e a Literatura Infantojuvenil são temas muito discutidos e relevantes quando se trata da formação da personalidade e caráter de cada indivíduo. O hábito de ler livros, desde a infância, é de suma importância para a construção do conhecimento de cada criança, fazendo com que ela desperte para o mundo da leitura não só como uma atividade prazerosa, mas, sobretudo, como um ato de aprendizagem significativa, com interpretações e reflexões.

O valor da leitura literária respalda-se na convicção de que a leitura faz o discente inserir-se num universo de possibilidades de interpretações, pois a literatura é repleta de significados e sentidos, que podem ser expressos por textos verbais e/ou não verbais constituintes de determinadas obras literárias.

Posto isso, apontamos a afirmação indicada na Base Nacional Comum

- 72 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Curricular/BNCC. Assim,

A demanda cognitiva das atividades de leitura deve aumentar progressivamente desde os anos iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio. Esta complexidade se expressa pela articulação: da consideração da diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas, a literatura infantil e juvenil, o cânone, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, as culturas juvenis etc., de forma a garantir ampliação de repertório, além de interação e trato com o diferente (Brasil, 2017).

Diante dessa afirmação, destacamos que a leitura é um dos requisitos básicos na aprendizagem dos discentes. Todavia, ainda hoje, um dos grandes problemas enfrentados pela maioria das Instituições de Ensino é fazer com que os discentes adquiram o hábito da leitura. Essa questão tem sido preocupante para alguns pais e docentes, que constataam a cada dia o afastamento dos estudantes dos livros impressos, a fixação no computador e a crescente dificuldade de ler textos mais complexos.

Além disso, existem muitos pais que não leem e nem incentivam seus filhos a fazer o mesmo, infelizmente devido ao contexto social e à realidade em que vivem. Diante dessa assertiva de que os jovens estão lendo cada vez menos e leem apenas os livros oferecidos pela escola e não demonstram interesse em praticar a leitura em casa, percebemos que tal desinteresse, dentre outros fatores, pode ser devido ao frequente e constante acesso à informação na Internet e outras mídias.

Diante do fato da internet consumir muito o tempo de leitores infantis e jovens, pode-se pensar que há um duelo desigual entre a leitura dos livros impressos e os livros online no qual esse sai vencedor. Não obstante, o acesso às mídias, quase sempre, incorre na situação de que os jovens não leem nem as obras de papel e, muito menos, as midiáticas. Isso porque ao utilizarem os meios eletrônicos, na maioria das vezes, os possíveis leitores de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

literatura migram para jogos e outros entretenimentos, inclusive, as redes sociais. Ainda que o avanço da tecnologia e a facilidade em acessá-la ocasione um amplo contato com informações diversas, muitos estudantes não sabem “filtrar” tais informes e, por isso, não usufruem proveitosamente do que lhes está ao alcance.

Sabemos que os livros, de uma forma geral, possibilitam a descoberta de sentidos, mas os literários o fazem de modo mais abrangente e enfático, como certifica Bordini e Aguiar (1993, p. 15).

A riqueza polissêmica da literatura é um campo de plena liberdade para o leitor, o que não ocorre em outros textos. Daí provém o próprio prazer da leitura, uma vez que ela mobiliza mais intensa e inteiramente a consciência do leitor, sem obrigá-lo a manter-se nas amarras do cotidiano.

Na década de 1990, a pesquisadora e autora deste estudo, realizava leituras e trabalhos em sala de aula dos livros da Série Vaga-Lume, especificamente os livros de Edmundo Nonato, sob o pseudônimo de Marcos Rey, que era o autor de sua preferência. A coleção de livros desse autor mostra, também, o quanto a série era “atenada” às expectativas leitoras de seu tempo, trazendo temas de aventuras interessantes aos leitores infantis e jovens das décadas de 80 e 90 do século XX, tais como: ilhas misteriosas, vampiros, escola, amigos, tesouros perdidos etc.

A Série Vaga-Lume teve grande contribuição para estimular a leitura na década de 70, pois, foi criada pela editora Ática em 1972, com o intuito de publicar obras voltadas especificamente para o jovem leitor. Marcos Rey começou a escrever livros infantojuvenis, como: *O Mistério do Cinco Estrelas*, a partir do ano 1980 na Série Vaga-Lume, dentre outras produções. Os textos de Rey marcaram toda uma geração de leitores e continua, ainda hoje, impactando pessoas com a reedição de várias de suas obras, além de novos lançamentos, que demonstram vendas expressivas e de boa penetração nas escolas.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Segundo a tese de doutorado intitulada *Narrativas juvenis brasileiras: em busca da especificidade do gênero*, que foi defendida por Larissa Warzocha Fernandes Cruvinel (2009, p. 76), as obras da Série Vaga-Lume

Procuram atrair um leitor em formação, em que os escritores optam por uma estrutura de narrativa simples, com períodos curtos, com um vocabulário predominantemente acessível, com uma linguagem enxuta e sem elementos que dificultem a compreensão. E, obviamente, muitas peripécias para dar mais ação à narrativa.

Nesse cenário, com o objetivo de fornecer uma perspectiva diacrônica dos fatos, a pesquisa em tela abarca o primeiro livro de Marcos Rey na Série Vaga-lume, na década de 80, até a última obra do escritor, nos anos 90. Portanto, este estudo traz a importância da coleção e dos livros de Marcos Rey para a formação de leitores, especificamente, o primeiro livro *O Mistério do Cinco Estrelas* (1981) e a última obra publicada na Série, por Rey, isto é, *Gincana da Morte* (1997).

Diante ao contexto apresentado, justifica-se a importância da investigação como um elemento que possa contribuir para a expansão da leitura no cenário brasileiro, que fomente trabalhos com leituras nos espaços formais e não formais e que possa minimizar as fragilidades no processo de formação do leitor na literatura brasileira.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a importância das obras de Marcos Rey na Coleção Vaga-Lume para a formação do leitor literário na literatura brasileira.

Assim, com o objetivo geral definido, desdobram-se os objetivos específicos: a) apresentar a Série Vaga-Lume entre os períodos de 1970 a 1999, b) indicar as obras de Marcos Rey na Série Vaga-Lume, especificamente *O Mistério do Cinco Estrelas* (1981) e *Gincana da Morte* (1997), c) analisar as obras *O Mistério do Cinco Estrelas* (1981) e *Gincana da Morte* (1997) da Série Vaga-Lume.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A metodologia da investigação é qualitativa, de cunho bibliográfico e exploratório, e revela o caminho que o pesquisador percorreu para iniciar e consolidar seu estudo. Logo, este se desenhou a partir da inquietação da pesquisadora, que percebeu a necessidade de ampliar e fomentar o debate sobre a importância da leitura, visando minimizar a fragilidade na formação de leitores, que tem se tornado um assunto muito caro aos próprios discentes, docentes, gestores e equipes de ensino das instituições de ensino no Brasil.

A partir de estudos em livros, artigos científicos, teses, que desenvolvem o tema da pesquisa, houve a comprovação da hipótese inicial, ou seja, as obras de Marcos Rey, em específico, a primeira e a última, que fizeram parte da Série Vaga-Lume foram relevantes para a formação do leitor literário?

Por isso, a fase inicial da pesquisa ocorreu com a busca de materiais que contribuíssem para o aprofundamento do problema da investigação: a formação do leitor literário por meio da Série Vaga-lume. Assim, foram selecionados teses, sites, livro e a BNCC (Brasil, 2017), que atualmente é o documento oficial norteador da construção curricular das instituições de ensino da Educação Básica no Brasil.

Fez-se um recorte temporal do ano em que começou a publicação da Série Vaga-Lume (1972) até o período do falecimento de Marcos Rey (1999), por ser esse o autor preferido de muitos leitores, inclusive desta pesquisadora. Cabe ainda destacar que o primeiro livro publicado por Rey, *A Ilha Perdida*, não era de sua autoria na íntegra, mas sim, uma tradução e adaptação do livro de Maria José Dupré, em janeiro de 1973.

O procedimento adotado para a execução deste trabalho foi, quanto à abordagem, uma pesquisa qualitativa, de natureza básica, com objetivos de aspecto exploratório e em relação aos procedimentos realizados, consistiu em investigação bibliográfica.

Segundo Gil (2002, p. 41), as “Pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

construir hipóteses, inclui levantamento bibliográfico e entrevistas”.

Considerando-se a afirmação de Gil, utiliza-se, nesta pesquisa, a abordagem qualitativa e exploratória, e dentre as formas que essa pode assumir, preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados por se firmarem em apreciações subjetivas. a partir de análises de narrativas, ideias e experiências individuais dos participantes.

Na seção seguinte apresentamos a Série Vaga-lume com a finalidade de responder ao primeiro objetivo específico desta investigação intitulada *A importância da literatura na educação infantojuvenil*.

Série Vaga-Lume na literatura infantojuvenil

A Série Vaga-Lume contempla mais de cento e quatro livros infantojuvenis de diversos autores e ilustradores que foram publicados pela editora Ática a partir de 1973 até os dias atuais. A contribuição da Série Vaga-Lume para o jovem leitor revela um valor inestimável tanto em termos de formação do leitor quanto ao acesso aos livros. Por terem preço acessível muitos estudantes podiam comprar as obras e os que não tinham condições financeiras para isso tinham acesso por meio das instituições de ensino, especialmente, com empréstimos nas bibliotecas escolares.

A literatura infantojuvenil é um importante instrumento para a educação, pois contribui para o desenvolvimento de diversas habilidades e competências dos alunos, como a leitura, a escrita, a interpretação, a criticidade, a sensibilidade e a cidadania. Segundo a BNCC (Brasil, 2017), a literatura é um dos eixos que compõe a área de Linguagens, e tem como objetivo “proporcionar o contato com diferentes manifestações literárias, de modo a ampliar o repertório, a fruição, a imaginação, a capacidade de análise, a valorização da



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

diversidade artística e cultural e a formação de uma comunidade de leitores” (Brasil, 2017, p. 269).

Cruvinel (2009), em sua tese de doutorado, a propósito dos elementos narrativos dos livros publicados, destaca que a Série Vaga-Lume apresenta seus enredos

[...] em torno de uma aventura, um mistério, um obstáculo a ser vencido pela personagem. Mesmo naquelas que abordam um drama familiar ou o amadurecimento da personagem pelos embates com a vida cotidiana, há um enigma a ser resolvido, um perigo a ser enfrentado, com o propósito de prender o leitor em uma cadeia de suspense que só será resolvida ao final da história (Cruvinel, 2009, p. 32).

A literatura é uma forma de arte que expressa a imaginação, a criatividade, a emoção e a cultura dos seres humanos, por meio da linguagem escrita. Ela pode ser dividida em diversos gêneros, como romance, conto, poesia, crônica, fábula, entre outros. Um desses gêneros é a literatura infantojuvenil, que se destina ao público de crianças e adolescentes, e que possui características próprias, como a linguagem simples, a fantasia, o humor, a aventura e a identificação com os personagens.

O panorama histórico e conceitual da literatura infantojuvenil

A literatura infantojuvenil é um gênero literário que se caracteriza por se dirigir ao público de crianças e adolescentes e por apresentar elementos que despertam o interesse, a curiosidade, a imaginação e a identificação desses leitores. Segundo Zilberman (2003, p. 13), a literatura infantojuvenil é “aquela que, por sua temática, estilo e forma de composição, atende às necessidades e expectativas dos leitores situados numa faixa etária que vai da infância à adolescência, e que se encontra em processo de formação física, psicológica,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

social e cultural”.

A origem da literatura infantojuvenil está relacionada com a própria história da infância e da adolescência, que são conceitos históricos e culturais, que variam de acordo com o tempo e o espaço. Segundo Ariès (1981), a noção de infância como uma fase distinta da vida humana, que requer cuidados, proteção e educação específicos, surgiu na Europa a partir do século XVII, com o advento da modernidade, do capitalismo, da burguesia, da escolarização e da família nuclear. Antes disso, as crianças eram vistas como adultos em miniatura, que participavam das mesmas atividades, dos mesmos espaços e dos mesmos valores dos adultos, sem distinção.

A concepção de adolescência, por sua vez, é um conceito mais recente, que surgiu no século XX. Isso devido às transformações sociais, econômicas, políticas e culturais que marcaram esse período, como as guerras mundiais, a industrialização, a urbanização, o consumo, a mídia, os movimentos sociais, entre outros. A adolescência é uma fase de transição entre a infância e a vida adulta, que envolve mudanças físicas, psicológicas, emocionais e sociais, e que requer a construção da identidade, da autonomia e da cidadania.

A história da literatura infanto-juvenil, no contexto mundial, pode ser dividida em quatro fases, de acordo com Coelho (2000): transição, implantação, consolidação e renovação. A fase de transição vai do século XVII ao século XVIII, e se caracteriza pela adaptação de obras clássicas da literatura adulta para o público infantil, como as fábulas, os contos de fadas, as lendas, as mitologias, entre outras. Nessa fase, destacam-se autores como Charles Perrault, Jean de La Fontaine, Hans Christian Andersen, Irmãos Grimm, entre outros. A fase de implantação vai do século XIX ao início do século XX, e se caracteriza pela criação de obras originais para o público infantil, com temas como a infância, a família, a escola, a natureza, a aventura, entre outros. Nessa fase, destacam-se autores como Lewis Carroll, Mark Twain, Júlio Verne, Monteiro Lobato, entre outros. A fase de consolidação vai



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

do início do século XX até a década de 1960, e se caracteriza pela diversificação de gêneros, de estilos, de temas e de públicos da literatura infantojuvenil, com obras que abordam questões como a guerra, a violência, a morte, o amor, a sexualidade, a rebeldia, entre outros. Nessa fase, destacam-se autores como Antoine de Saint-Exupéry, C. S. Lewis, J. R. R. Tolkien, Anne Frank, Jorge Amado, entre outros. A fase de renovação vai da década de 1970 até os dias atuais, e se caracteriza pela inovação, pela experimentação, pela intertextualidade, pela interdisciplinaridade e pela interculturalidade da literatura infantojuvenil, com obras que dialogam com outras linguagens, como o cinema, a música, a televisão, a internet, entre outras, e que refletem a diversidade e a complexidade da sociedade contemporânea. Nessa fase, destacam-se autores como Maurice Sendak, Roald Dahl, J. K. Rowling, Lygia Bojunga, Ziraldo, entre outros.

A próxima seção tem como foco indicar as obras selecionadas de Marcos Rey da Série Vaga-Lumes para análise neste estudo. Essas obras são *O Mistério do Cinco Estrelas*, em 1981, e o último, em 1997, *Gincana da Morte*.

A literatura infantojuvenil

Obras de Marcos Rey

Marcos Rey, pseudônimo de Edmundo Donato, nasceu em São Paulo, em 17 de fevereiro de 1925, e faleceu na mesma cidade, em 1º de maio de 1999. Foi um escritor, jornalista, roteirista, tradutor e professor brasileiro, que se destacou por seus livros de literatura infantojuvenil, especialmente os de mistério e suspense, publicados na Série Vaga-Lume, da Editora Ática.

A produção literária de Marcos Rey caracteriza-se por apresentar histórias



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

envolventes, criativas e surpreendentes, que misturam mistério, suspense, humor, aventura e crítica social. Os seus livros são narrados em primeira ou terceira pessoa, com uma linguagem simples, coloquial e irônica, que aproxima o leitor do texto. Os seus personagens são jovens, inteligentes, curiosos, corajosos e solidários, que se envolvem em situações perigosas, divertidas e emocionantes, e que enfrentam desafios, conflitos e dilemas. Os seus temas são variados, mas sempre relacionados à realidade brasileira, aos problemas sociais, aos valores morais, às relações familiares e afetivas, e às questões da adolescência. Os seus cenários são urbanos – especialmente da cidade de São Paulo, que é retratada com riqueza de detalhes – mostrando bairros, ruas, monumentos, costumes, cultura e diversidade.

O primeiro livro que Marcos Rey escreveu para a Série Vaga-Lume foi *O Mistério do Cinco Estrelas*, em 1981, e o último, em 1997, *Gincana da Morte*, inspirados, quase sempre, nos romances policiais norte-americanos. Uma das obras que mais encantou esta pesquisadora foi o livro *O Mistério do Cinco Estrelas*, que teve uma nova adaptação em 2005.

Na sequência deste trabalho, há a análise das obras selecionadas, isto é, *O Mistério do Cinco Estrelas* (1981) e *Gincana da Morte* (1997) da Série Vaga-Lume.

Os cenários: o Mistério do Cinco Estrelas e Gincana da Morte

Análises das obras

Nesta seção, serão analisadas as obras *O Mistério do Cinco Estrelas* e *Gincana da Morte*, de Marcos Rey, publicadas na Série Vaga-Lume, da Editora Ática, identificando-se os elementos narrativos, os temas, os personagens, os conflitos e as mensagens de cada uma delas.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O Mistério do Cinco Estrelas foi publicado em 1970, e foi o primeiro livro de Marcos Rey para a literatura infantojuvenil, inaugurando a Série Vaga-Lume. A história se passa na cidade de São Paulo e narra as aventuras de Leo, um jovem repórter do jornal *A Tarde*, que se envolve em um caso de assassinato no Hotel Emperor Park, um dos mais luxuosos da cidade. Leo conta com a ajuda de seus amigos Gino e Ângela, e de seu chefe, o editor Raul, para desvendar o mistério e enfrentar os perigos que surgem pelo caminho.

A obra é narrada em terceira pessoa, com um narrador onisciente, que sabe tudo sobre os personagens, os fatos e os pensamentos. A linguagem é simples, coloquial e irônica, com diálogos ágeis, descrições precisas e comentários críticos. A estrutura é majoritariamente linear, seguindo, na maior parte dos episódios, a ordem cronológica dos acontecimentos. Porém, em alguns trechos, há *flashbacks* que explicam o passado dos personagens. O ritmo é acelerado, com cenas de ação, suspense, humor e reviravoltas, que mantêm o interesse e a curiosidade do leitor.

O tema principal da obra é o mistério, que envolve o assassinato de um homem no Hotel Emperor Park, e a tentativa de Leo e seus amigos de descobrir a identidade e o motivo do crime. O significado implícito é a crítica social, que aborda questões como a corrupção, a violência, a desigualdade, a injustiça, a impunidade, a manipulação, a exploração, entre outras, que afetam a sociedade brasileira, especialmente a cidade de São Paulo.

Os personagens principais da obra são: Leo, Gino, Ângela, Raul, Alberto. O primeiro é o protagonista da história, descrito como um jovem repórter do jornal *A Tarde*, que sonha em ser um grande jornalista. Inteligente, curioso, corajoso, determinado, idealista e honesto, Leo envolve-se no caso do assassinato no Hotel Emperor Park, e usa sua habilidade de investigação, intuição e persistência para solucionar o mistério. Ele conta com a ajuda de seus amigos Gino e Ângela, e de seu chefe Raul, para enfrentar os perigos e as dificuldades que aparecem no seu caminho. Gino, que é o melhor amigo de Leo, caracteriza-



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

se como um jovem fotógrafo do jornal A Tarde, que também sonha em ser um grande jornalista. Ele é divertido, leal, otimista, aventureiro e corajoso. Gino acompanha Leo em suas investigações, e usa sua habilidade de fotografia, criatividade e bom humor para ajudar a resolver o mistério. Ele também se interessa por Ângela, a amiga de Leo, e tenta conquistá-la com seu charme e sua simpatia. Essa, por sua vez, que também é amiga de Leo, configura-se como uma jovem estudante de jornalismo, que também sonha em ser uma grande jornalista. Ela é bonita, inteligente, independente, determinada e honesta. Ângela une-se a Leo e Gino em suas investigações e usa sua habilidade de pesquisa, intuição e coragem para ajudar a resolver o mistério. Ela também se sente atraída por Gino, o amigo de Leo, mas não admite seus sentimentos por ele. Raul é o chefe de Leo e Gino e é o editor do jornal A Tarde. Ele é um jornalista experiente, respeitado e influente. Raul é sério, exigente, rigoroso, ético e justo. Apoia Leo e Gino em suas investigações, e vale-se de autoridade, competência e influência para ajudar a resolver o mistério. Ele também defende Leo e Gino das ameaças e das pressões que sofrem por parte dos criminosos e das autoridades. Por fim, Alberto é o antagonista da história. Ele é o assassino do homem no Hotel Emperor Park, que é um empresário rico, poderoso e corrupto. Ele é frio, cruel, ambicioso, dissimulado e implacável. Alberto mata o homem no Hotel Emperor Park, que era seu sócio, para ficar com todo o dinheiro de um negócio ilegal. O assassino tenta impedir Leo e seus amigos de descobrirem a verdade e usa de violência, astúcia e influência para tentar eliminá-los.

Os conflitos principais da obra podem ser divididos em externo e interno. O conflito externo diz respeito à luta de Leo e seus amigos contra Alberto e seus comparsas, que tentam impedi-los que descubram e revelem o mistério do assassinato no Hotel Emperor Park. Esse conflito envolve perseguições, tiroteios, sequestros, chantagens, entre outras situações de perigo e de tensão, que colocam em risco a vida e a integridade de Leo e seus amigos. O conflito interno consiste no dilema de Leo e seus amigos entre desistir ou continuar com as



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

investigações, diante das dificuldades e dos obstáculos que encontram. Esse conflito envolve medo, dúvida, angústia, culpa, entre outras emoções e sentimentos, que abalam a confiança e a determinação de Leo e seus amigos.

A mensagem subliminar da obra é a valorização da verdade, da justiça, da amizade e da coragem, que são os valores que orientam a conduta de Leo e seus amigos, e que os levam a enfrentar os perigos e a superar os desafios, para solucionar o mistério e denunciar o criminoso. Outro significado implícito é a crítica à corrupção, à violência, à desigualdade, à injustiça, à impunidade, à manipulação, à exploração, entre outras mazelas que afetam a sociedade brasileira, especialmente as metrópoles, e que são denunciadas por Leo e seus amigos, por meio de suas investigações e de suas reportagens.

Gincana da Morte foi publicado em 1979, e foi o sexto livro de Marcos Rey para a literatura infantojuvenil, integrando a Série Vaga-Lume. A história se passa na cidade de São Paulo e narra as aventuras de Beto, um jovem estudante do Colégio São Judas, que se envolve em uma gincana escolar, convertida em uma gincana da morte, quando um dos participantes é assassinado. Beto conta com a ajuda de seus amigos Caco, Lila e Magda, e de seu professor, Padre Bento, para desvendar o mistério e enfrentar os perigos que surgem pelo caminho.

A obra é narrada em primeira pessoa, com o ponto de vista de Beto, que conta a história como se fosse um diário. A linguagem é simples, coloquial e irônica, com diálogos ágeis, descrições precisas e comentários críticos. A estrutura é linear, na maior parte dos episódios, seguindo a ordem cronológica dos acontecimentos, contudo, há alguns *flashbacks* que explicam o passado dos personagens. O ritmo é acelerado, com cenas de ação, suspense, humor e reviravoltas, que mantêm o interesse e a curiosidade do leitor.

O tom que permeia a obra é o mistério, que envolve o assassinato de um dos participantes da gincana escolar, e a tentativa de Beto e seus amigos de descobrirem a



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

identidade e o motivo do criminoso. O tema é a crítica social, que aborda questões como a violência, a droga, o preconceito, a discriminação, a solidariedade, entre outras, que afetam a sociedade brasileira, especialmente a juventude.

Os personagens principais da obra são: Beto, Caco, Lila, Magda, Padre Bento, Zeca. Beto é o protagonista e o narrador da história, um jovem estudante do Colégio São Judas, que sonha em ser um escritor renomado e publicar seus livros. Ele é inteligente, curioso, corajoso, criativo e honesto e, por isso, envolve-se na gincana escolar e usa de habilidade de escrita, intuição e persistência para solucionar o mistério. Ele conta com a ajuda de seus amigos Caco, Lila e Magda, e de seu professor, Padre Bento, para enfrentar os perigos e as dificuldades que aparecem no seu caminho. Caco, que é o melhor amigo de Beto, é um jovem estudante do Colégio São Judas, que sonha em ser um médico e salvar vidas. Ele é divertido, leal, otimista, aventureiro e corajoso. Ele acompanha Beto na gincana escolar, e usa habilidade de raciocínio, criatividade e bom humor para ajudar a resolver o mistério. Ele também se interessa por Lila, a amiga de Beto, e tenta conquistá-la com seu charme e sua simpatia. Lila, a amiga de Beto, é uma jovem estudante do Colégio São Judas, que sonha em ser uma artista plástica e expor seus quadros. Ela é bonita, inteligente, independente, determinada e honesta e, portanto, une-se a Beto e Caco na gincana escolar e usa de sua habilidade de desenho, intuição e coragem para ajudar a resolver o mistério. Ela também se sente atraída por Caco, o amigo de Beto, mas não admite seus sentimentos por ele. Magda, que é a amiga de Beto, caracteriza-se como uma jovem estudante do Colégio São Judas, que sonha em ser uma jornalista, que trabalha para denunciar as injustiças. Ela é inteligente, curiosa, corajosa, idealista e honesta e, assim, une-se a Beto e seus amigos na gincana escolar e vale-se de sua habilidade de pesquisa, intuição e persistência para ajudar a resolver o mistério. Ela também se interessa por Beto, o protagonista da história, mas não revela seus sentimentos por ele. Padre Bento, que é o professor de Beto e seus amigos, consiste no



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

orientador religioso do Colégio São Judas. Por ser descrito como um padre simpático, bondoso, sábio e justo, apoia Beto e seus amigos na gincana escolar e vale-se de sua autoridade, competência e fé para ajudar a resolver o mistério. Ele também defende Beto e seus amigos das ameaças e das pressões que sofrem por parte dos criminosos e das autoridades. Por sua vez, Zeca é o antagonista da história, o assassino de um dos participantes da gincana escolar. Zeca é um jovem estudante do Colégio São Judas, que faz parte da turma rival de Beto e seus amigos. Ele é frio, cruel, ambicioso, dissimulado e implacável e, portanto, mata um dos participantes da gincana escolar que era seu amigo para ficar com o prêmio da gincana, isto é, uma viagem para a Europa. Zeca tenta impedir Beto e seus amigos de descobrirem a verdade e, para isso, usa de violência, astúcia e influência para tentar eliminá-los.

Os conflitos principais da obra podem ser divididos em externo e interno. O conflito externo diz respeito à luta de Beto e seus amigos contra Zeca e seus comparsas, que tentam impedir que eles descubram e revelem o mistério do assassinato na gincana escolar. Esse conflito envolve perseguições, tiroteios, sequestros, chantagens, entre outras situações de perigo e de tensão, que colocam em risco a vida e a integridade de Beto e seus amigos. O conflito interno pode ser entendido como o dilema de Beto e seus amigos entre desistir ou continuar com as investigações, diante das dificuldades e dos obstáculos que encontram. Esse conflito envolve medo, dúvida, angústia, culpa, entre outras emoções e sentimentos, que abalam a confiança e a determinação de Beto e seus amigos.

Uma das mensagens subliminares da obra é a valorização da verdade, da justiça, da amizade e da coragem, que são os valores que orientam a conduta de Beto e seus amigos, e que os levam a enfrentar os perigos e a superar os desafios, para solucionar o mistério e denunciar o criminoso. Outra mensagem implícita é a crítica à violência, à droga, ao preconceito, à discriminação, à solidariedade, entre outras questões que afetam a sociedade



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

brasileira, especialmente a juventude.

A comparação das obras *O Mistério do Cinco Estrelas* e *Gincana da Morte*

Neste capítulo, serão comparadas as obras *O Mistério do Cinco Estrelas* e *Gincana da Morte*, de Marcos Rey, publicadas na Série Vaga-Lume, verificando as semelhanças e as diferenças entre elas, e relacionando-as com o contexto histórico, social e cultural em que foram produzidas e em que se passam as histórias.

As semelhanças entre as obras consistem no fato de que ambos os textos são narrativas de mistério e suspense, que envolvem casos de assassinato e que mantêm o leitor interessado e curioso até o final. Além disso, ambas narrativas têm como protagonistas jovens estudantes, que sonham em ser jornalistas e que usam suas habilidades, intuição e coragem para solucionar os mistérios. As duas obras trazem como cenário a cidade de São Paulo, que é retratada com riqueza de detalhes, mostrando seus bairros, ruas, monumentos, costumes, cultura e diversidade. As duas produções literárias implícitas significados como a crítica social, que aborda questões como a violência, a corrupção, a desigualdade, a injustiça, a impunidade, a manipulação, a exploração, entre outras, que afetam a sociedade brasileira, especialmente a cidade de São Paulo. Por fim, os dois livros em tela trazem a mensagem subliminar da valorização da verdade, justiça, amizade e coragem que são os valores que orientam a conduta dos protagonistas e seus amigos e que os levam a enfrentar os perigos e a superar os desafios, para solucionar os mistérios e denunciar os criminosos.

As diferenças entre as obras consistem no fato de que *O Mistério do Cinco Estrelas* é narrado em terceira pessoa, com um narrador onisciente, que sabe tudo sobre os personagens, os fatos e os pensamentos. *Gincana da Morte* é narrado em primeira pessoa, com o ponto de vista de Beto, que conta a história como se fosse um diário. Ainda, *O*



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Mistério do Cinco Estrelas tem como cenário principal o Hotel Emperor Park, um dos mais luxuosos da cidade, onde ocorre o assassinato. *Gincana da Morte* tem como cenário principal o Colégio São Judas, onde ocorre a gincana escolar, que se transforma em uma gincana da morte. O *Mistério do Cinco Estrelas* tem como antagonista Alberto, um empresário rico, poderoso e corrupto, que mata seu sócio para ficar com todo o dinheiro de um negócio ilegal. *Gincana da Morte* tem como antagonista Zeca, um estudante do Colégio São Judas, que faz parte da turma rival de Beto e seus amigos, e que mata seu amigo para ficar com o prêmio da gincana, ou seja, uma viagem à Europa. Por fim, *O Mistério do Cinco Estrelas* foi publicado em 1970, e reflete o contexto histórico, social e cultural da época, marcado pela ditadura militar, pela censura, pela repressão, pela resistência, pela luta pela democracia, entre outros aspectos. *Gincana da Morte* foi publicado em 1979, e reflete o contexto histórico, social e cultural da época, marcado pela abertura política, pela anistia, pela redemocratização, pela mobilização social, pela crise econômica, entre outros aspectos.

A relação entre o contexto histórico, social e cultural onde foram produzidas e se passam as histórias em pauta demonstram que as obras de Marcos Rey são influenciadas pelos lugares e tempos nos quais o escritor viveu e escreveu. Justamente em razão de Rey configurar um escritor engajado, que buscava retratar a realidade brasileira, bem como os problemas sociais, os valores morais, as relações familiares e afetivas, e as questões da adolescência, de forma crítica, criativa e surpreendente.

As obras de Marcos Rey também influenciam o contexto histórico, social e cultural em que elas são lidas e apreciadas, pois elas despertam o interesse pela leitura desde a infância, por meio de narrativas envolventes, criativas e contextualizadas, e auxiliam na formação de leitores críticos e conscientes, que são capazes de refletir sobre a realidade brasileira com suas mazelas e desafios.

A qualidade das obras *O Mistério do Cinco Estrelas* e *Gincana da Morte* pode ser



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

avaliada pela forma como elas utilizam os elementos narrativos, como a linguagem, a estrutura, o ritmo, o narrador, os personagens, os temas, os conflitos e as mensagens, para criar histórias envolventes, criativas e surpreendentes, que despertam o interesse, a curiosidade, a imaginação e a identificação dos leitores. As produções de Marcos Rey destacam-se pela qualidade da sua narrativa, que embora traga uma linguagem simples e coloquial, trabalha a ironia e elabora diálogos ágeis, descrições precisas e comentários críticos. Além disso, embora siga, quase sempre, uma temporalidade linear, traz alguns *flashbacks* os quais mantêm um vínculo entre passado distante e próximo bem entrosados. A cronotopia das obras mantém um ritmo acelerado, com cenas de ação, suspense, humor e reviravoltas. Tudo isso por meio de um narrador onisciente, que sabe tudo sobre os personagens, os fatos e os pensamentos. Ainda, na figura de um narrador testemunha, que relata os fatos na vigência de personagens jovens, inteligentes, curiosos, corajosos, solidários e honestos, que se envolvem em situações perigosas, divertidas e emocionantes.

A relevância das obras pode ser medida pelo impacto que elas causam na sociedade, na cultura, na história e na literatura, pela forma como elas retratam, denunciam, questionam, transformam e influenciam a realidade em que são produzidas e nas quais se passam as histórias. Ainda, pela forma como elas dialogam, interagem, colaboram e contribuem com outras obras, autores, gêneros e movimentos literários.

A originalidade das obras pode ser medida pela inovação, experimentação, intertextualidade, interdisciplinaridade e interculturalidade que apresentam. Além disso, pela forma como criam, combinam, adaptam, reinventam e diversificam os elementos narrativos, ou seja, a linguagem, a estrutura, o ritmo, o narrador, os personagens, os temas, os conflitos e as mensagens. Como resultado há histórias envolventes, criativas e surpreendentes, que despertam o interesse, a curiosidade, a imaginação e a identificação dos leitores.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

As contribuições das obras para a literatura infantojuvenil brasileira e para a educação dos leitores

As narrativas de Marcos Rey contribuem para a literatura infantojuvenil brasileira, pois inauguram, consolidam e renovam esse gênero literário, que se caracteriza por se dirigir ao público de crianças e adolescentes, e por apresentar elementos que despertam o interesse, a curiosidade, a imaginação e a identificação desses leitores. Destacam-se, ainda, por sua qualidade, relevância, originalidade e atualidade ao criarem histórias envolventes e surpreendentes, que misturam mistério, suspense, humor, aventura e crítica social.

É importante frisar que as produções de Rey contribuem para a educação dos leitores, pois despertam o interesse pela leitura desde a infância, por meio de narrativas intrigantes, criativas e contextualizadas, e auxiliam na formação de leitores críticos e conscientes, que são capazes de refletir sobre a realidade brasileira, os problemas sociais, os valores morais, as relações familiares e afetivas, as aventuras e os desafios da adolescência.

Considerações finais

A literatura infantojuvenil é um gênero literário que se dirige ao público de crianças e adolescentes, e que apresenta elementos que despertam o interesse, a curiosidade, a imaginação e a identificação desses leitores, como a aventura, o mistério, o humor, a fantasia, a crítica social, entre outros.

Marcos Rey é um dos principais autores da literatura infantojuvenil brasileira e da Série Vaga-Lume, que se destaca por escrever livros de qualidade, relevância, originalidade e atualidade temática. Suas obras geram histórias envolventes, criativas e surpreendentes, que misturam mistério, suspense, humor, aventura e crítica social, as quais abordam temas



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

variados, mas sempre relacionados à realidade brasileira, aos problemas sociais, aos valores morais, às relações familiares e afetivas e a questões da adolescência. Além disso, implicam mensagens de valorização da verdade, justiça, amizade e coragem e de crítica à violência, à corrupção, à desigualdade, à injustiça, à impunidade, à manipulação, à exploração, entre outras.

O Mistério do Cinco Estrelas e *Gincana da Morte* são duas obras de Marcos Rey que publicadas na Série Vaga-Lume exemplificam a sua narrativa. Ambas as narrativas têm como protagonistas jovens estudantes, que sonham em ser jornalistas, e que usam habilidades e coragem para solucionarem casos de assassinato. O cenário é a cidade de São Paulo a qual é retratada com riqueza de detalhes. O tema subliminar consiste na crítica social, abordando questões que afetam a sociedade brasileira, ainda, explicita a mensagem importante de se empenhar pela verdade, justiça, amizade e coragem. Por fim, as produções literárias em pauta relacionam-se ao contexto histórico, social e cultural nas quais foram produzidas e onde ocorrem as histórias.

As obras de Marcos Rey contribuem para a literatura infantojuvenil brasileira, pois elas inauguram, consolidam e renovam esse gênero literário, que se caracteriza por se dirigir ao público de crianças e adolescentes, e por apresentar elementos que despertam o interesse, desses leitores. As produções de Marcos Rey também contribuem para a educação dos leitores, pois elas despertam o interesse pela leitura desde a infância, por meio de narrativas envolventes, criativas e contextualizadas, e auxiliam na formação de leitores críticos e conscientes.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara.1981. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v4n6/07.pdf> . Acesso

- 91 -

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica Estudos Linguísticos e Literários – SÓLETRAS, ano 14, n. 1, Fev., 2024, ISSN 18089216



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

em: 27 dez. 2022.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf Acesso em: 25 jan. 2023.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CRUVINEL, Larissa Warzocha Fernandes. Narrativas juvenis brasileiras: em busca da especificidade do gênero. 2009. 188 f. Tese (Doutorado em Educação). Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, 2009. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tedeserver/api/core/bitstreams/4a23089e-dbc2-4b0a-bf22-0926afa87066/content>. Acesso em: 27 dez 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

REY, Marcos. **O Mistério do Cinco Estrelas**. Coleção Vaga-Lume. 2. ed. São Paulo: Ática, 1981.

REY, Marcos. **Gincana da Morte**. Coleção Vaga-Lume. São Paulo: Ática, 1997.

SÃO PAULO, Prefeitura Municipal de. Biografia do Patrono Marco Rey. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/marcosrey/index.php?p=5376 . Acesso em 20 jan. 2024.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2000.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE LITERATURA ERÓTICA E PORNOGRÁFICA NA EDUCAÇÃO

Stefani da Silva Furlan dos Santos (G-CLCA-UENP/CJ)
Ricardo André Ferreira Martins (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: O objetivo do presente trabalho é analisar e identificar elementos presentes na literatura erótica e pornográfica, com ênfase na sua relação com a educação. O projeto propõe-se a demonstrar como estamos imersos em um universo predominantemente erótico, mesmo que muitas vezes finjamos não perceber, e questionar a capacidade do ser humano em lidar com tais informações. O erotismo se faz presente em diversas obras literárias, assim como em várias músicas nacionais e internacionais. A intenção do projeto é discutir a viabilidade de abordar textos dessa natureza em sala de aula, respeitando as diretrizes educacionais. Para uma compreensão mais aprofundada dessa temática, serão analisadas obras que instiguem reflexões sobre o conteúdo erótico. Como exemplo, utilizaremos *O Caderno Rosa de Lori Lamby* (1990), uma obra considerada totalmente pornográfica, erótica e obscena, com traços marcantes de pedofilia apresentados de maneira sutil. Além disso, basearemos nossa análise nas reflexões apresentadas no livro *Erotismo e Literatura: O Efeito Obsceno* (2021). Ao final, essas análises serão utilizadas para esclarecer pensamentos sobre a abordagem do erotismo e da pornografia, buscando principalmente compreender como esses temas podem ser trabalhados de maneira adequada na formação dos leitores.

Palavras-chave: Literatura. Erotismo. Diretrizes. Educação.

Introdução

O termo erotismo faz referência ao deus Eros da mitologia grega, que simboliza o amor e a sexualidade, filho de Afrodite e Ares em uma versão do mito, de Afrodite e Zeus em outra versão e de Afrodite e Hermes em outra. Eros, na mitologia, é um cupido muito astuto, tão lindo que sua esposa não conseguia ver seu rosto.

Eros é o deus da paixão, do amor e do erotismo. Os gregos usavam a palavra Eros para se referir à paixão aplicada ao amor e ao desejo sexual, por isso essa palavra faz



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

referência ao deus do desejo sexual (Rodrigues, 2020). Já no português, o termo erotismo denota simultaneamente tudo o que se relaciona com a sexualidade, no que diz respeito ao mero ato sexual de desenvolvimento casual, como explica a psicóloga Tatiana Presser, em uma entrevista ao “Em Família”, no programa exibido no dia dezenove de dezembro de dois mil e dezessete:

O erotismo é uma manifestação da sexualidade, cujas características variam segundo a sociedade que se tome como modelo. Embora definido num primeiro instante como “paixão de amor”, é necessário salientar o seu caráter revalorizado das formas próprias da sexualidade, tanto na vida pessoal e social como nas manifestações culturais (Erotismo, 2017).

O erotismo costuma vir associado à libido, já que trata de tudo que provém da região da libido, que não se dissocia do sexo nem do amor. Porém, existem oposições entre o amor erótico e o amor do romantismo, por conta disso, deduzimos que qualquer menção a erotismo sempre se refere ao desejo sexual e sensual. E é por isso que podemos encontrar esses termos e gestos na religião, na educação e, principalmente, na literatura (Thynus, 2013).

No Catolicismo (Thynus, 2013), por exemplo, encontramos nos textos de São João da Cruz a sexualidade e o prazer atribuído às divindades. Ao observarmos as esculturas de caráter religioso, notamos versões com traços sensuais espalhados mundo Afora; sem deixar de ressaltar o Hinduísmo, com o livro do Kama sutra que é claramente a sublimação da sexualidade. No que diz respeito à literatura, o erotismo tem como um dos seus principais precursores o Marquês de Sade, que foi condenado por desenvolver em público “atos de libertinagem” e por complementar seus interesses sexuais com reações violentas. Mas, para não exaltarmos somente Sade, temos vários outros escritores que se libertaram do moralismo e entregaram obras de teor obsceno, como *Lolita* (1955) de Vladimir Nabokov e *A Casa dos*



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Budas Ditosos (1999) de João Ubaldo Ribeiro.

A literatura erótica pode ser encontrada em vários livros explícitos ou até mesmo de forma implícita, e cada leitura proporciona releituras com diversos elementos e interpretações. Ler é um desafio e as leituras feitas no nosso dia a dia são as mais diversas, todas têm o objetivo de satisfazer a curiosidade do leitor sobre o assunto lido fazendo-o fantasiar, buscar e confirmar todo o assunto.

Do ponto de vista literário, existem subgêneros de romance erótico onde a sensualidade e o amor se cruzam. O “romance erótico” é uma mistura do romance com o erotismo e é caracterizado por um conteúdo sexualmente mais explícito que inclui posições ou atos incomuns para o gênero literário do romance. Apesar disso, o “romance erótico” não pode ser confundido com pornografia.

A pornografia está distante do amor, diferentemente do erotismo, uma vez que as cenas pornográficas (tanto livro como em filmes) não expressam sentimentos amorosos, apenas prazer carnal. Em sua definição, ela é explicada como “devassidão sexual”, “obscenidade”, “indecência”, o que a torna imoral: “‘Pornografia’ vem do Grego PORNOGRAPHOS, ‘aquele que escreve sobre prostitutas’. Forma-se por PORNE, ‘prostituta’, originalmente ‘comprada, trocada’, de PERNANAI, ‘vender’, mais GRAPHEIN, ‘escrever’” (Pornografia, 2013; Rodrigues, 2020).

Existe, em especial, um tipo de pornô literário que consiste em uma vertente de sexo literário. Entretanto, importa ressaltar que nem todo texto que fale de sexo é pornografia ou erótico. O que diferencia a literatura erótica da pornográfica é o linguajar, se for muito explícito é pornografia, caso contrário, é erótica. A pornografia é *hardcore*, enquanto a erótica, *softcore* (Erotismo, 2016; Erotismo, 2017; Rodrigues, 2020).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Literatura e sexualidade na história

A fim de analisarmos a moral e a cultura nas variadas formas de classificação das obras se faz necessário delimitar os campos em que essas influências acontecem. Existem muitos de equívocos no tratamento de literatura, erotismo e pornografia, com base teórica em estudos sobre língua, linguística, literatura e ensino.

A literatura em geral tem o potencial de afetar positivamente o desenvolvimento cognitivo e emocional das pessoas, independentemente da idade. Ela auxilia no desenvolvimento da linguagem, pois a leitura de obras literárias ajuda a expandir o vocabulário, aprimorar a gramática e melhorar a habilidade de expressão escrita e verbal.

Fruto de uma colonização histórica, ideológica, cultural e política que persiste de maneira dominante, na Educação Básica, o processo dessa prática escolarizada ocorre principalmente por meio da leitura que, segundo Certeau (1994, p. 264), significa “peregrinar por um sistema imposto”, em outras palavras, um sistema dominante que exerce poder e controle.

No entanto, como Certeau afirma (1994, p. 267), “a criatividade do leitor vai crescendo à medida que vai decrescendo a instituição que o controlava”, ou seja, a formação crítica do sujeito-leitor no espaço escolar praticamente não existe. Por outro lado, ainda que, em casos como o da literatura erótica, a prática seja reconhecida como entretenimento, embora frequentemente considerada inferior em comparação a outras formas literárias, Maingueneau ressalta que “[o] estudo da literatura pornográfica não se faz sem dificuldades, [...] o próprio termo designa uma realidade sobre a qual todos pensam não haver mistério” (2010, p. 7).

A “sexualidade” se torna um genuíno problema filosófico, frequentemente associado a uma conotação pejorativa e desqualificadora. Todavia, o termo “erótico” é



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

vinculado a um grau mais elevado de civilização e aceitação em comparação ao pornográfico. Assim é que, a partir dessa distinção de valores atribuídos, ambos são frequentemente colocados em oposição, de modo que a valorização de um deles muitas vezes leva à condenação do outro.

Na Antiguidade, especificamente em algumas sociedades da Grécia Antiga, a representação dos órgãos sexuais não era considerada obscena como é para os padrões culturais contemporâneos. Em várias obras de arte, como nas decorações de cerâmicas gregas, era comum encontrar representações de homens e mulheres em banhos, brincadeiras e até mesmo em atividades sexuais, refletindo uma aceitação mais aberta da nudez e da sexualidade.

E como podemos perceber, o sexo foi tratado como tabu e embutido de vários tipos de preconceitos principalmente inculcados na sociedade através do domínio da Igreja Católica na Idade Média. Em nossos dias e em várias sociedades, palavras como “erótico” e “pornográfico” ainda carregam em si um resquício dos dogmas que nos foram ensinados há séculos e culturalmente transmitidos de geração em geração. Nesse sentido, Georges Bataille salienta:

Falei da situação cristã a partir do erotismo sagrado, da orgia. Ao falar do cristianismo, tive, enfim, de evocar uma situação extrema, onde o erotismo, transformado em pecado, sobrevive com dificuldade à liberdade de um mundo que não conhece mais o pecado (Bataille, 2020, p. 85).

Essa questão, bastante sensível, é amplamente debatida em contextos internacionais em busca de um diálogo apropriado desde a fase inicial da educação. No Brasil, devido a regulamentos legais relacionados ao projeto “Infância sem Pornografia” e a normas sobre maioridade penal, que visam garantir o respeito aos serviços públicos para crianças, adolescentes e indivíduos em desenvolvimento, além daqueles em condições psicológicas

- 97 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

especialmente frágeis, a abordagem direta desse tema é bastante dificultada.

Contudo, restrições nesse sentido impossibilitam, na prática, a leitura de textos que abordam abertamente temas como amor, desejo e prazer, tendo em vista a relevância e o tumulto sociais gerados, ou dificultam o desenvolvimento da capacidade dos indivíduos de analisar de maneira crítica essas expressões presentes na literatura.

A exposição a uma variedade de estilos literários e gêneros contribui significativamente para o desenvolvimento da capacidade de compreensão e interpretação de textos, ao mesmo tempo que estimula a imaginação e a criatividade. A literatura proporciona um ambiente propício para a expansão da imaginação, sendo através da leitura que os indivíduos são levados a outros universos, encontrando personagens cativantes e explorando diversas realidades.

Estimulando a criatividade e promovendo o pensamento imaginativo, a diversidade literária também propicia o desenvolvimento da empatia. Ao se identificar com personagens e vivenciar suas experiências através da leitura, os leitores cultivam uma compreensão mais profunda dos sentimentos alheios, aprimorando sua habilidade de se colocar no lugar de outras pessoas.

O universo literário, o erótico, as crianças e a formação do leitor

A necessidade de proteger as crianças contra conteúdo erótico ou sexual, conforme apontam Martins, Ribeiro e Zucchi, na obra *Erotismo e Literatura* (2021), decorre de várias razões fundamentais, principalmente devido ao fato de que as crianças estão em pleno processo de desenvolvimento emocional e cognitivo, de modo que elas não possuem a capacidade emocional ou cognitiva necessária para compreender e lidar de maneira saudável com informações ou imagens de natureza sexualmente explícita.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Ainda segundo os mencionados autores, muitos valorizam a preservação da inocência na infância, o que implica proporcionar às crianças um ambiente onde não sintam a necessidade de lidar com temas adultos, como o sexo, até atingirem a maturidade emocional adequada. No entanto, é essencial abordar esse tópico de maneira educativa para prevenir situações indesejadas.

Com base no mais recente documento norteador da educação básica no Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que tem caráter normativo e estabelece o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem adquirir ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, notamos três competências fundamentais destacadas, especialmente no contexto da reforma curricular brasileira, com ênfase no ensino médio:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

[...]

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

[...]

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (Brasil, 2018, p. 9-10)

As competências da BNCC, quando integradas ao Projeto Político Pedagógico de cada escola e considerando seus aspectos locais, respaldam um modelo de ensino de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

literatura baseado na perspectiva dialógica. Esse modelo é estruturado em torno dos eixos delineados por Rildo Cosson (2009), que abrangem a sequência de leitura, produção textual, oralidade e análise linguística. Essa abordagem visa não apenas fortalecer as habilidades acadêmicas dos estudantes, mas também promover a interação crítica e significativa com as obras literárias, conectando-as ao contexto e às vivências locais.

O modelo estruturado em torno dos eixos delineados por Cosson (2009) refere-se a uma abordagem pedagógica integrada para o ensino de língua portuguesa, especialmente no que diz respeito ao ensino de literatura. Esses eixos, que compõem a sequência didática proposta por Cosson, são:

1. Leitura: Envolve a compreensão e interpretação de textos literários, explorando diferentes estratégias de leitura, análise de elementos narrativos, personagens, contexto histórico e cultural, entre outros.
2. Produção Textual: Foca no desenvolvimento das habilidades de expressão escrita dos alunos, incentivando a produção de textos literários, resenhas, ensaios, e outros gêneros, permitindo que os estudantes expressem suas próprias ideias e interpretações.
3. Oralidade: Destaca a importância da expressão oral, incluindo atividades como debates, discussões em grupo, apresentações orais e recitativos. A oralidade é valorizada como uma forma de aprimorar a compreensão e expressão de conceitos literários.
4. Análise Linguística: Envolve estudos sobre os aspectos linguísticos presentes nos textos literários, como gramática, sintaxe, semântica, entre outros. A análise linguística contribui para a compreensão mais profunda das obras literárias. (Cosson, 2009, p. 12).

Essa sequência didática proposta por Cosson busca integrar de forma coesa e interativa as diversas habilidades linguísticas e literárias dos alunos, proporcionando uma abordagem mais abrangente e significativa para o ensino de literatura.

Para que desse modo, o estudo do texto literário possa recuperar as formas instituídas da construção do imaginário, da criativa e livre leitura literária, mas sem se perder



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

na superficialidade do texto, ou seja, cria-se uma ligação de “funcionalidade dos elementos constitutivos da obra e sua relação com seu contexto de criação” (Brasil, 1997, p. 71 *apud* Fritzen, 2018, p. 99).

Trata-se de uma abordagem educacional centrada na literatura, cujo propósito não se limita ao desenvolvimento de uma historiografia, mas busca criar propostas que conectem a recepção e a produção literárias às formas culturais da sociedade. Para enriquecer as abordagens de leitura, o estudo da literatura deve possibilitar uma transição gradual de uma leitura esporádica de títulos específicos de um determinado gênero, época ou autor.

Segundo as diretrizes do Ministério da Educação (MEC), o desenvolvimento da leitura deve progredir de uma abordagem mais extensiva, permitindo que os alunos estabeleçam conexões mais profundas entre o texto em questão e outras obras, construindo referências sobre o funcionamento da literatura e suas relações com o conjunto cultural.

Entretanto, o desenvolvimento do letramento crítico e literário fundamenta-se na progressão do sujeito-leitor por meio da conexão com obras cujas categorias de discurso foram suprimidas ou negligenciadas ao longo da história do poder político na educação, ou mesmo pelo cânone brasileiro. Segundo a visão de Cosson (2009) sobre a relevância da literatura na formação, devido ao seu caráter humanizador e crítico nos processos de sequência básica, esse desenvolvimento ocorre em quatro momentos distintos que são: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Com base nessa premissa do consumo, é imperativo cultivar o hábito e a prática da leitura crítica e reflexiva, ao mesmo tempo em que se promove o senso de pesquisa em relação aos temas pertinentes à história da literatura. Além disso, é essencial proporcionar ao estudante uma visão dialógica das obras literárias, orientando-o na compreensão do texto dentro do contexto histórico em que foi concebido e está sendo interpretado.

Procedimentalmente, tornar o leitor um agente ativo que molda e constrói o



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

significado do texto durante a leitura é fundamental. Portanto, abordar diversas questões no decorrer do processo que antecede, permeia e sucede a leitura é crucial. Isso inclui considerações sobre a categoria literária, o contexto histórico, as temáticas abordadas, as expectativas do leitor e as possíveis intenções do autor.

Ao discutir esses elementos, busca-se criar uma abordagem associativa que confere significado à leitura. Para alcançar esse propósito, uma estratégia eficaz é desenvolver perguntas de maneira colaborativa, além de compartilhar questionamentos orientadores que sirvam como guias ao longo do processo de leitura. Isso proporciona uma abordagem mais participativa e enriquecedora, promovendo uma compreensão mais profunda e significativa da obra.

Neste momento, é crucial a construção de significados por meio da leitura, através do processo de inferência que se estabelece entre o leitor, o texto e o contexto. Como é sabido, a leitura, especialmente a literária, transcende as simples palavras impressas. É essencial compreender que uma abordagem renovada à leitura literária possibilita a criação de um novo sujeito-leitor crítico, com habilidades suficientes para analisar, construir e resolver desafios tanto do passado quanto do presente.

Para atingir esse objetivo, propõe-se a realização de uma roda de conversas, seguida pela elaboração de um texto-memória que reflita as ideias prévias e as novas descobertas acerca do romance. A partilha autoral não apenas facilita, mas também imprime uma dimensão humanizada e afetiva à experiência da leitura literária, destacando sua importância neste momento de interpretação e compreensão textual.

Vale ressaltar que a preservação das crianças em relação a conteúdos eróticos não implica em tornar a sexualidade um tema completamente proibido. Pelo contrário, é fundamental educar as crianças de acordo com sua idade, respondendo de maneira apropriada às suas perguntas à medida que surgem. Fornecer informações precisas e



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

promover um ambiente aberto e saudável para a discussão sobre sexualidade é crucial para seu crescimento e desenvolvimento.

A autora e seu livro

Autora Hilda Hilst e sua intenção

Hilda Hilst foi uma escritora brasileira versátil, atuando como ficcionista, cronista, dramaturga e poeta, e é amplamente reconhecida pela crítica especializada como uma das maiores escritoras de língua portuguesa do século XX. Ela deu início à sua carreira literária em São Paulo com o livro de poemas *Presságio* (1950).

Nascida em Jaú, no estado de São Paulo, em 1930, faleceu em Campinas, também em São Paulo, em 2004. Hilda Hilst é conhecida por sua produção literária inovadora e provocadora, explorando temas como erotismo, espiritualidade, filosofia e o absurdo da existência humana.

Em 1965, Hilda Hilst se mudou para Campinas, onde começou a construir a Casa do Sol, destinada a se tornar um refúgio seguro para sua criação literária. Foi na Casa do Sol que Hilda dedicou-se exclusivamente ao trabalho literário, em 1967, estreou como dramaturga e, em 1970, na ficção, com *Fluxo-floema* (1970).

Hilda Hilst foi uma autora pioneira, conhecida por sua linguagem inovadora e abrangente. Ela produziu mais de quarenta títulos abrangendo poesia, teatro e ficção ao longo de quase 50 anos de carreira, recebendo importantes prêmios literários no Brasil. Ela explorava a fusão entre atemporalidade, realidade e imaginário buscando compreensão e essência. Hilda Hilst ininterruptamente retratou a frágil e surpreendente condição humana.

Sua obra abrange diversos gêneros literários, incluindo poesia, prosa, teatro e



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

ensaios. Alguns de seus trabalhos mais conhecidos incluem os romances *A Obscena Senhora D* (1982) e *Cantares de Perda e Predileção* (1983). Muitas de suas obras abordam temas considerados tabus em sua época e na atualidade desafiando convenções sociais e literárias.

Muitos dos livros de Hilda Hilst tiveram suas edições originais esgotadas. A partir dos anos 2000, a Globo Livros reeditou sua obra completa e, em 2016, os direitos de publicação foram transferidos para a Companhia das Letras. A obra de Hilda Hilst já foi traduzida para diversos idiomas, incluindo italiano, francês, português, alemão, inglês e espanhol.

A obra de Hilda Hilst está inserida em um momento de rupturas literárias, com autores que desafiavam as estruturas tradicionais e buscavam abordar temas considerados tabus ou marginalizados. Hilst foi uma das pioneiras a explorar a sexualidade feminina e as experiências sexuais de forma franca e direta em sua escrita.

Seu estilo literário é marcado pela experimentação, com uma linguagem provocativa, intensa e, às vezes, poética. Ela questionava as convenções sociais, as normas morais e os padrões estabelecidos, desafiando o leitor a refletir sobre o papel da sexualidade e da liberdade individual.

Hilda Hilst é considerada uma das grandes escritoras brasileiras do século XX e sua obra tem influenciado gerações de escritores e leitores. Sua escrita ousada e subversiva ajudou a ampliar os horizontes literários no Brasil, abrindo espaço para a discussão de temas considerados tabus e provocando reflexões sobre a sexualidade, o poder e a liberdade individual.

No contexto literário brasileiro, Hilda Hilst ocupa um lugar importante como uma autora que desafiou as convenções e ampliou os limites da literatura, explorando temáticas controversas e provocativas. Sua escrita intensa e irreverente continua a ser objeto de estudo e análise crítica, contribuindo para a diversidade e a riqueza do panorama literário brasileiro.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Transgressora, proibida e importuna, a literatura erótica e pornográfica se caracteriza essencialmente por abordar aquilo que ainda hoje não costumamos falar abertamente: a sexualidade. Assim sendo, sabemos que a sexualidade também é um assunto de interesse da linguagem

Em *O Caderno Rosa de Lori Lamby* (1990), Hilda Hilst narra a história de uma criança de apenas oito anos, envolvida no mundo da prostituição. Lori domina a situação, ela negocia, reconhece o valor do dinheiro, a sua posição e ainda assume sentir prazer nas relações sexuais com homens mais velhos.

A naturalidade com que Lori relata os atos sexuais, propícia à polêmica, ao passo que é revolucionário, torna glorioso o poder lascivo de excitar o leitor com fantasias insensíveis que o incomoda e o surpreende; certamente esse seja o âmago da obra para ser tão polêmica.

Maingueneau (2010, p. 15) argumenta que “a literatura pornográfica está destinada à proibição”, e é considerando essa premissa e observando como a literatura erótica muitas vezes provoca repugnância que surge o desejo de consumir o que é proibido. Nesse contexto, *O Caderno Rosa de Lori Lamby* (1990) destaca-se como uma das obras mais controversas de Hilda Hilst, abordando a narrativa de uma criança de apenas oito anos que relata em seu diário suas experiências sexuais. A obra utiliza uma linguagem infantil, apesar de não ser destinada ao público infantil.

Em 1993, durante uma entrevista, Hussein Rimi questionou Hilda Hilst se a publicação de livros pornográficos seria apenas uma estratégia de marketing. A autora destacou: “[...] é claro que sim porque eu penso assim: é um absurdo você fazer obras-primas como eu faço e guardar tudo na gaveta, esperando que daqui a cinquenta anos as pessoas falem de você. O escritor, acima de tudo, quer ser lido.” (Diniz, 2013, p. 139). Sentindo-se cansada de não ser lida e compreendida de acordo com as demandas da indústria cultural, ela



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

decide, então, escrever obras mais provocativas e transgressoras.

Foi apenas nos anos 1990 que Hilda Hilst ganhou uma proeminência maior na imprensa, impulsionada pela publicação de *O Caderno Rosa de Lori Lamby* (1990), que marcou o início da fase mais obscena da autora. Sua linguagem complexa, pensamento intrincado e autenticidade sempre foram alvos de críticas, conforme a própria autora ressalta em uma entrevista: “a dificuldade de se comunicar é muito grande. Eu sou editada, mas não lida. Meus poemas são citados, mas ninguém os compra” (Diniz, 2013, p. 42).

Em 1990, Massao Ohno lançou *O Caderno Rosa de Lori Lamby* (1990), mesmo que o editor não o considerasse uma obra literária de alta qualidade. Em uma entrevista com Hussein Rimi, ao ser indagada sobre como era ser rotulada como uma escritora pornô, Hilda Hilst comentou: “Acho isso bastante curioso e, ao mesmo tempo, surpreendente. Eu era como uma espécie de KGB literária, que ninguém lia, e agora, segundo o Jornal da Tarde, passei a ser considerada uma das malditas de todos os tempos.” (Diniz, 2013, p. 140).

Hilst observou também que, assim como suas outras obras, foram impressos poucos exemplares, mas, para sua surpresa, desta vez os exemplares se esgotaram rapidamente, algo que não ocorrera antes.

Durante uma entrevista à TV Cultura, por ocasião do lançamento de *O Caderno Rosa de Lori Lamby* (1990), Hilda Hilst afirmou que o livro não era apenas uma obra, mas sim um ato de rebeldia, uma forma de desafiar o mercado editorial.

Na entrevista para os Cadernos de Literatura Brasileira, quando indagada sobre os aspectos autobiográficos de *O Caderno Rosa*, Hilda Hilst enfatizou: “É claro. Só que eu nunca tive um editor como o Lui.” (Diniz, 2013, p. 199). Ao longo de sua vida, a escritora dedicou a maior parte de seus esforços à espera do reconhecimento, da publicação e da leitura, porém, suas obras frequentemente eram tratadas com indiferença.

Além disso, ao ser indagada por Hussein Rimi (Diniz, 2013, p. 144) sobre a



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

distinção entre pornografia e erotismo, Hilda Hilst afirmou que “é uma questão de perspectiva”, pois é por meio do olhar que se pode discernir se algo é pornográfico ou não. Ela destacou que a pornografia instiga o voyeurismo, conforme mencionado anteriormente. Afinal, há indivíduos que encontram excitação ao ler *O Caderno Rosa*, enquanto outros consideram a obra extremamente absurda e repugnante.

Segundo a própria autora, abordar temas obscenos não deveria ser motivo de blasfêmia ou horror. Pelo contrário, para Hilda Hilst, o verdadeiro absurdo residia na realidade oculta, intocável. Nesse contexto, Folgueira e Destri (2018, p. 95) também salientam em sua obra: “O que há de errado com o cu, eu me questionava. O obsceno não é o cu, mas sim as bombas de Napalm, as verdadeiras obscenidades políticas que permanecem intocáveis”.

Em *O Caderno Rosa de Lori Lamby* (1990), Hilda Hilst procurou expressar plenamente a liberdade da linguagem, desafiando assim temas convencionais. Afinal, é comum a um adulto manter uma relação sexual, mas é incomum que uma criança esteja em condição de prostituição.

Lori, no decorrer da narrativa, não demonstra ser uma criança ingênua, demonstra, em sentido oposto, comando de todas as situações, com total interesse, apreciando e reconhecendo a sua posição, que é ser o objetivo dos atos sexuais.

O impacto e a sensação de desconforto experimentados pelo leitor ocorrem devido à perspectiva da narrativa, que é apresentada sob a ótica de uma criança, com um tom infantil, abordando um tema inapropriado para esse público. Por ser uma obra subversiva, pode ser considerada um texto de fruição, conforme destaca Barthes (1987, p. 22): “aquela que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológica do leitor, [...], faz entrar em crise sua relação com a linguagem”. Isso ocorre ao confrontar a moralidade do leitor.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O linguista Maingueneau (2010) argumenta que, para analisar a literatura pornográfica, é fundamental fazer uma distinção rigorosa entre a literatura e outras práticas semióticas. Isso se deve ao fato de que, à medida que a tecnologia avançou e o cinema se desenvolveu, o texto passou a ocupar diferentes dimensões. Antes, a imagem era estática, já hoje, ela se transformou em um fluxo narrativo dinâmico.

Mesmo que não seja sempre bem recebido, o discurso pornográfico está presente e se entrelaça com outras formas verbais, como palavrões, canções sensuais, músicas, filmes, videoclipes, entre outras. Como observado por Maingueneau (2010, p. 29), “os jogos sexuais servem como pretextos para jogos com a linguagem”, indicando assim a interconexão entre o prazer verbal e o prazer sexual nas obras eróticas e pornográficas.

O livro e seu espanto

A escrita de Hilda Hilst pode ser descrita como erótica quando ultrapassa os limites convencionais da linguagem e como pornográfica quando consideramos as estratégias de escrita, o vocabulário e a sequência das cenas. Nesse sentido, explica Heinz Kröll:

A frequência de uso dos termos que designam os órgãos sexuais, tanto feminino como masculino, é relativamente baixa. Palavras que designam o sexo são normalmente banidas da conversação entre gente educada. E apesar disso a abundância de expressões eufemísticas e disfemísticas que denominam esses órgãos, é enorme e a sua vitalidade e capacidade de renovação são muitíssimo grandes. As expressões que se referem às partes genitais, constituem um campo de léxico fortemente tabutizado (Kröll, 1984, p. 81).

Nesse contexto, Kröll (1984, p. 81) destaca que “a interdição linguística que recai sobre o vocabulário, abrange mesmo termos como pênis, testículos e vulva que é considerado



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

mais vulgar que vagina”. Portanto, é possível afirmar que em *O Caderno Rosa de Lori Lamby* (1990), de Hilda Hilst, a linguagem foi o meio através do qual a autora ultrapassou todas as regras de interdição estabelecidas.

Quando questionada sobre se as pessoas se assustavam com a linguagem chula utilizada pelos personagens em *O Caderno Rosa*, Hilda Hilst (1990) prontamente afirmou que “as pessoas têm receio de falar naturalmente sobre sexo. O que você imagina que um homem diz a uma mulher na cama? Ele não vai usar aquela frase que sempre repito: ‘Deixe-me oscular a sua rósea orquídea’” (Diniz, 2013, p. 142). Ao abordar esse aspecto, a autora deixa claro que não vê nada de chocante na utilização de uma linguagem direta em sua obra, considerando o contexto do texto que se desenrola na “cama” e nas palavras utilizadas “abaixo da cintura”. Assim, em *O Caderno Rosa*, o emprego de palavrões, a ampliação dos termos e, enfim, a linguagem chula são utilizados por uma criança e outros personagens:

Eu deitei com a minha boneca e o homem que não é tão moço pediu para eu tirar a calcinha. Eu tirei. Aí ele pediu para eu abrir as perninhas e ficar deitada e eu fiquei. Então ele começou a passar a mão na minha coxa que é muito fofinha e gorda [...] eu gosto muito quando passam a mão na minha coxinha. Daí o homem disse pra eu ficar bem quietinha, que ele ia dar um beijo na minha coisinha. Ele começou a me lambe como o meu gato se lambe, bem devagarinho, e apertava gostoso o meu bumbum [...] (Hilst, 2021, p. 11-12).

No livro *O Caderno Rosa de Lori Lamby* (1990), Hilda Hilst retrata uma menina de oito anos, vítima de abuso sexual e que aparentemente sente prazer nos atos de abuso. O relato da menina se apresenta com um irônico tom de naturalidade e o leitor se surpreende ao notar que as aventuras são narradas sem nenhum medo ou trauma.

A primeira observação que devemos fazer é que o livro de Hilda Hilst conversa de perto com a questão da pedofilia. No romance somos apresentados a uma personagem de oito



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

anos, vítima de abuso sexual que é empresariada pelos próprios pais e que aparentemente sente prazer nos atos de abuso sexual.

A escolha de uma menina como personagem principal já é um problema, pois os nossos padrões morais rejeitam a ideia de qualquer iniciativa de sedução por crianças. Normalmente estamos acostumados a chamar de vítimas as crianças que sofreram abuso sexual, por isso é bem comum que o leitor transponha esse tipo de valor para a literatura e rejeite a proposta de que quem reina é Lori, uma menina que se diverte ao narrar suas “bandalheiras” (Hilst, 2021, p. 95):

Mami me ensinou que a minha coisinha se chama lábios. Achei engraçado porque lábio eu pensei que era a boca da gente, e mami me disse que tem até mais de um lábio lá dentro, foi isso que ela disse quando eu perguntei como era o nome da coisinha (Hilst, 2021, p. 18).

No livro, escrito sob a forma de diário, Lori encena uma narrativa que se apresenta com um tom de naturalidade e, conforme já mencionado, o leitor se surpreende ao perceber que as aventuras narradas são exibidas sem nenhum trauma ou qualquer outro dano psicológico, como se denota a partir do seguinte trecho:

Eu tenho oito anos. Eu vou contar tudo do jeito que eu sei porque mamãe e papai me falaram para eu contar do jeito que eu sei. E depois eu falo do começo da história. Agora eu quero falar do moço que veio aqui e que mami me disse agora que não é tão moço, e então eu me deitei na minha caminha que é muito bonita, toda cor-de-rosa. E mami só pôde comprar essa caminha depois que eu comecei a fazer isso que eu vou contar. Eu deitei com a minha boneca e o homem que não é tão moço pediu para eu tirar a calcinha (Hilst, 2021, p. 13).

Nas últimas cenas do livro, o mistério finalmente se resolve, a menina Lori escreve suas anotações no final dizendo que seus escritos são apenas cópias de uns manuscritos



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

encontrados no escritório do pai. Os pais da menininha estão internados ou presos (pois fica para a imaginação do público), pois ficaram em choque e estariam sob investigação:

Eu só queria muito te ajudar a ganhar dinheirinho, porque dinheirinho é bom, né, papi? Eu via muito papi brigando com tio Lalau, e o tio Lalau dava aqueles conselhos das bananeiras, quero dizer, bandalheiras, e tio Laíto também dizia para o senhor deixar de ser idiota, que escrever um pouco de bananeiras não ia manchar a alma do senhor. Lembra? E porque papi só escreve de dia e sempre ta cansado de noite, eu ia bem de noite lá no teu escritório quando vocês dormiam, pra aprender a escrever como o tio Lalau queria. E também ouvia o senhor dizer que tinha que ser bosta pra dar certo porque a gente aqui é tudo anarfa, né, papi? (Hilst, 2021, p. 92).

Conforme observado no trecho anterior, uma incerteza persistente permeia todos os elementos da narrativa: é a menina ou o pai quem está contando essa história? Será que as narrativas de Lori até o momento foram apenas uma farsa? Tudo se apresenta como sendo dinâmico, fluído e indefinível. Na obra de Hilda Hilst, reconhecemos um texto desterritorializado, que recusa qualquer vinculação a uma ordem específica, seja ela erudita ou pornográfica.

Inicialmente, *O Caderno Rosa de Lori Lamby* (1990) parece se encaixar na categoria de texto de prazer, uma vez que escrever pornografia é uma estratégia para atrair um público mais amplo. Esse tipo de narrativa facilita a leitura, pois não questiona nossos valores morais e culturais, proporcionando uma experiência mais prazerosa. No entanto, ao longo da história, nos deparamos com um texto de fruição que provoca desconforto. Torna-se praticamente impossível ler a obra como um livro puramente pornográfico.

A polêmica escrita de Hilda Hilst busca constantemente desafiar os limites do texto, da transgressão, do pudor, da experimentação e do corpo. Na narrativa representada por Lori, há uma busca por uma nova interação entre as palavras e as coisas, uma relação mais natural



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

e livre de racionalizações. Silviano Santiago, ao analisar a obra de Rubem Fonseca, apresenta uma observação que seria perfeitamente plausível para identificar o romance de Hilda Hilst. Segundo ele, o narrador brinca com a linguagem em um movimento descrito como “rir e não corar. Sorrir e não ter vergonha. Exibir e não recalcar. A transa com qualquer palavra é livre e aberta, pois é ela que dá ao homem o seu equilíbrio emocional” (Santiago, 1982, p. 62).

A acusação frequente contra Hilda Hilst, de que o livro incentivaria a pedofilia, não deve ser considerada de forma alguma válida. O desconforto gerado pela leitura de *O Caderno Rosa de Lori Lamby* (1990) evidencia de maneira clara que a literatura não pode ser interpretada seguindo os mesmos parâmetros do mundo real, que são racionais e lógicos.

Portanto, para seguir o percurso proposto em *O Caderno Rosa de Lori Lamby* (1990), é necessário que o leitor se liberte de diversas amarras sociais anteriormente estabelecidas. No formato de um diário, Lori encena uma narrativa que se apresenta com um tom irônico de naturalidade, surpreendendo o leitor ao perceber que as aventuras narradas são expostas sem evidências de trauma ou qualquer dano psicológico.

Na educação é possível trabalhar com *O Caderno Rosa de Lori Lamby* (1990)?

Para trabalhar com *O Caderno Rosa de Lori Lamby* (1990) em um contexto adequado, precisaremos saber como abordá-lo e em que ano trabalharemos o conteúdo. Obviamente não é uma leitura apropriada para Ensino Fundamental I ou II, e sim para o Ensino Médio, principalmente para os segundos e terceiros anos.

Devido ao seu conteúdo sensível, profundamente controverso e que demanda uma leitura mais complexa, com descrições explícitas de cenas de sexo, a obra pode gerar confusão entre os alunos dos Ensinos Fundamental e Médio, principalmente devido à ausência praticamente total de pontuação e por falar de pedofilia.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Seria possível imaginar certas maneiras de se trabalhar com o livro, por meio de passos adequados à sua compreensão pelos jovens, bem como para que a leitura não recaia somente sobre o cunho sexual. Apesar de parecer complicado aplicar esse tipo de livro (de cunho erótico) em sala de aula, existem maneiras adequadas para mostrar vários aspectos, pois podemos trabalhar pontuação, escrita, análise, imaginação e todos os critérios cobrados pela BNCC.

Apesar de a sexualidade humana ser frequentemente considerada um tabu, como mencionado anteriormente, é reconhecida como um tema relevante na educação, respaldada no Brasil por meio de documentos oficiais de orientação, sendo um exemplo mais recente a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nessa base, especificamente na área de ciências da natureza, encontramos a seguinte informação:

Nos anos finais, são abordados também temas relacionados à reprodução e à sexualidade humana, assuntos de grande interesse e relevância social nessa faixa etária, assim como são relevantes, também, o conhecimento das condições de saúde, do saneamento básico, da qualidade do ar e das condições nutricionais da população brasileira (Brasil, 2018, p. 327).

Portanto, ao reconhecer a importância de abordar a sexualidade humana no ensino básico, é crucial considerar como e por que esse tema deve ser tratado na aula de língua portuguesa. Após a revisão teórica, destacando a diferença entre literatura erótica e pornografia, acreditamos que a distinção entre ambas está claramente estabelecida, facilitando assim a superação de preconceitos comuns.

A sexualidade e as emoções associadas ao ato sexual são, portanto, temas que podem e devem ser explorados nas aulas de literatura. Isso se justifica não apenas pela função literária, como a literatura enquanto fruição, mas também pela literatura como uma forma de arte que desempenha uma função social.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A educação sexual é prevista nas escolas desde 1928, baseada em uma concepção de sexualidade higienista e controladora, caracterizada por valores morais e religiosos que duraram fortemente até a década de 1950, até que os movimentos feministas nas décadas de 1960 e 1970 e os altos índices de HIV entre os indivíduos jovens na década de 1980 influenciaram o desenvolvimento de projetos de educação sexual. Essa educação tinha o predomínio de uma abordagem mais preventivista, em que os conteúdos eram mais vinculados aos métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis (Brasil, 1997; Nardi; Quartiero, 2012 *apud* Vieira; Matsukura, 2017, p. 456).

Conforme Figueiró (2010), a educação sexual abrange todo o processo de ensino-aprendizagem relacionado à sexualidade humana, podendo ocorrer tanto no âmbito do conhecimento de informações básicas quanto no nível do entendimento e/ou reflexão, assim como debates sobre sentimentos, emoções, normas, valores e atitudes associados à vida sexual:

Assim, a educação sexual pode ser distinguida em educação sexual informal, que engloba as ações exercidas sobre o indivíduo desde o seu nascimento; e a educação sexual formal, que é institucionalizada, deliberada e podendo ocorrer dentro ou fora da escola (Werebe, 1980 *apud* Figueiró, 2010, p. 187).

Segundo a perspectiva de Bonfim (2012), a escola desempenha um papel crucial na formação dos valores, oferecendo aos alunos a oportunidade de romperem com os padrões estereotipados e o ciclo vicioso presentes na base da sociedade mercantil e capitalista. A educação sexual, conforme propõe Bonfim, é um processo educativo abrangente que não se limita apenas ao conhecimento biológico, mas engloba também valores e atitudes relacionados à maneira como cada indivíduo vivencia sua sexualidade.

Especialmente no contexto da atuação escolar, diversos autores ressaltam a



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

importância de uma abordagem planejada na educação sexual. Muitos educadores e pesquisadores destacam a necessidade fundamental de orientar os alunos na compreensão e aceitação de sua sexualidade, buscando promover um desenvolvimento harmonioso, saudável e feliz nessa dimensão de suas vidas.

Assim, a partir de 1997, iniciou-se o processo de elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais, representando um novo contexto para a implementação do ensino da sexualidade nas escolas. Nesse sentido, o reconhecimento da importância da escola na educação sexual é enfatizado, visto que proporciona a oportunidade de alcançar um amplo contingente de crianças e adolescentes (Figueiró, 2010).

Para abordar esse aspecto na educação, é recomendável realizar uma contextualização histórica e literária, começando por situar a obra dentro do movimento literário ou do período histórico em que foi escrita. Dessa maneira, seria possível discutir a crítica social presente na obra de Hilda Hilst e explorar como ela se integra ao contexto literário brasileiro.

Ao abordar esse tipo de obra, é fundamental promover um debate ético e moral, destacando a importância de valorizar os elementos eróticos e pornográficos. Isso possibilitará que os alunos expressem suas opiniões e debatam os valores e normas presentes na obra, incentivando a reflexão sobre as implicações éticas e morais das escolhas e ações dos personagens.

Para enriquecer a abordagem dessa obra, é recomendável empregar métodos comparativos, estabelecendo comparações com outras obras literárias que tratam de temas semelhantes, mas de maneiras distintas. Ao discutir essas comparações, o professor pode explorar como diferentes autores abordam a sexualidade e os relacionamentos interpessoais em suas obras, ressaltando as variações nas perspectivas. Isso proporcionará uma compreensão mais ampla e contextualizada do tema em questão.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Quando se trata de abordar a literatura erótica em um contexto educacional, é crucial levar em consideração os valores e diretrizes da instituição, bem como a faixa etária e o nível de maturidade dos alunos. Os educadores devem assegurar que o conteúdo escolhido seja apropriado para a idade dos estudantes.

A avaliação da maturidade emocional e cognitiva dos alunos é um fator crítico que deve ser considerado pelos educadores ao lidar com a literatura erótica. Eles precisam determinar se os alunos estão preparados para compreender o conteúdo desse gênero literário. A influência da literatura erótica e pornográfica nas escolas é uma questão complexa, controversa e sujeita a ampla discussão.

Para compreendermos como abordar esse tema em sala de aula, é essencial considerar alguns pontos cruciais que demandam avaliação cuidadosa por parte dos educadores:

a) Desenvolvimento Cognitivo e Emocional: A exposição à literatura erótica ou pornográfica pode influenciar o desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos, apresentando desafios para a compreensão plena do conteúdo. A exposição precoce a esses materiais pode resultar em confusão, ansiedade ou distorções, exigindo cautela no tratamento desse conteúdo.

b) Valores e Normas Sociais: Esse tipo de literatura pode confrontar os valores e normas sociais estabelecidos, especialmente no contexto educacional. Representações sexuais explícitas ou comportamentos considerados inadequados podem entrar em conflito com os princípios educacionais da comunidade escolar.

c) Inadequação para Diferentes Faixas Etárias: Ao abordar qualquer forma de literatura erótica ou pornográfica em ambiente escolar, é fundamental levar em consideração a idade e o nível de maturidade dos alunos. Conteúdos explícitos podem ser inapropriados para



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

crianças e adolescentes, destacando-se a responsabilidade dos educadores em avaliar cuidadosamente o material a ser apresentado.

A presença dessa literatura nas escolas requer cuidados e deve ser equilibrada e sempre levando em consideração a idade dos alunos, além das diretrizes educacionais. Os educadores devem estar atentos aos efeitos potenciais desses materiais no desenvolvimento dos alunos.

No entanto, conseguimos discutir e usar elementos da literatura erótica em sala de aula, e podemos abordar o tema fazendo uma contextualização histórica na qual é possível explorar o contexto em que essas obras foram escritas. Isso envolve movimentos literários, como o erotismo na literatura do século XIX ou o impacto da literatura erótica no período da antiguidade.

A crescente produção literária erótica no mundo e recentes debates sobre o papel da mulher e seu lugar de fala nos trazem pensamentos em que procuramos entender o porquê falar de sexo e erotismo faz com que fiquemos tão assustados. Como já nos atentamos, o erotismo e a pornografia estão em todos os lugares, principalmente nas mãos de leitores mirins e pré-adolescentes.

O propósito aqui não se resume apenas a esclarecer e definir o que é uma literatura com esse enfoque, nem discutir se deveríamos abordá-la em sala de aula. Não se trata apenas de uma análise teórica estilística convencional; vai além disso. O foco está em destacar as abordagens práticas para introduzir esse tipo de literatura no ambiente escolar.

Concluimos que a literatura de Hilda Hilst não é apropriada para ser introduzida em sala de aula, uma vez que pode provocar traumas e sentimentos inadequados para nossos jovens leitores, que ainda não estão preparados para esse tipo de conteúdo. De fato, muitos adultos também podem não se sentir confortáveis incorporando essa literatura em seu cotidiano. No entanto, por meio dessas análises e reflexões teóricas, é possível perceber que,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

com cuidado e respeito às diretrizes da educação, seria viável explorar a literatura erótica como parte do processo educacional.

Considerações finais

Após examinar os diversos contextos relacionados à sexualidade, ao erótico e ao pornográfico, concluímos que o mundo em que vivemos está permeado por elementos obscenos. As obras apresentadas aqui destacam as diversas facetas da literatura. No entanto, lida-se mais facilmente com obras moralmente aceitas pela comunidade, pois a maioria as considera apropriadas.

Conforme Bataille (2020, p. 243), em contraste com outras concepções, a obscenidade transcende a perspectiva física do ser, envolvendo uma relação entre o objeto e o espírito de uma pessoa; não é algo visível nem palpável, sendo socialmente compreendida. Em resumo, o erótico diz respeito a um estado particularmente humano de se colocar em questão. Conseqüentemente, o indivíduo passa a experimentar um certo desequilíbrio proveniente de dois mundos opostos: o interdito e a transgressão. Em adição, observamos o caráter transgressivo do pornográfico, sua organizada forma de quebrar regras com o intuito de alcançar o êxito sexual. Enquanto isso, o obsceno se associa ao erótico e ao pornográfico por sua capacidade de expor o que deveria ser impúblicável.

Quanto à frequência de uso de termos que designam os órgãos sexuais, tanto femininos quanto masculinos, esta é relativamente baixa. Palavras que se referem ao sexo são geralmente evitadas na conversação entre pessoas educadas. Apesar disso, a abundância de expressões eufemísticas e disfemísticas que denominam esses órgãos é vasta, com uma vitalidade e capacidade de renovação consideráveis.

Entretanto, quando nos deparamos com obras eróticas, a comunidade tende a se



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

surpreender, embora existam várias músicas de teor pornográfico espalhadas pelo mundo, como é o caso dos famosos funks, sertanejos, pop e até mesmo os forrós e axés no Brasil, que são exemplos claros de sexualização. Isso se deve em parte à natureza cultural dessas expressões artísticas, o que leva muitos a não perceberem sua influência.

Trabalhar com conteúdo pornográfico em sala de aula é um desafio que precisa ser enfrentado pela sociedade. Embora possa parecer assustador, ensinar esse tipo de literatura se torna necessário, especialmente dado o cenário em que estamos inseridos. Muitas vezes, ao abordar esse tema de maneira adequada, podemos ajudar os alunos a compreenderem melhor certos estigmas e perigos futuros. Embora possa ser alarmante imaginar crianças tendo acesso a esse tipo de conteúdo, quando tratado de forma apropriada, ele pode contribuir para o desenvolvimento.

A obra de Hilst ainda representa um desafio, pois encontrar uma abordagem que não cause espanto requer uma cuidadosa consideração. No entanto, percebemos que o livro oferece uma riqueza de conteúdos gramaticais que podem auxiliar no processo de aprendizagem. Ao utilizarmos essa obra em sala de aula, evidenciamos sua riqueza e o quanto podemos extrair dela para enriquecer nossas vidas.

Ao ler *O Caderno Rosa de Lori Lamby* (1990), temos uma experiência singular, descobrindo, ao chegar ao final do livro, que tudo não passou de uma criação da imaginação de Lori. Isso destaca a fertilidade da imaginação infantil.

Lori Lamby pode ser uma experiência única, revelando como as crianças estão imersas em um universo imaginativo. Proteger excessivamente pode dificultar a compreensão desse tipo de conteúdo sem orientação, prejudicando o desenvolvimento do imaginário infantil.

É crucial ressaltar que conteúdos eróticos e pornográficos não são adequados para crianças, sendo mais apropriados para adolescentes. Entretanto, vários livros destinados à



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

educação infantil abordam situações que podem ser consideradas de teor “adulto”. Assim, uma vez que as crianças estão expostas ao universo erótico, proporcionar uma abordagem adequada e sensível é essencial para orientá-las de maneira apropriada.

Essa discussão estreitou os laços entre a literatura, o erotismo, a pornografia e o obsceno por meio de análises e leituras, o que reflete o aumento considerável de leitores interessados nesse tipo de literatura.

Ao examinarmos obras da literatura brasileira, estudos e documentos que destacam a importância da literatura erótica e pornográfica na sala de aula, estabelecemos uma conexão entre a infância, a literatura analisada e a escola. Isso evidencia que esse tipo de conteúdo está inserido de forma explícita em nosso cotidiano, permeando todas as atividades e pensamentos de maneira natural.

Concluimos que essas análises proporcionaram reflexões esclarecedoras sobre o tema das leituras e estudos eróticos, trazendo um entendimento sobre como poderíamos abordar esse conteúdo em sala de aula.

Referências

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução: Fernando Scheibe. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

BONFIM, Cláudia. **Desnudando a educação sexual**. Campinas: Papirus, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

2009.

DINIZ, Cristiano (org.). **Fico besta quando me entendem: Entrevistas com Hilda Hilst**. São Paulo: Globo, 2013.

EROTISMO. In: **Conceitos**: seu novo conceito em dicionário. São Paulo: Editora Conceitos.com, 2016. Disponível em: <https://conceitos.com/erotismo/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

EROTISMO. Programa Em Família. [S.l.: s.n.], 19 dez. 2017. 1 vídeo (27 min 04 s). Publicado pelo Canal Saúde: Construindo Cidadania. Disponível em: <https://www.canalsaude.fiocruz.br/canal/videoAberto/erotismo-EMF-0210>. Acesso em: 30 jan. 2023.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual**: retomando uma proposta, um desafio. 3. ed. Londrina: Eduel, 2010.

FOLGUEIRA, Laura Santos; DESTRI, Luisa de Aguiar. **Eu e não outra**: a vida intensa de Hilda Hilst. São Paulo: Tordesilhas, 2018.

FRITZEN, Celdon. O lugar da educação literária nas novas orientações curriculares: uma reflexão sobre os caminhos de Portugal e do Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos – RBEP**, Brasília, v. 99, n. 251, p. 95-110, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/3320/3055>. Acesso em: 29 ago. 2023.

HILST, Hilda. **O Caderno Rosa de Lori Lamby**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

KRÖLL, Heinz. **O Eufemismo e o Disfemismo no Português Moderno**. Lisboa: Biblioteca Breve, 1984.

MAINGUENEAU, Dominique. **O Discurso Pornográfico**. São Paulo: Editora Parábola, 2010.

MARTINS, Ricardo André Ferreira; RIBEIRO, Anderson Francisco; ZUCCHI, Vanessa (orgs.). **Erotismo e Literatura**: O Efeito Obsceno. [S.l.]: Paco e Littera, 2021. *E-book* (166 p.) (Coleção Literatura e Interfaces)



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

PORNOGRAFIA. *In: Origem da Palavra*. Teresina, PI: Origem da Palavra, 2013.
Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/pornografia/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

RODRIGUES, Sérgio. Qual é a diferença entre pornografia e erotismo?. **Veja**, Sobre Palavras, *on-line*, 31 jul. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/sobre-palavras/qual-e-a-diferenca-entre-pornografia-e-erotismo/>. Acesso em: 31 jan. 2023.

SANTIAGO, Silviano. Errata. *In: SANTIAGO, Silviano. Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 57-63. (Coleção Literatura e Teoria Literária)

THYNUS. O sentido fundamental do erotismo é religioso. **Divagações Ligeiras**, [S.l.], ago. 2013. Disponível em: <https://divagacoesligeiras.blogs.sapo.pt/341788.html>. Acesso em: 30 jan. 2023.

VIEIRA, Priscila Mugnai; MATSUKURA, Thelma Simões. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **Revista Brasileira de Educação - RBE**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 69, p. 453-474, abr./jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/LVjDxGRKtkZTwX4kSNzmQ8v/?lang=pt>. Acesso em: 08 set. 2023.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A LEITURA NA PLATAFORMA DIGITAL LEIA PARANÁ

Camila Carvalho Czerwinski (Bolsista PIBID-G-CLCA-UENP/CJ)
Thainara Aparecida Pereira (Bolsista PIBID-G-CLCA-UENP/CJ)
Vera Maria Ramos Pinto (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: A Secretaria de Estado da Educação (SEED-PR) disponibiliza aos professores e alunos da Educação Básica, da Rede Pública de Ensino, várias ferramentas digitais, as chamadas plataformas educacionais, com o objetivo de usar a tecnologia na prática pedagógica e tornar a sala de aula um espaço mais atrativo e dinâmico. Dentre essas plataformas educacionais, temos a *Leia Paraná*, por meio da qual os estudantes podem ter acesso a mais de 60 obras literárias. Neste artigo, temos como objetivo fazer considerações sobre a plataforma *Leia Paraná*, sua origem, estrutura e propósitos, além de discutir e refletir sobre o desempenho de leitura de alunos de 9º anos, Ensino Fundamental II, por meio dessa ferramenta digital, apontando os prós e contras de usá-la como recurso pedagógico.

Palavras-chave: Plataforma digital. Recurso pedagógico. Leitura.

Introdução

A era digital tem transformado significativamente a maneira como interagimos com o mundo ao nosso redor, impactando diversos setores da sociedade. Nesse contexto, as plataformas digitais emergem como ferramentas para a disseminação de informações e o acesso a serviços variados.

No estado do Paraná, no ano de 2019, foi introduzido nas escolas públicas, pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED-PR), a implementação da Plataforma Digital como uma ferramenta de apoio ao processo de ensino e de aprendizagem, conhecida como Portal Escola Digital (www.escoladigital.pr.gov.br).

De acordo com Yabushita; Basso et al (2023), essa iniciativa da SEED-PR consiste em sistemas online desenvolvidos com o propósito de oferecer suporte educacional, recursos,

- 123 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

ferramentas e conteúdos digitais gratuitos, que foram projetados com intuito de auxiliar alunos, professores, gestores educacionais e outros envolvidos no processo educacional.

Entre os exemplos de plataformas disponibilizadas, destacam-se o Desafio Paraná, Programa EduTech, Inglês Paraná, Inglês Professor, Leia Paraná, Matemática Paraná - Matific, Khan Academy, Redação Paraná, Robótica Paraná e Sala Virtual Paraná (SEED - PR, 2023).

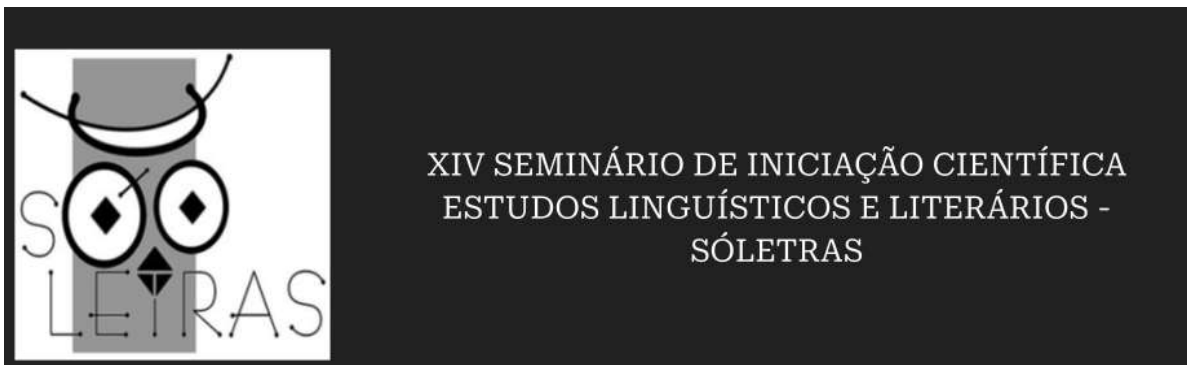
Neste artigo, fazemos considerações sobre a plataforma Leia Paraná, sua origem, estrutura e propósitos, a qual, como as outras, surge como uma resposta inovadora para os desafios contemporâneos enfrentados no âmbito educacional e cultural.

Em um mundo, cada vez mais digitalizado, a promoção da leitura e o acesso a materiais educativos tornam-se elementos essenciais para o desenvolvimento intelectual e a formação de uma sociedade mais consciente. Ao oferecer um vasto acervo digital, a plataforma tem o objetivo de facilitar o acesso a livros e recursos educativos.

Vale mencionarmos que, embora a plataforma digital "Leia Paraná" seja apresentada como uma solução inovadora para os desafios educacionais e culturais, é crucial examinar de maneira crítica alguns aspectos que podem gerar preocupações.

Diante disso, neste trabalho, pretendemos apresentar, também, os prós e os contras do uso dessa plataforma como recurso pedagógico, além de discutir e refletir sobre o desempenho de leitura de alunos de 9º anos do Ensino Fundamental II, de uma escola pública da rede estadual de ensino do estado do Paraná, Colégio Luiz Setti, na cidade de Jacarezinho, onde atuamos como estagiárias, integrantes do Programa de Iniciação à Docência (PIBID).

A base teórica desse artigo foi pautada em autores como: Geraldí (2011); Grigolon (2014); Telles; Wachowicz *et al* (2023), a própria Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED-2023), dentre outros.



A plataforma Leia Paraná: origem, estrutura e propósitos

Conforme já mencionado anteriormente, as plataformas digitais ganharam muita força durante a pandemia de COVID-19 devido à necessidade de ficar em casa. A plataforma digital Leia Paraná foi implantada nas escolas públicas do Paraná em fevereiro de 2023, pelo Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED-PR). A partir dessa data, os alunos começaram a ter acesso a uma nova ferramenta para as aulas de leitura, podendo ser acessada gratuitamente até mesmo no celular, com um amplo acervo de variadas obras.

A SEED- PR (*on line*, 2023) afirma

Plataforma de leitura lançada pelo Governo do Estado, o Leia Paraná conta com 70 obras literárias em seu acervo. Dez destas, incluídas no mês de agosto, com foco nos vestibulares. Os livros, clássicos da literatura nacional, podem ser acessados gratuitamente por alunos e professores da rede estadual de ensino. Disponível tanto para dispositivos móveis pelo aplicativo.

Sendo assim, a plataforma conta com 70 títulos adequados a diferentes faixas etárias, que tratam de uma diversidade de temáticas e áreas do conhecimento. As obras selecionadas vão de *best-sellers* aos clássicos da literatura universal. Ao longo da leitura de cada obra, o estudante responderá exercícios elaborados a partir de uma matriz de referência com objetivo de avaliar a sua capacidade de compreensão e análise crítica da obra.

Diante disso, segundo a SEED (2023), os objetivos dessa ferramenta são fomentar o gosto pela leitura, desenvolver nos alunos competências leitoras, fortalecer o hábito de ler nas diferentes áreas do conhecimento e contribuir para o desenvolvimento da cultura digital.

Realmente, no papel é uma iniciativa ótima, mas na prática enfrenta algumas



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

dificuldades. Portanto, há prós e contras no que diz respeito ao uso dessa ferramenta digital como recurso pedagógico nas aulas de leitura.

Apresentamos, a seguir, considerações sobre os prós, com base nos objetivos da SEED-PR e contras do uso da plataforma Leia Paraná, segundo Telles; Wachowicz *et al* (2023), professoras da área de Linguística e Literatura e graduandos do curso de licenciatura em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Os prós

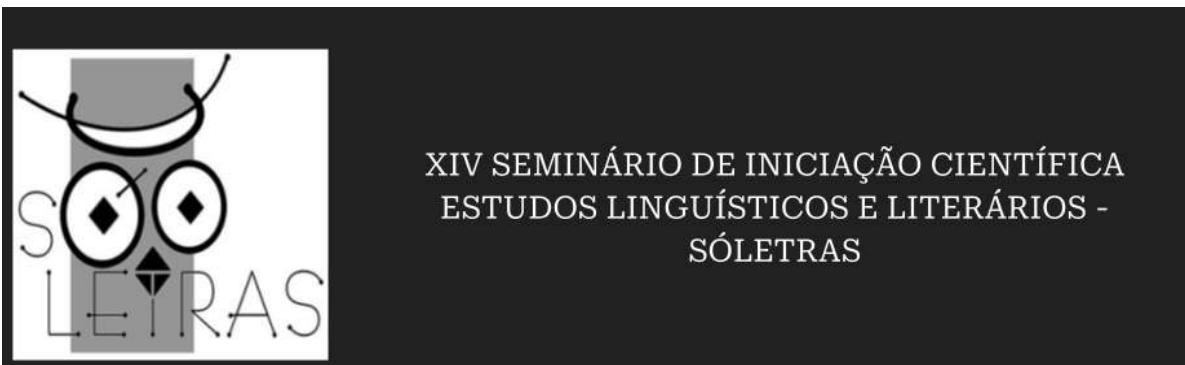
Para a SEED-PR (2023), a plataforma Leia Paraná é muito benéfica, pois possibilita acesso gratuito a uma ampla variedade de livros, revistas e conteúdos educacionais, promovendo, assim, a leitura e o conhecimento entre os alunos do Paraná.

Está disponível tanto para dispositivos móveis pelo aplicativo (no Google Play) quanto para computadores pelo site, cujo acesso aos livros é disponibilizado para os alunos matriculados desde o 6º ano do ensino fundamental até o fim do ensino médio.

Em agosto de 2023, para facilitar o acesso a algumas das obras cobradas nas provas dos principais vestibulares do País e também no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), foram incluídas, na plataforma, mais dez obras literárias em seu acervo.

O Secretário da Educação do Paraná, Roni Miranda, menciona

O acesso ágil, a mobilidade e a conveniência viabilizados pelo Leia Paraná possibilitam ao estudante otimizar o tempo de estudos para o vestibular uma vez que não há exigência de deslocamento para buscar pelos materiais impressos”. [...] Além disso, as atividades disponíveis na plataforma para a fixação do conteúdo possibilitam um aprendizado mais completo e garantem a melhor preparação para as provas (Bem Paraná, *online*, 2023).



Assim, a SEED-PR selecionou títulos com ampla diversidade temática e áreas de conhecimento, contemplando também best-sellers e livros buscados por crianças e adolescentes, com adequação à faixa etária (11 aos 18 anos).

As obras vão desde clássicos da literatura, como “A volta ao mundo em 80 dias”, de Júlio Verne, ou “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare, até quadrinhos, passando por biografias, ficção, romances e livros com conteúdo técnico, ou seja, para todos os gostos (Bem Paraná, online, 2023).

Além disso, a plataforma conta ainda com recursos inclusivos como audiolivros para estudantes cegos ou de baixa visão, fonte específica para estudantes com dislexia, “modo escuro” e outras possibilidades de alteração do fundo da tela para quem tem daltonismo. Também é possível entrar em clubes de leitura, grifar partes específicas e fazer anotações.

Os contras

A digitalização da leitura, embora ofereça benefícios em termos de acessibilidade e conveniência, também levanta questões sobre a possível exclusão de segmentos da população que não têm acesso à tecnologia ou não estão familiarizados com plataformas digitais.

Um dos desafios potenciais da "Leia Paraná" é a dependência excessiva da tecnologia, tornando a leitura algo mecânico e tirando a função do professor em sala de aula, uma vez que o alunos terão um computador para pesquisar, em relação a escolha do livro, ambos são prejudicados.

A esse respeito, Telles; Wachowicz *et al* (2023, p.03) mencionam



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

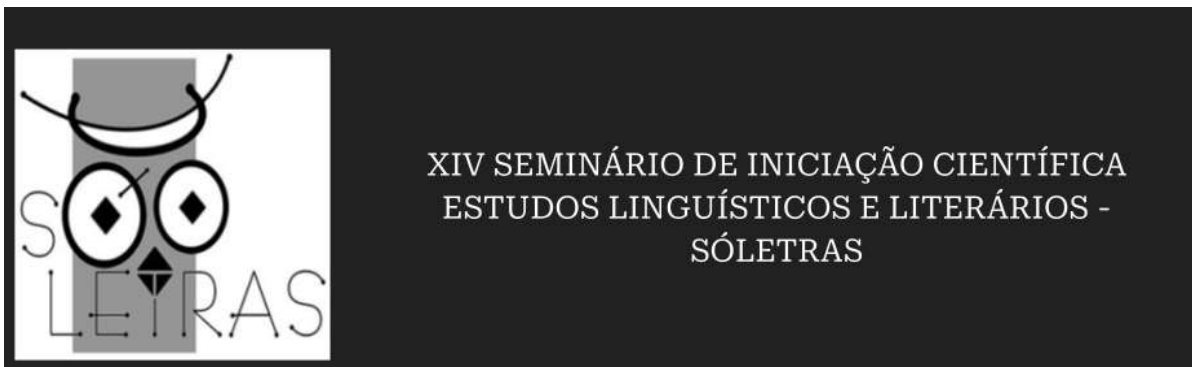
A padronização e a homogeneização de leituras, interesses e competências de leitura de milhares de alunos descartam sumariamente a alardeada ideia de variedade e adequação à faixa etária. Ignora-se mais uma vez a função do professor na seleção de textos a partir de diagnósticos de competência de leitura e interesses dos alunos.

Sendo assim, para esses atores, um dos principais obstáculos é a falta de acesso adequado à tecnologia em escolas públicas. Muitos alunos podem não ter acesso a um dispositivo, como um celular, para utilizar a plataforma Leia Paraná. Entretanto, mesmo que a escola tenha acesso à internet, a instabilidade da conexão pode criar dificuldades significativas, resultando em perda de tempo e frustração para professores e alunos

A falta de recursos também é uma questão crítica. Escolas localizadas em bairros de baixa renda frequentemente enfrentam limitações estruturais e financeiras, o que dificulta a instalação de computadores e a melhoria da conectividade. A prioridade nesses ambientes muitas vezes é garantir necessidades básicas, como infraestrutura física adequada, em detrimento do acesso digital.

Além disso, mesmo nas instituições públicas que possuem algum nível de conectividade, a falta de computadores suficientes pode levar a situações desafiadoras, onde os alunos precisam revezar o uso dos dispositivos. Isso não apenas cria uma situação difícil para os professores, mas também limita o potencial de aprendizado dos estudantes, que podem não ter acesso constante à plataforma.

Diante do que foi exposto, nos prós e contras, é necessário que a SEED-PR considere as disparidades sociais e econômicas existentes, adaptando suas estratégias para garantir uma inclusão efetiva. Isso pode envolver parcerias com organizações que buscam melhorar a infraestrutura das escolas, fornecer dispositivos aos alunos que necessitam e desenvolver soluções para melhorar a conectividade em áreas vulneráveis. Somente assim,



tais plataformas poderão cumprir verdadeiramente sua missão de democratizar o acesso à leitura e à educação.

A leitura na plataforma Leia Paraná no Colégio Luiz Setti

Os alunos dos 9º anos do Ensino Fundamental II, do Colégio Luiz Setti, da cidade de Jacarezinho, são levados semanalmente para a sala de informática, onde têm acesso à plataforma *Leia Paraná*.

A professora das turmas seleciona, normalmente, três livros para oferecer aos alunos como opções. Durante a leitura de cada obra, os alunos realizam exercícios elaborados a partir dos livros que eles estão lendo, com o propósito de avaliar a capacidade de compreensão e análise crítica da obra por parte deles.

Por fim, após essa leitura individual, os alunos são incentivados a produzir um texto sobre o livro: um resumo, uma resenha crítica, uma sinopse, artigo de opinião, são um dos gêneros textuais solicitados para as produções de texto.

Figura 1: alunos do 9º ano na sala de informática na plataforma Leia Paraná



Fonte: próprias autoras



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Figura 2: alunos do 9º ano na sala de informática na plataforma Leia Paraná



Fonte: próprias autoras

Figura 3: alunos do 9º ano na sala de informática na plataforma Leia Paraná



Fonte: próprias autoras



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Resultados alcançados

Nas turmas dos 9º anos em que estivemos participando com estagiárias do PIBID, Subprojeto de Língua Portuguesa, não obtivemos bons resultados. Os alunos leram poucos livros, limitando-se aos que eram obrigatórios, tais como “Anne of Green Gables”, de Lucy Maud Montgomery e “Viagem ao centro da terra”, de Júlio Verne.

Ainda, observamos que se trata de uma turma que não possui o hábito de leitura, o que resultou em dispersão durante as aulas. Além disso, os alunos aproveitam o acesso à Plataforma e usam a internet para jogar e assistir vídeos no *YouTube*, o que acaba sendo difícil para professora da turma manter o controle sobre o computador de 30 alunos.

Diante disso, concordamos com Telles, Wachowicz *et al* (2023), quando afirmam que a interatividade proposta pela plataforma pode ser interpretada como uma distração, desviando a atenção dos alunos do conteúdo substancial para elementos mais superficiais.

A possibilidade de discussões *online* pode não ser tão eficaz quanto as conversas presenciais, que proporcionam uma troca mais profunda de ideias e experiências.

Considerações finais

Não há dúvidas de que mundo está se transformando cada vez mais e faz –se necessário acompanhar essa evolução, aumentando os conhecimentos dos alunos, inserindo-os na cultura midiática, propondo alternativas que minimizem a distância entre a leitura propiciada pelos meios de comunicação e a leitura de textos mais estáticos, que priorizam a linguagem verbal.

Segundo Grigolon (2014), o ideal seria que as duas práticas pudessem ser realizadas concomitantemente, de modo que uma pudesse contribuir com a outra, sinalizando para o



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

funcionamento da escola como um espaço em que é possível uma aprendizagem como processo no qual a vida em plenitude seja marcante.

Entretanto sabemos que ainda há um desencontro entre essas práticas, e tal desencontro faz com que muitos alunos afirmem que só escrevem ou leem por ser uma exigência da escola, não havendo nisso nenhum prazer, cumprindo as regras do sistema educacional.

Nesse contexto, sobre a importância da prática de leitura na escola, Geraldi (2011, p. 63), de maneira clara e enfática sobre a ideia de leitura por prazer, afirma

Importa que o aluno adquira o gosto de ler pelo prazer de ler, não em razões de cobranças escolares. [...] é preferível que um ou dois alunos “logre”, dizendo que leu um livro que não leu, a estabelecer critérios rígidos de avaliação da leitura. É preciso também confiar no aluno, e isso representa uma postura em relação à educação.

Desse modo, a valorização do pensar deve ser respeitada no processo de ensino aprendizagem, pois o aluno traz em si tanto a capacidade de adquirir o conhecimento, quanto da compreensão, como também, a de gerar experiências novas a partir da estimulação do pensamento.

Sendo assim, diante do que observamos durante nossa participação como bolsistas do Programa de Iniciação à docência (PIBID), nas salas de aula dos 9º anos do colégio Luiz Setti, concordamos com as constatações desses professores-pesquisadores da UFPR sobre a Plataforma Leia Paraná, pois, da forma com está sendo usada, essa ferramenta deixa muito a desejar como recurso pedagógico para o ensino da leitura e para a formação do aluno leitor, proficiente no que lê e interpreta.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Referências

BEM PARANÁ. **Plataforma Leia Paraná ganha novos títulos voltados para preparação de alunos para vestibular e Enem (2023)**. Disponível em:

bemparana.com.br/noticias/educacao/plataforma-leia-parana-ganha-novos-titulos-voltados-para-preparacao-de-alunos-para-vestibular-e-enem/. Acesso em 19 de fev. de 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

Disponível em:<https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 18 jan. 2024.

GERALDI, João Wanderlei. **O texto na sala de aula** - São Paulo: Ática, 2011.

GRIGOLON, Scheila Aparecida Ferreira. **A leitura: um caminho na busca pelo saber**. Versão *Online*. ISBN 978-85-8015-080-3. Cadernos PDE. Governo do Paraná, 2014.

PLATAFORMA DIGITAL **Portal Escola Digital**. Disponível em: <https://www.escoladigital.gov.br/>. Acesso em: 18 jan. de 2024.

TELLES, Renata Praça de Souza; WACHOWICZ, Teresa Cristina et al. **Plataformas digitais e o ensino de português no Paraná**. Disponível em https://appsindicato.org.br/wp-content/uploads/2023/09/Plataformas-Digitais-e-o-ensino-de-portugues-no-Pa_230822_075459.pdf. Acesso em: 29 de jan. de 2024 .

YABUSHITA, Andreia Melania Motter ; BASSO, Cassiane Gris et al. **As plataformas educacionais do ensino básico paranaense: potencialidades e desafios**. VI Simpósio de Licenciaturas em Ciências Exatas e em Computação. Universidade Federal do Paraná- Campus Jandai do Sul. Setembro de 2023. Disponível em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ArqMudi/article/view/70548>. Acesso em: 25 de jan. de 2024.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A LITERATURA NA SALA DE AULA: CAFÉ COM POESIA

Silvana Querino da Silva (SEED- PR/ Supervisora PIBID-G-CLCA-UENP/CJ)
Karla Cristina Crispim Marquezim (Bolsista PIBID-G-CLCA-UENP/CJ)
Mônica da Silva Freitas (Bolsista PIBID-G-CLCA-UENP/CJ)
Vera Maria Ramos Pinto (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Segundo o escritor Ferreira Gullar, é importante incentivar as crianças desde cedo a conhecerem poemas, a conhecerem o universo poético e apresentar-lhes livros que despertem o prazer pela leitura e pela escrita. Assim, dentre os muitos projetos para o trabalho com a literatura em sala de aula, o *Café com Poesia* é um deles. Neste artigo, descrevemos e relatamos o nosso trabalho nas salas de aula de duas turmas de 6º anos do Ensino Fundamental II, do Colégio Estadual Rui Barbosa, da cidade de Jacarezinho/PR, em cujas aulas explicamos a diferença entre textos em prosa e em versos, a diferença entre poema e poesia, e desenvolvemos atividades de leitura e de interpretação de poemas, de compreensão dos efeitos de sentido produzidos pelo uso de recursos expressivos linguísticos e sonoros, para depois, então, solicitarmos produções de poemas pelos estudantes e a fim de socializá-los no evento *Café com Poesia*.

Palavras-chave: Poemas. Leitura. Produção textual.

Introdução

Este artigo tem como finalidade apresentar a literatura como um instrumento importante e necessário nas escolas, pois cria oportunidades aos estudantes de se apropriarem de muitos conhecimentos, transformando-os em sujeitos que pensam e leitores mais críticos.

O professor, ao estar em contato com o texto, estabelece um sentido à leitura, assim, desperta o prazer pela dimensão da leitura. Um docente que tem o hábito de ler consegue com maior facilidade conquistar e persuadir os seus estudantes a fim de que possam realizar a leitura de livros, poemas e poesias.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Assim, é muito importante, neste momento, em que os alunos são estimulados, que a prática da leitura não esteja condicionada a um instrumento avaliativo, mas sim como um incentivo para novas descobertas.

Para que isso aconteça, é preciso ações motivadoras, em que o professor possa fazer uso de uma metodologia diferenciada, para criar certa sedução ao mundo da leitura e da literatura, por meio dos textos em prosa, versos, poemas e poesias.

Filipouski e Marchi (2009, p.23), a esse respeito, relatam que

[...] formar leitores implica destinar tempo e criar ambientes favoráveis à leitura literária, em atividades que tenham finalidade social, que se consolidem através da leitura silenciosa e individual, promovendo o contato com textos variados nos quais os alunos possam encontrar respostas para suas inquietações, interesses e expectativas.

Nas escolas da Rede Pública do Paraná, por meio da Plataforma Leia Paraná, já podemos observar ações dos professores incentivando a leitura, procurando motivar os alunos a lerem livros de literatura e, a partir dessas leituras, praticarem a produção de textos literários, como os poemas.

Foi assim que nós, integrantes do Programa de Iniciação à docência (PIBID), juntamente com a professora supervisora, Silvana Querino da Silva, colocamos em prática o projeto literário *Café com Poesia*, em salas de aula de dois 6º anos, do Colégio Estadual Rui Barbosa, da cidade de Jacarezinho Paraná.

Neste artigo, então, descrevemos o passo a passo da realização desse projeto, ressaltando a importância da literatura no contexto escolar e para a formação de leitores. A base teórica para a realização deste trabalho foi pautada em Cosson (2017), Filipouski e Marchi (2009) e na



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A importância da literatura

A literatura é uma área de estudo de relevância na vida dos sujeitos, uma fonte que não se esgota de conhecimentos, com o potencial de mudar a maneira como se interpreta o cotidiano num momento prazeroso.

Desse modo, leitura literária precisa ser trabalhada em sala de aula e outros espaços da escola, em ambientes que estimulam e oportunizam a aprendizagem, formando leitores.

É fundamental que a ação da leitura não seja superficial, pois toda leitura traz informações que devem ser verificadas, refletidas, discutidas de maneira atenciosa e precisa.

Desse modo, em relação à reflexão e discussão de um texto, Cosson (2017, p.26) afirma

[...] não devemos confundir a discussão com um questionário oral, no qual o professor faz perguntas e os alunos recitam respostas com base na memorização de trechos de livros. Ao contrário, trata-se de um debate autêntico em que os alunos dividem dúvidas e certezas, usam as informações do texto para construir argumentos, questionam o texto com base em suas experiências e dialogam entre si tanto quanto com o professor.

A leitura dos textos, seja em qualquer gênero literário, pressupõe um leitor capaz de refletir e de proporcionar significados. As diferentes discussões em sala de aula, a partir da leitura, permitem que ocorra a externalização daquilo que se aprendeu e possibilita a construção na formação por meio dos círculos de leitura.

Filipouski e Marchi (2009, p.0) afirmam que:

Ao privilegiar o texto literário como mobilizador do estudo da língua portuguesa, torna-se como objeto a linguagem em ação, pois, na constante construção de sentidos por meio da palavra que se fundamenta pelo uso na

- 136 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

vida social, o ser humano se torna capaz de conhecer a si mesmo, sua cultura e o mundo em que vive.

Diante disso, podemos concluir que a literatura tem uma função social, possibilitando novos saberes, despertando para que os sujeitos reflitam sobre suas atitudes, percebam com mais empatia o próximo, questionem e repensem o meio que os cerca as relações sociais que neste estabelece.

É fundamental que a leitura, por meio da literatura possa ser amplamente divulgada como um instrumento que informa, humaniza, traz para o presente situações de vivências do passado, como meio de refletir e repensar os dias atuais e aquilo que se espera para o futuro.

Aquele que lê, tem a oportunidade de se conhecer melhor e de ter uma visão também melhor em relação ao outro.

Café com poesia

Café com poesia é um dos muitos projetos literários que buscam incentivar os alunos a lerem bons textos poéticos e praticarem a escrita de poemas, deixando a imaginação e a criatividade fruírem.

Um dos principais objetivos desse projeto é estimular e valorizar a produção literária como meio de expressão, através da poesia, também incentivar o contato do público com a literatura, oportunizar a divulgação de criações inéditas e estimular a leitura, a produção escrita e a interpretação dos poemas.

Sendo assim, depois de alguns meses trabalhando a leitura e a escrita de poemas, nas salas de aula de turmas de 6º ano, ensino fundamental II, realizamos um evento com o mesmo nome, *Café com Poesia*, onde os alunos, professores, equipe diretiva e pedagógica, pibidianos (integrantes do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) e convidados



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

reuniram-se para assistirem as performances teatrais, declamações e exposição dos poemas para depois, então, aproveitarem o café organizado por todos os envolvidos.

Desenvolvimento de projeto e a realização do evento

Para o desenvolvimento do projeto *Café com Poesia*, foram necessárias oito aulas para os alunos de duas turmas de 6º anos do Colégio Estadual Rui Barbosa, da cidade de Jacarezinho.

Na primeira aula, explicamos a diferença entre texto em prosa e texto em verso, a diferença entre poema e poesia, para, então, realizar-se atividades de leitura e interpretação de poemas nas duas aulas seguintes.

Um dos poemas lidos foi “A Boneca” de Olavo Bilac, seguido de atividades de leitura e interpretação. Explicamos os elementos essenciais de um poema, como estrofes, versos e ritmo.

Nas terceiras e quartas aulas, também, por meio da leitura de poemas, foram explicados os efeitos de sentido de um poema, os recursos sonoros e linguísticos encontrados nos textos trabalhados. Depois dessas explicações, os estudantes entenderam que os recursos sonoros e linguísticos moldam a experiência do leitor, adicionando camadas de significado e profundidade ao poema.

Ainda foram orientados a observarem os recursos sonoros usados nos poemas, uma vez que eles podem criar ritmo e enfatizar certas palavras, amplificando a sonoridade do poema. Na sequência, explicamos que os recursos linguísticos permitem novas perspectivas, estabelecendo interpretações simbólicas; a escolha específica de palavras contribui para a atmosfera do poema, promovendo emoções ou criando imagens vívidas. A sintaxe e a estrutura influenciam o ritmo e a ênfase, guiando a leitura e enfatizando certos



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

elementos textuais, como as rimas.

Depois da leitura de vários poemas, como já mencionado anteriormente, na quinta e sexta aulas, escolhemos um tema para que os alunos criassem seus poemas. O tema para a produção do poema foi “Brincadeira de criança”. E informamos que os poemas seriam socializados na escola em um evento.

Houve a produção do poema no caderno, no qual fizemos correções, e na sétima e oitava aulas, os alunos fizeram a transcrição deles para a Plataforma Redação Paraná. Na sequência foi marcada a data para a realização do evento *Café com Poesia* e a socialização dos poemas.

Neste evento, os alunos declamaram os poemas e também fizeram performances teatrais, com a orientação da professora de artes.

Figura 1: Alunos em início das produções dos poemas



Fonte: Próprios autores



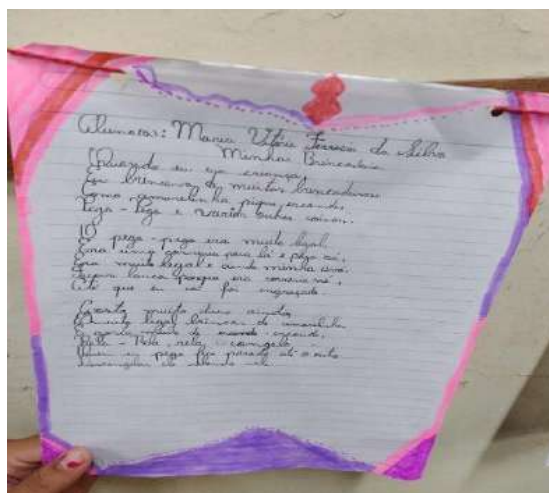
XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Figura 2: Alunos produzindo os poemas na sala de aula



Fonte: próprios autores

Figura 3: Produção de poemas de aluno do 6ºA

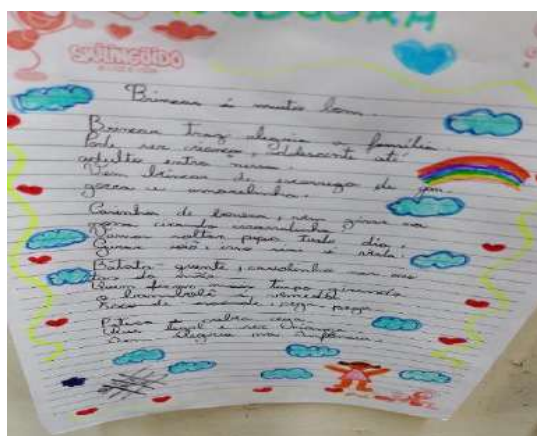


Fonte: próprios autores



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Figura 4: Produção de poemas de aluno do 6ºB



Fonte: próprios autores

Figura 5 : Alunos inserindo os poemas na Plataforma Redação Paraná



Fonte: próprios autores



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Figura 6: Aluna do 6ºB declamando seu poema



Fonte: Próprios autores

Figura 7: Equipe Diretiva e Pedagógica, Coordenadora UENP, Pibidianos e Professores



Fonte: Próprios autores



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Considerações finais

O projeto literário *Café com poesia* foi muito produtivo, pois ofereceu benefícios significativos para o desenvolvimento cognitivo, emocional e linguísticos dos alunos, além de desenvolver habilidades de expressão oral, melhorando a comunicação e a dicção.

A produção poética também estimulou a imaginação, permitindo que os alunos explorassem conceitos de maneira lúdica, de interação e socialização. A análise e a discussão dos poemas promoveram o desenvolvimento de habilidades críticas na interpretação de textos literários, como também criaram um ambiente de colaboração, onde os alunos compartilharam ideias e perspectivas e participaram do evento com o mesmo nome, *Café com poesia*, com a exposição dos poemas em mural, com a declamação dos alunos, finalizado com um café da tarde compartilhado com todos os participantes.

Essas considerações ressaltam a importância do estudo de produção de poemas como uma experiência enriquecedora, não apenas no contexto literário, mas também para o desenvolvimento pessoal e social dos alunos. O engajamento nesse processo revelou-se valioso para a formação integral dos estudantes, promovendo a apreciação pela poesia e o fortalecimento das habilidades linguísticas e emocionais.

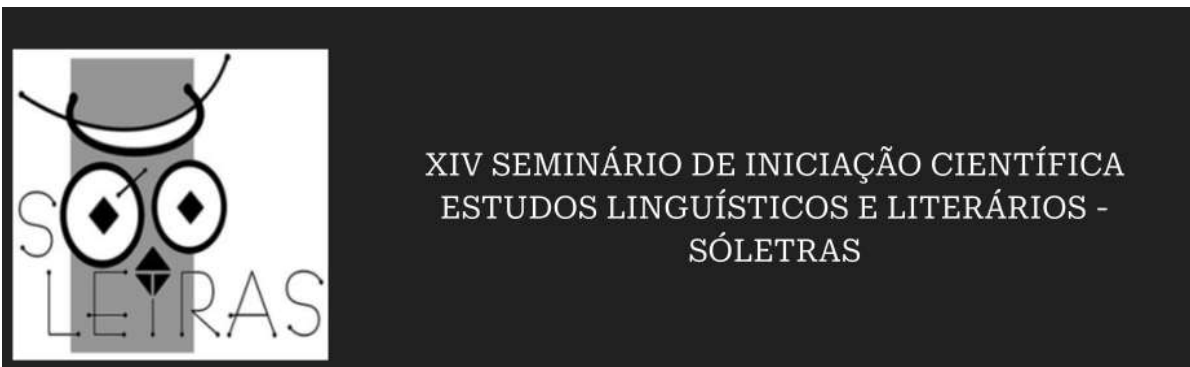
Referências

BERALDO, Alda. **Trabalhando com poesia**. v. 1. São Paulo: Ática, 1996.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2007

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2017.

FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro; MARCHI, Diana Maria. **A formação do leitor jovem: temas e gêneros da literatura**. Erechim: Edelbra, 2009. Formadores em Ação. Disponível em:



https://professor.escoladigital.pr.gov.br/formadores_acao. Acesso em: 08 fev. 2024.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 49 ed.- São Paulo, Cortez, 2008.

GULLAR, Ferreira. **Sobre arte, sobre poesia (uma luz no chão)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

A PERSONAGEM PAULO EM *SE EU FECHAR OS OLHOS AGORA* (2009) E *VIDAS PROVISÓRIAS* (2013)

Wesley de Cássio Gonçalves (G-CLCA-UENP/CJ)

Luciana Brito (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Este trabalho de pesquisa tem o objetivo de analisar, por meio de dois romances de Edney Silvestre, *Se eu fechar os olhos agora* (2009) e *Vidas provisórias* (2013), o percurso da personagem Paulo, estudando a construção de sua identidade, bem como sua busca por pertencimento, na medida em que torna-se um imigrante ilegal. Para a base teórica, utilizamos estudiosos como Hall (2005), Bauman (2005), Kristeva (1994) e Anderson (2008). Também fizemos uso de teóricos que se dedicaram ao estudo do gênero romance, em especial estudo de personagem, e à literatura brasileira contemporânea, como é o caso de Bakhtin (1988), Brait (2006), Cândido (2014), Dalcastagnè (2005), Lukács (2009), Pellegrini (2018), Resende (2008), Rosenfeld (2014), Watt (1990) e outros que se fizeram necessários.

Palavras-chave: Personagem, Identidade, Romance, Literatura Brasileira Contemporânea.

Introdução

O escritor brasileiro Edney Silvestre, vencedor do Prêmio Jabuti em 2010 como Melhor romance, e do Prêmio São Paulo de Literatura na categoria Estreante, possui uma trajetória literária com grandes obras premiadas e bem-sucedidas, porém sem nenhuma pesquisa ou estudo relacionados aos seus trabalhos. Este trabalho contribuirá à fortuna crítica dedicada ao autor, bem como para os estudos na área de literatura brasileira, gênero romance e estudo de personagens.

Se eu fechar os olhos agora é uma das obras de Edney Silvestre que tem como enredo a morte de uma mulher muito conhecida na região em que o enredo ocorre, uma cidade do interior de Minas Gerais. Trata-se de uma morte que acaba despertando muitas dúvidas e mistérios em Paulo e Eduardo que, junto com um senhor que vive em um asilo da



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

cidade, vão atrás da história de vida da vítima e das pessoas que a cercavam, e acabam descobrindo coisas “enterradas” pelo passado que, ao fim, mudarão a vida dos três para sempre.

No segundo romance em estudo, intitulado *Vidas provisórias* (2013), acompanhamos a trajetória de duas personagens: Bárbara e Paulo. Ambos em épocas e com vidas diferentes, mas com uma coisa em comum, estão longe do país em que nasceram, porém por motivos diferentes. No decorrer da obra vamos acompanhar os dramas de identidade de viver em um local completamente diferente do seu país de origem e os motivos pelos quais eles partiram.

Como já apresentado no resumo deste projeto, o objetivo da pesquisa será analisar, por meio das obras *Se eu fechar os olhos agora* (2009) e *Vidas provisórias* (2013), a personagem Paulo a partir da discussão teórica da construção de identidade.

Edney Silvestre

Nascido em 27 de abril de 1950 no interior do Rio de Janeiro, no município de Valença, Edney Silvestre é jornalista, dramaturgo e escritor. Trabalhou no grupo Globo como correspondente internacional nos Estados Unidos, onde cobriu o atentado de 11 de setembro de 2001 e a invasão do Iraque em 2003. Apresentou o programa Globo News Literatura de 2002 a 2017. Foi vencedor do Prêmio Jabuti como Melhor Romance em 2010 com seu romance de estreia *Se eu fechar os olhos agora* (2009), ganhou o Prêmio São Paulo também com seu primeiro romance. É um dos jornalistas mais importantes da televisão brasileira justamente por conta de suas matérias e brilhante carreira.

Durante sua estadia de cerca de dez anos nos Estados Unidos, vemos que algumas histórias e vivências presentes em suas obras podem ter sido mais palpáveis para o escritor



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

que viveu fora do país e escreve sobre personagens que também estavam fora do Brasil, em exílio. O autor admite em uma entrevista dada ao programa *The noite*, com Danilo Gentili, que usou cenas vistas na televisão e cenas presenciadas por ele mesmo no seu romance de estreia *Se eu fechar os olhos agora* (2009), onde Barbara e outras damas que moravam juntas em Nova Iorque assistem pela tv o atentado que acabava de acontecer em Setembro de 2001.

- gente... Lenira diz, assustada, os olhos indo de uma mulher a outra. - Gente...

- repete, segurando e puxando os braços de Wanda e Glória, tentando levá-las em direção ao quarto.

- Para com isso - Wanda a repele. - Não vê que estou tentando resolver essa merda que Susana e Bárbara fizeram? Me solta!

Lenira está transtornada. Barbara percebe. Estende a mão para ela.

- O que foi?

Lenira leva-a até o quarto, aponta a televisão. Barbara vê. Há um grande rombo bem no centro de um dos prédios do World Trade Center. Muita fumaça sai lá de dentro. Em seguida aparece a imagem, gravada alguns minutos antes, de um avião grande que surge à direita e se choca com o segundo edifício. Há uma explosão. Chamas se espalham pelos andares acima e abaixo. (Silvestre, 2013, p. 213 e 124).

Dentro das propostas de leitura apresentadas por Beatriz Rezende em *Possibilidades da Nova Escrita Literária no Brasil* (2014), vemos que a escrita de Edney Silvestre se encaixa no tocante às novas possibilidades da nova escrita literária brasileira:

O deslocamento das narrativas do espaço local, nacional. O rompimento com a tradição literária de afirmação da língua, da nação, dos valores culturais nacionais. Em vez da literatura que fala do Brasil, que usa a cor local como valor (rentável) de troca, a literatura que busca se inserir, sem culpa, no movimento dos fluxos globais. (Rezende, 2014, p. 14).

Isso acontece quando Edney apresenta seus personagens em situação de diáspora,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

fazendo com que sigam o fluxo da globalização mas, ainda assim, sintam falta do Brasil, do país em que nasceram, do local onde foram criados, mas que por motivos maiores (no caso de Paulo a ditadura de 1964) são forçados a abandonar o país para garantir a própria vida. Isso deixa a escrita de Edney Silvestre, ainda que citando o Brasil, mais próxima da nova escrita literária brasileira.

O país que atraía tantos imigrantes em meados de 1890, com números que ultrapassaram 180 mil, naquela época, é o mesmo que hoje tem um número significativo de emigrantes, com um aumento de 600 mil pessoas em relação ao último levantamento feito em 2018, com cerca de 4,2 milhões de cidadãos brasileiros no exterior, de acordo com o Ministério das Relações Exteriores. Pessoas desacreditadas no Brasil e em uma sociedade ou que, por outros motivos, precisaram deixar o País. Edney Silvestre consegue apresentar histórias completamente diferentes e, ao mesmo tempo, tão semelhantes em um único livro. O autor também consegue “resgatar” seus personagens de obras já criadas por ele e colocá-los em uma continuação ou apresentar um momento diferente da vida daqueles personagens que buscam por uma identidade completa, como diz Stuart Hall “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”, ou seja, as personagens buscam por algo que jamais conseguirão ou manterão até o fim de suas vidas (Hall, 2006, p. 12).

Se eu fechar os olhos agora

Obra lançada em 2009, *Se eu fechar os olhos agora* nos transporta para o estado de Minas Gerais e nos conta a trajetória de dois meninos que encontram o corpo de uma jovem mulher assassinada, muito conhecida na cidade, às margens de um rio da região em que os garotos brincavam e se banhavam. A mulher era Anita, esposa de um dentista também conhecido na cidade. Os garotos acham tudo aquilo muito estranho, bem como o desfecho



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

dado ao crime e a forma como tudo foi aceito pela população. Tal situação desperta nos meninos o desejo de saber realmente o que (ou quem) está por trás de tudo aquilo. Com a ajuda de Ubiratan, um velho que mora no asilo da cidade, começam uma investigação, tentam descobrir quem é o irmão da moça, os pais, familiares e a história de vida da jovem. Tudo isso acontecendo em meio ao auge da Guerra Fria, sabemos disso pois em alguns momentos da obra, os personagens falam sobre acontecimentos deste período histórico.

Terça-feira, 12 de abril de 1961.

No rádio, cedo, um locutor anunciara: um homem tinha ido ao espaço. O primeiro homem no espaço. Um russo.

Chamava-se Iuri Gagárin. (Silvestre, 2009, p. 13).

Paulo e Eduardo, ambos de famílias humildes, Paulo mais que Eduardo, estudam na escola daquela pequena cidade, com grandes sonhos mas ainda na inocência da infância. O desejo de descobrir a verdade sobre a morte da mulher, cujo nome é Anita, faz com que os garotos, com o auxílio do velho que foge do asilo durante as noites, invadam a prefeitura da cidade para descobrir mais sobre a vida da jovem, mais especificamente, no arquivo municipal. Entram no local sem permissão e descobrem que, na verdade, Anitta usa este nome como um codinome, seu verdadeiro nome é Maria Aparecida dos Santos e tem um irmão, ela viveu no colégio das freiras e em seu registro não possui o nome dos pais. Tudo vai ficando ainda mais estranho ao olharem a certidão de casamento com o dentista e se depararem com a grande diferença de idade entre os casados, Anita se casou com apenas quinze anos enquanto o dentista, dr. andrade, já estava chegando nos seus cinquenta anos. “Como as freiras permitiram este casamento?”, era o questionamento dos meninos e do velho.

O velho então se disfarça de padre e resolve ir até o colégio das freiras para tentar descobrir mais informações sobre a jovem assassinada. Não consegue nada muito espetacular

- 149 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

que possa ajudá-los nas investigações. Depois da ida ao colégio, vai atrás de Renato, suposto irmão de Anita. Quando encontra o garoto e o coloca sob pressão para saber informações da menina, que até mesmo o rapaz se recusava dizer que era sua irmã, ele perde completamente o controle e quase mata Ubiratan afogado em um chuveiro do banheiro em que se encontraram. O velho consegue alguma informação com o garoto e vai até a casa do prefeito se passando por um advogado que está a serviço dos familiares de Anita que moram no Rio de Janeiro. O pai do prefeito foi um deputado durante a Era Vargas e parecia estar à procura de uma menina para adotar, no mesmo período em que o colégio para meninas foi construído na cidade. Depois que vai embora da casa do prefeito, manda os meninos com algumas perguntas para a casa de uma senhora que já nem consegue falar de tão debilitada, esta senhora é avó de Anita e Renato. Renato contou ao velho e por isso os garotos vão até lá para tentar descobrir mais informações sobre a jovem, saem de lá sem sucesso na missão.

Os três não desistem de tentar descobrir algo que possa incriminar alguém que não seja o dentista. As pessoas importantes e com postos mais altos da cidade - a elite - começam (ao que entendemos na leitura) a adivinhar que algo está acontecendo. Na escola os meninos são convidados para conversar com o diretor e lá são ameaçados, enquanto isso Ubiratan também foi convidado pela freira para voltar à escola e conversarem, lá ela fala a verdade: o bispo, que possui parentes na cidade, já estava ciente que um senhor havia roubado roupas da igreja e estava se passando por um padre. A religiosa, com muito medo mas ainda assim se arriscando, revela algumas informações para o velho senhor. Na casa do dentista são encontradas por policiais algumas fotografias que poderiam ser de Anita e ao que tudo indicava eram fotos de uma cena de estupro. Os meninos, em uma tentativa de voltar ao local do crime, são atacados de forma direta e indireta, enquanto estão cruzando a mata para chegar ao rio, a floresta é incendiada e, para se salvarem, os meninos fogem do lugar com suas bicicletas e quase são atropelados por um carro misterioso. Voltando para a cidade,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

ficam muito curiosos com a movimentação que acontecia na frente da delegacia e, passando por debaixo das pernas dos curiosos que ali se reuniam, descobrem que o dentista, viúvo de Anita, tinha se suicidado na cadeia. Ao se encontrarem com Ubiratan, todos sujos e assustados com os ataques, descobrem que a senhora que visitaram um dia antes havia morrido, tudo estava acontecendo de forma muito rápida, o círculo se fechando para o trio. Pouco antes de Ubiratan ser surpreendido por Eduardo e Paulo, ele foi ao cemitério da cidade e descobriu, nas lápides da família Marques Torres, o nome da mãe de Anita: Elza.

Raspando, então, bem no centro do C, onde a marca era quase inexistente, e procurando as linhas originais do Z com a ponta do arame, viu confirmar-se a denúncia das freiras, o passado que os Marques Torres sobreviventes quiseram suprimir de sua tumba, de sua história e de suas vidas. Elza. A mãe de Aparecida. (Silvestre, 2009, p. 166).

Os garotos, que a todo custo tentam falar para Ubiratan sobre o suicídio do dentista, não o deixam em paz, chegam a conclusão de que não precisam mais fazer investigações afinal o suposto assassino havia morrido. Ubiratan não pensa assim, mas permanece em silêncio. Depois de um dia tão turbulento e cheio de informações e surpresas, os três vão assistir a um filme, os meninos se mostram muito comovidos com as cenas e situações que acontecem durante o longa metragem, não de uma forma tão positiva quanto se espera.

No outro dia voltam à cena do crime que completava uma semana naquele dia e, depois de muita discussão, Ubiratan chega à conclusão de que, na verdade, foi uma mulher a autora daquele crime brutal contra Anita, já imaginando quem era a mulher, partem rumo ao bordel onde Anita viveu seus dias e onde também aconteciam as gravações usando o corpo daquela jovem enquanto em vida. Ao confrontarem a mulher proprietária daquela casa, uma francesa que veio para o Brasil ainda muito jovem, ela se apavora e não sabe como agir diante do confronto que Ubiratan a submetia, só conseguia gritar o nome do segurança da



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

casa que depois de alguns berros aparece e, pegando-o nos braços, tenta tirar Ubiratan da casa. Paulo agarra um dos discos que a mulher tanto estimava e ameaça jogar no chão, por se tratar de um disco raro e com grande valor, ela se vê sem saída e pede para que o segurança (Humberto) deixe o velho ali e se retire. Ela não assume que matou Anita mas aparenta não sentir culpa, alega que a jovem não tinha como reverter tudo o que tinha acontecido, não existia a possibilidade de recomeçar sua vida. A mulher conta um pouco sobre sua vida e o quão indiferente era a morte da jovem que tinha vinte e cinco anos de idade. Faz revelações sobre Anita e seus familiares que deixam Ubiratan completamente sem reação. Anita, na verdade, é irmã do prefeito da cidade, filha do senador, ele resolve criar o orfanato e colocar a menina lá para que ninguém descubra, já que a menina nasceu com traços e cor dos olhos parecidos com o governador. A dona do bordel da cidade também conta que o irmão de Anita é filho do prefeito e amante de sua esposa. A jovem, quando descobre essa informação, resolve vender seu silêncio.

- O prefeito, evidentemente, não sabe que a mulher dele e o filho - interrompeu para uma nova tragada - são amantes.
- E Renato? Ele sabe que...
- Que o prefeito é seu pai? Não, não sabe. E Anita resolveu...
- Acabar com isso - Ubiratan concluiu.
- Não. Anita resolveu lucrar com isso. (Silvestre, 2009, p. 221).

Depois de um longo tempo de conversa, Ubiratan sai da casa com a certeza de que a assassina não era a mulher francesa e com coordenadas dela vai até onde mora Renato, em um bairro periférico da pequena cidade. Pede para que Humberto segure Paulo e Eduardo na casa para que não consigam ir atrás dele. Ubiratan passa por alguns momentos complicados até, finalmente, conseguir chegar ao local, um tempo chuvoso é o obstáculo do velho que está indo até a casa de Roberto. Chegando lá ele se depara com algo que jamais esperaria



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

encontrar, ouviu alguns disparos antes de entrar na casa, Roberto estava morto na cama e Isabel, sua amante, tentava negociar a própria vida com Cecília, sua filha e namorada de Roberto. A garota matou o namorado e estava desestabilizada a ponto de matar a própria mãe, Ubiratan tenta acalmar a situação, enquanto ela afirma que Anita contou sobre a traição e que sabe que foi a mãe e Roberto que mataram a jovem por medo de Anita contar o que sabia. O fim do capítulo termina com um último disparo de Cecília.

- Eu mato essa puta!
- Cecília, me entregue o revólver.
- Não, filha! Não, não, não! - Isabel implorou, colocando os braços em frente ao rosto.
- Me dê... - Ubiratan repetiu mais uma vez, agora tão perto que ia alcançar o revólver.
- Cecília recuou e disparou a última bala. (Silvestre, 2009, p. 235).

Após o acontecimento, Eduardo e Paulo não encontram o velho em lugar algum e quando voltam para suas casas ambos descobrem que irão se mudar, Paulo iria para o Rio de Janeiro com o pai que recebeu uma melhor proposta de trabalho e Eduardo iria para Taubaté, o pai foi transferido sem explicações. Os dois em cidades diferentes ainda conseguem manter a amizade por algum tempo, mas a distância e as vidas muito diferentes que possuíam foram afastando os dois cada vez mais. As cartas que Paulo enviava para o asilo nunca eram respondidas e quando houve uma resposta, foi a de que não havia ninguém chamado Ubiratan naquele lugar.

Depois de tanta tragédia, vidas que se perderam, abusos, pessoas corrompidas e desestabilidade entre as personagens, encontramos com Paulo que agora é um homem muito importante, não mora mais no Brasil, mas ainda tem o desejo de encontrar o amigo Eduardo depois de tantos anos. Durante sua rápida passagem ele encontra em uma lista telefônica um número que pertence a Eduardo. Ao ligar não ouve a voz do amigo mas sim de uma mulher



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

que, depois de uma conversa meio confusa, passa o telefone para o esposo e então Paulo descobre que o amigo já faleceu e que está falando com um dos filhos de Eduardo. Paulo faz suas últimas perguntas sobre o amigo de infância e descobre que Eduardo homenageou Paulo dando o nome a um de seus filhos, Paulo também fez isso com um de seus filhos que mora na Índia. O filho de Eduardo pede o endereço de Paulo para que possa enviar uma carta guardada a muito tempo por Eduardo para o amigo, os familiares não conheciam Paulo mas deixaram a carta guardada.

Paulo lê a carta, muito emocionado, quando ela chega em sua residência alguns meses mais tarde. Eduardo dizia na carta que ainda é perturbado por tudo que aconteceu naquela pequena cidade no interior de Minas Gerais e que a imagem de Anita ainda o assombra. Eduardo conta que registrou em papel tudo o que viveram naqueles dias ainda criança e Paulo deveria ler e fazer alguns acréscimos, já que ele não lembrava com muitos detalhes de tudo o que aconteceu. Paulo, então, lê as 179 páginas da história que viveram. Entendemos que estamos lendo o resultado da história dos meninos com a frase que Eduardo deixou escrita nas folhas e que é a primeira frase da obra: “os mortos não ficam onde estão enterrados”, frase de John Berger em *Aqui nos encontramos* (1958).

Vidas Provisórias

Vidas Provisórias nos conta a história de personagens fora do Brasil, Barbara em Nova Iorque e Paulo no Chile e depois pela Europa. A obra intercala o livro das duas personagens utilizando cores diferentes para ambos, Paulo com a escrita na cor preta e Barbara com a escrita na cor azul (no livro físico). Paulo agora sendo um homem adulto que não vive mais no interior de Minas Gerais como em *Se eu fechar os olhos agora* (2009), a vida dele agora acontece no Rio de Janeiro e seu livro já começa nos apresentando um



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

diálogo entre ele e uma mulher que, mais a frente, se tornará sua esposa. Obrigado a sair do Brasil para preservar a própria vida, não tem domínio do idioma local por onde passa e sem saber falar inglês vai tentando seguir com a nova vida fora do seu país de origem. Já Barbara é uma mulher que vive a sua diáspora nos Estados Unidos, mais especificamente em Nova Iorque. Por melhores condições de vida e para ajudar a família, a jovem que não tem conhecimento sobre a língua inglesa faz faxina em casas de brasileiros que moram na cidade. Barbara é uma moça muito tímida que vive para o trabalho e pouco se sabe sobre sua vida.

Dando mais destaque ao personagem que será discutido neste trabalho, detalharei mais a vida de Paulo que na obra começa sendo investigado e sequestrado por militares a serviço da ditadura militar, seus colegas do curso de direito o enganam e levam um homem que estava envolvido no sequestro de Ehrenfried von Holleben, embaixador da república da Alemanha. Por conta deste ocorrido, Paulo é entendido como um cúmplice mesmo sem saber do que se tratava. Os militares vão até sua casa e o levam para um local em que a personagem é duramente torturada por vários dias. Ele não contava com a surpresa de que um dos militares era seu irmão (presente na obra *Se eu Fechar os Olhos Agora*) e naquele lugar atendia por Capitão Molina. Ele consegue impedir que Paulo seja morto, mas a condição é que terá um codinome e jamais poderá voltar ao Brasil. Deixado na fronteira do país, Paulo segue até o Chile onde fica um período curto de tempo. Depois parte para a Suécia, onde os capítulos acontecem em Fisksätra, pequeno condado de Estocolmo. Paulo conhece uma mulher ainda no Chile com quem futuramente virá a partilhar a vida e viver um romance, a vida é muito difícil já que não sabe o idioma local.

Em um capítulo sobre seus pensamentos, Paulo reflete e chega a conclusão que o Brasil tem donos, pessoas que mandam no país. Ele se mostra muito desapontado com a onda de opressão que recaiu sobre a nação e em como a classe trabalhadora se torna cada vez mais refém do capitalismo no país. Paulo faz uma volta no tempo - sua infância na obra *Se eu*



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

fechar os olhos agora - e se lembra da primeira vez em que um “dono do país” mostrou seu poder:

A primeira vez que um dono do Brasil me mostrou seu poder foi dentro de uma escola. Na cidade em que eu vivia. Era o diretor. A escola era pública. A única escola pública das redondezas. Ele se chamava Leonel, o diretor. Leonel de vários sobrenomes nos chamou, a mim e ao meu amigo Eduardo, para avisar que devíamos parar de buscar o assassino da mulher que havíamos encontrado esfaqueada e mutilada à beira de um lago. A mulher era a puta da cidade. Anita. Aparecida. O diretor não nos disse para parar de bisbilhotar a vida dos amigos dele, não com todas as letras. Não precisou. Mostrou que sabia tudo sobre nós e nossas famílias. Lembrou, entre citações em latim, que Eduardo era filho de um ferroviário e uma costureira; eu, de um açougueiro e uma tecelã. Que a escola era gratuita, que sua criação se devia à generosidade da elite da cidade, que a escola representava o futuro talvez possível para gentinha como nós e que ele podia nos expulsar se assim o desejasse e aprovesse, cortando de vez nossos sonhos de nos tornarmos médicos, engenheiros, dentistas, astronautas, escafandristas, sertanistas ou o que quer que nos encantasse naqueles tempos, e que já nem me lembro direito. Eu tinha doze anos. Eduardo, também. Era um outro país, aquele. Era um outro mundo, aquele. Eduardo e eu acreditávamos que aquele mundo e aquele Brasil caminhavam para um futuro melhor e mais justo. Eu não sabia que nosso futuro tinha dono. (SILVESTRE, 2013, p. 73).

Ele vive de resgates de um passado que já não existe mais, sua casa e seu país já não são mais os mesmos. Paulo se pergunta sobre a mulher que o ajudou nos primeiros dias de seu exílio, se lembra apenas do nome dela: Anna.

Paulo, no capítulo seguinte, consegue encontrar Anna. Passa a frequentar a casa dela mas ainda está no centro de refugiados em Estocolmo. O rapaz tem em sua memória a lembrança do corpo de Anita, que foi assassinada em sua cidade natal, conta para Anna quem foi a mulher e o que aconteceu com ela, omite alguns detalhes mas relembra o período de horror, o amigo de infância e o pai. Agora já vive um romance com a mulher mas ainda não é



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

“alguém”, afinal não tem documentos nem nada que comprove sua veracidade, apenas um papel dizendo que o indivíduo se identifica como Paulo.

Dois meses se passam e Paulo já não é mais um refugiado, agora vive em Estocolmo e Anna ainda está ao seu lado mantendo o romance vivo. Anna está comemorando o aniversário de Paulo que não se lembrava da data e relata que quando criança e durante toda sua vida não teve o hábito de comemorar o aniversário afirmando ser indiferente à data. O casal troca carícias e conversas no chão da sala como uma comemoração do aniversário de 26 anos de Paulo. Anna apresenta diferentes tipos de queijos, coisas mais comuns nos países europeus, enquanto se conhecem cada vez mais, contam coisas de suas vidas aumentando o laço de confiabilidade um no outro. Durante a conversa, Anna afirma que um dia Paulo voltará para o Brasil mas ele não acredita nessa possibilidade e diz que se um dia isso acontecer irão juntos, pois seu amor por ela não o permite viver sozinho.

Em Estocolmo, Paulo tem um novo emprego como vigia, que divide com mais dois brasileiros também exilados do Brasil. Os empregos que usam menos a língua local são dados aos refugiados para poderem trabalhar no país. Mesmo já compreendendo bem o idioma, prefere continuar no emprego para que possa sobrar tempo para estudar, agora ele estuda pedagogia e economia. Paulo conversa com seus colegas de trabalho e suas únicas notícias sobre o Brasil chegam através deles, que recebem cartas, revistas, comidas e objetos dos familiares que vivem lá. Paulo é questionado sobre sua família pelos homens e responde que não tem familiares.

Mais de um ano se passa e agora Paulo tem um filho e se mostra muito feliz com a grande mudança que acaba de começar na sua vida: cuidar de um filho. A criança é fruto do amor de Paulo e Anna, uma criança saudável que recebe o nome em homenagem ao antigo amigo: Eduardo. Para os suecos poderem pronunciar, registram como Edward. Paulo ainda



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

passa por muitas coisas que o desagrada, como, por exemplo, a falta de consideração dos pais da esposa que não foram ao hospital visitar seu filho, pois não apoiavam o relacionamento de Anna com Paulo. Com o tempo, descobre que, no Brasil, alguém pedia informações sobre ele para saber como estava. Um tempo depois, recebe a ligação de seu irmão, Capitão Molina.

- É da embaixada brasileira. Uma pessoa quer falar com você. A essa hora?, ele estranha, caminhando e pegando o aparelho.
- Alô? Quem fala? - pergunta, antes de estremecer, ao reconhecer a voz do outro lado.
- Estou na Suécia, Neguinho. Quero te ver. (SILVESTRE, 2013, p. 138).

Depois da ligação, Paulo vai ao local combinado para esperar o irmão. Fica no ponto de encontro por horas esperando, mas ele não aparece. Então começa a pensar em sua família e na possibilidade dele ter descoberto seu endereço, volta para casa em sua bicicleta desesperadamente. Ao chegar em casa, se depara com o irmão e mais dois homens, fica tomado pela raiva, mas não pode fisicamente com homens tão bem preparados para combate, como os oficiais do exército. Repara então que o irmão está em uma cadeira de rodas, tendo perdido as habilidades dos membros inferiores. O irmão conta o motivo do acidente e informa que o tempo todo tinha informantes e sabia cada passo dado pelo irmão mais novo, relembra o período de exílio e tudo que Paulo conseguiu fazer até chegar na Europa, dizendo que tudo aconteceu por seu intermédio. Capitão Molina entende tudo isso como um favor feito para o irmão e que agora deve retribuí-lo fornecendo informações para o Estado brasileiro. Molina quer que Paulo descubra os nomes dos informantes da Anistia Internacional sobre os interrogatórios que acontecem no Brasil com os militares. Enquanto conversam, um dos capangas do irmão está vigiando Anna e seu filho Edward. Capitão Molina deixa claro para Paulo que com o poder que tem em suas mãos poderia acabar com



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

sua família, mas que não fará nada caso ele coopere.

Ao que a história nos mostra, Paulo não ajudou o irmão a descobrir informações sobre brasileiros e simpatizantes que ajudavam pessoas de oposição no Brasil. Paulo está indignado, foi torturado outra vez, não no Brasil, mas alí na Suécia. Tenta de toda forma tirar aquele cheiro ruim de seu corpo, conversa com a esposa e pede desculpas por não ter contado sobre o irmão, pois tinha vergonha dele ser um apoiador daquela ditadura. Estava decidido a acabar com a “carreira” do irmão, mesmo que isso lhe custasse a confiança de todos os outros exilados ao contar que Molina o ajudou indiretamente a sair do Chile e depois da Argentina e chegar até a Europa.

Quase três anos se passaram, já não percebemos mais a presença do irmão de Paulo. O ano é 1979 e a lei de anistia já está instaurada no Brasil, muitos exilados brasileiros querem retornar ao país e Paulo está com dois amigos que irão voltar para o Brasil, conversando sobre a possibilidade de um retorno ao país. Relembra, de forma nostálgica, os gostos brasileiros, os pratos, os lugares, as frutas, os doces e as bebidas. Falam dos lugares que querem voltar a frequentar e das coisas que querem fazer. Paulo tem muita vontade de voltar, mas sabe que ainda não é o momento já que Anna está à espera do segundo filho do casal. A gravidez é de risco, assim como a primeira, então preferem esperar o nascimento de Joseph para depois pensarem na possibilidade.

Em Paris, cinco anos após o último acontecimento registrado, Paulo está com os filhos, acabou de buscá-los da escola e estão indo a um parque da cidade, estão ali a apenas cinco meses a convite da Unesco para que Paulo ajude no desenvolvimento de projetos educacionais em países de terceiro mundo, então tudo é novo para a família. Anna já morou na cidade, mas era outra época. Mostrando-se apaixonado pela família que formou com a esposa, ele fala muito dos filhos, das características físicas e intelectuais e em como tem medo de perdê-los. As notícias que têm do Brasil chegam por meio de pequenas matérias nos



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

jornais, não vive mais pensando no país natal. Está às vésperas de uma viagem que fará a trabalho com a Unesco, irá para El Salvador discutir com o novo presidente eleito sobre a construção de escolas de baixo custo nas áreas mais afetadas pela guerra civil.

Agora, em Hatra, cidade localizada no Iraque, dezesseis anos após o último registro, Paulo escreve uma carta para a esposa. A mulher se recupera de uma cirurgia recém feita para a retirada de um pequeno tumor. Ele se mostra preocupado com o futuro dos filhos, com as carreiras que querem seguir, mas não os impede. Conta a situação do país em que está trabalhando ainda com a Unesco, um país devastado pela guerra governado por Saddam Hussein. O desejo de ir ao Brasil volta aos seus pensamentos, quer muito reencontrar Eduardo, seu grande amigo de infância. Fica preocupado com qual Brasil encontrará e em como o ambiente de guerra iraqueano se assemelha à violência brasileira do período em que foi expulso do país. As cartas que escreve para a esposa são sempre rasgadas e queimadas antes que mude de cidade, tem medo que os oficiais do país peguem os registros que faz para a esposa e o prendam no Iraque, ou seja, as cartas nunca são enviadas para a família. Assim termina o livro de Paulo em *Vidas Provisórias*, este é o último registro deixado por ele.

A personagem Paulo: construção de identidade e busca por pertencimento

Sabemos que se trata da mesma personagem presente no romance *Se eu fechar meus olhos agora* quando, no início da história de Paulo em *Vidas Provisórias*, o narrador diz:

E na madrugada antes dela, logo depois de invadirem o pequeno apartamento conjugado em Copacabana, mobiliado com apenas uma cama de solteiro e uma estante feita de tábuas de pinho apoiadas em tijolos vazados, derrubada antes de rasgarem e pisarem seus livro de história e ciências sociais e o exemplar de David Copperfield que o acompanhava desde a expulsão da cidade em que Anitta fora assassinada. (SILVESTRE,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

2013, p. 20).

Quando o narrador fala do assassinato de Anitta, entendemos que se trata da mesma personagem pelo fato óbvio de ser o garoto que viveu este acontecimento.

Para entendermos quem é esta personagem, sua identidade dentro das duas obras e dando continuação ao que foi dito no fim do primeiro capítulo, precisamos entender o que é a identidade hoje, na pós-modernidade. Para Stuart Hall “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2006, p. 12). O autor entende que a identidade é construída de acordo com o tempo, com a sociedade e meio cultural em que vivemos, podemos nos espelhar em diferentes identidades durante a vida, mesmo que por períodos curtos de tempo. Não estamos mais presos apenas em um tipo de identidade fixa; desempenhamos diferentes papéis na sociedade devido ao processo de globalização e ao sistema capitalista que, a todo momento, precisa nos apresentar algo novo, nos dar estímulos novos, para que este sistema se mantenha ativo e vivo. Isso provoca e alimenta a ideia de que, conseqüentemente, desempenhamos e nos identificamos com diferentes identidades durante a vida, por períodos longos ou curtos.

Paulo é uma personagem que vive intensos momentos durante a vida, muitas vezes, ainda não estando preparado para vivenciar. Paulo desempenha papéis diferentes durante as passagens de sua vida, isso fica ainda mais nítido quando a personagem sai do Brasil e passa a viver como exilado em outro país. É uma personagem contemporânea, então certamente se encaixa nos quesitos ligados à identidade na atualidade, ele está sempre em busca de pertencimento a um grupo, por isso sua tão dura adaptação em outro país, na medida que não se sente pertencente aquele povo.

O sentimento de pertencimento é primordial para qualquer ser humano, esta sensação o mantém ativo na sociedade de uma forma não muito agradável, ele está ativo



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

procurando seu pertencer naquele espaço mesmo não encontrando, pois não é mais parte do Brasil nem da nova nação em que recém chegou. Identidade e diáspora andam juntas, pois a crise identitária é clara em Paulo quando ele está em diáspora. Vemos isso em um trecho da obra, quando recém chega na Europa.

Perdi Eduardo.
Perdi o Brasil.
Perdi minha vida.
O Brasil é apenas um retrato na parede, agora.
Nem isso.
Não existo. Não tenho mais o nome que era meu. Não tenho o passado que era meu. (Silvestre, 2013, p. 74).

Paulo não se identifica com o novo país, a cultura é diferente, os costumes e principalmente o idioma são grandes barreiras. Depois de muitos anos longe de seu país, procura manter contato com alguns brasileiros, ele não quer perder o contato com a cultura que já não é mais sua.

Sobre o estrangeiro, Julia Kristeva diz:

[...] não pertence a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente, o presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada. Pontos de referência, nada mais. O seu tempo? O de uma ressurreição que se lembra da morte e do antes, mas perde a glória do estar além: somente a impressão de um sursis, de ter escapado (Kristeva, 1994, p.15).

Paulo passa por tudo isso, é tido como um ser que não pertence a lugar algum e as maneiras como é tratado na Suécia apenas o coloca mais próximo das margens de uma sociedade que precisa rotular pessoas. O bairro que Paulo vive é apenas para refugiados,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

colocando de forma subjetiva uma placa sobre as cabeças dos estrangeiros que ali residem, destacando que aquelas pessoas não pertencem ao país que os acolheu.

O Brasil sanciona a lei de anistia, então, alguns colegas de Paulo desejavam voltar ao país, entretanto agora ele possui uma família e é mais difícil se mudar. Junto com os colegas, relembra os sabores, cheiros e lugares do Rio de Janeiro que ainda se recordam e pretendem voltar a experienciar um dia:

- pois, então: gurias da tijuca, meninas de Botafogo...
Riram. Assim, pelo menos, é como Paulo se recorda. Recorda-se, também, da longa lista que Chico Nelson fez das outras razões que animavam a sua volta, pronunciadas na voz rouca e com os chiados de seu cadenciado sotaque distantemente carioca.
- Croquetes. coxinhas. linguiça. torresmo. bolinho de bacalhau. bolinho de arroz. pele de porco. morcela. paio. feijoada. pescadinha com arroz e brócolis. leitão pururuca. rabadá com agrião. frango assado. frango assado com farofa de banana. frango assado com macarrão. frango assado ao molho pardo. farofa de ovo. bife à milanesa. bife à cavalo. costela assada. angu do gomes. angu à baiana. vatapá. acarajé. xinxim de galinha. carne moída com arroz, feijão, ovo frito, com gema mole e clara dura. mandioca frita. camarão com chuchu. bobó de camarão. pastel e caldo de cana. tripas. moelas. miolos. bife de fígado acebolado. picadinho. lombinho com tutu e couve. (Silvestre, 2013, p. 182).

Trago apenas um recorte em que as personagens resgatam em suas memórias alguns pratos típicos do Brasil. Mais a frente, em uma carta que escreveu para sua esposa, Paulo diz que quer voltar ao país.

Tenho pensado em ir ao Brasil.
Voltar, depois de 29 anos. como será, Anna? Como reagirei? Que Brasil encontrarei?
Há momentos aqui que me lembram o Brasil que deixei. Que fui obrigado a deixar. A vigilância é constante. A polícia das ditaduras parece treinada pelos mesmos manuais. Somos parados muitas vezes, apesar de nossa van



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

estampar o selo da Unesco. Um em cada porta da cabine da frente, outro de cada lado do veículo e um no teto. (Silvestre, 2013, p. 221).

Durante o enredo, Paulo jamais consegue se esquecer de seu país, acredita já ter organizado sua vida na Europa, mas ainda assim vive a se recordar das terras brasileiras. Maria Zilda Ferreira Cury discute sobre este “relembrar” em *Novas Geografias Narrativas* (2007), dizendo ser uma estratégia narrativa do autor para eventos que ocorreram, como uma forma de recuperação da memória coletiva. A pesquisadora, baseada em Richards e Agamben (Cf. Richards, 2002; Agamben, 2005), também diz ser possível mesclar o particular e o universal fazendo, assim, de Paulo, um personagem completamente dentro deste espectro quando relembra coisas particulares de sua vida (o encontro com o corpo de Anita) e também quando se recorda de acontecimentos públicos que ocorreram no Brasil (ditadura de 1964). A personagem faz este caminho durante toda a obra, lembrando sua infância (fazendo referências à *Vidas Provisórias*) e sua vida adulta no Brasil no período ditatorial do país.

Outro conjunto poderia ser formado por escritas com ênfase nos mecanismos da memória, tingidas por interpretações da história do país, pondo em relevo estratégias ficcionais de recuperação da memória coletiva e histórica, mas também da pessoal, em que se mesclam o local e o nacional, o particular e o universal, não como memórias essencialistas ou lineares. (Cf. Richards, 2002; Agaben, 2005).

Outro tema recorrente nas obras de Edney Silvestre é a violência. Do estado para com o povo, do patrão para com o empregado, da elite para com a classe trabalhadora e do homem para com o corpo feminino. *Se eu fechar os olhos agora* (2009) e *Vidas provisórias* (2013) apresentam a violência em diferentes momentos de seus enredos e com diferentes personagens. Paulo é uma das vítimas da violência do Estado para com o povo e existem em



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Vidas provisórias (2013) cenas inteiras em que o narrador descreve a tortura que sofreu por oficiais das forças armadas na década de 1970.

Está pendurado no pau de arara, sujo de sangue, fezes, urina e vômito. A posição não lhe permite ver o rosto de quem ordena a saída de seus torturadores, mas a voz autoritária, segura, essa ele conhece. Vem de um outro tempo. (Silvestre, 2013, p. 35).

Podemos ver nitidamente a forma violenta do assassinato de Anita em *Se eu fechar os olhos agora* (2009), a forma como os garotos encontram a jovem no rio já na primeira página da obra, as fotos dela sendo violentada sexualmente e a violência, sofrida de forma mais verbal, com que era tratada pela sociedade da pequena cidade.

Se eu fechar os olhos agora, ainda posso sentir o sangue dela grudado nos meus dedos. E era assim: grudava nos meus dedos como tinha grudado nos cabelos louros dela, na testa alta, nas sobrelhas arqueadas e nos cílios negros, nas pálpebras, na face, no pescoço, nos braços, na blusa branca rasgada e nos botões que não tinham sido arrancados, no sutiã cortado ao meio, no seio direito, na ponta do bico do seio direito. (Silvestre, 2009, p. 11).

Vemos também a presença de violência quando o irmão de Paulo se refere a outras meninas da cidade, em especial, uma empregada da família de um amigo, Mauro.

- E se ela não quiser?
- Antonio guardou o pente no bolso traseiro da calça, deu uma longa mirada satisfeita no espelho.
- Hein, Antonio? E se ela não quiser?
 - Já te disse que ela é cria da casa.
 - Mas pode não querer.
 - A gente come à força e quebra ela de porrada. (SILVESTRE, 2009, p. 129).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Violência no reencontro entre Paulo e Capitão Molina que, com a ajuda de capangas, bate ferosmente em Paulo até que consiga a “ajuda” do irmão.

Faz um sinal com a cabeça ao homem à porta do quarto. Ele a abre. Paulo vê Anna sentada ao pé da cama. Edward está em seus braços. Um terceiro sujeito grandão se mantém de pé em frente a ela. Anna levanta o rosto e o vê apenas um segundo antes que o capanga feche a porta.

- Se eu quisesse, podia ter acabado com eles.
- Eu te mato, se você... ai! - geme, de novo, ao ter o braço torcido com mais força. (SILVESTRE, 2013, p. 148).

Presenciamos também violência nas cenas finais de *Se eu fechar os olhos agora* (2009), quando a filha do prefeito, descontrolada pelo ódio, atira no namorado, o mata e tenta matar a mãe que estava com o amante.

Isabel começou a chorar.

- Não, filhinha, por favor - pediu, assustada -, por favor, não atire, não me mate, Cecílinha, filhinha...
- Me dê a arma. Por favor
- Eu vou matar ela!

O choro de Isabel tornou-se convulsivo.

- Não, filhinha, não!
- Soluçava, descontroladamente. Cecília apontou a arma em direção à mãe.
- Eu mato essa puta!
 - Cecília, me entregue o revólver.
 - Não, filha! Não, não, não! - Isabel implorou, colocando os braços em frente ao rosto.
 - Me dê... - Ubiratan repetiu mais uma vez, agora tão perto que ia alcançar o revólver.
- Cecília recuou e disparou a última bala. (Silvestre, 2009, p. 234 e 235).

Analisando os romances e pesquisando sobre a violência nas narrativas contemporâneas, entendemos que a presença violenta é algo frequente, a prova disso são as



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

marcas de opressão dentro das obras analisadas. Marcas que fazem parte do Brasil representado pelo autor. Tudo o que é apresentado é um registro de uma época que, ainda hoje, perdura na história contemporânea do país. Valdemar Valente Junior em *Espaços da violência na narrativa brasileira contemporânea* (2013) afirma que “a liberdade das ruas preenche o anseio de um imediatismo que se projeta como possibilidade” (Junior, 2013, p. 72).

A personagem em estudo, Paulo, vive à sombra da violência desde a infância, conforme apresentado nas duas obras. Seu pai era violento em casa, apresentando-se sempre bêbado e com raiva, parecia ter ódio do filho. Também era maltratado pelo irmão mais velho, que usava tanto de violência física quanto verbal. Ele foge do convívio da casa, mas acaba experienciando a violência fora dela, quando se aprofunda, junto com Eduardo, no caso de Anita.

A morte violenta de Anita e toda a trama sombria que a envolve influenciam a vida de Paulo, será uma marca eterna que perpassa por seus pensamentos e pesadelos. Vez por outra descobre-se lembrando da história de Anita e da cena do crime. Por mais que se esforce, não consegue esquecer tamanha brutalidade e injustiça. Também não entende a rápida mudança da família para o Rio de Janeiro, o que fez com que se separasse de Eduardo, a única pessoa que o tratava bem e o entendia.

Já adulto, é torturado e quase morto pelos militares durante a ditadura. Expulso do país, é abandonado na fronteira com Chile sem documentos. Quase morto, é resgatado pela Anistia Internacional e levado para a Suécia, onde passa a viver como exilado. Sem escolhas, mora e trabalha numa região determinada para refugiados.

Sobre o sentimento de pertencimento tão buscado por Paulo, Júlia Kristeva fala deste especular intenso que o estrangeiro crava quando em diáspora:



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A rejeição de um lado, o inacessível do outro: se tiver forças para sucumbir a isso, resta procurar um caminho. Fixado a esse outro lugar, tão seguro quanto inabordável, o estrangeiro está pronto para fugir. Nenhum obstáculo o retém e todos os sofrimentos, todos os insultos, todas as rejeições lhe são indiferentes na busca desse território invisível e prometido, desse país que não existe mas que ele traz no seu sonho e que deve realmente ser chamado de um além (Kristeva, 1994, p.13).

Sem pertencimento definido, Paulo vai aos poucos tentando construir sua identidade estilhaçada pela violência que permeia sua vida. Sente saudades do Brasil, mas sabe que não pode voltar. Contenta-se em lembrar, com os amigos, da cultura, do modo de ser do brasileiro, da comida, das festas. Também conversa com Ana sobre o Brasil, fala sobre a natureza, em especial os animais, mas não conta nada sobre sua família, até que seu irmão aparece na Suécia.

Em resumo, nunca se esqueceu da terra natal, por mais que ela tenha lhe causado tanta dor. Mas sabe que não é possível voltar, que não é mais parte dela. Além disso, agora tem Ana e seus filhos. Entretanto, não se sente pertencente ao novo país. Primeiro em função das dificuldades com a língua e com a cultura, depois por viver em um bairro específico para refugiados. Soma-se a isso a não aceitação da família de Ana, que não admite que ela viva e tenha filhos com um exilado brasileiro.

Com o decorrer da obra, Paulo não procura uma nação para pertencer, mas percebe-se um cidadão do mundo, que procura não fixar raízes, tornando seu pertencimento flutuante. Sabe apenas que tem uma esposa e filhos, passando a viver em prol de atividades voltadas à ajuda humanitária pelo mundo, sem nunca esquecer da sua terra natal.

Considerações finais

Revisitando as obras, analisamos as principais características desta personagem e

- 168 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

sua trajetória de muita resistência contra todo um sistema que cada vez mais marginaliza pessoas como Paulo. As histórias escritas por Edney Silvestre nos tocam e representam um Brasil ainda hoje vivido por muitas pessoas, apresentando uma ideia de país diversificado que carrega as marcas da violência desde o seu fundamento. Paulo é mais uma dessas personalidades que vive uma história, muitas vezes, invisibilizada. A violência presente em ambas as obras carrega os traços deste Brasil tão violentado, tornando a opressão vivida pelas personagens uma “atualização” das violências sofridas pelos povos que aqui viviam e que aqui chegaram para fins exploratórios, assim como Paulo que foi removido de seu país de origem e que sofre as consequências deste ato imposto a ele pelas forças armadas, não de ser explorado, mas de ser arrancado de sua terra e jogado em um outro lugar que, sem querer, teve de se transformar em sua casa.

Paulo é apresentado como uma personagem sem território, que não está em seu país, precisa sobreviver fora dele, mas também não pertence ao novo país. O motivo da remoção da personagem foi muito comum no período em que se passa a narrativa (regime militar de 1964), momento em que o país passa por muita opressão e violência, revisitando na memória coletiva os acontecimentos brutais da ditadura no país. Os relatos de tortura que Paulo sofre são contados de maneira a despertar a inquietação no leitor, fazendo-o se sentir incomodado com tamanha brutalidade. Acompanhar os desdobramentos de sua vida e o final de *Vidas provisórias* (2013), nos desperta o sentimento de “alívio”, de que o fim de tudo aquilo realmente aconteceu, Paulo agora está bem, livre e feliz com sua família e vida.

As características desta personagem o colocam como um indivíduo atual que vive situações de um mundo também atual, não falamos mais de como é a vida em um Cortiço (embora a obra de Aluísio de Azevedo apresente também a realidade de um país), falamos de uma nação ameaçada passando por grandes conflitos e fragilização democrática. Os donos deste país causam esta situação, parafraseando a própria personagem. Paulo mostra sua



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

fragilidade psíquica quando chega em outro país, a ansiedade e o medo que já havia vivido o tornou aquele homem amedrontado e inseguro enquanto adulto. A fragilidade se assemelha às dores e questões que temos hoje, as preocupações de uma sociedade contemporânea e a necessidade de se firmar em um grupo social.

As definições que podemos obter desta personagem é que ela cumpre o papel de representar uma classe social desfavorecida e que tanto é agredida de diferentes formas, por um sistema que o tempo todo precisa oprimir alguém para manter outro grupo favorecido e em ascensão. Paulo também consegue representar todos os brasileiros que estão longe do seu país, mesmo não sendo por um motivo forçado como o dele, apresentando a saudade de casa e de um lugar cômodo para viver.

Resgatando um ponto deixado ainda em branco, Paulo volta a ter o sentimento de pertencimento depois de já ter seus filhos, de perceber que agora vive por eles também. Embora a família viva em Paris neste período, os filhos nasceram na Suécia e a mudança ocorreu por questões empregatícias de Paulo. Agora voltado para o mundo ele vagueia por países do mundo sem pertencer a eles ainda sentindo falta do seu país ao qual também não faz mais parte, pois tem *flashes* de memórias com o amigo que ficou no Brasil, mas agora entende que isso ficou para trás. Seus filhos depois que se tornam adultos também vão continuar suas vidas em outros países por motivos agora diferentes dos de Paulo, provando que na literatura contemporânea, embora a personagem tenha uma nacionalidade ela não necessariamente viverá o pertencimento equivalente ao seu país de origem. O lugar das personagens marginalizadas agora é o mundo como um todo, todos os lugares e ao mesmo tempo nenhum lugar em específico.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e memória**: destruição e da experiência e origem da história.

- 170 -

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica Estudos Linguísticos e Literários – SÓLETRAS, ano 14, n. 1, Fev., 2024, ISSN 18089216



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Trad. Henrico Burigo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1988.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores: **Comunidade brasileira no exterior - Estatísticas 2020**. [Brasília] Ministério das Relações Exteriores, 17 jul. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/artigos-variados/comunidade-brasileira-no-externo-2013-estatisticas-2020>. Acesso em: 19 abr. 2023.

BRITO, Luciana. **O gênero narrativo e suas especificidades**. Jacarezinho: CLCA/UENP-JAC, 2008. Minicurso ministrado no SÓ-LETRAS (Seminário de Iniciação Científica).

CONVERSA COM BIAL. **Edney Silvestre lança uma nova versão do romance ‘Vidas Provisórias’**. Globoplay, 16/12/2021. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10136678/>. Acesso em: 25 fev. 2023.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo (1990–2004). **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 26, p. 13-71, Brasília, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JUNIOR, Valdemar Valente. Espaços de violência na narrativa brasileira contemporânea. **Estudos de literatura brasileira**. Brasília, n. 42, p. 65 - 78, jul./ dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9927>. Acesso em: 01 Maio. 2023.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

LIVRARIA DA TRAVESSA. Clube de leitura | **Se eu fechar os olhos agora com Edney Silvestre**. YouTube, 04/02/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HEQiVP3oRzA>. Acesso em: 19 abril. 2023.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

PELLEGRINI, Tânia. **Realismo e realidade na literatura**. Um modo de ver o Brasil. São Paulo: Alameda, 2018.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos** – Expressões da literatura brasileira no séc. XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; Biblioteca Nacional, 2008.

REZENDE, Beatriz e FINAZZI-AGRÓ, Etorre. **Possibilidades da Nova Escrita Literária no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2014.

SILVESTRE, Edney. **Vidas provisórias**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2013.

SILVESTRE, Edney. **Se eu fechar os olhos agora**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

THE NOITE COM DANILO GENTILI. **Entrevista com o jornalista Edney Silvestre**. YouTube, 19/04/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KoMD4rzhnzc>. Acesso em: 19 abril. 2023.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

A RELAÇÃO ENTRE O HOMEM E A NATUREZA NO ROMANCE “O VELHO E O MAR”, DE ERNEST HEMINGWAY E NA CANÇÃO “O VELHO E O MAR”, DE RUBEL

Jéssica Adriane Etoze Fogaça (G-CLCA-UENP/CJ)
Fernanda de Cássia Miranda (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)
Mônica de Aguiar Moreira Garbelini (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: O presente estudo tem por objetivo realizar uma análise da relação entre o homem e a natureza no romance "O Velho e o Mar", de Ernest Hemingway e na canção com o mesmo título, de Rubel, observando e apontando de que forma e em quais pontos as obras se convergem. O estudo é realizado através da Literatura Comparada e visa não somente apontar similaridades entre obras, mas considerar seus contextos históricos, sociais e políticos de criação. Sustentados por teóricas como Tânia Franco Carvalhal e Sandra Nitrini, essa pesquisa viabiliza uma percepção mais apurada e cuidadosa de temas universais explorados no romance e na canção, como a solidão, o envelhecimento, a coragem, o senso de comunidade e o amor. Além disso, a pesquisa também discute sobre a importância da canção enquanto ferramenta de acessibilidade e aproximação com a literatura, visando, portanto, sua função social e educativa.

Palavras-chave: Hemingway. Literatura comparada. Rubel. Literatura norte-americana. MPB.

Introdução

Ernest Hemingway foi um escritor norte-americano, membro do que foi nomeado por Gertrude Stein como a “geração perdida”, autor do romance *O Velho e o Mar*, publicado em 1952 e reconhecido internacionalmente por suas premiações. Ganhador do Pulitzer e o Prêmio Nobel de Literatura, o livro foi classificado pelo próprio escritor como a melhor obra que ele poderia ter escrito e recebeu adaptações cinematográficas também premiadas. Décadas depois, o cantor brasileiro Rubel Brisolla, conhecido artisticamente somente como



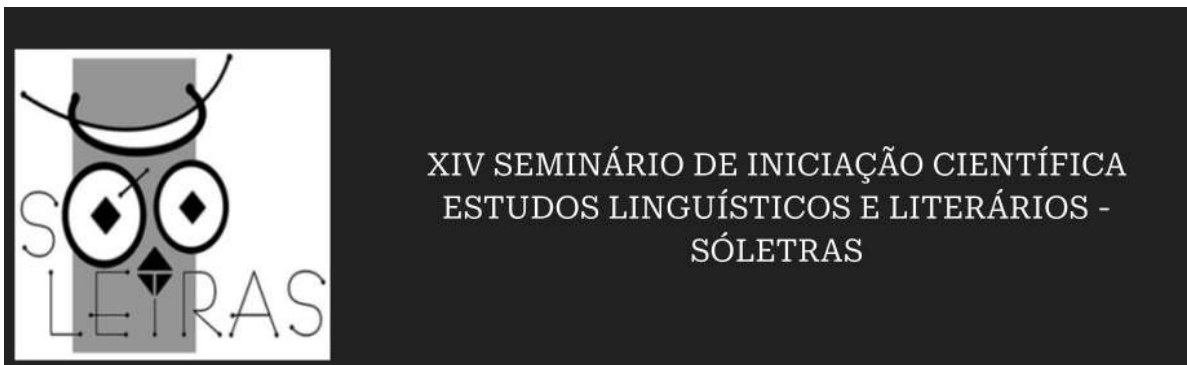
XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Rubel, compôs a música *O Velho e o Mar*, uma das faixas do álbum *Pearl*, lançado em 2013. Portanto, o presente artigo se realiza na interpretação dessas duas obras de relevância social e literária, separadas por décadas e que se unem nesse trabalho para tratar da relação entre o ser humano e a natureza.

Devido à fama e ao reconhecido talento do escritor norte-americano, suas obras, em especial a analisada neste trabalho acadêmico, foram temas de diversas pesquisas não só da área da Literatura, mas também da História, Filosofia, Cinema e Psicologia. Embora o tema não seja tão inusitado, o recorte da pesquisa (a relação entre a humanidade e a natureza) e o movimento de colocar o romance ao lado de uma canção brasileira, a partir de uma perspectiva comparatista, pode gerar reflexões muito pertinentes, não só sobre a análise das obras em questão, mas também sobre a canção enquanto parte da Literatura.

Essa pesquisa explora os recantos das criações literárias e musicais, procurando identificar as conexões que vinculam o ser humano à natureza. Em consonância com esse propósito, a composição "O Velho e o Mar" de Rubel Brisolla, além de dialogar com a obra homônima de Ernest Hemingway, se integra ao cenário da música popular brasileira. Tal como discutido por Santos (2020) em sua análise sobre a presença do coração na música popular brasileira, há nuances de significado e expressividade que transcendem o simples domínio das palavras líricas. Dentro desse contexto, a opção por explorar "O Velho e o Mar" de Rubel se transforma em uma exploração também nas profundezas da subjetividade humana, marcada por emoções que ressoam na música.

Discutimos neste artigo de que forma Santiago, o personagem principal da obra de Hemingway, se sente e se relaciona com sua comunidade e com a natureza de onde vive. Por "natureza" tomamos o conceito de "ecossistema", nesse caso, considerando também o local e os demais elementos do romance, nos referimos tanto ao mar, peixes, pássaros e pessoas que aparecem na história, quanto a objetos e lugares. Baseado também em aspectos filosóficos



estóicos presentes no livro, buscamos analisar de que maneira Rubel expressa sua interpretação da obra de Hemingway em sua canção e qual é a importância dessa leitura para a aproximação das literaturas clássicas de um público mais jovem, mas que compartilha de sentimentos parecidos, apesar dos diferentes contextos históricos, sociais e políticos.

Abordando também diversos aspectos como a situação política-social cubana e considerando as tensões anticolonialistas pretendemos analisar não só a relação entre o homem e a natureza em um sentido subjetivo, mas também social. Ao entrelaçar essas referências, nossa pesquisa busca não apenas examinar a relação entre o homem e a natureza nas duas obras, mas também considerar como as dimensões culturais moldam essas representações, contribuindo para uma compreensão mais ampla e crítica.

Fundamentação Teórica e Análise

O desenvolvimento deste artigo foi conduzido de maneira qualitativa, baseando-se em pesquisas bibliográficas, incluindo livros, artigos e dissertações, centradas na discussão intertextual entre o romance e a canção em análise. Para a construção de uma análise comparativa, recorreremos aos fundamentos da Literatura Comparada, conforme apresentados por Tânia Franco Carvalhal (2006) e Sandra Nitrini (2015). Elas destacam que o estudo literário comparatista vai além da busca por similaridades textuais, mas visa uma análise global das obras, como afirma Carvalhal no seguinte trecho de seu livro:

(...) o estudo comparado de literatura deixa de resumir-se em paralelismos binários movidos somente por "um ar de parença" entre os elementos, mas compara com a finalidade de interpretar questões mais gerais das quais as obras ou procedimentos literários são manifestações concretas. Daí a necessidade de articular a investigação comparatista com o social, o político, o cultural, em suma, com a História num sentido abrangente.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

(Carvalho, 2006, p. 56)

Ao optar por analisar "O Velho e o Mar" de Hemingway junto à música de Rubel, este trabalho acadêmico visa transcender as fronteiras convencionais das pesquisas literárias. Essa escolha proporciona uma nova perspectiva, investigando não apenas as relações pessoais do protagonista Santiago, mas também como essas duas obras se entrelaçam, ultrapassando limites geográficos e temporais. Dessa forma, nosso propósito é iluminar a ressonância atemporal dessas criações artísticas e sua capacidade de provocar reflexões significativas sobre temas universais intrínsecos aos seres humanos.

No âmbito da música popular brasileira, a canção "O Velho e o Mar" de Rubel se destaca como uma expressão contemporânea da interação entre humanidade e natureza. Integrando-se ao cenário da MPB, Rubel incorpora elementos líricos e melódicos que transcendem a experiência pessoal, estabelecendo um diálogo intertextual com a obra de Hemingway. Nesse contexto, a literatura comparada se torna essencial para examinar não apenas as similaridades textuais, mas também os matizes mais profundos presentes nas representações do homem e da natureza. A integração dessas perspectivas na pesquisa visa criar uma base segura para a análise comparativa entre as obras de Hemingway e Rubel, proporcionando uma compreensão mais abrangente da intersecção entre a literatura e a música na expressão artística das relações humanas com o meio ambiente.

A "Geração Perdida" surge como um fenômeno literário e cultural no pós-Primeira Guerra Mundial, marcando um período de transformação e desencanto nas décadas de 1920 e 1930 (Navas, 2016). Gertrude Stein cunhou o termo para descrever autores norte-americanos, muitos deles expatriados em Paris, cujas obras refletiam desilusão e descrença nas instituições tradicionais, impactados diretamente pelos horrores da guerra (Barreto,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

2015). Ernest Hemingway, figura central da "Geração Perdida," destacou-se por sua prosa concisa e direta, rompendo com a retórica ornamentada da literatura anterior.

Além disso, a obra de Figueirêdo e Liebig (2021) destaca a importância da subalternidade na construção das identidades dos personagens em "O Velho e o Mar." Essa abordagem pós-colonial lança luz sobre as dinâmicas de poder, evidenciando como as vozes marginalizadas, representadas na figura do pescador Santiago, contribuem para a tessitura da narrativa.

Explorando as sequelas físicas e psicológicas da guerra, Hemingway buscou significado em um mundo aparentemente caótico. "O Velho e o Mar," publicado em 1952, sintetiza as preocupações dessa geração. A novela, centrada no pescador cubano Santiago, personifica a luta individual contra as forças impessoais da natureza, refletindo a busca de sentido em meio às adversidades. O mar, vasto e imprevisível, torna-se um símbolo poderoso. A filosofia estoica, presente na obra, oferece uma perspectiva de enfrentamento digno diante do inevitável, ilustrando as respostas da "Geração Perdida" às crises existenciais em um mundo que parecia ter perdido suas certezas. Ao explorar a mentalidade dessa geração, nossa análise literária contribui para uma compreensão mais profunda das obras dessa época e de suas ressonâncias na contemporaneidade.

A presença da filosofia estoica em "O Velho e o Mar" de Ernest Hemingway revela-se como um componente essencial na construção da narrativa e na caracterização do protagonista, Santiago. Essa filosofia, que floresceu na Grécia Antiga e ganhou destaque durante o Império Romano, preconiza a aceitação serena das vicissitudes da vida, a autossuficiência emocional e a coragem diante das adversidades (Rocha, 2000). Santiago personifica esses princípios estoicos ao enfrentar a imprevisibilidade do mar com resiliência e dignidade.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Ao longo da narrativa, Santiago enfrenta não apenas as forças brutas da natureza, mas também a solidão, a fadiga e a inevitabilidade da morte. Sua ligação com o mar vai além da busca por sustento; transforma-se em uma jornada existencial e filosófica. A relação simbiótica entre Santiago e o peixe, que pode representar tanto um desafio épico quanto uma expressão da vida selvagem indomada, reflete a visão estoica de aceitar os desígnios do destino sem comprometer a integridade interior (Nascimento, 2023). Hemingway, com sua prosa econômica e precisa, captura a essência estoica de Santiago, que, mesmo diante das derrotas, permanece imperturbável, encontrando significado na própria jornada. Essa busca pelo significado pode ser percebida em trechos como a seguir:

- Meio peixe- falou ele. - peixe que você já foi. Sinto muita pena de termos chegado a isto. A culpa foi minha. arruinei a nós dois, mas matamos alguns tubarões, você e eu, e ferimos muitos outros. Quantos teria você matado, velho peixe? Não é sem razão que tem essa espada na cabeça. (Hemingway, 2019, p.113)

A filosofia estoica, portanto, torna-se uma lente valiosa para interpretar não apenas as escolhas do protagonista, mas também a mensagem mais ampla da obra. Santiago, em sua relação com o mar, personifica os princípios estoicos de enfrentar adversidades com coragem, encontrar dignidade na luta e aceitar os limites da condição humana. A exploração dessa perspectiva filosófica enriquece a compreensão da obra de Hemingway, oferecendo uma perspectiva filosófica que permeia não apenas o enredo, mas também as reflexões mais profundas sobre a existência humana em harmonia e conflito com a natureza.

O contexto

O romance foi publicado em 1952 e se passa em Cuba, na *Gulf Stream*, em um

- 178 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

humilde vilarejo de pescadores. A época em que foi escrito era de um momento em que Cuba já havia passado por mudanças significativas relacionadas à influência imperialista. Antes disso, durante grande parte do século XX, Cuba experimentou uma série de eventos, incluindo a ocupação americana após a Guerra Hispano-Americana (1898) e o estabelecimento de relações próximas com os Estados Unidos. Essa relação influenciou aspectos políticos, sociais e econômicos em Cuba.

Estudiosos como Figueirêdo e Liebig (2021) lançam luz sobre as dinâmicas identitárias na narrativa de Hemingway. Os autores abordam a obra sob uma perspectiva pós-colonial, desvelando as complexidades das relações entre o protagonista Santiago, sua comunidade e o mar enquanto possível metáfora do império. Essa análise pós-colonial oferece um olhar crítico sobre as tensões e subalternidades presentes no romance, proporcionando um arcabouço teórico essencial para desdobrar as camadas sociais, políticas e históricas presentes em "O Velho e o Mar".

Compreender a subalternidade não apenas como uma condição, mas como um elemento fundamental na formação das identidades, permite-nos explorar as nuances da relação entre o ser humano e a natureza não apenas como uma experiência individual, mas como um fenômeno coletivo.

A presença e influência cultural dos Estados Unidos podem ter afetado indiretamente o modo de vida na vila. A influência cultural muitas vezes acompanha os processos imperialistas, afetando costumes, valores e tradições locais. Embora o romance não aborde esses aspectos diretamente, eles podem ser considerados no contexto histórico e geopolítico da obra. Um exemplo dessa influência cultural forte dos Estados Unidos na cultura e nos costumes da pequena vila é a importância do *baseball* na vida de Santiago e seu conterrâneos. Por diversas vezes, inclusive em alto mar durante suas divagações debaixo do forte sol, Santiago se pega refletindo sobre as mais recentes notícias sobre os últimos jogos e



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

expressa diversas vezes sua profunda admiração por Joe DiMaggio, um famoso jogador norte-americano.

O cenário cubano, onde se passa a história, adiciona camadas de complexidade, considerando as tensões anticoloniais e as mudanças políticas que ocorreram na região. A narrativa de Santiago, o velho pescador, pode ser interpretada não apenas como uma metáfora da luta humana contra as forças naturais, mas também como uma reflexão sobre os desafios enfrentados por Cuba e outras nações latino-americanas na busca por independência e identidade.

Os personagens

O romance é composto por poucos personagens, sendo o seu principal Santiago, um velho pescador, já muito experiente e outrora muito famoso entre os demais pescadores da vila em que vivia. Santiago é caracterizado por uma presença física marcada por rugas profundas e expressões que denotam a exposição constante ao sol durante sua longa vida. Seu semblante cheio de rugas testifica uma notável longevidade e é descrito de maneira sensível pelo olhar do narrador, como no trecho em que diz que tudo em Santiago era velho “[...] com exceção dos olhos que eram da cor do mar, alegres e indomáveis.” (Hemingway, 2019, p. 14).

O velho pescador é viúvo e nenhuma família é citada no romance, entretanto um jovem menino ocupa uma posição muito importante em sua vida, por vezes confundida com a de um familiar. Manolin, o jovem aprendiz de Santiago, é caracterizado por uma energia vibrante e uma devoção inabalável ao velho pescador. Sua presença é permeada por um entusiasmo incontido, que podem denotar a promessa e a esperança associadas à juventude. A relação entre Manolin e Santiago transcende a mera aprendizagem, incorporando



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

elementos de afeto filial e respeito mútuo, formando um contraste vívido com a solidão enfrentada pelo protagonista. Essa relação de afeto pode ser percebida no texto em trechos como o da seguinte fala de Santiago, no contexto em que justifica a impossibilidade de Manolin o acompanhar em sua empreitada: “- Se você fosse meu filho, eu o levaria comigo e desafiaria a má sorte - disse ele. - Mas você tem seu pai e sua mãe e está num barco de sorte.” (Hemingway, 2019, p.16)

Os outros pescadores da vila, embora secundários, desempenham papéis simbólicos na narrativa. Eles representam uma comunidade que compartilha os mesmos desafios do mar, solidificando a temática da coletividade na experiência da pesca. Cada personagem secundário contribui para a textura da história, adicionando nuances e complexidade ao plano de fundo marítimo da narrativa.

Por fim, o peixe gigante, um marlim, que se torna o troféu e o desafio central de Santiago, é personificado por sua magnitude e resistência. Sua presença pode mostrar a natureza implacável e indomável do oceano, ao mesmo tempo em que as descrições do narrador e as conversas que o protagonista tem com o peixe indicam também uma humanização do animal, uma aproximação da relação ser humano x natureza, como indicado no trecho a seguir, por exemplo: “‘Você está me matando, peixe’, pensou o velho pescador, ‘mas tem o direito de fazê-lo. Nunca vi nada mais bonito, mais sereno e mais nobre do que você, meu irmão’” (Hemingway, 2019, p.91).

Os contatos e as relações de Santiago com os animais como peixes, pássaros e tartarugas, com as pessoas como os demais moradores da vila e seu aprendiz, e também a relação dele com as adversidades de sua própria vida, seu encontro com seu destino, são exemplos muito claros da sua relação com a natureza.

Esses personagens, cada um à sua maneira, contribuem para a riqueza narrativa de "O Velho e o Mar", refletindo as complexidades das relações humanas, a resiliência frente



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

aos desafios e a simbiose inescapável entre o homem e a natureza.

O Enredo

"O Velho e o Mar" narra a história de Santiago, um velho pescador cubano, que enfrenta uma longa e infrutífera temporada de pesca. Viúvo, solitário e vivendo em uma realidade muito precária, após 84 dias sem pescar nenhum peixe, o pescador decide mudar sua sorte. Determinado a provar sua habilidade, ele decide ir mais longe no mar e acaba fisingando um enorme peixe marlim. Inicia-se uma batalha épica entre Santiago e o peixe, que dura alguns dias. Durante essa luta, Santiago enfrenta não apenas as forças naturais do oceano, mas também tubarões que tentam atacar o peixe e o pescador, apesar de sua idade avançada, demonstra uma resistência incrível e uma determinação inabalável para proteger sua captura. Enquanto a luta física se desenrola, a narrativa mergulha nas reflexões internas de Santiago. Ele pondera sobre a vida, a natureza da coragem e a relação entre o ser humano e a natureza.

A amizade de Santiago com seu jovem aprendiz Manolin também é explorada, destacando a transmissão de conhecimento e valores entre as gerações, além da construção e manutenção de uma relação quase familiar entre os dois. Manolin frequentemente ocupa a posição de cuidador do pescador idoso e quando Santiago se vê obrigado a sair para a pesca sem seu companheiro por conta da sua maré de azar, sente profundamente sua falta e a solidão ressaltada pela ausência do jovem. Essa relação de dependência e o sentimento de solidão são bem ilustrados no trecho a seguir:

E em voz alta: - Gostaria tanto de ter aqui o garoto! Para me ajudar e para ver isso. 'Pessoas da minha idade nunca deviam estar sozinhas', pensou. 'mas é inevitável. Tenho de comer

- 182 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

aquele atum antes que comece a luta, para estar forte. Lembre-se de que, mesmo que não tenha fome, você precisa comer de manhãzinha. Lembre-se', repetiu-o em pensamento. (Hemingway, 2019, p.51)

Após vencer a batalha contra o peixe, Santiago enfrenta a triste realidade de que, ao retornar à costa, os tubarões destroem completamente o marlim. Essa perda faz com que Santiago questione suas decisões por um momento, como apresentado no trecho “Eu nunca tinha sido derrotado e não sabia como era fácil. E o que me venceu?”, pensou ele. - Nada – Disse em voz alta- fui longe demais” (Hemingway, 2019, p.117). Apesar dessa derrota aparente, Santiago acaba por manter sua dignidade e aceitação em relação ao ocorrido.

Durante toda a jornada pela pesca do grande peixe marlim, Santiago divaga às vezes em voz alta, às vezes em pensamento, sobre sua vida e a vida de todo ecossistema que o cerca (como os demais peixes, aves e a própria vila). É principalmente nesses momentos de conversas e reflexões sozinho no mar que Santiago, através da apurada narração de Hemingway, nos auxilia a criar e desenvolver uma ideia ampla e solidária desse personagem. Essa construção pode ser notada em trechos como o que se segue:

“A maior parte dos pescadores não tinha nenhuma consideração especial pelas tartarugas (...). O velho pensava ‘eu também tenho um coração assim e os meus pés e mãos são como os dela’.” (HEMINGWAY, 2019, p.40)

Após retornar à vila de pescadores somente com a carcaça do majestoso peixe, Santiago põe fim à sua maré de azar e reacende a admiração de toda a comunidade por ele. O romance, entretanto, acaba sem que o leitor saiba se ele realmente voltou a pescar como antes ou se esta havia sido sua última grande pesca.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O Romance e a Canção

A comparação entre o livro "O Velho e o Mar" de Ernest Hemingway (1952) e a música "O Velho e o Mar" de Rubel (2019) revela semelhanças temáticas e nuances emocionais, apesar das diferenças de mídia e estilo. As obras convergem em diversos aspectos, destacando-se, primeiramente, quanto ao título. A homonímia das obras pode indicar a intenção do compositor e cantor Rubel em identificar a canção como uma referência direta ao premiado livro de Hemingway. Essa característica, no entanto, é somente a ligação mais natural entre as obras.

Ambas as obras abordam a ideia de autoconhecimento e libertação. Enquanto o protagonista de Hemingway, Santiago, busca provar sua coragem e habilidade como pescador, a música de Rubel fala sobre despertar interior, encontrar coragem para enfrentar o desconhecido e seguir em frente, mesmo diante das incertezas, como pode ser depreendido dos versos "When you awake inside/ Pega a mala que couber/ Vira a estrada sem saber/ E se perder/ Calma" (Rubel, 2013).

Há também uma semelhança na ideia de aceitação e calma diante dos desafios da vida. Em "O Velho e o Mar" de Hemingway, Santiago demonstra uma calma resiliente enquanto enfrenta a batalha contra o peixe e os tubarões, o que é possível perceber em trechos como o que se segue: "Não penses, velho - disse alto - Segue teu rumo, e aceita o que vier" (HEMINGWAY, 1956, p.63). Da mesma forma, a música de Rubel fala sobre encontrar paz e contentamento consigo mesmo e com o mundo ao seu redor, traçando uma conexão que pode ser compreendida como muito direta com a forma como Santiago enxerga o mundo, o que pode ser percebido nos versos "Lança o barco contra o mar/ Venha o vento que houver/ E se virar, nada" (Rubel, 2013).

Em sua canção, Rubel parece ter uma preocupação maior em expressar através do



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

eu lírico sua interpretação do romance do que trazer tantos elementos do enredo do romance. Questões como coragem, determinação, força, fé, amor e autoconhecimento são trazidas de maneira muito delicada, mas ainda assim muito assertiva pelo compositor brasileiro.

A simplicidade está presente na obra de Hemingway em seu enredo e seus personagens, se considerarmos que os romances costumam utilizar de personagens mais elaborados e tramas mais complexas. Além disso, a escrita muito objetiva e econômica de Hemingway, também auxilia para a construção desse estilo mais enxuto. Por sua vez, a canção de Rubel, utilizando dessa mesma simplicidade em seus versos, quase que como uma fotografia, consegue capturar grandemente todo o peso e a profundidade dos sentimentos e das reflexões presentes no romance.

No entanto, é importante observar que as duas obras diferem em suas abordagens e estilos. Enquanto o livro de Hemingway é uma narrativa mais detalhada e introspectiva sobre a luta física e emocional de um homem no mar, a música de Rubel é mais poética e aberta à interpretação pessoal, transmitindo mensagens universais através de imagens e metáforas.

Outro ponto de divergência reside nas influências culturais e contextos específicos. Hemingway, como escritor norte-americano, insere sua narrativa em um cenário cubano, explorando as tensões históricas e sociais da região. Rubel, por sua vez, como artista brasileiro, traz para sua canção nuances da cultura e da musicalidade brasileiras, adicionando uma camada adicional de complexidade à interpretação da relação entre o homem e o mar.

Em suma, tanto "O Velho e o Mar" de Ernest Hemingway quanto a música de Rubel exploram temas profundos relacionados à condição humana, oferecendo insights sobre coragem, autodescoberta e aceitação. A comparação entre essas duas obras revela a riqueza e a diversidade de expressão artística em diferentes formas de mídia e estilos literários.

Essa intertextualidade entre a literatura e a música oferece um terreno fértil para a análise comparativa, enriquecendo a compreensão das complexidades inerentes à relação do



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

ser humano com a natureza. Ao identificar esses pontos de convergência e divergência, a pesquisa revela não apenas as semelhanças entre as duas obras, mas também as nuances únicas que cada artista traz para a exploração desse tema atemporal.

Discussão e considerações finais

A análise comparativa entre "O Velho e o Mar" de Ernest Hemingway e a canção homônima de Rubel revelou uma riqueza de interconexões e distinções, proporcionando uma compreensão mais ampla da relação entre o homem e a natureza. Ao explorar as nuances da luta contra as forças naturais, ambos os autores, em diferentes contextos históricos e artísticos, convergiram para uma reflexão profunda sobre a condição humana.

Hemingway, imerso na Guerra Fria e nas tensões políticas de Cuba, construiu uma narrativa que transcende as experiências individuais de Santiago para abraçar questões universais mais amplas. Por outro lado, Rubel, influenciado pela diversidade cultural do Brasil contemporâneo, trouxe uma abordagem mais subjetiva e poética à relação entre o homem e a natureza. Sua canção, permeada por simbolismo e musicalidade brasileira, transcende a narrativa literal para explorar as dimensões emocionais e filosóficas da experiência humana diante da natureza.

Ambas as obras, apesar das diferenças, convergem ao evidenciar a universalidade da luta humana contra os elementos naturais e as complexidades intrínsecas dessa relação. A intertextualidade entre a literatura e a música revela como essas expressões artísticas, mesmo separadas por décadas e contextos distintos, dialogam e enriquecem mutuamente as reflexões sobre a condição humana.

Ao final desta pesquisa, compreendemos que a relação entre o homem e a natureza vai além das fronteiras literárias e musicais, permeando questões sociais, políticas e culturais.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A riqueza dessas obras reside não apenas na habilidade de seus criadores em capturar a essência dessa interação, mas também na capacidade de transcender limites, oferecendo reflexões atemporais que ressoam com públicos diversos e promovem uma compreensão mais profunda e compassiva do nosso papel no mundo natural.

A importância das canções que abordam obras literárias na aproximação dos jovens da literatura clássica é notável em diversos aspectos. No contexto atual, a literatura clássica muitas vezes enfrenta dificuldades para se comunicar com o público mais jovem, que pode considerá-la distante, densa ou até mesmo irrelevante em relação às suas experiências e interesses. Nesse sentido, as canções que incorporam elementos literários surgem como uma ferramenta eficaz para estabelecer uma ponte entre a cultura popular contemporânea e o vasto patrimônio literário.

Em primeiro lugar, as canções oferecem mais acesso à cultura literária. Muitos jovens podem achar as obras clássicas intimidantes, mas ao ouvirem músicas que fazem referência a essas obras, são introduzidos de forma mais suave e palatável aos seus temas e contextos. Isso pode despertar a curiosidade dos jovens sobre as histórias e personagens, incentivando-os a explorar mais profundamente os textos originais.

Além disso, as canções que abordam obras literárias têm o poder de despertar interesse e curiosidade. Ao incorporar elementos literários em suas letras, essas músicas incentivam os ouvintes a considerar novas perspectivas de interpretações das obras clássicas. Essa abordagem criativa e inovadora pode estimular uma compreensão mais flexível e pessoal da literatura.

Nesse contexto, portanto, a canção “O Velho e o Mar” cumpre indiretamente uma função importantíssima na aproximação dos ouvintes a uma das grandes obras da Literatura Universal; ao mesmo tempo que contribui com a expansão das perspectivas tanto de interpretação como de expressão dessa obra, servindo de exemplo para muitas outras e



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

possivelmente multiplicando as possibilidades de criação de novas práticas comparatistas e, por que não, novos artigos como este.

Referências

- BARRETO, Mayara Duarte et al. **Relações de gênero em O Grande Gatsby**. 2015.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8ª edição, São Paulo. Editora Publifolha, 2000.
- CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. Vol. 58. Editora Atica, 1986.
- FAZZINI, Luca. Atlântica: **A literatura comparada entre margens oceânicas**. Revista Crioula, n. 29, p. 14-33, 2022.
- FERNANDES, Claudia Damian; CAMPOS, Karine Miranda; MARASCHIN, Claudio. **Direito e Literatura: uma análise interdisciplinar do fenômeno jurídico a partir dos textos literários**. Anagrama, v. 2, n. 4, p. 1-11, 2009.
- FIGUEIRÊDO, Ferdinando de Oliveira. **Império, identidade e subalternidade: uma análise pós-colonial de O Velho e o Mar, de Ernest Hemingway**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação. Campina Grande, 2019.
- FIGUEIRÊDO, Ferdinando de Oliveira; LIEBIG, Sueli Meira. **Neoimpério, identidade e subalternidade: : uma análise pós-colonial da identidade dos personagens em O Velho e o Mar, de Ernest Hemingway**. Porto das Letras, v. 7, n. especial, p. 80-99, 2021.
- HEMINGWAY, Ernest. **O Velho e o Mar**. 98ª edição. Editora Bertrand Brasil, 2019.
- NASCIMENTO, Joelson. **A relação entre o movimento de corrupção do kosmos e as emoções no estoicismo**. Prometeus: Filosofia em Revista, n. 42, 2023.
- NAVAS, Manoela Caroline. **Deslocamento entre as estéticas literárias lost generation e beat generation, no contexto norte-americano pós-guerras mundiais**. In: IV Congresso Internacional do PPG-Letras e XVII Seminário de Estudos Literários “LITERATURA E



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

RESISTÊNCIA”. p. 95, 2016.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: História, Teoria e Crítica**. 3ª edição, São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

ROCHA, Zeferino. **O desejo na Grécia Helenística**. Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental, v. 3, p. 98-128, 2000.

SANTOS, Marlus. **Presença do coração:(além-do) homem cordial na canção popular brasileira**. 2020.

VILANOVA, Lara Carolina Ribeiro. **A DANÇA EM CONVIVÊNCIA:“TRANSITAR, ESTAR E CONVIVER”**. 2019.

WATT, Ian. O público leitor e o surgimento do romance. In: **A ascensão do romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**A TRANSGRESSÃO SOCIAL NA OBRA NOITE NA TAVERNA DE ÁLVARES
DE AZEVEDO**

Guidemerson Correa do Prado (G-CLCA-UENP/CJ)
Ricardo André Ferreira Martins (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: O presente trabalho tem como tema a transgressão social na obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo, publicada postumamente em 1855. O objetivo é analisar como o autor constrói personagens que desafiam as normas e os valores da sociedade burguesa do século XIX, expressando seus sentimentos e desejos mais íntimos e proibidos. A metodologia utilizada foi a análise literária, baseada nos conceitos de o mal do século, a literatura fantástica, a ironia romântica e o gótico, propostos por autores como Todorov, Bakhtin, Ítalo Calvino e Candido. Os resultados obtidos demonstram que a obra *Noite na Taverna* representa uma ruptura com o romantismo convencional e uma antecipação de temas e estilos que seriam explorados posteriormente por outras correntes literárias, como o realismo, o naturalismo e o simbolismo. As conclusões apontam que a obra *Noite na Taverna* é uma obra transgressora, que provoca uma reação de surpresa, de admiração, de escândalo, de repúdio, de polêmica, de debate, de influência, de reconhecimento, de valorização, de consagração na literatura brasileira e na sociedade do século XIX.

Palavras-chave: transgressão social, *Noite na Taverna*, Álvares de Azevedo, ultrarromantismo brasileiro.

Introdução

A obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo, é considerada uma das mais importantes do romantismo brasileiro, especialmente da segunda geração, chamada de ultrarromântica ou byroniana. Publicada postumamente em 1855, a obra é composta por sete contos que narram as experiências amorosas, criminosas e macabras de um grupo de jovens boêmios que se reúnem em uma taverna. O objetivo deste artigo é analisar como a transgressão social se manifesta na obra, tanto no plano temático quanto no estilístico, e quais são as implicações dessa escolha para a compreensão da literatura romântica no Brasil.

- 190 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Para isso, serão utilizados como referencial teórico os conceitos de transgressão, de mal do século, de literatura fantástica e de ironia romântica, além de comentários críticos sobre a obra e o autor. Nesta perspectiva, pretende-se demonstrar que a transgressão social na obra de Álvares de Azevedo não é apenas um reflexo de sua época e de sua geração, mas também uma forma de questionar os valores e as normas vigentes, de expressar sua subjetividade e de criar uma obra original e inovadora.

A literatura brasileira do século XIX foi marcada pelo movimento romântico, que se caracterizou pela valorização da subjetividade, da imaginação, da emoção, da natureza, da pátria e do amor. No entanto, dentro do romantismo, houve uma vertente que se distanciou dos ideais e dos valores da sociedade burguesa da época, e que se voltou para a expressão dos sentimentos e dos desejos mais íntimos e proibidos dos indivíduos. Essa vertente foi chamada de ultrarromantismo, ou segunda geração romântica, ou ainda mal do século, e teve como um de seus principais representantes no Brasil o escritor Álvares de Azevedo (1831-1852).

Álvares de Azevedo foi um poeta, contista e dramaturgo que morreu jovem, aos 20 anos, deixando uma obra incompleta e publicada postumamente. Sua obra se destaca pela influência de autores estrangeiros, como Lord Byron, Alfred de Musset e Heinrich Heine, e pela temática sombria, melancólica, irônica e transgressora. Entre as suas obras, uma das mais conhecidas e estudadas é *Noite na Taverna*, publicada em 1855, que consiste em uma coletânea de sete contos fantásticos, narrados por um grupo de jovens boêmios, que se reúnem em uma taverna para contar suas aventuras amorosas, criminosas e macabras.

Noite na Taverna é uma obra que representa uma ruptura com o romantismo convencional e uma antecipação de temas e estilos que seriam explorados posteriormente por outras correntes literárias, como o realismo, o naturalismo e o simbolismo. A obra também é uma obra transgressora, que provoca uma reação de surpresa, de admiração, de escândalo, de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

repúdio, de polêmica, de debate, de influência, de reconhecimento, de valorização, de consagração na literatura brasileira e na sociedade do século XIX. Nesse sentido, o presente trabalho tem como tema a transgressão social na obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo, e como objetivo analisar como o autor constrói personagens que desafiam as normas e os valores da sociedade burguesa do século XIX, expressando seus sentimentos e desejos mais íntimos e proibidos. A metodologia utilizada foi a análise literária, baseada nos conceitos de o mal do século, a literatura fantástica, a ironia romântica e o gótico, propostos por autores como Todorov, Bakhtin, Ítalo Calvino e Candido, dentre outros.

A transgressão social pode ser definida como a violação de normas, leis ou valores que regem uma determinada sociedade ou grupo. Essa violação pode ter diferentes graus, motivos e consequências, dependendo do contexto histórico, cultural e político em que ocorre. A transgressão social pode ser vista como uma forma de resistência, de contestação, de subversão ou de libertação, mas também como uma forma de violência, de opressão, de alienação ou de degradação. A transgressão social pode ser praticada por indivíduos ou coletivos, por motivos pessoais ou ideológicos, por impulsos irracionais ou racionais, por escolha ou por necessidade. A transgressão social pode ser expressa por meio de diferentes linguagens, artes e discursos, que podem revelar, denunciar, criticar ou celebrar as práticas transgressoras.

No caso da literatura romântica, a transgressão social é um tema recorrente, que reflete as tensões e os conflitos da época, marcada por transformações políticas, sociais, econômicas e culturais. O romantismo, surgido no final do século XVIII na Europa, foi um movimento literário e artístico que valorizou a subjetividade, a imaginação, a emoção, a liberdade, a originalidade e a diversidade. O romantismo se contrapôs ao racionalismo, ao classicismo, ao iluminismo e ao neoclassicismo, que dominavam a cena cultural anteriormente. O romantismo se manifestou de diferentes formas e tendências, de acordo



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

com os contextos nacionais e regionais, mas em geral apresentou uma visão crítica, contestadora e rebelde da realidade, buscando novas formas de expressão e de representação. O romantismo também se caracterizou pela presença de elementos fantásticos, sobrenaturais, misteriosos e exóticos, que criavam uma atmosfera de sonho, de ilusão, de fuga e de transgressão.

No Brasil, o romantismo se desenvolveu a partir da primeira metade do século XIX, após a independência política do país em 1822. O romantismo brasileiro se dividiu em três gerações, cada uma com suas características e representantes. A primeira geração, também chamada de nacionalista ou indianista, teve como principal expoente Gonçalves Dias, que exaltou a natureza, a história e os costumes do Brasil, especialmente a figura do índio, como símbolo da identidade nacional. A segunda geração, também chamada de ultrarromântica ou byroniana, teve como principal expoente Álvares de Azevedo, que expressou o mal do século, a angústia, a melancolia, o tédio, o pessimismo, o erotismo e a morte, em uma linguagem poética e irônica, influenciada pelo poeta inglês Lord Byron. A terceira geração, também chamada de condoreira ou social, teve como principal expoente Castro Alves, que denunciou as injustiças sociais, especialmente a escravidão, em uma linguagem vigorosa e eloquente, inspirada pelo poeta francês Victor Hugo.

Neste artigo, o foco será na segunda geração do romantismo brasileiro, representada por Álvares de Azevedo e sua obra *Noite na Taverna*. A obra será analisada sob a perspectiva da transgressão social, considerando os aspectos temáticos e estilísticos que a caracterizam. Para isso, o artigo será dividido nas seguintes seções: a primeira seção apresentará o conceito de mal do século e sua relação com a transgressão social; a segunda seção apresentará o conceito de literatura fantástica e sua relação com a transgressão social; a terceira seção apresentará o conceito de ironia romântica e sua relação com a transgressão social; a quarta seção apresentará uma análise dos contos que compõem a obra *Noite na Taverna*, destacando



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

os elementos transgressores presentes em cada um deles; e a quinta seção apresentará a conclusão do artigo, resumindo os principais pontos abordados e apontando possíveis desdobramentos para futuras pesquisas.

A transgressão social, enquanto elemento intrínseco à literatura, é um fenômeno que desafia normas estabelecidas e revela as complexidades da sociedade em que está imersa (Bakhtin, 1981, p. 56). No âmbito literário, a obra “Noite na Taverna” emerge como um paradigma de como a transgressão pode ser habilmente explorada. A presente pesquisa busca lançar luz sobre essa temática, ancorando-se em teóricos que desbravaram as fronteiras da análise literária.

Mikhail Bakhtin, em sua obra “A Estética da Criação Verbal”, destaca a importância da carnavalização na literatura, apontando para a inversão de valores sociais como um dos elementos característicos dessa manifestação (Bakhtin, 1981, p. 72). Essa ideia de subversão se entrelaça com a proposta de Álvares de Azevedo em “Noite na Taverna”, onde personagens transgressores desafiam as convenções morais vigentes. Ao explorar tais conexões, visamos compreender como a transgressão na obra não é apenas uma afronta às normas, mas uma representação da dinâmica social do século XIX.

Georges Bataille, em “A Literatura e o Mal”, amplia nossa compreensão ao associar a transgressão literária à experiência da ruptura (Bataille, 1957, p. 45). A análise desses conceitos em paralelo com os elementos transgressores de “Noite na Taverna” nos permite discernir as motivações subjacentes aos personagens e eventos. As páginas dessa obra, permeadas por personagens como Solfieri e Gennaro, tornam-se palco para uma exploração mais profunda dos limites do comportamento social aceitável.

Ao nos aprofundarmos nesse cenário literário, o intuito é não apenas analisar a transgressão como um mero instrumento de choque, mas compreendê-la como uma expressão intrínseca à condição humana. Nas próximas seções, desdobraremos essas



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

conexões, destacando a relevância teórica e contextual da transgressão social na obra de Álvares de Azevedo.

Literatura transgressora: conceito e implicações

O termo literatura transgressora é usado para designar um tipo de literatura que se caracteriza por romper com as convenções e os limites impostos pela sociedade, pela moral, pela religião, pela política ou pela estética. Essa literatura pode ser entendida como uma forma de contestação, de provocação, de subversão ou de experimentação, que busca questionar os valores dominantes, chocar o leitor, explorar os tabus, os paradoxos e os conflitos da condição humana, ou simplesmente criar novas formas de expressão artística.

A literatura transgressora não é um gênero literário específico, mas sim uma categoria que pode abranger obras de diferentes épocas, estilos, temas e autores. No entanto, alguns fatores podem favorecer o surgimento e a difusão de obras transgressoras, como as mudanças históricas, sociais, culturais e tecnológicas, que geram crises, conflitos, tensões e transformações nas formas de pensar, sentir e agir das pessoas. Nesse sentido, a literatura transgressora pode ser vista como um reflexo, uma resposta ou uma alternativa a esses processos, que desafiam as estruturas e as certezas do mundo.

Alguns exemplos de contextos que propiciaram o aparecimento de obras transgressoras são: o Renascimento, que marcou o início da modernidade e da valorização do indivíduo, da razão e da ciência, em contraposição à tradição, à fé e à autoridade; o Iluminismo, que defendeu a liberdade, a igualdade e o progresso, em oposição ao absolutismo, à intolerância e ao obscurantismo; o Romantismo, que exaltou a imaginação, a emoção e a rebeldia, em contraste com o racionalismo, o classicismo e o conformismo; o Realismo, que retratou a realidade social, política e econômica, em contradição com o



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

idealismo, o sentimentalismo e o escapismo; o Modernismo, que rompeu com as regras e as convenções da linguagem, da forma e do conteúdo, em confronto com a tradição, a norma e o cânone; e o Pós-modernismo, que questionou os conceitos de verdade, de identidade e de sentido, em relação à fragmentação, à pluralidade e à incerteza da contemporaneidade.

A literatura transgressora, portanto, pode ser considerada como uma manifestação da diversidade, da complexidade e da dinamicidade da literatura e da cultura, que expressa diferentes visões de mundo, diferentes formas de arte e diferentes experiências de vida. No entanto, essa literatura também pode gerar polêmicas, controvérsias e resistências, pois pode ser vista como uma ameaça, uma ofensa ou uma agressão aos valores e às normas vigentes. Assim, muitas obras transgressoras foram censuradas, proibidas, perseguidas, queimadas ou banidas, e muitos autores transgressores foram criticados, condenados, presos ou exilados, por causa do seu conteúdo ou da sua forma.

Nesse sentido, a literatura transgressora implica em uma série de questões éticas, estéticas e políticas, que envolvem o papel do autor, do leitor e da sociedade na produção, na recepção e na circulação das obras literárias. Algumas dessas questões são: até que ponto o autor tem liberdade para criar e expressar o que quiser, sem se preocupar com as consequências? Até que ponto o leitor tem autonomia para interpretar e avaliar o que lê, sem se deixar influenciar pelas opiniões alheias? Até que ponto a sociedade tem direito de intervir e regular o que é publicado, lido e ensinado, sem violar a liberdade de expressão e de pensamento? Essas questões não têm respostas definitivas ou universais, mas dependem do contexto histórico, cultural e ideológico em que as obras são produzidas e consumidas, e dos critérios e dos valores que são adotados para julgá-las.

A literatura transgressora, assim, nos convida a refletir sobre os limites e as possibilidades da literatura, da arte e da vida, e a reconhecer a diversidade e a complexidade das manifestações literárias e culturais. Ela também nos desafia a questionar os nossos



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

próprios preconceitos, expectativas e hábitos, e a ampliar os nossos horizontes de compreensão e de apreciação do fenômeno literário. Nesse sentido, a literatura transgressora pode ser vista como uma forma de enriquecimento, de renovação e de transformação da literatura e da cultura, que contribui para o desenvolvimento da criatividade, da crítica e da consciência dos autores, dos leitores e da sociedade.

O mal do século e a transgressão social na obra Noite na Taverna

O mal do século foi um termo usado para designar o estado de espírito de uma parcela da juventude europeia do século XIX, que se sentia desiludida, angustiada, melancólica e entediada com a realidade em que vivia. Esse sentimento foi influenciado pelas transformações políticas, sociais, econômicas e culturais que ocorreram na época, como as revoluções liberais, a industrialização, o capitalismo, o urbanismo, o cientificismo, o positivismo e o materialismo. Esses fatores contribuíram para a perda de valores, de ideais, de fé e de sentido da vida, gerando uma crise existencial e moral. O mal do século também foi influenciado pela obra e pela vida do poeta inglês Lord Byron, que se tornou um modelo de rebeldia, de individualismo, de liberdade, de erotismo e de transgressão para os jovens românticos. Byron foi um dos principais representantes da segunda geração do romantismo inglês, chamada de satânica ou byroniana, que se caracterizou por uma visão pessimista, irônica e desafiadora da realidade.

No Brasil, o mal do século foi expresso pela segunda geração do romantismo brasileiro, também chamada de ultrarromântica ou byroniana, que se inspirou na obra e na vida de Byron. Essa geração foi formada por jovens estudantes, em sua maioria oriundos da elite, que frequentavam as faculdades de Direito de São Paulo e de Olinda. Esses jovens se sentiam deslocados, insatisfeitos e incompreendidos pela sociedade brasileira, que ainda era



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

marcada pelo colonialismo, pelo escravismo, pelo patriarcalismo e pelo conservadorismo. Esses jovens buscavam uma forma de expressão que fosse condizente com seus sentimentos, suas aspirações e suas frustrações, e encontraram na literatura um meio de manifestar sua rebeldia, sua angústia, sua melancolia, seu tédio, seu erotismo e sua morte. Esses jovens também buscavam uma forma de transgressão que fosse capaz de romper com as normas, as leis e os valores vigentes, e encontraram na violência, no crime, no vício, no suicídio e na loucura uma forma de libertação, de prazer, de desafio e de subversão.

A obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo, é um exemplo de como o mal do século se relaciona com a transgressão social na literatura romântica brasileira. A obra é composta por sete contos que narram as experiências amorosas, criminosas e macabras de um grupo de jovens boêmios que se reúnem em uma taverna. Esses jovens são representantes do mal do século, pois se sentem desgostosos, entediados, angustiados e melancólicos com a vida. Eles buscam na bebida, no jogo, na prostituição, no amor, no crime e na morte uma forma de escapar da realidade, de sentir emoções fortes, de satisfazer seus desejos e de afirmar sua individualidade. Eles praticam a transgressão social, pois violam as normas, as leis e os valores da sociedade em que vivem, como a moral, a religião, a família, a honra, a justiça e a ordem. Eles se envolvem em situações de adultério, de incesto, de estupro, de assassinato, de necrofilia, de profanação e de blasfêmia, sem demonstrar arrependimento, remorso ou culpa. Eles se orgulham de suas transgressões, que consideram como provas de sua coragem, de sua liberdade, de seu orgulho e de seu gênio. Eles se identificam com os personagens de Byron, como Manfred, Lara, Childe Harold e Don Juan, que também são exemplos de transgressores sociais. Eles se consideram como heróis, como poetas, como artistas, como amantes, como aventureiros e como mártires, que vivem intensamente, que amam apaixonadamente, que sofrem tragicamente e que morrem gloriosamente. Eles se contrapõem aos personagens da sociedade, como os maridos, os pais, os juízes, os padres, os



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

soldados e os burgueses, que são exemplos de conformistas sociais. Eles desprezam esses personagens, que consideram como hipócritas, como covardes, como escravos, como medíocres e como infelizes, que vivem monotonamente, que amam falsamente, que sofrem resignadamente e que morrem ignominiosamente.

A literatura fantástica e a transgressão social na obra Noite na Taverna

A literatura fantástica é um gênero literário que se caracteriza pela presença de elementos sobrenaturais, misteriosos, maravilhosos ou estranhos, que criam uma ruptura com a realidade cotidiana, lógica e racional. Esses elementos podem ser de origem mitológica, folclórica, religiosa, científica ou psicológica, e podem provocar diferentes efeitos no leitor, como surpresa, medo, admiração, dúvida ou ironia. A literatura fantástica se manifestou de diversas formas e tendências ao longo da história, de acordo com os contextos históricos, culturais e estéticos em que se inseriu. A literatura fantástica se distinguiu de outros gêneros literários, como o maravilhoso, o realista, o naturalista e o alegórico, por sua capacidade de criar uma tensão entre o real e o irreal, entre o possível e o impossível, entre o explicável e o inexplicável.

O fantástico ocorre nesta incerteza; ao escolher uma ou outra resposta, deixa-se o fantástico para se entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só reconhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural. (Todorov, 2008, p.31)

No caso da literatura romântica, a literatura fantástica foi um recurso estilístico usado para expressar a subjetividade, a imaginação, a emoção, a liberdade e a originalidade dos autores e dos personagens. A literatura fantástica também foi um recurso temático usado



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

para representar a crítica, a contestação, a rebeldia e a transgressão dos autores e dos personagens em relação à realidade em que viviam. A literatura fantástica, nesse sentido, pode ser vista como uma forma de transgressão social, pois viola as normas, as leis e os valores que regem a realidade, como a razão, a ciência, a religião, a moral e a ordem. A literatura fantástica cria uma realidade alternativa, paralela ou oposta à realidade oficial, que pode ser mais atraente, mais interessante, mais divertida ou mais terrível do que a realidade comum.

As pessoas sempre foram atentas a essas histórias, como versa Antonio Candido (2004, p. 174), assim “como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabuloso”.

A literatura fantástica desafia a percepção, a compreensão, a interpretação e a aceitação da realidade, propondo novas formas de ver, de pensar, de sentir e de agir sobre o mundo.

Quando Todorov parte para a definição do fantástico junto a teorias que também aparecem, primeiro ele recorre ao conceito de dicionário. O fantástico é dado como “acontecimentos que não são suscetíveis de acontecer na vida”, citando o dicionário Petit Larousse em “(...) onde entram estes seres sobrenaturais: os contos fantásticos”. (Todorov, 2008, p. 40).

A obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo, é um exemplo de como a literatura fantástica se relaciona com a transgressão social na literatura romântica brasileira. A obra é composta por sete contos que narram as experiências amorosas, criminosas e macabras de um grupo de jovens boêmios que se reúnem em uma taverna. Esses contos são repletos de elementos fantásticos, que criam uma atmosfera sombria, fantasmagórica e alucinatória. Esses elementos são de origem mitológica, folclórica, religiosa e psicológica, e provocam diferentes efeitos no leitor, como surpresa, medo, admiração, dúvida e ironia.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

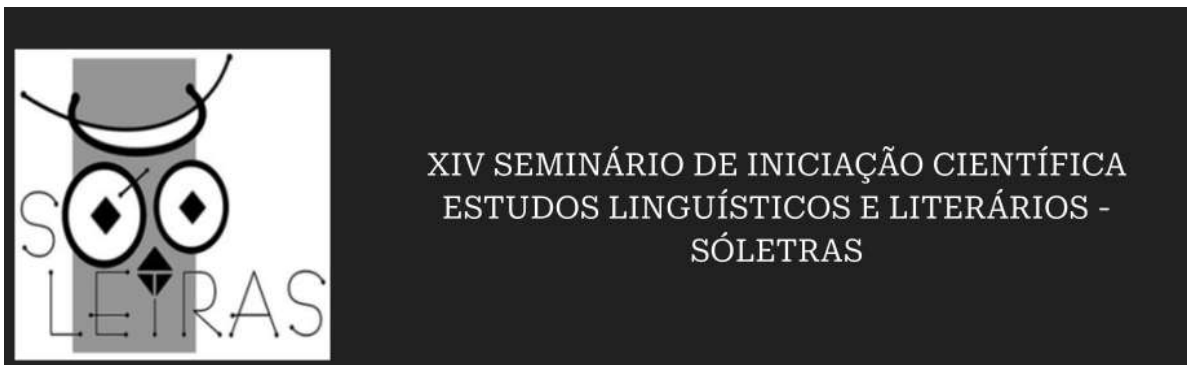
Esses elementos são usados para expressar a subjetividade, a imaginação, a emoção, a liberdade e a originalidade dos personagens, que vivem em um mundo à parte, onde tudo é possível, onde tudo é permitido, onde tudo é intenso. Esses elementos também são usados para representar a crítica, a contestação, a rebeldia e a transgressão dos personagens em relação à realidade em que vivem, que é vista como monótona, falsa, opressora e infeliz.

Italo Calvino (2006), por sua vez, versa que em italiano, como também deve ser originariamente em francês,

os termos fantasia e fantástico não implicam absolutamente esse mergulho do leitor na corrente emocional do texto; implicam, ao contrário, uma tomada de distância, uma levitação, a aceitação de uma lógica outra que leva para objetos outros e nexos outros, diversos daqueles da experiência diária (ou das convenções literárias dominantes). [...] Para os leitores de Ariosto, nunca se impôs o problema de acreditar ou de explicar; para eles, como hoje para os leitores de O nariz de Gogol [...], o prazer do fantástico está no desenvolvimento de uma lógica cujas regras, cujos pontos de partida ou cujas soluções reservam surpresas. (Calvino, 2006, p. 256-7).

Esses elementos violam as normas, as leis e os valores que regem a realidade, como a razão, a ciência, a religião, a moral e a ordem, e criam uma realidade alternativa, paralela ou oposta à realidade oficial, que é mais atraente, mais interessante, mais divertida ou mais terrível do que a realidade comum. Esses elementos desafiam a percepção, a compreensão, a interpretação e a aceitação da realidade, propondo novas formas de ver, de pensar, de sentir e de agir sobre o mundo.

Todorov apresenta Marcel Schneider, que em *La Littérature fantastique en France* pondera: “O fantástico explora o espaço interior; tem uma estreita relação com a imaginação, a angústia de viver e a esperança de salvação.” (Todorov, 2008, p.42) Esta nos parece uma questão que nos remete ao escapismo.



Diante disso, percebe-se que há diferenças entre os termos maravilhoso e fantástico. Segundo o Ítalo Calvino (1923-1985) 16, um dos mais importantes escritores italianos do século XX:

Tzvetan Todorov, em sua *Introduction à la littérature fantastique* (1970), afirma que aquilo que distingue o "fantástico" narrativo é precisamente uma perplexidade diante de um fato inacreditável, uma hesitação entre uma explicação racional e realista e o acatamento do sobrenatural. Entretanto, a personagem do incrédulo positivista que aparece freqüentemente nesse tipo de narrativa, vista com piedade e sarcasmo porque deve render-se ao que não sabe explicar, nunca é contestada em profundidade. De acordo com Todorov, o fato extraordinário que o conto narra deve deixar sempre uma possibilidade de explicação racional, ainda que seja a da alucinação ou do sonho (boa tampa para todas as panelas). Já o "maravilhoso", também conforme Todorov, se distingue do "fantástico" na medida em que pressupõe a aceitação do inverossímil e do inexplicável, tal como ocorre nas fábulas das Mil e uma noites. (Distinção que se aplica à terminologia literária francesa, em que o *fantastique* quase sempre se refere a elementos macabros, como aparições de fantasmas do além. Já o uso italiano associa mais livremente "fantástico" a "fantasia"; de fato, falamos de "fantástico ariostiano" quando, segundo a terminologia francesa, deveríamos dizer "o maravilhoso ariostiano"). (Calvino, 2016, P. 217).

Entendemos, então, que a literatura fantástica está além do que é explicável, do empírico, da própria experiência humana, pois rompe com o real através do insólito. A fenomenologia metaempírica inclui qualquer tipo de fenômenos sobrenaturais na concepção mais corrente do termo, como aqueles que, tendo existência objetiva, fariam parte de um sistema de natureza diferente do universo conhecido, e também todos os que "são considerados inexplicáveis e alheios a ele apenas devido a erros de percepção ou desconhecimento desses princípios por parte de quem porventura os testemunhe" (Furtado, 1980, p. 20).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A ironia romântica e a transgressão social na obra Noite na Taverna

Nesta seção, será abordado o conceito de ironia romântica e sua relação com a transgressão social na obra *Noite na Taverna*. A ironia romântica é um recurso estilístico que se caracteriza pela presença de uma dupla perspectiva, de um duplo sentido, de um duplo discurso, que cria uma contradição, uma ambiguidade, uma incongruência ou uma inversão entre o que é dito e o que é pensado, entre o que é mostrado e o que é oculto, entre o que é esperado e o que é realizado. A ironia romântica pode ser de origem verbal, situacional, dramática ou metaficcional, e pode provocar diferentes efeitos no leitor, como humor, sarcasmo, crítica, reflexão ou cumplicidade. A ironia romântica se manifestou de diversas formas e tendências ao longo da história, de acordo com os contextos históricos, culturais e estéticos em que se inseriu. A ironia romântica se distinguiu de outros recursos estilísticos, como a sátira, a paródia, o grotesco e o absurdo, por sua capacidade de criar uma tensão entre o sério e o jocoso, entre o sublime e o ridículo, entre o ideal e o real.

No caso da literatura romântica, a ironia romântica foi um recurso estilístico usado para expressar a subjetividade, a imaginação, a emoção, a liberdade e a originalidade dos autores e dos personagens. A ironia romântica também foi um recurso temático usado para representar a crítica, a contestação, a rebeldia e a transgressão dos autores e dos personagens em relação à realidade em que viviam. A ironia romântica, nesse sentido, pode ser vista como uma forma de transgressão social, pois viola as normas, as leis e os valores que regem a realidade, como a razão, a ciência, a religião, a moral e a ordem. A ironia romântica cria uma realidade alternativa, paralela ou oposta à realidade oficial, que pode ser mais atraente, mais interessante, mais divertida ou mais terrível do que a realidade comum. A ironia romântica desafia a percepção, a compreensão, a interpretação e a aceitação da realidade,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

propondo novas formas de ver, de pensar, de sentir e de agir sobre o mundo.

Percebe-se que essa literatura, que recusa e se contrapõe ao real, à razão e à prova, denuncia as máscaras das vontades de verdade vigentes por meio daquilo que escapa à explicação racional humana. Porém, concomitantemente, esse mesmo culto à razão colocou o irracional, o ameaçador, em liberdade, pois quando negou sua existência o converteu em algo inofensivo e, portanto, poder-se-ia jogar literariamente com ele.

A obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo, é um exemplo de como a ironia romântica se relaciona com a transgressão social na literatura romântica brasileira. A obra é composta por sete contos que narram as experiências amorosas, criminosas e macabras de um grupo de jovens boêmios que se reúnem em uma taverna. Esses contos são repletos de ironia romântica, que cria uma contradição, uma ambiguidade, uma incongruência ou uma inversão entre o que é dito e o que é pensado, entre o que é mostrado e o que é oculto, entre o que é esperado e o que é realizado. A ironia romântica é de origem verbal, situacional, dramática e metaficcional, e provoca diferentes efeitos no leitor, como humor, sarcasmo, crítica, reflexão e cumplicidade. A ironia romântica é usada para expressar a subjetividade, a imaginação, a emoção, a liberdade e a originalidade dos personagens, que vivem em um mundo à parte, onde tudo é possível, onde tudo é permitido, onde tudo é intenso. A ironia romântica também é usada para representar a crítica, a contestação, a rebeldia e a transgressão dos personagens em relação à realidade em que vivem, que é vista como monótona, falsa, opressora e infeliz. A ironia romântica viola as normas, as leis e os valores que regem a realidade, como a razão, a ciência, a religião, a moral e a ordem, e cria uma realidade alternativa, paralela ou oposta à realidade oficial, que é mais atraente, mais interessante, mais divertida ou mais terrível do que a realidade comum. A ironia romântica desafia a percepção, a compreensão, a interpretação e a aceitação da realidade, propondo novas formas de ver, de pensar, de sentir e de agir sobre o mundo.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O Gótico como elemento estético

Contradições e caos comumente são vistos na estética gótica. Concebido em um período extremamente delicado e confuso para o homem europeu – o Iluminismo e a Era da Razão -, o gótico surge inicialmente através dos graveyard poets como franca oposição aos preceitos racionais e ao equilíbrio preconizados pela nova corrente burguesa, uma vez que “[...] produzindo uma poesia de desafio e de inspiração divina que, além de advogar o sentimento e a paixão, colocava em cena temas e cenários que se tornariam caros ao romance gótico: a morte, o medo, a noite, gemidos, sepulturas” (Vasconcelos, 2002, p.120-121). Conforme se nota, o ambiente europeu à época mostrou-se profícuo e favorável ao movimento gótico que nascera como insurreição aos ideais burgueses.

Com o ocaso da Idade Média e início do Iluminismo e todo o cenário marcado por rupturas e contradições, o movimento gótico tenta oferecer respostas aos temores e incertezas vivenciados no período, além de ser uma tentativa de “[...] superar os limites da ordem racional e moral e de tratar de tudo aquilo que o Iluminismo havia deixado sem explicação ou varrido para debaixo do tapete” (Vasconcelos, 2002, p.126).

As emoções contidas durante o período da Idade Média, as incertezas e ansiedades vivenciadas com o fim do feudalismo, a racionalidade e ordem tão preconizadas pela burguesia, o massacrante processo de industrialização, a nova ordem econômica imposta nas cidades, enfim, problemas nunca antes vivenciados pelo homem europeu trouxeram insegurança emocional, sensações de não-pertencimento e questionamentos de ordem psicológicos,

[...] revelando o lado obscuro dos seres e passando a explicitar aspectos de decadência social e moral. Os antigos castelos são substituídos por casarões misteriosos, geralmente em ruínas; as florestas escuras e



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

pantanosas dão lugar às estreitas ruas escuras, cheias de becos, das modernas cidades do século XIX; a entidade sobrenatural, embora bem-vinda, já não se faz necessária como no princípio, pois passa a ser substituída por imagens assustadoras cuja origem está na loucura, alucinações ou pesadelos (Menon, 2007, p.24-25).

Conforme se observa, há séculos o gótico vem capturando importantes ocorrências e manifestações culturais e transformando-as em um tipo de expressão artística nem sempre totalmente aceita pelos críticos, muitas vezes sendo classificado como “subcultura” (MENON, 2007).

Aliás, a produção gótica de Azevedo é tão profícua, que ele não se preocupou em aclimatar a tendência gótica europeia no Brasil, projetando em seus textos elementos muito próximos do gótico tradicional, como túmulos, sombras, cemitérios e morte:

[...] Álvares de Azevedo, absorto no pensamento da morte, só se preocupava com o lado noturno: as sombras, o crepúsculo, a noite, os túmulos. Parecerá por isso absurdo e artificial. Mas, se algumas influências o arrastaram a esse ambiente de noturnidade, congenial às criações do elemento gótico, não fizeram mais que reforçar um estado de espírito anterior e que, sem tais sugestões, haveria de afirmar-se com as mesmas e e sombrias tendências por um imperativo inelutável, que consistiu na índole de sua própria imaginação (Coutinho, 2004, p.142).

Considerado o precursor do ultrarromantismo no Brasil (COUTINHO, 2004), Álvares de Azevedo influenciaria uma geração de jovens escritores que evocaram o gótico europeu em suas produções.

Análise dos Contos de Noite na Taverna

A começar pelo primeiro capítulo, que corresponde ao conto “Solfieri”. Neste



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

conto, o personagem narra sua vida de devassidão e violência, culminando com o episódio em que profana o cadáver de uma mulher em um convento. A transgressão social neste conto é evidente, pois Solfieri desafia as normas morais, religiosas e jurídicas da sociedade em que vive. Ele se apresenta como um libertino, um cético e um rebelde, que busca o prazer e a aventura sem se importar com as consequências. Segundo Antônio Candido, Solfieri representa o tipo do “herói byroniano”, inspirado no poeta inglês Lord Byron, que se caracteriza pela rebeldia, pelo individualismo e pelo desespero existencial. Já Alfredo Bosi, em seu ensaio “Noite na Taverna: o Mal e a Morte”, destaca o aspecto macabro e grotesco do conto, que revela uma visão de mundo niilista e pessimista, típica do ultrarromantismo. Assim, o conto “Solfieri” pode ser visto como uma expressão da transgressão social na literatura brasileira do século XIX, que reflete o conflito entre o ideal romântico e a realidade histórica.

No conto “Solfieri”, o narrador descreve uma cena macabra em que ele profana o cadáver de uma moça em uma igreja, revelando o seu caráter transgressor e necrófilo:

Quando dei acordo de mim estava num lugar escuro: as estrelas passavam seus raios brancos entre as vidraças de um templo. As luzes de quatro círios batiam num caixão entreaberto. Abri-o: era o de uma moça. Aquele branco da mortalha, as grinaldas da morte na fronte dela, naquela tez lívida e embaçada, o vidrento dos olhos mal apertados... Era uma defunta! ... e aqueles traços todos me lembraram uma ideia perdida...—Era o anjo do cemitério? Cerrei as portas da igreja, que, ignoro porque, eu achara abertas. Tomei o cadáver nos meus braços para fora do caixão. Pesava como chumbo. (Azevedo, 2009, p. 23)

Numa noite chuvosa de Roma, o rapaz avista uma silhueta de uma bela moça chorando em uma janela. Ela sai de casa em seguida e o rapaz a segue, até um cemitério e adormece enquanto a observa. Um ano mais tarde, saindo de uma orgia, ele passa por uma



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

igreja e encontra aquela mesma mulher sendo velada. Como ainda estava viva, ele a leva para sua casa. Porém, ela morre dois dias depois e ele a enterra sob o assoalho do seu quarto. Fascinado por sua beleza, ele contrata um escultor e encomenda uma estátua da amada.

Azevedo utiliza a estrutura narrativa para entrelaçar os destinos dos personagens, criando uma teia de relações que reflete as complexidades da sociedade da época. A transgressão, assim, não é apenas um ato individual, mas uma força que permeia as relações interpessoais, moldando o destino coletivo dos personagens.

A transgressão social na obra “Noite na Taverna” revela-se como um elemento crucial na tessitura narrativa de Álvares de Azevedo. Ao explorarmos as relações intertextuais entre Bakhtin e a obra em questão, é possível compreender como a inversão de valores sociais, destacada por Bakhtin (1981, p. 56), encontra eco nos personagens e eventos do romance.

O protagonismo da transgressão é evidente na figura de Solfieri, um dos personagens centrais que desafia as normas sociais vigentes. A análise do comportamento transgressor de Solfieri à luz da carnavalização proposta por Bakhtin proporciona uma compreensão mais profunda das motivações e efeitos dessa transgressão no contexto da sociedade retratada (Bakhtin, 1981, p. 72).

No primeiro parágrafo há uma apresentação da situação na qual a obra se inicia - a reunião dos convivas na taverna. A enumeração dos temas transgressores e a relação da obra e do autor com a segunda geração romântica também estão presentes, como nas menções ao pessimismo e à figura do poeta maldito, que segundo a crítica, são sugeridas pelos protagonistas e sua maneira de ser.

No início há uma discussão entre espiritualismo e materialismo, onde é citada a ideologia platônica sobre a imortalidade da alma e questões que envolvem Deus e a fé, fazendo referência ao sangue derramado pela Igreja



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Católica. Um dos personagens faz dura represália ao espiritualismo, afirmando a morte como único fim a tudo, colocando a impossibilidade da reanimação da matéria. São boas questões a serem levantadas, questões que causam grandes divergências até hoje e que valem serem discutidas. Afinal, na hora da morte, até o mais renomado homem da ciência se questiona sobre seu fim. Quem vence? A morte definitiva ou o espírito imortal? Fica a questão de Noites[sic] na Taverna, fica a questão de nossas vidas. E a discussão flui até que finalmente, sem chegar a uma conclusão, os homens decidem contar histórias sangrentas. (Pitanga, 2013).

Bertran apaixonou-se por uma espanhola, mas precisou viver dois anos na Dinamarca por causa da saúde do pai. Quando voltou, encontrou-a casada. Para ficar com ele, ela mata o marido e o filho, mas também o abandona após algum tempo. O rapaz decide então se matar e é salvo por um marinheiro. Apaixona-se então por sua esposa, e após um ataque por piratas, o navio afunda e sobrevivem os três, perdidos em um bote em alto mar. Após uma aposta, decidem que o capitão deve morrer para servir de comida a ele e à mulher. E assim acontece. Ao chegar a uma praia, ela pede a ele um último momento de amor antes de morrer. Com medo de morrer de fraqueza, ele a estrangula e passa a viver na solidão, até ser resgatado.

Em Bertram, observamos como o herói se define: “um desgraçado que não pode viver na terra, e não deixaram morrer no mar” (Azevedo, 1995, p. 32). Em sua fascinação pela mulher do comandante do navio, o desejo de seduzi-la vem de uma ideia de reconstituição do ser. Esta mulher fez com que ele reencontrasse vestígios de valores e bons sentimentos: “eu derramara uma essência preciosa e límpida que ainda não se poluíra neste mundo” (Azevedo, 1995, p. 34).

No conto Bertram, essa interconexão atinge seu ápice, revelando os efeitos colaterais da transgressão em um contexto mais amplo. Os personagens, antes isolados em suas experiências, convergem para um desfecho que transcende as fronteiras individuais,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

consolidando a transgressão como um elemento fundamental na tessitura da sociedade retratada por Álvares de Azevedo.

Na história de Claudius Hermann, a presença de Eleonora torna-se um “talismã irresistível” ao herói. O desespero de transgredir seu destino aqui se encontra: “Meu Deus! Meu Deus! por que tanta infâmia, tanto lodo sobre mim? Ó minha Madona! Por que maldissestes minha vida, por que deixastes cair na minha cabeça uma nódoa tão negra” (Azevedo, 1995, p. 67). A relação do protagonista com Eleonora torna-se um pedido de redenção: “Acerquei-me dela: ajoelhei-me como ante Deus” (Azevedo, 1995, p. 72). A morte da duquesa põe fim ao desejo do herói de reverter seu destino. Por fim, Johann exclama ao final de seu relato: “Na verdade sou um maldito” (Azevedo, 1995, p. 81).

A análise minuciosa desses contos não apenas revela a destreza literária do autor, mas também proporciona uma compreensão mais profunda da transgressão social como elemento central em “Noite na Taverna”. Na seção seguinte, exploraremos as repercussões contemporâneas dessa obra, destacando sua relevância na compreensão da sociedade e das dinâmicas sociais intrínsecas que impulsionam os personagens em direção à margem da sociedade. A dialética entre desejo e proibição se desvela de maneira intensa, contribuindo para a construção da atmosfera decadente presente na obra.

Azevedo, por meio de uma prosa intensa e carregada de simbolismo, transporta o leitor para um universo onde a transgressão não é apenas um ato, mas uma condição existencial. Em Noite na Taverna, Álvares de Azevedo destaca-se pela sua abordagem introspectiva, levando-nos a questionar não apenas as normas externas, mas também as barreiras internas que delineiam a moralidade dos personagens.

Cada conto, em sua singularidade, contribui para a tessitura complexa da transgressão social na obra. O autor, hábil em sua narrativa, transcende a mera crítica social, oferecendo uma reflexão profunda sobre os limites da moralidade e as consequências



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

inerentes à quebra desses limites.

Além disso, a obra de Álvares de Azevedo dialoga com a concepção de transgressão de Bataille, que a associa à experiência da ruptura (Bataille, 1957, p. 45). A presença de personagens como Gennaro, cujas ações desafiam não apenas as normas sociais, mas também os limites morais, reflete a exploração dos extremos da condição humana. O desenvolvimento do enredo em “Noite na Taverna” é permeado por essa tensão entre a ordem estabelecida e a busca por experiências limítrofes.

A análise dos diálogos entre os personagens de “Noite na Taverna” revela uma expressão rica da transgressão social. Os intercâmbios verbais entre as personagens são marcados por uma linguagem provocativa e desafiadora, ecoando a atmosfera de subversão proposta por Bakhtin (1981, p. 56).

Em particular, a figura de Solfieri emerge como um catalisador de diálogos que questionam não apenas as normas sociais, mas também as próprias bases morais da sociedade. Ao citar diretamente os diálogos que evidenciam a transgressão, podemos compreender como a linguagem torna-se uma ferramenta poderosa na desconstrução das convenções estabelecidas (Azevedo, 1855, p. 34).

Gennaro, outro personagem central, contribui para a complexidade desse cenário, introduzindo diálogos que exploram as fronteiras entre o aceitável e o inaceitável. As interações entre Gennaro e Solfieri, permeadas por referências transgressoras, constituem um microcosmo das tensões sociais exploradas por Álvares de Azevedo (Azevedo, 1855, p. 78).

A obra de Álvares de Azevedo, através da análise minuciosa dos contos, revela-se como um espelho da sociedade do século XIX, refletindo as contradições e inquietações da época. Em ‘Noite na Taverna’, encontramos uma abordagem singular da transgressão social, onde os personagens, mergulhados em suas paixões e excessos, desafiam não apenas normas sociais, mas também limites morais e éticos.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A narrativa, permeada por elementos românticos e góticos, transcende as fronteiras da realidade, transportando-nos para um universo onde a transgressão não é apenas uma escolha, mas uma inevitabilidade. Azevedo, por meio de sua prosa envolvente, captura a essência efêmera da juventude e a revolta inerente à busca por significado em meio à sociedade conservadora.

A conexão entre os contos de “Noite na Taverna” não apenas reforça a coesão literária da obra, mas também destaca a atemporalidade da temática da transgressão social. À medida que avançamos na análise, é crucial compreender como essas histórias, apesar de enraizadas em um contexto histórico específico, continuam a ressoar e provocar reflexões sobre a natureza da rebeldia e suas implicações.

Algumas histórias, em particular as duas primeiras (de Solfieri e Bertran), lembram vagamente a atmosfera criada por Poe, Wilde e Baudelaire, e é seguro dizer que para quem gosta de histórias com uma atmosfera gótica e decadente esse livro vale a pena ser conferido. Algumas histórias conseguem ser bem cafonas, em particular a de Claudius, mas creio que parte desse efeito é proposital, inclusive no início dessa história um dos companheiros de bebedeira interrompe a digressão do narrador gritando por "basta Claudius!", a outra parte provavelmente é devido às influências do autor, ainda assim, não chega a ser um empecilho durante a leitura, chegando a fazer parte do charme da obra. (Skoob, 2016).

É destacada a inabilidade de Álvares de Azevedo em lidar com os procedimentos literários, dando um caráter de inacabamento estético a sua obra:

Os contos de Noite na Taverna (referindo-me apenas às histórias contadas pelos cinco amigos bêbados) beiram o ridículo. O subtítulo da obra, “contos fantásticos”, foi justamente descartado das edições atuais, uma vez que à exceção do conto de Solfieri (onde o fantástico aparece vagamente), os demais nada apresentam de fantasioso. Todos os contos rodeiam a mesma temática: o amor malgrado pela tragédia. As histórias



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

são contadas numa linguagem que oscila entre a prosa e a poesia, tendo mais efeito quando pendidas para esta última. O prosador Álvares de Azevedo é um simples condutor de marionetes. Suas personagens são excessivamente artificiais e mal construídas. O enredo só chama atenção pelo exagero e o tratamento (malcuidado) de temas delicados como antropofagia e incesto. A escrita, enfim, não cativa, não entretém e não agrada (a mim!). A culminância do ridículo está no conto de Bertram, que certamente é o mais fraco do livro, chegando a ser mais rocambolesco que Ponson du Terrail. (Coutinho, 2017).

Coutinho (2017) parte para a comparação com outras obras literárias - que fariam parte da genealogia de *Noite na Taverna* - talvez para deixar claro o caráter de crítica ao valor estético:

O único interesse que vi no livro, sinceramente, foi esse artifício de unificar uma coletânea de contos mórbidos, estabelecendo um fio condutor que perpassa toda a obra, fazendo ainda com que, ao final, este mesmo artifício concentre uma narrativa própria. Tal recurso foi imitado diversas vezes ainda no século XIX, compreendendo influência que resiste até hoje. Em 1862, Franklin Távora publicava *A Trindade Maldita*, obedecendo à risca o modelo de Álvares de Azevedo. Em nosso tempo, Pedro Bandeira, com *Descanse em Paz, meu Amor...* (1996?) aproveitava o mesmo modelo, apenas adequando-o ao gosto do seu público infantojuvenil[sic]. É incrível como tenha gostado dessas duas obras citadas bem mais que da fonte que as inspirou! (Coutinho, 2017, pág. 15)

Ao desvendar os meandros dos contos de “*Noite na Taverna*”, é crucial estabelecer pontes entre a narrativa de Álvares de Azevedo e as dinâmicas sociais contemporâneas. Em *Noite na Taverna*, encontramos reflexos da alienação social e da busca desenfreada por prazer, temas que ressoam de forma surpreendente nos dilemas modernos.

A evasão é outra marca dessa obra, onde o nome do lugar onde desenvolvem-se os fatos mostra-se completamente desconhecido. Outro detalhe a ser observado é a grande influência estrangeira, refletida nos nomes dos personagens: Solfieri, Bertram, Gennaro,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Claudius Hermann e Johann. Paradoxos acompanham toda a narrativa, deixando o amor puro e a luxúria lado a lado. Não existem valores sociais, cargas morais ou pensamentos religiosos, pois a realidade objetiva não é compatível com os anseios e atitudes dos protagonistas. Todos parecem viver perdidos na complexidade das emoções (Vanessa, 2012).

A transgressão social, longe de ser uma temática datada, persiste como um eco na sociedade atual, moldada por novas normas e desafios. Os personagens de Azevedo, ao desafiarem as convenções de sua época, provocam uma reflexão sobre a natureza efêmera das fronteiras sociais, ecoando a busca contínua por liberdade e identidade.

As narrativas de Azevedo transcendem o tempo, oferecendo insights atemporais sobre a condição humana. A transgressão, nesse contexto, não é apenas um elemento literário, mas uma lente que amplia a compreensão das complexidades sociais, incentivando uma reflexão crítica sobre as normas que moldam nossa própria realidade.

A análise dos contos de “Noite na Taverna” não se limita a uma incursão histórica; ela estabelece um diálogo vívido entre passado e presente. Na seção final, exploraremos as conclusões derivadas dessa análise, destacando a relevância contínua da obra de Álvares de Azevedo na compreensão da transgressão social ao longo dos tempos.

Os personagens de Azevedo são dominados por momentos de intensa insanidade, delimitados pela presença dos delírios de febre e embriaguez. O tempo torna-se confuso, os personagens são movidos por sentimentos inomináveis oriundos do 'fogo da insensatez'. Eles veem, escutam, cheiram, provam e sentem o desencanto pela vida (Vanessa, 2012). No conto denominado Claudius Herman, podemos verificar a transgressão como a violação dos preceitos da lei:

Em uma corrida de cavalos, ele se apaixona por uma duquesa, passando a perseguir a moça durante uma semana. Ele suborna um dos lacaios da duquesa para entrar em sua casa, dopá-la e estupra-la. E assim o faz por

- 214 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

inúmeras noites. Certa noite, o marido da duquesa bebe um pouco do sonífero, e Claudius sequestra sua esposa, obrigando-a a ficar com ele. Dias depois, ao voltar para casa após sair para resolver algumas coisas, o rapaz encontra marido e mulher mortos. (Azevedo, 1855).

Apesar de cada parágrafo tratar de um aspecto diferente da obra, ambos se relacionam com a questão da alienação dos personagens em relação à sociedade, pois eles são apátridas e sociopatas, porém tampouco são livres pois vítimas de seus sentimentos contraditórios,

Em uma taverna em Paris, Johann jogava com um rapaz louro de nome Arthur e o adversário só precisava de mais um ponto para vencer a partida. Arthur esbarra na mesa e faz com que Johann perca o jogo. O rapaz o desafia então a um duelo: devem seguir até um hotel e escolher suas armas (só uma estava carregada). Antes de morrer, Arthur entrega a ele uma carta endereçada à mãe e uma à namorada com um anel de noivado. Ele vai até a casa da moça e se passa por Arthur. Após dormirem juntos, Johann é atacado por um homem e o mata. Mais tarde descobre que o homem era seu irmão, e a jovem, sua irmã. (Guia do Estudante, 2016).

Ao final da noite, Johann é morto por um encapuzado que adentra a taverna. Era a irmã de Johann. Arthur também havia sido salvo e estava no local. Ao reencontrar a namorada, Arthur se declara a ela, ela o corresponde e ambos decidem se matar.

Esta obra de Álvares de Azevedo foi publicada somente em 1855, três anos após sua morte. Sob o pseudônimo de Job Stern, o autor construiu uma narrativa que se subdivide em cinco contos, narrados por cinco rapazes que se encontram em uma taverna. “Há quem diga que a fonte de inspiração para a sua criação foi a obra *Noches lúgubres*, publicado originalmente em espanhol em 1790, escrito por José Cadalso” (Guia do Estudante, 2016).

O conto “Último beijo de amor” é o último dos sete contos que compõem a obra



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Noite na Taverna, de Álvares de Azevedo. Nesse conto, uma mulher misteriosa entra na taverna onde os jovens boêmios dormem embriagados, após terem narrado suas histórias macabras e amorosas. Ela reconhece Arnold, um dos narradores, e se dirige a Johann, outro narrador, que está abraçado ao cadáver de uma mulher. Ela revela que se chama Giórgia e que é a irmã de Johann, que a abandonou quando ela era criança. Ela conta que foi seduzida por Arnold, que a engravidou e a deixou, e que depois se casou com um homem rico, mas infeliz. Ela vingou-se matando o irmão e reencontrou o antigo amante, terminando por morrer em seus braços.

Esse conto pode ser analisado sob a perspectiva da transgressão social, pois apresenta vários elementos que contrariam os valores morais e religiosos da época, como o incesto, o adultério, o assassinato, a prostituição, o suicídio, a blasfêmia, a violência, o niilismo, o satanismo, etc. Esses elementos são típicos da segunda geração do romantismo brasileiro, também chamada de ultrarromantismo ou mal-do-século, que expressava o desencanto, a angústia, a rebeldia e o pessimismo dos jovens escritores, influenciados pelo romantismo europeu, especialmente o de Lord Byron. A transgressão social, nesse contexto, pode ser vista como uma forma de contestar a ordem estabelecida, de escapar da realidade opressora, de afirmar a liberdade individual, de explorar as emoções extremas, de buscar o prazer e a morte, de romper com os limites entre o bem e o mal, o sagrado e o profano, o sonho e a realidade.

Notas Críticas sobre a obra

Segundo Romero, a morbidez e a melancolia de Álvares de Azevedo seriam resultado, além de sua natureza predisposta à tristeza, de uma “enfermidade de espírito” causada pelas leituras de Heine, Byron, Shelley, George Sand e Musset. Em Noite na taverna



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

indica haver “algumas belezas entre muitas extravagâncias e afetações”

A respeito da presença de Hoffmann na Noite na taverna, Magalhães Júnior lembra que:

Em suas histórias macabras (...) [Álvares de Azevedo] é decididamente hoffmanesco. Ou melhor, mais hoffmanesco do que o próprio Hoffmann, em cuja obra há por vezes um ou outro traço de lirismo, uma nota humorística, ou de fantasia poética, indo além [das cenas de horror] (...). [Já] em Noite na taverna, ao acumular em cada narrativa, tantos episódios dessa natureza, com tão manifesto exagero, Álvares de Azevedo tornou ainda mais flagrante a inverossimilhança de tais peripécias. Descreveu-as, porém, com tal força que os leitores – principalmente os juvenis – Sentem-se subjugados pela prosa, embora padecendo narrativa de todos os excessos verbais e cacoetes do romantismo. (Magalhães, 1859. p. 264-265).

Couto de Magalhães, em 1859, faz referência a essa associação e foi o primeiro a sugerir que Álvares de Azevedo tivesse descrito na Noite na taverna cenas de orgias praticadas pelos membros daquela Sociedade:

(...) nasceu em 1845 uma planta parasita que legou à São Paulo tristes recordações: Falo da Sociedade Epicureia. Composta de grande número de moços talentosos, tinha ela por fim realizar os sonhos de Byron. Um dos sócios que vive hoje em Minas narrou-me o seguinte: “Eram diversos os pontos em que nos reuníamos: ora 7 Cilaine Alves, O Belo e o Disforme. São Paulo, Edusp/Fapesp, 1997, p. 29- 30. 16 nos Ingleses, ora nalgum outro arrabalde da cidade. Uma vez estivemos encerrados 15 dias, em companhia de perdidos, cometendo ao clarão de candeeiros, por isso que todas as janelas eram perfeitamente fechadas desde que entrávamos até sair, toda a sorte de desvarios que se pode conceber”. Eu tinha tomado nota dos nomes dos fundadores, não os encontro agora, e assim não posso apresentá-los; se porém aparecerem irão ao fim do volume em forma de apêndice. Alguns estudantes que se entregaram mais doudamente a estes excessos, ou que eram dotados de uma constituição menos robusta, de lá saíram com moléstias de que depois morreram. Essa associação teve uma grande influência na poesia de nossa mocidade; quem ler sucessivamente os diversos jornais sente acentos desesperados nos versos que

- 217 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

correspondem a essa época. Dizem que Álvares de Azevedo, na sua Noite na taverna, descreveu, em parte, uma dessas cenas. A par desta, outras houveram do mesmo gênero, mas que não tiveram consequências tão fatais. (Magalhães, 1859. p. 264-265).

Joaquim Norberto comenta Macário e dá mostras de que a prosa de Álvares de Azevedo não lhe agradava, considerando que o melhor que Azevedo deixara era mesmo a Lira dos Vinte Anos. Sobre Noite na taverna, escreveu:

... É um drama-romance, notável pela originalidade de suas extravagantes cenas, uma sequência de narrações monstruosas em que Solfieri, Bertram, Gennaro, Claudius Hermann e Johann, libertinos que se apaixonavam por mulheres perdidas e que nas aras das orgias, entre as baforadas do fumo fétido de seus cachimbos, batem com suas taças nas taças delas, cada qual por sua vez, com suas histórias românticas. Nessas cenas informes amontoam-se as inverossimilhanças; sucedem-se os duelos fratricidas às traições conjugais; encadeiam-se as perdições das virgens os raptos de mulheres castas por meio de filtros, que promovem longas anestésias; e por meio desse caos impera a antropofagia sobre as ondas do mar, em que os corvos marinhos disputam a ração de carne humana, e os amores cândidos e puros são os gozos malditos de Satã e Eloá, tendo por tálamo o oceano e as vagas por sedas que lhe alcatifam o leito; mas ao leitor seduz com o brilhantismo do estilo e arrebatada com as palavras de fogo, adornando esses quadros de delírios de sua imaginação com os arabescos da poesia dantesca e shakespeariana. (Sousa e Silva, 1873, p.29-114).

Arthur Motta elogia o poeta pelas excelentes qualidades de sua lírica, mas lamenta que tenha assumido feições byronianas na segunda parte da Lira dos Vinte Anos e em outras de suas produções, fazendo uma apreciação um tanto dúbia da prosa: Assim, também nos contos de A Noite na taverna, externou-se numa superafetação de maneiras a Byron, cultivando o satanismo em fantasias loucas, com o desregramento dos artistas excêntricos ou desequilibrados, segundo as concepções fantásticas e extravagantes de Hoffmann e Poe, bizarro como Baudelaire e sugestivo como Goya em suas telas admiráveis de originalidade e

- 218 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

poder e de poder emotive.

Livro, aliás, que Haddad, toma como

um atestado do espírito coletivo da época: Transparece na A Noite na taverna toda uma mentalidade de um São Paulo transtornado pela Epicureia e pelo seu espírito. Espírito não só paulista como difusamente europeu. (...) A atmosfera de Epicureia deu a Noite na taverna, como os delírios da Jeune France suscitaram literatura análoga. (...) A Noite na taverna é livro ainda prototípico do sadomasoquismo do poeta. (Haddad, 1949, p. 93-10).

Conclusão

Ao desvelarmos as camadas profundas dos contos de “Noite na Taverna”, percebemos que a transgressão social, embora enraizada no século XIX, transcende as barreiras do tempo. Em Noite na Taverna já no seu prólogo “Uma noite do século”, a obra de Álvares de Azevedo ressoa como um eco literário que desafia não apenas as normas de sua época, mas também incita a reflexão sobre as constantes transformações e desafios da sociedade contemporânea.

A pluralidade de perspectivas e a complexidade das relações humanas, habilmente exploradas nos contos, estabelecem “Noite na Taverna” como uma obra que vai além da mera crônica do passado. A transgressão social, manifestada nos excessos dos personagens, na quebra de tabus e na busca incessante por autonomia, ecoa como um chamado à reflexão sobre as fronteiras que continuamos a desafiar.

Em suma, a análise dos contos revela não apenas o talento literário de Álvares de Azevedo, mas também a intemporalidade de sua obra. A transgressão social, explorada com maestria, transcende as páginas, convidando cada leitor a questionar as normas que moldam sua própria existência.

- 219 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Considerações finais

Ao percorrer as intrincadas veredas dos contos de “Noite na Taverna”, emergimos com uma compreensão mais profunda da transgressão social como uma força perene. O legado de Álvares de Azevedo transcende as páginas amareladas pelo tempo, estabelecendo-se como um farol que ilumina as sombras das normas sociais.

A obra, através de contos como Solfieri e Bertram, desafia não apenas os cânones literários, mas também as amarras éticas e morais que permeiam a sociedade. Azevedo, com sua prosa visceral, proporciona uma experiência que transcende o mero entretenimento, incitando à reflexão sobre a natureza da rebeldia e seus desdobramentos.

Ao analisar os contos de forma interconectada, como fizemos em, percebemos que “Noite na Taverna” não é apenas uma coleção de histórias; é um espelho que reflete as vicissitudes da condição humana. A transgressão, em suas várias facetas, serve como uma metáfora penetrante para as inquietudes sociais que ecoam através dos séculos.

Em consideração a obra chegamos à constatação de que “Noite na Taverna” não é apenas um testemunho do passado, mas uma voz que continua a ressoar nos corredores da crítica social contemporânea. Azevedo, ao desafiar convenções e explorar os recantos mais sombrios da psique humana, convida-nos a questionar não apenas o passado, mas também o presente e o futuro.

Assim, concluímos nossa análise dos contos de “Noite na Taverna”. Esta obra, imortalizada pelas mãos de Álvares de Azevedo, permanece como um convite à reflexão, lembrando-nos de que, mesmo nas sombras da transgressão, encontramos a luz da compreensão crítica.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Referências

- AZEVEDO, Álvares de. **Noite na Taverna**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.
- AZEVEDO, Álvares de. **Solfieri**. In: **Noite na taverna**. São Paulo: Martin Claret, 2009. P. 19-28.
- BOSI, Alfredo. **Noite na Taverna: o Mal e a Morte**. In: _____. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977. P. 97-109.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**, São Paulo: Cultrix, 1973.
- CALVINO, Italo. **Assunto encerrado: discurso sobre literatura e sociedade**. Tradução de **Roberta Barni**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil. Vol. 4**. São Paulo: Global, 2004.
- COUTINHO, Daniel. **Noite na Taverna, de Álvares de Azevedo - RESENHA #49.2017**. Disponível em: <http://blogliteraturaeu.blogspot.com/2017/06/noite-nataverna-de-alvares-de-azevedo.html>. Acesso em: 20 de Out. de 2023.
- CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 11. Ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2006. P. 239-240.
- CANDIDO, Antônio. **A Educação Pela Noite e outros ensaios**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1989.
- FURTADO, Filipe. **A construção do fantástico na narrativa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.
- GUIA DO ESTUDANTE. **Noite na Taverna: resumo dos capítulos**. **Guia do Estudante, 2016**. Disponível em: <https://www.resumoescolar.com.br/literatura/resumo-noite-na-taverna/> Acesso em: 26 jan. 2024.
- HADDAD, Jamil Almansur. “**Álvares de Azevedo e Castro Alves**”, in: Revista Província de São Pedro, Porto Alegre, s/e, n.14, 1949, p. 93-101.
- MAGALHÃES, Couto de. **Noite na taverna**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1997.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

MAGALHÃES, Couto de. **“Esboço da história da Academia”**. In: Revista da Academia de São Paulo. São Paulo, s/e, 1859. p. 264-265.

MENON, Maurício Cesar. **Figurações do Gótico e seus Desdobramentos na Literatura Brasileira de 1843 a 1932**. Londrina, 2007. Tese (Doutorado em Letras) - Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina.

MOTTA, Artur. **“Álvares de Azevedo”**, in: Revista Nova, p. 397-415.

PITANÇA, Vivian. **Resenha: Noite na Taverna**. 2013. Disponível em: <https://vivianpitanca.blogspot.com/2013/08/resenha-noite-na-taverna.html>. Acesso em: 1 de Nov. de 2023.

ROMERO, Sílvio. **“Poesia da Terceira Fase do Romantismo”**, in: História da Literatura Brasileira, tomo II, Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 771-791.

SILVA, J. N. de S. **Notícia sobre M. A. Álvares de Azevedo e suas obras**. In: Obras de Álvares de Azevedo, precedida de juízo crítico dos escritores nacionais e estrangeiros e de uma notícia sobre o autor e suas obras por J. Norberto de S.S. 7. ed. Rio de Janeiro: H. Garnier, [1900] 1873. v. 1, p. 29-114.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

SOUSA E SILVA, Joaquim Norberto de. **“Notícia sobre M. A. Álvares de Azevedo e suas obras”**, in: **Obras de Álvares de Azevedo, precedida de juízo crítico dos escritores nacionais e estrangeiros e de uma notícia sobre o autor e suas obras por J. Norberto de S.S.** 7. ed. RJ, H. Garnier, [1900] 1873, 3v, V.1, p.29-114. Apud: Joaquim Norberto de S. e Silva. **Crítica Reunida 1850-1892**, (org. de José Américo Miranda et alia). 2005, p. 129-172.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

AÇÕES INICIAIS DO PARANÁ FALA ESPANHOL NA UEM: UMA NOITE DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

Kezia Naiara Bernardes dos Reis (UEM-PFE)

Viviane Cristina Poletto Lugli (UEM – PFE)

Resumo: Este trabalho apresenta resultados obtidos na primeira etapa do Paraná Fala Espanhol (PFE), na Universidade Estadual de Maringá (UEM). O PFE-UEM é um projeto financiado com recursos da Secretaria do Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI/Fundo Paraná) que visa a contribuir com a inserção da instituição no contexto internacional, assim como preparar a comunidade universitária, participante do projeto, a vivenciar a aprendizagem de língua espanhola, a partir de um contexto sociocultural e linguístico variado. Para as aulas, é utilizado como suporte o Livro Didático Frecuencias, que porta exemplos de usos da língua extraídos das bases de dados da RAE. No contexto atual, utilizar materiais didáticos que são construídos com base em *corpus* é relevante por demonstrar o agir situado pela linguagem. Respaldados no ensino por meio do Livro Didático e de modo a complementar o trabalho proposto pelo livro com a produção textual escrita e oral, nosso objetivo neste trabalho é apresentar resultados de uma noite de exposição de trabalhos em que os alunos apresentaram temas relacionados à cultura espanhola, demonstrando o seu crescimento como aprendizes e suas capacidades de linguagem que são, como definem Dolz, Pasquier e Bronckart (1992), atitudes postas em jogo no funcionamento e desenvolvimento da linguagem. Assim, este trabalho de cunho diagnóstico e bibliográfico, fundamentado na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo (DOLZ, PASQUIER e BRONCKART, 1992; BRONCKART, 1999) e na teoria de gêneros do discurso proposta por Bajtín (2005), aponta resultados que demonstram a contribuição de ações como essas para a aprendizagem dos alunos.

Palavras-chave: Produção textual escrita. Exposição Oral. Apresentações culturais.

Introdução

Este artigo tem como *corpus* de análise dados obtidos por meio de ações realizadas na primeira etapa do Programa Paraná Fala Espanhol (PFE), na Universidade Estadual de Maringá (UEM). O Programa é uma das ações de política linguística do Estado do Paraná

- 223 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

que reconhece a importância da capacitação linguística em espanhol da comunidade acadêmica para o processo de mobilidade internacional. O projeto “Paraná Fala Idiomas – Paraná Fala Espanhol”, tem como objetivo capacitar docentes, discentes e agentes universitários da IES do Paraná, de modo que seja possível ampliar-lhes as possibilidades de ingressarem em processos de mobilidade internacional, assim como realizar exames internacionais, promover ações de internacionalização em casa, etc.

Na primeira etapa do programa, ao serem oferecidos os cursos, foi realizada uma pesquisa com a comunidade universitária com o fim de verificar os interesses dos candidatos para aprender espanhol. Dentre as finalidades expostas por eles, destacamos: a leitura de textos para os estudos e a necessidade de apresentarem comunicações em países que, além de fazerem fronteira com o Brasil, possuem convênio com a UEM. Esses candidatos, no entanto, por meio da mesma pesquisa, declararam não ter conhecimento da língua espanhola para níveis intermediários, o que motivou a Universidade a abrir um maior número de cursos para o nível Iniciante.

Logo, a pesquisa com a comunidade universitária foi relevante por nos mostrar não somente as necessidades de aprendizagem dos alunos, mas também a sincronia existente entre os objetivos do Programa e os interesses dos alunos que estão imbricados no contexto de internacionalização das Universidades Paranaenses.

Nesse cenário, foi selecionado, para as aulas ministradas no Programa, o livro didático *Frecuencias* produzido pela editora espanhola, Edinumen, visto que para o início das atividades dos cursos, o suporte Livro atende as diferentes necessidades de ensino/aprendizagem. Trata-se de um material que apresenta exemplos de usos da língua referentes aos diversos países em que a língua é utilizada, expondo ao aluno um léxico diversificado. Aporta também exemplos linguísticos contextualizados que contribuem bastante para o ensino. No entanto, carece de atividades que levem os alunos a agirem por



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

meio de enunciados concretos (Bajtín, 2005), nas diversas situações mediadas pela linguagem.

Por entendermos que os alunos do Programa Paraná Fala Espanhol, doravante (PFE), necessitam aprender a produzir enunciados para se comunicarem nas diferentes situações de internacionalização, dentre elas para a apresentação de trabalhos, como comunicadores em língua espanhola, reconhecemos a relevância de oferecer aos alunos, atividades complementares ao Livro Didático, que lhes permitam experienciar o uso da língua espanhola como prática social real. Para tanto, propomos aos estudantes uma Noite de apresentações culturais em língua espanhola.

O foco da proposta foi motivar os alunos a desenvolverem uma atividade extra-aula, complementar ao livro didático, pois, precisariam preparar os seus trabalhos para apresentação fora do horário da aula, visto que as apresentações orais, em forma de comunicação não foram colocadas de forma mandatória para todos os alunos. Apenas os alunos que desejassem apresentar trabalhos, teriam todo o apoio da professora da turma para auxiliá-los na escrita e produção oral de seus trabalhos.

Constituiu-se uma atividade relevante, pois além de ser uma prática social em que os alunos teriam de apresentar o trabalho para um público convidado para a Noite de exposição de trabalhos, eles estariam aprendendo mais e refletindo sobre as culturas dos países hispano-falantes, em um ambiente comunicativo orientado para o desenvolvimento de capacidades de linguagem que lhes preparasse para futuras atividades de internacionalização.

Neste eixo de ação, este artigo tem como objetivo demonstrar os resultados obtidos em uma Noite de apresentação de trabalhos, realizada com os alunos do Programa Paraná Fala Espanhol (PFE-UEM), durante a primeira etapa do projeto. Foi uma noite organizada com o intuito de levar os alunos a colocarem em prática os seus conhecimentos em língua espanhola e ampliá-los, ao estudarem e se apropriarem do gênero textual que apresentariam.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Para este trabalho, fundamentamo-nos nas contribuições teóricas do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) (Dolz, Pasquier e Bronckart, 1992; Bronckart, 1999) e na teoria de gêneros do discurso proposta por Bajtín (2005).

O ensino da língua estrangeira e as capacidades de linguagem

Partimos do princípio que ensinar uma língua estrangeira significa munir o aprendiz de capacidades necessárias para poder interagir com a linguagem e que o ensino da produção de um gênero textual precisa ser adequado à necessidade do aluno.

Para a produção textual, seja oral ou escrita, o aprendiz necessita entender como funciona a linguagem. É preciso que ele saiba que interagir significa, no sentido que lhe é dado por Bajtín (2005), usar a palavra de modo que não seja vista somente como sua propriedade, pois o agente-enunciador não é, segundo Bajtín (op.cit), o único dono da palavra, já que esta pertence, nas palavras do autor, a um “estoque social de signos”, do qual o locutor extrai aqueles que julga ser adequados no momento da interação, de acordo com a sua *apreciação valorativa* (Bajtín, 2005) da situação de produção do enunciado que envolve o momento, lugar e destinatário para poder ser compreendido pelo ouvinte. Nesse sentido, todos os enunciados concretos são determinados pelas relações sociais e a palavra é interindividual, imersa na vida social da linguagem.

Para o aluno produzir um texto de modo que consiga interagir, portanto, ele precisa refletir sobre diversos fatores, dentre eles, o que Bronckart (1999) também explica como mundo físico, mundo social e mundo subjetivo.

A interação, por tanto, se dá quando a enunciação, levando em consideração os três mundos acima, é também determinada pela situação social imediata, como produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados. Nesse eixo de ação, as palavras



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

utilizadas na interação, no caso das exposições dos alunos que focamos neste trabalho, são dirigidas a um interlocutor e como explica Bajtín (2005), a palavra é território comum do locutor e do interlocutor. Por isso, a palavra sempre tem relação com o falante e com o ouvinte.

Compreender a linguagem desse modo nos parece ser o ponto de partida do trabalho com os gêneros textuais em sala de aula ou em contextos extra-aula como o que realizamos. Entendemos que trabalhar com gêneros significa ir além da verificação das unidades linguísticas utilizadas na produção do mesmo; significa estar ciente de que tais unidades foram utilizadas por estarem apoiadas na concepção de que enunciar significa buscar em uma rede de textos (Bronckart, 1999) aquele que parece ser mais adequado em um determinado momento de produção textual, seja ela oral ou escrito. Esses textos que fazem parte da *rede de intertextos* (Bronckart, 1999), por sua vez, como afirma Bajtín (2005), são construídos de acordo com um conteúdo temático, um determinado estilo verbal e uma construção composicional específica. Já, segundo Bronckart (1999, p. 93), na construção de um texto deve-se levar em consideração o lugar de produção, o momento de produção - se refere à extensão do tempo durante o qual o texto é produzido -, o agente-produtor e o interlocutor.

A partir da compreensão sobre estes mecanismos de produção de um texto, cremos que tanto o aluno quanto o professor podem fazer um trabalho com a linguagem que esteja mais próximo do uso da linguagem na vida social, preparando os alunos para situações que ainda não estão aptos a desenvolver de maneira independente. Essa autonomia é indispensável para nossos alunos, sobretudo, porque alguns deles são também professores universitários e precisam ainda desenvolver capacidades de linguagem (Dolz, Pasquier e Bronckart, 1992) em língua espanhola, para suas apresentações em outros países.

As capacidades de linguagem são definidas por Dolz, Pasquier e Bronckart (1992, p.65-66) como: “[...] atitudes colocadas em prática durante o funcionamento e



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

desenvolvimento da linguagem [...]”.

Dolz, Pasquier e Bronckart (1992, p.65-66) classificam as capacidades em 3 tipos: i) capacidades de ação, referentes às características do contexto e do referente; II) capacidades discursivas para mobilizar os padrões textuais-discursivos para uma determinada ação; iii) capacidades linguístico-discursivas ou capacidades das múltiplas operações psicolinguísticas necessárias para produção ou interpretação de um texto.

Assim, quando os alunos desenvolvem capacidades de linguagem necessárias para agir adequadamente pelo gênero, eles se tornam capazes de produzir um gênero textual, contemplando os diversos aspectos que o constituem, dentre eles os contextuais, os estruturais e os linguístico-discursivos. Dessa forma, os alunos estariam se apropriando das características do gênero, no caso da produção do texto escrito para a apresentação da comunicação na Noite de Exposição que organizamos e tornando-se capazes para produzir outros gêneros como esse, em outros momentos situados de sua vida socioprofissional, de modo eficaz.

Amparados nessa teoria, organizamos o ensino do gênero textual “comunicação em uma noite de exposições orais” a partir de duas perspectivas: linguístico-textual e social, visto que é um gênero organizado a partir de uma situação dada de interação. Dessa forma, promover um ambiente onde os alunos produzam e apresentem um gênero textual necessário a sua vida socioprofissional, torna-se enriquecedor, pois lhes permite vivenciar a forma como é socialmente constituído, não se atendo apenas a questões puramente linguísticas.

De acordo com Machado e Cristóvão (2006), os indivíduos podem valer-se e apropriar-se de gêneros informais, no decorrer de suas atividades cotidianas, sem que seja necessário um ensino sistematizado. No entanto, as autoras reiteram a responsabilidade dos centros de ensino quanto à aprendizagem de gêneros formais. Isso reforça a necessidade de oferecer subsídios suficientes para o ensino-aprendizagem desses gêneros que carecem de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

propostas metodológicas mais sistematizadas.

Para as autoras *op.cit.*, é função dos centros de ensino a promoção de ambientes onde os alunos possam não somente ter contato com os gêneros textuais formais, mas também ter o domínio sobre eles. No caso dos nossos alunos, essas questões foram possíveis, pois tiveram a oportunidade não somente de escrever e reescrever um gênero textual formal, como o gênero comunicação, como também de explorar a situação comunicativa em que ele seria apresentando, pensando nas questões interacionais de produção do texto.

Apresentação de dados

O trabalho com o gênero textual comunicação foi desenvolvido para atender às demandas dos alunos e considerando que compreendemos os gêneros como *instrumentos* (Dolz e Schneuwly, 2004) para o ensino. Para realizá-lo, tomamos como ponto de partida a cultura e as curiosidades referentes aos países hispano-falantes, de modo que pudéssemos despertar ainda mais o entusiasmo e a motivação dos alunos.

Também nos atentamos, nesse primeiro momento, ao fato de oferecer aos alunos uma atividade que, além de atender as suas necessidades, pudesse proporcionar-lhes um momento de crescimento como sujeito de seu fazer e dizer. Dessa forma, instruímos os alunos, inicialmente, a pensarem sobre o gênero textual comunicação porquanto se trata de um gênero muito utilizado por professores universitários, porém nunca estudado na língua espanhola.

Ao nos atermos a essas questões, apresentamos a situação comunicativa da qual participariam, ou seja, uma noite de apresentação de comunicações em língua espanhola, em que eles seriam os protagonistas de seu fazer e dizer.

Após apresentarmos a situação comunicativa, os alunos foram indagados sobre os



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

conhecimentos que possuíam a respeito dos países hispano-falantes, suas vivências nesses países e a respeito das figuras hispânicas que lhes despertavam maior interesse, motivando os mesmos para a produção inicial do gênero. Essa etapa também visou a diagnosticar os passos a serem desenvolvidos, pois, de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), o trabalho com gêneros textuais exige considerar três aspectos: os conhecimentos existentes sobre gêneros textuais, as capacidades observadas dos aprendizes, e os objetivos de ensino que se deseja alcançar.

Depois de verificarmos seus conhecimentos, os alunos foram orientados pela professora a elaborarem uma produção inicial do gênero comunicação, para que fosse possível analisar e compreender as representações que tinham a respeito desse gênero. Isso porque, ao realizar a sua produção inicial “o aluno estaria atendendo uma situação real de comunicação, em dada esfera social, revelando as representações que têm do gênero em questão” (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004, p.95-128).

Posteriormente, as produções iniciais foram avaliadas pela professora, durante encontros que aconteceram após as aulas, uma vez que, compreendemos a necessidade de diagnosticar as dificuldades encontradas pelos alunos para a escrita do gênero e orientá-los em relação a reescrita dos textos.

Por último, os alunos reestruturaram e realizaram suas produções finais, com base nas orientações da professora, intermediadora das ações, e nos conhecimentos obtidos durante o processo de ensino-aprendizagem. Durante essa etapa, os alunos mobilizaram as capacidades de linguagem (Dolz e Schneuwly, 2004) e demonstraram preparo, para o uso do gênero textual comunicação.

Para demonstrar algumas das dificuldades dos alunos para a escrita do gênero, destacamos no quadro a seguir, devido ao limite de páginas ao qual devemos adequar este trabalho, apenas alguns exemplos extraídos dos gêneros que elaboraram.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Quadro 1 – comunicação “Los viajes por América del Sur”

PRODUÇÃO INICIAL	PRODUÇÃO FINAL
‘Resumen las viajes’	‘Resumen de los viajes’
‘Pinguines y [...]’	‘Pinguinos’
‘2018 e 2019’	‘2018 y 2019’
‘Deretimiento’	‘Derretimiento’
‘Viaje con amigos de Mudi’	‘Viaje con amigos del Mudi’
‘Rio’, ‘Cancun’ e ‘arqueológico’	‘Río’, ‘Cancún’ e ‘arqueológico’
Vulcano	Volcano

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos excertos extraídos das produções textuais dos alunos

No quadro acima, podemos observar algumas das dificuldades encontradas pelos alunos, em suas produções iniciais. Essas dificuldades remetem aos aspectos gramaticais como, por exemplo, a identificação do gênero adequado das palavras em língua espanhola, as regras gramaticais para formação de plural, acentuação, escrita e tradução incorreta dos termos utilizados.

Essas dificuldades foram diagnosticadas pela professora, a qual orientou a aluna responsável pela comunicação com relação aos aspectos gramaticais que precisavam ser corrigidos e aos usos incorretos de palavras na língua espanhola. Ao receber as orientações, a aluna pode, então, se conscientizar sobre a necessidade de reescrita do texto e de desenvolver a sua percepção e seus conhecimentos, para aprimorar as suas capacidades linguísticas.

Para auxiliá-la, a professora interveio no processo de reescrita, ao encontrar-se com a aluna, após as aulas, e mediar as ações a serem realizadas, para a reestruturação do texto. Essa etapa foi crucial para que a aluna entendesse não somente as questões que, ao



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

compreender e reescrever o texto, estaria se apropriando da escrita correta para a apresentação do gênero.

Considerações finais

Este trabalho foi relevante para o processo de ensino-aprendizagem da língua espanhola, visto que se orientou para o desenvolvimento da criatividade, motivação e capacidades de linguagem dos alunos. Observamos que preparar um ambiente direcionado às necessidades dos alunos, propiciando-lhes formas de construção de conhecimento que sejam motivadoras foi essencial para que realizássemos a Noite de Exposições de Comunicações e para que os alunos ampliassem seus conhecimentos em espanhol.

Observamos que o ensino pautado no gênero textual comunicação e no desenvolvimento das capacidades de linguagem também permitiu à professora, mediadora das ações, refletir sobre os conceitos do Interacionismo Sóciodiscursivo (ISD). Esses conceitos representam não somente uma forma para uma aprendizagem mais significativa, mas também uma referência para ações futuras que desafiem os alunos a protagonizarem papéis importantes, ao se posicionarem por meio da linguagem.

Este estudo também nos conduziu à reflexão de que, ao nos dedicarmos a essa abordagem de ensino com foco em práticas situadas, o professor viabiliza aos alunos outras competências que são fundamentais no que diz respeito a sua atuação em contextos que excedem a sala de aula. Em outras palavras, através desse tipo de trabalho, torna-se possível promover a autonomia e autoconfiança que os alunos precisam para se reconhecerem como enunciadores proficientes em práticas sociais reais.

Observamos que essa abordagem e a produção do gênero comunicação, solicitado como tarefa extra-aula aos alunos, proporcionou-lhes o conhecimento sobre os diversos



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

aspectos que compõem esse gênero: meio de produção, circulação, suporte, função, quando se produz, para quem se produz etc. E, ao aprenderem sobre essas questões, além de ampliarem seus conceitos com relação a esse gênero, os aprendizes puderam interagir, demonstrando o uso efetivo da língua, em um contexto diferente da sala de aula: a noite preparada para apresentarem seus trabalhos, organizada em um auditório e com um público diferente daquele de sala de aula para lhes prestigiarem.

Portanto, diante da concretização deste trabalho, podemos afirmar que os alunos aprimoraram suas capacidades de linguagem e corresponderam aos objetivos propostos, ao se apropriarem do gênero para se apresentarem. Também aperfeiçoaram o conhecimento sobre questões relativas às diferenças culturais dos países hispano-falantes que eram estudados de forma superficial por meio do livro didático.

Referências

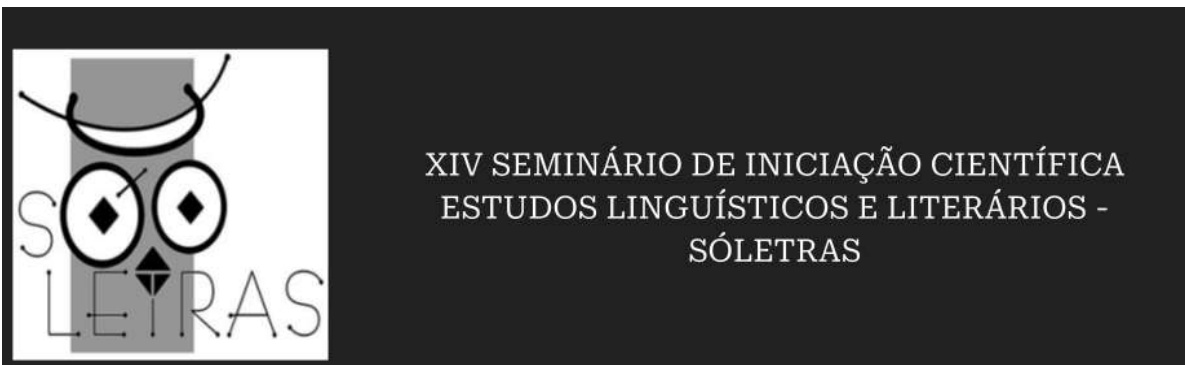
BAJTÍN, M. **Estética de la creación verbal**. 1a. ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio- discursivo**. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 1999.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, J.; PASQUIER, G.; BRONCKART, J. P. A aquisição do discurso: emergência de uma competência ou aprendizagem de capacidades linguageiras diversas. **Estudos de Linguística Aplicada**, n. 89, p. 25-35, 1992.

DOLZ, J.; Pasquier, A.; Bronckart, J.-P. L'acquisition des discours: émergence d'une compétence ou apprentissage de capacités langagières? **Études de Linguistique Appliquée**, Paris: Société Nouvelle Didier Érudition, n. 102, p. 23-37, 1993.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

FRECUENCIAS. España: Edinumen, 2020. 110 p.

MACHADO, A.; CRISTOVÃO, V. **A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros.** Linguagem em (Dis) curso, v. 6, n. 3, p. 547-573, 2006.

SCHNEUWLY, B. **Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas.** In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Org.). Gêneros orais e escritos na escola. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**ANÁLISE AMPLIADA DA OBRA AUTO DA COMPADECIDA, ARIANO
SUASSUNA**

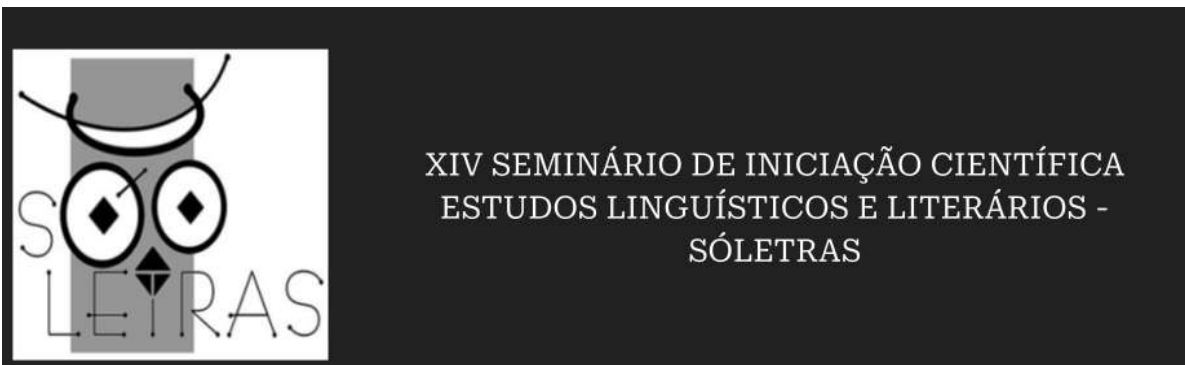
Stefane Luciana de Carvalho (G-CLCA-UENP/CJ)
Bruna Cláudia Lauriano da Silva(G-CLCA-UENP/CJ)
Mateus Henrique da Costa (G-CLCA-UENP/CJ)
Ricardo André Ferreira Martins (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Este presente trabalho tem como objetivo analisar as diversas sessões da peça “Auto da Compadecida” de Ariano Suassuna, que destaca o papel crucial do humor como instrumento hábil na transmissão de críticas sociais e mensagens profundas. A peça, concebida como uma manifestação diante do público, seja ela material ou intelectual, assume relevância na expressão artística. O enfoque da pesquisa, de natureza qualitativa e bibliográfica, se fundamenta na leitura direta da obra original, ampliada pela incorporação de críticas e análises literárias realizadas por especialistas, proporcionando uma compreensão mais abrangente das complexidades e intenções do autor. Essa abordagem permite uma visão aprofundada das camadas de significado subjacentes à comédia, revelando as sutilezas e críticas sociais entrelaçadas na trama.

Palavras-chave: Peça teatral, Auto da Compadecida, Ariano Suassuna, crítica social.

Introdução

"Auto da Compadecida", escrito por Ariano Suassuna, é uma peça de teatro que combina elementos da tradição do teatro popular nordestino, crítica social e elementos religiosos, além de oferecer uma perspectiva humorística e reflexiva da realidade. Situada no sertão brasileiro, a história gira em torno das aventuras de dois astutos personagens, João Grilo e Chicó, que enfrentam desafios e perigos enquanto buscam sobreviver em um mundo repleto de injustiças e corrupção.



Objetivo

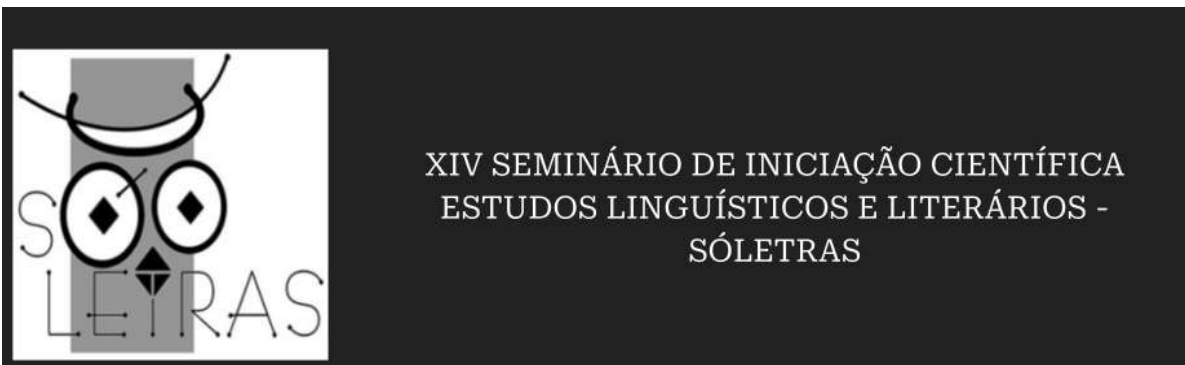
Este resumo ampliado tem como principal objetivo analisar as diversas sessões do "Auto da Compadecida" de Ariano Suassuna, investigando de que forma o autor utiliza o humor como uma ferramenta para transmitir críticas sociais e mensagens de maior profundidade. Além disso, busca-se compreender como o autor integra elementos do folclore e das tradições nordestinas, assim como elementos do teatro medieval, para criar uma narrativa rica em camadas de significado. A análise se concentra em explorar como o uso de humor, regionalismo e alegorias religiosas na peça contribui para a abordagem de temas como justiça, moralidade, desigualdade social e a complexidade da natureza humana.

Metodologia

A análise é baseada na leitura da obra original, bem como em críticas e análises literárias de especialistas.

Revisão da Literatura

Ariano Suassuna é um dos principais representantes do Movimento Armorial, que valoriza as raízes culturais nordestinas e a cultura popular brasileira. O autor utiliza o conceito de "auto" - uma forma de teatro religioso medieval - como base para sua obra. Ele adapta essa estrutura a realidade nordestina, incorporando elementos da cultura popular e tradições regionais, como a literatura de cordel e as festas populares.



Exploração das Seções Principais:

Introdução e Apresentação dos Personagens:

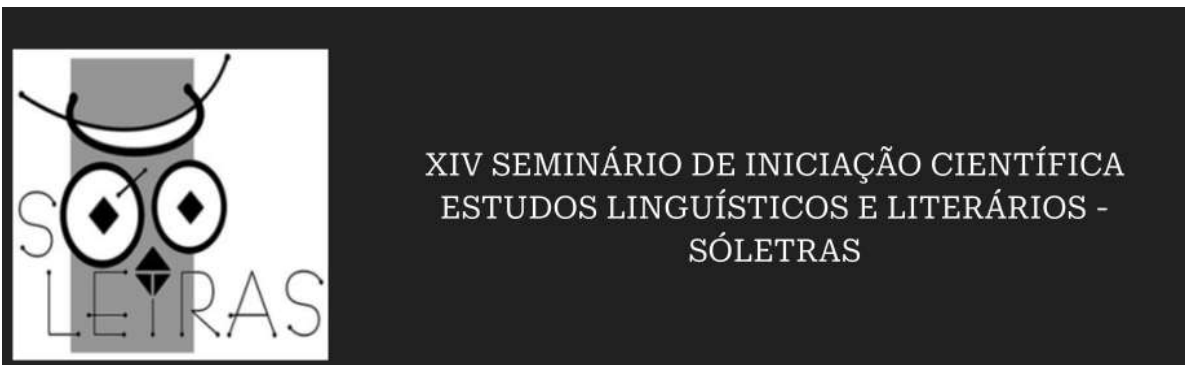
Nesta seção inicial, Ariano Suassuna nos apresenta a dupla central da história: João Grilo e Chicó. Através do humor e da sátira, ele cria uma conexão imediata entre o público e esses malandros que enfrentam as dificuldades da vida nordestina. A escolha de mostrar seus desafios e artimanhas proporciona uma compreensão aprofundada de suas motivações. Embora sejam malandros, suas ações refletem uma busca por sobrevivência e por alguma forma de justiça em um ambiente adverso. A humanidade de João Grilo e Chicó é exposta, permitindo que os espectadores se identifiquem com suas lutas, mesmo que suas ações sejam moralmente ambíguas.

O Julgamento Diante de Deus:

O julgamento divino transcende a vida terrena e coloca em questão as ações dos protagonistas perante padrões divinos. Ao expor as racionalizações e justificativas dos personagens, Suassuna não apenas questiona a moralidade individual, mas também critica a tendência humana de buscar desculpas para ações questionáveis. A mistura de comédia e crítica social aqui destaca a disparidade entre a perspectiva divina e as percepções humanas, convidando os espectadores a refletir sobre a natureza relativa do certo e errado.

A Narrativa das Aventuras:

Os flashbacks que exploram as aventuras dos protagonistas revelam a



multiplicidade de situações que enfrentam. Em cada episódio, João Grilo e Chicó se deparam com uma variedade de personagens que personificam diferentes facetas da sociedade nordestina. Esses encontros expõem a corrupção sistêmica, a exploração de vulneráveis e a injustiça enraizada na estrutura social. A astúcia demonstrada por eles não apenas destaca suas habilidades, mas também oferece uma visão crítica daqueles que se aproveitam das circunstâncias.

A Farsa do Milagre:

A cena em que João Grilo “engana” o Padre aborda uma das questões mais sensíveis: a exploração da fé. Suassuna utiliza essa farsa para revelar a hipocrisia religiosa e como a crença pode ser manipulada para servir a interesses individuais. A facilidade com que o Padre é enganado serve como um espelho da credulidade das pessoas e sua disposição para aceitar as coisas sem questionar. Isso provoca uma análise mais profunda sobre a devoção religiosa e sua relação com a moralidade.

Encontro com o Cangaceiro Severino:

O encontro com Severino, o temido cangaceiro, subverte as expectativas. Sua mudança de comportamento após o diálogo com João Grilo e Chicó ressalta a influência que os indivíduos podem ter uns sobre os outros, mesmo nas circunstâncias mais hostis. Isso lança luz sobre a complexidade dos seres humanos, que podem ser motivados tanto pela violência quanto pela busca de redenção. Esse encontro desafia estereótipos e sugere que a mudança é possível, independentemente das circunstâncias.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Confronto com o Padeiro e o Bispo:

As interações com o padeiro e o bispo destacam as fissuras na estrutura de poder. Suassuna pinta uma imagem vívida da exploração e corrupção que permeiam as posições de autoridade. A conduta desonesta dessas figuras de autoridade revela como as instituições sociais podem ser corrompidas, criando uma atmosfera de desconfiança e desigualdade. Isso convida os espectadores a questionar a integridade das figuras que deveriam representar justiça e moralidade.

Julgamento Final e Compadecida:

O julgamento final, com a intervenção da Compadecida, serve como um clímax emocional e reflexivo. A Compadecida, representação da misericórdia e compaixão, contrasta com o julgamento divino estrito. Isso destaca a importância do perdão e da empatia, mesmo em face das imperfeições humanas. A intervenção da Compadecida não apenas encerra a trama, mas também proporciona uma visão redentora, sugerindo que a bondade e a compaixão podem influenciar o destino final.

Resultados e Discussão

A peça traz à tona a dualidade entre justiça divina e justiça humana, abordando a relação entre religião e moralidade. A astúcia dos personagens principais é tanto uma crítica quanto um reflexo das artimanhas da sociedade.

A presença do sobrenatural, como as aparições de Nossa Senhora, adiciona um toque mágico à história, conectando o mundo terreno e espiritual.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Análise Crítica

"O Auto da Compadecida" representa uma obra-prima dentro do teatro brasileiro, habilmente entrelaçando elementos de comédia, crítica social e riqueza cultural em uma narrativa singular. A adaptação astuta de características do teatro popular nordestino desempenha um papel fundamental na autenticidade e profundidade dessa criação. Mais do que simples entretenimento, a peça de Ariano Suassuna ultrapassa os limites de seu contexto original, mantendo uma pertinência duradoura ao questionar os conceitos de moralidade e justiça. Além disso, a representação vívida e sensível do Nordeste brasileiro na obra funciona como um testemunho do legado cultural profundo dessa região.

A essência da trama é enriquecida pela exploração da dualidade entre as formas de justiça, seja ela divina ou terrena. Esse conflito central oferece uma plataforma para a investigação das interseções complexas entre religião e moralidade. A perspicácia inata dos personagens principais, João Grilo e Chicó, desempenha um papel duplo: ao mesmo tempo que critica as artimanhas da sociedade, também espelha a natureza engenhosa inerente a ela.

Conclusão

"O Auto da Compadecida" transcende o gênero da comédia para fornecer profunda clareza sobre a natureza humana, é uma sátira social que revela as contradições e desigualdades da sociedade nordestina. Ariano Suassuna utiliza o humor como veículo para criticar a hipocrisia religiosa, explorar a complexidade das escolhas humanas e destacar a importância da compaixão e do perdão. A peça entrelaça elementos cômicos e filosóficos resultando em uma obra que cativa o público enquanto levanta questões importantes sobre moralidade e ética.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Referências

Suassuna, A. (1955). O Auto da Compadecida.

Candido, A. (1970). Vida e Obra de Ariano Suassuna. *Perspectivas*, 24, 37-43.

Candido, A. (2000). "O Discurso e a Cidade: Morte e Vida Severina, Auto da Compadecida".

Magalhães, I. L. (2013). "A Atualidade do Cômico em O Auto da Compadecida"

Nunes, S. B. (2010). "O Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna: Um estudo das relações intertextuais"



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

ANÁLISE AMPLIADA DA OBRA A BOLSA AMARELA DE LYGIA BOJUNGA

Joyce Barbosa de Castro (G-CLCA-UENP/CJ)
Larissa Raiane da Silva Camargo (G-CLCA-UENP/CJ)
Maria das Graças Becker de Souza (G-CLCA-UENP/CJ)
Ricardo André Ferreira Martins (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar o livro “A Bolsa Amarela” da autora nacional, Lygia Bojunga. A obra narra a história de uma menina que se vê em um conflito com a sua família e consigo mesma ao esconder suas vontades, sendo que uma delas era de se tornar um menino. A família de Raquel não compreende a vontade da garota em ser escritora e toda sua imaginação em escrever histórias inexistentes. Ao decorrer do livro nos deparamos com personagens únicos e cativantes que trazem uma subjetividade e profundidade a obra, o livro discorre em volta disso. Com isso, a autora nos dá diversas reflexões e uma crítica social sobre a importância de respeitar os sentimentos das crianças e de proporcionar um ambiente seguro onde elas possam se expressar livremente, visando explorar a individualidade e auto expressão durante a infância.

Palavras-chaves: Raquel, imaginação, escritora, sentimentos.

Introdução

"A Bolsa Amarela", uma obra magnífica de Lygia Bojunga, desponta como um tesouro literário que ultrapassa as fronteiras do tempo, capturando a essência da infância e desbravando os intrincados labirintos da imaginação. Lançado pela primeira vez em 1976, este livro juvenil não só conquistou leitores jovens, mas também conquistou um lugar de destaque na literatura brasileira.

Através da história de Raquel, a adorável protagonista repleta de sonhos, Lygia Bojunga revela uma narrativa rica em camadas, que aborda temas universais como a descoberta de identidade, as complexidades das relações familiares e a necessidade de compreender e aceitar as próprias emoções. Nesta análise, mergulharemos nas páginas de "A



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Bolsa Amarela", explorando suas nuances literárias e a relação de Raquel com a escrita.

O livro mergulha o leitor no universo de Raquel, apresentando a personagem, seu mundo peculiar e as circunstâncias que a levam a buscar refúgio na bolsa amarela. Lygia Bojunga Nunes utiliza uma linguagem sensível e poética para conduzir os leitores através das emoções e descobertas da protagonista, proporcionando uma experiência literária envolvente e reflexiva.

Esta obra possibilita que seu público-alvo explore os desafios e descobertas da jornada rumo à maturidade, enfrentando as complexidades da vida de forma delicada. Apesar de ser um livro aclamado por todos, Bojunga tinha como objetivo despertar a atenção, especialmente das crianças que estão vivenciando essa fase de descobertas e de imaginação fértil.

Metodologia

Esta pesquisa buscou uma análise aprofundada da obra "A bolsa amarela" de Lygia Bojunga explorando os aspectos relacionados aos personagens presentes no livro. A análise buscou seguir como fundamentação teórica o pensador e educador Paulo Freire e o professor romeno Mircea Eliade em suas respectivas obras "A importância de ler" e "Imagens e Símbolos".

De acordo com Paulo Freire (1998), o livro transmite pensamentos, traduz emoções, estimula a imaginação e os sonhos, permite que a vivência cotidiana se transforme em um mundo cheio de encantos e seduções, dando à vida um sentido intelectual e espiritual de inestimável valor (Freire, 1998, p. 45).

Candido (2011) diz que a literatura é essencial para o ser humano e que “não há povo, ou homem que possa viver sem ela”. Destacamos o conceito de literatura dada por



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Candido (2011):

Chamarei de literatura, de maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que, chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista desse modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possam viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. (Candido, 2011, p. 176)

Nessa perspectiva, a justificativa desse trabalho se dá a riqueza da narrativa e seu potencial ao ilustrar os conceitos fundamentais propostos pelos teóricos que foram selecionados.

Os objetivos da análise envolvem de maneira geral uma análise aprofundada da protagonista. Especificamente, buscamos identificar os elementos presentes na obra que relacionam a protagonista com a leitura com o pensamento freireano e os pensamentos simbólicos presentes nos personagens sob a perspectiva de Eliade. A abordagem metodológica combinou pesquisa explicativa e descritiva. A coleta de dados foi realizada por meio de uma leitura detalhada da obra, destacando os elementos principais que relacionam aos objetivos da pesquisa. A análise foi guiada com base em Freire e Eliade subdividido em dois tópicos: identificando os momentos da obra onde podemos evidenciar uma ligação da protagonista com a leitura e uma interpretação diante dos personagens criados pela protagonista que possam interligar com o pensamento simbólico da criança.

Seguindo essa concepção, buscamos oferecer uma visão mais ampla das interpretações presentes na obra, enriquecendo um entendimento sobre a importância de ler e os pensamentos simbólicos presentes no texto.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Resultados e discussões

O livro analisado, possui uma narrativa única, pois visa salientar os acontecimentos da vida da protagonista Raquel e posteriormente o seu amadurecimento. Lygia Bojunga consegue discorrer e apresentar ao leitor diversas interpretações, símbolos e identificações perante aos personagens e tramas de sua história.

Quando pensamos no enredo da narrativa, nos deparamos com uma garota de 10 anos, chamada Raquel, ela nos relata que possui três grandes vontades - crescer, ser um garoto e se tornar uma escritora- e elas são guardadas nos bolsos de uma bolsa amarela, presente de sua tia Brunilda, durante os dez capítulos presentes na obra, observamos que a garota lida com diversos problemas e conflitos familiares, pois diversas vezes é silenciada e reduzida a uma figura ingênua, para lidar com os estresses e divergências presentes no ambiente familiar, a garota se ocupa em criar histórias e cenários falsos em sua imaginação e embarcar em situações fantasiosas, onde conta com a ajuda de um galo falante, um guarda chuva quebrado e um alfinete de fralda.

A autora apesar de escrever e abordar um mundo imaginário, consegue trazer um paralelo entre a vida da protagonista e do leitor, causando assim uma identificação durante a leitura. Segundo Freire (1981),

(...) a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. (FREIRE,1981,p. 7).

Sendo assim, conseguimos alegar que cada leitor consegue intercalar e obter novos



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

significados perante a leitura de um livro, pois possui uma experiência de mundo própria, que leva sua compreensão e entendimento da obra.

Lygia consegue se comunicar com o leitor através de simbologias e personagens que representam sentimentos e expressões humanas, trazendo um paralelo entre o real e imaginário. As simbologias presentes no texto conseguem aprofundar as reflexões presentes e ultrapassar os limites impostos pela realidade. De acordo com Eliade (1991, p.8)

O pensamento simbólico não é uma área exclusiva da criança, do poeta ou do desequilibrado: ela é consubstancial ao ser humano; precede a linguagem e a razão discursiva. O símbolo revela certos aspectos da realidade—os mais profundos que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser. Por isso, o seu estudo nos permite conhecer o homem, o homem simplesmente. (Eliade,1991, p.8).

Ao analisar a citação acima, selecionamos alguns elementos que estão presentes na obra como: a bolsa amarela e seu fecho, o galo Afonso e a guarda-chuva. Estas personagens foram selecionadas com o intuito de compreender a trama e os conflitos da protagonista Raquel e trazer uma reflexão para os possíveis leitores sobre as situações presentes na infância e o seu rápido amadurecimento.

A bolsa amarela, é um símbolo presente em quase todos os momentos da obra. Destacamos que a cor amarela simboliza criatividade, alegria e juventude, e consequentemente conseguimos analisar várias destas características ao decorrer da obra. Esta observação nos leva a presumir que a escolha da cor não foi pelo acaso, era nítido a mensagem que a autora queria passar ao escolher previamente esta coloração. Partindo para o lado imaginário da obra, notamos que a bolsa abriga as vontades e objetos pessoais da



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

protagonista, ou seja, os protegendo do mundo.

Raquel nos relata que a bolsa às vezes está pesada e outras vezes leves, por proteger os seus pertences e conseqüentemente sofre mutações em seu formato. Citamos um trecho do livro: “E quando mais eu ficava grudada no chão sem poder fazer nada, mais as minhas vontades iam engordando, e a bolsa crescendo, crescendo, já não pulava mais, só crescia, crescia, crescia.” (Bojunga, p.58). Ao analisar este trecho e trazermos para a realidade conseguimos elencar que a bolsa pode ser uma metáfora para o nosso subconsciente, visto que, mesmo que não sofremos alterações físicas perceptivas ao olhos dos outros, ainda estamos conseqüentemente travados no chão, enquanto nossas vontades e pensamentos nos sabotam.

Já o fecho da bolsa foi comprado posteriormente visto que ela não possuía um. Raquel queria um fecho que conseguisse emperrar, pois não gostaria que as outras pessoas olhassem para o interior de sua bolsa. Neste fragmento notamos o papel do fecho para a protagonista: “Às vezes vão abrindo a bolsa da gente assim sem mais nem menos; se isso acontecer você precisa enguiçar, viu? Você enguiça quando eu pensar enguiça! enguiça?” (Bojunga, p.22) . Concluimos que o fecho, serve como uma espécie de bloqueio para a protagonista, algo que só ela consegue abrir para acessar o conteúdo.

O galo Afonso, sem dúvidas, é um dos personagens mais carismáticos da obra. No começo da obra seu nome era Rei, pois fazia parte de um romance escrito por Raquel, mas após ganhar vida decide trocar de nome e fugir do galinheiro onde residia, pois não concorda com a vida que levava, afinal não acredita que o galo deveria ser responsável por cuidar e controlar as galinhas. Notamos em um trecho a infelicidade de Afonso em estar preso no galinheiro:



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Ele morava num galinheiro com quinze galinhas, mas ele era um cara muito igual e então achava que era galinha demais pra um galo só. Pra contar a verdade, ele vivia até um bocado sem jeito de ser chefe de uma família tão esquisita assim. Então ele resolve fugir do galinheiro. Mas aí dá medo de todo mundo ficar contra ele. E então ele passa o romance inteirinho naquela aflição de foge, não foge. Quando chega bem no fim da história, ele resolve o seguinte: se a vida dele era furada, ele tinha mesmo que fugir e pronto. (Bojunga, 2002, p.16)

Desta forma notamos que Afonso fugiu para ser livre, ele representa para Raquel esse desejo pela liberdade, de experimentar a felicidade e ser dono de seu próprio caminho trilhando suas escolhas e posteriormente o amadurecimento.

E por fim a Guarda Chuva, ela foi escrita para que Raquel conseguisse compreender e aceitar o seu gênero sexual e posteriormente o seu crescimento, afinal a garota almeja ser um garoto. Quando a protagonista conheceu a história da guarda chuva e viu que ela desejou ser uma menina, uma parte dentro da garota se aquietou. Percebemos isso neste trecho: "Fui andando e pensando que eu também queria ter escolhido nascer mulher: a vontade de ser garoto sumia e a bolsa amarela ficava muito mais leve de carregar." (Bojunga, p. 36). A guarda-chuva também ajudou Raquel com a ideia de crescer, pois quando percebeu que a confusão entre crescer e voltar a ser pequeno quebrou a guarda-chuva, ela conseguiu compreender que devemos passar por cada parte da vida de uma vez e aceitar as coisas como são. Destacamos este trecho: "E aí ela achou que a melhor brincadeira do mundo era passar de pequena para grande, de pequena para grande, de pequena para grande, de pequena tlá!!! estalou, enguiçou, não passou pra mais nada." (Bojunga, p. 37).

Raquel aborda no livro um crescimento orgânico, destacando um grande amadurecimento da personagem. Conseguimos perceber a evolução de uma garota insegura que não conseguia controlar e conter suas emoções para alguém que havia se livrado de duas grandes vontades na sua despedida na praia e soltadas como pipa no ar. Notamos o



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

fragmento abaixo:

- Pronto o que? Cadê as pipas?
Abri a bolsa amarela e tirei minha vontade de ser garoto e minha vontade de ser grande. Elas tinham emagrecido tanto que pareciam até de papel.
- Tão aqui. Agora é só pendurar o rabo e amarrar a linha. (Bojunga, 2002, p.98)

A metáfora de soltar a pipa com a sua vontade, pode ser interpretada com a ideia de finalmente se libertar delas.

O livro finaliza com a despedida do Afonso e d Guarda-Chuva pois estão indo em busca de seus sonhos, mesmo que indiretamente a obra aborda a despedida e a dor da perda/saudade, notamos isso na protagonista, ela se sente incomoda com a partida deles, pois perder esses personagens significa perder algo importante dentro de si, perder sua infância. Destacamos este trecho:

Os dois se preparam; e quando ele saiu voando ela ainda me jogou um beijo. Num instante eles sumiram. Tanta coisa está sumindo no ar que nem sei o que é que eu pensei. Só sei que começou a chover, e quando fui fechar a bolsa amarela eu vi o Alfinete de Fralda. Tirei ele para fora. Mais que depressa a pontinha dele abriu e foi riscando a minha mão. (Bojunga, 2002, p.100.)

Notamos a tristeza e melancolia presente na personagem pois sabia que algo dentro de si havia mudado, entretanto ela ainda possuía um objeto em sua posse que sempre remeteria aos bons tempos de sua infância.

Estas observações foram feitas após analisar os 10 capítulos da obra. Pontuamos que o leitor conseguirá compreender e se identificar com algumas questões abordadas pelo livro: a dificuldade de se comunicar com a família, a vontade e o medo de crescer, os sonhos para o



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

futuro e as incertezas, os dilemas familiares e as reprovações da vida.

Considerações finais

O objetivo deste resumo foi então apresentar a obra: a bolsa amarela, da escritora brasileira Lygia Bojunga de forma que pudéssemos ajudar na análise desse livro, mostrando detalhes de cada parte da narrativa, colocando as partes mais importantes, focando em evidenciar a vida da protagonista Raquel, onde ela passa por um processo saindo da infância para a adolescência.

Para trazer a nossa própria interpretação diante da história, nos apoiamos a autores como Paulo Freire (1998), onde nós podemos identificar através das obras dele, símbolos, interpretações acerca da vida cotidiana, assim mostrando a importância da leitura e da comparação de autores e obras.

A protagonista vivencia desafios em seu cotidiano para seu amadurecimento, e a imaginação é o refúgio dela, onde ela escreve sobre os medos, as vontades e assim nos mostrando que podem existir muitos jovens com os mesmos dilemas hoje em dia.

Com esse trabalho procuramos ajudar na análise e no estudo dessa obra da autora Lygia Bojunga, especificamente A bolsa amarela, para que possamos formar mais leitores reflexivos sobre o imaginário e o simbólico.

Nos resultados pudemos identificar que a autora com esse livro, consegue prender a atenção do leitor, acima de tudo, por fazer um paralelo entre a vida da protagonista e a vida dos jovens leitores de hoje, pois as reflexões sobre as vontades, o medo nesse processo da infância para adolescência, nos remete a vida de muitos atualmente.

Por isso, podemos ver que essa obra de grande sucesso de Lygia gera grandes reflexões e estudos, e assim com esse trabalho buscamos auxiliar nessas pesquisas sobre



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

especificamente a bolsa amarela. Contribuindo com um resumo expandido e além da análise, pontos de vistas nossos e de grandes nomes como Paulo Freire.

Referências

BOJUNGA, Lygia. **A bolsa amarela**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

FREIRE, Paulo (1927-1997). **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam/ Paulo Freire-36. Ed. - São Paulo: Cortez, 1998.

ELIADE, Mircea. 1991. **Imagens e símbolos** – ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**ANÁLISE EXPANDIDA DA OBRA “DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS”
DE JORGE AMADO**

Alexandre da Silva Brocal (G-CLCA-UENP/CJ.)

Talita Carolina Theodoro (G-CLCA-UENP/CJ.)

Thiago Batista de Souza (G-CLCA-UENP/CJ.)

Ricardo André Ferreira Martins (Orientador-CLCA-UENP/CJ.)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar o livro “Dona Flor e Seus Dois Maridos” do autor, Jorge Amado. A obra narra a história de uma trama intrincada que abarca uma rica tessitura de aspectos culturais, psicológicos e sociais. O romance permanece como um testemunho duradouro da maestria narrativa do autor e de sua capacidade de explorar as complexidades da condição humana em um contexto cultural específico. A história se passa na região nordestina, em Salvador e gira em torno da protagonista Dona Flor, uma professora de culinária, que se vê em um dilema após a morte de seu primeiro marido, Vadinho, um mulherengo e boêmio. Ela eventualmente se casa com Teodoro, um farmacêutico correto e sério. No entanto, Vadinho retorna como um fantasma sedutor, levando Dona Flor a um conflito entre sua paixão por ele e a estabilidade com Teodoro.

Palavras-chaves: Dona Flor e Seus Dois Maridos, romance, literatura brasileira.

Introdução

"Dona Flor e Seus Dois Maridos", da autoria do proeminente de Jorge Amado, retrata uma insólita e divertida história de amor, que contribuiu de forma seminal para a literatura brasileira. Publicado em 1966, a obra de Amado destaca-se como um marco significativo na literatura brasileira por meio da sua narrativa cativante e pela capacidade de explorar de maneira profunda e multifacetada uma gama de aspectos culturais, sociais e psicológicos.

A trama desta obra, ambientada na vibrante paisagem da Bahia, desdobra-se em torno da figura complexa da protagonista Dona Flor, cuja experiências emocionais e dilemas



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

éticos originados de sua convivência com seus dois maridos, Vadinho e Teodoro, lançam luz sobre questões universais relativas ao amor, ao desejo e às complexas dinâmicas sociais. Com uma trama intrincada que abarca diversos fatores, o romance permanece como um testemunho duradouro da maestria narrativa de Amado e de sua capacidade de explorar as complexidades da condição humana em um contexto cultural específico. Nesta análise, mergulharemos afundo na obra "Dona Flor e Seus Dois Maridos", explorando os elementos literários, culturais e sociais encontrados no livro, a fim de compreender como o autor constrói uma trama que aborda o romantismo e questões da identidade, gênero e valores na sociedade brasileira, além da análise do enredo e dos personagens.

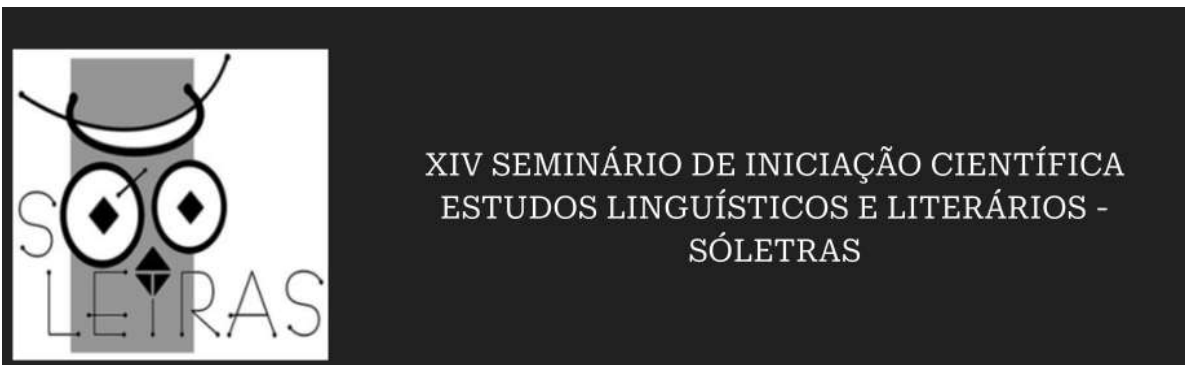
O livro traz uma narrativa que transcende ao âmbito individual e permite que o leitor mergulhe nas questões sociais e de gênero. Jorge Amado, oferece uma crítica implícita às normas sociais, ao mesmo tempo em que revela os conflitos subjacentes que permeiam as relações humanas, especialmente aquelas marcadas por papéis de gêneros preferidos.

A obra permite ao leitor uma experiência rica ao explorar as complexidades das relações humanas, misturando elementos de comédia, sensualismo, romance e crítica social. A narrativa envolvente e a diversidade de personagens secundários, contribui de maneira rica o enredo da história, abordando temas como amizade, solidariedade e rivalidade.

Objetivos

Objetivos gerais:

Analisar de maneira profunda os elementos literários, culturais e sociais encontrados no livro, a fim de compreender como o autor constrói uma trama que aborda diversos fatores.



Objetivos específicos:

- Explorar as complexidades do triângulo amoroso, destacando a dualidade entre o primeiro e o segundo marido.
- Analisar as representações dos elementos culturais e sociais presente na obra.

Metodologia

Esta pesquisa buscou uma análise aprofundada da obra "Dona Flor e Seus Dois Maridos" de Jorge Amado, explorando os aspectos relacionados aos personagens presentes no livro. A análise buscou seguir como fundamentação teórica o antropólogo Roberto DaMatta e o próprio escritor da obra.

Amado (1966) diz que a obra é baseada em uma história real, no qual, o autor conheceu uma senhora que vivia atormentada e tinha se casado com um boêmio, ficou viúva, e casou-se de novo, com um português bem-comportado.

De acordo com Roberto DaMatta, o autor da obra faz com que a ambiguidade, o triângulo amoroso e ponto de vista feminino se transformem em valores e deixam de ser o centro negativo do meio social ou da condição humana.

O livro é repleto da cotidianidade brasileira e denso da sensualidade, e a protagonista, Flor, lê a sucessão e a simultaneidade de seus dois amores não só como conflito e oposição, mas principalmente como interdependência e complementariedade. (Damatta,1696).

Os objetivos da análise visam compreender as camadas mais profundas da narrativa e os principais elementos citados por Amado, além da liberdade de poder explorar diversos temas relevantes como a dualidade entre o mundo real e o fantástico vinculado a um traço

- 254 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

distintivo da literatura latino-americana, sendo empregado de maneira sutil e eficaz, as relações humanas e as representações culturais. Além disso, a análise busca identificar os elementos simbólicos, o uso da linguagem regional e a construção dos personagens.

Seguindo essa concepção, buscamos oferecer uma visão mais ampla das interpretações presentes na obra, além das questões sociais e o papel da figura feminina.

Resultados e discussões

A obra analisada é repleta de elementos da configuração geográfica e cultural do povo baiano, que serve como um pano de fundo não apenas enriquece a ambientação, mas também se converte em uma expressão simbólica de tensões emocionais e conflitos internos enfrentados pela protagonista. O autor mergulha no lirismo e amplia suas possibilidades narrativas.

Jorge Amado tinha uma extrema paixão pelo samba, pela malandragem, pelo futebol e pelo povo, principalmente pela região nordestina que é conhecida por sua luta e a diversidade de cultura e por ser um povo acolhedor. Essa diversidade, permitiu que o autor explorasse isso nos personagens, dando a liberdade deles viverem o dia a dia da vida e causando essa intimidade com o leitor por meio da criação literária.

O autor acredita que a literatura é capaz de ajudar os indivíduos e a sociedade se transformarem. Em nossa análise, conseguimos observar dentro do contexto histórico da obra, a mensagem reflexiva para o leitor mostrando a eles que o romance foi feito para defender os anseios e esperanças do povo pobre, principalmente na busca de viver com dignidade, em liberdade e na busca da felicidade.

Ao longo da narrativa, conseguimos identificar alguns fragmentos ponderados pelo autor sobre as dificuldades, lutas e a dura realidade que o seu povo vive. Em sua participação



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

na Academia Brasileira de Letras, Jorge Amado diz da seguinte maneira:

Quanto ao meu comprometimento, e à minha parcialidade, meu único compromisso, dos meus começos até hoje e, espero, certamente até a última linha que venha a escrever, tem sido com o povo, com o Brasil, com o futuro. Minha parcialidade tem sido pela liberdade contra o despotismo e a prepotência; pelo explorado contra o explorador; pelo oprimido contra o opressor; pelo fraco contra o forte; pela alegria contra a dor; pela esperança contra o desespero, e o orgulho-me dessa parcialidade.

Quando pensamos no enredo da narrativa, nos deparamos com a personagem principal da obra, Dona Flor, que se casa com o seu primeiro marido, Vadinho, com quem mantém uma relação estável, porém lhe fizera sofrer por durante sete anos. Após sua morte, a personagem desenvolve um certo desequilíbrio emocional devido ao falecimento. Nesse contexto, observamos o sentimento de tristeza e angústia da personagem que não aceita a perda tão jovem do grande amor da sua vida, causando desequilíbrio na vida e ao longo da narrativa.

No segundo momento, Flor se casa outra vez, com Teodoro, que lhe dá todo amor e carinho, mas que não preenche por completo o vazio do coração da professora de culinária.

A segunda fase da vida da professora de culinária foi completamente diferente da primeira, pois, seu relacionamento com Teodoro remete a um ato de alegria, segurança e vazio, completamente diferente de quando ela era casada com Vadinho.

Um novo equilíbrio é formado quando Vadinho reaparece para a amada em espírito devido as inúmeras vezes chamando-o pelo seu nome, por conta da falta que ele faz a ela. É nessa narrativa que ela passa a sentir supostamente que a sua vida voltou a ser como era antes.

O ressurgimento de Vadinho na vida de Flor causa uma mudança totalmente drástica. Se antes ela se sentia só e vazia, com falta de algo para preencher o buraco que



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

criou em seu coração, agora ela se encontra literalmente dividida. Seu corpo e alma era visto como um campo de batalha, entre a disputa do espírito e a matéria.

A protagonista se vê dividida entre dois amores, retalhada por dois maridos que representam estilos de vida diferentes, visões de mundo e até mesmo ideologias, valores e estilos culturais totalmente opostos e contraditórios entre si, deixando-a com a necessidade de tomar uma decisão para a sua vida e escolher com qual os dois quer viver.

A figura central de Dona Flor é lapidada por meio de suas interações com os dois maridos, Vadinho e Teodoro. Vadinho, um indivíduo audacioso e lascivo, e Teodoro, um farmacêutico respeitável e previsível, personificam polaridades da masculinidade que refletem as inúmeras complexidades psicológicas da protagonista. Através dos dilemas vivenciados pela personagem, o autor traça um retrato minucioso entre o desejo pessoal e as convenções sociais.

A dualidade, um tema recorrente na narrativa, é habitualmente refletida na estrutura do romance. O constante conflito entre o “marido da cama” e o “marido da mesa” funciona como uma metáfora intrínseca para os conflitos interiores de Dona Flor. Essa dualidade é intensificada pela alternância entre a prosa realista de os elementos do realismo mágico, criando uma teia de ambiguidade que desafia as fronteiras entre a realidade e o sobrenatural. Essa estrutura complexa enriquece a experiência do leitor, convidando-o a se envolver profundamente com os dilemas enfrentados pelos personagens.

A obra “Dona Flor e Seus Dois Maridos, é composta de uma sintonia infinita em que as partes e os personagens dialogam entre elas.

Os personagens secundários desempenham um papel fundamental na trama, contribuindo para a densidade da narrativa. Figuras como Dona Rozilda e Dona Norma trazem à tona questões de amizade, solidariedade rivalidade, ampliando ainda mais a compreensão das complexas relações humanas presentes na trama. O realismo mágico, um



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

elemento característico da literatura latino-americana, é empregado com sutileza, introduzindo elementos sobrenaturais de forma natural e desafiando a distinção entre o real e o mágico.

O desenvolvimento das personagens, especialmente a figura central de Dona Flor, é uma das realizações mais notáveis do romance. Dona Flor é uma personagem multidimensional, cujos dilemas emocionais e éticos orbitam em torno de sua relação com os dois maridos, Vadinho e Teodoro. Através dessa dinâmica, Amado busca explorar a psicologia humana em sua complexidade, delineando as tensões entre o desejo pessoal e as normas sociais que moldam as escolhas individuais. Vadinho e Teodoro personificam polaridades da masculinidade, abrindo espaço para análises de múltiplas facetas do comportamento humano.

O interlaço de Flor com o seu primeiro marido, Vadinho, pode ser entendido como uma “noite, desejo e choro” pelo homem a quem ela se rendeu e de quem não consegue fugir ou se desprender.

O entrelaçamento das dimensões erótica e cômica no romance é outra característica distintiva. As descrições vividas e sensuais das relações íntimas de Dona Flor com Vadinho são equilibradas por momentos de humor muitos dos quais derivados do caráter irreverente de Vadinho. Essa interplay entre o sensual e cômico reflete a riqueza e a complexidade das experiências humanas, ilustrando a habilidade de Amado em retratar a vida em sua plenitude.

A narrativa transcende o âmbito individual ao mergulhar nas questões sociais e de gênero. A sociedade baiana é retratada com agudeza, apresentando convecções, tabus e expectativas de gêneros que enquadram a vida dos personagens. Através dessa representação, Amado, oferece uma crítica implícita as normas sociais, ao mesmo tempo em que revela os conflitos subjacentes que permeiam as relações humana, ilustrando a habilidade de Amado em retratar a vida em sua plenitude.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

No decorrer da narrativa o autor usa de explicações sobrenaturais para mostrar ao leitor como os fatos acontecem.

O quarto ato mostra a empregabilidade da narrativa fantástica, com a volta do Vadinho. Os fatos passam a não ser redigidos por algo natural, mas pela explicação do sobrenatural. O trecho a seguir, Amado (1965), relata como o primeiro marido de Dona Flor, encontra Teodoro, sem esse por sua vez conhecer o primeiro marido da protagonista.

No corredor cruzaram-se os dois homens, e vendo-os passar um pelo outro, Dona Flor sentiu uma ternura pelos dois, tão diferentes, mas ambos seus esposos na igreja e no juiz. “Os dois colegas” pensou a rir da graça chula. Logo se conteve: “Meu Deus, estou ficando cínica que nem Vadinho.” Aliás, o cínico lhe piscava um olho cúmplice, enquanto punha a língua para doutor, a mão num gesto pornográfico. Dona Flor zangou-se.

Sendo assim, o leitor consegue interpretar de maneira coerente se Dona Flor viveu de fato com os seus dois maridos; a hesitação é levada até o último instante da história e o autor não deixa muitas informações em seu último parágrafo sobre como procedeu a volta de Vadinho, apenas afirmar e narra os fatos ocorridos em primeira pessoa. Ele impõe que o leitor faça as suas próprias conclusões e aceite a história da personagem “Dona Flor e Seus Dois Maridos”, como uma narrativa verídica.

Considerações finais

Mediante a análise realizada da obra “*Dona Flor e Seus Dois Maridos*”, conseguimos mensurar as camadas mais profundas da narrativa, por meio da presença da dualidade entre o mundo real e fantástico, as relações humanas entre os personagens, ultrapassando os limites das convenções literárias ao explorar temas universais por meio de

- 259 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

uma lente cultural e regional específica. A narrativa de Jorge Amado encapsula as complexidades da condição humana, navegando habitualmente por aspectos culturais, psicológicos e sociais. A densidade da riqueza da ambientação, a complexidade dos personagens e a sutil utilização do realismo mágico atestam a maestria do autor, solidificando essa obra como um testemunho literário duradouro, cuja relevância transcende as fronteiras temporais e culturais.

Por outro lado, deparamo-nos com a representatividade da figura feminina e a história de uma mulher que consegue transformar de uma forma mágica um romance com o espírito de seu primeiro marido, casada com outro. O autor traz ao longo de toda a sua narrativa não somente o retrato da vida de uma personagem, mas de muitas mulheres que possuem o insaciável desejo da liberdade em realizar todos os seus anseios como mulher, independente de quaisquer julgamentos precedidos pela sociedade que posteriormente acontece.

Referências

AMADO, Jorge. **Dona Flor e seus dois maridos**: história moral de amor e romance. Rio de Janeiro: Record, 1982.

AMADO, Jorge. **Dona Flor e seus dois maridos**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**ANÁLISE METAPLÁSICA NA LINGUAGEM DA SÉRIE 'A GRANDE FAMÍLIA
(2007)': UMA PERSPECTIVA CIENTÍFICA**

Esdras José da Silva Costa (G-CLCA-UENP/CJ)

Vitória Aparício Toledo (G-CLCA-UENP/CJ)

Luiz Antonio Xavier Dias (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: O presente trabalho se insere no campo do metaplasmo e da sociolinguística, por se dedicar a analisar os processos da variação linguística e a transformação da língua a partir do estudo dos diálogos no seriado popular brasileiro “A Grande Família”. Desse modo, objetivou-se a observação na análise profunda a fim de verificar esse fenômeno metaplasmo provocou a mudança das palavras e se manifesta na comunicação cotidiana diante das características da realidade brasileira através da variação linguística. Diante do caso, para poder realizar a pesquisa com precisão, o objeto de estudo ocorre no episódio 4 da 4ª temporada do seriado. Baseado nas teorias de Roman Jakobson (2006) para o estudo em torno do metaplasmo e a frequência em assimilação, apócope e síncope apresentados nas funções comunicativas presentes. O objetivo é mostrar como a concepção do metaplasmo está no meio da sociedade com as linguagens que tematizam a função da linguagem reconhecendo a importância da linguagem comum e realista no cenário nacional.

Palavras-chave: SóLetras; metaplasmos; série; GrandeFamília.

Introdução

A Grande Família foi uma série brasileira exibida pela Rede Globo no período de 2001 a 2014. A série retratava, de forma cômica, o dia a dia de uma família do subúrbio do Rio de Janeiro, que enfrentam as dificuldades de uma típica família brasileira de classe média. O seriado apresenta um retrato fidedigno dos modos e costumes de uma família brasileira de classe média, reproduzindo fielmente formas de falar, gírias populares e de certa forma o uso de linguagem coloquial, resultando na ocorrência de metaplasmos.

Através do episódio 4 da quarta temporada da série, foi possível coletar dados para



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

uma análise da ocorrência de metaplasmos através das falas dos personagens, resultando em três casos específicos.

Houve também um estudo sobre o modelo de comunicação proposto por Roman Jakobson e como este modelo se relaciona com a série “A Grande Família”.

Metaplasmos e gramática histórica

Como todo elemento vivo, a língua também passa por transformações ao longo do tempo. Tais transformações são evidenciadas e influenciadas pelo contexto em que a língua se insere, seja por influência social, cultural ou regional.

Bagno (2007, p.8), diz que metaplasmo é uma mudança na estrutura de uma palavra, ou seja as alterações fonéticas ou gráficas que estas sofrem. O autor apresenta-nos quatro categorias de metaplasmos que são: por acréscimo, por supressão, por transposição e por transformação.

Os metaplasmos em roteiros de filmes constituem elementos linguísticos cruciais que podem influenciar significativamente a narrativa e a experiência cinematográfica. Quando bem empregados, essas alterações linguísticas deliberadas ou involuntárias podem conferir autenticidade aos diálogos, refletir características regionais ou sociais dos personagens e contribuir para a construção de identidades linguísticas específicas dentro do contexto narrativo. Por exemplo, o uso de gírias, neologismos ou variações dialetais nos diálogos pode adicionar camadas de realismo e profundidade aos personagens, estabelecendo conexões mais fortes com o público e enriquecendo a atmosfera do filme. No entanto, é essencial que os roteiristas e diretores tenham sensibilidade para equilibrar a autenticidade linguística com a compreensão geral do público-alvo, garantindo que os metaplasmos contribuam para a coesão e a eficácia da narrativa cinematográfica.

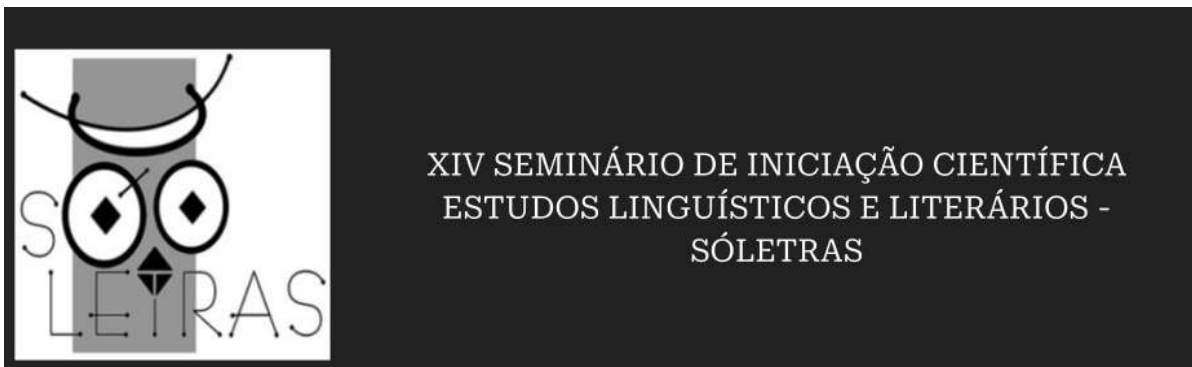


XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O estudo dos metaplasmos em roteiros de filmes tem sido abordado por pesquisadores interdisciplinares, que combinam conhecimentos da linguística, da comunicação e da teoria cinematográfica. Autores como Deborah Tannen, em "Linguagem e Cinema", e Warren Buckland, em "Teorias do Cinema", têm explorado a importância da linguagem verbal na construção narrativa audiovisual, destacando como os metaplasmos podem ser utilizados para criar personagens autênticos e cenários verossímeis. Além disso, a análise crítica de filmes específicos tem revelado o uso criativo e estratégico dos metaplasmos por parte de roteiristas e diretores renomados, como Quentin Tarantino e os irmãos Coen, que empregam variações linguísticas para aprofundar a caracterização dos personagens e enriquecer a ambientação das histórias. Essas investigações têm contribuído para uma compreensão mais refinada da relação entre linguagem, cultura e narrativa cinematográfica, abrindo novos horizontes para a pesquisa acadêmica e a prática profissional no campo do cinema e da linguagem.

A gramática histórica da língua portuguesa é um ramo da linguística que se dedica ao estudo da evolução da língua portuguesa ao longo do tempo. Essa disciplina analisa as mudanças fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas que ocorreram desde as suas origens até os dias atuais. Ao investigar os documentos escritos e outros vestígios linguísticos ao longo da história, os estudiosos da gramática histórica buscam compreender os processos que moldaram a estrutura e o funcionamento da língua portuguesa, incluindo influências de outras línguas e fatores socioculturais. Por meio da compreensão dessas transformações, é possível elucidar as características e peculiaridades da língua portuguesa em diferentes períodos temporais, contribuindo para uma compreensão mais profunda da sua natureza e desenvolvimento.

Além disso, a gramática histórica da língua portuguesa desempenha um papel fundamental na contextualização e interpretação de textos antigos, literatura clássica e



documentos históricos. Ao analisar as formas linguísticas utilizadas em diferentes épocas, os estudiosos podem reconstruir o contexto cultural, social e político em que esses textos foram produzidos, proporcionando insights valiosos sobre a história e a cultura lusófona. Assim, a gramática histórica não apenas contribui para o entendimento da evolução da língua portuguesa, mas também enriquece nossa compreensão do passado e da identidade linguística e cultural dos povos de língua portuguesa.

Metaplasmos na série A Grande Família

Para a análise dos Metaplasmos encontrados na série “A Grande Família”, consideramos o episódio 4 da 4ª temporada: “Um Táxi do Desejo”. A análise foi feita com base no roteiro original e no episódio disponibilizado pela plataforma “Globoplay”.

Figura 1 – Roteiro A Grande Família

NENÊ - (VEM DO QUARTO, ARRUMADA) Eu ouvi, hein, Lineu! (T) Posso saber que dinheiro é esse com o Tuco? Você deu dinheiro pra ele, Lineu?

LINEU - Ele não tem dinheiro pra comprar o carrinho do bebê.

NENÊ - (TOMA O DINHEIRO) Ele não tem dinheiro porque comprou esse tênis!

TUCO - Esse tênis é do Agostinho. (PEGA O DINHEIRO DE VOLTA)

LINEU - Do Agostinho?! Mas ele está me devendo mais de quinhentos reais de multas! Como é que ele tem dinheiro pra comprar um negócio caro desse?

TUCO - Isso você pergunta pra ele.

LINEU - Cadê o Agostinho?!

BEBEL - (CHEGA DA RUA, FURIOSA) Cadê o Agostinho?!

NENÊ - Está na casa dele, que por acaso não é mais aqui! Lembra?

BEBEL - Eu vou matar o Agostinho!

LINEU - Então entra na fila, que eu cheguei primeiro.

Fonte: Além do Roteiro

- 264 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Figura 2 – Roteiro “A Grande Família”

NENÊ - Você não vai matar ninguém. Você vai é se arrumar pra gente sair.

BEBEL - Não! Agora eu quero saber por que o papai quer matar o Agostinho.

NENÊ - Isso você pergunta pro Tuco. (EMPURRA O MARIDO PRO QUARTO)

LINEU - Pergunta de quem é esse tênis caro que ele está usando. (SAI)

BEBEL - Esse tênis não era teu, Tuco?

TUCO - Na verdade, ele é emprestado.

BEBEL - Quem te emprestou? Foi o Agostinho, não foi?

TUCO - Foi. Mas ele não comprou isso não. Ele ganhou de presente... O resto você pergunta pra ele!

TUCO FOGE PARA O QUARTO DELE, MAS BEBEL VAI ATRÁS.

Fonte: Além do Roteiro

Ao analisar o episódio, nota-se a ocorrência de três tipos de metaplasmo: assimilação, apócope e síncope.

A assimilação é o fenômeno pelo qual acontece a mudança por um fonema muito próximo, seja por consoante ou vogal. Considerando a cena descrita na Figura 1 e Figura 2 a assimilação acontece nas palavras: Carrinho (carrinhu), claro (claru), dinheiro (dinheiru), emprestado (imprestadu), como (comu), porque (purque), esse (essi).

O fenômeno de apócope se caracteriza pela eliminação de um elemento sonoro no final da palavra. Apócope acontece nas palavras: falou (falô), comprar (comprá), matar (matá), arrumar (arrumá), saber (sabê), ganhou (ganhô).

Finalmente, a síncope corresponde ao apagamento de fonemas no interior do vocábulo. Este fenômeno acontece em: devendo (devenu), e para (pru), neste último caso temos também a ocorrência de assimilação.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Teoria da Comunicação

Roman Jakobson foi um importante linguista do século 20 que desenvolveu a Teoria da Comunicação. Para ele, para que a comunicação aconteça é necessário que um *emissor* envie uma *mensagem* a um *receptor*, dentro de um *contexto* por meio de um *código* através de um *canal*. Sobre as formas de comunicação, Jakobson discorre:

a linguagem é um dos sistemas de signos, e a lingüística, enquanto ciência dos signos verbais é apenas parte da semiótica, a ciência geral dos signos, prevista, denominada e delineada no essay de john locke: ‘σημειωτική ou “a doutrina dos signos”, dos quais os mais comuns são as palavras (jakobson, 1970, p. 14).

O modelo proposto por Jakobson foi aplicado à série “A Grande Família” a fim de demonstrar como a comunicação acontece entre todos os seus elementos.

A teoria da Comunicação na série Grande Família.

Utilizando o modelo proposto por Jakobson para explicar a comunicação do seriado "A Grande Família", podemos definir os seis elementos da seguinte forma: emissor, receptor, mensagem, canal, código e contexto.

O emissor é o elemento responsável por transmitir a mensagem. No que concerne ao seriado, podemos considerar como emissor toda a equipe técnica de produção da série como: roteiristas, diretores e atores, ou seja, aqueles que desejam transmitir uma mensagem com suas falas e ações.

O receptor é aquele que receberá a mensagem, chamado também de destinatário. O receptor corresponde aos telespectadores, que assistem aos episódios transmitidos e



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

interpretam a mensagem transmitida pelos personagens e pela trama.

Todo conteúdo enviado por um emissor a um receptor é chamado de mensagem. A mensagem corresponde as ações, falas e todas as situações vividas pelos personagens.

O canal é o elemento pelo qual a mensagem será transmitida. No caso da série A Grande Família, podemos caracterizar a emissora de TV, Rede Globo, que transmitiu os episódios semanalmente e também a plataforma de streaming *Globoplay*, que disponibiliza de forma online os episódios.

O código se refere ao conjunto de regras e convenções que governam a produção e interpretação da mensagem. Na série, o código inclui o uso da linguagem, gestos, cenários e outros elementos que os espectadores precisam entender para compreender a história e os personagens.

Por fim, o contexto corresponde ao ambiente físico, social e cultural em que a mensagem é transmitida. A Grande Família está inserida em um contexto do Brasil contemporâneo com todas as diferenças culturais e sociais e também as desigualdades que são tão explícitas nas situações vividas pelos personagens.

Figura 3 – A Grande Família



Fonte: Globo Comunicação e Participações S.A.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Ao aplicarmos o modelo de Jakobson na série *A Grande Família*, analisamos como esses elementos convergem entre si, criando uma experiência comunicativa completa para o espectador, ou seja, transmitindo situações que são reconhecidas por quem assiste, como situações comuns e que poderiam acontecer na vida real. Com efeito, *A Grande família* tornou-se sucesso de público, sendo transmitida do ano 2000 até o ano 2014, resultando em 14 temporadas com 485 episódios, sendo a terceira maior série da TV Brasileira.

Considerações finais

Com a análise do episódio destacado neste artigo, concluímos que a série retrata personagens de diferentes origens e regiões do Brasil, o que pode incluir variações linguísticas, como sotaques ou gírias específicas. Essas variações podem resultar em metaplasmos fonéticos, como a pronúncia de certas palavras.

Como é comum em programas de comédia, "*A Grande Família*" pode apresentar situações onde personagens usam a linguagem de maneira criativa para criar humor. Isso pode incluir trocadilhos, neologismos ou formas alternativas de palavras, que poderiam ser consideradas como exemplos de metaplasmo.

Por fim, a linguagem na série pode refletir aspectos culturais e sociais do Brasil, como expressões idiomáticas regionais ou mudanças linguísticas associadas a diferentes grupos demográficos.

Dessa maneira, o estudo dos metaplasmos no roteiro cinematográfico, com destaque para a série televisiva "*A Grande Família*", revela-se fundamental para compreender não apenas a dinâmica linguística das produções audiovisuais, mas também para analisar a representação cultural e social presente nas narrativas televisivas brasileiras.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Ao examinar os diálogos e as características linguísticas dos personagens ao longo das diversas temporadas da série, é possível identificar não apenas a evolução da linguagem coloquial ao longo do tempo, mas também as mudanças nas representações sociais e nos valores culturais da sociedade brasileira. Por intermédio do estudo dos metaplasmos em "A Grande Família", os pesquisadores podem elucidar aspectos da identidade linguística brasileira, bem como investigar questões relacionadas à classe social, regionalismo e humor, contribuindo assim para uma compreensão mais ampla e aprofundada do papel da linguagem na construção da narrativa televisiva e na reflexão sobre a sociedade contemporânea.

Referências

ALÉM do Roteiro, 2024. Disponível em: <https://alemdoroteiro.com/>. Acesso em: 18 de fev. de 2024.

BAGNO, Marcos. **Gramática Histórica: do latim ao português brasileiro**. Brasília: UNB, 2007. Disponível em: www.gpesd.com.br/baixar.php?file=100. Acesso em: 18 de fev. de 2024.

FERNANDES QUEIROGA PITA, V. **A Grande Família: sitcom e a representação das relações familiares e amorosas**. Revista GEMInIS, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 139–164, 2010. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/13>

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 23.ed. São Paulo: Cultrix, 2008

LIMA, Ângelo Junior Lourenço de. **Metaplasmos mais comuns na oralidade recifense**. 2020. 9 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Departamento de Letras, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2020

MEMÓRIA Globo. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/humor/a-grande-familia-2a-versao/> Acesso em: 18 de fev. de 2024.

SITE Oficial da Globoplay, 2024. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/>. Acesso em: 18 de fev. de 2024.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

AS AVENTURAS DE ROBINSON CRUSOÉ

Adriana Marques de Oliveira (G-CLCA-UENP/CJ)

Matheus Afonso Ferreira do Vale (G-CLCA-UENP/CJ)

Stefani da Silva Furlan (G-CLCA-UENP/CJ)

Ricardo André Ferreira Martins (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo enriquecer a capacidade leitora dos alunos a partir da abordagem centrada na obra clássica da literatura, de Daniel Defoe, "As Aventuras de Robinson Crusóé". Para isso, utiliza-se uma pesquisa exploratória, bibliográfica e qualitativa, baseada na leitura coletiva do texto para o público infantojuvenil e adultos, que apresenta dificuldade leitora, compreensão e interpretação de texto, especialmente no que se refere à leitura literária e sua aplicabilidade. Os resultados apontam que a obra do autor, contribuem para o desenvolvimento do leitor crítico e consciente, além de despertarem o interesse pela leitura desde a infância por meio de narrativas envolventes, que consegue representar elementos do individualismo produzido durante a Idade Moderna, que demandava do indivíduo o trabalho para a sua autorrealização. Conclui-se que a leitura é um instrumento fundamental para a educação, pois amplia o repertório cultural dos alunos.

Palavras-chave: Defoe, leitura, Robinson Crusóé.

Introdução

Este estudo, meticulosamente elaborado, almeja uma análise abrangente e sofisticada acerca da capacidade leitora dos alunos, pautando-se na abordagem intrínseca à obra clássica "As Aventuras de Robinson Crusóé", de Daniel Defoe. Por meio de uma perspectiva que transcende as limitações comumente associadas à dificuldade de leitura, a pesquisa adota uma abordagem exploratória, respaldada em análises bibliográficas e qualitativas, visando enriquecer a apreensão da literatura pelo público infantojuvenil e adultos, notadamente aqueles que enfrentam obstáculos na compreensão e interpretação textual.



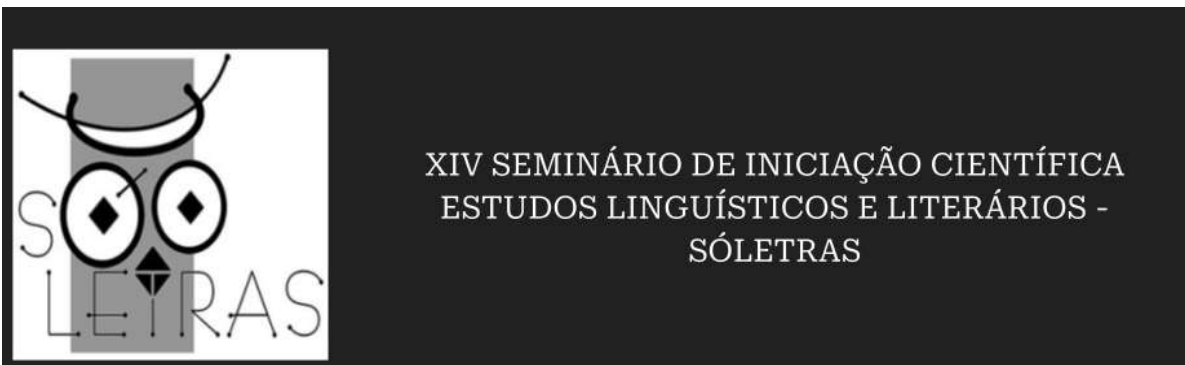
XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

A eleição estratégica da obra de Defoe como ponto focal desta investigação não se dá por mero acaso, mas, sim, em virtude de sua capacidade intrínseca de proporcionar uma experiência literária singular que transpasse as barreiras erguidas pela dificuldade de leitura. O propósito é conduzir os leitores por uma jornada textual imersiva, cujo intento não se limita apenas ao desenvolvimento da capacidade crítica e consciente, mas busca instigar, desde a infância, um interesse duradouro pela leitura.

Ao adentrar as complexidades da literatura, especificamente no âmbito da aplicabilidade e compreensão de textos literários, esta pesquisa se propõe a oferecer uma compreensão mais profunda dos desafios inerentes à prática leitora. A obra de Defoe, ao figurar como um reflexo dos elementos do individualismo característicos da Idade Moderna, revela-se uma ferramenta perspicaz para explorar a noção de autorrealização mediante o labor individual, conceito intrinsecamente imbricado no contexto histórico da mencionada época.

Os desdobramentos desta investigação não somente evidenciam a eficácia da obra de Daniel Defoe como instrumento pedagógico, mas ressaltam, igualmente, sua notável capacidade de contribuir de maneira substancial para a formação de leitores não apenas críticos, mas também conscientes e enriquecidos culturalmente. A pesquisa, assim, reconhece a leitura como um artefato crucial para a edificação educacional, sublinhando seu papel essencial na ampliação do repertório cultural dos alunos e na promoção do desenvolvimento intelectual e cognitivo.

Diante disso, imbuída na exploração metódica da obra de Defoe, esta pesquisa visa não apenas superar os desafios inerentes à prática leitora, mas também almeja desvelar novos horizontes de conhecimento, reflexão e apreciação literária, delineando assim um caminho profícuo para a formação integral e intelectualmente robusta dos indivíduos envolvidos no processo educacional.



Incentivar promover a leitura dos alunos

A promoção da leitura entre os alunos é uma empreitada educacional de extrema importância, e uma abordagem inovadora para alcançar esse objetivo, reside na introdução das aventuras de Robinson Crusoe como um instrumento catalisador desse processo. Este clássico literário, escrito por Daniel Defoe, transcende as barreiras do tempo, oferecendo não apenas uma narrativa envolvente, mas também uma rica fonte de aprendizado e reflexão. Incentivar os alunos a se aventurarem nas páginas desse romance não apenas amplia seu horizonte literário, mas também aprimora habilidades cognitivas e cultiva valores fundamentais.

Na história, um naufrago que enfrenta inúmeras adversidades em uma ilha deserta, proporciona um terreno fértil para a expansão do imaginário dos estudantes. A narrativa repleta de desafios e superações oferece uma oportunidade única para que os leitores mergulhem em um universo intrigante, estimulando a criatividade e a capacidade de resolver problemas. A empatia despertada pela experiência do personagem principal também permite que os alunos desenvolvam uma compreensão mais profunda das complexidades humanas e da resiliência inata diante das adversidades.

[...]a leitura abre caminho para o enriquecimento intelectual, propiciando a reflexão e a manipulação de ideias, pois a criança que lê faz novas descobertas, se envolve em novas aventuras que aprofundam o conhecimento já adquirido e faz surgir novidades. Por meio da leitura elas podem mergulhar e descobrir-se como seres sociais com uma perspectiva de vida. (Sunti, 2012, p. 5)

Além disso, a leitura de Robinson Crusoe permite um terreno propício para o



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

desenvolvimento de habilidades linguísticas. O estilo literário elaborado de Defoe, combinado com a riqueza vocabular intrínseca à obra, desafia os leitores a expandirem seu repertório linguístico, aprimorando a capacidade de compreensão textual e interpretação. Esse desafio linguístico é crucial para o desenvolvimento acadêmico dos alunos, preparando-os para enfrentar complexidades linguísticas em diversas esferas da vida.

Ao utilizar essa obra como uma ferramenta pedagógica, também se abre espaço para a discussão de temas universais, como a solidão, a autonomia, a amizade e a importância da autossuficiência. Os alunos, ao se depararem com as decisões e dilemas enfrentados por Crusoe, são instigados a refletir sobre suas próprias vidas, valores e escolhas. Esse engajamento reflexivo contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico, uma habilidade essencial para a formação de cidadãos ativos e conscientes.

É importante também levar em conta os interesses de leitura de acordo com cada faixa etária, atendendo assim às necessidades de nossos alunos e construindo sentidos para os textos, pois o método fundamenta-se na atitude participativa do aluno em contato com os diferentes textos. (Sunti, 2012, p. 10)

Além disso, a inclusão da obra no currículo escolar não apenas incentiva a leitura, mas também propicia uma abordagem interdisciplinar. Professores podem integrar elementos históricos, geográficos e científicos relacionados à narrativa, enriquecendo ainda mais a experiência de aprendizado dos alunos. Dessa forma, a obra transcende seu status de mero entretenimento, tornando-se uma ferramenta educacional multifacetada que estimula a curiosidade em diversas disciplinas.

Por fim, promover a leitura dos alunos por meio das aventuras de Robinson Crusoe representa um investimento valioso no desenvolvimento integral dos estudantes. Além de proporcionar uma experiência literária enriquecedora, essa abordagem inovadora nutre



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

habilidades cognitivas, linguísticas e sociais, preparando os alunos para os desafios acadêmicos e pessoais que enfrentarão ao longo de suas vidas. A leitura, quando acompanhada de uma obra tão emblemática como Robinson Crusoe, não apenas incentiva a busca pelo conhecimento, mas também molda mentes críticas e reflexivas, fundamentais para a construção de uma sociedade mais informada e consciente.

A importância da determinação e persistência para a sobrevivência

A obra “As Aventuras de Robinson Crusoe”, escrita por Daniel Defoe, destaca-se pela representação vívida da importância da determinação e persistência para a sobrevivência em ambientes desafiadores. A jornada do protagonista, Robinson Crusoe, é um testemunho notável de como a resolução inabalável perante adversidades pode ser crucial para superação de obstáculos.

Construindo sua própria civilização numa ilha deserta, Crusoe não apenas personifica a tenacidade individual, mas estabelece uma conexão intrínseca com seu amigo nativo “Sexta-Feira”. Nesse contexto, percebe-se o discurso colonialista do branco europeu embutido no relato de Defoe, quando representa essa superioridade na fala de Crusoe, o qual submete Sexta-feira a uma posição de sobrevivência: “Estava de fato muito satisfeito com ele e fiz questão de ensinar-lhe tudo o que podia para torna-lo útil, capaz e prestativo” (Defoe, 2010, p.219).

Inquirindo o relato de Robinson Crusoe, mostra-se a diferença entre colonizador e colonizado, enfatizando sua superioridade diante do nativo, Sexta-feira, impondo sua própria cultura e visão de mundo. Essa relação reflete a mentalidade colonial da época e a realidade à qual Defoe pertencia, mostra também, o estado em que se encontrava o poder aquisitivo da classe média europeia.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Assim, na ótica de Robert Stam, (2008), ao procurar fazer uma análise comparativa da obra através de um pacto com o leitor, reforça o sentido de verossimilhança:

Ainda que não seja o primeiro romance, Robinson Crusoe, todavia constitui um dos textos-fonte seminais de uma tradição europeia específica: a do romance mimético baseado na “vida real” e escrito para gerar uma forte impressão de verdade. O estilo grau-zero de Defoe proporcionou o modelo para um tipo de romance que favorece uma prosa digna de um repórter, metódica, originada no mundo da facticidade da classe média. (Stam, 2008, p.95, grifos do autor)

Portanto, ao longo da história, há uma evolução na dinâmica entre os dois personagens, que passa a ser mais colaborativa e baseada na compreensão mútua, desafiando a hierarquia inicial imposta por Crusoe, refletindo uma compreensão mais ampla e inclusiva das diversas formas de conhecimento para enfrentar os desafios da vida na ilha deserta, promovendo uma colaboração mais equitativa para a sobrevivência.

Os personagens, adotaram diversas estratégias construindo abrigos para se protegerem do clima adverso, com os materiais disponíveis na ilha, plantaram e cultivaram alimentos, caçavam animais locais e pescavam para garantir uma fonte sustentável de nutrição, além de dominarem a arte de fazer fogo para cozinhar os alimentos. Robinson explorou a ilha em busca de recursos, tentando construir um barco para escapar.

Todas essas atividades, determinação e persistência, destacam a adaptabilidade e a inventividade necessária para sobreviver em um ambiente desafiador, revelando a evolução de suas habilidades ao longo do tempo. Robinson Crusoe deve ser um dos livros mais populares de todos os tempos, traduzidos em muitas línguas, que traz um debate importante sobre o povo europeu do século XVIII.

Toda essa trajetória do personagem, tem como intuito fomentar cada vez mais a leitura de textos literários no contexto escolar, para que o aluno tenha prazer em fazer esse



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

tipo de leitura por opção própria, ou seja, além daquela exigida pelo professor que muitas vezes são incluídas no currículo escolar, principalmente obras clássicas nacional que venham “cair” num exame de vestibular.

Nestas circunstâncias, muitos adolescentes são influenciados por uma série de fatores em suas horas livre, são baixíssima a porcentagem dos que fazem leitura em livros impressos, preferem a acessibilidade, claro que não generalizando, mas a maioria prefere formas de mídias visual, como filmes, séries e redes sociais.

A escola incentiva ser um leitor crítico e consciente, pois tem diversidade na oferta de livros, mas sabemos que o maior incentivo deve-se ter é da família. Os pais hoje em dia, ao invés de dar um livro para a criança desde cedo, dá-se um celular na mão para eles terem “sossego”, claro que a internet traz bastante benefício, aliás, hoje em dia não se vive sem, mas o problema é que a criança vicia naquilo e não quer saber de outra coisa.

Os pais, ao incentivar uma rotina de leitura para o seu filho, estimula o desenvolvimento pessoal, intelectual e futuramente o profissional, porque através da leitura fica mais fácil desenvolver habilidades de comunicação, sociabilidade e outras competências essenciais.

Dos aspectos literários e históricos

As Aventuras de Robinson Crusoe, foi escrita pelo autor inglês Daniel Defoe em 1719, sendo primeiramente publicado no formato de folhetins no jornal da época *The Dayly Post* no Reino Unido. A obra é formada dotada de ricos detalhes geográficos e de todas as ações do personagem central.

A obra ficou marcada por ser um dos primeiros romance-folhetim e apreciasse que o enredo seja baseado em uma história verídica de um escocês que ficou náufrago, por quatos



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

anos, em uma ilha do Pacífico. A história narra aventuras de um personagem fictício, que se perdeu a uma ilha caribenha próxima de Trinidad.

Robson se perder na ilha durante vinte e oito anos, tendo que enfrentar canibais cativos, e populações revoltosas, por fim até ser resgatado. O personagem adota várias estratégias para sobreviver, tendo que enfrentar uma delas o clima tropical de fortes chuvas, e os perigos eminentes, existentes na ilha. Destacando-se sua evolução.

A obra de Defoe, é um marco literário, ou seja, é uma literatura universal. Levantando questões que são lidadas nos dias atuais. Enfatizando-se esses elementos, destaca-se a importância de se trazer essa obra em sala de aula. Enriquecendo o intelecto do aluno e permitindo uma relação duradoura com a literatura. O ideal seria desde a alfabetização do aluno, venha-se desenvolver ainda mais com a literatura. Um trabalho desafiador, pelas realidades urbanas no qual encontra-se o estado. Ressaltando a importância das práticas pedagógicas desenvolvidas dentro da sala de aula, formando assim leitores críticos com plena desenvoltura de reflexões.

Com isto, o professor pedagogo vem elaborar planos de como abordar a literatura de Defoe, começando com a discursão teórica: por quê trabalhar com esse livro? Enfatizando todo seu roteiro histórico e revolucionário da época. O professor tem um papel muito importante, que além de ser o intermediador, ele ficará encarregado de fazer com que o leitor se torne capaz de agir frente à realidade de maneira crítica, e saiba se posicionar tomando posicionamentos pautados nas diferentes diretrizes do livro. O intuito não é somente formar leitores críticos, mas que possam aprofundar cada vez mais a relação com a leitura.

Tendo em mãos a formações históricas que envolve o romance, leitor poderá trabalhar mais seus horizontes por meio da prática.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Impacto da obra na evolução da literature

As Aventuras de Robinson Crusó é o romance-folhetim mais famoso do mundo literário, talvez o Daniel tenha sido influenciado pelo romance de tradução em latim do autor Tufail no século XII, que gira em torno de um personagem perdido em uma ilha deserta. Nenhum livro na história ocidental teve mais traduções que a obra de Defoe, no final do século XIX. Ganhando mais de setecentas versões, incluindo infantis sem textos, apenas com imagem.

A obra já foi aos cinemas inúmeras vezes, produzida pela primeira vez no cinema mexicano em 1953. A última mais recente foi feita uma animação com a obra em 2016, visando mais ao público infantil.

Ao longo dos anos a obra levantou debates praticados aos colonos sobre os colonizadores, tensões enfrentadas até hoje em escala global. Gerando muitas críticas e debates interessantes que são trazidos pela sala de aula, por meio da literatura e pesquisa. Sempre visando a formação intelecto do leitor.

No mesmo ano, não muito famoso, foi produzido um segundo volume da história, cuja a tradução português é “As Aventuras admiráveis de Robinson Crusó”, que contém sua nova viagem a ilha, e as suas reflexões.

A obra foi um importante marco no movimento da indústria literária, e um marco na Idade Moderna, uma época marcada por procura de inovação e entretenimento com o leitor, já que a história é rica em detalhes.

A Idade moderna ficou marcada pela transição do Feudalismo para o Capitalismo. A mundialização do comércio permitiu a acumulação do capital, e essa ação se fortaleceu principalmente depois da reforma religiosa. Com a igreja perdendo o poder absoluto do Reino Unido, a literatura ganhou também novos horizontes, onde histórias fictícias do



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

homem comum e suas ações, ganharão forças. Principalmente assinalada pelo início da Revolução Industrial.

Considerações finais

Nesta meticulosa investigação, aprofundamos nossa compreensão da capacidade leitora dos alunos, centrando-nos na obra clássica "As Aventuras de Robinson Crusoe", de Daniel Defoe. A escolha estratégica desta obra não é fortuita, mas sim fundamentada em sua capacidade intrínseca de transcender as barreiras da dificuldade de leitura, proporcionando uma experiência literária singular.

Ao adentrarmos as complexidades da literatura, nossa pesquisa não apenas identifica os desafios inerentes à prática leitora, mas também propõe superá-los. Defoe, ao refletir os elementos do individualismo da Idade Moderna, se revela como uma ferramenta perspicaz para explorar a noção de autorrealização, enraizada no contexto histórico da época.

Os desdobramentos desta pesquisa destacam não apenas a eficácia pedagógica da obra de Defoe, mas também sua capacidade de contribuir substancialmente para a formação de leitores críticos, conscientes e culturalmente enriquecidos. Reconhecemos a leitura como um artefato crucial para a edificação educacional, essencial na ampliação do repertório cultural dos alunos e no impulsionamento de seu desenvolvimento intelectual.

Assim, ao explorar minuciosamente a obra de Defoe, esta pesquisa não apenas busca superar os desafios da prática leitora, mas também visa desvelar novos horizontes de conhecimento, reflexão e apreciação literária. Este caminho profícuo que delineamos visa contribuir significativamente para a formação integral e intelectualmente robusta dos envolvidos no processo educacional.

Em conclusão, a introdução das aventuras de Robinson Crusoe como ferramenta



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

pedagógica é uma abordagem inovadora que transcende o mero estímulo à leitura. Este clássico literário, cuidadosamente escolhido, não apenas proporciona uma narrativa envolvente, mas também se revela como uma fonte rica para aprendizado e reflexão. Ao incentivar os alunos a explorarem as páginas desse romance, expandimos não apenas seus horizontes literários, mas também cultivamos habilidades cognitivas e valores fundamentais.

A história do naufrago enfrentando adversidades em uma ilha deserta oferece um terreno fértil para o crescimento do imaginário dos estudantes. Os desafios e triunfos na narrativa estimulam a criatividade, a capacidade de resolução de problemas e o desenvolvimento de empatia ao vivenciar as complexidades humanas.

Buscamos destacar a importância da leitura na ampliação do repertório cultural e no desenvolvimento das crianças como seres sociais. A leitura não é apenas uma atividade, mas uma jornada que enriquece o conhecimento e proporciona descobertas contínuas.

Além disso, a obra contribui significativamente para o desenvolvimento de habilidades linguísticas dos alunos, desafiando-os a expandir seu vocabulário e aprimorar a compreensão textual. A abordagem interdisciplinar possibilita que os professores integrem elementos históricos, geográficos e científicos, enriquecendo a experiência de aprendizado.

A análise sobre a importância da determinação e persistência na sobrevivência, embora destaque as habilidades adaptativas e inventivas dos personagens, também ressalta aspectos coloniais presentes na obra. O papel do professor como intermediador torna-se crucial para conduzir discussões críticas e conscientes sobre essas nuances.

A contextualização histórica da obra de Defoe destaca seu papel como marco literário, influenciando debates e gerando mais de setecentas traduções. A literatura, especialmente através de Robinson Crusoe, torna-se uma ponte entre o passado e o presente, abrindo espaço para discussões pertinentes sobre colonização, determinação e evolução social.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Em suma, promover a leitura através das aventuras de Robinson Crusoe não é apenas um investimento na formação acadêmica dos alunos, mas uma jornada que nutre o pensamento crítico, a empatia e a compreensão do mundo. Ao incorporar essa abordagem inovadora, não apenas estimulamos a busca pelo conhecimento, mas também moldamos mentes críticas e reflexivas, fundamentais para a construção de uma sociedade mais informada e consciente.

Referências

DEFOE, Daniel. **As aventuras de Robinson Crusoe**. Tradução de Albino Poli Jr. Porto Alegre: L&PM, 2010.

STAM, Robert. “Clássicos coloniais e pós-coloniais: de Robinson Crusoe a Survivor”. In: **A literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação**. Belo Horizonte: UFMG, 2008. Acesso em: 10 de jan. de 2024.

SUNTI, Sandra Fátima; BUSSE, Sanimar. **A leitura como uma prática para a formação de leitores**. 2012. Disponível em:
http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producao_pde/2012/2012_unioeste_port_artigo_sandra_fatima_sunti.pdf. Acesso em: 10 jan. 2024.

SILVA, Daniel. “Idade Moderna” 2017. Disponível em:
<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/idade-moderna.htm>. Acesso em: 10 jan. 2024.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

AS CRIAÇÕES NEOLÓGICAS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL DE MIA COUTO

Sabrina de Almeida (G-CLCA-UENP/CJ)

Fernando Moreno da Silva (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: O léxico, como parte viva de uma língua, está sempre em processo de mudanças; enquanto novas palavras surgem, outras caem em desuso. O processo de criação de novas unidades lexicais é denominado de neologia, sendo o neologismo o seu produto. Na literatura essas criações nascem com um propósito dentro da obra. Nas produções contemporâneas voltadas ao público infantojuvenil, percebe-se cada vez mais o seu uso recorrente, quando os autores parecem "brincar" com as palavras dentro desse universo cheio de possibilidades. É o caso do escritor moçambicano Mia Couto, que enriqueceu suas obras de literatura infantojuvenil com criações neológicas. Essa pesquisa buscou, baseado em teóricos do léxico, como Alves (1994), entre outros, conceituar neologismos, neologia literária e analisar através de quais processos de formação de palavras o autor criou neologismos como "noitidão" e "passaporteiro".

Palavras-chave: Neologismos. Neologia Literária. Literatura Infanto Juvenil.

Introdução

O léxico, como parte viva de uma língua, está sempre em processo de mudanças, não sendo possível prever o exato momento do nascimento de uma palavra, se ela será registrada no dicionário, ou o momento em que cairá em desuso. Segundo Alves (1994), esse processo de criação de novas unidades lexicais é denominado de neologia, sendo o neologismo o seu produto.

No cenário literário, os neologismos nascem com um certo propósito em uma obra e advém de uma necessidade de expressão e do conhecimento linguístico que o autor possui para criar essa nova unidade lexical. Nas produções contemporâneas voltadas ao público infantojuvenil, percebe-se cada vez mais o uso dessas criações neológicas, nas quais os autores parecem "brincar" com as palavras dentro desse universo cheio de possibilidades.

- 282 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Esse é o caso do moçambicano Mia Couto, que, fazendo uso do seu conhecimento de língua, enriquece suas obras de literatura infantojuvenil com criações neológicas. Assim, esse estudo tem por objetivo apontar e analisar as criações neológicas presentes em quatro obras do autor: *O Viajante Clandestino* (1991); *A Chuva Pasmada* (2004); *O Gato e o Escuro* (2008) e *O Menino No Sapatinho* (2013).

O estudo das criações neológicas na literatura infantojuvenil de Mia Couto justifica-se pela singularidade e riqueza que essas inovações linguísticas conferem ao universo literário destinado a esse público. Ao direcionar a atenção para o modo como o autor concebe e elabora seus neologismos, ganha-se uma compreensão mais profunda acerca da inventividade linguística do autor e sua expressão literária.

O presente trabalho fundamentou-se em teóricos como Alves (1994), Almeida e Correa (2012), Cardoso e Ignez (2008), entre outros, para estabelecer conceitos essenciais relacionados aos neologismos, neologia e neologia literária. Inicialmente, explorou-se a base teórica desses termos, delineando as características e significados propostos por esses estudiosos. Em seguida, direcionou-se a atenção para a análise da literatura de Mia Couto, abordando os principais processos de formação de palavras adotadas pelo autor moçambicano.

O estudo destacou não apenas a presença de neologismos nas obras destinadas ao público infantojuvenil do escritor, mas evidenciou e analisou o processo de criação por trás de cada uma dessas inovações linguísticas. Sendo o alvo dessa pesquisa os neologismos propriamente ditos e o seu processo de formação.

Neologia e Neologismo

Posto que toda língua viva está em constante transformação, seu acervo lexical,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

compreendido como o conjunto de palavras que a constitui, sempre se renova. Conforme a sociedade se desenvolve culturalmente, novos vocábulos são criados e incorporados, enquanto outros deixam de ser usados e se tornam arcaicos. Segundo Alves (1994), a esse processo de renovação lexical dá-se o nome de neologia, sendo o neologismo a unidade lexical resultante.

Neologia, como a própria etimologia grega sugere (neo “novo” + “logo” palavra, conceito”), carrega a acepção de novidade. De acordo com Correia e Almeida (2012, p. 17), isso corresponde a dois conceitos: “a capacidade natural de renovação do léxico de uma língua pela criação e incorporação de unidades novas, os neologismos” e “o estudo (observação, registro, descrição e análise) dos neologismos que vão surgindo na língua”.

Assim, Correia e Almeida conceituam o neologismo como:

Uma unidade lexical cuja forma significante ou cuja relação significado-significante, caracterizada por um funcionamento efetivo em um determinado modelo de comunicação, não havia sido realizada no estágio imediatamente anterior do código dessa língua". (Correia, Almeida, 2012, p. 24).

Logo, os neologismos podem ser palavras completamente novas, termos existentes com novos significados ou palavras que passam a aparecer em contextos onde antes não eram comuns.

Entretanto, identificar um neologismo não é tão simples. Ganança (2018), a partir de estudos feitos em Cabré (2010), aponta para quatro critérios de identificação: o diacrônico; o gramatical; o psicológico e o critério lexicográfico. Este último afirma “que uma unidade lexical será neológica se não figurar em um conjunto de dicionários de língua previamente selecionados” (Ganança, 2018, p. 43).

Os neologismos, devido ao caráter dinâmico da língua, são constantemente criados



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

pelos falantes. Todavia, não basta apenas a criação de um novo vocábulo, este precisa ser aceito pela comunidade falante para integrar o rol de possibilidades do idioma:

Não basta a criação do neologismo para que ele se torne membro integrante do acervo lexical de uma língua. É, na verdade, a comunidade lingüística, pelo uso do elemento neológico ou pela sua não-difusão, que decide sobre a integração dessa nova formação ao idioma.[...] Se bastante freqüente, o neologismo é inserido em obras lexicográficas e considerado parte integrante do sistema lingüístico. (Alves, 1994, p. 84)

Dessa maneira, percebe-se que a aceitação e incorporação de um neologismo ao acervo lexical de uma língua não dependem exclusivamente da sua criação, mas sim da sua adoção e difusão pela comunidade lingüística que ao passar do nível da fala para a língua, o neologismo é registrado no dicionário, perdendo assim a sua condição neológica.

Neologia Literária

No cenário literário contemporâneo, observa-se um aumento significativo no uso de neologismos. Segundo Cardoso e Ignez (2008), a partir de estudos feitos em Guilbert (1975), é possível dividir a neologia em dois domínios: a neologia denominativa e a neologia literária ou estilística. Enquanto o primeiro tipo está ligado à necessidade de criar e ajustar a relação entre objeto e conceito, o segundo fundamenta-se na expressividade da palavra, para expressar de forma única uma visão pessoal de mundo.

Os neologismos literários exercem uma importante função de expressividade, pois se originam da visão individual do autor que, ao sentir a necessidade de exprimir suas ideias e opiniões de formas diferentes, cria novas palavras que atendam à sua liberdade de expressão. Nessa perspectiva, a neologia literária, conforme destacado por Cardoso e Ignez:



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Essa forma de criação está ligada à originalidade de expressão do indivíduo criador, à sua facilidade para criar, à sua liberdade de expressão, deixando de lado os modelos conhecidos ou até mesmo indo contra eles. Esse tipo de criação, diz Guilbert (1975, p.41), é próprio de todos aqueles que têm alguma coisa a dizer e querem usar, para isso, suas próprias palavras, suas combinações de palavras. É um recurso característico dos escritores. (Cardoso e Ignez, 2008, p. 5)

Assim, os neologismos literários, por sua natureza abstrata, surgem com um propósito específico. Diferentemente dos que surgem na linguagem padrão, esses neologismos escapam ao uso comum da língua, permanecendo, em sua maioria, restritos ao contexto de criação devido ao seu valor estilístico e momentâneo.

Essas criações neológicas transcendem raramente o domínio do texto literário para integrarem o léxico da língua. Tal fenômeno é resultado da natureza conotativa e emotiva dessas criações, que, fora do contexto de sua concepção, não possuem função comunicativa. Elas carregam um valor expressivo significativo em um texto, deixando uma marca distintiva no autor e na época em que surgem. No entanto, ao cumprir seu papel específico, esses neologismos tendem ao esquecimento.

É válido ressaltar que, mesmo desempenhando um papel efêmero, essas criações têm um enorme valor, pois evidenciam que a inovação linguística pode surgir não apenas com um propósito prático e necessário, mas também pode surgir como valor expressivo (Cardoso; Ignez, 2008).

Os Neologismos e a Literatura Infantojuvenil de Mia Couto

Nas produções contemporâneas voltadas ao público infantojuvenil, percebe-se o recorrente uso de criações neológicas, em que os autores parecem "brincar" com as palavras



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

dentro desse universo cheio de possibilidades, destacando assim uma das principais contribuições dos neologismos para essa literatura: proporcionar dinamismo ao texto.

Um exemplo notável desse uso é encontrado nas obras do escritor moçambicano Antonio Emílio Leite Couto (pseudônimo Mia Couto); Couto incorpora consistentemente neologismos em suas criações literárias, conforme relata em entrevista: "Invento palavras para que digam coisas que nenhuma outra diz". (Brandalise, 2013)

Embora essa seja uma característica das obras do autor, esse estudo dá ênfase na sua produção infantojuvenil. Para Couto (2013), escrever é uma forma de reencantar o mundo e ninguém faz isso melhor que as crianças, pois são elas que trazem a sensação de encantamento ao mundo; se questionadas a respeito do que é uma nuvem, a resposta será extraordinária.

O autor atribui às crianças a capacidade singular de enxergar o extraordinário no cotidiano, e é nesse contexto que os neologismos ganham uma dimensão única. Não se trata apenas de criar palavras novas, mas sim de revisitar a sensação de encantamento e a capacidade imaginativa que as crianças naturalmente possuem.

Assim surge "Passaporteiro", termo usado pelo protagonista de "O Viajante Clandestino" para nomear ao senhor que vendia passaportes. Já em "A Chuva Pasmada" o neologismo "abonitando", além de inovar a linguagem, revela a delicadeza do narrador ao ver a mãe se arrumando.

Dessa forma, o neologismo traz para a obra de Couto um sentido particular. Além de buscar elementos que contribuem para a recriar o universo de seu país, Moçambique, o universo linguístico também é recriado, trazendo novidades ao texto nas falas dos personagens. A habilidade do escritor "em brincar" com as palavras confere não apenas vivacidade aos textos, mas uma autenticidade intrínseca à sua visão artística e à sua contribuição para a literatura moçambicana.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Embora o contexto seja uma peça fundamental para o entendimento dos neologismos em obras literárias, é imperativo destacar que o foco principal deste estudo reside na análise aprofundada do processo de formação de palavras que Mia Couto emprega para criar tais neologismos. O autor moçambicano, famoso por sua habilidade com as palavras, não apenas adiciona novas palavras aos seus textos, mas também se envolve em um processo complexo de criação lexical.

Analisar esses processos é, portanto, fundamental para desvendar as riquezas linguística e cultural presente em suas obras infanto juvenis, destacando não apenas o "o que", mas o "como" por trás da habilidade linguística de Couto.

Processos de Criação de Neologismos

Para definir a tipologia dos processos de criação lexical, este estudo fundamentou-se nas contribuições de Alves (1994) e Ganança (2018), que, por sua vez, se embasaram nos trabalhos de Guilbert (1975). Neologismos, conforme categorizados pelos autores supracitados, dividem-se em dois grupos: os formais, quando a novidade reside na forma da palavra, e os semânticos, quando o novo elemento é o significado.

Dentro dos neologismos formais, Alves e Guilbert destacam os sintáticos, provenientes da combinação entre elementos linguísticos pré-existentes. Nesse contexto, os dois processos de formação de palavras mais produtivos emergem: a derivação e a composição. Além destes, são considerados neologismos formais a truncagem, o cruzamento vocabular e a incorporação de elementos lexicais estrangeiros. O segundo grupo, composto pelos neologismos semânticos, refere-se à situação em que há uma modificação no significado da palavra, sem alterar sua forma original.

Nas obras analisadas para este trabalho, foram identificados tanto neologismos



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

formais, resultantes de processos de derivação (prefixal, sufixal e parassintética), e cruzamento vocabular, quanto neologismos semânticos.

- A. Derivação Sufixal
Acréscimo de sufixo a uma base. Ex: *Passaporteiro* (passaporte + -eiro)
- B. Derivação Prefixal
Acréscimo de prefixo a uma base. Ex: *Inderramável* (in- + derramável)
- C. Derivação Parassintética
Acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo a uma base. Ex: *Atamanhar* (acréscimo do circunfixo a + ar- (prefixo e sufixo ao mesmo tempo): a + tamanho + ar)
- D. Cruzamento Vocabular
Sobreposição de palavras, quando duas bases, ou apenas uma, são privadas de uma parte para formar uma nova palavra. Ex: *Pirilampiscavam* (pirilampo + piscar).
- E. Neologismo Semântico
Atribuição de novo sentido a uma unidade lexical já existente. Ex: *Desaguado* (de “sem água” passou aqui para o sentido de “sem vida”)

Metodologia

Para esta análise, optou-se por uma abordagem cronológica, explorando os livros destinados ao público infantojuvenil do escritor moçambicano Mia Couto. Nesse contexto, as análises se concentraram no conto *O Viajante Clandestino*, presente no livro *Cronicando* (1991). Apesar de não ser diretamente voltado ao público infantojuvenil, o conto em questão pode ser interpretado sob essa perspectiva. Em seguida, as obras *A Chuva Pasmada* (2004), *O Gato e o Escuro* (2008) e *O Menino no Sapatinho* (2013).

As obras selecionadas são voltadas ao público infantojuvenil, contadas para ou por crianças e onde se pode perceber, com maior clareza, a inventividade linguística das



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

criações neológicas de Mia Couto. Após a escolha das obras, foi realizada a leitura de cada uma delas e retiradas, junto as frases nas quais estavam inseridas, as palavras desconhecidas que passaram a ser objeto de análise.

Neste estudo, como mencionado anteriormente, foi adotado o critério lexicográfico para a identificação de neologismos. É importante ressaltar que a determinação da natureza neológica de uma palavra baseia-se na sua formalização em dicionários. Destaca-se, portanto, que, para os propósitos desta pesquisa, foi utilizada a ausência de registros nos dicionários de língua portuguesa, especificamente nos dicionários Michaelis e Volp (Michaelis on-line; ABL, 2021) como critério fundamental para confirmar a condição neológica. Dessa maneira, as palavras desprovidas de registro foram analisadas e consideradas como neologismos, enquanto outras foram excluídas durante esse processo.

Com a lista de neologismos previamente selecionados, buscou-se realizar uma análise dos processos de formação de palavras, classificando os neologismos de acordo com mecanismos linguísticos como derivação, cruzamento vocabular e outros, proporcionando uma compreensão das estratégias utilizadas por Mia Couto.

Neologismos na Literatura infantojuvenil de Mia Couto (Análise de Dados)

No estudo dos neologismos presentes nas obras o *Viajante Clandestino*, *A Chuva Pasmada*, *O Gato e o Escuro* e *O Menino no Sapatinho*, destacam-se:

Neologismos formados pelo processo de derivação

Os neologismos encontrados nas obras são formados por três tipos de derivação: sufixal (acréscimo de sufixo), prefixal (acréscimo de prefixo) e parassintética (acréscimo de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

sufixo e prefixo ao radical, gerando um novo termo).

a) derivação prefixal:

1) Subditava (sub-); sub- + ditava

“A mãe corrigiu em dupla dose. Primeiro, não ia a nenhuma parte. Segundo, não se chamava assim ao senhor dos passaportes. Mas só no presente o menino se subditava. Porque, em seu sonho, mais adiante, ele se proclama:

- Quando for grande quero ser passaporteiro.” (O Viajante Clandestino)¹

2) Inderramável (in-); in- + derramável

“Ainda a tentei dissuadir. Mas ela reiterava suas semelhanças com o desastre da inderramável chuva.” (A Chuva Pasmada)

3) Desanzolar (des-); des- + anzolar (“tirar anzol”)

“Eu aguardava um só instante: o de desanzolar o peixe, o escorregadio corpo do bicho prateando em minhas mãos.” (A Chuva Pasmada)

4) Despromoveria (des-); des- + promover (“desfazer, cancelar”)

“Pois que, sendo aqueles seus exclusivos e únicos sapatos, ele se despromoveria para um chinelado” (O Menino no Sapatinho)

¹ O nome das obras das quais os neologismos foram retirados constará dentro de parênteses ao final de cada frase.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

- 5) Destamanho - (des-); des + tamanho

“De tão miserenta, a mãe se alegrou com o destamanho do rebento - assim pediria apenas os menores alimentos.” (O Menino no Sapatinho)

- 6) Antenoite (ante-); ante- + noite (“noite anterior”)

“Na sagrada antenoite, a mulher fez como aprendera dos brancos”... (O Menino no Sapatinho)

b) derivação sufixal:

- 1) Passaporteiro (-eiro) passaporte + eiro

“- Então vou despedir do passaporteiro

A mãe corrigiu em dupla dose. Primeiro, não ia a nenhuma parte. Segundo, não se chamava assim ao senhor dos passaportes.” (O Viajante Clandestino)

- 2) Migraceiro (-eiro) migrar + eiro

“_ Vou estudar para migraceiro.” (O Viajante Clandestino)

- 3) Luzinhavam (-ar) luzinha + -ar

“Nesse aguardo, eu me distraía olhando os milhares de arco-íris que luzinhavam a toda a volta.” (A Chuva Pasmada)

- 4) Demoniar (-ar) demonio + -ar

“Ninguém poderia ter ousado demoniar a chuva. Na nossa terra, toda água é benta.” (A Chuva Pasmada)



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

5) Pescatez (-tez) pesca + -tez

“Pescar é muito bom. E sabe porquê? Porque é uma actividade sem nenhuma acção. Está entender, meu neto? — Sim, avô. — Você também gosta desta pescatez, não é?” (A Chuva Pasmada)

6) Riachar (-ar) riacho + -ar (correr)

“... ele queria o rio sobrando da terra, vogando em nosso peito, trazendo diante de nós as nossas vidas de antes de nós. Um rio assim, feito só para existir, sem outra finalidade que riachar, sagradeando o nosso lugar.” (A Chuva Pasmada)

7) Sagradeando (-ear) sagrado + -ear (tornar sagrado)

“... ele queria o rio sobrando da terra, vogando em nosso peito, trazendo diante de nós as nossas vidas de antes de nós. Um rio assim, feito só para existir, sem outra finalidade que riachar, sagradeando o nosso lugar.” (A Chuva Pasmada)

8) Trespasagem (-agem) trespassar + agem

“Vou contar aqui como aconteceu essa trespasagem de claro para escuro.” (O Gato e o Escuro)

9) Sobrancelhado (-ado) sobrancelha + ado

“ Temia o castigo. Fechou os olhos e andou assim, sobrancelhado, noite adentro.”
(O Gato e o Escuro)



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

10) Noitidão (-dão) noite + dão

“Andou, andou, atravessando a imensa noitidão.” (O Gato e o Escuro)

11) Arco - iriscando (-car) arco iris + car (arco-iriscar)

*“Quando despertou viu que suas costas estavam das cores todas da luz.
Metade de seu corpo brilhava, arco - iriscando. Afinal”* (O Gato e o Escuro)

12) Minimozito (-zito) mínimo + -zito

- Era uma vez um menino pequenito, tão minimozito que todos os seus dedos eram mindinhos.” (O Menino no Sapatinho)

13) Individuozito (-zito) indivíduo + -zito

“E apontava o filhote : o individuozito interrompia o seu calçado” (O Menino no Sapatinho)

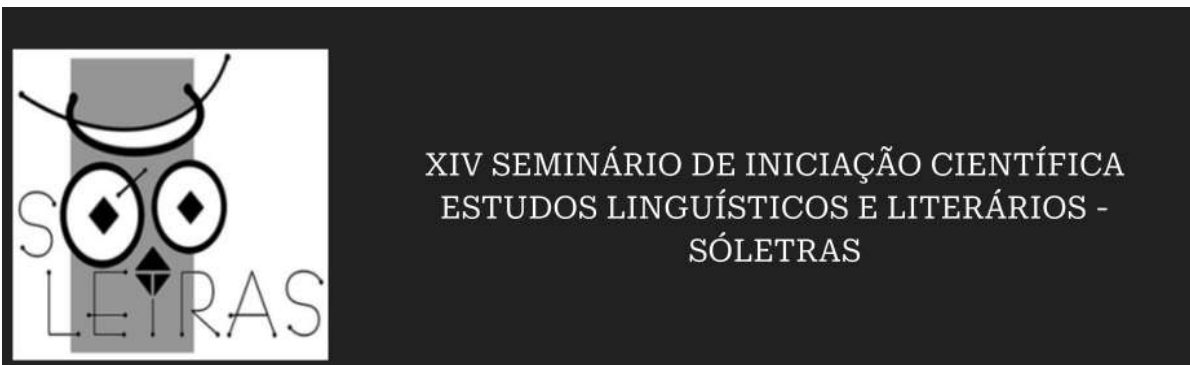
14) Chinelado (-ado) chinelo + -ado

Pois que, sendo aqueles seus exclusivos e únicos sapatos, ele se despromoveria para um chinelado” (O Menino no Sapatinho)

c) derivação parassintética:

1) Atamanhar - (acréscimo do circunfixo a + ar- (prefixo e sufixo ao mesmo tempo): a- + tamanho + ar = atamanhar, ou seja, “fica do tamanho de outro”)

“À entrada de casa, a mãe se agachou até se atamanhar comigo e, sacudindo-me pelo braço, sentenciou: — Nunca, mas nunca, fale disto a seu pai!” (A Chuva



Pasmada)

- 2) Abonitando - (acréscimo do circunfixo a + ar- (prefixo e sufixo ao mesmo tempo): a- + bonito + ar = “arrumar-se”)

“Minha mãe me chamou ao quarto. Estava-se abonitando, frente ao espelho.” (A Chuva Pasmada)

- 3) Despersianar - (acréscimo do circunfixo des + ar- (prefixo e sufixo ao mesmo tempo): des- + persiana + ar = despersianar)

“Só quando desaguou na outra margem do tempo ele ousou despersianar os olhos.” (O Gato e o Escuro)

- 4) Desirmandada - (acréscimo do circunfixo des + ada- (prefixo e sufixo ao mesmo tempo): des- + irmã + ada = desirmandada)

“Junto ao chão, tão rés e rasteiro que, em morrendo, dispensaria quase o ser enterrado. Uma peúga desirmandada lhe fazia de cobertor.” (O Menino no Sapatinho)

Neologismos formados pelo processo de cruzamento vocabular

- 1) Pintalgato (pintalgado + gato)

“Conta a mãe dele que, antes, tinha sido amarelo, as malhas e as pintas.

Tanto que o chamavam o Pintalgato.” (O Gato e o Escuro)



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

- 2) Pirilampiscavam (pirilampo + piscar)

“Porque o Pintalgato chegava ao poente e espreitava o lado de lá. Namoriscando o proibido, seus olhos pirilampiscavam.” (O Gato e o Escuro)

- 3) Ataratonto (atarantado + tonto)

“O escuro se encolheu, ataratonto.” (O Gato e o Escuro)

- 4) Estremolhado (estremunhado + molhado)

“Pintalgato acordou, todo estremolhado, e viu que, afinal, tudo tinha sido um sonho.” (O Gato e o Escuro)

- 5) Amendoídos (amendoados + doídos)

“Mas o assunto azedava e até degenerou em soco, punhos ciscando o escuro. Os olhos dela, amendoídos ainda, continuaram espreitando o improvisado berço.” (O Menino no Sapatinho)

Neologismo semântico

- 1) Avioneta - de “avião pequeno” para “neta”

“_ Mãe: avioneta é a neta do avião” (O Viajante Clandestino)

- 2) Fumagens - de “ato de fumar” para “fumaça”

-“O menino agora contemplava as traseiras do céu, seguindo as fumagens, lentas pegadas dos instantâneos aviões.” (O Viajante Clandestino)



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

3) Pertença - de “especialidade” para “lugar”

“ Ele que recolhesse a fantasia, aquele lugar era pertença exclusiva dos adultos.”

(O Viajante Clandestino)

4) Desaguado - de “sem água” para o sentido conotativo de “sem vida”

“Olhei para o mais-velho e, num instante, o vi todo desaguado, ressequido como um deserto. Afinal, o pai tinha razão. O avô estava secando. Nele eu assistia à vida e seu destino: nascemos água, morremos terra.” (A Chuva Pasmada)

5) Filhando - embora já registrado, o verbo “filhar” aqui é empregado no sentido de “portar-se como filho”

“Ela ficou olhando-me com ar indefinível. Seu rosto me cumprimentava, ela tomava o gosto de ser mãe e me ver ali filhando, pronto a tomar conta dela.” (A Chuva Pasmada)

Tabela 1 – Neologia e Neologismos

Obra	Processo	Qtde.	Ocorrências
O viajante Clandestino	derivação prefixal	1	<i>subditava</i>
	derivação sufixal	2	<i>passaporteiro, migraceiro</i>
	neologismo semântico	3	<i>avioneta, fumagens, pertença</i>



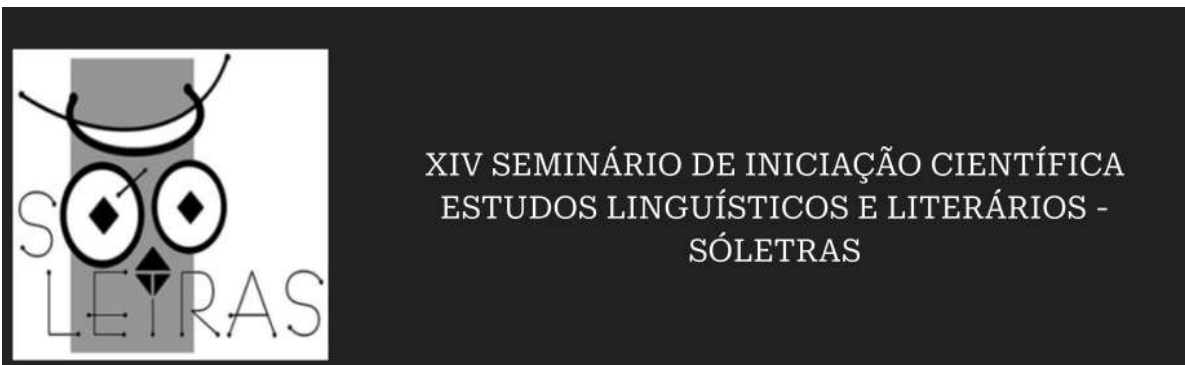
XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

A chuva Pasmada	derivação prefixal	2	<i>inderramável, desanzolar</i>
	derivação sufixal	5	<i>luzinhavam, demoniar, pescatez, riachar, agradeando</i>
	derivação parassintética	2	<i>atamanhar, abonitando</i>
	neologismo semântico	2	<i>desaguado, filhando</i>
O Gato e o Escuro	derivação sufixal	4	<i>trespassagem, sobrancehado, noitdão, arco-iriscando</i>
	derivação parassintética	1	<i>despersianar</i>
	cruzamento vocabular	4	<i>pintalgato, pirlampiscavam, ataratonto, estremolhado</i>
O Menino no Sapatinho	derivação prefixal	3	<i>despromoveria, destamanho, antenoite</i>
	derivação sufixal	3	<i>minimozito, individuozito, chinelado</i>
	derivação parassintética	1	<i>desirmandada</i>
	cruzamento vocabular	1	<i>amendoídos</i>

Fonte: elaboração própria

No levantamento feito foi possível analisar 34 criações neológicas originadas por cinco distintos processos de formação de palavras, dos quais 4 se enquadram no grupo dos neologismos formais. Há também a presença dos neologismos semânticos, conforme a

- 298 -



divisão apresentada anteriormente. Além disso, foi possível observar a preferência do autor pelo processo de derivação, especialmente a sufixal, que apareceu em todas as obras.

Considerações finais

Ao explorar as criações neológicas na literatura infantojuvenil de Mia Couto, torna-se evidente que o autor habilmente utiliza os neologismos como uma ferramenta enriquecedora, conferindo dinamismo e vitalidade às suas obras, especialmente quando direcionados a personagens infantis e juvenis.

A literatura desempenha um papel crucial na manifestação da linguagem ao longo desta análise, destacando como os neologismos contribuem fundamentalmente para a construção do universo literário de Couto e observa-se que esses elementos não apenas acrescentam singularidade e autenticidade às narrativas, mas também enriquecem a fala dos personagens.

A principal contribuição desta análise concentra-se no processo criativo do autor, revelando que, entre os métodos de formação de neologismos utilizados, a derivação, especialmente a sufixal, se destaca como uma técnica predominante.

Em síntese, a análise das criações neológicas de Mia Couto na literatura infantojuvenil revela não apenas a maestria linguística do autor, mas também o impacto significativo dessas inovações no universo literário e reafirma a capacidade da linguagem de se reinventar, proporcionando aos leitores uma experiência literária rica e única.

Referências

ABL - ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário ortográfico da língua portuguesa**. 6 ed. São Paulo: Global, 2021. Disponível em:

- 299 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em: 30 jan 2024.

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994.

CABRÉ, M. T. La neología, campo disciplinar y aplicado: utilidad y problemas en el trabajo neológico de los observatorios. In: ALVES, I. M. (org.). **Neologia e neologismos em diferentes perspectivas**. São Paulo: Paulistana, 2010. p. 13-33.

CARDOSO, Elis de Almeida e IGNEZ, Alessandra Ferreira. A interpretação dos neologismos literários: uma forma de entender o texto. 2008, **Anais**. São Paulo: FFLCH/USP, 2008.

CORREIA, Margarida; ALMEIDA, Gladis. **Neologia em Português**. São Paulo: Parábola, 2012.

BRANDALISE, Vitor Hugo. Mia Couto: “Invento palavras para que digam coisas que nenhuma outra diz”. **O Globo**, Rio de Janeiro, ago 2013. Disponível em: <https://gq.globo.com/Blogs/Vitor-Hugo-Brandalise/noticia/2013/08/mia-couto-invento-palavras-para-que-digam-coisas-que-nenhuma-outra-diz.html>. Acesso em: 30 set 2023.

COUTO, Mia. **Cronicando**. Lisboa: Caminho, 1991.

COUTO, Mia. **A Chuva Pasmada**. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

COUTO, Mia. **O gato e o escuro**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.

COUTO, Mia. **O menino no sapatinho**. Ilustrações de Danuta Wojciechowska. Alfragide: Editorial Caminho, 2013.

GANANÇA, João Henrique Lara, Neologia e neologismos no português brasileiro: principais ideias. Revista **GTLex** (Uberlândia), vol. 4, n. 1, p. 33-53, jul./dez. 2018.

GUILBERT, L. **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975.

MICHAELIS ON-LINE. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues>. Acesso em: 30 jan 2024.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**AS VARIEDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO-APRENDIZAGEM E
O PRECONCEITO LINGÜÍSTICO**

Mariele Souza Wenceslau (CLCA-UENP/CJ)
Patrícia Cristina de Oliveira Duarte (CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Este trabalho teve por objetivo refletir sobre a diversidade linguística encontrada em nosso meio social, abordando alguns dados históricos sobre o processo de constituição do português “brasileiro” e os preconceitos que se estendem à variação linguística. Nesse sentido procurou desmitificar alguns padrões de ensino e discutir sob o prisma dos pressupostos teóricos de Bagno (2007), Possenti (1996) e Bortoni-Ricardo (2005), entre outros, o que seria “certo” ou “errado” ensinar aos nossos alunos, com base na norma padrão da língua portuguesa e das interações sociais que a Língua está inserida. Com tais reflexões, espera-se que, ao entender as diferenças da língua portuguesa (variantes) e a sua riqueza cultural e histórica, os seus falantes desenvolvam mais aceitação com relação às suas diferenças.

Palavras-chave: Variação linguística. Preconceito. Ensino.

Considerações iniciais

O presente trabalho procura explorar algumas diferenças da língua portuguesa no contexto social e educacional no Brasil. Para isso, encontra-se dividido em três partes: o primeiro tópico a ser abordado é como se deu a formação da língua portuguesa no Brasil, no qual serão apresentados alguns acontecimentos históricos que influenciaram a formação da língua portuguesa e das suas variedades; posteriormente, trataremos da variação linguística do Brasil, no qual utilizamos como embasamento teórico Bagno (2007), Camacho (2011) e Xatara (1998); por último, abordaremos o ensino da língua portuguesa nas escolas, no qual utilizaremos de autores conceituados como Faraco (2009), Bagno (2007), Possenti (1996) e Bortoni-Ricardo (2005) para tratar do ensino de variantes linguísticas nas escolas.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Formação da língua portuguesa no Brasil

Segundo Teyssier (1980), quando os portugueses chegaram ao Brasil, a língua predominantemente utilizada era o Tupi, conhecida como língua geral. Essa língua franca era falada principalmente pelos indígenas habitantes das regiões costeiras. Embora o “descobrimento” do Brasil tenha se dado em 1500, a ocupação definitiva e a consolidação portuguesa só ocorreu a partir de 1532.

Para compreendermos como era a língua portuguesa no início da colonização, podemos analisar um trecho da carta escrita por Pero Vaz de Caminha, que ficou conhecida como "a certidão de nascimento do Brasil" logo após sua “descoberta”.

afeiçam deles he seerem pardos maneira dauerme lhados de boõs rrostros e boos narizes bem feitos. / amdam nuus sem nenhuu[m]a cobertura. nem estimam n huu[m]a coussa cobrir nem mostrar suas vergonhas. e estam açerqua disso com tanta jnocemçia como teem em mostrar orrostro. / traziam ambos os beiços de baixo furados e metidos por eles senhos osos doso bramcos de compridam dhuu[m]a mão travessa e de grossura dhuu[m] fuso dalgodam e agudo na põta coma furador. mete[m] nos pela parte de dentro do beiço e oque lhe fica antre o beiço eos demtes he feito coma rroque denxadrez. e em tal maneira o trazem aly emcaxado que lhes nom da paixã nem lhes tor ua afala nem comer nem beber.

Apesar de sua escrita arcaica, podemos compreender algumas palavras que foram utilizadas para descrever os habitantes da recém terra descoberta, sendo que algumas palavras sofreram mudanças com o passar do tempo, tanto foneticamente quanto morfologicamente, enquanto outras se mostram semelhantes às que usamos no dia a dia. No trecho abaixo, com a tradução, é possível comparar os dois fragmentos:



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, de comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita como roque de xadrez, ali encaixado de tal sorte que não os molesta, nem os estorva no falar, no comer ou no beber.

É inevitável observar as mudanças que se estabeleceram com o passar dos anos. A língua adaptou-se às necessidades ao longo de sua evolução histórica e cultural, tornando-se flexível para colaborar na comunicação de diferentes povos que participaram de sua formação em terras brasileiras. Ao comparar os dois trechos, podemos constatar o fenômeno da variação linguística, que se deu tanto historicamente quanto culturalmente.

De acordo com Teyssier (1980), no período colonial, com a ascensão dos colonos, a língua portuguesa foi estabelecida como a principal língua para se comunicar. Os portugueses trouxeram muitos escravos africanos para trabalhar no Brasil, o que influenciou a base da língua portuguesa brasileira, formada pela mistura de negros, colonos portugueses e indígenas. Apesar da rápida ascensão da língua portuguesa, a língua Tupi coexistiu até a expulsão dos jesuítas, membros de uma ordem religiosa que "defendiam" a língua, pois ela era fundamental para a catequização dos indígenas. Nesse período de fixação da língua, o português falado no Brasil era dividido em dois: o português dos colonos de Portugal e o português aprendido pelos indígenas, africanos e mestiços. O "segundo português", por ser uma língua nova para os aprendizes, era adquirido, principalmente, oralmente, o que influenciou principalmente mudanças fonéticas nas palavras, adaptadas de acordo com as necessidades de comunicação.

Vale ressaltar que, em grande parte do período da colonização, a língua portuguesa



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

situava-se no período clássico, marcado por grandes conquistas territoriais que foram de grande importância para a consolidação da língua. Durante esse período, houve uma estabilização da gramática, com novas regras e padrões de conjugação verbal, mudanças na ortografia na tentativa de uniformizá-la, perda do gênero neutro, empréstimos de vocabulários de outras línguas, além da criação das primeiras gramáticas que influenciaram diretamente na norma padrão da língua, como as obras de Fernão de Oliveira, João de Barros e Duarte Nunes de Leão.

Segundo a ordem cronológica de Teyssier (1980), após a fase da colonização, chegamos à independência do Brasil. Nesse período, ocorreu uma onda de imigrações que abrangeram várias regiões do território brasileiro. A língua portuguesa sofreu influência europeia, e, com o tempo, alguns dialetos incorporaram-se ao português, ocorrendo uma grande quantidade de empréstimos de novas palavras, enriquecendo o vocabulário da língua portuguesa.

Diante desse cenário, podemos entender a divergência que ocorreu entre a língua portuguesa no Brasil e em Portugal. Com a onda de expansão e a aquisição de novos territórios pelos portugueses, tornou-se difícil frear o desenvolvimento da língua e torná-la homogênea. Além da influência de novos imigrantes, a língua tende a sofrer variações mesmo dentro do país, dependendo da região em que é utilizada pelos falantes.

Além disso, o autor relata que ainda existem algumas distinções no uso da língua pelos falantes, relacionadas à sua classe social. Por exemplo, entre dois homens, um doutor formado em uma renomada universidade estadual/regional e outro que não teve oportunidade de concluir o ensino fundamental e foi obrigado a trabalhar desde cedo, é provável que o vizinho que se intitula doutor tenha uma educação e domínio da língua portuguesa superiores àquele que não teve a chance de concluir seus estudos. Portanto, além das diferenças culturais e regionais no uso da língua, as diferenças sociais contribuem para a desigualdade e



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

para as variações no português falado. Já em relação às mudanças fonéticas e fonológicas da língua, durante todo o período colonial, o português falado no Brasil seguiu as mudanças adotadas no português europeu. No entanto, após a independência, a influência do português europeu enfraqueceu, e o português do Brasil passou a adotar mudanças particulares em sua língua falada.

Quanto a alguns aspectos conservadores da língua portuguesa no Brasil, podemos mencionar as duas formas de pronúncia do -s e -z implosivos. Segundo Teyssier (1980, p. 66):

Na maior parte do Brasil, os -s e os -z implosivos são sibilantes, realizados como [s] em final absoluto (atrás, uma vez) ou diante de consoante surda (vista, faz frio), e como [z] diante de consoante sonora (mesmo, atrás dele). Mas no Rio de Janeiro e em toda a zona dita carioca, assim como em diversos pontos do litoral, encontram-se [š] e [ž] chiados, nas mesmas condições que em Portugal. O chiar carioca é, talvez, um efeito da “relusitanização” do Rio de Janeiro, quando D. João VI aí instalou a sua capital em 1808. Há, pois, atualmente, duas pronúncias de -s e -z implosivos no Brasil: a pronúncia sibilante, largamente majoritária, e a pronúncia chiente, característica principalmente do Rio de Janeiro, e que goza do prestígio sociocultural da antiga capital federal.

As diferenças lexicais entre o português brasileiro e o português de Portugal também são evidentes, assim como as especificidades da língua brasileira, especialmente no que se refere a objetos e conceitos próprios do mundo moderno. A língua portuguesa apresenta aspectos inovadores morfológicos, como a presença dos chamados Brasileirismos.

Com base em Teyssier (1980), os Brasileirismos são expressões ou palavras peculiares exclusivas do português brasileiro, podendo pertencer à língua "normal" ou vulgar. Neste caso, abordaremos as peculiaridades da linguagem vulgar, que é caracterizada pelo seu uso cotidiano na nossa sociedade, como frases com dupla negativa ("não quero



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

não") e orações com o sujeito "mim" no tempo infinitivo dos verbos. Também ocorre a supressão do -s no final das frases, por exemplo, "as árvore". Essas peculiaridades são consideradas incorretas do ponto de vista gramatical, mas ainda são amplamente utilizadas por uma grande parcela da população.

A variação linguística no Brasil

Em seu livro *Nada na língua é por acaso*, Bagno (2007) nos fala sobre a ilusão que se é criada ao definir uma língua como homogênea. Segundo o autor, as pessoas costumam ter em mente uma ideia específica de características e normas que juntas compõem um padrão denominado língua, e que qualquer variação escrita ou oral considerada diferente dessa "norma" é considerada errada, precária.

Para Bagno (2007, p.36):

Ao contrário da norma padrão, que é tradicionalmente concebida como um produto homogêneo, como um jogo de armar em que todas as peças se encaixam perfeitamente umas nas outras, sem faltar nenhuma, a língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e construção.

A língua não é, segundo Bagno (2007), concreta, acabada, mas é como um rio, que está constantemente em fluxo, mudando suas águas. Diante dessa linha de raciocínio, Bagno (2007) fala sobre a inevitável variação linguística que ocorre em resposta às conexões exercidas em sociedade, conexões entre raças, idades, etnias, gêneros, no geral, heterogêneas, e que, absurdo seria, se as línguas se acomodassem em um padrão único, homogêneo.

Ao pensar no Brasil, segundo Bagno (2007, p.37), podemos concluir que "A nossa



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

sociedade é, sob os mais diversos pontos de vista, umas das mais heterogêneas do mundo”. De acordo com o autor, a nossa sociedade pode ser considerada heterogênea em diversos aspectos, esta heterogeneidade se manifesta, principalmente, na mistura de influências culturais variadas, idade, gênero, raça, escolaridade, entre muitos outros. A diversidade linguística, as variações do português e a formação da identidade idiomática do país são componentes importantes dessa teia que envolve a nossa língua, o que torna quase impossível que ela se apresente da mesma maneira sempre.

Afinando conceitos, a variação em si, segundo Bagno (2007), pode ser dividida em algumas camadas: 1. variação fonético-fonológica - múltiplas pronúncias para uma única letra do alfabeto; 2. variação morfológica - palavras que expressam a mesma ideia mas tem sufixos diferentes; 3. variação sintática - quando os elementos podem se organizar de maneiras diferentes na frase sem perder o sentido geral; 4. variação semântica - quando uma única palavra pode ter significados diferentes dependendo da região que é falada; 5. variação lexical - quando palavras diferentes se referem a uma única coisa; 6. variação estilístico-pragmática - variação que se dá pelo contexto social ou formalidade.

Segundo Camacho (2011), a expressão verbal de um indivíduo diz muito sobre ele. Embora haja regras que supostamente devemos seguir, cada indivíduo apresenta características próprias na sua forma de falar. Esse fato se relaciona, principalmente, com o seu contexto social, econômico e cultural, além da sua localização neste imenso território de língua portuguesa. Apenas com essa premissa, é possível dizer que, a homogeneidade de uma língua, ou melhor, a tentativa dela, não passa de um ideal amplamente arraigado na comunidade acadêmica e escolar.

Segundo Camacho (2011), é muito comum que ao nos expressarmos utilizemos de alguns processos linguísticos que “facilitam” a nossa expressão sobre determinado assunto, ou até mesmo, permitir que a nossa fala seja informal, descontraída. Algo interessante a se



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

notar, são as mudanças fonéticas nas palavras que utilizamos para nos comunicar, por exemplo, os metaplasmos. Segundo o dicionário online Priberam, metaplasmo² é “Qualquer alteração (por supressão, adição ou mudança) na estrutura de uma palavra”. Os metaplasmos, em síntese, podem aumentar, suprimir, ou transpor palavras. É possível observar que, na agitação do dia a dia, buscamos uma maneira de tornar a nossa comunicação fluida, simplificada, desse modo, passamos a suprimir algumas partículas de palavras, por exemplo: “— Fulano, como ‘cê’ tá?”. Esse processo linguístico pode ser definido como uma processo de supressão, no qual temos a exclusão do fonema inicial de uma palavra. Outro exemplo de metaplasmo regularmente observado em alguns diálogos acontece pelo aumento de um fonema no início da palavra, nomeado como “prótese”, por exemplo: “— Fulano, você ‘alembra’ quanto pagou nesse sapato?”. Poderíamos, ainda, dizer que o processo de supressão, aumento, e outros processos de concordância, podem não estar relacionados diretamente com a falta de informação sobre a estrutura/fala correta de uma palavra, mas sim com um processo linguístico natural que atinge várias camadas/classes sociais.

Outro caso importante que merece a nossa atenção é o aparecimento de gírias e expressões idiomáticas em nossa linguagem. Segundo o dicionário online DICIO (2009-2024), a gíria³ é um “Vocabulário momentâneo e novo, ou antigo que passa a possuir novos sentidos, usado por grupos específicos” e também como um “Modo de falar marginal, praticamente impossível de ser entendido por outras pessoas, que estabelece uma relação de pertencimento com o grupo”. A partir dessa definição, é possível dizer que as gírias poderiam ser classificadas como neologismos, devido a sua natureza de expressão recém-criada dentro da língua.

Como uma expressão de linguagem, a gíria também apresenta variações na fala de

² Metaplasmo. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/metaplasmo>. Acesso em: 03 fev. 2024.

³ Gíria. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/giria/>. Acesso em: 03 fev. 2024.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

acordo com a região, classe e cultura. Na música⁴ “A gíria é a cultura do povo” interpretada pelo cantor, compositor, violonista, percussionista Bezerra da Silva, essa expressão linguística é representada da seguinte maneira:

Toda hora tem gíria
No asfalto e no morro
Porque ela é
A cultura do povo

Pisou na bola
Conversa fiada malandragem
Mala sem alça é o couro
Tá de sacanagem

Tá trincado é aquilo
Se toca vacilão
Tá de bom tamanho
Otário fanfarrão

Tremeu na base
Coisa ruim não é mole não
Tá boiando de marola
É o terror alemão [...]

No geral, as gírias representam uma parte importante e mutável da linguagem. Elas se adaptam e evoluem com rapidez, sendo influenciadas por mudanças sociais e culturais. Como destacado por Bezerra da Silva em sua música, "A gíria é a cultura do povo", as gírias têm um papel fundamental na expressão da cultura popular e na formação da identidade de grupos sociais. Por outro lado, as expressões idiomáticas também possuem um papel importante e enriquecedor na nossa língua.

De acordo com Xatara (1998, p.149), “expressão idiomática é uma lexia complexa

⁴ A Gíria é a Cultura do Povo. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/bezerra-da-silva/430884/>. Acesso em: 04 fev. 2024.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”, basicamente, uma expressão idiomática é uma palavra ou frase complexa que não pode ser dividida em partes separadas e que tem um significado cultural específico dentro de um idioma. Com a citação de Xatara (1998), podemos observar o quão complexas e enraizadas culturalmente são as expressões idiomáticas de uma língua.

A influência cultural dessas expressões é fundamental, já que elas são coisas que ficam "presas" na língua devido à tradição cultural. Isso significa que as expressões idiomáticas estão intimamente ligadas à cultura de onde vem, e para entender o significado completo, é preciso aprofundar o conhecimento sobre determinados grupos, etnias e classes. Essas expressões geralmente trazem informações culturais e históricas, o que as torna complexas e enriquece a comunicação entre os seus falantes.

Além disso, a citação destaca que essas expressões idiomáticas tendem a ser bem "fixas", pois são descritas como "cristalizadas". Isso sugere que elas não mudam muito ao longo do tempo, mesmo quando a língua, em geral, muda. Em resumo, o que Xatara está nos mostrando é que as expressões idiomáticas são partes ricas em significado e culturalmente ligadas a uma língua. Elas não são apenas um amontoado de palavras, mas representam a cultura e tradição de quem as fala. Isso nos lembra da importância de considerar o contexto cultural ao ensinar e aprender expressões idiomáticas, e também mostra que o aprendizado de uma língua vai muito além da gramática.

Ensino da língua portuguesa nas escolas

O ensino da Língua Portuguesa pode ser considerado uma das principais funções da educação, ele representa um papel importante no desenvolvimento da comunicação e também contribui para a compreensão entre os indivíduos e as comunidades. A habilidade de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

utilizar e adaptar a linguagem de maneira eficaz não apenas facilita a transmissão de conhecimento, mas também enriquece a experiência da comunicação, permitindo a conexão com outras culturas e a expressão de pensamentos, sentimentos e ideias. O processo de ensino da língua possui vários níveis, abrangendo desde as bases da alfabetização escolar até a exploração de variantes linguísticas, literárias e culturais. Neste tópico, abordaremos como se dá o ensino da língua portuguesa nas escolas e como ele desempenha um papel fundamental na formação da identidade dos alunos e na promoção da comunicação em nossa sociedade.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

É relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico [...]

Segundo Faraco (2008), nos estudos sobre linguagem, a ideia de "norma" apareceu porque era preciso criar um padrão teórico que conseguisse entender, pelo menos em parte, a diversidade existente na língua.

O ensino da norma linguística nas escolas é essencial para o desenvolvimento da habilidade de comunicação dos alunos. No contexto educacional, a norma fornece um conjunto de regras e padrões que permitem que as pessoas se entendam de maneira eficaz. No entanto, os educadores devem abordar esse ensino de maneira equilibrada, reconhecendo a diversidade linguística e cultural. Os alunos devem aprender não apenas as regras da norma, mas também a respeitar as diferentes variedades linguísticas. Além disso, os professores devem estar cientes de que as normas linguísticas podem evoluir com o tempo, sofrendo influências sociais e culturais. Portanto, o ensino da norma deve ser ensinado respeitando a diversidade e a evolução da língua, permitindo que os alunos se tornem

- 311 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

comunicadores competentes e culturalmente conscientes.

Ainda segundo Faraco (2008), nos estudos sobre a linguagem, dizemos que uma língua é mais do que apenas seu lado linguístico. Ela é influenciada pela cultura e pela política. Portanto, definir uma língua não é apenas uma questão de regras linguísticas, mas também de fatores políticos e culturais. Desse modo, quando ensinamos uma língua, não é apenas sobre as regras gramaticais. É importante entender que as línguas estão ligadas à cultura e à política. Isso significa que, ao aprender uma língua, também estamos explorando a cultura e as questões políticas relacionadas a ela. Isso nos ajuda a valorizar a diversidade de variações e a combater o preconceito linguístico, que no Brasil, segundo Bagno (1999, p.15):

[...] embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país — que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito —, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo.

Em seu livro *Nada na língua é por acaso*, Bagno (2007) fala sobre as variações linguísticas e suas consequências sociais, culturais e ideológicas. Como o próprio termo já diz, a variação é responsável por abordar as diferenças linguísticas, mas além disso, o mais extraordinário é o produto fabricado a partir dessas diferenças e interações sociais. Segundo o autor, dentro de uma ótica cientista, as seguintes frases: “os meninos veio” e “os menino vieram” não apresentam um grau de diferenciação mais elevado que o outro, ou mais bonito, correto. Segundo Bagno (2007), do ponto de vista científico, ambas são aceitáveis em decorrência do seu uso. Todavia, fora do círculo científico, a diferença entre essas duas frases, tanto na fala quanto na escrita, pode ser um divisor de águas que tem poder de fazer distinções sociais, discriminações e até mesmo inferiorizar seus falantes.

- 312 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

De acordo com Bagno (2007), a língua pode ser vista por duas ordens de discurso que se contrapõem, o discurso científico, que trabalha com noções de variação e mudança, e o discurso de senso comum, que opera na noção do erro. É possível interpretar essa afirmação do autor diante da seguinte perspectiva: a ciência, ao detectar variações e mudanças linguísticas na língua, assume uma posição mais receptiva em relação às suas variantes, na qual entende as modificações e variações como um processo natural devido às relações dos falantes com a língua. Todavia, o discurso de senso comum atua na noção de erro linguístico, relacionado, na maioria das vezes, a normas e preconceitos arraigados. Nessa dicotomia, podemos observar as diferentes maneiras que uma língua pode ser interpretada: na visão científica, tal como um organismo vivo e em constante ascensão, e, na visão popular, como uma estrutura rígida, sujeita a normas predefinidas.

Quando falamos em ensino de língua portuguesa, o que vem à mente? normas, livro didático, professor e *gramática*.

Mas afinal, gramática: é ou não é pra ensinar? Segundo Bagno (2007, p.69;70):

A resposta é: se for para ensinar gramática como mera repetição da doutrina tradicional, anacrônica e encharcada de preconceitos sociais, definitivamente **não é para ensinar gramática**. Se "ensinar gramática" for entendido como decoreba de nomenclatura sem nenhum objetivo claro e relevante, análise sintática de frases contextualizadas e às vezes até ridículas, definitivamente **não é para ensinar gramática**.

Por outro lado, se ensinar gramática for visto por um viés livre de preconceitos e julgamentos ao analisar discursos, textos escritos e falados, interações sociais diversas, então sim, é para ensinar gramática. A intenção não é desmerecer o conhecimento gramatical, mas sim trabalhar para construir um saber mais consciente, abrangendo as diversas variedades linguísticas, para que nossos futuros alunos não fiquem presos nesse loop de "erro



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

linguístico".

Segundo Bagno (2007), a tentativa de normatizar a língua, transformá-la em um padrão estático, desconsidera seus falantes e cria uma falsa ideia de unificação linguística. Ao analisar os diversos meios de comunicação em língua portuguesa, seja por meio de texto ou da fala, é evidente a grande variedade de processos linguísticos que ocorrem quando indivíduos se comunicam. Alguns desses processos, mencionados anteriormente neste texto, mostram que, independentemente da camada social, idade ou gênero, é quase impossível uniformizar a língua e negar suas variações, assim como definir a língua como uma entidade estática e desprovida de vida. Para educadores, alunos e linguistas, compreender que a língua é um organismo vivo e mutável é essencial. É preciso reconhecer a impossibilidade de uniformizá-la e entender que rotular a fala alheia como errada, simplesmente por não se conformar a estruturas gramaticais preestabelecidas, é um grande equívoco.

Em seu livro *Por que não ensinar gramática na escola*, Possenti (1996) aborda algumas questões relacionadas às aulas de gramática no ensino de língua, principalmente nas séries iniciais, dando ênfase a preocupação com vestibulares e concursos públicos que exigem um certo conhecimento de gramática e regras. No entanto, o autor argumenta que a relevância do conhecimento da gramática nesses contextos pode ser questionada. Além disso, destaca a presença de questões de literatura e interpretação de textos em muitos exames, mostrando a necessidade de considerar outras habilidades além da gramática.

Além disso, o autor fala sobre as críticas relacionadas à abordagem excessivamente prescritiva da gramática, conhecida como "gramatiquice", sem dizer que a escola deva ser isenta da reflexão sobre questões linguísticas. Ele enfatiza a relevância de renovar a discussão e modificar prioridades, destacando que refletir sobre a língua é uma atividade natural dos seus falantes. O autor sugere que discutir preconceitos linguísticos pode ser mais relevante do que análise sintática, embora reconheça a importância desta última. Ademais,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

ele aponta para a existência de melhores critérios para analisar fatores linguísticos do que os utilizados nas gramáticas e manuais escolares. Por último, levanta umas das principais obviedades segundo ele, o papel indispensável do professor na mudança de hábitos no ensino da língua, pois sem ele como peça principal não haveria transformação.

Em seu livro *Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística e educação*, Bortoni-Ricardo (2005, p.13), cita uma fala de um dos maiores educadores dos últimos tempos que repercutiu na época:

Quando o professor Paulo Freire foi empossado secretário da Educação do município de São Paulo, fez uma declaração que causou estranheza: a de que professoras não devem criticar ou reprimir um aluno que fale coisas como “nós chegemu”.

Segundo a autora “qualquer posição que coloque ou pareça colocar em risco a pureza e a propriedade do idioma pátrio será sempre recebida no mínimo com perplexidade ou resistência” (Bortoni-Ricardo, 2005, p.13). Esta fala representa uma das maiores obviedades talvez já ditas anteriormente, que o valor associado ao português padrão, considerado até como uma herança de tempos mais antigos, é algo profundamente arraigado à nossa cultura, podemos, de certa forma, questioná-lo e oferecer novos meios de ensino-aprendizagem para superar algumas injustiças relacionadas ao seu ensino, mas negá-lo é simplesmente impossível, e claro, nunca foi essa a intenção.

Ainda segundo Bortoni-Ricardo (2005, p.14), “A escola é norteada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado”. Para a autora, as diferenças linguísticas vinculadas socialmente não recebem a devida atenção. Podemos dizer que essa abordagem na educação que tem como objetivo priorizar o ensino da cultura dominante e que considera qualquer desvio à regra como defeituoso reflete uma realidade que pode excluir ou marginalizar as diferentes formas

- 315 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

de expressão linguística. Isso acontece, principalmente, quando o aluno ingressa na escola, nessa fase, ele traz consigo uma bagagem cultural de variação linguística adquirida em seu ambiente residencial, nas interações com pessoas próximas e sob a influência de diversos fatores externos. Entretanto, ao chegar à instituição de ensino, sua linguagem cotidiana, que reflete essas múltiplas influências, é muitas vezes alvo de discriminação.

Então como fica a escola? Segundo Bortoni-Ricardo (2005, p.15), “A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa”. Segundo a autora, é importante que o *professor*, como já destacado anteriormente, tenha uma papel ativo no ensino, e que através desse papel seja capaz de apresentar aos seus alunos essas distintas variações que podem ser usadas em contextos linguísticos diferentes, e que essas variantes têm o poder de conferir prestígio ou desmoralizar seu falante, dependendo da situação comunicativa. Além disso, a autora diz que é importante que os alunos sejam respeitados quando utilizarem suas variantes linguísticas em sala de aula, sem negá-los o direito de aprendizagem das mais “prestigiadas”, até porque esses alunos que utilizam essas variantes, consideradas socialmente menos rebuscadas, já enfrentam dificuldades no meio social.

Bagno (2007) também discute sobre o ensino das diferentes variantes linguísticas na educação escolar. Segundo o autor, existem três alternativas possíveis para lidar com esse fenômeno:

- a) desconsiderar as contribuições da ciência linguística e levar adiante a noção de "erro", insistindo no ensino da gramática normativa e da norma-padrão tradicional como única forma "certa" de uso da língua;
- b) aceitar as contribuições da ciência linguística e desprezar totalmente a antiga noção de "erro", substituindo-a pelos conceitos de variação e mudança;
- c) reconhecer que a escola é o lugar de interseção inevitável entre o saber



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

erudito-científico e o senso comum, e que isso deve ser empregado em favor do/a estudante e da formação de sua cidadania (Bagno, 2007, p.78)

Segundo o autor, a opção que melhor nos orienta é a “c”, pois apresenta uma abordagem mais receptiva em relação às questões da linguagem, sociedade e ensino, além disso, o autor fala que essa opção nos ajuda a compreender o conceito de "dupla face" ou erro de português encontrado na língua. O conceito de “erro de português” não existe na face linguística, pois seria basicamente um fenômeno natural da língua. Já na face sociocultural, este erro existe pois é fruto de observações da linguagem dos falantes segundo critérios de análise linguística, ou melhor, preconceitos.

Considerações finais

Como intuito de finalizar essa análise sobre As Variedades da Língua Portuguesa no Ensino Aprendizagem e o Preconceito Linguístico, cabe fazer uma retomada de alguns pontos importantes citados ao longo do texto. Como mencionado por diversos autores no decorrer deste trabalho, torna-se de extrema importância que a comunidade reconheça a diversidade linguística presente na nossa sociedade como um objeto enriquecedor da língua no ambiente educacional e social. A trajetória da língua portuguesa no Brasil aconteceu através de diversas transformações no decorrer do tempo, e como já discutido, muitos autores contribuíram de maneira eficaz para a compreensão dessas expressões linguísticas, enfatizando principalmente a necessidade de superar noções como “erro linguístico”. De acordo com a BNCC, é necessário que a escola reconheça e valorize realidades e diversidades linguísticas sem preconceito, além disso, o papel do professor se faz crucial neste processo, pois além de ser o principal transmissor do conhecimento ele também atua como transformador de outras realidades, e é por essa razão que esperamos que os

- 317 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

professores trabalhem para criar um ambiente mais acolhedor para os seus alunos, deixando um pouco de lado os “erros” cometidos pelos seus falantes. Para sintetizar esse pensamento, é papel da escola e dos professores trabalhar para proporcionar um ambiente acolhedor onde as diferenças sociolinguísticas não sejam vistas como erro mas sim como variadas formas de se expressar. E mais uma vez, o objetivo não é de forma alguma abolir a norma culta, mas sim criar um ambiente acolhedor livre de preconceitos culturais e linguísticos.

Referências

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia de variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós cheguem na escola, e agora?**: sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Norma culta e variedades linguísticas**. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação**: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 34-49, v. 11.

CAMINHA, Pero Vaz de. "Carta de Pero Vaz de Caminha". In: "**Cartas do Brasil**: Primeiros Documentos da Terra de Santa Cruz". Organização de Nelly Novaes Coelho. Editora: Ediouro, 1998, p. 22.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta de Pero Vaz de Caminha**: O Descobrimento do Brasil. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000003.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

POSSENTI, Sírío . **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa:** Tradução de Celso Cunha. Brasil: Martins Fontes, 1980.

XATARA, C. M. O campo minado das <i>expressões idiomáticas</i>. ALFA: **Revista de Linguística**, São Paulo, v. 42, n. 1, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4048>. Acesso em: 01 fev. 2024.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**AS VISÕES E CONTRAPARTIDAS NO ROMANTISMO ATRAVÉS DO TEXTO
LITERÁRIO UBIRAJARA DE JOSÉ DE ALENCAR**

Guiel Aparecido Barbosa Muniz (G-CLCA-UENP/CJ)

Marcelo Reis da Silva (G-CLCA-UENP/CJ)

Ricardo André Ferreira Martins (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Este trabalho tem por objetivo mostrar como o autor busca José de Alencar busca valorizar as origens do Brasil através da literatura, mostrando que é uma cultura rica, com história únicas e cenários maravilhosos, se utilizando de personagens próprios e marcantes, de antemão mostrar que algumas das características dos personagens embora sejam nativos do nosso país, ainda contém traços de heróis e princesas europeias no seu cerne. Através de trechos do livro e citações de artigos científico que também realizaram essa pesquisa, vamos trabalhar pontos importantes para que seja possível essa visualização, através da utilização de material didático como textos impressos e slides em sala de aula.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Indianista. Romantismo.

Introdução

Partiremos do princípio falando um pouco sobre a motivação deste gênero literário tão importante, o Romantismo.

O romantismo teve origem na Europa, mais especificamente na Alemanha e na Inglaterra, no final do século XVIII. A partir desses países, o movimento se espalhou para outras regiões do continente, como França, Itália e Espanha, e também alcançou influência em outros lugares do mundo. Cada país teve suas características e peculiaridades no desenvolvimento do romantismo, adaptando o movimento às suas próprias realidades culturais e sociais. Foi um período de grande efervescência artística e literária, com diversas expressões culturais românticas florescendo em diferentes lugares. O romantismo foi, sem dúvida, um movimento internacional que deixou um legado duradouro na história da arte e



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

da literatura.

Romantismo no Brasil

Como já dito, esse movimento cultural e artístico que surgiu no final do século XVIII e se estendeu até meados do século XIX. Ele valorizava a emoção, a liberdade, a natureza e a expressão individual. Os escritores românticos buscavam uma linguagem mais emotiva e subjetiva, explorando temas como o amor, a morte, o sobrenatural e a exaltação da natureza. Muitas obras românticas tinham enredos cheios de emoção e dramaticidade, refletindo as paixões humanas e os conflitos sociais da época. Além disso, o romantismo influenciou diferentes formas de arte, como a pintura, a música e a arquitetura, criando um período culturalmente rico e diversificado. Foi uma época de muita inspiração e criatividade.

Foram tantos grandes nomes que surgiram nesse período, que é difícil escolher apenas um, mas um dos maiores expoentes do romantismo na literatura foi o escritor inglês William Wordsworth. Ele é famoso por seus poemas líricos e pela maneira como expressava emoções e sentimentos por meio de sua escrita. Além disso, outros renomados escritores como Lord Byron, Jane Austen, Victor Hugo, Johann Wolfgang von Goethe, William Blake, Edgar Allan Poe, entre outros, também deixaram suas marcas e contribuíram significativamente para o movimento romântico. Cada um deles trouxe sua própria visão e estilo, enriquecendo assim a literatura romântica.

O romantismo no Brasil se tornou um movimento literário e cultural que teve um impacto significativo no país durante o século XIX. Este período foi marcado por uma valorização das emoções, da subjetividade e da identidade nacional, e influenciou não só a literatura, mas também as artes plásticas, a música e o teatro brasileiros. Alguns dos principais aspectos do romantismo no Brasil incluem:

- 321 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Nacionalismo: Os escritores românticos brasileiros buscavam valorizar e exaltar a cultura, a natureza e a história do Brasil, muitas vezes retratando a exuberância da natureza tropical e a figura do índio como símbolos de brasilidade.

Indianismo: Muitos escritores românticos brasileiros exploraram temas relacionados aos povos indígenas, criando narrativas que idealizavam e romantizavam a vida e a cultura dos nativos, como é o caso de obras como "Iracema" e "Ubirajara", de José de Alencar.

Subjetividade e Emoção: A expressão dos sentimentos pessoais e a ênfase nos conflitos emocionais foram características marcantes do romantismo brasileiro, com os autores explorando temas como o amor, a paixão e a melancolia de forma intensa e emotiva.

Idealização do passado: O romantismo brasileiro frequentemente idealizava épocas passadas, retratando-as como tempos de pureza, heroísmo e nobreza, assim como cultuando a figura do herói nacional, muitas vezes ligado a episódios históricos.

O romantismo no Brasil foi um período culturalmente rico, com uma produção literária diversa e influente, que contribuiu para a formação da identidade nacional e influenciou e influencia até hoje, gerações posteriores de escritores e artistas, e como já citado, o indianismo foi um gênero de grande relevância para nossa cultura literária no Brasil. No romantismo brasileiro, destacam-se alguns dos maiores nomes da literatura nacional, como:

José de Alencar: autor de obras como *Iracema*, *Senhora* e *O Guarani*, José de Alencar é considerado um dos principais escritores do romantismo no Brasil. Como já citado, suas obras exploram temas como a exaltação da natureza, a idealização do amor e a valorização da cultura nacional, além de fortes críticas contra a sociedade que desvalorizava o povo indígena.

Gonçalves Dias: poeta conhecido por obras como *Canção do Exílio* e *I-Juca Pirama*, Gonçalves Dias foi um dos principais representantes do indianismo na literatura



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

brasileira, valorizando a cultura e os mitos indígenas.

Álvares de Azevedo: autor de obras como *Noite na Taverna* e *Lira dos Vinte Anos*, Álvares de Azevedo é uma figura importante do romantismo brasileiro, explorando temas como a morte, o amor e a melancolia em sua poesia.

Além dos grandes nomes que foram citados acima, o romantismo brasileiro também teve outros escritores importantes que deixaram sua marca na literatura nacional. Alguns desses principais escritores do romantismo no Brasil são:

Machado de Assis: Embora tenha consolidado sua carreira literária no realismo, Machado de Assis também foi influenciado pelo *romantismo* em suas primeiras obras. O autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro* trouxe um olhar crítico e irônico sobre a sociedade brasileira.

Castro Alves: Conhecido como o *Poeta dos Escravos*, Castro Alves foi uma figura importante do romantismo brasileiro, engajado na luta pela abolição da escravatura. Sua poesia é marcada pelo engajamento político e social, com obras como *Espumas Flutuantes* e *Navio Negreiro*.

Bernardo Guimarães: Autor de *A Escrava Isaura* e *O Seminarista*, Bernardo Guimarães foi um dos principais representantes do romantismo urbano brasileiro, abordando temas como a vida nas cidades, as relações amorosas e a crítica social.

Estes são apenas alguns dos principais nomes do romantismo no Brasil, cujas obras contribuíram significativamente para a riqueza e o desenvolvimento da literatura nacional e para a consolidação de uma identidade literária brasileira.

Voltando agora ao tema deste trabalho, vamos focar no gênero indianista, no qual consagrou José de Alencar. A literatura indianista foi um importante subgênero do romantismo brasileiro, que se dedicava a retratar a vida e a cultura dos povos indígenas do Brasil. Muitos escritores românticos exploraram temas relacionados aos povos indígenas,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

criando narrativas que idealizavam e romantizavam a vida e a cultura dos nativos. A exaltação do índio e de sua relação com a natureza eram características marcantes desse movimento literário. O indianismo teve grande impacto na literatura brasileira, influenciando obras importantes como *Iracema*, *O Guarani* e *Ubirajara*, de José de Alencar. Suas narrativas transportavam os leitores para um universo mágico e fascinante, repleto de aventuras e elementos naturais.

No Brasil, o movimento indianista na literatura foi bastante representativo e teve alguns escritores que se destacaram nesse estilo. Alguns dos mais importantes nomes da literatura indianista brasileira que incluem Gonçalves Dias, conhecido por seu poema *Canção do Exílio* e pela obra *Os Timbiras*. As contribuições são significativamente para a valorização da cultura indígena e para a construção de uma identidade brasileira por meio de suas narrativas indianistas.

Os autores indianistas buscavam, por meio de suas obras, resgatar a identidade nacional, valorizando a cultura indígena e a natureza brasileira, sempre que possível, evidenciavam a “cor local”, fomentando as belezas naturais do Brasil, mostrando que o país era rico em abundâncias naturais, já que a Europa era valorizada até mesmo na questão dos heróis de cavalaria, castelos, etc. Eles exploravam temas relacionados à terra, à origem do povo brasileiro e à relação com a natureza, destacando a figura do índio como símbolo de pureza, liberdade e resistência. Além disso, os escritores indianistas também tinham o objetivo de romper com a influência literária europeia e criar uma literatura autenticamente brasileira, baseada em elementos locais e na diversidade cultural do país. Ao retratar os povos indígenas em suas obras, os autores indianistas buscavam resgatar a história e as tradições ancestrais do Brasil, contribuindo para a formação de uma consciência nacional e para a valorização da diversidade cultural do país.

José de Alencar foi um renomado escritor brasileiro do século XIX, considerado



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

uma figura central no movimento do romantismo no Brasil. Nascido em 1829, no Ceará, Alencar contribuiu significativamente para a literatura brasileira por meio de suas obras que exploravam temas como amor, nacionalismo, idealização da natureza e exaltação do indígena. No entanto, foi um dos pioneiros a retratar o cenário brasileiro em suas obras, apresentando as paisagens, as culturas e a diversidade do país, o que o tornou um importante representante do indianismo na literatura brasileira. Suas obras, como *Iracema*, *O Guarani* e *Ubirajara*, foram fundamentais para a construção de uma identidade nacional na literatura, influenciando gerações de escritores posteriores.

Além de seus romances, José de Alencar também atuou como político e jornalista, utilizando sua voz para defender suas ideias e contribuir para a formação da identidade nacional brasileira.

Contudo, é importante ressaltar que, assim como outros escritores do romantismo, José de Alencar também foi criticado por idealizar em excesso a realidade, criar estereótipos e apresentar visões românticas e idealizadas em suas obras.

Em resumo, José de Alencar foi um escritor brasileiro influente, cujas obras contribuíram para a formação da literatura e identidade nacional do Brasil, explorando temas românticos e exaltando as características do país, consagrado por suas grandes obras em nossa literatura, nos apresenta uma delas com grande impacto ante a valorização das tribos indígenas. O livro *Ubirajara* foi publicado pela primeira vez em 1874, como parte do livro *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios*, escrito por ele mesmo. Este livro é uma coleção de cartas fictícias que exploram a história indígena brasileira. A Obra *Ubirajara* de José de Alencar apresenta várias características indígenas que desempenham um papel fundamental na narrativa e na ambientação da história. Das principais características indígenas presentes no livro podemos destacar, cultura e trajes Indígenas, o livro explora detalhadamente a cultura e os trajes dos povos indígenas tupis-guaranis, incluindo suas práticas de caça, pesca,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

rituais religiosos e formas de organização social. Isso oferece aos leitores uma visão profunda da vida dessas comunidades, destacam-se ainda a religião.

Todo o enredo da história se passa anos antes da chegada dos colonizadores europeus ao Brasil, através do então jovem guerreiro *Ubirajara* da tribo Tupi, filho do líder da tribo dos índios Araguaia. O personagem titular ou personagem central *Ubirajara*, é um líder tupi que desafia as tradições de sua tribo em nome do amor por sua amada *Araqém*. A história gira em torno de seu conflito pessoal e cultural. *Ubirajara* vem a ser um guerreiro com muitas habilidades, corajoso e sagaz que busca provar a todo custo sua importância dentro de sua tribo, além de conquistar o amor de *Moema*, uma bela jovem índia. No entanto, sua jornada é marcada por desafios, aventuras e desacertos pelo seu caminho, incluindo a rivalidade com um guerreiro chamado *Abati*, que também busca conquistar o coração de *Moema*.

José de Alencar nos traz os traços mais importantes da nossa natureza como fauna e flora (chamado de cor local), com toda a sutileza e robustez num contraste ímpar, onde conhecemos as minúcias do que de certa forma era a vivência dos índios. O romance explora as tradições, as crenças e valores das tribos indígenas no Brasil, bem como suas fortes relações com a natureza e com outros grupos da região, evidenciando seu apreço pela cultura indianista. Através da história de *Ubirajara* que José de Alencar também aborda questões de honra, coragem, lealdade e amor, enquanto descreve de forma inigualável um retrato romântico e idealizado do Brasil pré-colonial. A obra é notável por seu foco na cultura e na vida dos povos indígenas brasileiros, especificamente os tupis-guaranis. Alencar tinha um interesse profundo pela cultura indígena e explorou isso em várias de suas obras. *Ubirajara* é uma combinação de romance e nacionalismo. José de Alencar frequentemente usava suas obras para promover um senso de identidade nacional brasileiro e valorizar a herança indígena.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Alencar é conhecido por sua linguagem rica e descritiva, e *Ubirajara* não é diferente. A obra apresenta uma linguagem poética e detalhada que ajuda a transportar o leitor para o ambiente e a cultura indígena retratada. Esta obra considerada uma das obras importantes do Romantismo brasileiro e contribuiu para o desenvolvimento da literatura nacional. Ela também contribuiu para outros escritores a explorar temas indígenas em suas obras onde o autor mescla elementos de romance, épico e etnografia em *Ubirajara*, criando uma obra única que combina narrativa ficcional com exploração cultural.

Encontraremos nessa história, os conflitos entre tribos indígenas que disputavam partes das terras na região em que habitavam, sempre motivados pela ascensão de seu império e domínio maior do território. É nesse contexto que somos apresentados a essa história, que choca as disputas territoriais de tribos indígenas, com o amor avassalador dos protagonistas *Ubirajara* e *Moema*, que são de tribos diferentes, e que guerreavam constantemente pelo poder. Todo esse cenário em meio as matas brasileiras, com pitadas de uma literatura europeia no sentido da paixão ideológica proveniente do século XVII em que se passa toda a trama. Esses elementos destacam a importância e a singularidade da obra *Ubirajara* de José de Alencar na literatura brasileira.

Considerações finais

A visão do romantismo segundo José de Alencar está intimamente ligada à exaltação da natureza, dos sentimentos e da cultura nacional. Ele via o romantismo como uma forma de expressão genuína dos valores e das características brasileiras, promovendo a valorização das raízes do país e estimulando o orgulho da identidade nacional.

Alencar acreditava que o romantismo representava uma oportunidade de enaltecer as particularidades do Brasil, explorando a exuberância natural, a diversidade cultural e a



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

força do povo brasileiro. Por meio de suas obras, ele buscava apresentar uma visão idealizada do país, retratando cenários naturais deslumbrantes, exaltando o amor e valorizando a cultura indígena.

Sua visão romântica incluía a crença na força dos sentimentos, na exaltação do amor como uma força transformadora e na valorização da individualidade e da emoção. Alencar via o romantismo como uma forma de expressão artística que exaltava a liberdade criativa e a capacidade de emocionar e inspirar o público.

Assim, para José de Alencar, o romantismo representava a oportunidade de enaltecer e celebrar as riquezas naturais e culturais do Brasil, promovendo uma visão idealizada e emotiva da realidade, mas também gerando um senso de identidade nacional e orgulho pela nação.

Sua visão sobre o romantismo era como uma forma de expressão que exaltava a natureza, os sentimentos e a cultura nacional. Ele acreditava que o romantismo era uma oportunidade de enaltecer as particularidades do Brasil, explorando a exuberância natural, a diversidade cultural e a força do povo brasileiro.

Para Alencar, o romantismo representava uma visão idealizada do país, retratando cenários naturais deslumbrantes, exaltando o amor e valorizando a cultura indígena. Ele buscava promover uma visão do Brasil que destacasse as riquezas naturais e culturais, além de estimular um senso de identidade nacional e orgulho pela nação.

Além disso, o escritor via o romantismo como uma forma de exaltação dos sentimentos, valorizando a emoção, o amor e a individualidade. Ele acreditava na força dos sentimentos como uma força transformadora e buscava promover a liberdade criativa e a capacidade de emocionar e inspirar o público por meio de suas obras.

O romance *Ubirajara* possui diversos elementos que o destacam como uma obra representativa do indianismo, um dos principais movimentos literários do romantismo



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

brasileiro. Alguns dos elementos específicos presentes no livro incluem:

Ambientação na cultura indígena: *Ubirajara* se passa em um contexto indígena, trazendo elementos da cultura, costumes e mitologia dos povos nativos do Brasil. Alencar busca retratar de forma idealizada a vida e a organização social dos índios brasileiros, enfatizando suas tradições, relações familiares, crenças e valores.

Herói indígena: O protagonista, *Ubirajara*, é um líder indígena corajoso e nobre, que representa as virtudes e valores idealizados pelos indianistas. Sua jornada pessoal e seu caráter exemplificam as qualidades que Alencar associava aos povos nativos, como a coragem, a honra e a ligação profunda com a natureza.

Conflito entre culturas: O romance aborda o choque e a interação entre a cultura indígena e a cultura europeia, representada pela chegada dos colonizadores portugueses. Esse contraste serve como pano de fundo para explorar questões de identidade, resistência cultural e a visão romântica de um passado pré-colonial.

Linguagem exuberante: Assim como em outras obras de Alencar, *Ubirajara* apresenta uma linguagem rica e exuberante, repleta de imagens, metáforas e descrições que buscam enaltecer a natureza, os sentimentos e a cultura indígena.

Esses elementos contribuem para a construção de um romance que expressa as visões idealizadas do indianismo, valorizando a cultura e a temática indígena dentro do contexto romântico brasileiro do século XIX.

Em *Ubirajara*, as críticas são tão presentes quanto as emoções intensas e os conflitos épicos, que podemos lista-las para uma melhor mensuração:

Crítica à colonização: Alencar apresenta críticas à maneira como a colonização europeia impactou a cultura e a sociedade indígena, explorando as consequências desse choque de civilizações.

Crítica ao processo de aculturação: O autor aborda como a imposição de valores e



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

costumes europeus sobre os povos nativos resultou na perda de identidade e na descaracterização das tradições indígenas.

Crítica à imposição do cristianismo: Alencar questiona a imposição do cristianismo sobre os povos indígenas, evidenciando os conflitos e contradições decorrentes desse processo de conversão forçada.

Crítica à dualidade entre homens brancos e índios: A narrativa oferece uma reflexão sobre as diferenças e os conflitos entre os colonizadores e os povos nativos, expondo as contradições e injustiças presentes nesse contexto.

Essas críticas evidenciam a perspicácia e a profundidade com que José de Alencar aborda questões sociais e culturais em "Ubirajara", demonstrando a relevância da obra não apenas como uma história épica, mas também como um instrumento de reflexão sobre a sociedade e a história do Brasil.

Em resumo, José de Alencar enxergava o romantismo como uma oportunidade de valorizar e celebrar as riquezas naturais e culturais do Brasil, promovendo uma visão idealizada e emotiva da realidade e estimulando um senso de identidade e orgulho nacional.

Temos que considerar que, como parte do contexto histórico em que o livro foi escrito, ele pode conter algumas representações socioculturais que não são em sua totalidade precisas ou sensíveis quanto a veracidade e às realidades dos povos indígenas. Aos termos a experiência de leitura a obra "Ubirajara", é aconselhável fazê-la de forma mais branda, com uma compreensão crítica e uma apreciação das influências que ela carrega e das limitações convenientes do período histórico em que foi escrito por José de Alencar. Para o contexto de análise da obra, verificamos alguns resquícios de comparação com as obras europeias, incendiadas pelo amor entre os protagonistas e suas desventuras entre as matas, passando por diversas situações inusitadas, regadas ao bel prazer da conquista e de um sonho de amor com as nuances de um final feliz entre os casal, embora Alencar queira ressaltar as questões



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

históricas do nosso povo ancestral, valorizando tudo aquilo que de mais belo a natureza nos proporcionou, não podemos deixar de notar essas frestas nos entremeios do texto.

O livro trata de temas como as relações conflituosas entre indígenas e colonizadores portugueses, a luta pela autonomia dos povos nativos em um contexto de invasão estrangeira. Com uma narrativa romântica, José de Alencar os costumes e as crenças dos povos indígenas, sem deixar de destacar os desafios enfrentados por eles em meio a mudanças drásticas em seu modo de vida, tudo com a visão de uma pessoa branca, relatando todos os fatos que acontecem numa tribo indígena.

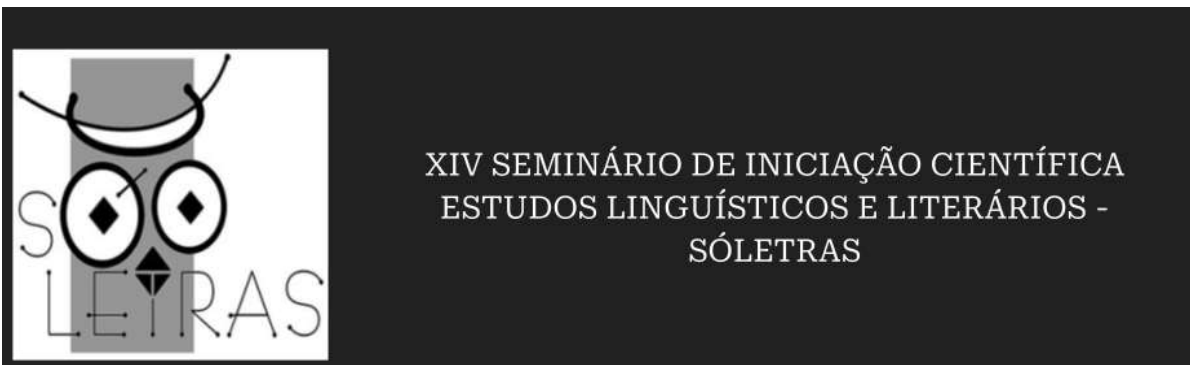
Apesar da idealização dos indígenas e da natureza, o livro também nos apresenta uma visão dupla/ambivalente. José de Alencar critica os aspectos da cultura indígena, como a violência, ao mesmo tempo em que nos mostra seus aspectos nobres. Isso reflete o desejo do autor de construir uma imagem romântica e heroica, como a criação do herói nacional, mas também realista dos povos indígenas.

Ubirajara, escrito por José de Alencar, é uma obra que reflete as características do romantismo brasileiro do século XIX. O romance apresenta uma visão romântica da natureza e do indígena brasileiro, explorando temas como idealização, exotismo e nacionalismo.

No livro, vemos a exaltação da natureza como um cenário majestoso que reflete os sentimentos dos personagens. Alencar descreve as paisagens brasileiras de maneira idílica e grandiosa, contribuindo para a construção de um sentimento de nacionalismo e amor pela pátria.

Além disso, a figura do indígena é romanticamente idealizada, retratada como nobre, corajosa e ligada à sua terra. O protagonista, *Ubirajara*, é um líder indígena que personifica essas características, revelando uma visão romântica do nativo americano como um símbolo de pureza e autenticidade.

Por outro lado, o romance também apresenta contrapartidas do romantismo, como a



idealização excessiva dos personagens e a representação estereotipada do indígena. José de Alencar retrata uma visão romântica idealizada da realidade, criando personagens e situações que refletem os ideais e as aspirações da época.

Em suma, *Ubirajara* reflete as visões e contrapartidas do romantismo ao explorar a natureza, o indígena e o sentimento nacionalista, ao mesmo tempo em que revela as idealizações e estereótipos presentes nesse movimento literário buscando destituir aquela visão que foi criada sobre um contexto europeu como sendo o mais correto e de melhor aceitação, por assim dizer, buscando evidenciar nossos pontos de valorização e maior destaque.

Referências

OLIVEIRA, Amael. Nação e natureza em *Ubirajara*, de José de Alencar. **Mafuá**. Florianópolis, n. 12, s. p., 2010. Disponível em: <https://mafua.ufsc.br/2010/nacao-e-natureza-em-ubirajara-de-jose-de-alencar/>

SANTIAGO, S. **Roteiro para uma leitura intertextual de *Ubirajara***. In: ALENCAR, J. de. *Ubirajara* (apresentação). São Paulo: Ática, 2003.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

ATIVIDADE LÚDICA: PIZZA LITERÁRIA

Amanda Teixeira Faria (Bolsista PIBID-G-CLCA-UENP/CJ)
Felipe Miguel da Silva Begrami (Bolsista PIBID-G-CLCA-UENP/CJ)
Vera Maria Ramos Pinto (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Motivar os alunos a lerem é uma prática pedagógica não muito fácil, pois, no contexto atual, sabemos que a maioria dos nossos estudantes não gostam de ler. Conseqüentemente, podemos notar dificuldades apresentadas por eles no que diz respeito à compreensão e interpretação de textos, a erros de ortografia e à produção de textos. Diante disso, buscamos atividade lúdica, a pizza literária, que pudesse motivar os alunos a lerem, com mais prazer e fruição, o livro O Pequeno Príncipe, de Saint Exupéry. Neste artigo, portanto, temos como objetivo apresentar como realizamos a pizza literária e os resultados alcançados por meio dessa atividade, enquanto bolsistas do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), Subprojeto de Língua Portuguesa, da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus Jacarezinho, em salas de aula de dois sextos anos, A e B, do Colégio Estadual Rui Barbosa, da cidade de Jacarezinho/PR, sob a supervisão da professora Silvana Querino da Silva.

Palavras-chave: Lúdico. Letramento literário. Prática pedagógica.

Introdução

Motivar os alunos a lerem é uma prática pedagógica importante para o letramento crítico dos alunos e para sua formação como indivíduo que atua dentro de uma sociedade contemporânea, contudo não é uma tarefa fácil, pois, no contexto atual, sabemos que a maioria dos nossos estudantes não gostam ou não possuem facilidade com o processo de letramento literário.

Conseqüentemente, podemos notar dificuldades apresentadas pela maioria dos alunos no que diz respeito à compreensão e interpretação de textos, a erros de ortografia e à produção de textos. Diante disso, buscamos trabalhar a atividade lúdica, a pizza literária,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

buscando motivar os alunos a lerem, com mais prazer e tranquilidade, o livro *O Pequeno Príncipe*, de Antoine Saint Exupéry.

Neste artigo, portanto, objetivamos apresentar como realizamos a pizza literária e os resultados alcançados por meio dessa atividade lúdica, enquanto discentes do 2º ano do curso de Letras: Português/Inglês e bolsistas do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), Subprojeto de Língua Portuguesa, da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus Jacarezinho, em salas de aula de dois sextos anos, A e B, do Colégio Estadual Rui Barbosa (CERB), da cidade de Jacarezinho/PR, sob a supervisão da professora Silvana Querino da Silva.

Metodologicamente, este trabalho ancora-se no relato de experiência e também em uma pesquisa bibliográfica, cujo embasamento teórico foi pautado em autores como: Cosson (2007), Cardia (2011), Cainelli (2017) e Vieira (2016).

A Pizza Literária: o que é

A “Pizza Literária” foi uma atividade proposta pela professora Silvana Querino da Silva, professora supervisora do Pibid, com o intuito de estimular o “apetite” pela leitura, por meio do clássico da literatura infanto-juvenil *O Pequeno Príncipe*, de Antoine Saint Exupéry, nos alunos dos 6ºanos do Ensino Fundamental II.

O objetivo da proposta visou trabalhar com a formação leitora crítica dos estudantes por meio do lúdico, da cooperatividade entre os colegas e das atividades em grupo, promovendo a comunicação, expressões artísticas, protagonismo juvenil e a interdisciplinaridade entre as disciplinas de Língua Portuguesa e Artes.

Destacamos a importância da “Pizza Literária” no processo de aprendizagem dos estudantes, visto que foi a partir dela que os alunos entenderam que o processo de leitura não



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

precisa ser algo denso, cansativo ou forçado, pelo contrário, a leitura deve ser algo instigador, que fomenta a vontade, especula indagações e levanta interpretações.

Diante dessas considerações, podemos afirmar que a execução da “Pizza Literária” é uma simples proposta didática, contudo com grandes práticas pedagógicas e um aprendizado para a formação discente e docente no processo educacional.

Professores do Instituto Educacional, da cidade de Passo Fundo/ RS, realizaram essa atividade em salas de aula do Ensino Fundamental II e afirmaram

Todos gostamos de saborear uma boa pizza e sempre escolhemos diferentes sabores. Assim deve ser a leitura. A leitura deve ser degustada e saboreada. Pois ler vai muito além de folhear um livro. Ler é degustar, é entender, é conhecer o processo de construção da obra, mergulhar a fundo na história e se divertir muito. E com o projeto da Pizza Literária, tudo isso é oportunizado ao estudante que torna-se protagonista de sua aprendizagem e fomentador de novos conhecimentos. (Pizza Literária - Ensino Fundamental II. Disponível em: <https://www.iepassofundo.com.br/Noticia/pizza-literaria---ensino-fundamental-ii>, 2023.)

Isso posto, entendemos que propostas pedagógicas, como a Pizza Literária, promovem a leitura entre os alunos, tornando-se uma prática didático- pedagógica que pode ser sempre realizada nas escolas, visto que é uma atividade simples, econômica, proporcionando a leitura, a interpretação, o letramento literário crítico, podendo terminar em um evento escolar, com convidados, para degustação de um lanche com pizzas.

Desenvolvimento da pizza literária nos 6º anos

A “Pizza Literária” foi desenvolvida em salas de sextos anos, o 6º ano A e o B, na disciplina de Língua Portuguesa (LP), com 30 alunos cada uma. Ambas as salas



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

participaram de maneira extraordinária da atividade proposta pela professora Silvana, realizando as demandas presentes, como a leitura do livro, escolha dos grupos, confecção das fatias de pizza, pesquisas na internet e a intervenção artística, possibilitando a comunicação, cooperatividade, responsabilidade e inclusão, enriquecendo assim, o protagonismo juvenil presente em cada um dos estudantes, atuando em seu processo de formação.

Conforme já mencionado, o livro escolhido para essa atividade foi *O Pequeno Príncipe*, famoso livro de literatura infantil, do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry.

Antes de prosseguirmos com as etapas para a realização da Pizza Literária, apresentamos uma síntese do livro *O Pequeno Príncipe* com base em Beltrão (2024, on-line).

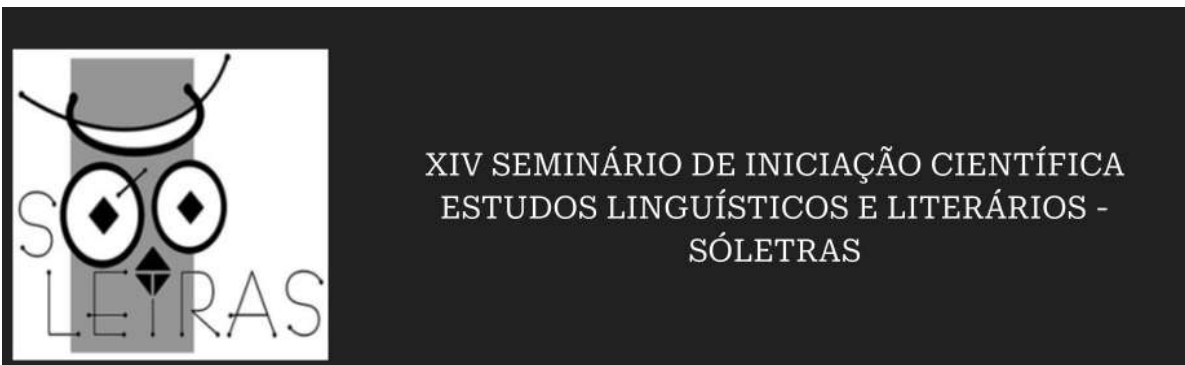
O Livro *O Pequeno Príncipe*, de Antoine Saint Exupéry

O Pequeno Príncipe, famoso livro de literatura infantil, do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry, teve sua publicação no ano de 1943. Narra a história de um aviador que, ao cair no deserto com seu avião, depara-se com um pequeno menino de cabelos dourados e roupas da realeza.

Desse encontro das duas personagens, somos comovidos por uma história sensível que traz consigo reflexões sobre a vida e seus princípios. Com a união do pequeno menino-príncipe e o piloto de avião, nasce a obra que discorre temas universais de maneira poética.

Enquanto o enredo se desenrola com as aventuras vividas pelo personagem principal, o menino se choca com as contradições dos adultos. Ele é uma criança que viaja entre planetas por um asteroide e é a primeira vez que tem contato inicial com esse mundo até então desconhecido por ele.

A narrativa é feita por meio do aviador, que se sensibiliza com a maneira como o pequeno enxerga as questões da vida e a amizade, e as experiências compartilhadas com



outros personagens como Rosa. O tom existencialista do livro é algo que ganha o apreço de muitos leitores mais velhos e, por conta disso, sua fama é notada no mundo todo. As questões filosóficas que podem ser ignoradas pelo público infantil comovem e emocionam.

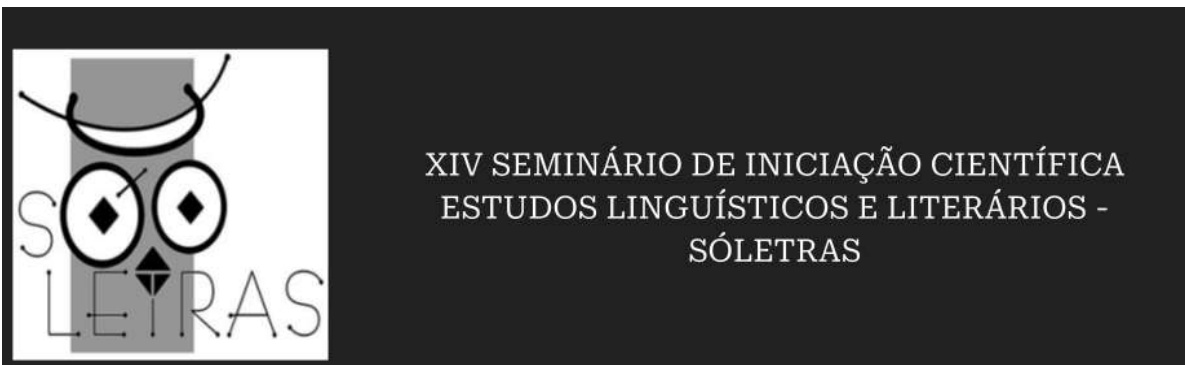
Etapas da Pizza Literária: passo a passo

Inicialmente, os alunos foram inseridos na plataforma “Leia Paraná”, onde é disponibilizado livros para a formação complementar leitora dos alunos de rede pública paranaense, e iniciaram a leitura do livro “O Pequeno Príncipe”.

Após a leitura, a professora, juntamente com os pibidianos, levantaram questões para saber o que os alunos entenderem sobre o livro. Logo em seguida, a professora mencionou sobre a execução da atividade “Pizza Literária”.

De início, os estudantes já acataram a ideia. Assim, começamos a desenvolver as atividades propostas. Com o apoio da professora Silvana, dividimos os sextos anos (A e B) em 8 grupos, equivalente as fatias de uma pizza, posto isso, cada grupo assumiu a responsabilidade de confeccionar uma fatia lúdica, da forma que preferisse, ficando comprometidos por tarefas como a confecção e escrita.

Cada fatia de pizza possuía elementos como resumos do enredo, frases significativas, diálogos entre as personagens, características do protagonista, além da escolha de desenhos do livro e biografia do autor. Com as fatias elaboradas, a etapa seguinte envolveu a professora de artes e os pibidianos, que assumiram a responsabilidade de confeccionar cada caixa de pizza e preparar cada detalhe para a decoração do espaço onde seria desenvolvido a pizza literária. Esse processo incluiu a colagem de imagens, fotos, desenhos, habilidades manuais e outros elementos visuais, proporcionando uma apresentação que elevou a esfera visual da atividade, atuando firmemente no processo lúdico da proposta.



Para esta atividade, foram usadas, aproximadamente, 15 aulas, distribuídas ao longo de três meses, necessitando de dois meses para a leitura do livro e duas semanas dedicadas à execução das fatias.

Com as atividades concluídas, o resultado foi exibido no anfiteatro da escola. O evento contou com a participação de alunos do 6º ano A e B, (além da presença de alguns alunos como o sétimo, oitavo e nono anos). A exposição não só incluiu a amostra das pizzas literárias, como também uma peça teatral, realizada em conjunto com o grupo de teatro da escola, organizado pela professora de artes.

Para finalizar o evento, as pizzas literárias foram transferidas para a entrada do colégio, dessa forma a comunidade escolar composta por: pais, responsáveis, secretaria e direção, tiveram a oportunidade de entender e apreciar as criações dos alunos ao visitar a escola.

Como agradecimento pela colaboração e pelo sucesso do evento, ao final do dia, foram servidas mini-pizzas aos alunos, selando de maneira festiva e apetitosa o encerramento dessa jornada literária única.

A "Pizza Literária" não apenas incentivou a criatividade e a colaboração, mas também celebrou a magia da leitura de uma forma inesquecível, reafirmando a necessidade de um ensino de literatura mais dinâmico.

Fotos

Figura 1: Fatia elaborada pelos alunos do 6° A.



Fonte: Próprios autores

Figura 2: Fatia elaborada pelos alunos do 6° A.



Fonte: Próprios autores

Figura 3: Alunos do sexto A e B encenando



Fonte: Próprios autores



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Figura 4: Pibidianos na entrada da escola para a exposição da pizza literária



Fonte: Próprios autores
autores

Figura 5: Exposição das pizzas literárias produzidas pelos alunos dos 6º anos.



Fonte: Próprios autores

Figura 6: Entrega das mini-pizzas aos alunos no final do evento.



Fonte: Próprios

Resultados alcançados

A atividade proposta teve uma receptividade positiva pelos alunos, visto que os mesmos compreenderam os objetivos e desenvolveram todas as atividades propostas pela professora e pibidianos, concluindo a atividade com êxito.

O fato de ter ocorrido uma interdisciplinaridade entre as disciplinas de Artes e Língua Portuguesa fez com que os alunos conseguissem trabalhar com as expressões artísticas, sejam elas a confecção das fatias, participação da peça teatral, obtendo um aprofundamento maior sobre a “Pizza Literária” e seu efeito dentro da formação leitora.

- 340 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Acreditamos que essa atividade foi de suma importância para o desenvolvimento leitor dos estudantes, uma vez que a prática da leitura vem se tornando uma ação difícil de se aplicar aos alunos, devido, muitas vezes, à falta de interesse deles.

Por isso, o letramento literário é de suma relevância para alunos e também aos professores, embora essa ação tenha sido bem pontuada ao decorrer do evento, e compreendida pelos alunos, pois eles entenderam o objetivo da proposta.

De acordo com Cosson (2007, p. 30)

[...] É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo”, ou seja, cabe ao docente instigar métodos alternativos (peça teatral, cordéis, músicas, filmes, brincadeiras) fazendo com que os estudantes despertem a prática de ler.

Nesse sentido, Vieira e Rodrigues (2016, p. 136) afirmam que

Cabe ao docente estimular seus alunos através dos métodos lúdicos para que tenham um efetivo e prazeroso aprendizado. É necessário o abandono da estagnação tradicional dos instrumentos pedagógicos para que se forme um melhor, e mais dinâmico, ambiente escolar.

Os alunos dos sextos anos, além de participarem das atividades e desenvolverem pesquisas sobre o livro e sobre a atividade lúdica, conseguiram observar que a “Pizza Literária” desenvolveu competências que poderão servir para sua vida pós-escolar, como a dinamicidade de trabalhar em grupo, o comprometimento com as atividades, as responsabilidades de ler, pesquisar e atuar, propostas que vão além da sala de aula, reafirmando assim a importância do impacto de se trabalhar com o lúdico dentro do ambiente escolar.

Sendo assim, ressaltamos a importância do lúdico no processo de formação leitora do



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

indivíduo. Pesquisas como a de Cardia (2011, p.1) reafirmam que “o uso do lúdico e das brincadeiras é de suma importância para o desenvolvimento da criança, contribuindo significativamente para sua aprendizagem”, ou seja, tem-se um estudo, repleto de teorias, pesquisas, afirmações que reforçam a ideia de que as atividades lúdicas, além de propor diversão, integração, inclusão e cooperatividade entre os indivíduos, contribuem para o desenvolvimento intelectual, ensino-aprendizagem e competências socioemocionais do aluno.

Considerações finais

Trabalhar com os sextos anos sempre será uma verdadeira emoção, uma vez que eles estão iniciando sua jornada no ensino fundamental II. Acreditamos que devido a essa mudança, os alunos tornam o processo de aprendizagem mais dinâmico, interessante e criativo.

Os educandos permitiram-nos realizar as atividades, executar regências, desenvolver projetos, pois estão cativados pelo “novo” que é estar dentro desse ambiente de adolescentes, novas matérias, autonomia e independência escolar.

Cainelli (2011, p.128) afirma que:

A transição da quarta para quinta série ou sexto ano no Paraná é mediada por mudanças significativas para os alunos. O sentimento de terminalidade de uma etapa educacional é reforçado pelo modelo que impõe uma articulação Estado/município praticamente inexistente, tanto no âmbito administrativo como no pedagógico. [...]

Intensifica-se essa mudança como mais uma etapa da vida escolar que está se iniciando, uma vez que essa modificação está relacionada com o psicológico dos alunos,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

além de acarretar em mudanças comportamentais, estruturais e que vai além das tarefas atribuídas ao professor, entretanto tarefas das quais o educador se torna responsável cotidianamente.

Diante disso, podemos afirmar que participar da “Pizza Literária” foi uma das melhores experiências vivenciadas por nós, enquanto licenciandos do 2º ano do curso de Letras Português/Inglês e bolsistas do PIBID.

Unir teorias estudadas na universidade e práticas que as escolas-campos nos oferecem tornam o processo da docência único e enriquecedor. A esse respeito, Fávero (1992, p. 65) afirma que [...] “não é só frequentando um curso de graduação que um indivíduo se torna profissional. É, sobretudo, comprometendo-se profundamente como construtor de uma práxis que o profissional se forma”.

Vivenciar, contribuir e fomentar o processo da formação leitora através da atividade proposta foi uma prática de suma notoriedade dentro da escola, visto que conseguimos alcançar os alunos por meio de degustações de fatias de pizzas repletas de conhecimentos e sabores literários.

Portanto, a “Pizza Literária” foi uma proposta impulsionadora tanto para os alunos que participaram desenvolvendo as atividades, quanto para nós, enquanto alunos de graduação.

Referências

BELTRÃO, Junior. **Resumo do Livro “O Pequeno Príncipe”** - Disponível em: <https://www.juniorbeltrao.com.br/post/resumo-do-livro-o-pequeno-principe>. Acesso em: 10 jan. 2024.

CAINELLI, Marlene Rosa. **Entre continuidades e rupturas**: uma investigação sobre o ensino e aprendizagem da História na transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 42, p. 127-139, out./dez. 2011. Disponível em:

- 343 -

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica Estudos Linguísticos e Literários – SÓLETRAS, ano 14, n. 1, Fev., 2024, ISSN 18089216



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

<https://www.scielo.br/j/er/a/KZTB88qHQ6wFsn4kFCVZ8R/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 13 nov. 2017.

CARDIA, Joyce Aparecida Pires. **A importância da presença do lúdico e da brincadeira nas Séries Iniciais: um relato de pesquisa**. Revista Eletrônica de Educação. Ano V. No. 09, jul./dez. 2011.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2007

FÁVERO, Maria de Lurdes de Albuquerque. Universidade e estágio curricular: subsídios para discussão. In: ALVES, Nilda (org.) **Formação de professores: pensar e fazer**. São Paulo: Cortez, 1992. p.53-71.

Formadores em Ação. Disponível em:

https://professor.escoladigital.pr.gov.br/formadores_acao. Acesso em 5 jan. 2024.

Pizza Literária - Ensino Fundamental II. Disponível em:

<https://www.iepassofundo.com.br/Noticia/pizza-literaria---ensino-fundamental-ii>. Acesso em: 5 jan. 2024.

VIEIRA, Luciene Batista; RODRIGUES, Elaine Aparecida Fernandes – **O Ensino Lúdico Nos Anos Iniciais**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo Do Conhecimento, ANO 1. VOL. 10, Pp. 136-153. Novembro de 2016. ISSN. 2448- 0959.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**CAPA DE REVISTA: AS ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS COMO
MANIPULAÇÃO DO DISCURSO**

Kaick Vinícius Silva Ribeiro (G-CLCA-UENP/CJ)

Tânia Regina Montanha Toledo Scoparo (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)

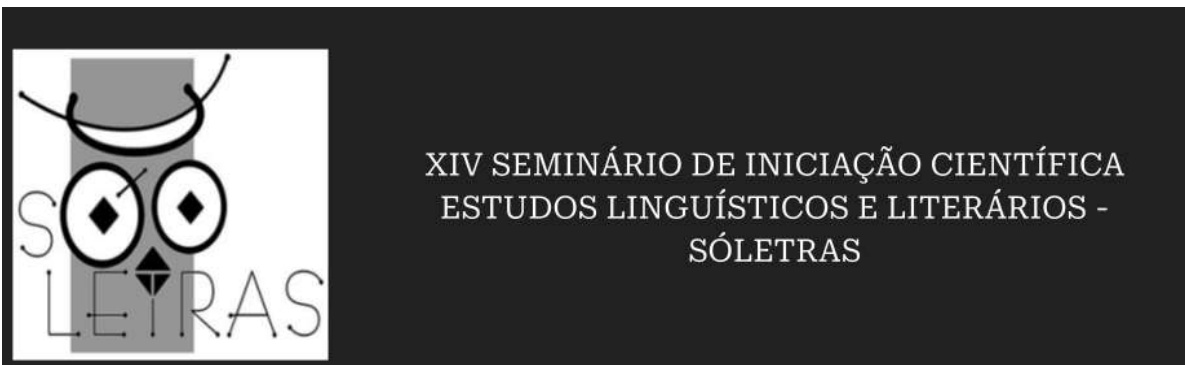
Resumo: A capa de revista é como uma espécie de vitrine que visa à apreciação e sedução do leitor. Por isso, em sua construção, o locutor procura estabelecer estratégias discursivo-argumentativas bem concebidas que possam levar os interlocutores a uma determinada ação – comprar a revista. Desse modo, esse artigo objetiva analisar verbo-visualmente, à luz dos estudos da Semântica Argumentativa, a capa da edição 2835 da Revista Veja, de 05 de abril de 2023, que apresentam como sua manchete principal decisões e ações do governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Para tal, versará sobre alguns aspectos: os elementos discursivo-argumentativos para a elaboração da capa, levando em consideração operadores argumentativos, cor, tipografia, posições das informações e a seleção lexical e de imagens, bem como, a intenção do locutor, a fim de identificar os efeitos de sentido produzidos por ele para manipular o leitor.

Palavras-chave: Revista. Discurso. Argumentação. Manipulação.

Introdução

Quando analisada, de forma superficial, uma capa de revista pode ser tida como uma mera representação virtual ou um compilado de informações. No entanto, quando analisada de forma mais aprofundada, revela-se como um terreno muito fértil que proporciona investigações complexas e profundas sobre a tríade: linguagem, ideologia e persuasão. Este artigo propõe uma exploração aprofundada sobre como as capas de revistas, aparentemente objetivas, servem como veículos de estratégias argumentativas, manipulação discursiva e veiculação de ideologias que visam persuadir o leitor.

A capacidade da linguagem visual de influenciar a percepção pública não é uma novidade. O renomado semiólogo Roland Barthes, em sua obra seminal *A Retórica da*



Imagem, publicada em 1990, defende e disserta toda sua obra para demonstrar como elementos visuais cuidadosamente selecionados contribuem para a construção de significado e transmissão de mensagens que transcendem a mera informação. As capas de revistas, inseridas nesse contexto, tornam-se objetos de estudo fundamentais para compreender como a linguagem visual é utilizada como ferramenta persuasiva.

No âmbito da argumentação, a capa de revista se destaca como um espaço onde estratégias argumentativas são habilmente empregadas. A escolha das imagens, as manchetes impactantes e a disposição dos elementos visuais não são simplesmente decisões editoriais, mas sim componentes de um discurso persuasivo. A persuasão, como elemento intrínseco à argumentação, encontra na capa de revista um terreno fértil para se manifestar, influenciando a opinião pública e moldando a interpretação dos eventos e personalidades em destaque.

Esta pesquisa, sugere uma abordagem crítica sobre como as capas de revistas não apenas comunicam informações, mas também são veículos de ideologias e estratégias manipulativas. A ideologia, entendida como um conjunto de crenças e valores que permeiam uma sociedade, torna-se evidente nas escolhas editoriais que determinam como determinados eventos são retratados e quais figuras são destacadas.

A manipulação do discurso, por sua vez, é uma prática sutil, muitas vezes imperceptível, na qual a linguagem é habilmente moldada para direcionar a interpretação do leitor de maneira específica. A escolha de palavras, a ênfase dada a certos aspectos e a omissão de outros contribuem para a construção de uma narrativa que não é meramente informativa, mas sim carregada de intenções persuasivas. Nesse contexto, a capa de revista emerge como um espaço onde a manipulação do discurso se entrelaça com a busca pela persuasão.

A análise crítica das capas de revistas permitirá explorar como diferentes veículos de comunicação adotam estratégias específicas para persuadir seus leitores. A escolha de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

representar determinadas personalidades de maneira positiva ou negativa, a seleção de eventos a serem destacados e a utilização de recursos visuais impactantes são elementos que revelam as intenções editoriais por trás da aparente objetividade das capas de revistas.

A compreensão dessas estratégias argumentativas torna-se ainda mais relevante em um contexto contemporâneo, onde a disseminação rápida de informações através das redes sociais e a multiplicidade de fontes de notícias tornam crucial a habilidade de discernir entre uma informação objetiva e uma narrativa persuasiva. As capas de revistas, enquanto artefatos culturais e discursivos, desempenham um papel significativo na construção da opinião pública e na formação de narrativas coletivas.

A abordagem interdisciplinar deste artigo visa integrar teorias da linguagem, semiótica, teoria da argumentação e análise de mídia. A partir dessa perspectiva, pretende-se desvelar as complexas relações entre linguagem, ideologia, manipulação do discurso e persuasão presentes nas capas de revistas. A contribuição de teóricos como Roland Barthes, Michel Foucault e outros será fundamental para enriquecer essa análise, oferecendo ferramentas conceituais para a compreensão das dinâmicas discursivas em jogo.

Além disso, este artigo buscará exemplificar suas proposições por meio de um estudo de caso, utilizando uma capa da revista de um veículo renomado: a Revista Veja, uma das revistas de maior circulação no cenário jornalístico brasileiro. A escolha dessa revista não é aleatória, pois a Veja é conhecida por sua influência na formação de opinião pública e frequentemente é alvo de debates sobre sua objetividade e viés editorial. A análise da capa dessa revista proporcionará um *insight* valioso sobre como as estratégias argumentativas e a persuasão se manifestam em um veículo de comunicação de grande alcance.

Em última análise, este artigo busca contribuir para uma compreensão mais profunda da complexidade presente nas capas de revistas, revelando-as como arenas onde a linguagem, a ideologia e a persuasão se entrelaçam. A reflexão crítica sobre esse fenômeno



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

não apenas enriquecerá o campo acadêmico, mas também oferecerá *insights* valiosos para os leitores, capacitando-os a abordar as informações veiculadas nas capas de revistas com um olhar mais analítico, crítico e consciente.

A Complexa Teia da Comunicação Humana: Argumentação e Linguagem

A característica, que de longe separa a espécie humana das demais espécies, é a capacidade de argumentar e de comunicar através da linguagem, algo próprio e único do homem. A argumentação é um processo intrínseco à nossa comunicação diária, permeando nossas interações sociais, discursos políticos, debates acadêmicos e até mesmo nossas conversas cotidianas. A interligação entre argumentação e linguagem é um tema central em diversas obras de renomados teóricos, cujas contribuições oferecem insights valiosos sobre como a linguagem é utilizada para persuadir, convencer e comunicar ideias.

Já no período da Filosofia antiga, Aristóteles, em sua obra "Retórica", analisa a persuasão como um processo intrinsecamente ligado à linguagem. Ele define *ethos*, *pathos* e *logos* como os três pilares fundamentais da persuasão. Aristóteles argumenta que o *ethos*, ou a credibilidade do orador, é crucial para persuadir:

Há, então, três modos de persuasão efetiva. O homem que está no comando deles deve ser capaz de: (1) raciocinar logicamente, (2) entender o caráter humano e a benevolência em suas várias formas, e (3) entender as emoções, isto é, nomeá-las e descrevê-las, conhecer as suas causas e os meios pelos quais elas são estimuladas. Considerada desse modo, a retórica apresenta-se como um ramo da dialética e também dos estudos éticos. Os estudos éticos podem ser precisamente chamados de políticos, e por esse motivo a retórica disfarça-se de ciência política, e os que a professam como peritos políticos, algumas vezes carecem de educação, outras de ostentação, e, por vezes, possuem outras imperfeições humanas. (Aristóteles, 2007, I, 2, p. 24)



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Platão, em seus diálogos filosóficos, explora a dialética como uma forma de argumentação. No diálogo "Górgias", Sócrates argumenta que a persuasão inadequada é prejudicial, enquanto a verdadeira dialética visa à compreensão mútua:

A oratória é a arte de persuadir, não de instruir. Ela nada tem a ver com a verdadeira justiça, pois é incapaz de distinguir entre o certo e o errado. Assim como a medicina tem por objetivo curar e não apenas dar prazer, a justiça é um bem, a injustiça um mal, independentemente de serem praticadas ou sofridas. (Sócrates, [s.d]).

Vale ter em mente que a argumentação é a arte de expressar ideias de maneira persuasiva, com o objetivo de influenciar o pensamento, mudar opiniões ou defender uma posição. Ela é uma ferramenta essencial no processo de construção do conhecimento, permitindo que indivíduos expressem suas perspectivas e confrontem ideias de maneira crítica. A argumentação não se restringe apenas a debates formais; ela está presente em todas as formas de comunicação, desde uma simples conversa entre amigos até discursos elaborados em contextos acadêmicos.

Por outro lado, a linguagem é o meio pelo qual a argumentação é expressa. Ela transcende as palavras, incorporando nuances de entonação, gestos e expressões faciais. A escolha cuidadosa das palavras, a estrutura da frase e a sintaxe desempenham papéis cruciais na eficácia de um argumento. A linguagem, portanto, não é apenas um meio de comunicação; é uma ferramenta poderosa que molda e é moldada pela argumentação.

O teórico francês Roland Barthes, em "Elementos de Semiologia", contribui para nossa compreensão da linguagem como um sistema de signos. Ele destaca a importância dos signos na construção de significado: "A língua postula, portanto, uma relação de significação que é unilateral e necessária entre o significante e o significado" (Barthes, 2006, p. 33). Essa



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

perspectiva revela como a linguagem, por meio de signos, desempenha um papel vital na argumentação.

Uma argumentação eficaz, geralmente, segue uma estrutura lógica. Ela começa com uma tese clara, uma declaração central que representa a posição do orador. Em seguida, são apresentados argumentos que sustentam essa tese, apoiados por evidências, exemplos ou raciocínio lógico. Por fim, a conclusão resume os principais pontos e reafirma a tese, deixando uma impressão duradoura no receptor.

A persuasão é um elemento intrínseco à argumentação. Convencer os outros de uma determinada perspectiva requer habilidade na escolha de palavras e na apresentação de evidências. Quando se trata sobre a persuasão, há de se ter em mente que um ponto que pesa muito é a emoção. É próprio do ser humano, diante de uma argumentação, não ser envolto apenas pela lógica, mas também pela emoção com a qual tal mensagem é comunicada. Assim sendo, o locutor pode se aproveitar disso para incutir no interlocutor sua ideia, sobretudo, os mais vulneráveis. E é, justamente, por conta disso, que surgem estudos voltados para a manipulação do discurso.

Em "A Ordem do Discurso"⁵ (1996), Michel Foucault discute como o poder está intrinsecamente ligado à linguagem e à formação do sujeito. Ele argumenta que o poder não é algo externo que atua sobre os sujeitos, mas sim algo que permeia as relações sociais e se manifesta através de práticas discursivas. A conhecida ideia de que não existe poder sem linguagem e sem sujeito, resume a ideia central de que o poder opera por meio da linguagem, moldando e construindo sujeitos dentro de estruturas sociais

⁵ "A Ordem do Discurso" (em francês, "*L'Ordre du discours*") é uma obra-chave de Michel Foucault que aborda a análise do discurso. Este livro é uma coletânea da conferência que Foucault proferiu no Collège de France em 1970 e foi publicado pela primeira vez em 1971. Em "A Ordem do Discurso", Foucault examina como o discurso está intrinsecamente ligado às estruturas de poder e como diferentes formas de discurso são autorizadas ou silenciadas em determinados contextos.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

específicas.

A linguagem e a argumentação evoluem ao longo do tempo, moldadas por mudanças sociais, avanços tecnológicos e movimentos culturais. Novas palavras são criadas, significados são alterados e as formas de argumentação se adaptam às transformações na sociedade. A capacidade de compreender e se adaptar a essas mudanças é essencial para uma comunicação eficaz.

A relação entre argumentação e linguagem é intrincada e essencial para a comunicação humana. A habilidade de articular pensamentos, expressar ideias persuasivas e compreender a diversidade linguística são fundamentais para o progresso social, o desenvolvimento acadêmico e a coexistência pacífica. Através da compreensão e aprimoramento dessas habilidades, pode-se fortalecer a capacidade de argumentar de maneira construtiva, promovendo o diálogo e a compreensão mútua em um mundo cada vez mais interconectado.

Capas de revistas informativas e a inegável subjetividade presente nelas segundo BARTHES

As capas de revistas informativas, embora se apresentem como fontes de notícias objetivas, são intrinsecamente permeadas pela subjetividade, uma característica que Roland Barthes explora em sua obra "A Retórica da Imagem". Ao analisar as capas de revistas sob a lente de Barthes, torna-se evidente como elementos visuais cuidadosamente escolhidos contribuem para a construção de significado e a transmissão de mensagens que vão além da mera informação, ideia já trabalhada anteriormente.

Barthes, conhecido por sua análise semiótica, desenvolveu uma abordagem rigorosa para entender a linguagem visual. Em "A Retórica da Imagem", ele destaca que as imagens



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

são portadoras de intenções discursivas e, ao estudá-las, podemos desvelar camadas de significado que vão além da superfície visual. Ele afirma: "A imagem está repleta de uma intenção discursiva" (Barthes, 1964, p. 40).

Barthes introduz o conceito de "mito", referindo-se a ideias ou conceitos que são naturalizados e aceitos sem questionamento pela sociedade. Nas capas de revistas, os mitos são frequentemente incorporados por meio de imagens e textos que reforçam determinadas ideias ou valores culturais. A escolha de representar certas figuras ou eventos de maneiras específicas contribui para a construção desses mitos, influenciando a perspectiva do leitor.

Para Barthes existe uma polissemia das imagens, ressaltando que uma única imagem pode ser interpretada de maneiras diversas. Nas capas de revistas informativas, a escolha de uma imagem específica pode carregar consigo múltiplos significados, dependendo da perspectiva do leitor e do contexto cultural. Essa polissemia permite que as capas comuniquem mensagens complexas, muitas vezes sutis, que moldam a interpretação do leitor.

Cada leitor traz consigo suas próprias experiências, valores e contextos culturais, moldando a maneira como percebe e atribui significado a uma imagem. Nas capas de revistas, essa interpretação pessoal é um aspecto fundamental da subjetividade, já que diferentes leitores podem extrair interpretações diversas das mesmas imagens.

A criação de significados na composição visual, conforme explorada por teóricos da semiótica, revela-se um intrincado processo de codificação e decodificação. Umberto Eco, semiólogo, argumenta em suas obras, como, por exemplo, "A Estrutura Ausente" (1971), que os elementos visuais não são simples adornos, mas signos que carregam significados. A disposição, cores e escolhas estilísticas na composição visual constituem um sistema de signos que dialoga com o observador, desvendando camadas de sentido e transmitindo mensagens que transcendem a simples estética. Nesse contexto, a composição visual é uma



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

linguagem rica, onde cada detalhe contribui para a construção de significados simbólicos, como estereótipos e representações sociais.

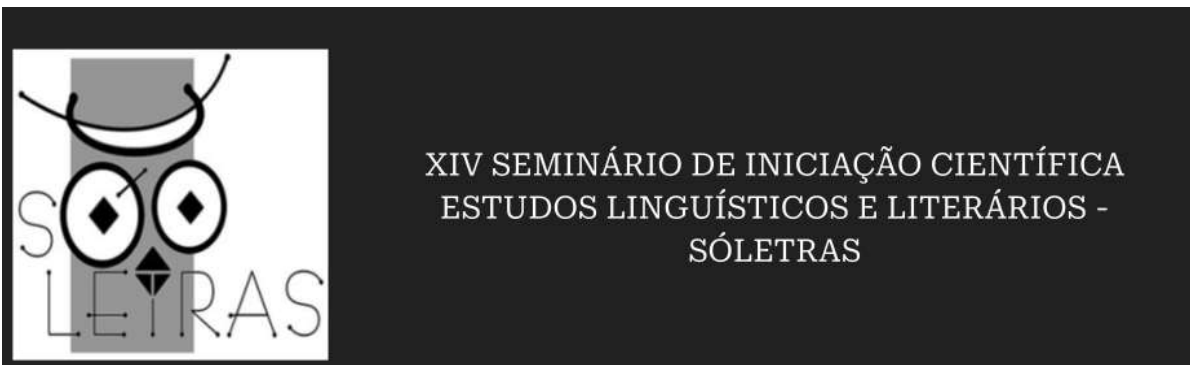
A criação de estereótipos e representações sociais, como explorada por Ferdinand de Saussure em seus estudos fundamentais sobre linguística, revela-se um processo intrincado de construção simbólica. Em "Curso de Linguística Geral" (2006), Saussure destaca que os signos, no contexto social, são arbitrários e adquirem significado pela oposição com outros elementos. Assim, ao aplicar essa perspectiva à criação de estereótipos, percebemos que a linguagem, incluindo sua expressão visual, é um meio de perpetuar representações sociais. Estereótipos emergem como signos carregados de significados culturais, moldando a percepção coletiva e contribuindo para a construção de identidades sociais.

O viés informativo cercado pela persuasão e crítica presentes na capa de revista

As capas de revistas informativas são poderosas ferramentas de comunicação, desempenhando um papel crucial na transmissão de informação, na persuasão do leitor e na expressão de crítica social. Estas capas não apenas fornecem um vislumbre do conteúdo interno, mas também estabelecem uma conexão imediata com o público, utilizando elementos visuais e textuais para transmitir mensagens impactantes.

A função primordial da capa de uma revista informativa é comunicar informações de maneira atraente e acessível. Títulos cativantes, imagens envolventes e chamadas de destaque são cuidadosamente escolhidos para capturar a atenção do leitor e instigar o interesse sobre os temas abordados. Assim, a informação é apresentada não apenas como um conjunto de fatos, mas como uma narrativa visual e textual que estimula a curiosidade do público.

Além da mera transmissão de informações, as capas de revistas informativas têm



um poder persuasivo significativo. A escolha de destacar determinados temas, personalidades ou eventos é muitas vezes guiada por uma agenda editorial que busca influenciar a percepção do leitor. Elementos visuais são empregados estrategicamente para criar uma conexão emocional e persuadir o leitor a explorar o conteúdo interno da revista.

Ao mesmo tempo, a capa de revista informativa também serve como uma plataforma para expressar críticas sociais. A seleção de imagens e o tom do texto podem refletir a posição editorial da revista em relação a questões políticas, sociais ou culturais relevantes. A crítica pode fazer-se presente de forma sutil ou explícita, mas a capa de revista funciona na maioria das vezes como um meio para dar voz às perspectivas críticas e, assim, desencadear, ou impulsionar, reflexões sobre dinâmicas próprias da vida da sociedade.

A revista *Veja*, uma das mais influentes no cenário jornalístico brasileiro, como já tratado anteriormente, desempenha um papel significativo na sociedade ao fornecer análises, reportagens e opiniões sobre questões políticas, sociais e culturais. Como veículo de grande circulação, influencia a formação de opinião pública e molda debates nacionais. No entanto, sua abordagem editorial muitas vezes é alvo de críticas, sendo percebida por alguns como enviesada. O papel da *Veja* na sociedade reflete a complexidade da mídia contemporânea, onde a busca por informação objetiva se entrelaça com desafios relacionados à imparcialidade e à pluralidade de perspectivas.

A capa escolhida para ser analisada por ótica Semântica Argumentativa, e da Revista *Veja*, edição número 2835, publicada no dia 05 de abril de 2023:



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Figura 1: Capa da revista Veja



Fonte: Revista Veja, n. 2835, de 05/04/2023

Em linhas gerais, é possível, já em uma análise bem superficial e geral, que esta se trata de uma capa bem estruturada e pensada. Uma hipótese que pode aqui ser levantada, já de antemão, é que aquilo que será tratado seja relevante, uma vez que, as manchetes trazidas na capa são as mais importantes – julgadas pelo editor – para tal revista e para seu público-alvo.

A capa em questão, apresenta-nos um recorte do lado direito do busto do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (destarte para o *botton*) dominando toda a capa, sem bordas. Na parte superior, no centro, temos o nome da revista destacada na cor branca, embora com caracteres em caixa baixa.

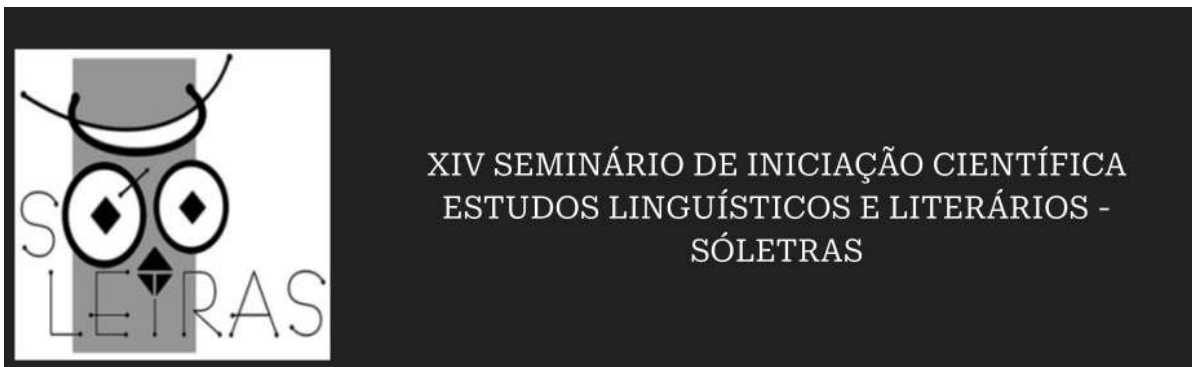


Figura 2: Capa da revista Veja [recorte]



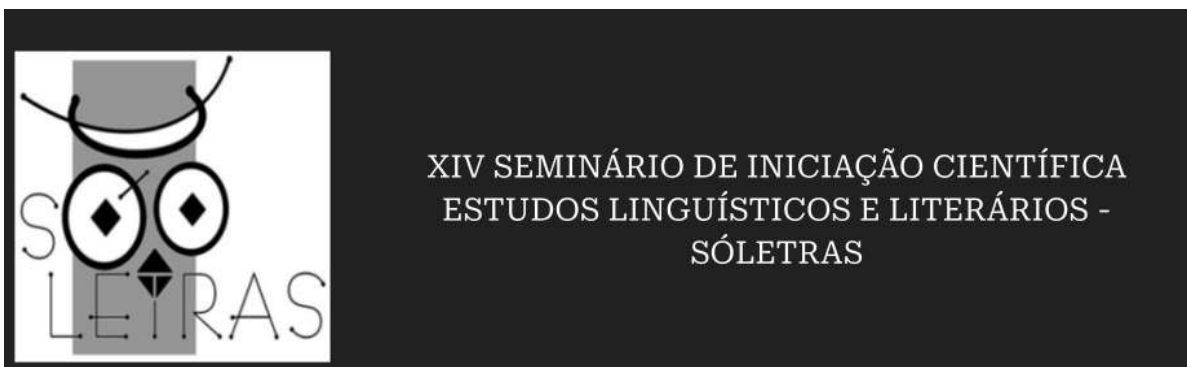
Fonte: Revista Veja, n. 2835, de 05/04/2023

Acima, à direita da assinatura, encontram-se as informações que contextualizam a edição, ou seja, informações que a insere na situação enunciativa: número da edição, local da publicação e data.

Figura 3: Capa da revista Veja [destaque]



Fonte: Revista Veja, n. 2835, de 05/04/2023



No centro, agora na parte inferior, grafado em caixa alta e na cor branca, está o enunciado que apresenta o conteúdo principal dessa edição ao seu leitor.

Figura 4: Capa da revista Veja [recorte 2]



Fonte: Revista Veja, n. 2835, de 05/04/2023

O enunciado construído em duas orações, apresenta mais de uma ideia:

Quadro 1 – Recursos argumentativos da oração 1

<i>ORAÇÃO 1 – “Até aqui, nem paz nem amor”</i>	
Recursos (argumentativos)	Descrição sintático-semântica
"Até aqui"	Locução adverbial de tempo: indica o momento até o qual a afirmação se aplica.
“nem”	Conjunção coordenativa negativa: utilizada para expressar uma negação em relação a dois elementos.
“paz” e “amor”	Substantivos com suas respectivas negações: são os núcleos dos sujeitos, indicando a ausência desses elementos.
“nem”	Advérbio de negação: reforça a negação presente na conjunção, intensificando a ausência simultânea de “paz” e “amor”.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Segundo o teórico Bakhtin (2002), o signo é um elemento naturalmente ideológico e seu funcionamento se concretiza na relação com os outros signos, ou seja, a escolha lexical de um texto é proposital ao pensar que o consumidor deverá aderir àquela ideia, tornando-a elemento fundamental e determinante. Tendo isso em mente, por escolha nossa, iniciaremos a análise tratando sobre a escolha lexical realizada neste caso.

A oração "Até aqui, nem paz nem amor" reflete uma construção sintática concisa, evocando a ausência de elementos fundamentais. Ao analisar a expressão "até aqui", percebemos uma locução adverbial de tempo que delimita um ponto específico na linha temporal. A conjunção coordenativa negativa "nem" introduz uma negação simultânea em relação a dois substantivos centrais, "paz" e "amor". Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, a conjunção "nem" é definida como uma partícula de ligação que, quando precede elementos, nega ambos de maneira global e conjunta.

Quando é apresentada essa oração, o locutor conta com a lembrança do leitor sobre os vários momentos pré-eleitoral, em que o então candidato à presidência do país, Luiz Inácio Lula da Silva, afirmava que seu governo seria marcado pela paz e pelo amor, o que se tornou *slogan* de sua campanha, e levou eleitores – marcados por um período de descaso com a vida e forte relação com o ódio – a afirmarem após sua eleição “o amor venceu!”.

A utilização de "nem" nesse contexto denota uma exclusão dual, acentuando a falta não apenas de paz, mas também de amor. A negação reforça a ideia de que, até o ponto referido, a presença desses elementos desejáveis é inexistente. Essa construção, brevemente expressa, sugere uma reflexão sobre a falta de harmonia e afetividade até o presente momento. A oração, ao incorporar elementos de negação, cria um impacto na mensagem transmitida, explorando a ausência de paz e amor de maneira eficaz dentro da estrutura linguística proposta.

Outrossim, pode-se destacar a tríplice intenção do locutor: i) prender a atenção do



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

leitor com uma chamada impactante; ii) prender o leitor na leitura da capa, que apresenta a manchete principal; iii) lançar o leitor para a informação que vem a seguir, conduzindo-o ao objeto de todo o discurso.

Quadro 2 – Recursos argumentativos da oração 2

<i>ORAÇÃO 2 – “Rancor e espírito revanchista têm impedido o presidente de cumprir uma de suas principais promessas de campanha: pacificar o país e governar para todos os brasileiros”</i>	
Recursos (argumentativos)	Descrição sintático-semântica
“Rancor e espírito revanchista”	Sujeito: composto, formado pelas palavras "rancor" e "espírito revanchista".
"têm impedido o presidente de cumprir uma de suas principais promessas de campanha: pacificar o país e governar para todos os brasileiros"	Predicado: composto e expressa a ação realizada pelo sujeito.
"têm impedido"	Verbo: o verbo principal é "têm impedido", indicando uma ação contínua no presente do indicativo.
"o presidente"	Objeto Direto: indica quem está sendo afetado pela ação do verbo.
"uma de suas principais promessas de campanha"	Objeto Direto Pleonástico: reforça o objeto direto, acrescentando informações sobre o que está sendo impedido.
"pacificar o país e governar para todos os brasileiros"	Aposto de Oração: elucida a ideia apresentada anteriormente [o que o presidente está sendo impedido de fazer].

A oração "Rancor e espírito revanchista têm impedido o presidente de cumprir uma de suas principais promessas de campanha: pacificar o país e governar para todos os brasileiros" convida a uma análise semântica profunda, explorando o significado das palavras e a carga emocional que permeia a mensagem.

O substantivo "rancor", segundo o Dicionário Houaiss, é definido como "sentimento duradouro de ódio ou mágoa". Nesse contexto, a presença do rancor sugere um ressentimento profundo que persiste ao longo do tempo, indicando uma barreira emocional



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

para a realização das promessas de campanha feitas durante a candidatura do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O adjetivo "revanchista" no mesmo dicionário refere-se a uma "atitude ou ação de quem busca vingar-se, revidar". Aqui, a inclusão do "espírito revanchista" amplia a análise para além do mero rancor, indicando uma disposição para retaliar ou buscar vingança.

Os dois termos são unidos pela conjunção "e", sugerindo que ambos estão presentes e atuam em conjunto para impedir o presidente de cumprir suas promessas. A conjunção acrescenta uma dimensão de complexidade, indicando que não é apenas um, mas a combinação desses elementos que está influenciando a situação como um todo.

O uso do verbo composto "têm impedido" destaca a continuidade da ação ao longo do tempo. A escolha desse tempo verbal reforça a persistência até o presente momento dos obstáculos representados pelo rancor e pelo espírito revanchista, direcionando o leitor para o objeto direto pleonástico que é relembrar que paz e amor eram "uma de suas principais promessas de campanha". O objeto direto acrescenta especificidade à ação, indicando que o impedimento está relacionado diretamente ao descumprimento de promessas específicas feitas durante a campanha eleitoral.

Os infinitivos "pacificar" e "governar" delineiam as metas que o presidente buscava alcançar. "Pacificar o país" sugere a busca por estabilidade e harmonia, enquanto "governar para todos os brasileiros" aponta para uma liderança inclusiva sem diferença ou distinção. A presença desses infinitivos realça o contraste entre as intenções do presidente e os impedimentos apresentados.

A Teoria Semântica de Charles Fillmore (1982) destaca a importância dos "frames" semânticos, estruturas mentais que organizam nosso conhecimento. Neste contexto, o frame associado ao rancor e ao espírito revanchista molda a interpretação, influenciando a compreensão dos obstáculos apresentados na oração. Já a Semântica Argumentativa de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Oswald Ducrot (1987) considera a dimensão argumentativa das palavras. Aqui, o rancor e o espírito revanchista não são apenas descrições neutras, mas argumentos que fundamentam a ideia de impedimento, agregando uma perspectiva discursiva ao texto.

A análise semântica revela uma oração densa, onde as escolhas lexicais e sintáticas contribuem para a construção de significados complexos. Assim sendo, pode-se concluir que, o discurso da revista *Veja*, não pode ser tratado como algo neutro, mas sim como marcado pela subjetividade da equipe locutora, conferindo a ela [revista como um todo] uma posição ideológica de um determinado segmento social, o qual, claramente, não compactua com o cenário atual governamental, o governo de Luiz Inácio Lula da Silva.

Considerações finais

A análise semântica da oração "Até aqui, nem paz nem amor" revela uma escolha lexical que evoca o contexto pré-eleitoral e destaca a ausência de elementos que eram prometidos como característicos do governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A utilização de termos como "paz" e "amor" não apenas resgata promessas passadas, mas também apela emocionalmente ao leitor, sugerindo que esses valores desejáveis estão ausentes até o momento presente. A negação dupla reforça a ideia de falta, criando um impacto significativo na mensagem transmitida.

A oração "Rancor e espírito revanchista têm impedido o presidente de cumprir uma de suas principais promessas de campanha: pacificar o país e governar para todos os brasileiros" aprofunda a análise semântica, explorando a carga emocional e ideológica das palavras escolhidas. Os termos "rancor" e "espírito revanchista" não são utilizados de forma neutra, mas sim como argumentos que fundamentam a ideia de impedimento. Essa escolha lexical confere à narrativa da revista *Veja* uma perspectiva discursiva, marcada pela



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

subjetividade e pela posição ideológica da equipe locutora.

A construção sintática da oração, com a utilização do verbo composto "têm impedido" no presente do indicativo, destaca a persistência ao longo do tempo dos obstáculos representados pelo rancor e pelo espírito revanchista. A referência à campanha eleitoral e às promessas não cumpridas intensifica a crítica, sugerindo uma desconexão entre as intenções declaradas e a realidade observada.

A análise conclui que a capa da revista *Veja*, ao adotar uma linguagem rica em nuances semânticas e argumentativas, não se limita a comunicar informações, mas sim a expressar uma posição editorial marcada pela crítica e pela perspectiva ideológica. O uso cuidadoso da linguagem visual e textual nas capas de revistas informativas, como exemplificado nesse trabalho, revela-se como uma estratégia persuasiva poderosa, moldando a interpretação do leitor e influenciando a construção da opinião pública. A compreensão dessas estratégias argumentativas e persuasivas se torna crucial em um cenário contemporâneo onde a mídia desempenha um papel central na formação de narrativas coletivas e na influência da opinião pública.

Referências

ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Rideel, 2007.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9. ed. São Paulo: HUCITEC, 2002.

BARTHES, Roland. A retórica da imagem. In: BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**: ensaios sobre fotografia, cinema, teatro e música. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BARTHES, Roland. **Elementos da Semiologia**. Trad. Izidoro Blikstein. 16 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

DUCROT, O. A descrição semântica em linguística. In: DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987a. p. 45-62.

ECO, Umberto. **La struttura assente**. Trad. P. de Carvalho. A estrutura ausente. São Paulo: Perspectiva, 1971.

FILLMORE, Charles. **Linguistic in the morning calm**: selected papers from SICOL 1981. Korea Seoul: Hanshin, 1982.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário eletrônico Houaiss**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOCRATES. **Górgias**. Trad. Carlos Alberto Nunes. [s.d] Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000034.pdf>. Acesso em 04 de dezembro de 2023.

VEJA. São Paulo: Abril, n. 2835, abr. 2023. [capa]. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/2835>. Acesso em: 12 jul. 2023.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**CATEGORIZAÇÃO DO GÊNERO DISCURSIVO CONTO, SOB A PERSPECTIVA
BAKHTINIANA**

Maria Luiza Ribeiro Coelho Barbosa (CLCA-UENP/CJ)

Patrícia Cristina de Oliveira Duarte (CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Vinculado ao Projeto de Pesquisa Gêneros discursivos/textuais, gramática, variação e ensino, no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Apoio à Inclusão Social (PIBIS), da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), este trabalho teve por objetivo desenvolver um estudo teórico-analítico, sob a ótica bakhtiniana, de contos de Jarrid Arraes, importante escritora contemporânea de literatura-afro-brasileira. Seguindo os passos do método sociológico bakhtiniano (Bakhtin, 2003), a presente pesquisa teve por objetivo proceder ao levantamento das características enunciativo-discursivas dos contos reunidos na obra Redemoinho em dia quente, da escritora nordestina Jarrid Arraes. Nesse enfoque, a pesquisa apontou as dimensões constituintes dos contos em pauta, a saber: i) contexto de produção; ii) conteúdo temático; iii) construção composicional; iv) estilo. Dessa forma, consoante a perspectiva bakhtiniana, foi possível delinear as dimensões do gênero conto, no caso os contos de Jarrid Arraes, com destaque à importância da dimensão social presente nos gêneros discursivos. Os resultados apresentados lançam luzes às discussões sobre empoderamento feminino e questões étnico-raciais.

Palavras-chave: Linguística Aplicada. Jarrid Arraes. Literatura Contemporânea. Literatura afro-brasileira.

Considerações iniciais

À luz da Linguística Aplicada, este trabalho fundamenta-se na concepção interacionista da linguagem (Bakhtin/Volochinov, 1998), desenvolvendo uma pesquisa qualitativo-interpretativa, de cunho bibliográfico, sobre os contos de Jarid Arraes. Norteador-se pelo método sociológico bakhtiniano, os dados de pesquisa, no caso, os contos da obra Redemoinho em dia quente, foram analisados mobilizando-se as seguintes categorias: i) contexto de produção; ii) conteúdo temático; iii) construção composicional; iv)



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

estilo. Em decorrência, a análise consistiu em observar, nos trinta contos, as regularidades quanto às dimensões bakhtinianas, bem como às instabilidades.

Segundo Fiorin, o real é apresentado por meio linguístico, tudo que se conhece estaria cercado por discurso “todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam” (Fiorin, 2008, p.19). Todo discurso é inevitavelmente ocupado e atravessado pelo discurso do outro, sempre está ligado com outras discussões passadas ou futuras. Os gêneros do discurso estão vinculados a esses discursos e às atividades humanas, do mesmo modo em que a linguagem se altera de acordo com a situacionalidade, as atividades vão determinar os gêneros do a serem usados. Diante disso, existe uma gama ilimitada de gêneros discursivos que refletem a história da sociedade, “O gênero vive do presente, mas sempre recorda o seu passado, o seu começo.” (Bakhtin, 1993, p. 121). Bakhtin (2003) defende a importância de valorizar a historicidade e as transformações dos gêneros ao longo do tempo, sendo categorizados por seu contexto de produção e por três dimensões: conteúdo temático, construção composicional e estilo, responsáveis pela criação de um determinado enunciado de acordo com a esfera de ação. “Os gêneros são meios de apreender a realidade. Novos modos de ver e de conceituar a realidade implicam o aparecimento de novos gêneros e a alteração dos já existentes.” (Fiorin, 2008, p.69).

Nesse sentido, torna-se fundamental o estudo do gênero conto desde sua criação até o momento atual, para melhor compreensão, segue a tabela de sua historicidade:

Tabela 1 – Historicidade do Gênero Conto

Contos	Período	Característica
“Os contos dos mágicos” (contos egípcios)	Antiguidade; 4000 a.C. Para Propp, seria a primeira fase do conto,	Transmitido oralmente

- 365 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

	apelidada de “Pré-histórica”	
Íliada e Odisseia (Homero)	Século VI a. C. é iniciado a primeira fase escrita, segundo Propp é quando o conto se liberta da religião.	
Decameron (Bocaccio) Canterbury Tales (Chaucer)	Século XIV, em que os contos ganham registro escrito, afirmando sua categoria estética	Traduzido para outras línguas sem perder o tom da narrativa oral
Contos da mãe gansa (Charles Perrault)	No final do século XVII	Os contos “O gato de botas”, “Cinderela” e “O soldadinho de chumbo” são publicados
As fábulas de La Fontaine	No século XVIII as fábulas também começam a ganhar seu espaço	As mais conhecidas obras “A cigarra e a formiga”, “A tartaruga e a lebre” e “A raposa e as uvas”
Conto Moderno	No século XIX, desenvolvido pelo apego medieval, do popular e do folclórico, e pela expansão e publicação da imprensa	Conta com grandes nomes como os Grimm e Edgar Allan Poe, no Brasil, Machado de Assis

Fonte: Gotlib, Nádia Battella. Teoria do Conto. 11 ed. São Paulo, Ática, 2009.

Vladimir Propp delimita duas fases na evolução do conto. A primeira sendo sua Pré-história, em que o conto e o relato sagrado/mito/rito se confundiam; entende-se mito por um relato sobre seres divinos em que um povo crê, e rito, um costume com a finalidade de compor a natureza. Nessa fase, os relatos eram contados por pessoas mais velhas, com o intuito de educar os jovens sobre sua origem. A segunda fase, é quando o relato se liberta da religião e passa a ser do povo, tidos apenas como contos, sem sua moralidade religiosa.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O gênero conto

Na obra, *Teoria do Conto*, a autora Nádya Gotlib, apresenta as três definições de Julio Cortázar sobre conto: relato de um acontecimento, narração oral ou escrita de um acontecimento falso e, fábula que se conta às crianças para diverti-las. Suas definições trazem em comum uma das mais importantes características do gênero, o fato de se contar algo a alguém, ou seja, a narrativa.

Toda narrativa apresenta: 1. uma sucessão de acontecimentos: há sempre algo a narrar; 2. de interesse humano: pois é material de interesse humano, de nós, para nós, acerca de nós: “e é em relação com um projeto humano que os acontecimentos tomam significação e se organizam em uma série temporal estruturada”; 3. e tudo “na unidade de uma mesma ação (Gotlib, 2006, p.11).

O conto como gênero literário não possui compromisso com a realidade, a distância entre o real e a ficção depende da intenção do autor, que pode fazer uso dos recursos estilísticos para dar a obra uma característica própria, assim como no conto oral, não mais seguindo o modo tradicional, constituído por conflito, desenvolvimento e desfecho, no conto moderno essa estrutura se desmonta, fazendo com que o enredo tenha uma evolução, passando de ordem linear para um caráter psicológico, diluído em feelings, sensações e lembranças. O gênero conto se caracteriza principalmente pelo movimento de sua narrativa. Poe (1842) defende que o princípio do conto recai sobre sua extensão e a reação que se provoca ao leitor. O autor deveria dosar a obra para que pudesse ser lida sem interrupções, uma vez que “Interesses externos intervindo durante as pausas da leitura, modificam, anulam ou contrariam em maior ou menor grau, as impressões do livro (Gotlib, 2006, p.36).”, para evitá-los, se faz necessário que manter a tensão. O efeito único é o primeiro elemento a ser



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

decidido no ato de escrever, cuja construção acontece por combinações de incidentes e de tom; o desfecho é um elemento fundamental nesse objetivo. “Todo enredo, digno desse nome, deve ser elaborado para o desfecho, antes de se tentar qualquer coisa com a caneta. É somente com o desfecho constantemente em vista que podemos conferir a um enredo seu indispensável ar (Gotlib, 2006, p. 36).”

Vladimir Propp determina uma “morfologia do conto”, descrevendo as partes do conto que o constitui. Segue abaixo a tabela contendo essas descrições:

Tabela 2 – “Morfologia do Conto”

Unidade Estrutural	Definição	Uso	Exemplo
Função ou Ações Constantes	“A ação de uma personagem, definida do ponto de vista do seu significado no desenrolar da intriga”.	Acontecem em determinada sequência, que não se altera, todo conto apresenta essas funções, as mesmas ações são praticadas por personagens diferentes e de maneiras diferentes. A passagem de uma para outra recebe o nome de <i>movimento</i> .	Ausência; Ordem; Engano; Salvação e Punição.
Esfera de Ação	O papel que o personagem desempenha no conto. Nos estudos de Propp, encontra-se sete personagens com esfera de ação.	Fazem a história se desenrolar, pertencem principalmente ao conto maravilhoso.	Antagonista ou agressor; Doador; Auxiliar; Princesa e seu pai; Mandatário; Herói e falso herói.
Categorias atuacionais	Relação das personagens em função de uma ação.	Greimas caracteriza duas funções: a ruptura da ordem e alienação; e a restituição da ordem.	Sujeito/objeto; Destinador/destinatário; Coadjuvante/oponente.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Enredo	“Dispõe um acontecimento em ordem linear, para outro”	Sucessão de acontecimentos que formam a narrativa, antigamente seguiam uma ordem linear, mas no conto moderno já não apresenta essa estrutura.	Ordem de início, meio e fim, ou regras da unidade: uma só ação, num só tempo de um dia e num só espaço.
Efeito Único	Para Poe, o autor ao escrever um conto deve primeiramente pensar em qual efeito deseja passar ao leitor; o desfecho da história se torna fundamental para que se consiga esse efeito.	Com o efeito já decidido, o autor definir o gênero literário do texto.	Ao aterrorizar o leitor torna-se o gênero Terror, ao enganar torna-se o gênero suspense, ao encantar traz a fantasia.
Momento Especial	Para muitos estudiosos e escritores, esse momento é quando deve ocorrer algo no conto que traga a curiosidade do leitor.	Qualquer momento especial em que ocorra uma realização no leitor, podendo ser uma mudança ou a ausência dela.	Monotonia, Acidente, Morte, etc.
Desfecho	Resolução final	Essencial para que o “efeito único” seja alcançado.	A crise ou a sua resolução.
Tempo	O tempo é o momento em que ocorre a ação.	O tempo dentro do conto é o que a autora chama de instantâneo da realidade, podendo ser narrado uma vida toda ou apenas alguns minutos dela.	No conto “amor” de Clarice Lispector, acompanhamos a personagem apenas no momento de voltar para casa.
Narrativa	“Um modo de narrar caracterizado, em princípio, pela própria natureza desta narrativa: a de simplesmente contar estórias.”	Narrativa curta, breve e sem muita descrição de detalhes.	Toda narrativa apresenta uma sucessão de acontecimentos de interesse humano.

Fonte: Gotlib, Nádia Battella. Teoria do Conto. 11 ed. São Paulo, Ártica 2009.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O estudo de um gênero torna-se fundamental ao passo que, para compreendermos a leitura é necessário saber o que estamos lendo e qual sua relevância, principalmente ao trabalharmos com uma obra da literatura afro-brasileira.

O conto afro-brasileiro

O conto afro-brasileiro é um gênero cuja esfera social é o da literatura ficcional, que envolve a capacidade de *mimesis*. A utilização dos termos, *literatura negra e literatura afro-brasileira* fortalece o rompimento da tradição do cânone literário, segundo (Franco/Duarte, 2017), a diferença entre as nomenclaturas é que *literatura negra* se refere a literatura escrita por autores negros, que trazem sua etnia, cultura e racismo como tema, enquanto que, a *literatura afro-brasileira* tem o papel de ressignificar a figura do negro, fazendo com que a literatura mostre a importância do negro e da cultura na formação sociocultural brasileira.

A literatura é parte inalienável da cultura, sendo impossível compreendê-la fora do contexto global da cultura numa dada época. Não se pode separar a literatura do resto da cultura e, passando por cima da cultura, relacioná-la diretamente com os fatores sócio-econômicos, como é prática corrente. Esses fatores influenciam a cultura e somente através desta, e junto com ela, influenciam a literatura (Bakhtin, 2003, p.362).

Há cinco elementos que definem a literatura afro-brasileira: “1) uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; 2) temas afro-brasileiros; 3) construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; 4) um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; 5) um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

afrodescendência, como fim e começo.” (Franco/Duarte, 2017, p.7).

Para os teóricos do Círculo de Bakhtin, entre atividade estética e vida social não existe separação, nessa perspectiva, destaca-se a relevância do estudo de textos que tematizam questões étnico-raciais, uma vez que, no Brasil, tanto a pessoa quanto a figura do negro sempre foram marginalizadas. A literatura afro-brasileira e a literatura negra, recebem o objetivo de resgatar essa importância e destacar seu papel na formação da cultura brasileira, visando ocupar essa lacuna na literatura brasileira e fazer justiça aos negros que tanto contribuíram na formação da sociedade.

Considerações finais

Na obra de Jarid Arraes, conhecemos personagens fortes com histórias baseadas na realidade de muitas brasileiras. A autora utiliza sua voz para dar visibilidade a outras mulheres negras e nordestinas, mostrando as mazelas enfrentadas por suas personagens, ela faz de seus textos uma representação da sociedade brasileira atual, misturando realismo, fantasia e crítica social.

Como resultado desse estudo, considerando as principais ideias de Bakhtin, foi possível realizar um levantamento das características enunciativo-discursivas dos trinta contos reunidos na obra Redemoinho em dia Quente, da escritora nordestina Jarid Arraes. As categorias de análise foram delimitadas pelo linguista Bakhtin (2003), sendo elas: contexto de produção, construção composicional, conteúdo temático e estilo.

Tabela 3 - Categorização dos contos de Jarid Arraes

Contexto de Produção	Produtor: Jarid Arraes Finalidade: Propagar histórias de mulheres de todas as idades, mostrando seus cotidianos difíceis e suas lembranças de infância, vinculadas à cultura
-----------------------------	---



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

	<p>nordestina. Interlocutor: Jovens e adultos interessados em literatura contemporânea. Momento de Produção: Século XXI Esfera de Produção: Esfera Literária</p>
Conteúdo Temático	<p>Os contos trazem em seus enredos a vida de diferentes mulheres brasileiras que passam por algum momento de dificuldade, sempre marcadas pela cultura nordestina. Há temas recorrentes como, por exemplo: uso de drogas, abuso sexual, machismo, racismo, infância, prostituição, desigualdade social, representatividade, violência contra os animais, transtorno mental, homofobia, transexualidade, religiosidade cristã, dentre outros.</p>
Estilo	<ul style="list-style-type: none"> ● Linguagem coloquial e poética, com presença de variação linguística nordestina; ● Relação extralinguística exofórica; ● Discurso direto.
Organização Composicional	<ul style="list-style-type: none"> ● Texto narrativo curto, escrito em prosa; ● Presença dos três tipos de narradores: onisciente, observador e personagem, mas prevalece o narrador personagem; ● Personagens marginalizadas, de diferentes idades e de classe social baixa. ● Irrupção do maravilhoso a partir de crenças católicas e locais; ● Presença de figuras históricas importantes para a região do Ceará, como o Padre Cícero, por exemplo, e elementos da religiosidade cristã. ● Retratação de problemas reais da sociedade.

Fonte: Produção da pesquisadora, com base em Franco e Duarte (2017).

A obra de Jarid Arraes mostra uma parcela da vida de muitas brasileiras, com temas que são debatidos no dia a dia, em escolas, mídias e congressos. Trazendo conhecimento de mundo em diferentes perspectivas; com diálogos que marcam toda a história da sociedade, a autora capta e transfere uma relação dialógica extensa, uma vez que suas histórias são embasadas em racismo, machismo e homofobia, discursos que são perpassados através dos séculos.

Jarid Arraes é uma dentre muitos escritores brasileiros que trabalham com discursos sociais e trazem a história do país em seus gêneros discursivos, ascendendo a literatura brasileira e contribuindo para a formação de leitores conscientes da sociedade em que vivem.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Referências

ARRAES, Jarid. **Redemoinho em dia quente**. 1 ed. São Paulo: Alfaguara, 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo; Ártica, 2008.

FRANCO, Lucas F. de Lima; DUARTE, Patrícia de Oliveira. **Uma Proposta de Estudos e de Transposição Didática de Contos Afro-Brasileiros**. Revista Querubim, 2017.

GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do Conto**. 11 ed. São Paulo: Ártica, 2006.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

COMBATE AO RACISMO: ANALISANDO A CARTILHA DO TSE CONTENDO EXPRESSÕES RACISTAS

Ana Isabel de Moraes (G-CLCA-UENP/CJ)
Larissa Raiane da Silva Camargo (G-CLCA-UENP/CJ)
Fernando Moreno da Silva (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar termos considerados racistas pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), investigando sua legitimidade e compreendendo suas origens. O TSE publicou uma cartilha sobre a importância de combater as expressões racistas durante as eleições. O texto destaca que a discriminação racial é proibida pela Constituição Federal e que todos os cidadãos têm direito à igualdade e à dignidade. O tema abordado dá enfoque no estudo terminológico na linguística. É comum que muitos termos racistas tenham se originado como formas de diminuir e desumanizar pessoas de certas origens étnicas, e que tenham sido usados para perpetuar estereótipos prejudiciais. O estudo também pode examinar o contexto social em que os termos surgiram, considerando fatores históricos, culturais e políticos que possam ter contribuído para sua disseminação. A fundamentação teórica baseia-se na obra “Introdução à Análise do Discurso” de Helena Brandão. A metodologia adotada inclui a seleção dos termos, seguida de um estudo sobre suas origens e análise seguindo as teorias discursivas de vertente francesa. Os resultados esperados desta análise visam esclarecer sua origem e se há racismo ou não presente nesses termos. A conclusão abordará as descobertas e sugestões de reflexões futuras ao uso desses termos no cenário atual.

Palavras-chave: Racismo. TSE. Linguística.

Introdução

Na ampla área da linguística, o estudo terminológico nos permite identificar e definir termos para uma melhor comunicação. Este presente trabalho delimita seu foco no estudo de palavras e expressões consideradas racistas pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral), que foram lançadas em uma cartilha que possui o propósito de evitá-las.

Sabemos que o racismo está inserido no dia a dia das pessoas e que deve ser tratado

- 374 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

como preconceito e crime, diante do passado em que carregamos ao longo dos anos em que os negros eram usados e mantidos como escravos, principalmente em nosso país onde os portugueses trouxeram africanos para trabalharem como mão de obra escrava.

O problema que orienta esta pesquisa é o seguinte: essas expressões são efetivamente racistas? Qual é o histórico que as envolve? A partir deste questionamento, o presente artigo tem como objetivo estudar a constituição e os sentidos das expressões e, assim, confirmar ou refutar sua classificação como racistas. A relevância desse estudo reside na necessidade de conhecer essas expressões e evitar o uso inadequado delas.

Para esse objetivo, a pesquisa adotará as bases das teorias discursivas (Semiótica greimasiana e Análise de Discurso de linha francesa) para análise.

Racismo

A origem do racismo é complexa e variada e não pode ser atribuída a um único fator. O racismo é um sistema de crenças, atitudes e práticas que envolvem a discriminação e a hierarquização de grupos com base em características percebidas, como raça, etnia, cor da pele e origem étnica. Suas raízes históricas remontam a diferentes contextos e períodos ao redor do mundo; o racismo assumiu formas diferentes em diversas culturas e épocas.

As raízes do preconceito racial são antigas, como na sociedade da Grécia e Roma antiga consideravam alguns grupos étnicos inferiores. O sistema de castas na Índia também pode ser visto como um precursor de racismo, pois classifica as pessoas de acordo com a etnia.

Entre os séculos XVI e XIX, o comércio transatlântico de escravos trouxe milhões de africanos para as Américas, em que foram escravizados sob o argumento de inferioridade racial.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O iluminismo europeu trouxe consigo uma série de teorias pseudocientíficas que tentaram justificar a supremacia racial branca. Carl Linnaeus e Johann F. Blumenbach são exemplos de cientistas que classificaram as raças humanas de forma hierárquica.

No final do século XVIII e início do século XIX, surgiram movimentos abolicionistas que buscavam a abolição da escravidão em várias partes do mundo. No Reino Unido, a Sociedade para a Abolição do Tráfico de Escravos (1787) e a campanha liderada por William Wilberforce levaram à aprovação do Ato para a Abolição do Tráfico de Escravos (1807).

Nos Estados Unidos, o Movimento Abolicionista ganhou força na primeira metade do século XIX, com líderes como Frederick Douglass, Harriet Tubman e John Brown defendendo a abolição da escravidão.

Atuais movimentos como o Black Lives Matter (Vidas Negras Importam), que começou em 2013, tornaram-se proeminentes na luta contra o racismo sistêmico e a brutalidade policial nos Estados Unidos e em outros lugares.

Em todo o mundo, a consciência sobre o racismo e a busca por igualdade racial têm levado a protestos, debates e mudanças significativas na política e na sociedade.

A batalha contra o racismo não tem fim e engloba variadas iniciativas e empenhos em diversos cenários. Essas ações têm desempenhado um papel crucial tanto na propagação da equidade racial, quanto na conscientização sobre a injustiça discriminatória e na luta por igualdade de direitos para todos, independentemente de sua raça ou etnia.

Metodologia e fundamentação teórica

Analisamos a cartilha do TSE. Para tanto, a proposta do tribunal e as locuções expostas no texto são analisadas com base nas teorias discursivas (Semiótica Greimasiana e



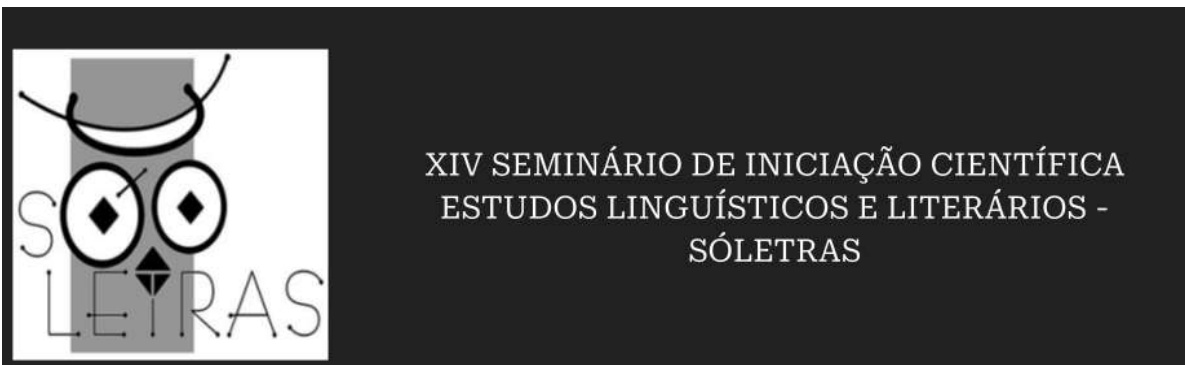
XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Análise do discurso Francesa), incluindo a origem histórica de cada expressão.

A fundamentação teórica deste artigo foi baseada no livro "Introdução à Análise do Discurso" de Helena H. Nagamine Brandão (2004), que se trata de uma revisão dos fundamentos teóricos e metodológicos da análise do discurso. A análise do discurso é uma abordagem interdisciplinar que se concentra no estudo da linguagem em contextos sociais e discursivos.

Esse livro baseia-se na apresentação dos principais conceitos e perspectivas teóricas que fundamentam a análise do discurso. Algumas das ideias-chave encontradas neste livro incluem:

- O discurso como uma prática social: A autora enfatiza a perspectiva de que o discurso não é meramente uma expressão linguística, mas sim uma prática social que ocorre em contextos específicos.
- A relação entre história e ideologia: Brandão explora como o discurso reflete e reproduz as relações de poder, ideologia e valores em uma sociedade e contexto histórico determinados.
- A materialidade do discurso: A autora ressalta a importância de se considerar a materialidade do discurso, que inclui aspectos linguísticos, semânticos e discursivos, para compreender como o significado é construído.
- As relações de poder e linguagem: A obra enfatiza a interconexão entre linguagem e poder, demonstrando como o discurso é utilizado para construir e sustentar relações de poder e hierarquias sociais.



- Polifonia discursiva: Brandão explora a ideia da polifonia, destacando como várias vozes e perspectivas podem coexistir no discurso, influenciando a interpretação e a criação de significados.
- Análise do Discurso Crítica: A autora apresenta a abordagem da Análise do Discurso Crítica, que busca compreender como o discurso pode ser utilizado para reproduzir ou desafiar estruturas sociais e ideológicas.
- Construção do sujeito: A obra explora como o discurso contribui para a formação do sujeito, influenciando a identidade e a posição social do falante dentro de diferentes discursos.
- Gêneros discursivos: Brandão discute a importância dos gêneros discursivos, enfatizando como diferentes contextos sociais requerem diferentes formas de discurso, cada uma com suas próprias características específicas.

A cartilha utilizada neste artigo foi lançada oficialmente em 30 de novembro de 2022 pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), durante o Encontro Democracia e Consciência Antirracista na Justiça Eleitoral. O documento intitulado como “Expressões Racistas: Por que evitá-las” apresenta 40 “termos considerados ofensivos às pessoas negras e explica, de modo didático, o motivo para serem banidos do vocabulário das brasileiras e brasileiros.” (BRASIL, 2022, p. 12).

Essa cartilha é uma iniciativa da Comissão de Promoção de Igualdade Racial, coordenada pelo corregedor-geral eleitoral Benedito Gonçalves e pode ser acessada gratuitamente no site do TSE através do link <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/11048>.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) é o mais alto órgão judicial eleitoral do Brasil. A sua missão é organizar, conduzir e supervisionar as eleições no país bem como fazer cumprir as leis eleitorais e dirimir questões relacionadas com o processo eleitoral.

O Supremo Tribunal Eleitoral é composto por sete magistrados, sendo, três do Supremo Tribunal Federal (STF), dois do Supremo Tribunal de Justiça (STJ) e dois juristas de notório saber jurídico, indicados e nomeados pelo presidente da república pelo Senado Federal. O Presidente do Tribunal Superior Eleitoral é um dos ministros do STF e é responsável por coordenar as atividades do Tribunal.

As principais funções do TSE são o desenvolvimento de regulamentos eleitorais. Investigação de recursos interpostos nas instâncias inferiores da Justiça Eleitoral. Superintendência da Propaganda Eleitoral.

Além disso, o TSE é responsável por julgar casos de impeachment de eleitos, como presidentes, governadores regionais, prefeitos, deputados e senadores, em caso de irregularidades graves no processo eleitoral.

O Tribunal Superior Eleitoral tem papel essencial para garantir a transparência e a regularidade do processo eleitoral brasileiro, garantindo a democracia e a vontade popular expressa pelo voto.

Expressões extraídas da cartilha e consideradas racistas

Boçal:

Boçal tem o significado de ser grosseiro, mal-educado, imbecil ou ignorante. No vocabulário popular brasileiro, boçal também se refere a uma pessoa exibicionista, esnobe e irritante, que age com arrogância normalmente devido às suas melhores condições



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

financeiras ou por se sentir superior aos demais. Um boçal demonstra falta de inteligência, educação e delicadeza em suas ações.

Originalmente, o termo boçal era usado para descrever os escravos negros recém-chegados da África, que ainda não dominavam a língua portuguesa nem tinham conhecimentos religiosos ou habilidades em um ofício. Com o tempo, o significado se expandiu para se referir a pessoas sem instrução, sem cultura e ignorantes

Escravo:

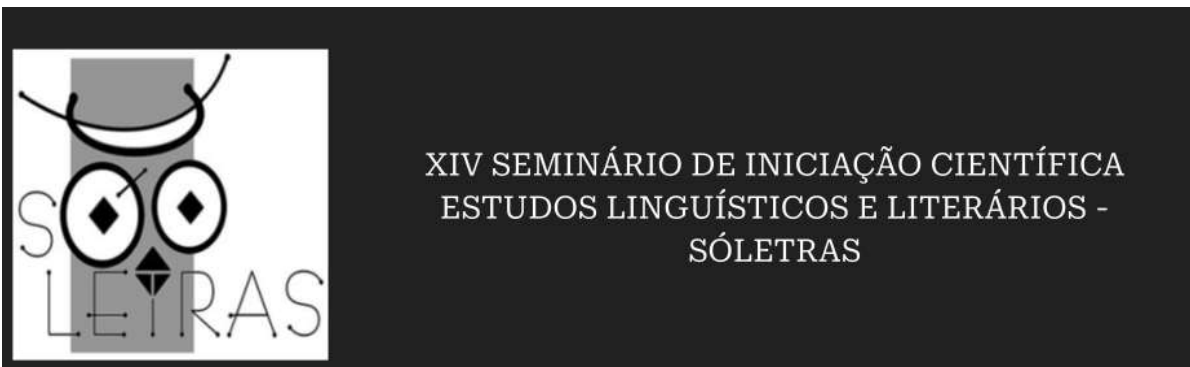
O termo "escravo" tem sua origem no latim, derivando da palavra *sclavus*, que se refere a uma pessoa que pertence a outra, ou *slavus*, indicando eslava ou eslavo, um povo que foi amplamente subjugado na antiguidade. A discussão em torno da utilização desse termo está relacionada ao seu significado. A palavra escravo sugere a ideia de que a pessoa nasce sem liberdade, como algo inerente à sua condição.

Cor de pele:

A expressão ganhou fama ao descrever o lápis de cor de tom rosa suave, fazendo alusão ao tom da pele das pessoas brancas. No entanto, a diversidade de tonalidades de pele é vasta em nossa sociedade multifacetada e diversa.

Cor do pecado:

Usada de forma equivocada como um elogio é relacionada à imagem da mulher negra sensualizada. Em uma sociedade baseada na religião, pecar não é visto como positivo,



ser pecador é considerado errôneo e tem conotações negativas.

Criado-mudo:

O nome atribuído a este objeto se refere aos criados que tinham a tarefa de segurar itens para seus superiores. Visto que esses criados não podiam se expressar verbalmente, eram considerados mudos, dando origem ao termo criado-mudo.

Denegrir:

O verdadeiro significado dessa expressão é "tornar a pele negra" ou "escurecer". É utilizada para difamar ou acusar injustamente alguém, sempre com conotação pejorativa.

Lista negra:

Utilizada para descrever indivíduos que, por algum motivo desfavorável, encontram-se excluídos de determinados grupos, ou até mesmo quando alguém está sendo alvo de perseguição.

Humor negro:

É utilizado para caracterizar um estilo de humor amargo, com piadas de mau gosto envolvendo temas mórbidos, sérios ou tabus, utilizando-se de um tom politicamente incorreto.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Mulato(a):

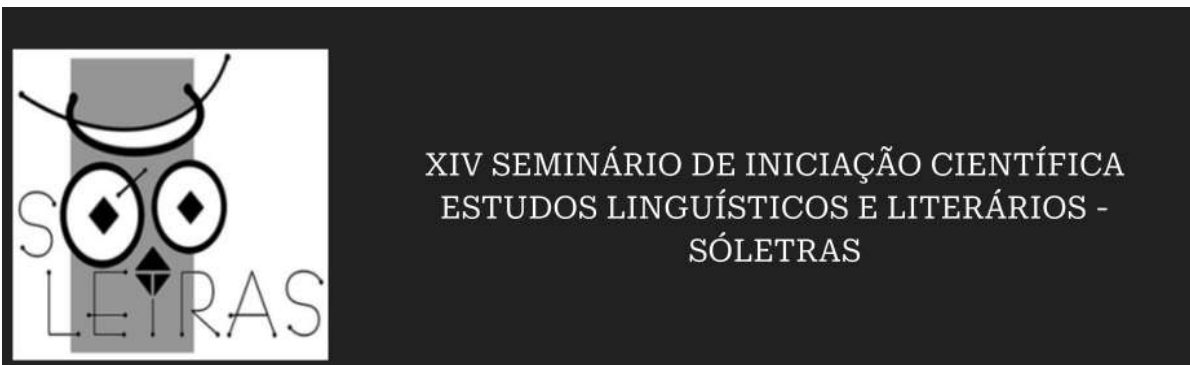
O termo "mulato" possui uma origem literalmente ligada à prole resultante do cruzamento entre um asno macho e uma égua. Essa expressão surgiu durante o período da escravidão, quando inúmeras mulheres escravizadas sofriam violência sexual por parte de seus "senhores", gerando assim filhos que eram denominados como mulatos.

Não sou tuas negas:

A frase "não sou tuas negas!" é normalmente usada como gíria para expressar que uma pessoa não tem intimidade com outra, mostrar descontentamento em certa situação ou comentário. Embora não tenha uma origem específica, de acordo com a cartilha há uma teoria em que a expressão remonta à época da escravidão, quando mulheres escravizadas eram frequentemente vítimas de assédio sexual, baseado na crença de que estavam sempre disponíveis sexualmente, ao contrário das mulheres brancas consideradas castas. Outra teoria relaciona a expressão às mulheres escravizadas sob um senhor, destacando a capacidade deste de dispor delas como quisesse, inclusive sexualmente. Em ambos os casos, há uma depreciação da mulher negra, tratada como objeto ou propriedade, sujeita a comportamentos inadequados.

Nhaca:

O termo é utilizado para referir-se ao mau cheiro, que algo ou alguém possui odor ruim. De acordo com a cartilha, esse termo tem origem de uma ilha em Moçambique que possui o mesmo nome ou, em outras fontes, trata-se de uma palavra usada para designar um



monarca, líder moçambicano. Ocorre-se racismo na palavra pois “associa um local ou líder africano a algo ruim.”

Crioulo:

Em seu sentido original, refere-se ao descendente de europeus nascido na América Hispânica ou nas Índias Ocidentais (região do Caribe) e também aos descendentes dos colonizadores franceses em certas regiões do sul dos Estados Unidos (especialmente Louisiana, principalmente Nova Orleans); também se referindo ao negro ou descendente de negros nascidos nas Américas, distintos dos negros africanos. Etimologicamente, a palavra deriva do latim, "crear" - em português crioulo, em francês créole, em espanhol criollo: "negro criado na casa do senhor". Hoje em dia, fala-se em cultura crioula, línguas crioulas, comida crioula - como a da Louisiana. Principalmente nos círculos acadêmicos, fala-se em "crioulidade" ou "crioulização".

Meia tigela

Expressão de sentido difamante, “de meia-tigela” é um termo dirigido contra alguém com o intuito de desqualificar as suas habilidades.

Na monarquia portuguesa, os funcionários da coroa recebiam os alimentos de acordo com o serviço que realizavam. Enquanto alguns recebiam uma tigela inteira de comida, pessoas consideradas “menos importantes” recebiam apenas meia tigela.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Ovelha negra:

Segundo histórias de pastores, os cordeiros que não seguiam outros animais geralmente por nascerem pretos, dificultando o cuidado deles.

Apesar de se importar tanto com todos, o padre muitas vezes não conseguia impedir que eles se tornassem diferentes, por isso os chamavam de “ovelha negra”.

Na Antiguidade, os animais pretos eram considerados maus e por isso eram sacrificados como oferenda aos deuses ou para fazer certos acordos. Por isso, têm o hábito de chamar de “ovelhas negras” aquelas que se destacam porque geram insatisfação e assustam.

Esclarecer:

Termo que deriva do Latim *clarus* e tem como significado tornar algo claro, compreensível, obter esclarecimento de algo. É usada para explicar algo para alguém. De acordo com a cartilha “não há nada de errado com a palavra e seu uso” porém “embute-se” o racismo ao significado da palavra de que compreensão só ocorre com a “clareza”.

Resultados e análise

A ideologia (visão de mundo) vai determinar o modo de discurso (formação discursiva), o que pode e o que não pode ser dito. E a partir da materialidade da língua – seja verbal ou não verbal, ou seja, nos textos, nas imagens, nos gestos, etc. –, podemos analisar os discursos, que são os efeitos de sentido que nascem da relação entre língua e nossa realidade. Pensando na influência da ideologia nos nossos discursos, procuramos analisar as expressões classificadas como racistas e quais seus efeitos de sentido decorrentes de seu uso.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Na discursividade dessas expressões, a escolha lexical expõe um discurso que, ainda que se alterne ora na intencionalidade, ora na ignorância do uso – afinal, alguns enunciadores conhecem a origem e o sentido históricos da expressão (“cabelo ruim”, “macumbeiro”), outros possivelmente não (“criado-mudo”, “esclarecer”) –, expõe uma ideologia.

Deparamo-nos com expressões que são claramente racistas e outras que podem esconder essa classificação, mas que têm esse efeito de sentido resgatado pela memória discursiva. Ainda que o sujeito que faça uso dessas expressões desconheça suas origens ou sentidos originais, os sentidos nelas estão inscritos e são resgatados. Tais usos carregam efeitos históricos que marcam a materialidade do discurso.

No uso dessas expressões afloram sentidos que revelam uma ideologia, um racismo constitutivo e inscrito na língua que resgata um período nojento e recente da nossa história, que considerava o negro um ser inferior e animalesco. Esse estigma aflora toda vez que essas expressões são produzidas.

As expressões “Boçal”, “Mulato”, “Escravo” e “Crioulo”, de acordo com a cartilha do TSE, apresentam discriminação em função da proveniência em que foram empregadas no passado. Como abordado na seção anterior, essas palavras eram utilizadas e proferidas aos escravos, que devido ao contexto histórico em que as pessoas negras eram tidas como objetos e sofriam violências como vítimas do tráfico humano e da exploração compulsória de mão de obra, só pelo fato de serem consideradas inferiores por causa do seu tom de pele.

O TSE expressa nos termos “Cor de pecado” e “Não sou tuas negas” a marginalização das pessoas negras, visto que a origem desses termos é nitidamente de cunho racista, em que qualificam e associam as pessoas de cor de pele negra como ruins. Há também a expressão “Cor de pele”, que de acordo com a cartilha era utilizada para referir-se somente ao tom de pele mais claro, mas todos os tons de pele são e devem ser considerados cor de pele. No entanto, a expressão “Cor do Pecado” pode ser dita e utilizada em outros



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

contextos, como quando alguém elogia o tom de pele de outra pessoa, indicando que é tão belo que chega a ser um pecado, sem ser literal. Além disso, é importante destacar que os termos "Não sou tuas negas" e "Cor de pele" não podem ser analisados da mesma maneira. O contexto histórico nos leva a considerar a existência de discriminação contra as mulheres negras, assim como a prevalência da superioridade do tom de pele branco em relação ao tom de pele negro.

A expressão “criado-mudo”, de acordo com a cartilha, entende-se que se refere “às pessoas negras escravizadas responsáveis pelos serviços domésticos, que tinham a atribuição de segurar objetos pertencentes a suas senhoras e seus senhores, servindo de apoio permanente.”. Entretanto, na própria cartilha traz outra referência para a expressão que, na verdade, sua origem remonta desde meados do século XVIII onde foi um móvel inventado na Inglaterra e seu nome vem do inglês britânico “dumbwaiter”, que em tradução livre significa algo como “garçom burro”. Nessa época, famílias de classe alta utilizavam esse móvel para colocar peças de chá e dispensar a necessidade de criados que poderiam ouvir conversas sigilosas. Outra justificativa que se dá ao termo não ter referência ao período da escravidão, é que não há indícios de uso do termo “criado” como sinônimo de “escravo”. No dicionário da língua brasileira de 1832 não existe o verbete “criado mudo” e no dicionário da língua portuguesa de 1890 diz que o nome do móvel é “donzella”. (HISTÓRIA PRETA: A história do “criado mudo” como uma expressão racista com origem na escravidão É FALSA. [Locução de]: Tiago André. Local: X, 19 de janeiro de 2023. Podcast)

Nas expressões “Meia tigela” ou “de meia-tigela”, a cartilha novamente traz outras versões para a origem do termo. A primeira, sendo de cunho racista, seria que a expressão viria do período de escravidão em que a alimentação dos escravos seria reduzida a “meia-tigela” caso o seu serviço fosse avaliado como insuficiente. Seguindo a mesma concepção do termo citado no parágrafo de cima, a própria cartilha traz uma segunda versão onde a origem



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

da expressão não tem ligação com a escravidão, mas sim que está relacionada à monarquia portuguesa, quando a comida era distribuída de acordo com a hierarquia das trabalhadoras e dos trabalhadores e a importância da tarefa que desempenhavam, havendo quem recebesse a tigela cheia e também quem recebesse apenas meia tigela. Outra terceira versão que a cartilha traz é que:

Temendo que a extensão de suas terras diminuísse com o passar das gerações, vários senhores feudais concediam os seus direitos de herança ao seu filho primogênito. Com isso, os demais integrantes da prole do nobre ficavam à mercê de alguma atividade ou posto eclesiástico que lhes garantisse o sustento. Em alguns casos, a busca por um casamento vantajoso, a realização de assaltos nas estradas ou o sequestro de algum grande proprietário. Foi justo nesse processo de exclusão sócio-econômica que a nossa “maldosa” expressão passou a ganhar a boca de vários castelos medievais lusitanos. Todo aquele filho de nobre que não herdava terras era conhecido como “fidalgo de meia-tigela”. Isso porque ele também era proibido de participar de um importante banquete, ritual onde se fazia a quebra de todos os pratos, louças e tigelas que serviam as refeições. Por fim, sobrava ao pobre filho de nobre os restos de sua posição social, ou seja, as meias-tigelas (Brasil, 2022, p. 68).

Em pesquisas sobre a origem verdadeira, a versão mais aceitável e encontrada foi a segunda, e com a própria “incerteza” descrita na cartilha onde “não haja consenso acerca das origens” e que a única capacidade do termo ser, de fato, racista é ser “compreendidas como memória da escravidão” retira-se a conotação racista trazida diante da expressão, não justificando de fato um motivo apropriado para que se retire o termo da nossa língua.

A origem do termo "denegrir" remonta ao latim, mais especificamente à palavra "denigrare". Em termos claros, denegrir significa difamar, manchar a reputação de alguém ou depreciar algo ou alguém. O radical "negr" pode ter uma ligação com a palavra "negro", sugerindo assim uma conotação negativa que alimenta a argumentação sobre o racismo



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

presente na palavra.

Seguindo essa análise, podemos também considerar a expressão "Lista negra". Essa expressão busca associar uma pessoa a uma lista vinculada a uma reputação desfavorável, transmitindo a ideia de que a palavra "negra" carrega uma conotação negativa. Esse padrão se repete em termos como "Humor negro" e "Ovelha negra", que buscam se referir a algo repulsivo.

Entretanto, é importante ressaltar que nem todas as expressões ou termos contendo a palavra "negro(a)" devem ser considerados como racistas ou como tendo a intenção de discriminar alguém. Muitas expressões utilizam a palavra de maneira neutra e descritiva. Por exemplo, o termo "Ovelha negra" tem sua origem no fato de as ovelhas negras serem menos valiosas para os pastores em comparação com as ovelhas brancas. A lã das ovelhas negras era considerada menos valiosa na produção de tecido, pois não podia ser tingida facilmente.

A denominação "teta de nega" refere-se a um doce feito de merengue ou marshmallow com uma camada de chocolate. A comparação rude se dá ao fato do formato do doce, que se relaciona a um seio de uma mulher negra. Essa associação não só revela o racismo, mas também um apelo sexual inapropriado ligado à figura da mulher negra.

Inhaca refere-se a uma ilha na baía de Maputo, Moçambique. Outras fontes, de acordo com a cartilha, podem se referir também a um monarca ou líder moçambicano. O racismo de acordo com a cartilha é que no contexto brasileiro o termo "Nhaca" é vinculado a um cheiro ruim, portanto, novamente associa algo ruim a raízes africanas. Em pesquisa foi encontrada a mesma palavra na língua indígena Tupi e possui o mesmo significado referido, algo com "cheiro ruim". Pode ser usada para descrever objetos, situações, ideias ou mesmo pessoas de forma negativa. É importante notar que o termo "nhaca" é bastante informal e pode variar em seu significado e aceitação em diferentes regiões ou grupos sociais. Em alguns casos, pode ser usado de maneira mais leve e jocosa, enquanto em outros contextos,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

pode ser considerado pejorativo.

De acordo com a cartilha publicada pelo TSE, a palavra esclarecer é considerada racista pelo fato do significado da palavra de que compreensão só ocorre com a “claridade”. Porém, a origem da palavra vem do latim, ela deriva do verbo latino "exclarare", formado pela junção do prefixo "ex", que significa "fora" ou "para fora", e "clarus", que significa "claro" ou "luminoso". O termo não possui uma conotação racial inerente.

Considerações finais

É essencial reiterar a intenção primordial dessa pesquisa de compreender a origem e o contexto histórico de cada termo, sem minimizar a cartilha sobre o racismo. A análise feita das expressões não deve desviar a atenção do compromisso central em abordar e combater o racismo em todas as suas formas.

Em síntese, a análise da cartilha revelou a importância de compreender esses termos em seu contexto histórico para precaver-se sobre seu impacto no sentido atribuído pela memória discursiva. Ao explorar a etimologia das expressões, proporcionamos uma visão crítica e reflexiva da linguagem, buscando corrigir-nos diante de expressões ofensivas, a contextualização histórica torna-se uma ferramenta essencial para uma desconstrução desses estereótipos. Ademais, essa pesquisa ressalta a necessidade de repensar o uso de determinados termos e a contribuição para um discurso mais consciente às complexidades históricas que ocorrem nas palavras. É crucial enfatizar que este esforço não visa diminuir a relevância da pesquisa dedicada ao enfrentamento do racismo, mas sim contribuir para um entendimento mais amplo das complexidades sociais na língua.

Num contexto em que o racismo não está ligado diretamente às palavras, mas sim à pessoa que as utiliza e à maneira como as emprega, a ênfase recai sobre a responsabilidade



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

individual e a consciência das atitudes. A expressão do racismo se dá por meio de ideias e práticas discriminatórias que surgem a partir da afirmação da superioridade de um grupo étnico-racial sobre outro. No entanto, é importante ressaltar que nem todas as pessoas que utilizam ou pronunciam uma palavra com uma origem de fato racista estão discriminando ou buscando desvalorizar alguém, pois muitas pessoas desconhecem a origem e o contexto em que o termo foi criado, bem como não o utilizam com intenção de superioridade ou ofensa. Nesse cenário, as palavras em si não carregam preconceito, mas sim a intenção e o contexto empregados nelas por quem as utilizam que determinam seu impacto na sociedade.

É crucial reconhecer e entender que o poder do discurso está nas mãos do falante, e a escolha de expressão que podem ser respeitadas ou ofensivas reflete diretamente na postura de quem as usa.

A linguagem é vasta e diversificada, com milhares de expressões e provérbios em uso. É praticamente impossível para qualquer pessoa conhecer a origem de todas elas, dada a quantidade e a constante evolução da linguagem.

O significado e o uso de palavras e expressões podem evoluir com o tempo. Isso pode tornar difícil rastrear a origem exata de algumas expressões, especialmente se tiverem passado por várias transformações ao longo dos anos. Portanto, a análise do contexto do momento que uma expressão, termo ou palavra foram utilizadas é de grande importância.

Referências

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução a Análise do Discurso**. Editora UNICAMP, 2004.

BRASIL - Tribunal Superior Eleitoral. **Expressões racistas: como evitá-las**. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2022.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**CONHECIMENTO E RECONHECIMENTO DA LITERATURA INDÍGENA NO
BRASIL**

Keily Rafaela Camargo (G-CLCA-UENP/CJ)

Maria Clara dos Santos Granemann (G-CLCA-UENP/CJ)

Ricardo André Ferreira Martins (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: a literatura indígena contribui de forma significativa na cultura e sociedade brasileira, ainda que não seja reconhecida e não receba o devido valor que merece. Ela tem uma grande influência no meio cultural e social, através de dança, canto, lendas, histórias contadas oralmente e até mesmo na modalidade escrita. São inúmeras as suas contribuições, porém poucos indivíduos sabem disso, pois, ainda que vivamos hoje em um mundo que contém muitos meios de se obter informações, o contato com a cultura e história dos povos indígenas ainda é faltosa. Grande parte da sociedade sabe sobre os indígenas somente aquilo que lhe foi transmitido na escola, quando ainda pertencia às séries iniciais. A literatura indígena também necessita estar presente nas escolas, pois, assim, acrescenta no conhecimento da diversidade cultural de cada educando e, também, transforma a pluralidade. Essa pesquisa se empenha em trazer maiores informações acerca da literatura indígena e suas contribuições, bem como necessita trabalhar a inclusão da literatura indígena nas escolas. A investigação se desenvolverá por meio de pesquisas em artigos, revistas e pensamentos e estudos de dois autores indígenas, Daniel Munduruku (2021) e Olívio Jekupé (2019), visto que ambos trabalham e defendem a literatura indígena.

Palavras chave: Literatura indígena. Diversidade cultural. Educação básica.

Introdução

Os povos indígenas do Brasil, historicamente, sempre foram romantizados, pela literatura brasileira, como culturas que transmitem uma imagem de sociedade pura, não destroem a natureza e que possuem suas crenças e tradições. Porém, esse reconhecimento limitado, a partir da ótica dos literários brasileiros, ressalta a importância dos povos indígenas, apenas para suas próprias culturas. Segundo o escritor Jekupé (2009), em seu livro *Literatura Escrita pelos povos indígenas*, as narrativas construídas ao longo das décadas por



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

outros autores brasileiros não contribuíram de forma significativa para que o reconhecimento sobre os saberes indígenas impactasse, de forma mais ampla, ao ponto de chegar de modo efetivo nos estudos literários da educação básica e ensino superior.

O livro *500 Anos de Angústia*, de Jekupé (2019), relata diversas experiências próprias que presenciou ao longo de sua vida morando na aldeia, como também sua convivência fora dela. Nesse livro, ele escreve sua história, na qual se destaca a resistência de um indígena que enfrenta dificuldades, supera obstáculos e que, mesmo nas adversidades, sempre se manteve forte, pois sabia que seria recompensado pelo seu esforço. O autor ressalta, também, que o conhecimento adquirido na academia no curso de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP) demonstrou que o indígena tem a capacidade de chegar a lugares que, até então, ninguém imaginava.

Em contrapartida, Jekupé retribuiu histórias ao seu povo, a partir de livros literários que falam de experiências reais de um indígena contemporâneo, o qual tem potencial de atingir grandes objetivos materiais, não deixando para trás suas raízes e, ainda, podendo contribuir com o reconhecimento real dos seus parentes indígenas. O autor acrescenta que a visão distorcida e preconceitos por parte de muitos brasileiros deve ser combatida com conhecimento, onde o próprio indígena possa reproduzir sua verdadeira história literária.

A literatura indígena não é algo novo, porém, só vem sendo mais presente no meio social e educativo nos dias atuais. Ela não acontece somente por meio da escrita, mas também através das danças, cantos, imagens, desenhos rupestres, contação de histórias orais, entre tantos outros meios. Segundo Munduruku, autor indígena brasileiro, a literatura indígena está longe de alcançar um largo espaço na memória nacional e ainda procura seu lugar de pertencimento no cenário literário brasileiro; isso acontece porque não há uma fácil aceitação de iniciantes nesse meio, diferentemente de outras artes.

Ao nos referirmos a literatura indígena, não podemos deixar de ressaltar a sua



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

importante influência na língua portuguesa do Brasil, pois diversas palavras contidas nesse vocabulário surgiram a partir de algumas línguas indígenas. O que poucos sabem é que, quando falamos do “índio”, não se trata de um ser de cultura, língua e étnica, pois, no Brasil, existem inúmeras etnias que divergem em sua cultura e língua, podendo citar: Guarani Nhandewa, Guarani Kaiowá, Guarani Mboá, Kaingang, Xeta, Pataxó, entre outras existentes no país, e cada uma delas tendo suas particularidades.

Partindo desses conhecimentos, vale lembrar a grande importância da inclusão dessa modalidade literária nas escolas do índio e do não índio. Para os alunos indígenas, traz um avanço na sua forma de aprendizagem, já que nos materiais didáticos estará presente sua realidade e cultura, fazendo, assim, o aluno estar mais perto da sua realidade e despertando maior interesse no conteúdo. Já no caso de alunos não indígenas, trará uma soma de conhecimento, trabalhando o novo e o diferente.

Dentro dessa perspectiva do próprio índio escrevendo sua história, a partir de suas experiências e do conhecimento adquirido através da academia, é possível construir narrativas mais sólidas, a partir de trabalhos, projetos e artigos voltados a literatura, que somam com os demais escritores indígenas, no intuito de ampliar debates e a implementação de políticas educacionais que fortaleçam os estudos literários dos povos indígenas nas escolas de educação básica e ensino superior. Ainda nessa perspectiva, é fundamental que o próprio índio possa ter possibilidade de registrar seus trabalhos científicos, tendo o apoio necessário para a publicação de trabalhos literários.

A literatura indígena também possibilita mostrar um caminho no qual a diversidade cultural, a pluralidade e liberdade de expressão sejam mais respeitadas, trazendo para o aluno a importância de reconhecer a contribuição que ela traz para a cultura e sociedade; através desses sentidos, o aluno aprenderá a respeitar o outro e a si mesmo, engajando uma melhor conscientização.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O objetivo geral do trabalho é avaliar a importância da literatura indígena na formação da cultura e sociedade brasileira, sendo os objetivos específicos: analisar a importância da literatura indígena na sociedade; promover debates e implementar literaturas indígenas na formação do indivíduo no meio social; contribuir com debates levantados a respeito da inclusão da literatura indígena nas escolas e na possibilidade de formação de materiais didáticos a partir desse conhecimento; instigar e desenvolver a pluralidade e diversidade cultural; e conscientizar sobre a importância do índio e sua inclusão no meio social.

O método para a realização desta pesquisa se dá por meio de pesquisas e investigação em artigos, revistas, livros e textos científicos. Serão, também, estudados com profundidade os autores indígenas brasileiros Daniel Munduruku (2021) e Olívio Jukupé (2019), pois ambos trazem diversas opiniões e contribuições quando se trata de literatura indígena brasileira. Um questionário baseado no assunto será formulado para poder melhor atender as necessidades desse trabalho de pesquisa, o qual trará curiosidades sobre a literatura indígena, sua contribuição e importância cultural, a invisibilidade da cultura indígena e sua inclusão nos estudos da educação básica.

Invisibilidade da cultura literária indígena no Brasil

A invisibilidade da literatura indígena no Brasil é um fenômeno complexo e multifacetado, resultado da interseção de diversos fatores históricos e sociais. Um dos principais fatores é o etnocentrismo, que permeou as instituições culturais brasileiras ao longo da história. A visão eurocêntrica, predominante na sociedade brasileira, contribuiu para marginalizar as expressões culturais indígenas, incluindo sua produção literária, considerando-a de menor valor em comparação com as formas de cultura europeia.

- 394 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Além disso, a falta de reconhecimento das línguas indígenas como línguas literárias legítimas também desempenhou um papel significativo na invisibilidade da literatura indígena. Muitas vezes, as línguas indígenas foram desvalorizadas e desencorajadas em favor do português, tornando difícil para os povos indígenas preservar e transmitir suas tradições literárias de geração em geração.

Outro fator relevante é a predominância de um cânone literário eurocêntrico nas escolas e universidades brasileiras. Isso resultou em uma educação literária que raramente inclui ou destaca obras escritas por autores indígenas, contribuindo, assim, para a marginalização da literatura indígena. Esses fatores combinados prejudicam não apenas a compreensão da rica herança cultural indígena, mas também a construção de uma identidade nacional mais inclusiva e pluricultural, que reconheça e valorize as contribuições literárias e culturais de todos os grupos étnicos que compõem o Brasil. Essas questões são abordadas por Schaefer (2016, p. 9), que diz

Historicamente, a matéria literária dos povos indígenas foi sistematicamente impedida de configurar uma literatura, já que a leitura do indígena, predominantemente, foi feita pelos olhos do outro, branco/ocidental/europeu; em relação a isso o estudo da literatura indígena conduz a uma reflexão sobre o outro, propondo o diálogo entre a voz indígena e a voz não indígena. Ao longo da história da colonização, os povos indígenas foram impossibilitados de escrever e até mesmo de falar em sua própria língua, através de proibições realizadas por missões religiosas, funcionários de governo e até mesmo pela população não indígena (Schaefer, 2016, p. 9).

Desde a chegada dos europeus ao continente americano, a percepção dos povos indígenas foi moldada por meio da representação que o "outro", isto é, o "branco", construiu na literatura e na arte; essas representações, em grande parte, caracterizaram-se por elementos exóticos e clichês. Durante o século XIX, o movimento literário indigenista



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

contribuiu para a formação de uma narrativa identitária nacional que, infelizmente, tendeu a excluir os povos indígenas (Saavedra, 2020, p. 102). Saavedra ainda explica esse posicionamento, dizendo:

Um imaginário que se inicia oficialmente com a carta de Pero Vaz de Caminha, o escrivão que acompanha Cabral em sua chegada à ilha de Vera Cruz, território que depois de uma série de outros nomes passaria a se chamar Brasil. Caminha narra esse primeiro encontro em sua carta endereçada ao Rei de Portugal; nas entrelinhas, não só o olhar surpresa, mas também o que seria depois um dos mitos constitutivos do país: a ideia de paraíso na terra, a ilha Brasil (Saavedra, 2020, p. 102).

Adicionalmente, o imaginário acerca dos povos indígenas foi fundamentado em dois mitos distintos: um deles retrata o "bom selvagem", habitando um paraíso esquecido, enquanto o outro descreve um canibal ávido por carne humana. Esses mitos contribuíram para a construção de estereótipos prejudiciais que permearam a visão coletiva dos indígenas, refletindo-se em suas representações culturais, literárias e artísticas (Saavedra, 2020, p. 103).

A diversidade étnica, composta por diversos segmentos sociais, é vasta e requer uma análise atenta das diferenças para uma compreensão plena. Nesse sentido, ao explorar textos literários indígenas, é essencial questionar as concepções preestabelecidas sobre diversidade e cultura, a fim de apreender a complexidade e a riqueza cultural presentes nessas comunidades. Além disso, a literatura indígena desempenha um papel crucial como expressão cultural que espelha a identidade, história e lutas das comunidades indígenas, merecendo ser reconhecida e tratada com o devido respeito. Ela pode até servir como uma ferramenta de resistência, permitindo que os autores indígenas manifestem, por meio da arte literária, seu profundo vínculo espiritual com a Mãe Natureza e a Mãe Terra (Graúna, 2014, p. 55).

Assim, ao analisarmos a literatura indígena, não apenas enriquecemos nossa



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

compreensão da diversidade cultural, mas também honramos a importância desta expressão artística como uma forma valiosa de preservação e transmissão das tradições e valores das comunidades indígenas. Além disso, Graúna (2014, p. 55) complementa que

A literatura indígena no Brasil está saindo da invisibilidade. Essa literatura pode ao mesmo tempo alimentar sua resistência nas favelas ou se fortalecer em meio ao sagrado toré onde quer que aconteça. [...]. Porque a palavra indígena sempre existiu, uma de suas especificidades tem tudo a ver com resistência (Graúna, 2014, p. 55).

Ademais, é importante ressaltar que a arte e a literatura indígena desempenham um papel utilitário significativo, pois são utilizadas como ferramentas de luta e resistência. Por meio dessas expressões culturais, as comunidades indígenas reafirmam sua própria narrativa e história, que anteriormente estavam frequentemente limitadas ao olhar de terceiros, principalmente nas esferas das artes e da antropologia (Saavedra, 2020, p. 108).

Ao utilizar a literatura e a arte como meios de expressão, os povos indígenas conseguem recuperar o controle sobre sua própria representação e narrativa, capacitando-se a transmitir suas perspectivas, valores e experiências de maneira autêntica e *empoderadora*. Assim, é possível analisar que a literatura indígena traz contribuições não somente para a história do Brasil, mas também na resistência da luta indígena.

A literatura indígena nas escolas

A inclusão da literatura indígena nas escolas é um passo fundamental na jornada em direção a uma educação mais inclusiva e diversificada. Ela não apenas enriquece o currículo escolar, mas também promove a valorização da cultura e das tradições dos povos indígenas, que há tanto tempo têm sido marginalizados.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Em uma análise primária, é notável que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional estabelece de maneira enfática a necessidade da inclusão do ensino da história indígena no contexto educacional, com um destaque particular nas disciplinas de história, artes e literatura (BRASIL, 1996, s. p.). Essa ênfase reflete a importância de reconhecer e celebrar a riqueza cultural, histórica e literária dos povos indígenas, contribuindo, assim, para uma educação mais inclusiva e abrangente.

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras (Brasil, 1996, s. p.).

A literatura indígena é importante na formação dos alunos porque permite que eles conheçam a diversidade cultural do país e reconheçam a presença e a contribuição das muitas etnias que constituem as culturas aqui desenvolvidas. Além disso, a literatura indígena pode ser apresentada às crianças como forma de conhecimento e inclusão do outro, como prática de multiletramento e de leitura de multimodalidades textuais. Ao utilizarmos esta literatura em sala de aula, motivaremos a formação de leitores mais competentes, multiculturais e multiletrados; o contato com a literatura de outros povos propicia ao leitor não indígena uma reflexão sobre si e sobre outros povos (Schaefer, 2016, p. 25). Complementam, ainda,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Brandileone e Valente (2018, p. 205-206) que:

Se, de acordo com Canclini (2007), os povos indígenas empreendem esforços para concretizar o diálogo intercultural e a proposta educacional sustenta-se na ideia de integração entre índios e não índios, torna-se de fundamental importância colocar o discente em contato com produções culturais que possam se identificar e se reconhecer como indígenas (Brandileone; Valente, 2018, p. 205-206).

A literatura indígena contribui para a formação de crianças mais conscientes e respeitadas em relação à diversidade cultural ao apresentar narrativas que valorizam a cultura e a história dos povos indígenas, além de desconstruir estereótipos e preconceitos. A literatura indígena também pode ajudar a promover a interculturalidade, ou seja, o diálogo e a troca de conhecimentos entre diferentes culturas, ao apresentar perspectivas e visões de mundo distintas daquelas com as quais as crianças estão acostumadas. Além disso, a literatura, como toda obra de arte, é capaz de transmitir valores e ideias por meio da forma como é apresentada, o que pode ajudar a sensibilizar as crianças para a importância da diversidade cultural e da valorização das culturas indígenas (Brandileone; Valente, 2018, p. 214).

A proposta de ensino de literatura estruturada pela diversidade cultural pode contribuir para a inclusão e democratização cultural ao reconhecer e valorizar a cultura de grupos subalternizados, que, muitas vezes, são excluídos dos espaços educacionais. Essa abordagem permite que os alunos tenham acesso a diferentes perspectivas e experiências culturais, o que pode ampliar sua compreensão do mundo e de si mesmos. Além disso, ao incluir a diversidade cultural no ensino de literatura, é possível desconstruir estereótipos e preconceitos, promovendo uma educação mais inclusiva e democrática (Machado; Soares, 2021, p. 1002). Ademais, Machado e Soares (2021, p. 991) ainda complementam que:



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A *decolonialidade* nos propicia incorporar o conhecimento produzido fora dos centros hegemônicos, os assujeitados no processo de *colonialidade* (negros, mulheres, indígenas, LGBTQIs, populações das classes trabalhadoras, dentre outros), de forma a buscar a reestruturação do sistema, com vistas a torná-lo cada vez mais aberto, sem que haja hierarquização de saberes, de histórias, de línguas, de modos de ser (Machado; Soares, 2021, p. 991).

Os preconceitos étnico-raciais, homofóbicos, misóginos e classistas podem afetar o ensino de literatura de diversas maneiras, o que pode levar à exclusão de grupos subalternizados dos espaços educacionais, à invisibilização de suas culturas e à perpetuação de estereótipos e preconceitos. Além disso, esses preconceitos podem influenciar a seleção do cânone literário, que, muitas vezes, é dominado por autores brancos, heterossexuais, homens cisgêneros e de classe média ou alta. Isso pode limitar a diversidade de perspectivas e experiências culturais apresentadas aos alunos, o que pode reforçar preconceitos e estereótipos. Portanto, é importante reconhecer e combater esses preconceitos no ensino de literatura para promover uma educação mais inclusiva e democrática (Machado; Soares, 2021, p. 993). Schaefer (2016, p. 11-12) ainda destaca sobre a seletividade literária perpetuada na cultura brasileira.

O texto literário indígena, ao partir de uma cultura e tradição literária, e chegar em um leitor que aprendeu a ler textos literários segundo outra cultura e tradição literária, exige referenciais e critérios de leitura específicos, constituindo um desafio permanente para o leitor. [...]. A questão dos gêneros literários exemplifica a questão do hibridismo cultural e do diálogo entre tradições literárias, assim como para especificidades da construção das textualidades indígenas, em relação à presença de elementos provenientes da oralidade ou vinculados à visualidade (Schaefer, 2016, p. 11-12).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Assim, de modo a trazer esse patrimônio cultural para a sala de aula, a literatura indígena pode ser inserida no currículo escolar por meio de programas como *Biblioteca na Escola* e até mesmo nas coleções distribuídas pelo MEC que fazem parte do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), em que é possível notar a presença de alguns livros escritos por autores indígenas. Além disso, é importante que os professores busquem conhecer a literatura indígena e incluí-la em suas práticas pedagógicas, seja por meio da leitura de livros, contação de histórias ou outras atividades que possam despertar o interesse dos alunos (Schaefer, 2016, p. 16). Ademais, também consta na Base Nacional Comum Curricular a responsabilidade das instituições de ensino da educação básica a necessidade de implementar, em seus currículos, uma abordagem étnica e cultural diversificada (BRASIL, 2017, p. 19-20).

Por fim, cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. Entre esses temas, destacam-se: [...] educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena (Brasil, 2017, p. 19-20).

No entanto, sabemos que a adequação dessa proposta não é fácil. É possível inferir que um dos desafios é a dificuldade em acessar material sobre as questões indígenas que seja acessível às crianças. Além disso, a literatura indígena brasileira ainda mantém a publicação e a circulação de obras indígenas no Brasil reduzida, o que pode dificultar o acesso dos professores a esse tipo de material. Outro desafio pode ser a falta de formação específica dos professores para trabalhar com a literatura indígena e a necessidade de desconstruir estereótipos que, há muito, permanecem quando se trata dos povos antigos do Brasil



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

(Schaefer, 2016, p. 17).

Já na ótica de Brandileone e Valente, um dos principais desafios para a inclusão da literatura indígena nas escolas é o engajamento ideológico presente em algumas narrativas, que podem reforçar estereótipos e visões exóticas sobre os povos indígenas. Além disso, destaca-se que a seleção e inclusão de obras literárias que abordam a temática indígena nos acervos escolares ainda é limitada e pode não contemplar a diversidade de povos e culturas indígenas existentes no Brasil. Outro desafio é a falta de formação adequada dos professores para trabalhar com a literatura indígena de forma crítica e intercultural (Brandileone; Valente, 2018, p. 212).

Fica evidente que a inclusão da literatura indígena nas escolas é uma questão de importância vital para promover a diversidade cultural, o respeito às tradições dos povos indígenas e a construção de uma sociedade mais inclusiva, visto que “não há dúvida sobre o valor cultural, antropológico, histórico, que esse saber ancestral, intimamente ligado à natureza, ocupa ou deva ocupar em nossa sociedade” (Brandileone; Valente, 2018, p. 213). A literatura indígena não apenas enriquece o currículo escolar, mas também oferece uma oportunidade única para os estudantes aprenderem sobre a rica tapeçaria de culturas, línguas e perspectivas que compõem o nosso país.

Além disso, ao reconhecer e valorizar a literatura indígena, estamos, também, honrando o poder da palavra escrita como veículo para preservar tradições, contar histórias e expressar identidades. Essa inclusão não é apenas uma questão de justiça cultural, mas também uma maneira de empoderar os povos indígenas, dando-lhes a voz e o espaço que merecem em nossas instituições educacionais.

No entanto, a inclusão da literatura indígena nas escolas requer uma abordagem cuidadosa e sensível, com o envolvimento ativo das comunidades indígenas. Isso implica respeitar suas tradições e garantir que a representação seja precisa, livre de estereótipos e



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

orientada pela autenticidade cultural. É importante citar que Machado e Soares destacam sobre a posição de privilégio que alguns grupos étnicos possuem ante os indígenas, o que acaba gerando essa exclusão cultural e social

Os grupos historicamente excluídos são, na verdade, ludibriados, visto que, na prática, permanecem silenciados. Os sujeitos que detêm o poder (político, econômico ou simbólico) não renunciam a suas prerrogativas de classe, nem ao monopólio hegemônico de suas culturas, empenhando-se para a manutenção dos saberes privilegiados nas mãos de poucos, justamente aqueles pertencentes às classes ou grupos sociais privilegiados (Machado; Soares, 2021, p. 994).

A literatura indígena nas escolas não é apenas uma questão de ensinar sobre os povos indígenas, mas também uma oportunidade de aprender com eles e com suas ricas heranças culturais. Ela nos desafia a repensar nossos próprios conceitos de diversidade, identidade e respeito mútuo, contribuindo para a construção de um mundo mais inclusivo, plural e enriquecedor para todos.

Livro *500 Anos de Angústia* (2019), de Olívio Jekupé

O livro intitulado *500 Anos de Angústia* (2019) apresenta uma compilação de poemas criados por um autor pertencente à comunidade indígena. A obra começa por esclarecer o significado do termo "jurua kuery", usado frequentemente pelo autor ao longo de seus poemas, para se referir às pessoas que não pertencem às comunidades indígenas. Este uso reiterado do termo evidencia a importância dada pelo autor às línguas indígenas e reflete um desejo de preservar e valorizar essas línguas (Jekupé, 2019, s. p.).

Além dos textos que abordam temas relacionados à luta e à militância indígena, o livro também inclui poemas que exploram uma variedade de temas, como sentimentos



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

peçoais, a beleza intrínseca das culturas indígenas, a reverência pela natureza e reflexões pessoais do autor. Dessa forma, a obra oferece uma visão abrangente das experiências e perspectivas do autor, enriquecendo o entendimento da riqueza cultural e das questões contemporâneas enfrentadas pelas comunidades indígenas (Jekupé, 2019, s. p.).

O poema “A Morte de Galdino” retrata um caso ocorrido em 1997, na cidade de Brasília, no qual o indígena Pataxó Galdino Jesus dos Santos foi assassinado por cinco indivíduos, após atarem fogo em seu corpo, em um ponto de ônibus, enquanto este dormia. Sua poesia revela sua revolta com a crueldade neste assassinato, comparando os homicidas a monstros, além de expor seu desejo de justiça, mesmo sabendo que esta, no Brasil, é falha; o poema termina com uma prece de justiça ao Deus Nhanduru, sabendo que esta não falhará. A temática de assassinato do povo indígena também é abordada no poema “Os Matadores” (Jekupé, 2019, s. p.).

Quando fico sabendo que
mais um dos meus irmãos
morreu, corta o meu coração.
Dói tanto que não sei
nem como explicar.
Só sei que entenderá,
a dor que estou sentindo,
quem sabe amar.

Não entendo como pode
ter gente tão cruel assim,
que tem a coragem de
matar aqueles que não
fazem mal a ninguém
(Jekupé, 2019, s. p.).

Os poemas “Séculos”, “Este País Já Foi Nosso”, “Branco Maldoso”, “Não Sou Feliz” e “Isto é Sofrimento Demais” contam sobre as terras que são tomadas dos indígenas



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

em razão da ganância humana, e, junto com as terras, são levadas também a cultura, a língua e a vida de muitos indígenas, que são mortos durante atos de invasão de terras – no ano de 2020, 182 indígenas foram assassinados, sendo 113 em atos de violência (Borges, 2021). Há, ainda, no segundo poema, um adendo do autor dizendo que, caso as terras ainda pertencessem aos indígenas, não haveria tanta destruição da fauna e flora (Jekupé, 2019, s. p.).

O poema “Índio Estudante” aborda sobre a vida pessoal do autor relativo à necessidade de formar-se no ensino superior; como as terras indígenas estão sendo invadidas, muitos destes precisam mudar-se à cidade para garantir sua sobrevivência, mas, cada vez mais, o mercado de trabalho exige formação ou experiência dos candidatos a vagas de emprego, e, quem não os têm, são obrigados a viver do trabalho informal. É importante ressaltar que, segundo a Agência Brasil (Bond, 2023), apesar do aumento considerável no número de matrículas dos alunos indígenas nas universidades, estes fazem parte de apenas 0,5% dos alunos do ensino superior (Jekupé, 2019, s. p.).

Os poemas “Nas Férias Irei para a Aldeia”, “Saudade da Aldeia”, “Estou Sozinha (Azelene)” e “Começo de Férias” falam sobre as dificuldades de precisarem sair do seu lar para que possam cursar o ensino superior em uma instituição pública e de qualidade que se localizam mais distantes e expressam o seu desejo em retornar para casa, dando ênfase à alegria que sentem ao voltar (Jekupé, 2019, s. p.).

Passei um ano longe
dos meus parentes
lá do norte do Paraná.
Depois que entrei de férias,
comprei uma passagem,
e para a aldeia fui.

Saí de casa contente

- 405 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

que não conseguia
nem explicar minha alegria.
Chegando lá, encontrei
com todos eles.
Como foi maravilhoso.

A minha maior alegria
sempre foi estar ao lado deles.
Por isso, nas férias sempre estou lá,
na aldeia, revendo a todos
(Jekupé, 2019, s. p.).

O poema “Tenho que lutar” diz muito sobre o sentimento de tristeza que o autor sente por haver tantas notícias relativas a tragédias contra o povo indígena e a falta de consciência dos não-indígenas que disseminam essas violências, sendo necessário que os povos se fortaleçam para conquistarem seus direitos básicos; a obra termina com o seguinte questionamento: “será que os *jurua kuery*, um dia, irão se conscientizar ou continuarão como sempre?” (Jekupé, 2019, s. p.).

O poema “Famoso” refere-se à figura do Deus cristão. O autor descreve um sonho que teve com Deus ordenando os portugueses a dominarem e explorarem as terras brasileiras que pertenciam aos indígenas, inclusive, se fosse preciso, até mata-los (Jekupé, 2019, s. p.).

Sonhei com o famoso Deus,
aquele que os brancos
dizem que amam tanto
e que chamam de pai.

Pois é, sonhei que foi
Ele quem deu a ordem
para que os brancos viessem
para a América.

Aliás, mandou explorar
todas as terras dos índios

- 406 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

e, se eles reagissem, poderiam
até matar – ordenou Deus
(Jekupé, 2019, s. p.).

Os poemas “Defensores dos Índios” e “Você Tem Consciência” falam sobre o sentimento de gratidão por haver pessoas *jurua kuery* que apoiam, lutam e apaixonam-se pela cultura indígena. Em contradição, o poema “Sarro” é um confronto aos *jurua kuery* que debocham do povo indígena por sua cultura (Jekupé, 2019, s. p.).

Caramba, não entendo
porque tem gente que
vive só para
tirar sarro de nós?

Todas as vezes que
vou para a cidade,
sempre tem um jurua
que tira sarro de mim.

Só que o nosso povo
não é como eles. [...].

O problema é que os brancos
não têm cultura.
Se eles tivessem, não
falariam o que falam
(Jekupé, 2019, s. p.).

O poema “Índio e Negro” traça um paralelo entre as vivências dos povos indígenas e negros no enfrentamento do racismo (Jekupé, 2019, s. p.). Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), em estudo de 2020, o índice de mortes violentas contra negros no mundo é de 76,9% dos assassinatos (CONTRAF, 2023); já contra indígenas, entre os anos de 2019 e 2022, foram constatados 795 homicídios (CIMI, 2023).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

O poema “Conscientização” reflete sobre a importância dos professores da educação básica em apresentarem a perspectiva dos povos indígenas quanto à história do Brasil, podendo gerar um impacto positivo na conscientização das gerações futuras sobre a real história do Brasil. A temática também é abordada no poema “Usar a Conscientização”, ressaltando sua importância na luta dos indígenas (Jekupé, 2019, s. p.).

Ah, se os professores
soubessem dos problemas
que acontece com nosso povo.
Quem sabe eles
poderiam ter mais
consciência e poderiam
até ajudar, porque eles têm
uma grande massa em sua frente,
que são os alunos.

Como seria tão bom
se isso acontecesse
(Jekupé, 2019, s. p.).

Os poemas “Século XXI” e “Ignorantes e Não Sábios” abordam a temática do desmatamento e destruição da fauna e da flora brasileira (Jekupé, 2019, s. p.). Entre 2013 e 2021, o desmatamento nas terras indígenas da Amazônia brasileira emitiu 96 milhões de toneladas de CO₂, com 59% dessas emissões ocorrendo nos últimos três anos (2019-2021, representando 2,38% do desmatamento total na região. A análise de 232 terras revelou uma taxa média de desmatamento de 35 km² por ano, um aumento de 129% desde 2013.

Os poemas Tempo “Que Não Volta Mais” e “500 Anos de Angústia” fazem uma reflexão sobre o Brasil antes da chegada dos portugueses e os impactos que a exploração de riquezas causou nos povos indígenas – como o extermínio. No segundo poema, em específico, fala-se sobre as comemorações sobre o “descobrimento do Brasil”, mas que, para



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

os indígenas, não havia nada para se comemorar; com a chegada dos portugueses, também vieram doenças desconhecidas, roubos e assassinatos (Jekupé, 2019, s. p.).

Pois, desde o primeiro dia
em que os portugueses pisaram
aqui nesta terra, o que
posso dizer é que nosso povo
entrou numa grande enroscada. [...].

Isso que fico angustiado todas as vezes
em que a mídia fala em comemorar os 500 anos,
que, para o nosso povo,
foram 500 anos de angústia
(Jekupé, 2019, s. p.).

Outros poemas também falam sobre sentimentos, como amor, decepções, paixão e saudade, a beleza indígena, a valorização da natureza e faz reflexões pessoais, como os poemas “Amor Correspondido”, “Mãe dos Oprimidos”, “A Índia”, “Saudade de Você”, “Eles Sabem Amar”, “Voltei para a Aldeia”, “Minha Índia”, “Cansado”, “O Amor Não Deixa Dormir”, “Ela Namora Meu Irmão”, “Profecia do Pajé”, “Uma Índia”, “Desabafo do Índio (Xavante)”, “Aldeia”, “Oi, Tupã”, “Muitos Não Nos Conhecem”, “Xingu”, “Grande Amiga”, “País Cristão”, “Já Fui Feliz (Pankararu/SP)”, “Amor de Índio”, “Vou Voltar para Minha Aldeia”, “A Índia Guarani”, “Mundo Lindo”, “O Sorriso de Poty” e “Amo Esta Índia” (JEKUPÉ, 2019, s. p.).

Livro *Contos Indígenas Brasileiros* (2021), de Daniel Munduruku

Cada sociedade indígena é influenciada por seus mitos e histórias, o que possibilitou a criação de novas memórias e mantém viva a poesia (Munduruku, 2021, p. 2). O autor



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

destaca a importância de preservar o acervo da literatura oral em todas as suas obras e expressa sua preocupação não apenas com o valor antropológico, mas também com a qualidade estética desse legado de narrativas transmitidas ao longo das gerações (Gabriel, 2020, p. 144).

Os escritos críticos e literários do autor indígena brasileiro Daniel Munduruku atribuem papel proeminente à imagem do contador de histórias. O conjunto de sua obra oferece valiosa contribuição para a literatura indígena como um todo. Mais do que um ciclo de histórias e memórias coletadas de fonte oral, o mosaico de narrativas autobiográficas e ficcionais, ensaios e contos escritos por Munduruku formam um detalhado retrato de sua herança cultural indígena (Gabriel, 2020, p. 137).

O livro *Contos Indígenas Brasileiros* (2021), de Daniel Munduruku, traz oito histórias contadas por diferentes povos indígenas, de Norte a Sul do Brasil. É interessante ressaltar que, ao final de cada capítulo, há um glossário para explicar os termos indígenas que são usados no texto; a partir disso, podemos perceber que Munduruku deseja com esse artifício possibilitar que sua obra seja acessível a todas as pessoas.

Seria possível afirmar que Munduruku não acredite que a história de seu povo deva ser contada, por meio da linguagem literária, transformando-se em artefato de consumo para entretenimento. Escrevendo como autor indígena, ele imita os sábios contadores de histórias de seu povo, que sabem educar, instruir, mas igualmente, encantar a narrativa de histórias e histórias transmitidas a cada geração (Gabriel, 2020, p. 155).

No primeiro conto, “Do mundo do centro da terra ao mundo de cima”, contado pelo povo Munduruku, analisamos que os Munduruku viviam dispersos, guerreando entre si, até que Karú-Sakaibê, o grande Criador, decide retornar para unificá-los. Ele conta com a



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

companhia de seu amigo Rairu, um ser poderoso e brincalhão. Rairu faz um desenho de tatu com materiais naturais e cola-o com resina feita da cera do mel de abelha. No entanto, ao tentar retirar a mão do desenho, fica preso no rabo do tatu, e o desenho ganha vida, levando Rairu para o centro da Terra. Lá, Rairu encontra diversas pessoas, algumas boas, outras más e preguiçosas. Ao contar a história a Karú-Sakaibê, o Criador decide trazer essas pessoas para o mundo de cima. Com um cordão de algodão, Rairu faz subir as pessoas, primeiro os feios e preguiçosos, depois os bonitos. A corda se rompe, fazendo com que os bonitos caiam de volta ao centro da Terra. Karú-Sakaibê decide diferenciar e espalhar essas pessoas, criando diferentes etnias, pintando-as de cores distintas. Os preguiçosos que adormeceram são transformados em animais da floresta como castigo, enquanto os que foram leais se tornam o início de uma nova era. O Criador os presenteia com conhecimento agrícola, ensinando-os a cultivar alimentos essenciais como mandioca, milho e outras plantas. Assim, Karú-Sakaibê transforma os Munduruku em um povo forte e poderoso, dotando-os de conhecimento e alimentos para prosperar.

No antigo tempo da criação do mundo com toda sua beleza, os Munduruku viviam dispersos, sem unidade e guerreando entre si. Era uma situação muito ruim que tornava a vida mais difícil e indócil. Foi aí que ressurgiu Karú-Sakaibê, o grande Criador, que já havia tantas coisas boas para este povo (Munduruku, 2021, s. p.).

O conto dos Munduruku é uma narrativa que aborda a unificação e a origem desse povo indígena. A trama incorpora elementos míticos e culturais, explorando a criação do mundo, a diferenciação étnica e a concessão de conhecimento agrícola. A queda dos bonitos de volta à Terra, após a corda se romper, pode simbolizar a origem da diversidade étnica Munduruku, enquanto a transformação dos preguiçosos em animais da floresta e a recompensa dos leais com conhecimento agrícola levantam questões morais. O conto



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

proporciona uma visão fascinante da mitologia Munduruku, explorando temas de criação, diversidade e prosperidade sob a orientação de uma divindade benevolente.

O conto “O roubo do Fogo”, do povo Guarani, conta que estes não sabiam acender fogo e comiam alimentos crus, pois o elemento ficava sob poder dos urubus, já que foram eles que descobriram primeiro como se apossar dele, não permitindo que outros animais usufruíssem do mesmo privilégio de cozinhar seus alimentos; por mais que as outras criaturas se frustrassem, ninguém enfrentava os urubus. Um dia, Nhanderequeí, um guerreiro respeitado, voltou de uma longa viagem e decidiu enfrentar os urubus, junto de outros animais e homens; ele contou seu plano de fingir-se de morto para que, quando os urubus avançassem sobre sua carcaça, todos saíssem de um esconderijo para espantar os animais e, assim, roubarem o fogo. Após três dias fingendo-se de morto, os urubus pegaram o seu corpo e colocou numa grande fogueira, mas ele não se queimava em razão de uma resina que havia passado em seu corpo. Então, Nhanderequeí deu um grande susto nos urubus, os quais fugiram, e deu a oportunidade de saquearem o fogo; quando os animais perceberam a emboscada, tentaram salvar o fogo, mas este acabou se apagando de tanto que fora pisoteado. No entanto, um pequeno cururu, que passou despercebido pelos grandes urubus, conseguiu salvar uma pequena brasa, e o guerreiro conseguiu pegar o fogo. Quando ele colocou a brasa numa palha, a fumaça espantou os animais e o cheiro de queimado incomodou as aves, ficando apenas para os homens.

Em tempos antigos, os Guarani não sabiam acender fogo. Na verdade, eles sabiam apenas que existia o fogo, mas comiam alimentos crus, pois o fogo estava em poder dos urubus. O fogo estava com essas aves porque foram elas que primeiro descobriram um jeito de se apossar das brasas da grande fogueira do sol (Munduruku, 2021, s. p.).

O fogo é frequentemente associado a conhecimento e civilização em diversas



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

mitologias. Neste conto, o fogo é apresentado como um privilégio mantido pelos urubus, impedindo que outras criaturas o utilizem, o que pode representar a importância do fogo na evolução cultural e tecnológica das sociedades. A aplicação da resina no corpo como uma proteção contra o fogo revela uma relação entre o personagem e a natureza, além de fornecer uma solução engenhosa para o desafio de enfrentar a fogueira sem se queimar. A presença de animais na história, especialmente o pequeno cururu que salva uma brasa, destaca a interconexão entre os seres vivos na mitologia Guarani. A história destaca a importância cultural do fogo para os Guarani e proporciona uma visão única sobre a relação entre humanos e o mundo natural na mitologia dessa comunidade.

O conto do povo Nambikwara, “A pele nova da mulher velha”, fala sobre uma mulher muito velha, rejeitada pelos outros devido à sua idade avançada, sonha em rejuvenescer e fica determinada a realizar esse sonho. Ela pede a um jovem de outra aldeia que encontre penas de tucano para ela, acreditando que isso resolverá seu problema. O rapaz relutantemente cumpre a tarefa, mas ao retornar, os meninos da aldeia, sem perceberem sua verdadeira identidade, destroem a pele velha dela, pensando que é um animal. A mulher, agora incapaz de manter sua juventude, amaldiçoa os meninos, prevendo que envelhecerão e morrerão. Ela veste a pele danificada e morre. Somente uma cobra, que testemunhou a situação e mostrou compaixão, é recompensada com o dom de trocar de pele conforme as estações do ano.

Em tempos muito antigos, contam os avós Nambikwara, havia uma mulher muito velha. Alguns até diziam que ela chegava a ter mais de 165 anos de idade. Por ser assim tão velha, todo mundo havia se afastado dela. Dessa forma, a mulher vivia sozinha numa casa que ela mesma construiu usando a força de seus braços (Munduruku, 2021, s. p.).

O conto aborda a temática da rejeição social da mulher de idade avançada, o que



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

sugere a importância das aparências na sociedade e destaca as pressões culturais relacionadas à juventude e beleza. A mulher busca a renovação através de penas de tucano, refletindo uma aspiração por uma transformação física que poderia alterar sua condição de vida, o que pode ser interpretada como uma metáfora mais ampla para a busca da juventude eterna e da resistência à passagem do tempo. Ao final, a compaixão demonstrada pela cobra, que é testemunha da situação entre os meninos e a mulher, é recompensada com o dom de trocar de pele conforme as estações do ano, o que pode ser interpretado como uma representação da importância da compaixão e empatia, contrastando com as ações impulsivas dos meninos. A ironia, a tragédia e a compaixão presentes no conto são elementos-chave que enriquecem a história, oferecendo uma reflexão profunda sobre a natureza humana, a passagem do tempo e a interação com o mundo natural.

O conto “Por que o sol anda tão devagar?”, do povo Karajá, conta que, no início dos tempos, os Karajá viviam em um lugar escuro e frio por falta de sol, lua e estrelas. Eles precisavam manter um braseiro aceso dentro de casa para se aquecer, mas a preguiça e o medo da mata impediam que os homens fossem buscar lenha. O herói Cananxiuê, apesar de seu status, recusava-se a enfrentar a escuridão e o frio. Seu sogro, irritado, foi buscar lenha e se machucou. Cananxiuê continuou indiferente, até que os animais e sua esposa o pressionaram a buscar a luz do sol. Contrariando as expectativas, Cananxiuê partiu em busca do sol sem armas. Ao longo de sua jornada, foi desafiado pelos animais que questionavam sua capacidade de vencer as forças naturais sem armamento. No entanto, ele elaborou um plano astuto. Ao alcançar o urubu-rei, guardião do sol, Cananxiuê fingiu estar morto, enganando as moscas e os urubus. Ele capturou o urubu-rei, que ofereceu qualquer coisa em troca de sua liberdade. Cananxiuê pediu a luz das estrelas, da lua e, finalmente, do sol. O urubu-rei, descontente, trouxe as luzes, mas com suas próprias condições. O sol brilhava intensamente, quase queimando tudo, e a lua emitia uma luz fria. O herói mediu com o



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

urubu-rei para ajustar a intensidade do sol, permitindo que os Karajá aproveitassem melhor o dia. Desde então, graças a Cananxiuê, o sol move-se mais lentamente, proporcionando aos Karajá tempo suficiente para realizar suas atividades diárias. Mesmo durante a noite, a luz das estrelas (Randô) e as piscadelas da lua (Tahiná) continuam lembrando a todos que o dia renascerá, graças ao herói que ainda segura o sol.

Contam os velhos sábios Karajá que, no início dos tempos, não havia sol, lua ou estrelas para trazer claridade. Tudo era muito escuro. Por causa disso, os Karajá precisavam manter um pequeno braseiro aceso dentro de casa. Mas isso era muito trabalhoso, pois exigia que os homens saíssem para a mata atrás de lenha (Munduruku, 2021, s. p.).

O conto, ao abordar a relutância inicial de Cananxiuê em enfrentar a escuridão e o frio, pode ser interpretado como uma metáfora para os desafios que as comunidades enfrentam quando confrontam adversidades, enfatizando a necessidade de superar o medo e a preguiça para buscar soluções e melhorias para a comunidade. A narrativa, enraizada na cultura Karajá, oferece uma visão da cosmologia e da compreensão do tempo dentro dessa comunidade; a interação entre o herói, os animais e as forças naturais revelam valores culturais e a importância de encontrar equilíbrio e harmonia com o ambiente. Ela aborda temas como coragem, astúcia, negociação e a importância de encontrar um equilíbrio nas interações com a natureza e proporciona uma compreensão mais profunda da cosmovisão e valores da cultura Karajá.

O conto do povo Terena, “A origem do fumo”, conta sobre como surgiu o tabaco. Uma mulher, que não gostava de seu marido, decidiu fazer um feitiço usando caraguatá para que ele morresse; o filho do homem, ao ver a maldade da mulher, contou ao pai, o qual decidiu se vingar. Ele se levantou e disse que iria à mata pegar mel com o menino; ao chegar, encontrou uma cobra na árvore, então ele pegou o mel, matou a cobra, retirou o filhote de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

sua barriga e misturou-a ao mel que recolhera. Quando chegou em casa, a mulher queria muito provar o mel e ele deu a vasilha de mel misturado a ela, o que a deixou com muita coceira na pele, e decidiu que iria se vingar do homem. Ela saiu correndo atrás dele para matá-lo, mas, durante a perseguição, ela caiu num fojo e a queda a matou; ao perceber o que havia acontecido, ele a enterrou e ficou observando para ver se algo acontecia, e, de fato, aconteceu: uma pequena planta começou a brotar, o que deu origem a uma árvore de folhas amareladas, diferente das outras. Desse modo, ele recolheu as folhas, amassou e, quando colocou para secar ao sol, percebeu que elas tinham um aroma agradável, então ele decidiu coloca-las em seu cachimbo; isso fez com que muitas pessoas descobrissem sobre essa folha, o que levou a toda aldeia descobrir essa iguaria e todos usavam o mesmo fumo.

Havia uma mulher que não gostava muito de seu marido, e por isso fez um feitiço contra ele. Fez o feitiço usando o *caraguatá*. Ela o pegou e o arrancou do chão e pôs dentro da árvore seu próprio sangue. É por isso que esta árvore tem o centro da cor vermelha. Em seguida, a mulher deu o broto para o marido comer (Munduruku, 2021, s. p.).

A descoberta do tabaco neste conto é apresentada como um acaso, mas a narrativa também sugere uma conexão espiritual ou simbólica entre a tragédia da mulher e o surgimento da planta. A história destaca como eventos aparentemente negativos podem resultar em descobertas inesperadas e, por fim, na introdução de uma prática cultural, como o uso do tabaco na aldeia. Além disso, o conto ressalta a importância da observação atenta da natureza e das circunstâncias, bem como a relação entre ações individuais e as consequências coletivas para toda a comunidade. A origem deste fumo acaba sendo descoberta por toda a aldeia, simbolizando como ações individuais podem influenciar a cultura e a vida em comunidade.

O conto “Depois do dilúvio”, contado pelo povo Kaingang, narra um dilúvio antigo



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

que forçou as pessoas a buscar refúgio no topo de uma serra. Com a ajuda das saracuras, que trouxeram terra para aterrar as águas, alguns sobreviveram. No entanto, aqueles que ficaram nas árvores se transformaram em macacos. Após a seca, duas metades do povo Kaingang emergiram da serra, uma com pés pequenos e outra com pés grandes, cada uma enfrentando desafios distintos. Os Kaiurucré criaram animais a partir de cinzas, enquanto os Kamé fizeram animais para combater os primeiros. Uma ponte foi erguida para controlar jaguares violentos, mas nem todos morreram. As duas metades se uniram através de casamentos, e a música e a dança foram introduzidas após a descoberta de varinhas mágicas. O tamanduá-mirim ensinou aos Kaingang a arte da dança e revelou a sabedoria sobre o sexo dos futuros filhos. O tamanduá foi reconhecido como um velho sábio e ancestral dos Kaingang.

Os velhos do povo Kaingang contam aos seus netos que, nos tempos criadores, a Terra viveu um grande dilúvio. Choveu tanto, mas tanto, que ficou para fora apenas o pico da serra Crinjjimbê. Por isso todos os seres humanos daquela época tentaram alcançar o topo para sobreviver. Muitos tentaram, mas alguns não conseguiram e morreram afogados (Munduruku, 2021, s. p.).

O conto começa com a narrativa de um dilúvio, que serve como um evento de purificação e renovação, levando à criação de uma nova ordem e vida após a catástrofe. A união das duas metades através de casamentos destaca a importância da coesão e da colaboração na construção da comunidade, o que reflete a ideia de que a diversidade, representada pelas duas metades, enriquece e fortalece a comunidade. A descoberta de varinhas mágicas, a introdução da música e da dança, e a revelação da sabedoria através de interações com animais específicos são elementos que incorporam aspectos culturais e rituais dentro da mitologia Kaingang, proporcionando uma reflexão da importância da cultura e da tradição na identidade do povo. A riqueza de detalhes na história contribui para a



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

compreensão da cosmovisão e valores dos Kaingang, proporcionando uma visão profunda e enriquecedora da mitologia dessa comunidade.

O conto contado pelo povo Tukano, “A proeza do caçador contra o curupira”, relata sobre um caçador tucano que sai para caçar na Floresta Amazônica devido à fome de sua família. Ao perceber que a caça é insuficiente, ele se vê perdido na mata à noite, temendo o espírito protetor dos animais, o curupira. O curupira o encontra, revela sua fome e o caçador sacrifica um macaco para alimentá-lo. Em gratidão, o curupira oferece ao caçador uma flecha infalível. O caçador, agora bem-sucedido, desperta a inveja dos outros caçadores. Ao descobrirem o segredo da flecha, dois jovens tentam se apossar dela, mas a flecha se transforma em uma surucucu, picando um deles. O caçador, ao perceber a perda de sua flecha, fica profundamente triste.

Lá no coração da floresta amazônica, os velhos do povo Tukano contam a história de um caçador que saiu para caçar porque sua família estava com muita fome e nada tinham para comer. O caçador saiu bem cedinho e andou o dia inteiro e só havia matado um único macaco. Mas era tão pequeno que não seria suficiente para alimentar sua família (Munduruku, 2021, s. p.)

A história se inicia com a motivação do caçador devido à fome de sua família, adicionando uma camada de realismo à narrativa, o que conecta as ações do caçador às necessidades práticas e à sobrevivência. A interação entre o caçador e o curupira destaca uma relação de respeito e troca entre humanos e os espíritos da floresta e reflete a importância do equilíbrio na natureza. A tristeza do caçador ao perceber a perda de sua flecha infalível adiciona uma dimensão emocional à história, o que revela a importância do objeto como um símbolo de reconhecimento e generosidade dos espíritos da floresta. A história destaca a importância de respeitar as dádivas da natureza e de manter um equilíbrio nas relações com



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

os seres espirituais e é rica em elementos culturais Tukano, incluindo a presença do curupira, a troca de alimentos como gesto de gratidão e a ligação intrínseca entre os humanos e os espíritos da floresta.

No último conto, denominado “A onça valentona e o raio poderoso”, do povo Taulipang, a história contada é a de uma onça que gostava de se aparecer, amedrontando todos os seres, como forma de se sentir melhor e mais forte que todos. Um dia, ela desafiou o Raio, um belo moço que estava na beira de um rio, e tentou apavorá-lo; ele, por outro lado, manteve sua postura e cumprimentou-a. Ao chegar perto do moço, ela mostrou o quão era forte por derrubar árvores e pediu para ver a força de seu adversário, o qual agitou seu bastão, que produziu faíscas, trovões e um barulho muito alto; atordoada, a onça tentou fugir e se esconder, mas tudo que o Raio tocava, era destruído. Quando ela achou que iria morrer, o Raio disse que ela não deveria desafiar ninguém sem antes saber se era mais forte que ela, então ele se despediu e foi embora, e a onça voltou cabisbaixa para casa, carregando um medo eterno de trovoadas.

Os velhos do povo Taulipang contam que, antigamente, lá no início dos tempos, quando nada ainda havia sido criado, a onça era muito metida a besta. Gostava de aparecer e amedrontar todo mundo, todos os animais. Fazia isso para poder se alimentar, mas fazia também para convencer a todos que ela era a mais poderosa do lugar (Munduruku, 2021, s. p.).

A história ilustra a importância de não subestimar os outros e ressalta a ideia de que a verdadeira força vai além da aparência física. O Raio, embora pareça um simples jovem, revela um poder impressionante que vai além da capacidade física da onça. Esse confronto simbólico entre a força bruta e a força misteriosa destaca a ideia de que a verdadeira grandeza não está apenas na demonstração ostensiva de poder, mas na compreensão de suas próprias limitações e no respeito pelos outros. A moral da história sugere que a humildade e



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

o respeito mútuo são virtudes importantes, e que as aparências podem enganar. A narrativa serve como uma reflexão sobre as relações interpessoais e destaca a importância de abordar os outros com respeito e consideração, independentemente de sua aparência ou demonstrações externas de poder.

Os relatos contidos na produção literária de Daniel Munduruku, embora não manifestem uma perspectiva crítica em relação à experiência indígena no Brasil, adquirem significativa importância ao incorporar mitos provenientes de diversas tribos indígenas do país. Tal abordagem evidencia a diversidade cultural intrínseca a um único grupo étnico, desafiando, assim, a preconcebida generalização que categoriza de maneira homogênea a complexidade das identidades indígenas sob a rubrica simplificada de "índio é índio".

Considerações finais

No decorrer da presente pesquisa, aprofundamos nossa análise acerca da problemática da invisibilidade que circunda a literatura indígena no território brasileiro. A nossa investigação elucidou uma miríade de fatores que concorrem para perpetuar essa obscuridade, variando desde o histórico de marginalização e desvalorização das ricas culturas indígenas, até as barreiras institucionais que obstam a divulgação e promoção destas relevantes produções literárias.

A literatura de matriz indígena, de notável riqueza e diversidade, desponta como uma expressão cultural que, em virtude de sua complexidade, merece ser prestigiada e apreciada. As vozes provenientes das comunidades indígenas oferecem perspectivas singulares sobre a trajetória histórica do Brasil, sua sociedade multifacetada e o intrincado relacionamento com o meio ambiente. Tais contribuições enriquecem substancialmente o panorama literário e cultural do país.

- 420 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Desse modo, relegar ao esquecimento ou subestimar esta valiosa herança literária representa uma ação prejudicial, não apenas para os próprios povos indígenas, mas também para a sociedade brasileira como um todo. Os estudos realizados também puseram em relevo que a invisibilidade da literatura indígena não figura como uma questão isolada, mas está inextricavelmente atrelada a problemas mais amplos, a saber, a desigualdade, o preconceito e a lacuna na representação nas esferas cultural e política.

Nesse cenário, propomos que a superação da invisibilidade da literatura indígena no Brasil demanda a implementação de ações multifacetadas. Primeiramente, impera a necessidade premente de expandir o acesso a essas obras, tornando-as prontamente acessíveis em bibliotecas, instituições educacionais e plataformas digitais. Além disso, é imperativo fomentar a educação cultural e ampliar a conscientização acerca das ricas culturas indígenas, promovendo o respeito mútuo e o entendimento entre todos os segmentos da sociedade.

Por último, mas não menos importante, frisamos a relevância da representatividade. É de suma importância assegurar que os povos indígenas estejam devidamente representados nas esferas culturais e políticas do país, conferindo-lhes a voz necessária para que possam desempenhar um papel ativo nas decisões que impactam suas comunidades e tradições milenares.

Os desafios que envolvem a inserção da literatura indígena no currículo escolar e seu reconhecimento como patrimônio literário nacional são significativos. Em primeiro lugar, há uma necessidade premente de desenvolver materiais didáticos adequados que respeitem a autenticidade das narrativas indígenas e que sejam culturalmente sensíveis. Isso requer uma colaboração estreita entre as comunidades indígenas, educadores e especialistas em literatura.

Em segundo lugar, a formação dos professores é crucial para garantir que eles



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

possuam o conhecimento e a sensibilidade necessários para ensinar a literatura indígena de maneira adequada. Isso envolve a inclusão de conteúdos sobre a literatura indígena nos programas de formação de professores e o incentivo à participação em programas de capacitação específicos.

Além disso, é importante enfrentar os estereótipos e preconceitos que ainda persistem em relação às culturas indígenas. Isso pode ser alcançado por meio de programas de conscientização nas escolas, que promovam o respeito e a valorização das diversas culturas indígenas presentes no Brasil.

Em última análise, a inclusão da literatura indígena nas escolas não é apenas uma questão educacional, mas também um ato de justiça cultural e um passo importante para o reconhecimento e a valorização das contribuições dos povos indígenas para a cultura brasileira.

Referências

ANUÁRIO mostra violência maior contra negros, mulheres e crianças. 2023. **Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar**. Disponível em: <https://contrafcut.com.br/noticias/anuario-mostra-violencia-maior-contranegros-mulheres-e-criancas/>. Acesso em: 25 ago. 2023.

BOND, Letycia. **Matrículas de indígenas em universidades subiram 374% de 2011 a 2021**. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-04/matriculas-de-indigenas-em-universidades-subiram-374-de-2011-a-2021#:~:text=Apesar%20do%20crescimento%20expressivo%2C%20o,de%20alunos%20do%20ensino%20superior>. Acesso em: 21 ago. 2023.

BORGES, André. **Invasões a terras indígenas aumentam em 2020; mortes têm alta de 63%**. 2021. CNN Brasil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/invasoes-a-terras-indigenas-aumentam-em-2020-e-mortes-tem-alta-de-63/>. Acesso em: 21 ago. 2023.

BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile; VALENTE, Thiago Alves. Literatura indígena



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

para crianças: o desafio da interculturalidade. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. [S.L.], n. 53, p. 199-217, abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/qsfZp8Q3TY3DbByZKyDHfHc/?lang=pt>. Acesso em: 25 set. 2023.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 25 set. 2023.

EM 2022, intensificação da violência contra povos indígenas refletiu ciclo de violações sistemáticas e ataques a direitos. 2023. **Conselho Indigenista Missionário**. Disponível em: <https://cimi.org.br/2023/07/relatorioviolencia2022/>. Acesso em: 25 ago. 2023.

GABRIEL, Maria Alice Ribeiro. Os contadores de histórias na obra de Daniel Munduruku. **Contexto**, Vitória, n. 37, p. 137-158, out. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/30160>. Acesso em: 18 nov. 2023.

GRAUNA, Graça. Literatura: diversidade étnica e outras questões indígenas. **Todas As Musas**. Araraquara, v. 5, n. 2, p. 52-57, 2014. Semestral. Disponível em: https://www.todasasmusas.com.br/10Graca_Grauna.pdf. Acesso em: 21 ago. 2023.

JEKUPÉ, Olívio. **500 Anos de Angústia**. São Paulo: Scortecci, 2019.

MACHADO, Rodrigo Corrêa Martins; SOARES, Ivanete Bernardino. Por um ensino decolonial de literatura. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. [S. L.], v. 21, n. 3, p. 981-1005, set. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/wcdxsD3sqYmYVRSQncPV4ty/?lang=pt>. Acesso em: 25 set. 2023.

MUNDURUKU, Daniel. **Contos indígenas brasileiros**. São Paulo: Global, 2021.

SAAVEDRA, Carola. Literatura e arte indígena no Brasil. **Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**. Coimbra, n. 33, p. 102-120, 2020. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/686/484>. Acesso em: 21 ago. 2023.

SCHAEFER, Andressa Bierhals. **A literatura indígena na escola: da invisibilidade ao**



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

aparecimento. 2016. 33 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Letras, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/157773>. Acesso em: 23 ago. 2023.

SOUZA, Ludmilla. **Desmatamento em terras indígenas provocou emissão de CO2 na Amazônia**. 2023. Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-05/desmatamento-em-terras-indigenas-provocou-emissao-de-co2-na-amazonia>. Acesso em: 25 ago. 2023.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O GÊNERO FÁBULA NO PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Jonatan Cardoso Flores (G-CLCA-UENP/CJ)

Johann Roesener (G-CLCA-UENP/CJ)

Patrícia Cristina de Oliveira Duarte (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Este trabalho aborda a relevância das fábulas como ferramenta motivadora do processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa, no Ensino Fundamental. O objetivo, portanto, é refletir sobre as contribuições do gênero discursivo fábula, compreendendo-o como um gênero da esfera literária (Bakhtin, 2003), que reflete e refrata distintas vozes sociais. Por meio de uma revisão bibliográfica, são apresentados os benefícios pedagógicos das fábulas, destacando como essas narrativas breves e alegóricas podem estimular a imaginação, promover a reflexão ética e moral, além de desenvolver habilidades de leitura e interpretação textual nos alunos. Por meio de histórias interativas e lições morais, as fábulas podem desempenhar um papel importante na formação do leitor, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico e a aquisição de habilidades de leitura. Assim, neste trabalho, abordam-se estudos teórico-práticos que comprovam a eficácia da abordagem do gênero em pauta como ferramenta educacional. De cunho qualitativo-interpretativo e natureza bibliográfica, o estudo fundamenta-se em renomados autores e estudiosos que defendem o uso das fábulas no contexto educacional, dentre eles Rodari (1982), Vygotsky (2007), Câmara (2009), Menezes (2019), Smith (2018) e Bettelheim (2002).

Palavras-chave: Educação Básica. Ensino Fundamental. Língua Portuguesa. Fábulas. Ferramenta educacional.

Considerações iniciais

No processo de ensino-aprendizagem, é fundamental utilizar recursos que despertem o interesse dos alunos e facilitem o desenvolvimento de habilidades cognitivas. Nesse sentido, a leitura de fábulas tem sido reconhecida como uma estratégia pedagógica valiosa, tanto nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, como nos Anos Finais. As fábulas são narrativas breves, geralmente protagonizadas por animais antropomórficos, que



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

apresentam ensinamentos morais e éticos de forma alegórica.

Sob tal enfoque, o presente trabalho objetiva investigar a importância da utilização das fábulas como leitura introdutória nessas etapas escolares, baseando-se também no livro de Regina Zilberman intitulado *A leitura infantil na escola*, de 2003, analisando como essa abordagem pode contribuir para o desenvolvimento integral dos estudantes.

Como é de conhecimento geral, a leitura é uma habilidade fundamental para o desenvolvimento educacional, intelectual e emocional dos alunos, e sua importância na formação de cidadãos críticos e reflexivos é inegável. No entanto, muitos acabam encontrando dificuldades em se envolver com textos mais complexos e abstratos. A literatura, por meio das fábulas, oferece uma abordagem cativante para estimular o interesse pela leitura, ao mesmo tempo que transmite importantes lições de vida.

Nesse contexto, as fábulas apresentam-se como uma alternativa para introduzir os alunos no mundo da leitura, fornecendo-lhes histórias envolventes, personagens intrigantes e valiosas lições morais.

A utilização das fábulas como recurso pedagógico remonta à antiguidade, tendo sido popularizada pelo fabulista grego Esopo e, posteriormente, por Jean de La Fontaine. Diversos estudiosos e pesquisadores têm se dedicado a examinar os benefícios da leitura de fábulas no contexto educacional. Elas possuem também uma longa história como gênero literário, remontando à antiguidade com autores como Fedro. Como mencionado, são narrativas curtas que frequentemente apresentam animais personificados como protagonistas e têm como objetivo transmitir lições morais e éticas aos leitores. Essas histórias simples, mas profundas, atraem a atenção dos alunos e permitem a compreensão de conceitos complexos de forma acessível.

Segundo Rodari (1982), a leitura de fábulas é uma oportunidade para o aluno entrar em contato com dilemas morais e éticos de forma lúdica. As personagens animais presentes



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

nas fábulas possibilitam a identificação dos alunos com as situações apresentadas, estimulando o pensamento crítico e a reflexão sobre suas próprias atitudes. Dessa forma: Servem também para estabelecer relações com “eu, os outros”, “eu, as coisas”, “as coisas verdadeiras, as coisas inventadas”. Serve para tomar distância do espaço “longe, perto”, e no tempo “uma vez, agora, antes, depois, ontem, hoje, amanhã, há muito tempo atrás” (Rodari, 1982, p. 123).

Para Vygotsky (2007), as fábulas desempenham um papel significativo no desenvolvimento da linguagem e da compreensão textual dos estudantes. As histórias simplificadas e repletas de simbolismos podem auxiliar na construção do conhecimento, tornando o processo de leitura mais agradável e eficiente.

Conforme Câmara (2009) destaca, em seu estudo sobre educação moral através da literatura infantil, as fábulas proporcionam um espaço seguro para a discussão de valores morais, permitindo que os alunos desenvolvam um senso crítico sobre o comportamento humano e suas consequências:

A literatura e a alfabetização andam juntas o tempo todo, a maioria das crianças gostam de ouvir história e se encanta com esse mundo de magia que é de grande importância no processo de alfabetização e dessa forma o processo de ensino aprendizagem é desenvolvido com mais qualidade, porque o professor deixa de desempenhar uma ação mais estática e torna assim o ensino mais ativo e motivador, onde a criança é estimulada a interagir com o conhecimento posto em questão. (Câmara, 2009, p. 17)

Diante do exposto, pode-se compreender que as fábulas oferecem diversos benefícios educacionais para os alunos, dentre os quais se destacam:

- As narrativas curtas e envolventes das fábulas capturam a atenção dos alunos, incentivando os estudantes a ler e explorar novas histórias;

- 427 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

- As fábulas apresentam situações do cotidiano e questões éticas, permitindo que os alunos desenvolvam sua capacidade de compreensão e interpretação;
- As lições morais contidas nas fábulas permitem que os alunos reflitam sobre questões éticas e tomem decisões importantes em suas vidas diárias.

Desenvolvimento

Ensinando a aprender com as fábulas

Para ilustrar a importância das fábulas na educação, podemos recorrer ao autor clássico Esopo, que encantou gerações com suas histórias, como *A Lebre e a Tartaruga* e *A Raposa e as Uvas*. Essas fábulas se mantiveram influentes ao longo dos séculos, demonstrando seu poder atemporal para cativar e educar.

Os personagens nas fábulas enfrentam desafios e dilemas que refletem situações do cotidiano dos alunos. Por meio da identificação com os protagonistas e suas escolhas, os estudantes podem aprender sobre responsabilidade, honestidade, generosidade e respeito.

Para entender a eficácia das fábulas no ensino, é importante explorar os fundamentos psicológicos por trás dessas histórias. Teóricos como Piaget e Vygotsky enfatizaram a importância do simbolismo e da narrativa no desenvolvimento cognitivo das crianças. As fábulas, com seus animais antropomórficos e metáforas, oferecem um terreno fértil para o crescimento intelectual e emocional dos jovens leitores. (Piaget, 1967; Vygotsky, 1978).

Vygotsky (1978) propôs a Zona de Desenvolvimento Proximal como a distância entre o que a criança pode fazer sozinha e o que pode fazer com a ajuda de um adulto ou de colegas mais experientes. As fábulas proporcionam um contexto rico para que o professor



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

auxilie os alunos na compreensão das lições e valores presentes nas histórias. (Vygotsky, 1978).

Piaget enfatizou a importância das estruturas cognitivas na aprendizagem e desenvolvimento infantil. As fábulas, por meio de seus enredos simples e simbolismos, ajudam a desenvolver a capacidade de raciocínio lógico e a compreensão de conceitos morais e éticos. (Piaget, 1967).

Um dos principais benefícios da leitura de fábulas é sua capacidade de promover o desenvolvimento do caráter e a reflexão sobre valores morais. Ao identificarem-se com os personagens, os estudantes internalizam as lições morais e podem aplicá-las em suas próprias vidas. Neste contexto, Menezes (2019, p. 10) observa que "a literatura de fábulas proporciona uma oportunidade para que os alunos desenvolvam empatia e compreensão das consequências de suas ações."

As fábulas frequentemente apresentam enredos com reviravoltas, o que exige dos leitores a habilidade de analisar as motivações e ações dos personagens. Essa complexidade sutil instiga o pensamento crítico e incentiva os alunos a questionarem o comportamento humano, bem como a compreenderem diferentes pontos de vista. De acordo com Smith (2018), literatura de fábulas convida os leitores a refletirem sobre as escolhas dos personagens e a considerarem suas próprias decisões diante de situações semelhantes.

Como destaca Smith (2018), em seu estudo sobre o uso de fábulas na educação, essas histórias estimulam o pensamento crítico e a compreensão de contextos, uma vez que exigem que os estudantes decifrem as lições e inferências implícitas.

São, por natureza, histórias que ocultam significados mais profundos sob a superfície da trama. Essa característica faz com que os alunos sejam instigados a interpretar e analisar as mensagens subjacentes.

Segundo Coelho (2000), as fábulas promovem a capacidade crítica dos alunos ao



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

incentivá-los a questionar os valores e princípios apresentados na narrativa. Essa habilidade de questionar e interpretar o mundo ao redor é crucial para formar cidadãos conscientes e engajados em uma sociedade democrática: A literatura, em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de transformação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola (Coelho, 2000, p. 15).

De acordo com Bettelheim (2002), tal gênero permite que os alunos projetem suas emoções e experiências na história, facilitando a compreensão de questões humanas universais, como a justiça, o altruísmo e a compaixão. Essa conexão emocional com a narrativa pode ser um ponto de partida para explorar outras obras literárias mais desafiadoras. Isso porque “os contos ensinam que quando uma pessoa assim o fez, alcançou o máximo, em segurança emocional de existência e permanência de relação disponível para o homem; e só isto pode dissipar o medo da morte (Bettelheim, 2002, p. 11).

A inclusão de fábulas no currículo escolar requer planejamento cuidadoso e abordagens pedagógicas adequadas para cada faixa etária. Os educadores devem selecionar fábulas relevantes e significativas, que abordem temas pertinentes ao cotidiano dos alunos. Além disso, é essencial promover atividades que incentivem a discussão e reflexão sobre as lições morais presentes nas histórias. A abordagem interdisciplinar também pode ser explorada, relacionando as fábulas a outras disciplinas, como ética, história e ciências sociais.

A análise envolve mais do que apenas entender a mensagem moral; ela requer pensamento crítico. Os alunos são desafiados a questionar os motivos das personagens, a avaliar as consequências de suas ações e a considerar diferentes perspectivas sobre a história. Esse processo de análise crítica auxilia no desenvolvimento de habilidades essenciais para a vida, como tomada de decisões informadas e empatia, contribuindo para a formação de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

indivíduos mais reflexivos e preparados para enfrentar os desafios do mundo atual.

Estes contos existem em diferentes culturas ao redor do mundo, cada um delas transmitindo valores específicos. O ensino de fábulas de diferentes origens culturais possibilita aos alunos uma compreensão mais ampla da diversidade e riqueza das tradições literárias globais. Ao mesmo tempo, muitas das lições morais contidas nas fábulas são universais, conectando-se com experiências e dilemas compartilhados por pessoas de diferentes origens culturais. Elas podem servir como uma inspiração para a escrita criativa dos alunos. A partir das histórias tradicionais, eles podem criar suas próprias narrativas com personagens, cenários e lições morais originais.

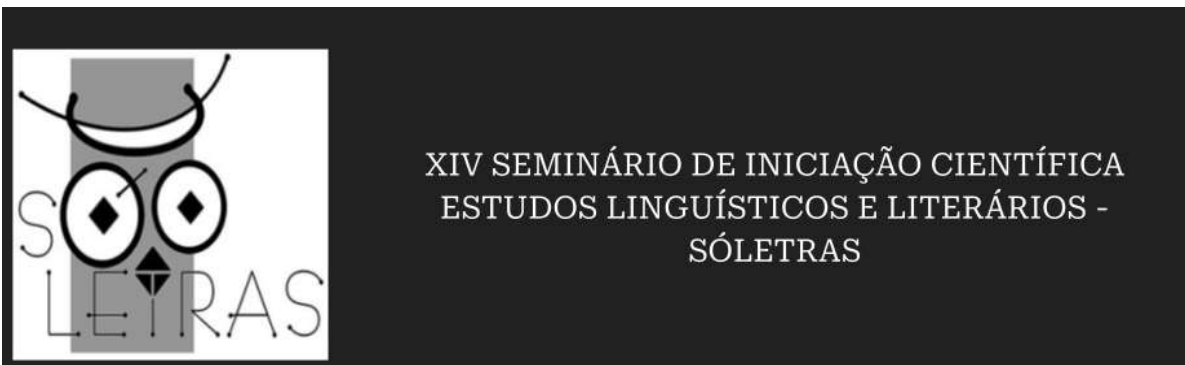
Esse exercício estimula a criatividade, a imaginação e a expressão literária dos estudantes, permitindo que eles se tornem mais proficientes em comunicar suas ideias e emoções por meio da escrita.

Os Benefícios Educacionais das Fábulas

Embora sejam frequentemente associadas ao Ensino Fundamental, o uso de fábulas no ensino médio também traz uma série de benefícios educacionais significativos.

No ensino médio, é comum que os alunos se deparem com textos mais complexos e extensos, o que pode, em alguns casos, gerar desinteresse pela leitura. Por meio de narrativas curtas e de fácil compreensão, os estudantes são incentivados a mergulhar na literatura de forma mais leve e prazerosa, promovendo assim o comprometimento com a leitura e a exploração de outros gêneros literários.

O ensino de fábulas no ensino médio é uma oportunidade para aprofundar o desenvolvimento da compreensão literária. Ao analisar as características das fábulas, como seus personagens, cenários e lições morais, os alunos aprimoram suas habilidades de



interpretação e análise literária. Eles aprendem a identificar o tema central da história, interpretar as metáforas e símbolos presentes e refletir sobre as implicações éticas e sociais das escolhas das personagens.

Além disso, são repletas de dilemas morais, o que estimula o pensamento crítico e a reflexão ética dos alunos. Ao analisar as ações e consequências das personagens, os estudantes são encorajados a questionar suas próprias atitudes e valores, desenvolvendo assim uma consciência moral mais sólida. Esse processo de reflexão ética é fundamental para a formação de cidadãos conscientes, responsáveis e capazes de tomar decisões informadas em suas vidas.

A exposição a essas narrativas proporciona aos alunos a oportunidade de ampliar seu repertório cultural. Ao explorar fábulas de diferentes países e épocas, os estudantes aprendem sobre a diversidade cultural e a riqueza das tradições literárias globais. Esse conhecimento enriquece sua compreensão do mundo e sua capacidade de se relacionar com pessoas de diferentes origens.

Estímulo à Imaginação e Criatividade

O ensino de fábulas no Ensino Médio não apenas contribui para o desenvolvimento de habilidades de leitura e reflexão ética, mas também desempenha um papel fundamental na estimulação da imaginação e criatividade dos alunos. As histórias oferecem uma plataforma rica para que os estudantes explorem seu potencial criativo, permitindo que desenvolvam a imaginação de forma singular.

Elas frequentemente apresentam elementos fantásticos, como animais falantes, objetos encantados e cenários mágicos. Esses elementos permitem que os alunos adentrem universos imaginários, nos quais as fronteiras entre o real e o fantástico se mesclam. Ao



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

serem expostos a esses cenários lúdicos, os estudantes têm a oportunidade de expandir sua imaginação, criando mundos e situações inovadoras em suas próprias narrativas.

Os animais antropomórficos das fábulas possuem características humanas, o que facilita a identificação dos alunos com eles. Essa identificação possibilita que os estudantes projetem suas próprias emoções, medos e aspirações nos personagens das histórias. Essa conexão emocional com os personagens estimula a empatia e a compreensão do mundo ao redor, fatores essenciais para o desenvolvimento de narrativas com profundidade emocional. Além disso, servem como inspiração para a escrita criativa dos alunos. Para Mariza Lajolo (2008, p. 106): “É a literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar.”

Ao conhecerem as narrativas tradicionais, os estudantes são encorajados a criar suas próprias histórias, utilizando elementos fantásticos, personagens peculiares e lições morais inovadoras. A escrita criativa, a partir de fábulas, é um exercício que permite aos alunos explorarem sua expressão literária única, desenvolvendo suas vozes como escritores.

Podem também estimular a expressão artística e visual dos alunos. Por meio de ilustrações, animações ou teatro, eles podem dar vida às personagens e cenários das histórias, criando uma interpretação única e pessoal. Essa abordagem artística permite que os estudantes expressem sua criatividade de forma diversificada, utilizando diferentes formas de mídia para contar suas próprias versões das fábulas ou criar narrativas originais baseadas nos elementos das histórias tradicionais.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

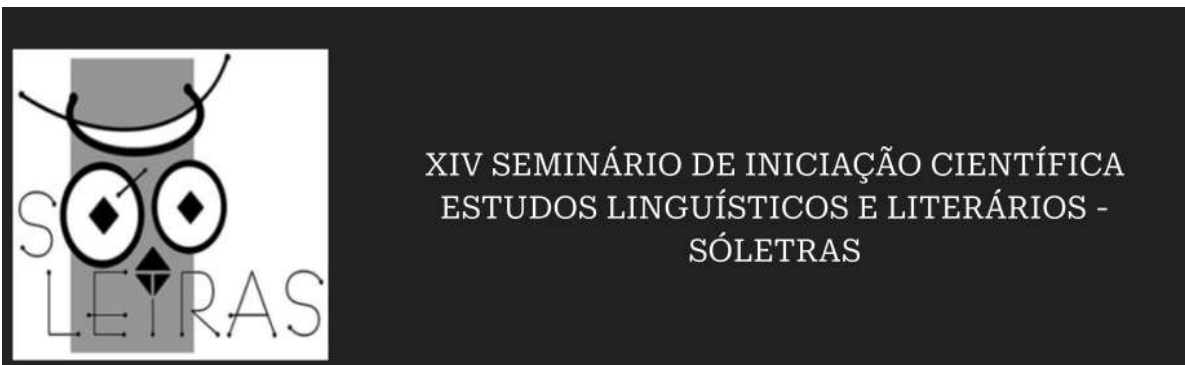
Estímulo à Reflexão Crítica

O ensino de fábulas no Ensino Fundamental e Ensino Médio pode desencadear um valioso estímulo à reflexão crítica nos alunos. Essas narrativas curtas e moralizantes apresentam dilemas éticos e sociais que convidam os estudantes a analisar e questionar as ações dos personagens, suas consequências e as mensagens implícitas nas histórias.

Os contos sempre expõem personagens a situações de dilemas morais, nas quais eles devem fazer escolhas que afetam a si mesmos e aos outros. Ao discutirem esses dilemas em sala de aula, os alunos são incentivados a refletir sobre os valores e princípios éticos que estão em jogo. A análise dos desafios éticos enfrentados pelas personagens estimula a capacidade dos estudantes de ponderar sobre as consequências de suas próprias decisões e considerar as implicações éticas de suas ações no cotidiano.

Também questionam as normas e convenções sociais, desafiando concepções estabelecidas sobre o que é certo ou errado. Ao debaterem essas questões em sala de aula, os alunos são incentivados a refletir sobre as influências culturais e sociais que moldam suas visões de mundo. Esse questionamento pode levar os estudantes a desenvolverem uma perspectiva mais crítica sobre as estruturas sociais e a se tornarem cidadãos mais ativos na promoção de mudanças positivas na sociedade, como honestidade, solidariedade, humildade e respeito. Essas lições permitem que os alunos questionem a importância desses valores em suas próprias vidas e na sociedade como um todo. Essa reflexão crítica sobre valores e virtudes contribui para a formação de indivíduos éticos e compassivos, capazes de tomar decisões informadas e alinhadas com princípios éticos sólidos.

Assim, o ensino de fábulas proporciona uma oportunidade para que os alunos apliquem as lições morais em situações cotidianas. Eles são desafiados a refletir sobre como as mensagens das fábulas se relacionam com suas próprias vidas e como podem agir de



acordo com esses princípios éticos em suas interações com os outros. Essa aplicação prática das lições aprendidas nas fábulas é essencial para tornar a reflexão crítica uma habilidade útil e significativa no dia a dia dos estudantes.

A análise crítica das fábulas frequentemente é realizada em formato de debate e discussão em sala de aula. Essa prática estimula os alunos a expressarem suas opiniões, a defenderem seus pontos de vista e a considerarem argumentos diversos. Essa troca de ideias e perspectivas favorece o desenvolvimento de habilidades de comunicação e pensamento crítico, capacitando os alunos a formar suas próprias opiniões fundamentadas e a respeitar a diversidade de ideias.

O Desenvolvimento e a Metodologia do Pensamento Crítico

As fábulas apresentam personagens confrontados com dilemas éticos e morais, os quais exigem que tomem decisões com consequências significativas. Ao analisar essas histórias, os alunos são estimulados a refletir sobre os valores, princípios e implicações de cada decisão tomada pelas personagens. Esse processo de análise crítica permite que os estudantes compreendam a complexidade das questões éticas e morais, aprimorando sua capacidade de tomar decisões fundamentadas e alinhadas com seus valores pessoais.

Frequentemente possuem mensagens subjacentes e ensinamentos morais que podem ser interpretados de diversas formas. Ao discutirem e analisarem essas mensagens em sala de aula, os alunos são desafiados a identificar diferentes interpretações e perspectivas. Esse exercício de análise crítica amplia o repertório cognitivo dos estudantes, incentivando-os a considerar múltiplas abordagens para uma mesma história e a reconhecer que as ideias não são sempre unilaterais.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Metodologia da pesquisa

Caracterização da pesquisa

Trata-se de pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, visando à revisão de literatura sobre o uso da fábula como ferramenta motivacional no trabalho de leitura em sala de aula da Educação Básica.

Segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 17): "A pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalística, interpretativa, que significa que seus pesquisadores estudam [...] os fenômenos em termos dos significados que as pessoas e eles conferem."

Em relação ao cunho bibliográfico, Gil (2002, p.34) expõe: "A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos".

No âmbito da pesquisa qualitativa-interpretativa, houve observação de aulas, em contexto de Ensino Fundamental e Médio, as quais relatamos sucintamente, na sequência. Tais observações subsidiaram uma breve intervenção pedagógica. As observações auxiliaram na compreensão do fenômeno estudado. Tais observações deram-se em contexto do estágio obrigatório do curso de Letras.

Observação em sala de aula

Os autores deste trabalho realizaram uma observação, em um Colégio Estadual do Norte do Paraná, mais precisamente, no na cidade de Santo Antônio da Platina. Após as observações, em contexto de estágio obrigatório, foi realizada uma pequena proposta interventiva.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Resultados

Por meio da observação, entre os Anos Finais do Ensino Fundamental e também do Ensino Médio, onde as fábulas de Esopo, Charles Perrault, Monteiro Lobato e Jean de La Fontaine foram introduzidas como leitura em sala de aula, foi possível perceber um aumento significativo na motivação dos alunos para ler e uma melhoria na compreensão de textos mais complexos ao decorrer dos anos de estágio obrigatório.

Durante esta observação com os estudantes do ensino médio, os participantes foram expostos a fábulas de diferentes culturas e períodos históricos. Os resultados demonstraram uma maior compreensão da diversidade cultural e uma maior empatia pelos personagens das histórias, bem como uma maior conscientização sobre questões éticas e sociais. Na observação com os estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, houve um aumento no interesse de novas leituras dentro do gênero fábula, bem como a compreensão de que as lições morais das fábulas poderiam ser utilizadas como exemplos em seu cotidiano.

Desta forma, considerando todos os pressupostos discutidos sobre a importância da fábula para o desenvolvimento do pensamento crítico, realizamos a aplicação de fábulas como uma metodologia de ensino para uma leitura introdutória para as turmas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, no Colégio Estadual Tiradentes, da cidade de Santo Antônio da Platina, no Paraná, diante também da observação de aulas de uma professora supervisora de estágio obrigatório. O objetivo era analisar o progresso dos alunos em relação à construção de texto e também à interpretação de contextos. Como base, foram utilizados contos do livro *Fábulas*, escrito por Monteiro Lobato (1922), bem como o livro *Fábulas de La Fontaine*, escrito por Jean de La Fontaine, em 1668.

A metodologia foi aplicada, portanto, em três etapas, sendo elas:

- 437 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

- A análise individual de diferentes contos e fábulas propostas entre os dois livros citados: Nesta etapa, os alunos ouviram e também leram sobre diferentes contos, colocando em prática o nível de interpretação;
- A reescrita individual dos contos e fábulas, a fim de analisar o desenvolvimento crítico e lógico: No segundo período, os alunos desenvolveram as suas próprias fábulas;
- A compreensão dos alunos em relação as reescritas: Todos os contos reescritos foram analisados posteriormente em forma de debate coletivo, ou seja, por meio de uma atividade de roda de conversa.

Pode-se notar, ao decorrer do estágio de 2021, no qual observamos as turmas do ensino fundamental II, e de 2022, em que as turmas do ensino médio também foram observadas, um crescimento no nível de desempenho das turmas em relação à produção de textos, bem como também uma melhora na forma de dialogar e debater ideias relacionadas aos contos. Foram através das fábulas que os estudantes puderam adquirir tais habilidades de leitura e interpretação, bem como internalizar os valores fundamentais para a formação de cidadãos conscientes e responsáveis por meio das lições morais.

Considerações finais

Em suma, a utilização das fábulas como leitura introdutória no ensino fundamental II e no ensino médio revela-se uma estratégia pedagógica valiosa. Além de estimular a imaginação e a criatividade, as fábulas desenvolvem habilidades de leitura e interpretação textual, enquanto proporcionam uma reflexão ética e moral significativa. Sendo uma ferramenta educacional para introduzir a leitura, além de encantar os leitores com suas



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

histórias envolventes, as fábulas proporcionam uma oportunidade única para o desenvolvimento do caráter, a reflexão sobre valores morais, o estímulo ao pensamento crítico e a aquisição de habilidades de leitura e interpretação.

Portanto, recomenda-se que educadores e professores incorporem o uso das fábulas em suas práticas pedagógicas, aproveitando o potencial dessas narrativas breves para promover um aprendizado mais significativo e enriquecedor. Ao fazê-lo, estarão contribuindo para a formação de alunos críticos, éticos e conscientes de seu papel na sociedade. A inclusão de fábulas no currículo escolar oferece aos estudantes uma base sólida para o desenvolvimento de uma relação positiva com a leitura, que irá acompanhá-los ao longo de suas vidas acadêmicas e pessoais.

Referências

- BAKTHIN, M. **Estética da criação verbal**. 6 Ed. São Paulo: Martins Fontes. 2011.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16a Edição - Paz e Terra. 2002.
- CÂMARA, M. T. **A importância da leitura na alfabetização**. - Criciúma: UNESC. 2009.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. São Paulo: Ed. Moderna. 2000.
- FONTAINE, J. d. L. **Fábulas de La Fontaine**. Tradução: LARANJEIRA, M. São Paulo: Estação Liberdade. 2004.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo**. 6 Ed. São Paulo: Ática. 2008.
- LOBATO, M. **Fábulas**. Porto Alegre: Globo Livros. 2012.
- MENEZES, J. B. F. PIBID: **Balbúrdia na Formação Docente. Balbúrdia**. 2020.
- MENEZES, J. B. F; SILVA, Josefa Bento da. Contribuições do Programa Institucional de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Bolsas de Iniciação à Docência como fazer uma loja virtual na formação continuada de professores supervisores. **Educação Por Escrito**. Porto Alegre, v. 8, n. 2. 2017.

PIAGET, J. **The Moral Judgment of the Child**. New York: Free Press. 1967.

RODARI, Gianni. **Gramática da Fantasia**. Barcelona, Editorial Argos Vergara, S. A. 1982.

SMITH, J. K. **The Impact of Fables on Reading Motivation and Comprehension**. Journal of Educational Psychology, p. 156-167. 2009.

VYGOTSKY, L. S. **Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes**. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1978.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global. 2003.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**CONTRIBUIÇÕES DA CULTURA DE FÃS NA INTERNET PARA O
APRENDIZADO DE INGLÊS**

Letícia da Silva Oliveira (G-CLCA-UENP/CJ)

Carolina Toti (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Os fãs são uma parte íntegra do consumo de mídia. Ao longo das décadas, os *Fandoms* - comunidade de fãs de variados tipos de mídia, como música, filmes, séries, literatura, *videogames*, esportes, etc - são moldados à época e ao meio em que estão inseridos. Com os avanços tecnológicos, as comunidades de fãs começam a tomar forma dentro de variados ambientes *online*. Esses ambientes possibilitam a interação e publicação de suas próprias histórias, muitas delas publicadas na segunda língua do autor, o inglês, para que se alcance o maior número de pessoas. Levando em consideração que o inglês é a língua mais usada nesses ambientes, o objetivo desta pesquisa é apresentar uma análise do uso da língua inglesa dentro das comunidades online de fãs, denominadas *fandoms*, onde pessoas de variadas nacionalidades usam o inglês como língua padrão para interagirem entre si, e compreender como esse fator auxilia indiretamente na aquisição de língua inglesa através de meios considerados informais, estando fora de ambientes formais como a sala de aula.

Palavras-chave: *fandoms*; aquisição; língua inglesa.

Introdução

Ao tentar valorizar o lugar do fã em sociedade, os primeiros estudos acerca de *fandom* surgem para poder desconstruir a imagem estereotipada do fã representada na mídia, seja na televisão ou jornais. O objetivo dessas pesquisas, - como a influente obra *Textual Poachers* (1992) de Henry Jenkins, que analisa as práticas culturais de fãs e seu impacto social, conseguindo consagrar o estudo sobre fãs como um legítima área de estudo, - e toda a leva de pesquisas que surgiram a partir desta, é destacar as práticas de fãs como algo positivo, em tentativa de resgatar a imagem do fã como pessoas profundas, criativas, e produtivas.

- 441 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Logo, *fandom* passa a se tornar uma causa importante para ser estudada, pois representa e defende aqueles que estão em desvantagem social (Gray, et al 2007), como colocado por Fiske (1992), fãs estão “associados aos gostos culturais das formações subordinadas do povo, particularmente aquelas que são destituídas de poder por qualquer combinação de gênero, idade, classe e raça.”

Portanto, conforme *fandoms* vão se tornando uma parte íntegra em sociedade, estando cada vez mais presentes, devido aos recursos tecnológicos que possibilitam cada vez mais o engajamento de outras pessoas com práticas de fãs *online*, Gray et al (2007) evidencia que “os estudos sobre *fandom* nos ajudam a compreender além da cultura popular, e expõe a forma como nos relacionamos com o outro, assim como nos ajuda a explorar realidades além do nosso horizonte de experiências.”

Segundo Jenkins (2006) fãs estão presentes desde os primórdios da internet, jogando jogos interativos em grupos com multi usuários, debatendo suas séries de televisão favoritas em chats e fóruns, criando páginas, e postando histórias de fantasia, e compartilhando informações rapidamente através de novas plataformas digitais.

A presente pesquisa explora a forma como os *fandoms* impactam positivamente na aprendizagem informal de línguas em ambientes *online*, facilitando-os na aquisição de língua inglesa, pois nestes ambientes o inglês é a língua padrão, e os fãs estão em contato com pessoas ao redor do mundo, interagindo com uma comunidade de entusiastas que compartilham os mesmos interesses, consumindo histórias escritas pelos fãs em inglês, e também atribuem *feedbacks* para os autores das histórias (e como essas práticas fora da sala de aula exercem uma influência positiva nas habilidades linguísticas do aprendiz, não estando cientes que estas práticas estão os ajudando, pois o foco é a comunicação, e não objetivamente a aprendizagem. (Sockett, 2014, p.5)



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Aprendizagem informal de língua inglesa em ambiente digital

Para Sockett (2014) a aprendizagem informal de língua inglesa *online* é entendida como uma variedade complexa de atividades que se baseiam na *internet*, estando fora da sala de aula, seja de forma física, ou em ambientes à distância, que são próprios para a aquisição de uma língua, mediados por um profissional. Na forma informal, os fatores na aprendizagem estão interligados, e influenciam uns aos outros na medida em que se está ocorrendo o aprendizado.

Como apresentado pelo autor, a ideia de que se pode aprender fora da sala de aula não é algo novo, e as definições dadas por diferentes teóricos podem variar. Tais definições não estão voltadas precisamente ao meio *online* e para o estudo de línguas, e seu maior enfoque “se baseia em modelos sócio construtivistas, focando na aprendizagem informal como uma ação dentro de um ambiente social, e na execução de tarefas” (Sockett, 2014, p.8. tradução própria).⁶

Para compreender de forma mais clara como o processo de uma aprendizagem informal pode ocorrer, Schugurensky (2000) identifica três formas principais do método: a autoaprendizagem, onde o indivíduo (sozinho, ou em grupo) aprende sem a assistência de um tutor, ocorrendo de forma consciente, pois há a consciência de que se está aprendendo algo, e intencional, com a atenção voltada para aprender; a aprendizagem incidental, quando o indivíduo não tem nenhuma intenção de aprender, porém está consciente de que algo foi aprendido; e por fim a socialização, onde acontece a internalização de valores, atitudes,

⁶ “This general definition provides a framework for informal learning which associates it with socio-constructivist models of learning (learning is constructed with others) and also sees learning as action in a social environment (learning takes place through and for the execution of meaningful tasks).” (Sockett, 2014, p.8)



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

comportamentos, habilidades, etc., sendo não intencional e não consciente.

Sockett (2014), ao considerar que a aprendizagem informal de língua inglesa pode acontecer sem a consciência do aprendiz, chama a atenção para outra área de pesquisa, dessa vez no estudo de línguas, a aquisição incidental, o tipo de aprendizagem que envolve a atenção ao estímulo, mas não requer o processamento consciente (Rieder, 2003).

Para a área de aquisição e aprendizagem de línguas, é necessário destacar os conceitos de Krashen (2014) para o tema, e também traçar a diferença entre aprendizagem, e aquisição.

Como posto por Krashen, o ambiente formal (sala de aula) é importante para o desenvolvimento do monitor, e que o desempenho de uma segunda língua dentro deste ambiente se dá através de dois sistemas: a forma implícita, aquisição inconsciente da língua, e a forma explícita, aprendizagem consciente da língua.

Para o autor, a aprendizagem funciona como monitor, ocorrendo a contenção de erros linguísticos, de forma consciente, sendo o "saber" da língua. Já a aquisição, requer a interação espontânea entre os indivíduos na língua alvo, e está livre de preocupações sobre erros enunciativos, ocorrendo de forma inconsciente, como crianças em processo de aprender a língua materna.

É importante também destacar as contribuições de Krashen para o tema de aquisição de línguas de forma informal, o autor considera que o ambiente informal contribui para a absorção do insumo linguístico (*intake*). O "*intake*" é a comunicação natural: "ninguém fala com uma criança para ensinar a língua, mas para se comunicar. A aquisição parece acontecer mais quando o usuário da língua foca na mensagem e não na forma" (Krashen apud Paiva, 2014, p. 29).

O autor ainda evidencia que a aquisição se dá pela sua forma mais simples: através da compreensão de mensagens, o "*input* compreensível", mesmo que esteja em um nível



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

avançado daquele em que uma pessoa se encontra, o conhecimento de mundo e a ajuda em um contexto extralinguístico a servirão como apoio para o processo de aquisição.

Porém, o *input* não é o suficiente para a aquisição, e o aprendiz precisa estar aberto para recebê-lo, o que leva a outra hipótese de Krashen: o filtro afetivo, um bloqueio mental que impede com que os aprendizes usufruam do *input*.

O autor destaca dois tipos diferentes de filtro afetivo, alto, quando o aprendiz está inseguro e ansioso, não o permitindo estar em contato com o dispositivo de aquisição de linguagem (DAL)⁷. Em contraponto, o filtro afetivo baixo é quando o aprendiz se sente confiante o suficiente durante o processo de aquisição, e está aberto para receber o *input* compreensível, e se vê como um falante da língua que está se aperfeiçoando.

Vera Menezes (2014) traz evidências de como o *input* compreensível pode auxiliar na aquisição de língua inglesa, em três casos: o de Jânio, influenciado pela música desde a pré-adolescência, ao se integrar ao um grupo de entusiastas de rock, que utilizavam o inglês como "sua língua oficial", fez que o jovem com seus conhecimentos básicos na língua, entendesse de forma geral o que acontecia no grupo, além disso, a escuta diária de músicas em inglês também o ajudou no processo de aquisição.

O segundo caso é o de Rafaela, que atribui sua aquisição na língua aos diversos tipos de *input* que recebeu em sala de aula. O professor comunicava-se em inglês com os alunos, dentro e fora da sala. A menina também gostava de escutar músicas sem procurar suas respectivas traduções, e começou a ter o costume de ler em inglês na *internet*.

E o terceiro caso é de Fábio, que também está em contato com o idioma desde a pré-adolescência assistindo a séries de televisão, e desenhos animados em sua forma original, em inglês e sem legendas. Para o rapaz, não houve nenhum empecilho para compreender o que

⁷ Dispositivo de aquisição de linguagem. Um processador interno de linguagem característico dos seres humanos.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

estava assistindo, mesmo que não dominasse a língua, a "ideia geral" e grande parte das situações específicas eram bem compreendidas. Já quando adolescente, Fábio começou a ler livros em inglês de autores que já conhecia devido às traduções em português, e a assistir suas respectivas adaptações cinematográficas, e com o tempo passou a ler livros de autores que ainda não conhecia, e fazia parte de programas onde tinha que ler e discutir estes livros.

Em seu estudo de caso sobre OILE (*Online informal Learning of English*), focado na aprendizagem informal de inglês *online*, Sockett (2014) evidencia que ao interagirem com outros falantes de inglês, seja trocando opiniões sobre um cantor favorito, ou assistindo a séries de televisão e filmes em sua forma original, ressalta-se que estes estímulos sensoriais adicionais impactam positivamente na aquisição da língua. Neste contexto, as atividades não seguem um padrão, e a aprendizagem não pode ser considerada consciente, uma vez que o objetivo daqueles que praticam tais atividades não está explicitamente voltado para aprender, mas sim para a comunicação.

O sucesso na aprendizagem informal é determinado pelo autor como:

Elementos pragmáticos, como a comunicação efetiva com um amigo numa rede social ou a satisfação de desfrutar de um episódio de uma série favorita sem a frustração de não conseguir compreender o diálogo. A medida em que estes elementos são suficientes para promover a aprendizagem é uma questão fundamental, tal como o reconhecimento externo das competências desenvolvidas nestes contextos privados e idiossincráticos. (Sockett, 2014. p 14. tradução própria)⁸

Segundo o autor, os indivíduos que engajam nessas atividades as praticam em seu

⁸ "Success in informal learning is clearly determined by pragmatic elements such as effective communication with a friend on a social network or the satisfaction of enjoying an episode of a favorite series without the frustration of failing to understand the dialogue. The extent to which such elements are sufficient to promote learning is a key issue, as is the external recognition of skills developed in such private and idiosyncratic contexts."



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

momento de lazer, dentro de casa, é necessário evidenciar que, com os avanços tecnológicos, e o celular se tornando um objeto essencial no dia-a-dia, onde os aplicativos oferecem a disponibilidade de fazer o *download* de músicas, séries e filmes, as atividades informais estão em constante fluxo, devido sua fácil acessibilidade.

É o que ocorre na escuta diária de música em inglês - tal atividade beneficia o aprendiz a estar em contato com a língua desejada, os auxiliando na aquisição. Um exemplo é uma pesquisa feita no Brasil, em 2023, a qual aponta que cerca de 57% dos brasileiros são influenciados pela música para aprimorar o inglês, proporcionando-lhes uma imersão cultural.⁹

Como observado pelo autor, aqueles que estão interagindo com pessoas *online* acerca de seus interesses pessoais, são indivíduos com repertórios únicos sobre séries de televisão, filmes, grupos musicais, etc., e em sua maioria tem uma rede de pessoas as quais também falam inglês, ou seja, é algo comum entre fãs de determinadas mídias.

Uma breve história sobre fãs e *fandoms*

Os fãs são uma parte íntegra do consumo de mídia. Ao longo das décadas, os *Fandoms* - comunidade de fãs de variados tipos de mídia, como música, filmes, séries, literatura, *videogames*, esportes, etc. - são moldados à época e ao meio em que estão inseridos. Para Jenkins (1992, p. 3) não há nada atemporal e imutável sobre esta cultura; *os fandoms* se originam como uma resposta a condições históricas específicas.

Mark Duffet (2013) traça a árvore genealógica dos *fandoms*, iniciando-a no final do século 17, onde o termo “fã” ainda carregava cunho religioso, sendo a abreviação para

⁹ Disponível em: <https://preply.com/pt/blog/musicas-para-estudar-artistas-e-estilos-influenciam-no-aprendizado-de-linguas/>



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

“fanático”, até a atualidade, com seus avanços tecnológicos que permitiram que a comunidade crescesse dentro de fóruns na *internet*. A significância para o termo conhecido hoje aconteceu um século depois, quando jornalistas começaram a usá-lo para descrever aficionados espectadores de *baseball*, sendo, assim, adotado para todos os tipos de público da época.

O autor evidencia que é fácil fazer generalizações sobre a figura do fã e negar sua existência no passado visto com as lentes atuais, porém, suas manifestações sempre estiveram presentes, e que os comportamentos de fãs dos séculos passados estão espelhados com os comportamentos atuais. Uma mudança significativa acontece a partir do século 19, o termo ‘celebridade’, passa a ser usado para englobar todas as figuras famosas da época. Duffet (2013, p.30) aponta que o desenvolvimento da fotografia conseguiu catalisar este processo, e figuras como o fotógrafo Napoleon Sarony - que fotografou o renomado autor Oscar Wilde - e outros artistas, como atores e cantores, conseguiram mais destaque dentro da sociedade.

Com o auxílio do jornal, que ajudava a espalhar a reputação de pessoas populares, artistas como a cantora sueca Jenny Lind (1820-1887) e a atriz francesa Sarah Bernhardt (1844-1923) eram capazes de realizar *tours* internacionais. O jornal preparava o público com antecedência para a chegada dos artistas, que assim iam assisti-las.

Ao final do século, artistas de todos os tipos começaram a ganhar destaque e apreciação do público, o que era antes apenas reservado para artistas de teatro, escritores, cantores e contadores de histórias, começou a abranger figuras aristocráticas, como os *dandies*.

Para Duffet (2013, p.33), *fandom* começou a ser visto como um fenômeno jovem a partir do momento em que as empresas perceberam que poderiam lucrar com este público, em sua maioria meninas adolescentes, intituladas na época como "*bobby soxers*".



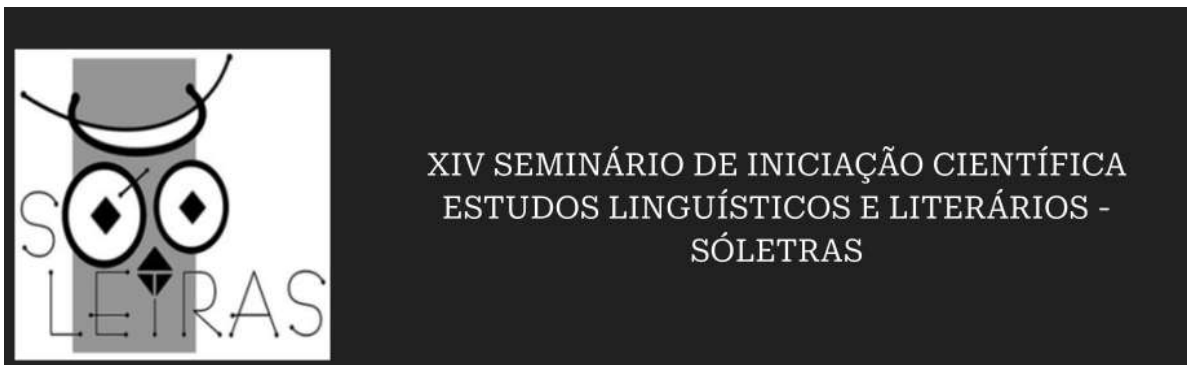
XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

As “*bobby soxers*” eram garotas jovens do colegial, entusiastas de música dos anos 1940, mas principalmente do músico Frank Sinatra, que depois de sua apresentação em Nova York em dezembro de 1942, tornou-se uma febre entre as garotas, e fez do público feminino parte de todo o espetáculo, estabelecendo o modelo para outros músicos que o sucederam como Elvis e os Beatles (Duffet, 2013, 33). Ainda no auge da popularidade da banda britânica Beatles, surgiram novos debates que tendiam a caracterizá-los como um fenômeno ainda maior de histeria dos jovens.

A partir dos anos 1970, a cultura de fãs começou a se tornar ainda mais influenciada pela tecnologia, com o videocassete se tornando um aparelho indispensável dentro das casas, a prática de *vidding*, criações de videoclipes a partir de uma ou mais mídias através das fitas, começaram a se tornar comuns entre fãs, que foram inspirados pelo começo do canal de televisão norte-americano *MTV*, em 1981.

A adoção da *internet* banda larga dentro das casas entre o final dos anos 1990 e começo dos anos 2000 foi um marco para a história da comunicação e tecnologia, possibilitando que fãs pudessem discutir sobre filmes e séries que estavam passando na televisão em tempo real, dentro de fóruns e *chats*. Dentro dessas comunidades *online* criadas, atingiu-se um ponto importante para o desenvolvimento de *fandom* na era da *internet*, pois além do acesso à informação, usuários começaram a escutar e a disponibilizar músicas ilegalmente, estabelecendo, como analisado pelo autor Mark Duffet (2013), um ponto crítico no desempenho de *fandom* como uma experiência compartilhada.

Por fim, a figura do fã ainda carrega certo estigma social, e é retratada na mídia de forma pejorativa, de modo que “frequentemente reportagens caracterizam o fã como psicopatas, cujas fantasias frustradas de relações íntimas com celebridades ou desejos não satisfeitos de alcançar o estrelato, toma formas violentas e antissociais.” (Jenkins, 1992, p.13.



tradução própria).¹⁰

O autor adiciona que devido a essa visão do fã retratada pela mídia, se propagam estereótipos de fãs como “emocionalmente instáveis, socialmente desajustados, e completamente fora de sintonia com a realidade” (Jenkins, 1992, p.13. tradução própria)¹¹.

Aprendizagem informal e *fandom*

Uma prática comum entre fãs é a escrita de *fanfics*. De forma geral são histórias que se baseiam no enredo original da trama de um livro filme, série, porém que se passam em outros universos escolhidos pelo autor, publicadas em diversas plataformas apropriadas para a comunidade de fãs e de escritores, trazendo uma vasta variedade de histórias publicadas ao longo dos anos, e categorias diversas de *fandoms*.

Nessas plataformas, é possível o engajamento da comunidade de fãs com o autor, onde os leitores são encorajados a deixar críticas construtivas, possibilitando ao autor estar ciente de como o público que acompanha a história a está recebendo.

Como analisado no estudo de Korobkova e Black (2014) sobre identidade, alfabetização e trabalho conjunto dentro de comunidade de fãs na plataforma *Wattpad*¹², dentro da plataforma não há apenas a publicação de histórias, mas também uma comunidade completa de artistas, onde cada um possui uma habilidade específica, como design gráfico, ilustrações e edição de vídeo, colocando-se à disposição daqueles que não possuem

¹⁰ “News reports frequently characterize fans as psychopaths whose frustrated fantasies of intimate relationships with stars or unsatisfied desires to achieve their own stardom take violent and antisocial forms.” (Jenkins, 1992, p.13)

¹¹ “...a stereotypical conception of the fan as emotionally unstable, socially maladjusted, and dangerously out of sync with reality.” (Jenkins, 1992, p.13)

¹² Aplicativo comum entre fãs que permite a publicação de histórias. Pode ser acessado através do site e aplicativo.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

desenvoltura para poder complementar suas histórias. O estudo, feito com falantes de inglês, mostra que embora as histórias estejam escritas em inglês, a maioria daqueles que estão envolvidos na escrita se originam em ambientes multiculturais e multilinguísticos.

Além da escrita, outras práticas informais de fãs que auxiliam na aprendizagem informal de língua inglesa é a tradução, como apresentado pela pesquisa realizada por Vazquez-Calvo, et al (2019) com tradutores de *anime*, *video games*, e *fanfics*. É o caso de Selo, um tradutor de jogos, que traduz do inglês para o espanhol, sendo sua primeira língua o catalão, se destaca para a pesquisa de aprendizagem de línguas, pois, quando começou a se interessar por *videogames*, suas habilidades em língua inglesa ainda não eram bem desenvolvidas para compreender os diálogos. Sua motivação para se tornar um tradutor para outros fãs veio da necessidade de expandir a sua vida como *gamer*, revisitando o que jogava na infância e explorando novos jogos, justificando que outros falantes de espanhol interessados por este meio também apreciariam ter *games* traduzidos para sua língua materna, pois o espanhol não é uma língua comum dentro dos fóruns de tradução.

***Fanfiction* e a aprendizagem informal**

Sauro (2019) organiza a aquisição informal de inglês através de *fanfics* em: *fanfiction* e leitura, *fanfiction* e escrita, e *fanfiction* como aprendizagem de línguas adicionais. Nestes tópicos apresentados pela autora, observamos o estudo de caso de Black (2009) sobre aprendizes de inglês e comunidade de fãs na plataforma FFN (*fanfiction.net*) sendo colocado em prática.

Black (2009) analisou o caso de três jovens meninas imigrantes que, embora fossem muito diferentes, o interesse pelo aperfeiçoamento na língua inglesa e na escrita de suas histórias, as faziam ter algo em comum: Grace, uma autora de *fanfic* popular das Filipinas,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

que desde 2001 havia escrito várias histórias na plataforma FFN. Sua experiência com a língua inglesa foi marcada pela forma escrita, em vez da forma falada, pois usava o inglês como atividades acadêmicas, comunicação online e nas composições de suas histórias; Nanako, uma imigrante chinesa que mudou-se de Xangai para o Canadá com os pais, começando a ter o primeiro contato com o inglês aos 11 anos; e Cherry-chan, que se mudou do Taiwan para o Canadá antes mesmo de ter nascido, e cresceu falando Mandarim, porém, apenas sendo alfabetizada em inglês. Neste espaço, Grace e Nanako, que atualizam suas histórias regularmente, receberam, respectivamente, cerca de 7.600 e 9.400 avaliações de leitores, enquanto Cherry-chan recebeu aproximadamente 650 avaliações, devido a suas atualizações infrequentes.

Em *fanfiction* e leitura, Sauro (2019) divide em duas categorias a aprendizagem informal por meio de *fanfics*: ler com a intenção de escrever, e ler para opinar e apoiar a escrita do outro. Neste caso, Nanako pode ser usada como referência, pois o interesse da jovem ao descobrir *fanfics* em inglês, a influenciou a escrever suas próprias histórias, resultando na confiança na habilidade escrita de língua inglesa, pois a menina, depois de muitos anos recebendo *feedbacks* de seus leitores, e escrevendo de forma assídua na plataforma, conseguiu desenvolver melhor suas habilidades linguísticas com o tempo. Em relação a ler para opinar e apoiar a escrita, aquele que está lendo, identifica as partes mais fracas e fortes da obra, analisando-as criticamente, para que o autor esteja consciente nas partes que podem ser melhoradas. Tais práticas se alinham com *fanfiction* e escrita, como previamente mencionado, e é necessário destacar, em relação aos *feedbacks* para os autores, que além de a avaliação pelos leitores ser dada após a leitura da história. Como pontuado por Black (2009), nestes ambientes está presente práticas de leitores beta, leitores responsáveis por ler a história de antemão, pontuando para o autor questões linguísticas e literárias, como a gramática, narrativa, caracterização dos personagens, etc. (Sauro, 2019).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Nesses casos apresentados, a comunicação e aprendizagem de língua inglesa é o foco central dos temas apresentados, também podemos notar em relação a *fanfiction* e aprendizagem de línguas adicionais, como anteriormente apresentado por Sauro (2019), a perceptível aprendizagem e uso de línguas adicionais que não são tão valiosas ou requeridas pelo sistema escolar. Portanto, a autora evidencia que "a língua adicional que os fãs experienciaram e aprenderam através de *fanfic*, não é uma língua em que os fãs compartilham uma conexão patrimonial, mas sim uma língua que encontraram lendo através das histórias publicadas por escritores políglotas" (Sauro, 2019, p.10. tradução própria)¹³ despertando a curiosidade do leitor para a aprendizagem de elementos culturais apresentados nas histórias.

Conclusões finais

Por fim, por mais que o fã ainda seja visto de forma pejorativa em sociedade, o termo agora carrega uma grande variedade de pessoas que se engajam positivamente com a cultura popular, e tal engajamento toma forma através de uma conexão com o texto, figura, e desempenho performático de uma figura pública (Duffet, 2013).

Os estudos acerca das práticas de fãs cresceram significativamente ao longo dos anos, e acadêmicos como Henry Jenkins, um dos pioneiros a retratar *fandom* como além de uma obsessão qualquer, trouxe os aspectos positivos dessas práticas para o mundo acadêmico, conseguindo consagrar o estudo sobre fãs como uma legítima área de estudo. O que faz a pesquisa de Jenkins (1992) se destacar entre as outras sobre *fandom* e cultura

¹³ "For other fans, however, the additional language they experienced and learned through fan fiction was not one with which they shared a heritage connection but was rather one which they encountered through reading fan fiction written by multilingual writers." (Sauro, 2019, p.148)



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

popular, é a sua imersão dentro da comunidade, de fã para outros fãs:

Textual Poachers inspira-se nesses movimentos dentro das ciências sociais tradicionais. Seguindo não apenas formas convencionais de investigação de campo, mas também do meu próprio envolvimento ativo como fã dentro desta comunidade subcultural durante a última década e mais. (Jenkins, 1992, p.4. tradução própria)¹⁴

O autor evidencia que escrever sob um lugar de fã, o coloca em uma posição arriscada para a crítica acadêmica, e que tenta escrever tanto como um acadêmico, que tem acesso à teorias sobre cultura popular, quanto um fã, que tem acesso ao conhecimento particular de tradições relacionadas à comunidade.

O objetivo desta pesquisa foi explorar *fandoms* não apenas como uma experiência compartilhada, mas também individual, analisando como as práticas de fãs, ou apenas ser um entusiasta de um tipo de mídia internacional pode impactar na aprendizagem de inglês daqueles que estão em processo de familiarização da língua.

Ao analisar os comportamentos de fãs *online*, podemos concluir que este fenômeno cresceu simultaneamente com a internet e seus avanços tecnológicos. Apesar dos estudos de caso apresentados terem mais de uma década desde sua publicação, as pesquisas ainda são notáveis para a aprendizagem informal de uma língua, e podem ser aplicados no contexto atual em que vivemos, pois os recursos para a aprendizagem informal de uma língua, atualmente, é ilimitado.

Por fim, devido ao diverso repertório sobre artistas, filmes, séries, *anime*, etc., tais interesses auxiliam indiretamente na aquisição informal de língua inglesa, uma vez que os

¹⁴ *Textual Poachers* draws inspiration from these movements within traditional social sciences. What follows grows not only from conventional forms of field research but also from my own active involvement as a fan within this subcultural community over the past decade and more. (Jenkins, 1992, p. 4)



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

recursos em língua materna do aprendiz são limitados, ou quase inexistentes, e como as interações dentro de ambientes *online* incluem entusiastas ao redor do mundo, o inglês torna-se uma língua universal para a comunicação. As interações não apenas contribuem para a aprendizagem de uma língua, como também na imersão cultural em outras culturas, estimulando a curiosidade em se aprofundar e aprender uma língua adicional, além do inglês. Por outro lado é notável como fãs, além de estarem constantemente se aprimorando em uma língua, também estão aprimorando suas habilidades em *softwares* de edição de vídeo e fotos, a escrita em prosa, elementos gramaticais, aprendendo a construir personagens e mundos, etc.

Como evidenciado na pesquisa, o interesse em certos tipos de mídia influencia um indivíduo a procurar além do que está disponível em sua língua materna, conseqüentemente, esta ação leva-o a estar em contato com uma comunidade de pessoas ao redor do mundo, impactando positivamente na aquisição de inglês, uma vez que o conteúdo é vasto, e tem como objetivo a comunicação com outros, além de estar em contato com as habilidades linguísticas do idioma. O consumo de filmes, séries e músicas originalmente em língua inglesa, também impacta na aquisição informal da língua, pois estão constantemente em contato com o idioma em sua forma falada.

Referências

BLACK, Rebecca W. English-language learners, fan communities, and 21st-century skills. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, v. 52, n. 8, p. 688-697, 2009

DUFFETT, Mark. **Understanding fandom: An introduction to the study of media fan culture**. Bloomsbury Publishing USA, 2013.

FISKE, John. The cultural economy of fandom. In: **The adoring audience**. Routledge, 2002. p. 30-49.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

JENKINS, Henry. **Textual poachers: Television fans and participatory culture**. Routledge, 2012.

KOROBKOVA, Ksenia A.; BLACK, Rebecca W. Contrasting visions: Identity, literacy, and boundary work in a fan community. **E-learning and Digital Media**, v. 11, n. 6, p. 619-632, 2014.

LAM, Wan Shun Eva. L2 Literacy and the Design of the Self*: A Case Study of a Teenager Writing on the Internet. In: **Handbook of research on new literacies**. Routledge, 2014. p. 1189-1212.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Aquisição de Segunda Língua**. São Paulo: Parábola, 2014.

SAURO, Shannon. Fan fiction and informal language learning. **The handbook of informal language learning**, p. 139-151, 2019

SCHUGURENSKY, Daniel. The forms of informal learning: Towards a conceptualization of the field. 2000

SOCKETT, Geoffrey. **The online informal learning of English**. Springer, 2014.

VAZQUEZ-CALVO, Boris et al. Fan translation of games, anime, and fanfiction. 2019.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

COPO VAZIO (2021) E A BUSCA PELO AMOR

Ana Clara Ferreira (G-CLCA-UENP/CJ)

Ricardo André Ferreira Martins (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo investigar a obra *Copo Vazio* (2021), de Natália Timerman, à luz da Crítica Literária Psicanalítica e Feminista. A obra analisada apresenta a história de Mirela, uma mulher que enfrenta uma crise existencial após ser deixada por seu companheiro, Pedro. A partir dessas reflexões, são evidenciados formatos de relações sociais e psíquicas que ocorrem em envolvimento (e não envolvimento) entre homens e mulheres, considerando um determinado recorte sexual, étnico e social. Ao longo da pesquisa, busca-se entender o conceito de “amor” em termos psicanalíticos e como as relações afetivas se dão no mundo contemporâneo, utilizando desses entendimentos para a análise e compreensão da obra de Timmerman.

Palavras-chave: Literatura. Amor. Psicanálise.

Introdução

A literatura feminina tem sido um tema cada vez mais explorado nos últimos anos. A autoria feminina têm ganhado destaque e espaço no mundo literário, trazendo para a literatura questões que antes eram consideradas tabus. A obra *Copo Vazio* (2021), de Natália Timerman, é um exemplo disso. Nesta pesquisa, será realizada uma análise da obra, utilizando a perspectiva da psicanálise.

Desde seu surgimento, a psicanálise tem uma relação estreita com a literatura. Sigmund Freud, o fundador dessa nova forma de interpretar o indivíduo e as relações humanas, se valeu de diversas narrativas e personagens literárias para nomear e exemplificar os conceitos que foi elaborando, como o complexo de Édipo, o narcisismo, o masoquismo, o sadismo, entre outros. Podemos dizer, pois, que “(...) a literatura é a linguagem que a psicanálise usa para falar de si mesma (...)” (Felman, apud Bonnici et al, 2009, p. 244).

- 457 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Além disso, há que se destacar que o uso da linguagem é o instrumento primordial em ambas as áreas de pesquisa. Assim, temos que:

A literatura e sua prática sempre foram um exercício da linguagem, tanto oral como escrita, criando um espaço marginal às formas habituais da comunicação e tendo como fundamento a expressão de uma subjetividade. Ademais, a ferramenta mais importante da psicanálise é a linguagem, seu traço comum com a literatura. Além disso, ambas têm como fundamento a subjetividade, até quando transmitem uma ocorrência de amplo valor social. (...) (Bonnici et al, 2009, p. 244).

Dessa maneira, é de se esperar que exista todo um ramo da Crítica Literária que se valha da psicanálise para compreender os textos literários. Com a Crítica Literária Psicanalítica “(...) procura-se captar um sentido irreduzível às intenções reveladas pelo autor, para se chegar a uma essência única de compreensão da obra literária. (...)” (Bonnici et al, 2009, p. 243). Quando se fala de obras de autoria feminina, os conceitos psicanalíticos também auxiliam em outros aspectos. Desde a década de 1970, os estudos acerca das obras escritas por mulheres ganharam grande impulso, com o fortalecimento dos movimentos feministas. Passou-se a denunciar a exclusão das mulheres do mundo da escrita, bem como questionar o local reservado ao “homem branco” como autor universal.

Nesse sentido, o que chamamos de “cânone literário” pode ser entendido como:

(...) um perene e exemplar conjunto de obras-primas representativas de determinada cultura local, [que] sempre foi constituído pelo homem ocidental, branco, de classe média/alta; portanto, regulado por uma ideologia que exclui os escritos das mulheres, das etnias não-brancas, das chamadas minorias sexuais, dos segmentos sociais menos favorecidos etc. Para a mulher inserir-se nesse universo, foram precisos uma ruptura e o anúncio de uma alteridade em relação a essa visão de mundo centrado no logocentrismo e no falocentrismo (Bonnici et al, 2009, p. 327).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Passou-se então a buscar um novo olhar, a partir de uma ótica da alteridade, buscando compreender as especificidades das obras criadas por escritoras, tanto em seu estilo como em suas temáticas.

Nesse sentido,

(...) O resultado do processo de questionamento dessas práticas que determinam a invisibilidade histórica da mulher, entendida como sujeito não só da produção literária, mas também da produção crítica e teórica, aponta, como bem assinala Schmidt, para a territorialização desse sujeito num espaço tradicionalmente entendido como sendo da alçada masculina. (Bonnici et al, 2009, p. 327)

Utilizando-se destes conceitos iniciais, esse trabalho visa analisar a obra *Copo Vazio* (2021), da escritora e psiquiatra Natalia Timerman, com base nos pressupostos da Crítica Literária Psicanalítica e Feminista, destacando aspectos da construção da protagonista, Mirela, a partir desses campos do conhecimento. Natália Timerman é uma escritora brasileira que tem se destacado no cenário da literatura contemporânea. Na obra analisada, ela apresenta a história de uma mulher que enfrenta uma crise existencial após ser deixada por seu companheiro, Pedro. A partir dessas reflexões, são evidenciadas as relações sociais e psíquicas que ocorrem em envolvimento (e não envolvimento) entre homens e mulheres, em um certo recorte temporal, sexual, étnico e social. É o que se percebe no seguinte trecho:

(...) Fechado? Pedro falava bastante de si. Será que falava aquilo tudo só para ela? Não, não parecia nada fechado. Falava até sobre isso, sobre a dificuldade de falar. Então o que eles tinham era mesmo especial. Desde o primeiro dia. Lembrou-se da noite em que se conheceram, ele havia dito ser um cara inseguro, difícil de se abrir. Sentiu imediatamente vontade de cuidar dele. Ainda sente. Desconfiou de alguma coisa, de que não fosse verdade, de que ele não fosse assim como dizia? Não, sentiu que só ela poderia compreendê-lo de verdade, gostar dele apesar daquelas



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

dificuldades, daqueles defeitos. (...) (Timerman, 2021, p. 72)

Assim, ao longo da pesquisa, busca-se entender o “amor” em termos psicanalíticos e como as relações afetivas se dão no mundo contemporâneo, utilizando desses entendimentos para a análise e compreensão da obra de Timerman.

Para atingir tais fins, será realizado um levantamento bibliográfico de artigos, teses e dissertações sobre o tema do presente projeto, particularmente sobre a relação entre literatura e psicanálise. Em seguida desenvolver-se-á um artigo com intuito de ser destinado à publicação em anais, revistas, encontros e congressos na área de Letras e assim divulgar os resultados encontrados.

O presente trabalho se justifica pela importância crescente dos campos da Teoria Literária em relação a autoria feminina, bem como do estudo da literatura por meio da psicanálise. Além disso, é de suma importância que se realizem cada vez mais pesquisas que versem sobre autores e autoras brasileiros contemporâneos.

Os elementos da narrativa de *Copo Vazio* (2021)

Com a pesquisa realizada, é possível analisar a relação entre as personagens do romance de Natália Timerman à luz de conceitos psicanalíticos, em especial do conceito de “amor”. *Copo Vazio* foi publicado em 2021, e vem sendo celebrado por tratar da questão dos relacionamentos amorosos, e suas ausências, especialmente com o impacto das redes sociais.

Entende-se que “(...) Amor e desejo são diferentes respostas para a falta. (...) Os modos pelos quais se ama e se deseja, dizem da estrutura psíquica e da posição que cada sujeito adota diante da vida” (Kuss, 2014, p. 9). Nesse sentido, desde o início do surgimento da psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939), atribuía grande valor ao sentimento de amor



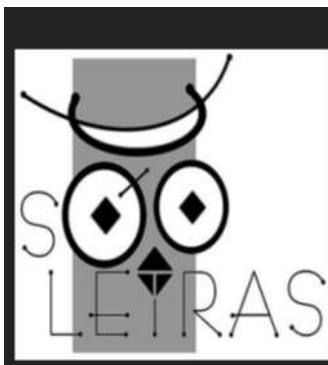
XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

para compreender a natureza humana. Buscaremos fazer o mesmo com base nesses conceitos e na narrativa de Timerman.

Conforme ensina Luciana Brito (2008), verificamos que a narrativa é estruturada da seguinte forma: o romance acompanha Mirela, uma arquiteta de 32 anos, tentando compreender as razões do abandono de Pedro, a quem conheceu há poucos meses por meio de um aplicativo de relacionamentos, e sua espera de que ele retorne. A trama é marcada pela não linearidade, havendo uma “desordem” na maneira de narrar os acontecimentos, de modo que o enredo se constrói à medida que a narradora vai relembrando fatos da sua vida, especialmente em relação à partida de Pedro.

Hoje (...) Pedro sumiu. (...)
[Mirela] não sabe para onde ir: não há lugar onde se imagine em paz. (...)
Sente culpa. Percorre a memória atrás de palavras afiadas, atrás de gestos que sinalizassem aquele fim, mas não encontra. Acha palavras e gestos de carinho e de desejo que a sua própria lembrança afia e então doem, quanto mais carinho antes, mais dilacerantes agora (...) (Timerman, 2021, p. 20).

Temos duas personagens principais, Mirela, que tem a função de protagonista, e Pedro, que acaba por assumir a função de antagonista, visto que se opõe à personagem central quando a abandona sem explicações, desencadeando as situações do enredo. Mirela pode ser vista como uma heroína dionisíaca, pois é caracterizada “(...) por semas disfóricos (fraco, súcubo de paixões), que luta pela afirmação de sua axiologia, ou seja, o critério de valores individuais, com base na vida, vivida segundo o instinto e na visão carnavalesca do mundo” (Brito, 2008, p. 3). Compreendemos também que a protagonista é caracterizada de uma maneira “redonda ou esférica”, no sentido que apresenta complexidades - ao mesmo tempo que é uma jovem independente, profissional de sucesso, também é insegura, dependente, capaz de ações autocondescendentes, etc. -, não se resumindo a apenas uma



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

faceta (Brito, 2008, p. 6).

O tempo da obra é psicológico, já que são as memórias de Mirela que ditam a sucessão dos fatos. Nesse sentido,

[o] tempo psicológico não é absoluto, mensurável por meio de padrões fixos. É o tempo interior à personagem e a ela relativo, porque é o tempo da percepção da realidade, da duração de um dado acontecimento no espírito da personagem. (...) No tempo psicológico, as fronteiras do passado, do presente e do futuro são abolidas. (...) (Brito, 2008, p. 9).

A escolha por esse tempo é comum em autores que focalizam no mundo interno das personagens, pois o tempo da psique é outro daquele em que decorre o mundo natural. Na obra analisada, isso se justifica já que é justamente nas suas memórias que a protagonista busca as respostas para seu abandono. Desse modo, inclusive os capítulos são intitulados, de maneira geral, ANTES, HOJE, e DEPOIS.

O espaço em que decorrem os eventos é a cidade de São Paulo, mas o enredo se dá especialmente nas lembranças de Mirela, o espaço sendo apenas um plano de fundo, que se divide entre o apartamento das personagens, o ambiente de trabalho, e alguns ambientes de lazer, sendo que nenhum deles é detalhadamente especificado.

Por fim, a obra se utiliza do narrador em terceira pessoa, testemunhando os fatos de fora. No caso analisado, trata-se de um narrador-observador, pois conta a história como mero expectador dos acontecimentos, não participando diretamente (Brito, 2008, p. 9), apenas acompanhando a trajetória da protagonista. Dessa forma, é Mirela quem dita os rumos da narrativa, e não temos acesso ao interior de Pedro, apenas nos é possível construir uma imagem dele a partir das lembranças de Mirela.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O amor e a literatura brasileira

Feita a exposição dos elementos da narrativa em estudo, cabe agora analisar, de uma forma sucinta, a maneira como a temática do amor vem sendo apresentada na literatura. O tema interessa às mais diversas áreas do conhecimento humano, especialmente porque o sentimento de amor move a humanidade desde os primeiros registros que temos. Filosofia, teologia, sociologia, biologia, química, entre tantos outros campos, se debruçam sobre o assunto, e a literatura não é diferente, servindo como registro de diferentes visões sobre o tema ao longo dos séculos.

De maneira didática, o estudo das temáticas e estilos literários costuma ser apresentado por “Escolas”. As escolas literárias que se desenvolveram no Brasil, de acordo com Antônio Candido (1999), foram o Barroco, o Arcadismo, o Romantismo, o Realismo, o Naturalismo, o Parnasianismo, o Simbolismo, o Pré-Modernismo e o Modernismo, além das tendências contemporâneas, que seguem se construindo. Cada uma dessas escolas literárias reflete as características e influências dos diferentes períodos históricos em que se formaram.

A temática do amor sempre esteve presente na literatura. No período barroco (séculos XVII e XVIII), o amor era frequentemente retratado como uma experiência intensa e muitas vezes contraditória. Os poetas barrocos exploravam temas como a paixão, o sofrimento amoroso, a fugacidade da vida e a dualidade entre o amor terreno e o divino. Muitas vezes, o amor era representado como um sentimento complexo, capaz de trazer tanto alegria quanto sofrimento (Candido, 1999, p. 25). Já no Arcadismo (meados do séc. XVIII, e início do século XIX), o amor era frequentemente retratado de forma mais idealizada e galante. Os poetas árcades valorizavam a natureza, a simplicidade e a elegância, e essa visão se refletia em suas representações do amor. Este era frequentemente abordado de forma mais suave, celebrando a mulher como uma figura nobre e idealizada, distante das paixões



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

tumultuadas do período barroco. Além disso, o amor galante e cortês era um tema comum na poesia arcádica, refletindo a influência das convenções sociais e da busca por uma estética mais refinada e equilibrada (Candido, 1999, p. 32-33).

Para a psicologia, o amor cortês também é um tema de interesse. Tendo seus primeiros registros a partir do século XI, se trata de amores não realizáveis, em que o eu-lírico amante se vê impedido de alcançar sua amada por uma variedade de motivos, como questões familiares, interesses financeiros, ou mesmo desencontros do destino (Gai et al, 2015, p. 6), de modo que o que se ama é o próprio sentimento de amor, e não necessariamente a outra pessoa. Nesse sentido,

Trata-se de um amor que está inscrito no regime da privação, portanto a falta do objeto é simbólica, como vimos. (...) A posição da mulher nesse tempo, na sociedade feudal, era o de uma função social, um objeto de troca; já as damas, para as quais as poesias eram dedicadas, eram enigmáticas e inacessíveis. O sofrimento constante decorrente da privação da amada marca a posição do amante. Amar no amor cortês significa renunciar não ao amor, mas ao objeto amado. (...) (Kuss, 2014, p. 55)

Vale ressaltar que apesar do enaltecimento do sentimento de amor, as relações interpessoais, em especial o casamento, não se davam com base no afeto, diferentemente do que se espera hoje em dia. A construção das famílias se baseava mais em aspectos como recursos financeiros, títulos de nobreza, políticas de vizinhança, etc. A mulher era vista como um objeto a ser negociado nessas relações, garantindo melhores acordos para a família de origem. Isso é evidenciado no romance “Senhora”, de José de Alencar, autor romântico brasileiro.

Quando falamos em Romantismo na literatura, não estamos nos referindo a atitudes de parceiros em relações amorosas, mas a toda uma visão de mundo. O Romantismo foi um movimento artístico e literário que ocorreu no século XIX, caracterizado pela valorização



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

dos sentimentos, da subjetividade e da natureza. Sinteticamente, temos que:

(...) cada escola literária é marcada por características que se sobressaem entre as outras. No caso do Romantismo tais fatos são percebidos como o individualismo, a valorização da originalidade e das emoções, dos sentimentos, o moralismo, a melancolia, o pessimismo, a luta pela liberdade, a fuga da realidade, o sonho, a utopia, o culto à natureza, o nacionalismo e o subjetivismo (Oliveira et al, 2011, p. 2)

Nesse contexto, em que os sentimentos humanos passaram a ser evidenciados em oposição ao mero racionalismo ou tradicionalismo cegos, o amor passa a ter um lugar de destaque nos textos literários, tanto em prosa quanto na poesia. Temos "Senhora" como um retrato do que se esperava nas relações amorosas no século XIX. O livro é um romance escrito por José de Alencar e foi publicado em 1875. A história gira em torno de Aurélia, uma mulher rica e determinada que busca vingança contra seu antigo amor, Fernando, que a abandonou por motivos financeiros. O livro aborda temas como o papel da mulher na sociedade, o casamento por interesse e a ascensão social.

O romance é um bom exemplo da mudança de paradigmas que o Romantismo traz, pois critica as relações pautadas no dinheiro, tendo o sentimento de amor como incorruptível e não passível de compra e venda. Além disso, se destaca por ter também aspectos realistas na obra, pois as personagens não são heróis perfeitos, apresentando falhas de caráter, atitudes contraditórias, de modo a criticar a sociedade burguesa da época. Contudo, no final da trama se mostram redimíveis por meio do amor, idealização notadamente romântica. Nesse sentido:

O romance "Senhora", escrito há mais de cem anos, conta um caso de amor, que foi submetido ao interesse social. O que distingue também esse caso é que ele não é conduzido de um ponto de vista masculino: a mulher, aparentemente próxima ao estado de objeto, exige o tempo inteiro à condição de sujeito da história. Aurélia é apresentada como mulher



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

sensível, passiva, amorosa, bonita, jovem e lúcida, com relação a seus dotes e ao seu dote, “Em Alencar, a sociedade burguesa pode corromper o indivíduo, mas este é quase sempre bom, e pode salvar-se”. (...) (Oliveira et al, 2011, p. 10).

Todavia, apesar de escrito do ponto de vista feminino, o romance mantém a mulher no lugar de objeto, com certa autonomia, mas ainda exercendo um papel social muito claro como dama que ascendeu socialmente e por isso necessita encontrar um marido para validar sua existência no mundo. Esse lugar relegado à mulher foi se transformando ao longo do século XX, em razão de várias mudanças sociais que foram ocorrendo em um período de muitas turbulências.

Intensificando a abordagem crítica do Realismo, o Naturalismo trata o tema do amor de maneira objetiva e muitas vezes pessimista, influenciado pela visão científica e determinista da vida. Os naturalistas acreditavam que as emoções, incluindo o amor, eram condicionadas por fatores biológicos e ambientais, e frequentemente exploravam temas como paixões avassaladoras, relações desestruturadas e instintos humanos, destacando os aspectos sombrios e perturbadores das relações amorosas (Candido, 1999, p. 57).

Na vida do século, se verificou a convivência de variados movimentos literários, influenciados pelas mudanças de paradigmas trazidas pelo romantismo e pelo realismo/naturalismo (Candido, 1999, p. 57). Com o parnasianismo, o amor volta a ser retratado de forma objetiva e racional, com ênfase na perfeição formal e na contenção dos sentimentos (Candido, 1999, 59). No simbolismo, por sua vez, o amor era retratado de forma mais subjetiva e metafórica, em contraste com a abordagem mais objetiva do parnasianismo. Os simbolistas buscavam explorar os aspectos mais profundos e misteriosos do sentimento amoroso, muitas vezes associando-o a temas como a espiritualidade, o transcendente e a subjetividade (Candido, 1999, p. 63).

A partir do século XX, vemos o surgimento das tendências modernas. No

- 466 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

modernismo, o amor foi abordado de maneira mais diversificada e multifacetada, refletindo as mudanças sociais, culturais e políticas da época. Enquanto alguns autores modernistas retratavam o amor de forma mais idealizada, outros buscavam desconstruir e questionar os padrões tradicionais do sentimento amoroso (Schpun, 1996).

O amor no Modernismo frequentemente refletia as tensões e contradições da sociedade, explorando temas como a liberdade individual, a sexualidade e o papel da mulher. Essa diversidade de abordagens fez com que o tema fosse representado de maneira mais complexa e ampla, refletindo as diferentes visões e experiências dos escritores desse período.

Um exemplo é a obra de Mário de Andrade, *Amar, verbo intransitivo* (1927), que retrata as características de uma família burguesa da época. Vemos as relações sendo vividas de uma forma mais individualista, como o próprio título da obra sugere: apenas importa as emoções e sensações causadas ao indivíduo, o objeto do amor é indiferente. A obra tem como temática a iniciação sexual e amorosa do jovem Carlos, através da governanta alemã Elza, que é contratada por uma família rica e tradicional de São Paulo para ensinar ao jovem lições sobre sexualidade e comportamento.

(...) Trata-se de ensinar o jovem Carlos a conhecer as mulheres, também a manter em relação a elas uma superioridade, uma distância, uma insensibilidade. (...) já homem, ele agora está imunizado contra toda dependência afetiva em relação às mulheres, razão principal das preocupações e da iniciativa de seu pai (Schpun, 1996, p. 199).

Nesse sentido, vale ressaltar o papel destinado à mulher nessas narrativas, tanto no enredo quanto na autoria.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

As tendências contemporâneas e a autoria feminina

A literatura contemporânea, de modo geral, busca representar a diversidade de vozes presente na sociedade, abordando temáticas que nem sempre estiveram presentes no “cânone”. Com isso, permite que diferentes experiências e perspectivas sejam compartilhadas, enriquecendo a forma como a literatura é trabalhada na atualidade. Isso porque,

(...) No Brasil, aqueles que têm acesso à voz literária formam um grupo muito homogêneo. São quase todos brancos, muito mais homens do que mulheres, habitantes dos grandes centros urbanos, com nível universitário, em geral com profissões já vinculadas com o domínio do discurso. O mundo que recortam em suas narrativas está marcado por estas características. O público leitor – que compartilha, em grande medida, a posição social dos autores – consome as representações dadas por esse recorte, o que é tão mais significativo quando se sabe que as obras da literatura brasileira, em sua maioria, têm pretensões realistas (Dalcastagnè, 2011, p. 1).

Além disso,

No âmbito da arte literária, até meados do século passado, os discursos dominantes vinham circunscrevendo espaços privilegiados de expressão e, conseqüentemente, silenciando as produções ditas “menores”, provenientes de segmentos sociais “desautorizados”, como as das minorias e dos/as marginalizados/as. O quadro comportava, de um lado, a visibilidade das obras canônicas, a chamada “alta cultura”; de outro, o apagamento da diversidade proveniente das perspectivas sociais marginais, que incluem mulheres, negros, homossexuais, não-católicos, operários, desempregados... (Zolin, 2009, p. 2).

Em especial a partir dos anos 1970, passou-se a considerar o olhar da mulher quanto



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

à atividade literária, sendo que o trabalho de escritoras e pesquisadoras feministas vêm questionando o papel do “homem universal” na literatura. Nesse sentido,

(...) A constatação de que a experiência da mulher como leitora e escritora é diferente da masculina implicou significativas mudanças no campo intelectual, marcadas pela quebra de paradigmas e pela descoberta de novos horizontes de expectativas.

(...) Estudos acerca de textos literários canônicos mostram inquestionáveis correspondências entre sexo e poder: as relações de poder entre casais espelham as relações de poder entre homem e mulher na sociedade em geral; a esfera privada acaba sendo uma extensão da esfera pública. Ambas são construídas sobre os alicerces da política, baseados nas relações de poder (Bonnici et al, 2009, p. 217)

O lugar da mulher mudou radicalmente nos últimos séculos. Primórdios de um movimento feminista passa a se constituir no Brasil a partir do fim do século XIX, ao lado dos movimentos pela abolição da escravatura e pela proclamação da República (Bonnici et al, 2009, p. 221). *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, um dos primeiros romances de autoria feminina escritos no Brasil, é um exemplo disso.

A partir de então, com a inserção da mulher no mercado de trabalho, a invenção da pílula anticoncepcional e a difusão dos outros métodos contraceptivos, bem como a institucionalização do divórcio, o casamento - e as relações amorosas num geral - assume um outro papel na vida das mulheres. Até então, se conformar às normas sociais patriarcais, era uma forma de sobrevivência feminina. Nesse sentido,

Nos romances canônicos, conforme bem pondera Schmidt (1999), as leis que regiam o casamento, a sexualidade e a dependência feminina eram tão insistentes a ponto de se poder identificar sequências narrativas recorrentes, como casamento, adultério, loucura e morte. Trata-se, no dizer da ensaísta, de um aparato ideológico com vistas “à socialização das personagens femininas dentro de limites legais, econômicos e sexuais,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

inscrevendo os desejos individuais num código coletivo de ações, cujas sequências reforçam comportamentos psicologicamente introjetados e papéis socialmente legitimados” (...) (Zolin, 2009, p. 4).

No entanto, com o avanço dos movimentos sociais, notadamente dos movimentos feministas, as mulheres puderam passar a aspirar a outras narrativas, tanto em suas vidas reais, quanto nas ficções.

A considerável produção literária de autoria feminina, publicada à medida que o feminismo foi conferindo à mulher o direito de falar, surge imbuída da missão de “contaminar” os esquemas representacionais ocidentais, construídos a partir da centralidade de um único sujeito (homem, branco, bem situado socialmente), com outros olhares, posicionados a partir de outras perspectivas (Zolin, 2009, p. 2).

No tocante à temática trabalhada, as tendências contemporâneas da literatura retratam o amor de maneira cada vez mais diversificada, refletindo as transformações sociais, culturais e tecnológicas do mundo atual. Autores e autoras contemporâneos frequentemente exploram o amor em todas as suas complexidades, abordando temas como relacionamentos modernos, identidade de gênero, diversidade sexual, relacionamentos à distância e o impacto das redes sociais na forma como nos relacionamos.

Nesse sentido, destacamos a obra de Natália Timerman pelos diversos temas que a discute ao longo da narrativa, utilizando o envolvimento amoroso de Mirela e Pedro como plano de fundo, como a racionalização das relações contemporâneas, a independência feminina, a mediação das redes sociais, os impactos da ausência e do abandono, especialmente com base em termos psicológicos.

Assim, temos que,

(...) a crítica feminista, psicanaliticamente orientada, estuda as

- 470 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

especificidades da escrita feminina em relação à problemática da identidade da mulher. Aí, um certo sentimento de inferioridade marca a sua luta pela afirmação como artista, ao mesmo tempo em que diferencia seus esforços de criação daqueles empreendidos pelos escritores. (Bonnici et al, 2009, p. 228)

A partir destas bases, vamos para a última parte de nossa pesquisa, investigando como a psicanálise entende o amor e como isso é refletido na obra de Timerman.

A Psicologia do Amor e a Literatura

Exposto como o tema do amor vem sendo trabalhado pela literatura, é válido destacar como é abordado pela Psicologia. Essa ciência nos auxilia a compreender melhor os comportamentos humanos, tanto em seus aspectos conscientes, como, em especial, os aspectos inconscientes. Um dos pioneiros nessa área de estudos foi Freud, que fundou seu próprio método, a psicanálise, e foi seguido por outros grandes pensadores, como Carl Jung (1875-1961) e Jacques Lacan (1901-1981), que deram seus próprios direcionamentos para a área. Nesse trabalho, nos utilizamos primordialmente da psicanálise freudiana.

Literatura e psicanálise se encontram desde o surgimento desta última. Ao mesmo tempo que diversas temáticas da literatura, em especial da Alemã e da Grécia Clássica, influenciaram na construção dos conceitos psicanalíticos, ao longo do século XX, essa ciência influenciou diversos escritores, dando origem a movimentos literários como o Surrealismo (Paraíso, 1995, p. 37). Quando aclamado por ter descoberto o “Inconsciente”, Freud teria afirmado que “Los poetas y los filósofos descubrieron el inconsciente antes que yo. Lo que yo descubrí fue el método científico con el cual se puede estudiar el inconsciente” (Paraíso, 1995, p. 41).

Desta maneira, entende-se que



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

(...) la Teoría y Crítica de orientación psicoanalítica muestra la obra literaria como producto humano: religado con necesidad teleológica a un inconsciente humano individual —el del escritor—, o al inconsciente humano colectivo, expresando sus "arquetipos". Se apoya la Teoría y Crítica psicoanalítica en el Psicoanálisis, tal como fue codificado por Freud y sus discípulos, y éste le suministra una base desde la cual el estudioso de Literatura reinterpreta la literariedad y sus productos concretos: las obras literarias. (Paraíso, 1995, p. 43).

Demonstrada a importância da psicanálise para a literatura, vamos compreender melhor como o conceito de amor é desenvolvido nessa ciência. Nesta seara, o amor é entendido como uma resposta para a falta. Todos os seres humanos estão em contato com o sentimento de incompletude, e a busca pelo amor é uma busca da plenitude, que todavia nunca será satisfeita (Kuss, 2014, p. 10).

Sigmund Freud considerava que havia duas possibilidades de escolha nas relações amorosas: a narcísica e a objetal (Kuss, 2014, p. 39). No amor narcísico, a libido do sujeito se direciona para o próprio eu, enquanto no objetal (ou anaclítico), há o investimento da libido no objeto que representa o ideal narcísico. Assim, para o autor, na primeira escolha o sujeito que ama deposita no ser amado a confirmação de seu próprio valor (é mais importante ser amado do que amar), enquanto na segunda, o objeto amado que é reflexo do ideal de eu do sujeito amante (a pessoa amada é reflexo da pessoa amante). Freud relacionava o amor narcísico ao feminino e o amor anaclítico ao masculino, ressaltando que é possível a inversão desses papéis, bem como a presença das duas formas de amor num mesmo indivíduo (Kuss, 2014, p. 40).

Em *Copo Vazio* (2021) temos um exemplo disso. Ao acompanharmos Mirela buscando compreender as razões do abandono de Pedro, a quem conheceu há poucos meses por meio de um aplicativo de relacionamentos, nos é possível perceber que a personagem-



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

protagonista não tem uma autoestima sólida, dependendo da aprovação do olhar alheio. Percebemos isso no trecho:

Mirela se olhou no espelho. Diziam tanto que era bonita. Ela às vezes concordava, mas não acreditava na consistência da própria beleza. Precisava da eterna confirmação do olhar alheio, das palavras, do outro que sempre anuncia, a cada vez como uma novidade, mesmo a beleza mais antiga. (...) (Timerman, 2021, p. 18).

Com isso, percebemos que “Mirela, uma jovem arquiteta talentosa e independente, parece encontrar em Pedro a saída para sua solidão e fica obcecada não somente por ele, mas também pela versão de si mesma como objeto desse amor” (Macedo, 2023, p. 153). Encontra em Pedro, então, alguém para validá-la, porém desconfia que isso seja possível. Ao avaliar o perfil de seu pretendente em uma rede social de relacionamentos, acaba por evidenciar a imagem que constrói de si mesma: alguém que fracassou ao buscar o afeto de outras pessoas, e por isso precisa se rebaixar nas relações.

(...) Mirela se achou muito sortuda de encontrar um pós-graduando bonito no aplicativo. Mas era estranha, aquela sorte. Mirela desconfiava. Pensava que só pessoas feias, pouco inteligentes, de alguma forma fracassadas, podiam ceder à humilhação de colocar suas fotos naquela vitrine humana (...) (Timerman, 2021, p. 17).

Pedro, por sua vez, aparenta ser mais confiante de si, ao menos aos olhos da protagonista. Temos como exemplo o seguinte trecho, em que a personagem fala sobre seu último relacionamento antes de Mirela:

(...) Eu fui casado, mas meio sem escolher. (...) A gente estava junto fazia dois anos e eu fui fazer uma parte do doutorado no Canadá, ela foi morar



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

comigo lá, foi um casamento, né? Faz tempo que terminou? Uns quatro meses. Só isso? Mas as brigas vinham de antes. (...) No começo eu achava que eu era muito pra ela. (...) depois que ela terminou comigo, fiquei achando que ela era muito pra mim.

Mirela estava feliz por ele se sentir à vontade e contar coisas difíceis. Chegou a passar por sua cabeça que ele falasse aquilo para qualquer uma, que encenasse um personagem inseguro que inspirasse cuidados, cuidados femininos, mas estancou o pensamento com um outro qualquer (Timerman, 2021, p. 29).

A escrita de Timerman nos lembra a todo tempo que, apesar de sua relação com Pedro ser o motor dos sentimentos e atitudes que a protagonista expõe ao longo da narrativa, é Mirela quem busca esses tipos de relação para preencher sua incompletude, passando por cima de sinais de que essa relação não era realmente satisfatória. Havia sinais da hesitação de Pedro que a protagonista escolheu não ver, acreditando ser capaz de cuidar e curar Pedro por meio do amor que sente. Logo no primeiro encontro, Pedro demonstra ser uma pessoa difícil de acessar, e Mirela já se imagina abandonada por ele.

No fim da tarde, Mirela escreveu perguntando se estava tudo certo. Pedro demorou duas horas e meia para não responder nada e ela tentar telefonar. Pedro não atendeu. Mirela voltou andando do trabalho para casa. Claro que aquilo não podia dar certo. Queria chorar no banho com pena de si, colocar o pijama e ligar para Marieta esparramada no sofá, mas Pedro frustrou seus planos autocomiserativos e escreveu. Estava em uma reunião da pós e ia demorar mais um pouco, mas se para ela ainda estivesse tudo bem, poderiam se encontrar umas dez e meia. Um bar na esquina da Augusta (Timerman, 2021, p. 18).

Percebemos nos trechos destacados as diferentes formas que as personagens se colocam no mundo (e no texto), bem como seu descompasso na busca pela satisfação pela via do amor. Isso se dá porque,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O amor, não raro, tira do sujeito a certeza sobre seu próprio eu. Quando amamos, a fronteira entre o eu-amante e o eu-amado fica borrada e, por vezes, ameaça desaparecer. (...) Mirela não é abandonada somente por Pedro, mas também por todos os ideais e fantasias construídos em torno dessa relação. (...) Pedro vai embora, mas é Mirela quem fica perdida, sem entender o que fez com que fosse abandonada, sentindo-se culpada pelo fim do relacionamento e tentando encontrar em si razões para Pedro tê-la abandonado sem deixar vestígios. O ghosting é uma das performances da indiferença, o real oposto do amor (Macedo, 2023, p. 155).

Dessa forma, enquanto Mirela busca no outro a confirmação de seu próprio valor - correspondendo ao amor narcísico descrito anteriormente -, Pedro acredita que o seu valor é maior do que o do objeto amado (e por isso, ele é quem o escolhe), e apenas após a separação, atribui valor ao outro, ilustrando o amor anaclítico. Temos aí um “encontro faltoso”, em que o desejo das personagens só aprofunda a constatação de que a satisfação é impossível de ser atingida. Nesse sentido,

O caráter faltoso da Coisa aparece cada vez que o sujeito supostamente reencontra o objeto, o que caracteriza todo encontro, e conseqüentemente o amor, como um encontro faltoso. Portanto, o desejo é o anúncio da falta, da incompletude que nos estrutura como humanos. (...) (Kuss, 2014, p. 25).

O próprio título da obra, *Copo Vazio* (2021), anuncia o caráter faltoso dessa relação: por um lado, há o vazio deixado pela partida de Pedro ao não sustentar a relação, e o próprio vazio que percebemos ao longo da narrativa já existir na psique de Mirela, desde sua constituição enquanto sujeito. Vemos referência a um primeiro vazio no trecho:

(...) a separação dos pais quando Mirela tinha nove anos deixou só a fumaça. (...) O vazio da casa era desproporcional à ausência de uma só pessoa. (...) A mãe, o cigarro sempre aceso, a fumaça bruxuleando, o olhar perdido - talvez fosse disso também que Mirela quisesse se afastar: da

- 475 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

mediocridade do cotidiano de sua mãe, aquele envelhecer sem sentido, vida desperdiçada no todo dia. E do que restou das lembranças do pai na casa quando ele morreu de infarto, pouco menos de um ano antes de Mirela se mudar. (...) a morte do pai pareceu tornar de novo aguda uma ausência já antiga entre aquelas paredes (Timerman, 2021, p. 14-15).

À medida que situações de abandono vão surgindo na vida da protagonista, ela vai criando novas explicações para essas ausências. Nesse sentido, destaca a autora do romance:

Qual é o problema desse sumiço? A grande dor dele é que a falta de explicação, eu costumo dizer, que forma um vácuo. De repente uma pessoa some (...), o espaço psíquico também não consegue ficar sozinho, a gente ocupa com fantasia. Se não tem explicação a gente inventa, mesmo sem querer. E a gente fica oscilando num pêndulo, que de um lado é “o celular dele quebrou”, “ele foi roubado”, “perdeu meu número, por isso não está me escrevendo” (...). E esse pêndulo tem esse movimento de parar por mais tempo nas pontas e passar muito rápido no centro, e o centro é: ele não te quer, ele não quis, ele quis embora, ele escolheu não estar aqui (...) (Meu inconsciente coletivo, 2021).

Ao longo da narrativa, percebemos que a protagonista sente que a culpa dessa partida é sua e fica buscando as razões, em si própria, que teria feito o outro, Pedro, partir. Todavia não percebe que a partida é a escolha do outro, por suas razões próprias, até porque Mirela também tem suas razões para estar no lugar que está. Dessa forma, é preciso que investigue o que realmente busca nas relações amorosas, e compreenda o vazio que existe em si, e que não poderá ser preenchido. Nesse sentido,

O fechamento de uma relação, ainda que a gente peça, e que seja sim, um ato respeitoso, (...) o fim mesmo de cada relação acontece sozinho, cada um com o seu próprio. Se você precisa de um encontro para determinar esse fim, você está pedindo um pouco mais dessa relação. (...) (Meu inconsciente coletivo, 2021).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Por certo os conceitos apresentados não se exaurem nas situações discutidas, e possuem outras facetas, que todavia não serão abordadas neste momento. A discussão sobre as diferentes formas em que os indivíduos se relacionam é extensa, e se aprofunda cada vez mais, especialmente quando pensamos fora das relações heterossexuais, nas implicações de classe e raça, entre outras circunstâncias. Por ora, o presente trabalho se satisfaz (não completamente) com a exposição inicial do conceito de amor na literatura, utilizando da psicanálise, especialmente nos ensinamentos de Freud, e sua aplicação na obra de Natália Timerman.

Considerações finais

A pesquisa teve como norte compreender como a obra *Copo Vazio* (2021), de Natália Timerman, trabalha a temática do amor. A autora é uma escritora brasileira que tem se destacado no cenário da literatura contemporânea. Na obra analisada, ela apresenta a história de uma mulher chamada Mirela que enfrenta uma crise existencial após ser deixada por seu companheiro, Pedro. Percebemos ao longo da trama que o foco se concentra no mundo interior de Mirela, tanto em relação aos elementos da narrativa - enredo, personagens, tempo, espaço e narrador -, quanto nas questões levantadas pela obra.

A temática do amor sempre esteve presente na literatura, bem como em várias outras áreas do conhecimento. No Brasil, as representações sobre o tema costumavam variar entre sua intensidade e arrebatamento - como com o Barroco, o Romantismo, o Naturalismo, o Simbolismo -, ou sua faceta forma idealizada e edificante - vemos exemplos no Arcadismo e no Parnasianismo. Outro enfoque que se repete ao longo da história da literatura é a visão crítica do sentimento, buscando analisar os impactos variados que tem na sociedade. Percebemos isso mais fortemente no Realismo, no Modernismo e nas Tendências



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Contemporâneas.

Um dos aspectos mais discutidos por essas tendências é o papel da mulher na sociedade, e como nas relações amorosas costuma oscilar entre ser idealizado, a amante sexualizada, ou um mero objeto de troca, mas sempre nesse lugar passivo, visto que, em geral, as obras que compõem o chamado “cânone literário” são de autoria masculina. Todavia, nos últimos séculos, especialmente com o avanço nas lutas feministas pelo direito das mulheres, foi possível desafiar a prevalência masculina e trazer novas temáticas e abordagens para a literatura.

Dessa forma, no tocante à temática trabalhada, as tendências contemporâneas da literatura retratam o amor de maneira cada vez mais diversificada, refletindo as transformações sociais, culturais e tecnológicas do mundo atual. A obra de Natália Timerman merece destaque, pois trata de temas caros às discussões contemporâneas - a racionalização das relações contemporâneas, a independência feminina, a mediação das redes sociais, os impactos da ausência e do abandono -, além de aliar ao conhecimento literário a abordagem psicanalítica.

A psicologia visa compreender melhor os comportamentos humanos, e a psicanálise é uma de suas abordagens. Propostas por Sigmund Freud na virada do século XIX para o XX, as descobertas psicanalíticas transformaram a forma como o indivíduo é compreendido, pois entende que para além do mundo externo, da superfície (o chamado “consciente”), há um mundo interno que rege nossas vidas e se constitui a partir das nossas primeiras experiências humanas (o “inconsciente”). Nesta seara, o amor é entendido como uma resposta para o sentimento de incompletude que constitui todos os seres humanos. Nossas respostas para essa falta irão variar de acordo com questões inatas, com aspectos sociais e com os aprendizados emocionais que fizemos desde nossa primeira infância, todavia nunca será plenamente satisfatória. Para a psicanálise, o amor, em sua natureza, é um “encontro



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

faltoso” (KUSS, 2014, p. 25).

Através da protagonista de *Copo Vazio* (2021), podemos acompanhar uma mulher lidando com sua incompletude através da busca pelo amor, contudo, sem encontrar as respostas que procura para suas próprias faltas: de afeto, de autoestima, de amor próprio, em suma, de um entendimento de si mesma. Ao buscar compreender as razões da partida de seu companheiro, Mirela parte em uma busca de si, contudo enquanto Mirela busca no outro a confirmação de seu próprio valor, Pedro acredita que o seu valor é maior do que o do objeto amado (e por isso, ele é quem o escolhe e o rejeita).

Desta forma, o romance de Natália Timerman é um bom exemplo da forma como as relações amorosas vêm sendo compreendidas atualmente, a partir de uma abordagem específica - a Psicanálise -, e considerando que a narrativa tem seus recortes de gênero, raça, classe, em um determinado período histórico brasileiro.

Referências

ALENCAR, José de. **Senhora**. Coleção O Estado de São Paulo, Klick Editora. São Paulo, 1997.

BONNICI, Thomas (org.). **Teoria Literária**. Abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3º edição, revisada e ampliada. Maringá: EDUEM, 2009.

BRITO, Luciana. **O gênero narrativo e suas especificidades**. Jacarezinho: CLCA/UENP-JAC, 2008. Minicurso ministrado no SÓ-LETRAS (Seminário de Iniciação Científica).

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**: resumo para principiantes. 3. ed. – São Paulo : Humanitas/ FFLCH/USP, 1999.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Tendências da narrativa brasileira contemporânea**. Anais do V Colóquio Internacional Cidadania Cultural: Jovens nos espaços públicos e institucionais da modernidade. Campina Grande, Editora EDUEPB, 2011 – ISSN 2176-5901.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. In: _____. Obras psicológicas completas. Trad. Jayme Salomão e Christiano M. Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. Vol. XVIII.

GAI, Eunice T. Piazza; SCHONARTH, Luana Grasiela. **A Temática do Amor e os Caminhos Literários**. Literatura, Comparatismo e Crítica Social, Fevereiro de 2015, ISSN 1679-849X. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/LA/index>>

KUSS, Ana Suy Sesarino. **Amor e desejo: um estudo psicanalítico**. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 2014.

MACEDO, Sybele. **O ghosting como atualização do desamparo: Copo Vazio**, de Natália Timerman. Revista De Psicanálise Stylus, 1(42), pp. 153–156. Disponível em: <https://doi.org/10.31683/stylus.v1i42.931>.

MEU INCONSCIENTE COLETIVO: Estava no auge da paixão e daí a pessoa sumiu? Entrevistada: Natalia Timerman. Entrevistadora: Tati Bernardi: Folha de S. Paulo. 13 de ago. 2021. Podcast. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2021/08/ghosting-o-que-fazer-quando-o-outro-desaparece-ouca-podcast.shtml>. Acesso em: 20 de dezembro de 2023.

OLIVEIRA, Cláudia Cristina de; PIRES, Luciana dos Santos. **Manifestações realistas na construção da personagem Aurélia no romance “Senhora” de José de Alencar**. Universidade Estadual de Goiás. Revista do Curso de Letras da UnU-Itapuranga. Goiás: 2011.

PARAÍSO, Isabel. **Literatura y Psicología**. Editorial Síntesis, S.A. Vallehermoso, Madrid, 1995.

SCHPUN, Mônica Raisa. **O amor na Literatura - Um exercício de compreensão histórica**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 8/9, p. 177–209, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1882>.

TIMERMAN, Natalia. **Copo Vazio**. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Todavia. 2021.

ZOLIN, Lúcia Osana. **A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade**. Ipotesi, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 105 - 116, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19188>.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**DA PÁGINA AO FILME – ANÁLISE COMPARATIVA DE ALICE NO PAÍS DAS
MARAVILHAS DE LEWIS CARROLL E A TRANSPOSIÇÃO
CINEMATOGRAFICA DE TIM BURTON**

Alicia Karine Mendes Pedroso (G-CLCA-UENP/CJ)
Carolina Toti (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: O filme “Alice no País das Maravilhas” de Tim Burton apresenta diferentes interpretações da obra clássica de Lewis Carroll. Enquanto o livro, escrito em 1865, imerge o leitor em um mundo de fantasias, o filme de Burton, lançado em 2010, traz uma visão sombria e peculiar. Essa análise tem o objetivo de comparar a transposição cinematográfica de Tim Burton com livro de Lewis Carroll. Procura-se analisar a transição de elementos textuais para imagens em movimento, focando em elementos como a transposição da narrativa e personagens, e examinando como as escolhas de Burton afetam a experiência visual e interpretativa da narrativa. O trabalho apresentado é embasado em teorias intersemióticas que exploram a tradução de significados entre diferentes sistemas de signos, utilizando como principal suporte as análises da obra de Jullier e Marie (2009) Lendo as imagens do cinema. Como resultado, esperamos observar não apenas a transposição do texto literário para a versão cinematográfica, mas compreender como o diretor Tim Burton com seu estilo único, adiciona novos significados e diferentes interpretações para a obra.

Palavras-chave: *Alice no País das Maravilhas*; Lewis Carroll; Tim Burton.

Introdução

A arte consegue nos envolver intensamente, seja por meio de um livro, onde ficamos imersos em universos fascinantes, ou em um filme que nos prende, dando vida à nossa imaginação. Atualmente conseguimos visualizar melhor como os dois universos estão tão conectados, já que diversos *best sellers* foram transformados em filmes famosos, como Harry Potter, Jogos Vorazes, Romeu e Julieta, entre outros. O cinema representa um setor significativo, uma vez que a maioria da população tem um grande apreço pela experiência



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

cinematográfica e quando há a transposição de uma obra literária para o cinema, cria-se uma expectativa considerável e diversas discussões sobre a fidelidade do filme ao livro. “Essa atitude resulta em julgamentos superficiais que frequentemente valorizam a obra literária sobre a adaptação” (Johnson, 2003). Entretanto, é importante salientar que, durante esse processo de transposição para o cinema, muitas vezes se subestima a distinção entre a leitura verbal e a linguagem visual empregada na sétima arte. Segundo Johnson (2003), as relações entre o cinema e a literatura são complexas e se caracterizam, sobretudo, pela intertextualidade. Citando Avellar, Johnson afirma que “o que leva o cinema à literatura é uma quase certeza de que é impossível apanhar aquilo que está no livro e colocá-lo, de forma literária, no filme” (Avellar apud Johnson, 2003, p. 41). “A insistência na fidelidade é considerada um falso problema, pois ignora a dinâmica do campo de produção em que esses meios estão inseridos” (Johnson, 2003, p. 42). Cecy Campos (2000) “introduz o conceito de hipertextualidade, que se refere a toda relação que une um texto a outro por meio de alusões textuais ou paratextuais. A obra literária (hipotexto) serve como ponto de partida e dá origem ao roteiro (hipertexto). A adaptação cinematográfica não reproduz, mas reinterpreta e expande a narrativa de maneira única e cativante.”

Ao fazermos a comparação entre os dois meios, literatura e cinema, devemos considerar essa transposição de diferentes signos, ou seja, analisar um filme é diferente de se analisar um livro, devemos respeitar e apreciar a linguagem de cada meio, no campo do qual foi inserido. Cada diretor e roteirista possui uma voz única e uma forma particular de expressão, resultando na possibilidade de escolhas criativas que conduzem a trajetórias diferentes da obra original. Certamente, apreciar uma obra cinematográfica proporciona uma experiência prazerosa, mas frequentemente, determinadas informações escapam à percepção inicial. Conforme Jullier e Marie, “ler o cinema” não demanda uma fórmula mágica ou método rígido, entretanto, algumas ferramentas podem ser úteis para a análise, abrangendo



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

elementos como, movimento da câmera, efeitos sonoros, cenário e entre outros.

Ao abordar a transposição cinematográfica de uma obra literária, é pertinente considerar as palavras de Hutcheon: “a adaptação procura encontrar ‘equivalências’ em diferentes sistemas de signos para diversos elementos da história, tais como temas, eventos, mundo, personagens, motivações, pontos de vista, consequências, contextos, símbolos, imagens, e outros aspectos” (Hutcheon, 2011, p17). Esta análise fará uma investigação no filme "Alice no País das Maravilhas" de Tim Burton, estabelecendo "equivalências" com a obra de Lewis Carroll, identificando as escolhas criativas realizadas pelos cineastas para expressar imagens, personagens, e cenas no novo contexto visual, utilizando as ferramentas de análise do livro de Jullier e Marie “Lendo as imagens do cinema”.

Livro

A obra clássica do gênero '*nonsense*', "As aventuras de Alice no País das Maravilhas", abreviada para "Alice no país das Maravilhas", foi publicada em 1865, escrita por Lewis Carroll, pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson. Por mais de mais de 150 anos, várias gerações foram cativadas por Carroll. Reconhecido como o precursor desse estilo literário, Carroll inseriu na narrativa uma série de enigmas, sátiras e referências linguísticas e matemáticas, o que o ajudou a manter a popularidade da obra. A obra possui uma continuação intitulada "Alice Através do Espelho".

A história gira em torno de Alice, uma criança curiosa, que segue um coelho branco até sua toca. Ao entrar na toca, ela cai em um buraco profundo e é transportada para um mundo subterrâneo chamado País das Maravilhas. Nesse lugar, Alice vive diversas aventuras e tem encontros com criaturas peculiares. A protagonista é constantemente confrontada sobre quem ela é, o que a leva questionar e refletir sobre tudo o que aprendeu ao longo de sua vida.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Filme

Produzido pelos estúdios Walt Disney, "Alice no País das Maravilhas" (2010), foi um grande sucesso de bilheteria nos Estados Unidos tendo um lucro de mais de U\$1 bilhão de dólares, recebendo indicações ao Oscar, ganhando os prêmios de Melhor Figurino e Melhor Direção de Arte. O filme, dirigido por Tim Burton, renomado cineasta conhecido por obras como "Edward Mãos de Tesoura" e "A Fantástica Fábrica de Chocolate", apresenta a fantasia que se desenrola 13 anos após os eventos do livro original. O filme narra a história de Alice, agora adulta, que retorna ao mundo subterrâneo sem recordar sua visita anterior, ao longo de diversas aventuras, ela interage com as peculiares criaturas desse universo, proporcionando a Alice o autoconhecimento e a capacidade de enfrentar seu destino, tanto no País das Maravilhas quanto em seu próprio mundo.

A autora do roteiro, Linda Woolverton, reconhecida por seu trabalho em "O Rei Leão" e "A Bela e a Fera", desempenhou um papel fundamental na criação da obra, embora o enredo tenha como base e inspiração o livro de Lewis Carroll, "Alice no País das Maravilhas" (1865), Linda explicou em entrevista para a revista *Writers Guild of America* (2010) que em sua abordagem “não pretendia reproduzir a obra original. Em vez disso, quis brincar com a ideia de retratar Alice mais velha retornando ao País das Maravilhas”. Em outra entrevista, Woolverton esclareceu o contexto temporal da história, e revelando que “Alice enfrenta momentos difíceis em sua vida e ao voltar para o País das Maravilhas consegue a força interior que perdeu após a morte de seu pai.” (Rohter, 2010).

Tim Burton deixou clara sua intenção ao produzir "Alice no País das Maravilhas", ele diz que ao contrário de simplesmente "copiar" a obra de Carroll, ele optou por utilizar os personagens e algumas cenas, moldando uma história atualizada que transmitisse emoção. Em



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

entrevista ao *The Daily Mail* (2010), ele enfatizou: "Não usamos todos os personagens, mas tentamos fazer todo o material novo e ao mesmo tempo sermos fiéis a ele". Essa perspectiva do diretor reforça a ideia apresentada por Linda Hutcheon em "Uma Teoria da Adaptação" (2011) que destaca a "adaptação, como uma forma de repetição sem replicação, inevitavelmente introduz mudanças, mesmo na ausência de atualizações ou alterações conscientes na ambientação. Essas alterações, por sua vez, provocam modificações nos valores e no significado das histórias." (Hutcheon, p.17, 2011).

Ferramentas de análise

Considerando a citação de Hutcheon, que ressalta as mudanças nas adaptações, e levando em conta as palavras de Burton, que utilizou elementos da obra original para a transposição cinematográfica, farei uma análise da forma como os elementos da obra de Carroll foram apresentados na visão cinematográfica de Burton. Para isso, usarei as ferramentas de análise presentes em *Lendo Imagens do Cinema*, de Jullier e Marie (2009) a fim de realizar uma comparação entre a obra literária e sua transposição para as telas do cinema. Essa abordagem permitirá a identificação das interpretações introduzidas no processo da transposição, proporcionando uma compreensão mais dinâmica entre literatura e cinema no contexto de "Alice no País das Maravilhas".

De acordo com Jullier e Marie (2009), as figuras fílmicas devem ser seguidas por sua "ordem de grandeza". O primeiro é o nível de plano, a menor unidade entre dois cortes, é o ponto de partida do processo de análise cinematográfica, que abrange diferentes níveis. Nesse nível, é essencial notar detalhes e padrões técnicos. Em seguida, temos o nível de sequência, um conjunto de planos que juntos constituem um todo. Consideramos o sentido criado pela justaposição de imagens e encadeamento dos planos. Por outro lado, o filme é



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

uma reunião de sequências, exigindo uma avaliação abrangente da forma como a história é contada e da disposição das sequências.

No nível do plano temos o ponto de vista, destacado por ser o mais importante deste nível, ele é apresentado pelo ponto de vista da câmera, aquele de onde parte o olhar, por exemplo, a câmera pode mostrar o olhar “no lugar” do personagem (subjetividade fraca/filtragem leve), ou colocá-lo olhando “com” o personagem. (Subjetividade forte/filtragem pesada), o espectador também pode ser colocado como testemunha imparcial da cena. Para apresentar o personagem inserido em seu ambiente, temos o plano geral, e geralmente faz uma conexão entre os dois. O close-up aproxima o espectador do personagem isolando uma parte dele ou alguma figura. Ainda no ponto de vista temos a movimentação das câmeras, o *travelling*, acompanha o deslocamento do corpo, há também o movimento panorâmico que se assemelha ao ato de virar a cabeça. Outro parâmetro que ocorre é a lateralidade, existe para, ou centralizar, colocando o personagem em evidência deixando-o no centro, ou descentralizar, onde o personagem fica situado ao longo do eixo que divide o quadro em três, horizontal, vertical e ambos ao mesmo tempo.

Na verticalidade, há a câmera alta, que enquadra o objeto gravado de cima para baixo, a câmera baixa, enquadra o objeto de baixo para cima, quando o ângulo entre o plano do chão e o eixo da objetiva se aproxima de 90°, fala-se “câmera alta total” ou “câmera baixa total”. Ainda dentro do nível do plano, temos a profundidade de campo, que define a “quantidade de objetos” que estarão dentro do quadro no sentido do eixo da objetiva, significa a nitidez, por exemplo quando a profundidade do campo é fraca, o espaço de foco, ou seja a zona de nitidez, não fica fixada em definitivo (primeiro e segundo plano). E por último as combinações audiovisuais que se dividem em três, os ruídos, são os efeitos sonoros, a música, é parte da composição do filme, podendo fazer efeito por si mesma, por exemplo, em uma cena de um filme toca uma música melancólica para expressar a solidão, e



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

por último, as palavras que são os diálogos/falas.

No nível da sequência ocorre um conjunto de planos que estão interligados pela narrativa, é também onde ocorre as metáforas audiovisuais, geralmente é algo na cena que contém outro significado, podendo alertar o espectador sobre algum acontecimento futuro ou que já aconteceu.

Por fim, no nível do filme ocorre a distribuição do saber, referindo-se à ordem e à forma como as informações são apresentadas, assim como ao ritmo em que são reveladas.

Análise fílmica

O filme pertence ao gênero fantástico, é descrito como uma narrativa fantástica estranha e maravilhosa. “Caracterizada pela incorporação de elementos extraordinários e sobrenaturais, esses elementos podem causar perplexidade tanto nos personagens quanto no espectador, desafiando as normas da realidade ao introduzir eventos que não costumam ocorrer no mundo ‘real’” Todorov (2010). Para a compreensão da sequência do filme, dividiremos em seis momentos distintos. Esses momentos contam o início do filme intitulado “Alice em seu mundo”, seguido por “No País das Maravilhas”, “Hora do chá”, “A espada Vorpal”, “A rainha Branca”, “Absolem”, “A batalha” e, por fim “Volta para casa”. A parte analisada serão os dois primeiros.

O filme se passa na época vitoriana, apresentando Alice ainda criança com seu pai, em sua casa. Ela expressa ter pesadelos, conta a seu pai sobre seus sonhos, e estabelece a primeira alusão ao País das Maravilhas, onde se torna possível identificar alguns dos personagens da história original. Ao longo desse trecho, a câmera faz do espectador, o papel de testemunha imparcial, “proporcionando-lhe o ponto de vista imparcial, invisível e privilegiado da cena” (Jullier e Marie, 2009, p. 22) como mostra a figura 1. Na figura 2



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

podemos ver a câmera, em uma filtragem leve, ou seja, mostrando o ponto de vista do pai de Alice, como se víssemos por cima de seu ombro. Esse tipo de ponto de vista mais utilizado no filme.



Fig. 1 – Alice e seu pai

Fonte: Alice no país das Maravilhas (2010)



Fig. 2 – Alice criança

Fonte: Alice no país das Maravilhas (2010)

Através de um corte, há uma interrupção da cena para explicar uma transição temporal, apresentando Alice já crescida. Ela está em uma carruagem na companhia de sua mãe, destacando-se como uma jovem à frente de seu tempo, manifestando opiniões sobre os padrões sociais e a vestimenta feminina. Antes de chegarem ao destino, a trilha sonora cria uma sensação de expectativa, segundo Jullier e Marie, supõe-se que o espectador consiga imaginar o que pode acontecer no decorrer da narrativa (2009, p. 53), através desta trilha também conseguimos construir uma relação entre a música e o país das Maravilhas.

Já no local, um baile está em andamento, Lady Ascot, as recebe de mau humor pois estão atrasadas, ela solicita que Alice dance com seu filho. Alice sai de cena, mas embora saia da conversa, a cena segue em plano geral, Alice aparece de costas no centro, em



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

segundo plano (figura 3), indo até Hamish, criando assim uma profundidade de campo fraca, dando a entender que, mesmo sem diálogo expresso, estão falando sobre ela e dando uma previsão sobre o que seria a festa. Com um corte rápido, temos um diálogo entre Helen Kingsley e Lorde Ascot logo a seguir e confirma-se essa suspeita, a festa é para o futuro casamento de Alice.



Fig. 3 – Profundidade de campo fraca

Fonte: Alice no país das Maravilhas (2010)

Após a dança com Hamish, Alice é abordada por Lady Ascot, que a convida para um passeio pelo jardim. Nesta cena (figura 4), podemos ver a descentralização dos personagens, sendo compensado pela roseira branca do jardim, na descrição de Juller e Marie para criar esse efeito é necessário respeitar a regra dos três terços “o sujeito fica situado ao longo dos dois eixos que dividem o quadro em três, horizontal, verticalmente ou ambos ao mesmo tempo (2009, p. 25) porem como as roseiras fazem o “equilíbrio das massas”, necessário abolir a regra do três terços “o vazio deixado pela descentralização excessiva do sujeito é então ‘compensado’ pelas ‘massas’ constituídas pelas outras figuras reunidas em



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

torno dele” (Jullier e Marie, p. 25, 2009), o objetivo das rosas é fazer um paralelo mais tarde com a Rainha Vermelha por meio de um *flashback* de Alice, quando ela se recorda do País das Maravilhas, a vemos criança pintando as rosas brancas de vermelhas para a Rainha (figura 5), além de fazer uma relação entre a Lady Ascot e a Rainha Vermelha por conta de suas personalidades ditatoriais. A cena continua em *travelling* que as segue para centralizá-las e acompanhar o deslocamento das duas pelo jardim, enquanto conversam.



Fig. 4 – Jardim de rosas

Fonte: Alice no país das Maravilhas (2010)



Fig. 5 – Flashback

Fonte: Alice no país das Maravilhas (2010)



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

De repente, Alice avista algo se mexendo entre as rosas. Neste momento, ela vê pela primeira vez o Coelho Branco, a mesma trilha sonora citada na segunda cena, é a trilha sonora que acompanha o Coelho toda vez que ele é visto por Alice, a música sugere ao espectador que o coelho tem relação com o fantástico, dado ao fato dele ser um coelho antropomorfo, e ele estar sempre se escondendo de outros a não ser Alice, o espectador consegue entender que ele não é do “mundo real”, sugere-se também que o coelho e os próximos acontecimentos estão interligados. O Coelho é apresentado conforme descrito na obra de Carroll, vestindo um colete e carregando um relógio, o ruído do barulho alto de relógio acompanha o personagem, indica a pressa e a preocupação com a passagem do tempo, segundo Jullier e Marie o ruído “remete à sua fonte e constroem uma grande parte do naturalismo, proporcionando cor local” (2009, p. 39), ajudando na construção da cena. Alice, impulsionada por sua curiosidade, decide seguir o Coelho, mas acaba perdendo-o de vista.

Pouco depois, Alice vai para o coreto encontrar-se com Hamish. A cena mostra Hamish de joelhos, prestes a pedir a mão de Alice em casamento. No entanto, Alice o interrompe ao notar uma lagarta azul em seu ombro. O ponto de vista é fornecido por uma filtragem pesada, vista “no lugar” dela, (figura 6), com um corte rápido, temos uma filtragem leve, mostrando por cima do ombro de Hamish olhando Alice, assim o espectador consegue ver com mais detalhes a lagarta subindo em seu ombro (figura 7). A Lagarta fornece mais indícios ao espectador de que o país das Maravilhas está próximo, além disso, metaforiza o estado de espírito de Alice, que ainda está em "forma de lagarta" e não passou por sua metamorfose, ou seja, ainda não se encontrou ou amadureceu. Mais tarde, esse tema é confirmado pelo diálogo entre a Lagarta e Alice quando se encontram pela primeira vez no país das Maravilhas e também na cena final, onde vemos uma borboleta azul em seu ombro, simbolizando a maturação da personagem (figura 8).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS



Fig. 6 – Pedido de casamento

Fonte: Alice no país das Maravilhas (2010)



Fig. 7 – A Lagarta

Fonte: Alice no país das Maravilhas (2010)



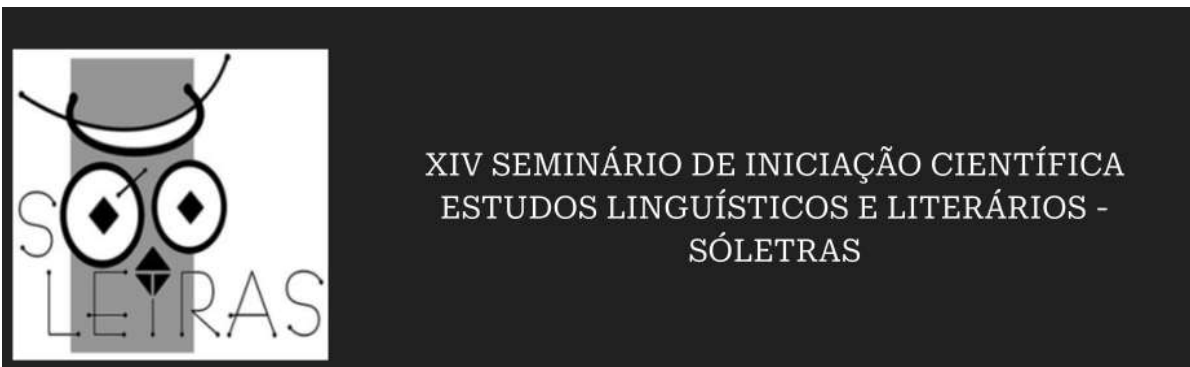
XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS



Fig.8 – Borboleta azul

Fonte: Alice no país das Maravilhas (2010)

Após o pedido, a câmera em close-up mostra o rosto de apreensivo de Alice com a situação, pois não quer se casar. O som do relógio volta à cena, indicando a aparição do Coelho, ela o avista e ele a apressa. Alice, movida por sua curiosidade, segue o coelho até sua toca, deixando os convidados confusos com sua atitude. A música ao fundo, já utilizada antes para indicar o fantástico, fica cada vez mais alta e mais rápida, ajudando a criar essa atmosfera ansiosa e também de suspense para o próximo acontecimento, o suspense segundo Jullier e Maire, é um elemento do nível da sequência, estando diretamente ligado à maneira como o conhecimento é distribuído, quanto de informação é revelado ao espectador e em quais momentos específicos. Esse parâmetro também depende do envolvimento emocional do espectador, quanto maior o seu investimento afetivo, mais impactante é o efeito do suspense. E assim como no conto de Carroll ela cai na toca que se torna um buraco profundo “que eram revestidas de armários e estantes; aqui e ali, havia também mapas e quadros pendurados em cavilhas” (Lewis Carroll, p.36, 2019), esses detalhes são apresentados ao



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

espectador enquanto a protagonista cai batendo em vários objetos, na figura 10 conseguimos visualizar melhor. Nesta sequência, Alice acaba caindo em um buraco profundo, o ponto de vista é fornecido, pelo seu olhar, ou seja “no lugar” da personagem (figura 9), dando ao espectador a sensação de sua queda e o desespero de cair de um lugar alto. Na figura 10, pela camera baixa total, visto debaixo da protagonista, o espectador consegue ver o quanto ela ja caiu, pois a luz do sol já não está tão próxima, conseguimos observar também os detalhes como descritos no conto.



Fig. 9 – Filtragem pesada

Fonte: Alice no país das Maravilhas (2010)



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS



Fig. 10 – Câmera baixa total

Fonte: Alice no país das Maravilhas (2010)

Quando sua queda chega ao fim, a cena está de cabeça para baixo (figura 11). Na obra, Alice pensa enquanto cai: "E se eu atravessar a terra e cair do outro lado? Vai ser engraçado aterrissar entre pessoas que andam de cabeça para baixo!..." (Carroll, 2019, p. 37). No filme, é demonstrado como a protagonista aterrissa de cabeça para baixo, ela quebra o chão e cai no teto da sala, a câmera cria um desenquadramento, uma inclinação na cena, em seguida, a cena desvira e conforme o plano vira, Alice fica de cabeça para baixo e somente então quando o enquadramento volta a ficar nivelado, o efeito da gravidade acontece, fazendo Alice cair no chão (figura 12), a cena deixa o espectador confuso com o lado que Alice caiu, a demonstração da presença do fantástico, indicando ao espectador que ela já não está mais no mundo "real".



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS



Fig. 11 – No teto

Fonte: Alice no país das Maravilhas (2010)

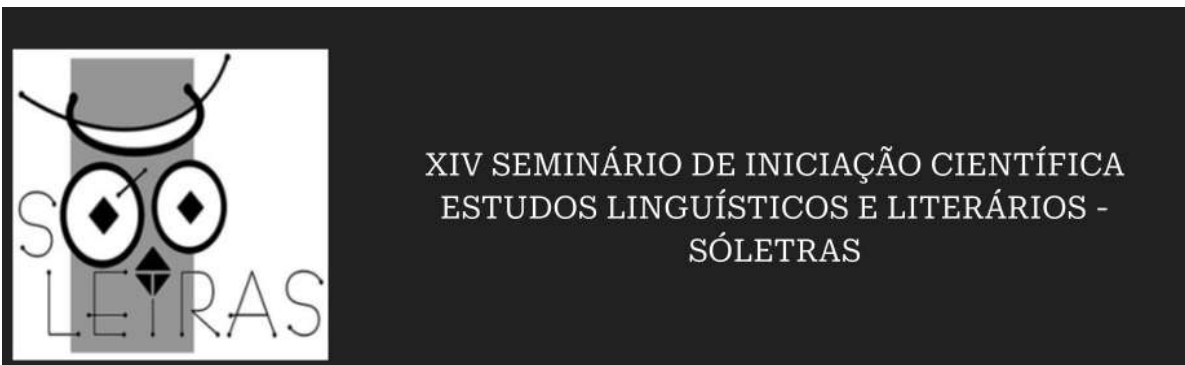


Fig. 12 – Caindo

Fonte: Alice no país das Maravilhas (2010)

Após Alice ingerir um líquido e encolher, o espectador é apresentado a uma perspectiva diferente de Alice, observada em filtragem pesada, vemos “pelo olhar” de quem

- 496 -



a espia pelo buraco da fechadura (figura 13). Os Personagens não identificados dialogam sobre Alice, questionando se ela é a pessoa certa ou se talvez tenha perdido a lembrança do que ocorreu da primeira vez em que foi para o País das Maravilhas. Esse diálogo sugere aos espectadores que Alice já passou por essa experiência anteriormente, estabelecendo assim, uma conexão com a cena inicial, em que ela compartilha seu "pesadelo" com seu pai, mais tarde descobrimos se tratar na verdade, de uma lembrança.



Fig. 13 – Pelo buraco da fechadura

Fonte: Alice no país das Maravilhas (2010)

No plano seguinte, Alice finalmente passa pela porta adentrando no País das Maravilhas, a relação de Alice com o ambiente é dada pelo plano geral, a personagem está centralizada no enquadramento, de costas observando onde acabara de entrar, exibindo ao espectador um grande jardim mostrando a imensidão do mundo subterrâneo (figura 14). A música que toca ao fundo é a mesma trilha sonora do Coelho Branco, confirmando a conexão que tinha com o País das Maravilhas. Alice adentra o jardim, seguido de um *travelling* com a câmera no nível do chão, mostrando a diferença de tamanho de Alice com o ambiente,

- 497 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

tornando-a pequena diante do lugar (figura 15). A jovem se depara com o Coelho Branco e outras criaturas estranhas, cujas identidades são reveladas ao espectador pelas vozes, os quais a espionavam pelo buraco da fechadura.



Fig. 14 – País das Maravilhas

Fonte: Alice no país das Maravilhas (2010)



Fig. 15 – O portão do mundo subterrâneo

Fonte: Alice no país das Maravilhas (2010)



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Na sequência, após as discussões sobre ela ser ou não a verdadeira Alice, afirmam que é necessário consultar Absolem para ter total certeza, o espectador até então desconhece quem é Absolem. Quando Alice se aproxima há um deslocamento de foco, a câmera centraliza Absolem, deixando Alice em segundo plano (figura 17). Ao revelar que Absolem é uma Lagarta azul, o espectador consegue imediatamente associar a lagarta azul do ombro de Hamish Ascot, confirmando que a lagarta era uma previsão do país das Maravilhas, a Lagarta fumando um narguilé em cima de um cogumelo, é associado também ao livro de Carroll. Absolem inicia a conversa perguntando:

Absolem: Quem é você?

Alice: Absolem?

Absolem: Você não é absolem. Eu sou absolem. A questão é...quem é você?

Alice: Alice.

Absolem: Veremos.

Alice: O que você quer dizer com isso? Eu deveria saber quem eu sou!

Absolem: Sim, você deveria. Garota estúpida. Desenrole o Oráculo.

(Walt Disney, Alice no país das Maravilhas, 2010)

- Quem é você? - Não era um começo de conversa muito animador. Um pouco tímida Alice respondeu.

- Eu... eu... nem eu mesmo sei, senhor, nesse momento... eu... enfim, sei quem eu era, quando me levantei hoje de manhã, mas acho que já me transformei várias vezes desde então.

- Que é que você quer dizer com isso? – perguntou a Lagarta, rispidamente. – Explique-se!

- Acho que eu mesma não posso explicar – disse Alice – porque eu não sou eu, está vendo?

- Não, não estou.

(Lewis Carroll, Alice no país das Maravilhas, cap. 5, p72, 2019)

A Lagarta representa a temática da identidade tanto no trabalho de Carroll quanto na



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

transposição cinematográfica. No livro, Alice questiona sua própria identidade em seu encontro com a Lagarta, simbolizando um processo de mudança ou amadurecimento. Já no filme, essa reflexão é demonstrada quando Alice é questionada sobre ser a “verdadeira Alice”, fazendo que até ela se questione. Essa dualidade revela uma metáfora recorrente em ambos os contextos. A cena sugere que Alice ainda está em um estágio inicial desse processo, provando mais tarde ao espectador, sua maturação ao dialogar com Absolem, onde ela “se encontra” e completa sua transformação, metaforicamente. A sequência termina com Absolem solicitando que mostrem a Alice sobre o “Glorianday”, quando Alice aparentemente ele mata o Jaguadart, antecipando para o espectador o final da trama.



Fig. 16 – Absolem

Fonte: Alice no país das Maravilhas (2010)

Considerações finais

Examinando a transição de "Alice no País das Maravilhas" do papel para as telas, observamos várias similaridades na versão cinematográfica. A análise comparativa da obra de Carroll e de Burton revela não apenas diferenças superficiais, mas também diferentes interpretações que contribuem para a rica experiência do espectador. Conhecido por sua



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

abordagem fantasiosa e estética única, Tim Burton usa Carroll como fonte de inspiração, optando por algo mais do que uma simples reprodução da obra de Carroll e ao fazer isso conseguiu se aprofundar mais inserindo camadas contemporâneas à história, como a maturação da protagonista e suas questões de identidade. A utilização das ferramentas de análise de Jullier e Marie permitiu analisar a dinâmica entre literatura e cinema, nos primeiros momentos do filme, destacou-se as escolhas cinematográficas, adaptações da narrativa, efeitos sonoros, a direção de arte, o movimento das câmeras e os detalhes visuais que ganham significado e ajudam a atmosfera fantástica do filme, revelando os elementos do universo de Carroll para a transposição cinematográfica de Burton, que moldam a experiência visual e interpretativa, tanto daqueles familiarizados com o clássico, quanto daqueles que o descobrem por meio da transposição. A partir dessa análise comparativa da transposição cinematográfica de "Alice no País das Maravilhas" revelamos um diálogo entre duas formas de expressão artística, Tim Burton não reproduz, mas reinventa o clássico, oferecendo ao público uma experiência cinematográfica que, embora afastada do texto de Carroll em muitos aspectos, contribui para a evolução e interpretação contínua da história encantadora e surreal de Alice no País das Maravilhas.

Referências

ALICE IN WONDERLAND. Dirigido por Tim Burton. Produção da Walt Disney Pictures. Reino Unido, 2010.

BORDWELL, David, Kristin THOMPSON. A arte do cinema, uma introdução. [S. l.]: editora Unicamp, 2013.

CAMPO, Cecy Barbosa. **Hitchcock e Brian de Palma: A intertextualidade Fílmica.** Cultura Vozes, Petrópolis, v.94, p. 190-207, 2000.

CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas.** Trad. Marcia Heloisa. Editora DarkSide,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Brasil, 2019.

CURADO, Maria Eugênia. Literatura e cinema: **adaptação, tradução, diálogo, correspondência ou transformação?** 2007. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, Goiás, 2007.

FERREIRA, Érica Eloize Peroni. A transposição da Literatura para o Cinema: **reflexões preliminares**. 2005. Iniciação Científica — Centro de Ensino Superior Promove, [s. l.], 2005.

GEDDES, KIMBERLY. Alice no país das transgressões: o texto de Carroll (1865) e os filmes de Švankmajer (1988) e Burton (2010). 2013. Dissertação de mestrado — Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE, Curitiba, 2013.

HUTCHEON, Linda. Uma teoria da adaptação. 2. ed. Florianópolis: editora da UFSC, 2011.

JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. In: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2007. 24ª ed.

JOHNSON, Chris. Step into the weird, weird world of Tim Burton's Alice In Wonderland. 24 jul. 2009.

JOHNSON, Randon. Literatura e cinema, diálogo e recriação: o caso de vidas secas. In: PELLEGRINI, Tania (org.). **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Senac: Itaú Cultural, 2003. p. 37-59.

JULIER, Laurent; MARIE, Michel *Lendo as Imagens do cinema* (trad. Magda Lopes). São Paulo, SENAC, 2009.

MYERS, Scott. Written Interview: Linda Woolverton (Alice in Wonderland). 13 mar. 2010.

OLIVEIRA ARAUJO, Maira. **As Aventuras de Alice no país das Maravilhas: Da arte literária a cinematográfica**. Revista Porto das Letras, v. 08, n. 1, 2022.

ROHTER, Larry. Drinking Blood: New Wonders of Alice's World (Published 2010). 26 fev. 2010. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2010/02/28/movies/28alice.html>.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

SILVA, Thais Maria Gonçalves da. Reflexões sobre adaptação cinematográfica de uma obra literária. 2012. 21 p. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, [s. l.], 2012.

SOARES, Anna Claudia. Alice entre dois mundos: uma análise do filme Alice no país das Maravilhas do cineasta Tim Burton. Livre de Cinema, v. 05, n. 1, p. 45-56, 2018.

SOARES, Anna Claudia. Alice entre dois mundos: Uma análise do filme Alice no País das Maravilhas do cineasta Tim Burton. 2017. 10 p. Universidade Tuiuti do Paraná – UTP, Curitiba, 2017.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. Coleção Debates 98, 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

WOODS, Paul A. O estranho mundo de Tim Burton. [S. l.]: Leya, 2011.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**DO ROMANCE ESCRITO ÀS TELAS DA TELEVISÃO: UM ESTUDO SOBRE
ADAPTAÇÃO A PARTIR DAS OBRAS *LA MENTIRA* E *CORAÇÕES FERIDOS***

Alexandre da Silva Brocal (G-CLCA-UENP/CJ)

Matheus Perole de Oliveira (G-CLCA-UENP/CJ)

Nerynei Meira Carneiro Bellini (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: *La Mentira* é um romance criado pela autora mexicana Caridad Bravo Adams (1908-1990), publicado em 1951. Embora nunca tenha sido traduzida para o português, a trama das 300 páginas se passa entre o Rio de Janeiro e o Mato Grosso. A respectiva obra já foi adaptada por diversas vezes para o cinema e a televisão, sendo uma de suas versões a telenovela *Corações Feridos*, que foi produzida em 2010 por Íris Abravanel para o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e transmitida em meados de 2012. Partindo da análise de ambas as obras e tendo em vista os estudos sobre adaptações e inúmeras discussões acerca do tema, a pesquisa, de cunho bibliográfico (Oliveira, 2016), a ser apresentada, visa comparar os principais episódios, personagens, e ambientes, para assim concluir como ocorreu a adaptação televisionada. A análise se fundamentará, entre outros(as) autores(as), nos estudos produzidos por Pellegrini (2003), Carvalhal (2006), Lopes (2009), Franco Júnior (2009), Corseuil (2009) e Hutcheon (2013).

Palavras-chave: Caridad Bravo Adams. Telenovela. Adaptação. Estudos Comparados. *La Mentira*.

Introdução

O presente artigo, com a intenção de tecer um estudo acerca da relação entre a literatura e outras expressões artístico-culturais, escolheu como instrumento de análise o romance *La Mentira*, da autora mexicana Caridad Bravo Adams (1908-1990), por se tratar de uma obra que já foi adaptada por diversas vezes, como é o caso da telenovela *Corações Feridos* (2010), versão brasileira mais recente da obra. O romance narra a história de Demetrio, que chega tardiamente ao Mato Grosso para ajudar seu irmão, que se suicidou. Demetrio decide então se vingar, sabendo apenas que sua rival tem como inicial de seu nome

- 504 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

a letra V e que vem de uma importante família chamada Castelo Branco. Ao se deparar com essa família, encontra duas mulheres, Verónica e Virginia, qualquer uma delas pode ser o seu alvo, decidindo assim se vingar. Porém, por culpa de uma mentira se vinga da pessoa errada.

Cada nova adaptação indigenizada de uma história compete com as demais devido à atenção do público, seja no rádio, na televisão, ou mesmo nos livros. Sendo também implicitamente comparativa: relacionando, confrontando, tensionando, aproximando e se afastando. Pode se desmontar, mas não apaga. A adaptação é, portanto, interação e conexão.

Partindo, também, do pressuposto de Maria Vassallo de Lopes (2009) de que as telenovelas são objetos que se caracterizam como um produto cultural de grande entretenimento na sociedade, fazendo-se explícito a vida atual de seu país e pautando temáticas constantemente discutidas, as telenovelas sugerem, portanto, situações que podem ter significado coletivo.

Quando uma novela galvaniza o país, nesse momento ela atualiza seu potencial de sintetizar o imaginário de uma nação, isto é, a sua identidade, ou o que é mesmo de se expressar como “nação imaginada”. Essa representação, ainda que estruturalmente melodramática e sujeita à variedade de interpretações, é aceita como verossímil, vista e apropriada como legítima e objeto de credibilidade (Lopes, 2009, p.31).

Sendo assim, o presente trabalho traça algumas considerações sobre a literatura comparada, especialmente de Tânia Franco Carvalhal (2006), estudando as obras *La Mentira* e *Corações Feridos*, tendo como uma importante ferramenta metodológica a Teoria da Adaptação da canadense Linda Hutcheon (2013) e considerações críticas de Pellegrini (2003).

O artigo, ainda, aborda, especificamente, as adaptações para televisão e alguns elementos fundamentais do gênero telenovela, para, enfim, promover uma análise



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

comparativa entre as duas obras e apresentar discussões e resultados provenientes da pesquisa realizada.

La Mentira e Corações Feridos: reflexões críticas sob o viés comparativista

Caridad Bravo Adams (Tabasco, México, 1908 - Cidade do México, México, 1990) destacou-se como uma escritora dedicada à produção de narrativas dramáticas e românticas destinadas às mídias radiofônica, cinematográfica e televisiva. Obras notáveis, tais como *La Mentira*, *Corazón Salvaje*, *Bodas de Ódio* e *Paraíso Maldito*, conferiram-lhe reconhecimento como uma das autoras mais fecundas no âmbito latino-americano.

Ao longo de sua trajetória profissional, Bravo Adams foi agraciada com diversos prêmios, notadamente no domínio radiofônico, onde seus romances angariaram expressiva popularidade. Muitas de suas composições foram adaptadas, com sucesso, para o cinema e televisão em nações de língua espanhola, solidificando sua reputação naquela época.

Não obstante seus inúmeros êxitos, o nome de Caridad Bravo Adams, atualmente, permanece à margem do conhecimento público. Aqueles que foram expostos às telenovelas mexicanas veiculadas pelo SBT podem reconhecer o nome, entretanto, a autora permanece, em grande medida, incógnita.

A popularidade contínua de suas narrativas, exemplificadas por produções de telenovelas como *Cañaveral de Pasiones*, *La Mentira*, *Corazón Salvaje*, *Yo No Creo en los Hombres* e *Abrázame Muy Fuerte*, mantém-se estável, conquistando audiências em suas versões originais e refilmagens. Contudo, o reconhecimento conferido à autora não condiz com tal sucesso, resultando em sua relativa obscuridade.

O legado literário de Caridad Bravo Adams parece ter sido relegado ao esquecimento, com suas obras fundamentais para a gênese de muitas telenovelas



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

contemporâneas, praticamente ausentes de circulação. Exemplares raros podem ser localizados em sebos internacionais e plataformas online, evidenciando um abandono generalizado, inclusive em seu país natal.

Apesar da exploração constante de seu talento em produções televisivas lucrativas, a obra escrita de Caridad parece ter sido negligenciada, com seu nome figurando brevemente nos créditos, marginalizando suas contribuições literárias. A ausência de comercialização de seus livros na atualidade é indicativa do desinteresse em sua obra, possivelmente influenciado pela crença de que o sucesso durante a vida não assegura a imortalidade literária. Em 1981, Caridad concedeu uma entrevista onde respondeu às críticas da época.

Me niegan el pan y la sal porque escribo para la radio y televisión, pero tengo cuatro libros de versos, treinta y ocho novelas y dos obras de teatro; si es bueno o malo no me corresponde discutirlo, pero ciertamente soy escritora. En realidad yo no escribo para que me den el Premio Nobel — pobre de mí — escribo para llegar al pueblo, a la gran masa humana, a tanta gente que necesita una hora de distracción...

O enfoque principal desta investigação recai sobre *La Mentira*, que mantém uma notável continuidade de adaptações ao longo das décadas, totalizando mais de dez versões, incluindo duas produções brasileiras. Sendo *Calúnia* uma telenovela veiculada pela TV Tupi no período de março a abril de 1966, ocupando o horário nobre das 20h. Dirigida por Wanda Kosmo e escrita por Thalma de Oliveira, a trama contou com a participação de renomados atores como Fernanda Montenegro e Sérgio Cardoso, figuras consagradas no cenário teatral da época. A narrativa explorou a história de uma mulher vítima de uma calúnia na selva do Mato Grosso.

Outra adaptação, e ponto de análise abordado neste estudo, é a produção televisiva intitulada *Corações Feridos*, a qual foi adaptada pelo SBT sob a autoria de Íris Abravanel,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

contando com a contribuição de Caio Britto, Carlos Marques, Fany Higuera, Grace Iwashita, Gustavo Braga e Marcela Arantese. A supervisão do projeto ficou a cargo de Rita Valente, enquanto a direção geral foi conduzida por Del Rangel. O título da telenovela faz referência ao casal protagonista (Amanda Almeida Varela e Eduardo Sotelli) da trama, que acabam colocando em xeque o amor entre eles por conta das intrigas e falsidades associadas à personagem Aline Almeida Varela, que se mostra determinada a empregar todos os meios para atingir seus objetivos. Apesar da receptividade favorável por parte do público, a trama recebeu críticas devido a "diálogos considerados frágeis, permeados por clichês românticos influenciados pela tradição mexicana", conforme apontado por Dolores Olosco, jornalista da Folha de S. Paulo. O elenco principal é composto por Flávio Tolezani, Patrícia Barros, Victor Pecoraro, Ronaldo Oliva, Milena Ferrari, Elaine Mickely, Lívia Andrade e Cynthia Falabella, assumindo papéis centrais na narrativa.

Na perspectiva de Hutcheon (2013), diante do significativo volume de adaptações em diversas formas de mídia na contemporaneidade, vários escritores parecem optar por assumir a dupla responsabilidade de adaptar uma obra existente e transformá-la em uma criação autônoma.

Como é de conhecimento, a motivação de natureza econômica exerce influência em todas as etapas do processo de adaptação. Sob uma perspectiva econômica alternativa, as expressões artísticas colaborativas de elevado custo, como óperas, musicais e filmes, buscarão opções seguras em um público já estabelecido. No contexto específico da pesquisa, exemplifica-se o público das telenovelas veiculadas pelo SBT. Nesse cenário, é importante considerar que o público está habituado a determinados padrões estéticos e estruturais inerentes às obras televisivas provenientes do México. Dessa forma, os telespectadores das telenovelas do SBT possuem uma prévia exposição ao estilo narrativo típico das produções mexicanas, marcado por certa linearidade em suas tramas. Esse conhecimento prévio pode



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

influenciar as expectativas e apreciação do público em relação às telenovelas veiculadas por essa emissora, sendo crucial levar em conta essas características específicas ao analisar a recepção do conteúdo televisivo.

Adicionalmente, voltando a Hutcheon (2013), essas formas de arte procurarão estratégias para ampliar a audiência de sua "franquia". A abordagem de trabalhar a partir de um roteiro é concebida de maneira distinta da criação e escrita de uma história originada da imaginação própria. O propósito reside em engajar todos os sentidos do consumidor final. É evidente que os adaptadores devem fundamentar suas decisões em motivos pessoais, inicialmente ao optar por realizar uma adaptação e posteriormente ao escolher a obra a ser adaptada e a mídia na qual realizar tal feito. Não apenas interpretam a obra em questão, mas também assumem uma postura frente a ela. Uma adaptação pode ser explicitamente utilizada para promover uma crítica social ou promover uma cultura mais ampla.

Partindo para o gênero telenovela, Côrrea-Rosado (2022) a define como gênero discursivo que desempenha um papel significativo na vivência de muitos brasileiros. Pode-se assimilá-la a um encontro entre conhecidos, onde o telespectador observa a vida das personagens, estabelecendo uma fidelidade essencial à interação comunicativa, evidenciada pelo ritual de narrar ou assistir. Dessa maneira, um dos compromissos inerentes à telenovela é a dedicação ao seu público, garantindo a manutenção do contato e a satisfação por meio de narrativas que exploram os dramas da existência. Na busca por agradar a sua audiência, a telenovela assume a forma de um ritual, caracterizado pela consistência de sua apresentação, sempre nos mesmos horários e dias da semana, proporcionando ao telespectador uma experiência regular e previsível. Este compromisso ritualístico reforça a conexão entre a telenovela e seu público, reiterando o papel fundamental desse gênero discursivo na cultura televisiva brasileira.

Para Lopes (2009), a telenovela emergiu como um dos espaços de reflexão mais



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

substanciais e abrangentes no contexto brasileiro, abordando questões desde aspectos íntimos e privados até desafios sociais mais amplos. A influência e impacto das telenovelas mobilizam diariamente uma complexa rede de comunicação, facilitando a circulação de significados e promovendo a denominada "semiose social". Nesse sentido, a telenovela pode ser identificada como um novo domínio público, pois possui a capacidade intrínseca de instigar debates e polêmicas em nível nacional, conceituando a telenovela brasileira como uma narrativa representativa da identidade nacional.

A presença de intertextualidade nas obras *La Mentira* e *Corações Feridos*, tanto no romance quanto na telenovela, constitui um conceito essencial nas esferas da teoria literária e cultural. Esse fenômeno refere-se às diversas formas pelas quais os textos estabelecem conexões e referências um ao outro, evidenciando como as obras literárias e culturais estão inseridas em um contexto mais amplo de produção e recepção. Essa abordagem justifica a análise dos objetos discutidos neste estudo.

De acordo com Carvalho (2006), a repetição, seja de um texto em outro, de um fragmento em um texto, entre outras formas, não ocorre de maneira inocente. Colagem e alusão não são isentas de intencionalidade; toda repetição carrega consigo um propósito específico, seja para dar continuidade, modificar, subverter ou atuar em relação ao texto predecessor. A repetição, quando ocorre, também atualiza o texto anterior, o renova e, o recria.

O conjunto de elementos presentes permite uma compreensão mais profunda da obra em si, considerando o contexto literário ao qual ela originalmente pertence, bem como o novo contexto no qual ela se insere ao transpassar da tradição original para uma contemporaneidade diferente. Essa dinâmica possibilita, enfim, que no estudo de uma obra específica ou de um escritor determinado, se identifiquem as interpretações predominantes derivadas do contexto literário e social da época, as quais orientam a recepção da obra ou do



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

autor, estabelecendo uma interdependência entre ambos.

O que nos leva a pensar que um elemento, retirado de seu contexto original para integrar outro contexto, já não pode ser considerado idêntico. A sua inserção em novo sistema altera sua própria natureza, pois aí exerce outra função. Tal constatação muda a compreensão do comparativista que persegue um tema, uma imagem ou mesmo um simples verso ao longo de diferentes textos. Ela o faz considerar não mais apenas o elemento em si, mas a função que ele exerce em cada contexto. Enfim, graças a isso, o elemento rastreado é o mesmo, sendo já outro por força da nova função que lhe é atribuída. (Carvalho, 2006, p. 47).

Procedendo com os estudos de Carvalho (2006) como base, o comparativismo transcende a mera comparação entre obras ou autores, pois a literatura comparada busca uma abordagem mais abrangente, visando contribuir para a elucidação de questões literárias que demandam perspectivas amplas. Neste sentido, a pesquisa delineada neste artigo, ao abordar problemas e personagens comuns em contextos literários distintos, propicia a expansão dos horizontes do conhecimento estético. Simultaneamente, por meio da análise contrastiva, fortalece a visão crítica das literaturas nacionais. Essa abordagem contribui para a integração da literatura comparada com outras disciplinas dedicadas ao estudo do literário, estabelecendo uma conexão mais ampla e interdisciplinar.

Considerações a partir da obra literária *La Mentira* e sua autora

Cumprido salientar que *La Mentira* é uma narrativa concebida para atender à audiência de falantes de língua espanhola, uma vez que não foi identificada uma versão traduzida para o português. Apesar disso, sua trama se desenrola em locais emblemáticos do Brasil, abrangendo o Rio de Janeiro e o Mato Grosso. Não há evidências de visitas da autora, que passou a maior parte de sua vida entre o México e Cuba, ao Brasil. Entretanto, é notável

- 511 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

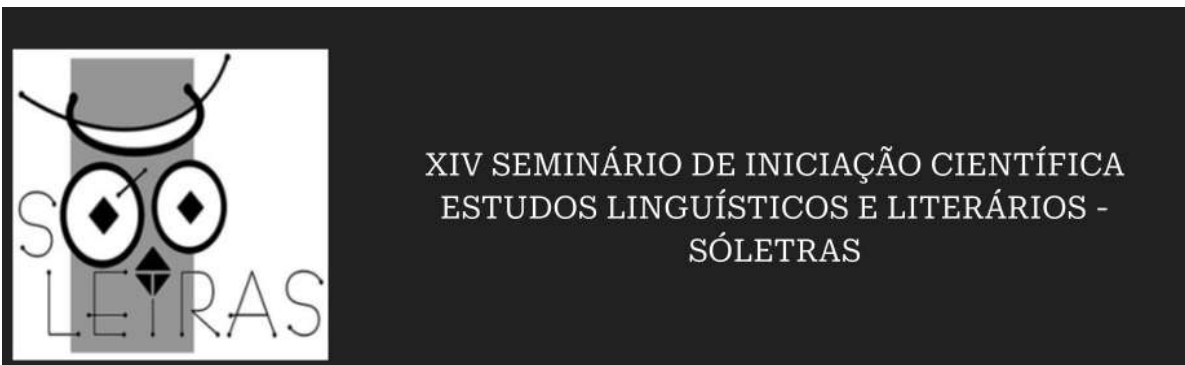
a habilidade com que descreveu as paisagens e captou elementos culturais brasileiros, mesmo sem uma presença física documentada e ausência de internet. Essa abordagem meticulosa enriquece a narrativa ao oferecer uma representação sensível do ambiente brasileiro, revelando a competência da autora em transcender fronteiras geográficas em sua obra.

Demetrio y Verónica han avanzado hasta el borde mismo de la especie de terraplén, desde donde se domina en efecto el fantástico panorama que forman, desde la base del Pan de Azúcar, la Bahía de Río de Janeiro y la playa de Copacabana. Un brillante sol de mediodía parece bruñir el azul maravilloso del cielo, y del mar y el verdor lujurioso de la costa, entre las anchas pinceladas de arena dorada y la línea airosa de los modernos edificios. (Bravo Adams, 1951, p. 51)

Essa técnica emerge como uma faceta peculiar no estilo da autora, evidenciando-se também na trilogia *Corazón Salvaje* (1956), ambientada na ilha francesa do Caribe, Martinica, e no romance *Bodas de Ódio* (1960), cujo cenário é a Rússia Czarista do século XIX, obras que foram também objetos para adaptações. Sendo a última delas adaptada por três ocasiões para a televisão mexicana (1983, 2003, 2013), a versão mais recente denominada *Lo Qué La Vida Me Robó* foi veiculada também pelo SBT em 2017 e 2020, contribuindo para o legado inconsciente da autora no contexto brasileiro, assim como inúmeras outras obras prévia e posteriormente exibidas.

Em *La Mentira* emerge de forma marcante a representação da presença indígena, personificada pela figura de Ayesha. A inclusão desta personagem não só enriquece a trama, mas também oferece uma perspectiva abrangente da diversidade cultural brasileira, conectando-se profundamente à rica tapeçaria étnica e histórica do país.

Adicionalmente, o enredo explora o sonho da exploração de minas de ouro como meio de enriquecimento, introduzindo uma dinâmica socioeconômica crucial na trama. Esse elemento narrativo se entrelaça de forma intrínseca à história, desempenhando um papel



importante ao moldar os destinos dos personagens. A busca por riqueza através das minas de ouro contribui, de certa forma, para o desfecho trágico do personagem que serve como ponto de partida.

A representação da casta social do Rio de Janeiro nos anos 1950 se manifesta através da família Castelo Branco, descendente dos conquistadores e apaixonada pela esgrima. A presença desta família na narrativa oferece uma análise das dinâmicas sociais da época, oferecendo percepções sobre a hierarquia social e as características distintivas da elite carioca.

Com diálogos mais extensos do que o necessário, a autora consegue envolver o leitor apreciador do gênero, evidenciando uma afinidade com os dramalhões mexicanos. A obra ainda se destaca pela clara definição dos papéis dos personagens na trama. No entanto, o texto carece de uma abordagem mais acessível aos leitores brasileiros, dado que a ambientação se desenvolve no contexto local.

Considerações a partir da adaptação *Corações Feridos*

A adaptação do livro para a telenovela foi ao ar no ano de 2012, dois anos depois de serem concluídas todas as gravações, isso porque o SBT necessitava de patrocinadores para suprir todos os investimentos realizados para o término da obra. A trama contou com gravações executadas nos estúdios da própria emissora, em alguns pontos na capital de São Paulo e na cidade de Tatuí-SP, na qual situava-se o cafezal da fazenda Grão Doce, onde grande parte das cenas foram reproduzidas, propriedade fictícia de Rodrigo Sotelli (Paulo Zulu) que posteriormente a sua morte, foi herdada pelo irmão Eduardo Sotelli (Flávio Tolezani). Todos os cenários externos foram locados a fim de reduzir custos, evitando também a construção de uma cidade cenográfica.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A expectativa segundo o núcleo de direção da telenovela em relação ao público era de 8 pontos de audiência, mas infelizmente, a média popular foi de apenas 4,5 pontos, o que pode ter sido impulsionado pelo fato da exibição ocorrer após a conclusão total das gravações, carecendo de ajustes por parte da autora conforme a resposta dos telespectadores. Além dos atores citados, faziam parte do elenco, algumas figuras conhecidas pelo público do SBT, como a atriz Livia Andrade, que deu vida a personagem Janaína, retratando uma mulher simples do campo que trabalhava como empregada na casa da fazenda de Eduardo, por quem era apaixonada e Larissa Manoela, ainda criança, encenando a pequena Vivi, uma menina alegre e extrovertida sempre muito carinhosa, filha de uma cozinheira, ambas moravam na casa da fazenda. A grande parte do elenco são pessoas menos conhecidas.

Íris Abravanel, escritora da adaptação de 93 capítulos, focou, além dos clichês mexicanos, que costumam ser mais dramáticos, nos problemas sociais que assolam o cotidiano de milhares de famílias brasileiras. Algumas histórias retratadas em cenas, evidenciaram a violência doméstica, vivenciadas por Regina Batista (Eda Nagayama), mulher que se submetia às atrocidades do marido, Michel Batista (Marco Antônio Pâmio), sócio de Eduardo, único médico de Serra Grande, homem machista e alcoólatra. Uma pauta também bastante trabalhada foi a dependência, de drogas ilícitas, pelos jovens Dinho (Bruno Autran) e Camila (Rita Batata) amigos próximos de Amanda Almeida Varela, que trabalhavam juntos no teatro. O processo da dependência foi apresentado em três estágios na novela, abordando o acesso às drogas, o vício e o tratamento adequado para enfrentar tal problema. Abravanel ainda investe no humor dizendo que o público brasileiro adora essa mistura do cotidiano, sendo assim, personagens caricatos também estão presentes na obra. Loreta (Yara Jamra), por exemplo, representa uma costureira que na maior parte do tempo está fofocando com suas amigas durante o tricô. Glória (Isabeau Christine) empregada e Daniel (Fran Landin) motorista, ambos funcionários da família Varela, estão sempre se



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

acariciando pelos cantos ou rindo junto com Tita (Elizabeth Hartmann) na cozinha. Outros personagens e não menos importantes, que fazem total diferença, trazendo uma pegada mais descontraída e divertida são Luciano (Cláudio Andrade) e Janaína (Lívia Andrade), com um sotaque mais caipira do interior, arrastando a letra “R” e que ficam juntos no fim, depois de muitas brigas. Mesmo sendo personagens secundários e não tendo ações que impactam diretamente com a trama principal, são elementos que contribuem significativamente para o conjunto final da obra, uma vez que, acaba sendo uma forma de escape do enredo central, dando um ar de leveza ao telespectador. Um misto de comédia, intrigas e ação que é uma forma clássica de telenovelas.

Na construção dos personagens é analisado o contexto em que estão inseridos. Na fazenda obtemos o estilo mais simples, adotados pelo modo de economia cafeeira, que vai além de um grão ou bebida. O Brasil é o maior produtor de café do mundo e na telenovela, o café é desempenhado como um elemento cultural, mais conceitual para dar existência a histórias de diálogos e encontros. Já na criação do núcleo Almeida Varela, a escritora deixa uma marca de luxo e glamour bem acentuada para elucidar as características de uma família milionária, que possui como fonte de renda o Banco Varela, desfrutando de uma vida muito confortável devido aos benefícios financeiros associados a essa indústria.

Na literatura podemos usar como meio de artifício, o narrador, para que possa nos esclarecer o que acontece durante todo o percurso de uma história. Isso manifesta-se de maneira diferente na elaboração de narrativas televisionadas. Existem inúmeras formas, as trilhas sonoras, são uma delas, tendo grande importância por apresentar um significado por trás, passando uma emoção, sentimento ou marcando a mudança do tempo. Em *Corações Feridos*, isso é praticado por parte da direção, escolhendo canções nacionais para todos os momentos que se faz necessário. A identidade musical fica por conta da dupla sertaneja Rick e Renner encarregando-se da abertura da novela com a música “Coisa de Deus”, fazendo



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

referência à fazenda Grão Doce e toda a exposição de acontecimentos ocorridos naquele contexto.

A escritora tem a praxe de produções adaptadas, já possui várias obras na bagagem, iniciou com novelas para adultos e hoje dedica-se ao público infanto-juvenil. Em uma coletiva de imprensa, Íris comenta sua empolgação em escrever, e contribuir indiretamente com a sociedade.

Fiquei feliz, é muito gratificante. Isso tudo é que traz vida pra gente, aos 70, 75, 80, 90 ou 92 anos como meu marido. Isso traz vida, essa comunicação, essa ligação, essa amizade, esse respeito com o próximo, querer ver o próximo prosperar. O que me motiva é gerar tudo isso e poder levar para as famílias um pouquinho da nossa história.
(Reprodução SBT)

Análise comparativa das principais diferenças entre as obras

Para Franco Júnior (2009) o espaço destaca como uma referência tangível caracterizada pela tridimensionalidade, proporciona o contexto no qual personagens, situações e ações se desdobram abrangendo as referências geográficas e/ou arquitetônicas que identificam o local ou locais onde a história se desenrola, representado em *La Mentira*, como chave para a construção da narrativa, as minas de exploração de ouro localizadas às margens do rio Cuiabá no Mato Grosso, transformado, em *Corações Feridos*, na fazenda cafeeira Grão Doce na região fictícia de Serra Grande no interior de São Paulo, ambos espaços servem como meio de enriquecimento dos personagens que dão origem às tramas. Personificados estes como Ricardo Silveira e Rodrigo Sotelli respectivamente, apaixonados discretamente por Virginia e Aline. Ambas mulheres escondem suas aventuras de suas famílias e criam expectativas amorosas aos amantes, fazendo-lhes acreditar que a relação



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

poderá ser assumida após o enriquecimento por parte deles, a fim de uma maior aceitação devido a casta em que estão inseridas.

Dessa forma, no livro, Ricardo ao enfrentar insucesso na exploração da mina, recebe uma correspondência em que Virginia encerra os laços afetivos, levando-o a uma forma de suicídio que não é explicitamente delineada pela narrativa de Caridad Bravo em seus primeiros capítulos, sendo revelado apenas posteriormente. Na adaptação, Rodrigo Sotelli recebe também uma carta de Aline, explicando os motivos do rompimento da relação, levando-o a atirar seu carro ao precipício.

Os indícios que conduzem à identificação das relações amorosas entre os personagens manifestam-se através das correspondências epistolares e dos artefatos preservados pelos jovens. Um exemplo concreto dessa materialização é observado no caso de Ricardo, cujo acervo inclui um lenço bordado, ostentando a inicial "V". No que tange a Rodrigo, a evidência é representada por um colar adornado com um pingente exibindo a letra "A".

A partir do conhecimento inicial aqui mencionado, desenvolve-se os enredos por meio das personagens, que por Franco Júnior (2009) é definido como principal elemento constitutivo da narrativa. Sendo ente delineado por meio de sinais linguísticos, estes verbais no contexto de narrativas escritas e verbo-visuais em composições híbridas em novelas televisivas. Nesse sentido, as figuras retratadas funcionam como encarnações dos indivíduos que impulsionam a trama por meio de suas ações e/ou estados emocionais. A categorização das personagens pode ser realizada com base em dois critérios distintos: sua relevância para o desenvolvimento do conflito dramático que permeia a história narrada no texto e o grau de complexidade psicológica que as caracteriza, dividindo-as principalmente em personagens primárias e secundárias.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A Personagem é classificada como principal quando suas ações são fundamentais para a constituição e o desenvolvimento do conflito dramático. Geralmente, desempenha a função de herói na narrativa, reivindicando para si a atenção e o interesse do leitor. Não é incomum que um mesmo texto apresente mais de uma personagem principal. (Franco Júnior, 2009, p. 39).

Tal classificação recai sobre Verónica, Demetrio e Virginia em *La Mentira*. No caso de *Corações Feridos* Amanda, Eduardo e Aline. Virginia, também antagonista no enredo, é adotada pela família Castelo Branco após a morte de seus pais, apresenta caráter hostil e histérico, além de uma grande inveja de sua prima Verónica, também adotada pela família. Aproveita-se de sua suposta doença cardíaca para conquistar o afeto e atenção de tia Sara, fazendo com que sua prima seja mal vista por ela. Esconde também sua verdadeira face e seu romance com Ricardo.

Na novela, Aline foi criada pela família Varela após a morte de seus pais em um acidente aéreo, cujas passagens foram presenteadas por sua tia Vera. Também é a prima má, sempre elegante, uma mulher invejosa, interesseira e que faz qualquer coisa para atingir seus objetivos. Namorava Rodrigo Sotelli, termina com ele e aborta o bebê que estava esperando de seu amante Flávio e quer se casar com Vitor, herdeiro do Banco Varela, odeia todos e diz que isso é apenas vingança pela morte de seus pais. Na adaptação a personagem ganha um caráter ainda mais criminoso, participando de inúmeras ilegalidades como homicídios, sequestros, falsidade ideológica, aborto, e é presidente do instituto Poupe a Vida, onde faz lavagem de dinheiro.

Em ambas versões, a personagem faz o protagonista acreditar que a prima boa é a culpada pelo suicídio de Ricardo/Rodrigo. No entanto, na primeira versão a mentira inventada por Virginia é dita para Johnny, onde Demetrio ouve e cria ainda mais o desejo de vingança pela morte do irmão. Na versão de 2010, as calúnias de Aline são disseminadas



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

diretamente a Eduardo, ao descobrir o parentesco entre ele e seu ex-amante e deduzir a intenção do personagem.

O personagem Demetrio de San Telmo, irmão de Ricardo, ao descobrir que seu irmão passa por dificuldades, corre para ajudá-lo, porém, ao chegar ao Mato Grosso descobre que é tarde demais e que a culpada dessa morte tem o nome com a inicial “V”, de forma meticulosa e premeditada chega até a família Castelo Branco, e ao confundir-se, casa-se com Verónica a fim de fazê-la sofrer, tendo um caráter muito mais rústico que sua versão adaptada como Eduardo Sotelli, em *Corações Feridos*. Sendo um homem com características marcantes, corajoso, persuasivo e inteligente, é irmão do falecido Rodrigo Sotelli, assume todos os negócios da fazenda e busca vingança contra sua morte. Eduardo faz uma promessa no túmulo do irmão e acredita estar certo de suas convicções, faz justiça apenas com informações pela metade, casa-se com Amanda achando que seria ela a causadora de tanta tristeza e faz da vida dela um inferno na fazenda onde foram morar, se apaixona de verdade e descobre que foi enganado por Aline, vilã da novela.

Verónica, também adotada pela família Castelo Branco após o desaparecimento de sua mãe e o falecimento de seu pai. Querida por essa família até começar as intrigas feitas por Virginia, é mandada para o internato, onde aprende a defender-se por si só e apropria-se dos costumes e cultura da alta casta carioca, principalmente a esgrima, sua paixão. Amanda Almeida Varela é uma mulher de personalidade forte, linda, alto astral, os olhos de todos estão sempre voltados para ela. Seu pai morreu quando ela tinha apenas 9 anos de idade e sua mãe a abandonou, ficou órfã e foi recebida por seus tios com muito amor, gosta de cavalgar e seu grande sonho era ser atriz. Ambas personagens abandonaram suas vidas e seus gostos para seguir o marido Demetrio/Eduardo em seus respectivos espaços de vingança, sobrevivendo às peculiaridades de uma mina de ouro na selva mato-grossense e uma fazenda cafeeira.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Segundo Franco Júnior (2009) uma personagem é designada como secundária quando suas ações não desempenham um papel essencial na formação e evolução do conflito dramático. Em geral, ela ocupa uma posição subordinada, recebendo menos destaque e interesse por parte do leitor. Contudo, há a possibilidade de que, por meio de recursos narrativos ou reviravoltas nos eventos da trama, revela-se crucial para o desdobramento do conflito dramático presente na narrativa, identificados neste caso como os personagens descritos a seguir.

Ayesha, que é empregada de confiança de Ricardo, recebe um ano de salário adiantado para prestar seus serviços. Com a morte de seu amo e sendo fiel aos seus valores de lealdade e humildade, deseja ser prestativa a Demetrio quando ele chega ao Mato Grosso, servindo-o e defendendo-o de tudo aquilo que acredita ser uma ameaça, inclusive Verónica, porém, fazendo tudo de sua forma e de acordo com suas características culturais, visto que é uma mulher indígena na década de 1950. Na adaptação, a personagem é transformada em Janaína, empregada da casa na fazenda, mulher bonita, humilde, simples, mas que quer ter uma vida boa. Nesse contexto, interessa-se por Eduardo, seu patrão, mas é rejeitada por ele. Sempre se intromete na vida de Amanda e Eduardo, tentando seduzi-lo. No fim acaba se apaixonando por Luciano que passa a novela inteira tentando conquistá-la.

Chamado de reverendo Williams Johnsson, o personagem refere-se ao padre que ajuda a Demetrio localizar-se na selva mato-grossense e a assimilar a morte de seu irmão, contando sobre vivência dele naquele lugar e as relações que ali desenvolveu. Com a mesma função de anteriormente, na versão de 2010, transforma-se em Dante Vasconcelos, um homem culto, inteligente e muito conselheiro, amigo de todos, escritor e solitário. É bem discreto em sua vida particular. Vive sozinho, teve uma paixão de anos atrás, na qual acabou se decepcionando demais, esse amor é Lucy, irmã de Vera, que acaba encontrando depois de anos.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Em ambas as obras há a presença de um sócio de Ricardo/Rodrigo, personificado por Botel e Michel Batista, únicos médicos dos respectivos vilarejos e alcoólatras, tornando-se homens violentos com suas esposas. No fundo o caráter desse personagem carrega um homem bom, porém machista. Na novela, Michel aprende com os erros depois que Regina o abandona. No fim reatam o casamento e adotam José.

Sem muitas distinções entre as versões, Don Teodoro de Castelo Branco, é o patriarca da família que adota Verónica e Virginia, pai de Johnny e esposo de Doña Sara, adaptado para Olavo Almeida Varela. O banqueiro Olavo é marido de Vera, pai de Vitor, homem bom, educado, protetor, honesto, conselheiro e conservador dos bons costumes, sempre trabalhando, está bem humorado na maioria das vezes, criou além de seu filho Vítor, suas sobrinhas Amanda e Aline, ambas órfãs.

Seguindo o mesmo padrão de distinções nas versões que seu marido, Doña Sara converte-se em Vera Almeida Varela, mãe de Vitor, mulher elegante, esposa do banqueiro Olavo. Acolheu em sua casa as sobrinhas Aline e Amanda, têm preferência pela primeira desde o início, isso porque se sente culpada pela morte dos pais de Aline. É super protetora com o filho, quer que se case com uma mulher a sua altura, essa mulher para ela tem que ser a Aline e por isso prepara ela desde criança para ser esposa de seu filho.

Juan de Castelo branco, chamado carinhosamente de Johnny, filho do matrimônio Castelo Branco, viveu anos fora do Brasil e sempre foi apaixonado por Verónica, não sendo correspondido, é um homem muito mais sensível que em sua versão adaptada, demonstrando sempre suas fragilidades principalmente em sua vida amorosa. Vitor Almeida Varela, herdeiro do Banco Varela é apaixonado por Amanda, mas não é correspondido, é mimado por sua mãe e estudou fora do país, porém, sendo um homem de bom coração, faz as vontades de sua mãe e sempre é impedido pelos pais de viver sua vida, deixando de fazer suas próprias escolhas.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Em *La Mentira*, após fazer cada dia da vida de Verónica, casada com ele, um inferno, Demétrio a frente de Ayesha e sua esposa conta toda a verdade entregando a ela o lenço com sua inicial bordada. Verónica conta a ele que na verdade o lenço é de Virginia e ambos discutem, fazendo com que ela busque ajuda de seu amigo francês, Belot, amizade cultivada durante a difícil vivência no Mato Grosso, para voltar ao Rio de Janeiro e desmascarar sua prima. No entanto, a viagem de Cuiabá ao Rio leva em torno de 10 dias. Durante esse tempo, planeja-se o casamento entre Johnny e Virginia, que acontece puramente pelas desilusões do noivo, e também Demétrio busca sua amada por estar loucamente arrependido e apaixonado.

Ao chegar ao Rio no mesmo dia do casamento, Verónica tenta impedir que o evento se concretize, porém é tarde demais. Assim o casal, a fim de ir rapidamente para a lua de mel, volta para a casa trocar de roupa. Nesse momento, Virginia é surpreendida em seu quarto com a repentina presença de Verónica, quem a desmascara frente a família Castelo Branco, mostrando como prova o lenço bordado, única coisa de Virginia que ficou no Mato Grosso. Assim, chega a casa Demétrio confirmando tudo o que acabou de ouvir, depositando toda a culpa da morte de seu irmão sobre Virginia e pedindo perdão a sua ainda esposa.

Para surpresa de todos, após graves discussões, Virginia foge em um dos carros ali presente, perseguida por Johnny, logo atrás em um táxi, após minutos de perseguição, impulsionada pela força de um diabo - assim descrito por Caridad Bravo Adams - Virginia atira o carro aos trilhos do trem que está por passar. Ao chegar no local, Johnny encontra o corpo da sua então esposa, de forma trágica e magistralmente redigida pela autora.

Es Johnny el primero en llegar; pero el espanto le detiene junto al auto destrozado. Allí está el traje de novia, roto en jirones, manchado de sangre y entre los hierros retorcidos, bajo las ruedas del tren, como espantosa



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

visión de pesadilla, la cabeza de Virginia separada del tronco, los sueltos cabellos desgreñados, los claros ojos abiertos y fríos, pasmados en el hielo de la eternidad... (Bravo Adams, 1951, p. 282)

Antes de descobrir tal fatalidade, Verónica promete matrimônio ao seu amigo, estando desiludida por tudo. Ao ser avisada da desgraça ocorrida, vai até a mansão Castelo Branco para o funeral, onde perdoa seus familiares e reencontra Demetrio, que mais uma vez pede por sua remissão, já estando comprometida com outro, ela diz ao verdadeiro amado que por mais que o perdoe não voltarão a viver juntos por sua promessa a Belot, quem escuta a libera de tal ilogismo. Concretizando-se o final clichê entre casais de tramas mexicanas.

Por outro lado, em *Corações Feridos*, o desfecho ocorre quando Amanda descobre que estava servindo de “bode expiatório” por sua prima Aline. Eduardo conta tudo a ela pensando que a mesma estava apenas encenando, porque já sabia da história inteira, os dois brigam e ele pede para ela ir embora. Amanda furiosa de raiva por ter sido enganada e ter que pagar por erros cometidos por sua prima e passar por todos os problemas em seu relacionamento, volta a São Paulo para desmascará-la no dia de seu casamento com Vitor. O grande dia chega, mas ninguém acredita nela, ocorre o sequestro de Aline, executado pelo próprio amante, a fim de ganhar mais dinheiro da família Varela com o resgate. Depois que Aline já está de volta, as duas primas conversam no quarto e brigam, aparecem todos da casa no momento da gritaria, todos compreendem agora a verdadeira face de Aline. Eduardo aparece logo em seguida com fotos de Ricardo e Aline juntos, comprovando todas as histórias. Amanda e Eduardo ficam juntos depois que ela aceita o perdão dele. Janaína casa-se com Luciano, que é peão da fazenda de Eduardo. Vitor conhece melhor Priscila que é fotógrafa e saem viajar juntos. Aline e o amante vão presos e no dia da audiência o amante pega a arma do policial para disparar contra Aline, deixando-a paraplégica.

Ao longo da narrativa de Caridad Bravo Adams, identificamos o narrador



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

onisciente, caracterizado por seu enfoque na terceira pessoa do discurso, atuando como uma espécie de ser onipresente que possui total conhecimento e visão abrangente. Este tipo de narrador detém informações sobre o passado, presente e futuro de cada personagem na história, incluindo seus pensamentos e estados emocionais. Estudando Corseuil (2009), percebe-se que o narrador da novela se faz presente pelo jogo de cenas, sobreposições de imagens e cenários, assim como sua trilha sonora.

Através da edição, ou da montagem, diferentes planos, situados em um segmento espaço-temporal, podem ser articulados de forma subsequente e sequências podem ser organizadas, não apenas linearmente, mas também numa variedade de formas. Montagem, determinada pela forma como uma história é contada, aponta para a existência de um mediador que organiza os eventos da história no tempo e no espaço: o narrador (Corseuil, 2009, p. 374).

Considerações Finais

Ao concluir esta pesquisa dedicada à análise comparativa entre a obra de Caridad Bravo Adams e sua adaptação televisiva em *Corações Feridos*, é possível observar a riqueza intrínseca dessas narrativas que ultrapassam fronteiras geográficas e temporais. Este estudo propôs uma imersão nos aspectos culturais brasileiros presentes nas obras da autora, mesmo diante da ausência de uma versão traduzida para o português de seu trabalho seminal.

O mergulho nas páginas de *La Mentira* revelou não apenas uma maestria literária, mas também uma sensibilidade única de Caridad Bravo Adams em capturar essências, transcendendo suas próprias vivências. A presença marcante da cultura indígena, a intriga entrelaçada com a exploração de minas de ouro e as complexas dinâmicas sociais destacam-se como testemunhos da capacidade da autora em construir mundos vívidos e personagens inesquecíveis.

- 524 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Ao comparar esta obra-prima com sua adaptação, exploramos as nuances introduzidas para atender determinado público e adaptar a história ao contexto brasileiro de 2010. A transição de cenários, a metamorfose das personagens e a recriação da trama evidenciam a complexidade do processo de adaptação, ao mesmo tempo em que ressaltam uma flexibilidade narrativa.

A pesquisa, almejando contribuir para os Estudos Comparados, cumpriu seu propósito ao destacar as diferenças e similaridades entre as obras. No entanto, os autores deste artigo expressam o desejo de estender um convite para futuras pesquisas sobre Caridad Bravo Adams. É imperativo reconhecer que existem oportunidades em aberto para investigações adicionais. Uma análise mais detalhada das adaptações cinematográficas e televisivas de obras literárias, especialmente no contexto específico de Bravo Adams, tem o potencial de enriquecer significativamente nossa compreensão dos intrincados processos de transposição entre distintas formas artísticas.

Em última análise, esta pesquisa buscou não apenas resgatar e valorizar as contribuições únicas de Caridad Bravo Adams para a literatura e a televisão, mas também proporcionar uma compreensão mais profunda da interseção entre culturas e linguagens diversas. Ao final, celebramos a capacidade da autora de criar pontes literárias entre México e Brasil, enriquecendo nosso entendimento sobre as complexidades e universalidades da condição humana.

Referências

BRAVO ADAMS, Caridad. **La Mentira**. Editor Digital: Titivillus, 2015.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

CORSEUIL, Anelise Reich. “Literatura e cinema”. *In*: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**.3. ed. Maringá: EDUEM, 2009.p. 369-378.

COUTINHO, Daniel. Por que ninguém lê Caridad Bravo Adams? *Literatura & EU*. 2016. Disponível em: <https://blogliteraturaeu.blogspot.com/2016/11/por-que-ninguem-le-caridad-bravo-adams.html>. Acesso em: 20 nov. 2023.

FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. “Operadores de leitura da narrativa.” *In*: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**.3. ed. Maringá: EDUEM, 2009. p.33-58.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Trad. André Cechinel. Florianópolis: UFSC, 2013.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **A telenovela como recurso comunicativo**. MATRIZES, São Paulo: Paulus, 2009.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PELLEGRINI, Tânia *et al.* **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Editora Senac/Instituto Itaú Cultural, 2003.

WIKIPEDIA. Corações Feridos. Disponível em: https://www.wikiwand.com/pt/Cora%C3%A7%C3%B5es_Feridos#Produ%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 20 nov. 2023.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**ECOANDO NOTAS: ANÁLISE ESTILÍSTICA DAS OBRAS DE O TEATRO
MÁGICO**

Raiane Quirino Bento (G-CLCA-UENP/CJ)

Paula Elisie Madoglio Izidoro (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: A música está presente em diversas situações de nossa vida, retratando os mais variados sentimentos e emoções. Não há dúvidas no quanto as múltiplas formas de linguagem se manifestam no contexto musical. Nessa perspectiva, no que diz respeito à estilística, observamos uma série de elementos da Língua Portuguesa presente nessas obras. Por meio deste artigo, mapeamos a estilística linguística presente nas canções do grupo O Teatro Mágico, analisando algumas de suas canções, bem como a trajetória da trupe. Por meio da contextualização das canções com a sociedade, língua e cultura, observamos a morfologia, semântica, sintaxe e fonética das letras escritas por Fernando Anitelli e demais compositores, assim como referências e passagens importantes da banda. As canções da trupe, com estilos não-canônicos, possibilitaram a análise de recursos da nossa língua, como a gramática, a literatura – brasileira e estrangeira –, ditados populares brasileiros, falas conhecidas, e até mesmo os “erros” da nossa língua portuguesa. A análise dessas canções traz referências de grandes canções, nomes da literatura e música, e também pesquisadores linguistas importantes para o auxílio da análise estilística.

Palavras-chave: Estilística. O teatro mágico. Análise. Músicas.

Sintaxe à vontade: discussões iniciais

A gramática da Língua Portuguesa apresenta mecanismos que, por vezes, podem passar despercebidos em virtude do nosso contexto de prática. Nesse âmbito, contamos com aspectos diversos, tais como fônicos, lexicais, morfológicos e sintáticos e estilístico, nesse último observamos diversos recursos utilizados em nossa língua, na escrita e na oralidade. Para Martins (1989, p. 218),

O estudo da enunciação e/ou discurso, iniciado pelos linguistas há relativamente pouco tempo, é deveras importante para a melhor



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

compreensão do fenômeno da linguagem [...] Por ora as teorias em elaboração ainda estão pouco claras e precisas, mas o campo de estudo parece realmente promissor.

Em 2003 surge a trupe O Teatro Mágico, com o objetivo de trazer em suas apresentações: dança, circo, poesia, teatro e música em uma única apresentação, em um único lugar. A discografia do grupo é composta por oito álbuns: Entrada para raros (2003), Segundo ato (2008), Sociedade do espetáculo (2011), Recombinando atos (2012), Grão do corpo (2014), Allehop (2016), Aqui, por enquanto, é tudo ainda (2020), e Luzente (2022).

Em suas canções percebemos as mais variadas temáticas, apresentando versos sobre poesia, literatura, política, desigualdade, homofobia, racismo e afins. Nesse quesito, observamos que temos muito a percorrer pelo caminho da estilística pareando com as canções da trupe O Teatro Mágico, analisando a escrita e estilo de algumas canções do grupo.

Sendo assim, o intuito desta pesquisa é analisar o estilo do autor nas canções, observando o processo criativo, bem como a intencionalidade na escrita e os aspectos expressivos e criativos nas canções. A estilística musical, é a maneira como cada compositor transmite seu estilo próprio, sentimentos, gostos pessoais, recursos da nossa fonética, morfologia e semântica, tudo junto numa coisa só.

Tudo numa coisa só: Estilística

A Estilística Linguística, na percepção de Martins (2000), é uma área do conhecimento voltada para todos fenômenos da linguagem, sendo o principal foco e objetivo de estudo: o estilo. A definição de estilo pode ter diversos critérios quando pontuamos o uso da língua portuguesa, principalmente por nossa variação linguística, figuras de linguagem,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

expressões idiomáticas, ditados populares, elementos que variam de acordo com a escrita e preferência de cada autor, de quem lê, de quem escreve.

O estilo, para Fiorin (2006, p. 46) é o conjunto de traços, como por exemplo: fônicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, lexicais, que definem as especificações de um enunciado, e assim, criam um efeito de sentido de individualidade. Para Mikhail Bakhtin (1997, p. 279), cada campo da comunicação humana tem finalidades distintas que provocam diferentes usos da língua, nas esferas das atividades humanas, linguagem, ainda que completa de variações, estão sempre relacionadas com o uso da língua.

A utilização da língua, seja oral ou escrita, faz parte da esfera da nossa comunicação, com enunciados concretos e únicos, a função do enunciado é visar as condições específicas e os propósitos de cada uma dessas esferas não são determinados apenas pelo seu conteúdo temático e estilo verbal, que inclui a escolha de recursos linguísticos como vocabulário, expressões e estruturas gramaticais, mas também, e principalmente, pela sua construção composicional.

Esses três elementos - conteúdo temático, estilo e construção composicional - estão intrinsecamente entrelaçados no conjunto da declaração, e todos são caracterizados pela natureza específica de uma esfera de comunicação. Embora cada declaração seja, evidentemente, única quando considerada isoladamente, cada esfera de uso da linguagem desenvolve tipos relativamente estáveis de declarações, o que chamamos de gêneros do discurso.

Com o intuito de viabilizar os efeitos expressivos que conjuntos de palavras podem criar, a estilística linguística estuda o estilo da linguagem utilizada em determinado texto. A escolha de palavras, figuras de linguagem presentes, aliteração, intertextualidade, entre outros elementos linguísticos, fazem o estilo de autores e compositores. Na percepção de Bakhtin (1984, p. 285):

- 529 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Aprendemos a moldar nossa fala pelas formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos logo, desde as primeiras palavras, descobrir seu gênero, adivinhar seu volume, a estrutura composicional usada, prever o final, em outras palavras, desde o início somos sensíveis ao todo discursivo.

A escrita marcada por alguns autores, ocorre por conta do estilo escolhido durante um caminho, como a paronomásia – figura de linguagem que utilizamos para expressar sons parecidos nas palavras, com significados diferentes, com tendência irônica e humorística, com o propósito de enfatizar a ideia –, presente em diversas canções do grupo O Teatro Mágico, como veremos na fase de análise.

Para Charles Bally (1951), existe um estilo na língua, e o estilo individual, onde o falante determina como elaborar e distinguir seu próprio estilo ao criar um enunciado, assim como cada autor busca construir sua forma marcante de escrita. Nesse sentido, a estilística linguística contribui para a análise de textos literários e não-literários, onde podemos observar com profundidade os elementos escolhidos pelo autor para compor o texto, como a emoção do texto foi criada, por exemplo.

Como uma ciência, a Estilística explica os usos da linguagem que transcendem a mera função denotativa, analisando as possibilidades de sua utilização nos níveis fônico, lexical, morfológico e sintático, os quais se entrelaçam e não são completamente independentes uns dos outros (Panichi; Romero, 2023).

Na Estilística Fônica é estudado as relações emotivas resultantes dos aspectos sonoros da linguagem (Oliveira; Cordeiro, 2021), auxiliando o dinamismo em um texto, como a aliteração, homeoteleuto e paronomásia.

No nível lexical, não apenas as figuras de linguagem estão conectadas, mas também aspectos linguísticos da língua, como estrangeirismo, arcaísmo, neologismos, gírias, entre outros. Nesse nível estuda-se “o processo de expressão das palavras ligado a seus aspectos

- 530 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

semânticos e morfológicos [...] e as variações das palavras com seus significados” (Canezin; Panichi, 2019, p. 155).

Já a Estilística Morfológica concentra-se na expressividade resultante de duas óticas: a flexão e a formação de palavras (Oliveira; Cordeiro, 2021). Para Rocha Lima (1972, p. 173), “Composição é o processo pelo qual se cria uma palavra pela reunião de dois ou mais elementos vocabulares de significação própria, de tal sorte que o conjunto deles passe a formar um todo com significação nova”. A morfologia das palavras é direcionada ao uso das formas; seus recursos aparecem por meio de sufixos aumentativos e diminutivos, que podem exprimir sentimentos positivos ou negativos.

E por fim, a Estilística de nível sintático baseia-se na sintática da Língua Portuguesa. O processo de criação está diretamente ligado às escolhas sintáticas, visto que é fundamental abandonar a crença de que um texto se constrói direto como texto. Na realidade, é uma composição de formas que os autores conseguiram converter em texto (Panichi; Contani, 2003). Nesse momento, observamos outras figuras de linguagem presentes, como elipse, anáfora, pleonasma, anacoluto, silepse, hipérbato e polissíndeto.

Sem horas e sem dores, com vocês: o Teatro Mágico

O Teatro Mágico é um grupo musical brasileiro, formado em 2003 por Fernando Anitelli, na cidade de Osasco, São Paulo. O grupo, além de trazer elementos de circo em suas apresentações, também abordam em suas canções temas como teatro, poesia, literatura, política e críticas sociais, como observado no álbum “Segundo Ato”, com a canção “Sonho de uma flauta”, em que possui trechos inspirados na obra de Hermann Hesse - escritor alemão, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura-.

Assim como a música é inspirada em trechos do autor, o nome da trupe, O Teatro



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Mágico, se deu por conta do conceito denominado “teatro mágico” apresentado por Hesse (eufemismo para o uso de entorpecentes; maneira de minimizar o uso das substâncias em sua escrita) em seu livro *O Lobo da Estepe*.

A trupe se apresenta caracterizada, cada qual integrante interpreta um personagem, maquiados e vestidos como personagens de circo e teatro. Em entrevista para o canal do Youtube “Corredor5 Podcast”, Fernando Anitelli explica como surgiu a trupe:

A música chegou pra mim através dos meus pais, eu era uma criança que gostava de brincar, fazer vozes de imitar isso e aquilo coisa e tal. Mas meu pai costumava sentar na beirada da cama pegar um violão: tique din, tique din, tique din, ela é uma boneca, só diz não. Aquelas coisas que faziam sucesso na jovem guarda e coisa e tal. Observamos como as memórias do cantor se mantiveram com ele no passar do tempo, com o gosto pela música evoluindo (Anitelli, 2022)

O performista imita o som do violão, gesticulando e cantando enquanto descreve suas memórias, admirando como a música permitia a possibilidade de compartilhar conhecimentos com outras pessoas. Durante esse percurso, o compositor fala sobre a vontade de ter uma banda com colegas da faculdade, surgindo, mais tarde, a banda “Madalena 19”, um trio composto por Anitelli, Danilo Souza e Ivan Parente, onde logo foi adicionado um baterista, formando um quarteto com a entrada de Nenê dos Santos.

O quarteto se apresentava em bares de São Paulo, mas com a saída de Ivan, o trio começou a se apresentar em um Sarau em São Paulo, onde Anitelli dizia terem aprendido muito, principalmente por conseguirem ter contato com nomes importantes da música brasileira da época, como Edu Ribeiro e Zeca Baleiro.

O trio conseguiu um contrato com a gravadora Cascatas, e, por divergências da produção com o estilo musical que a banda seguia, a gravadora sugeriu para que gravassem novamente todas as canções no estilo de forró, fazendo com que a banda observasse o



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

desacreditamento da produção nas ideias originais. A ideia de terem o projeto engavetado, desencorajou a banda, chegando ao fim a banda Madalena 19.

Com o fim da banda, Fernando Anitelli foi para os Estados Unidos visitar o irmão Rodrigo Anitelli, no tempo sozinho, começou a ler um livro chamado O Lobo da Estepe, de Hermann Hesse.

Falava sobre um personagem que [...] estava caminhando pela rua e ele olha assim prum... e vê uma taberna e olha um letreiro “Está noite: O Teatro Mágico, entrada para raros.” E aí ele fala assim: meu... isso aqui não é pra mim não, isso aqui... deixa pra lá. Ele resolve ir embora e dzzz... Ele ouve um barulho e vê a poça de água brilhando, e quando ele olha de novo, está assim: “Só para raros”. Eu acho que é pra mim... e quando ele entra, ele se encontra com todos os personagens que o compõem (Anitelli, 2022).

É importante abordar os personagens que compõem o personagem, pois é algo que observamos nas caracterizações da trupe. Fernando fala sobre a vontade de gravar, de criar a partir da leitura e conhecimento do livro O Lobo da Estepe, onde Hesse traz personagens que passaram por sua vida. A ideia de Anitelli, era que ao abrirem o CD, estivesse explícito a frase “Entrada para Raros”. Com isso, no álbum Entrada para Raros, o disco é cheio de personas importantes na passagem criativa, e de vida de Fernando, como seus pais, o avô, e a Jô – inspiração para a canção Zaluzejo.

Mesclando textos originais com suas próprias criações, as canções da trupe O Teatro Mágico, em todos os seus álbuns têm estilos não-canônicos, cheio de recursos da nossa língua, como a gramática, a literatura (brasileira ou estrangeira), nossos ditados populares, falas convencionais conhecidas, bem como os “erros” de nossa língua.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Recombinando atos: a obra e análise estilística

Dentro da estilística observamos alguns pontos que tendem a contribuir para o processo de compreensão e interpretação textual, como o recurso para a análise de textos literários e não literários, “exteriorizando-se, o conteúdo interior muda de aspecto, pois é obrigado a apropriar-se do material exterior, que dispõe de suas regras, estranhas ao pensamento interior” (Bakhtin, 2003, p. 111).

Fernando Anitelli utiliza muitos temas literários para escrever suas canções, como na música *Sonho de uma Flauta*, inspirada no conto de Herman Hesse¹⁵, *A bailarina* e o *Soldado de Chumbo*, baseada no conto de Hans Christian Andersen¹⁶, a música *A metamorfose ou insetos interiores* ou *O processo*, cujo nomes fazem referência às obras conhecidas de Franz Kafka. Observa-se no processo de crítica genética que o autor acessa memórias voluntárias e involuntárias (Panichi, 2016) para a construção textual de suas canções.

A partir desses recursos linguísticos, a escrita pode ser estimulada com criatividade. Com o propósito de que a linguagem seja expandida e explorada em nossa língua – português brasileiro –, muitos mecanismos são utilizados, mas pouco conhecidos, como a variação linguística e quantidade de palavras diferentes com o mesmo significado quando percorremos as regiões do país.

A literatura é muito presente na escrita de Fernando Anitelli, assim como elementos linguísticos como as figuras de linguagem. As canções são cheias de palavras polissêmicas e, ao identificar esses recursos, cria-se imagens e sensações no leitor.

¹⁵ Obra disponível em: <https://sbu.paginas.ufsc.br/files/2013/04/Hermann-conto1.pdf> Acesso em: 19. dez. 2023

¹⁶ Obra disponível em: <http://projetoabelha.com.br/wp-content/uploads/2020/08/CONTOS-TRADICIONAIS-PA-O-SOLDADINHO-DE-CHUMBO.pdf>. Acesso em: 19. dez. 2023



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

As canções escritas por Fernando Anitelli brincam muito com a Língua Portuguesa, seja ela normativa ou coloquial. Observamos essas aparições em diversas canções, quanto a cultura diversificada exposta pelo autor, do mesmo modo, o conhecimento de mundo, a intertextualidade necessárias para captar trechos importantes em diversas canções, seja essa intertextualidade com conhecimentos específicos, literatura, política e afins.

A trupe abre o álbum Entrada para Raros, de 2003, com a faixa chamada: “Sintaxe à vontade”, onde observamos esse jogo estilístico fônico com as palavras em que “sintaxe”, termo da língua portuguesa e que, nesse contexto, faz referência ao “sinta-se” da expressão “sinta-se à vontade”, deixando evidente a ideia de acolhimento para a produção artística.

É oportuno ressaltar que esse álbum é cheio de jogos linguísticos, então percebe-se que o autor, ao utilizar esse recurso fônico já de forma inicial, antecipa o que está por vir: essa “brincadeira” com a Língua Portuguesa.

Ainda nessa, canção, observamos o seguinte trecho:

Sem horas e sem dores
Respeitável público pagão
Bem vindo ao teatro mágico!
sintaxe à vontade (Grifo nosso)

Logo no primeiro verso, observamos a presença da figura de linguagem paronomásia, onde notamos estruturas fônicas e/ou morfológicas presentes: palavras que são escritas de forma diferente, mas ao escutarmos, escutamos e entendemos o que é dito na maioria dos casos – Senhoras e senhores.

No último verso, notamos que a fala Sintaxe à vontade, tem dualidade de sentidos, ao escutarmos, ouvimos “Sinta-se à vontade”, visto que apesar de escrever “sintaxe” que é paroxítona, o cantor pronuncia como se fosse proparoxítona, deixando que o som pareça “sinta-se”, da mesma maneira como o início de um espetáculo, quando quem apresenta,

- 535 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

comumente é pedido para que sinta-se à vontade.

Nessa canção, Fernando Anitelli transborda conhecimento sobre nossa língua,

todo sujeito é livre para conjugar o verbo que quiser
todo verbo é livre para ser direto ou indireto
nenhum predicado será prejudicado
nem tampouco a vírgula, nem a crase nem a frase e ponto final!
afinal, a má gramática da vida nos põe entre pausas, entre vírgulas
e estar entre vírgulas é aposto
e eu aposto o oposto que vou cativar a todos
sendo apenas um sujeito simples (Grifo nosso)

No trecho, identificamos a presença de elementos da Língua Portuguesa, como as referências de sujeito, de conjugação verbal – seja direto ou indireto –, e predicado; Nesses três versos, Anitelli utiliza conteúdos da Língua Portuguesa para brincar com o fato de que todos somos livres para conjugarmos quais verbos quisermos, ou seja, podemos fazer o que temos vontade e direito, seja de maneira direta ou indireta, e ninguém será prejudicado pelas escolhas.

Outra abordagem possível é que o autor defende aspectos sociolinguísticos, em que se importa, prioritariamente, com a mensagem e não a forma, o que pode significar que podemos conjugar verbos com preposição ou não, ou seja, de acordo ou não com a gramática normativa, mas que o importante é transmitir o recado.

No quinto verso, observamos que a “Má gramática da vida...” temos os conflitos que temos durante nossa jornada, pausas e vírgulas são as paradas que precisamos fazer durante trajetória; no último versos, Fernando conclui que mesmo “sendo apenas um sujeito simples” irá cativar a todos, fazendo referência, mais uma vez, ao sujeito simples formado por apenas um núcleo, como também um sujeito dotado de simplicidade.

Em suas canções, Fernando Anitelli produz jogos com palavras, fazendo uso da



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

estilística fônica, como presente na canção Quando a fé ruge (O Teatro Mágico, 2013),

Oxidou,
A ponte, a fonte,
A chance de fundir o que rachou
E difundir pra gerações
A demanda do mundo é amar!
[...] Quando há ferrugem, no meu coração de lata!
Quando há ferrugem, no meu coração de lata!
É quando a fé ruge, e o meu coração dilata! (Grifo nosso)

As palavras nas frases mostram dualidade no significado. Ao escutar a primeira frase “a chance de fundir o que rachou”, percebemos que “fundir” significa moldar, juntar. E em seguida “e difundir pra gerações”, com o sentido de propagar, espalhar. Nessa, e em outras diversas canções observamos os jogos utilizados nas palavras, a dualidade de significados, como também observado na música Pena (2008), onde temos outro jogo de palavras polissêmicas

E quando o nó cegar
Deixa desatar em nós
Solta a prosa presa
A Luz acesa
Lá se dorme um Sol em mim menor!
(...) Numa bela tarde de sol lá se dorme em paz (Grifo nosso)

Anitelli trabalha na letra da canção as notas musicais, que, quando observadas com atenção, nos transmite sentidos diferentes: Lá: sexta nota musical e também indicação de onde, lugar; Se: Foneticamente /si/, sétima nota musical e também pronome reflexivo; Do(rme): Foneticamente, /dórme/ fazendo referência à primeira nota musical “dó” e também ao verbo dormir; Sol: quinta nota musical e também estrela solar; Mim destoa mais foneticamente, entretanto, o autor insere o termo “menor” para deixar evidente a referência



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

ao “mi menor” da escala das notas musicais.

No primeiro verso, “E quando o nó cegar”, acompanhado pelo segundo “Deixa desatar em nós”, observamos novamente, a duplicidade de sentidos: Desatar em nós, pessoas, e nós feitos por cordas, fios. No último verso, novamente, as notas musicais são citadas pelo autor.

Partindo para a canção “Eu não sei na verdade quem eu sou” (2011), observamos que suas estrofes são repletas de significados. Notamos os sentidos implícitos por Anitelli, como conhecemos na estilística semântica.

Velhinhos são crianças nascidas faz tempo!
Com água e farinha colo figurinha e foto em documento!
Escola é onde a gente aprende palavrão

Nessa canção, Fernando Anitelli descreve de maneira poética distribuídas em versos: No primeiro verso do recorte anterior, observamos uma descrição para a velhice: velhinhos são crianças nascidas faz tempo, que faz sentido ao pensar que é preciso de cuidados, assim como com crianças, que necessitam de atenção constante. E de forma literal, são crianças que, de fato, nasceram há muito tempo.

No verso seguinte, temos: com água e farinha colo figurinha e foto em documento, onde os ingredientes citados, são a base para fazer cola e que antigamente era utilizado pelas crianças com poucas condições financeiras; No terceiro verso, Anitelli escreve sobre aprendermos palavrões na escola, sendo esses “palavrões” as grandes e complexas palavras (e/ou também as palavras de baixo calão) aprendidas com o convívio com os colegas de classe.

No álbum “Entrada para raros” (2003), encontramos a canção Zaluzejo , onde palavras são ditas de maneira errônea – mas entendíveis – de forma intencional como forma



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

de militar acerca do preconceito linguístico. No início da canção há a repetição severa dos termos a seguir, na intenção de evidenciar a ideia:

Pigilógico, tauba, cera lítica, sucritcho
Graxite, vrido, zaluzejo

Para a produção desta canção, Fernando fala sobre ter a Jô (empregada doméstica da família) como uma inspiração, por ela “reinventar” as palavras, mas que na verdade corresponde a algumas das variedades linguísticas de menos prestígio que são vistas, pela gramática normativa, como “erros”, conforme acusado em:

Ai quando eu tô com algum pobrema (problema) eu digo [...]
Deus me ouci (ouve) na hora que eu peço pra ele, né? [...]
Menina que não é virge (virgem), eu vejo casar de véu [...]
onde a gente guarda iorgute (iogurte)

Segundo Fiorin, (2006, p. 30) observamos três conceitos de dialogismo: o primeiro conceito de dialogismo diz respeito ao fato de que todos os enunciados se criam a partir de outro já existente, o que significa dizer que todo discurso novo remete a outro discurso já existente, o que nos leva a entender que dialogismo são as relações entre enunciados. Em Zaluzejo, enunciados já existentes, são inseridos por Anitelli,

Tomar banho depois que passar roupa mata
Olhar no espelho depois que almoça entorta a boca
E o rádio diz que vai cair avião do céu
Senhora descasada namorando firme pra poder casar de véu
[...]
Pra segurar namorado morrendo de amor
Escreve o nome num pepino e guarda no refrigerador



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Nessa canção, observamos que além das palavras grafadas em desacordo com a gramática normativa para chamar atenção a outras variedades linguísticas, também há a exploração de credices e senso comum, que são hábitos geralmente associados às pessoas de menos instrução (que distanciam-se do saber científico) e/ou pessoas de mais idade, pela mesma razão.

Através das relações sociais, o sujeito constitui-se dialogicamente formando sua identidade e reforçando suas ideologias, como notamos no trecho abaixo:

Mas quando alguém te disser tá errado ou errada
Que não vai s na cebola e não vai s em feliz
Que o x pode ter som de z e o ch pode ter som de x
Acredito que errado é aquele que fala correto e não vive o que diz

Observa-se no trecho a crítica de Fernando Anitelli sobre as correções excessivas que são feitas nas palavras, ditas ou escritas, sem ser levado em conta por esses falantes, aspectos como região, idade, grau de instrução e contexto de fala, que são sustentados pela sociolinguística.

Marcos Bagno (1999, p. 69) aborda no livro *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*, como é comum encontrarmos pessoas cheias de boas intenções dizendo que a norma padrão tradicional, literária, clássica é a que deve ser ensinada nas escolas, pois essa sim é um “instrumento de ascensão social”.

A crítica relacionada a gramática normativa – que deve impertinamente ser imposta nas escolas – discorre fatores além de ser apenas uma questão social, mas também com questões socioeconômicas. Bagno discorre que

(...) se o domínio da norma culta fosse realmente um instrumento de ascensão na sociedade, os professores de português ocupariam o topo da



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

pirâmide social, econômica e política do país, não é mesmo? Afinal, supostamente, ninguém melhor do que eles domina a norma culta. Só que a verdade está muito longe disso como bem sabemos nós, professores, a quem são pagos alguns dos salários mais obscenos de nossa sociedade. (1999, p. 69)

Em Zaluzejo, presenciamos a indagação de Anitelli em relação a como a Língua Portuguesa é tratada em nosso país, tendo uma super valorização de aspectos puramente gramaticais, prezando por um ensino somente da variedade culta e tradicional, independente do contexto, prezando por gêneros dos discursos que seguem essa variedade.

Além da militância sociolinguística, observamos questões políticas e sociais em outras obras, como em "O sol e a peneira", do álbum Grão do Corpo (2014), onde outra crítica à sociedade é iniciada, pela maneira como a população se manifestou diante os acontecimentos políticos do ano de 2014.

Querem tapar
O sol com a peneira
Querem tapar
O sol com a peneira
Querem calar a nossa maneira
De brincadeira
Aqui ninguém tá (Grifo nosso)

No trecho acima, temos a expressão “tapar o sol com a peneira”, que significa tentar enganar a si próprio, no caso, a sociedade num todo, mascarar a realidade. É possível notar na letra da canção o uso de metáforas, onde Anitelli exterioriza a (in)justiça brasileira em temas como homofobia, preconceito, violência e intolerância, referenciando os acontecimentos e manifestações de 2013, quando grupos se reuniram em um protesto pelo aumento de vinte centavos na tarifa de ônibus da cidade de São Paulo.

No trecho “a cocaína, o craque, a copa, a coca, a desocupação da oca, da aldeia

- 541 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

maracanã!” podemos perceber a ênfase da aliteração e assonância. O trecho nos mostra palavras de sentido diferentes: o futebol (craque, copa, Maracanã), a droga (cocaína, coca, craque, que tem a mesma sonoridade de crack) e indígena (oca, aldeia).

A canção Cinza (2021), retrata a vida na cidade, como contradições e conflitos que vivemos, em sua letra poética observamos recursos linguísticos como o uso de metáforas, aliterações e rimas.

A cidade que pulsa em mim
Também me expulsa
A cidade que pulsa em mim
Também me expulsa

Com esses recursos, Anitelli mostra a contraposição entre a natureza e a cultura (no vídeo, observamos o uso do verde e do cinza). O refrão da canção nos traz a esperança de uma mudança, revolução na maneira como a cidade num todo age. Notamos outra crítica por parte do autor, agora sobre a realidade urbana, que por vezes afeta a vida de milhões de pessoas, é uma forma de manifestação, em busca de despertar a consciência da sociedade e transformar em um lugar melhor para viver.

As figuras de linguagem são de suma importância para a estilística léxica e muito presentes em canções, falas, discursos e afins, relacionam-se com a semântica, fonologia e formação das palavras. São expressões que mostram um sentido que pode ultrapassar a linguagem comum, literal ou denotativa, onde cada qual com sua originalidade tende a apresentar algo que difere. Na canção É ela (2013), do álbum Recombinando Atos, nos traz a aliteração, que é um recurso linguístico presente em diversas canções da trupe.

Sonhei ser seu, ser céu e Sol, sonhei contigo
Serenó vento vem trazer o que é incompleto
[...] Sonhei com cê, com o céu, com o seu sonho perdido
Gritei pro mar minhas vontades, minha sina (...) (Grifo nosso)



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A aliteração é um recurso linguístico, presente nas figuras de linguagem, onde a repetição de sons decende as sílabas tônicas – em duas (ou mais) palavras, dentro do mesmo verso, estrofe, ou numa encontros consonantais é presente, consiste na repetição de consoantes ou de sílabas– especial frase (Brasil, 2013).

Esse recurso cria, portanto, uma sonoridade no texto, que pode estar presente no início de palavras, no interior das palavras, bem como nas sílabas iniciais. O efeito da sonoridade nesse caso nos mostra a ênfase em determinado som, maior expressividade no texto, Fernando cita as canções escritas por Humberto Gessinger, onde ele observa a aliteração, e se inspira em sua própria escrita musical.

Além, porém aqui, as considerações finais

Nas canções da trupe O Teatro Mágico foi possível observar diversos recursos estilísticos presentes nas produções de Anitelli. Diante disso, observamos e analisamos canções com temas cotidianos, identidades diferentes, amor, preconceitos e julgamentos, literatura. A análise das canções do grupo revela-nos a proximidade de Anitelli com a língua portuguesa e literatura, de forma tão explícita em seus versos, como a poesia e intertextualidade dialogam com suas produções musicais com muita cultura.

A escolha das letras das canções se deram por serem canções com forte discursos sobre política, discriminação, desigualdades sociais, poesias, que nos mostra críticas feitas pela trupe, onde em muitos casos observamos como a língua portuguesa tem seu poder em seus versos.

As análises abordam por meio de elementos linguísticos a relação entre enunciados, onde dois ou mais enunciados são relacionados, em um sentido amplo ou estrito. Por meio desses recursos, a trupe O Teatro Mágico abre um caminho longo para um diálogo para além



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

de condições sociais e poesia, onde muito temos a observar e estudar.

Referências

ANITELLI, Fernando, ANITELLI, Gustavo, SANTIAGO, Daniel. **Quando a fé ruge**. São Paulo: Zaluzejo Comercial: 2013. 4min.

ANITELLI, Fernando. **Fernando Anitelli - “Dom Quixote” (Espelho retrovisor)**. 2015. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal O Teatro Mágico. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i5iJ-7wrPgU>> . Acesso em 26 de setembro de 2023.

ANITELLI, Fernando. **Foi assim que surgiu O Teatro Mágico - Fernando Anitelli**. 2022. 1 vídeo (23 min). Publicado pelo canal Módulo Cortes. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MYWSut5PYjE>> . Acesso em 17 de outubro de 2023.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BALLY, Charles. **Traité de stylistique française**. Paris-Genebra: KlincksieckGeorg, 1951.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.111-306.

BRASIL, Ministério da Educação. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Consciência Fonológica**. Universidade Federal de Ouro Preto- Centro de Educação Aberta e a Distância- CEAD, 2013.

CANEZIN, Claudete Carvalho; PANICHI, Edina Regina Pugas. **O discurso jurídico nos processos da Vara Maria da Penha: uma abordagem estilístico-discursiva**. Londrina: EDUEL, 2019.

FIORIN, José Luiz. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

FIORIN, José Luiz. O dialogismo. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006. p. 18-59.

MÁGICO, O TEATRO. **Sintaxe à vontade + Tudo numa coisa só - O Teatro Mágico**. DVD Entrada para Raros, 2012. 1 vídeo (9 min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PP5_4_Kv9Ns> Acesso em 03 de novembro de 2023.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à estilística**. 3 ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000. 259 p.

PANICHI, Edina Regina Pugas. **Processos de construção de formas na criação: o projeto poético de Pedro Nava**. Londrina: Eduel, 2016.

PANICHI, Edina Regina Pugas; CONTANI, Miguel Luiz. **Pedro Nava e a construção do texto**. Londrina-PR:EDUEL; São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

A ESTÉTICA DE TERROR NA OBRA *O VILAREJO* DE RAPHAEL MONTES

Ana Livia Domingos (G-CLCA-UENP/CJ)
Eloisa Gomes Faria (G-CLCA-UENP/CJ)
Sara Mendes (G-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Ainda que envolva uma experiência emocional desafiadora, a maneira como o medo é abordado no âmbito do gênero de terror compreende-se que o mesmo desperta a curiosidade do leitor. Este estudo tem como foco *O Vilarejo* de Raphael Montes, conduzindo uma revisão bibliográfica que destaca o receio do desconhecido apresentado nos sete contos da obra. A discussão aprofunda-se na habilidade do autor em explorar uma variedade de emoções, tais como repulsa, horror e angústia, enriquecendo a compreensão do terror na literatura contemporânea brasileira. Conclui-se enfatizando a habilidade do autor ao abordar não só o medo, mas também outras emoções correlatas, contribuindo para uma compreensão mais abrangente do panorama literário atual. *O Vilarejo* consolida-se como um componente influente no cenário literário, respaldando análises de Leidens (2018), França (2012) e Lovecraft (2008).

Palavras-chave: Literatura. Terror. Medo. O Vilarejo.

Introdução

Segundo Delumeau (1996, p. 23), “No sentido estrito e estreito do termo, o medo (individual) é uma emoção choque, frequentemente precedida de surpresa, provocada pela tomada de consciência de um perigo presente e urgente que ameaça, cremos, nós, nossa conservação.” O medo, uma das emoções primitivas do ser humano, sempre esteve presente nas produções culturais da humanidade, principalmente na literatura. Homero, em *Odisseia*, narra a luta contra bruxas e até mesmo na *Bíblia* há a presença de bruxas e feiticeiras. Mesmo que essas obras não sejam do gênero Terror, é inegável que sua origem provém do medo. Segundo Leidens (2018), “ele (o medo) vai ao encontro da literatura de muitas maneiras e nela obtém solo fértil para o seu despertar e sua faina.”

- 546 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

A análise da obra pode ser compreendida melhor à luz do conceito aristotélico de *Catarse*, no qual os gêneros drama e tragédia, são vistos como capazes de provocar uma grande descarga de sentimentos. Segundo Aristóteles, ao ter contato com tais obras, o público era capaz de identificar as emoções ali retratadas, e purgar suas próprias emoções, em um processo que ele denominou de *Catarse*. Silva (2011) corrobora com a ideia, e afirma que a tragédia provoca “compaixão e terror”, sendo que o “terror”, neste contexto, não se relaciona com o medo em si, mas com uma forma de indignação provocada por cenas que causam choque.

Leidens diz que a vertente literária que melhor capta a atenção e envolvimento do leitor está baseada no medo e em suas emoções subsequentes, como a repulsa, a angústia e revolta. Contudo, apesar de emoções normalmente negativas, no caso da literatura, tais sentimentos provocam a curiosidade do leitor e diminuem a possibilidade do abandono da obra. Segundo Lovecraft (2008), o terror se manifesta quando um elemento sobrenatural aparece no mundo real, causando medo. Em uma narrativa de terror, cria-se a expectativa ou não de algo sobrenatural, o que leva o leitor a cortejar o medo em diversos momentos, esperando a resolução e explicação dos eventos narrados. Assim, é possível observar que o perigo e a incerteza são aliados na criação da possibilidade de risco que o leitor sente.

Ao longo do século XX pode ser observado uma mudança do panorama da literatura do medo, destacando um aumento no pessimismo moderno que resultou na "goticização" da realidade. Julio França (2020) destaca a decadência em cenas de convalescência, monomania artística e exploração de sexualidades desviantes, a ascensão do terror político, a dissolução familiar, abordando a ansiedade parental e conflitos geracionais; e a imanência do mal, onde atos cruéis são praticados por diversos, revelando a maldade inerente ao ser humano. França pontua:



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O mal está em todos os lugares, as ameaças são onipresentes e não se concentram claramente em um único monstro ou vilão – ou em um único *locus horribilis*. Nesse novo ambiente surgem outros tipos de narradores além dos paranoicos: narradores cínicos, ou apáticos, profundamente insensibilizados, que se assemelham, por sua vez, aos próprios personagens de grande parte das narrativas novecentistas: frios, desumanizados e brutalizados pela vida. (França, 2020, p.21)

Seguindo a afirmação de França (2020) o presente resumo busca analisar a obra *O Vilarejo*, escrita por Raphael Montes, e sua abordagem literária dentro do gênero do terror. É amplamente reconhecido que o medo constitui um elemento central na literatura de terror, corroborando a afirmação de Lovecraft (2008) de que o mais antigo e poderoso medo é o medo do desconhecido. A obra *O Vilarejo* publicado em 2015 de autoria de Raphael Montes, apresenta diversos elementos de terror, suspense e horror físico para fisgar a atenção do leitor e ao mesmo tempo apavorá-lo perante situações de estranheza e mistério tão importantes para a construção da narrativa (Leidens Pg18). Segundo Lara Calvi Anic, jornalista da Gama, em uma entrevista com Montes, diz que “O foco (de Montes) é fazer seus leitores entrarem fundo nas suas criações, sem aquela paradinha para checar o celular”.

Raphael Montes é um escritor e roteirista carioca conhecido por suas obras de terror, suspense e crime. Escreveu diversos romances aclamados pela crítica e pelo público como: *O Vilarejo*, *Jantar Secreto*, *Bom dia Verônica*, *Suicidas*, *Dias Perfeitos*, *Uma Mulher no Escuro* e *Uma Família Feliz*.

O livro é dividido em sete capítulos, um prefácio e um posfácio. No prefácio, o narrador afirma que recebe de uma doação de três manuscritos em mal estado escritos em cimério, língua morta do ramo botno-úgrico, tal informação contribui para a ambientação ao enaltecer a antiguidade do texto (Leidens, p.19). O autor busca ajuda do professor tradutor de cimério Uzzi-Tuzzi, que nega o trabalho, mas oferece um dicionário de cimério-italiano ao narrador para que ele possa fazer a tradução. Posteriormente, o narrador descobre que cada



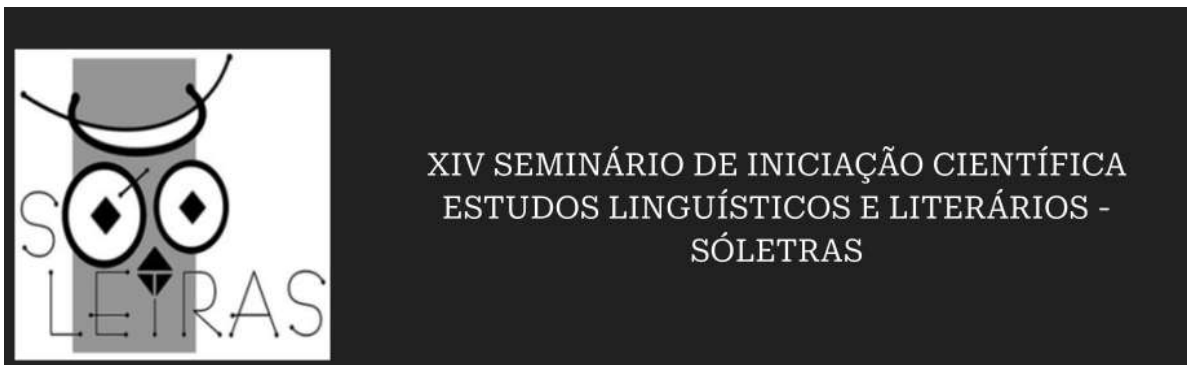
XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

capítulo é nomeado com um dos sete reis Demônios e assinado pelo nome Peter Binsfeld. Binsfeld foi um teólogo, demonologista e padre jesuíta alemão, esteve envolvido com a caça às bruxas e em 1589 classificou os sete reis Demônios do inferno e os alocou entre os sete pecados capitais. O narrador, Raphael Montes, se apresenta ao final do prefácio como apenas o tradutor desses manuscritos e assim se dá uma ambientação que conta com os recursos previamente estabelecidos neste trabalho: sensação de perigo, incerteza, estranheza e, como veremos em breve, o sobrenatural presente no mundo real.

A obra assume uma narrativa não-linear e é incentivado a alteração das ordens dos capítulos para uma leitura única. Cada conto macabro é uma peça de um quebra-cabeça maior e horripilante que traça sua forma na mente do leitor enquanto este avança na obra. A narrativa aterrorizante também é acompanhada de ilustrações de Marcelo Damm que contribuem para a criação de medo no leitor. Sobre as ilustrações, Leidens diz que essas “não só adentram ao imaginário do leitor, como também o surpreendem, dando mais ênfase ao quesito amedrontador e inquietante do texto.”

Na obra de Montes (2015), somos apresentados a sete contos que narram o declínio e a morte dos habitantes de um vilarejo. Cada conto é intitulado com o nome de um dos demônios reis do Inferno e, como evidenciado no epílogo, cada um deles é responsável por evocar um pecado capital nos seres humanos (Montes, p. 03). No primeiro conto, intitulado "Belzebu", que simboliza a gula, acompanhamos a história de Felika, que consumida pela insanidade da fome, comete homicídio contra seus vizinhos e seus próprios filhos para saciar sua necessidade alimentar. Desde o início, a narrativa estabelece uma atmosfera de medo e incerteza, gerando interesse no leitor e estimulando-o a prosseguir com a leitura.

"[...] quanto mais efeitos causa, maior é a chance do fomento da curiosidade perante o fato narrado, sendo assim bastante difícil o abandono da leitura, mesmo ela mexendo com aspectos e temas que,



muitas vezes, são de tratamento complicado ao leitor." (Leidens, 2018, p. 12)

Nos contos subsequentes de "O Vilarejo", encontramos Asmodeus representando a luxúria, Mammon a ganância, Belphegor a preguiça, Satan a ira, Leviathan a inveja e Lúcifer a soberba. A temática da mortalidade, a exploração do sobrenatural e a vulnerabilidade humana são recorrentes nestes contos. Tais temas evidenciam como o medo do desconhecido, a ameaça à existência e o confronto com o inexplicável são gatilhos universais para a indução do medo na psique humana, reforçando, assim, a imersão proposta pela obra. França (2012) destaca que o medo se manifesta como uma sensação desconfortável diante de situações que o provocam. Entretanto, quando experimentamos o medo sem que este represente uma ameaça direta à nossa segurança física, ele se transforma em uma experiência associada aos prazeres estéticos. A recepção dos contos acaba se tornando incômoda por se tratar de uma obra que trata de temas tão humanamente desagradáveis, e acabam atingindo o objetivo principal da literatura do medo pontuado por França (2020) onde a e mesma é focada nos aspectos mais macabros e negativos da existência.

Montes (2015) emerge como um notável expoente dentro do cenário da literatura de terror contemporânea, tece narrativas realistas, provocando sensações vívidas de horror e repulsa no leitor. Sua abordagem não apenas cativa, mas mergulha profundamente nos elementos essenciais do gênero, capturando a imaginação do público de maneira singular. Ao se pensar na evolução da escrita da literatura do medo, Lovecraft (2008) ressalta:

As melhores histórias de horror de hoje, valendo-se da longa evolução do gênero, revelam uma naturalidade, um poder de convencimento, uma fluência artística e uma habilidosa intensidade de apelo que não têm comparação com nada do que fora feito há um século ou mais na obra gótica. (Lovecraft, 2008, p. 103)



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Ao adentrar no desdobramento da obra, se é possível ter uma perspectiva ampla de como ela reflete camadas, muitas vezes inexploradas da psique humana, onde os horrores se entrelaçam não apenas com o sobrenatural, mas também com as sombras que habitam nossa própria existência. Como bem destacado por Leidens (2018), a literatura não apenas nos envolve em seus aspectos intrínsecos, mas nos instiga a refletir sobre a vida, o meio, os costumes e as percepções. É através das palavras que desenterramos a verdade oculta, confrontamos nossos medos mais profundos e, sobretudo, somos confrontados com a possibilidade de nos tornarmos seres mais humanos, mais conscientes do cenário muitas vezes trágico que permeia nossa existência. Nesta obra, cada página é um convite para a reflexão sobre a condição humana, enquanto nos perdemos nas trevas que ecoam além das palavras, ecoando os ecos sinistros que reverberam em nossa própria realidade. Leidens, afirma:

A literatura pode levar ser humano a refletir não apenas sobre os aspectos intrínsecos a ela, mas traz a reflexão sobre a própria vida, sobre o meio, sobre costumes, percepções etc. É sobretudo com base na literatura que há a possibilidade da formação de um ser mais humano e mais atento ao cenário geralmente trágico da existência. (Leidens, 2018, p.22)

Aprofundar-se na análise dessa obra, sob a luz das contribuições acadêmicas, não apenas enriquece a compreensão dos elementos estilísticos e narrativos, mas também oferece uma janela para a complexidade psicológica e cultural por trás do medo na literatura. França (2012) nos aponta que tanto o historiador Jean Delumeau (1978) quanto o sociólogo Zygmunt Bauman (2006) acreditam firmemente que o medo primordial continua a ser uma das emoções mais persistentes e poderosas vivenciadas pelo ser humano na atualidade. A obra não apenas ecoa os medos universais, mas também desafia convenções, reinventa temas clássicos e confronta o leitor com reflexões pertinentes sobre a condição humana.

- 551 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Considerações finais

No decorrer do trabalho, estudamos e buscamos compreender os conceitos intrínsecos da obra "O Vilarejo" e de que maneira o terror se caracteriza e se desdobra em seu decorrer. A análise nos revelou como o autor, Montes, habilmente se utilizou da construção ancestral do medo para basear o alicerce principal de seu livro. Montes se empregou não só do medo, mas também dos sentimentos que o acompanham: a repulsa, o horror, a aversão, a angústia e tantos outros, para construir as camadas diversas e profundas presentes no livro.

Montes em sua obra transcende a mera narrativa de terror para se posicionar como um estudo aprofundado sobre a psique humana e suas reações perante aquilo que lhe é desconhecido e a causa terror e estranhamento. O autor se mostra habilidoso em unir o medo ancestral com temáticas contemporâneas, e põe amostra um entendimento excepcional sobre como os elementos de terror podem ser utilizados para explorar as mais profundas camadas do comportamento e das emoções do ser humano. Esse aspecto na obra não apenas enriquece as camadas da narrativa, mas também contribui para um campo de estudo mais amplo que entrelaça literatura, psicologia e filosofia.

Para além disso, a construção de "O Vilarejo" como um microcosmo de contos interligados, nos permite uma exploração multifacetada do medo e como ele se manifesta, abordando não só o horror sobrenatural, mas também o horror psicológico, social e existencial. Essa abordagem complexa e multiforme não apenas se opõe aos limites do gênero do terror, mas cria uma reflexão sobre a condição do ser humano de maneira ampla.

A habilidade de Raphael Montes em construir estas dimensões com habilidades literárias aponta para uma evolução no gênero do terror, onde a complexidade das



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

personagens e a profundidade temática se tornam tão importantes quando a capacidade de provocar medo ou desconforto no leitor.

O horror sobrenatural é considerado um ramo estreito, mas fundamental, da expressão humana, atraindo um público com sensibilidades aguçadas. Embora possa haver um maior refinamento técnico no futuro, o sucesso de obras no gênero dependerá mais de uma execução artística superior do que do tema em si. Apesar da ascensão do realismo e do ceticismo sofisticado, Lovecraft (2008) observa uma ressurgência do misticismo, impulsionada pela fadiga oculta e reações fundamentalistas religiosas contra descobertas materialistas. A ênfase recai na importância da qualidade artística na aceitação de obras futuras no gênero, sugerindo que a execução superior terá mais influência do que o tema em si. De acordo com Lovecraft:

Trata-se de um ramo estreito, mas fundamental, da expressão humana, e ele atrairá principalmente, como sempre, um público limitado com sensibilidades agudas especiais. Qualquer obra-prima universal futura calcada em fantasmas ou terror deverá sua aceitação antes a um tratamento artístico superior do que a um tema simpático. (Lovecraft, 2008, p.125)

Após uma análise crítica, a obra “O Vilarejo” nos mostra não apenas sua importância do terror como veículo de exploração para as angústias e temores humanos, mas mostra também a necessidade de se reconhecer o terror literário como uma legítima e valiosa forma de expressão artística e intelectual. O livro, possui uma importância quanto ao papel de desestigmatização do gênero terror, reivindicando seu lugar merecido no cânone literário como uma forma de explorar a mente humana e a sociedade. Para poder alcançar essa importância, a obra se vale de diversas intertextualidades tanto no campo literário, quanto em campos filosóficos e psicológicos. Esta estratégia não apenas enriquece a narrativa, mas



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

posiciona a obra dentro de um contexto cultural e intelectual. Dessa forma, o livro faz um convite ao leitor para que ele possa refletir sobre as origens e funções do medo dentro da sociedade e da cultura que a acompanha.

Conforme concluímos a análise, faz-se necessário reconhecer que Montes possibilitou uma visão singular sobre o terror. Usando de suas habilidades, o autor instiga o leitor a persistir na leitura, apesar do desconforto gerado com esta. Dessa forma, contribui de maneira significativa para entender o gênero do terror na literatura brasileira contemporânea. Análogo a este pensamento, afirma Leidens (2018, p. 4): “(...) quanto mais efeitos causa, maior é a chance do fomento da curiosidade perante o fato narrado, sendo assim bastante difícil o abandono da leitura (...). Paradoxalmente, ao mesmo tempo que repugna, se torna interessante.”

"O Vilarejo" cumpre não só o seu papel como uma excelente e exemplar obra no gênero, mas também nos conduz por questionamentos profundos acerca da construção do terror. Assim, o livro não apenas entretém, mas se consolida como uma peça essencial para educar-se sobre o gênero na atualidade.

Em síntese, uma análise detalhada da obra de Raphael Montes revela que a obra é um marco significativo na literatura do terror contemporâneo brasileiro. Ao entrelaçar técnicas literárias apuradas com uma compreensão rica e ampla sobre as dimensões e camadas presentes na dinâmica do medo, Montes cria uma narrativa que envolve o leitor e o perturba, ao mesmo tempo que contribui para um diálogo maior sobre o papel do medo na exploração da condição humana.

Assim, “O Vilarejo” não apenas é uma obra para ser lida; é uma obra para ser estudada, discutida e apreciada por sua contribuição singular à estética do medo e ao entendimento do gênero do terror na literatura.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Referências

ANIC, L. C. **Raphael Montes: “Ao tratar de violência você consegue tratar da sociedade”**. Revista Gama, 2023. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/quem-tem-medo-de-filme-de-terror/raphael-montes-violencia-terror-literatura-cinema-tv/>. Acesso em: 18 out. 2023.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente; 1300-1800**. Tradução de Maria Lucia Machado. Tradução de notas de Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FRANÇA, J. Monstros reais, monstros insólitos: aspectos da literatura do medo no Brasil. In: Flávio Garcia; Maria Cristina Batalha. (Org.). **Vertentes teóricas e ficcionais do insólito**. 1ed. Rio de Janeiro: Caetés, 2012, v. , p. 187-195.

LEIDENS, A.; GRAZIOLI, F. T.; MENON, M. C. A estética do medo e a recepção do suspense: uma análise de “Leviathan: as irmãs Vália, Velma e Vonda”, da obra de O Vilarejo, de Raphael Montes. **Revista Diálogos (RevDia)**, “Edição comemorativa pelo Qualis B2”, v. 6, n. 2, mai.-ago., 2018.

MONTES, R. **O Vilarejo**. Rio de Janeiro: Suma editora, 2015.

PEREIRA, J.; SENA, M. (Org.) . **Sobre o medo: o mal na literatura brasileira do século XX**. 1. ed. Niterói: Hugin Munin, 2020. v. 1. 216p

LOVECRAFT, H. P. **O horror sobrenatural em literatura**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SILVA, Anderson Pires da. **Sob o Signo de Plutão: Digressão Sobre os Limites do Horror e do Terror**. Anais do VII Painel; Reflexões sobre o Insólito na Narrativa Ficcional. 2011



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**ESTUDOS FEMINISTAS E LITERATURA COMPARADA: UM OLHAR PARA A
CONSTRUÇÃO LITERÁRIA DE VIRGÍNIA EM *CIRANDA DE PEDRA*, DE LYGIA
FAGUNDES TELLES**

Eloisa Gomes Faria (G-CLCA-UENP/CJ)

Valdirene Barboza de Araújo Batista (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: O presente estudo tem como objetivo analisar a personagem Virginia, protagonista de *Ciranda de Pedra* (1953), da escritora brasileira Lygia Fagundes Telles. A análise se deu a partir da revisão bibliográfica de pesquisas que se construíram com base na construção literária dessa personagem, fundamentando-se, em especial, em estudos feministas, de cunho comparatista, que tendem a discutir a identidade e a condição feminina na sociedade, desafiando as expectativas sociais que impõem limitações às mulheres. O embasamento teórico desta pesquisa repousa, entre outros, nos estudos desenvolvidos por Simone de Beauvoir (1960) e nas análises comparativas de Almeida (2009), Batista (2007), Lima e Sarmiento-Pantoja (2014), além de Copati e La Guardia (2007). Em geral, Virgínia tem sido percebida como uma figura à frente de seu tempo, revelando as tensões entre os papéis convencionais e as suas aspirações individuais. Nesses termos, no âmbito dos estudos feministas, essa personagem literária desempenha importante papel como representação das mulheres e de suas lutas em distintas épocas e culturas.

Palavras-chave: *Ciranda de Pedra*. Virginia. Estudos Comparados.

Um breve olhar para a trajetória da Literatura Comparada

O surgimento da Literatura Comparada remonta ao século XIX, tendo sido impulsionado pela corrente cosmopolita predominante na época, que almejava a análise comparativa de estruturas e fenômenos com o intuito de extrair leis gerais. Essa abordagem, destacada por Carvalhal (1989, p.8), reflete a preeminência do paradigma científico das ciências naturais. A terminologia "Literatura Comparada" ganhou proeminência e consolidação na França, notadamente por meio das contribuições de Abel-François



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Villemain em 1828, seguido por Jean-Jacques Ampère em 1830 e Philarète Charles em 1835. Os estudiosos franceses são reconhecidos como precursores dos estudos comparativos, sendo categorizados como comparativistas clássicos. A "escola francesa" está intrinsecamente ligada às pesquisas que destacam as relações causais entre obras ou autores, mantendo uma estreita vinculação com a historiografia literária. Durante um extenso período, a disciplina do comparativismo literário foi predominantemente influenciada por notáveis figuras intelectuais francesas. Conforme apontado por Vargas:

É inegável o fato de a França ter-se mostrado solo fértil para os estudos comparatistas em literatura, sendo responsável por uma robusta produção, divulgada em publicações como *Revue de Littérature Comparée* e *Bibliothèque de La Revue de Littérature Comparé* (Friederich, 1994, p. 261 apud Volobuef, 1999, p. 18). Segundo Volobuef, o interesse da França em divulgar esses trabalhos deveu-se, em parte, ao vigoroso prestígio de sua literatura, a qual atraía olhares do mundo inteiro (Vargas, 2016, p. 205).

Paul Van Tieghem, autor francês, desempenhou um papel de grande relevância no desenvolvimento do campo do comparativismo literário, sobretudo por conceber a literatura comparada como uma disciplina que está situada entre a história literária nacional e a história mais abrangente. Conforme ressaltado por Nitrini (2002, p. 20), Paul Van Tieghem (1871-1948) formulou a distinção entre literatura comparada e literatura geral, enfatizando que o objetivo da primeira reside no estudo das relações entre duas ou mais literaturas. Tais conexões são solidificadas por meio de contatos binários entre obra e obra, obra e autor, autor e obra, etc. Para Van Tieghem, “a literatura comparada analisa as interações entre as obras literárias, autores e demais elementos, enquanto a literatura geral busca uma síntese de estudos com uma amplitude mais extensa” (Carvalho, 2016, p.18).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Além da influência da "escola francesa" na Literatura Comparada, destaca-se, também, o papel da "escola norte-americana", cuja abordagem se diverge dos estudos franceses, em especial, por privilegiar a análise do texto literário em detrimento das relações entre autores ou obras. Entre os pesquisadores filiados à escola norte-americana, destaca-se René Wellek (1903-1995), que discorda da distinção entre "literatura geral" e "literatura comparada", propondo a utilização do termo "literatura" como categoria única. No contexto brasileiro, a formalização da literatura comparada ocorreu de maneira oficial na década de 1980, com a fundação da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC).

Nesse cenário, figuras notáveis como Tasso da Silveira, João Ribeiro, são citados como autores brasileiros que desempenharam papéis significativos no âmbito da Literatura Comparada. Conforme observado por Carvalho (2016, p. 23), João Ribeiro adotava uma perspectiva que buscava compreender a literatura comparada como uma forma de "crítica histórica", por outro lado, Tasso da Silveira tinha como objetivo uma abordagem que consistia em verificar a filiação de uma obra ou autor a obras e autores estrangeiros, seguindo a tradição clássica francesa. Além disso, Silveira buscava analisar a relação de um determinado momento literário, ou da literatura interna de um país, com momentos literários ou literaturas de outros países.

No atual cenário brasileiro, a Literatura Comparada se apresenta como uma disciplina complexa, ancorada em fundamentos do passado, porém receptiva a uma constante reinvenção. Figuras como Candido (1918-2017) e Carvalho (1943-2006) se destacam como estudiosos da área, orientando a disciplina em meio às turbulentas águas da contemporaneidade. Alós (2012) ressalta a necessidade de resgatar o compromisso da crítica cultural com o embate de ideias e a problematização da cultura própria e alheia. Em um contexto onde as culturas minoritárias e/ou subalternizadas são ameaçadas pela



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

instrumentalização do ensino de línguas estrangeiras, a abordagem proposta por Carvalho torna-se estratégica para enfrentar os desafios do século.

A Literatura Comparada e os estudos feministas

A literatura comparada, desde a sua origem, tem desempenhado um papel fundamental na exploração das diversas expressões culturais e literárias ao redor do mundo. À medida que avançamos na compreensão das dimensões sociais, políticas e culturais, surge a necessidade premente de uma abordagem mais abrangente, que reconheça as disparidades de gênero. A interseção entre a Literatura Comparada e os Estudos Feministas emerge como um terreno fecundo para a análise crítica das narrativas, possibilitando uma avaliação minuciosa de como as vivências femininas são retratadas e, ocasionalmente, negligenciadas em distintas tradições literárias. A descentralização cultural e as rupturas na sociedade, destacadas pela ascensão de estudos culturais e movimentos feministas, transformaram a pesquisa literária, impulsionando a realização de estudos comparados que privilegiam aspectos mais amplos e humanizados.

Nessa perspectiva, os estudos culturais têm exercido uma influência substancial na reconfiguração do campo da pesquisa literária, promovendo uma alteração de foco das investigações em direção à cultura popular e subalterna. Esse deslocamento propicia a descentralização da legitimidade cultural institucionalizada, conforme salienta Vargas (2013, p. 208).

O comparatismo, no âmbito dos estudos feministas, desempenha um papel crucial, particularmente, por poder proporcionar uma compreensão aprofundada das experiências e desafios enfrentados por mulheres, em distintos contextos culturais e sócio históricos. Destaca-se a contribuição de teóricas feministas, cujas obras são frequentemente utilizadas



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

para ilustrar a relevância da expressão literária na luta feminista. Um exemplo significativo dessa abordagem é encontrado no trabalho desenvolvido por Batista (2007). Adotando uma perspectiva fundamentada nos estudos de Julia Kristeva, a autora busca identificar um denominador comum entre as narrativas *Ciranda de Pedra* e *Ela é Apenas Uma Mulher*. Seu objetivo é, por meio da análise literária, observar como se manifesta a expressão literária feminina, sobretudo na narrativa produzida por mulheres (Batista, 2007, p. 68).

Essa abordagem se baseia na compreensão de Kristeva de que a expressão literária é uma ferramenta fundamental para compreender a condição feminina e suas nuances. Dessa forma, ao examinar criticamente obras literárias sob uma lente comparativa, os estudiosos do feminismo conseguem identificar padrões e singularidades, proporcionando *insights* valiosos para a compreensão das complexidades da experiência feminina em diferentes contextos literários e sociais. A literatura comparada, conforme mencionado, desempenha um papel fundamental ao promover o diálogo entre diferentes instâncias, como a literatura e a sociedade. Sobre isso, Sarmiento-Pantoja (2014) aponta que:

No que concernem os estudos dos fatos sociais, além da história e da sociologia que investigam esses fenômenos, acrescentamos a arte, principalmente quando se trata da arte de duas autoras engajadas na vida social de seus países. Assim, realidade social interna das personagens (ficção) e realidade social externa das romancistas resulta no imbricamento permanente entre literatura e sociedade, e a literatura comparada vem servir ao diálogo entre estas duas instâncias (Sarmiento-Pantoja, 2014, p. 375).

Com o intuito de contribuir com estudos comparatistas de vertente feminista, neste artigo, será apresentada uma análise da personagem Virginia, protagonista de *Ciranda de Pedra* (1953), da escritora brasileira Lygia Fagundes Telles, concentrando-se na representação dessa personagem como símbolo de resistência ao patriarcado e às imposições



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

sociais impostas a ela devido à sua condição de mulher. A análise foi realizada com base na revisão bibliográfica de pesquisas que tiveram como objeto de estudo essa personagem literária, fundamentando-se, em especial, em estudos feministas, de cunho comparatista que buscam discutir a identidade e a condição feminina na sociedade, desafiando as expectativas sociais que impõem limitações às mulheres.

Entre os estudos que fundamentaram esta análise, estão os que concebem os trabalhos de Simone de Beauvoir (1960) como âncora teórica. Nesses termos, destacam-se entre eles os conduzidos por Almeida (2009), Batista (2007), Lima e Sarmento-Pantoja (2014), Copati e La Guardia (2007). Esses estudos comparativos dão a personagem Virginia um lugar de destaque no panorama da resistência feminina, inserindo-a nas discussões teóricas e analíticas de base beauvoiriana, postula a feminilidade como uma condição intrinsecamente marcada pela alteridade.

A construção literária de Virginia, uma análise comparativa

Ciranda de Pedra apresenta Virgínia como protagonista, representando a dinâmica complexa de uma família burguesa do Rio de Janeiro na década de 1950. Ela é a filha caçula de um matrimônio parental que não deu certo. Virgínia reside com a mãe, enquanto as suas irmãs moram com o pai em uma residência abastada. A narrativa expõe a insanidade materna, os segredos do padrasto e as razões do afastamento paterno. Tanto a infância de Virgínia, revelada na primeira parte da obra, quanto a fase adulta, apresentada na segunda parte, são conflituosas, em especial, por não se autoconhecer. Entretanto, à medida que amadurece e realiza descobertas, o *eu* da protagonista emerge como o seu único aliado.

Esse encontro entre Virgínia e o seu próprio eu tem início com o processo de autoconhecimento, expressado intensamente na relação vivenciada com os pais, sendo essa



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

mais estreita com a mãe e de forma mais discreta com o pai. Tal processo resultou em uma ciranda individualmente coletiva de múltiplos "eus". Na obra, o vocábulo "ciranda" pode ser interpretado de várias maneiras, considerando desde a alusão à estática ciranda de anões no jardim, descrita na obra, até a dinâmica, mais inacessível, ou seja, a ciranda formada pelas irmãs e amigos.

Nessa narrativa, segundo Pantoja (2014), Lygia questiona a paralisia das relações interpessoais e a rigidez que afeta o coletivo e condiciona as ações individuais. Em suas palavras:

Lygia enfatiza em *Ciranda de Pedra* a degradação dos valores patriarcais através da não inserção da personagem Virgínia no ciclo familiar. Tal ciclo, metaforizado pela "ciranda de anões de pedra", representa as convenções sociais, caracterizadas por personagens que mascaram valores autênticos dentro da história demoníaca, ou seja, o romance como investigação de uma sociedade degradada, neste caso, utilizou-se de personagens problemáticas, que refletiram durante a narrativa uma vida social mantida pelas convenções da época (Sarmiento-Pantoja, 2014, p. 368).

Na primeira parte de *Ciranda de Pedra*, Virgínia é vista como uma personagem complexa e multifacetada, especialmente no que diz respeito ao tempo da fantasia. Ela é descrita como extremamente criativa, estando sempre mergulhada em um tempo analógico de solidão, onde ela pensa em palavras, imagens, brinca com insetos e cria histórias imaginárias. Esse aspecto do enredo é destacado pela observação de Almeida, que afirmou:

Extremamente criativa, Virgínia, protagonista de uma narrativa centrada na dissolução familiar, dá aos fatos presentes e passados uma coloração especial, por vezes transformando-os num tempo virtual, criando, por assim dizer, a ficção dentro da ficção (Almeida, 2009, p. 10).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Esse tempo da fantasia parece descolado da vida das outras personagens, dando a Virgínia uma dimensão única e singular, que ameaça se perder conforme a personagem anseia por cumprir com as expectativas patriarcais de seu grupo de convívio. As pressões sociais e as expectativas patriarcais podem influenciar a busca por uma identidade autêntica. Beauvoir (1960) argumenta que as mulheres, muitas vezes, são moldadas pelas expectativas sociais, perdendo a autonomia e a liberdade para se tornarem quem desejam ser.

Almeida (2009, p. 10) destaca a frustração experimentada por Virginia ao integrar-se à ciranda que, vigorosamente, almejou participar. Contudo, com o desenrolar da narrativa, aos poucos, a protagonista compreende a futilidade desse grupo, cuja relação de amizade não se sustenta com base sólida. Diante disso, ela opta, ao final, pelo afastamento. Ao analisar a mesma situação narrativa, Beauvoir enfatiza:

É uma estranha experiência, para um indivíduo que se sente como sujeito, autonomia, transcendência, como um absoluto, descobrir em si, a título de essência dada, a inferioridade: é uma estranha experiência para quem, para si, se arvora em Um, ser revelado a si mesmo como alteridade. É o que acontece à menina quando, fazendo o aprendizado do mundo, nele se percebe mulher (Beauvoir, 1960, p. 38).

Na segunda parte do romance, a protagonista, agora adulta, retorna ao convívio do grupo. Apesar de acreditar que superou suas angústias, ela percebe que esse grupo continua fechado e hostil. Nesse momento, Virgínia desvenda as verdadeiras faces dos membros da "ciranda de pedra", compreendendo suas fraquezas e amarguras. Descobre que era desejada por todos ao mesmo tempo, gerando medo e rejeição. Essa descoberta, gradualmente, fortalece e amadurece Virgínia, levando-a a abandonar as tentativas de integração no círculo fechado, como pontuado por Batista (2007):la se dá conta do que, na verdade, escondia-se por trás daquela hostilidade e rejeição: ela era desejada por todos ao mesmo tempo e, por isso, temida. Aos poucos, então, vai-se apresentando uma Virgínia mais amadurecida e forte, independente e segura (Batista,2007, p. 71).

- 563 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Beauvoir (1960) clarifica as tensões e ambiguidades nas relações ao afirmar que, “nos combates em que os indivíduos acreditam enfrentar-se mutuamente, é contra si que cada um luta, projetando no outro, parte de si mesmo que repudia; ao invés de viver a ambiguidade de sua situação, cada indivíduo busca preservar sua honra, enquanto faz com que o outro suporte suas fraquezas” (p. 497). Virgínia descobre que sua presença despertou desejos e receios simultâneos no grupo. Nessa dualidade de sentimentos, ecoa a complexidade das relações humanas, especialmente quando se trata de intimidade e aceitação. La Guardia ressalta:

As she “felt an obscure pleasure in passing on them all” (TELLES, op. cit., p. 144), Virginia tries and delimits a gender identity for herself, seeking freedom from the cultural bounds that castrate female sexuality and force her into the performance of a domesticated gender role (La Guardia, 2013, p.218).

A evolução da personagem evidencia sua transição de uma realidade constringente para uma esfera mais autêntica. Anteriormente confinada a um contexto imobilizado, no qual sua única válvula de escape era a imaginação, essa condição a distanciava das demais figuras, instigando em Virginia uma sensação de isolamento e desamparo. Ao abraçar sua autenticidade, ela abandona sua aspiração de integrar-se à "ciranda de pedra", na qual seus antigos pares ainda permanecem. Beauvoir exemplifica essa atitude ao dizer que “a uma mulher que intenta viver sua situação com lucidez e autenticidade não sobra muitas vezes senão o recorrer a um orgulho estóico” (1960, p. 239).

A esse respeito, Almeida postula que:

O fim da narrativa apresenta a quebra da ciranda e da sua dança circular:

- 564 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

"Retirando a mão da água, mergulhou-a na relva. Não, não, tudo aquilo era já passado, chegara a hora de dizer-lhe adeus. O fluxo da vida, que corria como aquele rio, era tão belo, tão forte!" (p. 146). E Virgínia parte a um destino desconhecido, deixando para trás as lembranças: "O rio já ficara para trás" (p. 182). Sua viagem, agora, é para dentro de si mesma, de onde na verdade nunca saiu, com a diferença de que seu tempo agora é o do devir (Almeida, 2009, p. 19).

No desfecho de "Ciranda de Pedra", observamos uma representação transformada, desenvolvida e determinada da personagem Virgínia. Ao perceber que não se adequava aos preceitos impostos pelo contexto da "ciranda", ela toma a decisão de deixá-la. Ao final da narrativa, Virgínia desvincula-se das tentativas de integrar-se a esse círculo social restrito, optando por uma jornada longa e sem garantias de retorno. Mesmo Conrado, a quem Virgínia cultivada um amor, não consegue convencê-la de permanecer. Tudo desaparece no vasto território do passado. Virgínia parte, deixando para trás não apenas locais e indivíduos, mas também uma parte de sua identidade que já não ressoa nas antigas melodias.

Considerações finais

A trajetória de Virgínia exemplifica a influência da sociedade na formação da identidade feminina por meio de normas, expectativas e valores. A narrativa transcende as convenções temporais, permitindo que, por meio do trabalho artístico com as palavras, Lygia realiza uma análise profunda das relações familiares, das expectativas sociais e do conflito entre a autenticidade e as imposições de uma estrutura patriarcal. A transformação de Virgínia, desde uma infância marcada pela fantasia até a decisão final de se desvincular da "ciranda de pedra", não apenas simboliza a busca pela identidade, mas também representa uma ruptura com as restrições sociais. Dessa forma, a obra não só nos envolve em uma trama envolvente, mas desafia a questionar e a reconsiderar as estruturas sociais que moldam as

- 565 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

identidades femininas. *Ciranda de Pedra* transcende as páginas do romance, ressoando para além do texto literário ao abordar as complexidades e nuances da experiência humana. Conforme destacado por Sarmiento-Pantoja (2014) em sua análise comparativa, a jornada da personagem não se limita à busca por novas experiências, mas é essencialmente uma busca pela autenticidade, livre do julgamento dos membros da “ciranda”.

A queda do patriarcalismo marca o romance *Ciranda de Pedra*, em que a protagonista, que desejou desde sua infância se inserir no ciclo familiar, metáfora do ciclo social, percebe a falência do sistema patriarcal. Com isso, rompe com a sociedade degradada e passa a buscar novos valores. Assim, a narrativa encerra com a viagem de Virgínia mundo à fora, sem rumo certo e sem data para voltar, pois para ela “já que é preciso aceitar a vida, que seja então corajosamente” (Sarmiento-Pantoja, 2014, p. 370).

Em última análise, a obra transcende as fronteiras da ficção ao incorporar os princípios existencialistas de Beauvoir, oferecendo uma poderosa mensagem sobre a necessidade de desafiar as convenções impostas para encontrar a verdadeira liberdade e realização pessoal. De acordo com Beauvoir (1960), ser mulher não é apenas sobre biologia, mas é algo que se desenvolve ao longo da vida de uma pessoa, a ideia de ser mulher não é algo predefinido, ao invés disso, é a sociedade que molda o que significa ser uma mulher. Em suas palavras:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (Beauvoir, 1960, p. 9).

A trajetória de Virgínia em *Ciranda de Pedra* emerge como um retrato eloquente de influências sociais que moldam a identidade feminina. Profundamente enraizada na

- 566 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

narrativa, sua jornada se desdobra como um espelho da realidade, revelando os desafios e pressões enfrentados pelas mulheres na sociedade da época. Ao assimilar os princípios existencialistas propostos por Simone de Beauvoir (1960), a obra oferece uma mensagem poderosa e atemporal sobre a imperatividade de desafiar as convenções impostas. Em síntese, Virgínia, como protagonista, torna-se um veículo para explorar as complexidades da busca por autonomia e autenticidade, ressaltando a importância de um caminho pessoal e resistência diante das expectativas sociais preestabelecidas.

Referências

ALMEIDA, G. Z.. O tempo da paisagem e o tempo da ciranda - Breve reflexão sobre o tempo nas narrativas Paisagem sem barcos, de Maria Judite Carvalho e Ciranda de pedra, de Lygia Fagundes Telles. **Revista Crioula (USP)**, v. 06, p. 1-12, 2009.

ALÓS, A. P. Literatura Comparada Ontem e Hoje: Campo Epistemológico de Ansiedades e Incertezas. **Organon**, Porto Alegre, v. 27, n. 52, 2012. DOI: 10.22456/2238-8915.33469. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/33469>. Acesso em: 31 jan. 2024.

BATTISTA, Elisabeth. A Representação Artística do Papel da mulher: Uma leitura de Ciranda de Pedra e Ela é Apenas Mulher. **Revista Ecos (Cáceres)**, v. 1, p. 67-73, 2007. Disponível em <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/1010>. Acesso em 23 dez 2023.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960b.

CARVALHAL. Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

COPATI, Guilherme; LA GUARDIA, Adelaine. O Não Pertencimento: identidades femininas abjetas na ficção gótica. Interfaces Brasil/Canadá. **Canoas**, v. 13, n. 2, 2013, p. 201-222. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/7256>. Acesso em 23



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

dez. 2023.

DE VARGAS, A. Q.; UMBACH, R. K. A cidade das damas no campo movediço da literatura comparada e dos estudos feministas. **Cadernos do IL**, [S. l.], n. 51, p. 203–220, 2016. DOI: 10.22456/2236-6385.52355. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/52355>. Acesso em: 23 dez. 2023.

FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo; DOS SANTOS SILVA, Angela Maria Garcia. **A representação da mulher na obra Ciranda de Pedra**. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Cibele-BeirithFigueiredo-Freitas.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2023.

LIMA, Kamila Rodrigues; SARMENTO-PANTOJA, Tânia. Estudo Comparado Entre Ciranda de Pedra e A Casa dos Espíritos: a literatura e o pensamento pós-guerra na prosa latino-americana. **Guavira Letras**, Três Lagoas, n. 18, p. 358-379, 2014.

TELLES, Lygia Fagundes. **Ciranda de Pedra**. Posfácio de Silviano Santiago. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

EXPANSÃO DO ROMANCE CAPITÃES DA AREIA

Hdanubya Cassya do Nascimento Faria (G-CLCA-UENP/CJ)
Rafaela Galdino da Silva (G-CLCA-UENP/CJ)
Renata Nogueira do Nascimento (G-CLCA-UENP/CJ)
Ricardo André Ferreira Martins (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: O presente trabalho, norteado pelas relações entre História e Literatura, tem como objetivo analisar *Capitães da Areia* (1937), obra literária escrita por Jorge Amado. A referida obra retrata as aventuras de um grupo de crianças abandonadas que vivem em um velho trapiche e roubam para sobreviver em Salvador. O autor relata os contrastes de uma época em que a sociedade e o governo de Salvador negligenciaram suas crianças, maltratando-as em reformatórios. Jorge Amado, defensor das causas marginalizadas, cria um testemunho lírico de protesto, incorporando elementos sociais e psicológicos que refletem a instabilidade sociopolítica, utilizando sua escrita como mecanismo de denúncia sobre as injustiças sociais. O foco do estudo recai sobre o âmbito social, aprofundando a compreensão da escrita desse autor renomado e destacando a importância de seus personagens excluídos. O objetivo principal da pesquisa é analisar os episódios intensos acerca da vida de seus personagens, não apenas a vida triste e angustiada dos menores por não terem uma família, mas também suas conquistas, alegrias e amores. Com intuito de realçar as características da literatura neorrealista, como instrumento de denúncia social e buscar o entendimento do que influenciou Jorge Amado a escrever a obra.

Palavras-chave: Jorge Amado. *Capitães de Areia*. Literatura Brasileira. Desigualdade social.

Introdução

A obra de Jorge Amado, *Capitães da Areia*, foi publicada em 1937 e retrata a sociedade baiana da década de 30. Na narrativa, Amado denuncia diversas situações de abuso de poder, maus tratos e falsa proteção de instituições que foram criadas com o compromisso de cuidar dos abandonados, mas que, na realidade, só cristalizam a estigmatização da desigualdade social.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Dentre os grandes feitos literários que permeiam a vastidão da obra de Jorge Amado, *Capitães de Areia* destaca-se como uma epopeia que transcende a mera narrativa e se insere como espelho reflexivo da complexa trama social brasileira. O romance mergulha nos becos e vielas de Salvador, na Bahia, para contar a história de um grupo de jovens que procuram sobreviver nas ruas da cidade.

Nesta pesquisa, busca-se expor as sinuosidades das vidas dos personagens que habitam as páginas desse épico, cujas ações reverberam não apenas na ficção, mas ecoam nas entranhas da realidade sociopolítica. Nesse contexto, explora-se não apenas o talento literário de Amado, mas também os matizes do autor enquanto visionário social.

A contextualização política, permeada por atmosfera de intensidade, não será negligenciada, assim como os temas cruciais de saúde e luta de classes que reverberam nas entrelinhas. O autor, como artífice magistral, entrelaça em sua trama ficcional as lutas reais de uma sociedade marcada por desigualdades e antagonismos.

Em suma, não realizou-se apenas a leitura atenta sobre a obra, mas a imersão nas camadas mais profundas da crítica social que Amado, de maneira audaz, tece em cada linha. Este trabalho, portanto, almeja desvelar não apenas a trama literária, mas também as complexidades sociais da época que pulsam no coração desta obra.

Jorge Amado - o autor de “Capitães da Areia”

Jorge Amado de Farias, renomado autor de obras literárias, nasceu em 10 de agosto de 1912, na Fazenda Auricídia, situada em Ferradas, município de Itabuna, Bahia. Seus pais, João Amado de Faria e Eulália Leal Amado, migraram de Sergipe, seu pai era fazendeiro, produtor de cacau na Bahia. Pertencente à Geração de 1930 do modernismo brasileiro, o autor valoriza a cultura regional e realizava crítica sociopolítica em seus escritos.

- 570 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O romancista conviveu em meio às principais transformações políticas, econômicas e sociais da época, marcadas pela influência da Revolução Russa de 1917 e pelo avanço das ideias socialistas e comunistas em todo o mundo. Na Bahia, o período surgiu da República com a ascensão de José Joaquim Seabra, conhecido como J. J. Seabra, o ciclo do cacau na região, e a chegada da modernização em Salvador, com a chegada de cinematógrafos, cafés de concerto, cabarés e moda parisiense. Apesar desses sinais de modernidade, a cidade ainda preservava seus antigos casarões coloniais, contrastando e pluralizando a cultura baiana.

A crise de valores que atingiu a Europa após a Primeira Guerra Mundial, impactou o Brasil, influenciando intelectuais e movimentos, primeiramente em São Paulo, culminando na Semana de Arte Moderna de 1922, enquanto no Nordeste, o movimento adquiriu uma perspectiva regionalista, sob a liderança de Gilberto Freyre.

Tanto por suas ideias quanto por suas obras, Jorge Amado foi visto com desconfiança pelo governo, que o acusava de ser socialista devido aos seus posicionamentos e reflexões presentes em seus escritos. Era comunista e, sendo preso e teve seus livros queimados em praça pública, suas obras resultaram como uma afronta ao sistema de governo e às questões propagadas à sociedade.

Em 1931, Amado publicou seu primeiro livro, o romance *O país do carnaval*, marcando o início de uma carreira literária de grande sucesso. Ao longo de sua vida, tornou-se um dos escritores brasileiros mais famosos e traduzidos de todos os tempos, sendo adaptado para cinema, teatro e televisão em diversas ocasiões.

Capitães da Areia - A obra

A obra *Capitães da areia* é ambientada em Salvador, capital do estado da Bahia, escrita pelo baiano Jorge Amado, e publicada na primeira metade do século XX, às vésperas



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

da decretação do Estado Novo, em 1937. A narrativa do livro traz em seu interior personagens fortes e complexos, que retratam modos de vida de um país em plena transformação social e política na cidade de Salvador. Trata-se do romance moderno de denúncia social, com o tema centrado na miséria dos meninos de rua.

A narrativa é cunho social, neorrealista, sendo o sexto livro escrito por Jorge Amado ainda na sua primeira fase, em que predomina o gosto pelas questões políticas e sociais. Constitui-se em um romance urbano que, de forma discreta e inovadora, denunciou a vida dos meninos de rua e os maus tratos que tinham nos reformatórios, discorrendo também sobre outros temas proibidos e modernos para época, como o Comunismo, a intolerância, a religião afro-brasileira, a capoeira e o homossexualismo, denunciando o abuso do poder público quanto às estas questões.

O título *Capitães da areia* faz referência ao bando de meninos, os Capitães. O texto descreve com muito realismo o trapiche, o lugar onde dormiam:

Aos poucos, lentamente, a areia foi conquistando a frente do trapiche. Não mais atracaram na sua ponte os veleiros que iam partir carregados. Não mais trabalharam ali os negros musculosos que vieram da escravatura. Não mais cantou na velha ponte uma canção um marinheiro nostálgico. A areia se estendeu muito alva em frente ao 39 trapiche. E nunca mais encheram de fardos, de sacos, de caixões o imenso casarão. Ficou abandonado em meio ao areal, mancha negra na brancura do cais [...] Seria bem melhor dormida que a pura areia, que as pontes dos demais trapiches onde por vezes a água subiu tanto que ameaçava levá-los. E desde essa noite uma grande parte dos capitães da areia dormia no velho trapiche abandonado, em companhia dos ratos, sob a lua amarela. (Amado, 2008, p. 28).

Esse era o espaço de dormida das crianças, retratando a falta de conforto e de melhores condições para servir de leito para crianças que viviam na rua. O trapiche é apenas mais um ambiente onde a personalidade dessas crianças vai sendo moldada, à luz de um



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

contexto duro e de abandono pelo Estado, representante maior do poder e dos direitos assegurados.

Dessa perspectiva, a obra apresenta o cotidiano e as peripécias dos menores em situação de risco e de abandono, bem como a violação aos seus direitos e garantias. Grande parte da história acontece no mercado, uma das importantes aglomerações comerciais. Ali, os meninos de rua pediam dinheiro para comer ou roubavam os que passavam. Por esse motivo, sua linguagem, muitas vezes, é informal (coloquial) reunindo traços de oralidade.

O foco está nos personagens que o compõem, apresentando as reflexões e ações dos meninos abandonados, com inúmeras situações complexas e cheia de denúncia social dentro do texto. Aqui, os oprimidos são heróis. O próprio nome da obra revela essa característica, afinal eles são “Capitães”.

O romance de Jorge Amado está dividido em três momentos: Primeira Parte: composta de onze capítulos, com o título “Sob a lua, num velho trapiche abandonado”. Segunda Parte: composta de oito capítulos, com o título “Noite da Grande Paz, da Grande Paz dos teus olhos”. Terceira Parte: composta de oito capítulos, com o título “Canção da Bahia, Canção da Liberdade”.

No decorrer da obra, Amado apresenta seus personagens com suas variadas características: o bravo, o bom, o sábio, o malvado, o coxo, o elegante, o malandro, o religioso, o aspirante a cangaceiro, a Mãe/Irmã. Além deles, há também outros que davam apoio ao grupo, como o Querido-de-Deus, a Don'Aninha, o João de Adão e o Padre José Pedro (Amado, 2009).

A obra não possui um personagem principal. Para indicar um protagonista, o mais apropriado seria apontar o conjunto do bando, ou seja, os *Capitães da Areia* como grupo. Isso porque as ações não giram em torno de um ou de outro personagem, mas ao redor de todos. Pedro Bala, o líder do bando, não é mais importante para o enredo do que, por



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

exemplo, o Sem-Pernas ou o Gato. Pode-se dizer que ele é o líder do bando, mas não lidera o eixo do romance. Daí a ideia de que o protagonista é o elemento coletivo, e cada membro do grupo funciona como parte da personalidade, uma faceta desse organismo maior que forma os Capitães.

Personagens e suas ações

A obra retrata personagens que protagonizam roubos, furtos e outras ações transgressoras, representando essencial o contexto de um mundo marcado pela exclusão social, cultural e educacional. A minoria e os grupos marginalizados da sociedade são destacados de forma a evidenciar os contrastes presentes na sociedade brasileira, delineando habilmente as disparidades sociais e culturais.

O grupo é constituído por meninos cujos nomes não são revelados na trama; isto é, as personagens são referenciadas por apelidos: Pedro Bala, o ágil e valente chefe; Sem Pernas, que tinha o defeito em uma das pernas e se aproveitava da situação; Professor, o mentor; João Grande, a força; Volta Seca, a vingança; Boa Vida, o descanso e compositor; Gato, a esperteza malandra.

O coletivo conhecido como *Capitães da Areia* é composto por cerca de cem crianças, cujas idades variam entre 8 e 16 anos, cada uma delas carregando histórias de vida singulares e habitando num trapiche abandonado no cais. Ao longo do dia, dispersam-se ao explorar as ladeiras da cidade alta, detêm o controle de suas vidas com uma liberdade singular, conhecendo cada rincão, beco e passagens menos conhecidas para muitos, assumindo o domínio da cidade. À noite, regressam ao trapiche, tumultuando o ambiente ao se deitarem no tablado, compartilhando em alta voz as aventuras do dia.

Cada personagem exibe uma personalidade única e alimenta aspirações distintas. A



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

maioria, do sexo masculino, é designada por apelidos que refletem características físicas ou psicológicas. Os elementos da trama podem ser categorizados como um “conjunto de personagens”, indicando que o narrador descreve a comunidade como um grupo coeso. Essa harmonia de ações revela que compartilham diversos sentimentos, como tristeza e solidão, sobretudo devido à carência de uma estrutura familiar (Moisés, 2012, p. 253).

Para começar, vale ressaltar que Pedro Bala é o único loiro do grupo, o que atrai comentários dos meninos como “esse loiro é valente como um negro!”, ou “ele é branco, mas briga como um negro”. O que leva a uma reflexão sobre o porquê de Pedro ser o único loiro e ser o chefe, já que nenhum detalhe, na literatura, é em vão.

Dentro do grupo dos *Capitães da Areia*, emerge um líder que guia todas as decisões dos companheiros e os ajuda a evitar conflitos. Pedro Bala ocupa essa posição, ascendendo à liderança ao derrotar o mulato Raimundo, anterior detentor do cargo, em um confronto que deixa marcas em seu rosto. Sem conhecer a identidade de sua mãe e com seu pai, conhecido como Loiro (Raimundo), falecido durante uma greve liderada por doqueiros no porto, na qual foi morto por policiais. Pedro é reconhecido por todos no grupo como um líder eficiente, sendo através de sua liderança que a fama dos *Capitães da Areia* se espalhou por toda a Bahia, como é evidenciado no trecho a seguir.

Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala à chefia, e foi dessa época que a cidade começou a ouvir falar nos capitães da areia, crianças abandonadas que viviam do furto. Nunca Ninguém soube o número exato de meninos que assim viviam. Eram bem uns cem, e destes mais de quarenta dormiam nas ruínas do velho trapiche. (Amado, 2009, p. 27).

Embora não esteja presente em todas as cenas da trama, Pedro Bala desempenha o papel de linha condutora na narrativa, conferindo um caráter coeso aos diferentes episódios



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

apresentados. Ao longo da história, nutre o desejo de ser agente revolucionário e, no desfecho, concretizar esse anseio ao tornar-se líder sindical, seguindo o exemplo de seu pai.

Pedro Bala olhou mais uma vez os homens que nas docas carregavam fardos para o navio holandês. Nas largas costas negras e mestiças brilhavam gotas de suor. Os pescoços musculosos iam curvados sob os fardos. E os guindastes rodavam ruidosamente. Um dia iria fazer uma greve como seu pai... Lutar pelo direito... Um dia um homem assim como João de Adão poderia contar a outros meninos na porta das docas a sua história, como contavam a de seu pai. Seus olhos tinham um intenso brilho na noite recém-chegada. (Amado, 2009. p. 88).

Dessa forma, há também outros personagens igualmente fascinantes, como o Professor, espécie de intelectual do grupo, sendo o único entre eles que sabe ler, possui montanhas de livros roubados das bibliotecas, que considera seu tesouro. Apesar de não ter estudo formal, demonstra uma compreensão profunda da miséria em que os meninos vivem. Ao longo da obra, reflete sobre os momentos que compartilham e revela uma sensibilidade aguçada, mesmo aos seus catorze anos e em meio à sua própria adversidade. Ao longo de todo o romance, seu nome, João José, é absorvido por um epíteto que se torna parte do imaginário coletivo: Professor.

João José, o Professor, desde o dia em que furtara um livro de histórias numa estante de uma casa da Barra, se tornara perito nestes furtos. Nunca, porém, vendia os livros, que ia empilhando num canto do trapiche, sob tijolos, para que os ratos não os roessem. Lia-os todos numa ânsia que era quase febre. Gostava de saber coisas e era ele quem, muitas noites, contava aos outros histórias de aventureiros, de homens do mar, de personagens heróicos e lendários, histórias que faziam aqueles olhos vivos se espicharem para o mar ou para as misteriosas ladeiras da cidade, numa ânsia de aventuras e de heroísmo. João José era o único que lia correntemente entre eles e, no entanto, só estivera na escola ano e meio. Mas o treino diário da leitura despertara completamente sua imaginação e



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

talvez fosse ele o único que tivesse uma certa consciência do heróico de suas vidas. (Amado, 2008, p. 32).

O personagem Pirulito se destaca pelo seu profundo amor pela religião, por Deus e Jesus Cristo, reservado e só se envolve nas questões do grupo quando é estritamente necessário, já que constantemente faz promessas aos santos de que abandonará sua vida atual para se dedicar exclusivamente a Deus. Seu grande sonho é ingressar em um seminário e se tornar padre.

Depois vai o Sem-Pernas. Vai calado, uma estranha comoção o possui. Vai como um crente para uma missa, um amante para o seio 23 da mulher amada, um suicida para a morte. Vai pálido e coxeia. Monta um cavalo azul que tem estrelas pintadas no lombo de madeira. Os lábios estão apertados, seus ouvidos não ouvem a música da pianola. Só vê as luzes que giram com ele e prende em si a certeza de que está num carrossel, girando num cavalo como todos aqueles meninos que têm pai e mãe, e uma casa e quem os beije e quem os ame. Pensa que é um deles e fecha os olhos para guardar melhor esta certeza. Já não vê os soldados que o surraram, o homem de colete que ria. Volta Seca os matou na sua corrida. O SemPernas vai teso ao seu cavalo. É como se corresse sobre o mar para as estrelas, na mais maravilhosa viagem do mundo. Uma viagem como o professor nunca leu nem inventou. Seu coração bate tanto, tanto, que ele o aperta com a mão. (Amado, 2008, p. 70).

Sem-Pernas contrasta com os outros membros do grupo. Enquanto estes muitas vezes demonstram esperança de escapar da situação em que se encontram, buscando uma vida melhor no futuro é algo que os motive a continuar vivendo, Sem-Pernas permanece imerso em sua amargura e revolta diante do abandono e da carência que enfrenta. O personagem não sorri, não demonstra afeto pelos outros e frequentemente se envolve em provocações com seus companheiros, como se desrespeitar alguém na mesma condição que a sua aliviasse seu sofrimento pessoal.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O ponto crucial da obra é a chegada de Dora à vida desses meninos. Para alguns, ela representa uma amiga nunca antes experimentada, para outros é uma mãe cujo colo e carinho nunca conheceram, e para Pedro Bala e Professor, ela simboliza a noiva que Pedro teve e que o Professor desejou. A presença de Dora abala as estruturas do grupo, desafiando suas leis e regras, e tudo se desestabiliza diante da influência feminina que passa a dominá-los.

Dora foi privada de seus direitos de forma abrangente, com sua infância comprometida e seu desenvolvimento mental e psicológico prejudicado por um sistema em que o poder público parece inerte e a sociedade indiferente à situação de abandono das chamadas “crianças ladronas”. Mesmo considerando seus atos infracionais, é crucial não esquecer que essas crianças são vítimas de uma ordem excludente.

No contexto da trama, a personagem Dora é retratada como uma jovem mulher, com cerca de 13 a 14 anos de idade, órfã e negra, lutando pela sobrevivência própria e de seu irmão mais novo, Zé Fuinha, após a morte dos pais em decorrência da varíola. Embora a personagem seja representada como uma figura feminina emancipada, é evidente na trama a presença de indícios de machismo nas atitudes dos Capitães. Desde o início, Dora demonstra grande coragem, enfrentando uma espécie de teste ao entrar no trapiche, mas persiste em permanecer lá.

entraram no trapiche meio desconfiados. João Grande arriou Zé Fuinha no chão, ficou parado, esperando que o Professor e Dora entrassem. Foram todos para o canto do Professor, que acendeu a vela [...]

Professor se adiantou:

– Tava com fome. Ela e o irmão. A bexiga matou o pai e a mãe... Boa-Vida riu um riso largo. Empinou o corpo:

– É um peixão... Sem-Pernas riu seu riso burlão, apontou os outros:

– Tá tudo como urubu em cima da carniça... Dora se chegou para junto de Zé Fuinha, que acordara e tremia de medo. Uma voz disse entre os meninos:

– Professor, tu tá pensando que a comida é só pra tu e pra João Grande?

- 578 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Deixa pra nós também... (Amado, 2009, p. 170) .

Dora representa a presença feminina na obra, assumindo a responsabilidade de cuidar de seu irmão e adotando precocemente o papel de uma adulta. Ao ingressar no grupo, passa a ser vista como uma espécie de mãe de todas aquelas crianças, já que muitas estavam na mesma condição; órfãs.

O autor retrata a vida astuta e descompromissada dos malandros por meio de dois personagens distintos, Gato e Boa-Vida. Gato, elegante e conquistador, está sempre envolvido em artimanhas com cartas de baralho, frequentando o ambiente das prostitutas e apaixonando-se por uma delas, chamada Dalva.

Por outro lado, Boa-Vida, conforme a descrição do autor, não é alguém que se esforça muito na vida. Ele prefere deixar as coisas fluírem sem muita preocupação. Segundo Amado (2009, p. 69), “Comia na casa de um, ou de outro. Em geral não aborrecia a nenhum”. Boa-Vida é um malandro que aprecia estar nas rodas de samba, apenas roubando quando suas roupas estão tão gastas que rasgam no corpo. Vive uma vida boêmia, comendo e entoando sambas nas rodas.

Amado apresenta Volta Seca, o indivíduo com um ódio peculiar pelas autoridades, afirmando ser afilhado de Lampião. Ele chega ao trapiche após perder a mãe na travessia do sertão, trazendo consigo uma obsessão pelo cangaço. Seu desejo é tornar-se cangaceiro como seu padrinho, acompanhando todas as notícias do cangaço através dos jornais lidos pelo Professor. No desfecho da narrativa, realiza seu intento ao unir-se ao grupo de Lampião, transformando-se em um cangaceiro cruel e temido. Eventualmente, é capturado pela polícia e submetido a julgamento.

O personagem Querido-de-Deus, admirado por todos do trapiche, ensinava aos Capitães a arte da capoeira, proveniente dos povos africanos. O autor também menciona João



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

de Adão, uma figura de grande influência nas reflexões e decisões de Pedro Bala. João de Adão, estivador negro e forte, antigo grevista e amigo do pai de Pedro Bala, foi companheiro nas greves. Jorge Amado delineia os caminhos de seus personagens, suas conquistas e desilusões, transmitindo uma mensagem ideológica aos leitores, conforme afirmado por Eduardo de Assis Duarte (1996).

O romance amadiano volta-se para a base do edifício social e joga luz sobre suas margens e desvãos, para ali descobrir/construir o humano. O que se vê tensionado é o drama de seres a princípio incompletos, irrealizados enquanto cidadãos, mas que saem -ousam sair -para enfrentar a adversidade provinda de uma estrutura econômica, política e ideológica herdada do passado colonial. Mais que isto: seres que realizam nesse enfrentamento a sua formação como agentes sociais. (Duarte, 1996, p. 114).

O autor enfatiza que Jorge Amado coloca seus personagens incompletos e irrealizados enquanto cidadãos, mas que vão crescendo ideologicamente dentro da narrativa, tornando-se seres agentes sociais, que buscam mudar o meio no qual vivem (Amado, 2009, p. 163). Dora leva para o trapiche a presença feminina, presença esta, que faltava na vida dos Capitães, com carinho e atenção até então nunca recebido pelas crianças. Quando ganha a confiança do chefe, torna-se a primeira “Capitães da Areia”.

Crítica social e contexto político.

O romancista se empenha totalmente em sua prosa, buscando revelar tudo o que está por trás das questões político-sociais com as quais se identifica. O escritor preocupava-se com o meio social, dedicando atenção especial às classes subalternas e concedendo voz aos personagens que vivem à margem da sociedade.

Jorge Amado estabelece o paralelo entre sua obra de romance e a realidade



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

histórica do momento. Apesar de conter elementos ficcionais, o romance também nos apresenta as conjunturas da década de 1930, pois Amado constrói sua ficção a partir de suas próprias experiências. Isso corrobora os estudos historiográficos do período, permitindo-nos a perceber elementos sociais e problemas da sociedade.

A obra é caracterizada por realismo social, que retrata de forma crua e honesta as condições de vida dos meninos de rua em Salvador. Apresenta uma visão realista dos problemas sociais, econômicos e políticos da época, proporcionando a representação das camadas marginalizadas e oprimidas da sociedade.

Dessa maneira, corajosamente através de sua escrita denunciou as mazelas social ao escrever pela primeira vez em um romance, a situação do menor abandonado, no decorrer da narrativa o abandono é enfatizado em todos os capítulos, seja através da reflexão dos garotos, dos adultos que os cercam ou ainda pelos sutis comentários do autor.

Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. Mas, no entanto, eram bons, uns eram amigos dos outros. Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa, nem pai, nem mãe, a vida deles era uma vida sem ter comida certa e dormindo num casarão quase sem teto. Se não fizessem tudo aquilo morreriam de fome, porque eram raras as casas que davam de comer a um, de vestir a outro. E nem toda a cidade poderia dar a todos (Amado, 2009, p. 106).

Em *Capitães da Areia*, o foco central recai sobre as crianças baianas, destacando a marginalização enfrentada pela juventude abandonada. Essa obra levanta importantes reflexões sobre como a desigualdade social da época impactava a vida das minorias e dos grupos excluídos, especialmente devido à divisão de classes e à negligência estatal evidenciada no contexto narrado

É notável que a denúncia social feita por Jorge Amado, causou polêmica por



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

evidenciar a questão da criança pobre e abandonada. O autor tece uma crítica objetiva e detalhada, demonstrando que a sociedade é coadjuvante no que leva essas crianças ao crime e à marginalidade. A história em questão revela o proletariado, a camada oprimida da sociedade, cujo destino de cada membro do grupo é mostrado, exemplificando a força, a resistência e a necessidade de união por questão de sobrevivência.

Naquela época, a Bahia enfrentava epidemias, como a varíola, e os pobres, sem recursos para pagar pela vacina, acabavam sucumbindo, como aconteceu com os pais de Dora. Dora, uma jovem de 13 anos, viu-se órfã e sem um lugar para ir depois da morte dos pais. Foi então que um dos Capitães a convidou para passar a noite no trapiche.

Segundo Cereja e Magalhães (2003), durante o governo de Getúlio Vargas, conhecido como Estado Novo, Jorge Amado escreveu o romance *Capitães da Areia*. Esse período sócio-político foi caracterizado por tensões, perseguições e prisões frequentes, refletindo o contexto econômico e político do Brasil e do mundo no início da década de 1930. Esses eventos incluem a crise de 1929, a crise na indústria cafeeira, a Revolução de 30, a Intentona Comunista de 1935, o Estado Novo de 1937-1945, a ascensão do nazismo e do fascismo, bem como a luta contra o socialismo, além da Segunda Guerra Mundial de 1939-1945. Diante desse cenário, os artistas eram instigados a produzir uma arte engajada, com uma clara inclinação para a militância política.

Após o término da República Velha, adentra-se na Era Vargas, que marcou o surgimento de uma nova concepção de Estado e uma reconfiguração social nos centros urbanos do país. A partir dos anos 1930, o Brasil iniciou um processo de industrialização e modernização estatal, buscando redefinir sua posição na economia global após a crise de 1929.

O autor enfatiza, assim, a preocupação constante que sempre manteve com as questões humanas, sociais e culturais, tanto as de natureza socioeconômica quanto as



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

ideológicas, em suas obras. Dessa forma, Amado suaviza o aspecto “proletário” presente em muitas de suas obras, concentrando-se naquelas que melhor se alinhavam com seu entendimento mais recente de seu papel como intelectual e da função que lhe é atribuída. De acordo com essa perspectiva, Amado definiu sua trajetória intelectual e sua produção literária da seguinte maneira:

A minha literatura é toda ela, do primeiro livro até ao último publicado, [...], uma visão do povo brasileiro, colocando-se o autor de acordo com o ponto de vista do povo, contra os seus inimigos. [...] No decorrer do meu amadurecimento como escritor, essa unidade adquiriu esta ou aquela característica mais sensível. Nos meus primeiros livros busquei reforçar a ação através do panfleto político e do discurso doutrinário acentuando a existência dos problemas sociais expondo soluções. Nos últimos livros, a existência dos problemas sociais, os conflitos políticos, a conotação doutrinária resulta tão somente da ação descrita e não do panfleto e discurso, o que significa um avanço, seja na qualidade literária, seja, inclusive na condição de engajamento de minha literatura. Ademais, um novo elemento da luta, o riso, somou-se aos anteriores, arma poderosa. (Amado, 1973 p.25).

A desigualdade econômica e a comunidade improvisada dos Capitães tornam-se metáforas visíveis da estratificação social, destacando a profunda divisão entre classes na sociedade brasileira. A presença autoritária do governo de Getúlio Vargas permeia o enredo, refletindo-se na constante repressão policial. Além disso, o livro sutilmente sugere um ambiente de tensão política, indicando a possibilidade de movimentos sociais implícitos.

Contexto político e luta de classes na época

Esta obra de Jorge Amado é uma saga literária que nos conduz ao coração de uma Salvador decadente da década de 1930, imersa em um contexto político, social e econômico



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

extremamente conturbado. Na esteira da Revolução de 1930, que marca o fim da República Velha e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, o Brasil vivencia profundas transformações.

Essas mudanças estão permeadas por tensões políticas e sociais que ecoam por todas as camadas da sociedade. Uma citação emblemática que reflete a luta de classe e as condições adversas enfrentadas pelos protagonistas pode ser encontrada logo no início da obra:

Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas (Amado, 2009. p. 22).

Em meio a esse cenário de mudanças, acompanhamos a trajetória dos *Capitães da Areia*, um grupo de crianças e adolescentes marginalizados que encontram nas ruas de Salvador seu único refúgio. Desamparados, esses jovens enfrentam condições de vida extremamente precárias, em que a saúde é um bem escasso e a violência é uma realidade cotidiana. A falta de acesso a serviços médicos adequados, aliada à insalubridade das ruas e à escassez de alimentos, coloca-os em constante risco de doenças e ferimentos.

A luta de classe é um elemento central na narrativa, destacando a profunda divisão entre os que detêm o poder e os que estão à margem da sociedade. A obra representa os excluídos, os esquecidos, os que são invisíveis aos olhos da elite dominante. Enquanto os poderosos desfrutam de privilégios e conforto, esses jovens são deixados à própria sorte, relegados a uma existência de miséria e marginalização.

O personagem Pedro Bala, junto com os outros garotos, supera quando são conscientizados das injustiças sociais ao seu redor e lutam por condições melhores, Pedro Bala sente-se atraído pelo movimento dos grevistas na cidade. Amado revela a luta dos pobres frente à desigualdade social ao falar dos grevistas, reivindicando respeito à religião e

- 584 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

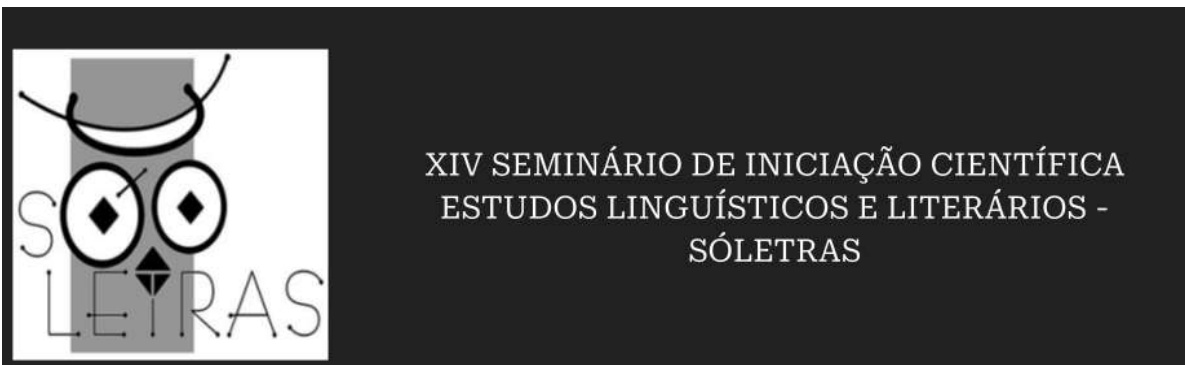
dignidade humana, liderada pelo personagem.

A revolução chama Pedro Bala como Deus chamava Pirulito nas noites do trapiche [...]. A voz o chama. Uma voz que o alegra, que faz bater seu coração. Ajudar a mudar o destino de todos os pobres. Uma voz que atravessa a cidade, que parece vir dos atabaques que ressoam nas macumbas da religião ilegal dos negros. Uma voz que vem com o ruído dos bondes onde vão os condutores e motoqueiros grevistas. Uma voz que vem do cais, do peito dos estivadores, de João de Adão, de seu pai morrendo num comício, dos marinheiros dos navios, dos saveiristas e dos canoeiros (Amado, 2009, p. 258).

A obra de Jorge Amado não apenas retrata a realidade brutal enfrentada pelos mais pobres, mas também lança um olhar crítico sobre as estruturas de poder que perpetuam essa desigualdade. O autor denuncia a exploração dos trabalhadores, a opressão das classes mais baixas e a indiferença das autoridades em relação ao sofrimento dos mais vulneráveis.

Ao mesmo tempo, *Capitães da Areia* também é uma história de resistência e solidariedade. Apesar de todas as adversidades, esses jovens encontram força uns nos outros, formando uma espécie de família alternativa onde compartilham seus sonhos, medos e esperanças. Eles se unem em torno de um objetivo comum: sobreviver em um mundo que parece conspirar contra eles.

Assim, a narrativa transcende seu contexto histórico específico para se tornar uma poderosa reflexão sobre as injustiças sociais e as lutas por dignidade e justiça. A obra continua a ressoar com o leitor contemporâneo, lembrando-nos da urgência de enfrentar as desigualdades que ainda persistem em nossa sociedade e de lutar por um mundo mais justo e humano.



Conclusão

Apesar de ter sido publicada em tempos de outrora, *Capitães da Areia* pode ser considerada, na contemporaneidade, o reflexo de uma realidade ainda existente no Brasil. Ao longo deste trabalho, buscamos analisar a obra de Jorge Amado, explorando seus principais aspectos, personagens e temáticas, e destacando sua relevância como crítica social, ao cenário político e social da época.

Inicialmente, ao examinarmos os personagens complexos e multifacetados criados por Jorge Amado, pudemos compreender não apenas suas características individuais, mas também sua representatividade como símbolos de uma realidade social e política específica.

A obra emerge como figuras emblemáticas de uma juventude marginalizada, abandonada à própria sorte em meio à pobreza, à violência e à falta de oportunidades. Por meio de suas histórias pessoais, somos confrontados com as injustiças e desigualdades que permeiam a sociedade brasileira daquela época.

Através da descrição das condições precárias de vida dos meninos de rua, da falta de acesso a serviços médicos adequados e da violência institucionalizada, o autor lança olhar crítico sobre as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade e a marginalização.

Por meio da representação vívida e comovente da vida dos marginalizados, Jorge Amado nos convida à reflexão sobre questões fundamentais de justiça, solidariedade e humanidade. Sua obra continua a ressoar com o leitor contemporâneo, lembrando-nos da importância de enfrentarmos as injustiças sociais e de lutarmos por um mundo mais justo e igualitário. Assim, podemos concluir que os objetivos propostos foram alcançados com êxito, e que *Capitães da Areia* mantém-se atemporal e relevante em nossa compreensão do mundo e de nós mesmos.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Referências

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

AMADO, Jorge. **Apud “Jorge Amado por ele próprio”**. Eva. Lisboa. Setembro de 1973.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: Linguagens (volume único)**. São Paulo: Atual, 2003.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

MOISÉS, Massaud. **A análise Literária**. 18ªed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

FALAS CISTEMÁTICAS: A LINGUAGEM NEUTRA NUMA PERSPECTIVA DE NÃO BINARIDADE DE GÊNERO

Izak Noah Cruz de Araújo (G-CLCA-UENP/CJ)
Fernando Moreno da Silva (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: este estudo é sobre a linguagem neutra numa perspectiva de não binaridade de gênero. Esse debate é visto como um desrespeito à língua portuguesa e uma imposição da “ideologia de gênero”; tal afirmação é usada para disseminar preconceito contra a comunidade trans, pois se opõe ao pensamento pregado no cristianismo. O objetivo geral da pesquisa é apresentar, com base na linguística, argumentos que defendam a validade da linguagem neutra no contexto social, tendo como principal foco a perspectiva da não binaridade de gênero. A metodologia utilizada foi a pesquisa teórica-empírica exploratória de natureza básica, com abordagem quanti-qualitativa, a partir do método hipotético-dedutivo, com análise funcionalista e transformação da pesquisa de campo em dados estatísticos; a pesquisa foi realizada por meio de levantamento bibliográfico e coleta de dados por survey. Espera-se por este trabalho que a linguagem neutra possa ser vista através de um olhar inclusivo, visto que a sua existência não extinguirá os padrões atuais da língua portuguesa, apenas torná-la-á mais abrangente em sua composição e discurso.

Palavras-chave: Linguagem Neutra. Linguística. Transgeneridade.

Introdução

O século XXI é marcado pela ascensão dos movimentos sociais no Brasil. Hoje, se analisarmos o número de legislações, projetos e associações criados em prol de direitos de grupos minoritários, bem como a visibilidade que possuem a partir da mídia e obras artísticas, deparamo-nos com uma sociedade, teoricamente, igualitária. Do mesmo modo, o movimento LGBTIA+ tem se destacado, deixando de ser considerado um transtorno mental e tornando-se símbolo de orgulho e resistência; a transgeneridade, em específico, embora tenha conquistado alguns direitos básicos muito recentemente, também tem se destacado.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Transgênero (ou simplesmente trans) é o termo usado para se referir às pessoas que não se identificam com o gênero atribuído ao nascimento a partir de seus órgãos sexuais; além disso, essa identificação vai além do sistema binário imposto socialmente – masculino e feminino –, o que chamamos de não binário. Para melhor elucidar, o sistema binário de gênero é composto apenas pela figura masculina e feminina, homem e mulher; já uma pessoa não binária não se identifica por esses extremos (homem e mulher), existindo uma grande variedade de maneiras de se enxergar. Em resumo, essas variações podem ser: parcialmente masculino/feminino, neutro, agênero ou bigênero.

Desse modo, o senso comum nos leva a questionar como se referir ou chamar uma pessoa que não é nem homem, nem mulher. Primeiramente, é fundamental ressaltar que ser uma pessoa trans é algo individual: não existem regras a serem seguidas, passo a passo ou manual de instruções, pois o fato de uma pessoa trans existir já é uma transgressão de regras. A forma de tratamento também é algo individual, mas existe um sistema em específico que tem gerado polêmicas, que é a linguagem neutra ou não binária; essa refere-se a um “padrão gramatical” em que as palavras que variam em desinência de gênero são alteradas para outros sufixos que não deem um gênero à palavra.

O princípio do debate da língua portuguesa ser sexista vem desde o movimento feminista, já que a neutralização do discurso ocorre quando o período é concordado ao masculino. Butler (2003) apresenta que a língua enaltece a existência do homem como sujeito ao usar o gênero masculino para se referir de maneira geral, diferente da mulher; a autora também afirmou, a partir do pensamento de Witting, que a linguagem é misógina em sua aplicação, o que afirma a teoria de não existir uma “escrita feminista”, bem como elucidou a ideia de Irigaray que a única forma de não existir marcações de gênero na língua seria se surgisse uma nova linguagem.

Embora essa discussão seja antiga, ainda na atualidade é vista como um desrespeito



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

à língua portuguesa e a imposição de uma “ideologia de gênero”, como sugerem os grupos extremistas; tal afirmação é usada como embasamento para disseminar preconceito contra a comunidade trans, pois se opõe ao pensamento pregado no cristianismo de que o ser humano é imagem semelhante de Deus. A proposta da linguagem neutra não serve para derrubar a gramática normativa vigente ou influenciar crianças e adolescentes a serem transgêneros (apesar de tais características serem impossíveis de pré-determinar ou influenciar), mas sim de garantir que transgêneros não binários possam ter o direito básico de serem respeitados e representados na língua.

Essa pesquisa se justifica porque a luta de uma pessoa trans por direitos básicos é diária, inclusive a de ser tratada pelo nome e pronomes que condizem com a sua identidade de gênero. Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), o Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo desde 2009, com 131 assassinatos e 20 suicídios em 2022; além disso, cerca de 0,1% da população trans tem acesso ao ensino superior – resultado da evasão escolar, que resulta em inúmeras pessoas com ensino básico incompleto – e 90% das mulheres trans tem a prostituição como fonte de renda. A transfobia segrega, discrimina e mata, direta e indiretamente.

O objetivo geral deste trabalho é apresentar, com base na linguística, argumentos que defendam a validade da linguagem neutra no contexto social, tendo como principal foco a perspectiva da não binaridade de gênero, tendo como objetivos específicos: analisar a evolução, mudanças e transformações do gênero neutro latino até a língua portuguesa atual; expor conceitos e reflexões sobre gênero e sexualidade por estudiosos da teoria queer e relacionar com a transfobia linguística; explicar o que constitui a linguagem neutra e sua visão inclusiva; e coletar dados, opiniões e informações de diferentes públicos-alvo sobre a linguagem neutra, sobretudo de pessoas trans e profissionais de letras.

Para esse trabalho, optou-se por uma pesquisa teórica-empírica, visando explicar



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

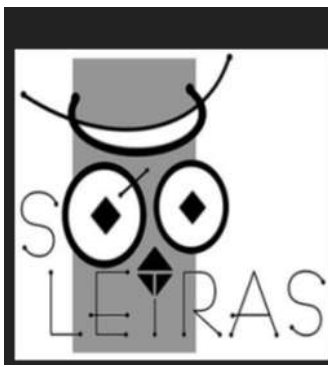
conceitos fundamentais para o entendimento do tema antes de adentrar aos dados coletados, com objetivo exploratório, abordagem quanti-qualitativa e de natureza básica. Por meio do método hipotético-dedutivo, analisaremos o contexto histórico da evolução da língua portuguesa desde a língua latina, com uma análise funcionalista dos fatos e transformação da pesquisa de campo em dados estatísticos. Esta será uma pesquisa de caráter bibliográfico e de levantamento de dado, a partir de uma pesquisa com *survey*.

O latim e a neutralidade do discurso

O estudo da língua latina desempenha um papel fundamental na compreensão do processo de formação da língua portuguesa e suas evoluções ao longo do tempo. Através do estudo da língua latina, é possível identificar e compreender os elementos linguísticos que foram adotados, adaptados e transformados ao longo do processo de romanização da Península Ibérica. Além disso, a análise das estruturas gramaticais, vocabulário e padrões fonéticos do latim permite uma compreensão mais profunda das raízes etimológicas das palavras portuguesas e das mudanças fonológicas e morfológicas que ocorreram durante a sua evolução.

O neutro na língua latina é estudado na morfologia ao analisar as categorias de gênero, número e caso. Segundo Faria (1958) o gênero neutro serve para definir palavras que não são nem femininas, nem masculinas, como o próprio nome diz – *neuter*, que significa “nem um, nem outro”. A questão do gênero da palavra no latim não está diretamente ligada ao caráter biológico da coisa denominada, visto que muitos seres e objetos inanimados também podem assumir o gênero gramatical feminino ou masculino, ou, ainda, a sua forma, pois palavras com a mesma forma podem pertencer a gêneros gramaticais diferentes.

Desse modo, compreendendo que qualquer palavra em latim pode assumir qualquer



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

gênero, independente se trata de seres animados ou inanimados, “o gênero gramatical é uma simples relação que une o substantivo ao adjetivo que a ele se refere, sendo, pois, a concordância deste adjetivo que determina com precisão e clareza o gênero gramatical do substantivo” (Faria, 1958, p. 57).

Das categorias da língua latina, a de gênero é a menos lógica e mais inesperada, pois espera-se que seja feita relacionada ao gênero natural, ao contrário de como realmente é dividido. A princípio, seres animados recebiam o gênero masculino ou feminino e o neutro era atribuído a seres inanimados e coisas; no entanto, como citado anteriormente, em algumas declinações, podem haver exceções (Faria, 1958).

Tratando da língua portuguesa, originária da língua latina, muitos traços do latim estão presentes hoje no português. Resumidamente, a origem da língua portuguesa ocorreu porque vários povos passaram pela Europa, mais especificamente pelas regiões de Portugal e Espanha, espalhando o latim pelo continente; com a propagação da língua latina, somada a grande variedade dialética dos povos que viveram nessas regiões, a língua foi progressivamente se delineando até chegar ao que conhecemos hoje como a língua portuguesa (Silva, 2010). No entanto, nesta transição, o gênero neutro desapareceu da língua, conforme explicado por Bagno (2007, p. 30)

É provável que no indo-europeu primitivo o gênero gramatical dos nomes se fundamentasse no sexo biológico real. Por isso, os seres inanimados eram do gênero neutro (*neuter*, “nem um nem outro”). Essa distinção, no entanto, logo perdeu todo vínculo com a realidade objetiva e o gênero se tornou uma categoria exclusivamente gramatical e, portanto, arbitrária. [...]. Na transformação do latim nas línguas românicas, o gênero neutro foi desaparecendo e hoje é possível dizer que, nelas, deixou de existir como categoria gramatical.

Em suma, o gênero neutro foi desaparecendo da língua latina e, conseqüentemente,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

da língua portuguesa, por não haver uma necessidade de uso. No entanto, considerando o contexto atual e os debates sobre não binaridade, retorna-se à necessidade de uso, visto que ser não binário pode incluir a inexistência ou não identificação com o feminino ou masculino. A questão principal para esse retorno não ser aceito no século XXI é a ligação direta com a comunidade trans, um dos grupos minoritários mais excluídos socialmente e hostilizado.

Transgeneridade: ultrapassando os limites do binarismo

Para melhor contextualizar, é fundamental ter em mente os conceitos de sexo biológico e identidade de gênero. O sexo biológico diz respeito às características físicas, hormonais, cromossômicas e sexuais que definem se um indivíduo é do sexo masculino, feminino ou intersexo; essas definições são pautadas na questão biológica. Já a identidade de gênero tem por objetivo determinar a autopercepção de um indivíduo perante a sociedade, podendo ou não ser condizente com o seu sexo biológico. Quando estes estão alinhados, dizemos que uma pessoa é cisgênero; ao contrário, esta pessoa é transgênero.

Dentro da definição de transgeneridade, está o binarismo e o não binarismo. Ao definirmos uma pessoa como “binária”, estamos falando da autopercepção dentro do padrão esperado socialmente: homem e mulher. A pessoa não binária rompe com esse padrão, podendo identificar-se parcialmente com o gênero feminino ou masculino, com o neutro, com os dois ou com nenhum. Ao contrário do que se pensa na atualidade, conforme é citado por Simionato (2022), já foi constatada a existência de gêneros não binários etnohistóricos em povos originários e indígenas, sendo a binaridade de gênero uma imposição da colonialidade.

Compreendendo que as mudanças no uso linguístico ocorrem por influência de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

evoluções sociais (Fairclough, 2001) e tendo em mente que, hoje, as identidades trans não binárias possuem mais visibilidades que antes, podemos observar uma crescente tendência de inclusão e reconhecimento dessas identidades na linguagem cotidiana. Essas mudanças linguísticas refletem não apenas uma evolução na compreensão e aceitação das identidades de gênero não binárias, mas também um movimento em direção à criação de espaços mais inclusivos e respeitosos para todas as pessoas. Nesse sentido, é fundamental reconhecer e validar a diversidade de experiências de gênero e garantir que nossa linguagem reflita essa compreensão mais ampla e inclusiva.

Almeida (2005 apud Oliveira, 2015) elucida que o gênero neutro seria desnecessário, já que existem apenas dois sexos: masculino e feminino. No entanto, não se deve usar “sexo biológico” como um sinônimo de “gênero”, isso porque o ser homem ou mulher não está diretamente ligado ao órgão sexual que o indivíduo possui, mas sim por sua autoidentificação perante a sociedade. O gênero é uma construção social, usado para dividir a sociedade em categorias: mulheres, que nascem com vulva, tem o compromisso social de zelar pela família, criar os filhos e cuidar do lar; homens, que nascem com pênis, provêm à família, protege e é designado a trabalhos braçais. Essa visão era fortemente disseminada no século XIX, antes de existirem direitos das mulheres ou qualquer outro estudo sobre gênero e sexualidade; hoje, os conceitos de homem *versus* mulher e feminilidade *versus* masculinidade, está além de sexo biológico, porque essas regras e classificações já não são o suficiente para dizer o que uma pessoa é.

Ao analisar estudos que abordam o sexismo/machismo linguístico, percebe-se a posição de inferioridade que a mulher e o feminino ocupam perante a sociedade e o discurso. De forma comparativa, percebemos que o mesmo ocorre entre pessoas cisgênero e transgênero: a pessoa trans é colocada em posição de inferioridade social e, conseqüentemente, linguística, o que explica, superficialmente, o preconceito exacerbado



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

com as propostas de adequação da língua para trazer uma linguagem mais neutralizada, sem dar ênfase ao masculino, como é o que ocorre até os dias atuais.

Butler (2003) expõe que, para a teoria feminista, a fim de promover maior visibilidade às políticas das mulheres, o ideal seria criar uma linguagem que as valorizem ou, ao menos, represente-as de forma adequada. A autora ainda complementa, ao tratar do binarismo de gênero (2003, p. 21)

A noção binária do masculino/feminino constitui não só a estrutura exclusiva em que essa especificidade pode ser reconhecida, mas de todo modo a “especificidade” do feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros eixos de relações de poder, os quais tanto constituem a “identidade” como tornam equívoca a noção singular de identidade.

O que poucas pessoas conseguem compreender é que a língua como é hoje privilegia a condição de masculinidade ao usá-lo como alternativa de neutralizar o discurso. O que se deseja ao adotar uma linguagem neutra (seja utilizando a neolinguagem ou não) não é enfatizar ou privilegiar a comunidade trans – que é o que ocorre na configuração atual da língua em relação ao masculino –, mas sim, igualar todas as pessoas a condição de ser humano. Garcia (2021, p. 299) explica

O movimento político de uma linguagem que dê visibilidade a outros sujeitos que não estejam discursivamente representados pelo masculino genérico – e que, dentro de uma sociedade machista intensifica o efeito de que o homem, o macho, organiza e orienta a prática social que lhes oferta as melhores posições – entra no jogo discursivo e movimenta um dispositivo de política linguística e de manualização da linguagem que vai entrando em circulação por meios diversos e promovendo sentidos que, não raro, entram na confluência metalinguística e continuam reverberando entre “certo” e “errado”

- 595 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Portanto, cabe o questionamento: como pode o gênero gramatical masculino ser o gênero não marcado do discurso, ao mesmo tempo que a condição de masculinidade, mais especificamente de homens cisgêneros, seja a condição de privilégio? Percebe-se, a partir disso, um paradoxo que pouco é questionado. Essa questão é pautada por Butler (2003), que questiona qual é a melhor forma de problematizar as categorias de gênero, as quais tem por objetivo sustentar a hierarquia de gênero, considerando que “a linguagem produz a construção fictícia de ‘sexo’ que sustenta esses vários regimes de poder” (Butler, 2003, p. 10).

É importante ressaltar que as mudanças linguísticas por si só não são capazes de eliminar a transfobia e outras formas de discriminação de gênero. No entanto, elas desempenham um papel significativo na criação de um ambiente mais acolhedor e afirmativo para as pessoas trans não binárias, ao mesmo tempo em que contribuem para a construção de uma cultura mais inclusiva e equitativa. Portanto, ao reconhecermos e valorizarmos a importância da linguagem neutra na promoção da igualdade de gênero, estamos dando um passo importante em direção a uma sociedade mais justa e respeitosa.

Linguagem neutra no século XXI: barreiras e avanços

Quando se depara com a questão da identidade de gênero de um indivíduo que não se alinha a nenhuma categoria binária, surge a necessidade de explorar meios linguísticos que sejam inclusivos e respeitosos. Diante dessa situação, a linguagem neutra emerge como uma ferramenta crucial para abordar a diversidade de identidades de gênero não binárias de forma adequada. A adoção de uma linguagem neutra não apenas reconhece a existência dessas identidades fora do binário convencional, mas também promove um ambiente mais



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

inclusivo e acolhedor, no qual todas as pessoas podem se sentir representadas e respeitadas em sua individualidade.

Segundo Caê (2020), “a linguagem neutra visa se comunicar de maneira a não demarcar gênero no discurso linguístico, a fim de incluir todos os indivíduos”. Além disso, a neolinguagem não se limita à mera tentativa de neutralizar ou enriquecer a linguagem com novos elementos. Em vez disso, propõe-se uma lógica de ruptura com as estruturas da cisnormatividade, caracterizando-se como um rompimento literal com o sistema moderno colonialmente construído (Lugones, 2008 *apud* Brevilheri; Lanza; Sartorelli, 2022).

Ao debater a questão da linguagem neutra, algumas pessoas enxergam que esta vem como forma de imposição social. No estudo de Arruda (2021, p. 3), que tem por objetivo explicar por que a neolinguagem é inválida, argumenta-se que a língua portuguesa é um patrimônio cultural, não sendo esta proposta considerada um ato legítimo de representatividade. Ainda complementa dizendo

É nessa medida que se sustenta a ideia de que a língua deve ser protegida e defendida como um patrimônio, ainda que não seja palpável e sua presença se configure nas relações entre as pessoas, na leitura das obras, na produção de textos ou até mesmo nas elucubrações que fazem parte do cotidiano de todo falante. Assim, antes de tecer qualquer explanação acerca de mudanças ou não em nosso idioma, em nosso patrimônio, é preciso revisitar a história, e não a reescrever.

Em primeiro lugar, devemos deixar claro que a linguagem neutra não vem sendo proposta como uma imposição, e sim como uma possibilidade de se referir àqueles que não se identificam com o gênero masculino ou feminino. Outro ponto que deve ser analisado é que não existe nenhuma legislação que considere o idioma um patrimônio histórico, além de que mudanças na sua estrutura pode ocorrer conforme exigências do período histórico e evolução social, podendo citar, por exemplo, os neologismos; se a língua portuguesa é um

- 597 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

patrimônio, do qual devemos nos orgulhar e “defender”, qual é o sentido em usarmos palavras de outros idiomas em nosso dia a dia? A partir disso, é possível perceber que as pessoas não conhecem, de fato, o que propõe a linguagem neutra, e usam do seu preconceito para trazer uma visão exacerbada de sua estrutura.

A adoção da linguagem neutra, portanto, não é uma imposição, mas sim uma ferramenta essencial para garantir a inclusão e o respeito às diversas identidades de gênero não binárias. Contrariamente à visão de que a língua deve ser rigidamente preservada como um patrimônio intocável, a evolução da linguagem é uma característica natural e necessária da sociedade em constante mudança. A linguagem neutra não apenas reconhece a existência dessas identidades fora do binário, mas também promove um ambiente mais inclusivo e acolhedor para todos, sendo fundamental compreender que a linguagem é dinâmica e reflete as necessidades e valores de uma sociedade em evolução, e a linguagem neutra é um passo significativo em direção a uma comunicação mais respeitosa e inclusiva.

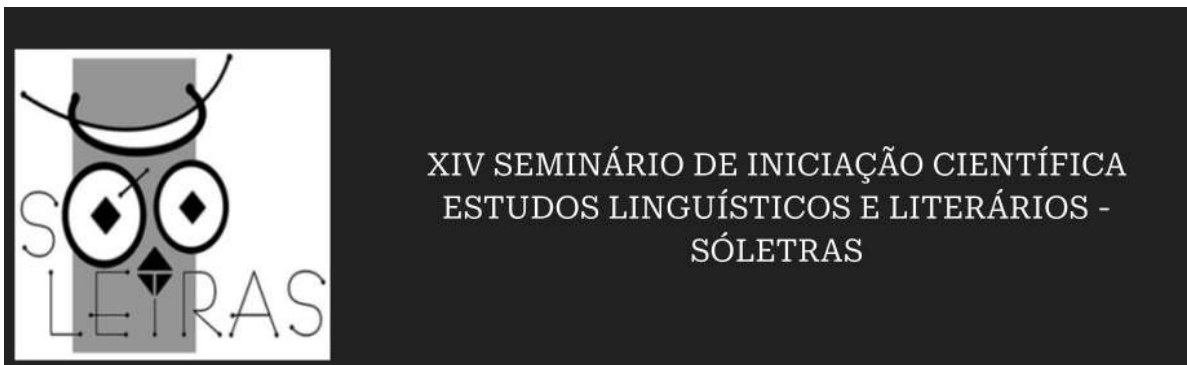
Desse modo, após compreender a proposta da linguagem neutra, é fundamental conhecermos seu funcionamento na prática. Por já termos nos acostumado com a dinâmica da língua portuguesa da forma que ela é hoje, a neolinguagem pode parecer difícil de ser aprendida, mas não é.

Para substantivos e adjetivos, a primeira regra é que toda palavra terminada pelas desinências de gênero -a ou -o, é trocado por -e; podemos citar como exemplo a palavra “linda”, que, adaptando a neolinguagem, seria “linde”.

Para palavras terminadas em -ca ou -co, é substituído por -que; nesse caso, a palavra “médico” seria neutralizada para “médique”.

Ao terminar com -ga ou -go, a palavra terá a adaptação para -gue; desse modo, a palavra “amigo”, em linguagem neutra, seria “amigue”.

Quando a palavra termina em -ã ou -ão, substituir por -ane; esse é o caso da palavra



“irmã”, que ficaria “irmane”.

Em palavras terminadas com -ona ou -ão, a substituição será feita pela terminação -one; desse modo, a palavra “chorona” seria “chorone” em linguagem neutra.

Palavras com terminação em -ra ou -r é adaptada para -re, como é o caso da palavra “pintor”, que ficaria “pintore”; além disso, para falar no plural, a terminação é adaptada para -ries, sendo que “pintores” ficaria “pintories”.

No caso de palavras terminadas em -esa/-ês, tem como opções o uso de -ese e -seu; assim, a palavra “freguesa” torna-se “freguese”.

Para palavras terminadas em -ua/-u, usa-se a terminação -ue; para exemplificar, a palavra “nua” fica “nue”.

Por fim, palavras terminadas em -eia/-eu terá como substituição o -eie; dessa forma a palavra “plebeu” é adaptada para “plebeie”.

Quadro 1 – regras da neolinguagem para substantivos e adjetivos

Terminação	Terminação na neolinguagem	Exemplos
-a/-o	-e	Linda – lindo – linde
-ca/-co	-que	Médica – médico – médique
-ga/-go	-gue	Amiga – amigo – amigue
-ã/-ão	-ane	Irmã – irmão - irmane
-ona/-ão	-one	Chorona – chorão - chorone
-ra/-r	-re	Pintora – pintor – pintore
-res	-ries	Pintores - pintories
-esa/-ês	-ese/-esu	Freguesa - freguese



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

-ua/-u	-ue	Nua – nu – nue
-eia/-eu	-eie	Plebeia – plebeu - plebeie

Fonte: elaborado pelos autores

No caso de artigos definidos, é proposto o uso de “ê/ês” ou “le/les”, bem como a sua supressão, se for cabível; alguns exemplos de construção de frase seriam “Ê Carlos é muito esperto”, “Le Ariel é linde” e “Rafa é médique”. Para artigos indefinidos, ocorre a substituição por “ume/umes”; assim, podemos exemplificar no discurso como “ume pintore”.

Já no caso dos pronomes do caso reto, existem várias configurações e sistemas que podem ser usados, mas o mais comum é o “elu”. Assim, todas as contrações de palavras derivadas do pronome de 3ª pessoa terminará por “elu”, como é o caso de “delu” e “nelu”. Para pronomes oblíquos, haverá a substituição por “-e”, como, por exemplo, “Ele chamou-e de chate”, “Vou amá-le de qualquer forma” e “Chamaram-ne de idiota”.

Quadro 2 – pronomes em linguagem neutra

Pronomes	Pronomes em linguagem neutra	Exemplo
Ela/ele	elu	Elu é legal O caderno é delu
a/o	e	Ele chamou-e de chate Vou amá-le de qualquer forma Chamaram-ne de idiota
Minha/meu	Minhe/mi	Elu é minhe amigue
Tua/teu	Tue/tu	Tue irmane é artista?

- 600 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Sua/seu	Sue/su	Manu é su amigue
Nossa/nosso	Nosse	Nosse prime
Vossa/vosso	Vosse	Vosse professorie

Fonte: elaborado pelos autores

É importante ressaltar que não se utiliza mais “x” ou “@” para neutralizar uma palavra, como era feito no início da proposta da linguagem neutra. Isso acontece porque torna a palavra impronunciável e também torna dificultoso o entendimento na leitura para pessoas cegas que usam dispositivos de acessibilidade para leitura e disléxicos (CAÊ, 2020).

De fato, a neolinguagem ainda está em constante (re)construção e pode ser dificultosa a princípio. Mas uma forma de contornar essa problemática é a reconstrução do discurso, dando preferência a palavras que não usem desinências de gênero. Assim, em vez de dizer “boa noite a todes”, podemos dizer “boa noite às pessoas presentes”. A princípio, isso pode parecer dificultoso, mas praticar a troca por palavras sem demarcação de gênero dentro do que já é estabelecido gramaticalmente é uma alternativa mais viável para pessoas que não desejam usar a neolinguagem ou pretendam neutralizar o discurso em espaços que não a aceitem.

Análise de resultados

De modo a complementar este estudo, foi realizada uma pesquisa através da ferramenta Google Forms a fim de reunir informações sobre o que as pessoas pensam sobre a linguagem neutra; o foco principal desta pesquisa foram pessoas trans e pessoas da área de Letras. Foram coletadas 28 respostas.

O primeiro fator analisado foi a idade, podendo observar que pessoas de várias



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

idades responderam ao formulário, tendo entre 18 e 63 anos. A maior parte das respostas foram de pessoas entre 20 e 29 anos de idade. Das pessoas entrevistadas, foi identificado que 16 destas não pertencem a área de letras e linguagens e 12 pessoas que possuem formação na área.

Quanto a identidade de gênero, foi possível constatar que 11 respostas foram de pessoas cisgênero e 17 pessoas transgênero, sendo que, dessas 17, 12 se identificam com alguma identidade não binária. Já em relação a orientação sexual, 12 se identificam como heterossexuais, 7 se identificam como pansexuais, 4 se identificam como bissexuais, 2 se identificam como assexuais, 1 se identifica como gay, e os demais se identificam com outras orientações sexuais.

O próximo fator analisado foi a escolaridade dos entrevistados, sendo que 12 possuem curso de pós-graduação completa, 1 está cursando a pós-graduação, 4 possui o ensino superior completo, 10 estão cursando a graduação e 1 possui o ensino médio completo. Em relação a rede de ensino que frequentaram, 4 pessoas frequentaram integralmente a rede privada, 9 frequentaram integralmente a rede pública, 3 frequentaram em maior parte a rede particular, 6 frequentaram em maior parte a rede pública e 6 frequentaram metade na rede particular e metade na rede pública.

Depois das perguntas para traçar o perfil das pessoas entrevistadas, iniciaram-se as perguntas específicas em relação a linguagem neutra. A primeira pergunta foi se acreditavam que a língua portuguesa é dominada por padrões sexistas, pautadas na dominação masculina, obtendo como respostas:

Sim, sabemos que a língua portuguesa é machista, sexista e, às vezes, excludente, porque os pronomes masculinos são usados para abarcar todos os gêneros, mesmo se tiver 10 mulheres e 1 homem usa-se o masculino, porque tem um homem entre elas.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Eu acredito que não porque a linguagem expressa um conjunto de pessoas então vc pode dizer boa noite a todas as pessoas aqui presentes ou boa noite aos que se fazem presente ou boa noite a todos os presentes mas boa noite a todos e a todas fica exaustivo e cansa o discurso já na introdução

Sim, mas não acredito no reducionismo de dizer que "a língua portuguesa é machista". Creio que sua construção ao longo da história acompanhou a percepção de seus falantes - estes sim permeados pela cisnormatividade binária.

Acredito que não em um primeiro momento, pois a língua é consolidada mais por padrões culturais. E analisando sob esse aspecto, é sim.

Não. Um cumprimento para mim é mera formalidade. Se tivesse só mulheres ou quem se identificasse como tal, não seria de bom tom falar todos, mas passaria sem problemas. É apenas um quebra gelo, um cumprimento.

Apesar da maior das respostas terem sido semelhantes a primeira que foi apresentada, também foi possível perceber que muitas pessoas se debruçam na narrativa da construção e estrutura da língua. No entanto, o que podemos afirmar após milhares de anos, analisando o contexto social da língua portuguesa, diversas palavras tiveram sua forma de escrever alterada por conta das exigências da época, o que nos faz questionar: por que, nessa situação, a adequação da linguagem para abarcar grupos marginalizados não é considerado válido?

A segunda pergunta foi "O que você pensa sobre a linguagem neutra?". Através desta, foi possível constatar visões interessantes sobre a neolinguagem e também a opinião pessoal de algumas pessoas em relação a comunidade trans não binária:

Eu acho que se por ventura ela for aprovada tornaria a língua portuguesa ainda mais difícil e exclusiva de se trabalhar principalmente em escolas públicas de zonas rurais afastadas e sem acesso à internet que é o caso onde eu moro.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Acredito ser uma adaptação cultural da língua portuguesa, que se faz necessária para respeitar a identidade de diversas pessoas que não se enquadram no binarismo de gênero.

Acredito que o acolhimento da diversidade deve se pautar por outras formas. A linguagem neutra nesse caso seria "forçada" às pessoas, sendo um detalhe dispensável, pois o que se deve mudar é a conduta das pessoas.

Que deveria funcionar como um dialeto, para uma determinada sociedade que pode utilizar, sem interferir na gramática normativa.

Linguagem neutra é uma forma de linguagem que inclui pessoas que são marginalizadas. Levando em consideração que conhecemos o mundo ao redor devida a linguagem que estabelecemos, as palavras que cunhamos para as diferentes coisas e aspectos nas nossas vidas, ao incluir a linguagem neutra no nosso cotidiano, abrimos um novo leque de possibilidades e percepções em relação ao mundo.

Não gosto, acho exagero, desnecessário, mas quem se sente prejudicado de alguma forma que vá atrás dos seus direitos.

É preciso repartir em várias nuances a compreensão do que é a linguagem neutra para se responder essa pergunta. A primeira coisa que precisa ser compreendida é que ela não altera a língua portuguesa e seus manuais normativos, tratando-se de uma variação linguística social, criada para incluir determinadas pessoas no discurso. Desse modo, a primeira resposta expõe sua dificuldade no contexto educacional de grupos, também, marginalizados; é compreensível essa questão, mas o fato de não haver essa alteração na norma da língua, não será necessário ensinar a neolinguagem nas escolas. Já em relação à terceira e última respostas selecionadas, é perceptível que a opinião voltada a linguagem neutra está além da norma da língua portuguesa ou outra questão relativa à linguagem, demonstrando que tal adaptação é dispensável e desnecessária.

A terceira pergunta questiona se acreditam que a linguagem neutra seja difícil de ser

- 604 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

aprendida, podendo constatar as seguintes respostas:

Com certeza nós não aprendemos nem a Libras o braile que deveria ser obrigação em todas as escolas do Brasil em vez disso temos uma noção básica bem básica na graduação dessas línguas que são mais importantes pois agregam uma real deficiência e não uma aceitação social.

Acredito que fatores como preconceitos podem tornar o aprendizado mais difícil.

Acho que depende da disposição e do repertório da pessoa. Mas, em geral, não. É algo que pode soar novo para algumas pessoas mas as alterações não são tão radicais assim

Acho que tem uma dificuldade de média a grande pela conjugação das palavras que acompanham os pronomes ou palavras específicas de gênero (pai/mãe). Acredito que ela é mais difícil ainda de ser difundida. Enquanto pessoas trans não forem aceitas como "gente como qualquer um" a linguagem neutra não vai ser aceita. Vai ser piada.

Não, só é ridícula mesmo.

A partir das respostas coletadas, a maioria acredita não ser difícil de se aprender, no entanto, por ainda terem dúvidas sobre o seu funcionamento, as respostas expuseram seus pontos de maior dificuldade, como é o caso da quarta resposta.

A quarta pergunta questiona se acreditam que a linguagem neutra "fere" ou "ofende" a língua portuguesa; vale ressaltar que a pergunta foi formulada desta maneira porque, em debates que ocorrem nas redes sociais, diversas pessoas usam esse argumento. Algumas das respostas:

Não. A língua é uma ferramenta de comunicação do povo que a fala. Se parte do nosso povo se sentiria "mais humano" e "digno do mesmo respeito que todos" por usar linguagem neutra, eu acredito que ela deveria entrar e alterar a língua portuguesa que nem alteramos por muitos motivos

- 605 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

menores na história.

Acredito que não, pois há diversos falares da língua que ofenderiam, mas que foram recebidos e consagrados pela fala popular.

Não fere nem ofende mas usa-la compromete o modo como nós firmamos no mundo lutando por coisas pequenas enquanto a luta pelos direitos LGBTQIAP+ deveria buscar por direitos mais palpáveis e a luta é muito grande e não deveria se preocupar com artigos pronomes demonstrativos e etc.

Não, essa concepção é ridícula inclusive. Línguas estão em constante mudança e refletem as populações se que utilizam delas. A linguagem neutra é válida e é, no mínimo, uma tentativa de reivindicação de respeito e visibilidade.

Não. A língua portuguesa está em contante mudança, não se fala mais igual se falava à 200 anos atrás. É normal palavras surgirem e desaparecerem. Adicionar um pronome não vai destruir uma língua.

Apesar de muitas pessoas criticarem até aqui a linguagem neutra, é evidente que não acreditam que ela, de alguma forma, desvaloriza a língua portuguesa da forma que ela é. Aliás, usam como argumento a própria evolução da língua para argumentar ao favor da neolinguagem.

A quinta pergunta adentrou mais profundamente na questão da transfobia linguística, perguntando se acreditam que a linguagem neutra é uma opção para erradicar ou reduzir os casos de transfobia linguística, visto que ela engloba pessoas não binárias que se identificam com o gênero neutro. As respostas obtidas foram:

Penso que para reduzir sim, porém, erradicar pertence, ainda, ao mundo das ideias (penso eu). A transfobia é a expressão corporal daquele que carrega o ódio (medo/raiva) como um sentimento dominante para esse tipo de fobia. De onde ela vem, como chega, em qual contexto se apresenta? É uma tema que necessita de análises mais complexas, pois

- 606 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

tudo que é relacionado às pessoas trans, ainda está em constante debate social e acadêmico. Nota-se a dificuldade desse caminhar em nossos próprios lugares de trabalho.

Acredito que sim, é um dos caminhos de combater a transfobia linguística, mas não o único e primeiro caminho.

Não a opção seria uma educação integral mesmo é de qualidade onde os professores graduados e recém graduados possam usar todo o conhecimento científico para transformar o modo como as pessoas enxergam o mundo assim a linguagem e as colocações a cerca de gênero seriam pautas mais naturais.

Não é uma opção. Há outras formas de erradicar casos de transfobia linguística. Qualquer tipo de violência deve ser combatido pelas vias judiciárias.

Sem dúvida, pois enquanto pessoa trans a maioria das vezes que as pessoas eram nossos pronome elas dizem que é porque não sabiam ou ficaram em dúvida, com o pronome neutro não haveria erro por dúvida, porque na dúvida seria só usá-lo e assim ninguém se ofenderia porque ele abrange todos os gêneros.

Ao analisar essas respostas e fazer um paralelo ao perfil das pessoas entrevistadas, é possível compreender que pessoas transgênero apontaram a linguagem neutra como uma das possibilidades para combater a transfobia linguística – porém, não a única. Em contrapartida, pessoas cisgênero relataram que não acreditam que uma mudança no discurso possa ser uma alternativa para reduzir casos de transfobia. É importante ressaltar que a transfobia também está presente quando alguém se nega a tratar uma pessoa da forma como ela se identifica e, ainda, usa como forma de humilhação.

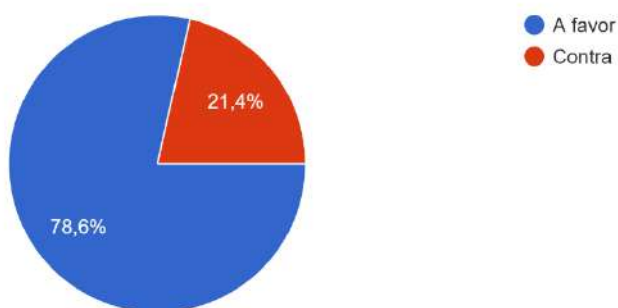
Para finalizar o questionário, a última pergunta quis saber se os entrevistados eram contra ou a favor da linguagem neutra. O resultado foi:



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Gráfico 1 – pesquisa sobre linguagem neutra

Você é a favor ou contra a linguagem neutra? (Aqui não incluo nem considero o ensino da linguagem neutra nas escolas, visto que essa varia...os oficiais de normatização da língua portuguesa)
28 respostas



Fonte: elaborado pelos autores

Em seguida, foi pedido para que justificassem suas respostas:

Partindo do princípio que todo cidadão merece um tratamento igual não é justo que existam pronomes somente àqueles que se identificam com o gênero feminino ou masculino.

É uma medida que atua contra sexismo, contra o machismo linguístico, contra a transfobia, e o preconceito contra pessoas não binárias e ainda outras que não se encaixam nos padrões cisnormativos e que podem não se identificar com a não binaridade.

Como pessoa trans e não binária sou a favor, milito e pesquiso essa questão em meu mestrado em Sociologia. Não me imagino tendo uma posição diferente sendo quem sou e ocupando espaços que ocupo.

Qual mudança de fato vai acontecer na prática? Pouca coisa

- 608 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Acho desnecessário, simples assim. Vivemos até hoje sem essa modalidade e agora inventaram isso. Para quê? Para provar o quê mesmo? Se usada informalmente tem rumo, pois a língua tem dinamicidade, mas imposta não vejo sentido de ser assim.

A partir dessas respostas, podemos perceber que a opinião sobre ser contra ou a favor da linguagem neutra é movida por um tipo de pensamento: a própria transfobia. Pessoas que se consideram a favor, apesar de haver críticas e questionamentos sobre o funcionamento da linguagem neutra, ao responderem a última pergunta, deixaram claro que o objetivo principal da linguagem neutra é o respeito a diversidade, sendo considerada válida por estes. Já aqueles que votaram contra não apresentaram um argumento plausível para tal opinião, podendo, ainda, usar uma forma de falar um pouco agressiva.

Considerações finais

A linguagem neutra emerge como uma ferramenta poderosa e necessária no panorama contemporâneo, onde a busca pela inclusão e respeito à diversidade de gênero torna-se cada vez mais premente. Ao longo deste artigo, exploramos as complexidades e implicações desse fenômeno linguístico, desde suas origens históricas até suas aplicações práticas nos diversos contextos.

É importante ressaltar que a neolinguagem, ou linguagem neutra, está constantemente em construção, visto que se trata de um fenômeno relativamente novo. Sua evolução é um reflexo do dinamismo da sociedade e das demandas por inclusão e respeito à diversidade de gênero. Nesse sentido, é importante reconhecer que estamos diante de um processo em constante desenvolvimento, onde novas formas e práticas linguísticas podem surgir e se consolidar com o tempo.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Além disso, é crucial destacar que a linguagem neutra não se trata apenas de substituir pronomes e formas de tratamento, mas sim de criar um ambiente inclusivo e acolhedor para todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero. Isso requer não apenas mudanças na forma como nos expressamos verbalmente, mas também uma transformação mais profunda em nossa maneira de pensar e interagir uns com os outros.

No entanto, é crucial observar que muitas pessoas ainda não conhecem de fato a linguagem neutra e sua proposta. A falta de familiaridade com esse conceito pode levar a mal-entendidos e resistências injustificadas. Portanto, é essencial promover a conscientização e a educação sobre os princípios e benefícios da linguagem neutra, a fim de facilitar sua aceitação e adoção por um número cada vez maior de indivíduos e instituições.

É importante reconhecer também que as opiniões contrárias à linguagem neutra, na maioria das vezes, são movidas pelo preconceito e pela transfobia. Essas atitudes refletem não apenas uma resistência à mudança linguística, mas também uma falta de respeito pelas identidades de gênero diversas e pela dignidade das pessoas que as vivenciam. Portanto, é fundamental combater esses preconceitos e promover uma cultura de respeito e aceitação mútua.

Para aqueles que ainda não se sentem confortáveis em adotar a linguagem neutra, é importante ressaltar que existem alternativas viáveis. Uma delas é a mudança no discurso para utilizar palavras sem marcação de gênero que já existem na gramática portuguesa. Essa abordagem não apenas evita reforçar estereótipos de gênero, mas também contribui para uma comunicação mais inclusiva e respeitosa.

A linguagem neutra representa um passo significativo em direção à construção de uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva. Ao reconhecer e valorizar a diversidade de identidades de gênero, estamos não apenas promovendo o respeito pelos direitos humanos fundamentais, mas também enriquecendo nossa linguagem e nossa compreensão do mundo



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

que nos cerca.

O que podemos extrair a partir deste estudo é que a linguagem neutra não é apenas uma questão de preferência pessoal, mas sim um reflexo do reconhecimento e respeito pela multiplicidade de identidades de gênero que existem dentro de nossa sociedade. Ao adotar uma linguagem que não pressupõe ou reforça estereótipos de gênero, estamos não apenas promovendo a inclusão, mas também desafiando as normas de poder e hierarquia que historicamente têm privilegiado determinados grupos em detrimento de outros.

Referências

ARRUDA, Janaina Rosa. Imposição do gênero neutro: uma reflexão em defesa da língua portuguesa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HUMANIDADES, 1., 2021, Cascavel. **Anais [...]**. Cascavel: Centro Universitário Assis Gurgacz, 2021. v. 1, p. 1-13. Disponível em: https://www.fag.edu.br/novo/pg/congressoeducacao/arquivos/2021/A%20IMPOSIÇÃO%20DO%20GÊNERO%20NEUTRO_UMA%20REFLEXÃO%20EM%20DEFESA%20DA%20LÍNGUA%20PORTUGUESA.pdf. Acesso em: 13 fev. 2024.

BAGNO, Marcos. **Gramática histórica: do latim ao português brasileiro**. Brasília: Universidade de Brasília. 2007.

BENEVIDES, Bruna G. Secretaria de Articulação Política da Antra (org.). **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022**. 2023. Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Brasília). Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2023.

BREVILHERI, Ursula Boreal Lopes; LANZA, Fabio; SARTORELLI, May Romeiro. Neolinguagem e “linguagem neutra”: potencialidades inclusivas e/ou reações conservadoras. **Research, Society and Development**. Vargem Grande Paulista, v. 11, n. 11, p. 1-14, set. 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/33741>. Acesso em 21 dez. 2023.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAÊ, Gioni. **Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa**. Foz do Iguaçu. 2020. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/informes/manual-de-linguagem-neutra/Manualdelinguagemneutraport.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2024.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília. 2001.

FARIA, Ernesto. **Gramática superior da língua latina**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 1958.

GARCIA, Luciana. Notas sobre o fascismo: o gênero neutro como ameaça ao imaginário da soberania linguística. **Leitura**. Maceió, n. 69, p. 295-307, mai.-ago. 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/11900/8619>. Acesso em: 14 fev. 2024.

OLIVEIRA, Thiago Soares de. A queda do gênero neutro do latim: questões sobre a divergência entre o gênero real e o gênero gramatical. **Revista Philologus**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 63, p. 22-32, set.-dez. 2015. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO21/63/002.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2023.

SILVA, José Pereira da. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: O Autor, 2010.

SIMIONATO, Gabriel Donizetti Ferreira. Gêneros não-binários etnohistóricos: O gênero Muxe e a colonialidade. **Revista Discente Offícios de Clio**. Pelotas, v. 7, n. 12, p. 318-337, jan.-jun. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/cliio/article/view/4705>. Acesso em: 31 jan. 2024.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA INGLESA A
PARTIR DA PERSPECTIVA SOCIOINTERACIONISTA**

Alana Martins de Paula (G-CLCA-UENP/CJ)
Fábio Antônio Gabriel (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar o pensamento de Rego (1994, 1995), ao interpretar as obras de Lev Vygotsky, e sua contribuição para a construção de um referencial teórico acerca das metodologias de aprendizagem do inglês como segunda língua. A fundamentação teórica deste estudo se baseia na teoria de Vygotsky (1987a, 1987b, 1989) e em seus pressupostos, que contribuem para se pensar a aquisição da língua inglesa como segunda língua. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, norteadas por fundamentos da análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011). Os resultados apontam para um diálogo da perspectiva de Vygotsky com as chamadas “metodologias ativas”, que compartilham a ênfase da interação social, da colaboração e da aplicação prática da linguagem como meios eficazes para a aquisição de uma segunda língua. Nesse sentido, evidencia-se que a aquisição de uma segunda língua deve ser um empreendimento colaborativo.

Palavras-chave: Linguagem; Sociointeracionismo; Aquisição da língua inglesa.

Introdução

Debates e reflexões sobre a organização da teoria sócio-histórica de Vygotsky (1987a, 1987b, 1989) e o seu posicionamento diante das clássicas teorias da aprendizagem são relevantes para os campos da Educação e da Psicologia. A aquisição de uma segunda língua pode ser beneficiada pelos pressupostos da teoria sociocultural, tendo em vista que a construção do conhecimento linguístico é conduzida pela interação entre sujeito e objeto, e sua ação sobre o objeto é socialmente mediada.

Vygotsky (1987a, 1987b) defende que a aprendizagem é mediada e que a interação com outras pessoas e com artefatos culturais influencia a forma como as crianças agem e se



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

comportam. A proposta sociointeracionista enfatiza a importância da interação do sujeito com o meio em que vive. O indivíduo molda o seu conhecimento pela interação com outras pessoas, em um processo histórico, cultural e social que ocorre ao longo de sua vida. Nesse sentido, a aquisição de uma língua acontece em processo colaborativo.

O crescente número de pessoas bilíngues e multilíngues está ligado às mudanças políticas, econômicas e sociais que ocorreram na segunda metade do século XX, com o surgimento de novos Estados e o fim da Guerra Fria. Nesse cenário, o desenvolvimento da informação e da comunicação, as novas tecnologias, a expansão da mobilidade das populações internacionais e a modificação criada pelo espaço-tempo do ambiente virtual permitiram o contato e a diversidade étnica, linguística e cultural (Mota, 2008).

O processo de aquisição de uma segunda língua, além da aquisição da língua materna, gera e advém de características sociais, políticas e econômicas, sobretudo da língua inglesa, que exerce papel de língua universal moderna. O estudo da língua inglesa como língua secundária é um fenômeno cada vez mais abordado por pesquisadores que, filiados a diversas escolas teóricas, discorrem sobre o interesse pelo aprendizado de uma nova língua e as diversas metodologias para a aplicabilidade do ensino de línguas, por exemplo.

Adquirir uma segunda língua é um processo que depende do ambiente e é desse ponto de vista que a teoria de Vygotsky (1987a, 1987b, 1989) explica os processos cognitivos envolvidos na aprendizagem do sujeito. O processo de desenvolvimento cognitivo ocorre por meio da participação do indivíduo em um contexto cultural, linguístico e histórico estruturado. Exemplos de tais situações são a vida familiar, as interações entre pares e os ambientes institucionais, como escolas, eventos esportivos organizados e locais de trabalho (Lantolf; Thorne, 2007).

O desenvolvimento pelo qual todo ser humano passa está atrelado a uma concepção contínua de evolução que nem sempre é linear e se dá em diversos campos da existência,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

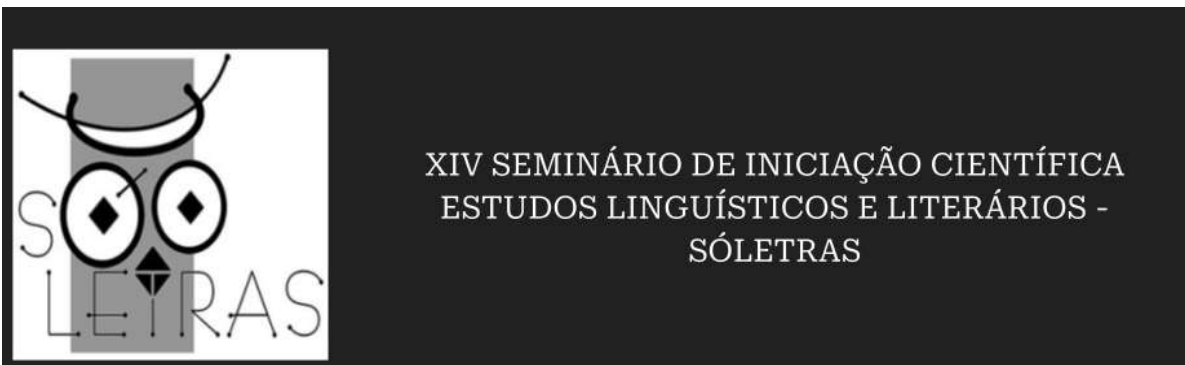
como o afetivo, cognitivo, social e motor. A ideia distorcida de evolução linear é difundida, inclusive, pelo senso comum, como Gould (1990) enseja ao apontar a famosa imagem de primatas em fila, geralmente iniciada por um chimpanzé ou um *Australopithecus* e finalizada com um *Homo sapiens*.

Como dito anteriormente, tal desenvolvimento evolutivo não ocorre apenas em processos de maturação biológica ou genética. O meio (cultura, sociedade e diversas formas de interação) é fator essencial no desenvolvimento humano, ainda que existam desacordos teóricos entre as abordagens de estudo a respeito das teorias da aprendizagem.

Assim sendo, o objetivo geral deste artigo consiste em analisar o pensamento de Rego (1995), ao interpretar as obras de Lev Vygotsky, e sua contribuição para a construção de um referencial teórico acerca das metodologias de aprendizagem do inglês como segunda língua. Os objetivos específicos deste estudo são: a) relacionar os fundamentos teóricos de Vygotsky com a prática do ensino de inglês como segunda língua; b) apontar como a teoria de Vygotsky contribui para a aprendizagem de uma segunda língua; c) discutir como a teoria de Vygotsky pode ser um aporte teórico para se pensar em metodologias de aprendizagem de inglês como segunda língua.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa por meio de uma análise pormenorizada do objeto de estudo que investigamos. Além disso, realizamos uma investigação bibliográfica, visto que há pesquisas que apontam a pertinência da teoria sociocultural para a aprendizagem de uma segunda língua. Entretanto, a presente pesquisa pretende contribuir com uma leitura das obras de Vygotsky (1987a, 1987b, 1989) a partir da interpretação de Rego (1995).

A temática deste artigo possui relevância acadêmica, na medida em que estudos como este podem contribuir para se pensar em metodologias de ensino da língua inglesa, tendo em vista otimizar os resultados da aprendizagem por meio de metodologias de ensino cujos resultados sejam mais eficazes.



Vygotsky a partir da perspectiva de Teresa Cristina Rego

Teresa Cristina Rego é professora da Graduação e Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) e coeditora da Revista Educação e Pesquisa (FEUSP). É mestre e doutora em Educação pela USP e pós-doutora pela Universidad Autónoma de Madrid. A importância dessa autora para este artigo reside na sua intenção de possibilitar ao leitor uma análise geral e introdutória e que o estimule à consulta, ao estudo e ao aprofundamento das teses e descobertas de Vygotsky, o qual dedicou sua vida ao estudo transformador do estado de conhecimento e reflexão de seu tempo (Rego, 1995).

Adiante, abordamos o estudo de Vygotsky e seu programa de pesquisa que buscou construir uma “nova psicologia”, com o objetivo de integrar “[...] o homem enquanto corpo e mente, enquanto ser biológico e social, enquanto membro da espécie humana e participante de um processo histórico” (Oliveira, 1993, p. 23 *apud* Rego, 1995, p. 32).

Nesta pesquisa, não é possível abordarmos todos os aspectos da obra do autor. No entanto, é necessário fazermos uma síntese dos principais construtores da teoria sociocultural, particularmente aqueles que refletem acerca do campo da Educação. O primeiro construtor se refere à relação entre indivíduo e sociedade. Segundo Rego (1995), Vygotsky assegura que as características tipicamente humanas não estão presentes desde o nascimento do indivíduo, nem são meros resultados das pressões do meio externo.

Elas resultam da interação dialética do homem e seu meio sociocultural. Ao mesmo tempo em que o ser humano transforma o seu meio para atender às suas necessidades básicas, transforma-se a si mesmo. Em outras palavras, quando o homem modifica o ambiente através de seu próprio comportamento, essa mesma modificação vai influenciar seu comportamento futuro (Luria, 1992, p. 60 *apud* Rego, 1995, p. 33-34).

- 616 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Há uma integração dos aspectos biológicos e sociais do indivíduo: “[...] as funções psicológicas superiores do ser humano surgem da interação dos fatores biológicos, que são parte da constituição física do *Homo sapiens*, com os fatores culturais que evoluíram durante dezenas de milhares de anos de história humana” (Luria, 2013, p. 60 *apud* Rego, 1995, p. 33).

Nogueira e Leal (2018, p. 152) destacam que uma das grandes contribuições de Vygotsky é o fato de “[...] pensamento e a linguagem [serem o] primeiro plano na relação das diversas funções psicológicas”. Assim, entendemos que se trata de um pensador importante para a formação de professores de línguas, uma vez que ele proporciona o entendimento acerca da relação entre linguagem e pensamento.

O segundo construtor decorre do anterior, dado que se refere à origem cultural das funções psíquicas. A cultura é “[...] considerada parte constitutiva da natureza humana, já que sua característica psicológica se dá por meio da internalização dos modos historicamente determinados e culturalmente organizados de operar com informações” presentes na sociedade (Rego, 1995, p. 34).

O terceiro construtor está relacionado ao cérebro, base biológica e sede da atividade psicológica. “O cérebro é tipificado como produto da longa evolução, substrato material da atividade psíquica e que cada membro da espécie traz consigo ao nascer. Entretanto, essa base material não significa um sistema imutável e fixo” (Rego, 1995, p. 34). O cérebro é compreendido como um

[...] sistema aberto, de grande plasticidade, cuja estrutura e modos de funcionamento são moldados ao longo da história da espécie e do desenvolvimento individual. [...] o cérebro pode servir a novas funções, criadas na história do homem, sem que sejam necessárias transformações no órgão físico. (Oliveira, 1993, p. 24 *apud* Rego, 1995, p. 34).

- 617 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O quarto construtor diz respeito à mediação presente na atividade humana acerca dos instrumentos técnicos e dos sistemas de signos construídos historicamente, os quais fazem a mediação dos seres humanos entre si e com o mundo. Entendemos que a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, pois é mediada por “ferramentas auxiliares” da atividade humana.

A linguagem, por exemplo, é um signo mediador por excelência, pois carrega em si os conceitos generalizados e elaborados pela cultura humana. Além disso, a capacidade de criar essas “ferramentas” é exclusiva da espécie humana. O pressuposto da mediação é fundamental na perspectiva sociocultural, pois é por intermédio dos instrumentos e dos signos fornecidos pela cultura que o funcionamento psicológico é desenvolvido. Por isso, Vygotsky confere à linguagem um papel de destaque no processo de pensamento (Rego, 1995).

Por fim, o quinto construtor indica que a análise psicológica deve ser capaz de preservar as qualidades fundamentais dos processos de pensamento humano. Essa teoria defende que os fenômenos psicológicos complexos não podem ser reduzidos a uma simples cadeia de reflexos, pois operam em um nível mais intrincado. Acredita-se que modos funcionais mais complexos e sofisticados de pensamento se desenvolvam ao longo do tempo, permitindo, assim, sua explicação e descrição. Dessa forma, ao abordar a consciência humana como produto histórico-social, são “[...] necessários estudos das mudanças que ocorrem no desenvolvimento mental a partir do contexto social” (Rego, 1995, p. 35).

Segundo Freire (1987), toda ação educativa para ser adequada deve ser antecedida por uma ponderação em relação àquele que se deseja educar. Nesse sentido, é necessário direcionarmos a educação a partir da observação das nuances do indivíduo, situando-o no tempo e no espaço, isto é, em determinada época e em um contexto social e cultural precisos.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Vygotsky, no cenário pós-revolucionário russo, também se deteve nesse modelo de pensamento em sua carreira intelectual e profissional. Ele se empenhou em entender os mecanismos pelos quais a cultura se torna parte integrante da natureza. Conforme o autor, a complexidade da estrutura humana deriva do processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas relações entre história individual e social. Para ele, o que distingue as pessoas dos animais é a cultura, “[...] um produto ao mesmo tempo da vida social e da atividade social do homem” (Vygotsky, 1987b, p. 106).

Ao nascer, cada indivíduo está inserido em um tempo e em um espaço em movimento constante. O decorrer do ciclo da vida é composto por interações com outros diversos ciclos, que se cruzam. Essas interações são sociais, constituídas por pessoas que guiam o desenvolvimento do pensamento e o próprio comportamento do indivíduo. Vygotsky (1989) salienta que as possibilidades que o ambiente proporciona ao indivíduo são fundamentais para que ele se constitua como sujeito lúcido e consciente.

Na cultura ocidental, a educação foi e é vista como processo de formação humana: a própria humanização do indivíduo, o qual nasce “oco”, precisa ser aprimorada para que alcance um estágio de maior humanidade. Conforme Severino (2006, p. 621),

[...] a formação é processo do devir humano como devir humanizador, mediante o qual o indivíduo natural devém um ser cultural, uma pessoa – é bom lembrar que o sentido dessa categoria envolve um complexo conjunto de dimensões que o verbo formar tenta expressar: constituir, compor, ordenar, fundar, criar, instruir-se, colocar-se ao lado de, desenvolver-se, dar-se um ser. É relevante observar que seu sentido mais rico é aquele do verbo reflexivo, como que indicando que é uma ação cujo agente só pode ser o próprio sujeito.

Vygotsky (1989) concebe o homem como um ser da natureza, mas vai além: é um ser sócio-histórico. Segundo o autor, o desenvolvimento da linguagem sob formas



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

exclusivamente humanas é responsável pelo salto (ontológico) do caráter meramente natural do homem para o seu caráter sócio-histórico. Nesse viés, a educação tem um papel de extrema importância, pois é a responsável pelo salto que referimos.

É fato que a criança inicia seu aprendizado muito antes de chegar à escola. Entretanto, o aprendizado escolar introduz elementos novos para o seu desenvolvimento. Há um processo contínuo de aprendizagem e de saltos qualitativos de um nível a outro, ou melhor, da superação da animalidade para a racionalidade, por isso a importância das relações sociais.

A teoria histórico-cultural tem como desígnio principal “[...] caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como essas características se formaram ao longo da história humana e de como se desenvolvem durante a vida de um indivíduo” (Vygotsky, 1987a, p. 21). Conforme Rego (1995), essa perspectiva teórica objetiva responder três questões sociais fundamentais que, segundo Vygotsky (1989), eram tratadas de forma errônea pelos estudiosos interessados na psicologia humana e animal. A primeira se refere à tentativa de compreender a relação entre os seres humanos e o seu ambiente físico e social. A segunda está relacionada à intenção de identificar as novas formas de atividade que fizeram com que o trabalho fosse o meio fundamental de relacionamento entre homem e natureza, assim como examinar as consequências psicológicas dessas formas de atividade. A terceira e mais relevante questão para este artigo é sobre a análise das relações entre o uso de instrumentos e o desenvolvimento da linguagem (Rego, 1995).

Vygotsky (1987a, p. 21) pretendeu “[...] caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como essas características se formaram ao longo da história humana e de como se desenvolvem durante a vida de um indivíduo”. Para Rego (1995, p. 31-32):



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Vygotsky se dedicou ao estudo das chamadas funções psicológicas superiores, que consistem no modo de funcionamento psicológico tipicamente humano, tais como a capacidade de planejamento, memória voluntária, imaginação etc. Esses processos mentais são considerados sofisticados e “superiores”, porque referem-se a mecanismos intencionais, ações conscientemente controladas, processos voluntários que dão ao indivíduo a possibilidade de independência em relação às características do momento e espaço presente.

Conforme a teoria de Vygotsky (1987a), tais processos não são inatos e se originam das relações dos indivíduos ao longo do processo de internalização de formas culturais de comportamento. Vygotsky e outros teóricos dessa corrente de pensamento procuraram validar essas ideias por meio de experimentos com crianças e de investigações dos modos de organização dos processos mentais em indivíduos de diferentes culturas.

Dessa forma, podemos ponderar que os trabalhos de Vygotsky competem ao campo da Psicologia Genética, uma vez que abordam o estudo da gênese, além da formação e evolução dos processos psíquicos superiores do ser humano. O conjunto dos processos psíquicos se constitui ao longo da vida do sujeito, portanto não é uma “[...] faculdade previamente existente do indivíduo. Estuda [Vygotsky] a infância justamente para tentar compreender a formação dos complexos processos psíquicos e das diversas fases pelos quais as crianças passam em sua evolução” (Rego, 1995, p. 34).

O homem não nasce humano, mas se torna humano por meio da interação dialética que se dá, a partir do seu nascimento, com o meio social, histórico e cultural no qual está inserido. Isso significa que as funções psicológicas superiores são consequência das deliberações sociais construídas na interação homem-meio-instrumentos.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Teoria Sociocultural e a aprendizagem de uma segunda língua

Conforme Rego (1995), no início do século XX, a psicologia soviética, europeia e americana estava dividida em duas vertentes extremamente antagônicas: “[...] um ramo com características de ciência natural, que poderia explicar os processos elementares sensoriais e reflexos, e um outro com características de ciência mental, que descreveria as propriedades emergentes dos processos psicológicos superiores” (Cole; Scribner, 1984, p. 6 *apud* Rego, 1995, p. 21). Sobre a dualidade da área da Psicologia, Rego (1995, p. 21) afirma que

[...] existia de um lado um grupo que, baseado em pressupostos da filosofia empirista, via a psicologia como ciência natural que devia se deter nas formas de comportamento, entendidas como habilidades mecanicamente constituídas. Esse grupo limitava-se à análise dos processos mais elementares e ignorava os fenômenos complexos da atividade consciente, especificamente humana. Já de outro lado, o outro grupo, inspirado nos princípios da filosofia idealista, entendia a psicologia como ciência mental, acreditando que a vida psíquica humana não poderia ser objeto de estudo da ciência objetiva, já que era manifestação do espírito. Este grupo não ignorava as funções mais complexas do ser humano, mas se detinha na descrição subjetiva de tais fenômenos.

Para Vygotsky (1989), as abordagens teóricas não conseguiram explicitar abertamente a gênese das funções psicológicas tipicamente humanas. Diante disso, ele propõe uma nova psicologia que conta com o método e os princípios do materialismo dialético e compreende o aspecto cognitivo a partir da descrição e explicação das funções psicológicas superiores, as quais, de acordo com Vygotsky (1989), eram determinadas histórica e culturalmente.

Dessa forma, a teoria sociocultural de Vygotsky foi considerada uma “nova psicologia”, ao alegar que as pessoas aprendem a partir das interações com seu ambiente



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

social e cultural e desenvolvem habilidades por meio da imitação, cooperação e mediação com outros indivíduos. A teoria de Vygotsky “[...] inclui tanto a identificação dos mecanismos cerebrais subjacentes à formação e desenvolvimento das funções psicológicas, como a especificação do contexto social em que ocorreu tal desenvolvimento” (Rego, 1995, p. 22).

Diferenças entre o psiquismo dos animais e do homem

Em sua busca por explorar as raízes dos traços psicológicos humanos, Vygotsky mergulhou no estudo do comportamento animal e da psique. Ao concentrar-se principalmente em mamíferos superiores como os chimpanzés, seu objetivo era identificar possíveis semelhanças e diferenças significativas entre esses animais e os seres humanos, visto que compartilham laços estreitos. Logo, o autor observou que as fontes de comportamento do animal são limitadas:

[...] uma é a experiência da espécie, que é transmitida hereditariamente (comportamento instintivo, inato); a outra é sua experiência imediata e individual (mecanismos de adaptação individual ao meio), responsável pela variação no comportamento dos animais. A imitação ocupa um lugar muito insignificante na formação do comportamento animal. Ou seja, diferentemente do homem, o animal não transmite a sua experiência, não assimila a experiência alheia, nem tampouco é capaz de transmitir (ou aprender) a experiência das gerações anteriores. Uma das principais características que distingue radicalmente o homem dos animais é justamente o fato de que, além das definições hereditárias e da experiência individual, a atividade consciente do homem tem uma terceira fonte, responsável pela grande maioria dos conhecimentos, habilidades e procedimentos comportamentais: a assimilação da experiência de toda a humanidade, acumulada no processo da história social e transmitida no processo de aprendizagem. (Rego, 1995, p. 35-36).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O comportamento animal está inerentemente ligado a impulsos biológicos, em total contraste com o comportamento humano. Os animais agem por instinto, movidos apenas pela satisfação de suas necessidades biológicas, o que difere das ações humanas. Muitos exemplos demonstram a independência do comportamento humano da motivação biológica. Seja por razões políticas ou religiosas, os humanos podem realizar escolhas conscientes para jejuar, fazer sacrifícios ou até mesmo se machucar, indo contra seus impulsos biológicos. Dessa maneira, esse controle intencional de comportamento separa os humanos do reino animal (Rego, 1995).

Mediação simbólica

Instrumentos e signos são os elementos básicos responsáveis pela mediação que caracteriza o mundo humano e as relações com os outros. Além disso, contribuem para o processo do desenvolvimento das faculdades psicológicas humanas superiores. O instrumento tem a função de regular as ações humanas sobre os objetos.

O instrumento é provocador de mudanças externas, pois amplia a possibilidade de intervenção na natureza (na caça, por exemplo, o uso da flecha permite o alcance de um animal distante ou, para cortar uma árvore, a utilização de um objeto cortante é mais eficiente do que as mãos). Diferente de outras espécies animais, os homens não só produzem seus instrumentos para a realização de tarefas específicas, como também são capazes de conservá-los para uso posterior, de preservar e transmitir sua função aos membros de seu grupo, de aperfeiçoar antigos instrumentos e de criar novos. (Rego, 1995, p. 42-43).

O signo regula as ações sobre o psiquismo das pessoas e pode ser considerado como aquilo que representa algo diferente de si mesmo, de modo a substituir e expressar eventos,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

ideias, situações e servir como auxílio da memória e da atenção humana (Rego, 1995).

[...] a invenção e o uso de signos auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher etc.) é análoga à invenção e uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico. O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho. (Vygotsky, 1987b, p. 59-60).

Por meio dos signos, o homem tem o poder de controlar sua atividade psicológica, desenvolver sua capacidade de atenção e de memória e seu acervo de informações, como amarrar um barbante no dedo para não esquecer um encontro, anotar um comportamento na agenda, escrever um diário para não esquecer detalhes vividos, consultar um atlas para localizar um país etc. (Rego, 1995).

Relações entre pensamento e linguagem

Conforme Vygotsky (1987a), a aquisição da linguagem demonstra um marco no desenvolvimento do homem:

[...] a capacitação especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superarem a ação impulsiva, a planejarem a solução para um problema antes de sua execução e a controlarem seu próprio comportamento. Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais. (Vygotsky, 1987a, p. 31).

Dessa maneira, a linguagem expressa o pensamento da criança e age também como

- 625 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

organizadora desse pensamento. Tanto nas crianças quanto nos adultos, a função primordial da fala é o contato social; o desenvolvimento da linguagem é provocado pela necessidade de comunicação. Conforme Rego (1995, p. 53), “[...] o balbucio, o riso, o choro, as expressões faciais ou as primeiras palavras da criança cumprem não somente a função de alívio emocional (como por exemplo manifestação de conforto ou incômodo), como também são meios de contato com os membros de seu grupo”.

A zona de desenvolvimento proximal

Vygotsky (1987a) não ignora as definições biológicas da espécie humana e as concilia com a dimensão social, que apresenta instrumentos e símbolos impregnados de significado cultural que medeiam a relação do indivíduo com o mundo. Nessa perspectiva, é o aprendizado que possibilita e movimenta o processo de desenvolvimento: “[...] o aprendizado pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam” (Vygotsky, 1989, p. 99 *apud* Rego, 1995, p. 58-59).

Vygotsky (1989) observa o aprendizado sob dois ângulos: um compreende a relação geral entre o aprendizado e o desenvolvimento do ser humano; o outro está ligado às peculiaridades dessa relação no período escolar. Esses dois ângulos são distintos, pois o autor aponta que, embora o aprendizado se inicie muito antes da frequência na escola, o aprendizado escolar introduz elementos novos no desenvolvimento da criança. Assim, Vygotsky (1989) identifica dois níveis de desenvolvimento: um que pressupõe as conquistas efetivadas da criança, chamado de nível de desenvolvimento real ou efetivo, e o outro, o nível de desenvolvimento potencial, que se relaciona às suas capacidades intelectuais a serem construídas (Rego, 1995).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O nível de desenvolvimento real pode ser entendido como aquelas conquistas que estão consolidadas pelo indivíduo, aquelas que ele aprendeu e domina, pois consegue utilizá-las sozinho. O nível de desenvolvimento potencial também se refere àquilo que a criança é capaz de fazer, mas com a ajuda de outra pessoa experiente. Nesse caso, a criança realiza tarefas e soluciona problemas por meio da colaboração, da imitação, da experiência compartilhada que lhe são fornecidas. Por exemplo, uma criança de 5 anos de idade talvez não consiga, em um primeiro momento, montar sozinha um quebra-cabeças que tenha muitas peças, porém, com a ajuda de alguém com experiência, pode realizar essa tarefa (Rego, 1995).

A distância entre o que o indivíduo é capaz de fazer de forma autônoma (nível de desenvolvimento real) e aquilo que realiza em colaboração com os outros elementos de seu grupo social (nível de desenvolvimento potencial) é caracterizado por Vygotsky (1989) como “zona de desenvolvimento potencial ou proximal”. Assim, o desenvolvimento da criança é visto de forma prospectiva, uma vez que a zona de desenvolvimento proximal (ZDP) define aquelas funções que ainda não amadureceram dentro dela, mas que estão presentes em estado embrionário. Desse modo, o conhecimento pressupõe a consideração tanto do nível de desenvolvimento real, quanto do potencial (Rego, 1995).

Através da consideração da zona de desenvolvimento proximal, é possível verificar não somente os ciclos já completados, como também os que estão em via de formação, o que permite o delineamento da competência da criança e de suas futuras conquistas, assim como a elaboração de estratégias pedagógicas que a auxiliem nesse processo. (Rego, 1994, p. 62).

Essa “competência” passa a ser uma grande aliada na elaboração de metodologias de ensino. Ademais, aquilo que está “além” da ZDP da criança – o que ela não é capaz de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

fazer mesmo com a interferência de outras pessoas – também auxilia no processo de formulação de estratégias pedagógicas.

Proposições metodológicas para a aquisição da língua inglesa a partir da abordagem sociointeracionista

A teoria sociocultural destaca a importância da interação interpessoal no progresso cognitivo dos indivíduos. Logo, as instituições educacionais são locais de destaque para o engajamento de atividades socialmente mediadas com docentes ou colegas. A mediação docente é um fator crucial para o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos, pois os permite avançar em sua ZDP (Figueiredo, 2019).

O principal artefato simbólico que possuímos é a linguagem, pois ela nos conecta com o meio ambiente físico e social. Mediante a linguagem, somos capazes de transcender o ambiente imediato e nos referir a objetos e eventos que estão localizados distantes no tempo e no espaço (Mota, 2008).

O conceito de ZDP é atraente para muitos educadores por duas razões principais. Em primeiro lugar, esse conceito está relacionado à ideia de assistência, o que desperta o interesse pelo trabalho de Vygotsky. O conceito de ZDP elucida a diferença entre o que o aluno sabe (as habilidades que ele domina sozinho) e o que ainda não sabe, mas está próximo de saber (porque consegue realizar a atividade com a ajuda de alguém). Aquilo que o aprendiz é capaz de fazer com orientação e assistência indica o que ele poderá fazer de forma independente no futuro. Essa perspectiva nos proporciona uma visão tanto do desenvolvimento alcançado quanto do desenvolvimento a ser alcançado pela criança (Mota, 2008). Como apontam Lantolf e Thorne (2006, p. 5):



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Aprender uma LE [língua estrangeira] é muito mais que adquirir novos significantes para significados já dados [...]. É adquirir conhecimento conceitual e/ou modificar o conhecimento já existente como uma forma de remediar a relação do ser com o mundo e o seu funcionamento psicológico consigo mesmo.

A interação em uma sala de aula de segunda língua e língua estrangeira proporciona aos alunos tanto a recepção de *input*, que diz respeito àquilo que é significativo e entendido pelo ouvinte, quanto de produção de *output*, compreendido como a produção linguística, em oposição ao *input*.

Esses conceitos estão diretamente ligados ao conceito de ZDP, que sustenta a ênfase dada por Vygotsky (1989) às relações sociais como propulsoras do desenvolvimento e da aprendizagem dos indivíduos. Ao considerarmos que é no discurso e por meio dele que são criadas as ZDP na sala de aula, é fundamental analisarmos as características desse discurso para compreendermos a construção do conhecimento em uma situação de ensino-aprendizagem específica (Szundy, 2004).

Outrossim, Vygotsky (1989) examina a conexão entre a língua materna e a língua estrangeira e ressalta a consciência metalingüística que a língua estrangeira pode fomentar no indivíduo, visto que é capaz de influenciar a sua *performance*. O aprendizado de uma língua estrangeira eleva o patamar de desenvolvimento da fala na língua materna. A percepção das formas linguísticas e o nível de abstração sobre os fenômenos linguísticos também são aprimorados. Isso favorece a capacidade consciente e voluntária de utilizar as palavras como instrumento de pensamento e expressão de ideias (Ferreira, 2010).

Na aquisição de uma segunda língua, as interações sociais são cruciais para a construção do conhecimento linguístico e cultural. O conceito de ZDP, que representa a diferença entre o que um aprendiz é capaz de fazer sozinho e o que pode realizar com o apoio de um parceiro mais experiente, traduz-se na segunda língua como a diferença entre a



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

linguagem que o aprendiz domina em sua língua materna e a linguagem que ele tenta adquirir na nova língua.

Por intermédio da interação com falantes proficientes, os aprendizes são gradualmente levados a alcançar um nível mais avançado de competência linguística, e essas interações podem ocorrer de várias maneiras. Nesse sentido, as metodologias chamadas ativas compartilham a ênfase na interação social, na colaboração e na aplicação prática da linguagem como meio eficaz para a aquisição da segunda língua. As metodologias ativas implicam uma perspectiva de valorização do papel de cada estudante no processo de aprendizagem, os quais assumem um papel central na aquisição do seu próprio conhecimento. Sobre a definição de metodologias ativas, Bacich e Moran (2018, p. 4) apontam:

Metodologias ativas são estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada e híbrida. As metodologias ativas, num mundo conectado e digital, expressam-se por meio de modelos de ensino híbridos, com muitas possíveis combinações. A junção de metodologias ativas com modelos flexíveis e híbridos traz contribuições importantes para o desenho de soluções atuais para os aprendizes de hoje.

Entre as metodologias ativas, temos, por exemplo, o aprendizado baseado em tarefas (*Task-Based Learning*), a partir da qual os alunos realizam tarefas do mundo real que exigem o uso da segunda língua. Isso promove interação e os desafia a resolver problemas linguísticos reais que surgem durante a realização de tarefas e a resolução de problemas, como fazer reservas de hotel ou participar de simulações de situações cotidianas (Mitsuoka, 2021).

Há também a aprendizagem por pares (*Peer Teaching/Peer Learning*) que propõe que os alunos ensinem uns aos outros. Isso não apenas promove interações sociais, mas exige



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

que os alunos compreendam o material para explicá-lo a seus colegas, de forma a consolidar o seu próprio aprendizado. É possível ainda realizar esse método de forma virtual, por meio de ambientes (salas virtuais, simulações e jogos) que promovam a aprendizagem e permitam a interação entre alunos de diferentes partes do mundo (Mitsuoka, 2021).

Quando Vygotsky (1989) enfatiza o papel da mediação (suporte que os falantes proficientes oferecem aos aprendizes), ele inclui correções, *feedback* construtivo e modelagem da linguagem-alvo. Mediante esse processo, os aprendizes são capazes de internalizar regras gramaticais, vocabulário e estruturas linguísticas de maneira mais eficaz.

Outro conceito importante é o da “internalização”, que, de acordo com Vygotsky (1989), ocorre quando o conhecimento compartilhado nas interações sociais é assimilado pelo indivíduo e se torna parte de sua compreensão pessoal. Isso implica que, ao interagir com falantes proficientes em uma segunda língua, os aprendizes não apenas absorvem informações linguísticas, mas desenvolvem uma compreensão mais profunda e uma capacidade de aplicar a linguagem de modo mais autônomo.

Considerações finais

Da primeira seção intitulada “Vygotsky a partir da perspectiva de Teresa Cristina Rego”, podemos inferir que as obras do autor não possuíram a capacidade isolada de abranger toda a complexidade do ato educativo, mas elas contribuíram para a melhoria do plano pedagógico. Os estudos psicológicos servem como aliados para a atividade de compreensão das características socioculturais dos alunos, bem como para as interações entre aprendizagem, desenvolvimento e educação. Nesse sentido, destacamos o acesso dos educadores às informações provenientes de diversas áreas do conhecimento, incluindo as diferentes teorias desenvolvidas dentro da área da Psicologia.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Da segunda seção denominada “Teoria sociocultural e a aprendizagem de uma segunda língua”, podemos inferir que Vygotsky nos legou um conjunto de conceitos teóricos que, posteriormente, foram aprofundados, ampliados e atualizados por diversos pesquisadores. A base fundamental de sua teoria está centrada na mediação que ocorre por meio de processos dialógicos e colaborativos, com o potencial de facilitar o processo de aprendizagem em qualquer domínio.

Conforme Vygotsky (1989), o ser humano não é meramente ativo, mas interativo, uma vez que constrói conhecimento e se constitui mediante as relações interpessoais e intrapessoais estabelecidas em diálogo com outros indivíduos. Essa interação entre as pessoas é favorecida no ambiente educacional, no qual a intervenção pedagógica intencional do professor desencadeia o desenvolvimento do processo de aprendizagem. Assim, a teoria sociocultural considera a instrução do processo de ensino-aprendizagem como um elemento crucial para o progresso dos alunos na sala de aula.

O processo de aprendizagem deve ser concebido como um empreendimento colaborativo. Desse modo, compete ao educador criar um ambiente de ensino no qual os estudantes se envolvam em atividades que permitam uma interação significativa entre eles. O professor precisa estar ciente de que não é responsável pela aprendizagem, mas alguém que a facilita e a medeia. Assim, os alunos têm a oportunidade de aplicar o que aprenderam e de compartilhar seus conhecimentos e experiências entre si.

Esse movimento permite os alunos a praticarem a segunda língua/língua estrangeira que estão aprendendo para ampliar seu conhecimento. A teoria sociocultural destaca que, por meio da interação, os aprendizes podem engajar-se em processos de negociação e reflexão sobre a segunda língua/língua estrangeira, o que contribui para a compreensão da estrutura e das funções da língua em estudo.

Este artigo teve como objetivo geral analisar o pensamento de Rego (1995), ao



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

interpretar as obras de Lev Vygotsky, e sua contribuição para a construção de um referencial teórico acerca das metodologias de aprendizagem do inglês como segunda língua. Após nossas investigações, entendemos que a teoria de Vygotsky possui relevância teórica ao permitir que sejam exploradas outras maneiras de aprender e ensinar, à medida que surgem e são utilizados novos elementos culturais para mediar esses processos educativos.

Referências

BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso Editora, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

FERREIRA, Marília Mendes. A perspectiva sociocultural e sua contribuição para a aprendizagem de língua estrangeira: em busca do desenvolvimento. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. XXI, p. 38-61, 2010.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma *de*. **Vygotsky: A interação no ensino/aprendizagem de línguas**. São Paulo: Parábola, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOULD, Stephen Jay. **Vida maravilhosa: o acaso na evolução e na natureza da história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LANTOLF, James P.; THORNE, Steven L. Sociocultural theory and second language learning. *In*: VANPATTEN, Bill; WILLIAMS, Jessica. (eds.). **Theories in second language acquisition: an introduction**. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2007. p. 197-220.

LANTOLF, James P.; THORNE, Steven L. **Sociocultural theory and the genesis of second language development**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

MITSUOKA, Narjara Ferreira. O processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa por meio de metodologias ativas. **Revista CBTEcLE**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 120-137, 2021.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

MOTA, Mailce Borges. **Aquisição de segunda língua**. Florianópolis: UFSC, 2008.

NOGUEIRA, Makeliny Oliveira; LEAL, Daniela. **Teorias da Aprendizagem**: um encontro entre os pensamentos filosóficos, pedagógicos e psicológicos. Curitiba: Intersaberes, 2018.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: educação e conhecimento. 25. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

SEVERINO, Antônio J. A busca do sentido da formação humana: tarefa da filosofia da educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 619-634, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000300013>

SZUNDY, Paula Tatianne Carréra. Gêneros do discurso no processo ensino-aprendizagem de LE: a construção do conhecimento por meio do discurso internamente persuasivo. **The ESpecialist**, São Paulo, v. 25, n. 2, 2004, p. 153-175, 2004.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **The Collected Works of L. S. Vygotsky**: Vol 1. New York: Plenum Press, 1987a.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987b.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Livraria Martins, 1989.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **The history of the development of higher mental functions**. The Collected Works. Vol. 4. New York: Plenum Press, 1997.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

GRAMÁTICA HISTÓRICA EM CANÇÕES BRASILEIRAS: UMA ANÁLISE DE METAPLASMOS

Maria Fernanda Lopes da Fonseca (G-CLCA-UENP/CJ)
Thalia Baptista da Silva (G-CLCA-UENP/CJ)
Luiz Antonio Xavier Dias (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: A presente comunicação pretende apresentar a recorrência de metaplasmos em algumas canções brasileiras. Segundo Coutinho, metaplasmos são as modificações fonéticas que ocorreram nas palavras durante a evolução do Latim para o Português. Essas modificações acontecem na língua até os dias atuais e podem ser observadas na fala de muitos indivíduos. Como a música, a fala e a língua estão interligadas, é possível fazer da música um objeto de estudo e, dessa maneira, perceber os metaplasmos recorrentes por meio dela. São utilizados para criar efeitos sonoros, enfatizar certas palavras ou expressar emoção. São usados de forma criativa pelos compositores e intérpretes para dar ritmo, musicalidade e identidade às músicas em diferentes gêneros. Eles também podem variar regionalmente e de artista para artista. Com isso, pode-se concluir que nossa pesquisa se torna importante por analisar uma canção nacional e ser possível evidenciar os metaplasmos mais utilizados, bem como as mudanças fonéticas que eram faladas em um determinado período. A referida pesquisa é quantitativa e qualitativa (Gil, 2006).

Palavras-chave: Metaplasmos. Língua. Canções. Música.

Considerações Iniciais

Realizamos uma pesquisa sobre os metaplasmos na música brasileira para isso foi necessário primeiramente entender o que são os metaplasmos e como eles ocorrem na língua portuguesa. Para isso, foi utilizado principalmente os estudos de Coutinho, que apontam as modificações na língua, os metaplasmos.

Essas modificações acontecem na língua até os dias atuais e podem ser observados na fala de muitos indivíduos. Como a música, a fala e a língua estão ligados, é possível fazer da música objeto de estudo e dessa maneira perceber os metaplasmos recorrentes através

- 635 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

dela. São usados de forma criativa pelos compositores e intérpretes para dar ritmo, musicalidade e identidade às músicas em diferentes gêneros.

Com isso, espera-se que nossa pesquisa se torne importante por analisar uma canção nacional e ser possível evidenciar os metaplasmos mais utilizados, bem como as mudanças fonéticas que eram faladas em um determinado período. Como pôde ser observado através desta análise, o português é um idioma ativo, em constante mudança.

Realizamos uma pesquisa sobre os metaplasmos na música brasileira e dessa forma realizaremos a análise da música “Não deixe o samba morrer” da Alcione para exemplificação do nosso trabalho. Primeiramente é necessário entender o que são os metaplasmos e como eles ocorrem na língua portuguesa.

Gramática Histórica da Língua Portuguesa

A gramática histórica da língua portuguesa é um ramo da linguística que se dedica ao estudo da evolução da língua portuguesa ao longo do tempo. Essa disciplina analisa as mudanças fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas que ocorreram desde as suas origens até os dias atuais. Ao investigar os documentos escritos e outros vestígios linguísticos ao longo da história, os estudiosos da gramática histórica buscam compreender os processos que moldaram a estrutura e o funcionamento da língua portuguesa, incluindo influências de outras línguas e fatores socioculturais. Por meio da compreensão dessas transformações, é possível elucidar as características e peculiaridades da língua portuguesa em diferentes períodos temporais, contribuindo para uma compreensão mais profunda da sua natureza e desenvolvimento.

Além disso, a gramática histórica da língua portuguesa desempenha um papel fundamental na contextualização e interpretação de textos antigos, literatura clássica e



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

documentos históricos. Ao analisar as formas linguísticas utilizadas em diferentes épocas, os estudiosos podem reconstruir o contexto cultural, social e político em que esses textos foram produzidos, proporcionando insights valiosos sobre a história e a cultura lusófona. Assim, a gramática histórica não apenas contribui para o entendimento da evolução da língua portuguesa, mas também enriquece nossa compreensão do passado e da identidade linguística e cultural dos povos de língua portuguesa.

Metaplasmos e o estudo de canções

Atualmente, o estudo dos metaplasmos na língua portuguesa, especialmente no contexto da música brasileira, tem despertado interesse em diversos pesquisadores e acadêmicos. Entre os principais autores que se dedicaram a esse tema, destaca-se o linguista brasileiro Ataliba de Castilho, cujas obras sobre variação linguística e mudança gramatical oferecem uma base teórica sólida para a compreensão dos metaplasmos na língua portuguesa em diferentes contextos, incluindo a música.

Outro autor relevante é Marcos Bagno, que, além de suas contribuições para o estudo sociolinguístico do português brasileiro, aborda também questões relacionadas à variação linguística e mudança gramatical, oferecendo insights valiosos para a análise dos metaplasmos na música brasileira.

No campo da análise musical, pesquisadores como José Ramos Tinhorão têm explorado a relação entre música e linguagem, investigando como aspectos linguísticos, incluindo os metaplasmos, influenciam a composição e a interpretação de letras de música, especialmente no contexto da música popular brasileira.

Além desses autores, é importante mencionar a contribuição de pesquisadores contemporâneos, tanto da linguística quanto da musicologia, que têm se dedicado ao estudo



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

interdisciplinar dos metaplasmos na música brasileira, enriquecendo nosso entendimento sobre essa temática e sua relevância cultural e artística.

Conceitos de metaplasmos

O termo metaplasmo vem do grego μεταπλασμός, que significa “mudança de forma”. Segundo Mattoso Câmara Jr. (1970, p. 11), o metaplasmo é “a modificação de um elemento linguístico por acréscimo, subtração ou substituição de um som ou letra”. O autor explica que o metaplasmo é um fenômeno que ocorre tanto na fala quanto na escrita, e que pode ser motivado por razões fonéticas, morfológicas, etimológicas, estilísticas ou pragmáticas. O autor também afirma que o metaplasmo pode ser considerado como um recurso expressivo e comunicativo da língua, pois pode criar efeitos de sentido, como por exemplo: ênfase, ironia, humor, musicalidade, etc.

Bechara (2009, p. 32) define o metaplasmo como “a alteração de um elemento linguístico por acréscimo, supressão ou substituição de um som ou letra, em relação à forma padrão”. O autor destaca que o metaplasmo é um fenômeno que reflete a dinamicidade e a diversidade da língua, pois pode ocorrer em diferentes níveis e em diferentes épocas da língua. O autor também ressalta que o metaplasmo pode ser considerado como um recurso estilístico e pragmático da língua, pois pode transmitir as intenções, as emoções, as atitudes e as relações dos falantes.

Cunha e Cintra (2013, p. 41) conceituam o metaplasmo como “a modificação de um elemento linguístico por acréscimo, supressão ou substituição de um som ou letra, em relação à forma padrão”. Os autores observam que o metaplasmo é um fenômeno que revela a variação e a mudança da língua, pois pode ocorrer em diferentes variedades e em diferentes períodos da língua. Os autores também enfatizam que o metaplasmo pode ser considerado



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

como um recurso criativo e artístico da língua, pois pode gerar efeitos de sentido, como por exemplo: poesia, ritmo, harmonia, etc.

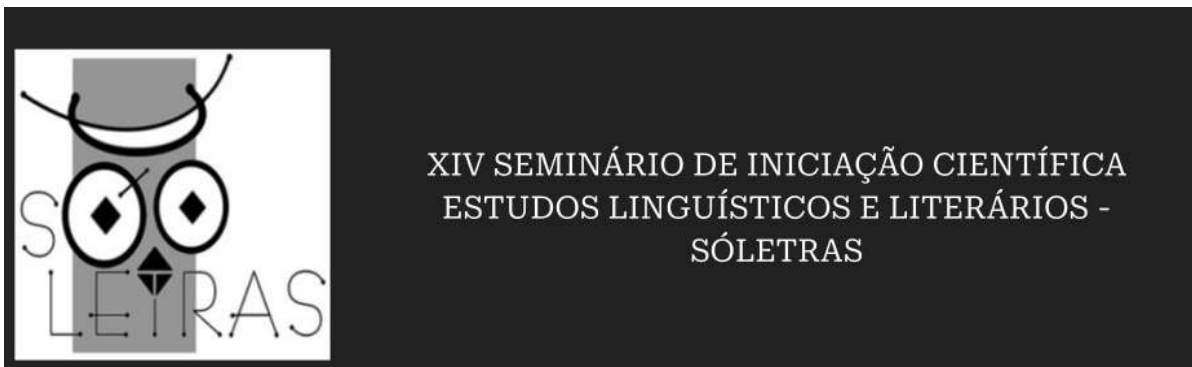
Bagno (2015, p. 55) caracteriza o metaplasmo como “a alteração de um elemento linguístico por acréscimo, supressão ou substituição de um som ou letra, em relação à forma padrão”. O autor salienta que o metaplasmo é um fenômeno que manifesta a diversidade e a complexidade da língua, pois pode ocorrer em diferentes contextos e em diferentes situações da língua. O autor também sublinha que o metaplasmo pode ser considerado como um recurso pragmático e estilístico da língua, pois pode expressar as ideias, os sentimentos, as opiniões e as atitudes dos falantes.

Agora vamos apresentar as classificações dos metaplasmos, de acordo com os quatro tipos propostos por Mattoso Câmara Jr. (1970): metaplasmos por adição, por subtração, por transposição e por modificação.

Desenvolvimento

Segundo Coutinho, metaplasmos são as modificações fonéticas que aconteceram nas palavras durante a evolução do Latim para o Português, sendo apenas fonéticas e conservando nas palavras o seu significado. Podem ser divididos em quatro tipos: por aumento, por supressão, por transposição e por transformação, com subdivisões em cada um deles.

Essas modificações acontecem na língua até os dias atuais e podem ser observados na fala de muitos indivíduos. Como a música, a fala e a língua estão ligados, é possível fazer da música objeto de estudo e dessa maneira perceber os metaplasmos recorrentes através dela. Além disso, ela está presente em muitos momentos cotidianos da população trazendo assim as alterações de cada época.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Com isso, pode-se concluir que nossa pesquisa se torna importante por analisar uma canção nacional e ser possível evidenciar os metaplasmos mais utilizados, bem como as mudanças fonéticas que eram faladas em um determinado período.

Os metaplasmos são alterações linguísticas que ocorrem na música brasileira, assim como em outras formas de expressão artística, como a poesia e a literatura. São para criar efeitos sonoros, enfatizar certas palavras ou expressar emoção. São usados de forma criativa pelos compositores e intérpretes para dar ritmo, musicalidade e identidade às músicas em diferentes gêneros.

Eles também podem variar regionalmente e de artista para artista, além de não estarem exclusivamente associados a um único gênero musical e podem ocorrer em diferentes contextos dentro da música brasileira. A criatividade dos compositores e intérpretes é um fator importante na incorporação desses elementos linguísticos na música, tornando-os uma parte fundamental da identidade musical brasileira.

Como a música marca um período histórico, pois mostra aquilo que estava presente em um período vivenciado pela sociedade da época, pode ser utilizada como um objeto de estudo para a gramática histórica, demonstrando as maiores modificações que ocorreram em um determinado período. A música escolhida para análise, foi determinada pela essência que ela representa, a do povo brasileira, e por ter marcado o povo e a geração.

Análise – Não deixe o samba morrer (Alcione)

Não deixe o samba morrer	Não deixi u samba morre
Não deixe o samba acabar	Não deixi u samba acaba
O morro foi feito de samba	U morru foi feito di samba
De samba para gente sambar	Di samba pra genti samba



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Quando eu não puder pisar mais na avenida
Quando as minhas pernas não puderem
aguentar
Levar meu corpo junto com meu samba
O meu anel de bamba
Entrego a quem mereça usar
Quando eu não puder pisar mais na avenida
Quando as minhas pernas não puderem
aguentar
Levar meu corpo junto com meu samba
O meu anel de bamba
Entrego a quem mereça usar
Eu vou ficar
No meio do povo, espiando
Minha escola perdendo ou ganhando
Mais um carnaval
Antes de me despedir
Deixo ao sambista mais novo
O meu pedido final
Antes de me despedir
Deixo ao sambista mais novo
O meu pedido final
Não deixe o samba morrer
Não deixe o samba acabar
O morro foi feito de samba

Quandu eu não pude pisa mais na
avenida
Quandu as minhas pernas não puderem
aguenta
Leva meu corpu juntu com meu samba
U meu anel di bamba
Entregu a quem mereça usa
Quandu eu não puder pisa mais na
avenida
Quandu as minhas pernas não puderem
aguenta
Leva meu corpu juntu com meu samba
U meu anel de bamba
Entregu a quem mereça usa
Eu vou fica
No meio du povu, espiandu
Minha escola perdendo ou ganhandu
Mais um carnaval
Antes di mi despedi
Deixu au sambista mais novu
U meu pedidu final
Antes di mi despedi
Deixu au sambista mais novu
U meu pedidu final
Não deixi u samba morre



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

De samba para gente sambar

Não deixe o samba morrer

Não deixe o samba acabar

O morro foi feito de samba

De samba para gente sambar

Não deixe o samba morrer

Não deixe o samba acabar

O morro foi feito de samba

De samba para gente sambar

Quando eu não puder pisar mais na avenida

Quando as minhas pernas não puderem
aguentar

Levar meu corpo junto com meu samba

O meu anel de bamba

Entrego a quem mereça usar

Quando eu não puder pisar mais na avenida

Quando as minhas pernas não puderem
aguentar

Levar meu corpo junto com meu samba

O meu anel de bamba

Entrego a quem mereça usar

Eu vou ficar

No meio do povo, espiando

Minha escola perdendo ou ganhando

Mais um carnaval

Não deixei u samba acaba

U morru foi feito di samba

Di samba pra genti samba

Não deixei u samba morre

Não deixei u samba acaba

U morru foi feito di samba

Di samba pra genti samba

Não deixei u samba morre

Não deixei u samba acaba

U morru foi feito di samba

Di samba pra genti samba

Quandu eu não pude pisa mais na
avenida

Quandu as minhas pernas não puderem
aguenta

meu corpu junto com meu samba

U meu anel di bamba

Entregu a quem mereça usa

Quandu eu não pude pisa mais na
avenida

Quandu as minhas pernas não puderem
aguenta

meu corpu junto com meu samba

U meu anel di bamba

Entregu a quem mereça usa



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Antes de me despedir	Eu vou fica
Deixo ao sambista mais novo	No meio du povu, espiandu
O meu pedido final	Minha escola perdendu ou ganhandu
Antes de me despedir	Mais um carnaval
Deixo ao sambista mais novo	Antes di mi despedi
O meu pedido final	Deixu au sambista mais novu
Não deixe o samba morrer	U meu pedidu final
Não deixe o samba acabar	Antes di mi despedi
O morro foi feito de samba	Deixu au sambista mais novu
De samba para gente sambar	U meu pedidu final
Não deixe o samba morrer	Não deixi u samba morre
Não deixe o samba acabar	Não deixi u samba acaba
O morro foi feito de samba	U morru foi feito di samba
De samba para gente sambar	Di samba pra genti samba
	Não deixi u samba morre
	Não deixi u samba acaba
	U morru foi feito di samba
	Di samba pra genti samba

Os metaplasmos que mais aparecem são Assimilação - em que há a aproximação de dois fonemas pela influência de um sobre o outro, Apócope - aquele relacionado aos processos de queda em finais de sílabas e Síncope - a supressão ocorre no meio do vocábulo, já o que menos aparece é a Epêntese - acréscimo de fonema no interior da palavra. Ao



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

analisarmos os metaplasmos da música “Não deixe o Samba Morrer”, observamos que a maior recorrência é da Apócope, a supressão de sons no final de palavras para ajustá-las ao ritmo da música.

Considerações Finais

Como pôde ser observado através desta análise, o português é um idioma ativo, em constante mudança. Muitas são as formas de comunicação que diferem da língua padrão, porém, praticamente todas elas seguem a evolução natural da língua e, portanto, não podem ser consideradas erradas, pois são a expressão riquíssima de um povo.

O estudo dos metaplasmos na música brasileira é de suma importância por diversos motivos. Em primeiro lugar, os metaplasmos, que são as alterações linguísticas deliberadas ou involuntárias, muitas vezes refletem aspectos culturais, históricos e sociais de uma determinada época ou região. Na música brasileira, essas variações podem revelar nuances da diversidade linguística do país, bem como características específicas de diferentes gêneros musicais e suas comunidades de origem. Compreender e analisar os metaplasmos presentes nas letras das músicas brasileiras pode oferecer insights sobre as dinâmicas socioculturais e os processos de construção identitária que permeiam a música popular.

Dessa maneira, o estudo dos metaplasmos na música brasileira contribui para uma apreciação mais profunda e contextualizada das obras musicais. Ao analisar as alterações linguísticas presentes nas letras, os pesquisadores podem entender melhor as intenções dos compositores, as influências estilísticas e as conexões com outros aspectos da cultura brasileira, como literatura, história e política. Essa abordagem amplia a compreensão da música como uma forma de expressão artística e cultural, enriquecendo tanto a experiência auditiva quanto a análise crítica das obras musicais brasileiras.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Referências

ALCIONE. Não deixe o samba morrer. 1975. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=5Q8VNoMzKkw>. Acesso em: 18 fev. 2024

COUTINHO, Ismael de Lima. Gramática Histórica. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

LIMA, Ana Maria de; SILVA, Kelly Regina da; YAMASHITA, Nilce Mara. Análise dos metaplasmos nas letras de música de Adoniran Barbosa. 2017.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

RODRIGUES, Adeílson. Metaplasmo na música brasileira. 2019.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA PROPOSTA DE
ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO PARA OS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Ederson da Paixão (PG-PPEd/UENP)
Patrícia Cristina de Oliveira Duarte (CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Tendo como foco propor reflexões acerca do trabalho com a leitura literária na Educação Básica, de modo especial, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, este estudo objetiva apresentar a proposta da *Sequência básica* (Cosson, 2021), como possibilidade de encaminhamento metodológico visando contribuir e enriquecer a prática docente. Por meio de um trabalho com o texto literário desenvolvido em quatro etapas, a proposta em tela possibilita ao docente a realização de um trabalho mais sistematizado e, conseqüentemente, mais eficaz. Caracterizada como bibliográfica e de cunho qualitativo, a pesquisa traz à tona reflexões sobre o tema a partir do referencial teórico selecionado.

Palavras-chave: Educação Básica. Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Sequência Básica.

Considerações iniciais

O ato de aprender a ler e, conseqüentemente, tornar-se leitor, constituem-se em práticas que permitem mediar e transformar as relações estabelecidas entre os seres humanos no contexto social (Cosson, 2021). Partindo dessa premissa, compreendemos¹⁷ e ressaltamos a importância da formação do leitor, desde o início de sua escolarização, como forma de despertar nele o gosto pela leitura, em especial, a literária.

O contato com o universo literário permite despertar, nas crianças, a linguagem, bem como ampliar o seu vocabulário, além de torná-las cada vez mais imaginativas e criativas. Além disso, quando bem explorada em sala de aula por parte do professor, a leitura

¹⁷ Optamos pela utilização da primeira pessoa do plural, pois as considerações aqui apresentadas resultam do diálogo dos diferentes autores utilizados para embasar teoricamente este artigo.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

literária é capaz de tornar os estudantes mais questionadores e, desse modo, mais participativos e atuantes na sociedade em que vivem.

Embora seja de extrema importância para a formação do ser humano, tanto nos aspectos intelectual quanto social, muitas vezes a maneira pela qual o livro é abordado em sala de aula está pautado em atividades pouco atrativas para os estudantes, os quais ainda estão adentrando no universo da literatura, principalmente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Verificamos que, geralmente, as atividades desenvolvidas ocorrem de maneira superficial e, muitas vezes, se resumem em exercícios avaliativos o que as distanciam das reais necessidades e interesses dos alunos.

Com base no exposto, nosso principal objetivo é propor uma abordagem da leitura literária em sala de aula, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, por meio do uso da partir da *Sequência básica* de letramento, apresentada e descrita por Rildo Cosson em *Letramento literário: teoria e prática* (2021). Acreditamos que a proposta em evidência auxiliará os educadores da Educação Básica em sua prática docente, permitindo a eles repensar e adequar as suas aulas visando a um trabalho mais significativo em prol do letramento literário.

Como embasamento teórico, para discorrer sobre o encaminhamento em evidência, buscamos fundamentação nos estudos do autor supracitado. Além do mais, à procura de uma visão mais ampla acerca do ensino da literatura e da literatura infantil e sua importância no contexto escolar, recorreremos às reflexões e estudos realizados por Candido (2011), Coelho (2000) e Lajolo (1984).

A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, pois é “desenvolvida com base em material já elaborado” (Gil, 2002, p. 44), baseando-se em trabalhos desenvolvidos anteriormente acerca da temática em tela. Além disso, fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, devido ao fato de ser totalmente descritiva, preocupada com todo o seu processo de elaboração e não apenas com os resultados obtidos (Triviños, 1987).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

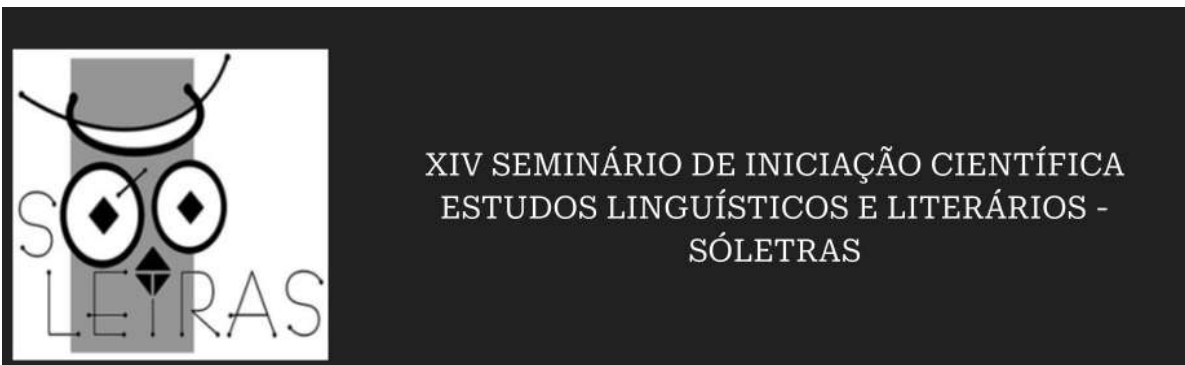
O texto estrutura-se da seguinte maneira: primeiramente, apresentamos os resultados decorrentes do referencial teórico analisado. Em seguida, evidenciamos as discussões que dele emergem, no que diz respeito à importância da leitura literária para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tendo como enfoque, a proposta de Cosson (2021). Por fim, apresentamos as considerações finais da pesquisa, seguidas das referências utilizadas em sua elaboração.

Resultados

Segundo Candido (2011), a literatura constitui-se em uma manifestação universal dos seres humanos em qualquer momento da história e, ainda em consonância com as palavras do autor, ela se apresenta como um instrumento extremamente poderoso tanto para os aspectos de instrução quanto de educação. Frente ao exposto, verificamos, portanto, a sua importância para a formação dos indivíduos nos aspectos social e intelectual, oferecendo a eles, conseqüentemente, subsídios para a transformação da sociedade da qual fazem parte.

Sob tal perspectiva, tendo em vista que a literatura é um produto da sociedade (Lajolo, 1984), se faz necessária a sua presença e estímulo desde os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, despertando o interesse dos estudantes para adentrarem no universo da imaginação e criatividade por ela proporcionados. Nas palavras de Coelho (2000), vemos que o texto literário destinado às crianças é, acima de tudo, literatura, arte e linguagem “[...] que expressa uma determinada experiência humana [...]” (Coelho, 2000, p. 27), que trabalha com o imaginário das pessoas, permitindo compreender a si e ao próximo e, conseqüentemente, as tornando mais abertas à diversidade que as cercam.

Compreendemos que o letramento literário é importante para a formação dos estudantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e, por isso, julgamos que um trabalho



mais aprofundado com as obras literárias seja necessário. Sob tal perspectiva, acreditamos que a *Sequência básica* (Cosson, 2021) seja uma oportunidade interessante para a abordagem dos textos literários em sala de aula, permitindo um trabalho sistematizado e, portanto, mais eficaz em torno das obras selecionadas para a prática educativa com as crianças.

Com base no encaminhamento proposto por Cosson (2021), veremos que, ao percorrer as quatro etapas da *Sequência básica: motivação, introdução, leitura e interpretação*, o educador possibilitará conduzirá os alunos a uma visão mais ampla e minuciosa dos textos abordados. Dessa forma, ao se distanciar das atividades “tradicionais” de abordagem do texto literário em sala de aula, pautadas em exercícios de verificação de leitura por meio de avaliações e trabalhos, por exemplo, certamente os discentes encontrarão mais sentido no trabalho realizado.

Discussão

É fundamental entender a literatura enquanto “[...] uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza” (Candido, 2011, p. 188). Assim, sem dúvida alguma, uma das muitas contribuições da literatura para os indivíduos é o seu aspecto humanizador, tendo em vista que, cada vez mais, ela nos torna “[...] mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (Candido, 2011, p. 182).

Em concordância com as considerações acima vemos que, por meio de uma visão mais abrangente acerca do contexto em que está inserido e, diante da diversidade cultural presente na sociedade, o ser humano é levado a refletir e a valorizar a pluralidade que o cerca, compreendendo melhor a si mesmo e aquele com quem interage nas mais diversas



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

situações do cotidiano. Dessa maneira, a literatura tem muito a acrescentar na formação do indivíduo em sua totalidade, não apenas no que concerne ao seu desempenho nas atividades escolares.

Outro aspecto importante que merece ser pontuado diz respeito ao fato de que “[...] a obra literária é um objeto social. Para que ela exista, é preciso que alguém escreva e que outro alguém a leia. Ela só existe enquanto obra neste intercâmbio social” (Lajolo (1984, p. 16). Portanto, a partir das considerações da autora, vemos que, por meio desse intercâmbio estabelecido entre aquele que escreve e aquele que lê, são estreitados os laços que permitem ao apreciador conhecer novas culturas e desenvolver novos modos de ver, de pensar e de compreender as coisas e aqueles que estão a sua volta.

Segundo evidencia Coelho (2000, p. 15), “é ao livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação de consciência de mundo das crianças e dos jovens”. Logo, é fundamental uma prática docente na Educação Básica que venha a despertar nos leitores, principalmente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, o interesse e o gosto pela leitura para que, gradativamente, se tornem cidadãos cada vez mais conscientes e críticos

É importante ressaltarmos, ainda, que

a literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. (Coelho, 2000, p. 15).

Em consonância com o exposto, constatamos que cabe à escola, principalmente por meio da figura do educador enquanto mediador das leituras, a seleção de textos/obras literárias que venham a enriquecer o processo ensino-aprendizagem e possam ir ao encontro das reais necessidades dos discentes.

- 650 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

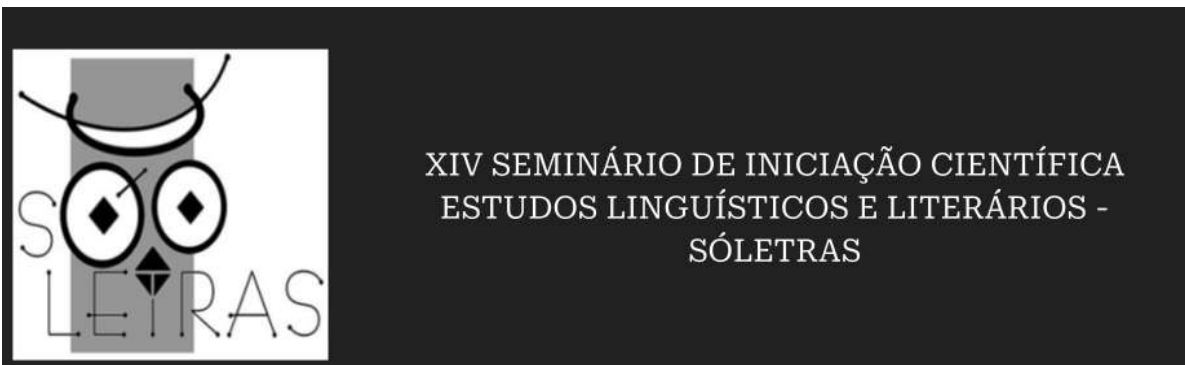
Dada a sua importância para a formação do indivíduo em sua totalidade, reiteramos a necessidade de uma abordagem sistematizada da leitura literária nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, apresentamos, como sugestão de encaminhamento didático a *Sequência básica* de letramento, a qual percorre quatro momentos, sendo eles a *motivação*, a *introdução*, a *leitura* e a *interpretação*, respectivamente.

Com relação ao primeiro momento, a *motivação*, este consiste em um preparo do aluno para que ele entre em contato com o texto futuramente (Cosson, 2021). Segundo bem destaca o autor, “[...] as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir” (Cosson, 2021, p. 55). Portanto, constatamos que essa primeira etapa é fundamental, pois está preocupada com a aproximação entre o estudante e a temática que será trabalhada na obra, criando, assim, o despertar da curiosidade e do interesse dos escolares.

A segunda etapa, intitulada *introdução*, está preocupada em apresentar a obra e o autor aos alunos (Cosson, 2021). Além disso, “[...] apesar de ser uma atividade relativamente simples, demanda do professor alguns cuidados” (Cosson, 2021, p. 60), tais como não se estender na apresentação do autor, falar da sua importância e o porquê da sua escolha, bem como apresentá-la fisicamente aos discentes e explorar alguns de seus elementos, tais como a capa e outros elementos, por exemplo.

No que diz respeito à *leitura*, esta

[...] precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. Não se pode confundir, contudo, acompanhamento com policiamento. O professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura. (Cosson, 2021, p. 62)



Frente ao exposto, constatamos que essa é a etapa essencial de todo o processo, haja vista que corresponde ao momento de encontro entre o leitor e a narrativa. É importante pontuarmos, ainda, que cabe ao docente acompanhar os estudantes ao longo de todo o processo, o qual poderá, dependendo da extensão de cada obra, ser dividido em intervalos, com a apresentação dos resultados da leitura pelos estudantes.

Por fim, a *interpretação*, consiste no último momento da *Sequência básica* e se destina ao compartilhamento das impressões obtidas pelos escolares. Para o autor,

[...] por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. Trata-se, pois, da construção de uma comunidade de leitores que tem nessa última etapa seu ponto mais alto. (Cosson, 2021, p. 66)

A partir do exposto, vemos que, embora seja a última etapa do encaminhamento proposto, a *interpretação* possibilita o diálogo e a troca de experiências e de visões dos estudantes obtidas ao longo de todo o percurso. Dessa maneira, além de externalizarem suas interpretações, eles também têm a oportunidade de adquirirem novos saberes, os quais poderão ser utilizados, na prática, em seus contextos de atuação, a partir de uma postura cada vez mais crítica e participativa possibilitada pela leitura literária.

A fim de melhor elucidar as quatro etapas em tela, realizamos uma síntese no quadro a seguir:



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Quadro 1 – Etapas da *Sequência básica* de letramento

Primeiro passo: <i>motivação</i>	Consiste no preparo do aluno para que ele adentre no texto, garantindo um encontro inicial eficaz entre o leitor e a obra. Segundo o autor, o sucesso do encontro entre o leitor e a obra será resultado de uma boa prática de motivação.
Segundo passo: <i>introdução</i>	Essa etapa corresponde à apresentação da obra e seu autor aos estudantes. Nesse momento é importante a apresentação física do livro, evidenciando, ainda, o porquê de sua escolha e sua importância naquela ocasião.
Terceiro passo: <i>leitura</i>	Como o próprio nome já sugere, diz respeito à leitura do texto na íntegra, exigindo o acompanhamento do professor. Deve-se delimitar o período para a leitura e separá-lo em intervalos, para que o educador possa auxiliar os alunos em suas dificuldades.
Quarto passo: <i>interpretação</i>	Sendo a última etapa da <i>Sequência básica</i> , é o espaço voltado ao compartilhamento das interpretações dos escolares diante da leitura empreendida. É preciso oferecer ao estudante a oportunidade de refletir sobre a obra lida e externalizá-la, de diferentes formas, em um diálogo com os demais colegas.

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Cosson (2021).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A partir das quatro etapas do encaminhamento metodológico em evidência, perceberemos que, por meio de uma leitura sistematizada, as crianças recebem estímulos para apreciarem o texto, pois são apresentadas ao autor e conduzidas a conhecerem as especificidades das obras. Além disso, é estabelecida uma relação direta entre a prática da leitura e da interação, uma vez que os estudantes produzirão um conhecimento por meio da apreciação do texto e da interpretação/socialização de suas impressões, contribuindo, assim, com a transformação do seu entorno.

Considerações finais

Por meio do presente estudo, buscamos discorrer sobre a importância do trabalho com a leitura literária na Educação Básica, de modo particular, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. As discussões mostraram que o ato de ler contribui significativamente com a ampliação do repertório linguístico das crianças, além de torná-las mais imaginativas, questionadoras, críticas, abertas à compreensão da diversidade ao seu redor e mais atuantes na sociedade.

Considerando a importância da literatura para a formação do indivíduo, nosso intuito foi o de propor um trabalho em torno do letramento literário a partir da *Sequência básica*, proposta por Rildo Cosson, como uma maneira de contribuir com a prática educativa. Conforme constatamos por meio das reflexões empreendidas, a partir das quatro etapas bem delimitadas, os estudantes são conduzidos a uma visão mais aprofundada do texto trabalhado, o que se constitui, portanto, uma abordagem mais atrativa, eficiente e enriquecedora para o processo ensino-aprendizagem.

Nosso propósito, nessa pesquisa, foi apresentar uma breve abordagem trazendo à tona reflexões importantes acerca do trabalho com o texto literário com as crianças. Assim,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

esperamos que as discussões apresentadas possam contribuir com estudos desenvolvidos tanto na área de Educação quanto de Letras, além de permitir que os docentes que atuam no Anos Iniciais do Ensino Fundamental repensem sobre a sua prática em sala de aula, no que diz respeito ao trabalho com os textos literários.

Referências

- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**LETRAMENTO LITERÁRIO: A FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS POR
MEIO DA OBRA *O PEQUENO PRÍNCIPE***

Joyce Barbosa de Castro (G-CLCA-UENP/CJ)
Maria das Graças Becker de Souza (G-CLCA-UENP/CJ)
Nerynei Meira Carneiro Bellini (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: A formação e o desenvolvimento de leitores críticos é um aspecto imprescindível na educação, visto que qualifica os indivíduos a interpretar e compreenderem com mais profundidade e objetividade todos os aspectos ao seu redor. Em outras palavras, ajuda a desenvolver e expandir sua capacidade de avaliar as informações a partir de diferentes perspectivas em favor da sua formação moral e sociocultural. O presente artigo tem como intuito expor as contribuições que o letramento literário do autor Rildo Cosson (2012) pode oferecer na formação de leitores críticos nos anos finais do Ensino Fundamental Básico. Partindo desse pressuposto, a pesquisa aqui apresentada busca investigar como a Sequência Básica (Cosson, 2012) pode contribuir para a formação leitora de estudantes brasileiros. A investigação tem um caráter qualitativo de cunho bibliográfico e desenvolverá, por meio da análise dos operadores de leitura (Franco Júnior, 2009) no livro *O pequeno príncipe* (primeira edição 1943, edição em pauta 2009), de Antoine de Saint-Exupéry, uma aplicável Sequência Básica (Cosson, 2012). Além disso, pressupostos críticos de Paulo Freire (1997) e Walter Benjamin (1994) sobre leitura estarão na base deste trabalho.

Palavras-chave: Letramento literário. Sequência Básica. Leitura.

Introdução

A leitura é essencial para a formação e inserção humana na sociedade, visto que ela auxilia na formação dos seres em diversos aspectos no decorrer da vida. Entretanto, no estudo realizado pela quinta edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2020), podemos ver que apenas cinquenta e dois por cento da população tem o hábito de ler.

O grande educador Paulo Freire (1997) afirmou: “É preciso que a leitura seja um ato de amor”. Considerando essa premissa, a leitura precisa ser amada e valorizada e, por isso,

- 656 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

optamos pela utilização da Sequência Básica de Rildo Cosson (2012), a fim de promover interesse nos(as) alunos e alunas em sala de aula, em uma projeção de implementação. Durante a realização deste trabalho buscamos considerar como *corpus* o livro *O pequeno príncipe* (2009), de Antoine de Saint-Exupéry, com o objetivo de realizar uma leitura significativa e enriquecedora dos sentidos subjacentes ao enredo.

A formação de leitores críticos é de suma importância para o desenvolvimento da educação e, conseqüentemente, da sociedade e pode ser incentivada por meio da utilização da Sequência Básica de Rildo Cosson (2012), como metodologia de ensino. Quanto à metodologia da pesquisa, que é de cunho bibliográfico, serão estudadas, profundamente, teorias da narrativa e da leitura crítica, considerando autores como Paulo Freire (1997), Walter Benjamin (1994), Arnaldo Franco Júnior (2009), com o objetivo de fomentar a reflexão e a análise crítica por meio da leitura.

Ao utilizar a Sequência Básica de Cosson, os alunos são estimulados a desenvolver sua capacidade de compreender, interpretar e avaliar positivamente ou negativamente os textos que leem. A leitura pode ser realizada por meio de etapas como a leitura silenciosa, seguida da leitura audível, com voz clara, e discussão em grupo. Assim, os alunos são estimulados a pensar criticamente sobre o que leem, identificando ideias, temas, mensagens subliminares aos textos, bem como a produção de significados e a relação entre o sujeito e o discurso.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a utilização da Sequência Básica, de Rildo Cosson (2012) no processo de formação de leitores críticos com a obra *O pequeno príncipe* (2009), de Antoine de Saint-Exupéry. Os objetivos específicos consistem em: contribuir com o debate sobre a formação de leitores em ambiente escolar; analisar os operadores de leitura em *O pequeno príncipe* (2009), de Antoine de Saint-Exupéry; analisar a possível recepção leitora da obra *O pequeno príncipe* (2009), por meio da Sequência



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Básica, que foi proposta por Cosson (2012); e analisar o alcance leitor dos possíveis significados implícitos no livro e sua correlação com a situações reais.

A metodologia da pesquisa deste trabalho é qualitativa de cunho bibliográfico e parte de estudos científicos acerca do tema. As pesquisas bibliográficas são importantes porque possibilitam que se analisem, de maneira aprofundada, assuntos relevantes ao contexto do acadêmico no processo de formação docente seja inicial e/ou continuada. O estudo aqui desenvolvido traz um aporte teórico relevante para que, no momento da prática, haja uma base que sirva como ponto de partida. Tratando-se de conhecimentos relacionados à educação e à leitura, uma pesquisa de cunho qualitativo torna-se fundamental, uma vez que tem a finalidade de apresentar caminhos que facilitem a tarefa do docente e que sejam efetivos no aprendizado dos discentes.

O professor pesquisador não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar a sua prática. O que distingue um professor pesquisador dos demais professores é seu compromisso de refletir sobre a própria prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos e superar as próprias deficiências. (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 46).

A metodologia de ensino alicerça-se na proposta de Rildo Cosson (2012), especificamente, a Sequência Básica. Portanto, será realizada uma série de atividades a partir da leitura e análise do livro *O pequeno príncipe* (2009), de Antoine de Saint-Exupéry. Segundo Cosson, a Sequência Básica é instituída pela realização de quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. Basicamente, a motivação pretende despertar nos(as) estudantes o desejo que conhecer a obra e a temática, antes mesmo da leitura. A introdução consiste em trazer informações sobre o autor e sua produção literária, inclusive os elementos paratextuais. Na leitura da obra é imprescindível a mediação docente, com alguns

- 658 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

intervalos a fim de verificar a compreensão dos(as) estudantes-leitores. Por fim, na etapa de interpretação, Cosson enfatiza a necessidade de se compartilhar a leitura realizada e os possíveis significados, numa integração entre a turma e com foco em práticas sociais concretas. Todas essas etapas da Sequência Básica serão esmiuçadas no tópico subsequente deste trabalho.

Antoine de Saint-Exupéry e o enredo da obra *O Pequeno Príncipe*

Antoine de Saint-Exupéry: aviador e escritor

Durante a extensão desta seção buscamos apresentar de maneira sucinta e clara a vida e as experiências de Antoine de Saint-Exupéry, o autor da obra *O Pequeno Príncipe*. O livro utilizado como base deste tópico é *Antoine de Saint-Exupéry e O Pequeno Príncipe – A história de uma história*, da autora Sheila Dryzun (2009).

Segundo Dryzun (2009), Antoine Jean Baptiste Marie Roger Foscolombe de Saint-Exupéry nasceu no dia 29 de junho de 1900, originário da cidade de Lyon, localizada no sul da França. Quando Antoine completou seus 4 anos, seu pai Visconde Jean de Saint-Exupéry acabou falecendo e sua mãe Dona Marie se mudou para o leste da França. Em sua nova vizinhança, Antoine conheceu e se aventurou no aeródromo de Ambérieu, onde passava horas observando as grandes máquinas voadoras no céu.

Durante suas experiências na base do aeródromo, Antoine conheceu e conversou com os pilotos, implorando-lhes para que voasse com eles. Aos sete anos de idade, conseguiu convencê-los e pela primeira vez, Antoine descobriu o prazer de voar. Essa experiência inusitada aflorou sua criatividade e despertou, ainda mais em seu íntimo, a vontade de voar e explorar os céus.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

O pequeno Antoine quando tinha entre sete a onze anos, era um garoto muito criativo e fantasioso que amava escrever e desenhar. O garoto passava horas ilustrando desenhos e os mostrava para seu irmão François que o apoiava. Infelizmente o seu irmão acabou falecendo com apenas quinze anos, deixando o pobre garoto com um gosto amargo e misterioso da morte que o assombrava desde os quatro anos.

Em 1917, após o término da Primeira Guerra Mundial, Antoine sonhava em se tornar um grande aviador experiente. Todavia, decidiu optar por um caminho mais seguro a pedido de sua mãe, ou seja, cursar a Escola Naval. O jovem tentou incorporar-se à instituição naval, mas, sem muita propósito e paixão, foi reprovado nos testes de admissão.

Após o infortúnio da reprovação e procurando uma validação acadêmica, Antoine decidiu ir a Paris para iniciar um curso de Arquitetura, porém, a formação não lhe agradou muito. Durante esse tempo, a ambição pela arte da escrita intensificou-se, por isso, passava a maior parte do tempo desenhando e escrevendo nos bistrôs da cidade, o que o levou a desistir do curso de Arquitetura.

Em 1921, posteriormente ao abandono do curso da Arquitetura, Antoine é convocado para o serviço militar. O jovem encheu-se de alegria, pois, almejava desbravar os ares, mas, de início, sua convocação foi para trabalhar como mecânico. Após um tempo, com a ajuda financeira de sua mãe, Antoine conseguiu pagar aulas de voo para que fosse transferido para outro setor. As aulas de aviação corriam bem, porém, certo dia, Antoine decolou sozinho, antes mesmo de ter feito aulas práticas de aterrissagem, sofrendo um acidente aéreo. A transgressão causou-lhe duas semanas na prisão militar.

Antoine conseguiu seu brevê de piloto em 1922. Após dois anos de seu acidente aéreo, o avião que pilotava sofreu uma avaria e caiu. Infelizmente, dessa vez, Antoine teve várias contusões e ferimentos cranianos. No ano seguinte, ele foi liberado do serviço militar com uma patente de subtenente da reserva.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

No ano de 1926, Antoine, diante de um futuro indeterminado, almejou voar o mais longe possível. Nesse momento, conheceu o Abade Sudour, que era um antigo clérigo da Instituição de ensino *Louis-le-Grand*, em Paris, na França. Após esse encontro, Antoine decidiu trabalhar com o transporte de cartas aéreas e, por isso, foi apresentado a Didier Daurat, que era o diretor da empresa *Latecôre*. Antoine trabalhou para a companhia onde ajudou a implantar rotas de correio aéreo na África, América do Sul e Atlântico Sul.

Na ocasião, Antoine fazia um percurso extremamente complicado entre Senegal e Marrocos, pois o único ponto de reabastecimento era próximo à Mauritânia, na África. Nesse lugar, algumas tribos tuaregues, quando avistavam aviões franceses no céu, abriam fogo contra eles para os derrubarem. Em seguida, capturavam os pilotos e os guardavam em buracos fundos no deserto. Os prisioneiros serviam de barganha para os tuaregues conseguirem comida, armas e dinheiro.

Certa feita, Antoine, sobrevoando a região onde viviam os tuaregues, precisou aterrissar o avião, devido a uma pane. Nessa situação, Antoine, ao perceber que seria capturado pelos desconhecidos nativos desconhecidos, esforçou-se para relacionar-se com eles, inclusive, aprender o idioma (árabe) dos tuaregues. Nessa aproximação o piloto francês cantou e contou-lhes histórias noturnas, cativando os tuaregues, que, de inimigos, tornaram-se aliados, inclusive, devolvendo-lhe os malotes perdidos. Com o êxito, Antoine foi nomeado chefe da linha Cabo Juby, na Mauritânia. Essa passagem da vida de Antoine é extremamente parecida da abordagem da raposa com o pequeno príncipe onde ambos precisam criar laços.

Em 1929, Antoine recebeu do governo francês uma importante medalha de cavaleiro da Legião de Honra por seus atos de heroísmo. Ainda, tornou-se o diretor da linha aérea que o levou à América do Sul, onde, posteriormente, conheceu o Brasil e a Argentina. No Brasil foi tido como herói, pois revelava imensa bravura ao enfrentar os perigos contidos no oceano e na mata. Ele também realizava salvamentos, bem como, trazia mantimentos aos



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

povos.

Durante o ano de 1930, Bouilloux-Lafont, um francês idealista, que residia no Brasil, adquiriu, em torno de 93% de ações da companhia aérea de Pierre Latécoère, e concedeu o cargo de chefe dirigente da companhia, que se localizava em Buenos Aires, a Antoine.

Usufruindo de tal *status*, o jovem piloto foi convidado a participar de inúmeros eventos sociais e, em um deles, conheceu sua musa inspiradora, Consuelo Soucin, que era uma bela e sedutora moça, que logo caiu nos braços do poeta-piloto.

A crise de 1930 e a revolução que se iniciou no Brasil foram responsáveis por fecharem a Companhia Aeropostale e, conseqüentemente, pela dispensa de Antoine. Após o ocorrido, o jovem embarcou à França e, em 1931, casou-se com a jovem Consuelo, em Agay.

Com a quebra da bolsa de valores em Nova York, Antoine solicitou uma colocação na Air France, porém só conseguiu ser contratado como piloto de teste. Após um pequeno erro no ângulo de aterrissagem, o avião de Antoine afundou no mar mediterrâneo, em 1933, sendo retirado por um enorme guindaste. O piloto, embora bem machucado, foi retirado do fundo do mar com vida. Depois dessa enorme turbulência Antoine foi contratado pela Air France como conferencista e começou a viajar pelo mundo todo.

No dia 29 de dezembro de 1935, Antoine tentou bater o recorde na travessia aérea de Paris a Saigon, a fim de quitar suas dívidas e receber uma quantia de 150 mil francos. Todavia, após decolar, começou a sentir tremores e o avião caiu no deserto da Líbia. Entre as dunas de areia e a imensidão do deserto, o piloto se viu em meio ao caos e a vastidão, contudo, encontrou um campo cheio de rosas. Esse evento de sua vida é ficcionalizado em duas passagens de seu livro, logo no início, quando o personagem piloto está no deserto e depara-se com rosas.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Devido a aterrissagem forçada do avião, Antoine percebeu que estava no deserto sem líquido algum, então, improvisou, com as lonas do avião, uma cisterna para recolher o orvalho da manhã. Desnutrido e intoxicado, o piloto teve sorte ao ser resgatado com vida da região desértica.

A Segunda Guerra Mundial aconteceu no ano de 1939, quando os serviços de piloto foram bastante requisitados. Exupéry, porém, nesse momento, estava gravemente doente e impossibilitado de pilotar novamente devido aos muitos acidentes aéreos que teve. Considerando os conselhos de sua esposa e de amigos, decidiu morar na cidade de Nova York em 1940 e, ali, dois anos depois, publicou o livro *Piloto de Guerra*.

No verão daquele mesmo ano, durante um almoço com seu editor Eugene Reynal e sua esposa Elizabeth, surgiu o primeiro esboço da obra *O Pequeno Príncipe*. Seu editor perguntou-lhe sobre o texto e o desenho e obteve a seguinte resposta: “Nada demais. Apenas o garoto que existe no meu coração” (Saint Exupéry *apud* Dryzun, 2016, p. 145). A partir dessa conversa, editor e autor transformam o desenho descomprometido em um encantador protagonista de livro infantil.

A primeira publicação de *O Pequeno Príncipe* ocorreu nos Estados Unidos, no dia 6 de abril de 1943 e teve um grande impacto no cenário literário da época. Contudo, o livro somente chegou ao Brasil em meados de 1945, pela editora Agir.

A obra obteve (e ainda possui) grande repercussão mundial e tornou-se o terceiro livro mais vendido de todos os tempos. A história é extremamente encantadora pois mescla diversas temáticas em seu conteúdo, envolvendo diversos leitores de todas as faixas etárias e nacionalidades.

Depois do lançamento do seu livro, Antoine almejou desbravar os céus novamente, porque acreditava que durante os voos acharia uma nova inspiração. Em 1944, ele se preparou para a nova missão. Aos 44 anos de idade, o piloto decolou feliz em sua planejada



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

viagem, que, infelizmente, foi a última, pois, seu avião desapareceu do radar e Saint-Exupéry nunca mais regressou.

O enredo de O Pequeno Príncipe

O autor iniciou a obra por meio de um narrador-personagem que relata, na primeira pessoa, sua singela história, que, não obstante a aparência de simplicidade, é repleta de situações fantasiosas e emblemáticas as quais aguçam os leitores devido a sua profundidade de sentido. O livro traz, em suas primeiras páginas, um pequeno desabafo do protagonista infante a respeito de um desenho de uma jiboia que sempre causava incômodo e contestação nos adultos. Isso porque não conseguiam entender a complexidade e as analogias vigentes no pequeno esboço e, assim, associavam a ilustração a um chapéu comum.

Ao avançarmos as páginas, há um segundo contato com o protagonista, que se caracteriza como é um homem adulto, porém, ainda enxerga o mundo da mesma maneira sensível e perspicaz de quando era uma criança. A atual trama em que se desenrola é que seu avião teve uma pequena falha e foi obrigado a realizar um pouso de emergência no Deserto do Saara. O personagem teve que lutar sozinho para consertar a máquina e manter-se vivo na região desértica, porém, em meio a esse caos, ele é agraciado ao ouvir uma pequena voz, que, até então, lhe é desconhecida.

O dono da voz era um menino de aparência extraordinária e que lhe fez um humilde pedido: “o desenho de um carneiro”. O protagonista, no primeiro momento, não conseguiu entender o garotinho e muito menos o motivo do excêntrico pedido, afinal estavam a quilômetros de distância de uma região habitada. O garoto instituiu para que o homem desenhasse um carneiro, o que lhe foi concedido. Todavia, todos foram descartados pelo garoto, que sempre identificava um defeito nos desenhos. O piloto, já sem paciência,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

desenhou uma simples caixa e disse que o carneiro estava lá dentro. Desse modo, a solicitação do menino foi satisfeita e iniciou-se um vínculo com ele, que era o pequeno príncipe.

A seguir, notamos que o aviador se encanta com o garoto que o enche de perguntas, mas que não se importa em responder as que lhe são solicitadas. Vemos o começo de uma amizade incrível que se vai formando ao decorrer da trama. Mesmo que o garoto ignorasse algumas perguntas do piloto, notamos que, em um certo momento, ele menciona sobre vir de outro planeta, o que deixa o protagonista eufórico.

O narrador faz uma descrição do planeta onde residia o pequeno príncipe, ou seja, um lugar pequeno de nome asteroide B612. O primeiro relato metuculoso feito pelo pequeno príncipe foi a respeito das baobás, que eram árvores extremamente grandes as quais estavam soterradas no solo do pequeno asteroide. O garoto preocupa-se muito com isso, pois se elas não fossem arrancadas rapidamente poderiam crescer e rachar o seu lar e, assim, havia solicitado o carneiro no primeiro contato deles. Outra descrição surpreendente sobre o planeta de origem do pequeno príncipe é que devido ao fato de ser pequeno ele conseguia assistir ao pôr do sol repetidas vezes, visto que só precisava arrastar a cadeira para ver o fenômeno novamente. O que mais intrigou o protagonista foi o garoto mencionar que ele gostava de assistir ao pôr do sol quando estava triste.

No outro dia, o pequeno príncipe perguntou ao piloto se o carneiro poderia comer uma flor, prontamente ele disse que sim. Contudo, o homem estava tão nervoso com o concerto do avião que não deu muita importância ao garoto que lhe fez outra pergunta, isto é, para que serviam os espinhos das flores. Aborrecido com a indiferença do piloto, o menino disse que ele parecia um homem sério, como alguém de outro planeta que passava os dias fazendo contas. Surpreso com essa fala, o piloto tentou animar o príncipe e prometeu-lhe desenhar uma mordaca para o carneiro e uma armadura para a flor.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Após a desavença inicial o piloto descobriu o motivo da flor ser tão especial para o garoto, ele relata que no planeta do menino, as flores sempre foram simples contendo apenas uma fileira de pétalas. Contudo, um dia, uma nova espécie começou a brotar, assustado e com medo de ser algo parecido com as baobás, o pequeno príncipe ficou observando e um botão apareceu.

O garoto ficou aguardando pacientemente a flor desabrochar, porém ela demorava demais para se preparar. Um dia ela desabrochou juntamente com o pôr do sol, o garoto ficou demasiado chocado com sua beleza e perfume, porém, percebeu que ela não era modesta e o fez submeter-se aos seus caprichos. A flor dizia que possuía muito medo, vivia reclamando das correntes de ar do planeta e pediu uma redoma para que pudesse dormir à noite. Chateado e cansado de atender aos caprichos da flor, o garoto relatou ao homem que fugiu dela, mas, arrependeu-se. Agora, o pequeno príncipe compreendeu que, antes, era novo demais para saber amá-la.

O personagem relata como foi sua fuga. Acordou cedo, cuidou dos seus dois vulcões em atividade e resolveu também dar uma olhada no terceiro que estava adormecido. Arrancou os últimos pés de baobá, foi regar a flor e colocar sua redoma, porém ao dizer adeus, notou que ela pediu perdão e desejou-lhe que fosse feliz. Nesse momento, o menino ficou confuso, pois, a flor também revelou que o amava e pediu que não colocasse mais a redoma sobre si. Isso porque queria sentir o ar da noite, afirmando que precisava do vento e queria suportar algumas larvas para conhecer as borboletas. O garoto partiu e a flor pôs-se a chorar.

Após sair de seu planeta, o garoto vagou pela região dos asteroides 325 a 330. O primeiro asteroide que visitou era habitado por um rei, ele estava sentado em um trono majestoso, vestia-se de púrpura e arminho. Quando o monarca avistou o garoto, ficou feliz em ver um súdito, porém ele era extremamente autoritário e queria proibir e ordenar coisas



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

ao menino. O pequeno príncipe quis entender sobre o que o soberano governava e chocou-se ao perceber que o monarca reinava sobre toda a extensão do universo. Admirado com a extensão do seu domínio, o menino pediu-lhe um pôr do sol, mas, o rei explicou que a autoridade se fundamenta na razão, ou seja, ele precisava exigir o que cada um poderia dar no limite do possível. O garoto compreendeu e estava pronto para ir embora quando o rei implorou para ficasse, oferecendo-lhe o cargo de ministro da justiça cujo trabalho seria condenar e salvar um rato da morte. O garoto recusou e partiu para o próximo planeta.

No segundo planeta o garoto encontrou um homem extremamente vaidoso, que, ao ver o menino, exclamou para si mesmo que um admirador tinha chegado. O vaidoso pediu que fosse ovacionado, enquanto agradecia tirando e colocando o chapéu sobre a cabeça. No início, o menino concordou, mas, logo ficou entediado com a bajulação e partiu para o próximo planeta.

No terceiro planeta, o pequeno príncipe conheceu um bêbado, que estava sentado à mesa e rodeado de garrafas cheias e vazias. O garoto o confrontou perguntando o que ele fazia, e o homem respondeu que bebia para esquecer a vergonha que tinha de beber. A visita a esse planeta foi extremamente curta e deixou o príncipe mergulhado em melancolia.

No quarto planeta, o pequeno príncipe conhece um homem de negócios. Ele conta e reconta todas as estrelas, pois acredita que elas lhe pertencem. O homem ficou incomodado com a presença do garoto, porque havia se distraído e perdido a contagem. O menino fica curioso com a ideia de o homem possuir as estrelas e pergunta o motivo de todos esses cálculos. Prontamente responde que as está administrando guardando-as para ficar rico e, assim, comprar mais estrelas, afinal era um homem muito sério. O pequeno príncipe pensou que a tarefa do homem poderia ser divertida, mas, não fazia sentido, porque ele não poderia tocar as estrelas, assim como o príncipe tocava os seus vulcões, a sua flor e as sementes de baobás.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Após partir do planeta do homem sério, o príncipe foi visitar o quinto planeta. Ele era pequeno e nele residia um lampião e um acendedor de lampiões. O garoto notou que o acendedor de lampiões acendia e apagava o lampião rapidamente e o questionou. O homem respondeu que ele seguia um regulamento e o seu planeta a cada ano girava mais depressa, por isso, precisava apagar e acender o lampião a cada minuto. Durante a conversa, transcorreram trinta dias, o pequeno príncipe pensou que o acendedor de lampiões era o mais simpático, pois, era o único que não vivia em função própria. Assim, cogitou a ideia de serem amigos, porém descartou por ver que o seu planeta era pequeno demais. O garoto despediu-se e lamentou ir embora do planeta onde conseguiu ver, muitas vezes, o pôr do sol.

No sexto planeta, o garoto encontrou um geógrafo. Ele possuía uma idade avançada e escrevia livros enormes assim como o seu planeta. Ao vê-lo, o senhor gritou de felicidade, porque havia chegado um explorador. O garoto ficou confuso com a profissão daquele senhor, que prontamente explicou que ele estudava os mares, os rios, as montanhas e os desertos. Perguntou-lhe onde estavam aquelas coisas no seu planeta, porém, o homem não soube responder, visto que era um geógrafo e não um explorador. Após a conversa inicial o homem perguntou ao garoto o que havia no planeta em que ele residia. O príncipe relatou que existiam dois vulcões em atividade e o outro inativo, mas quando falou sobre a sua flor, o geógrafo disse que não era necessária, pois as flores eram efêmeras e, em breve, desapareceriam. O pequeno príncipe começou a sentir remorso dentro de si, porém mudou de assunto, perguntando em qual planeta deveria ir, assim, o geógrafo sugeriu a Terra.

O sétimo planeta é a Terra. Ao chegar em seu destino, ele ficou surpreso em não ver ninguém e pensou que havia se enganado, porém avistou uma serpente no chão. Ela lhe contou que ele estava na Terra, precisamente, na África. O garoto perguntou onde estariam os homens e a serpente respondeu que aquele era o deserto, não havia homens por ali. O príncipe comentou como se sentia sozinho no meio daquela vastidão e se pôs a admirar as



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

estrelas, exclamando que seu planeta estava bem acima deles. A serpente ficou intrigada com o garoto que disse que ela era fina como um anel. Exclamou que apesar da aparência podia ser mais poderosa que o dedo de um rei, pois ao tocar em alguém podia mandá-lo direto para a terra de onde veio. O garoto fica um pouco assustado, mas ela comentou que ele era puro e que só o tocaria quando ele sentisse falta de seu planeta.

Após se afastar da serpente, o garoto atravessou o deserto e encontrou uma flor de três pétalas, ambos se cumprimentaram e o príncipe perguntou-lhe onde estavam os homens. A flor respondeu que já havia visto alguns, mas que eles nunca ficavam muito tempo no mesmo lugar, afinal não possuíam raízes. O garoto compreendeu e despiu-se da jovem flor.

Ele continuou sua caminhada e escalou uma grande montanha, pois acreditava que ao subir em algo bem alto conseguiria ver todo o planeta. Porém, assim que chegou ao topo, só conseguiu ver agulhas de pedras, bem pontuadas. Ele tentou se comunicar com os homens, porém a cada frase que dizia, ele escutava o eco como resposta. Entristecido, o garoto comentou que a Terra é um planeta seco, todo pontudo e salgado, ainda, que os homens que o habitam não possuem imaginação, pois imitam tudo que ouvem.

Depois que o garoto desceu a montanha, caminhou pela estrada e encontrou um jardim florido de rosas. Aquelas rosas eram semelhantes à sua bela flor. O garoto ficou extremamente infeliz, pois acreditava que ela era única, porém ao ver aquele jardim descobriu a verdade. Pensou em como sua flor reagiria ao ver aquela situação, o quão envergonhada se sentiria. O jovem se afastou do canteiro e pôs-se a pensar, acreditava que possuía algo único, porém tinha apenas uma flor, três vulcões. Assim, sentiu-se triste e inapto para ser chamado de príncipe.

Após alguns dias, o príncipe conheceu uma raposa. No primeiro contato entre eles, convidou-a para jogar, porém a raposa recusou, alegando que ainda não havia sido cativada. Intrigado, o garoto perguntou o que seria cativar. No primeiro momento, a raposa respondeu,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

dizendo que a palavra cativar, significa criar laços. O jovem perguntou por qual motivo eles precisariam criar laços, e a raposa disse-lhe que naquele momento o garoto era igual a qualquer outro, mas assim que firmassem laços, ele seria único para ela e vice-versa. O pequeno príncipe comentou que estava cativado por uma flor em seu planeta. A raposa comentou que gostaria de ser cativada também, pois sua vida era monótona, afinal ela só caçava as galinhas e os caçadores a perseguia com fuzis. Por isso, a raposa gostaria de algo novo, gostaria que os passos do pequeno príncipe não a assustassem assim como o dos caçadores, gostaria de olhar o trigo e lembrar da cor do cabelo do garoto, gostaria de ser cativada e virar sua amiga.

Depois de muita insistência, o garoto perguntou como deveria cativá-la. A raposa explicou que ele precisaria ir bem devagar, sentando-se cada dia mais perto dela. O príncipe também precisaria chegar sempre no mesmo horário, para que a raposa ficasse sempre ansiosa e na expectativa. Após alguns dias, o garoto havia cativado a raposa, ela se encontrava triste, porque, em breve, ele iria embora. Contudo, disse-lhe que sempre que olhasse o trigo se lembraria dele.

Antes que o pequeno príncipe partisse, a raposa aconselhou-lhe que fosse rever as flores e quando retornasse ela lhe contaria um segredo. O garoto foi e conversou com as flores, alegando que elas não eram iguais a sua, pois a sua rosa fora cativada. Ao voltar de encontro com a raposa, ele recebeu um grande segredo: o essencial é invisível aos olhos. A raposa afirmou-lhe que todo o tempo gasto com a sua rosa havia feito com que ela se tornasse especial e isso o fazia responsável por aquilo que cativava. Os dois se despediram e o garoto seguiu sua jornada

O seu próximo encontro foi com um guarda-chaves. Curioso, o garoto perguntou o que ele fazia e, imediatamente, o guarda-chaves respondeu que separava os passageiros e despachava os trens para direita e esquerda. Enquanto conversavam, o príncipe viu os trens



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

luminosos passarem por entre eles, observou e perguntou se aquelas pessoas não estavam felizes onde estavam. O guarda-chaves respondeu-lhe que nunca ficamos contentes no lugar onde habitamos, menos as crianças que possuem uma imaginação fértil e aguçada, os que a tornavam felizes.

Continuou seu caminho e encontrou um vendedor de pílulas. As pílulas vendidas promoviam a ideia de matar a sede, bastava tomar uma por semana. O vendedor disse ao pequeno príncipe que ao tomar a pílula ele iria economizar cinquenta e três minutos por semana, o garoto analisou e ponderou que se tivesse esses minutos sobrando, os gastaria indo até uma fonte.

Depois de terminar o seu breve relato, voltamos a acompanhar o presente do personagem piloto, que ainda se encontrava preso no deserto. Ele estava sem água e comida e acreditava que em breve morreria. Ao comentar seus receios com o garoto, ele se lamentou um pouco e disse que morreria feliz por ter um amigo. O homem ficou sem entender e perguntou se ele não sentia sede, o garoto não concordou e nem negou, mas sugeriu que procurassem uma fonte, porque a água era boa para o coração. Os dois saíram em busca da fonte, o garoto comentou que achava o deserto lindo e o que o tornava mais especial era que ele abrigava uma fonte. A noite caiu e o pequeno príncipe adormeceu, o piloto o pegou nos braços e continuou sua caminhada, alegando que carregava um ser frágil e poético no braço. Ao amanhecer conseguiram encontrar uma fonte.

Ao chegarem ao poço, o piloto achou-o um pouco estranho. Não era um poço comum de deserto, mas sim um de aldeia. O poço já possuía a roldana, o balde e a corda. O garoto começou a girar a roldana e alegou que estava acordando o poço, o piloto, com receio do esforço do garoto, disse que ele buscaria a água e assim fez. O príncipe disse que estava com sede e o piloto deu-lhe água entendendo o motivo daquela vontade, aquela água foi fruto do elo entre eles até chegar ao poço. Depois que o garoto saciou a sede, comentou que



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

os homens da terra não encontravam o que procuravam, porque precisavam buscar com o coração, uma vez que os olhos eram cegos.

Enquanto ambos descansavam sobre a areia, o garoto disse que precisava que o piloto desenhasse a mordaca do seu carneiro. O piloto pegou o caderno para fazer o rascunho e o jovem olhou alguns dos seus outros desenhos. O pequeno príncipe disse que os baobás pareciam repolhos e as orelhas da raposa lembravam chifres, mas ele também advertiu que as crianças entendiam os desenhos perfeitamente. Depois de desenhar a mordaca e entregar ao garoto, revelou que aquele seria o aniversário da sua queda na terra. O piloto concluiu que o garoto pretendia voltar para seu planeta e concordou com a raposa, afinal, realmente corremos o risco de chorar quando somos cativados.

Atendendo ao pedido do garoto, o homem saiu para ver seu avião e ao voltar escutou-o conversando com a cobra. O piloto ficou extremamente assustado e sacou o seu revólver, mas ao se aproximar a cobra ouviu os seus passos e sumiu pela areia. O piloto pegou o garoto no colo e ambos caminharam pelo deserto. O príncipe explicou que naquele dia voltaria para casa e saudou o piloto, pois ele havia conseguido arrumar o motor do seu avião. Triste, o piloto disse que sentiria falta do seu riso, o pequeno príncipe disse que sempre que ele olhasse o céu ouviria seu riso nas estrelas. O protagonista tentou fazer com que o garoto ficasse, mas ele alegava que precisava voltar para sua flor.

O príncipe disse que não era para o piloto segui-lo à noite, porque pareceria que estava sofrendo, mas ele apenas voltaria ao seu planeta. De noite, o garoto saiu de mansinho e o piloto o seguiu. O pequeno príncipe disse-lhe que sempre que olhasse as estrelas iria lembrar do poço e sentou-se sobre areia. De imediato, o piloto viu um clarão amarelo perto da perna do garoto, o fazendo cair no chão. Na manhã seguinte, sem poder acreditar, correu para o lugar do acontecimento e não encontrou o corpo do garoto. Mas tarde foi resgatado por seus colegas que alegaram que ele estava extremamente triste e culpavam o cansaço que



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

ele enfrentou no deserto por aqueles dias.

O narrador relata que esse ocorrido aconteceu há seis anos e ele ainda pensava sobre o garoto de cabelos dourados. Afirma, ainda, que o piloto, quando desenhou a mordaca, esqueceu-se de um detalhe: a correia, por isso, o garoto jamais conseguiria prender o carneiro. Todas as vezes que o piloto olhava as estrelas e escutava o riso do menino, perguntava-se se o carneiro havia comido a flor, mas nunca obtém uma resposta sobre aquele assunto.

Na última página, o narrador comenta sobre o local onde o piloto encontrou o garoto. Nesse momento, faz um apelo ao leitor para que, se alguém passasse por aquele deserto e avistasse um garoto de cabelos dourados, comunicasse-lhe, pois, o pequeno príncipe havia retornado.

Significados e símbolos da obra O Pequeno Príncipe

A obra possui em seu cerne diversos significados e simbologias que partem de uma abordagem mais simples, mas que impactam o leitor. Podemos notar que o texto tem um parâmetro muito lúdico e fantasioso, porém consegue trazer identificação e associação a quem lê. Com isto em mente, fazemos alguns apontamentos sobre a temática da narrativa.

O primeiro assunto trabalhado na obra é um contato com a infância do protagonista, ele relata sobre suas experiências com os desenhos e a leitura. Notamos que sempre que ele apresentava os desenhos das jiboias abertas e fechadas, as figuras eram sempre inválidas e não compreendidas pelos adultos, afinal não conseguiam enxergar aqueles desenhos com a imaginação e pureza de uma criança. Ao acompanharmos sua caminhada, percebemos que o protagonista é incentivado a abandonar os seus devaneios infantis e se preparar para o mercado de trabalho e o mundo adulto, uma vez que foi lhe imposto que precisava estudar e



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

dedicar-se a coisas mais importantes.

Depois de seu descontentamento, deixou essas memórias sobre a frustração de ser incompreendido na infância e tornou-se um piloto. Podemos analisar neste trecho a que a descrença dos adultos em seus desenhos e dificuldade de entender os seus pensamentos e gravuras fez com que ele se dedicasse a uma carreira que nem almejava. Percebemos que os adultos possuem dificuldade de compreender e encorajar as crianças, pois acreditam cegamente que o sucesso só é alcançado quando se segue as normas impostas pela sociedade, mas o sucesso muitas vezes não significa felicidade. Ao analisarmos este trecho da obra, podemos fazer um paralelo com a biografia do próprio autor, afinal ambos foram obrigados a amadurecer precocemente e tornarem-se pilotos.

Quando a obra introduz o personagem do pequeno príncipe, percebemos que passa a ter um aspecto mais fantasioso e subjetivo, pois o garoto consegue transformar o simples desenho de um carneiro em algo místico e sentimental. No desenrolar da trama, conhecemos aquele garoto de cabelos dourados, seus medos, anseios, sentimentos e desejos. Uns dos primeiros apontamentos que o garoto diz ao piloto é que ele reside em um outro planeta onde existem sementes de baobás que podem rachar o solo e, por isso, precisa retirá-las sempre. A analogia das plantas pode ser interpretada como os sentimentos ruins que residem em nós mesmos. Se não forem retirados, a tempo, podem se converter em amarguras e “rachar” e, posteriormente, “quebrar” nossas vidas.

Nesse planeta, o príncipe também gostava de olhar o pôr do sol quando se sentia triste. Assim, valia-se de um fenômeno da natureza que se repetia diversas vezes em seu lar, como uma válvula de escape. Isso porque admirar aquela beleza natural diminuía sua tristeza. Por fim, os últimos integrantes do planeta eram os vulcões e a rosa. A rosa é descrita como linda, mas que ostentava uma soberba gigantesca, que incomodava o pequeno príncipe. O menino monarca confessa que realizava todos os caprichos dela, mas que, com o tempo,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

pela imaturidade de não saber amar sus defeitos e aceitá-los, decidiu partir para ficar sozinho. Esse trecho pode ser interpretado como um relacionamento romântico ou não, pois há diversos problemas que enfrentamos ao construirmos um vínculo com as pessoas, estamos sujeitos a conhecê-las verdadeiramente, com suas virtudes e defeitos. Amar, incondicionalmente, o verdadeiro íntimo de alguém é uma tarefa extremamente desgastante e, muitas vezes, desafiadora.

Quando o garoto começou a vagar sozinho pelo espaço, conheceu seis outros planetas antes de ir à Terra. Neles, encontrou diversas figuras extraordinárias. No primeiro planeta, ele conheceu um rei que é o completo estereótipo da necessidade humana de almejar o poder e a tendência de sempre querer ser superior aos demais. Todavia, o rei comentou que não poderia exigir o que os outros não conseguiam dar. Aqui faz-se uma analogia às limitações e aos desejos humanos desenfreados, pois, mesmo que alguém detenha certo poder não poderá controlar tudo e todos ao seu redor.

O segundo planeta traz uma figura de um ser narcisista e vaidoso. O significado implícito é sobre pessoas vaidosas e arrogantes que não conseguem discernir as reais opiniões dos outros sobre si, pois acreditam que sempre serão pessoas melhores e merecedoras de elogios, por suas atitudes.

No terceiro planeta, o pequeno príncipe conheceu o bêbado. Essa figura faz com que nos questionamos sobre as ações “ruins” que cometemos em nossos dias e como isso se tornam algo vicioso que nos causa desconforto. Porém, não conseguimos parar, pois, já se tornou parte de nós mesmos, como algo intrinsecamente presente em nossa mente. A analogia referente à bebida pode ser interpretada com qualquer outro mal que fazemos a nós.

No quarto planeta há um homem de negócios, que é descrito como um sujeito que passou sua vida inteira ocupado, tentando contar as estrelas e convertê-las em sua riqueza. Essa atitude do homem de negócios deixa o pequeno príncipe confuso, pois lhe parece sem



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

sentido para se ter uma vida feliz. Podemos interpretar esse fragmento, comparando-o com a ideia de acúmulo de capital do qual decorrem a ganância e o poder pelo dinheiro e por bens materiais. Isso tem adoecido muitas pessoas que dedicam suas vidas para correrem atrás de riquezas e acumularem bens, em detrimento de vários aspectos importantes da vida, como: amizade genuína, convívio familiar, divertimento, etc.

O quinto planeta traz a figura do acendedor de lampiões. Entendemos que essa figura está associada à ideia equivocada de que somos insubstituíveis e de que se não fizermos a nossa função outra pessoa não conseguirá fazer. Por isso, tolamente, aceitamos regulamentos, contratos e leis abusivas que tiram nossa individualidade e nos sujeitam a ser um “mero peão no jogo deste tabuleiro”. Devemos desmistificar essa ideia, afinal, as normas e as funções sociais devem ajustar-se a nossas necessidades e prioridades, incorrendo em qualidade de vida.

Já no sexto planeta aborda-se sobre o geógrafo. Aqui, sugere-se a ideia de comodismo, pois, o personagem que representa um homem de estudos, não sai do escritório para verificar e vivenciar as coisas relatadas pelos explorados. Assim como o geógrafo, há pessoas que preferem viver no comodismo, adaptando-se a coisas das quais já estão acostumadas e nunca conhecendo mais do mundo e de si próprio. Ficam presas no eterno *looping* da mediocridade e da estagnação.

Após conhecer os outros planetas, o pequeno príncipe chega à Terra, aconselhado pelo geógrafo. Ali, ele compara os humanos às figuras dos outros planetas e constata que existem milhares de reis, vaidosos, bêbados, homens de negócios, acendedores de lampiões e geógrafos. A primeira criatura que o garoto conhece quando chega no planeta Terra é a serpente. Ela é descrita como um ser místico, que diz ter poder e, assim, afirma ser capaz de fazer com que o garoto retorne ao seu planeta natal quando ele quiser. Ela explica-lhe a complexidade da solidão, dizendo que se pode sentir sozinho, mesmo cercado de pessoas,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

pois não é o local isolado que torna alguém solitário, antes é o sentimento nutrido.

Vagando pela terra, ele observa e conhece diversos cenários e personagens como a flor do deserto, o eco, o canteiro de flores e a raposa. A raposa, sem dúvidas, apresenta uma das passagens mais belas do livro, pois apresenta ao pequeno príncipe a beleza e singularidade de se criar laços e vínculos afetivos com as pessoas. Este trecho remete ao fato importante de se conhecer e relacionar incondicionalmente com as pessoas. O contato próximo pode gerar um conhecimento interpessoal que é capaz de associar os amigos a coisas agradáveis, tais como: cores, formas, cheiros, horários e situações. A raposa leva o garoto a entender que amar alguém faz com se aceite o outro como ele é, com virtudes e defeitos. Esse amor incondicional torna a pessoa especial, devido a intenção de se manter um vínculo afetivo. É sem dúvida algo que precisamos compreender, ou seja, fazer com que as pessoas que amamos saibam desse vínculo.

Após o pequeno príncipe concluir sua história ao piloto, informa que na próxima noite fará um ano de sua vinda à Terra e pretende voltar ao seu planeta. Mesmo contrariado com a decisão do príncipe, o piloto acata, mas se surpreende ao ver que o garoto procura pela serpente para deixá-la fazer o trabalho. Essa parte podemos interpretar como uma situação de luto e separação, pois, mesmo que estejamos cientes de sua proximidade, é algo que machuca e surpreende. É difícil compreender e aceitar o luto, porque é uma circunstância de muita dor, que “queima” gradativamente dentro de nós.

Embora muito triste com os acontecimentos da perda, o piloto consegue enxergar o menino nas estrelas e isso lhe traz um conforto. Interpretamos essa parte, como a resiliência no processo de luto no qual, não obstante haja dor, a ausência do ente querido é vivenciada com consolo e força pessoal.

Por fim, podemos dizer que a obra alude a vários significados os quais podem ser interpretados de acordo com nossas experiências pessoais.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Rildo Cosson e a Sequência Básica de Letramento Literário

A literatura, ao longo de sua evolução histórica, tem desempenhado um papel central como meio de expressão da criatividade humana, veículo de compartilhamento de conhecimento e instrumento de exploração das complexas questões culturais, sociais e emocionais.

Além disso, a literatura também desempenha um papel de destaque no processo de formação crítica do leitor, conferindo-lhe a capacidade de analisar, interpretar e avaliar textos de forma autônoma e refinada. Todavia, esse processo tem sido confrontado com um conjunto de desafios e problemáticas no âmbito do ensino-aprendizagem.

A leitura do texto literário é dita como o simples ato de decodificar os códigos linguísticos que estão no texto literário, como se fosse pegar algo que já está pronto e acabado, ou seja, apenas o conhecimento do enredo do texto narrativo, privilegiando um único sentido do texto, não dando poder algum ao aluno sobre a construção de sentidos, homogeneizando a leitura do texto literário que tem como uma de suas principais características a polissemia e a heterogeneidade (Moraes; Burlamaqui, 2014, p. 5-6).

Desse modo, de acordo com Mequelin e Silva (s.d.), as principais dificuldades enfrentadas pela escola em relação ao ensino de literatura são o acesso limitado à literatura, que acaba impondo à escola a tarefa de ser o principal mediador da leitura, a falta de interesse e despreparo dos professores para o novo trabalho e a prática didática que insiste em apresentar apenas a história da literatura ou pretende que os alunos leiam e interpretem obras complexas em um curto período de tempo.

Sobre o despreparo dos professores de literatura, isso pode ser justificado, segundo



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Moraes e Burlamaqui (2014, p. 5):

Nesta perspectiva, entendemos que o texto literário é visto pela maioria dos professores como um artefato que desprovido de suas características de literariedade, as quais por sua vez o tornam específico e único, permitindo a partir da proximidade a inserção profunda numa sociedade, resultado do diálogo que mantemos com o mundo e com outros.

Muitos professores tendem a enxergar o texto literário apenas como um objeto comum sem levar em consideração suas características específicas que o tornam literário. Essas características literárias são aquelas que conferem ao texto sua singularidade e o tornam capaz de proporcionar uma imersão profunda na sociedade, possibilitando um diálogo rico e significativo com o mundo e com outros indivíduos

Dessa maneira, com base nas observações acerca da abordagem da literatura no ambiente escolar, somadas a outras considerações que transcendem aquelas que contribuem para a formação de leitores competentes, emerge a necessidade de direcionar a atenção ao texto literário sob a ótica do "letramento literário" (Moraes; Burlamaqui, 2014).

Este enfoque preconiza a implementação de atividades de leitura, interpretação e produção textual com o propósito de explorar a dimensão social da linguagem literária, destacando, desse modo, a vivência do literário no contexto da sala de aula como um elemento de relevância indiscutível (Moraes; Burlamaqui, 2014).

Conforme é descrito por Cosson (2012), a sequência básica possui quatro passos a serem seguidos, a fim de implementar o letramento literário, sendo eles a motivação, a introdução, a leitura e a interpretação. A etapa da motivação representa o ponto de partida fundamental no processo de iniciação à literatura, sendo essencial na preparação do aluno para a sua primeira imersão textual. De acordo com as considerações de Cosson (2012 *apud* Martins; Revoredo, 2009), o êxito inicial do encontro do leitor com a obra está



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

intrinsecamente associado à eficácia da motivação.

A introdução corresponde à exposição inicial que envolve tanto o autor quanto a obra em questão, e, independentemente da tática adotada para realizar essa introdução, é imperativo que o docente providencie, de maneira concreta, a apresentação da obra aos seus estudantes (Cosson, 2012 *apud* Martins; Revoredo, 2009).

Na fase da leitura, a ênfase está na supervisão da atividade de leitura, indo além do ato de decodificar o texto. Conforme alertado por Cosson (2012 *apud* Martins; Revoredo, 2009), ao abordar o ensino da leitura, é crucial manter em mente os objetivos estabelecidos, visto que a leitura no contexto escolar requer orientação e acompanhamento contínuos. É pertinente destacar também os intervalos recomendados pelo livro, uma vez que nesses intervalos o educador terá a oportunidade de identificar as dificuldades de leitura dos discentes e fornecer as orientações necessárias.

Por último, segue a etapa da interpretação, a qual engloba o processo de dedução e inferência que conduz à construção do significado textual, em um contexto de interação entre o autor, o leitor e a comunidade literária. Cosson (2012 *apud* Martins; Revoredo, 2009) enfatiza que o aspecto crucial da interpretação reside na capacidade do aluno de efetuar uma análise crítica da obra lida e expressá-la de maneira explícita, viabilizando, assim, o estabelecimento de um diálogo significativo entre os leitores dentro da comunidade educacional.

Nessa perspectiva, a escola é uma grande aliada no processo de formação de leitores quando é desenvolvida de uma forma que explore profundamente as nuances da leitura, pois, assim como é descrito por Mequelin e Silva (s.d., p. 5)

Aqui podemos intuir a estreita relação que existe entre literatura infantil e escola, pois o ambiente escolar é o local de encontro e convivência das crianças e o lugar onde farão as experiências e serão conduzidos pelos



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

educadores e professores nessas experiências, já que com raras exceções no contexto brasileiro temos famílias que se preocupam em dar exemplo de leitura para seus filhos.

É, portanto, fundamental que a escola abrace a literatura como uma ferramenta essencial para enriquecer a formação das crianças, proporcionando-lhes não apenas o acesso a narrativas significativas, mas também a oportunidade de desenvolver habilidades cognitivas, sensibilidade estética e um profundo entendimento do mundo por meio da palavra escrita. Nesse sentido, a literatura infantil e o ambiente escolar devem continuar a nutrir essa relação intrínseca, promovendo o crescimento intelectual e cultural das futuras gerações.

Aplicação da Sequência Básica a partir do livro O Pequeno Príncipe

Conforme já foi abordado no capítulo anterior e é descrito também por Mequelin e Silva (s. d.), a sequência básica proposta por Rildo Cosson para o letramento literário é constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. O primeiro passo, motivação, tem a função de despertar no aluno-leitor a vontade de iniciar o caminho da leitura. O segundo passo, introdução, tem como objetivo apresentar o texto e o autor, contextualizando-os no tempo e no espaço. O terceiro passo, leitura, é o momento em que os alunos leem o texto, podendo ser feita em voz alta, em duplas ou individualmente. Por fim, o quarto passo, interpretação, é o momento em que os alunos discutem e refletem sobre o texto.

Nas abordagens pedagógicas convencionais voltadas ao ensino da literatura observa-se uma lacuna na consideração da dimensão estética pertinente aos textos literários, bem como na apreensão de sua literariedade. Tal negligência resulta na limitação da capacidade dos alunos de compreender a concepção de figuras de linguagem, imagens



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

literárias, e a estrutura dos gêneros literários que configuram o texto (Moraes; Burlamaqui, 2014).

A concentração em análises históricas e teóricas, exclusivamente, impede os educandos de vivenciarem, por meio de diálogos críticos e exames literários em sala de aula, a essência estética contida à palavra escrita, dificultando o desenvolvimento de sua sensibilidade estética (Moraes; Burlamaqui, 2014). Os autores ainda reforçam, ao fazer uma análise do letramento literário proposto por Cosson

A linguagem vinculada pelos textos literários permite três tipos de aprendizagem: (1) a aprendizagem da literatura que se dá pela experiência estética do mundo por meio da palavra; (2) a aprendizagem sobre a literatura que está relacionada a conhecimentos históricos, teoria e crítica literária e (3) a aprendizagem por meio da literatura que envolve os saberes e as habilidades/competências proporcionadas ao alunado por meio da leitura literária (Moraes; Burlamaqui, 2014, p. 4).

Essa ideia apresenta uma perspectiva abrangente e esclarecedora acerca do potencial educativo dos textos literários. Assim, podemos dizer que a análise desses três tipos de aprendizagem delineados por Cosson nos leva a compreender a riqueza e a multifuncionalidade da literatura como uma ferramenta pedagógica poderosa, capaz de enriquecer a vida dos estudantes de diversas maneiras, desde a fruição estética até o desenvolvimento de competências cognitivas e críticas.

A sequência básica de Rildo Cosson tem como objetivo desenvolver o letramento literário em sala de aula. A ideia é que, por meio das etapas propostas, os alunos possam se envolver com a leitura de forma mais significativa e crítica, compreendendo melhor os textos literários e desenvolvendo habilidades de interpretação e análise (Lima; Buhler, 2018). Ao falar sobre a importância da formação do leitor crítico na sala de aula, os autores ainda dissertam



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Partimos do entendimento de que o ensino da leitura e literatura não pode ser apenas um dever, mas, principalmente, um direito. Entenda-se direito no âmbito de uma política de educação comprometida em possibilitar não apenas o acesso democrático aos livros, mas também capaz de implementar estratégias para fomentar uma formação leitora competente (Lima; Buhler, 2018, p. 2).

Após realizar uma análise de como ocorre o processo da sequência básica e os quatro passos a serem seguidos, é fundamental que ela seja aplicada de maneira efetiva, pois, como é apontado por Mequelin e Silva (S. D., p. 2) “na literatura, [...] não basta aprender a ler, é preciso saber como ler, podemos perceber que temos uma grande dificuldade em formar leitores e criar hábito de leitura”.

Com base nas observações concernentes à abordagem da literatura no âmbito escolar, aliadas a considerações que transcendem as questões relacionadas à formação de leitores competentes e aptos a apreender as particularidades das produções literárias, urge a necessidade de uma abordagem pautada pelo "letramento literário". Essa metodologia está relacionada pela implementação de atividades centradas na leitura da obra *O Pequeno Príncipe*, cujo propósito é explorar a dimensão social e contextual da linguagem literária, conferindo, assim, uma valorização da experiência do literário no contexto da sala de aula.

No primeiro estágio do processo, a motivação, foi deliberado a implementação de atividades que enfoquem o componente oral com o objetivo de estimular a apreciação da obra literária. Consequentemente, um conjunto de questionamentos foi elaborado com o intuito de suscitar interesse nos potenciais leitores.

Na fase subsequente, da introdução, optou-se por sugerir uma visita à biblioteca, a fim de proporcionar aos futuros leitores um contato prévio com o exemplar em formato físico. Posteriormente, seria proposta uma discussão em grupo, visando criar um ambiente



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

propício para que os discentes expressem suas expectativas relativas à narrativa contida na obra, alicerçando-se no primeiro contato com elementos paratextuais, como a capa, folha de rosto e ilustrações contidas no livro.

No terceiro passo, a leitura, recomendou-se a distribuição dos exemplares do livro em questão para a turma que estará em sala de aula. Nesse momento, propondo uma abordagem coletiva da leitura, seriam intercaladas pausas para permitir que os estudantes expusessem, de maneira aberta, suas indagações acerca da obra. Posteriormente, seria orientado que os alunos efetuassem uma leitura individual da obra no ambiente domiciliar.

Por fim, na etapa da interpretação, após a finalização da leitura integral da obra, seria proposto um debate a respeito das impressões suscitadas pela leitura e das possíveis conotações e significados contidos na obra. Além disso, haveria a proposta de uma atividade de produção textual, na qual os estudantes fossem incumbidos de conceber um desfecho alternativo para a narrativa.

Em síntese, a abordagem do letramento literário de Rildo Cosson para a obra *O Pequeno Príncipe* oferece uma estratégia pedagógica valiosa para estimular o interesse e a compreensão da literatura pelos alunos. Assim, destaca-se a necessidade de superar as abordagens pedagógicas tradicionais, que frequentemente negligenciam a dimensão estética da literatura, a fim de formar leitores críticos capazes de apreender a riqueza da literatura. A promoção do letramento literário é essencial para garantir que os alunos não apenas leiam, mas também compreendam e apreciem profundamente a literatura, preparando-os para uma vida de aprendizado contínuo e de reflexão.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, exploramos a importância da literatura como veículo de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

expressão da criatividade humana e como instrumento fundamental no processo de formação crítica do leitor. Contudo, destacamos que o ensino da literatura enfrenta desafios significativos, principalmente no que diz respeito à abordagem convencional que limita a compreensão da literariedade dos textos literários.

A proposta de Rildo Cosson da sequência básica de letramento literário revela-se como uma estratégia valiosa para superar tais desafios. A motivação, introdução, leitura e interpretação compõem uma abordagem que busca envolver os alunos de maneira significativa, promovendo uma compreensão mais profunda e crítica dos textos literários. Este modelo, quando aplicado à obra *O Pequeno Príncipe*, demonstra sua eficácia ao estimular o interesse, promover a compreensão e instigar a produção crítica dos estudantes.

O letramento literário proposto por Cosson vai além da mera decodificação dos códigos linguísticos, buscando explorar a dimensão social da linguagem literária. A ênfase na experiência estética, na contextualização da obra e na discussão aberta durante a leitura coletiva demonstram a relevância desse enfoque para uma formação integral do leitor.

Ainda, a aplicação da sequência básica de letramento literário na obra *O Pequeno Príncipe* revela-se uma abordagem transformadora. Ao estimular a apreciação, contextualizar o autor e a história, e promover a leitura coletiva e individual, a metodologia não apenas ensina a ler, mas ensina a como ler. A interpretação crítica e a criação de desfechos alternativos incentivam a compreensão profunda da narrativa, formando leitores críticos e reflexivos diante da riqueza da literatura, preparando-os para uma apreciação duradoura e significativa.

Diante disso, reforçamos a necessidade de adotar abordagens que vão além do ensino tradicional, que muitas vezes negligencia a riqueza estética da literatura. A literatura não deve ser apenas um dever, mas sim um direito, e o letramento literário se configura como um caminho para proporcionar acesso democrático aos livros e, ao mesmo tempo,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

fomentar uma formação leitora competente.

Concluimos, portanto, que a literatura infantil e o ambiente escolar devem continuar a nutrir sua relação intrínseca, promovendo o crescimento intelectual e cultural das futuras gerações. O letramento literário emerge como uma ferramenta essencial para enriquecer a formação dos jovens leitores, proporcionando não apenas o acesso a narrativas significativas, mas também a oportunidade de desenvolver habilidades cognitivas, sensibilidade estética e um profundo entendimento do mundo por meio da palavra escrita.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

COSSON, R. **Letramento Literário: uma localização necessária**. Letras & Letras, [S. l.], v. 31, n. 3, p. 173–187, 2015. DOI: 10.14393/LL63-v31n3a2015-11. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/30644>. Acesso em: 11 fev. 2023.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2012.

DRYZUN, Sheila. **Antoine de Saint-Exupéry e O Pequeno Príncipe: a história de uma história**. 1. ed. São Paulo: Pedran'água, 2009.

FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. **Operadores de leitura da narrativa**. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). Teoria Literária: abordagens históricas e tendências metodológicas. 3.ed. Maringá: EDUEM, 2009. p. 33-58.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 35. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GODINHO, Marcio. **Nas entrelinhas de O Pequeno Príncipe**. 1. ed. eBook Kindle. Editora



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Universo, 2017.

LIMA, Alan Alves de; BUHLER, Andrea Morais Costa. A sequência básica para o letramento literário: relato de experiência baseada nos estudos de Rildo Cosson sobre literatura. In: CONGRESSO BRASILEIRO SOBRE LETRAMENTO E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM, 2., 2018, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize, 2018. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conbrale/2018/TRABALHO_EV109_MD1_SA1_ID447_14052018072016.pdf. Acesso em: 3 nov. 2023.

MARTINS, Kelly Cristina Costa; REVOREDO, Mariana. Letramento literário: teoria e prática. **Nuances: estudos sobre Educação**. Presidente Prudente, ano XV, v. 16, n. 17, p. 207-210, jan./dez. 2009. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/331/367>. Acesso em: 31 out. 2023.

MEQUELIN, Douglas Vinicius; SILVA, Stela de Castro Bichuette da. **Sequência básica como método de letramento literário no ensino fundamental II**. S. D. 15 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, S. D. Disponível em: https://sguweb.unicentro.br/app/webroot/arquivos/atsubmissao/ARTIGO_DOUGLAS_definitivo_para_entrega.pdf. Acesso em: 3 nov. 2023.

MORAES, Jonilson Pinheiro; BURLAMAQUI, Cristiane Dominiqui Vieira. O LETRAMENTO LITERÁRIO: o incentivo à leitura, à interpretação e produção do texto literário por meio de uma sequência básica. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 14., 2014, Belém. **Anais [...]**. Belém: UFPA, 2014. v. 14. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2014_1434479140.pdf. Acesso em: 3 nov. 2023.

PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 5 ed. Setembro/2020. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_IPL_dez2020-compactado.pdf. Acesso em: 10 nov. 2022.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA
PARA O LIVRO *O MUNDO É DOS CANÁRIOS*, DE LUIZ ANTONIO AGUIAR**

Anna Carolina de Paulo Oliveira (G-CLCA-UENP/CJ)

Júlia Evelyn Rosa (G-CLCA-UENP/CJ)

Rafaela Stopa (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Ana Maria Machado, em seu livro *Como e porque ler os clássicos universais desde cedo* (2002), faz uma analogia entre a literatura clássica e um baú de tesouros deixado pelos nossos antepassados para quem busca uma vida enriquecedora. Se não houver a curiosidade de abrir e descobrir as riquezas contidas ali, esse patrimônio valioso será desperdiçado. Em outras palavras, os livros clássicos representam uma herança de conhecimentos e experiências acumulados ao longo de séculos pela humanidade, basta que os exploremos. Portanto, o presente trabalho tem por objetivo propor uma sequência didática destinada aos anos finais do ensino fundamental II, para o estudo do livro *O mundo é dos canários* (2009), de Luiz Antonio Aguiar, o qual abre portas para a abordagem tanto da literatura clássica quanto da literatura contemporânea. Além disso, analisará a relação de intertextualidade que há entre a história narrada e alguns contos de Machado de Assis. Para tanto, será utilizada a sequência básica do livro *Letramento literário: teoria e prática* (2006), de Rildo Cosson, além de materiais bibliográficos referentes ao assunto.

Palavras-chave: Letramento literário. Sequência didática. Literatura. Intertextualidade.

Introdução

Literatura é a arte da linguagem e comunicação. Por meio dela, os escritores criam narrativas e poemas sobre diferentes mundos, personagens e sentimentos. Esses mundos aparecem tanto de forma subjetiva como objetiva, pois são as representações da vida e da sociedade. Sendo assim, possui um papel fundamental na formação do cidadão crítico e ativo no meio social, competência regulamentada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como um dos princípios básicos da educação em diversas partes do documento, como indicado no item 6 das Competências Gerais da Educação Básica:

- 688 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (Brasil, 2021, p. 87).

No entanto, a formação do gosto pela literatura vem se provando um desafio há bastante tempo, havendo, conseqüentemente, uma queda significativa no número de leitores a cada ano. De acordo com a 5ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2021) – realizada pelo Instituto Pró-Livro a cada quatro anos – apenas 52% dos brasileiros são leitores, número que era de 56% em 2015, representando uma queda de aproximadamente 4,6 milhões de leitores, os quais são definidos como aqueles que leram, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses.

Considerando que a leitura e a literatura têm o potencial de unir e confrontar ideias, como fazer para que as pessoas leiam mais? De acordo com Ana Maria Machado, no texto “Entre vacas e gansos: escola, leitura e literatura” (2001), a resposta é relativamente simples: através do exemplo e da curiosidade. Conforme a autora:

O professor precisa gostar do ato da leitura para que possa passar ao seu aluno o campo literário. Os alunos não têm uma certa curiosidade pela leitura, ainda mais pelos clássicos, por considerarem difícil e com uma linguagem arcaica. Não há vontade de abrir a caixa de Pandora, de olhar dentro do quarto de Barba Azul, de decifrar a mensagem secreta, de encontrar o mapa do tesouro (Machado, 2001, p. 119-120).

Nesse sentido, o corpo docente possui papel fundamental no ensino efetivo da leitura de literatura nas escolas, fazendo a introdução dos clássicos já nos anos iniciais, de forma a contribuir na formação de leitores e no processo de letramento literário.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Quanto à importância da leitura das obras clássicas, Ana Maria Machado, em seu livro *Como e Porque Ler os Clássicos Universais Desde Cedo* (2002), faz uma analogia entre a literatura clássica e um baú de tesouros deixado pelos nossos antepassados para quem busca uma vida enriquecedora. Se não houver a curiosidade de abrir e descobrir as riquezas contidas ali, esse patrimônio valioso será desperdiçado. Em outras palavras, os livros clássicos representam uma herança significativa de conhecimentos e experiências acumulados ao longo de séculos pela humanidade, basta que os exploremos.

Portanto, este artigo tem por objetivo propor uma estratégia para a aplicação em sala de aula do livro *O Mundo é dos Canários*, do escritor e mestre em literatura Luiz Antonio Aguiar. Essa obra recebeu o selo de Altamente Recomendável pela FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – e está presente no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) de 2020, o qual é responsável por adquirir e distribuir materiais para as escolas públicas brasileiras.

A narrativa aborda a história de sete adolescentes que descobrem a obra de Machado de Assis juntamente com a bibliotecária Carolina, entrelaçando os mistérios dos contos machadianos com particularidades de suas vidas. Esse livro abre portas para a abordagem tanto da literatura clássica quanto da literatura contemporânea, visto que os contos de Machado presentes no corpo da narrativa estabelecem uma relação de intertextualidade na história das personagens do livro.

Para a proposição da estratégia de leitura na escola, o presente trabalho será pautado nos princípios da sequência básica trazida por Rildo Cosson em *Letramento literário: teoria e prática* (2006), a qual é constituída por 4 passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. Também serão utilizados materiais que ajudem a refletir sobre a intertextualidade e a literatura infantil e juvenil.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Letramento literário e a sequência didática

O letramento literário, conforme destacado por Rildo Cosson, vai além da habilidade de ler, escrever, da apropriação da linguagem escrita e da decodificação de palavras e frases. É, antes de tudo, o domínio das práticas sociais que cercam a leitura e a escrita, a capacidade de dar sentido ao mundo por meio das palavras. Ao considerar o letramento literário como um processo que vai além dos limites da sala de aula, reconhece-se que ele se manifesta na capacidade de empregar a leitura e a escrita em contextos diversos, atribuindo significado às experiências e ao entendimento do mundo ao nosso redor. No artigo “Letramento literário: uma proposta para a sala de aula” (2011), Cosson e Souza destacam que:

É importante compreender que o letramento literário é bem mais do que uma habilidade pronta e acabada de ler textos literários, pois requer uma atualização permanente do leitor em relação ao universo literário. Também não é apenas um saber que se adquire sobre a literatura ou os textos literários, mas sim uma experiência de dar sentido ao mundo por meio de palavras que falam de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço (Souza; Cosson, 2011, p. 103).

Tendo em vista as possibilidades do letramento literário, com a proposição desta sequência didática espera-se que não apenas sejam desenvolvidas habilidades técnicas, mas também fomente o pensamento crítico, a sensibilidade estética e a capacidade de engajamento reflexivo. Ao promover o letramento literário, espera-se, essencialmente, construir pontes entre as palavras e o mundo, capacitando os aprendizes a serem agentes ativos na sua jornada literária e, conseqüentemente, na sua compreensão mais profunda da realidade que os cerca.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A Sequência didática

Rildo Cosson propõe dois modelos de sequência didática: a básica, indicada para o ensino fundamental I e II, e a expandida, composta por 7 passos e indicada para trabalhos mais extensos a serem feitos com turmas do ensino médio. Visto que a obra *O Mundo é dos Canários* é classificada como literatura infantojuvenil e traz contos de Machado de Assis, propomos que seja aplicada às turmas de 9º ano os 4 passos da sequência básica, sendo eles: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Passo 1 – Motivação

O primeiro passo da sequência didática é a motivação e tem por objetivo aguçar a imaginação e curiosidade dos alunos, bem como inseri-los no cenário inicial do livro. Para tanto, sugerimos que o professor faça a leitura do primeiro capítulo do livro em voz alta logo no início, pois nas primeiras páginas do livro é apresentado ao leitor o mistério que os seguirá até o final da trama: a Carolina criança descobre na casa de sua recém falecida avó um esconderijo secreto, o ático. Quando sobe as escadas para entrar, encontra ao centro uma mesinha com seis objetos meticulosamente arrumados e:

Ao, enfim, se aproximar, percebeu que sobre a mesinha havia um pequeno embrulho. Sentiu um arrepio. O embrulho era feito com papel de seda opaco, enfeitado com uma faixa transversal de papel acetinado brilhante, de uma única cor, ocre bem do jeito que a avó embrulhava os presentes que lhe reservava. E a menina, lá consigo mesma, murmurou: "É para mim, vovó?". A resposta da avó era sempre um sorriso suave, um sorriso que a convidava a abrir o embrulho [...]. Já tinha a certeza de que a avó deixara, ali no ático, algo que desejava lhe transmitir. Algo para ela descobrir. Aguardando por ela (Aguiar, 2009, p. 17).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Portanto, o livro poderá ser apresentado como um enigma a ser decifrado pelos alunos. Após a leitura inicial, o professor deverá dispor cartões misteriosos pela sala, os quais conterão em cada um as seguintes imagens: uma gaiola de passarinho vazia, uma gravatinha borboleta preta pequena, um exemplar do livro *Os Três Mosqueteiros*, uma caixa com quatro alianças grossas, uma garrucha, uma moringa.

Além disso, também deverá haver cartões com os títulos dos contos que são abordados no livro: “Ideias de canário”, “Umás férias”, “A segunda vida”, “Missa do galo”, “O enfermeiro” e “Eterno”. Os alunos poderão se movimentar, coletar os cartões e tentar descobrir a relação entre eles, colocando-os em um quadro de acordo com a ligação que eles acham que pode haver entre os cartões com os títulos dos contos e os cartões com as imagens dos objetos, criando assim um quadro de evidências (ferramenta visual usada por detetives e investigadores para organizar e conectar informações relacionadas a um caso criminal), o qual deverá conter ao centro uma foto da obra *O Mundo é dos Canários* e uma imagem do exemplar de um livro de contos de Machado de Assis – sugere-se que seja *Páginas recolhidas*, pois nele está o conto “Ideias de canário”, que inspira o nome da narrativa juvenil. Ao longo da leitura, eles poderão movimentar esses cartões, ligando-os da maneira correta conforme vão aparecendo na narrativa.

Nesse momento, o professor poderá abordar com os alunos acerca da intertextualidade, visto que ela está presente não só nos livros, como também em nosso cotidiano, pois conforme Paulino, Walty e Cury: “se considerar toda e qualquer produção humana como texto a ser lido, reconstituído por nós, a sociedade pode ser vista como uma grande rede intertextual, em constante movimento” (1995, p. 12). A presença da intertextualidade é evidente em elementos como memes e piadas na internet, que constantemente fazem referências a momentos específicos da cultura pop, eventos históricos



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

e acontecimentos noticiados na televisão e também permeiam nossa comunicação verbal.

No contexto da literatura, é importante compreender que os textos não se fecham em si, pois conforme destacam Paulino, Walty e Cury “[...] destinam-se ao olhar, à consciência e à recriação dos leitores. Cada texto constitui uma proposta de significação que não está inteiramente construída. A significação se dá no jogo de olhares entre o texto e seu destinatário (1995, p. 15).

Portanto, é importante que tal assunto seja trabalhado na escola em conjunto com o estudo de obras literárias. Nesse sentido, Valéria Cristina de Abreu Vale Caetano, no artigo “Práticas de leitura literária sob a perspectiva intertextual com alunos da escola básica” (2017), publicado no Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic), traz os resultados de uma aplicação com leitura perpassada pela intertextualidade em sala de aula, e afirma:

O ensino de literatura na contemporaneidade significa pensar a literatura em perspectiva interdisciplinar, relacioná-la com outras manifestações artísticas e culturais. Desta forma, a adoção de práticas de leitura sob a perspectiva intertextual favorece o surgimento de novos objetivos para o ensino de leitura literária na Educação Básica (Caetano, 2017, p. 3.186).

Tendo em vista a importância da intertextualidade na leitura de literatura, nesse primeiro passo, o professor pode comentar com os alunos sobre a intertextualidade e verificar o conhecimento prévio dos alunos acerca do tema, verificando a necessidade ou não de um maior aprofundamento.

Passo 2 - Introdução: O autor e a obra

No segundo passo, Rildo Cosson (2006) enfatiza que é suficiente fornecer



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

informações básicas sobre o autor e, se possível, estabelecer conexões entre essas informações e o texto a ser estudado. Dessa forma, a sugestão é iniciar essa etapa com uma breve exposição da biografia de Luiz Antonio Aguiar, visando contextualizar o autor e sua obra no universo literário. Para esse momento, o professor pode convidar os alunos a um mergulho no universo do autor por meio de uma visita ao seu site (anexo 1), especialmente, na sessão que indica todas as suas obras.

Na sequência, conduzir uma roda de conversa permitirá explorar as expectativas dos alunos em relação à obra que estão prestes a ler, bem como identificar o conhecimento prévio e as opiniões dos estudantes acerca da obra de Machado de Assis. Como forma de sintetizar melhor os resultados, o professor deverá entregar uma folha com perguntas relacionadas aos tópicos a serem debatidos, tais como: o que vocês esperam dessa leitura? Como vocês acham que os objetos dos cartões se ligam com os títulos dos contos e com a história? O que vem à mente de vocês quando se fala sobre literatura clássica? Quais autores e obras vocês consideram clássicos? Por que vocês acham que a literatura clássica é tão importante? O que vocês conhecem sobre a vida e obra de Machado de Assis? Qual a diferença entre literatura clássica e contemporânea? O que vocês entendem por intertextualidade? Quais exemplos podemos encontrar em nosso cotidiano? Essas perguntas podem ser respondidas pelos alunos ao longo do debate e, ao final, entregues para o professor, que utilizará a atividade ao término do estudo da obra.

Para fomentar a discussão, é importante que o professor dialogue sobre a importância da literatura clássica, visto que não só carrega uma herança cultural e histórica preciosa como também nos oportuniza o questionamento e entendimento de nós mesmos, conforme indica Ana Maria Machado, citando o autor George Steiner em *Errata: uma vida examinada*:



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Defino um clássico, na literatura, na música, nas artes, na argumentação filosófica, como uma forma significativa que nos "lê" [...] Mais do que nós a lemos. Não há nada paradoxal nem místico nessa definição. Cada vez que o enfrentamos, o clássico nos questiona. Desafia nossos recursos da consciência e do intelecto, da mente e do corpo (grande parte da resposta estética primária, mesmo intelectual, é corpórea). O clássico fica nos perguntando: *Entendeu? Está re-imaginando de forma responsável? Está preparado para agir baseado nessas questões, nas potencialidades de um ser transformado e enriquecido que eu estou colocando diante de você?* (Steiner, *apud* Machado, 2002, p. 22).

Tal argumento se comprova na história da protagonista Laura, no decorrer de sua trajetória como leitora ativa que se desenvolve ao longo dos debates dos contos de Machado no livro, porque ela vai deixar de se compreender apenas como “Inha”, a namorada do craque de futebol Juca, e vai passar a se compreender como indivíduo, autora de sua própria trajetória.

Ainda no que diz respeito à literatura clássica, vale pensar na relação que a literatura juvenil contemporânea mantém com ela. Conforme Rafaela Stopa, na tese *Os romances juvenis de Jorge Miguel Marinho: leitura do mundo, leitura da literatura* (2018), a literatura juvenil contemporânea apresenta um jogo intertextual com o cânone, o que possibilita a aproximação do leitor com a tradição literária:

[...] em virtude, especialmente, do dualismo e da assimetria que é inerente aos livros juvenis: dualismo entre quem escreve e a quem o livro se destina, e assimetria entre o jovem que lê e as instâncias que legitimam as obras – pais, professores, instituições e premiações. Apreendendo o dualismo como a busca de um equilíbrio dinâmico entre energias opostas – experiências de vida distintas – e a assimetria como uma forma de desequilíbrio – percepções distintas de adequado e inadequado – percebemos que o recurso à intertextualidade e à metaficção, além de enriquecer as obras, pode ser o ponto de convergência entre os polos de conflito. Isso porque, na primeira, o duplo destinatário é identificado com facilidade nas citações literárias e culturais. Enquanto na segunda,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

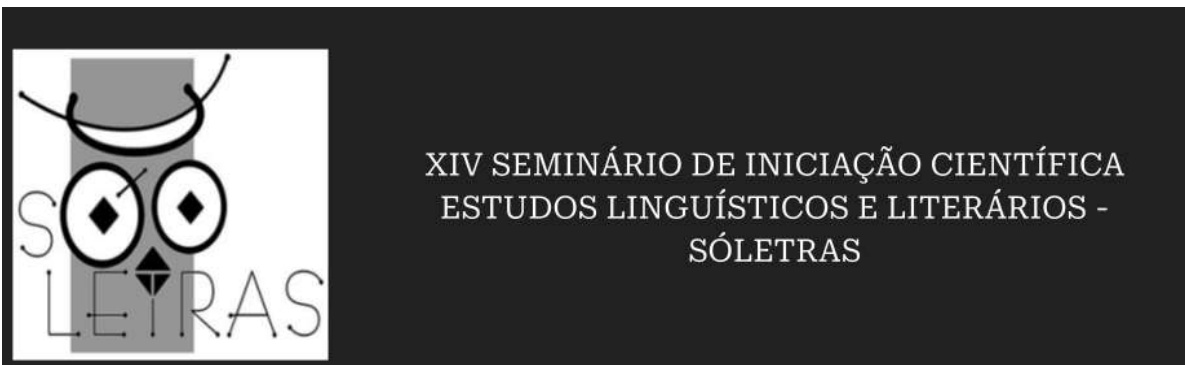
evidencia-se na discussão do fazer literário também uma forma de orientar os leitores em formação, como indicado em vários trabalhos aqui citados (Stopa, 2018, p. 89)

Nesse sentido, a metalinguagem e a intertextualidade possuem papel fundamental na formação do leitor, pois possibilitam uma entrada para experiências de leitura mais desafiadoras e enriquecedoras, elementos presentes na obra *O mundo é dos canários*, posto que a protagonista Laura, ao longo da narrativa, escreve um conto com elementos da história da bibliotecária Carolina em conjunto a elementos dos contos analisados pelos membros do clube de leitura, do qual ambas fazem parte. Ao final, ela dá ao seu conto o título que viria a ser o nome do livro no qual ela se insere: *O mundo é dos canários*. Nesse ponto, é válido que o professor ressalte a presença da intergenericidade, tipo de intertextualidade que se refere à mistura ou combinação de elementos de diferentes gêneros, pois, nesse caso, uma personagem escreve um conto dentro da narrativa longa. Assim, os alunos ficarão mais situados em relação ao tema que será explorado no segundo intervalo de leitura.

Para concluir esta etapa, é importante que os alunos tenham contato direto com o livro a ser lido. Durante essa interação, eles serão encorajados a observar a capa, analisar as ilustrações e explorar o sentido do título. Subsequentemente, poderão receber exemplares da obra para que realizem a leitura em casa, consolidando assim as impressões iniciais adquiridas e preparando-se para as próximas etapas da sequência didática.

Passo 3 - Leitura:

Durante esta etapa, o professor assume o papel de mediador, assegurando-se de que os alunos estejam compreendendo a obra. Eles serão encorajados a realizar a leitura extraclasse do livro, considerando sua extensão relativamente curta. É importante que o



professor combine o número de páginas a ser lido em casa. Para enriquecer a experiência de leitura, serão realizados três intervalos específicos:

1º Intervalo - A formalidade em questão

Na primeira atividade deste intervalo, sugere-se que o professor inicie a aula com uma discussão sobre a linguagem formal e informal presente na obra *O Mundo é dos Canários*. Serão explorados os contextos nos quais cada forma de linguagem é empregada, incluindo reflexões sobre a variação linguística. Essa discussão pode ser expandida para abranger diferentes contextos sociais, culturais e históricos, demonstrando como Machado de Assis explora essas nuances em seus contos.

Conectando diretamente essa discussão ao livro, o professor deverá destacar exemplos específicos das variações linguísticas encontradas na obra. Isso estabelecerá um elo direto entre a análise linguística e o conteúdo que está sendo explorado.

Posteriormente, a sala será dividida em duas equipes, e cada aluno se levantará para expressar uma frase informal. Em seguida, um aluno da equipe adversária será desafiado a reescrever a frase de modo formal. Durante essa atividade, os alunos serão incentivados a usar a criatividade ao realizar essa transformação, utilizando expressões literárias, enriquecendo o vocabulário ou ajustando a estrutura da frase, mantendo seu sentido original.

Ao final da atividade, será promovida uma discussão reflexiva sobre os desafios e aprendizados encontrados. Os alunos devem ser questionados sobre as estratégias utilizadas ao transformar as frases e como essa experiência contribuiu para a compreensão da importância da escolha da linguagem em diferentes situações. Deve-se concluir a atividade conectando novamente o aprendizado ao livro, desafiando os alunos a identificarem situações específicas na obra em que a escolha da linguagem desempenha um papel



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

importante na compreensão da narrativa e dos personagens.

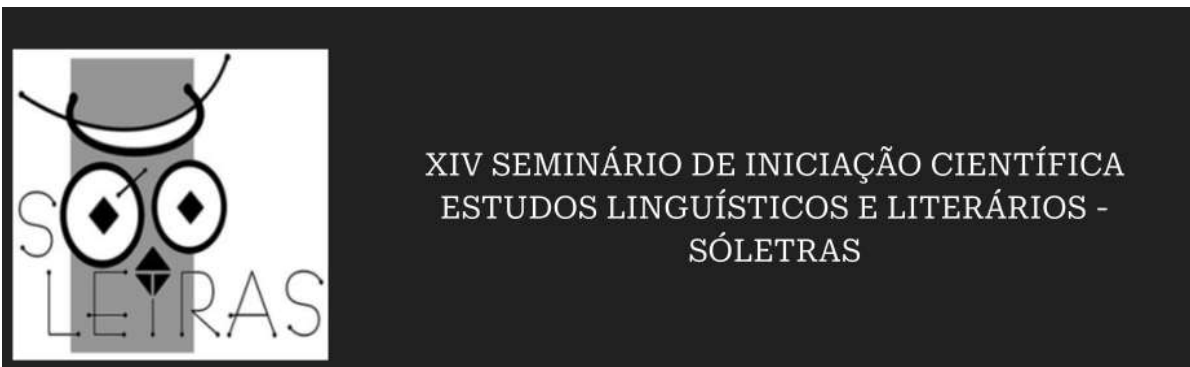
2º Intervalo - O conto

Para este intervalo, sugere-se que o professor inicie questionando os alunos acerca do gênero conto, solicitando que compartilhem exemplos que conheçam. Em seguida, será apresentada uma explanação sobre as características desse gênero literário, tais como espaço delimitado, tempo marcado, presença de narrador, poucos personagens e a estrutura clássica composta por introdução, desenvolvimento, clímax e desfecho.

Após a exposição teórica, o professor lerá com a sala o conto “Ideias de canário”, algo a ser feito com tranquilidade, dada a curta extensão do texto. Em seguida à leitura, é possível exibir em sala um curta em animação realizado pela TV Escola que traz uma releitura do conto “Ideias de canário” (anexo 2). A narração do vídeo mantém contato próximo com o texto original, mas as imagens trazem um cenário futurista. Trata-se de uma perspectiva oportuna para que os alunos possam conhecer a temática do conto e perceber a atualidade dos textos do autor.

Após a leitura do conto e a exibição do curta, o professor deverá conduzir uma roda de conversa com os alunos, estimulando a comparação entre suas interpretações individuais e aquelas proporcionadas pelo curta em animação. Durante essa discussão, a análise das escolhas de entonação, ritmo e expressão do narrador no vídeo serão exploradas, visando compreender como esses elementos podem influenciar a compreensão e apreciação do conto. Além disso, o professor poderá oportunizar questionamentos aos alunos sobre a distinção entre o gênero conto, e o livro em estudo, que pertence ao gênero novela.

Ademais, espera-se que os alunos possam perceber, ao término da leitura de *O mundo é dos canários*, que assim como o conto mostra as limitações do conhecimento



quando alguém acredita que o mundo está confinado àquilo em que ela acredita, a personagem Laura foge de um horizonte limitado por meio da leitura de literatura, ampliando suas perspectivas de mundo.

Refletindo sobre essas experiências, os alunos serão convidados a discutir suas impressões sobre a obra, aprimorando assim a compreensão coletiva. Ao término do debate, os alunos serão orientados a realizar um trabalho de reconhecimento da estrutura e características presentes no conto, consolidando assim os aprendizados adquiridos durante este passo.

3º Intervalo - Trabalhando a intertextualidade

Neste intervalo, é o momento de o professor retomar as reflexões realizadas na etapa da Introdução e também no segundo intervalo de leitura, solicitando que os alunos comentem como percebem o diálogo estabelecido entre a obra *O mundo é dos canários* e o conto “Ideias de canário” de Machado de Assis, seja em relação à linguagem, aos personagens, ao enredo, buscando explorar com os estudantes a forma como percebem a presença do clássico na obra contemporânea. É importante questioná-los se a experiência com a leitura do livro de Aguiar os estimulou para o mergulho nos outros contos machadianos presentes na novela juvenil, e especialmente se buscarão mais obras do clássico.

Passo 4: Interpretação da obra

Ao chegar ao quarto passo da sequência didática, os alunos devem concluir a organização do quadro de evidências, disposto com os cartões e imagens na ordem

- 700 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

correspondente ao desenvolvimento da narrativa, a qual cada título de conto se liga a um objeto, consolidando-se da seguinte forma: a gaiola vazia representa o conto “Ideias de canário”; a gravatinha borboleta preta pequena, o conto “Umás férias”; a garrucha representa o título “A segunda vida”; o conto “Missa do galo” é simbolizado pelo exemplar do livro *Os Três Mosqueteiros*; a moringa está presente no conto “O enfermeiro”; e a caixa com quatro alianças grossas, liga-se ao conto “Eterno”. Todos esses objetos e títulos se ligam aos livros de Machado e de Luiz Antonio Aguiar ao centro do quadro, pois estão presentes em ambos.

No início da leitura do livro *O mundo é dos canários*, deparamo-nos com um enigma intrigante: uma mesa adornada com seis objetos distintos e um livro de contos de Machado de Assis. No entanto, diferentemente dos enigmas convencionais que demandam respostas imediatas, essa montagem desafia o leitor de maneira sutil. Cada objeto, meticulosamente escolhido, tece uma ligação invisível com um dos contos contidos neste exemplar e, conforme a narrativa avança e os participantes do clube de leitura de Carolina vão discutindo sobre tais contos, os questionamentos proporcionados pela leitura são internalizados pelos integrantes, e vão aos poucos modificando a compreensão de mundo deles. Não há respostas óbvias ou soluções prontas; ao contrário, os leitores são desafiados a confrontar as próprias convicções, a questionar suas certezas e a explorar os recantos da própria existência, tal qual o canário, do conto “Ideias de Canário” modifica sua definição de mundo conforme as experiências que vive. O mesmo acontece com a protagonista Laura, conforme citado anteriormente nesse artigo.

Em seguida, deverá ser promovida uma roda de conversa para explorar a experiência e as impressões dos alunos em relação à obra *O Mundo é dos Canários*.

Durante essa discussão, os estudantes serão questionados sobre suas opiniões em relação à obra, identificando os personagens que se destacaram em suas percepções. A



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

abordagem sobre quais personagens merecem mais destaque será estimulada, enquanto também se explora se a curiosidade inicialmente despertada foi plenamente atendida, considerando o caráter aberto do desfecho do livro.

Continuando, deve-se retomar as folhas contendo as opiniões prévias dos alunos sobre os clássicos, a intertextualidade e a obra de Machado de Assis. O professor poderá solicitar a alguns estudantes que leiam em voz alta suas reflexões iniciais, incentivando uma comparação posterior sobre como essas percepções foram influenciadas ou não após a leitura de *O mundo é dos Canários*. Essa reflexão sobre a possível mudança de visão em relação aos clássicos machadianos será um ponto fundamental para encerrar esta etapa.

Para a atividade de registro final, a turma será dividida em grupos. A proposta é que cada grupo crie uma continuação em formato de conto para as personagens secundárias, como Rosana, Luana, Zé Henrique, Lucas, Alex, Tina, Juca ou até mesmo para a protagonista Laura, dada a natureza aberta do final do livro. Além do texto, alguns alunos podem contribuir com ilustrações para aprimorar a continuação.

Por fim, os trabalhos desenvolvidos pelos alunos poderão ser compilados em um e-book, que será divulgado na comunidade escolar, proporcionando uma experiência de leitura compartilhada e valorizando a criatividade e interpretação dos estudantes. Essa atividade não apenas consolida a aprendizagem adquirida, mas também incentiva a expressão criativa e a colaboração entre os alunos.

Conclusão

Como forma de abordar a literatura em sala de aula, foi feita uma proposta de abordagem do texto literário a partir da sequência básica, de Rildo Cosson, que tendo fundamentação no letramento literário, tem por objetivo fazer uma mediação na leitura de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

obras nas escolas, fazendo com que os sentidos das leituras seja uma troca de experiências e socialização.

Trabalhar o letramento literário no contexto escolar leva à compreensão de conceitos históricos, trazendo consigo o gosto da literatura, bem como o desenvolvimento da leitura como um hábito. De acordo com Cosson “A literatura na escola tem por obrigação investir na leitura desses vários sistemas até para compreender como o discurso literário articula a pluralidade da língua e da cultura (2006, p. 34)”.

Foi proposto, para esse fim, uma leitura coletiva do primeiro capítulo, estimulando a participação ativa dos alunos na discussão sobre os elementos da narrativa, como o cenário, os personagens e os conflitos apresentados. Em seguida, a ideia foi a de apresentar o livro aos alunos, por meio de uma roda de leitura, momento em que cada aluno pode compartilhar suas expectativas e impressões sobre a obra.

Para explorar a intertextualidade presente na obra, há ainda mais possibilidades, sendo interessante propor atividades que envolvam a comparação de trechos do livro com outros textos literários ou até mesmo com músicas e filmes. Essa prática permite que os alunos percebam as relações entre diferentes obras e ampliem seu repertório cultural.

Por fim, é importante ressaltar que a sequência didática proposta deve ser adaptada de acordo com a faixa etária dos alunos e os objetivos específicos de cada turma. O letramento literário é uma habilidade que pode ser desenvolvida ao longo da vida, e a escola tem um papel fundamental nesse processo, oferecendo oportunidades de contato com a literatura e estimulando o prazer pela leitura.

Tendo em vista que o letramento literário é essencial para formar leitores críticos e apaixonados pela literatura, a sequência didática proposta para o livro *O Mundo é dos Canários* busca desenvolver essa habilidade por meio da exploração dos elementos da narrativa e da intertextualidade presente na obra. Ao proporcionar uma experiência



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

enriquecedora de leitura e interpretação, os alunos são incentivados a ampliar seu repertório cultural e a se tornarem protagonistas na construção de significados.

Referências

AGUIAR, Luiz Antonio. **O Mundo é dos Canários**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2021.

CAETANO, Valeria C. de A. V. Práticas de leitura literária sob a perspectiva intertextual com alunos da escola básica. In: **Anais do XV Congresso Internacional Abralic**. Associação Brasileira de Literatura Comparada, Belo Horizonte. 2017.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

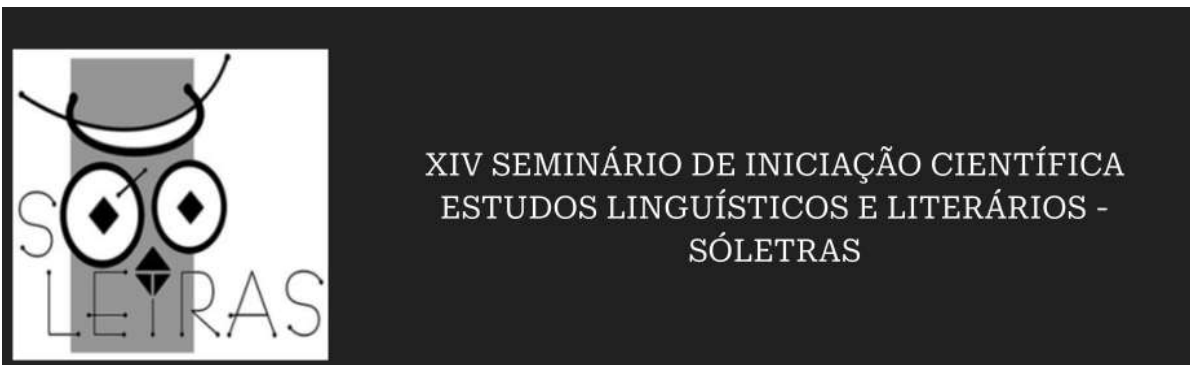
COSSON, Rildo; JUNQUEIRA, R. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. In: **Caderno de Formação: formação de professores, didática de conteúdos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 2, p. 101-108. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

IDEIAS de Canário. 23 mar. 2017. 1 vídeo (12 min 8 s). Publicado pelo canal H4cko. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qW4924cxDwU>. Acesso em: 15 jan. 2024.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil 5ª Edição**, 2019. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/pesquisas-retratos-da-leitura/as-pesquisas-2>. Acesso em: 20 de abril de 2023.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002.

MACHADO, Ana Maria. Entre vacas e gansos: escola, leitura e literatura. In: MACHADO, Ana Maria. *Texturas: sobre leituras e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.



STOPA, Rafaela. **Os romances juvenis de Jorge Miguel Marinho: leitura do mundo, leitura da literatura.** 2018. 253 f. Tese (Doutorado em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/157073>. Acesso em: 2 maio 2023.

TORRES, Patrick. **Nas horas vagas**, Machado de Assis – Podcast. Disponível em: <https://podtail.com/en/podcast/nas-horas-vagas-machado-de-assis/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

Anexos

Anexo 1: [EUGRAFIA | luiz-antonio-aguiar \(luizantonioaguiar.com.br\)](http://eugrafia.luizantonioaguiar.com.br)

Anexo 2: https://www.youtube.com/watch?v=qW4924cxDwU&ab_channel=H4cko



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

LINGUAGEM E ENSINO: ESTUDOS DE GÊNERO ORAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Camila Fernanda da Silva Martins (G-CLCA-UENP/CJ)
Paula Elisie Madoglio Izidoro (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: No contexto educacional brasileiro, é urgente que pensemos em propiciar o ensino de Língua Portuguesa de forma eficiente e contextualizada com as práticas sociais de nossos discentes (Cf. BRASIL, 2018). Nessa perspectiva, os gêneros orais desenvolvem um papel essencial na formação dos alunos, seja ele linguístico e/ou comunicativo. Para implementação de gêneros textuais em sala de aula, cabe olharmos para a formação docente, pois o professor se destaca como um fator fundamental para a construção de práticas pedagógicas estimulantes para o ensino da língua materna. Dessa forma, a pesquisa desenvolvida visa a contribuição para o campo educacional e no desenvolvimento de uma sociedade informada, tendo como objetivo investigar os gêneros orais; bem como discutir sobre a formação docente e analisar como o gênero é abordado na formação inicial do curso de Letras na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/CJ). A fim de cumprir com os objetivos esperados, calcaremos nossos estudos nas teorias de Bakhtin (2003) para discussão sobre gêneros, Tardif (2014) para teorizarmos a função do professor, como também Moraes e Galiuzzi (2007) para análise de dados e discussões finais.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa. Formação docente. Gêneros orais. Linguagem. Análise Textual Discursiva.

Considerações iniciais

Sabe-se que só se concede vida à língua materna quando praticada em discurso, nesse sentido, a oralidade pode ser definida como habilidade comunicativa que pode ser desenvolvida não só em sala de aula, mas também no respectivo cotidiano de cada indivíduo.

Marcuschi (2002, p. 2) afirma que “é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero”. Observa-se que além do aprender, os gêneros orais tem como objetivo a compreensão da comunicação eficaz em diferentes situações, sejam elas simples



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

ou complexas.

O tema desta pesquisa aborda a interseção crucial entre linguagem e ensino, uma vez que a comunicação verbal desempenha um papel fundamental no ambiente educacional. Os gêneros orais podem ser integrados de maneira eficaz na formação docente, busca-se assim, preencher lacunas práticas para aprimorar habilidades de comunicação oral de educadores.

Bakhtin (2003) afirma que a comunicação ou a fala ocorre através dos gêneros e, muitas vezes, o falante não se dá conta disto. Pode-se entender através da teoria de Bakhtin que existe um extenso campo de gêneros orais e escritos utilizados, de acordo com a intenção comunicativa, o que caracteriza o gênero. O autor destaca que é necessário o falante dominar os gêneros para sua comunicação, pois, conseqüentemente, isso lhe dará competência comunicativa em qualquer contexto, com qualquer interlocutor e seus respectivos temas, seja ele do cotidiano e/ou sociais.

O autor assevera que:

É preciso dominar bem os gêneros para empregá-los livremente [...] Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso (Bakhtin, 2003, p. 285).

Segundo Tardif (2014 apud Izidoro, 2019) o exercício da docência exige do professor multisaberes. Isso reflete, então, na complexidade e diversidade de conhecimentos necessários para proporcionar uma educação de qualidade.

A partir dessa perspectiva, busca-se resultados não apenas para compreensão mais profunda dos gêneros orais na formação docente, mas também, recomendações de práticas de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

aprimoramento a integração efetiva desse elemento no ambiente educacional. Sendo assim, o presente trabalho visa contribuir diretamente na área da educação, alinhando teoria e prática para beneficiar profissionais em formação inicial.

Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo discutir as noções de gêneros orais (Bakhtin, 2003); Teorizar o papel do professor (Tardif, 2014); E analisar dados na perspectiva da Análise Textual Discursiva, estruturada por Moraes e Galiazzi (2007).

A noção de gênero

No contexto educacional nota-se que as teorias de aquisição de linguagem referem-se ao papel dos gêneros textuais no ensino de língua portuguesa. Quando utilizados como instrumentos para o contexto social, a escola deve apontar a linguagem através de um gênero e a importância do mesmo em sua vida social e acadêmica.

Dell'Isola (2007, p. 12) afirma:

Como preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNLP) é imprescindível o investimento no trabalho com gêneros textuais em sala de aula, pois os alunos devem ser capazes de ler textos com diferentes gêneros “combinando estratégias de decifração com estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação”.

Pode-se entender que os gêneros textuais surgem como resultado da ação social, promovendo a viabilidade e facilitando a interação. Em outras palavras, eles funcionam como ferramentas para a comunicação verbal e para a criação de práticas sociais entre as pessoas envolvidas. Marcuschi (2008) argumenta que, sem essas relações sociais, os gêneros não teriam razão de existir.

Durante a existência humana, a interação acontece à medida que o indivíduo se



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

envolve em práticas de comunicação em diversos contextos, contribuindo para a criação e desenvolvimento de tipos de comunicação específicos na cultura em que vive. Os gêneros textuais são componentes essenciais da comunicação humana, referem-se a tipos de textos que partilham características próprias da estrutura e finalidade comunicativa.

A comunicação escrita tem raízes antigas, mas os gêneros textuais da atualidade são ajustados pelas mudanças culturais e tecnológicas que ocorrem ao longo do tempo, partindo da perspectiva de que a língua é viva. Nesse cenário, contamos com a ideia de que “O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas” (Marcuschi, 2008, p. 149).

Em contexto escolar, o uso de gênero precisa ser estudado de acordo com a realidade, deve ser posto em foco diante de seus usos sociais, desenvolvendo a capacidade individual de cada aluno e seus respectivos conhecimentos a partir dos gêneros textuais. Portanto, é necessário definir que as funções ou formas determinam um gênero, Bakhtin (2003, p. 261-262) afirma o fato de que os gêneros do discurso espelham as condições e finalidades relacionados a determinados campos, através da esfera lexical e gramatical da língua, e também por sua construção composicional.

Nesse sentido, o autor realizou diversos estudos relevantes sobre gêneros do discursos que esclarecem a ideia para pesquisas desse cunho e o trabalho em sala de aula. Para Bakhtin, os gêneros do discurso são denominados como formas de comunicação social que executam um papel fundamental na construção da linguagem e na compreensão da interação humana. Para o autor,

a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia é medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (Bakhtin, 2003, p. 262).

- 709 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

É de grande relevância o estudo sobre a concepção do autor em relação aos gêneros discursivos pois evidencia-se os panoramas de desenvolvimento da língua materna através de uma análise mais aplicada. Conclui-se que existem diversas possibilidades para o ensino, Bakhtin salienta a língua como contexto das relações humanas e apresenta conceitos fundamentais em relação à natureza dos gêneros discursivos, que norteiam o significado do ensino da língua: o seu uso na prática, onde envolve relações sociais, sentimentos e intenções.

Gêneros orais em sala de aula

Os gêneros textuais são componentes essenciais da comunicação humana, referem-se a tipos de textos que partilham características próprias da estrutura e finalidade comunicativa. A comunicação escrita tem raízes antigas, mas os gêneros textuais da atualidade são ajustados pelas mudanças culturais e tecnológicas que ocorrem ao longo do tempo, partindo da perspectiva de que a língua é viva. Nesse cenário, contamos com a ideia de que “O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas” (Marcuschi, 2008, p. 149)

é preciso dominar bem os gêneros para empregá-lo livremente. Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso. (Bakhtin, 2003, p. 285)

Para o autor, é de extrema importância ter um conhecimento sólido sobre os gêneros



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

orais, para expressá-los de maneira mais autêntica. Ao dominar esses gêneros, os escritores/falantes podem empregá-los de forma mais livre e criativa, destacando sua própria individualidade na escrita. É como se o entendimento profundo das ferramentas permitisse uma expressão mais rica e distinta do próprio estilo e voz do autor.

As intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, geram usos sociais que determinam os gêneros. (Bakhtin, 1997, p. 274). Nessa perspectiva sociolinguística, a interação comunicativa é percebida como um elemento intrínseco às condições de produção discursiva.

As interações sociais desempenham um papel crucial na geração de usos sociais que, por sua vez, exercem uma influência significativa na conformação dos gêneros textuais. As dinâmicas interativas moldam as expectativas comunicativas, estabelecem padrões linguísticos e proporcionam um terreno fértil para o surgimento de formas específicas de expressão textual. Os usos sociais emanados dessas interações funcionam como catalisadores, delineando os contornos dos gêneros discursivos que, por sua vez, estruturam os textos produzidos.

Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (...). Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala. Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível. (BAKHTIN, 2003, p. 283).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Quanto a sua caracterização, Bakhtin (2003) caracteriza os gêneros discursivos em primários (simples), que pertencem ao cotidiano e na maioria das vezes predominantes orais. E os secundários (complexos), acontecem através de um convívio cultural, predominantemente escritos, como observado em:

Muitas pessoas que dominam magnificamente uma língua sentem amiúde total impotência em alguns campos da comunicação precisamente porque não dominam na prática as formas de gênero de dadas esferas. Frequentemente, a pessoa que domina magnificamente o discurso em diferentes esferas da comunicação cultural, sabe ler o relatório, desenvolver uma discussão científica, fala magnificamente sobre questões sociais, cala ou intervém de forma muito desajeitada em uma conversa mundana. Aqui não se trata de pobreza vocabular nem de estilo tomado de maneira abstrata; tudo se resume a uma inabilidade para dominar o repertório dos gêneros da conversa mundana, a uma falta de acervo suficiente de noções sobre todo um enunciado que ajudem a moldar de forma rápida e descontraída o seu discurso nas formas estilístico-composicionais definidas, a uma inabilidade de tomar a palavra a tempo, de começar corretamente e terminar corretamente (nesses gêneros, a composição é muito simples). (Bakhtin, 2003, p. 284-285).

Pensando em contexto escolar, existe acordo nos documentos educacionais e nas teorias linguísticas relacionadas ao ensino, de que o progresso da expressão oral é um componente essencial na educação integral do aluno. Entende-se que a escola deve aprimorar a expressão oral, uma vez que os alunos enfrentam diversas situações sociais que demandam habilidades de domínio e adaptação dos gêneros orais às diferentes circunstâncias comunicativas.

Nas inúmeras situações sociais do exercício da cidadania que se colocam fora dos muros da escola a busca de serviços, as tarefas profissionais, os encontros institucionalizados, a defesa de seus direitos e opiniões – os alunos serão avaliados (em outros termos, aceitos ou discriminados) à



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

medida que forem capazes de responder a diferentes exigências de fala e de adequação às características próprias de diferentes gêneros do oral. Dessa forma, cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas (Brasil, 1997, p. 25).

No entanto, observa-se que na prática há uma grande lacuna no que se diz a teoria, visto que

Embora a linguagem oral esteja bastante presente nas salas de aula (nas rotinas cotidianas, na leitura de instruções, na correção de exercícios etc.), afirma-se frequentemente que ela não é ensinada, a não ser incidentalmente, durante atividades diversas e pouco controladas. (Dolz, Schneuwly e Haller, 2010 p. 125).

Na educação básica, é notável que, embora os docentes reconheçam a importância do desenvolvimento da oralidade, muitos deles não estão familiarizados com as características específicas dos gêneros orais. Constantemente, é associado às dificuldades dos alunos na produção de textos eficientes, à pressuposta incapacidade ou até mesmo desinteresse dos estudantes. Com isso, observa-se que a oralidade é subestimada dentro desse círculo escolar, indo então, contra as orientações dos documentos oficiais.

Goulart (2005, p. 19) afirma:

Esse espaço era limitado a atividades como leituras em voz alta e discussões informais sobre temas relacionados aos conteúdos das diversas disciplinas. Não havia o objetivo de propiciar o desenvolvimento da competência linguístico-comunicativa dos alunos, pois o essencial era verificar o domínio do conteúdo escolar apresentado.

Guimarães, Dolz e Lousada (2021, p. 03) reiteram, “lamentavelmente, ainda que a Base Nacional Comum Curricular priorize a oralidade como um dos eixos para o ensino de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

língua portuguesa, ainda não a percebem como interação”. Ou seja, a abordagem educacional, valoriza a oralidade, mas não a compreendem totalmente como um meio fundamental de interação da língua. Dentre as diferentes perspectivas sobre a modalidade oral, destaca-se a carência de estudos diante do crescente uso da oralidade na sociedade contemporânea.

O papel do professor

O desempenho da função de ensino requer que o professor possua conhecimentos diversificados, que incluem, de acordo com Tardif (2014), os conhecimentos relacionados à formação profissional, disciplina, currículo e experiência.

Entendemos que o conhecimento da formação profissional representa o “conjunto de saberes transmitidos pelas instituições de formação de professores” (Tardif, 2014, p. 36).

O que o autor denomina como saberes disciplinares “integram-se igualmente à prática docente através da formação [...] dos professores nas diversas disciplinas oferecidas pela universidade” (Tardif, 2014, p. 38). Por outro lado, os saberes curriculares são regulamentados pelos “discursos, objetivos, conteúdos e métodos a partir dos quais a instituição escolar categoriza e apresenta os saberes sociais por ela definido” (Tardif, 2014, p. 38). Por fim, o saber experiencial, ou o saber prático, é aquele em que “os próprios professores, no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolvem saberes específicos baseados no seu trabalho” (Tardif, 2014, p. 38-9).

É comum que, em muitas situações, certos tipos de conhecimento se destaquem em relação aos demais, sendo o conhecimento experiencial especialmente predominante. Isso ocorre devido ao fato de passarmos mais tempo envolvidos nas atividades práticas em sala de aula do que na formação, seja ela inicial ou contínua. Embora os professores afirmem



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

aprender a avaliar na prática, estudos apresentados por Linda Darling-Hammond (2014) indicam que o desempenho positivo em diversas avaliações está associado à formação do professor, não apenas à experiência em sala de aula.

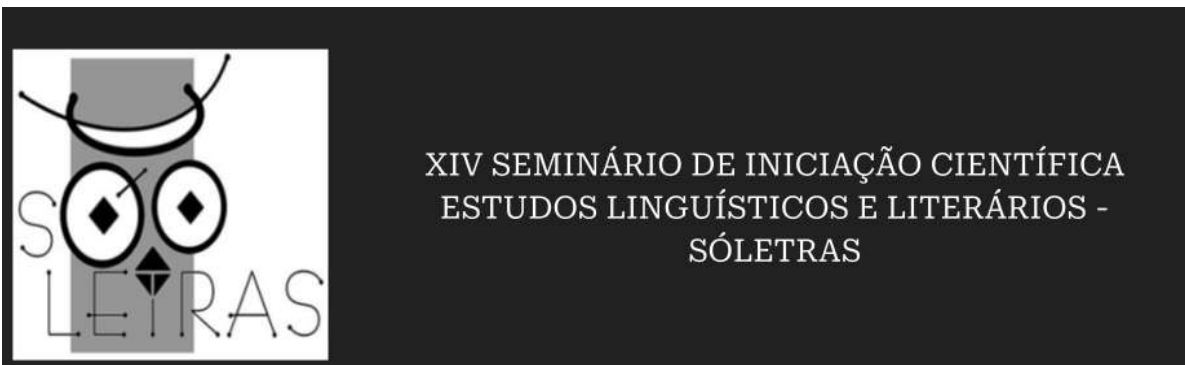
Outro aspecto a ser considerado é que os alunos, ao ingressarem na graduação, especialmente em cursos de licenciatura, já trazem consigo influências da experiência escolar prévia (Pimenta, 1999). Isso contribui para a reprodução de hábitos e práticas dos seus professores, mesmo que esses métodos sejam considerados ultrapassados.

Da coleta e análise de dados

Entre os métodos de análise de natureza qualitativa, empregaremos a Análise Textual Discursiva, doravante referida como ATD, a qual se concentra na profundidade e na complexidade de fenômenos (Moraes; Galiuzzi, 2007), alinhando-se aos princípios da análise qualitativa. Conforme Moraes e Galiuzzi (2007, p. 194), para realizar a ATD, é essencial seguir algumas etapas, como, por exemplo, a definição do *corpus*.

O *corpus* da análise textual, sua matéria prima, é constituído especialmente de produções textuais. [...] Os textos [...] podem tanto terem sido produzidos especialmente para a pesquisa, como podem ser documentos já existentes previamente. [...] Costuma-se denominar “dados” o *corpus* textual da análise.

Uma vez que tenhamos um *corpus* estabelecido, torna-se essencial avançar para a fase de análise e proceder ao tratamento dos dados, o que implica na desconstrução e unitarização. Esse procedimento envolve a desmontagem dos textos, destacando seus elementos constituintes. A partir dessa desestruturação, originam-se as unidades de análise, tornando esta etapa propícia para várias leituras consecutivas dos dados, ressaltando ideias



relevantes para a pesquisa e considerando a capacidade do pesquisador de realizar interpretações relacionadas à ocorrência que está sendo investigada.

O passo subsequente é a categorização, um processo que envolve a elaboração de um conjunto de elementos para a comparação das unidades previamente definidas. Nesse contexto, conforme destacado por Moraes e Galiazzi (2007, p. 197), além de agrupar elementos semelhantes, a categorização também implica na atribuição de nomes e definições às categorias, refinando-as progressivamente à medida que são construídas.

Diante do exposto, para a produção do *corpus* foi disponibilizado um formulário online que continha o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e apresentava as seguintes questões:

Quadro 01 - Questionário

- 1) O que você entende por gêneros textuais?
- 2) O que você compreende por gêneros orais?
- 3) Cite exemplos de gêneros orais?
- 4) Nas aulas da graduação, é discutida a temática de gêneros orais em sala de aula? Explique;
- 5) Você, enquanto professor, ensinaria gêneros orais em sala? Se sim, como?

Fonte: As autoras

Para segurança dos sujeitos de pesquisa, todos foram codificados e chamados por nomes de personagens da Literatura Brasileira. Na mesma perspectiva, utilizaremos Q para fazer referência às questões; L para mencionar as linhas, seguido de números cardinais indicando a localização do texto; Como também faremos uso de C, também acompanhado de numerais para tratarmos das categorias da pesquisa.

A análise dos resultados foi regida pelo seguinte quadro:



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Tabela 01 - Categorização dos dados

	CATEGORIAS	UNIDADES DE EXPRESSÃO
C1	Compreensão de gêneros textuais	Compreende totalmente
		Compreende parcialmente
		Não compreende
C2	Compreensão de gêneros orais	Compreende totalmente
		Compreende parcialmente
		Não compreende
C3	Exemplos de gêneros orais	Canto/Música
		Conferência**
		Entrevista
		Seminário
		Palestra
		Homilia*
		Debate
		Entrevista
		Teatro
		Folclóricos (parlenda, lenda, trava língua)



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

		Novelas/Telejornais
		Rádio**
C4	Gêneros orais em sala de aula	Há discussão considerável
		Há pouca discussão
		Não há discussão
		Não se recorda*
C5	Abordagens de gênero oral como professor	Satisfatória
		Parcialmente satisfatória
		Insatisfatória

Fonte: As autoras

As unidades assinaladas com um asterisco (*) foram emergentes; Já com dois asteriscos (**) não foram efetivadas durante o processo de categorização.

No que diz respeito à análise dos dados, percebemos que:

Na categoria 01, objetivamos averiguar o que os professores compreendiam por gêneros orais. Durante a análise dos dados, notou-se, por meio das respostas, que a maioria dos participantes possuem breve entendimento, indicando um nível inicial de familiaridade com a perspectiva de gênero.

Observou-se que, em sua grande maioria, os professores em formação inicial entendem o que é gênero, mas nenhum deles conseguiu (ou se dispôs a) defini-los de forma técnica ou com referencial teórico. Como observado em: “São textos com características específicas e diferentes entre si dentro de uma tipologia textual” (Tarsila; Q1; L1-2). “São



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

diferentes textos, orais ou escritos.” (Macunaíma; Q1; L1). “São as mais diversas formas de textos que são utilizados para transmitir mensagens aos receptores” (Manuel Bandeira; Q1; L1-2). “Gêneros textual está relacionado às variações existentes para transmitir uma informação” (Ísis; Q1; L1) “São vários tipos de linguagem dentro do texto” (Jeca; Q1; L1). “Entendo que os gêneros textuais estão implícitos em diversos textos” (Riobaldo; Q1; L1). “Entendo como formas de escrever um texto que levam em conta a bagagem social do enunciador e do interlocutor (Tereza Batista; Q1; L1-2).

Ocorre que apesar de as respostas estarem próximas, ainda são vagas, já que gêneros textuais segundo Marcuschi classifica-se por "formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos" (2002. p. 25).

Já na categoria 02, esperava-se que os professores em formação inicial respondessem suas concepções de gêneros textuais orais. Nesse momento, observou-se uma limitada compreensão por parte dos participantes sobre o conceito, visto que, em suas perspectivas: “Gêneros orais são tudo que é falado” (Lisbela; Q2; L1); “Não sei exatamente, pesquisando na internet entendi que são formas de comunicação verbal que ocorrem por meio da fala” (Antônio Conselheiro; Q2; L1). “Compreendo que os gêneros orais são necessários para nossa comunicação.” (Riobaldo; Q2; L1). “Gêneros orais são aqueles que estão presentes em nosso cotidiano, sem a necessidade de serem ensinados.” (Capitu; Q2; L1-2).

Diante disso, inteiramos que o ensino dos gêneros orais não se resume à habilidades de falar em geral, mas visa especificamente o domínio dos gêneros que sustentam a aprendizagem escolar.

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. Ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas (exposição, relatório de experiência, entrevista, debate etc.) e, também, os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo (debate, teatro, palestra, entrevista etc.). (PCN 1998, p. 67-68)

Dentre as 19 respostas, apenas 4 delas aproximaram-se de um ideal estabelecido durante a elaboração das categorias: “Gênero oral é o compartilhamento de informações faladas, utilização da voz.” (Ísis; Q2; L1). “São gêneros que não são escritos, mas passados pela oralidade.” (Inácio Loyola; Q2; L1-2). “São textos escritos, mas apresentados oralmente, utilizando a voz.” (Amélia; Q2; L1). “São gêneros em que o seu meio de exposição é predominantemente oral, que são transmitidos pela fala, discurso, argumento.” (Tarsila; Q2; L1).

Ainda nessa categoria, observamos respostas iguais entre um participante e outro, sinalizando um possível compartilhamento de respostas ou então, de forma individual, os participantes pesquisaram na internet e foram direcionados à mesma página¹⁸: “Aquele que tem como suporte a voz humana e que foi produzido para ser realizado oralmente.” (Santana; Q2. L1) “Aquele que tem como suporte a voz humana.” (Dona Flor; Q2. L1)

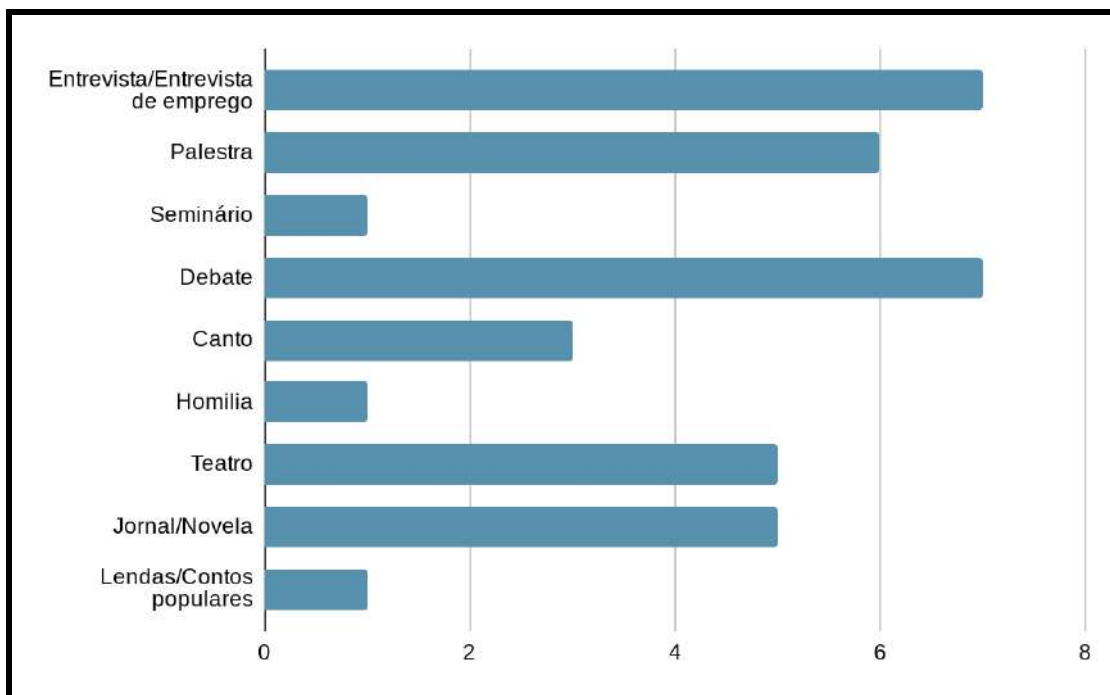
No que se trata a categoria 03, em que pedimos exemplos de gêneros orais, resultaram nas seguintes quantidades de citações dos referidos gêneros:

¹⁸ Resposta pode ser encontrada em: <https://brainly.com.br/tarefa/27947986> Acesso em 11. dez. 2023



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Gráfico 01 - Categoria 03



Fonte: As autoras

Um ponto importante observado durante a análise de dados da categoria 03 é que o gênero “seminário”, comumente presente nas salas de aula, foi mencionado apenas uma vez dentre as 19 respostas, e é um gênero em que os participantes de pesquisa estão em constante contato.

Isso torna evidente os questionamentos de como os gêneros orais de caráter escolar foram pouco contemplados, como os casos de cantigas, parlendas, trava línguas que não foram citados e lendas e contos populares terem sido citados somente por um participante, e que estão presentes em sala, principalmente na educação básica (contexto em que os professores em formação inicial estão/estarão inseridos), o que reflete uma desvalorização



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

dos gêneros orais, evidenciando a necessidade de uma maior atenção aos gêneros discursivos empregados em sala de aula.

No que se refere à categoria 04, esperava-se compreender se a temática de gêneros orais era discutida em sala de aula, e a pesquisa identificou limitações enquanto a discussão da temática, fazendo-nos indagar sobre possíveis razões por trás dessa limitação, como falta de recursos, a ênfase em outras competências ou a necessidade de uma conscientização mais ampla sobre a relevância do desenvolvimento das habilidades de comunicação oral.

Infere-se que ter conhecimento de uma variedade de gêneros presentes na comunicação oral é essencial para nossa compreensão de mundo. A escola então, tem o compromisso de fornecer esse conhecimento (Antunes, 2009).

Nesse cenário, emergiu a categoria “não se recorda” que não havia sido prevista durante o processo de categorização, onde trouxemos como unidades de expressão somente “há discussão considerável”; “há pouca discussão”; “não há discussão”. Diante disso, Riobaldo (Q4; L1), Amélia (Q4; L1), Antônio Conselheiro (Q4; L1) e Tarsila (Q4; L1), relataram que não se recordam dos gêneros orais terem sido discutidos durante a graduação.

Macunaíma (Q4; L1) afirmou que ainda não teve essa discussão durante a graduação. Já Isis (Q4; L1), Inácio Loyola (Q4; L1) e Nastácia (Q4; L1), salientam que a maior ênfase é dada para os gêneros textuais, em: “Gêneros orais, não. Comenta-se mais os gêneros textuais (Ísis, Q4; L1) em que abrimos ressalva pela escolha do léxico “comenta” que pressupõe ar de superficialidade nas discussões; “É discutido sim, porém a ênfase maior se dá nos gêneros escritos (Inácio Loyola; Q4; L1); “Bem pouco, foco maior é na escrito” (Nastácia; Q4; L1)

Observamos, também, respostas positivas nos excertos: “É muito utilizado, seja num seminário, uma roda de conversa.” (Policarpo Quaresma; Q4; L1) e “Sim, principalmente no último ano, o assunto tem sido abordado nas aulas de linguística e prática



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

de ensino.” (Tereza Batista Q4; L1).

Vale ressaltar que a oferta do questionário deu-se a alunos de terceiro e quarto ano do curso de espanhol. Diante disso, observamos que alunos das mesmas turmas alegaram ter contato com a teoria de gêneros textuais, (ainda nesse ano corrente, inclusive), não ter contato e não se lembrar, o que torna suscetível a hipótese de que pouco se falou ou falou-se de forma que não atingiu todos os sujeitos da pesquisa.

Por fim, na C5, ao questionar se os participantes ensinariam gêneros orais em sala de aula, obtivemos 100% de respostas positivas, inclusive com exemplos de propostas, como observado em: “Sim, poderia ser através de músicas, seminário ou um debate de livro. (Policarpo Quaresmas; Q4; L1); Vale ressaltar que, Policarpo não citou “seminário” ao ser questionado em Q3.

Também tivemos propostas em: “Sim, ensinaria. Buscaria fazer os alunos compreender que não é apenas na escrita que temos gêneros, estruturas, convenções de uso da língua, mas que a oralidade também. (Antônio Conselheiro; Q5; L1-2); Nesse momento, ressaltamos que Antônio Conselheiro foi quem, anteriormente em C2, afirmou ter pesquisado na internet a definição de gêneros orais.

Mais possibilidades surgiram em: “Sim através de metodologias ativas, compostas por atividades orais em grupo” (Tarsila; Q5; L1); “Sim, trabalharia com teatros baseados em livros literários (Lisbela; Q5; L1). “Sim. Através dos contos populares, lendas, as músicas e entre outros.” (Quincas Borba; Q5; L1).

Outro momento importante foi em: “Sim. Apresentaria aos alunos os aspectos estruturais, linguísticos, paralinguísticos e gestuais dos gêneros orais escolhidos, por meio de exemplos reais ou simulados que podem ser encontrados em diferentes mídias, como TV, rádio, internet, etc” (Riobaldo; Q5; L1-3). Observamos que a resposta de Riobaldo apresentou-se de forma satisfatória, porém em momentos anteriores, o sujeito apresentou



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

“Gêneros orais são necessários para nossa comunicação” (C2; Q2; L1) e “Não me recordo em ter estudado em sala de aula” (C4; Q4; L1) o que mostra familiaridade com a aplicabilidade do gênero em sala de aula, porém distancia-se de aspectos teóricos acerca da temática.

Considerações finais

O presente trabalho teve por objetivo analisar a relação dos gêneros orais e formação docente, de modo que pudesse apresentar a maneira pelas quais a linguagem pode ser utilizada como ferramenta influente na capacitação de professores e alunos, com a promoção de igualdade, diversidade e respeito mútuo.

Para isso, utilizou-se das teorias sócio-históricas e dialógicas de Bakhtin. A pesquisa também foi amparada pelos estudos de Dolz e Schneuwly, que abordam a ideia de tratar a comunicação oral como um tipo de texto; A ideia de Marcuschi foi levantada durante a pesquisa com retextualização como prática crucial no ensino de gêneros, no qual o autor enfatiza a importância de considerar as condições de produção, circulação e recepção do texto.

Alinhadas aos princípios da análise qualitativa, durante a coleta de dados foi utilizada a Análise Textual Discursiva de Moraes e Galiazzi, a opção por esse tipo de análise foi feita por focar a desconstrução textual e a categorização como elementos essenciais. O método identifica unidades de análise que facilitam interpretações consecutivas, permitindo assim, uma análise mais refinada e interpretativa.

Ao concluir esta pesquisa, foi possível destacar a importância crucial da abordagem aos gêneros orais na formação docente, enfatizando a influência significativa da linguagem como uma ferramenta essencial na capacitação de professores e alunos. Através do



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

questionário realizado com os discentes do curso de letras, foi constatado a ausência de uma noção consolidada sobre os gêneros orais. Os resultados revelaram uma lacuna perceptível no entendimento dos estudantes acerca desse conceito, indicando a necessidade premente de abordagens mais claras e abrangentes no ambiente educacional. Esse achado ressalta a importância das abordagens sobre os gêneros orais entre docentes e alunos como parte integrante do processo de formação.

Referências

- ANTUNES, Irandé. **Textualidade e Gêneros Textuais: referência para o ensino de línguas**. In: Língua, texto e ensino: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação Verbal**. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa**. Brasília: MEC, 1997.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais –terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa (PCNEF)**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- DARLING-HAMMOND, Linda. A importância da formação docente. **Journal of Teacher Education**. v. 51, n. 3, p. 166-173, maio/jun. 2000.
- DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; HALLER, Sylvie. **O oral como texto: como construir um objeto de ensino**. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Org.). Gêneros orais e escritos na escola. Tradução Roxane Rojo; Gláís Sales Cordeiro. 2. ed. São Paulo: Mercado

- 725 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

de Letras, 2010. p. 125-155.

GUIMARÃES, Ana Maria; DOLZ, Joaquim; LOUSADA Eliane Gouvêa. **Gêneros textuais orais e práticas investigativas: confluências teóricas e didáticas**. Revista da Abralín, v.3.2021. GOMES-SANTO

GOULART, Cecília. **As práticas orais na escola: o seminário como objeto de ensino**. Campinas, 2005. 210p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas

IZIDORO, Paula Elisie Madoglio. **A avaliação pelos pares como proposta de intervenção à prática de avaliação formativa no curso de Letras**. 2019. 98 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio, 2019.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, M. Auxiliadora (orgs.). Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez Editora, 1999. (p. 15 a 34)

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. ed.17. Petrópolis: Vozes, 2014.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

METAPLASMOS EM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Thalita de Assis Belizario (G-CLCA-UENP/CJ)

Stephany Von Vogler Branco (G-CLCA-UENP/CJ)

Thainara Aparecida Pereira (G-CLCA-UENP/CJ)

Luiz Antonio Xavier Dias (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: O objetivo do presente trabalho é analisar a recorrência de metaplasmos em tiras de histórias em quadrinhos. Os metaplasmos são modificações fonéticas que os vocábulos sofreram ao longo da sua evolução. Eles podem ser classificados em quatro espécies, que são: a) metaplasmo por permuta; b) metaplasmo por aumento; c) metaplasmo por subtração; d) metaplasmo por transposição. Por outro lado, as histórias em quadrinhos são uma forma de narrativa visual que combina imagens e texto para contar uma história por intermédio de elementos multissemióticos como: desenhos, balões de fala, legendas, usados para transmitir a narrativa, enquanto o texto fornece diálogos, narração e outros elementos escritos. A pesquisa é bibliográfica e documental.

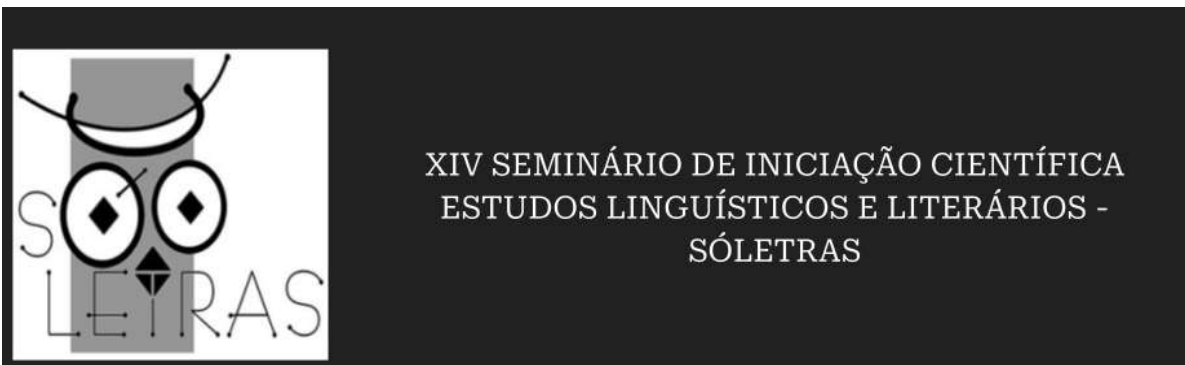
Palavras-chave: Metaplasmos em HQs, Dialeto Caipira, Turma do Xaxado.

Introdução: Metaplasmos na Dinâmica Linguística

A linguagem é um organismo vivo, constantemente sujeito a transformações que refletem a complexidade e adaptabilidade inerentes à comunicação humana. Dentro desse contexto, os metaplasmos emergem como fenômenos linguísticos fascinantes que desempenham um papel crucial na evolução das palavras e, por extensão, das línguas. Estes processos de alteração fonética e morfológica, como epêntese, aférese e metátese, desvendam a dinâmica intrínseca das línguas ao longo do tempo.

A relevância dos metaplasmos na comunicação é evidente na influência direta que exercem sobre a compreensão linguística. Estudos como os de Lass (1997) e McMahon (2002) destacam como o reconhecimento e a interpretação desses fenômenos são essenciais para a comunicação eficaz, pois afetam a fonética e a morfologia das palavras, moldando a

- 727 -



expressão linguística.

À medida que exploramos a diversidade linguística, surgem variações nos metaplasmos, destacando a riqueza intrínseca das línguas. A abordagem sociolinguística, conforme delineada por Labov (1972) e Trudgill (2010), permite a análise de como esses fenômenos variam em diferentes contextos sociais, dialetos e registros linguísticos.

Metaplasmos por adição de sons

Um metaplasmo por adição é uma figura de linguagem que envolve a inserção de elementos fonéticos ou morfológicos dentro de uma palavra, criando uma variação ou modificação. Essa adição pode ocorrer no início, no meio ou no final da palavra. Os metaplasmos por adição são fenômenos linguísticos que muitas vezes surgem de forma espontânea e podem refletir mudanças na língua ao longo do tempo.

Existem diferentes tipos de metaplasmos por adição, cada um com suas características específicas. Alguns exemplos comuns incluem:

- **Prótese:** Adição de um fonema ou sílaba no início da palavra. Exemplo: "especial" → "especialmente".
- **Epêntese:** Inserção de um fonema ou sílaba no meio da palavra. Exemplo: "cômodo" → "cômoda".
- **Paragoge:** Adição de um fonema ou sílaba no final da palavra. Exemplo: "feliz" → "felizmente".

A ocorrência de metaplasmos por adição pode ser influenciada por diversos fatores, como mudanças fonéticas, processos morfológicos e influências de dialetos regionais. Além



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

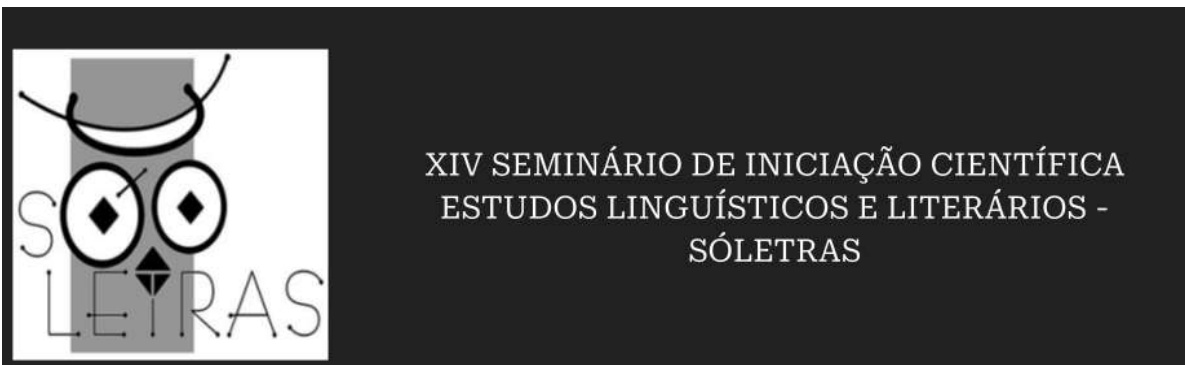
disso, essas modificações linguísticas podem ter implicações na compreensão da palavra e podem refletir aspectos sociais, culturais e históricos de uma comunidade linguística.

Metaplasmos por supressão de sons

Um metaplasmo por supressão refere-se a uma figura de linguagem na qual ocorre a remoção de fonemas, sílabas ou letras de uma palavra, resultando em uma forma alterada. Essa modificação pode ocorrer em diferentes partes da palavra, seja no início, meio ou final. Os metaplasmos por supressão são fenômenos linguísticos que podem ocorrer por diversas razões, incluindo mudanças fonéticas, processos morfológicos e influências sociais ou regionais.

Alguns exemplos comuns de metaplasmos por supressão incluem:

- **Aferese:** Remoção de fonemas ou sílabas no início da palavra. Exemplo: "telefone" → "fone".
- **Síncope:** Eliminação de fonemas ou sílabas no meio da palavra. Exemplo: "realidade" → "realdade".
- **Apócope:** Remoção de fonemas ou sílabas no final da palavra. Exemplo: "verdadeiro" → "verdadei".
- **Crase:** fusão de duas vogais idênticas, geralmente ocorrendo quando uma preposição que termina em vogal é seguida do artigo feminino "a". Exemplo: "Vou à escola" (preposição "a" + artigo feminino "a" = crase).
- **Haplologia:** eliminação de uma sílaba ou de um fonema semelhante ou idêntico que ocorre em duas sílabas consecutivas. Exemplo: "praia" → "pra".



- **Elisão (sinalefa):** omissão de fonemas no interior de uma palavra ou entre palavras quando uma termina com uma vogal e a seguinte começa com outra vogal ou um "h" não acentuado. Exemplo: "do" (de + o), "está" (está + a).

A ocorrência de metaplasmos por supressão pode ter implicações na compreensão da palavra e pode refletir mudanças linguísticas ao longo do tempo. É importante considerar a influência de fatores como variações regionais, mudanças no uso coloquial da língua e o papel da evolução fonética na ocorrência dessas supressões.

Metaplasmos por modificação de sons

Por transposição

Os metaplasmos por transposição são fenômenos linguísticos que envolvem a mudança da ordem ou posição de fonemas ou sílabas dentro de uma palavra. Essas alterações na estrutura da palavra podem ocorrer por razões fonéticas, morfológicas ou sintáticas. Em um artigo científico sobre metaplasmos por transposição, é possível explorar os diferentes tipos e implicações dessas mudanças na língua.

A seguir, apresento alguns tipos comuns de metaplasmos por transposição:

- **Metátese:** envolve a troca de posição de dois fonemas ou sílabas dentro de uma palavra. Exemplo: "semper" → "sempre".
- **Hipérese:** é a troca de fonema(s) de uma sílaba para outra. Exemplo: "fenestra" → "fresta".
- **Sístole:** recuo não de um fonema, mas do acento tônico. Exemplo: "pantanu" → "pântano".
- **Diástole:** avanço não de um fonema, mas do acento tônico. Exemplo: "limite" → "limite".



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Por transformação

Os metaplasmos por transformação constituem fenômenos linguísticos nos quais ocorre a alteração de um fonema em uma palavra, resultando na formação de um fonema diferente. Esse grupo abrange diversas modificações fonéticas que podem ocorrer por influência de diversos fatores linguísticos e sociais.

A seguir, exemplos de metaplasmos por transformação:

- Vocalização: transformação de uma consoante em vogal. Exemplo: “nocte” → “noite”.
- Consonantização: transformação de uma vogal em consoante. Exemplo: “iesus” → “Jesus”.
- Nasalização: passagem de um fonema oral a fonema nasal. Exemplo: “bonu” → “bom”.
- Desnasalização: passagem de um fonema nasal a fonema vocálico. Exemplo: “luna” → “lua”.
- Assimilação (Total): transformação de fonema em outro que seja igual na mesma palavra. Exemplo: “persona” → “pessoa”.
- Assimilação (Parcial): transformação de fonema em outro que seja semelhante na mesma palavra. Exemplo: “lacte” → “leite”.
- Assimilação (Progressiva): quando o fonema assimilador se encontra antes do fonema assimilado. Exemplo: “nostro” → “nosso”.
- Assimilação (Regressiva): quando o fonema assimilador se encontra depois do fonema assimilado. Exemplo: “ipsa” → “essa”.
- Dissimilação: diferenciação entre dois fonemas iguais. Exemplo: “rotundu” → “redondo”.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

- Sonorização: transformação de uma consoante surda à sua homóloga sonora. Exemplo: “lupu” → “lobo”.
- Palatização: transformação de um ou mais fonemas numa palatal. Exemplo: “seniore” → “senhor”.
- Assibilação: transformação de um ou mais fonemas numa sibilante. Exemplo: “capitia” → “cabeça”.
- Ditongação: transformação de um hiato, ou de uma vogal, a ditongo. Exemplo: “arena” → “areia”.
- Monotongação (Redução): transformação/redução de um ditongo a vogal. Exemplo: “auricula” → “orelha”.
- Apofonia: mudança do timbre de uma vogal por influência de um prefixo. Exemplo: sub + jactu > sujeito.
- Metafonia: mudança de timbre de uma vogal tônica por influência de outra vogal. Exemplo: “debita” → “dívida”.

Ao decorrer desta pesquisa que está sendo direcionada ao estudo das narrativas ilustradas, com especial atenção à análise das hqs "Turma do Xaxado". Essa escolha é respaldada pela relevância cultural e linguística que os relatos dessas hqs apresentam.

Ao investigarmos as aventuras da Turma do Xaxado, almejamos obter discernimentos valiosos acerca das características linguísticas do dialeto caipira, bem como dos metaplasmos e outras singularidades linguísticas presentes nesse contexto. Estamos convictos de que este estudo contribuirá de modo significativo para uma compreensão mais aprofundada das sutilezas da linguagem coloquial, além de proporcionar uma análise enriquecedora sobre o impacto das narrativas ilustradas na cultura brasileira.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Metaplasmos encontrados em tirinhas da *Turma do Xaxado*

A Turma do Xaxado é uma série de histórias em quadrinhos criada pelo cartunista brasileiro Flávio Luiz Nogueira, conhecido como Flávio Colin. Inicialmente publicada na revista MAD nos anos 1970, a série conquistou espaço em outras publicações, como a revista O Bicho. Suas histórias caracterizam-se por um humor ácido e satírico, com personagens caricatos e situações absurdas que fazem críticas sociais e políticas. Os principais personagens incluem o protagonista Xaxado, um caipira ingênuo e trapalhão, além de outros como Juca Bala, Felício e Salgadinho.

Primeiramente, essas narrativas frequentemente retratam o dialeto caipira em sua forma oral, evidenciando suas características de pronúncia, vocabulário e estrutura gramatical. Essa representação da linguagem coloquial torna as histórias uma fonte valiosa de exemplos de metaplasmos e outras peculiaridades linguísticas presentes nesse dialeto.

Além disso, a Turma do Xaxado desfruta de uma ampla popularidade e acessibilidade entre o público brasileiro. Suas histórias foram largamente divulgadas em revistas de grande circulação, o que facilita o acesso a exemplos relevantes para esta investigação.

Por fim, as narrativas abordam uma vasta gama de situações e temas, proporcionando uma diversidade de exemplos de uso da linguagem em diferentes contextos, tanto formais quanto informais. Essa variedade de contextos enriquece a análise linguística das histórias da Turma do Xaxado, contribuindo para uma compreensão mais abrangente das nuances linguísticas presentes nessas narrativas.

Quanto à definição de HQ, este termo corresponde à abreviação de "história em quadrinhos", a qual se configura como uma forma de narrativa visual composta por uma sequência de imagens, geralmente acompanhadas de texto, dispostas em quadros ou balões de diálogo. As HQs abarcam uma ampla variedade de gêneros, que vão desde o humorístico



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

até o dramático, sendo frequentemente veiculadas em revistas, jornais, livros e formatos digitais. Constituem uma forma popular de entretenimento e arte, amalgamando elementos visuais e linguísticos para narrar histórias de maneira única e cativante.

Figura 1



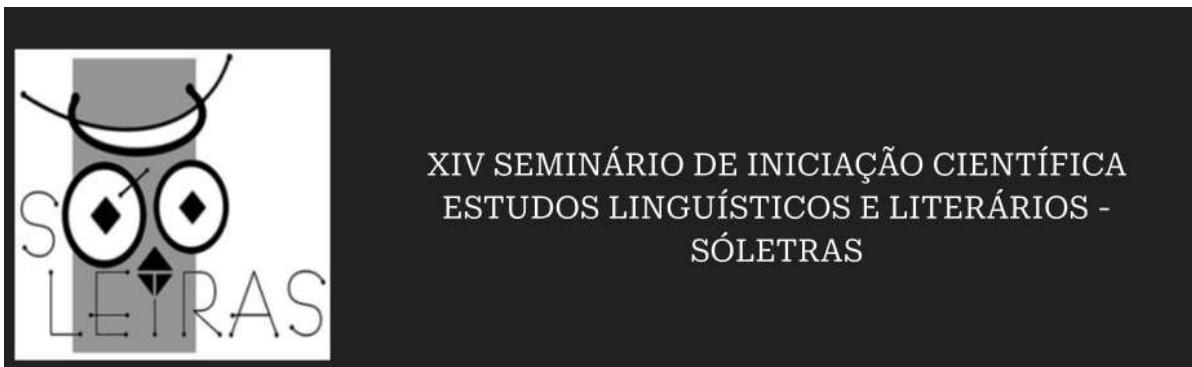
Fonte: <https://images.app.goo.gl/tN83VwBpFwP3rpLa9>

Vô estudã muito! Amanhã tiro **déiz**, nem **qui** seja **pescano**!

No primeiro quadrinho o metaplasmo **vô** ao invés de vou se vem por meio do processo de apócope, que se trata da supressão do fonema final, o **estudã** ao invés de estudar é um exemplo de apócope também.

Já em **déiz** ao invés de dez ocorre metaplasmos por epêntese, uma inserção do fonema no meio da palavra. Na palavra **qui** é um metaplasmo que passou por processo de transformação, dissimilação, que consiste na troca do /e/ por /i/. Tendo assim, a intenção de dizer a palavra que.

Na palavra **pescano** ao invés de pescando temos uma síncope que se trata da eliminação de fonemas ou sílabas no meio da palavra.



Déiz, eu pesquei **déiz pêxe**!

Na palavra **pêxe** ocorre síncope ocorrendo a eliminação do i no meio da palavra, transformando peixe em **pêxe**.

Figura 2



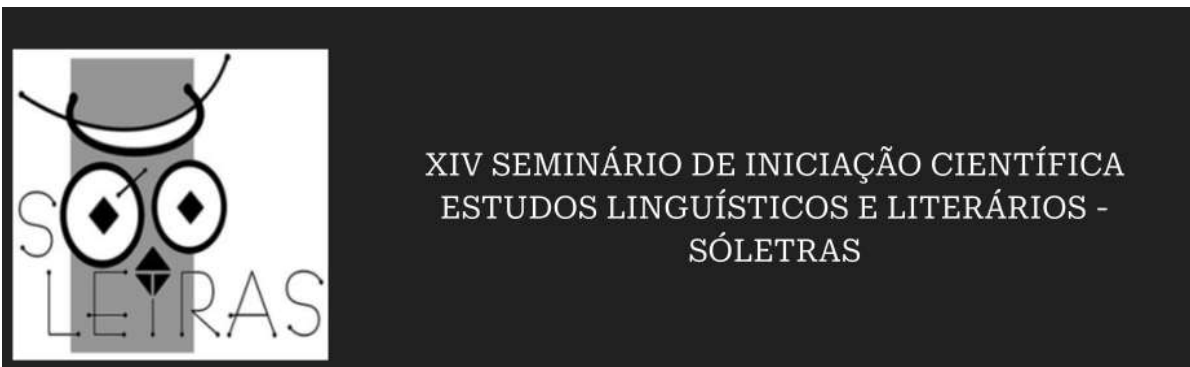
Fonte: <https://images.app.goo.gl/nTMwv3xfXVkJLvdB7>

A semana toda, **incrusive** domingo?

Na figura 2 o metaplasmo **incrusive** ocorre uma transposição, lambdacismo, ou seja, fenômeno fonético que consiste em trocar o /r/ pelo /l/. Sendo assim teríamos a palavra inclusive.

Chego me dá uma **cansêra** danada...

Na palavra cansêra à um exemplo de ocorre uma síncope, ou seja, supressão de



fonema no meio da palavra, o correto seria canseira.

Figura 3



Fonte: <https://images.app.goo.gl/BL2qooMq7taCSiwq7>

Agora tu **falô** uma verdade!

A palavra **falô** é um metaplasmo por supressão, mais especificamente uma apócope, onde o fonema /u/ ao final da palavra foi suprido. O correto seria **falou**.

A **iscola** tá longe, o **trabaio** tá longe, a água tá longe!

O metaplasmo **iscola** sofre uma transformação do fonema /e/ por /i/, ou seja, ocorreu uma dissimilação. Teríamos então a palavra **escola**.

A palavra **trabaio** é um metaplasmo que passou pelo processo de vocalização, onde as consoantes /lh/ foram transformadas na vogal /i/. O correto seria **trabalho**.

E **num** vai **vê** tão cedo!



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Aqui temos **num** e **vê**, onde o primeiro sofre uma palatização da troca do /ãõ/ por /um/ e o segundo uma apócope, supressão do /r/ ao final da palavra. Teríamos então, **não** e **ver**.

Figura 4



Fonte: <https://images.app.goo.gl/HJVPeMSnkPb8SiZ58>

Quem foi a anta **qui jogô** casca de banana no chão?

Na figura 4, a palavra **qui** passou por uma dissimilação, onde /e/ e /i/ foram trocados, o correto seria **que**. Já com a palavra **jogô** ocorre uma apócope, a supressão do /u/ ao final da palavra, teríamos então **jogou**.

Ré, ré, sempre **isqueço** das coisa **qui** faço!

No último quadrinho temos **isqueço** e **qui**, ocorrendo uma dissimilação em ambos, a



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

troca do /e/ por /i/. O correto seria **esqueço** e **que**.

Os principais metaplasmos presentes na fala cotidiana, como apócope, dissimilação, epêntese, síncope e transposição. Esses fenômenos linguísticos refletem a variação linguística característica de uma variedade específica, possivelmente uma forma informal ou regional do português brasileiro. Exemplos desses fenômenos incluem a supressão de fonemas finais em palavras como "vô" e "falô", a troca de fonemas semelhantes em palavras como "qui" e "iscola", e a inserção de fonemas no meio de palavras, como em "déiz". Essas variações linguísticas são influenciadas por fatores fonéticos, fonológicos, sociais e culturais, refletindo a diversidade do uso da linguagem em diferentes contextos e comunidades.

Considerações finais

Para que fosse realizada este artigo, houve pesquisas por diversos meios, a partir dos estudos realizados pudemos perceber que os metaplasmos estão presentes em nosso dia a dia. A evolução da língua sofreu e ainda sofre mudanças contínuas, desde o latim até os dias atuais, nos mostrando a importância desse fenômeno linguístico.

Este trabalho é de extrema importância, pois visa promover o entendimento das variações linguísticas, o que por sua vez contribui para a valorização e aceitação da diversidade cultural de um povo. Além disso, ao compreendermos e respeitarmos as diferentes formas de expressão linguística, podemos combater o preconceito linguístico, que muitas vezes é baseado em estereótipos e julgamentos infundados sobre determinados dialetos ou sotaques.

Nossa pesquisa foi realizada com base no dialeto caipira, sendo usado as tirinhas do Xaxado para as análises realizadas, onde observemos "erros" que se passa despercebido na



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

fala dos brasileiros. O estudo dos metaplasmos é de extrema importância, eles nos ajudam a compreender a evolução das línguas e a riqueza dos processos morfológicos.

As histórias em quadrinhos representam um campo propício para a exploração criativa da linguagem, permitindo abordagens inovadoras e criativas. A presença de metaplasmos neste meio pode proporcionar revelações valiosas sobre a utilização e adaptação da linguagem em diversos contextos comunicativos.

O interesse cultural em torno das histórias em quadrinhos é evidente, sendo esta uma forma de arte popular amplamente difundida em várias culturas ao redor do mundo. O estudo dos metaplasmos presentes nesse tipo de mídia pode promover uma compreensão mais aprofundada das nuances linguísticas presentes na cultura popular.

Do ponto de vista acadêmico, a análise dos metaplasmos em histórias em quadrinhos assume relevância significativa. Tal estudo pode contribuir para os campos da linguística e da semiótica, proporcionando novas perspectivas sobre a evolução da linguagem e sua interação com outras formas de expressão visual e narrativa.

Referências

BAGNO, M. **O preconceito linguístico**. São Paulo: Parábola, 2005.

BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRC, 2014.

BRAINLY, 2022. Disponível em: LIÇÃO PARA HOJE!! Analise a tirinha da Turma do Xaxado para responder às questões. 5.c) Explique como as - brainly.com.br. Acesso em: 18 jan. 2024.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

NARANJO, Marcelo. **A Turma do Xaxado no Di?rio do Nordeste**. UniversoHQ, 2007. Disponível em: A Turma do Xaxado no Di?rio do Nordeste - UNIVERSO HQ. Acesso em: 22 jan. 2024.

SILVA, J. P. **Gramática histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: O Autor, 2010.

Tiras N°12843 : **Turma do XAXADO** - Antonio Cedraz. Blog do Xandro, 2020. Disponível em: <Blog do XANDRO: Tiras N°12843 : Turma do XAXADO - Antonio Cedraz!>. Acesso em: 18 jan. 2024.

TURMA DO XAXADO. 2011. Disponível em: tiras em quadrinhos: Veja outras tiras em <http://www.tirasemquadrinhos.blogspot.com/> (turmadoxaxado.blogspot.com). Acesso em: 22 jan. 2024.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

METAPLASMOS EM MÚSICAS CAIPIRAS

Camila Carvalho Czerwinski (G-CLCA-UENP/CJ)
Ingrid Elen Nunes Guedes Silva (G-CLCA-UENP/CJ)
Mariana Garcia Carregosa Gaino (G-CLCA-UENP/CJ)
Luiz Antonio Xavier Dias (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: O presente artigo sobre metaplasmos encontrados em músicas caipiras tem como funcionalidade analisar as modificações que podem ocorrer na fonética e fonologia das canções por meio das variações, portanto, como essas intercorrências podem influenciar e se adaptar ao nosso cotidiano. Embora não seja uma mudança exclusiva do gênero, a música caipira é um estilo comumente ouvido pela sociedade, deste modo, acaba sendo popularmente difundido e de fácil acesso, tornando conseqüentemente esses metaplasmos cada vez mais usados, ainda que as pessoas não saibam teoricamente de que se trata o erro linguístico. A presença do metaplasmo na música caipira é utilizada intencionalmente na pronúncia, escrita ou estrutura das palavras, utilizadas para criar efeitos sonoros, poéticos ou estilísticos. Essas alterações podem incluir o uso de rimas, trocadilhos, repetições, inversões ou mudanças na ordem das palavras. Esses recursos linguísticos são frequentemente utilizados por compositores e letristas para dar mais expressividade e originalidade às suas músicas.

Palavras-chave: Metaplasmos. Músicas caipiras. Modificações. Recursos linguísticos.

Introdução

Historicamente, o termo "metaplasmo" tem sido utilizado para descrever mudanças deliberadas na forma de palavras ao longo do tempo, destacando as adaptações que ocorrem na linguagem em resposta a contextos culturais, sociais e linguísticos específicos.

Ao longo dos séculos, as línguas naturais passaram por transformações constantes, seja pelo contato com outros idiomas, migrações de povos, mudanças sociais ou desenvolvimentos tecnológicos. Os metaplasmos são observados como parte integrante desse processo sonoro, refletindo a adaptabilidade da linguagem às necessidades e às



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

características específicas de cada comunidade linguística.

Um exemplo histórico pode ser encontrado na evolução do latim para as línguas românicas, como o português, mas não podemos nos prender apenas a esse exemplo. De acordo com Botelho e Leite: “Os metaplasmos não são simplesmente os processos que a língua sofreu na passagem do Latim para o português, mas como podemos verificar na língua atual, estes fenômenos continuam agindo e transformando a Língua Portuguesa”. (Botelho; Leite, 2005, p.1).

Partindo desse pensamento, temos como exemplo a música caipira, que com suas raízes profundamente enraizadas na cultura rural brasileira, é um gênero que se destaca por suas características próprias e pela riqueza de expressão. De acordo com Victor Hugo Scanavachi Dias: “O caipira possui traços linguísticos característicos: o falar cantado com um ritmo calmo e alongado nas vogais.” (Scanavachi Dias, 2020, p.89).

Ao explorarmos as nuances da música caipira, é crucial compreender não apenas suas melodias e letras, mas também os recursos linguísticos utilizados na construção poética e musical. Nesse contexto, os metaplasmos emergem como elementos fundamentais, desempenhando um papel crucial na configuração da estética e na singularidade dessa tradição musical.

Portanto, neste trabalho, buscaremos entender a presença e o impacto dos metaplasmos na música caipira, trazendo seus significados e, para melhor compreensão, faremos a análise das músicas “Nois trupica mais não cai” (2005) de Rick e Renner, e “Marvada pinga” (1953) de Inezita Barroso, explorando como esses recursos linguísticos contribuem na criação da canção.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O uso dos metaplasmos

Os metaplasmos podem ocorrer em diferentes contextos linguísticos, como na formação de plural, na conjugação verbal, na derivação de palavras e em “empréstimos linguísticos”. Por exemplo, na formação do plural em português, algumas palavras sofrem metaplasmo vocálico, como "pão" (singular) e "pães" (plural).

São observados em processos de adaptação e evolução das línguas, especialmente quando palavras são incorporadas de outras línguas ou quando sofrem mudanças ao longo do tempo. Esses processos refletem a dinâmica e a flexibilidade das línguas naturais, permitindo que estas se adaptem às necessidades comunicativas de seus falantes. A compreensão dos metaplasmos é importante para a análise morfológica e etimológica das palavras, contribuindo para o estudo da história e da evolução das línguas.

A música caipira como objeto de estudo na Língua Portuguesa

As letras das músicas caipiras são verdadeiros documentos linguísticos que capturam a fala e o vocabulário das comunidades rurais. Muitas vezes, as canções são compostas em dialetos regionais, preservando expressões e palavras que podem não ser comuns nas regiões urbanas. A linguagem utilizada nas letras reflete a conveniência do modo de vida caipira, tornando-se um registro relevante para os linguistas específicos na variação linguística.

Além disso, a música caipira frequentemente incorpora aspectos históricos e culturais das regiões rurais do Brasil. As letras narram histórias de vida, tradições, desafios e conquistas das comunidades caipiras. Ao analisarmos essas narrativas, podemos entender não apenas como a língua evoluiu, mas também como as experiências cotidianas



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

influenciaram a linguagem. Isso torna a música caipira uma fonte única para explorar a relação entre a linguagem e a cultura, pois como diz Rodrigues: “É importante ressaltar que a música carrega consigo tradições, valores, experiências e modos de vida. Por esta razão, é necessário levar em consideração como, onde, por quem e em que condições estas composições foram feitas.” (Rodrigues, 2012, p.11).

Outro ponto relevante é a poesia presente nas letras caipiras, que muitas vezes revela uma manipulação sofisticada da língua. Os compositores desse gênero musical utilizam recursos estilísticos, como os metaplasmos, para criar narrativas envolventes. Essa poesia oral é transmitida de geração em geração, contribuindo para a preservação da língua e das tradições culturais.

Portanto, em algumas composições, a presença de metaplasmo é proposital, a análise das canções propostas nos proporciona uma compreensão mais profunda da evolução da língua e das tradições que moldam nossa identidade linguística.

Análise da música: Nois trupica mais não cai – Rick e Renner (2005)

Rick e Renner são uma dupla sertaneja brasileira formada por Ricardo Martins (Rick) e Ivair dos Reis Gonçalves (Renner). Eles ganharam destaque nos anos 1990 com sucessos como "Muleca" e "Ela é Demais". Após uma separação temporária em 2010, voltaram a se reunir em 2013. Sua música combina elementos do sertanejo romântico com influências pop, conquistando um amplo público e deixando um legado significativo na música brasileira.

Nóis trupica, mas não cai
Pode botar fé que desse jeito vai
Nóis trupica, mas não cai
Pode botar fé que desse jeito vai



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Nóis trupica, mas não cai
Pode botar fé que desse jeito vai
Nóis trupica, mas não cai
Pode botar fé que desse jeito vai

Tem gente que não pode beber da boa
No primeiro gole tá caindo à toa
Tem gente que não pode beber nada
No segundo gole tá beijando a escada

Tem gente que não pode beber vinho
Na primeira taça já está tontinho
Gente que não pode com rabo de galo
Que acaba mamado, mijando no ralo

Nóis trupica, mas não cai
Pode botar fé que desse jeito vai
Nóis trupica, mas não cai
Pode botar fé que desse jeito vai

Nós trupica, mas não cai
Pode botar fé que desse jeito vai
Nós trupica, mas não cai
Pode botar fé que desse jeito vai

Tem gente que não pode beber tequila
Logo bate o sono e o cabra cochila
Não pode beber nenhum aguardente
Se vai conversar, tá cusbindo na gente

Tem gente que não bebe whisky com gelo
E bebe cowboy que até incha o joelho
Gente que não pode beber uma cerveja
Começa a chorar debruçado na mesa

Nóis trupica, mas não cai



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Pode botar fé que desse jeito vai
Nóis trupica, mas não cai
Pode botar fé que desse jeito vai

Nóis trupica, mas não cai
Pode botar fé que desse jeito vai
Nóis trupica, mas não cai
Pode botar fé que desse jeito vai

Tem gente que não bebe cachaça pura
Açúcar, limão, bota gelo e mistura
Aí chama isso de caipirinha
E arrota azedo a noite inteirinha

Tem gente que quando não acha cachaça
Bebe qualquer coisa e a vontade não passa
A bebida tá te deixando com sono?
Cuidado que o de bebo não tem dono

Nóis trupica, mas não cai
Pode botar fé que desse jeito vai
Nóis trupica, mas não cai
Pode botar fé que desse jeito vai

RENNO, Dudu; ROCHA, Robson. **Nóis Trupica Mais Não Cai**. Intérprete: RICK E RENNER. In:
Álbum: Nos Bares da Cidade. Gravadora: Warner Music Brasil. Ano: 1999. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=L1qR1qFUdz0>. Acesso em: 14 fev.2024.

Nóis: Metaplasmo fonético. A palavra “nós” sofre uma alteração na pronúncia para refletir a informalidade característica da linguagem coloquial.

Trupica: Metaplasmo lexical. Aqui, "tropeça" sofre uma alteração na grafia para se adequar à pronúncia mais informal e regional.

Pode: Metaplasmo lexical. A forma "pode" é usada no lugar de "podeis" ou "podem",



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

refletindo uma construção linguística mais coloquial.

Botar: Metaplasmo lexical. Substituição de "colocar" por "botar", uma escolha lexical mais informal e regional.

Fé: Uso coloquial. A palavra "fé" é usada de forma coloquial para expressar confiança ou certeza.

Desse: Metaplasmo lexical e gramatical. "Desse" é uma forma abreviada de "deste", mas pode ser considerada uma variação regional ou coloquial.

Jeito: Uso coloquial. A palavra "jeito" é empregada de forma informal, comum em muitas variedades do português.

Beber da boa: Uso coloquial. "Da boa" é uma expressão coloquial para se referir a bebidas selecionadas de qualidade ou fortes.

Cabra: Uso coloquial. A palavra "cabra" é usada de maneira informal para se referir a uma pessoa, geralmente do sexo masculino, de forma descontraída.

Mamado: Uso coloquial. A palavra "mamado" é uma expressão informal para descrever alguém embriagado.

Chorar debruçado na mesa: Uso coloquial. A expressão "chorar debruçado na mesa" pode ser uma metáfora para descrever alguém que chora enquanto está bêbado e apoia a cabeça na mesa.

Arrota azedo a noite inteirinha: Uso coloquial e expressivo. A expressão "arrota azedo" pode ser uma maneira de descrever alguém que está expelindo gases estomacais após consumir bebidas alcoólicas.

Esses metaplasmos e expressões coloquiais conferem à música um estilo descontraído e regional, refletindo a linguagem informal típica de determinadas regiões ou contextos sociais.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Análise da música: Marvada pinga – Inezita Barroso (1953)

Ignez Magdalena Aranha de Lima, conhecida pelo grande público apenas como Inezita Barroso, foi uma importante cantora, atriz, apresentadora de rádio e televisão e pesquisadora brasileira. Inezita nasceu em São Paulo capital no dia 4 de março de 1925. A jovem fez uma série de recitais e gravou algumas músicas que a consagraram como Moda da pinga (1953), Viola Quebrada (1955) e Azulão (1958).

Com a marvada pinga

É que eu me atrapaio

Eu entro na venda e já dou meu taio

Pego no copo e dali num saio

Ali memo eu bebo, ali memo eu caio

Só pra carregar é que eu dô trabaio

Venho da cidade e já venho cantando

Trago um garrafão que venho chupando

Venho pros caminho, venho trupicando

Chfrando os barranco, venho cambetiando

E no lugar que eu caio, já fico roncando

O marido me disse, ele me falo: Largue de beber, peço por favô

Prosa de homem nunca dei valô

Bebo com o sor quente pra esfriar o calô

E bebo de noite é pá fazê suadô

Cada vez que eu caio, caio deferente

- 748 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Meaço pá trás e caio pá frente

Caio devagar, caio de repente

Vô de corrupio, vô deretamente

Mas sendo de pinga, eu caio contente

Pego o garrafão e já balanceio que é pá mor de vê se tá mesmo cheio

Num bebo de vez porque acho feio

No primeiro gorpe chego inté no meio

No segundo trago é que eu desvazeio

Eu bebo da pinga porque gosto dela

Eu bebo da branca, bebo da amarela

Bebo nos copo, bebo na tigela

E bebo temperada com cravo e canela

Seja quarqué tempo, vai pinga na guela

Ê marvada pinga!

Eu fui numa festa no Rio Tietê

Eu lá fui chegando no amanhecer

Já me dero pinga pra mim bebê

Já me dero pinga pra mim bebê e tava sem fervê

Eu bebi demais e fiquei mamada

Eu cai no chão e fiquei deitada

Aí eu fui pra casa de braço dado

Ai, de braço dado é com dois sordado

Ai, muito obrigado!

- 749 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

TORRES, Raul; GRAMINHA, Waldomiro. Marvada Pinga. Intérprete: BARROSO, Inezita. In: Álbum: Moda de Pinga. Gravadora: Copacabana. Ano: 1973. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HeMEMkgnbng>. Acesso em: 12 fev. 2024.

Atração de vogal: Em diversos trechos da música, percebemos a presença de atração de vogal, um metaplasmo comum na fala coloquial caipira. Exemplos incluem: "dô" (dou), "num" (não), "memo" (mesmo), "trupicando" (tropeçando) e "deferente" (diferente).

Elisão e epêntese: A música utiliza com frequência elisões (omissões de fonemas) e epêntese (inserção de fonemas) para criar uma sonoridade mais fluida e adaptada ao ritmo musical. Por exemplo: "pra" (para), "véio" (velho), "chorando" (chfrando), e "pra" (para).

Aférese: A aférese é evidente em palavras como "garrafão" (garrafão) diminutivo para "garrão" e "pá" (para) em lugar de "para".

Deslocamento de sílaba: Há exemplos de deslocamento de sílaba, como "suadô" (suado) e "devagar" (deferente).

Mudança de pronúncia: A letra reflete a pronúncia característica do dialeto caipira, como em "taio" (tamanho), "dô" (dou), "pinga" (pinga), "bebê" (beber), "fiquei" (fiquei), entre outros.

Variação lexical: A música incorpora uma variedade de termos regionais, como "marvada" (maldita), "sor" (sol), "gorpe" (gole), "garrafão" (garrafão), "trago" (trago), "desvazeio" (desejo), e "fervê" (fervê).

Esses metaplasmos são importantes para a criação de uma linguagem autêntica e característica do contexto caipira. A presença desses recursos linguísticos na música não apenas enriquece a expressividade artística, mas também oferece um campo significativo de

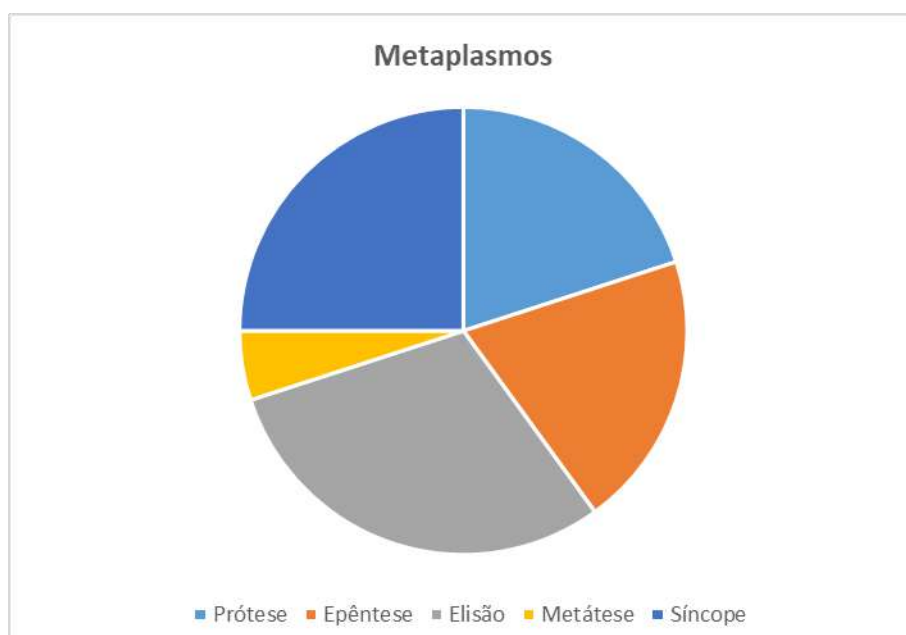


XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

estudo para linguistas específicos na variação e evolução linguística em contextos regionais específicos.

Resultados e discussão

Gráfico 1 – metaplasmos encontrados



Fonte: os autores

- I. **Prótese e Epêntese:** são comuns em expressões coloquiais e na linguagem regional brasileira. A adição de sons no início (prótese) ou no meio (epêntese) das palavras é uma característica marcante da fala informal e contribui para a sonoridade e ritmo da música, especialmente no estilo caipira, onde essas expressões estão enraizadas.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

- II. **Elisão:** reflete a simplificação da fala típica de muitas regiões do Brasil. A omissão de fonemas em palavras como "nóis" ao invés de "nós" é comum na linguagem coloquial e reforça o aspecto informal e regional da expressão.
- III. **Metátese:** embora menos comum que os outros metaplasmos, a metátese pode ocorrer em variantes regionais da língua portuguesa. No caso de "Nóis trupica mais não cai", a inversão das letras em "trupica" em relação a "tropeça" pode ser interpretada como uma característica específica de certos dialetos ou sotaques regionais.
- IV. **Síncope:** presente especialmente na música "A Marvada Pinga", a síncope é uma adaptação do ritmo da fala para se adequar à métrica da música. É uma característica comum em músicas populares brasileiras, contribuindo para a fluidez e ritmo da canção.

Os metaplasmos selecionados refletem as características linguísticas e estilísticas típicas da música caipira e da linguagem coloquial brasileira, proporcionando autenticidade e identidade cultural às expressões. Além disso, eles contribuem para a melodia e o ritmo das músicas, tornando-as mais cativantes para o público.

Considerações finais

A presença e o impacto dos metaplasmos na música caipira revelam uma intrínseca ligação com a informalidade e regionalidade da linguagem. Essas modificações linguísticas, desde alterações fonéticas até substituições lexicais, agregam e ressoam com as experiências vividas pelos habitantes do campo, moldando a identidade sonora desse venerado gênero musical brasileiro.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Ao analisarmos profundamente as músicas, é possível perceber como essas alterações linguísticas não apenas enriquecem as letras das canções com um caráter distintivo e regional, mas também refletem as transformações culturais e sociais vivenciadas pelos praticantes e apreciadores da música caipira. A presença dos metaplasmos oferece uma oportunidade única de explorar um universo linguístico peculiar, onde oralidade e tradição se entrelaçam para criar uma expressão artística autêntica, enraizada nas raízes culturais do Brasil.

Infere-se, portanto, que os metaplasmos não são apenas elementos linguísticos, mas sim pilares essenciais que sustentam e perpetuam a riqueza e diversidade da música caipira, tornando-a um símbolo vivo da cultura brasileira.

Referências

ALMEIDA, Raul Torres; GRAMINHA, Waldomiro. **A Moda da Pinga**. Intérprete: BARROSO, Inezita. In: Álbum: Moda de Pinga. Gravadora: Copacabana. Ano: 1973. Formato: 1 disco sonoro (LP).

BONAN, Eder; BRAGA, Dudu. **Nóis trupica mais não cai**. Intérprete: RICK E RENNEN. In: Álbum: A Força do Amor. Gravadora: Warner Music Brasil. Ano: 2003. Formato: 1 disco sonoro (CD).

BOTELHO, José Mario; LEITE, Isabelle Lins. **Metaplasmos contemporâneos: um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da língua portuguesa**. In: II Congresso de Letras da UERJ–São Gonçalo (II CLUERJ-SG). 2005. p. 1-12.

DIAS, Victor Hugo Scanavachi. **O presente do indicativo e o pretérito perfeito no dialeto caipira de Saudosa Maloca**. Revista Falange Miúda-Revista de Estudos da Linguagem, v. 5, n. 2, p. 87-96, 2020.

RODRIGUES, Mylena Moreira. **A música caipira da folclorização à produção e transformação de valores**. 2012.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

METAPLASMOS EM SÉRIES: UMA ANÁLISE LINGÜÍSTICA

Guidemerson Correa do Prado (G-CLCA-UENP/CJ)
Maria Clara Dos Santos Granemann (G-CLCA-UENP/CJ)
Keily Rafaela Camargo (G-CLCA-UENP/CJ)
Luiz Antônio Xavier Dias (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Metaplasmos são alterações fonéticas que ocorrem nas palavras de uma língua ao longo do tempo, de acordo com o uso dos falantes e as influências internas e externas. Essas alterações podem ser classificadas em três tipos: aumento, supressão e permuta. O aumento consiste no acréscimo de um fonema em um vocábulo, como na prótese, na epêntese e na paragoge. A supressão consiste na perda de um fonema em um vocábulo, como na aférese, na síncope, na haplogogia, na apócope, na crase e na sinalefa. A permuta consiste na substituição de um fonema por outro, como na sonorização, na vocalização, na assimilação, na dissimilação, na metátese e na palatalização. Os metaplasmos podem ser observados em diferentes contextos, como na literatura, na música, na fala e na escrita. Neste trabalho, propomos uma análise dos metaplasmos nas séries, ou seja, nas produções audiovisuais seriadas que são veiculadas na televisão ou na internet. A partir de um corpus composto por trechos de diálogos de séries brasileiras e estrangeiras, buscamos identificar e descrever os metaplasmos presentes nas falas dos personagens, bem como relacioná-los com os aspectos sociolinguísticos, históricos e estilísticos que os motivam. Com isso, pretendemos contribuir para o estudo da variação e da mudança linguística nas séries, bem como para a compreensão da linguagem como um fenômeno dinâmico e criativo.

Introdução

Os metaplasmos são fenômenos linguísticos que consistem em alterações fonéticas ou morfológicas ocorridas em palavras, seja por acréscimo, supressão ou substituição de sons ou letras, em relação à forma padrão. Os metaplasmos podem ser classificados em quatro tipos, de acordo com Mattoso Câmara Jr. (1970): metaplasmos por adição, por subtração, por transposição e por modificação. Os metaplasmos são objetos de estudo de diversas áreas da linguística, como a fonética, a fonologia, a morfologia, a etimologia, a história da língua, a



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

sociolinguística, a pragmática e a estilística.

Neste artigo, propomos uma análise dos metaplasmos nas falas das personagens da série “Cidade dos Homens”, uma série de televisão brasileira que retrata a vida de jovens moradores de favelas do Rio de Janeiro. O objetivo do trabalho é investigar como esse fenômeno contribui para a construção da identidade linguística e cultural das personagens, bem como para a expressão de suas emoções, atitudes e relações sociais.

A justificativa do trabalho é que os metaplasmos são fenômenos que refletem a pragmática e a estilística da língua, pois revelam aspectos da intenção, da implicação, da inferência e da negociação dos falantes, bem como aspectos da criatividade, da poesia e da arte dos falantes. Além disso, os metaplasmos são recursos expressivos e comunicativos que os falantes usam para transmitir suas ideias, sentimentos, opiniões e atitudes, criando efeitos de sentido, como por exemplo: ironia, musicalidade, informalidade, generalização, familiaridade, ênfase, regionalismo, concordância, etc. Por fim, os metaplasmos contribuem para a construção da identidade linguística e cultural dos falantes, pois refletem a sua origem, a sua condição, a sua visão e a sua atitude diante da realidade em que vivem, bem como a sua realidade, a sua indignação, a sua mobilização e a sua reivindicação em relação à sociedade em que estão inseridos.

O artigo está composto por: no primeiro capítulo, apresentamos o referencial teórico sobre os metaplasmos, abordando os conceitos, as classificações, as funções e os efeitos dos metaplasmos na língua portuguesa, com base em autores como Mattoso Câmara Jr. (1970), Bechara (2009), Cunha e Cintra (2013), Bagno (2015), entre outros. No segundo capítulo, apresentamos a metodologia de análise, descrevendo o corpus, os procedimentos e os critérios utilizados para identificar, classificar e analisar os metaplasmos nas falas das personagens da série. No terceiro capítulo, apresentamos os resultados da análise, mostrando a frequência, a distribuição, as funções e os efeitos dos metaplasmos nas falas das



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

personagens, e comparando os dados do corpus da série com os dados de pesquisas sociolinguísticas sobre as variedades populares do português brasileiro. No quarto capítulo, apresentamos a conclusão do trabalho, fazendo um resumo do que foi apresentado e discutido no artigo, destacando os principais pontos, as principais contribuições e as principais limitações do trabalho, e sugerindo algumas possibilidades para pesquisas futuras sobre o tema dos metaplasmos na língua portuguesa.

Referencial teórico

Neste capítulo, vamos apresentar o referencial teórico sobre os metaplasmos, que são fenômenos linguísticos que consistem em alterações fonéticas ou morfológicas que ocorrem nas palavras, seja por acréscimo, supressão ou substituição de sons ou letras, em relação à forma padrão. Vamos abordar os conceitos, as classificações, as funções e os efeitos dos metaplasmos na língua portuguesa, com base em autores como Mattoso Câmara Jr. (1970), Bechara (2009), Cunha e Cintra (2013), Bagno (2015), entre outros. Vamos também situar os metaplasmos no contexto das variações e das mudanças da língua, considerando os fatores sociais que influenciam o uso e a variação da língua, como a região, a classe social, a idade, o gênero, a etnia, a escolaridade, a situação comunicativa, a intenção e a atitude dos falantes.

Conceitos de metaplasmos

O termo metaplasmo vem do grego μεταπλασμός, que significa “mudança de forma”. Segundo Mattoso Câmara Jr. (1970, p. 11), o metaplasmo é “a modificação de um elemento linguístico por acréscimo, subtração ou substituição de um som ou letra”. O autor



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

explica que o metaplasmo é um fenômeno que ocorre tanto na fala quanto na escrita, e que pode ser motivado por razões fonéticas, morfológicas, etimológicas, estilísticas ou pragmáticas. O autor também afirma que o metaplasmo pode ser considerado como um recurso expressivo e comunicativo da língua, pois pode criar efeitos de sentido, como por exemplo: ênfase, ironia, humor, musicalidade, etc.

Bechara (2009, p. 32) define o metaplasmo como “a alteração de um elemento linguístico por acréscimo, supressão ou substituição de um som ou letra, em relação à forma padrão”. O autor destaca que o metaplasmo é um fenômeno que reflete a dinamicidade e a diversidade da língua, pois pode ocorrer em diferentes níveis e em diferentes épocas da língua. O autor também ressalta que o metaplasmo pode ser considerado como um recurso estilístico e pragmático da língua, pois pode transmitir as intenções, as emoções, as atitudes e as relações dos falantes.

Cunha e Cintra (2013, p. 41) conceituam o metaplasmo como “a modificação de um elemento linguístico por acréscimo, supressão ou substituição de um som ou letra, em relação à forma padrão”. Os autores observam que o metaplasmo é um fenômeno que revela a variação e a mudança da língua, pois pode ocorrer em diferentes variedades e em diferentes períodos da língua. Os autores também enfatizam que o metaplasmo pode ser considerado como um recurso criativo e artístico da língua, pois pode gerar efeitos de sentido, como por exemplo: poesia, ritmo, harmonia, etc.

Bagno (2015, p. 55) caracteriza o metaplasmo como “a alteração de um elemento linguístico por acréscimo, supressão ou substituição de um som ou letra, em relação à forma padrão”. O autor salienta que o metaplasmo é um fenômeno que manifesta a diversidade e a complexidade da língua, pois pode ocorrer em diferentes contextos e em diferentes situações da língua. O autor também sublinha que o metaplasmo pode ser considerado como um



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

recurso pragmático e estilístico da língua, pois pode expressar as ideias, os sentimentos, as opiniões e as atitudes dos falantes.

Agora vamos apresentar as classificações dos metaplasmos, de acordo com os quatro tipos propostos por Mattoso Câmara Jr. (1970): metaplasmos por adição, por subtração, por transposição e por modificação.

Classificações dos metaplasmos

Neste capítulo, vamos apresentar as classificações dos metaplasmos, que são fenômenos linguísticos que consistem em alterações fonéticas ou morfológicas que ocorrem nas palavras, seja por acréscimo, supressão ou substituição de sons ou letras, em relação à forma padrão. Vamos abordar os quatro tipos de metaplasmos propostos por Mattoso Câmara Jr. (1970): metaplasmos por adição, por subtração, por transposição e por modificação. Vamos também dar exemplos de cada tipo de metaplasmo na língua portuguesa, com base em autores como Bechara (2009), Cunha e Cintra (2013), Bagno (2015), entre outros.

Metaplasmos por adição

Os metaplasmos por adição são aqueles que consistem no acréscimo de um som ou letra à palavra, em relação à forma padrão. Os metaplasmos por adição podem ser divididos em três subtipos, de acordo com a posição do som ou letra acrescentado: prótese, epêntese e paragoge.

- **Prótese:** é o acréscimo de um som ou letra no início da palavra, em relação à forma padrão. Por exemplo: iscola (escola), almanaque (manaque), isqueiro (queiro).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

- Epêntese: é o acréscimo de um som ou letra no meio da palavra, em relação à forma padrão. Por exemplo: ritmo (ritmo), abisurdo (absurdo), baleia (balaia).
- Paragoge: é o acréscimo de um som ou letra no final da palavra, em relação à forma padrão. Por exemplo: falar (fala), menino (menin), café (caf).

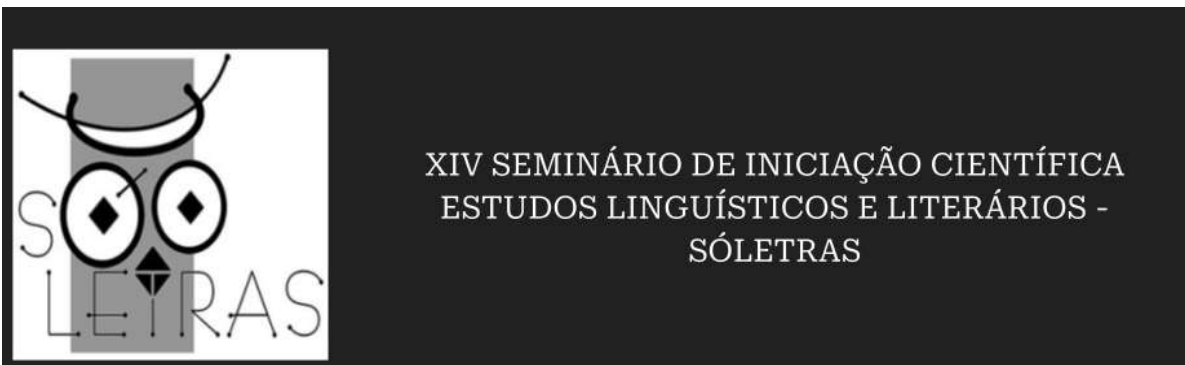
Os metaplasmos por adição podem ter diferentes funções e efeitos na língua, como por exemplo: facilitar a pronúncia, evitar o hiato, marcar a variedade regional, criar efeito de musicalidade, etc.

Metaplasmos por subtração

Os metaplasmos por subtração são aqueles que consistem na supressão de um som ou letra da palavra, em relação à forma padrão. Os metaplasmos por subtração podem ser divididos em três subtipos, de acordo com a posição do som ou letra suprimido: aférese, síncope e apócope.

- Aférese: é a supressão de um som ou letra no início da palavra, em relação à forma padrão. Por exemplo: gente (agente), falar (afalar), lho (olho).
- Síncope: é a supressão de um som ou letra no meio da palavra, em relação à forma padrão. Por exemplo: cônel (coronel), vassora (vassoura), mermo (mesmo).
- Apócope: é a supressão de um som ou letra no final da palavra, em relação à forma padrão. Por exemplo: senhô (senhor), cadê (cadeia), muié (mulher).

Os metaplasmos por subtração podem ter diferentes funções e efeitos na língua, como por exemplo: economizar a fala, evitar a cacofonia, marcar a variedade coloquial, criar efeito de informalidade, etc.



Agora vamos apresentar os metaplasmos por transposição e por modificação, que são os outros dois tipos de metaplasmos propostos por Mattoso Câmara Jr. (1970).

Metaplasmos por transposição

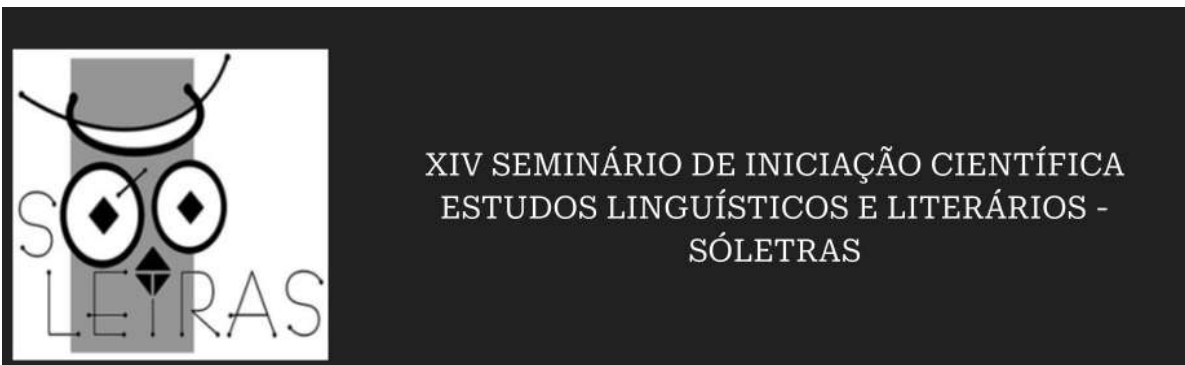
Os metaplasmos por transposição são aqueles que consistem na troca de posição de um som ou letra da palavra, em relação à forma padrão. Os metaplasmos por transposição podem ser divididos em dois subtipos, de acordo com o tipo de troca: metátese e inversão.

- **Metátese:** é a troca de posição de dois sons ou letras adjacentes da palavra, em relação à forma padrão. Por exemplo: peleja (peleia), fruta (futra), mendigo (mendigo).
- **Inversão:** é a troca de posição de dois sons ou letras não adjacentes da palavra, em relação à forma padrão. Por exemplo: crocodilo (cocodrilo), perspectiva (perpectiva), esdrúxulo (exdrúxulo).

Os metaplasmos por transposição podem ter diferentes funções e efeitos na língua, como por exemplo: corrigir a pronúncia, evitar a confusão, marcar a variedade etimológica, criar efeito de humor, etc.

Metaplasmos por modificação

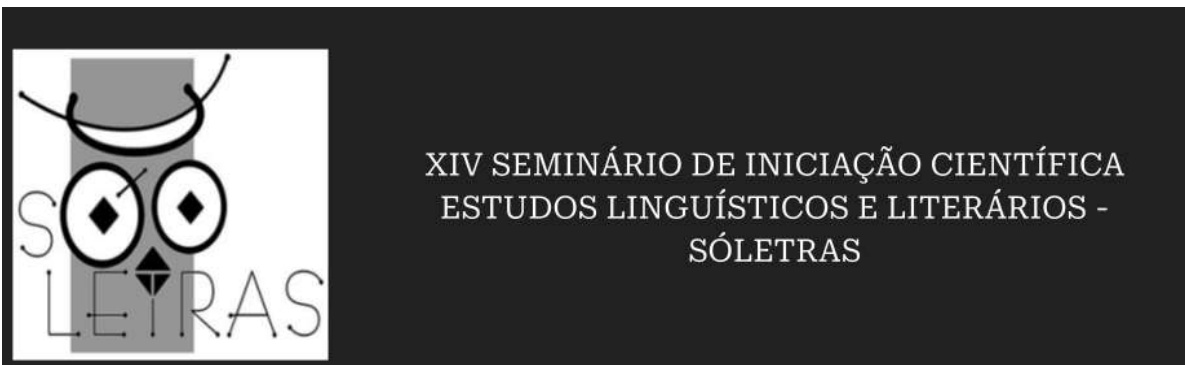
Os metaplasmos por modificação são aqueles que consistem na mudança de qualidade de um som ou letra da palavra, em relação à forma padrão. Os metaplasmos por modificação podem ser divididos em seis subtipos, de acordo com o tipo de mudança: assimilação, dissimilação, lenição, fortificação, monotongação e ditongação.



- Assimilação: é a mudança de qualidade de um som ou letra da palavra, em relação à forma padrão, por influência de outro som ou letra próximo. Por exemplo: dez (diz), quase (quaje), mesmo (mejmo).
- Dissimilação: é a mudança de qualidade de um som ou letra da palavra, em relação à forma padrão, por oposição a outro som ou letra próximo. Por exemplo: febre (fegre), alho (agho), peregrino (pelegrino).
- Lenição: é a mudança de qualidade de um som ou letra da palavra, em relação à forma padrão, por enfraquecimento ou suavização. Por exemplo: fato (fado), leite (leite), alto (auto).
- Fortificação: é a mudança de qualidade de um som ou letra da palavra, em relação à forma padrão, por fortalecimento ou intensificação. Por exemplo: fogo (frogo), leite (lheite), alto (halto).
- Monotongação: é a mudança de qualidade de um som ou letra da palavra, em relação à forma padrão, por redução de um ditongo a um monotongo. Por exemplo: coisa (cousa), peixe (pexe), frouxo (fruxo).
- Ditongação: é a mudança de qualidade de um som ou letra da palavra, em relação à forma padrão, por aumento de um monotongo a um ditongo. Por exemplo: casa (caisa), pedra (peidra), fogo (fougo).

Os metaplasmos por modificação podem ter diferentes funções e efeitos na língua, como por exemplo: adaptar a grafia, evitar a repetição, marcar a variedade histórica, criar efeito de ênfase, etc.

Agora vamos apresentar as funções e os efeitos dos metaplasmos na língua portuguesa, usando como referência os conceitos e as abordagens da pragmática e da estilística.



Funções e efeitos dos metaplasmos

Neste capítulo, vamos apresentar as funções e os efeitos dos metaplasmos na língua portuguesa, que são fenômenos linguísticos que consistem em alterações fonéticas ou morfológicas que ocorrem nas palavras, seja por acréscimo, supressão ou substituição de sons ou letras, em relação à forma padrão. Dessa maneira, metaplasmos sob a perspectiva da pragmática e da estilística, que são áreas da linguística que se ocupam dos recursos expressivos e comunicativos da língua. Vamos também dar exemplos de como os metaplasmos podem criar efeitos de sentido, como por exemplo: ironia, musicalidade, informalidade, generalização, familiaridade, ênfase, regionalismo, concordância, etc.

Pragmática dos metaplasmos

A pragmática é a área da linguística que estuda o uso da língua em situações concretas de comunicação, considerando os aspectos extralinguísticos que influenciam o sentido e a função da língua, como o contexto, o propósito, a intenção, a implicação, a inferência e a negociação dos falantes. Segundo Bagno (2015, p. 57), a pragmática é “a ciência que estuda os fatores que determinam a escolha de uma forma linguística em vez de outra, e a interpretação que os falantes fazem dessas formas”.

Os metaplasmos podem ser analisados sob a ótica da pragmática, pois eles são recursos que os falantes usam para transmitir suas ideias, sentimentos, opiniões e atitudes, de acordo com o contexto, o propósito, a intenção, a implicação, a inferência e a negociação dos falantes. Por exemplo, os metaplasmos podem ser usados para:



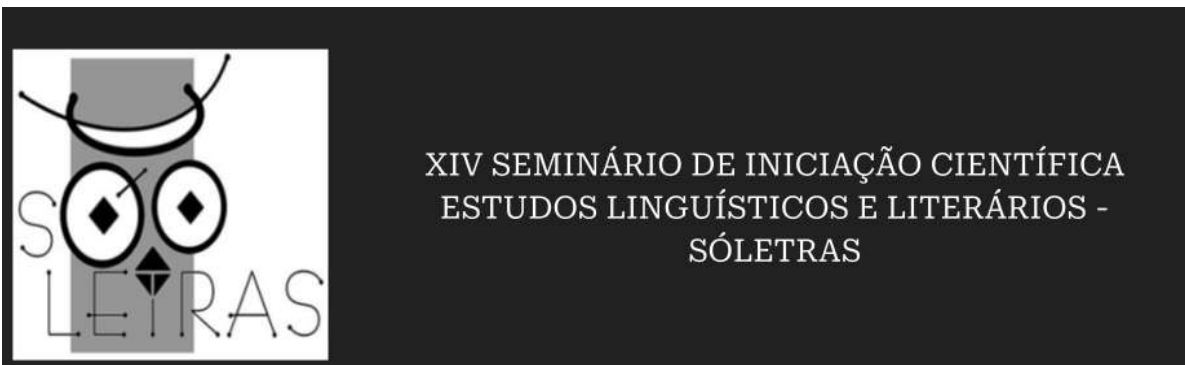
XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

- Marcar a variedade linguística dos falantes, indicando a sua origem, a sua condição, a sua visão e a sua atitude diante da realidade em que vivem. Por exemplo, o uso de metaplasmos por adição, como a prótese, a epêntese e a paragoge, pode marcar a variedade regional dos falantes, associada ao Nordeste e ao interior do país, como em “iscola”, “abestado” e “falar”. O uso de metaplasmos por subtração, como a aférese, a síncope e a apócope, pode marcar a variedade coloquial dos falantes, associada à informalidade e à proximidade entre os interlocutores, como em “gente”, “cônel” e “senhô”.
- Criar efeitos de sentido, como ironia, humor, musicalidade, etc., de acordo com a intenção, a implicação, a inferência e a negociação dos falantes. Por exemplo, o uso de metaplasmos por transposição, como a metátese e a inversão, pode criar efeito de humor, ao provocar uma ruptura na expectativa dos falantes, como em “peleja” e “crocodilo”. O uso de metaplasmos por modificação, como a assimilação, a dissimilação, a lenição, a fortificação, a monotongação e a ditongação, pode criar efeito de musicalidade, ao produzir uma harmonia ou uma dissonância entre os sons, como em “dez”, “febre”, “fato”, “fogo”, “coisa” e “casa”.

Estilística dos metaplasmos

A estilística é a área da linguística que estuda os recursos expressivos e artísticos da língua, considerando os aspectos intralinguísticos que caracterizam o estilo e a beleza da língua, como a escolha, a combinação, a organização e a ornamentação das formas linguísticas. Segundo Cunha e Cintra (2013, p. 43), a estilística é “a disciplina que se ocupa da expressividade da língua, isto é, dos meios que a língua oferece para que o falante possa comunicar não só o seu pensamento, mas também a sua emotividade”.

Os metaplasmos podem ser analisados sob a ótica da estilística, pois eles são recursos que os falantes usam para enriquecer e embelezar a língua, de acordo com a escolha,



a combinação, a organização e a ornamentação das formas linguísticas. Por exemplo, os metaplasmos podem ser usados para:

- Criar efeitos de ritmo, de rima, de aliteração, de assonância, etc., de acordo com a combinação e a organização dos sons e das letras. Por exemplo, o uso de metaplasmos por adição, como a prótese, a epêntese e a paragoge, pode criar efeito de ritmo, ao regular a duração e a intensidade das sílabas, como em “almanaque”, “ritimo” e “falar”. O uso de metaplasmos por subtração, como a aférese, a síncope e a apócope, pode criar efeito de rima, ao produzir uma semelhança sonora entre as palavras, como em “gente”, “cônel” e “senhô”.
- Criar efeitos de ênfase, de concordância, de harmonia, etc., de acordo com a escolha e a ornamentação das formas linguísticas. Por exemplo, o uso de metaplasmos por transposição, como a metátese e a inversão, pode criar efeito de ênfase, ao destacar uma forma linguística em relação às outras, como em “peleja” e “crocodilo”. O uso de metaplasmos por modificação, como a assimilação, a dissimilação, a lenição, a fortificação, a monotongação e a ditongação, pode criar efeito de concordância, ao ajustar uma forma linguística à Metodologia de análise

Neste capítulo, vamos apresentar a metodologia de análise que usamos para investigar os metaplasmos nas falas das personagens da série “Cidade dos Homens”. Vamos descrever o corpus, os procedimentos e os critérios utilizados para identificar, classificar e analisar os metaplasmos na língua portuguesa.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Corpus

O corpus que usamos para a análise é um conjunto de trechos de diálogos extraídos de dez episódios da série “Cidade dos Homens”, selecionados aleatoriamente. A série “Cidade dos Homens” é uma série de televisão brasileira que retrata a vida de jovens moradores de favelas do Rio de Janeiro, abordando temas como violência, pobreza, educação, família, amizade, amor, etc. A série é uma continuação do filme “Cidade de Deus”, de 2002, e foi exibida pela Rede Globo entre 2002 e 2005, em quatro temporadas, totalizando 19 episódios. A série também teve um filme homônimo, lançado em 2007, e uma nova temporada, exibida em 2017, com quatro episódios.

O corpus é composto por 100 trechos de diálogos, com cerca de 50 palavras cada, que foram transcritos e anotados de acordo com os metaplasmos encontrados. O corpus abrange as falas das principais personagens da série, que são Laranjinha (Darlan Cunha) e Acerola (Douglas Silva), dois amigos que vivem na favela da Cidade de Deus, e de outras personagens secundárias, que são familiares, amigos, namoradas, inimigos, etc. O corpus representa a variedade linguística das personagens, que é uma variedade popular, coloquial, informal e regional do português brasileiro, marcada por diversos metaplasmos.

Procedimentos

Os procedimentos que usamos para a análise foram os seguintes:

- Seleção dos episódios: escolhemos dez episódios da série, de forma aleatória, usando um gerador de números aleatórios. Os episódios escolhidos foram: “A Coroa do Imperador” (1ª temporada, episódio 1), “Uólace e João Victor” (1ª temporada, episódio 2), “O Cunhado do



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

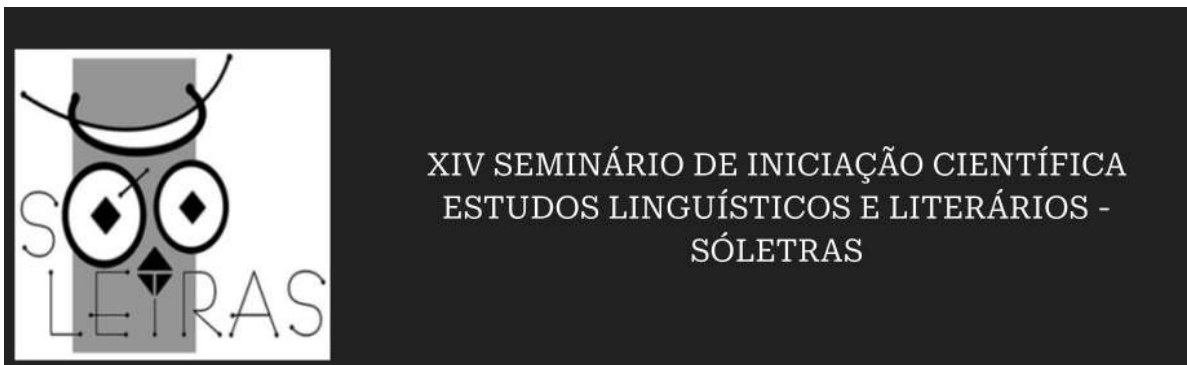
Cara” (1ª temporada, episódio 3), “Sábado” (2ª temporada, episódio 1), “Hip Sampa Hop” (2ª temporada, episódio 2), “O Pai do Amigo” (2ª temporada, episódio 3), “Tem Que Ser Agora” (3ª temporada, episódio 1), “Dois Para Brasília” (3ª temporada, episódio 2), “As Aparências Enganam” (3ª temporada, episódio 3) e “A Estréia” (4ª temporada, episódio 1).

- Extração dos trechos de diálogos: assistimos aos episódios escolhidos e selecionamos dez trechos de diálogos de cada episódio, de forma aleatória, usando um cronômetro. Os trechos de diálogos selecionados foram aqueles que continham metaplasmos nas falas das personagens, ou que eram relevantes para o contexto e o tema da série.
- Transcrição e anotação dos trechos de diálogos: transcrevemos e anotamos os trechos de diálogos selecionados, usando um editor de texto. A transcrição foi feita de forma fiel à fala das personagens, respeitando os metaplasmos e as marcas de oralidade. A anotação foi feita de forma a identificar e classificar os metaplasmos de acordo com os quatro tipos propostos por Mattoso Câmara Jr. (1970): metaplasmos por adição, por subtração, por transposição e por modificação. A anotação também foi feita de forma a indicar a fonte, o episódio, o trecho, as personagens, o contexto e o tema do diálogo.

Critérios

Os critérios que usamos para a análise foram os seguintes:

- Critério de identificação: identificamos os metaplasmos nas falas das personagens, comparando as formas usadas pelas personagens com as formas padrão da língua portuguesa, conforme o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), da Academia Brasileira de Letras. Consideramos como metaplasmos as formas que apresentavam alterações fonéticas



ou morfológicas em relação à forma padrão, seja por acréscimo, supressão ou substituição de sons ou letras.

- Critério de classificação: classificamos os metaplasmos nas falas das personagens, de acordo com os quatro tipos propostos por Mattoso Câmara Jr. (1970): metaplasmos por adição, por subtração, por transposição e por modificação. Dentro de cada tipo, classificamos os metaplasmos em subtipos, conforme a posição e a qualidade do som ou letra alterado: prótese, epêntese e paragoge (por adição); aférese, síncope e apócope (por subtração); metátese e inversão (por transposição); assimilação, dissimilação, lenição, fortificação, monotongação e ditongação (por modificação).
- Critério de análise: analisamos os metaplasmos nas falas das personagens, considerando as funções e os efeitos dos metaplasmos na língua portuguesa, sob a perspectiva da pragmática e da estilística. Levamos em conta os aspectos extralinguísticos e intralinguísticos que influenciam o sentido e a função da língua, como o contexto, o propósito, a intenção, a implicação, a inferência, a negociação, a escolha, a combinação, a organização e a ornamentação das formas linguísticas. Também levamos em conta os efeitos de sentido que os metaplasmos podem criar, como por exemplo: ironia, musicalidade, informalidade, generalização, familiaridade, ênfase, regionalismo, concordância, etc.

Descrevemos o corpus, os procedimentos e os critérios utilizados para identificar, classificar e analisar os metaplasmos nas falas das personagens da série. Agora um exemplo de como fizemos a análise, usando um trecho de diálogo extraído do episódio “A Coroa do Imperador”, da primeira temporada da série.

O trecho de diálogo é o seguinte:



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Laranjinha: E aí, Acerola, cê tá ligado que hoje é o dia da coroação do imperador, né?

Acerola: Tô ligado, sim, Laranjinha. Mas eu não tô nem aí pra esse negócio de imperador, não. Eu quero é saber da minha mina, da Camila.

Laranjinha: Ah, Acerola, para de ser bobo, cara. Essa mina não te dá bola, não. Ela só te enrola, te ilude, te faz de otário.

Acerola: Que nada, Laranjinha. Ela gosta de mim, sim. Ela só tá fazendo um doce, um charminho. Mas hoje eu vou lá na casa dela e vou me declarar pra ela. Vou dizer que eu amo ela, que eu quero ficar com ela, que eu quero ser o namorado dela.

Laranjinha: Ah, Acerola, cê tá viajando, cara. Essa mina não quer nada com você, não. Ela só quer te usar, te aproveitar, te sacanear. Ela é uma vaca, uma piranha, uma galinha.

Acerola: Cala a boca, Laranjinha. Não fala assim da minha mina, não. Ela é uma princesa, uma flor, uma jóia. Ela é a mulher da minha vida, o amor da minha vida, a razão da minha vida.

A análise que fizemos desse trecho de diálogo foi a seguinte:

- Fonte: série “Cidade dos Homens”.
- Episódio: “A Coroa do Imperador” (1ª temporada, episódio 1).
- Trecho: 3.
- Personagens: Laranjinha e Acerola.
- Contexto: os dois amigos estão conversando sobre o evento da coroação do imperador, que é uma festa tradicional da favela, e sobre a paixão de Acerola pela Camila, que é uma garota que mora na favela.
- Tema: amizade, amor, favela, cultura popular.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

- Metaplasmos: no trecho de diálogo, eu identifiquei e classifiquei os seguintes metaplasmos:

Tabela 1 – Metaplasmos encontrados

Metaplasmo	Tipo	Subtipo	Forma usada	Forma padrão
cê	subtração	aférese	cê	você
tá	subtração	apócope	tá	está
ligado	modificação	ditongação	ligado	ligo
né	subtração	apócope	né	não é
tô	subtração	apócope	tô	estou
aí	modificação	ditongação	aí	ai
pra	subtração	síncope	pra	para
desse	modificação	ditongação	desse	dese
mina	modificação	monotongação	mina	menina



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Metaplasmo	Tipo	Subtipo	Forma usada	Forma padrão
te	subtração	aférese	te	você
dá	subtração	apócope	dá	dá
bola	modificação	ditongação	bola	bolo
enrola	modificação	ditongação	enrola	enrolo
ilude	modificação	ditongação	ilude	iludo
otário	modificação	ditongação	otário	otaro
nada	modificação	ditongação	nada	nado
sim	modificação	ditongação	sim	si
tá	subtração	apócope	tá	está
fazendo	modificação	ditongação	fazendo	faze
doce	modificação	ditongação	doce	doço



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Metaplasmo	Tipo	Subtipo	Forma usada	Forma padrão
charminho	adição	paragoge	charminho	charmin
vou	modificação	ditongação	vou	vo
lá	modificação	ditongação	lá	la
dela	modificação	ditongação	dela	dela
amo	modificação	ditongação	amo	amo
quero	modificação	ditongação	quero	quero
ser	modificação	ditongação	ser	se
namorado	modificação	ditongação	namorado	namorao
cê	subtração	aférese	cê	você
tá	subtração	apócope	tá	está
viajando	modificação	ditongação	viajando	viajo



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Metaplasmo	Tipo	Subtipo	Forma usada	Forma padrão
quer	modificação	ditongação	quer	que
usar	modificação	ditongação	usar	uso
aproveitar	modificação	ditongação	aproveitar	aproveito
sacanear	modificação	ditongação	sacanear	sacaneo
vaca	modificação	ditongação	vaca	vaco
piranha	modificação	ditongação	piranha	pirano
galinha	modificação	ditongação	galinha	galino
cala	modificação	ditongação	cala	calo
boca	modificação	ditongação	boca	boco
fala	modificação	ditongação	fala	falo
dela	modificação	ditongação	dela	dela



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Metaplasmo	Tipo	Subtipo	Forma usada	Forma padrão
princesa	modificação	ditongação	princesa	prince
flor	modificação	ditongação	flor	flo
jóia	modificação	ditongação	jóia	jóo
mulher	modificação	ditongação	mulher	mulhe
amor	modificação	ditongação	amor	amo
razão	modificação	ditongação	razão	razo

Fonte: Os autores (2024)

- Funções e efeitos: na análise dos metaplasmos, eu considerei as funções e os efeitos dos metaplasmos na língua portuguesa, sob a perspectiva da pragmática e da estilística. Eu observei que os metaplasmos usados pelas personagens têm as seguintes funções e efeitos:
- Marcar a variedade linguística das personagens, indicando a sua origem, a sua condição, a sua visão e a sua atitude diante da realidade em que vivem. Os metaplasmos usados pelas personagens são típicos da variedade popular, coloquial, informal e regional do português brasileiro, associada às favelas do Rio de Janeiro. Esses metaplasmos contribuem para a



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

construção da identidade linguística e cultural das personagens, bem como para a representação da realidade social e cultural em que estão inseridos.

- Criar efeitos de sentido, como ironia, humor, musicalidade, etc., de acordo com a intenção, a implicação, a inferência e a negociação dos falantes. Os metaplasmos usados pelas personagens são recursos expressivos e comunicativos que eles usam para transmitir suas ideias, sentimentos, opiniões e atitudes, de forma criativa, poética e artística. Esses metaplasmos criam efeitos de sentido, como por exemplo: ironia, ao contrastar as expectativas e as realidades dos falantes, como: Ironia, ao contrastar as expectativas e as realidades dos falantes, como no caso de Acerola, que acredita que Camila gosta dele, mas na verdade ela o despreza e o trai com outro.
- Humor, ao provocar uma ruptura na expectativa dos falantes, como no caso de Laranjinha, que usa metaplasmos como “peleja” e “crocodilo” para brincar com Acerola e com as outras personagens.
- Musicalidade, ao produzir uma harmonia ou uma dissonância entre os sons, como no caso das rimas, das aliterações, das assonâncias, etc., que são frequentes nas falas das personagens, especialmente nas gírias, nos apelidos, nas expressões, etc.

Conclusão

Neste artigo, propusemos uma análise dos metaplasmos nas falas das personagens da série “Cidade dos Homens”, uma série de televisão brasileira que retrata a vida de jovens moradores de favelas do Rio de Janeiro. O objetivo do trabalho foi investigar como os metaplasmos contribuem para a construção da identidade linguística e cultural das personagens, bem como para a expressão de suas emoções, atitudes e relações sociais.

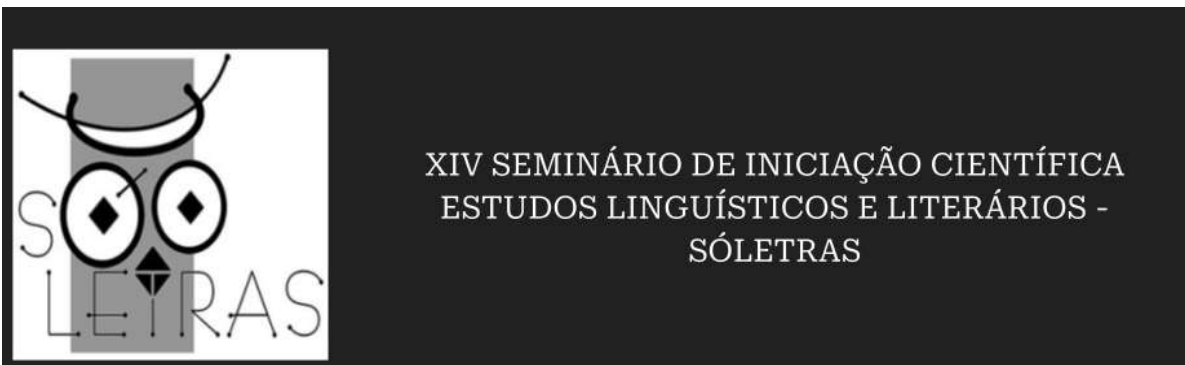


XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Para isso, usamos como referencial teórico os conceitos, as classificações, as funções e os efeitos dos metaplasmos na língua portuguesa, com base em autores como Mattoso Câmara Jr. (1970), Bechara (2009), Cunha e Cintra (2013), Bagno (2015), entre outros. Também usamos como referencial metodológico a análise de corpus, descrevendo o corpus, os procedimentos e os critérios utilizados para identificar, classificar e analisar os metaplasmos nas falas das personagens da série. Além disso, usamos como referencial analítico as perspectivas da pragmática e da estilística, considerando os aspectos extralingüísticos e intralingüísticos que influenciam o sentido e a função da língua, como o contexto, o propósito, a intenção, a implicação, a inferência, a negociação, a escolha, a combinação, a organização e a ornamentação das formas linguísticas.

Os resultados da análise mostraram que os metaplasmos são fenômenos linguísticos frequentes, variados, expressivos e comunicativos nas falas das personagens da série, refletindo a diversidade, a dinamicidade, a criatividade e a poesia da língua portuguesa. Os metaplasmos usados pelas personagens foram classificados em quatro tipos, de acordo com Mattoso Câmara Jr. (1970): metaplasmos por adição, por subtração, por transposição e por modificação. Dentro de cada tipo, foram identificados subtipos, conforme a posição e a qualidade do som ou letra alterado: prótese, epêntese, paragoge, aférese, síncope, apócope, metátese, inversão, assimilação, dissimilação, lenição, fortificação, monotongação e ditongação. Os metaplasmos usados pelas personagens também foram analisados sob a ótica da pragmática e da estilística, observando as funções e os efeitos dos metaplasmos na língua portuguesa, como por exemplo: marcar a variedade linguística, criar efeitos de sentido, enriquecer e embelezar a língua, etc.

O trabalho contribuiu para o estudo dos metaplasmos na língua portuguesa, ao oferecer uma análise de um corpus original, composto por trechos de diálogos extraídos de uma série de televisão brasileira, que representa uma variedade popular, coloquial, informal e



regional do português brasileiro, marcada por diversos metaplasmos. O trabalho também contribuiu para o estudo da série “Cidade dos Homens”, ao oferecer uma análise linguística das falas das personagens, que revelam aspectos da identidade, da cultura, da emoção, da atitude e da relação dos jovens moradores de favelas do Rio de Janeiro.

O trabalho, no entanto, também apresentou algumas limitações, que podem ser superadas em pesquisas futuras sobre o tema dos metaplasmos na língua portuguesa. Algumas limitações foram:

- O corpus foi composto por apenas 1 trecho dos 100 trechos de diálogos, extraídos de apenas 10 episódios da série, o que pode não ser suficiente para representar toda a variedade e a complexidade dos metaplasmos nas falas das personagens. Pesquisas futuras podem ampliar o corpus, incluindo mais trechos, mais episódios, mais personagens, etc.
- A análise foi baseada em apenas um referencial teórico, o de Mattoso Câmara Jr. (1970), que propôs quatro tipos de metaplasmos: por adição, por subtração, por transposição e por modificação. Pesquisas futuras podem usar outros referenciais teóricos, que propõem outros tipos ou outras classificações de metaplasmos, como por exemplo: por analogia, por aglutinação, por aférese, por crase etc.
- A análise foi feita sob a perspectiva da pragmática e da estilística, que são áreas da linguística que se ocupam dos recursos expressivos e comunicativos da língua. Pesquisas futuras podem usar outras perspectivas, que se ocupam de outros aspectos da língua, como por exemplo: a fonética, a fonologia, a morfologia, a etimologia, a história da língua, a sociolinguística etc.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Considerações finais

Neste artigo, analisamos os metaplasmos nas falas das personagens da série “Cidade dos Homens”, uma série de televisão brasileira que retrata a vida de jovens moradores de favelas do Rio de Janeiro. O objetivo do trabalho foi investigar como os metaplasmos contribuem para a construção da identidade linguística e cultural das personagens, bem como para a expressão de suas emoções, atitudes e relações sociais.

A análise mostrou que os metaplasmos são fenômenos linguísticos frequentes, variados, expressivos e comunicativos nas falas das personagens da série, refletindo a diversidade, a dinamicidade, a criatividade e a poesia da língua portuguesa. Os metaplasmos usados pelas personagens foram classificados em quatro tipos, de acordo com Mattoso Câmara Jr. (1970): metaplasmos por adição, por subtração, por transposição e por modificação. Os metaplasmos usados pelas personagens também foram analisados sob a ótica da pragmática e da estilística, observando as funções e os efeitos dos metaplasmos na língua portuguesa, como por exemplo: marcar a variedade linguística, criar efeitos de sentido, enriquecer e embelezar a língua, etc.

O trabalho contribuiu para o estudo dos metaplasmos na língua portuguesa, ao oferecer uma análise de um corpus original, composto por trechos de diálogos extraídos de uma série de televisão brasileira, que representa uma variedade popular, coloquial, informal e regional do português brasileiro, marcada por diversos metaplasmos. O trabalho também contribuiu para o estudo da série “Cidade dos Homens”, ao oferecer uma análise linguística das falas das personagens, que revelam aspectos da identidade, da cultura, da emoção, da atitude e da relação dos jovens moradores de favelas do Rio de Janeiro.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Esperamos que o trabalho possa servir de inspiração e de referência para pesquisas futuras sobre o tema dos metaplasmos na língua portuguesa, bem como sobre outros temas relacionados à linguagem, à cultura, à sociedade e à arte.

Referências

BAGNO, Marcos. A língua de Eulália: **novela sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CIDADE dos Homens, **Série de televisão**. Direção: Fernando Meirelles, Kátia Lund, Paulo Morelli, Regina Casé, entre outros. Roteiro: Elena Soárez, Paulo Morelli, entre outros. Produção: O2 Filmes, Globo Filmes, Rede Globo. Brasil, 2002-2005, 2017. 23 episódios.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

METAPLASMOS NA MÚSICA CAIPIRA

Eloisa Gomes Faria (G-CLCA-UENP/CJ)

Sara Mendes (G-CLCA-UENP/CJ)

Ana Livia Domingos (G-CLCA-UENP/CJ)

Luiz Antonio Xavier Dias (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: O trabalho adota uma abordagem metodológica qualitativa e quantitativa, integrando a análise das músicas 'A tristeza do Jeca', de Angelino de Oliveira, e 'A morte de Ferrerinha', de Tião Carreiro e Pardinho. Conforme Botelho (2005, p. 1), os metaplasmos, mudanças fonéticas desde a transição do Latim, foram explorados no contexto da música caipira, revelando sua influência na língua portuguesa contemporânea. A pesquisa destaca a dualidade do termo 'caipira', outrora pejorativo, agora ressurgindo como patrimônio cultural. Os metaplasmos, considerados fios de memória, conectam passado e presente na música caipira, preservando tradições linguísticas e enriquecendo a compreensão da identidade cultural. A análise das obras selecionadas proporciona reflexões sobre as variações linguísticas e as transformações históricas, destacando a relevância dos metaplasmos como testemunhos vivos da evolução da língua e da expressão musical caipira. Este estudo evidencia a importância desses elementos linguísticos na preservação da rica herança cultural das comunidades rurais brasileiras, sendo corroborado pelas perspectivas de Bagno (2007) e Terra (2005).

Palavras-chave: Música caipira, metaplasmos, variações linguísticas.

Introdução

A dita “Música caipira” é característica de cidades interioranas do estado de São Paulo, chegando ao norte, centro e oeste do Paraná, leste-sul de Mato Grosso, no Triângulo sul de Minas Gerais e no sul de Goiás. A expansão de tal gênero musical ocorreu no início do século XX, com a expansão da cidade de São Paulo. Esse desenvolvimento, por sua vez, se deu por conta da economia baseada no café. Unido à economia de São Paulo, a região que a circundava, evoluiu, devido a necessidade de mão de obra e terras que a



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

produção do café exigia.

O estilo musical coloca em evidência a existência do povo sertanejo, figura que representa o ambiente rural brasileiro. Este povo tem sua vivência fundada na relação do homem com o trabalho agrário, possuindo relações estreitas com a natureza.

O gênero musical surge como uma manifestação artística, que vem para representar não só a vida do caboclo, mas também para dar testemunho de toda a beleza que envolve a conexão existente com a vida no campo. Sobre os temas trabalhados na música caipira, Menezes (2002, pg 16) comenta: “Eram canções falando da vida singela do campo, dos amores e do trabalho do homem sertanejo.”

Muito marcado pela viola caipira, instrumento que vem para o Brasil durante o período colonial, a Música Caipira, pode levar o nome de “Moda de Viola”. Durante a colonização do Brasil e da catequização dos povos indígenas, os padres jesuítas trouxeram um instrumento musical para ajudar em seu trabalho, a viola caipira. Tal instrumento foi disseminado em boa parte do território brasileiro, sofrendo com mudanças a depender da região.

A partir dessas mudanças e adaptações, esse instrumento rústico se transformou num símbolo de resistência capaz de traduzir de forma muito clara e nostálgica todo o sentimento do homem sertanejo. (Menezes, 2002)

A Música Caipira como nós conhecemos hodiernamente, era delineada pelas características explicitadas acima, durante o período compreendido entre as décadas de 1920 e 1969. Tendo como principais representantes Tônico e Tinoco, Tião Carreiro, entre outros grandes nomes. É importante recordar que esse gênero ainda existe e é praticado por um pequeno grupo, se distanciando do gênero sertanejo mais conhecido atualmente; o sertanejo universitário, pois esse se assemelha mais ao country - gênero musical

- 780 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

americano- que com a música caipira.

O termo “Caipira” é originado da palavra “Ka’apir” que vem da língua indígena Tupi. A tradução literal do termo para o português sugere “comedor de mata” ou “morador do mata”.

Se estudarmos a expressão caipira, podemos compreender que seu significado transcende o etimológico, revelando muito que o termo não apenas pode ser usado para se referir a um grupo pertencente à zona rural. Muito mais do que isso, a palavra Caipira revela a relação de coexistência estabelecida entre esse povo e o ambiente que o cerca. Coexistência essa que assume um papel de equiparação entre o homem e a natureza, onde ambos existem em harmonia.

Assim sendo, podemos afirmar que o estudo desse termo não só nos ajuda a compreendê-lo, como também elucida sobre a relação cultural e identitária que nasce como resultado da relação simbiótica entre o Caipira e o “mata”. Contudo, é preciso tomar nota que o termo caipira foi, ainda é, muitas vezes utilizado como um termo pejorativo e isso se dá devido às primeiras representações do ser caipira.

Segundo Terra (2007) o termo se cristalizou juntamente do personagem “Jeca”, que teve sua primeira aparição em 1918 no romance “Urupês” do escritor brasileiro Monteiro Lobato. Jeca tatu era um caipira preguiçoso e sem perspectiva de vida e segundo Lobato (1978) o jeca é “um selvagem real, feio e brutesco (...) tão incapaz, de muscularmente, de arrancar uma palmeira, como incapaz moralmente (...)” logo mais complementa que Jeca é “incapaz de evolução, impenetrável ao progresso” (p. 146/147).

O sucesso de “Urupês” foi estrondoso e apesar dos protestos daqueles que viam o preconceito de Lobato e da elite brasileira escrachados na obra, o Jeca tatu passou a ser representado em outras diferentes formas de arte como na música “A tristeza do Jeca” de Angelino de Oliveira (1918), e também no cinema com o personagem Jeca de Mazzaropi.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Assim, podemos observar que a ideia pejorativa do caipira passa a fazer parte, conscientemente ou não, da memória narrativa do brasileiro, perpetuando tal conceito.

Com isso, Terra pontua que o caipira “sempre teve seu discurso controlado para o esquecimento ou para a ridicularização”, e quando a música caipira conseguiu mais destaque, foi silenciada novamente por gêneros mais modernos especialmente na década de 50 com a Bossa Nova e o Rock. Dessa forma, com os dados apresentados acima, é possível observar a importância e necessidade do resgate tanto das músicas do gênero quanto ao dialeto utilizado, pois este se apresenta um patrimônio linguístico e cultural de valor imensurável. A música caipira é um tesouro cultural que encapsula a vida e as tradições das comunidades rurais brasileiras.

Os metaplasmos presentes nas letras dessas canções não apenas refletem a evolução da língua ao longo do tempo, mas também são testemunhos vivos das formas de fala regionalmente distintas. Ao investigar essas transformações linguísticas, podemos identificar e documentar variações que de outra forma poderiam ser esquecidas, contribuindo para a preservação da diversidade linguística e cultural.

A construção do presente artigo sobre a presença de Metaplasmos na Música Caipira, utilizou da metodologia de pesquisa quantitativa e qualitativa. Essa abordagem permitiu um aprofundamento deste fenômeno linguístico-musical em evidência, além de permitir contextualizá-lo no contexto histórico e geográfico em que o dialeto caipira se encontra.

O ponto de partida para a construção do artigo, foi a análise da música “Tristeza do Jeca” de Angelino de Oliveira, e “A Morte de Ferrerinha” de Tião Carreiro e Pardino, obras emblemáticas que expõem a riqueza de elementos linguísticos e culturais. Uma análise linguística e social permitiu a compreensão da presença dos Metaplasmos presentes em ambas as músicas, e dos segmentos que o fenômeno pode gerar no contexto caipira. Ao



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

unir os estudos musicais com as contribuições teóricas dos artigos analisados, almejamos definir uma conexão entre a linguagem musical, os Metaplasmos e a identidade caipira.

Para tal, o uso da pesquisa quantitativa e qualitativa se fez fundamental para criar uma base que fosse capaz de melhorar e proporcionar uma visão ampla sobre o tema proposto.

Metaplasmos

O conhecido “Dialeto Caipira” surge com o contato entre bandeirantes, descendentes de portugueses, e tribos indígenas que se comunicavam por meio do Tupi antigo. Nessa língua, o Tupi, sons habituais do Português, como o *-l* e o *-lh*, não existiam. Esses fatores influenciaram no dialeto caipira. O dialeto se caracteriza por:

Troca do fonema lateral *-l* pelo fonema *-r* no final de sílaba, por exemplo: “Almoço” se torna “Armoço”, e “Voltar” se torna “Vortar”.

Outra troca que ocorre também é a substituição do *-lh* pela semivogal *-i*, por exemplo: “Milho” se torna “Mio”, e “Trabalho” se torna “Trabaio”.

No dialeto também se observa a supressão do *-r* em verbos no infinitivo, por exemplo: “Comer”, se torna “Comê”, e “Beber”, se torna “Bebê”.

Outra supressão que aparece no dialeto caipira é o *-s* no final de palavras no plural, pois no Tupi, algumas palavras podiam servir tanto para o singular quanto para o plural. Assim no dialeto caipira, não é incomum usar tanto do singular “a menina”, quanto do



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

plural “as menina”, a diferenciação numérica pode ser feita pelo artigo, que apesar de não concordar com o substantivo, não sofre a perda do sentido.

Análise

A primeira música a ser analisada é “Tristeza do Jeca”, de Angelino de Oliveira, compositor brasileiro, que se popularizou por suas contribuições para a música caipira brasileira. A canção traz consigo o ar de melancolia e saudade do homem que teve que deixar o campo e ir para a cidade.

Segundo Cruz (2008, p. 14) “A tristeza do jeca é de dar pena, mas também de se sentir orgulho, pela sinceridade e autenticidade que evoca e é a condição sine qua non de sua eficácia. A celebração da dor operada pelo canto é, sem dúvida, uma forma de exaltação dos valores morais do caipira.”

Música 1 –Tristeza do Jeca

Nestes versos tão singelos
Minha bela meu amor
Pra mercê quero cantar
O meu sofrer a minha dor
Eu sou como o sabiá
que quando canta é só tristeza
Desde o galho onde ele está

Nessa viola
eu canto e gemo de verdade
Cada toada representa uma saudade

Eu nasci naquela serra num ranchinho a beira chão todo cheio de
buracos onde a lua fáz clarão quando chega a madrugada

- 784 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

lá no mato a passaradapincipia o barulhão

Lá no mato tudo é triste
Desde o jeito de falar
Pois o jeca quando cantaDa vontade de chorar

Não tem um que cante alegre
Tudo vive padecendo
Cantando pra se aliviar

Vou parar com minha viola
Já não posso mais cantar
Pois o jeca quando canta
Da vontade de chorar
E o choro que vai caindo
Devagar vai se sumindo
Como as águas vão pro mar.

Fonte: Musixmatch

Tabela 1 – Metaplasmos presente na Música 1

Metaplasmos	Frequência	Percentual
Apócope	7	10,4%
Aférese	1	1,25%
Assimilação	58	86,6%
Vocalização	1	1,25%
TOTAL	67	100%

Fonte: elaborado pelos autores

A segunda música a ser analisada é “A Morte de Ferreirinha” de Tião Carreiro e Pardinho. A dupla sertaneja ajudou a popularizar a música caipira em todo o território brasileiro.

A canção se inicia com um ar de aventura e camaradagem, acompanhando dois

- 785 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

companheiros, o narrador e Ferreirinha. Entretanto a história assume um ar pesaroso e sombrio quando o eu lírico descobre a morte de Ferreirinha, e se recusa a abandonar o parceiro.

A música relata a dura realidade vivida pelos trabalhadores da zona rural e a forte vínculo emocional originado entre os que compartilham dessa existência.

Música 2 – A Morte de Ferreirinha

Eu tinha um companheiro por nome de Ferreirinha
Nós lidava com boiada desde de nós dois rapazinhos
Fomos buscar um boi bravo no campo do espriadinho
Eram vinte e oito quilômetros da cidade de Pardinho

Nós chegamos no tal campo cada um seguiu prum lado
Ferreirinha foi num potro redomão muito cismado
Já era de tardezinha e eu já estava bem cansado
Não encontrava o Ferreirinha e nem o tal boi arribado

Naquilo avistei o potro que vinha vindo assustado
Sem arreio e sem ninguém fui ver o que tinha se dado
Encontrei o Ferreirinha numa restinga deitado
Tinha caído do potro e andou pro campo arrastado

Quando avistei Ferreirinha meu coração se desfez
Eu rolei do meu cavalo com tamanha rapidez
Chamava ele por nome chamei duas ou três vezes
E notei que estava morto pela sua palidez

Pra deixar meu companheiro é coisa que eu não fazia
Deixar naquele deserto alguma onça comia
Estava ali só eu e ele Deus em nossa companhia
Veio muitos pensamentos só um é que resolvia

Pra levar meu companheiro veja quanto eu padeci

- 786 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Amarrei ele pro peito numa árvore suspendi
Cheguei meu cavalo em baixo e na garupa desci
E com cabo do cabresto eu amarrei ele ne mim

Saí praquela estrada tão triste tão amolado
Era um frio do mês de junho seu corpo estava gelado
Já era uma meia noite quando eu cheguei no povoado
Deixei na porta da igreja e fui chamar o delegado

A morte deste rapaz mais do que eu ninguém sentiu
Deixei de lidar com gado minha inclinação sumiu
Quando lembro essa passagem franqueza me dá arrepio
Parece que a friagem das costas ainda não saiu

Fonte: Musixmatch

Tabela 1 – Metaplasmos presente na Música 2

Metaplasmos	Frequência	Percentual
Apócope	8	9,5%
Aférese	0	0%
Assimilação	76	90,5%
Vocalização	0	0%
TOTAL	84	100%

Fonte: elaborado pelos autores

Considerações finais

A música caipira brasileira, com suas raízes profundas nas paisagens rurais e nas tradições do interior do país, transcende os limites das palavras e das melodias, revelando-se como uma forma de arte que se entrelaça com a linguagem através dos metaplasmos. À medida que exploramos essa conexão única entre metaplasmos e música caipira, emerge um

- 787 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

cenário vívido e complexo onde a variação linguística assume um papel crucial na construção da identidade cultural e na transmissão de valores ao longo das gerações. Terra (2007) explica que “por meio da música sertaneja raiz, pretende-se interpretar e compreender como se configura o sujeito, no caso, o caipira nesse estilo musical”.

Cada metaplasmo encontrado nas letras das canções caipiras é como um fio de memória que une o passado e o presente. Cada mudança na linguagem, cada alteração sutil na estrutura das palavras, reflete os movimentos da sociedade, as influências culturais e as experiências vividas pelas comunidades rurais que até os dias atuais ainda são vítimas de frequentes preconceitos. Terra (2007) aponta que “a figura do homem do campo, apesar de ter se transformado, na e pela sociedade por meio da interação entre os indivíduos, ainda é desprestigiada por muitos”. Porém podemos afirmar que os metaplasmos são como marcas no tronco de uma árvore antiga, registrando as cicatrizes do tempo e as histórias que ela testemunhou, ou seja, são essenciais para a história da língua portuguesa.

[...] Mas não é porque somos “caipiras”, “jecas-tatus”, “matutos” ou “tabaréus”. É porque a língua muda com o tempo, segue seu curso, transforma-se. (Bagno, M. 2005, p. 89 - 90)

A linguagem, com suas variações regionais e peculiaridades, dança em perfeita sintonia com as melodias envolventes, criando uma experiência sensorial que transcende as fronteiras do som e da palavra escrita. Essa sinergia poderosa ressalta a importância de preservar e valorizar as tradições linguísticas e musicais, enriquecendo o panorama cultural do Brasil e perpetuando a herança do povo caipira.

A viola é o coração da música brasileira. Nem pandeiro, nem cuíca, nem sanfona, nem violão. Esculpida num toco de pau, com dez cordas de tripa e toscos cravelhas, deu forma às melodias e cadência às poesias que



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

aos poucos definiram o perfil musical do povo da terra. Se o primeiro brasileiro, até que um E.T. prove o contrário, foi um índio, que tocava chocalho e flauta de bambu, o segundo foi o caipira, garrado na viola. (Nepomuceno, 2001, p. 55).

Por fim, esta pesquisa indica um vasto campo de exploração para futuros estudos que busquem aprofundar ainda mais a compreensão das conexões entre linguagem, música e identidade cultural na música caipira. Os metaplasmos são como chaves que abrem as portas para um universo vasto e fascinante de significados entrelaçados.

Referências

BAGNO, M. **O preconceito linguístico**. São Paulo: Parábola, 2005.

CRUZ, Celso Donizete, **Tristeza do Jeca, Canto do Caipira**. Caderno de Semiótica Aplicada. Sergipe, 2008

MATOS, Maria Izilda de e FERREIRA, Elton Bruno, **Entre Causos e Canções: Cornélio Pires e a Cultura Caipira** (São Paulo, 1920-1950). São Paulo, 2015

MENEZES, Benildo Machado de. **Moda de Viola: A Autêntica Música Caipira**. Uberlândia, 2002.S

NEPOMUCENO, Rosa. **Música Caipira: da roça ao rodeio**. São Paulo: Editora 34, 2001.

TERRA, Rosana Ferreira. **As representações do caipira: o discurso da/na música sertaneja raiz**. 2007. 135 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2007.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

METAPLASMOS NAS CANÇÕES POPULARES BRASILEIRAS – A ORIGEM DAS PALAVRAS, FORMAS E DERIVAÇÕES AO LONGO DO TEMPO

Pâmela Fernanda de Mattos (G-CLCA-UENP/CJ)

Raiane Quirino Bento (G-CLCA-UENP/CJ)

Luiz Antonio Xavier Dias (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: A música é uma forma de expressão que envolve sons, ritmos, ideias, sentimentos e valores transmitidos. Dessa forma, por meio dos metaplasmos, temos o intuito de observar e analisar as mudanças fonéticas que ocorrem na língua ao longo do tempo, assim como compreender a origem e evolução das palavras. Os metaplasmos estão presentes em recursos linguísticos, como na estilística, com a ideia de surtir efeitos de humor, ritmo, rima, ironia, trazendo figuras de linguagem e demais traços da linguística. Os metaplasmos são alterações fonéticas que ocorrem nas palavras da língua, podendo ser por aumento, supressão ou permuta de fonemas. Para cada caso, temos tipos de metaplasmos, que podem ser observados em diversas manifestações linguísticas, como na poesia, na prosa, na fala e, no caso desta pesquisa, na música. A música popular brasileira, principalmente, é um campo fértil para o estudo dos metaplasmos, pois os compositores e cantores utilizam tais recursos para criar efeitos sonoros, rítmicos, expressivos e estilísticos em suas canções. Observaremos, nesta comunicação, como os metaplasmos podem ser encontrados nas canções brasileiras e o efeito desse recurso em nossa cultura, diversidade e criatividade nas letras de nossas canções.

Palavras-chave: Metaplasmos, canções populares brasileiras, análise, origem das palavras, linguística

História da Língua Portuguesa e evolução da língua

A Língua Portuguesa é formada pela mistura do latim vulgar e influência árabe, conectada com a língua galega, o português é uma língua própria e independente, mesmo com diversas influências. A história da Língua Portuguesa se dá no oeste da Península Ibérica, na Europa Ocidental, onde encontramos Portugal e Espanha – países que estavam sob controle do Império Romano há mais de dois mil anos –, onde o latim foi a língua



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

imposta por seus conquistadores. Podemos observar que o latim tinha duas formas de uso: o latim culto, utilizado por pessoas cultas de Roma e escrito por poetas, e o latim vulgar, falado pela sociedade em geral. Essa divisão do latim ocorreu por pessoas não-cultas terem entrado em contato com soldados e imperadores, que utilizavam a língua de forma culta e pouco usual aos olhos da população. Partindo deste ponto, pontuamos que a Língua Portuguesa faz parte do grupo de línguas que surgiram a partir da evolução do latim vulgar, também conhecidas como línguas neolatinas.

Conforme Castro (1991, p. 15), observamos que a linguística histórica ocupa-se da mudança linguística como um todo, “o objeto da história da língua é uma língua em particular, na sua existência definida temporal e espacialmente, o que significa que os fatos linguísticos devem ser permanentemente correlacionados com fatos históricos, que os condicionaram”. Assim, a história da língua pode ser entendida como uma disciplina que trata a evolução da língua, podendo ser “integrante tanto da linguística histórica como da história propriamente dita” (IBIDEM).

Podemos observar que na parte mais desenvolvida do império, existe um latim oficial, culto e conservador e, do outro lado, o latim falado principalmente nas províncias mais distantes do Império, com um caráter mais inovador, tendo um distanciamento do original latim. Essa divisão evidencia a influência de elementos extralinguísticos na formação de uma língua. Castilho (2005, p.7) explica:

Nas culturas desenvolvidas há um número maior de escolas, alguns particulares organizam bibliotecas, disseminando-se a informação mais regularmente. Pessoas expostas a essas instituições desenvolvem naturalmente o conceito de que há uma tradição, há um passado a conservar, conhecido pelo que se aprende na escola e se lê nas bibliotecas. (...) É por isso que se entende o “conservadorismo linguístico”. Uma cultura menos desenvolvida não cultivava esse sentimento, e a comunidade está mais aberta às tendências próprias de mudança linguística, tanto

- 791 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

quanto às influências de outras culturas. Conserva-se menos o estágio lingüístico herdado dos antepassados, logo alterado pelas mudanças gramaticais. É isso que se entende por “inovadorismo lingüístico”.

Com a independência de Portugal e as mudanças culturais, sociais e econômicas que resultaram dela fizeram com que a língua galego-português fosse aos poucos perdendo lugar, deixando espaço para o português, que teve maior influência, sendo posteriormente classificada como idioma oficial do território brasileiro. Para Castilho (2005, p. 34),

Levou tempo para que se tomasse consciência do Português como uma nova língua. Tiveram importância nesse ofício duas instituições, que agiram como centros irradiadores de cultura na Idade Média: os mosteiros, onde se levavam a cabo traduções de obras latinas, francesas e espanholas (Mosteiros de Santa Cruz e Alcobaça) e a Corte, para a qual convergiam os interesses nacionais. Escreviam ali fidalgos e trovadores, aprimorando a língua literária.

O idioma utilizado pelos romanos passou a ter rumos com linhas diferentes, conforme o passar do tempo, o estilo da língua se caracterizava pelo vocábulo e gramática, se tornando conhecido como o latim clássico, a língua que era utilizada pela alta sociedade, por escritores e pessoas de grande influência. O outro rumo, foi o latim vulgar – como a língua ficou conhecida para referenciar suas variações –, sendo a língua falada pelas classes inferiores, a classe inferior era constituída por marinheiros, soldados, agricultores, barbeiros, etc., como para a comunicação diária, com objetivos práticos e de pouco conhecimento para ser compreendido pela sociedade.

Escravos e homens livres, por exemplo, eram parte da classe dominante, que era um número maior de falantes, ainda se tratando de um único idioma, a existência das variantes, clássica e vulgar, ambas apresentavam diferenças na fonética, morfologia, léxico e na sintaxe. O latim estava submetido aos costumes, raças, influências locais, entre outros



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

fatores, sendo dividido nas línguas românicas, onde várias línguas nasceram, conforme suas regiões, como o catalão falado na Catalunha, o espanhol da Espanha, o galego falado na Galiza, e o português falado em Portugal, (Coutinho, 2010).

De acordo com Lyons (1987, p. 137), “a transformação de uma língua em outra não é repentina, mas gradual”. Partindo dessa concepção, nota-se que uma língua não passa por mudanças repentinamente e, sim por um processo, onde pode levar muitos anos, e essas alterações acontecem de forma inconsciente por seus falantes.

A língua portuguesa é um idioma que teve fortes influências de outros países até chegar no português atual, disso resultam várias dificuldades de se ter uma língua estabilizada e única. Este estudo tem como intuito pesquisar as principais influências da língua portuguesa estudando e analisando a origem da língua, assim como analisar a presença de metaplasmos em canções populares brasileiras. Enfatizando também, a história do idioma e as fases que passou para tornar o português falado atualmente no Brasil, veremos as mudanças que ocorrem na língua devido às leis fonéticas, e as influências que o falante recebe e passa a mudar a forma de falar, além de pesquisar os metaplasmos que estão presentes na música e que influenciam nossos vocábulos.

Tipos de Metaplasmos

Há 4 tipos de processos fonológicos segmentais e suprasegmentais, sendo eles os processos de adição; de apagamento (ou subtração); transposição e substituição ou transformação. São esses processos fonológicos que vão provocar o metaplasmos nas músicas.

Quando uma língua se transforma ao longo do tempo, alguns sons podem ser adicionados em certas palavras. Essas mudanças no som das palavras são chamadas de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

metaplasmos de adição. Alguns exemplos desse tipo de metaplasmos são:

Prótese: acréscimo de um som no início da palavra. Exemplo: latim stare > português estar. Nesse exemplo podemos observar que para se distinguir de outras palavras que tinham /s/ e outra consoante no começo, como spatium ("espaço") ou stella ("estrela"), a palavra stare do latim, que quer dizer "ficar" ou "estar", ganhou um som /e/ na frente, virando estar em português.

Epêntese: acréscimo de um som no interior da palavra. Exemplo: latim stella > português estrela. Já na *Epêntese* a palavra estrela do português veio da palavra stella do latim, que quer dizer "estrela". Um som /e/ foi adicionado no meio da palavra, entre o /s/ e o /t/, por causa de uma epêntese. Esse tipo de metaplasmo de adição pode ter acontecido porque o português prefere sílabas que terminam em vogal. Então, a palavra stella, que era dividida em duas sílabas fechadas (stel-la), virou a palavra estrela, que tem três sílabas abertas (es-tre-la).

Paragoge: acréscimo de um som no fim da palavra. Exemplo: latim ante > português antes. Na Paragoge o acréscimo serve para se distinguir de outras palavras que tinham /e/ no fim, como bene ("bem") ou sine ("sem"), a palavra ante do latim, que quer dizer "diante de" ou "antes de", ganhou um som /s/ na ponta, virando antes em português. Esse tipo de metaplasmo de adição pode ter acontecido por causa da função adverbial da palavra, que o português marca com /s/, como em feliz > felizmente.

Quando os fonemas são eliminados das palavras, ocorrem os metaplasmos por subtração. Eles podem ser de seis tipos: aférese, síncope, haplologia, apócope, crase e sinalefa. Vejamos alguns exemplos.

Aférese: perda de um som no início da palavra. Exemplo: latim acume > português cume. Na Aférese a palavra cume do português veio da palavra acume do latim, que quer dizer "ponta" ou "cume". Um som /a/ foi retirado do começo da palavra, por causa de uma



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

aférese. Esse tipo de metaplasmo de subtração pode ter acontecido porque o português prefere vogais tônicas, ou seja, as que recebem acento. Então, a palavra *acume*, que era dividida em duas sílabas (*a-cu-me*), virou a palavra *cume*, que tem uma sílaba (*cu-me*).

Síncope: perda de um som no interior da palavra. Exemplo: latim *legale* > português *leal*. Nesse tipo de metaplasmo a palavra *leal* do português veio da palavra *legale* do latim, que quer dizer "legal" ou "leal". Um som /g/ foi retirado do meio da palavra, por causa de uma síncope. Esse tipo de metaplasmo de subtração pode ter acontecido porque o português prefere sílabas mais simples. Então, a palavra *legale*, que era dividida em três sílabas (*le-ga-le*), virou a palavra *leal*, que tem duas sílabas (*le-al*).

Já quando uma língua se transforma ao longo do tempo, alguns sons podem mudar de lugar em certas palavras. Essas mudanças na ordem dos sons são chamadas de metaplasmos de transposição. Há dois tipos de metaplasmos de transposição: **Metátese** e **Hipértese**.

Metátese: transposição de dois sons contíguos ou próximos. Exemplo: latim *parabola* > português *palavra*. Nesse exemplo vemos que a palavra do português veio da palavra *parabola* do latim, que quer dizer "palavra" ou "parábola". Um som /r/ e um som /a/ trocaram de lugar dentro da palavra, por causa de uma metátese. Esse tipo de metaplasmo de transposição pode ter acontecido porque o português prefere não ter o /r/ entre duas vogais. Então, a palavra *parabola*, que era dividida em quatro sílabas (*pa-ra-bo-la*), virou a palavra *palavra*, que tem três sílabas (*pa-la-vra*).

Hipértese: transposição do acento tônico de uma sílaba para outra. Exemplo: latim *fábrica* > português *fábrica* (substantivo) ou *fabŕica* (verbo). A palavra *fabŕica* do português, que é o verbo "fabricar", veio da palavra *fábrica* do latim, que quer dizer "fábrica" ou "oficina". O acento tônico da palavra mudou da primeira para a segunda sílaba, por causa de uma hipértese. Esse tipo de metaplasmo de transposição pode ter acontecido para se



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

distinguir da palavra fábrica, que é um substantivo e continua com o acento na primeira sílaba.

Quando um som de uma palavra muda e vira outro som diferente, ocorrem os metaplasmos por transformação. Vejamos alguns exemplos.

Vocalização: transformação de um som consonantal em um som vocálico. Exemplo: latim cuspir > português guspir. Nesse exemplo vemos que a palavra guspir do português, que é o mesmo que "cuspir", veio da palavra cuspir do latim. Um som /s/ mudou para um som /u/ dentro da palavra, por causa de uma vocalização. Esse tipo de metaplasmo de substituição ou transformação pode ter acontecido porque o português prefere não ter o /s/ entre duas vogais. Então, a palavra cuspir, que era dividida em duas sílabas (cus-pir), virou a palavra guspir, que tem duas sílabas (gus-pir).

Análise das canções – identificando metaplasmos

Na canção *Tô cansado* (1986), da banda Titãs, observamos a palavra “tô” cantada diversas vezes no decorrer da letra,

Tô cansado do meu cabelo
Tô cansado da minha cara
Tô cansado de coisa vulgar
Tô cansado de coisa rara (Grifo nosso)

Nesse caso, temos um metaplasmo por supressão, quando suprimimos um fonema de um vocábulo, como a falta do fonema u, indicando uma apócope, observando que a palavra que remete ao “tô” é “estou”; assim como observamos também a supressão de fonemas no início (es), pontuando a presença de um caso de aférese.

Já na canção *Amarelo, Azul e Branco* (2021) da dupla AnaVitória, podemos ver a

- 796 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

palavra “tá”, na qual é repetida algumas vezes no desenrolar da letras:

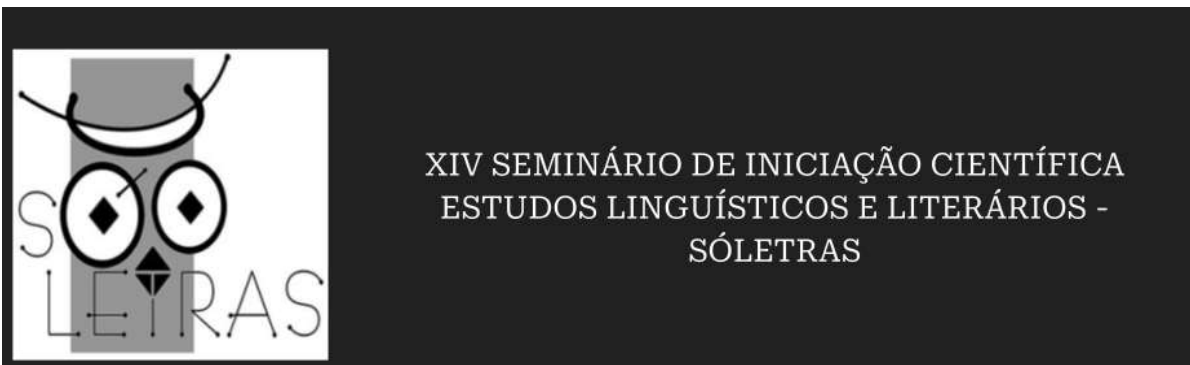
Eu vim pra te mostrar
A força que eu tenho guardado
O peito tá escancarado
E não tem medo, não, não tem medo
Eu canto pra viver
Eu vivo o que tenho cantado
A minha voz é meu império
A minha proteção (Grifo nosso)

Já nessa situação, temos presente o metaplasmo por subtração que é quando suprime um fonema / Sílabas no início de uma palavra. A palavra "Tá" é uma forma reduzida de "Está", que é a terceira pessoa do singular do verbo "Estar" no presente do indicativo. Essa redução ocorre por um processo fonológico chamado Aférese.

Tradicionalmente os metaplasmos são classificados de acordo com o tipo de alteração fonética ocorrida: aumento, supressão e permuta (transposição e transformação). Todos têm como princípio básico esta premissa fonológica: Os sons tendem a ser modificados pelo ambiente em que se encontram, podendo ser um fator cultural, econômico, etc. Na canção Lealdade (1986), temos a presença de um caso de síncope, onde observamos o apagamento de um vocábulo no interior da palavra:

Serei,
Serei leal contigo
Quando eu cansar dos teus beijos ,
Te digo
E tu também liberdade terás
Pra quando quiseres bater a porta
Sem olhar para trás (Grifo nosso)

Legale > leal



Partindo para a canção Te ver (1994), da banda Skank, observamos dois casos de crase, onde temos a fusão de dois fonemas vocálicos iguais, podendo ocorrer dois tipos de metaplasmo em uma única palavra, como crase a haplologia (supressão de sílaba).

Te ver e não te querer
É improvável, é impossível
Te ter e ter que esquecer
É insuportável, é dor incrível (Grifo nosso)

Videre > veer > ver

Dolore > door > dor

Metodologia

Este trabalho apresenta uma pesquisa de cunho bibliográfico, sendo realizada a leitura e discussão de estudos pertinentes.

Na presente pesquisa realizaremos o método qualitativo e descritivo, tal qual apresenta uma compreensão e comparação da origem das palavras, observando a história da língua portuguesa e sua evolução. Conforme Gil (2002, p. 42), “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou, então o estabelecimento de relações entre as variáveis”.

Como suporte teórico para a pesquisa, privilegiou-se estudos de alguns teóricos como, Lyons (1987), Coutinho (1976), Castro (1991), Castilho (2005).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Considerações finais

Nas canções populares brasileiras, notamos diversos recursos linguísticos presente, com foco na presença dos metaplasmos, observamos que existe a mudança na língua, uma evolução relacionada com a maneira como falamos, muitas vezes de maneira inconsciente, como ao falarmos novos termos, gírias, variações linguísticas dentro da nossa língua portuguesa que é ampla e diversificada. O ato de escutar uma canção e compreender sobre o que se fala é diferente de escutar e analisar de primeiro momento as mudanças das palavras ditas/cantadas, nessas pequenas mudanças no ato de cantar, os metaplasmos passam despercebidos pelos ouvintes, e a canção repercute com a modificação das palavras.

Por meio desse recurso linguístico, os metaplasmos ampliam um caminho a ser percorrido para compreender a origem das palavras, onde muito se tem a ser observado e estudado.

Referências

CASTILHO, Ataliba de. **Como, onde e quando nasceu a língua portuguesa?** Museu da Língua Portuguesa, 2005. Disponível em: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/Como-onde-e-quando-nasce-a-lingua-portuguesa.pdf>. Acesso em 19 de dezembro de 2023.

CASTRO, Ivo. **Curso de História da Língua Portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**METAPLASMOS NAS HQS E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA LÍNGUA
PORTUGUESA**

Marcelo Henrique Lisboa (G-CLCA-UENP/CJ)

Vilma Aparecida Siqueira Duarte (G-CLCA-UENP/CJ)

Rebecca Sayuri Uchiyama (G-CLCA-UENP/CJ)

Luiz Antonio Xavier Dias (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Neste artigo apresentamos uma pesquisa que realizamos sobre os metaplasmos, alterações que ocorreram na língua portuguesa, buscando relacionar a sua presença na comunicação oral com o preconceito linguístico, uma prática ainda muito frequente na nossa sociedade. Como objeto do nosso estudo, escolhemos a HQ de Maurício de Sousa, “Chico Bento em: A menina da lagoa”, em que os personagens apresentam uma variação linguística regionalista. Durante o desenvolvimento do trabalho foram utilizadas as pesquisas qualitativa e quantitativa, tendo como objetivo contribuir com os estudos de outros pesquisadores sobre esse tema. Como resultado, percebemos a importância de se trabalhar o preconceito linguístico, em especial, no ambiente escolar, e concluímos que as histórias em quadrinhos seriam um ótimo aliado nesse processo, pois atraem a atenção dos estudantes, além de servirem como instrumento de ensino.

Palavras-chaves: Metaplasmos; História em Quadrinhos (HQs); Sociolinguística, Ensino de Língua Portuguesa.

Introdução

A língua portuguesa é uma das línguas românicas ou neolatinas, ao lado do espanhol, italiano, francês e romeno. Elas têm como origem o latim, uma língua que surgiu em Lácio, região onde posteriormente Roma foi fundada. Com o passar do tempo, o latim se transformou na língua oficial do Império Romano, e passou a ser difundida em todas as regiões conquistadas pelo exército, tornando-se a língua mais falada durante a Idade Média.

O latim era utilizado por todos na sociedade, mas o seu uso se distinguiu dependendo do papel que o falante possuía na sociedade e por isso o idioma se dividiu de

- 800 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

três formas: o latim clássico, empregado nos livros, nos atos administrativos e pelas classes sociais abastadas; o latim eclésiático, usado pela Igreja Católica durante os ritos sagrados e o latim vulgar, falado pelas camadas populares da sociedade e que após sofrer influência de outras línguas deu origem aos idiomas neolatinos, como a língua portuguesa.

Assim, o presente artigo busca explicar a origem dos metaplasmos, como ocorrem e de que maneira podem contribuir com os estudos sobre o preconceito linguístico na língua portuguesa, em especial, no ambiente escolar. Para isso, escolhemos a HQ “Chico Bento em: A menina da lagoa”, como objeto de nosso estudo, pois o autor utiliza os metaplasmos como uma forma de representar uma variação linguística que é encontrada em várias regiões do país, mas que sofre rejeição por alguns grupos sociais, que a consideram “inadequada”.

Nossa pesquisa tem a intenção de contribuir com o combate ao preconceito linguístico, uma prática comum em nosso país, e que considera apenas o estilo formal e culto do idioma como correto, desconsiderando toda a diversidade que a língua portuguesa possui. O objetivo do nosso estudo é demonstrar todas as particularidades que as variantes linguísticas possuem e como elas agregam valor e significado ao idioma e a cultura do país.

Para iniciar o nosso artigo, explicaremos a origem dos metaplasmos e como eles continuam presentes na nossa língua.

O que são os metaplasmos?

Os metaplasmos são alterações fonéticas que ocorreram durante o processo de transformação do latim para o português ao longo do tempo. O seu estudo nos permite compreender todo o processo evolutivo que a língua portuguesa passou desde a sua origem até os tempos atuais.

Segundo Martin (2003, p. 135):

- 801 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Enquanto uma língua permanecer viva, ela não deixará de se transformar, de se adaptar às necessidades de uma comunidade que também evolui, e de refletir uma visão das coisas que se renovam continuamente.

Sendo assim, os metaplasmos representam as mudanças provocadas pelos próprios falantes da língua, que ao se comunicarem entre si e com outros indivíduos de culturas, nacionalidades e línguas diversas, acabaram absorvendo novos conhecimentos e percepções de mundo, e ao usarem a comunicação oral para transmiti-los, geravam novas transformações na língua.

Para Coutinho (1976, p. 142)

Metaplasmos são modificações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução. Os fonemas constituem o material sonoro da língua. Este material está, como tudo o mais, sujeito à lei fatal de transformações.

De acordo com o autor, essas modificações podem ser definidas em quatro tipos: pelo aumento (acréscimo de um fonema), pela supressão (perda de um fonema), por transposição (quando o fonema troca de posição) e por transformação (quando o fonema se transforma em outro).

Para entendermos melhor como ocorre cada um desses processos, trouxemos abaixo uma tabela que exemplifica todas as situações em que ocorrem os metaplasmos, nos concentrando principalmente nos processos de transformação, que são os mais utilizados nas variantes linguísticas.

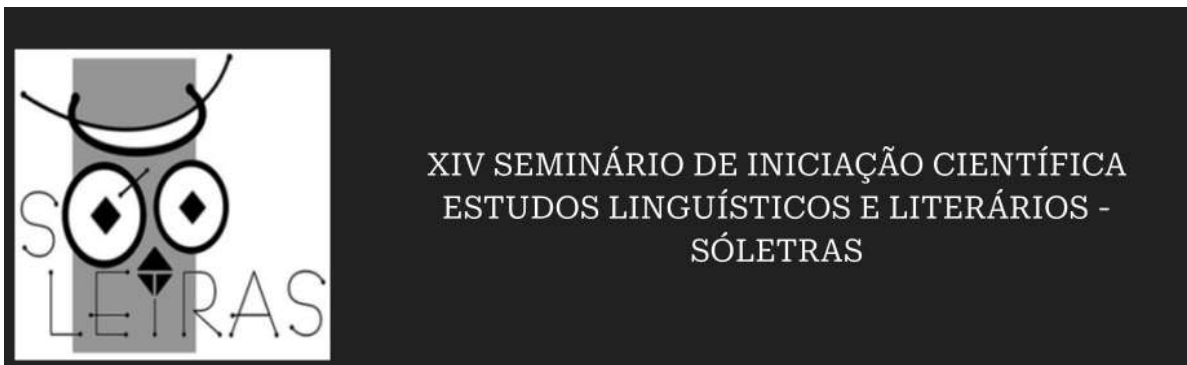


XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

METAPLASMOS		DEFINIÇÃO	EXEMPLO
METAPLASMOS POR AUMENTO	Prótese	Acréscimo de fonema(s) no início do vocábulo	Spiritu > espírito
	Epêntese	Acréscimo de fonema(s) no interior do vocábulo	stella > estrela
	Paragoge	Acréscimo de fonema(s) no final do vocábulo	ante > antes
METAPLASMOS POR SUPRESSÃO	Aférese	Supressão de fonema(s) em início do vocábulo	episcopu > bispo
	Síncope	Supressão de fonema(s) no interior do vocábulo	legenda > lenda
	Haplologia	Supressão da 1ª de 2 sílabas sucessivas iniciadas pela mesma consoante	bondadoso > bondoso
	Apócope	Supressão de fonema(s) no final do vocábulo	mare > mar
	Crase	Fusão de duas vogais iguais numa só.	colore > coor > cor
METAPLASMOS POR TRANSPOSIÇÃO	Metátese	Transposição de fonema(s) dentro da mesma sílaba	semper > sempre
	Hipêrtese	Transposição de fonema(s) de uma sílaba para outra	fenestra > festra > fresta
	Híperbibasmo (Sístole)	Recoo não de um fonema, mas do acento tônico	pantanu > pântano
	Híperbibasmo (Diástole)	Avanço não de um fonema, mas do acento tônico	límite > limite
METAPLASMOS POR TRANSFORMAÇÃO	Vocalização	Transformação de uma consoante em vogal	nocte > noite
	Consonantização	Transformação de uma vogal em consoante	iesus > Jesus
	Nasalização	Passagem de um fonema oral a fonema nasal	bonu > bom
	Desnasalização	Passagem de um fonema nasal a fonema vocálico	luna > lúa > lua
	Assimilação (Total)	Transformação de fonema em outro que seja igual na mesma palavra	persona > pessoa
	Assimilação (Parcial)	Transformação de fonema em outro que seja semelhante na mesma palavra	lacte > laite > leite
	Assimilação (Progressiva)	Quando o fonema assimilador se encontra antes do fonema assimilado	nostro > nosso
	Assimilação (Regressiva)	Quando o fonema assimilador se encontra depois do fonema assimilado	ipsa > essa
	Dissimilação	Diferenciação entre dois fonemas iguais	rotundu > rodondo > > redondo
	Sonorização	Transformação de uma consoante surda à sua homóloga sonora	lupu > lobo aqua > água
	Palatalização	Transformação de um ou mais fonemas numa palatal	seniore > senhor pluvia > chuva
	Assibilação	Transformação de um ou mais fonemas numa sibilante	capitla > cabeça judiclu > juízo
	Ditongação	Transformação de um hiato, ou de uma vogal, a ditongo	arena > areia > areia
	Monotongação (Redução)	Transformação/redução de um ditongo a vogal	aurícula > orelha
	Apofonia	Mudança do timbre de uma vogal por influência de um prefixo	sub + jactu > sujeito
	Metafonia	Mudança de timbre de uma vogal tónica por influência de outra vogal	debita > dívida

Fonte: Gramática Histórica – Coutinho (1976)

Ao entendermos que a língua não é uma entidade estável e imutável, e sim algo que muda conforme o tempo, a sociedade e a necessidade das pessoas que a utilizam,



conseguimos compreender como as variações linguísticas surgiram e qual o papel delas na sociedade.

Afinal, elas não servem apenas para representar uma forma de comunicação, e sim fazem parte da vida das pessoas, trazendo contribuições valiosas para a música, a arte e a cultura de forma geral, gerando impactos positivos na língua portuguesa e nos seus falantes.

A gramática tradicional tenta nos mostrar a língua como um pacote fechado, um embrulho pronto e acabado. Mas não é assim. A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento — toda língua viva é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação. É uma fênix que de tempos em tempos renasce das próprias cinzas. É uma roseira que, quanto mais a gente vai podando, flores mais bonitas vai dando. (Bagno, 2015. p. 117)

Qual a importância das variantes linguísticas?

Em um país como o Brasil, tão grande e diverso, não seria possível esperar que todas as pessoas falassem da mesma maneira, utilizando as mesmas palavras, sem nenhuma distinção. Então surgem as variantes linguísticas que são as diversas formas de comunicação oral que utilizam o mesmo idioma como ponto de referência, mas que se diferenciam por possuírem características únicas, tornando-as parte da cultura brasileira.

Bagno (2015, p. 15) confirma isso:

Ora, a verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país (...) mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

No nosso país existem quatro (4) tipos de variantes da língua portuguesa, que são influenciadas por fatores diferentes, como por exemplo a região em que é falada e quem são os seus falantes. As variações linguísticas são classificadas com base em critérios específicos e são denominadas de: diatópicas (geográficas), diacrônicas (históricas), diastráticas (sociais) e diafásicas (estilo).

As variações diatópicas ou regionalistas se referem ao lugar em que é falada. Cada região possui sua própria singularidade, que se manifesta de diversas maneiras, desde o modo de vestir até o jeito de falar determinadas palavras, como exemplo podemos citar a mandioca, que dependendo da região também é conhecida como aipim e macaxeira. Já as variações diacrônicas, são justamente todas as mudanças que ocorrem nas palavras ao longo do tempo, podemos utilizar como modelo o pronome de tratamento “vossa mercê” que após muitas transformações se tornou “você”.

As variações diastráticas são determinadas pelo grupo social a qual o falante pertence, ou seja, a classe social, econômica, a idade, o nível de escolaridade e até a profissão, acabam influenciando na maneira das pessoas se comunicarem. Desse modo, uma única palavra pode ter significados diferentes para cada grupo. Já as variações diafásicas remetem ao contexto em que são utilizadas, podendo ser mais formal ou informal. Uma pessoa em uma entrevista de emprego, não se expressa do mesmo modo que em um encontro com a família ou amigos, pois cada situação exige uma interação social diferente.

Infelizmente, no Brasil, por causa da enorme desigualdade social e econômica, a maior parte das pessoas não possui um alto grau de instrução e muitas vezes são obrigadas a abandonarem o estudo ou a deixá-lo em segundo plano, o que acaba fazendo com que elas sejam as mais afetadas pelas injustiças sociais, e por causa disso, as variações linguísticas que fazem parte das regiões menos privilegiadas do país acabam sendo os maiores alvos do preconceito linguístico, que não as considera como parte relevante da língua.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Por que o preconceito linguístico existe?

Para explicar esse tema é necessário primeiro entender o conceito da palavra preconceito, que vem do latim (*prae conceptus*) e significa ter uma opinião formada sobre algo ou alguém que não conhecemos. Geralmente, ele acontece quando um indivíduo se julga superior à outra pessoa por algum motivo, e age de maneira hostil e intolerante, discriminando e excluindo o que considera diferente dele.

Existem muitos tipos de preconceito, mas neste trabalho levaremos em consideração aquele que é destinado aos falantes de algumas variações linguísticas. Normalmente, grupos sociais formados por pessoas com alto poder aquisitivo e prestígio costumam pensar que existe apenas um modo correto de falar e tudo que foge a esse padrão é considerado inferior.

Bagno (2015) explica que isso ocorre porque as pessoas tendem a acreditar que a gramática normativa e a variante culta ensinadas na escola são o modelo que deve ser seguido por todos, independente da situação. Para o autor, isso é um mito que deve ser extinguido imediatamente do ambiente escolar, pois apenas prejudica a formação dos alunos, que influenciados por esse pensamento passam a ter a sensação de que o português é muito difícil e que eles nunca irão aprender a falar “certo”. Infelizmente, o preconceito linguístico é algo enraizado e amplamente difundido na nossa sociedade.

Bagno (2015, p. 13) esclarece isso:

(...) O que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Podemos nos questionar então, como essa questão pode ser resolvida, já que é preciso sim ensinar a norma culta da língua portuguesa aos alunos, para que eles sejam capazes de escrever de forma adequada, mas ao mesmo tempo não devemos subestimar nenhuma variação linguística, considerando-a errada. Para resolver esse dilema, o autor propõe que os professores deixem claro aos alunos a importância de se escrever dentro das normas gramaticais, mas que não imponham regras na hora deles falarem o idioma.

Bagno (2015, p. 52) explica isso da seguinte forma:

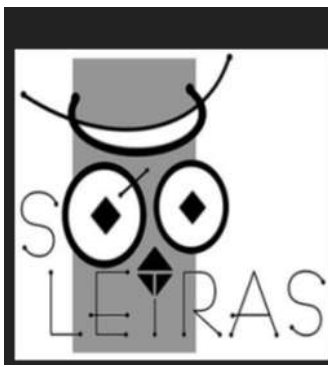
É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma. Seria mais justo e democrático dizer ao aluno que ele pode dizer bunito ou bonito, mas que só pode escrever bonito, porque é necessária uma ortografia única para toda a língua, para que todos possam ler e compreender o que está escrito.

Dessa maneira, o papel do professor é guiar o aluno durante o processo de aprendizagem, fazendo-o entender que a gramática é uma parte importante da sua formação, e que será necessária durante a sua vida, mas que isso não significa que ele precise desprezar ou esquecer o conhecimento informal que adquiriu com sua família e comunidade.

Como as HQs podem auxiliar o professor nesse processo?

Antes de responder essa pergunta vamos compreender o que são as Histórias em Quadrinhos, popularmente chamadas de HQs. Elas são um dos onze (11) tipos de arte presentes no mundo, sendo muito apreciadas pelo público jovem, pois são uma maneira despojada e divertida de contar histórias, seus autores utilizam desenhos e textos em sequência, normalmente na horizontal para narrar suas histórias. A primeira HQ foi

- 807 -



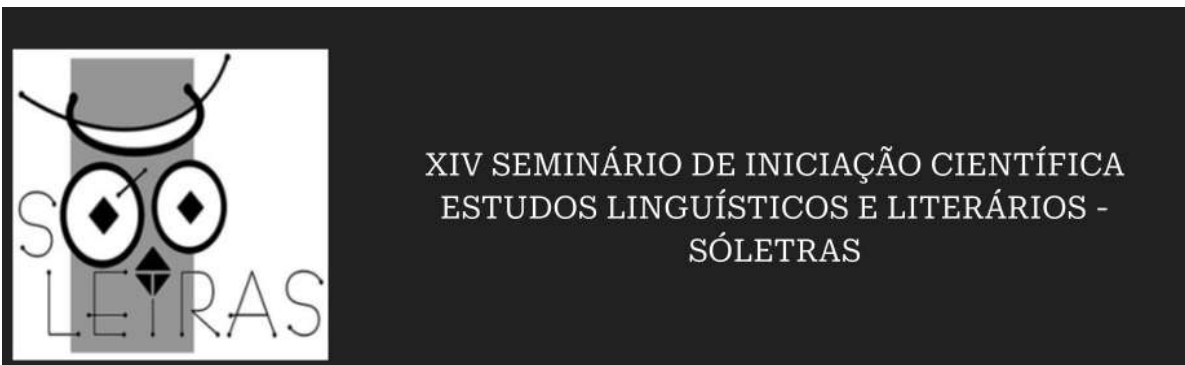
XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

publicada nos EUA em 1984, pelo autor Richard Outcault em uma revista chamada Truth, e a intitulou de “The Yellow Kid”. As Histórias em quadrinhos foram muito influenciadas pelas pinturas do século XIV, presentes nas igrejas católicas que narravam a via-sacra. Com o passar do tempo, elas se tornam muito populares e conquistam crianças e adolescentes ao redor do mundo.

Podemos nos questionar, então, como elas podem ser utilizadas como ferramentas de ensino? Para responder a essa dúvida, precisamos reconhecer o papel significativo que elas podem desempenhar no desenvolvimento das crianças e dos adolescentes devido ao estímulo à leitura, pois combinam elementos verbais e visuais, como desenhos tornando a leitura mais atrativa e prazerosa. As HQs também são uma fonte inesgotável de criatividade e encorajam os alunos a pensarem de forma mais visual e a explorarem narrativas não convencionais. Para Silva (2013, p.213) “As histórias em quadrinhos, além de distrair os alunos de todas as idades, envolvendo-os em uma atividade prazerosa, também têm muito a nos oferecer”.

No Brasil, um grande autor de HQs é o Maurício de Sousa, criador das histórias da Turma da Mônica, do Chico Bento e de outros personagens famosos. Em suas criações, o autor costuma reproduzir na fala dos personagens, o português mais informal, que é usado pelos brasileiros no cotidiano. A partir disso, podemos encontrar em suas histórias vários metaplasmos e gírias, que servem para imitar a fala das pessoas e torná-las mais realistas.

A HQ que analisamos “Chico Bento em: A menina da lagoa” reproduz uma variação linguística regionalista, na qual seus falantes são consideradas pessoas caipiras por não falarem de forma culta o português. Justamente, por representar a diversidade linguística e cultural que existe em nosso país, as histórias em quadrinhos se tornam um excelente instrumento de ensino, já que ajudam os alunos a entenderem que cada pessoa possui uma particularidade que a torna única, e que ela não deve ser julgada por isso. Ao trazer essas



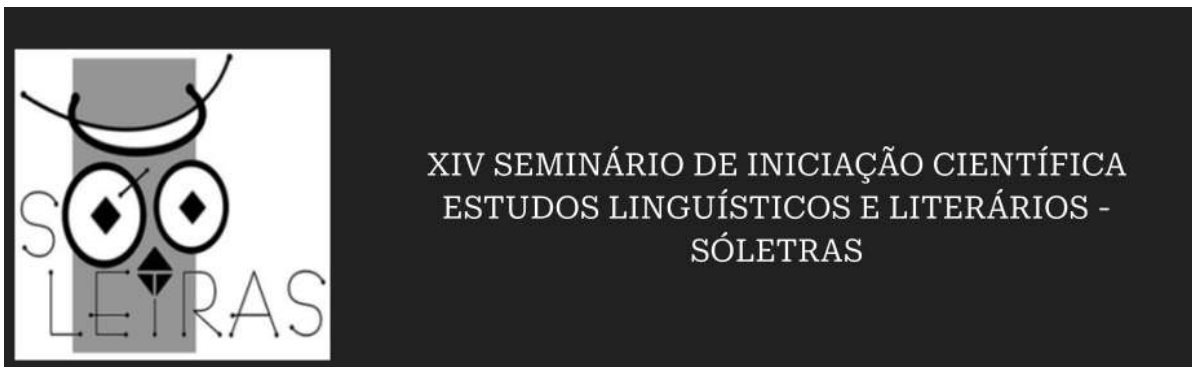
discussões para a sala de aula, o professor consegue criar um ambiente inclusivo, que demonstra respeito e empatia com as diversas experiências e que não transforma as diferenças em barreiras.

Metodologia

A metodologia de um artigo científico se refere aos métodos utilizados pelo pesquisador para a realização da pesquisa. Desse modo, pode-se considerar que a metodologia é “a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda ação desenvolvida no método (caminho) do trabalho de pesquisa” (Kauark; Manhães; Medeiros, 2010, p.53).

Primeiramente, durante a pesquisa foi feito um levantamento de informações sobre os metaplasmos na língua portuguesa em livros e artigos, em seguida, foi definido o problema de pesquisa “Os metaplasmos nas hqs e o preconceito linguístico na língua portuguesa”. A partir disso, escolhemos o nosso objeto de estudo, a HQ “Chico Bento em: A menina da lagoa”, que faz uso de diversos metaplasmos para transmitir a fala das pessoas que utilizam a variante regionalista para a linguagem escrita.

Realizada essa escolha, a pesquisa passou a ser qualitativa e quantitativa, nas quais os dados foram obtidos após a leitura da história em quadrinhos. Em seguida, foi feito um gráfico retratando todos os metaplasmos que apareceram na HQ e quantas vezes foram utilizados durante a história. A coleta desses dados é importante para dar mais embasamento à pesquisa e para demonstrar quais transformações são mais comuns na fala das pessoas que vivem no campo. Com os resultados, buscamos interpretá-los e relacioná-los com um assunto muito importante e que deve ser discutido, o preconceito linguístico que ocorre em muitas regiões do Brasil.



Resultados e Discussão

Como citamos anteriormente, as HQs podem ser um instrumento importante no ensino, onde o professor pode usá-las na alfabetização, interpretação, gramática, mas, principalmente no incentivo à leitura e na conscientização sobre as diferenças culturais e linguísticas que existem no Brasil. Em “Chico Bento em: A Menina da Lagoa”, o autor retrata bem esse pensamento de inclusão da língua portuguesa falada corriqueiramente por pessoas simples.

Por exemplo, se a levarmos para sala de aula, e analisarmos as falas do personagem principal, Chico Bento, perceberemos como elas são ricas em metaplasmos, e com isso poderíamos ajudar os alunos a compreenderem melhor esse assunto. Segue um gráfico com os metaplasmos mais encontrados nessa HQ:



Fonte: Elaborado pelos autores



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Ao analisarmos minuciosamente a história constatamos que a assimilação e o rotacismo foram os metaplasmos mais recorrentes dessa HQ, evidentemente, pois trata-se da retratação de pessoas que utilizam uma variante regionalista.

Por exemplo: eles assimilam o “que” como “qui”, o “de” como “di” e trocam o L pelo R (rotacismo) em “último” por “úrtime”, “palmo” por “parmo”. Como podemos observar nesse trecho tirado do quadrinho:



Fonte: História em Quadrinhos. Chico Bento em: A menina da lagoa, p. 3.

Seguindo nossa análise encontramos também Apócope, Aférese e Síncope: Supressão de fonema(s) no final do vocábulo, supressão de fonema(s) em início de vocábulo e supressão de fonema(s) no interior de vocábulo respectivamente. Como podemos observar nesses trechos:



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS



Fonte: História em Quadrinhos. Chico Bento em : A menina da lagoa, p.5.

(V) OCÊ > Supressão no início do vocábulo (Aférese)



Fonte: História em Quadrinhos. Chico Bento em : A menina da lagoa, p. 4.

BANCÁ (R) > Supressão no final do vocábulo (Apócope)



Fonte: História em Quadrinhos. Chico Bento em : A menina da lagoa, p. 7.

BE (I) JADO e O (U) TRA > Supressão no interior do vocábulo (Síncope)



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Com base nessa análise que realizamos, conseguimos concluir que os metaplasmos estão intrinsecamente ligados a contextos sociais, geográficos e que são transformações geradas pelo tempo e pelas pessoas. Dessa forma, podemos considerar que o surgimento das variantes linguísticas foi um processo natural e que o seu uso é algo completamente normal e adequado, pois elas apenas enriquecem a cultura e a língua do nosso país.

Logo, é preciso desmistificar o preconceito enraizado que ainda existe em relação a elas, e para isso é fundamental ensinar os nossos alunos a respeitarem as variantes linguísticas e a entenderem as diferenças culturais que existem dentro do Brasil, pois não existe só uma maneira correta de se falar o português e sim, que cada lugar possui suas particularidades que influenciam na comunicação e devem ser respeitadas por todos nós.

Considerações finais

Com essa pesquisa, chegamos a conclusão que o ensino da língua portuguesa não pode se resumir em uma gramática engessada e que na sala de aula o professor deve valorizar o conhecimento prévio que os alunos trazem de suas vivências do meio familiar, pois esse aprendizado é transversal ao ambiente escolar e perpassa a vida cotidiana dos alunos. Afinal, eles já vêm se comunicando entre seus pares para o contexto escolar, tornando o grande desafio dos professores, ensinar a gramática e a norma culta, sem desvalorizar os modos subjetivos de cada ser humano em processo de construção.

Para motivar o engajamento dos alunos na leitura e a valorização da variação linguística como forma de comunicação sem preconceito, incentivamos o uso de Histórias em Quadrinhos (HQs) dentro da sala de aula, como um mecanismo de atrair atenção dos estudantes, além de promover discussões que geram conhecimento, respeito e empatia em relação às diferenças culturais que existem entre os brasileiros.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Referências

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 40° ed. São Paulo. Editora: Saraiva, 1995.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 56°ed. São Paulo. Editora: Parábola Editorial, 2015.

BOTELHO, José Mario; LEITTE, Isabelle Lins. *Metaplasmos contemporâneos: um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da língua portuguesa*. São Gonçalo, 2005.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 7°ed. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico, 1976.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. *Metodologia da pesquisa: Um guia prático*. Itabuna, Bahia. Editora: Via Litterarum, 2010.

MARTIN, Robert. *Para entender a linguística: epistemologia elementar de uma disciplina*. São Paulo; Editora Parábola, 2003.

SILVA, Rita do Carmo Pollida. *A sociolinguística e língua materna*. Curitiba. InterSaberes, 2013.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**METAPLASMOS NO FILME CENTRAL DO BRASIL: UMA EXPLORAÇÃO
LINGUÍSTICA**

Stefane Luciana de Carvalho (G-CLCA-UENP/CJ)
Bruna Cláudia Lauriano da Silva (G-CLCA-UENP/CJ)
Rebeca Caroline Golfeto (G-CLCA-UENP/CJ)
Luiz Antonio Xavier Dias (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar os metaplasmos presentes no filme "Central do Brasil," dirigido por Walter Salles e relacionar como o protagonismo do nordeste em filmes contribuem para combater o preconceito linguístico. Como objeto de estudo, escolhemos o filme "Central do Brasil", em especial a primeira cena do longa, na qual em poucos minutos vemos uma variedade de pessoas de locais diferentes do Nordeste, cada qual com seu dialeto e sotaque. Para o desenvolvimento dessa pesquisa, separamos quais metaplasmos são os mais usados e suas origens.

Palavras- chaves: Metaplasmos; Filme, Preconceito linguístico, Língua, Diversidade

Introdução

Este artigo busca explicar a ocorrência dos metaplasmos em filmes brasileiros e sua importância para mostrar os diferentes regionalismos. Por essa razão escolhemos o filme "Central do Brasil", que se passa no nordeste do Brasil, lugar alvo de preconceito linguístico por ser uma das regiões mais pobres do país e o nordestino é frequentemente mostrado na como inculto, grosso e como o alívio cômico das obras. Nossa pesquisa tem a intenção de explorar o uso autêntico da linguagem coloquial e regional para enriquecer a caracterização dos personagens nordestinos, mostrando nas telas a forma como o povo brasileiro fala.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O que são os metaplasmos?

Os metaplasmos são alterações fonéticas que ocorreram durante o processo de transformação do latim para o português ao longo do tempo. O seu estudo nos permite compreender todo o processo evolutivo que a língua portuguesa passou desde a sua origem até os tempos atuais. (Mattoso, 1979) afirma que a língua está em constante transformação, é um mecanismo vivo, orgânico, que os homens usam para a comunicação. e como tudo que é orgânico, muda, cresce, amadurece, evolui. A língua não seria uma exceção.

Os metaplasmos ocorrem por: Aumento; Supressão; Transposição; Transformação.

a) Por aumento: São os que adicionam fonemas à palavra, temos nessa classe:

- Prótese: acréscimo de fonemas no início do vocábulo;
- Epêntese: acréscimo de fonemas no interior do vocábulo;
- Paragoge: acréscimo de fonemas no final do vocábulo;

b) Por supressão: São os que tiram ou diminuem fonemas à palavra. São eles:

- Aférese: Supressão no início da palavra;
- Síncope: Supressão de fonemas no meio da palavra;
- Haplologia: Supressão da 1ª de duas sílabas iniciadas pela mesma consoante.
- Apócope: Supressão de fonemas no final do vocábulo;
- Crase: Fusão de duas vogais em uma só.

c) Por transposição: São os que consistem na deslocação de fonema ou de acento tônico da palavra:

- Metátese: Transposição de um fonema dentro da mesma sílaba;
- Hipérese: Transposição de um fonema de uma sílaba para outra;



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

- Hiperbatismo (Sístole): Recuo de um acento tônico;
 - Hiperbatismo (Diástole): Avanço de um acento tônico.
- d) Por transformação: eles ocorrem quando um fonema de um vocábulo se transforma:
- Vocalização: Transformação de uma consoante em vogal;
 - Consonantização: Transformação de uma vogal em consoante;
 - Nasalização: Passagem de um fonema oral para um fonema nasal;
 - Desnalização: Passagem de um fonema nasal para um vocálico;
 - Dissimilação: Diferenciação de dois fonemas iguais;
 - Sonorização: Transformação de uma consoante surda à sua homóloga sonora;
 - Palatalização: transformação de um ou mais fonemas em uma palatal;
 - Assibilação: Transformação de um fonema em uma sibilante;
 - Ditongação: Transformação de um hiato ou de uma vogal em ditongo;
 - Monotongação(redução): Transformação de um ditongo a uma vogal;
 - Apofonia: Mudança no timbre de uma vogal por causa de um prefixo;
 - Metafonia: Mudança no timbre de uma vogal tônica por influencia de outra vogal;
 - Assimilação: Pode ser separada em assimilação total; parcial; progressiva; regressiva.

De acordo com (Coutinho, 1979) as modificações linguísticas são coletivas, pois quando diferentes do usado em determinado meio, a tendência é repudiar. A partir dessa ideia, podemos relacionar como os sotaques da região Sudeste e Sul (centros mais populosos) são vistos como “corretos” ou até como o sotaque brasileiro para estrangeiros e os sotaques do Norte e Nordeste (regiões menos habitadas) são vistos como “errados”.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

De onde vêm o preconceito linguístico?

A característica mais evidente do sotaque nordestino é a rapidez da fala e em muitos momentos acontecem contrações de palavras como “Oxente”. Originalmente “Olha gente!”, sofre alterações até termos este caminho: “Olha gente!” → “Oxente” → “Oxi”.

Comparando com outras localidades do Brasil, gera um certo “estranhamento” que se revela em piadas e comentários maldosos. O preconceito linguístico nasce da crença de que existe uma língua portuguesa correta, única e digna de ser ensinada, como no exemplo citado anteriormente. Com isso, para Bagno (1999), qualquer manifestação linguística que saia dessa trilha escola-gramática-dicionário é considerada errada ou feia.

O autor ainda discorre em sua obra “Preconceito Linguístico” que o preconceito deriva de uma construção econômica e intelectual que considera como “erro” aqueles que não tem acesso à educação.

Bagno, 1999, p.16.

Como a educação ainda é privilégio de muita pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio de uma norma culta. Assim, da mesma forma como existem milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua.

Qual a importância das variantes linguísticas?

Em um país como o Brasil, tão grande e diverso, não seria possível esperar que todas as pessoas falassem da mesma maneira, utilizando as mesmas palavras, sem nenhuma distinção. Então surgem as variantes linguísticas que são as diversas formas de comunicação oral que utilizam o mesmo idioma como ponto de referência, mas que se diferenciam por



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

possuírem características únicas, tornando-as parte da cultura brasileira.

Os Parâmetros curriculares nacionais, publicados pelo Ministério da Educação e do Desporto em 1998, podemos ler que:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...] A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua.

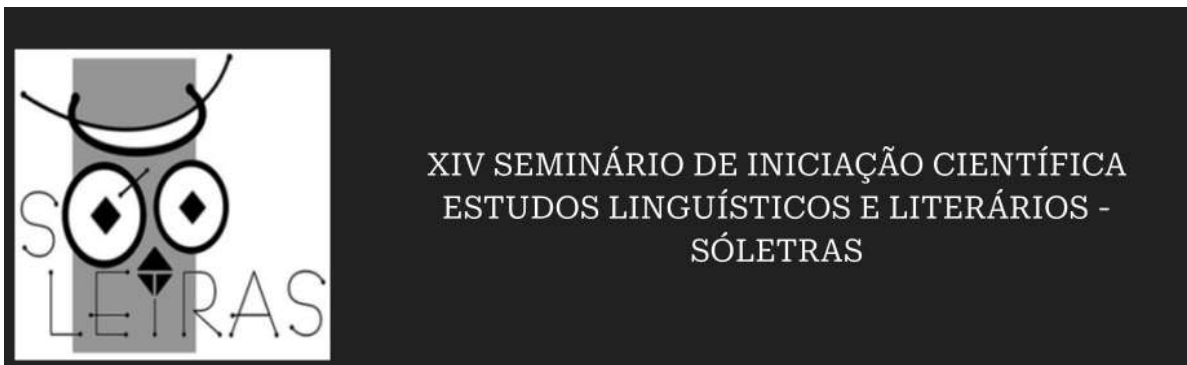
Recentemente, esse ideal saiu dos congressos e se instalou em sala de aula, já que o mito de uma língua comum para todos os 214,3 milhões de brasileiros, sem levar em consideração a idade, geografia, situação socioeconômica, grau de escolarização, é extremamente prejudicial à educação. (Bagno, 1999).

Ensinar desde a alfabetização que não existe o português único, absoluto, é o primeiro passo para o fim dos preconceitos linguísticos.

Como os filmes contribuem para combater o preconceito linguístico?

As telas desempenham um grande papel de influencia na humanidade, atualmente. É por isso que falamos tanto de representação, o que o povo vê nos cinemas e na TV é o que o povo tem como normal.

A mesma coisa acontecem com regionalismos, a repetição de sotaques vistos como inferiores ou que são usados como alívios cômicos (como o nordestino) em papéis de



destaque inicia a dura batalha para eliminar o estigma de que partes do Brasil falam errado.

Segundo Bagno, 1999, p.13:

[...] preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos.

As principais propostas de filmes como ferramentas para combater o preconceito linguístico estão voltadas às crianças, com filmes como “Tainá”, “Meu pé de laranja lima”, “O menino e o mundo”, entre outras obras renomadas, porém, queremos algo voltado ao público adulto.

Resultados e discussão

Transcrição da primeira cena:

No processo de análise do filme em questão, primeiramente colocaremos as transcrições para posteriormente fazer a análise, verificando de modo quantitativo os mais recorrentes para depois, verificar o que significa essa quantificação.

PESSOA 1

Querido meu coração é seu não importa o que você tenha feito eu te amo eu te amo. Esses anos todos que você vai ficar trancado aí dentro eu também vou ficar trancada aqui fora te esperando.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

PESSOA 2

O cara que me enganou e eu quero mandar a carta pra ele. Seu Zé Amaro muito obrigado pelo que você fez comigo. Confiei em você

E você me enganou. Não tem a chave do meu apartamento e você carregou.

PESSOA 3

Jesus. Você foi a pior coisa que já me aconteceu, só escrevo porque teu filho Josué me pediu. Eu falei pra ele que você não vale nada. Mas ainda assim o menino pôs na ideia que quer te conhecer

Endereço. Jesus de Paiva, Sítio Volta da Pedra, Bom Jesus do Norte, Pernambuco

PESSOA 4

Pronto. Dalva. Dal

Meu tesão. Meu tesão? Sentir seu corpo junto ao meu? Carne se unindo naquela cama de motel. Nosso senhor se misturando? E eu ainda me sinto me, me sinto me

EMBRIAGADO.

Isso, embriagado

PESSOA 5

O endereço não sei dizendo direito não. Sei endereço não dá. Coloque assim, terceira casa, depois da padaria, mimoso, Pernambuco. Cansação, Bahia

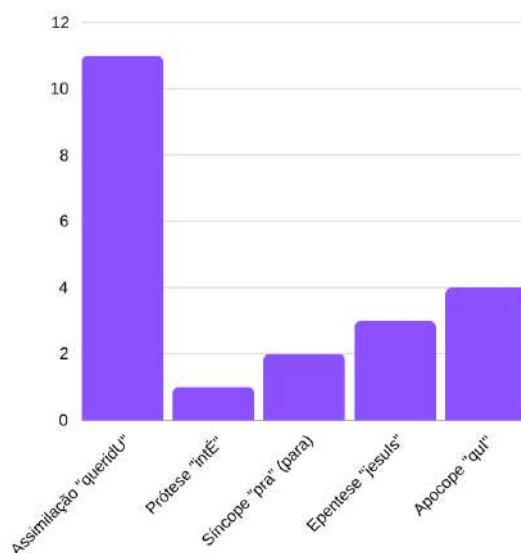
DEMAIS PESSOAS

Carangola, Minas Gerais. Município de Reiutaba, Ceará. Muzambinho, Minas Gerais



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Gráfico 1 – análise de metaplasmos recorrentes



Fonte: elaboração dos autores

Após a transcrição, verificou-se que houve um maior número de assimilação, e demais casos, descritos abaixo:

1. Assimilação:

- Exemplo: "queridU" (querido)

A assimilação fonética, como observada em expressões como "queridU," destaca-se como uma adaptação sonora que expressa a proximidade emocional entre as personagens. Essa influência de sons adjacentes reforça os laços afetivos presentes na narrativa.

2. Epentese:

- Exemplo: "jesuIs" (Jesus)

A epêntese, caracterizada pela inserção de fonemas no interior da palavra, é evidente em termos como "jesuIs." Essa adição sutil contribui para a ênfase da figura



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

religiosa no contexto do filme, enriquecendo a trama com elementos culturais e espirituais.

3. Síncope:

- Exemplo: "pra" (para)

A síncope, marcada pela omissão de fonemas no interior da palavra, é observada em construções como "pra." Essa simplificação fonética reflete a informalidade linguística presente em diálogos mais íntimos e cotidianos.

4. Apócope:

- Exemplo: "quI" (quero)

A apócope, que representa a omissão de fonemas no final da palavra, manifesta-se em termos como "quI." Essa simplificação ao final das palavras contribui para a autenticidade e espontaneidade dos diálogos.

5. Prótese:

- Exemplo: "Inté" (até)

A prótese, caracterizada pela inserção de fonemas no início da palavra, é exemplificada em expressões como "Inté." Essa adição sonora cria uma atmosfera descontraída e regional, refletindo a diversidade linguística do Brasil.

6. Metaplasmo Adicional: Hipercorreção

- Exemplo: "mininU" (menino)

No contexto do filme, observamos a hipercorreção, um fenômeno em que um falante, ao tentar corrigir um erro linguístico, acaba cometendo outro. Um exemplo seria "mininU" ao invés de "menino." Isso adiciona uma camada de realismo linguístico, destacando as variações regionais e sociais presentes na fala dos personagens.

Em conjunto, esses metaplasmos não apenas servem como elementos linguísticos fascinantes, mas também desempenham um papel vital na construção de uma narrativa



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

autêntica que captura a diversidade cultural e linguística do Brasil. Sotaques são representações culturais de uma língua, portanto, o repúdio de um dialeto é o repúdio de uma cultura em si.

Considerações finais

Chegamos à conclusão de que a língua é algo vivo, em constante mudanças, e a educação deve acompanhar tais mudanças, principalmente quando as pessoas se recusam. A existência de uma língua única é incabível em um país como o Brasil, e precisamos dessa representatividade em todos os aspectos.

Um estudo aprofundado em um gênero discursivo tão motivador como o filme pode trazer diversos benefícios aos estudantes como: aprender melhor a própria língua portuguesa e suas origens além de conhecer um pouco mais de sua cultura, por meio de uma película reconhecida internacionalmente.

Referencias

CAMARA JR., J. Mattoso. História e Estrutura da Língua Portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 56ªed. São Paulo. Editora: Parábola Editorial, 2015.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 7ªed. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico, 1976.

CENTRAL do Brasil. Direção: Walter Salles Júnior.

SITE Oficial da Globoplay, 2024. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/>. Acesso em: 12 de novembro de 2023.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**O ASPECTO SOCIAL DA EDUCAÇÃO EM BERNARD CHARLOT E PAULO
FREIRE: RELAÇÕES COM O SABER NO AMBIENTE ESCOLAR E A QUESTÃO
DO FRACASSO ESCOLAR**

Wagner de Moraes Barboza (G-CLCA-UENP/CJ)
Fábio Antônio Gabriel (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Este artigo objetiva analisar o quanto o pensamento de Bernard Charlot e Paulo Freire auxiliam a compressão acerca do fracasso escolar mais enquanto um fenômeno social do que uma situação individual do estudante. Charlot (2014) discute sobre o fracasso escolar, o qual é visto, muitas vezes, de forma reducionista. Parte-se da premissa de que toda sociedade é responsável pelo êxito do processo educacional. A instituição escolar atua como influenciadora da sociedade e, ao mesmo tempo, é resultado do que nela ocorre. A pesquisa consiste em uma revisão/discussão bibliográfica na qual se desenvolve um diálogo entre Bernard Charlot e Paulo Freire. Ambos os autores contribuem para uma análise do fenômeno educativo, possibilitando novos olhares sobre o papel do professor. Segundo Charlot (2014), o docente não pode ser entendido nem como herói nem como vítima, pois, como entende Freire (2021, 2022), ele é o agente da esperança e da autonomia. Os resultados da pesquisa apontam que os saberes se constituem como fonte de conhecimento que vai além dos conteúdos enciclopédicos escolares e que os conhecimentos do cotidiano do estudante também são importantes para o processo de construção de saberes sobre o mundo. Além disso, objetiva-se que o educando atinja a autonomia enquanto um processo de emancipação.

Palavras-chave: Saberes. Fracasso escolar. Pedagogia da autonomia.

Introdução

Em contato com estudos de Charlot (2001), entendemos que o saber é a base dos objetivos da educação formal escolar enquanto gerenciamento de informações no meio pedagógico; no entanto, o autor vai além do conceito de conhecimentos meramente enciclopédicos. Assimilar saberes é a essência da identidade humana, principalmente da criatividade cognitiva, e caracteriza-se pela aprendizagem singular que cada indivíduo



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

conquista integralmente (relação entre o aprender e a sociedade). O objetivo da educação é a aprendizagem, com o intuito de que cada estudante prossiga nos estudos, embora surja o fracasso escolar em instituições escolares, o qual é interpretado de diversas formas.

O fracasso escolar, para Charlot (2001), não depende apenas do professor ou da escola, visto que ocorre como resultado de toda a sociedade, principalmente das desigualdades existentes. Charlot (2001) compreende o mundo didático como o meio social no qual se processa uma troca de informações pedagógicas, cotidianas, para o crescimento do aluno, como resultado da vivência com o outro, uma vez que todo ser humano precisa do envolvimento e da partilha de ideias, das relações do aprender. A educação, conforme Charlot (2001), não se circunscreve apenas no âmbito escolar, mas atinge diversas esferas, como os próprios saberes que o aluno possui e que ele traz do ambiente familiar.

O autor entende o educando como um ser social, e o contexto no qual está inserido impacta a compreensão do mundo onde ele vive, para que possa evoluir como ser humano, colocando em prática os conhecimentos que recebe em suas relações com outros seres humanos. Charlot (2001) salienta que o ciclo da aprendizagem que leva o indivíduo ao saber não é apenas intelectual, mas uma incursão na própria existência. É importante destacarmos que existe uma singularidade no processo da aprendizagem nas experiências humanas, como o diálogo, a análise, a observação e relações histórico-sociais. Esses são saberes não apenas escolares, mas perpassam toda a existência, tendo em vista que os indivíduos são seres sociais e, como tal, exercem influência sobre sua comunidade e dela recebem ensinamentos para a vida.

Freire (2021) discorre sobre o saber didático no universo da educação e coloca o educador como modelo do ensinar, dado que a presença humana traz influências que colaboram para a compreensão do ensinar e do aprender, na perspectiva de que o diálogo é necessário para o processo de evolução. De modo similar às ideias de Charlot (2001), Freire



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

(2021) nos fala que entender a vivência do outro, independentemente da sua realidade, tem grande importância para a construção do saber. O ensino ocorre no meio cultural em que o indivíduo partilha vivências reflexivas, incluindo o meio familiar antes mesmo da alfabetização. O aluno traz seus conhecimentos à sala de aula onde realiza trocas com colegas e professores, construindo um saber que explora a criatividade e reforça a interpretação de que é preciso enxergar o mundo a partir de lentes mais críticas. Segundo o autor, a essência do saber se encontra na socialização com o próximo.

Conforme Freire (2021), a educação se processa na concretude da vida do educando e não em um ideal de educação alheio à realidade do seu cotidiano. A experiência do professor filósofo como alfabetizador em Angicos (Rio Grande do Norte) contribuiu para uma alfabetização não apenas como ato formal no processo da aprendizagem, mas como um ato político, no viés de proporcionar transformações sociais na vida das pessoas.

Freire (2021) destaca-se como grande crítico da educação enciclopédica, que considera os saberes escolares como advindos exclusivamente do ambiente escolar. Para o autor, os saberes escolares privilegiam a emancipação humana e a autonomia da pessoa. Aprender a ler é muito mais do que uma leitura mecânica, pois é ser capaz de entender, inclusive politicamente, o que se lê. Assim, os saberes escolares devem se relacionar diretamente com a vida do educando, visto que não estão apartados da sua realidade.

A partir disso, para este artigo delineamos o seguinte problema de pesquisa: Quais as contribuições de Bernard Charlot e de Paulo Freire em relação à influência da sociedade no êxito e no fracasso escolar? Partimos do pressuposto de que o diálogo entre Bernard Charlot e Paulo Freire pode contribuir para pensarmos uma educação na qual, mais do que notas e aprovação, os alunos busquem conhecimentos com os quais possam transformar o mundo. Como objetivo geral, definimos: Analisar o quanto o pensamento de Bernard Charlot e Paulo Freire auxiliam a compressão acerca do fracasso escolar mais enquanto um



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

fenômeno social do que uma situação individual do estudante. Além disso, os objetivos específicos são: compreender as contribuições de Bernard Charlot para a aquisição dos saberes, superando a mentalidade de que ser aprovado se constitua como o objetivo final do processo de ensino-aprendizagem; evidenciar, com base Paulo Freire, a partir da perspectiva da pedagogia da autonomia, a noção de educação como processo de transformação da vida das pessoas, tendo em vista que a educação tem um aspecto emancipador.

Assim sendo, com base em nossa pesquisa bibliográfica, procuramos evidenciar o diálogo que existe entre a noção de saberes e fracasso escolar, de Bernard Charlot, e a pedagogia da autonomia, de Paulo Freire.

Bernard Charlot: os saberes e o fracasso escolar

A avaliação é uma temática amplamente discutida por diversos autores e muitas vezes o enfoque incide mais sobre o fracasso escolar do que sobre a promoção dos estudantes. Nesse sentido, afirmamos que a avaliação não deve atuar como estigmatizadora, mas como promotora da aprendizagem do aluno.

Embora a avaliação da aprendizagem se refira à área educacional, há experiências de avaliação em muitos setores, inseridas ou não no âmbito escolar. O ato de valorar, conforme o filósofo Friedrich Nietzsche (1978), em sua obra *Para além de bem e mal*, integra um jogo de forças que leva em conta questões do que se entende como verdadeiro, como moral. Avaliar, em última instância, refere-se a uma medida (mensuração).

Preliminarmente, enfatizamos que a avaliação deve privilegiar a necessidade de se detectar falhas no aprendizado do estudante e corrigi-las para o aprimoramento do ensino; nessa perspectiva, está voltada mais para uma proposta de retorno ao conteúdo não aprendido do que para rotulação do aluno. No âmbito não apenas educacional, é reprovável a medida de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

se avaliar para rotular, porque os rótulos sempre provocam uma visão equivocada das pessoas. Perrenoud (1999, p. 11) aponta: “A avaliação é tradicionalmente associada, na escola, à criação de hierarquias de excelência. Os alunos são comparados e depois classificados em virtude de uma norma de excelência, definida em absoluto ou encarnada pelo professor e pelos melhores alunos”.

Em retrospectiva histórica, Dias Sobrinho (2002) destaca que, há milênios, tanto chineses quanto gregos utilizavam critérios para selecionar indivíduos para determinadas atividades. Sócrates, por sua vez, na Grécia, inovou quando propôs o autoconhecimento como forma de avaliação. A proposta de Sócrates é válida até hoje principalmente por vivermos em um cenário neoliberal, visto que precisamos nos conhecer e sermos autônomos, nos avaliar com base na avaliação de outrem, mas sem deixarmos que parâmetros heterônomos nos rotulem e nos depreciem.

Para uma definição de avaliação de aprendizagem, segundo Libâneo (1992, p. 196), podemos dizer que é “[...] o componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos e, daí, orientar a tomada de decisões em relação às atividades didáticas”.

No contexto medieval, muito embora a literatura sobre avaliação não aponte para essa questão, a catequese parece-nos ter influenciado o modo que se consagrou, inicialmente, a forma de avaliação como exame. Isso porque, principalmente a partir do Concílio de Trento, privilegiou-se a memorização dos dogmas da fé cristã (no caso católica), enfatizando a repetição, e os catequistas (geralmente clérigos) exigiam dos catequizandos a recitação oral dos dogmas da fé.

Na Idade Média, tal entendimento foi expresso na criação das universidades, no que diz respeito ao exame que os alunos eram submetidos para concluir o bacharelado. Um



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

salto histórico ocorreu no advento do Iluminismo com o filósofo Kant, que entendeu a importância de o ser humano ser senhor de si mesmo, segundo a máxima “*Sapere aude*” (Ouse pensar por si mesmo); entretanto, no processo de avaliação das instituições de ensino, manteve-se a dimensão do exame. A visão do exame se consagrou no século XVI e início do século XVII. A *Ratio Studiorum*, documento pedagógico dos jesuítas que Demerval Saviani (2007), em sua obra *História das ideias pedagógicas*, afirma que teve muita influência na pedagogia brasileira até os dias atuais, apesar de o marquês de Pombal ter expulsado os jesuítas em determinado período histórico da educação brasileira. A *Ratio Studiorum* dos jesuítas estabelecia padrões rígidos e formais de avaliação, mais como modelo de exame do que como processo de ensino-aprendizagem.

A pedagogia de John Amós Comênio, com seu ideal de “ensinar tudo a todos”, tinha como meta, entre outros objetivos, uma prática de ensino mais voltada à didática. Embora defendesse o fim dos castigos físicos para os alunos que não demonstrassem aprendizado, incentivava o medo mediante a violência psicológica como motivação para que os alunos estudassem para os exames (Luckesi, 2014).

Conforme Luckesi (2014, p. 170), o termo “avaliação da aprendizagem”, em 1930, foi criado por Ralph Tyler (jovem educador norte-americano), que entendeu que “[...] a avaliação poderia e deveria subsidiar um modo eficiente de fazer o ensino” (Luckesi, 2014, p. 170). No contexto do Brasil, Luckesi (2014) aponta que a ideia de avaliação da aprendizagem chegou no final dos anos de 1960. A Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, usou o termo “avaliação do aproveitamento escolar” (Brasil, 1971), mas somente com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, assumiu-se a terminologia “avaliação” (Brasil, 1996). Assim, a avaliação da aprendizagem superou a visão de exame e passou ser mais diagnóstica, inclusiva e não segregadora.

Contudo, é inevitável que ocorram reprovações, o que concretiza a situação da



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

aprendizagem que Bernard Charlot denomina de “fracasso escolar”, que está intrinsecamente ligado à falta de reconhecimento e de valorização dos saberes dos alunos. O estudioso em referência defende que a escola deve adotar uma abordagem mais aberta e inclusiva, ao integrar os saberes dos alunos à prática pedagógica, a fim de promover o sucesso educacional. Charlot (2014, p. 42) afirma:

As pesquisas sobre a relação com o saber podem, da mesma forma, se definir relativamente aos próprios saberes (ou às atividades, formas relacionais etc., que o sujeito deve aprender a dominar). Como entrar em tal disciplina, dominar tal forma de pensamento, de atividade ou de relação, compreender tal conceito, etc.? São as relações com os saberes (ou com os “aprenderes”) que são privilegiadas pela pesquisa, as relações com saberes considerados em suas especificidades epistemológicas, cognitivas e didáticas. Tais pesquisas poderiam ser preciosas para aprofundar a questão da relação com o saber. De fato, se os princípios da especificidade dos objetos de saber e da normatividade das atividades que permitem a um sujeito apropriar-se deles foram postos, as pesquisas até agora não avançaram muito.

Desse modo, para Charlot (2014), devem ser considerados os valores do cotidiano dos alunos, que correspondem às suas experiências epistemológicas. Para o autor, o saber não é algo apenas cognitivo, mas relaciona-se com o social no qual está envolvido. Charlot (2014) entende que o estudante distorce e confunde o aprender e as virtudes do saber quando traz, momentaneamente, a conquista de recordes numéricos (algo singelo e significativo na realidade) para mostrar o seu resultado apenas com uma nota, ignorando o real conhecimento que deve fazer parte da sua aprendizagem. Nessa perspectiva, o saber não acontece, pois ingerir informações para transparecer no cotidiano pedagógico um “saber” ilusório, sem criatividade.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Os saberes dos estudantes, que são formas de conhecimento, experiências e culturas adquiridas fora do ambiente escolar, muitas vezes, não são reconhecidos nem valorizados pela escola. Isso cria uma tensão entre os saberes que os alunos trazem consigo e os saberes esperados e ensinados na escola.

Charlot (2014) argumenta que o fracasso escolar não pode ser atribuído exclusivamente ao desempenho individual dos alunos, mas deve ser entendido como um fenômeno social e cultural mais amplo. O autor elenca que, no universo pedagógico/educacional, os alunos podem fracassar ao privilegiar virtudes duvidosas ou a ruptura do sistema social do mercado de trabalho em que se encontram. Entretanto, no caminho metrológico da vida (adolescência à vida adulta), podem sofrer a pressão da classe social, a qual os instiga a privilegiar o trabalho em vez de entender a singularidade do conhecimento científico e superior, e acabam cedendo por necessidade de recursos financeiros. À escola cumpriria a tarefa de formar para a autonomia.

Há diferenças na qualidade de ensino na escola pública e particular, sobretudo devido aos recursos investidos na infraestrutura escolar. Ademais, a formação particular oferece uma educação mais aprimorada, e a classe dos trabalhadores encontra uma série de deficiências na aquisição do conhecimento. Charlot (2014) defende a existência de cursos de autoavaliação para os professores da escola pública acerca dos problemas que enfrentam, o que pode evitar situações que não promovem a aprendizagem dos alunos e oferecer inovações tecnológicas dentro e fora das aulas, por exemplo, a fim de que o multiletramento seja o método para solucionar a diversidade educacional.

Charlot (2014) problematiza sobre a qualidade do ensino ao questionar-se: O que seria essa qualidade senão ensinar o aluno a conquistar a própria autonomia e desenvolver a criatividade? Apesar de haver esse objetivo como ponto crucial para o ensino, em um período em que as tendências para o capitalismo se destacam (como a busca de riqueza e



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

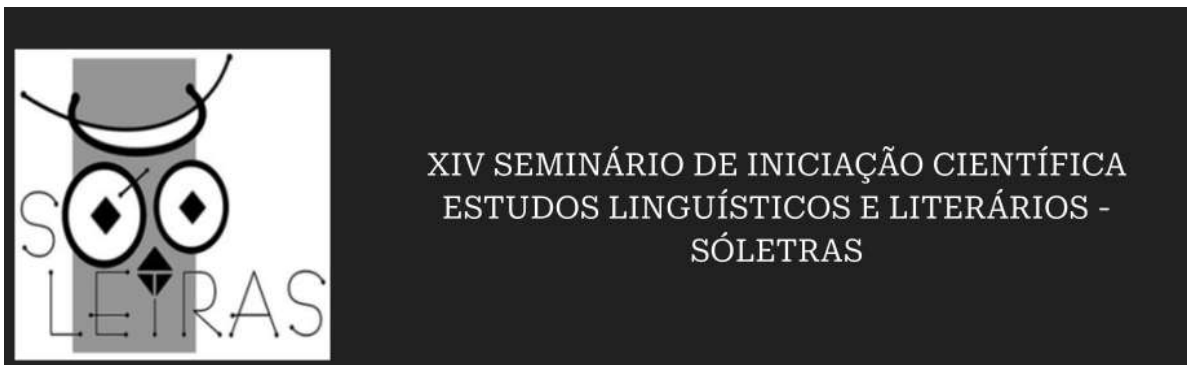
poder), pensamentos políticos poderiam exercer influências prematuras sobre o indivíduo, impedindo que o processo da educação transcorresse naturalmente, ao modificar e transformar a proposta de transmissão de informações. A educação, quando privilegia o capitalismo, mostra deficiências durante a sua execução pela forma como se desrespeita o processo de um ensino que exige tempo – tempo para permitir que o aluno assimile conhecimentos e se torne um cidadão participante na comunidade em que vive.

A matriz do fracasso escolar se situa justamente na falta do entendimento das virtudes do estudo, da forma de agir, pensar e contemplar a natureza. O estudo, para a grande parte dos alunos da classe trabalhadora, não tem como objetivo contemplar, analisar e empregar o que se estuda no cotidiano, mas destacar o mérito de exhibir uma vida estável no meio social. Charlot (2014) fundamenta suas teorias com base nos estudantes brasileiros da periferia de bairros populares, que apontam a ida para a escola como um sacrifício, como um castigo, e não a veem como uma instituição para a conquista da sabedoria. Para essas pessoas que vivem no mercado de trabalho, suas preocupações se voltam para a luta pela sobrevivência. Acerca dessa problemática, Charlot (2014, p. 66) afirma:

O quarto processo trata dos alunos que, de tão afastados da escola, poderíamos dizer que nunca entraram nela, no sentido simbólico do termo. Estiveram fisicamente presentes, se matricularam, mas, na verdade, nunca entraram nas lógicas simbólicas da escola. Pesquisadores, chefes de administração, entre outros, estão falando de abandono. Mas esses alunos não estão se desligando porque nunca estiveram ligados, não estão abandonando porque nunca entraram de fato na escola. Deve-se prestar atenção aos termos dos questionamentos. Não são crianças que estão abandonando a escola, são crianças que estão desistindo de entrar nela. Não são iguais às práticas a ser desenvolvidas quando se pensa que o aluno está abandonando, ou quando se pensa que ele nunca entrou na escola.

O fracasso escolar, desse modo, situa-se na ausência de empatia da escola com os

- 833 -



alunos, os quais abandonam aquilo que nem começou, pois não foram ensinados a criar e buscar, mas a copiar, a ingerir sem entender a essência do que é estudado. Charlot (2014, p. 67) destaca: “Se vocês quiserem que os alunos fracassem, o melhor jeito é fazê-los memorizar coisas que não entendem”.

Para complementar as reflexões de Charlot (2014), trazemos Hoffmann (2002), que propõe metodologicamente a avaliação como mediação e com a intencionalidade de contribuir para que o estudante se desenvolva intelectualmente (que não coincide com a ideia de aprovação automática). Os estudos da autora giram em torno da diferença entre “avaliação classificadora” e “avaliação mediadora”. Hoffmann (2002) critica quando as avaliações da escola evidenciam apenas uma lógica de classificação. O próprio Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), o qual deve ser respeitado, promove a classificação entre as instituições educacionais. Hoffmann (2002) aponta para o fato de que avaliamos quando intervimos. Não há sentido aplicar uma avaliação se o professor não intervém posteriormente, de forma didática, para promover a aprendizagem dos alunos.

Hoffmann (2002) destaca que as práticas classificatórias apresentam elementos como: individualismo, competição, seleção; e discriminação dos malsucedidos no processo de avaliação. Por sua vez, as práticas mediadoras são interativas e partem de uma prática pedagógica reflexiva, de um projeto coletivo de mensuração de conhecimentos. Nos dizeres de Hoffmann (2022, p. 20): “Observar, compreender, explicar uma situação não é avaliá-la; essas ações são apenas uma parte do processo. Para além da investigação, da interpretação, da situação, a avaliação envolve necessariamente sua melhoria”.

Hoffmann (2002) aponta que uma avaliação proporciona a melhoria da ação pedagógica, com vistas à promoção intelectual do aluno, que muitas vezes se avalia com os olhos no passado. A avaliação, como mediação, objetiva o futuro do aluno e suas possibilidades, não suas carências. Em vez de enfatizar as provas de recuperação, Hoffmann



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

(2002) valoriza os estudos paralelos de recuperação.

Paulo Freire: diálogos com o avaliar e uma Pedagogia da Autonomia

A avaliação não deve ser um fim em si mesma, uma vez que, segundo Libâneo (1992), deve atuar como parâmetro inicial para o entendimento de que não é apenas o aluno que é avaliado, mas todo o processo de ensino-aprendizagem. A avaliação deve coexistir com um *feedback* formativo, a fim de contribuir para que o aprendiz não permaneça no erro, mas avance no conhecimento. Se pensarmos com base na noção de Vygotsky (1987), que entende que o professor deve fazer uma ponte entre o que o aluno conhece e aquilo que ele tem de potencial para conhecer, a avaliação objetiva a aprendizagem. É necessário o professor reconhecer quando o aluno não estudou, mas também assumir a responsabilidade para si mesmo quando a metodologia de ensino de determinado conteúdo puder ser modificada para o aprimoramento das relações de ensino-aprendizagem.

Nos dizeres de Marsiglia *et al.* (2017), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) não contribuiu para aumentar uma conscientização capaz de superar a visão de exames de classificação. Segundo os autores, “[...] a concepção de competências e currículo na BNCC corresponde também à expectativa do desenvolvimento de uma certa ‘capacidade’ que os alunos devem ter para responder aos famosos testes padronizados que dominam o sistema de avaliação institucional brasileiro” (Marsiglia *et al.*, 2017, p. 119).

Freire (2021) propõe uma pedagogia que respeite a aprendizagem, que promova a autonomia e a formação da população. O autor afirma que ser professor, além de ensinar, é provocar o aluno ao processo criativo de perceber o mundo com olhos iluminados pelos saberes escolares (Freire, 2021). O professor, em sala de aula, pode gerar uma atmosfera impactante quando considera a realidade dos estudantes, o que gera valorização da realidade



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

dos alunos no processo ensino-aprendizagem. Outrossim, o professor faz o aluno se pôr em estado de reflexão, bem como busca sanar suas dúvidas a fim de que se transforme em pesquisador das próprias ideias, o que traz autonomia à sua aprendizagem.

Se há uma prática exemplar como negação da experiência formadora é a que dificulta ou inibe a curiosidade do educando e, em consequência, a do educador. É que o educador que, entregue a procedimentos autoritários ou paternalistas que impedem ou dificultam o exercício da curiosidade do educando, termina por igualmente tolher sua própria curiosidade. Nenhuma curiosidade se sustenta eticamente no exercício da negação da outra curiosidade. A curiosidade dos pais que só se experimenta no sentido de saber como e onde anda a curiosidade dos filhos se burocratiza e fenece. A curiosidade que silencia a outra se nega a si mesma também. O bom clima pedagógicodemocrático é o em que o educando vai aprendendo à custa de sua prática mesma que sua curiosidade como sua liberdade deve estar sujeita a limites, mas em permanente exercício. Limites eticamente assumidos por ele. Minha curiosidade não tem o direito de invadir a privacidade do outro e expô-la aos demais. (Freire, 2021, p. 82).

De acordo com Freire (2021), negar-se a entender a criatividade do outro é fracassar enquanto docente. O fracasso está presente como nunca nas escolas, se analisarmos como os alunos, e até mesmo a sociedade, se comportam no cotidiano. Para Freire (2021), é importante entendermos que o fracasso escolar não é de um aluno em particular, mas resultado de condições sociais que o levam a fracassar nesse ambiente, o que o leva à reprovação. Quando a educação não busca a autonomia dos estudantes, formam-se seres humanos robotizados e com só um aprender: copiar, sejam os discursos ou as ideias, por falta de estímulo do meio cultural e educacional.

Ghiraldelli Jr. (2012) pontua que Paulo Freire é mais reconhecido internacionalmente do que no próprio Brasil do qual teve de exilar-se. Parece-nos oportuno, nesta pesquisa, ressaltar os estudos desse autor para pensarmos em uma educação



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

emancipadora que transforme a vida das pessoas. Freire (2021) pontua que a avaliação no ambiente escolar tem de considerar a realidade do educando e ir além do mero enciclopedismo. Para o autor, a educação é muito mais que a mera memorização de conteúdos enciclopédicos, pois objetiva a emancipação humana. A autonomia é vista por Freire (2021) como ponto central na educação, a qual não deve ser enciclopédica e bancária, como um processo em que o professor deposita conteúdos na mente do aluno e depois aplica uma avaliação para ver se ele memorizou determinado assunto, e ainda são reprovados aqueles que não reproduzem os conhecimentos que foram ofertados pelo professor.

Conforme Freire (2021), é preciso romper com essa lógica de acúmulo de conteúdos meramente enciclopédicos que não proporcionam a emancipação humana e adotar uma pedagogia que trabalhe pela conquista da autonomia. A pedagogia da autonomia de Freire (2021) é de grande importância para que o conhecimento ocorra a partir não de uma mera reprodução do que foi ensinado, mas de uma análise crítica da sociedade. Nesse sentido, é relevante buscarmos diversas formas para promover um conhecimento emancipador e não meramente a reprodução de um determinado modo de entender uma posição de mundo. Pontuamos ainda que a pedagogia da autonomia encontra suas bases no Iluminismo, que propunha que as pessoas buscassem a autonomia como critério supremo do aperfeiçoamento do ser humano pelo exercício de pensar sobre si mesmo.

Freire (2022) destaca que a educação ocorra em contexto em que os saberes do educando não sejam desprezados e a própria condição cotidiana seja considerada, o que contrapõe uma educação bancária na qual os conteúdos são propostos de maneira arbitrária pelo docente.

O diálogo pedagógico implica tanto o conteúdo ou objeto cognoscível em torno de que gira quanto a exposição sobre ele feita pelo educador ou educadora para os educandos [...]. Critiquei e continuo criticando aquele



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

tipo de relação educador-educando em que o educador se considera o exclusivo educador do educando. (Freire, 2022, p. 164).

Portanto, para Freire (2022), o aluno possui saberes e não apenas o professor, o que rompe com o entendimento de que o professor é o dono do saber. Na questão da avaliação escolar, a partir de Freire (2022), entendemos que há um enfoque muito grande nas escolas hoje em dia com relação ao processo de exame, no qual se verifica se o aluno memorizou conteúdos e não se ele intensificou sua leitura crítica de mundo.

Considerações finais

Neste artigo, buscamos realizar uma revisão/discussão bibliográfica com base nos estudos de Bernard Charlot e Paulo Freire e desenvolver um diálogo entre esses dois autores. O conceito de “saber”, de Charlot (2001), relaciona-se com o conceito de “pedagogia da autonomia”, de Freire (2021). Ambos entendem a educação como criação do ser humano, uma vez que o saber está ligado à cultura e não a um saber robotizado. Ambos apontam que o fracasso escolar pode ser uma reprodução das condições sociais de desigualdade presentes na sociedade em todos os tempos, sobretudo se vivemos em uma sociedade neoliberal.

Para Charlot (2001, 2014), o fracasso escolar não é algo apenas de um aluno, de um indivíduo, mas é o resultado de todo um construto social. Charlot (2001) direciona suas reflexões para uma posição diferente da chamada meritocracia reinante na sociedade, que divulga a narrativa de que todos que dispõem de acesso à educação são responsáveis pelo próprio sucesso ou fracasso. Assim, para Charlot (2001), a educação é um fenômeno mais social do que individual, e as avaliações em formato de exame, que podem ocasionar a reprovação do aluno, demonstram o fracasso da sociedade e não apenas da escola.

Segundo Freire (2021, 2022), a educação é propulsora da autonomia e não da mera

- 838 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

repetição de conteúdos. O enciclopedismo é a grande inspiração para uma educação bancária, a qual deve ser combatida. Para o autor, cada educando é portador de saberes que advêm de seu cotidiano. É papel da instituição escolar auxiliar o educando a ler o mundo não mecanicamente, mas lê-lo de maneira a reconhecê-lo com novas visões, inclusive políticas. A educação deve caminhar para um processo de emancipação dos sujeitos, no qual deixem a heteronomia e busquem a autonomia.

Assim sendo, no presente artigo, apontamos que nossa sociedade por vezes é marcada pelo ideário neoliberal, o que justifica o fracasso individual de um aluno. No entanto, novas perspectivas se abrem, na medida em que Charlot (2001) e Freire (2021) compreendem a importância da dimensão social no processo do conhecimento humano. Ademais, os professores, a partir de sua vivência escolar, são convidados a pensar em processos avaliativos menos segregadores e mais propiciadores de sensibilidade para os saberes que os educandos possuem do seu cotidiano, que podem ser utilizados em prol do desenvolvimento da sua autonomia pessoal e intelectual.

Referências

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 6377, 12 ago. 1971.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, [1996]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 18 jul. 2018.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2014.

CHARLOT, Bernard. **Os jovens e o saber**: perspectivas mundiais. Porto Alegre: Artmed,

- 839 -

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica Estudos Linguísticos e Literários – SÓLETRAS, ano 14, n. 1, Fev., 2024, ISSN 18089216



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

2001.

DIAS SOBRINHO, José. **Universidade e avaliação**: entre a ética e o mercado. Florianópolis: Insular, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 69. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **As lições de Paulo Freire**: filosofia, educação e política. Barueri: Manole, 2012.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Editora Mediação, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 2014.

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão *et al.* A Base Nacional Comum Curricular: um novo episódio de esvaziamento da escola no Brasil. **Germinal**: marxismo e educação em debate, Salvador, v. 9, n. 1, p. 107-121, 2017. DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v9i1.21835>

NIETZSCHE, Friedrich. Para além de bem e mal. *In*: NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. Tradução de Rubens R. Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores). p. 160-189.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação da excelência à regulação das aprendizagens**: introdução lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

- 840 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O ENSINO DA INTERTEXTUALIDADE NAS SALAS DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Ana Julia de Moraes (G-CLCA-UENP/CJ)
Rubia Maria da Cruz Jardim (G-CLCA-UENP/CJ)
Vera Maria Ramos Pinto (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Encontramos o intertexto em diferentes gêneros discursivos/textuais trabalhados no contexto escolar, dificultando, muitas vezes, a compreensão desses textos pelos alunos. Esse fato foi observado por nós, enquanto bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), nas salas de aula de turmas de 9º anos. Diante disso, elaboramos plano de aula para trabalharmos a intertextualidade com alunos dessas séries do ensino Fundamental II, de uma escola pública da cidade de Jacarezinho/PR, o qual apresentamos neste artigo. O referencial teórico que embasou nosso plano de aula foi pautado em autores estudiosos de assunto, a exemplo de Kristeva (2005); Koch e Bentes (2008); Marcuschi (2008); dentre outros.

Palavras-chave: Gêneros textuais. Intertexto. Ensino. Leitura.

Introdução

O conceito de intertextualidade foi cunhado pela semioticista Julia Kristeva (2005), a qual, no bojo dos estudos da Semiótica Literária, embasou-se na noção bakhtiniana de dialogismo, compreendendo que todas as nossas manifestações de linguagem não estão isentas de ideologia, ligando-se umas às outras em uma rede de relações infinitas, dialógicas.

Kristeva (2005, p. 68) afirma que Bakhtin teria sido o primeiro a abordar, na teoria literária, aquilo que poderíamos chamar de intertextualidade, ou seja, o fato de todo texto se construir como “um mosaico de citações e o fato todo texto ser uma absorção e transformação de um outro texto”.

De modo bem objetivo, então, podemos definir a intertextualidade como um diálogo



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

entre textos. Assim “a intertextualidade ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade” (Koch; Elias, 2006, p.86).

Diante disso, sabemos que as relações intertextuais estão presentes nos mais variados gêneros discursivos/textuais trabalhados nas salas de aula desde à educação infantil ao ensino médio, dificultando, muitas vezes, a compreensão desses textos pelos alunos.

Enquanto bolsistas do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), Subprojeto de Língua Portuguesa, da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus Jacarezinho, observamos essa dificuldade em ler e interpretar textos com relações intertextuais pelos alunos, nas salas de aula de turmas do 9º ano do Ensino Fundamental II, do Colégio Luiz Setti, da cidade de Jacarezinho/ PR.

Considerando a importância de trabalhar a intertextualidade, uma vez que ela está presente em todas as fases da vida, em diversos textos, e no cotidiano dos alunos, como também a importância da formação leitora dos discentes, elaboramos plano de aula para trabalharmos a intertextualidade nessas séries do ensino Fundamental II, disciplina de Língua Portuguesa, o qual apresentamos neste artigo.

O referencial teórico que embasou nosso plano de aula foi pautado em autores estudiosos do assunto, a exemplo de Kristeva (2005); Koch e Bentes (2008); Marcuschi (2008); dentre outros.

A intertextualidade e o ensino das relações intertextuais: plano de aula

Corroborando o conceito de intertextualidade já mencionado anteriormente, Koch; Bentes e Cavalcante (2008) afirmam que a intertextualidade é um fenômeno intrínseco à produção textual, desempenhando um papel crucial na construção de significado e na relação



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

entre diferentes contextos educacionais.

Como é um fenômeno complexo que se manifesta de diversas maneiras na produção textual, desde histórias infantis aos *memes* na internet, buscamos, neste plano de aula, além do conceito de intertextualidade, explicitar duas categorias: a explícita e implícita e dois tipos de intertexto, segundo a Linguística Textual, que concebe a intertextualidade como um dos fatores de textualidade (Beaugrand; Dressler, 1980, in: Koch et al, 2008), ou seja, elementos que fazem com que um conjunto seja um texto.

Vale ressaltarmos aqui que há vários tipos de intertextualidade, paráfrase, paródia, referência ou alusão, pastiche, epígrafe, citação, tradução. Entretanto, neste plano de aula, trabalhamos com os alunos apenas dois deles: a paráfrase e a paródia.

Plano de aula

O plano de aula foi desenvolvido com o objetivo de introduzir o conceito de intertextualidade nas salas de aula do Ensino Fundamental II. Desse modo, reconhecendo a importância da intertextualidade na construção de significados textuais, os gêneros discursivos/textuais escolhidos envolvem, além da linguagem verbal, recursos visuais, como obras literárias, capas de livros e as tirinhas de histórias em quadrinhos (HQ), de Maurício de Sousa.

A estrutura do plano seguiu propostas de aulas da Revista Nova Escola (on-line, 2023), com adaptações.

Tema: Intertextualidade em tiras de HQ

Conteúdo: Conceito de intertextualidade; Intertextualidade explícita e implícita; Tipos de intertextualidade: a paráfrase e a paródia



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Ano: 9º anos

Gênero: Tiras de HQ.

Prática de linguagem: leitura

Habilidade BNCC: EF67LP27

Previsão para aplicação: 2 aulas (50 min./aula).

Objetivos: Definir e caracterizar a intertextualidade

Sobre a aula

Inicialmente, o objetivo central da aula foi oferecer uma explicação sobre o conceito de intertextualidade e proporcionar a compreensão de como esse fenômeno opera na construção de significados textuais.

Nosso primeiro slide, mostrou uma imagem com a turma do Simpson, desenho animado, atravessando uma rua na faixa de pedestres. Perguntamos aos alunos se essa imagem fazia algum sentido para eles, se lembrava alguma imagem já vista por eles. Os alunos responderam negativamente, que não se lembravam de uma imagem como a exposta.

Não esperávamos uma resposta afirmativa, pois essa imagem é uma releitura de uma das fotos mais históricas e conhecidas do mundo, a famosa foto dos Beatles, uma das maiores bandas de rock de todos os tempos, atravessando a rua Abbey, em Londres, tirada em 1969 (Revista Veja, on-line, 2019).

Mesmo assim, procuramos explicar a eles que a imagem da Família Simpson, atravessando uma rua na faixa de pedestres, é um intertexto com a foto dos Beatles.

Em um segundo momento, explicamos que a intertextualidade pode ser explícita e implícita e exibimos em slides, no data show, exemplos dessas intertextualidades em vários gêneros textuais.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Depois, explicamos que a intertextualidade pode ser de diferentes tipos e falamos sobre a paródia e a paráfrase. O gênero escolhido, para as atividades práticas de reconhecimento desses dois tipos de intertexto, foi as tiras de histórias em quadrinhos (HQ), de Maurício de Sousa.

Esta aula está em consonância com a habilidade proposta para o Ensino Fundamental, disciplina de Língua Portuguesa, competência 27, código EF67LP27, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que diz respeito à análise, entre os textos literários e entre estes e outras manifestações artísticas (como cinema, teatro, música, artes visuais e midiáticas), referências explícitas e implícitas a outros textos, quanto aos temas, personagens e recursos literários e semióticos (Brasil, 2018).

1º Momento

Definição de intertextualidade em slide

Slide 1



Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=22201>

- 845 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS


Slide 2

Uma das imagens mais históricas e conhecidas do mundo, a famosa foto dos Beatles atravessando a rua Abbey, em Londres, tirada em 1969.



Fonte: <https://veja.abril.com.br/cultura/foto-iconica-dos-beatles-completa-50-anos>


Slide 3

————— O QUE É INTERTEXTUALIDADE? 

- A intertextualidade é a relação entre dois textos caracterizada pela referência de um pelo outro de maneira implícita ou explícita. O diálogo entre os textos podem ser: estrutural, temática e referencial.

↓

- Estrutural: As estruturas dos textos são semelhantes.
- Temática: O assunto dos textos é o mesmo.
- Referencial: Um texto faz referência a outros textos.



Fonte: próprias autoras



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

2º Momento

Explicação sobre a intertextualidade explícita

Mostramos que a intertextualidade explícita se expressa de forma clara, sendo de fácil dedução do leitor quanto à origem do texto, pois, geralmente, apresentam semelhanças ou até mesmo trechos das obras originais.

Slide 4

Intertextualidade explícita

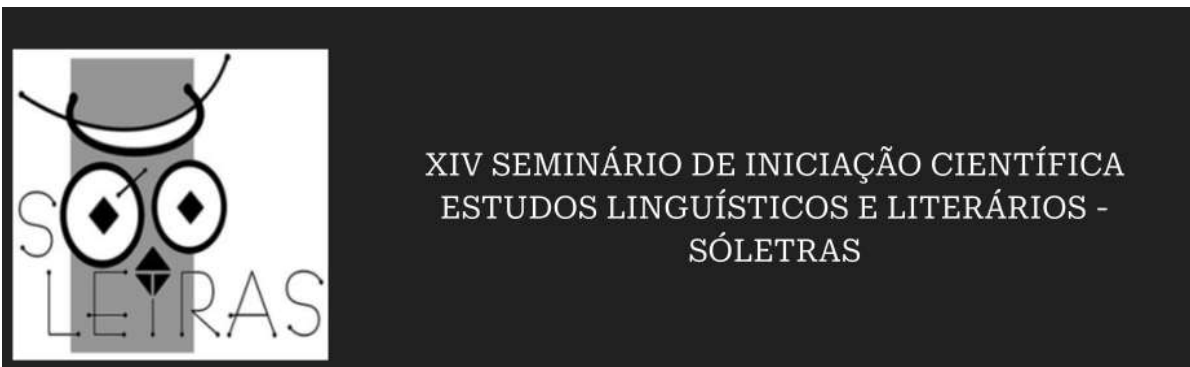
A intertextualidade será explícita quando, no próprio texto, é feita menção à fonte do intertexto, como acontece nas citações, referências, menções, resumos e resenhas e traduções.



Fonte: próprias autoras

Por meio dessas duas capas de livros, mostramos que a história de Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque, é facilmente associada à história de Chapeuzinho Vermelho, configurando como intertextualidade explícita, desde que o leitor conheça bem a história infantil de Chapeuzinho Vermelho.

- 847 -



Explicação sobre a intertextualidade implícita

Slide 5

Intertextualidade implícita

A intertextualidade implícita ocorre de maneira diferente, pois não há citação expressa da fonte, fazendo com que o leitor busque na memória os sentidos do texto. Geralmente está inserida nos textos do tipo paródia ou do tipo paráfrase, ganhando muito espaço na publicidade.



Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/tipos-intertextualidade.htm>

Explicamos que, no anúncio do leite condensado Moça, da Nestlé, há um elemento verbal: “Meu bem você me dá ... água na boca” que permite a retomada do texto fonte, à música “Mania de você”. Mas, para fazer essa relação intertextual, o leitor precisa do conhecimento prévio sobre essa música da cantora Rita Lee. Se isso não acontecer, provavelmente, o texto não será compreendido em sua totalidade. Há também a questão de associar a linguagem verbal à linguagem não verbal, para entender que é o pudim do leite condensado que dá água na boca.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

3º Momento

Explicação sobre dois tipos de intertextualidade: paródia e paráfrase

Slide 6



Fonte: <https://escolakids.uol.com.br/portugues/intertextualidade.htm>

Temos, nesses exemplos, duas pinturas. O quadro à esquerda é *A Mona Lisa* e foi pintado por Leonardo da Vinci em 1503. O quadro à direita é uma releitura de *A Mona Lisa*, uma paródia que mostra uma versão atual da *Mona Lisa* tirando um autorretrato com o celular, como atualmente as pessoas fazem.

Explicamos, aos alunos que a intertextualidade pode ocorrer também em linguagem não verbal, por meio de imagens, como nos quadros que foram expostos. Em seguida, mostramos mais dois intertextos com a obra *A Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci, um anúncio publicitário de produtos da Bombril, amaciante *Mon Bijou*, e uma imagem da Mônica, personagem de histórias em quadrinhos de Maurício de Sousa.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Slide 7



Tela "A Monalisa", de Leonardo da Vinci, usada em campanhas publicitárias e em revista em quadrinhos

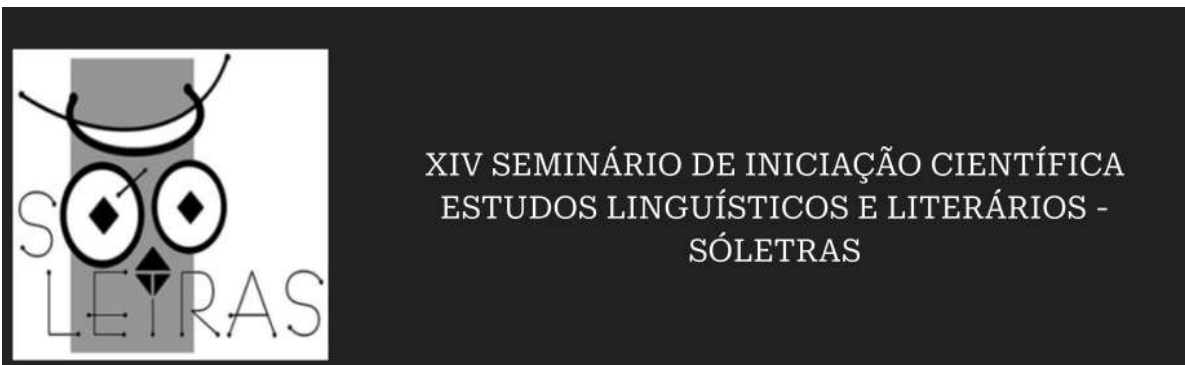
Fonte: <https://www.significados.com.br/intertextualidade/>

Slide 8

- Paráfrase: É a reprodução explicativa de um texto ou de unidade de um texto, por meio de uma linguagem mais longa. Na paráfrase sempre se conservam basicamente as ideias do texto original.



Fonte: <https://pt.slideshare.net/Avramascot/aula-intertextualidade>



Foi explicado aos alunos que o 1º quadro é chamado *O grito*, uma pintura de autoria do norueguês Edward Munch, datada de 1893. Assim, o quadro *O grito* serviu de inspiração para o quadro ao lado, chamado de *O Grito Homer Simpson*, com o personagem Homer, do desenho os Simpsons.

Assim foi possível mostrarmos a intertextualidade, paráfrase, com a releitura do quadro original, em que Homer Simpson imita a pose da pintura *O grito* expressando sentimentos de medo e angústia, o que faz com que as duas obras, de características diferentes, relacionem-se entre si.

4º Momento

Atividades sobre o conteúdo estudado, utilizando tiras de HQ

Observamos que os alunos alcançaram uma boa compreensão de cada categoria da intertextualidade devido aos exemplos visuais, facilitando sua compreensão. A fim de tornar a aula interativa, apresentamos questões para os alunos identificarem cada tipo de intertextualidade.

A intenção de fazer os alunos identificarem o tipo de intertextualidade nas tirinhas é avaliar se os alunos apreenderam as explicações sobre o conteúdo da aula.

Ao analisar as tirinhas, os alunos são desafiados a reconhecerem o intertexto, os dois tipos de intertextualidade estudados: a paródia e a paráfrase.

Essa prática não apenas fortalece a compreensão teórica da intertextualidade, mas também desenvolve habilidades práticas de interpretação e análise textual. Além disso, ao aplicar esse conhecimento em contextos visuais, como as tirinhas, os alunos podem observar como a intertextualidade está presente de maneiras sutis e significativas no cotidiano,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

ampliando assim sua competência na leitura crítica e na produção de textos.

A seguir, apresentamos apenas uma das atividades que foram desenvolvidas em sala de aula.

Slide 9

QUAL É O TIPO DE INTERTEXTUALIDADE NA TIRINHA?

TURMA DA MÔNICA MAURÍCIO DE SOUSA

• A) Paráfrase • B) Paródia • C) Citação

Fonte: <https://exercicios.brasilecola.uol.com.br/exercicios-gramatica/enem-lista-de-exercicios-sobre-intertextualidade.htm>

Slide 10

QUAL É O TIPO DE INTERTEXTUALIDADE NA TIRINHA?

TURMA DA MÔNICA MAURÍCIO DE SOUSA

• B) Paródia

A relação estabelecida entre a tirinha de Maurício de Sousa e narrativa do Eden é intertextual, uma vez que se faz referência ao texto bíblico a partir de paródia construída com a representação da personagem Magali, interessada pelas maçãs, e a cobra, que, no texto original, seduz Eva a comer o fruto.

Fonte: <https://exercicios.brasilecola.uol.com.br/exercicios-gramatica/enem-lista-de-exercicios-sobre-intertextualidade.htm>



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Resultados alcançados

Os resultados alcançados após essa aula evidenciaram uma melhoria significativa na compreensão dos alunos sobre os elementos intertextuais. Observamos um aumento na capacidade de identificar e interpretar as relações entre os textos, indicando uma boa assimilação dos conceitos abordados.

Desse modo, na aula sobre intertextualidade para o 9º ano, onde explicamos o conceito com exemplos práticos, podemos afirmar que os alunos participaram ativamente, identificando as relações intertextuais nos gêneros discursivos/ textuais apresentados e nas atividades com as tirinhas de HQ, mostrando envolvimento e interesse no tema.

Para nós, foi gratificante observar como eles se envolveram na exploração dos diálogos intertextos, na compreensão de que os textos conversam entre si. Encerramos a aula com a expectativa de que esse aprendizado possa ampliar não apenas o conhecimento linguístico, mas também influenciar, positivamente, a forma como os alunos se relacionam com o mundo ao seu redor.

Considerações finais

Ao longo desse estudo, foi-nos possível aprofundar no tema intertextualidade e seu ensino nas salas de aula do Ensino Fundamental II, destacando a significativa contribuição de renomados estudiosos do assunto, a exemplo de Kristeva (2005) e Koch et al (2008).

A assimilação desses saberes não apenas enriqueceu nossas práticas pedagógicas, mas também ressalta a importância de incorporá-los no ensino, capacitando os alunos para uma apreciação e entendimento da linguagem e seus mecanismos comunicativos,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

fomentando habilidades críticas essenciais em sua formação social.

A prática de ensino de intertextualidade para os 9º ano, enquanto bolsistas do PIBID e acadêmicas do 2º ano do Curso de Letras da UENP, campus Jacarezinho, sem dúvidas, foi enriquecedora.

Ressaltamos, portanto, a importância do PIBID para nossa formação docente, pois nos permite, desde os anos iniciais do nosso curso, a inserção na escola pública, possibilitando-nos participar do cotidiano escolar, interagir com os alunos, auxiliar os supervisores, experiência que consideramos de grande relevância e fundamental para o nosso futuro profissional.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 14 de janeiro de 2024.

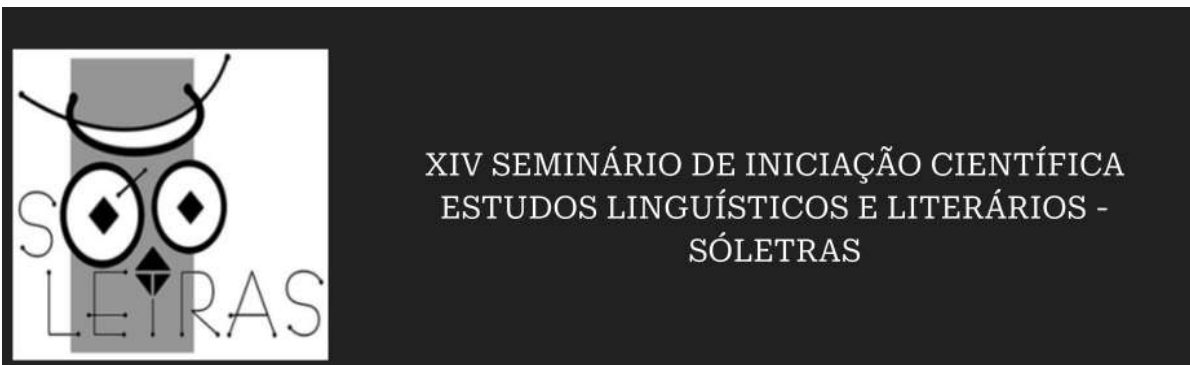
FOTO ICÔNICA DOS BEATLES COMPLETA 50 ANOS. **Revista Veja**. 08 de agosto de 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/foto-iconica-dos-beatles-completa-50-anos>. Acesso em 29 de janeiro de 2024.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Tradução de Lucia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

OLIVEIRA, Luizita Goretti de. A intertextualidade na construção do texto. **Portal do Professor**. 19 de outubro de 2010. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=22201>. Acesso em: 29 de



janeiro de 2024.

PEREZ, Luana Castro Alves. **Tipos de intertextualidade**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/tipos-intertextualidade.htm>. Acesso em 02 de fevereiro de 2024

PLANOS DE AULA. **Nova Escola**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/planos-de-aula>. Acesso em novembro de 2023.

VIANA, Guilherme. Intertextualidade. **Escola Kids**. Disponível em: <https://escolakids.uol.com.br/portugues/intertextualidade.htm> Acesso em 29 de janeiro de 2024.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O ESPAÇO DA LITERATURA LGBTQIA+ NA EDUCAÇÃO BÁSICA: A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE

Henrique Aparecido Garcia (G-CLCA-UENP/CJ)
Valdirene Barboza de Araújo Batista (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: O presente artigo compartilha o resultado de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso originado na necessidade de encontrar, na educação básica, a presença da literatura LGBTQIA+, pois essa, na condição de arte que se constrói por meio do trabalho estilizado com a palavra, configura-se como forma de representação indispensável e de direito para a formação humana, conforme Candido (1972; 1988). Para tanto, inicialmente, fez-se o levantamento de obras literárias que abordam o tema no PNLD/Literário (2018; 2020; 2021), programa governamental de distribuição de livros literários. Com base nesse levantamento e em outras pesquisas que tratam do tema, discutiu-se a importância dessa literatura para a formação humana com base nos estudos de Silva (2007), Varizi (2021), Louro (1997), entre outros. Por fim, foi feita a análise literária de *Eu é um outro*, de Hermes Bernardi Júnior, uma das narrativas juvenis disponíveis no PNLD/Literário de 2018, com o intuito de justificar a presença dessa temática em obras literárias enviadas às escolas, tendo em vista que diversos estudos apontam para certa ausência dessa literatura na educação básica.

Palavras-chave: PNLD/Literário. Representatividade LGBTQIA+. Educação Básica. Educação Literária.

Introdução

A literatura LGBTQIA+ vem ganhando espaço na literatura e cultura contemporânea, porém, não abrange todos os espaços que deveria, como, por exemplo, o escolar. A título de ilustração, durante minha experiência na educação básica como aluno, nunca encontrei nenhuma obra LGBTQIA+. Atualmente, como licenciando do curso de Letras Português/Inglês da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), tive a oportunidade de retornar ao ambiente escolar por meio do Programa Institucional de Bolsa



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

de Iniciação à Docência (PIBID) e da Residência Pedagógica (RP), ambos em Língua Portuguesa, e, mais uma vez, notei essa ausência. Esse cenário, certamente, vai na contramão do processo de desenvolvimento humano, sobretudo porque inviabiliza a superação de preconceitos e a conquista de direitos.

A escola permanece fechada a essa temática, mesmo que no mercado editorial já encontre em circulação inúmeras novas produções de obras literárias que tratem do tema. Vale ressaltar que algumas obras já são bem populares, tendo, inclusive, ganhado adaptações em filme e série, como, por exemplo: *Me chame pelo seu nome* (André Aciman, 2007), *Com amor Simon* (Becky Albertalli, 2015), *Heartstopper* (Alice Oseman, 2019) e *Vermelho, Branco e Sangue Azul* (Casey McQuiston, 2019).

Com base nesse cenário, o presente artigo, resultado de uma pesquisa de TCC, tem o intuito de defender a literatura LGBTQIA+ como um direito humano e problematizar seu espaço indispensável na educação básica, como elemento importante na vida dos alunos. Para tanto, o trabalho parte do papel a ser exercido pela literatura na formação humana. Em seguida, apresenta como se configura a literatura de temática LGBTQIA+, problematizando questões que giram em torno de sua função e qualidade, com base nos estudos desenvolvidos, em especial, por Antonio Candido. Depois, analiso o espaço ocupado por essa literatura em ambiente escolar, considerando o acervo do PNLD literário (2018, 2020 e 2021), que é o atual programa de fomento à leitura e distribuição de livros no Brasil.

Dando continuidade, apresento uma breve análise de uma pesquisa realizada com 1046 alunos LGBTQIA+ sobre suas experiências em ambientes educacionais. Em sequência, discorro sobre a importância dessa literatura para o combate à LGBTfobia e para a promoção da igualdade das pessoas que pertencem a esse grupo na sociedade. Essa discussão tem como principal fundamento teórico os estudos de Guacira Louro. Por fim, analiso a obra *Eu é um outro*, de Hermes Bernardi Jr., a qual pertence ao acervo do PNLD



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

literário (2018), com vistas a demonstrar a sua qualidade literária e o modo como ela representa as demandas da comunidade LGBTQIA+.

O direito à literatura para a formação humana

Para se entender qual é a importância da literatura LGBTQIA+ no ambiente escolar, é necessário, primeiramente, discutir o conceito e o papel do texto literário na formação humana, a fim de defendê-la como um direito.

A literatura é a arte realizada por meio do trabalho estilizado com a palavra, podendo ser entendida, em sentido amplo, como “[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita[...]” (Candido, 1972, p. 176). Para Antonio Candido, ela atua no processo de formação humana a partir de três funções básicas: a *psicológica*, a *formativa* e a *social*.

A primeira – função psicológica – diz respeito à transfiguração do real para o ilusório, sendo, assim, capaz de satisfazer a necessidade universal de ficção e fantasia que todos os seres humanos possuem. Segundo Candido (1972, p. 82), “por via oral ou visual; sob formas curtas e elementares, ou sob complexas formas extensas, a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la”.

A função formativa, do ponto de vista candiano, contribui para a formação da personalidade, podendo atuar na formação humana de maneira complexa e arbitrária. Importa lembrar que essa formação ocorre de modo diferente da pedagogia oficial, que é ideológica e se organiza conforme interesses próprios. A comunicação literária, ao contrário, “trazendo livremente em si o que chamamos de o bem e o mal, humaniza no sentido profundo, porque faz viver” (Candido, 1972, p. 82).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Uma terceira função da literatura é a de conhecimento de mundo e do ser. Essa arte apresenta o real ao leitor por meio da elaboração ficcional, que possui autonomia de significado. Contudo, essa representação não se desliga das suas fontes de inspiração, nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele.

Para esse crítico literário, essas três funções “tanto exprime o homem quanto depois atua na própria formação do homem” (Candido, 1972, p. 82). Em outras palavras, ela cumpre um papel de representação de uma dada realidade social e humana e, por meio da inteligibilidade dessa realidade, também exerce força na humanização do homem; isto é, em seu processo de desenvolvimento, confirmando:

no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. [...] desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, 1972, p. 82).

Diante disso, o autor expõe que: “pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo”. Nesta perspectiva, a literatura tem papel essencial na formação humana e, portanto, deve ser considerada um direito indispensável.

As singularidades da literatura LGBTQIA+ e a sua função social

A literatura de temática LGBTQIA+, assim como informa a sigla, representa lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queers, intersexo, assexuados, identidades sociais que, em geral, são formadas por indivíduos com orientação sexual e/ou identidade de gênero

- 859 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

diferente do dito “padrão” heterossexual e cisgênero. A literatura LGBTQIA+ demonstra preocupação com a representação das questões que interessam a esse grupo especificamente, considerando toda a sua diversidade, em suas luzes e sombras: desafios/conquistas, exclusão/normalização, diferenças/semelhanças. Considerando o ponto de vista candiano, essa literatura exerce uma função social na medida que assume uma posição política e humanitária, ajudando o leitor a ampliar os seus horizontes de expectativas, mobilizando a tomada de um posicionamento crítico e reflexivo.

Conforme Candido (1988), o modo como o texto literário aborda as questões sociais importa muito. Para além de um texto informativo, a literatura é uma forma de arte e, como tal, possui regras próprias, devendo atuar no processo de desenvolvimento humano, a partir da junção entre conteúdo e forma. Assim, um poema abolicionista de Castro Alves, por exemplo, atua no leitor pela junção dos recursos formais, pelos sentimentos que exprime e pela posição política e humanitária assumida. Para o autor, a comunicação literária satisfaz a necessidade de conhecer o universo social, ajudando o leitor a tomar uma posição, retificando iniquidades, o que pode ocorrer por meio da apresentação de uma nova realidade social e política.

Dessa forma, a literatura social não age de maneira isolada, ela não se justifica apenas por meio de finalidades alheias ao plano estético, uma vez que ele é fator decisivo para uma literatura de “qualidade”, pois seu conteúdo é constituído por meio da organização das palavras para nos comunicar uma mensagem e nos tocar. O impacto de uma produção literária, oral ou escrita, segundo Candido (1988), ocorre graças à fusão inextricável da mensagem com a sua organização formal. Alinhado ao argumento do autor, Antônio de Pádua Dias da Silva, em seu artigo “A história da literatura brasileira e a literatura gay: aspectos estéticos e políticos”, discorre que:



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

[...] o leitor dessa literatura percebe, na formulação interna da obra, as dominantes no ou do texto, ou seja, a mimetização política ou tão somente artística (elas não existem em sua pureza, em absoluto, uma fora da outra) não funciona de forma isolada, mas como categoria ou evento predominante” (Silva, 2012, p. 3).

Nesses termos, assim como qualquer outro tipo de literatura, na condição de “literatura social”, a literatura LGBTQIA+ possui relevância não somente por seu caráter político e social, mas, também, porque tem qualidade no plano estético, artístico. Essa intrínseca natureza de uma obra literária é que a faz ser aceita, compreendida, exprimindo os seres humanos e, depois, atuando na própria formação desses seres humanos, como assinala Candido (1972). A literatura LGBTQIA+, portanto, quando bem construída, faz parte de um conjunto obras de presença indispensável na educação básica, sobretudo, porque pode atuar na formação humana dos jovens estudantes.

O lugar da Literatura LGBTQIA+ no PNLD literário e na educação básica

Para analisar o espaço da literatura LGBTQIA na escola, é necessário pensar nos programas governamentais de fomento e distribuição de livros. Atualmente, todo o acervo literário enviado às instituições escolares ocorre via PNLD Literário. Vigente desde 2018, esse programa, composto por um protocolo próprio, é responsável por analisar e selecionar os livros que serão disponibilizados a todas as escolas da rede pública, dando ao corpo docente a possibilidade de escolher democraticamente os livros que passarão a compor o acervo de cada instituição. A quantidade de acervos que poderão ser escolhidos dependerá do número de alunos matriculados em cada unidade escolar. No total, são 20 opções de acervos contendo cerca de 25 obras cada. Logo, é por meio dessa política pública executada pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e pelo Ministério da Educação



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

(MEC) que os alunos podem ter em suas mãos acesso gratuito a diversos livros, como os de temática LGBTQIA+.

Ainda sobre esse programa, ele deve atuar em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018). Embora não mencione explicitamente a temática LGBTQIA+, é possível inferir que as seguintes competências presentes na BNCC de Língua Portuguesa do Ensino Médio dialogam de forma direta com o tema, a saber:

➤ **A competência geral nº 7:**

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. (BRASIL, 2018, p. 9)

➤ **A competência geral nº 9:**

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p. 10)

➤ **A competência específica nº 2 para a área de “Linguagens e suas tecnologias” do Ensino Médio:**

Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza. (Brasil, 2018, p. 490)

A pesquisa realizada no acervo de livros disponíveis pelo PNLD/Literário em 2018, 2020 e 2021 evidenciou uma presença tímida de obras de temática LGBTQIA+, estando essas predominantemente no ensino médio. Em 2018, o programa disponibilizou livros para as três etapas da educação básica - Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

- 862 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Das 147 obras indicadas para a Educação Infantil, com base nas resenhas dos livros disponibilizadas pelo próprio programa, nenhuma aborda a temática em questão. O mesmo ocorre com o Ensino Fundamental; vale informar que, nesse ano, o acervo foi constituído de 400 obras. Livros abordando essa temática só foi encontrada nos indicados para o Ensino Médio: das 190 obras disponíveis para essa etapa, foram encontradas apenas três, sendo eles: *Amora*, de Natalia Borges Polesso; *Eu é um outro*, de Hermes Bernardi Jr.; e *Enquanto os dentes*, de Carlos Eduardo Pereira.

No PNLD Literário de 2020, foram disponibilizados acervos somente para o Ensino Fundamental - Anos finais; Das 342 obras disponíveis para essa etapa, não foram encontradas nenhuma com a temática LGBTQIA+ na esfera da pesquisa que realizei. Já em 2021, esse programa disponibilizou obras somente para o Ensino Médio. Com pouco mais de 500 obras disponíveis para essa etapa, mais uma vez, foram encontradas apenas três com a temática LGBTQIA+, a saber: *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa; *Moletom*, de Júlio Azevedo e *O cortiço*, de Aluísio Azevedo.

Esse diagnóstico suscita as seguintes indagações e repostas: há obras LGBTQIA+ no PNLD Literário? A resposta é sim; a quem se destina? Apenas a estudantes da etapa do Ensino Médio; qual é a quantidade de obras? Poucas, foram encontradas apenas seis obras LGBTQIA+. Essas questões simples podem conduzir à pergunta mais importante: o número de obras encontrado é suficiente para que elas efetivamente cheguem até as mãos dos alunos em ambiente escolar?

Para responder à questão posta no parágrafo anterior, primeiro, é necessário considerar que, no total, ao longo desses três anos, foram disponibilizadas 690 obras com personagens heterossexuais e cisgêneros; nesse universo, são apenas seis livros que abordam a temática LGBTQIA+. Em termos de porcentagem, a quantidade de obras LGBTQIA+ não representa 1% do total disponível. Logo, é um número ínfimo.

- 863 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Convém ainda considerar que, para alcançar os alunos em ambiente escolar, devemos partir da premissa de que os livros devem ser selecionados pelos docentes, o que não é garantia de que essas obras serão escolhidas, já que o processo de escolha de um livro é complexo, envolvendo diferentes perspectivas. Além disso, falta um posicionamento mais firme do ponto de vista governamental para que esse número aumente: exigir uma quantidade mínima de obras que contemplem as diversidades de modo geral pode ser um caminho a ser seguido. Na notícia veiculada na GZH (2018), há uma crítica ao edital do PNLD 2018. Na perspectiva desse jornal on-line, “em lugar de exigir que as obras estejam engajadas no combate à discriminação contra gays e transexuais, o novo edital estabelece, genericamente, que o material didático deve estar "livre de estereótipos ou preconceitos". Nessa direção, as orientações precisam ser mais pontuais e objetivas, evitando generalidades.

A baixa quantidade de livros disponíveis para escolha é, certamente, um fator que pode contribuir com o cenário de ausência da literatura LGBTQIA+ em ambiente escolar, fazendo com que esses livros não sejam efetivamente alcançados pelos alunos. Esse cenário é denunciado pela Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil, realizada em 2016, em ambiente virtual, com 1016 estudantes LGBTQIA+. De acordo com o gráfico 2.8 dessa pesquisa, cujo título é “Estudantes LGBT Relatando a Disponibilidade de Recursos Curriculares Inclusivos de Questões LGBT”, do total de entrevistados, apenas 16,5 % relataram haver algum livro ou outros recursos na biblioteca da sua instituição educacional contendo informações sobre as pessoas, a história, eventos ou tópicos LGBTQIA+.

A importância da representação da Literatura LGBTQIA+ no ambiente escolar

Como já foi pontuado, a literatura LGBTQIA+ assume uma função política e social,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

sendo tanto capaz de representar quanto de influenciar os indivíduos de uma dada realidade. Dessa forma, essa literatura possui uma força que caminha na direção de uma sociedade mais justa e igualitária. Isso porque pode abordar questões que almejam a superação da desnormalização de situações de preconceito, intolerância, e violências sofridas por LGBTQIA+. A escola, na condição de comunidade que é afetada pela realidade da sociedade macro é, sem dúvida, um espaço propício para discutir tais questões. A defesa de mudanças nos arranjos da escola, reivindicando, por exemplo, a inclusão da representatividade LGBTQIA+, requer o entendimento do papel fundamental da escola como uma instituição que, por excelência, tem a função de promover o acesso a todo saber científico acumulado historicamente e a formação humana. Ela não se desliga do mundo real, na verdade, é um forte componente formador das identidades sociais, como afirma Guacira Lopes Louro. Em seu livro, *Currículo, Gênero e Sexualidade*, essa especialista no assunto escreve: “não podemos negar que as suas proposições, as suas imposições e proibições fazem sentido, têm efeitos de verdade, constituem parte significativa das histórias pessoais (Louro, 2000, p. 73).

Em seu livro *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, a pesquisadora salienta:

Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras” (Louro, 1999, p. 31).

Desse modo, a escola instaura historicamente e culturalmente como padrão a “cisheteronormatividade” (Silva, 2007, p. 2). Ou seja, instaura a concepção de que “todo mundo é, ou deveria ser, heterossexual e que a heterossexualidade é marcada através de rígidos binários de gênero” (Britzman, 1996, p. 76). Daí a necessidade de ter representatividade num espaço tão importante. Como defende Bárbara Yamasaki: “A



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

representatividade valida a existência das pessoas, assegura que elas podem ser quem são e ainda mostra que elas não estão sozinhas” (Yamasaki, 2020, p.9).

A literatura LGBTQIA+, portanto, pode desempenhar um papel crucial no processo de formação humana na medida que pode contribuir com a normalização dos relacionamentos afetivos LGBTQIA+, oportunizando aos jovens LGBTQIA+ o reconhecimento de si na ficção e no mundo. Da mesma forma, pode mobilizar o reconhecimento, o respeito e a aceitação desses por parte daqueles que não pertencem a essa comunidade, devolvendo a eles a dignidade e a igualdade de direito. Importa lembrar que a literatura, na condição de arte democrática, representa a todas as pessoas, sendo elas LGBTQIA+ ou não, apresentando a seus leitores outras realidades fora da sua bolha social, agregando, assim, diferentes valores culturais. Em consonância com o que a BNCC preconiza nas já mencionadas competências a serem desenvolvidas nos estudantes ao longo da educação básica, uma das tarefas da educação integral a ser promovida pela educação escolar é a “valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza” (Brasil, 2018, p. 10).

Análise do livro LGBTQIA+ *Eu é um outro*

Dentre as obras disponibilizadas pelo PNLD Literário (2018), destaca-se *Eu é um outro*, de Hermes Bernardi Jr. Trata-se de uma narrativa juvenil sobre Eduardo, um personagem “gay”, encarando sua primeira sessão com um psicólogo. A história de Eduardo se inicia quando ele é deixado por seu pai no local onde aguarda para realizar sua primeira sessão de terapia. Desde o início do texto, o leitor tem acesso aos fluxos de pensamentos do protagonista. Num determinado momento, ele mostra a sua inquietação:

- 866 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Dois minutos para desistir? Nem mais, nem menos. Tempo o suficiente pra escapar pela escada de incêndio. Se eu ficar me queimo. Começarei por onde? Dizendo o que não consigo dizer em casa? Foi pra isso que vim. Devo dizer que, sim, ando estranho? Devo começar do começo? (Bernardi Jr., p.14).

Já na sessão, Eduardo conta sobre seus sentimentos, revelando que tem um amigo do qual gosta muito:

Estou sentindo coisas estranhas por outro garoto. Quer dizer, não acho que sejam estranhas. Acho normal. Gosto de gostar assim. Os outros é que acham estranho. Os outros me fazem pensar que é estranho o que eu nem acho estranho sentir (Bernardi Jr. p. 18).

Através das páginas, de palavras soltas, poéticas e abstratas, ora de ação, ora de memórias, mergulhamos na história cheia de sentimentos, dúvidas, e descobertas próprias da idade: Então o garoto me alcança um livro na livraria. Aberto. [...] Aceitei a poesia que me chegava por sua mão que tatuava algo invisível em mim (Bernardi Jr., p. 20).

A narrativa é apresentada com uma estética encantadora, pensamentos do presente, pensamentos do passado, palavras do presente, palavras do passado, ora numa sessão com o psicólogo, ora em seu passado com Manon, o garoto de quem passou a gostar. Aos poucos, ambos começam a passar mais tempo juntos.

Em seu fluxo de pensamentos conflitantes, o leitor acompanha diversos momentos de tensão e hesitação, como, por exemplo, contar ou não para seu pai que é gay: “Nunca direi. Nunca, embora eu quisesse ser sincero como se visse meu pai com um amigo” (Bernardi Jr. p. 35).

A obra aborda questões que vão além da temática LGBTQIA+, ela trata, de modo



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

instigante e desafiador, questões juvenis universais, o primeiro amor, por exemplo. O modo de narrar consegue capturar a fragmentação de um pensamento. Por meio de uma linguagem poética, em certos momentos confusa, a narrativa pode levar o leitor a questionar se o protagonista está pensando ou contando algo.

A narrativa ainda nos dá pistas sobre o futuro do protagonista, por intermédio da história que ainda está sendo narrada durante a sessão de terapia. A liberdade das palavras soltas, como pensamentos jogados, encerrados e separados, mas ao mesmo tempo conectados e complementares, dá à obra um caráter estético muito marcante.

O mergulho no passado de Eduardo aproxima o leitor dos acontecimentos mais fortes, ainda a serem revelados pelo personagem.

Por que você não me esperou no lugar combinado? ele perguntou à beira da cama do hospital. [...] a enfermeira media a pressão. E bastou ela sair pra ele tomar minhas mãos entre as dele. Gesto inesperado, esperado (Bernardi Jr., p. 28 - 39).

Eduardo vai ao jogo encontrar seu amigo Manon, que foi acompanhado de sua namorada. Na saída, ele vai até o banheiro sozinho e o pior acontece:

Os cara puto da vida, diziam que torcedor do meu time é tudo viado. Melhor ficar quieto. Um deles virou o pinto na minha direção e mijou no meu tênis. [...] foi quando os outros dois se aproximaram. Não tive tempo de correr, nem de gritar. A não ser de dor. Restou o fedor de mijo, e aquele sangue escorrendo da boca.

A cena apresenta a violência física sofrida por Eduardo, cujo episódio acontece na vida real de uma pessoa LGBTQIA+ com alguma frequência. Conforme dados AGLBLT, é frequente situações de agressão física com esse grupo de pessoas em ambiente educacional.



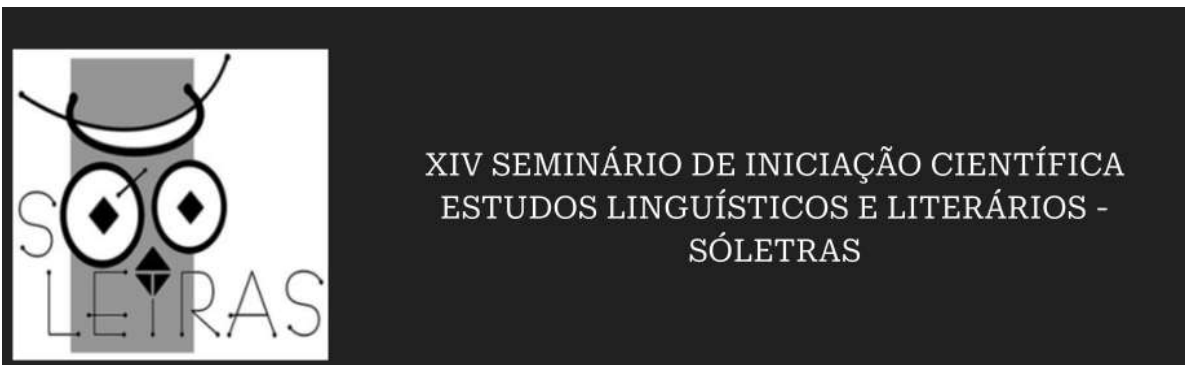
XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Os dados apontam que “24,6% [de estudantes] foram agredidos fisicamente na instituição educacional por causa de sua identidade/expressão de gênero, sendo que 5,7% vivenciam essa agressão frequentemente ou quase sempre” (AGBLT, 2016, p. 40).

Nesse sentido, a narrativa juvenil em questão, por meio do trabalho artístico com a palavra, faz uma denúncia social, expondo a desnormalização, as dores, os sentimentos, as violências sofridas. Em *Eu é um outro* temos a abordagem de temas fortes, porém narrados com delicadeza. A narrativa, sem dúvida, pode promover a desmarginalização e a superação dos problemas mencionados, a fim de contribuir para a conquista efetiva dos direitos humanos iguais para a população. Sendo assim, conforme Candido (1972, p. 82), entre luzes e sombras, pode trazer livremente o que chamamos de o bem e o mal, tratar de questões que podem ser essenciais no processo de formação humana, isto é, pode humanizar em “sentido profundo, porque faz viver” (Candido, 1972, p. 82). A experiência de leitura desse livro pode atuar no processo das identidades do “eu” e do “outro”. Conforme a BNCC, é função da escola desenvolver essa competência nos estudantes, de acordo com esse documento:

Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza (Brasil, 2018, p. 490).

No fim da narrativa, Eduardo começa a se abrir para inúmeras questões adolescentes, e o desfecho é feliz com Manon, que larga da namorada, e vai a seu encontro no hospital: “ Desisti da viagem. Ia sentir falta. Edu, eu ia sentir falta da nossa poesia. Ia sentir saudade de nós, cara (Bernardi Jr. p. 73).

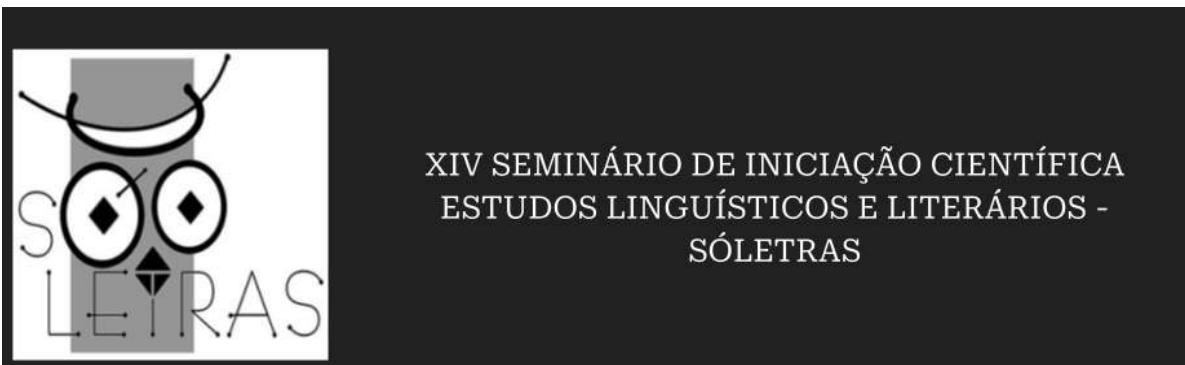


Considerações finais

Com o resultado deste artigo de TCC, foi possível perceber a importância da literatura para o processo de formação dos sujeitos, por meio tanto do conteúdo abordado quanto da forma do texto literário. Por conta disso, essa arte se torna um bem universal indispensável e de direito. Conforme defende Candido “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (1988, p. 193). Sendo assim, o texto literário precisa estar presente em ambiente escolar, já que, por meio dele, além de preencher as necessidades humanas de ficção e de fantasia, os estudantes podem compreender a si próprio, o outro e o mundo, constituindo-se como sujeitos.

Daí a necessidade de os textos literários que chegam às instituições escolares por meio do programa PNLD Literário ser diverso e multifacetado. Acontece que, como assinalam os resultados deste estudo, o espaço da literatura LGBTQIA+ nesse programa governamental é pequeno, da mesma forma como a presença dessa literatura em ambiente educacional também é. Conforme discutimos neste texto, além de minha constatação como ex-aluno da educação básica e como bolsista dos programas institucionais de formação docente PIBID e RP, os estudantes LGBTQIA+ que participaram da pesquisa promovida pela ABGLT reforçam que a presença dessa literatura em solo escolar é escassa.

Essa ausência, segundo Louro (2000), pode contribuir para a continuidade da exclusão e da desnormalização das identidades e dos relacionamentos afetivos LGBTQIA+. É urgente que haja uma mudança de direção, haja vista que o papel da escola, em conformidade com a BNCC (2018), é promover uma formação integral, exercitando “o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de



indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (Brasil, 2018, p. 10).

Para tanto, mobilizar a presença de livros que abordem a temática com qualidade literária é necessário. A narrativa juvenil *Eu é um outro* é, sem dúvida, uma obra capaz de abordar essa temática com leveza, liberdade e poeticidade, sem deixar de adotar um posicionamento politizado. A obra pode promover uma formação de crianças e adolescentes, de modo a contribuir com a desnormalização do preconceito e das violências sofridas por LGBTQIA+fobia.

A narrativa é dotada de qualidade estética, marcada pelo emprego de palavras abstratas e do fluxo de pensamento do personagem, bem como pela sequência não cronológica dos fatos que vão, aos poucos, se configurando como uma narrativa representativa de um jovem gay. Sem deixar de lado a preocupação com a forma, a obra assume uma função social e política, possibilitando que os leitores LGBTQIA+ se sintam representados. O texto deixa a mensagem de que uma pessoa LGBTQIA+, assim como qualquer outro ser humano, pode viver o amor que quiser, usufruir de todos os direitos humanos, e até mesmo tem o direito ao acesso a uma literatura que o represente e que forneça subsídios para que todos os jovens estudantes tenham uma formação humanizada, de modo que possam atuar na construção de uma sociedade justa e igualitária também para a comunidade LGBTQIA+.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 11 nov. 2024

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Guia de livros didáticos:**



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

PNLD 2018, 2018. Disponível em: https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2018_literario/etapa-ensino/2018-literario_ensino_medio. Acesso em 11 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Guia de livros didáticos: PNLD 2020**, 2020. Disponível em: https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2020_literario/etapa-ensino/2020-literario_ensino_fundamental_anos_finais. Acesso em: 31 jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Guia de livros didáticos: PNLD 2021**, 2021. Disponível em: https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2021_literario_ensino_medio/pnld_2021_literario_ensino_medio_codigo_obras. Acesso em: 31 jan. 2024.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: **Ciência e Cultura**. v. 24, n. 9. São Paulo: 1972.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

GZH educação, Critérios para seleção de livro didático não incluem mais combate à homofobia, 2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao/noticia/2018/05/criterios-para-selecao-de-livro-didatico-nao-incluem-mais-combate-a-homofobia-cjh299ylu04dl01pa797dw8wj.htm>. Acesso em: 31 jan. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30353576.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, Gênero e Sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2000.

UNIFOR, LGBTQIA+: a importância da leitura, da literatura e da biblioteca no combate ao preconceito, 2021. Disponível em: <https://unifor.br/web/bibliotecaunifor/lgbtqia-a-importancia-da-leitura-da-literatura-e-da-biblioteca-no-combate-ao-preconceito> Acesso em: 31 fev. 2024.

PARANÁ. Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil**



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

2016: às experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: 2016, p. 59.

SILVA, Aline Ferraz. Visibilidade Gay na escola: estudantes Queer. 2007. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/227>. Acesso em: 24 dez. 2023

SILVA, A. de P. D. da. A história da literatura brasileira e a literatura gay: aspectos estéticos e políticos. v. 1, n. 49, p. 83–108, 2013. DOI: 10.28998/2317-9945.201249.83-108. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/946>. Acesso em: 17 dez. 2023.

VARIZI, Gabriel. O armário do cânone literário no Ensino Médio: o que mostram o ensino literário e os documentos oficiais. In: **Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica**. Recife, v. 7, n°. 1, 2021. ISSN: 2447-6943. Acesso em: 15 fev. 2024

YAMASAKI, Bárbara. Quais são as suas cores? Representatividade LGBTQIA+ para adolescentes. 2020. Disponível em: https://issuu.com/designsenac/docs/barbara_yamasaki_monografiaa. Acesso em: 14 jan. 2024



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O HERÓI PROBLEMÁTICO EM O PROCESSO

Guiel Aparecido Barbosa Muniz (G-CLCA-UENP/CJ)
Thiago Batista de Souza (G-CLCA-UENP/CJ)
Luciana Brito (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Este trabalho de pesquisa tem por objetivo analisar a personagem Josef K do romance *O Processo*, de Franz Kafka, com base na teoria do herói problemático desenvolvido pelo teórico Georg Lukács na obra *A Teoria do Romance*, escrita em 1917. De acordo com Lukács, da epopeia ao gênero romance, a personagem vai se transformando, se mostrando incompleta e frágil, dividida entre ser herói e suas próprias decisões, que são tomadas a partir do seu contexto de vida, tornando-se um ser solitário e problemático, que convive com o eterno dilaceramento entre o eu e o mundo.

Palavras-chave: Herói problemático; *A Teoria do Romance*; *O processo*; Josef K.

Introdução

O Processo é uma narrativa do escritor Franz Kafka, datada de 1920. Conta a história de Josef K, que, ao acordar na manhã do seu trigésimo aniversário, é informado de que está sendo processado por um crime que desconhece. A partir de então, a história discorre por um longo e inexplicável processo durante o período de um ano, em que Josef K vai em busca de respostas sobre a estranha e absurda situação que o envolve. A obra é póstuma, contendo partes originais do escritor somadas às partes de um editor.

Em *O Processo* temos um romance que destoa daquilo que é comum nas narrativas tradicionais, cujos enredos apresentam personagens previsíveis e sólidos. A forma como a narrativa acontece nos leva a inúmeros labirintos dentro da história, onde nos deparamos com diálogos que se interrompem abruptamente, o que também ocorre com alguns capítulos. Não existe uma transição de um capítulo para outro de forma completa, nos dando a impressão de que falta alguma informação, fazendo com que o leitor se veja inserido em uma



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

irrealidade confusa e claustrofóbica.

Destaca-se, também, as estranhezas que envolvem a personagem Josef K, um ser intransponível e cujas ações não condizem com a realidade. Tais traços dão um tom de estranheza à obra, deixando o leitor desconfortável e sem respostas para muitas das situações que ocorrem ao longo do enredo.

Este trabalho tem por objetivo analisar as características do protagonista do romance *O Processo* com enfoque na teoria do herói problemático, apontando os caminhos teóricos percorridos por George Lukács em sua obra *A teoria do Romance*, dando amostras de como esse herói se apresenta nas situações que o circundam, bem como esse ser se constitui e as dificuldades encontradas por ele. Dessa forma, contrastando a sua realidade com a do Herói Problemático, analisando suas principais características, chegaremos ao cerne dessa personagem tão complexa e enigmática que, apesar de passados tantos anos desde a sua publicação, ainda suscita muitas dúvidas, cativando legiões de leitores.

Frans Kafka

Franz Kafka é um escritor muito importante para literatura moderna, ele é tcheco e nasceu em 3 de julho de 1883, filho dos judeus Julie Löwy e Hermann Kafka, um comerciante de classe média. Era o mais velho de seis filhos, mas perdeu dois irmãos ainda na infância, restando-lhe, portanto, três irmãs mais novas, em cuja educação e sustento ele colaborou. Otta, a irmã caçula, foi a mais próxima do autor, com quem ele trocou cartas ao longo da vida.

Aprendeu alemão como primeiro idioma, embora também falasse tcheco. Ingressou na universidade no curso de Direito, período em que fez parte de um clube estudantil que era voltado para atividades literárias, organizando leituras e eventos.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Formado em 1906, Kafka ingressou no mercado de trabalho primeiramente como empregado de uma corretora de seguros italiana, o que ocupava quase todo o seu tempo, deixando poucas horas livres para dedicar-se à escrita. Depois de pouco menos de um ano, pediu demissão e passou a trabalhar para o Instituto de Seguros para Acidentes de Trabalhadores do Reino da Boêmia. Descrito como um profissional ambicioso, permaneceu no Instituto até 1917, quando descobriu que estava com tuberculose. A partir do diagnóstico, passou por diversas internações em busca de tratamento.

Esteve duas vezes noivo de Felice Bauer, mas o casamento lhe parecia uma indesejável prisão que o impediria de exercer a função de escritor. O estresse, a insônia, a ansiedade e os esforços excessivos agravaram a sua tuberculose, que acabou por ser a causa de sua morte, que ocorreu em 3 de junho de 1924.

Kafka é considerado um escritor modernista, cujas obras apresentam traços do expressionismo, como é o caso da deformação da realidade, o que favorece o surgimento de uma narrativa absurda, que foge do racional. Desse modo, seus textos não são convencionais, fugindo do modelo de causalidade e efeito das narrativas tradicionais. Procurando causar estranhamento e desconforto ao leitor, na definição do crítico americano Harold Bloom (1994, p. 383-384), Kafka é “o escritor central do nosso caos” e um dos dois “autores centrais do século XX”, na medida em que, por meio de seus personagens estranhos e insondáveis, representa o homem último, atormentado pelos medos e incertezas da modernidade.

A literatura Kafkiana compreende a alienação e a brutalidade, sua escrita contempla uma junção do imaginário com o concreto, sendo reconhecido pelos textos obscuros, complexos e surrealistas, que exploram vários temas como a culpa e a natureza complexa da existência humana.

Sua escrita é caracterizada por apresentar narrativas bem detalhadas, combinadas



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

com uma atmosfera opressiva e surreal, o que favorece um clima de tensão e desconforto no leitor, utilizando situações absurdas e variadas para explorar questões existenciais e psicológicas.

A obra de Kafka teve um impacto muito grande na literatura e na cultura em geral, o poeta inglês W.H. Auden (1998, pág. 497-498) disse sobre Kafka: “se eu tivesse que escolher o autor que tem para com nossa época aproximadamente a mesma relação que Dante e Shakespeare para com a sua, Kafka é o primeiro nome em que eu pensaria”. O termo "kafkiano" é frequentemente usado para descrever situações ou sistemas complexos, irônicos e desumanizadores da modernidade.

A análise de Franz Kafka revela um escritor que explorou as profundezas da condição humana, apresentando as angústias, os medos e a alienação do indivíduo em um mundo opressivo e incompreensível. Sua escrita única e sua visão fria da existência humana fizeram dele um dos autores mais influentes e estudados da literatura moderna.

Kafka desenvolveu um estilo literário caracterizado por narrativas surrealistas e opressivas. Suas histórias frequentemente apresentam protagonistas isolados e ambientes absurdos. Esse estilo influenciou profundamente a literatura do século XX e ele continua até hoje sendo uma referência para muitos. Suas obras abordam questões fundamentais da existência humana, como a alienação, a solidão, a busca por identidade, sendo que seus personagens estão frequentemente vivenciando situações absurdas e enfrentando vários conflitos.

Kafka também apresentou os sistemas opressivos e a desumanização da sociedade em suas obras. Seus textos frequentemente sugerem uma crítica à alienação do indivíduo moderno em relação ao poder e à autoridade. Kafka desafiou as normas sociais e políticas de sua época, explorando temas como a opressão do governo, a arbitrariedade da justiça e a falta de liberdade individual.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O autor deixou um legado literário impressionante, sendo que suas obras mais famosas, como *A Metamorfose*, *O Processo* e *O Castelo*, continuam a ser estudadas e discutidas até os dias de hoje.

O Processo

O romance *O Processo* foi publicado postumamente em 1925. É considerada uma das obras mais importantes da literatura moderna e, sem dúvida, um dos romances mais emblemáticos do escritor. A obra retrata a história de Josef K., um funcionário de banco que é preso de maneira inexplicável e sem motivo aparente. A partir desse momento, ele se vê imerso em um sistema jurídico burocrático e opressivo, sem conseguir entender o que está acontecendo ou como sair dessa situação, enfrentando um processo judicial sem ter acesso a informações concretas sobre a sua acusação.

A narrativa de Kafka é marcada pela ambiguidade e pela sensação constante de opressão e falta de controle sobre o destino de Josef K. Ao longo do livro, o protagonista tenta desvendar a natureza do processo ao qual está submetido, mas é confrontado com a inacessibilidade dos tribunais e com a burocracia que permeia toda a sociedade.

No que diz respeito à sua estrutura composicional, obra é construída de forma fragmentada, com cenas que se intercalam e personagens que aparecem e desaparecem sem explicação, o que exige um leitor atento e meticuloso. Esse estilo narrativo é uma das marcas registradas do autor, que utiliza a técnica do “realismo mágico” para descrever a realidade de maneira distorcida e onírica, traço marcante dos romances vanguardistas e experimentais.

Em *O Processo*, Kafka retrata a fragilidade do indivíduo frente ao sistema jurídico e à sociedade como um todo. Segundo o pesquisador alemão Peter-André Alt, a obra é “uma das maiores metáforas literárias da modernidade sobre a impotência e a insignificância do



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

indivíduo diante do sistema burocrático e jurídico” (2005, p. 9).

Para muitos críticos, *O Processo* é uma obra que reflete as angústias e inseguranças que Kafka sentia em relação à sua própria vida e aos conflitos que enfrentava no âmbito familiar e profissional. Segundo o pesquisador brasileiro Paulo Franchetti, a obra é “uma metáfora poderosa da condição humana moderna, marcada pelo sentimento de impotência e de inadequação” (Franchetti, 2007, p. 13) A obra reflete a angústia do homem moderno diante da perda de controle sobre a própria vida e a sensação de impotência e inadequação frente ao sistema. A sociedade retratada no livro é dominada por uma burocracia opressiva e desumana, que parece funcionar de maneira autônoma, sem levar em consideração as necessidades e as emoções dos indivíduos.

A obra pode ser lida como uma crítica ao poder e à autoridade. Os personagens que representam o poder no livro são sempre retratados de forma ambígua e misteriosa, o que contribui para a sensação constante de insegurança e incerteza que permeia toda a narrativa. A figura do “Advogado” é um exemplo claro desse tipo de personagem: ele é apresentado como um homem poderoso e influente, mas sua verdadeira natureza e seus verdadeiros interesses permanecem sempre ocultos.

Outro aspecto marcante de *O Processo* é a maneira como Kafka utiliza a linguagem para criar um clima de suspense e de alienação. A narrativa é repleta de diálogos truncados, descrições vagas e eventos surreais, o que contribui para a sensação de que o mundo de Josef K. é completamente desprovido de sentido. Tal traço faz com que o, durante todo o enredo, procure trazer coerência e logicidade à narrativa.

Além disso, o romance também apresenta uma forte crítica à burocracia e à tecnocracia que permeiam as sociedades modernas. Segundo o pesquisador italiano Italo Calvino, a obra é uma “sátira amarga da sociedade moderna, que transforma a justiça em uma máquina impessoal, a burocracia em um labirinto inescapável e a tecnologia em uma



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

força opressiva” (Calvino, 1972, p. 383)

O Processo é uma obra que aborda temas como a alienação, a impotência do indivíduo frente ao sistema, a crítica à burocracia e à tecnocracia e a condição humana moderna. Destaca-se também o fato de que a narrativa é marcada pela ambiguidade e pelo clima de suspense, o que contribui para a sensação constante de opressão e falta de controle sobre o destino dos personagens.

Outros pesquisadores também apontam para a relevância da obra de Kafka. Segundo o crítico literário norte-americano Harold Bloom, “O Processo” é uma das obras mais importantes da literatura do século XX e uma das principais influências para escritores como Samuel Beckett e Jorge Luis Borges (Bloom, 1994, p. 393). Já o filósofo alemão Walter Benjamin afirmou que Kafka era “o escritor da modernidade por excelência” e que suas obras retratavam o “apocalipse da subjetividade” (Benjamin, 1987, p. 15).

No Brasil, *O Processo* também foi objeto de estudos e análises por parte de pesquisadores da literatura e da cultura. O crítico literário Antônio Candido, por exemplo, destacou a importância da obra de Kafka como uma crítica à modernidade e à racionalidade instrumental que a permeia (Candido, 1992, p. 235).

Em suma, *O Processo* é uma obra que continua a exercer forte influência na literatura e na cultura contemporânea. Sua abordagem dos temas relacionados à alienação, à impotência do indivíduo frente ao sistema e à crítica à burocracia e à tecnocracia ressoam até hoje e fazem com que a obra de Kafka continue a ser objeto de estudos e análises por parte de pesquisadores e críticos literários de todo o mundo.

O Herói Problemático na Literatura Moderna

Antes de analisarmos o personagem Josef K. como um herói problemático, é preciso



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

entender o que significa esse conceito e como ele se aplica à literatura moderna. O termo herói problemático foi cunhado pelo filósofo e crítico literário marxista Georg Lukács, em sua obra *A teoria do romance*, publicada em 1916. Nessa obra, Lukács faz uma distinção entre o romance moderno e a narrativa clássica, em especial a epopeia, e entre o herói moderno e o herói clássico.

Segundo Lukács, a narrativa clássica é uma forma literária que surge na Antiguidade e na Idade Média, e que se caracteriza por representar um mundo harmonioso e coerente, no qual o herói clássico se insere como um modelo de humanidade e de virtude. O herói clássico é um personagem que possui uma identidade definida, uma visão clara de seu destino e uma relação equilibrada com o mundo. É capaz de realizar ações grandiosas e nobres, que expressam os valores e os ideais de sua época e de sua cultura. O herói clássico é, portanto, um reflexo da totalidade e da harmonia do mundo.

No entanto, com o advento da modernidade, esse mundo harmonioso e coerente se desfaz, dando lugar a um mundo fragmentado, contraditório e alienante. A modernidade é marcada por processos históricos e sociais que provocam uma crise na consciência humana, como o surgimento do capitalismo, da ciência, da razão, da individualidade, da secularização, da democracia, da revolução, da guerra, etc. Esses processos geram uma ruptura entre o homem e o mundo, entre o sujeito e o objeto, entre o ideal e o real, entre o sagrado e o profano, entre o universal e o particular, entre o passado e o futuro, etc. Essa ruptura impede o homem de encontrar um sentido e um propósito para a sua existência, e de se relacionar de forma plena e autêntica com o mundo.

Diante desse cenário, surge o romance moderno, como uma forma literária que reflete e expressa a crise da modernidade e da consciência humana. O romance moderno é uma forma literária que se caracteriza por representar um mundo problemático e incompreensível, no qual o herói moderno se insere como um modelo de problematização e



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

de questionamento. O herói moderno é um personagem que não possui uma identidade definida, nem uma visão clara de seu destino, e que se encontra em conflito com o mundo. É incapaz de realizar ações grandiosas e nobres, que expressem os valores e os ideais de sua época e de sua cultura. O herói moderno é, portanto, um reflexo da fragmentação e da contradição do mundo.

Lukács denomina o herói moderno de herói problemático, pois ele é um personagem que se confronta com os problemas da modernidade e da consciência humana, e que busca uma solução ou uma saída para esses problemas. É um personagem que se vê diante de escolhas difíceis e dilemas morais, que não tem critérios ou valores para orientá-lo, que não tem garantias ou esperanças para sustentá-lo, que não tem soluções ou consolos para satisfazê-lo. O herói problemático é um personagem que expressa a dimensão problemática da existência humana, diante da qual não há resposta ou sentido.

Para Lukács, o herói problemático pode assumir diferentes formas, de acordo com o grau de sua problematização e de sua relação com o mundo. Em sua obra *A teoria do romance*, ele distingue três tipos de herói problemático: o aventureiro, o cavaleiro andante e o homem sem qualidades. Em sua obra posterior, *A alma e as formas*, Lukács acrescenta um quarto tipo de herói problemático: o herói trágico. Vamos examinar brevemente cada um desses tipos, para depois aplicá-los ao personagem Josef K. de *O processo*.

O aventureiro

É o tipo de herói problemático que se adapta às circunstâncias e busca o sucesso e o prazer, sem se preocupar com os valores morais ou sociais. O aventureiro é um personagem que vive de forma superficial e pragmática, que aproveita as oportunidades que se apresentam, que se envolve em situações perigosas e excitantes, que se relaciona com



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

peças diversas e interessantes, que se diverte com as ironias e as contradições do mundo. O aventureiro é um personagem que não tem uma essência ou um propósito, que não tem uma identidade ou um destino, que não tem uma consciência ou uma responsabilidade. É um personagem que expressa a dimensão lúdica e cínica da existência humana, diante da qual não há compromisso ou sentido.

Um exemplo de aventureiro na literatura moderna é o personagem Don Juan, que aparece em várias obras de diferentes autores, como Tirso de Molina, Molière, Byron, Zorrilla, entre outros. Don Juan é um personagem que se dedica a seduzir e a abandonar mulheres de todas as classes e condições, que desafia as leis e as convenções da sociedade, que se envolve em duelos e em fugas, que se diverte com as suas mentiras e as suas trapagens, que ri da religião e da moral. Don Juan é um personagem que não tem escrúpulos nem remorsos, que não tem amor nem respeito, que não tem fé nem esperança. Don Juan é um personagem que representa o espírito aventureiro e libertino da modernidade, que se opõe ao espírito clássico e cristão da tradição.

Josef K. não pode ser considerado um aventureiro, pois ele não se adapta às circunstâncias nem busca o sucesso e o prazer, mas sim a justiça e a verdade. Ele não vive de forma superficial e pragmática, mas de forma angustiada e idealista. Também não aproveita as oportunidades que se apresentam, mas as rejeita ou as questiona. Não se envolve em situações perigosas e excitantes, mas em situações absurdas e desesperadoras. Não se relaciona com pessoas diversas e interessantes, mas com pessoas hostis e miseráveis. Não se diverte com as ironias e as contradições do mundo, mas se indigna e se frustra com elas. Josef K. não ri da religião e da moral, mas as busca e as respeita. Por fim, não representa o espírito aventureiro e libertino da modernidade, mas o espírito ético e idealista da tradição.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O cavaleiro andante

O cavaleiro andante é o tipo de herói problemático que mantém uma postura ética e idealista, mas que se choca com a realidade hostil e incompreensível. O cavaleiro andante é um personagem que vive de forma nobre e romântica, que segue um código de honra e de virtude, que busca uma causa e um sentido, que luta por um amor e por uma glória, que enfrenta os inimigos e os obstáculos, que defende os fracos e os oprimidos, que aspira a um mundo melhor e mais justo. O cavaleiro andante é um personagem que tem uma essência e um propósito, que tem uma identidade e um destino, que tem uma consciência e uma responsabilidade. O cavaleiro andante é um personagem que expressa a dimensão heroica e utópica da existência humana, diante da qual não há conformismo ou resignação.

Um exemplo de cavaleiro andante na literatura moderna é o personagem Dom Quixote, que aparece na obra homônima de Miguel de Cervantes, publicada em 1605 e 1615. Dom Quixote é um personagem que enlouquece de tanto ler romances de cavalaria e decide se tornar um cavaleiro andante, como os que ele admirava nos livros, vestindo uma armadura velha e enferrujada e montando em um cavalo magro e fraco. Inventa uma dama idealizada e inexistente e parte em busca de aventuras pelo mundo. Dom Quixote é um personagem que confunde a realidade com a fantasia, que vê gigantes em moinhos de vento, que vê castelos em albergues, que vê princesas em camponesas, que vê cavaleiros em mercadores. É um personagem que representa o espírito cavalheiresco e quixotesco da modernidade, opondo-se ao espírito burguês e realista da tradição.

Josef K. pode ser considerado um cavaleiro andante, pois ele mantém uma postura ética e idealista, mas que se choca com a realidade hostil e incompreensível. Vivendo de forma nobre e romântica, se vê envolvido em um processo kafkiano, que o acusa e o condena sem lhe dar a oportunidade de se defender ou de se redimir. Josef K. segue um código de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

honra e de virtude, mas se depara com um tribunal obscuro e corrupto, que se baseia em leis secretas e inacessíveis, que se manifesta em lugares improváveis e insalubres, fazendo uso de funcionários incompetentes e cruéis, que se aproveitam da ignorância e da miséria das pessoas. Josef K. busca uma causa e um sentido, mas se frustra com a falta de lógica e de justiça do seu processo, que não lhe revela o motivo da sua acusação, nem o meio da sua defesa, nem o fim da sua sentença.

Josef K. luta por um amor e por uma glória, mas se decepciona com as mulheres que o seduzem e o traem, e com os homens que o aconselham e o enganam. Ele enfrenta os inimigos e os obstáculos, mas não consegue vencê-los nem os compreender, pois eles são muitos e variados, e eles mudam de forma e de lugar, agindo de modo irracional e arbitrário. Josef K. se dá conta de que o mundo é cruel e indecifrável, e que ele está condenado a uma morte absurda e trágica. Representa, assim, o espírito cavalheiresco e quixotesco da modernidade, que se opõe ao espírito kafkiano e absurdo da tradição.

O homem sem qualidades

O homem sem qualidades é o tipo de herói problemático que se torna indiferente e cético, incapaz de agir ou de se comprometer com qualquer causa ou sentido. Sem qualidades, é um personagem que vive de forma vazia e abstrata, que não tem nenhum interesse ou paixão, que não tem nenhuma convicção ou ilusão, que não tem nenhuma emoção ou sensação, que não tem nenhuma identidade ou personalidade. Trata-se de um personagem que não tem uma essência ou um propósito, que não tem uma identidade ou um



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

destino, que não tem uma consciência ou uma responsabilidade. É um personagem que expressa a dimensão niilista e irônica da existência humana, diante da qual não há valor ou sentido.

Um exemplo de homem sem qualidades na literatura moderna é o personagem Ulrich, que aparece na obra homônima de Robert Musil, publicada entre 1930 e 1943. Ulrich é um personagem que é um matemático de sucesso, mas que se sente insatisfeito e entediado com a sua vida. Ele é um personagem que decide abandonar a sua carreira e a sua rotina, e se dedicar a uma experiência de vida sem qualidades, ou seja, sem nenhum objetivo ou direção, sem nenhuma regra ou limite, sem nenhuma coerência ou consistência. Se envolve em diversas situações e relações, mas que não se identifica ou se compromete com nenhuma delas. É um personagem que experimenta diferentes ideias e sentimentos, mas que não se convence ou se emociona com nenhum deles. Ulrich é um personagem que representa o espírito crítico e cético da modernidade, que se opõe ao espírito dogmático e sentimental da tradição.

Josef K. não pode ser considerado um homem sem qualidades, pois ele não se torna indiferente e cético, mas sim angustiado e idealista. Não vive de forma vazia e abstrata, mas de forma intensa e concreta. Também não abandona a sua carreira e a sua rotina, mas as mantém e as valoriza. Não se dedica a uma experiência de vida sem qualidades, mas a uma busca de justiça e de verdade. Josef K. não se envolve em diversas situações e relações, mas se concentra em seu processo e em seu destino. Por fim, não experimenta diferentes ideias e sentimentos, mas se apega aos seus princípios e aos seus ideais. Josef K. não representa o espírito crítico e cético da modernidade, mas o espírito ético e idealista da tradição.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O herói trágico

O herói trágico é o tipo de herói problemático que reconhece a impossibilidade de conciliar seus ideais com a realidade, e que assume as consequências de sua escolha, mesmo que isso signifique sua ruína ou sua morte. Vive de forma nobre e dramática, que segue um código de honra e de virtude, que busca uma causa e um sentido, que luta por um amor e por uma glória, que enfrenta os inimigos e os obstáculos, que defende os fracos e os oprimidos, que aspira a um mundo melhor e mais justo. Trata-se de um personagem que tem uma essência e um propósito, uma identidade e um destino, uma consciência e uma responsabilidade. O herói trágico é um personagem que expressa a dimensão trágica da existência humana, diante da qual não há solução ou consolo.

Um exemplo de herói trágico na literatura moderna é o personagem Hamlet, que aparece na obra homônima de William Shakespeare, publicada em 1603. Hamlet é um personagem que é o príncipe da Dinamarca, mas que se vê envolvido em uma trama de assassinato e vingança, que envolve o seu pai, o seu tio e a sua mãe. Hamlet é um personagem que recebe a visita do fantasma de seu pai, que lhe revela que ele foi morto pelo seu tio, que usurpou o seu trono e se casou com a sua mãe. Decide vingar a morte de seu pai, mas que hesita e duvida da sua ação, pois ele não tem certeza da veracidade do fantasma, nem da sua própria capacidade. Hamlet é um personagem que se envolve em diversas situações e relações, mas que se afasta e se isola de todas elas. Experimenta diferentes ideias e sentimentos, mas que se atormenta e se angustia com todos eles. Trata-se de um personagem que representa o espírito trágico e dramático da modernidade, que se opõe ao espírito cômico e lúdico da tradição.

Josef K. pode ser considerado um herói trágico, pois ele reconhece a impossibilidade de conciliar seus ideais com a realidade, e assume as consequências de sua



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

escolha, mesmo que isso signifique a sua ruína ou a sua morte. Josef K. vive de forma nobre e dramática, mas se vê envolvido em um processo kafkiano, que o acusa e o condena sem lhe dar a oportunidade de se defender ou de se redimir. Segue um código de honra e de virtude, mas se depara com um tribunal obscuro e corrupto, que se baseia em leis secretas e inacessíveis, que se manifesta em lugares improváveis e insalubres, que se utiliza de funcionários incompetentes e cruéis, que se aproveita da ignorância e da miséria das pessoas, que se infiltra em todos os aspectos da vida, que não oferece nenhuma garantia ou esperança.

Josef K. busca uma causa e um sentido, mas se frustra com a falta de lógica e de justiça do seu processo, que não lhe revela o motivo da sua acusação, nem o meio da sua defesa, nem o fim da sua sentença. Luta por um amor e por uma glória, mas se decepciona com as mulheres que o seduzem e o traem, e com os homens que o aconselham e o enganam. Enfrenta os inimigos e os obstáculos, mas não consegue vencê-los nem compreendê-los, pois eles são muitos e variados, e eles mudam de forma e de lugar, e eles agem de modo irracional e arbitrário.

Josef K. defende os fracos e os oprimidos, mas não recebe o apoio nem a gratidão deles, pois eles são submissos e resignados, e eles colaboram e se identificam com o tribunal. Josef K. aspira a um mundo melhor e mais justo, mas se dá conta de que esse mundo é impossível e inexistente, e que ele está condenado a uma morte absurda e trágica. Ele representa, assim, o espírito trágico e dramático da modernidade, que se opõe ao espírito kafkiano e absurdo da tradição.

O Herói Problemático em O Processo de Franz Kafka segundo a Teoria de Georg Lukács

O romance *O processo*, de Franz Kafka, publicado postumamente em 1925, narra a



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

história de Josef K., um bancário que é preso e processado por um tribunal misterioso e arbitrário, sem saber o motivo de sua acusação. Ao longo da obra, o protagonista tenta se defender e buscar a justiça, mas se depara com uma série de obstáculos, burocracias e absurdos que o levam a um desfecho trágico e irônico.

O Processo é considerado uma das obras-primas da literatura moderna e uma das mais representativas do estilo kafkiano, marcado pela angústia, pelo surrealismo e pela crítica social. O romance também pode ser interpretado sob diferentes perspectivas teóricas, como a psicanálise, a filosofia, o direito e a sociologia.

Neste artigo, propomos uma análise do romance *O processo* a partir da teoria do herói problemático, desenvolvida pelo filósofo e crítico literário marxista Georg Lukács. Segundo Lukács, o herói problemático é um tipo de personagem que surge na literatura moderna, em contraste com o herói clássico, que representa um ideal de humanidade e de harmonia com o mundo. O herói problemático, por sua vez, é um indivíduo que se encontra em conflito com a realidade histórica e social, que é fragmentada, contraditória e alienante. O herói problemático não possui uma identidade definida, nem uma visão clara de seu destino, e se vê diante de escolhas difíceis e dilemas morais. Ele é, portanto, um reflexo da crise da modernidade e da consciência humana.

Para Lukács, o herói problemático pode assumir diferentes formas, de acordo com o grau de sua problematização e de sua relação com o mundo. Em sua obra *A teoria do romance*, publicada em 1916, Lukács distingue três tipos de herói problemático: o aventureiro, o cavaleiro andante e o homem sem qualidades. O aventureiro é aquele que se adapta às circunstâncias e busca o sucesso e o prazer, sem se preocupar com os valores morais ou sociais. O cavaleiro andante é aquele que mantém uma postura ética e idealista, mas que se choca com a realidade hostil e incompreensível. O homem sem qualidades é aquele que se torna indiferente e cético, incapaz de agir ou de se comprometer com qualquer



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

causa ou sentido.

Em sua obra posterior, *A alma e as formas*, publicada em 1911, Lukács acrescenta um quarto tipo de herói problemático: o herói trágico. O herói trágico é aquele que reconhece a impossibilidade de conciliar seus ideais com a realidade, e que assume as consequências de sua escolha, mesmo que isso signifique a sua ruína ou a sua morte. O herói trágico é, assim, um personagem que expressa a dimensão trágica da existência humana, diante da qual não há solução ou consolo.

Nossa hipótese é que Josef K., o protagonista de *O processo*, pode ser considerado um herói problemático, e mais especificamente, um herói trágico, segundo a teoria de Lukács. Para sustentar essa hipótese, vamos examinar as características do personagem, sua trajetória e seu destino, à luz dos conceitos lukacsianos. Em seguida, vamos discutir as implicações e os limites dessa abordagem, bem como as possíveis contribuições que ela pode oferecer para a compreensão e a apreciação da obra de Kafka.

Josef K. como Herói Problemático

Josef K. é um personagem que se enquadra na categoria de herói problemático, pois ele representa um indivíduo que se confronta com uma realidade histórica e social que é opressiva, irracional e incompreensível. Josef K. não possui uma identidade definida, nem uma visão clara de seu destino, e se vê diante de escolhas difíceis e dilemas morais. Ele é, portanto, um reflexo da crise da modernidade e da consciência humana.

Josef K. é apresentado como um funcionário exemplar de um banco, que tem uma posição de destaque e uma vida confortável. Ele parece ser um homem bem-sucedido e adaptado à sociedade, mas que não tem grandes ambições ou ideais. Ele vive uma rotina monótona e superficial, sem se envolver profundamente com ninguém. Ele tem relações



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

casuais com algumas mulheres, mas não demonstra amor ou respeito por elas. Ele também não tem uma família ou amigos verdadeiros, apenas conhecidos e colegas de trabalho. Ele é, portanto, um homem solitário e vazio, que não tem uma essência ou um propósito.

No entanto, a situação de Josef K. muda radicalmente no dia de seu aniversário, quando ele é preso e processado por um tribunal misterioso e arbitrário, sem saber o motivo de sua acusação. A partir desse momento, ele entra em um pesadelo kafkiano, no qual ele tenta se defender e buscar a justiça, mas se depara com uma série de obstáculos, burocracias e absurdos que o levam a um desfecho trágico.

O processo que Josef K. enfrenta é uma alegoria da condição humana na modernidade, na qual o indivíduo se vê submetido a um poder invisível e onipresente, que o controla e o julga, sem lhe dar a oportunidade de se explicar ou de se redimir. O tribunal que processa Josef K. não é um órgão racional e justo, mas uma instituição obscura e corrupta, que se baseia em leis secretas e inacessíveis, que se manifesta em lugares improváveis e insalubres, que se utiliza de funcionários incompetentes e cruéis, que se aproveita da ignorância e da miséria das pessoas, que se infiltra em todos os aspectos da vida, que não oferece nenhuma garantia ou esperança.

Josef K. não sabe quem o acusa, nem do que é acusado, nem como se defender, nem como se livrar do processo. Ele não tem acesso aos autos, nem aos juízes, nem às testemunhas, nem aos advogados. Não tem direito a um julgamento justo, nem a uma sentença clara, nem a um recurso possível. Ele não tem como provar sua inocência, nem como conhecer sua culpa, nem como reparar seu erro. Não tem como escapar do processo, nem como resistir ao processo, nem como aceitar o processo. Ele está, portanto, em uma situação absurda e desesperadora, na qual ele não tem controle sobre seu destino, nem sobre seu sentido.

Josef K. é, assim, um herói problemático, que se confronta com uma realidade



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

histórica e social que é opressiva, irracional e incompreensível. Ele é um indivíduo que se vê diante de escolhas difíceis e dilemas morais, mas que não tem critérios ou valores para orientá-lo. Ele é um reflexo da crise da modernidade e da consciência humana.

O momento da detenção

No início do romance, Josef K. é detido em seu próprio quarto por dois guardas, que lhe comunicam que ele está sendo processado por um crime que desconhece. Reage com incredulidade e indignação, e tenta mostrar que ele é superior aos guardas e ao inspetor que os acompanha. Ele menospreza a autoridade do tribunal, e acredita que tudo não passa de um engano ou de uma brincadeira. Se recusa a cooperar com o processo, e afirma que vai se defender sozinho, sem a ajuda de um advogado. Também se mostra confiante em sua inocência, e espera que o tribunal reconheça seu processo.

Ele ainda acredita que pode se impor pela sua posição social e pela sua razão, mas não percebe que o tribunal não se baseia em critérios racionais ou justos, mas em leis secretas e inacessíveis, que ele desconhece e que não pode contestar. Também não se dá conta de que o tribunal não é uma instituição isolada, mas uma estrutura que permeia toda a sociedade, e que conta com a colaboração e a submissão de todos os seus membros. Josef K. está, portanto, em desvantagem diante do tribunal, que tem o poder de manipular e de humilhar o réu, como fica evidente na cena em que os guardas são flagelados no banco, diante de Josef K. e de seus colegas de trabalho.

O primeiro inquérito

No domingo seguinte à sua detenção, Josef K. é convocado para um inquérito em



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

um prédio do subúrbio, onde ele encontra uma sala lotada de pessoas que assistem ao seu interrogatório. Aproveita a oportunidade para fazer um discurso em que ele procura provar sua inocência e acusar o tribunal de ser injusto e arbitrário. Também tenta se solidarizar com o público, esperando obter o seu apoio e a sua simpatia. No entanto, se decepciona com a reação das pessoas, que o hostilizam e o ridicularizam. Ele também se surpreende com a presença de alguns conhecidos seus, como o gerente do banco e a lavadeira, que parecem estar envolvidos com o tribunal. Percebe, então, que o tribunal não é uma entidade distante e abstrata, mas uma realidade concreta e próxima, que se manifesta em lugares improváveis e insalubres, que se utiliza de pessoas comuns e miseráveis, que se infiltra em todos os aspectos da vida, que não oferece nenhuma garantia ou esperança.

Um exemplo dessa percepção de Josef K. é o seguinte trecho, em que ele observa o ambiente do inquérito:

A sala, que era muito grande, parecia ter sido outrora uma sala de aula. Ao longo das paredes laterais, estavam dispostas fileiras de bancos, que estavam quase todos ocupados por pessoas de aspecto humilde, que pareciam ter vindo do campo, e que seguravam os chapéus entre as pernas. A luz vinha de quatro janelas altas, que se abriam para um pátio interno, onde havia um monte de lixo e um poço. No fundo da sala, havia uma tribuna, onde se sentavam três juízes, vestidos de preto, com as cabeças inclinadas, como se estivessem cochilando. Na frente da tribuna, havia uma mesa, onde estava um funcionário, que lia um livro grosso, cheio de anotações. No meio da sala, havia um estrado, onde estava um banco, que parecia ser o lugar destinado ao réu. (Kafka, 2004, p. 41)

Nesse trecho, Josef K. se depara com um cenário que contrasta com a sua expectativa de um julgamento sério e formal. Ele se vê em uma sala suja e decadente, rodeado de pessoas pobres e ignorantes, diante de juízes sonolentos e indiferentes, e de um funcionário entediado e burocrático. Ele se sente deslocado e desamparado, sem saber como



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

se comportar ou o que dizer. Se dá conta de que o tribunal não é um órgão racional e justo, mas uma instituição obscura e corrupta, que se baseia em leis secretas e inacessíveis, que se manifesta em lugares improváveis e insalubres, utilizando-se de funcionários incompetentes e cruéis, que se aproveitam da ignorância e da miséria das pessoas, para se infiltrar em todos os aspectos das suas vidas.

A constatação da derrota

Após o primeiro inquérito, Josef K. tenta obter mais informações sobre o seu processo, e procura a ajuda de um advogado, que lhe promete defender o seu caso. No entanto, Josef K. logo se decepciona com o advogado, que lhe diz que o seu processo é muito difícil, e que ele não pode esperar uma absolvição, mas apenas um adiamento da sentença. O advogado também lhe diz que o tribunal é muito poderoso e influente, e que ele tem contatos com alguns juízes e funcionários, que podem lhe favorecer. Também lhe aconselha a não se envolver diretamente com o processo, mas a deixar tudo por sua conta, e a confiar na sua experiência e na sua habilidade.

Josef K. percebe, então, que o advogado não está realmente interessado em defender o seu direito, mas em explorar o seu dinheiro e o seu medo. Decide, então, dispensar o advogado, e tentar se defender sozinho, mas ele se dá conta de que isso é praticamente impossível, pois ele não tem acesso aos autos, nem aos juízes, nem às testemunhas, nem aos advogados. Ele não tem direito a um julgamento justo, nem a uma sentença clara, nem a um recurso possível. Ele não tem como provar sua inocência, nem como conhecer sua culpa, nem como reparar seu erro. Ele não tem como escapar do processo, nem como resistir ao processo, nem como aceitar o processo.

Um exemplo dessa constatação de Josef K. é o seguinte trecho, em que ele conversa

- 894 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

com um pintor, que lhe revela alguns segredos do tribunal:

— Você não sabe o que é o tribunal — disse o pintor — Você não sabe o que é o processo. Você não sabe o que é a lei. Você não sabe nada. Você acha que pode se defender sozinho, mas isso é uma ilusão. Você não tem nenhuma chance de vencer o processo, nenhuma chance de se livrar do processo, nenhuma chance de se conformar com o processo. O processo é uma máquina que tritura as pessoas, que as devora, que as cospe. O processo é uma força que ninguém pode controlar, que ninguém pode entender, que ninguém pode escapar. O processo é o destino, é o destino que você não pode mudar, é o destino que você não pode escolher, é o destino que você não pode aceitar (Kafka, 2004, p. 173).

Nesse trecho, Josef K. ouve do pintor uma descrição do tribunal que confirma a sua situação absurda e desesperadora. Ele ouve que o tribunal não é uma entidade racional e justa, mas uma força irracional e injusta, que determina o destino das pessoas, sem lhes dar a oportunidade de se explicar ou de se redimir. O tribunal não é uma instituição isolada e abstrata, mas uma estrutura que permeia toda a sociedade, e que conta com a colaboração e a submissão de todos os seus membros. Também não é um órgão que julga os crimes e as culpas, mas uma máquina que produz os crimes e as culpas, e que os pune com a morte. Ele ouve, enfim, que o tribunal não é um problema que ele pode resolver, mas um problema que ele é, e que ele não pode deixar de ser.

A sentença final

No final do romance, Josef K. recebe a visita de um padre, que lhe diz que ele é o capelão do tribunal e que veio lhe trazer uma mensagem. O padre lhe conta uma parábola, que supostamente faz parte das leis do tribunal, e que fala sobre um homem que busca a entrada da lei, mas que é impedido por um porteiro, que lhe diz que ele não pode entrar



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

naquele momento, mas que talvez ele possa entrar mais tarde. O homem espera por toda a sua vida, mas nunca consegue entrar na lei, e morre diante da porta, sem saber o motivo de sua recusa.

O padre pergunta a Josef K. o que ele acha da parábola, e ele responde que ela é absurda e contraditória, e que ele não vê nela nenhuma lição ou consolo. O padre, então, lhe diz que a parábola é uma alegoria da sua situação, e que ele deve interpretar a parábola de acordo com a sua própria situação, devendo se preparar para o seu fim.

Josef K. reconhece, então, a impossibilidade de conciliar seus ideais com a realidade, e que ele não tem nenhuma chance de escapar do seu destino. Josef K. decide, então, aceitar a sua sentença, e se entrega aos dois senhores que vêm buscá-lo para executá-lo. Josef K. morre com uma faca cravada no coração, sem saber o motivo de sua morte e sem encontrar nenhum sentido ou consolo.

Um exemplo dessa aceitação de Josef K. é o seguinte trecho, em que ele se despede do padre:

— Não — disse K. —, não é necessário que você me acompanhe. Você já me deu tudo o que podia. Você me deu muito mais do que eu esperava. Você me deu a verdade. Você me deu a lei. Você me deu o destino. Você me deu a morte. Eu não tenho mais nada a pedir. Eu estou pronto para ir. Eu estou pronto para morrer. (Kafka, 2004, p. 234)

Nesse trecho, Josef K. demonstra uma postura resignada e trágica, que revela a sua compreensão da sua situação. Ele agradece ao padre por ter lhe revelado a verdade sobre o seu processo, que é uma verdade absurda e contraditória, mas que é a única que ele pode conhecer. Reconhece que o tribunal é uma força irracional e injusta, que determina o seu destino, sem lhe dar a oportunidade de se explicar ou de se redimir. Aceita que o seu destino é a morte, e que ele não pode mudar nem escolher nem aceitar o seu destino. Ele se entrega,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

então, à morte, sem esperança ou consolo, sem culpa ou rebelião, sem sentido ou dignidade.

Josef K. é, assim, um herói trágico, que reconhece a impossibilidade de conciliar seus ideais com a realidade, e que assume as consequências de sua escolha, mesmo que isso signifique sua ruína ou sua morte. É um personagem que expressa a dimensão trágica da existência humana, diante da qual não há solução ou consolo.

Considerações Finais

Neste artigo, propusemos uma análise do romance *O processo* a partir da teoria do herói problemático, desenvolvida pelo filósofo e crítico literário Georg Lukács. Segundo Lukács, o herói problemático é um tipo de personagem que surge na literatura moderna, em contraste com o herói clássico, que representa um ideal de humanidade e de harmonia com o mundo. O herói problemático, por sua vez, é um indivíduo que se encontra em conflito com a realidade histórica e social, que é fragmentada, contraditória e alienante. O herói problemático não possui uma identidade definida, nem uma visão clara de seu destino, e se vê diante de escolhas difíceis e dilemas morais. Ele é, portanto, um reflexo da crise da modernidade e da consciência humana.

Para Lukács, o herói problemático pode assumir diferentes formas, de acordo com o grau de sua problematização e de sua relação com o mundo.

Nossa hipótese foi que Josef K., o protagonista de *O processo*, pode ser considerado um herói problemático, e mais especificamente, um herói trágico, segundo a teoria de Lukács. Para sustentar essa hipótese, examinamos as características do personagem, sua trajetória e o seu destino, à luz dos conceitos lukacsianos.

Concluimos que Josef K. é um personagem que se confronta com uma realidade



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

histórica e social que é opressiva, irracional e incompreensível, que se vê diante de escolhas difíceis e dilemas morais, mas que não tem critérios ou valores para orientá-lo, que reconhece a impossibilidade de conciliar seus ideais com a realidade, e que assume as consequências da sua escolha, mesmo que isso signifique sua ruína ou sua morte.

A análise do romance *O processo*, a partir da teoria do herói problemático de Lukács, nos permitiu compreender e apreciar melhor a obra de Kafka, bem como refletir sobre as questões existenciais e sociais que ela suscita. A obra de Kafka é uma crítica profunda e original da condição humana na modernidade, que revela a angústia, o absurdo e a tragédia que marcam a vida do indivíduo que se vê submetido a um poder invisível e onipresente, que o controla e o julga, sem lhe dar a oportunidade de se explicar ou de se redimir. A obra de Kafka é também uma obra de arte que utiliza uma linguagem precisa e envolvente, que cria um universo ficcional rico e complexo, que desafia e fascina o leitor.

Esperamos, com este artigo, ter contribuído para o estudo e a divulgação da obra de Kafka, bem como para o debate e a reflexão sobre o tema do herói problemático na literatura moderna.

Referências

ALT, Peter-André. **Kafka: A Biography**. Princeton University Press, 2017.

BENJAMIN, Walter. Franz Kafka: **A propósito do décimo aniversário de sua morte**. In: **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985. P. 121-163.

BLOOM, Harold. **Franz Kafka's "The Trial"**. Chelsea House Publishers, 2004.

CALVINO, Italo. **Seis Propostas para o Próximo Milênio**. Companhia das Letras, 1990.

CANDIDO, Antonio. **O Homem dos Aessos**. Companhia das Letras, 1993.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

FRANCHETTI, Paulo. **Kafka e o Fantástico**. Edusp, 1994.

KAFKA, Franz. **O processo**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LUKÁCS, Georg. **A alma e as formas**. Tradução de Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2000.

ROSENFELD, Anatol. **Reflexões sobre o romance moderno**. 2. d. Texto/Contexto. São Paulo: Perspectiva, 1973.

SOUZA, Eunice Prudenciano de. **Quixotismo: um percurso para o herói problemático na literatura brasileira**. Abralic.2008. Disponível em : https://bralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/008/EUNICE_SOUZA.pdf



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O *KREYÒL* HAITIANO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO – UM ESTUDO DE CASO

Becatrie Lorsa Pierre Louis (UNIOESTE)

Resumo: O Haiti tem duas línguas oficiais, o francês e o *Kreyòl*, aquele é a língua administrativa e este é falado por mais de 90% da população e no presente artigo pretende-se refletir acerca do *Kreyòl* como língua materna e língua de herança no contexto da migração haitiana no Brasil, desde pelo menos 2010. Para a elaboração deste trabalho baseia-se nas contribuições de Jean-Louis Calvet; Maria Cezário e Sebastião Votre sobre acerca da Sociolinguística e as Políticas Linguísticas e as concepções teóricas de língua materna, segunda língua, língua de herança, línguas minoritárias e majoritárias de Quézia Ramos e Sanimar Busse; Ivan Boruchowski; e Karen Pupp Spinassé. Espera-se que essa pesquisa possa promover a promoção da manutenção e valorização linguístico-cultural e identitária do *Kreyòl*.

Palavras-chave: crioulo haitiano, língua oficial, língua materna, língua de herança.

Introdução

Desde o ano de 2010 a imigração de haitianos para o Brasil vem crescendo consideravelmente. Segundo os dados do Relatório Anual do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra, 2020), de 2011 a 2019, foram registrados no país 1.085.673 imigrantes, dentre eles, 54.182 haitianos. Muitos desses imigrantes construíram famílias no Brasil e fizeram desta nação seu lar. Nesse sentido, pode-se dizer que, desde uma década, há uma comunidade haitiana morando no Brasil e por isso torna-se necessário refletir sobre a manutenção e a transmissão da sua principal língua, o *Kreyòl*, como uma Língua Materna (LM) e uma Língua de Herança (LH).

No Haiti, são duas as línguas oficiais, o *Kreyòl* que é falado por quase a totalidade da população e o francês, uma língua administrativa, ensinada na escola e utilizada nos espaços formais (CHAUDENSON; VERNET, 1983). Assim, o haitiano ele vem para o Brasil



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

tendo como língua materna o *Kreyòl* e passa por um processo de aquisição de uma segunda língua (SL), no caso o português. E, nesse processo, por vezes, a LM dos imigrantes é apagada ou fica restrita a situações especificamente familiares, pois, corre-se o risco de seus descendentes não se apropriarem do *Kreyòl* como LH, pois seus pais e avós acabam muitas vezes em não transmiti-la. Sendo assim, refletir acerca do *Kreyòl* como LM e Língua de Herança (LH), no Brasil, é importante na medida que possibilita pensar a promoção da sua manutenção, sua valorização linguístico-cultural e identitária, já que, “no crioulo está grande parte da identidade do povo haitiano” (Spears et. al, 2012 apud Pimentel; Cotinguiba; Ribeiro, 2016, p. 33).

Assim, nessa pesquisa, refletimos acerca das percepções dos imigrantes haitianos do uso do *Kreyòl* como LM e LH e para tanto recorreremos a uma análise documental para tratar as questões relacionadas à origem do *Kreyòl* e dos principais conceitos do trabalho. Também realizamos um estudo qualitativo, de natureza aplicada e inclusive de caráter exploratório e descritivo, pois visa “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 35; Triviños, 1987). Optou-se também pelo estudo de caso¹⁹ a fim de refletir sobre as vivências e percepções dos imigrantes haitianos que tiveram filhos no território brasileiro, no sentido de descrevê-las a partir dos dados levantados e, a partir destes, compreender e interpretar as representações advindas da ótica dos próprios participantes. Como ferramenta de pesquisa foi escolhido o questionário que foi elaborado com trinta perguntas abertas e uma de escala, as quais o participante respondeu da forma que desejou, tendo em vista as suas considerações em relação ao *Kreyòl* e o seu uso em situação de imigração.

¹⁹ Optamos pelo estudo de caso com vista a “compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador” (FONSECA, 2002, p. 33 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 39).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Quanto à sua organização, o questionário aplicado possui 3 campos (A - dados pessoais e socioculturais; B - função; C - atitudes). O campo A visou levantar dados relativos à idade, local de nascimento, profissão, tempo de moradia no Brasil, a sua língua materna, bem como a de seu(s) filho(s), se fala outras línguas, entre outras informações pessoais e socioculturais. Já o campo B trouxe ponderações sobre a percepção dos participantes quanto ao uso da língua portuguesa e da crioula em diversos contextos em solo brasileiro, desde a utilização destas línguas em situações formais e informais do dia a dia, seja na interação com brasileiros ou haitianos. Por fim, no campo C foi dedicado para a apresentação das percepções dos imigrantes haitianos em resposta aos questionamentos que versavam sobre o Haiti, as suas relações com o *Kreyòl* e o que ele representa para si, qual a opinião de cada participante sobre a transmissão do *Kreyòl* para seus filhos, como também como esta língua é vista pela comunidade haitiana tanto nas interações cotidianas quando no contexto escolar em que há o predomínio da língua majoritária do país, a francesa.

Para a escolha dos participantes preferiu-se imigrantes haitianos morando, atualmente, no Brasil e que possuem filhos nascidos em brasileiro; que fazem uso da língua portuguesa, a fim de avaliarem as perspectivas ideológicas a respeito das suas línguas e culturas de herança em comparação e/ou contraste com a língua e a cultura de acolhimento. O Quadro a seguir traz a caracterização dos participantes a partir dos dados pessoais e socioculturais apresentados no questionário sociolinguístico, cujas informações serviram de base para a análise e reflexão das demais considerações disponibilizadas pelos participantes no preenchimento desse instrumento de levantamento de dados.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Quadro 1 - Perfil característico dos participantes

Participante	Sexo	Idade	Escolaridade	Naturalidade	Cidade de moradia atual	Tempo no Brasil	LM	Língua(s) faladas	Língua dos avós
001	M	33	Estudo superior	Cap- Haitian	Foz do Iguaçu	10 anos	Crioulo	Crioulo, francês, português	Crioulo
002	M	31	Estudo superior	Port- de-Paix	Bahia	10 anos e 6 meses	Crioulo	Crioulo, francês, português, inglês, espanhol	Crioulo
003	F	28	Estudo superior incompleto	Petit-Goave	Foz do Iguaçu	7 anos	Crioulo	Crioulo, francês, português	Crioulo
004	M	35	Estudo superior incompleto	Marchand Dessalines	Foz do Iguaçu	8 anos	Crioulo	Crioulo, francês, português	Crioulo
005	F	26	Estudo superior incompleto	Saint-Marc	Foz do Iguaçu	4anos	Crioulo	Crioulo, francês, espanhol, português	Crioulo
006	F	35	Estudo superior	Port-au-Prince	Foz do Iguaçu	4 anos	Crioulo	Crioulo, francês, português	Crioulo
007	F	29	Curso Profissional	Gonaives	Toledo	6 anos	Crioulo	Crioulo, francês, português	Crioulo
008	M	35	Técnico	Marchand Dessalines	Toledo	7 anos	Crioulo	Crioulo, francês, português	Crioulo
009	F	51	Estudo superior incompleto	Port-au-Prince	Foz do Iguaçu	10 anos 3 meses	Crioulo	Crioulo, francês, português	Crioulo
010	F	30	Estudo superior incompleto	Port-au-Prince	Foz do Iguaçu	7 anos	Crioulo	Crioulo, francês, português, inglês.	Crioulo

Fonte: Sistematização da pesquisadora a partir dos dados pessoais e socioculturais dispostos no questionário.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A língua crioula haitiana

O *Kreyòl* haitiano tem sua origem no período colonial escravista. Os escravizados, provenientes de várias regiões da África, trouxeram consigo uma diversidade de línguas e dialetos que, em contato com as línguas indígenas da ilha e com o francês da época, misturaram-se, dando origem a outras “línguas”, chamadas de *pidgin* e de crioulo. Segundo Calvet (2002, p. 43), os *pidgins* que ele chama de línguas aproximativas, que não são as línguas primeiras de ninguém, formam-se quando povos de origens diferentes se encontravam misturados sem que tinham como se comunicar, pela diversidade das línguas faladas por cada grupo. Assim, gerava-se um problema de comunicação social que era resolvido por meio de uma língua aproximativa. Assim, para o autor,

um crioulo é um *pidgin* que se tornou língua veicular (isto é, a língua primeira da comunidade), tendo um léxico muito mais ampliado, uma sintaxe mais elaborada e campos de uso variados. O crioulo se caracteriza então por um vocabulário emprestado de uma língua dominante, a dos plantadores, e uma sintaxe fundada sobre a sintaxe das línguas africanas. Outros enfatizam que nenhuma descrição pôde provar verdadeiramente as relações entre a gramática dos crioulos e as das línguas africanas e se inclinam especialmente para a hipótese de uma *aproximação de aproximação*. É a tese de Robert Chaudenson. Baseando-se especialmente no crioulo da Ilha da Reunião, defende, com argumentos convincentes, que num primeiro tempo os escravos, pouco numerosos e vivendo relativamente perto de seus senhores, adquiriram um francês sumário (“uma aproximação do Francês”) e que, num segundo tempo, com a multiplicação do número de escravos, os recém-chegados aprenderam o “Francês” com os escravos mais antigos (adquirindo assim “uma aproximação da aproximação”) (CALVET, 2002, p. 43-44).

Então, devido ao contato estabelecido entre os colonizadores franceses, os escravizados africanos multilíngues e a necessidade de comunicação, surgiu o *Kreyòl*.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Embora não se tenha certeza acerca de como surgiu, é possível observar que houve um contato de línguas e que, a partir da interferência/transferência, alternância e da mistura de códigos²⁰ surgiram línguas veiculares²¹. E, no caso do crioulo haitiano, como comenta Singler (1996 *apud* PIMENTEL; COTINGUIBA; RIBEIRO, 2016, p. 35), “se desenvolveu entre 1680 e 1740, com a transição para o sistema de plantation – monocultura de exportação por meio de latifúndios de força de trabalho escrava”. Contudo, há uma dificuldade em encontrar dados mais precisos, tendo em vista a falta de documentos escritos em *Kreyòl* e sobre esta língua naquela época.

No Haiti pós-colonial, o *Kreyòl* conviveu de forma não harmoniosa com o francês que por muito tempo foi a única língua oficial do país. Somente em 1987 o *Kreyòl* passou a ser considerado como língua oficial na Constituição democrática do Haiti. Ou seja, apesar da importância histórica do crioulo, na medida que permitiu a comunicação e organização de uma população de escravizados em uma comunidade, em uma nação, foi reconhecida a língua oficial da nação há menos de 40 anos. E, embora o artigo 213, da nova constituição previa a criação de uma academia da língua crioula, somente em 2014 foi fundada a *Akademi Kreyòl Ayisyen* (AKA). Essa língua foi – e ainda é - constantemente desvalorizada pela elite haitiana. Como menciona Rodrigues (2008 *apud* PIMENTEL; COTINGUIBA; RIBEIRO, 2016, p. 35-36)

o crioulo recebeu a sua primeira grafia oficial em 1980, fruto de um movimento iniciado na década de 1940, quando pesquisadores tomaram consciência das gravidades do analfabetismo no país e, ao mesmo tempo,

²⁰ Quando ocorre a “passagem de um ponto do discurso de uma língua a outra, [é] chamada de *mistura de línguas* (a partir do inglês *code mixing*) ou de *alternância de códigos* (com base no inglês *code switching*), segundo a mudança de língua se produza durante uma mesma frase ou se dê na passagem de uma frase a outra” (CALVET, 2002, p. 35).

²¹ Língua veicular é “uma língua utilizada para a comunicação entre grupos que não têm a mesma primeira língua” (CALVET, 2002, p. 48).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

se conscientizaram de que o crioulo não era um dialeto do Francês, mas uma língua diferente, e a partir disso propuseram uma grafia que correspondesse à sua fonética própria.

Atualmente o *Kreyòl* tem sua própria gramática, que se difere da gramática francesa, e, como qualquer outra língua, possui as suas variações regionais, sociais. Um dos primeiros dicionários do *Kreyòl* data de 1976 e foi elaborado por Bentolila, Alain e colaboradores., intitulado *Ti Diksyonnè Kreyòl-Franse* (Minidicionário Crioulo-Francês). No momento não existe um dicionário reconhecido pela AKA, e a necessidade de fornecer um dicionário completo e que atende às exigências da lexicografia, ainda está pendente. No site oficial da AKA encontram-se todas as informações sobre a mesma, os feitos durante os anos e uma importante lista com mais de quatrocentos livros em *Kreyòl* e outras obras sobre o crioulo (livros didáticos, livros científicos, dicionários, livros infantis, literatura, poesia, entre outros). Importantes figuras públicas, como Évelyne Trouillot, escritora, enfatizou a necessidade de traduzir os textos literários escritos em francês para o crioulo enfatizando a importância de enxergar esses textos na língua materna. Pois a língua francesa é vista como uma “língua estrangeira no Haiti, tanto para o haitiano menos favorecido, sem estudo que vê o francês como a língua dos brancos colonizadores, como para uma elite escolarizada, com instrução que vê o Francês como a língua da França ou de outros países” (DEJEAN, 1983 *apud* PIMENTEL, COTINGUIBA, RIBEIRO, 2016. p. 35).

Relembrando a Charles Ferguson (1972), Calvet (2002, p. 50), traz o conceito de diglossia que faz referência à coexistência de duas formas linguísticas, uma considerada de ‘variedade alta’ e outra de ‘variedade baixa’”. E, segundo os autores, o *Kreyòl* no Haiti, se encaixa na situação de diglossia por ser considerada a variedade baixa, estigmatizada, falada pelas massas populares e utilizada em contextos de interação informal e o francês goza de prestígio social, é a língua majoritária da literatura, a ensinada na escola e que possui uma



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

linguagem padronizada. O crioulo, embora não seja reconhecida como a língua de maior prestígio no Haiti, desde final do século XVIII era uma língua bastante falada e hoje, é o crioulo mais falado do mundo, com mais de dez milhões de falantes tanto no Haiti como no estrangeiro, a exemplo do Brasil (PIMENTEL, COTINGUIBA, RIBEIRO, 2016. p. 32).

Língua minoritária, língua materna e língua de herança

Visto os argumentos anteriores, para estudar o *Kreyòl*, os conceitos como Língua Minoritária, Língua Materna (LM) e Língua de Herança (LH), assim como os sentidos atrelados às expressões Língua Estrangeira (LE) e Segunda Língua (SL), são importantes. Pois, como mencionado, o Haiti é considerado um país que vive uma diglossia em relação as suas línguas oficiais, e, enquanto, imigrantes, os haitianos terão que lidar com uma língua, antes considerada estrangeira, agora segunda/terceira língua, dado o contexto de imersão²² ao qual estarão submetidos no novo país de moradia.

Segundo Karen Pupp Spinassé (2006), a LM caracteriza, geralmente, a origem do falante e é usada, na maioria das vezes, no dia a dia. A linguista acrescenta que

A Língua Materna, ou a Primeira Língua (L1) não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tão pouco trata-se de apenas uma língua. *Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da*

²² Entendemos como imersão o contato frequente do sujeito com a língua em aquisição, como, por exemplo, a aprendizagem da língua portuguesa pelos imigrantes haitianos que vivem aqui no Brasil, cuja língua oficial é o português. Dessa forma, tanto a globalização como o fluxo migratório, impulsionam o aprendizado de outras línguas, tornando-o cada vez mais frequente e necessário, pois o “cidadão desse novo mundo emergente é, por definição, multilíngüe” (RAJAGOPALAN, 2003, p.69). Observamos também nessa construção multilíngüe uma reformulação das identidades, haja vista que “a imersão em uma cultura que não é sua pode surtir desdobramentos na constituição identitária de alguém, já que ali este se verá ocupando diferentes posições no universo discursivo, em particular na formação discursiva a que está inserido” (CHAGAS, 2016, p. 22).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

comunidade. Entretanto, muitos outros aspectos lingüísticos e não-lingüísticos estão ligados à definição. A língua dos pais pode não ser a língua da comunidade, e, ao aprender as duas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1 (caso de bilingüismo). *Uma criança pode, portanto, adquirir uma língua que não é falada em casa, e ambas valem como L1.* (SPINASSÉ, 2006, p. 5 - grifos nossos).

A partir da definição de Pupp Spinassé (2006), entendemos que, no Haiti o *Kreyòl* se constitui em LM, pois, é a primeira língua aprendida pelo falante em casa, mas que, no contexto migratório, por exemplo, não se trata da língua da sociedade como um todo, e sim da comunidade de fala²³ imigrante, o que nos faz pensar na noção de SL.

Diferente da LM a SL, segundo Pupp Spinassé (2006) e Chagas (2016) compreende a aprendizagem de uma outra língua que não é a materna, em um contexto que pressupõe o contato cotidiano, para o qual a SL desempenha uma função social que contribui para a integração cultural do falante na comunidade de fala em que está inserido e na qual desenvolve uma maior performance comunicativa. Assim, podemos definir a SL como “uma língua dominante oficial ou socialmente, necessária para educação, emprego e outros propósitos básicos. É, por vezes, adquirida por membros de grupos minoritários ou imigrantes que falam outra língua como materna” (SAVILLE-TROIKE, 2012, p. 3 apud RAMOS, 2021, p. 240). No caso do Haiti, o francês é uma SL e no Brasil, o português para os haitianos que nasceram no Haiti também e não uma LE.

Pois, a LE é “aquela que se aprende em um contexto em que não tem uma função social e institucional” (GARGALLO, 1999, p. 21) e portanto, “está intrinsecamente ligado às noções de FN [falante nativo] e FNN [falante não-nativo]” (Rodrigues, 2013, p. 17). Para

²³ “Para Labov (1972, p. 120-121): a comunidade de fala não é definida por nenhum acordo/contrato no uso de elementos de língua, mas pela participação em um jogo de normas compartilhadas; tais normas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos e pela uniformidade de modelos abstratos dos padrões da variação que são invariáveis em relação aos níveis particulares de uso” (LABOV, 1972, p. 120-121 apud WIEDEMER, 2009, p. 1).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

entender melhor, Pupp Spinassé (2006, p. 6) destaca que “no processo de aprendizado de uma LE não se estabelece um contato tão grande ou tão intenso com a mesma. A grande diferença é que a LE não serve necessariamente à comunicação e, a partir disso, não é fundamental para a integração”. Ou seja, a LE seria aquela língua com a qual o aprendiz não tem muito contato fora do espaço da sala de aula, pois, sua aprendizagem não é caracterizada pela necessidade de comunicação/socialização advinda do contexto em que o falante se encontra inserido.

A “aquisição de uma Segunda Língua (L2 ou SL) se dá quando o indivíduo já domina em parte ou totalmente a(s) sua(s) L1, ou seja, quando ele já está em um estágio avançado da aquisição de sua Língua Materna” (PUPP SPINASSÉ, 2006, p. 5). Assim, a diferença existente entre a SL e a LE consiste em que a primeira desempenha uma função social na sociedade, enquanto a LE não tem, necessariamente, esse papel. Inclusive, em uma “segunda língua se possui uma maior competência e uma maior performance, pois o meio ou a situação exige isso do falante – o aprendiz de língua estrangeira dificilmente precisa chegar a esse nível de conhecimento” (PUPP SPINASSÉ, 2006, p. 6).

No que se refere à Língua de Herança (LH), conceito, explicado por Ramos (2020), a partir do investigado por Valdés (2000), Van Deusen-School (2003) e Polinsky (2018), é um termo utilizado, “nos Estados Unidos, entre os professores de língua estrangeira, para se referir à língua falada em casa, que não seja o inglês, na qual o falante apresenta algum grau de bilinguismo, falando ou entendendo-a” (VALDES, 2000 *apud* RAMOS, 2020, p. 51), para a qual “se tem uma conexão histórica, cultural e pessoal” (VAN DEUSEN-SCHOOL, 2003, *apud* RAMOS, 2020, p. 51). Ou seja, “a língua se qualifica como língua de herança quando é a utilizada em casa ou é a língua com que a criança tem contato desde a infância e que não coincide com a língua dominante na sociedade” e que não domina (POLINSKY, 2018 *apud* RAMOS, 2020, p. 52).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Geralmente, quando se discute sobre a LH, adentra-se na questão de Línguas Minoritárias, uma vez que esse conceito de herança está correlacionado à língua utilizada, frequentemente, em casa e por um grupo/comunidade específica que se encontra inserido/a em um contexto em que há outra língua dominante. Nesse sentido, as Línguas Minoritárias são definidas como línguas utilizadas “por um grupo menor do que o restante da população de um território onde a língua oficial é diferente da língua usada por esse grupo” (CONSELHO DA EUROPA, 1992; PASIKOWSKA-SCHNASS, 2016, *apud* LIMBERGER, KÜRSCHNER, ALTENHOFEN, MOZZILLO, 2020, p. 894). Conforme postulam os estudos realizados na área da Sociolinguística, uma língua pode ser considerada como Língua Minoritária quando

algumas possuem uma longa tradição em uma determinada região, outras refletem apenas um período bastante curto de tempo de uso. Algumas estão relacionadas a processos de migração (línguas africanas e europeias no Brasil), outras não (línguas indígenas). Algumas são regionais, outras não. Algumas só existem como línguas minoritárias (atualmente, línguas indígenas no Brasil), outras são línguas minoritárias em determinados estados ou regiões, mas são línguas majoritárias em outros (LIMBERGER, KÜRSCHNER, ALTENHOFEN, MOZZILLO, 2020, p. 895).

Portanto, no caso dos sujeitos da nossa pesquisa, os imigrantes haitianos que vivem no Brasil, a sua língua, o *Kreyòl* é minoritária já que tem um poder menos expressivo do que a língua portuguesa, majoritária, pois, é política e socialmente dominante, haja vista que é a língua oficial da nação brasileira. E, a aquisição da Língua Portuguesa, no caso do presente estudo, é uma SL, já que seu uso está atrelado à função social que desempenha para esses imigrantes no Brasil. Esse aprendizado se dá, por vezes, pelo contato cotidiano com a língua tanto no aspecto informal, aquele fruto da imersão e da necessidade emergencial de se



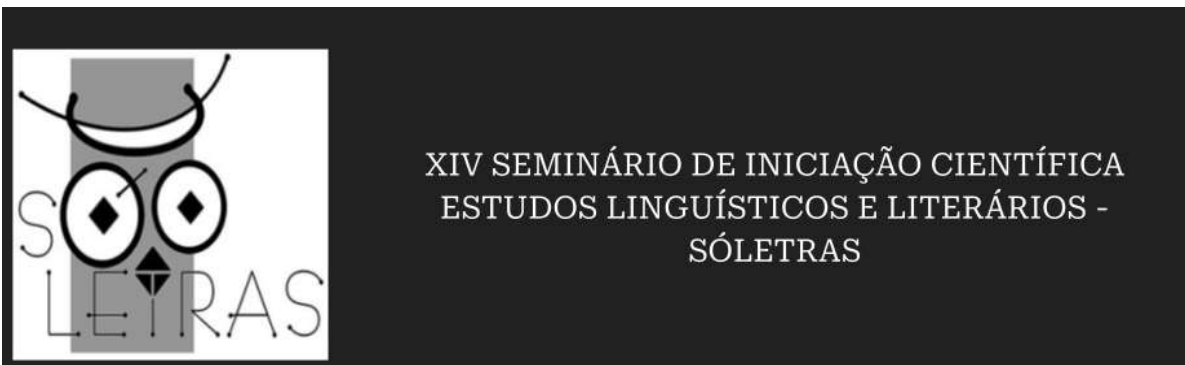
XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

comunicar, ser entendido e entender, e que ocorre de maneira espontânea, como no formal quando inseridos no espaço educacional.

Já considerando o contexto haitiano, em que o Haiti possui duas línguas oficiais, *Kreyòl* e francês, observamos que, apesar do *Kreyòl* ser a Língua Majoritária no país, pois é praticado por mais de 90% da população, não é considerado como a língua dominante e tão pouco tem o *status* de língua de prestígio, lugar que ocupa o francês, embora seja uma língua utilizada por um percentual menor de falantes que o *Kreyòl*, uma vez que no Haiti mais de 50% da população somente domina o crioulo. Sendo assim, o que observamos no Haiti, como já apontamos, não é um bilinguismo, mas sim uma diglossia (Calvet, 2002), já que existe uma diferença de *status sociopolítico* entre as duas línguas” (NUNES, 2021, p. 50).

Pupp Spinassé (2006) esclarece que o *status* atribuído a uma língua pode mudar com o tempo, uma vez que a história de vida das pessoas e a sua relação com a linguagem estão em constante transformação. Assim, o que hoje é considerada a LM de uma pessoa pode, futuramente, ser substituída ou acrescida com outra língua que receberá o *status* de LM também. Sintetizando:

uma criança nasce e cresce na Alemanha, filha de um francês com uma colombiana. Se com cada um dos pais ela se comunica nas suas línguas respectivas, e na creche, na rua, com os amigos e vizinhos o alemão é a língua diária, essa criança tem, claramente, *três línguas maternas: francês, espanhol e alemão*. [...] Se a criança citada acima, agora com 5 anos de idade, se muda para a Inglaterra e começa a *adquirir o inglês para poder comunicar-se bem e integrar-se, enquanto ele estiver na Inglaterra, teríamos um caso de Segunda Língua*. [...] Se a criança citada antes, que aprendeu o inglês como SL na Inglaterra, *muda para Portugal e a língua anglo-saxônica perde a importância na sua vida, a criança perde essa relação básica com ela e ela pode se tornar, com o passar do tempo, uma Língua Estrangeira – se não for completamente esquecida*. Da mesma forma, *até mesmo o alemão, que fora uma L1, pode sofrer esse fenômeno* (PUPP SPINASSÉ, 2006, p. 5-6 - grifos nossos).



Este exemplo apresentado por Pupp Spinassé (2006), enfatiza a dinâmica das línguas e deixa este campo de estudos ainda mais interessante e nos instiga a verificar qual a situação dos sujeitos da nossa pesquisa, ou seja, qual o lugar que ocupa o *Kreyòl* na vida dos imigrantes haitianos e sobretudo de seus descendentes no Brasil, pois, sabemos que “quanto mais cedo ocorrer a exposição à segunda língua, mas profunda pode ser a perda da língua materna”²⁴ (Corte, 2013, n.p. tradução nossa).

Participante 009: um estudo de caso

Minayo (2001), citado por Gerhardt e Silveira (2009), afirma que a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações. Sob esta perspectiva e considerando que o uso do *Kreyòl* na comunidade haitiana envolve questões sociais, interesses culturais, que versam sobre as suas origens, optamos por complementar a presente pesquisa com um estudo de caso. Vale enfatizar que foi a partir do vivenciado pelo participante 009 e por sua família que instauramos a temática, a problemática e a justificativa que motivaram e possibilitaram o desenvolvimento deste trabalho.

O participante 009, chegou no Brasil, em 2012, com quatro filhos e teve o seu quinto filho aqui no Brasil. Para a análise deste estudo de caso, a experiência dos três filhos menores será tida como base. Nesse sentido, para mantermos o raciocínio, nos referimos aos filhos da seguinte forma: A01 (a terceira, de 18 anos), A02 (o quarto, de 17 anos) e A03 (o último, de 10 anos), neste caso o brasileiro.

²⁴ No original: “cuanto antes se produzca la exposición a la segunda lengua, más profunda puede ser la pérdida de la lengua materna” (ACOSTA CORTE, 2013, n.p.).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A língua falada em casa é o *Kreyòl*, mas depois de passarem a frequentar a escola, A01 e A02, que tinham, respectivamente, 4 e 5 anos a chegarem no Brasil, somente se comunicam hoje em dia somente em português, fazendo o uso do *Kreyòl* apenas na hora de falar com o pai e outros parentes que moram no Haiti. Dentro de casa, as crianças têm o costume de ouvir músicas religiosas do Haiti, nas duas línguas (*Kreyòl* e francês), leem livros de histórias e de vez em quando o participante 009 conta algumas lendas e histórias da sua infância em *Kreyòl*.

Os participantes A01, A02 e A03, apresentam domínios diferentes do *Kreyòl*. A01 entende, porém não usa no cotidiano; já A02 tem muito mais vocabulário que A01 e consegue ter uma conversa em *Kreyòl* sem necessariamente usar o português; contudo, A03 somente fala português, usa o *Kreyòl* apenas quando lhe é ditada as palavras para que as pronuncie na interação com a avó por ligações telefônicas, por exemplo. Podemos dizer que no caso de A03, o *Kreyòl* caracteriza-se como uma LH, pois este filho não adquiriu a língua dos seus pais e irmãos apesar de que a mãe fale essa língua em casa, sendo o português a sua Língua Primeira. Esse caso é explicado por Limberger (2020, p. 897) ao enfatizar que os “quando duas línguas estão livremente disponíveis a um falante, o custo do processamento da língua de herança é menor, refletindo o uso linguístico mais comum na comunidade”.

A relação dos filhos do participante 009 com o *Kreyòl* é, de certa forma, abstrata, uma vez que desconhecem a história desta língua, as tradições e culturas pelas quais os seus progenitores e antepassados lutaram para conquistar. Partimos do pressuposto de que esta falta de relação com o *Kreyòl* decorra da falta de iniciativa por parte do participante 009, bem como das irmãs mais velhas (29 e 27 anos) que, por desconhecimento de estratégias de manutenção do ensino do *Kreyòl*, acrescido da falta de iniciativas de políticas linguísticas tanto familiares, brasileiras como haitianas, que promovessem a manutenção da língua de berço destes imigrantes em solo brasileiro.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Boruchowski (s.d., p. 9-10) sugere em seu estudo, no caso da língua portuguesa, algumas políticas linguísticas de cunho familiar que podem ser desenvolvidas e inseridas no cotidiano e na rotina das famílias imigrantes, para manter e promover a sua língua originária e que podemos adaptar ao contexto da nossa pesquisa, como, por exemplo: falar a sua língua nativa com a criança, todo dia dentro de casa, mas sobretudo em momentos específicos, como durante o jantar; as crianças se dirigem aos adultos na língua nativa etc. (BORUCHOWSKI, s.d., p. 9-10). A esses exemplos podemos acrescentar a culinária haitiana que é o meio mais usado pelos imigrantes para transmitir uma parte da cultura do Haiti. E, uma das tradições culinárias do Haiti que a participante 009 mantém aqui no Brasil é a *Soup Joumou* (Sopa de abóbora), uma forma de celebrar a independência do Haiti e que é servida todo primeiro de janeiro. Concordamos com Boruchowski (s.d.) de que a manutenção das tradições é uma forma de manter e de transmitir a cultura do país de origem para os descendentes nascidos no estrangeiro.

Assim, verificamos que no quesito sabor, A01, A02 e A03 quase sempre fazem essa comparação entre a comida haitiana e a comida brasileira, preferindo em alguns momentos a brasileira e em outros a haitiana, como, por exemplo, o churrasco em que há uma preferência pela preparação a moda haitiana ou o não consumo do abacate com pão no café da manhã que é uma forma de desjejum do haitiano. No que se refere à música, os três irmãos têm o costume de ouvir o ritmo haitiano, mas por escolha de outros participantes da família, uma vez que, por não ter uma relação significativa com uma comunidade haitiana, eles optam sempre pela música brasileira.

Este breve estudo de caso da participante 009 foi uma forma exemplificar como ocorre a relação familiar haitiana e haitiana-brasileira em um contexto de imigração, neste caso brasileiro, como também de compartilhar as poucas práticas de transmissão da cultura haitiana e do *Kreyòl* como LM e LH. A esse respeito, reiteramos que é preciso fomentar



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

iniciativas e políticas linguísticas familiares que visem a transmissão e a promoção da manutenção da língua de origem desses imigrantes haitianos entre si mesmos e entre os seus descendentes. Renauld Gobain (2017, p. 3), afirma que “o poder de uso de uma língua em relação a outra é intrínseco e depende do grau de prestígio que os falantes atribuem a cada uma dessas línguas, da forma como se identificam com ela, como as representam para si mesmos”. No entanto, a partir do exposto por Boruchowski (s.d), entendemos ser possível desenvolver sim práticas que contribuam para a conservação do *Kreyòl* nas comunidades de fala imigrantes, visando garantir que a LM desses esteja presente no futuro e na voz de seus descendentes. Para tanto, podem ser desenvolvidas atividades culturais entre os próprios familiares e nos grupos de imigrantes existentes em cada localidade, a fim de promover as tradições culturais e linguísticas do país de origem.

Sabemos que o contato diário com a comunidade majoritariamente falante da outra língua, neste caso do português, é um fator de peso que influencia tanto na manutenção da LM dos pais e dos familiares desses imigrantes como na aquisição por parte de seus descendentes, pois quase sempre é escolhida a língua do país de acolhimento. Portanto, uma opção seria a de praticar e manter viva a língua de origem dentro da casa, a fim de propiciar um melhor desempenho do *Kreyòl* como LM ou como LH para aqueles que (ainda) não a adquiriram como Língua Primeira. Mas isso não basta, pois, no caso específico do *Kreyòl*, mesmo sendo a língua de uso em casa, e que se cozinhe receitas haitianas, observamos um apagamento e/ou redução no seu uso (A01 e A02) ou ainda uma não aquisição (A03) dessa língua originária entre os três filhos em análise. Ou seja, consideramos que é preciso de políticas linguísticas pensadas pelo Estado Brasileiro como Haitiano.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Considerações finais

Nesse artigo discutimos acerca do *Kreyòl* haitiano, a relação de diglossia existente entre essa língua e o francês no país e o *Kreyòl* no contexto migratório no Brasil. As atitudes tomadas pelos participantes da pesquisa observadas no estudo de caso permitiu chegar a uma primeira conclusão sobre o *Kreyòl* como LM OU LH e entender que a percepção que se tem da sua língua de origem influencia a sua manutenção e transmutação no contexto migratória e a sua valorização como LM ou LH requer incentivo familiar e políticas linguísticas.

Nesta primeira tentativa de pesquisar a relação dos haitianos com a própria língua dentro do território brasileira, concluímos: a) que esses brasileiros descendentes de imigrantes haitianos, são bilíngues em mais de uma LM, pois falam o português e o *Kreyòl* e/ou o francês; b) quanto às crianças haitianas que vieram junto com os pais para o Brasil, constatamos que, em alguns casos, a SL (português) aprendida aqui está ocupando ou pode vir a ocupar o lugar das suas LMs (*Kreyòl* e francês); e c) em relação aos descendentes brasileiros desses imigrantes haitianos, observamos que, em alguns casos, têm a língua portuguesa como sua LM e, em outros, possuem duas LMs (*Kreyòl* e o português e/ou o francês em menor escala). Essa pesquisa também evidenciou outras problemáticas a serem pensadas como as crenças e atitudes linguísticas, que certamente irão ser temas de próximas pesquisas voltadas à comunidade haitiana no Brasil.

Referências

ACOSTA CORTE, Álvaro. La adquisición y el desarrollo lingüístico de los hablantes de herencia de español: un estudio de caso basado en la investigación-acción en el aula. In **Revista Nebrija de Lingüística Aplicada a la Enseñanza de las Lenguas**, n.13, 2013. Disponível em: <https://www.nebrija.com/revista-linguistica/la-adquisicion-y-el-desarrollo-linguistico-de-los-hablantes-de-herencia-de-esp%C3%B1ol.html>. Acesso em: 10/08/2022.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

BORUCHOWSKI, Ivian; LICO, Ana. O que é uma língua de herança? In BORUCHOWSKI, Ivian. **Como manter e desenvolver o português como língua de herança**: Sugestões para quem mora fora do Brasil. Miami. [s.n.], p. 9-1. Disponível em:

[https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Montreal/ptbr/file/lingua%20de%20heranca\(1\)\(2\).pdf](https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Montreal/ptbr/file/lingua%20de%20heranca(1)(2).pdf). Acesso em: 05/12/2022.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CALVET, Louis-Jean. **As políticas lingüísticas**. Tradução de Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen e Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2007.

CEZARIO, Maria M; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In MARTELOTTA, Mário E. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 141-153.

CHAGAS, Lucas Araújo. **Entre experiências e indícios**: o ensino de português para estrangeiros em contexto de imersão linguística. 2016. 110f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Uberlândia, 2016.

CHAUDENSON, R. et Vernet, P. **L'École en créole, étude comparée des réformes des systèmes éducatifs en Haïti et aux Seychelles**. Paris: ACCT, 1983.

COTINGUIBA, G. C. **Imigração haitiana para o Brasil: a relação entre trabalho e processos migratórios**. 2014. Dissertação (Mestrado em História e Estudo Culturais) – Fundação Universidade Federal de Rondônia (Unir), Porto Velho, 2014.

GARGALLO, Isabel Santos. **Lingüística aplicada a la enseñanza-aprendizaje del español como lengua extranjera**. 3. ed. Madrid: Arcos libros, 2010.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GOVAIN, Renauld - **Pour une politique linguistique en Haïti aujourd'hui**. Port-au-Prince. 2017. Disponível em: <https://berrouet-oriol.com/linguistique/politique-linguistique-enhaïti/#:~:text=Ha%C3%Afti%20est%20un%20pays%20officiellement,le%20cr%C3%A9olecomme%20instrument%20de%20communication>. Acesso em: 07/09/2022



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

LIMBERGER, Bernardo Kolling; KÜRSCHNER, Sebastian; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; MOZZILLO, Isabella. Línguas minoritárias. In **Revista linguagem & ensino**, Pelotas, v. 23, n. 4, out./dez., 2020.

LÔPO RAMOS, A. A. (2021). Língua adicional: um conceito “guarda-chuva”. In **Revista Brasileira De Linguística Antropológica**, 13(01), 233–267, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/rbla.v13i01.37207>. Acesso em: 15/11/2022

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

NUNES, Ariele Helena Holz. **Com quantos vocábulos se faz uma língua de prestígio?: os idiofones haitianos como marca enriquecedora das línguas crioulas**. 2021. 295f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2021.

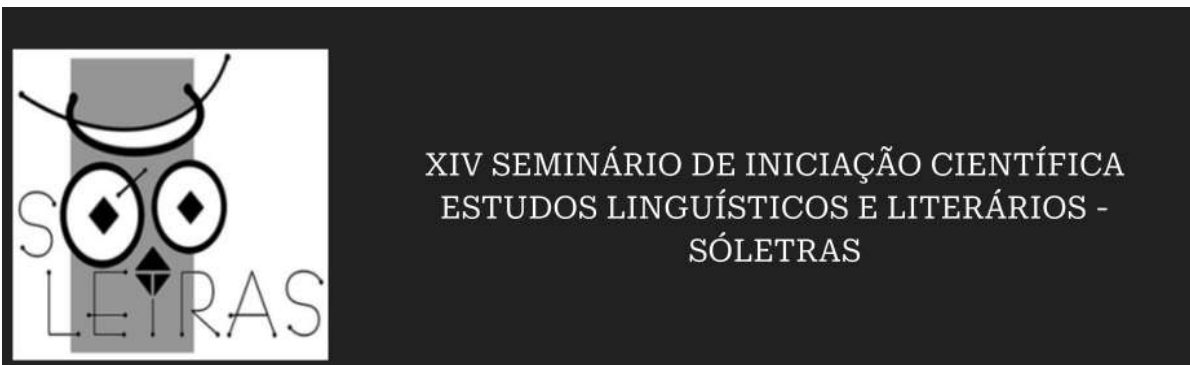
PIMENTEL, Marília L., COTINGUIBA, Geraldo C., e RIBEIRO, Ailton A. da S. O crioulo haitiano e o seu reconhecimento político. In **Universitas Relações Internacionais**. Brasília, v. 14, n. 1 jan./jun. 2016

RAMOS, Quézia C. M. **Espanhol como língua de herança: um estudo das crenças e atitudes linguísticas**. 2020. 117f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Cascavel, 2020.

RAMOS, Quézia C. M; BUSSE, Sanimar. Espanhol como língua de herança: (re)construindo identidades. In: RIBEIRO, Simone B. C; BELONI, Wânia C. **Pesquisa em políticas linguísticas e ensino de línguas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021, p. 109-124.

RODRIGUES, Bruno C. **Ensino de português como língua adicional para hispanofalantes: uma proposta de material didático para o ensino de leitura e escrita em níveis iniciais**. Porto Alegre, 2013. Monografia de conclusão de curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. 2013.

SPINASSÉ, Karen Pupp. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. In **Revista Contingentia**, vol. 1, 01-10, 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/20578/000639062.pdf?sequence=1&isAllowed>



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

[≡y](#). Acesso em: 10/10/2022.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WIEDEMER, Marcos L. Ampliação da noção teórica da comunidade de fala na pesquisa sociolinguística. In **Anais do SILEL**. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 1-7.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**O MEU AMIGO PINTOR: A DEPRESSÃO E O SUICÍDIO NA LITERATURA
INFANTOJUVENIL**

Paula Cristina Soares (G-CLCA-UENP/CJ)
Luciana Brito (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar a forma com que temas considerados tabus na literatura, sobretudo na infantojuvenil, como a depressão e o suicídio, são apresentados em *O Meu Amigo Pintor*, de Lygia Bojunga. A obra nos traz a personagem Cláudio, um menino de 11 anos que perde seu melhor amigo, um pintor que era seu vizinho de apartamento e com o qual discutia sobre a arte e a vida. O enredo nos apresenta, de forma bela e delicada, o processo de luto de Cláudio, período em que relembra e reflete sobre momentos da amizade com o pintor, ao mesmo tempo em que busca entender e aceitar o difícil processo da perda. Para a fundamentação teórica do estudo, usaremos as seguintes obras: Ceccantini (2008), Lajolo e Zilberman (1988), Zilberman e Magalhães (1982), Cândido (1972), Barthes (1977), Solomon (2001 e 2018), dentre outros autores que se dedicaram ao estudo da literatura infantojuvenil e da depressão e do suicídio na literatura.

Palavras-chave: O meu amigo pintor. Depressão. Suicídio. Literatura infantojuvenil.

Introdução

A pesquisa em tela tem como enfoque analisar a obra *O Meu Amigo Pintor* da autora Lygia Bojunga, mais especificamente sobre a forma como a depressão e o suicídio foram abordados, levando-se em consideração a carência de romances na literatura Infantojuvenil que retratam tais temas.

Além disso, o livro traz à tona temáticas consideradas tabus de forma bonita e delicada, se valendo de metáfora e da linguagem das cores para facilitar o entendimento de seus leitores, vindo a encantar jovens e adultos.

No final de sua obra, a autora inclui algumas páginas dedicadas ao leitor, "Pra você que me lê", onde vem a explicar de onde surgiu a ideia para escrevê-la. Uma amiga a

- 920 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

apresentou à responsável por uma editora de livros artísticos, cujo foco era entrelaçar literatura e arte.

Uma nova coleção estava por vir, Arte para Crianças, mais tarde alterada para arte para Jovens, que buscava reunir uma série de escritores que se dedicavam à literatura Infantojuvenil com o objetivo de encomendar obras que dialogassem com a arte visual de determinados artistas.

Para Lygia Bojunga foi proposto escrever um romance que se casasse com as telas de Tomie Ohtake, a autora usou como inspiração os sentimentos e lembranças "que saiam" conforme observava as cores das pinturas.

Ela originalmente chamou o romance de Sete Cartas e Um Sonho, vindo após anos a ser denominado como *O Meu Amigo Pintor*, com direito a algumas mudanças que julgou necessárias na obra.

A autora, conforme seu site oficial, Casa Lygia Bojunga, ganhou diversos prêmios literários com o livro, tendo, inclusive, traduzido em diversos idiomas e teatralizado, vindo a receber as duas maiores premiações teatrais da época, Prêmio Molière e Prêmio Mambembe.

O trabalho em questão visa, portanto, destacar o importante papel da escritora e sua obra como parte da literatura emancipatória, capaz de oferecer ao leitor uma nova ótica quando se fala a respeito de saúde mental.

Um assunto ainda tão oculto dentro do ramo literário voltado aos mais jovens, mas que, aos poucos, vai ganhando forma e crescendo à medida que obras como a de Lygia Bojunga são publicadas e difundidas.

O Meu Amigo Pintor: a depressão e o suicídio na Literatura Infantojuvenil

Apesar de na França do século XVII já existirem obras voltadas para crianças, a



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

consolidação da literatura infantil como de fato um gênero literário se deu por volta do século XVIII, na Inglaterra, com o advento do crescimento do mercado editorial. Momento em que perceberam que a publicação de obras voltadas para os pequenos leitores poderia ser lucrativa, algo altamente desejável para o contexto da época, com o advento do crescimento da burguesia e do capitalismo.

É o que afirmam as autoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman, em sua obra *Literatura infantil brasileira –história e histórias*, quando dizem “a literatura infantil como parcela significativa da produção literária da sociedade burguesa e capitalista”, dando-lhe “consistência e um perfil definido, garantindo sua continuidade e atração” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1988, p. 21)

Em se tratando do Brasil, com base nas autoras supracitadas, as histórias para crianças vieram no século XIX, entretanto, no século seguinte é que a literatura infantil foi firmada como gênero no país, isso se deu graças à formação da classe social média, além do desenvolvimento do ensino nacional.

(...) este [o público] é favorável, em princípio, ao contato com livros e literatura, na medida em que o consumo desses bens espelha o padrão de escolarização e cultura com que esses novos segmentos sociais desejam apresentar-se frente a outros grupos, com os quais buscam ou a identificação (no caso da alta burguesia) ou a diferença (os núcleos humildes de onde provieram) (LAJOLO; ZILBERMAN, 1988, p. 27).

Segundo Rúbia de Cássia Oliveira, em seu artigo *A Literatura Infantil no Brasil: Possibilidades Formativas?*, houve um esforço por parte do governo para fomentar a indústria editora brasileira, ocorrendo através da inserção dos livros produzidos para crianças dentro das escolas juntamente com os didáticos, bem como na criação de legislação específica voltada para o tema.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

No início da década de 1970, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n. 5.692/71, teve início um programa governamental de distribuição de livros no âmbito das escolas públicas brasileiras; esses eram didáticos, inicialmente, expandindo-se posteriormente aos livros de literatura infantil. A LDB/71 institucionalizou a utilização dos livros de literatura infantil no contexto escolar, como recurso pedagógico (OLIVEIRA, 2003, p.222).

Como havia o caráter pedagógico no contexto da literatura infantil, apenas recentemente a criança começou a ser vista como um ser humano em desenvolvimento e não como um "mini adulto", ou seja, os autores não escreviam de modo que cativasse o público infantil.

Os escritores buscavam adaptar suas histórias - escritas sob a perspectiva de um adulto - para o universo dos pequenos, criando um distanciamento entre ambos, como explanado por Regina Zilberman e Lígia Cademartori Magalhães em *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*:

(...) de um lado, percebida sob a ótica do adulto, desvela-se sua participação no processo de dominação do jovem, assumindo um caráter pedagógico, por transmitir normas e envolver-se com sua formação moral. De outro, quando se compromete com o interesse da criança, transforma-se num meio de acesso ao real, na medida em que lhe facilita a ordenação de experiências existenciais, através do conhecimento de histórias, e a expansão de seu domínio lingüístico. É esta duplicidade que assinala sua limitação, gerando o desprestígio perante o público adulto, já que este não admite o legado doutrinário que lhe transfere (ZILBERMAN; MAGALHÃES, 1982, p. 14).

Sendo assim, o adulto que escrevia para crianças buscava formar-lhe o caráter com base num ideal, com lições de moral, se esquecendo que elas possuem suas próprias vivências, linguagem e forma de enxergar o mundo. Oliveira sintetiza o pensamento de Antônio Candido com relação a este assunto, em seu texto *Literatura e sociedade*:

- 923 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Para esse autor (Antônio Candido), a literatura não é uma experiência necessariamente edificante, segundo os critérios valorativos vigentes. Ela humaniza como a própria vida, com sua complexidade e suas contradições, apresentando, portanto, um caráter não-doutrinário, não-didático (OLIVEIRA, 2003, p. 227).

É a partir do momento em que se entende o conceito de literatura emancipatória que as obras de literatura infantil começam a ser produzidas para crianças realmente. O autor passa a dialogar com o jovem leitor, explorando suas experiências, seu modo de pensar e agir, dando origem a uma identificação com o personagem descrito. Como afirma Oliveira:

Quando os personagens não são construções estáticas, portadoras de formulações e conceitos rígidos do narrador, mas sujeitos que pensam, indagam, sabem ou desconhecem, refletem, buscam ou negam, esses aspectos geram pontos de entrada do leitor no texto. Tal narrativa é emancipatória, pois não determina o lugar do sujeito, ao contrário, reconhece-o como ser ativo ao valorizar seu raciocínio e sua autonomia de interpretação (OLIVEIRA, 2003, p.229).

Fato este favorável para atrair o público pretendido, conforme exposto por Lajoto e Zilberman, quando dizem “traduz para o leitor a realidade dele, mesmo a mais íntima, fazendo uso de uma simbologia que se exige, para efeitos de análise, a atitude decifradora do intérprete, é assimilada pela sensibilidade da criança” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1988, p. 20).

A renomada autora Lygia Bojunga Nunes se tornou marcante por escrever literatura sob a ótica da criança, fazendo com que se destacasse no meio editorial infantil. Como ressalta Sirlene Cristófano, em seu artigo *Lygia Bojunga e a Literatura Infante Juvenil: Uma Crítica Lúdica e Abordagem à Realidade Social*:



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A finalidade de Lygia Bojunga discutir em sua narrativa tais comportamentos sociais é a de proporcionar ao leitor “o conhecimento do mundo” e também o “conhecimento do seu próprio ser”. Podemos dizer que em sua narrativa encontramos a função humanizadora, a qual permite representar, cognitiva ou sugestivamente, a realidade social e também a fantasia (CRISTÓFANO, 2009, p. 5).

Além dela, a pesquisadora Rosânia Alves Magalhães, em seu trabalho *Lygia Bojunga e o Leitor em Formação*, cita Laura Sandroni - que reafirma em sua obra *De Lobato a Bojunga: as Reinações Renovadas*, tal traço de Bojunga - responsável por torná-la aparte de muitos autores da literatura infantil:

Ela assume como seus, de forma extremamente sensível, as angústias e os problemas existenciais da infância frente ao adulto que se crê dono de todas as verdades. Como em Lobato, o protagonista-criança deixa de ser mero espectador/ouvinte/aprendiz e passa a ser agente da ação. Ela, sendo a narradora direta ou indireta de todas as histórias, expõe sempre o que pensa e discute os comportamentos sociais que lhe parecem falsos e absurdos, dando possibilidade ao surgimento de novos conceitos que valorizam a verdade, a fantasia, o lúdico e os caminhos da liberdade endereçadores do conhecimento de si mesma e do mundo (SANDRONI, 1997, p. 108).

Sua obra, publicada no original em 1987, *O Meu Amigo Pintor*, traz à tona diversas temáticas, como trauma, luto, solidão e os destacados neste trabalho: a depressão e o suicídio, tudo isto seguindo o ponto de vista do seu protagonista, uma criança de 11 anos.

A obra *O Meu Amigo Pintor* trata da história de Cláudio, que perde seu amigo O Pintor (personagem assim chamado ao longo de toda a narrativa), um homem adulto e também seu vizinho. No decorrer do romance, escrito de modo a se assemelhar a um diário, acompanhamos seu processo de superação do luto e suas tentativas em entender o que se passou com seu amigo para levá-lo a tomar a decisão de tirar a própria vida.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

A bela relação entre os amigos, Cláudio e O Pintor, pode ser notada desde o início do romance, pois o menino deixa clara a influência do artista em sua vida, tornando ainda mais dolorosa a experiência de perdê-lo de forma tão misteriosa: “Eu não sei se eu já nasci desse jeito ou se fui ficando assim por causa do meu amigo pintor, mas quando eu olho pra alguma coisa eu me ligo logo é na cor.” (Bojunga, 2006, p. 10)

O chamado “Efeito Werther” (Alvarez, 1999) corroborou para a existência de uma das falácias sobre o tema: a ideia do suicídio como algo contagioso.", já que após o lançamento do romance, diversos jovens vieram a tirar a própria vida ao se identificarem com o protagonista de *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Johann Wolfgang von Goethe.

Sendo assim, para "prevenir o problema" ou evitar embaraços, não se falava a respeito, como bem dito por Wolpert - citado por Londero no seu artigo “Tarde demais para morrer jovem”: depressão e suicídio na literatura brasileira contemporânea” – que escreveu em sua obra *Tristeza maligna: a anatomia da depressão* ,“talvez a depressão seja um quadro tão negativo que os autores tenham evitado descrevê-la” (WOLPERT, 2003, p. 29).

Alimentando, desta forma, diversas ideias equivocadas geradas por ignorância por parte das outras pessoas que desconhecem a realidade de quem sofre com a depressão ou se suicida. Como ocorrem no livro e que atormentam Cláudio, conforma visto no trecho em que a filha do síndico do prédio diz:

Uma garota que mora no térreo chegou perto de mim e falou:
- O Teu Amigo Pintor foi pro Inferno.
Levei um susto tão grande que a fala nem saiu logo. Ela disse:
- Ele se matou. E diz que quem se mata vai pro inferno.
(BOJUNGA, 2006, p. 21/22)

Alfred Alvarez, citado por Thayane Gaspar Jorge no artigo “As cores do suicídio em O meu amigo pintor de Lygia Bojunga”, reforça a existência de toda a carga



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

estereotipada e todo o preconceito que ronda o tema em *O deus selvagem: um estudo sobre o suicídio*:

O mundo do suicida é supersticioso e cheio de presságios. Freud via o suicídio como uma grande paixão, como estar perdidamente apaixonado: ‘Nas duas situações mais diametralmente opostas, a situação de estar profundamente apaixonado e a situação do suicídio, o ego é assoberbado pelo objeto, ainda que de maneiras totalmente diferentes’. Como na paixão, coisas que parecem banais, maçantes ou engraçadas para quem está de fora assumem uma importância enorme para quem está sob as garras do monstro, ao passo que os argumentos mais lúcidos contra essa sua maneira de ver as coisas lhe parecem simplesmente absurdos (ALVAREZ, 1999, p. 128).

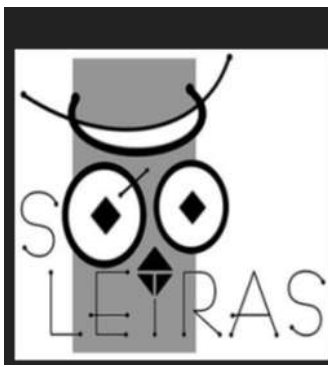
Cláudio busca entender o que houve com seu amigo, havendo o tempo todo por parte dos adultos a sua volta uma tentativa de esconder a causa do falecimento do Pintor, motivados pelo temor de tratar um assunto tão "pesado" com alguém, aparentemente, incapaz de compreendê-lo, realçando a clareza com a qual Bojunga enxerga seus leitores.

Como exemplo dessa tentativa de poupar o garoto de presenciar uma situação tão traumática, sua mãe quer impedi-lo de ir ao enterro do amigo, assim como a amiga do Pintor, Dona Clarice, procura convencê-lo de que não foi suicídio, ou mesmo quando seus pais tentam persuadi-lo a esquecer o ocorrido em mais de uma passagem do livro, pois “não é coisa de criança”.

- Você não tem que ficar pensando nisso, Cláudio. Na sua idade a gente tem que pensar é na vida e não na morte. Você tem outros amigos...
- ...você tem tanta coisa pra estudar, pra brincar, pra inventar, para de ficar pensando no que aconteceu com ele e toca a vida pra frente, meu filho!
(BOJUNGA, 2006, p.32)

Em mais de uma passagem, Cláudio revela não conseguir entender o que se passava

- 927 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

com o amigo nem o que fez com que ele tomasse a decisão de se suicidar. Dessa forma, segue procurando por respostas sozinho, já que os mais velhos não o acolheram de forma alguma.

Nessas horas eu olhava pro meu Amigo e não era só a pintura que ele estava mostrando que eu não entendia era ele também.
Acho que é por isso que eu olho tanto pro vermelho que ele pintou aqui no álbum. Pra ver se eu entendo.
Pra ver se eu entendo.
Pra ver se eu entendo por que que tem gente que se mata. (BOJUNGA, 2006, p. 21)

Cláudio ouve de demais personagens, o síndico e seus próprios pais, as possíveis razões para a morte de seu amigo, assim, tomamos consciência de que o Pintor já havia sido preso político, que sofria perseguições com relação ao seu posicionamento político, de seu amor não correspondido por Dona Clarice e sua frustração com sua carreira.

O Amigo convivia com uma doença que foi agravada com o passar dos anos, em meio às frustrações pessoais, sendo o pai de Cláudio o responsável por mencionar a decadência da saúde mental em que o artista se encontrava:

Mas por que ele ia fazer isso? – eu perguntei. Porque ele estava doente, meu filho.
– Doente? A gente jogou gamão na véspera. Três partidas. Uma atrás da outra. E ele não tinha nada!
– Doente aqui – o meu pai bateu na cabeça -: só uma pessoa que está muito doente aqui faz o que ele fez.
(Bojunga, 1987, p. 19)

Além disto, o pai do menino menciona a chance de o artista sofrer com a depressão. Ele havia perdido sua vontade de viver, retrato já feito em outros momentos na literatura.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Como acontece na obra de Daniel Galera, em *Até o dia em que o cão morreu*, citado por Londero, onde remete ao fato de haver tantas expectativas “a cumprir” para o futuro, que se desvencilhar dele é motivo de grande frustração, como ocorreu com O Pintor:

Qual o próximo passo? Vamos lá. Conseguir um emprego e ganhar a vida era a continuidade natural desse processo todo. Demorou mais de um ano para eu perceber que não seria assim. (...) Todos os anos anteriores pareceram uma brincadeira idiota, e não havia nenhuma ideia que me estimulasse pro futuro (GALERA, 2007, p. 33-34).

O Filósofo francês Albert Camus, em *O Mito de Sísifo*, citado por Jorge, afirma que não existe uma única causa para alguém recorrer ao suicídio, devendo-se lembrar que há um conjunto de fatores que podem levar a ele.

Há muitas causas para um suicídio e, de um modo geral, as mais aparentes não têm sido as mais eficazes. Raramente alguém se suicida por reflexão (embora a hipótese não se exclua), o que desencadeia a crise é quase sempre incontrolável. Os jornais falam frequentemente de “profundos desgostos” ou de “doença” incurável. Essas explicações são válidas. Mas seria preciso saber se no mesmo dia um amigo do desesperado não lhe falou em tom indiferente. Este é o culpado. Pois isso pode ser o suficiente para precipitar todos os rancores e todos os aborrecimentos ainda em suspensão (CAMUS, 2004, p. 9).

Ao demonstrar sua experiência de vida, Solomon diz, em *O Demônio do Meio-Dia*, que não há como ficar buscando a motivação para a depressão e o suicídio do indivíduo, pois o mal que o acomete está além de qualquer outra circunstância puramente externa ao doente:

Eu só entrei em depressão depois de ter resolvido quase todos os meus problemas...Quando a vida estava finalmente em ordem e todas as desculpas para o desespero tinham sido exauridas é que a depressão chegou, dissimulada com suas leves passadas, e estragou tudo.

- 929 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

(SOLOMON, 2018, p. 38)

O protagonista explica que o amigo costumava associar sentimentos com cores e acaba por ser incompreendido em diversos instantes por conta disto, como a cor vermelha sendo “uma cor complicada” e amarelo ser uma cor de alegria.

E então, um dia desses, fez um nevoeiro forte toda vida. O Pintor espiava pela janela do apartamento dele, só via aquele nevoeiro tapando tudo que é cor e falava feito costumava falar “hoje tá fazendo um pouco de vontade de morrer...era um nevoeiro comprido...Foi por isso que ele se enganou: achou que a vontade nunca mais ia passar, então resolveu matar a vontade. (BOJUNGA, 2006, p. 46)

O recurso usado por Lydia Bojunga que colaborou para enriquecer seu livro foi o uso da metáfora. Trata-se de uma maneira de utilizar a figura de linguagem, somada à simbologia das cores, de modo que seus pequenos leitores possam lhe compreender melhor, visto que as crianças costumam ser mais visuais e tendem a interpretar as situações de forma mais lúdica. Para Londero,

Quando a depressão se manifesta na literatura, é quase sempre pelo caminho da metáfora, evitando assim que o problema seja neutralizado pelo excesso de positividade (LONDERO, 2019, p. 166).

Andrew Solomon diz que não há melhor maneira de se retratar a depressão para aqueles que nunca se depararam com tal fato, devido à complexidade de lidar e entender o assunto, “a depressão é um estado quase inimaginável para alguém que não a conhece. Uma sequência de metáforas [...] é a única maneira de falar sobre a experiência” (SOLOMON, 2018, p. 28).

No caso do Pintor, a depressão era o "nevoeiro", um acúmulo de nuvens densas que o



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

impediam de ver com clareza sua vida e seus sentimentos, apagando a capacidade de ter esperança de melhores condições para si, o contrário de um "dia ensolarado". Trata-se de uma interessante metáfora para representar a doença, tendo em vista que vai tirando da pessoa a vontade de viver, pois não há mais sentido persistir naquele vazio que ela favorece.

É através de dois sonhos que o garoto passa a entender melhor o ocorrido com seu amigo e a organizar os sentimentos dentro de si. Em ambos há uma encenação teatral em que O Pintor é um fantasma e não se sente preparado para participar da peça, fazendo com que o pequeno amigo entenda a depressão e a ideia suicida como sendo passageiras, mas que vieram a culminar no fim da vida de seu companheiro.

Essa passagem é relevante, pois ajuda o leitor a compreender que a fase depressiva acaba após certo período de tempo, porém, se não tratada, pode fazer com que a pessoa que a possui venha a se tornar um suicida, não se contentando apenas em refletir sobre a possibilidade de tirar a própria vida ou estando exausto demais de tentar superar tal fase sem receber o apoio esperado.

A obra apresenta a ideia de que o Pintor não cometeu suicídio como forma de se distanciar do mundo e sim para se fazer entendido e escapar de uma dor incompreendida, como acontece geralmente com os suicidas, segundo Marcimes Martins da Silva ao escrever *Suicídio - Trama de comunicação*, citada por Jorge: "O indivíduo se mata para relacionar-se com os outros e não para ficar só ou desaparecer. A morte é o único meio que o sujeito encontrou para restabelecer o elo de comunicação com os outros" (Silva, 2008, p. 15).

O livro colabora para que seus leitores aprendam a lidar com o trauma, pois a literatura é uma forma de expandir a mente de quem lê quando o leitor se depara com a narrativa, como bem dito por Márcio Seligmann-Silva, em *Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas.*, citado por Luz e Vianna, em sua pesquisa *O Trauma*



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

na *Literatura Infanto-Juvenil em O Meu Amigo Pintor (1987)*, de Lygia Bojunga Nunes:

Mas ao invés de negarmos ao testemunho a possibilidade de ver na imaginação e em seu trabalho de síntese de imagens um potente aliado, devemos, com Derrida (1998), ver nesta aproximação entre o campo testemunhal e o da imaginação a possibilidade mesma de se repensar tanto a literatura, como o testemunho e o registro da escrita autodenominada de séria e representacionista. Ocorre uma revisão da noção de literatura justamente porque do ponto de vista do testemunho ela passa a ser vista como indissociável da vida, a saber, como tendo um compromisso com o real. (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 65)

O protagonista percebe que a depressão e o suicídio estão além daquilo que possa ser visto e entendido por aqueles que cercam a vítima desses fatores, como dito por Solomon: “O suicídio não é a culminação de uma vida difícil; nasce de algum lugar escondido além da mente e da consciência” (SOLOMON, 2018, p. 233).

A conclusão a que se chega é muito significativa para o jovem amigo, assim como para quem lê a obra, pois muito se busca ainda justificar sobre as possíveis causas para a decadência da saúde mental dos seres humanos, mas pouco se procura entender e “abraçar” (ter empatia) aquele que sofre, sem perceber que pode estar agravando mais o problema ao tentar racionalizar suas motivações.

Findando o romance, Cláudio confirma que sempre se lembrará com carinho do Amigo, apesar de ainda buscar respostas aos seus questionamentos.

Agora, quando eu penso no meu Amigo (e eu continuo pensando tanto!), eu penso nele inteiro, quer dizer: cachimbo, tinta, por quê?, gamão, flor que ele gostava, morte de propósito, por quê?, relógio batendo, amarelo, por quê?...Acho até que se eu continuo gostando de cada *por quê?* que aparece, eu acabo entendendo um por um. (BOJUNGA, 2006, p. 85/86)

Entende-se que é possível superar o trauma e o luto depois de perder alguém



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

querido para a depressão, por mais que seja difícil de entender o que levou certa pessoa a cometer suicídio. E que o sentimento de culpa por não ter “feito mais” por ela vai passar, já que se encontra numa situação em que não há respostas claras, visto que a saúde mental do outro só diz respeito a ele mesmo, cabendo a quem está por perto apoiá-lo da melhor maneira que for neste momento.

Considerações finais

Tendo em mente que a literatura infantojuvenil possui capacidade para formar e emancipar o jovem leitor, por meio da representação de personagens cujas vivências são ditadas de sua ótica, seja criança ou adolescente, conclui-se que a obra de Lygia Bojunga cumpre com a proposta de inserir o leitor na temática da saúde mental de modo que ele aprenda a lidar com os próprios sentimentos e os do próximo, pois pode vir a ter contato de alguma forma com a depressão e o suicídio, ainda que indiretamente.

Além disso, cabe reforçar que *O Meu Amigo Pintor* se trata de obra inovadora quando se refere a retratar tais temas dentro do gênero literário supracitado, pois no âmbito atual ainda é raridade se deparar com autor que tenha a ousadia de discutir assuntos como saúde mental, luto e solidão em um livro voltado principalmente para crianças.

Sendo assim, o presente trabalho abre portas para a continuidade da pesquisa, não somente do romance central que visou estudar, como também de demais obras da literatura infantojuvenil, que retratam os pontos abordados no decorrer dele, visto sua relevância numa época em que a discussão sobre saúde mental na infância e adolescência tem crescido tanto.

Referências

CRISTÓFANO, Sirlene. **Lygia Bojunga e a Literatura Infanto Juvenil: Uma Crítica Lúdica e Abordagem à Realidade Social**. Publicado em:

- 933 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37337> : 04/09/2010. Acessado em: 15/01/2024.

JORGE, Thayane Gaspar. **As cores do suicídio em O Meu Amigo Pintor de Lygia Bojunga**. Publicado em: <https://revistas.usc.gal/index.php/elos/article/view/7589>: 30/12/2021. Acessado em: 10/01/2024.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira –história e histórias**. São Paulo: Ática, 1988.

LONDERO, Rodolfo Rorato. **"Tarde demais para morrer jovem": Depressão e suicídio na literatura brasileira contemporânea**. Publicado em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/151518>: 26/04/2019. Acessado em: 05/01/2024.

MAGALHÃES, Rosânia Alves. **Lygia Bojunga e o Leitor em Formação**. Publicado em: https://www.ileel.ufu.br/anaisdocena/wp-content/uploads/2014/02/cena3_artigo_28.pdf. Acessado em: 10/01/2024.

OLIVEIRA, Rúbia de Cássia. **A Literatura Infantil no Brasil: Possibilidades Formativas?**, publicada em: Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG, 28 (2): 205-217, jul./dez. 2003. Acessado em: 05/01/2024.

SOLOMON, Andrew. **O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOLOMON, Andrew. **Um Crime de Solidão: Reflexões sobre o suicídio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lígia Cademartori. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ática, 1982. Acessado em: 13/01/2024.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**O PERFIL GAMER E O RECONHECIMENTO DA LÍNGUA GAMER SOB A
PERSPECTIVA DA VARIAÇÃO DIAMÉSICA**

Lirane Rossi Martinez (PG-UEL/CAPES)

Vanderci de Andrade Aguilera (UEL)

Resumo: O “Universo Gamer” pressupõe um perfil específico de usuários/participantes que sejam capazes de reconhecer e bem utilizar a linguagem falada por jogadores em chats e gameplays. Baseado nessa informação, este estudo se propõe a comparar o perfil de jogadores relacionados na Pesquisa Game Brasil (PGB) realizada no ano de 2023 e uma pesquisa local (PGPL), pela qual se verifica, além do perfil dos jogadores, bem como preferências sobre games e plataformas utilizadas, principalmente o conhecimento do significado de alguns termos da “Língua Gamer”, visto que atualmente podemos observar o emprego desta língua até mesmo em propagandas veiculadas na tv. aberta. Os princípios de variação linguística, especialmente a variação diamésica e a variação diafásica, nortearão as análises.

Palavras-chave: Variações Linguísticas. Perfil Gamer. Língua Gamer.

Considerações iniciais

O presente estudo integra pesquisa maior para o doutorado em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina. O objetivo principal da tese em desenvolvimento é criar um dicionário específico dos termos utilizados pelos *gamers* (jogadores) no universo online, descrevendo o seu vocabulário, origem e funcionamento das palavras, buscando promover e/ou facilitar a interação/comunicação com tais indivíduos e/ou entrada de novos membros no grupo.

Este artigo, especificamente, tem como proposta comparar o perfil de jogadores relacionados na Pesquisa Game Brasil (PGB) com uma pesquisa particular pela qual, além do perfil, se verifica o conhecimento do significado de alguns termos da “Língua Gamer” em



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

estudantes da região de Presidente Prudente/SP e de Londrina/PR. Tal pesquisa será nomeada neste trabalho como Pesquisa Game Prudente e Londrina (PGPL).

A PGB trouxe dados sobre o perfil dos jogadores e as plataformas que utilizam para jogar, bem como o interesse geral em hábitos e experiência de compra de hardware e software, consumo midiático, além de preferências sobre as principais marcas de diferentes setores da economia. Excetuando-se o perfil e as plataformas, os demais elementos não foram observados na PGPL.

A décima edição da Pesquisa Game Brasil - PGB (edição 2023) teve por objetivo investigar o perfil demográfico, sociocultural e comportamental do consumidor de jogos digitais brasileiro. O questionário foi 100% online, estruturado quantitativamente. Para o estudo foram entrevistados 14.825 brasileiros de todos os estados, sendo realizado entre 27 de janeiro e 02 de fevereiro de 2023 e desenvolvido pela *SX Group* (SX GROUP, 2023) e *Go Gamers* (GO GAMERS, 2022) em parceria com a *Blend New Research* (BLEND, 2023) e *ESPM* (ESPM, 2023). O que nos interessa na pesquisa nacional são os dados de perfil dos jogadores e suas plataformas preferidas, no intuito de cotejar com os dados obtidos para este trabalho (PGPL).

A PGPL foi realizada entre os dias 23 de junho e 14 de julho de 2023 por meio de formulários online (*Google Forms*), disponibilizados pelo aplicativo de comunicação “*WhatsApp*” e enviados para três grupos: (i) alunos de ensino médio de uma escola pública técnica da cidade de Presidente Prudente – SP; (ii) alunos da graduação de uma universidade particular de Presidente Prudente e (iii) alunos da graduação de uma universidade pública de Londrina. O questionário foi estruturado em perguntas quantitativas abertas e enviado para o grupo de alunos do ensino médio (2º e 3º anos) Presidente Prudente, como se fosse uma pesquisa para TCC, não identificando, dessa forma, quem era o entrevistador nem o real objetivo da pesquisa. Aos três grupos, foi solicitado que compartilhassem a pesquisa com



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

possíveis conhecidos que se interessassem por jogos digitais.

O link de acesso ao formulário “<https://forms.gle/ygwj1ix6B669yana8>”, não indicava o objetivo ou a aplicação da pesquisa, não identificava o pesquisador nem os respondentes, além de não coletar seus e-mails, impedindo a interação entre entrevistador e entrevistados; assim, quem o respondeu, o fez por interesse próprio. No final, foram obtidos trinta e oito formulários.

Sobre a teoria da pesquisa

Este trabalho se insere no campo da Dialetoлогия uma vez que partimos do princípio de que se trata de “um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2010, p. 15) é, portanto, totalmente cabível como teoria abarcadora para a exploração de uso da “Língua Gamer” praticada por jogadores no ambiente online. Assim sendo, citamos na sequência alguns tipos de variações que podem fundamentar a presente pesquisa: diatópica, diamésica, diageracional, diassexual, diastrática e diafásica.

Sobre a variação diatópica, consideramos, neste estudo, o espaço digital (internet) como delimitador do grupo analisado - variação diatópica, porque o foco deste projeto está no vocabulário das pessoas que utilizam a Língua Gamer por meios digitais, mais especificamente na variação lexical. Incluímos além do *locus* digital, o geográfico, considerando usuários de duas localidades: Presidente Prudente – SP e Londrina – PR.

Entendemos que a “variação diamésica é a que acontece entre a fala e a escrita ou entre os gêneros textuais, ou seja, suportes de transmissão de uma dada informação que contenham características quase regulares, por exemplo, o *WhatsApp* e a bula de remédio”



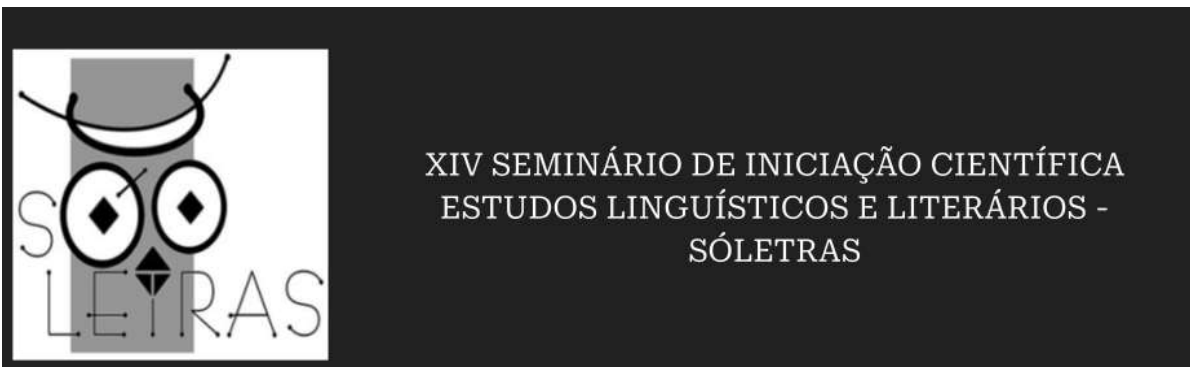
XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

(BERQUÓ, s/d). Portanto, é a variação relacionada com o meio de comunicação empregado, isto é, a fala, um documento escrito, um e-mail, uma mensagem no WhatsApp (PRETI, 1994) e, no caso deste artigo, termos específicos utilizados por jogadores em *chats* e *gameplays* e/ou postados em plataformas de *streaming* na internet, como por exemplo, o *Youtube*, a *Twitch*, a *Trovo* entre outras.

A variação diageracional diz respeito à idade dos informantes e atenta para o fato de que “o conhecimento da idade dos falantes observados é indispensável para que se possam comparar as divergências existentes entre o falar dos jovens e aqueles dos idosos, e determinar o seu ponto de origem” (CARDOSO, 2010, p. 50). Na variação diagenérica (ou diassexual) o gênero se constitui em preocupação e interesse dos dialetólogos, documentando os usos linguísticos de homens e mulheres (CARDOSO, 2010, p. 51-52). Dessa forma, tais variáveis foram aqui incluídas para verificar se a idade e o sexo dos jogadores seriam fatores determinantes para utilização desta ou daquela variante da “Língua Gamer”.

A variação diastrática analisa usos diferenciados da língua dependendo da condição social do falante que pode contemplar “fatores como trabalho, renda familiar, educação e habitação” (CARDOSO, 2010, p. 55). Todavia, apenas a escolaridade figura como elemento investigado na PGPL, enquanto outros fatores foram apreciados somente na PGB.

Neste artigo, partimos do princípio de que determinado falante (o jogador) utiliza variedades linguísticas em diferentes situações de uso da fala. Por conseguinte, a variação diafásica avalia se “o ato de fala está intrinsecamente vinculado ao momento de sua utilização, à situação em que é produzido, à postura do falante em relação ao instante da elocução e ao tipo de uso que faz da língua” (CARDOSO, 2010, p. 58). Portanto, essa variável estaria relacionada ao fato de que os usuários da “Língua Gamer” o fazem no momento do jogo. Isto significa que, quando estão jogando e/ou conversando no chat do jogo sobre suas estratégias, os termos empregados são diferentes dos que ocorrem em outras



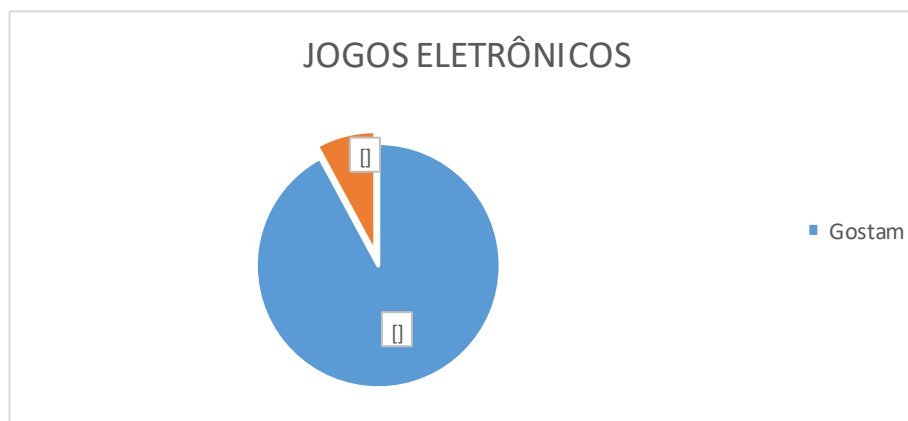
situações, dependendo do tipo ou categoria de jogo, tornando a língua específica para aquele momento de uso.

Dados da pesquisa

De acordo com a PGB, dos 14.825 brasileiros entrevistados, 75,3% afirmaram que o jogo eletrônico seria a sua principal forma de entretenimento e que jogar jogos digitais é um costume/hábito presente na cultura do brasileiro como uma das suas principais formas de diversão, impactando 82,1% dos interrogados.

Na PGPL, dentre os 38 formulários coletados, para a questão: “Você gosta de vídeo games? Costuma jogar?” A maioria (92%) afirmou que gosta ou costuma jogar- contra 8% que não gostam, conforme demonstrado no Gráfico 1:

Gráfico 1 – Relação entre os que gostam e os que não gostam de jogos eletrônicos nos dados da PGPL



Fonte: gráfico elaborado pela autora a partir dos dados obtidos na PGPL.

Nota-se, pelos dados prévios, que tanto os jogadores consultados na PGPL quanto



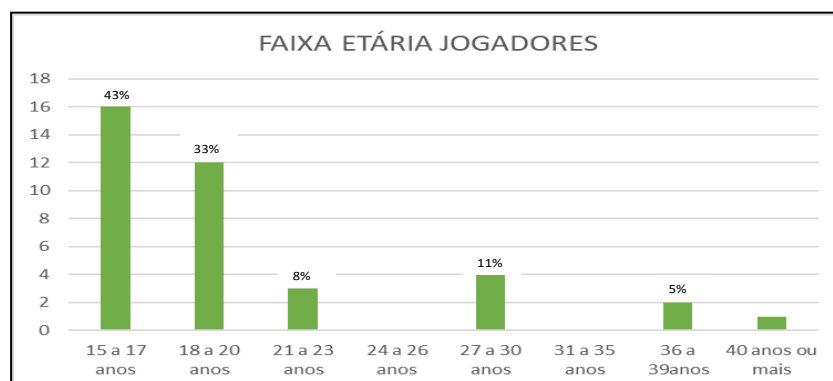
XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

os da PGB consideram os jogos digitais como forma de entretenimento apreciada.

No tocante à faixa etária, em ordem decrescente dos resultados, a PGB apresentou o seguinte cenário: (i) o maior público está entre a faixa de 25 e 39 anos, com 47,8%; (ii) o segundo grupo de 40 anos ou mais representa 27%; (iii) os de 16 a 24 anos somam 25,2% dos jogadores.

A PGPL, por sua vez, averiguou que, com relação à idade dos respondentes, a faixa com maior participação se encontra entre 15 e 20 anos, somando 76% dos informantes; seguidos pela faixa dos 27 a 30 anos com 11% de representação; entre 21 e 23 anos, chegam a 8%; e 36 a 39 anos agregam 5%. É possível notar esses dados no Gráfico 2:

Gráfico 2 –Perfil dos jogadores da PGPL segundo a faixa etária



Fonte: gráfico elaborado pela autora a partir dos dados obtidos na PGPL.

Uma vez que os formulários da PGPL foram distribuídos em salas de ensino médio e de graduação, é compreensível encontrar maior quantidade de respondentes nas faixas etárias compatíveis com esses grupos. Mesmo assim, outras faixas apareceram no resultado, demonstrando seu interesse pelo tema. Dessa forma, a respeito da variação diageracional, inferimos que tanto os dados nacionais quanto os locais reforçam que não há idade certa ou



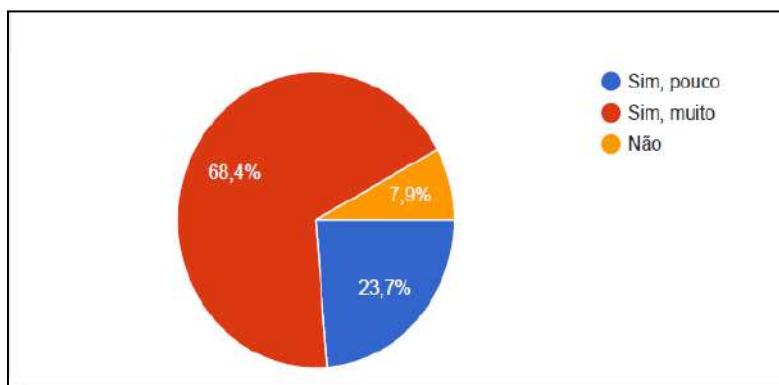
XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

faixa etária específica para jogar ou se interessar por jogos eletrônicos e que a atividade já está presente em praticamente todas as faixas etárias.

A respeito da variável sexo dos jogadores, na PGB os homens assumem levemente a liderança, alcançando 53,8% frente a 46,2% de mulheres. No entanto, quando comparamos com a PGPL, o resultado foi um pouco díspar, pois obtivemos 82% de participação dos homens e apenas 18% de mulheres. Dessa maneira, acreditamos não ser significativa a quantidade de dados recolhidos para um posicionamento cristalizado a respeito de variável diasssexual para o perfil gamer da PGPL.

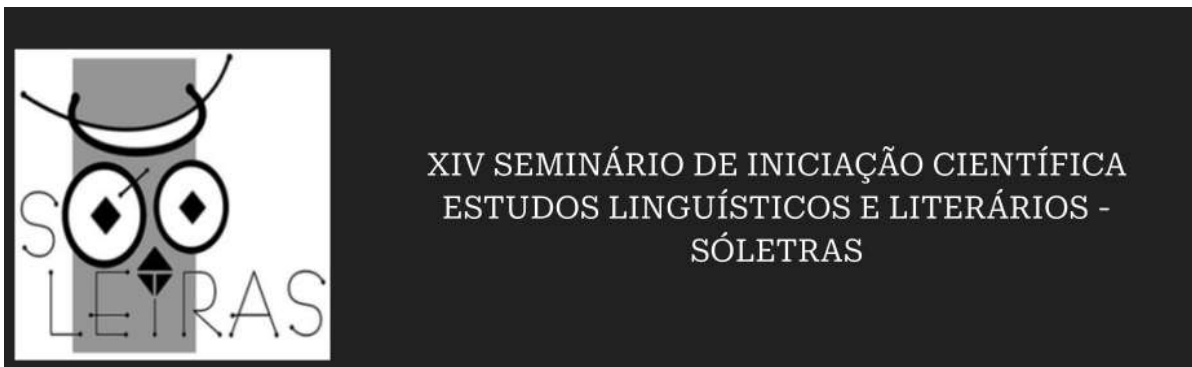
Na questão quatro da PGPL: “Você gosta de vídeo games? Costuma jogar?” apenas três formulários apresentaram a opção “Não” como resposta, e 92% afirmaram gostar da atividade. É possível visualizar essa informação no Gráfico 3:

Gráfico 3 – Posicionamento quanto a gostar/costumar jogar vídeo game.



Fonte: gráfico elaborado pela autora a partir dos dados obtidos na PGPL.

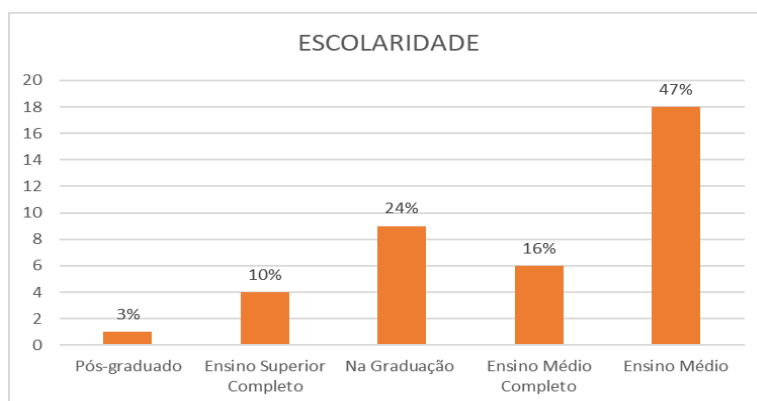
Sobre a escolaridade, os resultados obtidos pela PGB constataram sete níveis: (i) 34,6% com Ensino Superior Completo; (ii) 31,7% Ensino Médio Completo; (iii) 14,6% Ensino Superior Incompleto; (iv) 9,5% Ensino Médio Incompleto; (v) 5,3% Ensino



Fundamental Completo; (vi) 3,8% Ensino Fundamental Incompleto; (vii) 0,5% mantêm-se sem Instrução.

Na PGPL, quanto aos níveis de escolaridade, obtivemos: (i) 47% cursando o Ensino Médio; (ii) 24%, graduação em curso; (iii) 16% com Ensino Médio Completo, talvez até estejam na graduação, porém não especificaram; (iv) 10% Graduação completa e (v) 3% finalizaram uma pós-graduação. O Gráfico 4 ilustra esses resultados:

Gráfico 4 – Níveis de escolaridade dos jogadores da PGPL.



Fonte: gráfico elaborado pela autora a partir dos dados obtidos na PGPL.

Quanto à etnia/cor dos gamers brasileiros, a PGB verificou que a maioria se declara branca (42,2%), seguida por aquelas que se identificam como pardas (41,4%), como pretas (12,7%), amarelas (2,0%), indígena (0,8%); apenas 0,1% para o grupo *outra* ou preferiram não responder.

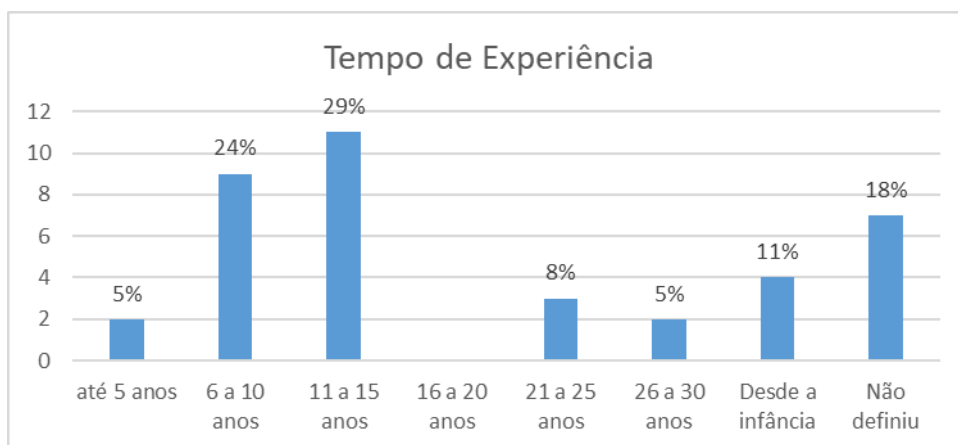
Acerca da classe social, a PGB levantou que a maior parte dos gamers brasileiros está compreendida na classe média (B2, C1 e C2), somando 65,7% do total. Pessoas da classe A representam 12,3% e da classe média-alta (B1) agregam 11,7% do público, e as classes (D e E) ficam com 10,4% de representatividade.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A PGPL não contemplou dados sobre etnia ou classe social dos jogadores e considerou apenas a escolaridade como fator a explorar na variação diastrática. No entanto, abordou questões sobre tempo de experiência com jogos, com os seguintes resultados: 53% dos informantes possuem de 6 a 15 anos de experiência, 11% afirmaram jogar desde a infância, 13% têm entre 21 e 30 anos de experiência e apenas 5% jogam há menos de 5 anos. Ilustramos esses resultados com o Gráfico 5:

Gráfico 5 – Sobre a experiência com jogos: há quanto tempo o entrevistado joga?



Fonte: gráfico elaborado pela autora a partir dos dados obtidos na PGPL.

A PGB investigou, também, sobre a assiduidade em horas com que os jogadores costumam jogar e apurou que 19,9% dos jogadores jogam de duas a quatro horas na semana, seguidos por 18,8% que investem de oito a vinte horas de seu tempo com games ao longo de sete dias. Há ainda 16,1% que dedicam de seis a oito horas e 15,9% que jogam de quatro a seis horas por semana, e 15,9% que jogam por menos de duas horas na semana.

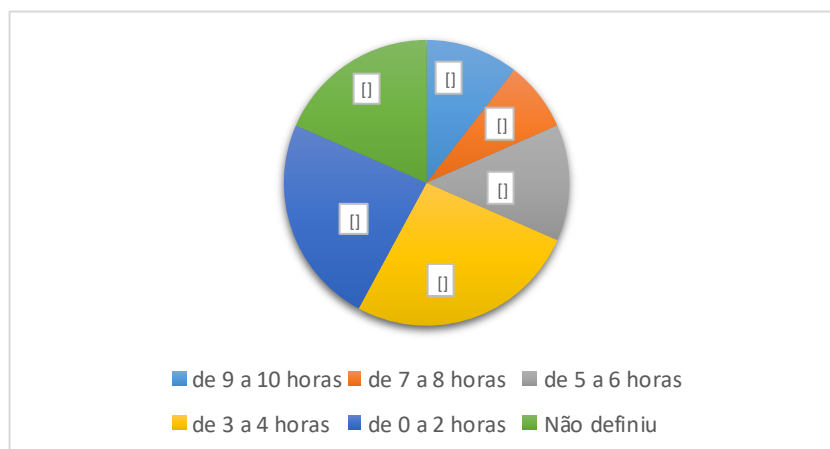


XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Quanto à frequência diária, a PGB constatou que a maioria, ou seja, 38,8% preferem jogar todos os dias, seguidos por aqueles que jogam de três e seis dias por semana, enquanto 17,3% jogam apenas uma vez por semana e 7,0% jogam menos de uma vez por semana.

A PGPL também buscou conhecer a quantidade de horas diárias dispendidas com jogos digitais em PCs, consoles e mobiles e obteve o seguinte resultado: 26% passam até quatro horas do seu dia jogando, 24% ficam online até duas horas por dia, 13% jogam por até seis horas cotidianas, 11% chegam a jogar por até dez horas e 8% dispendem até oito horas diárias, 18% não definiram sua frequência habitual de jogo. Conforme observamos no Gráfico 6:

Gráfico 6 – Horas diárias jogadas pelos informantes da PGPL



Fonte: gráfico elaborado pela autora a partir dos dados obtidos na PGPL.

A PGB averiguou ainda sobre a utilização das plataformas para jogar. Seja pela facilidade de uso, portabilidade (estar sempre à mão) ou o incremento na oferta cada vez maior de jogos, os smartphones se mostraram o tipo de plataforma preferida para jogar, recebendo 51,7% das citações, bem acima dos demais dispositivos, deixando os consoles

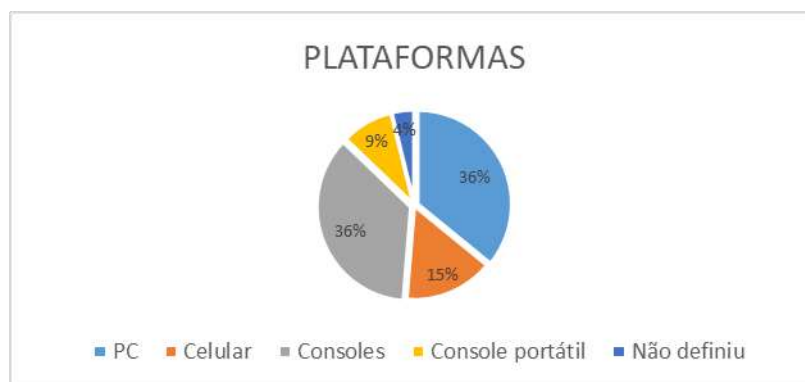


XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

com 20,5% das menções, 12,8% para o computador (PC), 6,6% para notebook (Laptop), 3,1% para SmartTv, 2,3% em videogames portáteis e 2,1% em tablets.

A PGPL, porém, demonstrou que a preferência está dividida entre o computador (PC) e os consoles com 36% indicações cada um, enquanto o celular obteve 15% de citações e 9% se referiram aos consoles portáteis. Apenas 4% não definiram suas preferências, conforme observamos no Gráfico 7.

Gráfico 7 – Principais plataformas de jogos citadas na PGPL



Fonte: gráfico elaborado pela autora a partir dos dados obtidos na PGPL.

A PGB não verificou quais seriam os jogos preferidos dos entrevistados, mas na PGPL, a questão sete indagou: Quais são seus jogos preferidos? As respostas foram tabuladas no quadro a seguir, separando os jogos citados pelas principais categorias como RPG, FPS, *Survival Horror*, Luta, Corrida, *Battle Royale*, RTS, Esportes, Ação/ Aventura entre outros, conforme relacionado no Quadro 1:



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

QUADRO 1 – Jogos citados pelos entrevistados da pesquisa local.

RPG		TIRO/FPS		SURVIVAL		LUTA	
				HORROR			
League of Legends	4	Call of duty: BO 1,2, 3	5	Resident Evil	3	Street Fighter	2
Genshin impact	3	Valorant	6	The Forest	2	KOF - king of fighters	2
Dark Souls	1	C.S e CS-GO	4	Dead by Dylight	1	Mortal Kombat	2
Bloodborne	1	Overwatch	3	Dying Light	1	Tekken	1
Final Fantasy	1	PUBG	2	DayZ	1	Shadow Fight	1
Persona 5	1	Farcry	2	FNAF- Security Breach	1	Marvel-Torneio Campeões	1
Pokemon	1	Battlefield	1	Left4Dead 2	1	Brawlhalla	1
Fate Grand Order	1	Paladins	1			Dragon Ball Xenoverse 1	1
Dota 2	1	Rainbow Six	2				
Wakfu	1						
Ragnarok,	1						
Diablo	1						
CORRIDA		BATLE ROYALE		RTS/ ESTRATÉGIA		ESPORTES	
Forza Horizon e FH 5	3	Fortnite	6	Starcraft	2	FIFA e futebol	3
NFS no Limits	1	Free Fire	1	Age of	1	Rocket League	4



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

				Empires			
GRID autosport	1	Brawl Stars	1	Age of Civilizations II	1	NBA	1
Mxgp	1	Apex legends	1			NSS	1
Formula1	1						
Monster energy 3	1						
Assetto Corsa	1						
AÇÃO/ AVENTURA		AÇÃO/ AVENTURA		METROIDVANI A		CARTAS	
God of war GOW- Ragnarok	4	Grand thef Auto (SanAndreas/GTA V/SA/RP)	1 0	Hollow Knight	1	Legends of Runeterra	1
Red Dead Redemption 1 e 2	3	Minecraft	1 4	Castlevania	1		
Assassin's Creed	2	Roblox	1	Dead Cells	1		
The Last of Us	2	Terraria	1				
Uncharted	1	Devil may cry	1			jogos indie/ Brotato	2
Shadow of the Colossus	1	Tomb Raider	1				
Spider-Man e Miles Morales	1	Subnautica	1			Não respondeu	6

Fonte: quadro elaborado pela autora a partir dos dados obtidos na PGPL.

Sobre a questão nove (9): “Você sabe me dizer o que significam as palavras ou



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

expressões abaixo?” Podemos afirmar que obtivemos mais acertos do que erros e essas respostas podem ser acompanhadas no Quadro 2:

QUADRO 2 – Relação de acertos/erros para o significado de cada uma das palavras dadas na pesquisa.

	PALAVRAS/TERMOS	ACERTOS	ERROS/ENGANOS/equívoco	NÃO SEI
	GAMER			
1.	BAIT - BAITAR	27		11
2.	BUFF – BUFFAR	27	-	11
3.	BUILD	27	3 definiram como itens do inventário	8
4.	CAMPER – CAMPERAR	29	1 definiu como observar	8
5.	CRAFTING - CRAFTAR	26	3 definiram como minerar; 1 definiu como criar armas	8
6.	DROP – DROPAR	26	1 definiu como cair; 1 definiu como roubar; 1 definiu como largar ou tirar item do inventário; 1 definiu como entregar item	8
7.	EASTER EGG	32	-	6
8.	FARM – FARMAR	25	1 definiu como criar alguma coisa; 2 definiram como matar alguma coisa	10
9.	LAG – LAGAR	31	-	7
10.	LOOT - LOOTIAR	30	-	8
11.	MELEE	16	2 definiram como ficar perto	20
12.	NERF - NERFAR	29	1 definiu como pacificação	8



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

13.	RUSH - RUSHAR	29	-	9
14.	SPAWN – SPAWNAR	30	-	8
15.	TANK - TANKAR	28	1 definiu como tomar dano; 1 definiu como defender dano	8

Fonte: quadro elaborado pela autora a partir dos dados obtidos na PGPL.

A palavra com maior número de acertos foi “EASTER EGG” (32/38), que é um termo muito comum no meio digital, podendo ser encontrado em séries, filmes, games, músicas etc. Na sequência, foi o termo “LAG” (31 acertos), que também é comum quando se fala em conexão na internet. Estes dois termos não requerem ser jogador de vídeo game para conhecê-los. Os termos “LOOT” e “SPAWN” obtiveram 30 acertos e aparecem em diversas categorias de jogos, porém com menos frequência em jogos de Luta, Corrida, Esportes e Estratégia. “CAMPER”, é usado majoritariamente em jogos de tiro (FPS). “NERF” e “RUSH”, ambos usados em diversas categoriais obtiveram (29/38) acertos.

Já o termo “TANK”, normalmente não é utilizado em jogos de esporte ou corrida com (28/38) acertos. “BAIT”, “BUFF” e “BUILD”, são usados em muitas categorias de jogos - o termo BUILD é empregado nos jogos de luta, com acepção de arquétipo - obtiveram (27/38) acertos. “CRAFTING” e “DROP”, não são utilizados em jogos de luta, esporte ou corrida (26/38). “FARM” (25/38), usado amplamente em muitas categorias e o termo “MELEE” (16/38) obteve a menor quantidade de acertos pelos informantes, este termo é mais comum em jogos de RTS e FPS. Pode-se dizer que cada termo costuma ser mais ou menos utilizado/conhecido dependendo da categoria do jogo.

O Quadro 3 apresenta o significado dos termos utilizados na pesquisa, considerados como parâmetros para a avaliação dos acertos/erros:



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

QUADRO 3 – Significado das palavras dadas na pesquisa local.

BAIT - BAITAR = Servir de isca ou atrair o inimigo para uma possível emboscada; ser enganado em uma emboscada.
BUFF – BUFFAR; BUFFADO = “Upgrade” Efeito positivo como deixar o jogador mais forte; melhorar os status dos personagens, das armas ou outros itens.
BUILD = Construir o personagem em um jogo; Produzir o personagem adicionando vantagens e habilidades (<i>skill</i>).
CAMPER – CAMPERAR; CAMPERANDO = Esperar, ficar parado em um lugar esperando uma oportunidade para atacar o inimigo; ficar de tocaia.
CRAFTING - CRAFTAR = Criar/ fabricar itens.
DROP – DROPAR/DROPOU = Largar um item; Itens caídos ou deixados no local uma ação realizada, como matar um inimigo, por exemplo.
EASTER EGG = “Ovos de Páscoa” (surpresa escondida); elementos que fazem referência ou homenagem a outros jogos, séries etc. Easter Eggs podem estar em livros, filmes, games, músicas...
FARM – FARMAR = Obter recursos; acumular itens; ganhar experiência (XP)
LAG – LAGAR = “Lentidão”. É quando um problema de conexão causa atrasos na execução dos comandos, comprometendo a performance da partida em um ambiente online.
LOOT - LOOTIAR = “Saque”; pegar/roubar itens. São os objetos oriundos de uma atividade dentro do jogo, como a recompensa por um desafio, os itens de um inimigo derrotado ou o prêmio de um evento.
MELEE = “briga”. É o termo em inglês para ‘corpo a corpo’. É geralmente usado para se referir a uma habilidade, item ou arma relacionada a um ataque físico e direto.
NERF - NERFAR = Tornar algo mais fraco; Efeito negativo de deixar o jogador ou outros itens no jogo mais fraco; é o oposto de “buff”.
RUSH - RUSHAR = Ir o mais rápido possível.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

SPAWN – SPAWNAR = Ponto de nascimento ou renascimento dos personagens, no início do jogo ou após sua morte ou de surgimento de monstros/inimigos.

TANK - TANKER /TANKAR – Jogador usado para conter os inimigos, guerreiro com alta resistência e HP, significando que é forte e aguenta bastante dano sem ter que se curar rápido. Usado para conter o inimigo enquanto personagens com ataque de longo alcance fazem sua investida.

Fonte: quadro elaborado pela autora a partir dos dados obtidos na PGPL.

Quanto à questão dez (10): “Quais outras palavras ou expressões você conhece?” e questão onze (11) “Poderia dar exemplos de como estas palavras ou expressões são usados nos games?”, 19 entrevistados não citaram ou definiram nenhuma palavra, os demais citaram pelo menos uma palavra cada um. Todas as palavras citadas estão listadas nos Quadros 4 a 7.

Embora a participação de mulheres (18%) na PGPL tenha sido menor que a dos homens (82%), sua colaboração para novos termos é significativa pois, das 98 novas palavras, as mulheres citaram 23 (23,5%) que podem ser verificadas no Quadro 4:

QUADRO 4 - Palavras novas citadas e explicadas pelas mulheres:

1	Apelar - não ter dó do adversário e derrotar de forma bonita
2	Boot - robôs que o próprio jogo coloca na partida
3	Bugado - quando o jogo está fora das suas configurações gráficas normais, travando
4	Burla - usar obstáculos para fazer manobras
5	Capa - Quando atira na cabeça e acerta o capacete
6	Critar - que está relacionado ao dano crítico
7	DPS ou Sub DPS (Dano por segundo)
8	F - Prestar sentimentos no chat
9	Levei um - quando o player abate um adversário



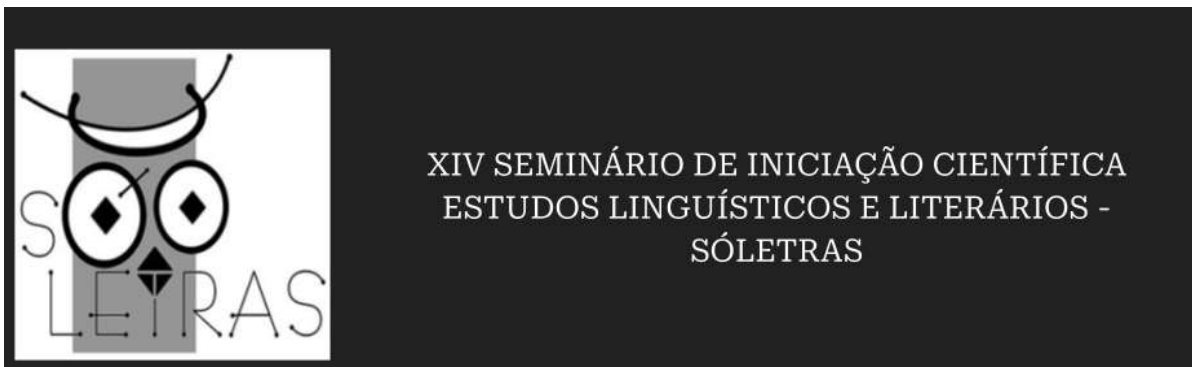
XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

10	Floda F - Prestes a morrer
11	Gemado - conta em que a pessoa tem muitas skins, personagens, habilidades, etc.
12	Healar/Healando - Usado para healers do jogo
13	Hillar kit - usar kit médico durante uma partida
14	Kill - derrotar inimigo
15	Muito roubado - quando um time upado está contra um time noob
16	Noob - jogador iniciante
17	Pro - player que joga a muito tempo e tem muito conhecimento sobre o jogo
18	Sensi - sensibilidade que o jogador adiciona para melhorar a jogabilidade dos botões, controle, mouse
19	Showcase - demonstração de dano do personagem
20	Streiff - Eles simplificam e colaboram em certas ações no jogo, facilitando a comunicação
21	Upado - jogador melhorado
22	X1 - Disputa de 1 contra 1
23	Xit - quando algum jogador está usando hack

Fonte: quadro elaborado pela autora a partir dos dados obtidos na PGPL.

Sobre a participação das mulheres na pesquisa, apenas duas entrevistadas (17 e 18 anos no Ensino Médio) disseram que não gostam de jogar e não responderam sobre as palavras ou citaram novas (não dadas na pesquisa). A respeito das demais informantes temos que: três mulheres (todas com 17 anos no Ensino Médio), disseram que gostam um pouco de jogar, citaram jogos e plataformas que utilizam, responderam o significado dos termos.

A primeira respondente deste grupo acertou nove palavras, porém apresentou 17 novos termos explicando cada um deles. Seus jogos favoritos estão listados em seis categorias diferentes – o que pode explicar a quantidade de novas palavras que citou, e suas plataformas são consoles e celular. A segunda entrevistada acertou uma palavra e não citou



ou explicou novas palavras. Seus jogos favoritos estão em duas categorias e suas plataformas são console e celular. A terceira participante acertou cinco palavras e respondeu “não sei” para as demais. Também não citou ou explicou novas palavras. Seu jogo favorito é “Minecraft” e sua plataforma é o PC.

Duas mulheres responderam que gostam muito de jogar. A primeira informante deste grupo (17 anos, no ensino médio) acertou o significado de treze palavras, citando cinco novas palavras, explicando uma delas. Seus jogos favoritos estão em duas categorias e sua plataforma é o celular. A segunda entrevistada (18 anos com ensino médio concluído) acertou seis palavras, citou e explicou uma nova palavra. Seus jogos favoritos estão em duas categorias e suas plataformas são console e PC.

No Quadro 5 logo abaixo, podemos verificar que, aparentemente, alguns informantes não compreenderam o que se pedia na pergunta. Nos exemplos 1, 2 e 3 deste quadro, constatamos que entenderam a questão, como se estivéssemos perguntando: “o que é” e “para que servem” os termos apresentados. Nos exemplos 4, 5 e 6, ainda no quadro 5, os respondentes apenas deram exemplos de uso para alguns dos termos dados na pesquisa, não acrescentando termos novos:

QUADRO 5 - Palavras citadas e explicadas pelos homens – definição geral.

1	“são termos utilizados em jogos de luta para estilos de jogo e mecânicas”
2	“vish eh como se fosse a linguagem nossa”
3	“São usadas como forma de simplificar o vocabulário, e passar as estratégias mais rapidamente”
4	Pocha! não estou conseguindo farmar por causa desse lag!
5	"Tem um camper com um sniper naquela torre" "Vou ter que lootiar antes de seguir em frente" "Vou rushar pra cima daquele squad" "Eu vou tankar o dano para meu squad atacar!"



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

6	“Vou baitar o time inimigo tankar o máximo possível aí vocês rusham pela Backline e dão pick off nos carries”. Tradução: vou enganar o time inimigo e segurar o máximo que der, aí vocês avançam pela linha de fundo e matam os carregadores (carries) fora de posição (pick off)
---	---

Fonte: quadro elaborado pela autora a partir dos dados obtidos na PGPL.

No Quadro 6, podemos acompanhar as palavras apresentadas pelos homens:

QUADRO 6 - Palavras citadas e explicadas pelos homens

1	Afk – inativo/ longe do teclado
2	Aoe - controle, área de efeito
3	Ataque AOE Ataque AOE- ataque em área
4	Ataque ST Ataque ST- ataque de apenas um alvo
5	Arrasta pra cima - Foi de arrasta pra cima, significa quando algo ou alguém morreu no jogo
6	Ban - abreviação de banir ; expulsão do jogo
7	Bot, "robô"
8	Call – passar um comando ou estratégia – dar a Call: dica
9	Combo - uma sequência de ataques conectados
10	Comp, time/sua composição
11	Cooldown, tempo de espera
12	Dar Predict: prever a ação de seu adversário e já reagir
13	Debuff, contra melhorias inimigas
14	Deck, conjunto de cartas como no clash royale
15	Diff, ações ou falta delas dentro de partida
16	Dps, dano por segundo
17	Dropei uma carta de um monstro



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

18	Early/mid/late game, fase/momento do jogo
19	Gank, Pra ajudar aliados
20	GG (good game) ao final do jogo pra indicar que foi uma boa partida...
21	Headshot, acerto na cabeça
22	High ground, High ground seria você tomar uma posição em um terreno acima de seus inimigos
23	Hp, pontos de vida
24	Kit, quais itens um personagem por exemplo está usando
25	Meta, melhores coisas/ personagens no momento
26	Noob- pessoa que acabou de começar a jogar
27	NPC, personagem não jogável
28	Page to win - pago pra jogar (é necessário investir dinheiro pra ganhar algo no jogo por exemplo)
29	Platinar - alcançar todas as conquistas ou troféus do jogo
30	Proc/ procar, (programmed random occurrence) ocorrência programada aleatoriamente
31	Pvp, player versus player
32	QUICADO - chutado
33	Quickscope - seria você mirar e atirar ao mesmo tempo porém a animação de Mira não ocorrerá
34	RNG - fator de probabilidade em algum jogo
35	Safe seria uma área segura
36	Stealth: jogar escondido, em silêncio, furtivo
37	Straif, Straifar, posição de mira em FPS
38	Tilt - problema, falha. Semelhante a bug, falha, erro, problema. Deu tilt no computador... O computador parou de funcionar corretamente, bugou
39	Trick - fazendo 360 e atirar sem mirar



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

40 | Zerar - finalizar o jogo

Fonte: quadro elaborado pela autora a partir dos dados obtidos na PGPL.

No Quadro 7, estão listadas as palavras apresentadas e não explicadas/conceituadas pelos homens:

QUADRO 7 - Palavras citadas e não conceituadas/explicadas

Adc	Ez	Gankar	Ks	Smokar
Backline	F2p, p2w	Gg, GG	Mid diff	Sup
Bangar	Face Check	GGWP	Mix-up	TF
Carrys	Feedar	Grappler	Op	Wardar
Cooldown	Footsies	Iz	Pogg	Xesque
Desque	Fps	Jg abismo	Rage	Zé lootinho
Dive	Gacha	KID	Rushdown	Zoning

Fonte: quadro elaborado pela autora a partir dos dados obtidos na PGPL.

Sobre a participação dos homens na pesquisa, podemos acompanhar os resultados no Quadro 8:

Quadro 8 – Relação de acertos e erros na participação dos homens na PGPL

Erros	Quantidade de pessoas	Idade/ Escolaridade	Categorias citadas	Plataformas preferidas
Não respondeu	1	30 anos com nível superior	Não respondeu	Não respondeu
11 erros	2	39 e 52 anos com nível superior	2	PC e console



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

4 erros	1	27 anos com nível superior	2	Consoles: (Xbox e PS2)
3 erros	2	27 anos pós-graduado; 17 anos no EM	4	PC e console
2 erros	4	18 e 19 anos no EM	8	Celular, PC e console
1 erro	10	16, 17 e 18 anos no EM; 22, 23 e 36 anos na graduação	8	Celular, PC e console
Nenhum	11	15,17,18 e 19 anos no EM; 20, 21 e 30 anos na graduação	9	Celular, PC e console

Fonte: quadro elaborado pela autora a partir dos dados obtidos na PGPL.

Considerações finais

A partir do exposto, é possível inferir que, de modo geral, não há uma idade certa ou faixa etária específica para jogar ou se interessar por jogos eletrônicos e que a atividade já está presente em todas as faixas etárias, sendo percebidas as idades de 16 a mais de 50 anos, tanto na pesquisa nacional (PGB), quanto na pesquisa local (PGPL).

Quanto à variável sexo, a PGB, os dados são próximos, com os homens levemente à frente das mulheres quanto à participação em jogos digitais. Na PGPL constatamos uma grande diferença neste quesito, com apenas 18% de informantes femininas, que demonstraram conhecer os termos tradicionais (uma delas chegou a acertar 13/15 palavras) e contribuíram com 23 termos novos. Por ora, temos que tanto a variação diageracional quanto a variação diassexual não se apresentam como indicadores significativos para determinar um



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

perfil gamer.

Sobre a escolaridade, a PGB averiguou que a maioria dos jogadores (mais de 80%) está entre o Ensino Médio, passando pela graduação e chegando ao Superior Completo. Na PGPL também obtivemos uma participação de mais de 70% entre o Ensino Médio e a graduação, tornando a variação diastrática em elemento interessante para futuras investigações.

Quanto aos informantes com mais tempo de experiência com jogos, verificamos que foram os que menos acertaram os significados e os que menos contribuíram com novos termos. Este resultado possivelmente está ligado ao fato de ser uma linguagem nova e que os mais velhos ou mais experientes ainda não se adaptaram a ela.

A PGB constatou que a maioria dos jogadores prefere jogar todos os dias, chegando a investir de oito a vinte horas de seu tempo com games ao longo de sete dias. A PGPL, por sua vez, registrou que a maior parte dos jogadores passa de duas a quatro horas do seu dia jogando. Sobre as plataformas de jogo favoritas, os smartphones foram os preferidos na PGB, enquanto os PCs e Consoles dividiram a preferência na PGPL. Em relação aos jogos preferidos, os participantes citaram mais de setenta títulos de jogos, divididos em treze categorias diferentes. A respeito do conhecimento sobre o significado das palavras dadas na pesquisa, 11 pessoas acertaram todas as palavras, enquanto dez erraram apenas uma, demonstrando que a maioria conhece bem o vocabulário (Língua Gamer).

Isto posto, pode-se concluir que o meio de comunicação, neste caso, *chats* e *gameplays*, moldam o conhecimento e utilização da “Língua Gamer”; o seu vocabulário, que possui características e termos regulares e/ou gerais encontrados em qualquer tipo de classe de jogos, pode ainda estar diretamente relacionado a um tipo/categoria de jogo específico. Portanto, quanto mais categorias o jogador experimenta, mais abrangente será seu conhecimento sobre a Língua Gamer, o que tornam as variações diamésica e diafásica, focos



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

imprescindíveis para boa análise de *corpus* lexical desse campo específico.

Referências

BERQUÓ, Diogo. **Variações linguísticas** - Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/variacoes-linguisticas.htm>. Acesso em maio de 2023.

BLEND. **Especialista em pesquisas de mercado de VoC** (*Voice of the consumer*). Disponível em: <https://www.blendnewresearch.com.br/sobre>. Acesso em: junho de 2023.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ESPM. **Escola Superior de Propaganda e Marketing** - instituição de ensino. Atualizado em 2023. Disponível em: <https://www.espm.br>. Acesso em: junho de 2023.

GO GAMERS. **A GO GAMERS: Pilares de Negócios e Serviços**. Atualizado em 2022. Disponível em: <https://gogamers.gg/>. Acesso em: junho de 2023.

PGB. **Pesquisa Game Brasil**. 10.ed. edição 2023. Disponível em: <https://www.pesquisagamebrasil.com.br/pt/>. Acesso em: junho de 2023.

PRETI, Dino. **Sociolinguística os níveis de fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira**. 7ed. São Paulo: Editora da USP, 1994.

SX GROUP. **Quem somos**. Atualizado em 2023. Disponível em: <https://www.sxgroup.io/>. Acesso em: junho de 2023.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O RESGATE DO GÓTICO EM A COLINA ESCARLATE

Maria Eduarda de Faria Azevedo (G-CLCA-UENP/CJ)
Mônica Aguiar Moreira Garbelini (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)
Marilene Prezotto (Coorientadora-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Este trabalho busca identificar as características que se perpetuaram como tradição gótica no romance *A colina escarlate* de Nancy Holder (2015) através de uma análise interpretativa do enredo, personagens e sua ambientação – elemento muito marcante nessa linha literária. Esse gênero de romance ganhou muito destaque durante o século XVIII e, desde então, passou a fazer parte do imaginário coletivo. Assim como afirma David Punter e Glennis Byron (2004), o gótico nunca chegou a ser o gênero mais consumido – mesmo em seu auge durante a década de 1790 – porém ele sempre possui uma constante quantia de leitores, por isso nunca deixou de ser relevante, razão para que, mesmo cerca de 200 anos depois, ainda sejam produzidas obras góticas, porém a intenção aqui é investigar quais alterações houve nas características mais marcantes, ou seja, descobrir o que mudou nesse gênero para que ele ainda seja consumido pelos leitores contemporâneos.

Palavras-chave: Literatura gótica; A colina escarlate; Gótico.

Introdução

A literatura gótica é um gênero que existe há mais de 200 anos e resiste até hoje, sendo consumida por muitos ávidos leitores. Em sua trajetória, há títulos que entraram para o cânone da literatura, principalmente a inglesa, já que teve sua origem na Inglaterra e alguns deles são: *Drácula* (1897) de Bram Stoker, *Frankenstein* (1818) de Mary Shelley, *O médico e o monstro* (1886) de Robert Louis Stevenson, entre outros. Cria-se, então o questionamento de como pode uma tradição que remonta já dois séculos ainda ser consumida na contemporaneidade. O que há de tão especial no Gótico para que as pessoas ainda o procurem para suprir suas necessidades e questionamentos interiores?

Tendo em vista esses fatos, o trabalho se propõe a refletir sobre a necessidade do Gótico na atualidade ao analisar quais são as características presentes na obra *A colina*



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

escarlata (2015) de Nancy Holder, uma obra contemporânea. Para que a pesquisa se dê da forma esperada, faz-se necessária uma pesquisa bibliográfica entre textos científicos e literários que sejam capazes de contemplar, de maneira colaborativa e crítica para o trabalho, a literatura gótica e contemporânea.

É esperado que, ao longo deste trabalho, seja possível fornecer subsídios teóricos que colaborem para o melhor entendimento do emprego do Gótico em tempos contemporâneos, e, conseqüentemente, compreender quais características da tradição da literatura gótica permanecem presentes até hoje nas obras de ficção. O presente trabalho busca demonstrar o quanto da tradição Gótica ainda está arraigada nas obras contemporâneas, através de uma breve análise da obra *A colina Escarlata* de Nancy Holder (2015) e quanto de seu propósito ainda prevalece, pois, afinal, é a partir do gótico que a sociedade pode fazer uma releitura de seu lado mais sombrio.

O gótico

O primeiro desafio que surge no caminho de quem se propõe a estudar o Gótico não é enfrentar fantasmas ou fugir de um castelo assombrado, é a dificuldade de conceituar uma tradição artística que remonta ao século XVIII e tem sido responsável por transformar as experiências humanas com o medo e o mal. Em mais de 200 anos de utilização do termo, ainda é difícil descrever com exatidão o que é o Gótico. Os teóricos que se desafiaram a desvendar essa definição concordam em um único ponto: o termo é utilizado de forma excessivamente ampla, agregando outros elementos que não lhe pertencem; por isso há uma gama de definições, associações e significados que ora divergem ora se aliam. David Stevens (2000, p. 9) aponta que, no início do século XVIII, por exemplo, o gótico era empregado no âmbito político para referir às ideias liberais (especialmente às que eram contra a monarquia)



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

e, em outros momentos, era empregado em prol da defesa dos valores conservadores.

Por tratar-se de um termo que vai além da arte literária, o gótico não possui uma definição clara, afinal o adjetivo é utilizado para caracterizar romances britânicos (principalmente setecentistas, muitos não conhecidos pela grande maioria leitora contemporânea, como, por exemplo, as obras de Ann Radcliffe); um estilo de arquitetura datado do período medieval; romances populares como *Drácula* de Bram Stoker (1897); filmes como *Suspiria* (1977); bandas de rock dos anos oitenta como Bauhaus e, por fim, tribos com estilo de vida e moda específicos. David Punter e Glennis Byron (2004) em *The Gothic* afirma, logo na introdução, que não está buscando definir o que é gótico, mas explicar e trazer uma cronologia da evolução do gênero, porém algumas características aparecem constantemente quase se tornando uma tradição dentro do gótico.

Historicamente a literatura gótica tem a Inglaterra do século XVIII por berço. Os autores da época buscavam romper os valores da sociedade ao criticar a burguesia em seus textos, o que trouxe uma marginalização do gênero. Levaram o nome “gótico” por ambientarem suas obras em construções medievais que, muito diferentes das greco-romanas, eram pesadas, pontudas, cheias de arcos pontudos ou ogivais, trazendo junto o passado feudal e um barbarismo aos romances, pois eram um resgate da era das trevas e, por isso, carregavam em si as trevas do inculto – assim pensava a sociedade do século XVIII com o movimento iluminista. Indo mais além, a literatura gótica encontrou relutância em seu crescimento, pois remetia ao passado obscuro e a irracionalidade dos elementos insólitos em seus textos e os iluministas não desejavam serem ligados a esse tipo de literatura.

Afinal o termo Gótico é um adjetivo pátrio que se refere aos Godos, povo proveniente da Escandinávia, mas veio a ser utilizado, de modo mais genérico, para nomear diversas outras tribos germânicas, como os Ostrogodos e os Visigodos e, indo mais além, o termo já foi utilizado até para os Celtas. A Roma cristã que via essas tribos “góticas” como



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

ameaça a nível militar e cultura passou a divulgar uma imagem “bárbara”. Nos ataques violentos e saques ao Império Romano, as tribos “góticas” tinham o costume de assassinar os soberanos romanos – prática que ficou conhecida como “Gothic disease” (doença gótica) (Groom, 2012, p.8) e isso se tornou a propaganda perfeita para os romanos incitarem medo, tornando essas tribos sinônimos de horror e desgraça.

De acordo com Punter e Byron (2004, p. 8) o gótico fazia oposição ao clássico. Aquele era imoral, sombrio e cheio de metáforas enquanto este seguia a moral da época, sendo claro e direto em seus textos.

Onde o clássico era bem ordenado, o Gótico era caótico; onde era simples e puro, o Gótico era ornamentado e complexo; onde os clássicos ofereciam um conjunto de modelos culturais a serem seguidos, o Gótico representava excesso e exagero, o produtor do selvagem e do incivilizado (Punter, Byron; 2004, p. 45).

Os autores utilizavam alegorias e metáforas para descrever críticas ao materialismo burguês e às correntes filosóficas de seu tempo, criando romances que mesclavam o real e a imaginação, a tradição e a modernidade, resgatando o significado primitivo do termo gótico, pois carregam consigo um vigor e um senso de grandeza necessário para a cultura inglesa. Mesmo necessário para a identidade cultural da Inglaterra, o Gótico não deixou de ser menosprezado, pois, para eles, o “Gótico era o arcaico, o pagão, aquele que veio antes, ou era o oposto, ou resistiu ao estabelecimento de valores civilizados e uma sociedade bem regulada.” (Punter, Byron, 2004, p.8)

Dentro desse gênero, há alguns elementos narrativos que ganham mais destaque do que outros, tendo, o espaço, muito valor, pois é através dele que a atmosfera de suspense é criada. A natureza não era um tema novo no século XVIII, porém os autores góticos renovaram seu uso ao acrescentarem uma ênfase adjetival ao texto, tornando o cenário



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

intimidante e grandioso revestindo o texto com terror e aflição: vastas paisagens, enormes construções antigas, florestas fechadas e escuras onde diversos perigos espreitam e perseguem os protagonistas. O primeiro romance gótico *O castelo de Otranto* (Walpole, 1764) é um exemplo da importância do espaço dentro da narrativa já que o enorme castelo com seus inúmeros cômodos cria uma estética misteriosa que desperta a curiosidade no leitor.

O gótico tornou-se um fenômeno comercial entre o final do século XVIII e o começo do século XIX na Inglaterra. Os leitores ingleses ficaram obcecados com os romances góticos o que tornou um negócio rentável para os livreiros e escritores profissionais que supriam a necessidade do mercado literário da época sem nenhuma preocupação com a inovação literária. A repetição de imagens e símbolos usados pelos autores para a criação da atmosfera de suspense (castelos antigos, ruínas, monastérios e igrejas abandonadas, protagonistas sempre em perigo) consolidou uma “fórmula” para o sucesso de vendas; os leitores sempre tinham acesso a um novo livro, mas não passava de um enredo já utilizado com apenas algumas mudanças.

A ascensão do gótico durante o período de industrialização pode ser tanto a razão de seu sucesso quanto de seu fracasso, como afirma Punter e Byron (2004, p. 20). As novelas góticas começaram a emergir em uma época em que as forças da industrialização estavam transformando as estruturas da sociedade, pois, com o início da revolução industrial, houve mudanças drásticas na relação do homem com a natureza, com o trabalho e com outros homens – tantas inovações criaram muitas dúvidas que foram jogadas ao gótico, para que ele solucionasse. O autor explica que, com a ascensão do capitalismo, cresceu a alienação e a isolamento da população – os novos trabalhos nas linhas de produção isolaram cada funcionário e os alienaram para que soubessem executar apenas sua função, sem saber produzir um produto do começo ao fim sozinho. A mecanização do trabalho e a desconexão do homem



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

com a natureza colocaram em dúvida o que é ser humano – questão principal do romance de Mary Shelley, *Frankenstein* (1818). É no espaço da dúvida que o gótico se instala, criando respostas e reflexões sobre os problemas de seu tempo apresentadas dentro de enredos sobrenaturais.

O excesso de obras muito similares, cujos enredos antes complexos que ofereciam mistérios aos leitores e que, agora, já eram previsíveis, criou uma saturação do produto - efeito do capitalismo que visou somente ao lucro e à quantidade, deixando a qualidade e a inovação de lado. O gótico tornou-se um gênero literário “obsoleto”, passou a receber diversas críticas e autores que escreviam gótico passaram a negar e a criticar seus aspectos extravagantes. Gamer (2002, p. 88) reflete sobre a atitude de dualidade de alguns autores em relação ao gênero “Qual era a posição cultural do Gótico nesses anos que fez dele um objeto de apropriação e de demonizado ao mesmo tempo? [...] se associar aos escritores Góticos era um negócio arriscado” (Gamer, 2002, p. 89). O autor aponta que alguns autores passaram a criticar o gótico após as polêmicas envolvendo a obra *O monge* de Matthew Gregory Lewis, que não foi bem recebida entre a sociedade e o autor sofreu uma certa reclusão. Outros autores não queriam ter o mesmo fim, por isso passaram a desassociar sua imagem com o gótico e, entre eles, é possível citar Lorde Byron.

As críticas feitas ao gótico iniciaram a discussão entre “alta” e “baixa” literatura que perdura até hoje, mais de 200 anos depois. Para a sociedade do século XVIII e XIX a literatura baixa eram os livros que não traziam apenas uma reprodução dos enredos de sucesso sem o cuidado com a inovação literária, os temas imorais ou gráficos demais também foram classificados como baixa literatura. A “baixa” literatura gótica não se preocupava em fazer críticas à sociedade e a seus costumes, apenas reproduziam enredos e elementos narrativos de sucesso para o entretenimento do leitor-consumidor.

O auge do romance gótico foi durante a década de 1790 com as publicações das



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

obras que concretizaram as principais características do gênero que perduram até os dias atuais. É nesse período que *O monge* de Matthew Gregory Lewis e diversas obras de Ann Radcliffe como *Os mistérios de Udolpho* e *O romance da floresta* foram publicados. Ninguém queria ler obras góticas no início do século XIX, o gênero foi deixado de lado e dificilmente voltou a ser o mais consumido entre os leitores – claro que há exceções, como o lançamento de *Frankenstein* por Mary Shelley em 1818 que colocou o gênero de volta no interesse do leitor, pois possui inovação literária em seu texto.

Após esse breve contexto histórico, é possível afirmar que o Gótico é um gênero narrativo que usa a presença de elementos sobrenaturais que fogem ao racional humano para trazer reflexões às experiências humanas e correntes filosóficas da época de produção da obra. O insólito fala diretamente com o inconsciente do leitor, oferecendo respostas para as perguntas que nunca foram feitas. De acordo com Punter e Byron (2004), o gótico em geral é “um conjunto de histórias dentro das quais os indivíduos humanos estão à mercê de poderes maiores” (Punter e Byron, 2004, p. 122), cabendo ao leitor refletir qual a origem desse poder superior.

Gótico masculino e feminino

Com a grande quantidade de obras escritas em tão pouco tempo, houve a separação entre gótico feminino e gótico masculino. Inicialmente, Ellen Moers (1976) usou o termo “gótico feminino” pela primeira vez apenas para separar a autoria das obras, porém com a utilização do termo iniciou uma discussão de que as diferenças iriam além do gênero dos autores. “O que quero dizer com Gótico Feminino é facilmente definido: o trabalho que as



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

escritoras fizeram no modo literário que, desde o século XVIII, chamamos de Gótico²⁵ (Moers, 1986, p. 90), entretanto quando tomamos o argumento de Moers como único modo de definir o gótico feminino como fruto de autoras, muitas obras que se encaixam em outras definições são excluídas, pois são de autores que utilizavam pseudônimos femininos para atingir seu público alvo. Indo um pouco mais além, há teóricos que alegam que Gótico feminino são obras com protagonistas femininas, mas seria esta a única razão? Tomemos como exemplo *Frankenstein* de Mary Shelley (1818) que é um livro de autoria feminina, logo se encaixa na definição de Moers, porém não se encaixa em outras definições como a da protagonização feminina porque nenhum dos personagens relevantes para o enredo (Dr. Frankenstein e a criatura) são masculinos.

Punter e Byron (2004) apontam que a diferença fundamental entre eles é a forma como o protagonista se relaciona com o espaço tipicamente gótico retratado. O gótico masculino tende a representar um protagonista masculino em busca de um algo interior que é ligado aos valores morais da sociedade e seus conflitos internos são espelhos do mundo ao qual pertence.

A violência é muito presente e gráfica nessa linha; cenas fortes de violência e violência sexual aparecem com frequência para impactar o leitor, as personagens femininas não passam de vítimas dos acontecimentos e acabam não sendo mais do que um corpo desejado e idealizado dentro do enredo. Os desfechos levam o personagem transgressor à punição pela quebra de taboos, havendo um restabelecimento da ordem e, muitas vezes, o elemento sobrenatural é deixado de lado sem nenhuma explicação – o importante é que a conduta incorreta foi corrigida no fim.

²⁵ “What i meanby Female Gothic is easily defined: the work that women writers have done in the literary mode that, since the XVIII century, we have called The Gothic” (Moers, 1986, p. 90)



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

O gótico feminino apresenta uma protagonista feminina em busca da liberdade de um confinamento interior. Punter e Byron (2004, p. 279) postulam que, agora que a personagem feminina toma as rédeas da situação, a ameaça primária por seu confinamento, geralmente, a figura masculina transgressora e violenta, os fantasmas e outros elementos sobrenaturais se tornam um plano de fundo. Inicialmente ela não percebe que está sendo confinada, pois a casa, geralmente, é do seu recém esposo e, quando percebe, o confinamento se torna aprisionamento sob a autoridade do marido ou sua substituta feminina.

Nessa linha do gótico, a adoção de uma perspectiva ligada aos interesses da mulher permitiu a contestação dos papéis de gênero na sociedade. Ao assumir o caminho de protagonista, a donzela, antes totalmente indefesa, agora é capaz de salvar a si própria dos horrores e terrores que surgem a partir das torturas físicas e psicológicas que tanto sofriam caladas no gótico masculino. Agora suas dores ganham voz e o leitor é capaz de reconhecer seus sofrimentos que antes eram escondidos nas sombras do silêncio virtuoso da mulher idealizada. Há também vilãs, surgem personagens femininas que não são virtuosas, não exalam inocência e, mais perigosas, agem somente para o seu próprio benefício e objetivos.

O texto procura focar na jornada da heroína, suas experiências em busca de um pouco de poder contra seu vilão social: o patriarcado. Punter e Byron (2004, p. 279) apontam que há mais ênfase no suspense do que no horror e esse suspense é, frequentemente, gerado pela limitação do entendimento do leitor em relação aos eventos do ponto de vista da protagonista, ou seja, a atmosfera de suspense é criada a partir do não conhecimento da própria personagem sobre o que está acontecendo ao seu redor. São seus medos e ansiedades que ditam o tom da história em vez de encontros violentos ou corpos pútridos (Punter, Byron, 2004, p. 279) e o leitor acompanha a história a partir do consciente da protagonista, acompanhando sua linha de raciocínio e emoções.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A autora

Nancy Holder (29 de agosto de 1953) é uma escritora americana que possui uma grande carreira no mundo literário e publicou mais de setenta romances e cem contos que lhe renderam quatro prêmios Bram Stoker e diversas indicações. Em sua maioria, seus textos são de terror, sobrenatural e suspense, rendendo-lhe a posição de vice-presidente na Horror Writers Association desde 2014.

Nancy escreveu vários livros que têm, como base, séries de terror e ficção científica, como é o caso de algumas de suas obras que foram baseadas em *Buffy: a caçadora de vampiros*, *Angel* e *Smallville*. *A colina escarlate* também é um desses romances baseados em outra mídia. Em 2015 Guillermo del Toro, diretor de cinema conhecido por seus filmes: *Labirinto do Fauno* e *A forma d'água*, lançou *A colina escarlate* – um filme que conta a história de Edith Cushing e sua trajetória de sobrevivência contra as garras dos irmãos Sharpe, que pretendiam assassiná-la para obter sua herança que os salvaria da falência em seu decadente império de argila vermelha no interior da Inglaterra. Após o lançamento do filme, o diretor encomendou que se fizesse um livro sobre seu filme e assim surgiu *A colina escarlate* por Nancy Holder.

Embora seja necessário citar de que o livro principal é uma obra de encomenda, portanto, uma adaptação de um filme para um livro – processo que envolve transmitir tudo o que o espectador viu em palavras, descrever sentimentos e atmosferas criadas pelo visual - é importante ressaltar que não é a pauta deste trabalho analisar o quanto do filme foi transmitido em palavras, muito menos comparar o filme com livro.

A autoria da produção faz diferença também ao compararmos, brevemente, qual a maior diferença entre o livro e o filme – apesar de este não ser o foco deste trabalho. O



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

telespectador, ao assistir ao filme, sempre estará acompanhando e buscando o personagem Thomas Sharpe (Tom Hiddleston), curioso para saber quais são as intenções dele ao casar-se repentinamente com Edith e surpreso com suas ações no decorrer do enredo quando tenta salvar sua amada das garras de sua irmã. O telespectador é sempre voltado ao personagem masculino da trama, mesmo tendo uma protagonista feminina e uma vilã, perguntando-se quando Adam irá aparecer já que ele parece ser o único capaz de salvar a protagonista. O filme é, quase, uma representação de um enredo do gótico masculino. Além do foco no homem da trama, há também grande destaque para os fantasmas que representam suas tristes mortes e o desenrolar das cenas de combate violento como a cena de perseguição no clímax da história.

Em contrapartida quando se lê o livro há uma maior ênfase nos sentimentos de Edith e suas motivações e sua vontade de ser uma grande escritora tem muito muita força aparecendo em mais de uma vez. Há momentos em que os fantasmas aparecem com um propósito maior do que assustá-la, trazendo uma mensagem sobre os segredos que rondam a casa e a família. Nancy Holder adaptou um gótico masculino, ressaltando a protagonista, suas motivações, medos e ansiedades transformando-o em um autêntico gótico feminino.

A obra

O livro é dividido em prólogo, livro um (entre o desejo e as trevas), livro dois (entre o mistério e a loucura) e livro três (a colina escarlate). O prólogo narra a cena final do livro e a descrição da vilã da história cria uma inquietação no leitor e uma curiosidade para saber como que o enredo se desenvolveu até esse momento:



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

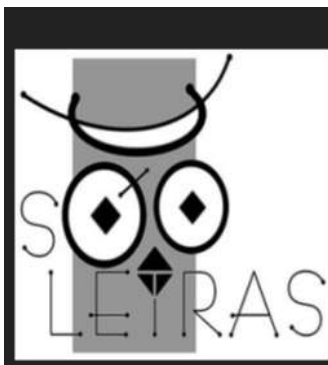
A própria filha do inferno vinha *atrás* dela. Implacável, incansável, uma criatura movida a insanidade e ódio, que já havia mutilado, assassinado, e que voltaria a matar – a menos que Edith atacasse primeiro. Porém, ela estava enfraquecida, cuspiendo sangue, tropeçando, e aquele monstro já reclamara outras vidas – outras *almas* – mais fortes e mais saudáveis que a dela (Holder, 2015, p. 11).

O livro um inicia-se em Buffalo, Nova York no ano de 1886, narrando o enterro da Senhora Cushing. O sofrimento de Edith é silencioso, mas visível porque ela é só uma criança de nove anos.

O cólera a levava. Uma morte horrível, lenta e muito aflitiva. O pai de Edith tinha encomendado um caixão fechado e pedira que ela não olhasse. Assim, não houve beijo de despedida, nem adeus, nem últimas palavras. Isto é, até que ela voltou. Três semanas depois de morrer (Holder, 2015, p. 19).

Apenas três semanas após o enterro, Edith é visitada pelo fantasma da mãe. A garotinha fica assustada e mal olha para a entidade em seu quarto, porém o recado dirigido a ela nunca foi esquecido: cuidado com a Colina Escarlata! Como uma forma de superar seu trauma, Edith se torna uma jovem escritora, o pai a apoia em seu sonho de publicação e consegue agendar uma entrevista, porém seu romance é rejeitado porque o editor queria um livro de romance e não uma história de fantasmas. A protagonista procura explicar o papel das entidades em sua obra: “- O fantasma é só uma metáfora, o senhor entende? Para o passado.” (Holder, 2015, p. 27).

Ao ter seu romance negado, Edith procura datilografá-lo no escritório de seu pai para os editores não perceberem que se trata de uma autora e julgar o valor da obra como deveriam. Estava terminando as primeiras páginas quando notou uma figura de um jovem cavalheiro se aproximando:



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Os olhos mais azuis que já tinha visto estavam fixados nela. Ela piscou, fascinada. O rosto do visitante tinha traços bem-marcados, seus cabelos pretos eram perfeitamente arrumados, ainda que alguns cachos se recusassem a se submeter ao penteado. O cérebro de escritora de Edith conjurou palavras para descrevê-lo: impressionante, elegante, vencedor. Ele usava um terno de veludo azul que um dia fora resplandecente – eis outra boa palavra -, cujo corte caía com perfeição em seu corpo esguio, mas cujas mangas estavam quase puídas. O conjunto com certeza não denotava pobreza, mas era certo que ele não era bem de vida. Contudo, sustentou o olhar dela com uma espécie de graciosidade cerimoniosa que demonstrava boas maneiras e uma criação requintada (Holder, 2015, p. 32).

Além de ser bonito e educado, Thomas conquistou o coração de Edith ao elogiar seu livro, mesmo sem saber que era de autoria dela. Quando Alan leu seu romance, ele apenas fez breves comentários, mas nenhum que demonstrasse real interesse ou gosto pela obra, algo que o baronete deixou claro ao ler apenas as primeiras páginas rapidamente.

Pouco antes de ir para o baile na casa dos McMichaels, Edith recebe a visita do fantasma da mãe, desta vez muito mais assustadora do que de quando era criança, um lembrete claro da ameaça que sofreria caso não a ouvisse:

Duas mãos murchas irromperam através da porta e a tomaram pelos ombros. Eram blocos de gelo que queimavam, estacas de gelo, dolorosamente fortes. Em seguida, uma cabeça enegrecida horrenda que recendia a túmulo rebentou pela madeira; os traços da figura estavam deformados. O rosto era decrépito.

Não, os traços não estavam deformados; eles *ondulavam*, como água. E a voz que lera para ela dormir em tantas noites da infância, a voz que agora saía de pulmões mortos há muito também tremia, distorcida até ficar quase irreconhecível.

- Cuidado com a Colina escarlate! (Holder, 2015, p. 48)



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

É surpresa para todos no salão que Sir Thomas Sharpe chegue ao baile com Edith Cushing a tiracolo, parecendo bem íntimos, pois o cavalheiro inglês estava atrasado para um evento feito em sua homenagem e ao possível pedido de casamento dele para Eunice McMichael. Lucille dá a deixa para que o irmão demonstre aos americanos como é uma boa valsa, alega que precisa da parceira perfeita e pede para Edith acompanhá-lo. Logo após a dança, os irmãos Sharpe vão embora, ficando claro para toda a alta sociedade americana que ele não tem mais a intenção de casar-se com Eunice, o que deixa a jovem furiosa e Alan com o orgulho ferido.

Alan e Thomas são partes de um triângulo amoroso com Edith, embora Alan permaneça escondido e descartado como pretendente quase por toda a obra, sendo relevante apenas no final. Alan é muito parecido fisicamente com Edith, porém, mentalmente, são o oposto: ele é um homem da ciência e ela uma mulher de emoções, criativa. Já Thomas apresenta semelhanças com o interior de Edith, tornando suas características exteriores ainda mais cativantes para ela que, inicialmente, deixa ser levada pela curiosidade.

Em menos de 24 horas, Edith e Thomas se odeiam e voltam a se amar, ficam noivos e vão ao enterro do pai de Edith – a única pessoa que era contra o casamento dos dois. Três semanas depois, os dois se casam e partem para a Inglaterra. Assim termina o livro um.

O livro dois é uma sucessão de fatos muito rápidos, com capítulos alternados entre a investigação da suspeita morte do Senhor Cushing feita por Alan McMichael – foi um assassinato - e sua ida para Inglaterra na tentativa de salvar sua amada. Já no primeiro dia da nova vida de Edith em Allerdale Hall, ela tem contatos com as diversas aparições dos ossos carmesins que vivem à espreita na mansão e ela não passa de uma borboleta enclausurada porque não pode fazer nada – nem mesmo possuir as chaves do lar, tarefa da senhora da casa que é Edith. Há cômodos que estão trancados e a jovem noiva aproveita um descuido de Lucille para ter acesso, descobrindo gravações em discos de cera e, no fosso da mina,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

encontra um fonograma. A máquina de Thomas funcionou, porém ele passa a noite com a irmã para comemorar. Edith aproveita para ouvir as gravações e entende um pouco do passado dos Sharpe.

Era uma vez...

Era um conto de fadas maligno. Como o Barba Azul, com seu castelo assombrado e o único quarto que sua esposa era proibida de entrar.

O quarto com a chave proibida. Thomas lhe dissera que nunca entrasse no fosso da mina de argila.

O baú de Enola Sciotti estava naquele fosso (Holder, 2015, p. 203).

A protagonista, seguindo algumas pistas das próprias assombrações, vem a descobrir que houve outras esposas antes dela e todas morreram envenenadas pelo mesmo chá que lhe vem causando mal estar, porém ela já está fraca demais para fugir sozinha, contudo há outros cômodos trancados que guardam segredos ainda piores na colina escarlate.

O livro três inicia com uma pontada de esperança: Thomas impede que Edith beba o chá envenenado, mostrando-se mais empático ao compartilhar que agora percebe a presença dos fantasmas pela casa. Edith reflete sobre a família de seu marido: “O legado dos Sharpe incluía uma violência e uma loucura profundas com as quais ela jamais sonhara” (Holder, 2015, p. 212). Alguns momentos depois, em uma conversa entre os irmãos, fica claro que Thomas sempre esteve a par de tudo, mesmo que não fosse ele a mão que agia, causando uma grande culpa nele:

Os irmãos fizeram um acordo, jurando nunca se separar. E especificaram que matariam qualquer pessoa que tentasse separá-los. Ainda que Thomas tivesse apenas 8 anos quando o juramento foi feito, a lembrança daquele dia nunca o deixou. Essa lembrança o assombrou a vida inteira (Holder, 2015, p. 217).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Alan chegou à Allerdale Hall a pé, logo após Edith descobrir a relação incestuosa dos irmãos. Apesar dos esforços dele, Thomas dá-lhe uma facada o que o deixa inútil para a salvação de Edith. Lucille força Edith a assinar os papéis de transferência monetária, enquanto a protagonista questiona sobre o passado violento dos Sharpe e Lucille se mostra uma pessoa deturpada, vítima de seus pais: “Todo o amor que Thomas e eu jamais conhecemos veio de nós dois. E o único mundo em que esse tipo de amor pode viver é neste. Nestas pobres paredes. No escuro. Escondendo-se.” (Holder, 2015, p. 262).

Sem querer, cega pelo ciúme, Lucille mata Thomas e Edith consegue dar um fim em Lucille, com a ajuda do espectro de Thomas. Ela para o fosso onde encontra Alan. Os dois fogem de Allerdale Hall o mais rápido possível, deixando, de vez, a colina escarlate e todos os seus fantasmas.

O gótico na obra

A obra se assemelha muito com as obras publicadas durante o auge da literatura gótica no final do século XVIII. O leitor sente que está lendo um livro de uma época passada principalmente pela ambientação durante o fim do século XIX.

Casa assombrada: Allerdale Hall é a representação do clássico castelo assombrado e é nítido que tudo que ameaça a vida de Edith tem origem no lar ancestral dos Sharpe, sejam os fantasmas, os irmãos ou os segredos ocultos na casa.

Confinamento: Edith se encontra em uma prisão sem grades: não pode sair da propriedade, pois tudo é muito longe; não pode explorar a casa, porque o acesso aos cômodos lhe é negado por Lucille. Esse aprisionamento da protagonista, pode ser encarado como uma metáfora para a opressão do patriarcado que a prende e a impede de seguir seus sonhos. Isolada em Allerdale Hall, Edith é apenas uma esposa com tempo livre para cultivar



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

suas virtudes, estar sempre disposta para atender os desejos de seu marido ausente sem ter meios para continuar a tentar publicar seu livro e tornar-se uma escritora independente. O confinamento silencioso e pacato de Allerdale Hall é mais um exemplo do embate entre tradição e modernidade representado na obra. Enquanto morava no Estados Unidos, país emergente e cheio de novas ideias, Edith passeava livremente pela cidade, participava – ainda que silenciosamente – das reuniões de negócios de seu pai e lutava para publicar seu romance inspirado nos sonhos que tinha com a mãe.

Fantasmas: A própria Edith conta que, em seu livro, os fantasmas são apenas uma metáfora para o passado, mas, quando analisamos o significado deles na obra, percebemos que há algo mais. Os fantasmas são diferentes, apresentam-se de formas diferentes, logo possuem mensagens diferentes.

Há coisas que amarram fantasmas a um lugar, exatamente como nos amarram. Uns ficam presos a um pedaço de terra ou a um local e a uma data. Outros, porém, aferram-se a uma emoção, a uma necessidade: perda, vingança ou amor...
[...] um crime terrível [...] (Holder, 2015, p. 303).

Se os espectros são metáforas para o passado e fazem aparições no presente é porque há uma razão, portanto, a protagonista deve entender o passado para desvendar os mistérios do presente.

O primeiro fantasma que aparece é o da mãe de Edith, apenas três semanas depois de seu enterro. A pequena tem medo, mas, no fundo, sabe que sua mãe nunca lhe faria mal. A aparência é exatamente como Edith ouviu em uma conversa entre funcionários, o que serve de argumento para que os adultos lhe digam que não existem fantasmas – foi tudo imaginação dela.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

A cozinheira tinha dito a De Witt que a mãe havia sido enterrada com seu melhor robe de seda preta, e que sua pele ficara igualmente escura horas antes de ela morrer. A cozinheira usara palavras como “repulsivo, pavoroso. Um horror”. Ela falou de sua senhora como se fosse um monstro.

De *mamãe*, que era tão bonita, que sempre tinha a fragrância de violetas e que adorava tocar piano (Holder, 2015, p. 21).

Não é fruto da imaginação de Edith porque ela não consegue imaginar sua mãe como a descrição da cozinheira, pois não viu a mãe no enterro – tanto pela doença quanto para poupá-la do sofrimento de ver a imagem de alguém tão querido naquele estágio em tão pouca idade – e ela só tem a lembrança de sua mãe viva, bem e dos bons momentos em que viveram juntas. O encontro das duas acontece no corredor de seu quarto. Edith acorda ouvindo alguns lamentos no corredor e até acha que ela mesma estava lamentando-se em sonho e acabou acordando a si mesma, mas, ao sair do quarto, ela se depara com o espectro da mãe.

Seu sangue gelou quando uma figura começou a emergir das trevas – uma figura, sob o manto das sombras, flutuando no fim do corredor. Uma mulher, envolta no que um dia fora uma fina seda negra, agora esfarrapada como as asas envelhecidas de uma mariposa (Holder, 2015, p. 21).

Edith corre para o quarto, mas o fantasma não consegue dizer nada além de um recado que seria muito útil em seu futuro:

Ela sentiu a mão decomposta em seu ombro, sentiu o cheiro da terra úmida do túmulo e ouviu os lábios secos, uma distorção rouca da voz que conhecia melhor do que a sua sussurrando em seu ouvido:

- *Minha filha, quando chegar a hora, cuidado com a Colina Escarlata* (Holder, 2015, p. 22).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

A morte da mãe é o primeiro contato realmente próximo de Edith com a morte, apesar de ser citado que era comum as crianças de sua época frequentarem velórios, porque sempre tinha alguém partindo deste plano. A aparição de o fantasma ser toda na cor preta – inclusive seu corpo –, nas cores fúnebres, carrega uma mensagem. A morte pela doença garante uma morte mais calma do que as outras que aparecem na obra. Por ser o primeiro contato, o fantasma da mãe é a personificação da morte, até seu recado é fúnebre porque é para evitar a morte da filha amada.

Os fantasmas vermelhos remetem a toda violência que cercou sua vida e fim, representam um senso de vingança contra os Sharpe e alerta para as novas esposas (vítimas). Uns carregam em si as marcas de como estavam em seus últimos momentos, outros aparecem mais decompostos, como se sofressem de fato com a mudança causada pelo passar do tempo.

- Essas aparições de que você falou – começou ele. Fez uma pausa. – Há um tempo eu sinto a presença delas.
Edith o encarou, atônita.
- Mesmo?
Thomas inclinou a cabeça.
- No começo, no canto do olho. Furtivas, quase tímidas. Então comecei a senti-las. Figuras, de pé no canto escuro. E agora consigo senti-las, movendo-se e arrastando-se pela casa, observando-me. Prontas para me mostrar (Holder, 2015, p. 214).

Durante toda a estadia de Edith em Allerdale Hall, há uma “coisa” sempre a observando, dando dicas e guiando o leitor no escuro que nem mesmo Edith consegue enxergar. É sob o ponto de vista da “coisa” que sabemos que, na mansão habitam muito mais fantasmas do que os que Edith vê. É somente no último livro que a “coisa” se revela, revelando também o último segredo dos irmãos:



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Então ali estava, pairando no ar: um fantasma escarlate. Era uma mulher coberta de sangue, segurando um bebê; seus cabelos longos ondulavam como se ela estivesse embaixo d'água. Tinha de ser Enola Sciotti. O bebê estava emaranhado em seus cabelos. A expressão em seu rosto era de receio extremo, como se ela estivesse com mais medo de Edith que Edith dela (Holder, 2015, p. 237).

O fantasma branco de Thomas é uma representação de sua liberdade. Ao tentar salvar Edith ele conseguiu quebrar o ciclo vicioso de assassinato das esposas, de violência psicológica, de tudo o que havia naquela casa.

Edith observava Lucille quando um espectro luminoso surgiu da névoa. Thomas.

O fantasma dele era pálido. De sua bochecha subia uma pluma de sangue, rodopiando no ar como fumaça. Seus olhos e seus lábios eram dourados; ele cintilava com a luz do sol que vinha de seu interior. Thomas não era mais uma criatura das trevas, alguém que pertencia a Allerdale Hall e a toda loucura e barbárie daquela família trágica e passional (Holder, 2015, p. 294).

Há apenas uma mancha vermelha nele: uma ferida na bochecha, a causa de sua morte, cravada pela irmã por engano – representa a mancha que Lucille deixou nele. Se tivesse sobrevivido, Thomas não seria capaz de viver carregando toda a culpa de Allerdale Hall sobre si.

Modernidade x tradição: Enquanto Edith está nos Estados Unidos, a atmosfera da história é colorida, alegre, cheia de possibilidades. A protagonista caminha livre pelas ruas, faz conexões com quem quer apesar de isso não ser bem visto pela alta sociedade. Assim acaba em uma certa reclusão tendo por amigos os McMichael. Allerdale Hall representa o passado. Sem dúvidas, o lar ancestral da família Sharpe é uma memória viva dos costumes



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

ingleses, uma casa fria tanto por ser no alto de uma colina e possuir um teto aberto por falta de reparos quanto pelo tratamento de Lucille em relação a Edith e a ausência de Thomas na maior parte do tempo. Os habitantes da mansão usam roupas já gastas pelo uso, e essa é uma das primeiras coisas que Edith nota em Thomas e posteriormente comenta com o pai tentando – em vão – abrandar a má impressão do baronete: “O que eu vi foi um sonhador enfrentando a derrota. Você reparou no terno dele? Com um caimento perfeito, mas com pelo menos dez anos de uso. E os sapatos dele eram feitos a mão, mas estavam surrados.” (Holder, 2015, p. 42).

É como se a casa e tudo nela tivesse parado no tempo, os vários cômodos com lençóis brancos sobre os móveis deixam em evidencia a solidão da casa. De certa forma é possível ver os fantasmas como possíveis companhias para os irmãos, mesmo que sejam um eterno lembrete do lado obscuro de suas almas, afinal, em uma casa tão grande, também existe lugar para a solidão.

Metáfora da mariposa: Pelo livro todo há metáforas de que Edith é uma borboleta e Lucille é uma mariposa. Luz e escuridão. Lady Sharpe fala como são belas as borboletas, vivem à luz do sol, enquanto as mariposas na Inglaterra se desenvolvem no escuro e não possuem a mesma beleza. Há uma ameaça implícita na fala de Lucille quando Edith pergunta sobre a alimentação das mariposas: “- De borboletas, devo dizer.” (Holder, 2015, p. 66). A metáfora é um conforto para Lucille, pois assim ela e Thomas sempre estarão juntos por serem da mesma “espécie”.

Aceitação da escuridão da alma: o gótico consegue expor o lado obscuro do ser humano e suas ações mais vis e egoístas são a chave para boas obras. Em *A Colina Escarlata* (Holder, 2015) não é diferente. No clímax da obra, Edith mata Lucille, a vilã da história. Essa ação não corrompe sua alma de donzela indefesa, diferente de outras obras em que o vilão acaba morrendo por acaso (caí de um precipício, suicídio, morte acidental, etc.) ou



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

assassinado por outro personagem para que os protagonistas – os mocinhos – nunca cometam nenhuma atitude antiética. “Ela tentou sentir pena ou remorso, mas só conseguiu sentir um forte contentamento.” (Holder, 2015, p. 297).

Conclusão

Concluindo, é com êxito que Nancy Holder retoma as tradições góticas em seu romance, porém se nota que não há revoluções no enredo. É possível afirmar que *A colina escarlata* (2015) é uma bela adaptação de um romance gótico do século XVIII aos tempos modernos, onde o patriarcado ainda é uma ameaça – mesmo que muitas vezes invisível – capaz de impossibilitar uma mulher de seguir sua carreira profissional desejada.

O Gótico é reconhecido por ser capaz de "submeter os leitores a experiências estranhas, surpreendentes e confusas", para "envolvê-los em uma caçada mental pela solução de um mistério, em vez de induzi-los à contemplação relaxada do desenrolar de uma ação" (Skilton, 1993, p. xix) e isso acontece em *A colina escarlata*. O leitor passa o livro todo tentando desvendar quais são os segredos do lar ancestral dos Sharpe, o mistério envolvendo os fantasmas de um passado tão recente, o que encanta o leitor que é seduzido pela curiosidade. Afinal, o que duas crianças aristocratas inglesas podem ter sofrido tanto para que cresçam com tantos traumas é uma questão a ser resolvida pela leitura da obra.

O fato de a obra reproduzir, com exímio, a função do gótico: a transcrição de um problema social a ser tratado através do sobrenatural, infligindo aflição e medo tanto nos personagens quanto nos leitores; demonstrando o quanto o gênero ainda é necessário na atualidade, seja para descrever algum problema social ou lidar com um passado cheio de segredos. É através da análise do Gótico que podemos perceber quais eram as preocupações da população, pois é um gênero fruto de seu tempo mesmo que retrate o passado dentro do



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

enredo.

Referências

GAMER, Michael. Gothic fictions and Romantic writing in Britain. In: Hogle, Jerrold E. (Ed.). **The Cambridge companion to Gothic fiction**. Cambridge University Press, 2002.
Groom, Nick. **The Gothic**; a very short introduction. Oxford: Oxford University Press, 2012.

HOGLE, Jerrold E. (Ed.). **The Cambridge companion to Gothic fiction**. Cambridge University Press, 2002.

HOLDER, Nancy. **A colina escarlate**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

MELLO, Camila. **Literatura gótica e cinema**: narrativas sobre famílias. Todas as musas, 2011. Disponível em: <https://www.todasasmusas.com.br/04Camila_Mello.pdf>. Acesso em: 27 de janeiro de 2024.

MOERS, Ellen. **Literary women**. London: Women's Press Limited, 1986.

PUNTER, David; BYRON, Glennis. **The Gothic**. Black well Publishing, 2013.

SKILTON, D. Prefácio. In: Braddon, Mary Elizabeth. **Lady Audley's Secret**. Oxford: Oxford University Press, 1986. p. vii-xxiii.

STEVENS, David. **The gothic tradicional**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000

WILLIAMS, Anne. **Art of darkness**: a poetics of Gothic. Chicago; London: University of Chicago Press, 1995.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O SUJEITO ENTRE LÍNGUAS: PERSPECTIVAS PSICANALÍTICAS SOBRE O CONTEXTO DE EDUCAÇÃO BI/MULTILÍNGUE

Jefferson Lhamas dos Santos (UEL/SEED)

Resumo: Diante de um cenário em que a Educação Bi/Multilíngue ganha mais espaço a cada dia, propomo-nos a compreender questões que subjazem a este ato educativo. Assim, lançando mão da teoria psicanalítica a partir do seu discurso e ética que lhe são próprios, o objetivo deste trabalho é trazer um debate sobre o tema, tendo em vista o fato de que as várias metodologias e abordagens no ensino de línguas e na educação em geral ainda carecem de entendimento sobre essa realidade. Para isso, assumimos a Educação Bi/Multilíngue como aquela que se caracteriza pelo uso de duas ou mais línguas como meio de instrução, pretendendo ampliar o repertório dos estudantes por meio da língua adicional, apontando para uma visão heteroglóssica, intercultural e crítica (MEGALE e EL KADRI, 2023). Deste modo, trata-se, aqui, de uma pesquisa bibliográfica. Os resultados apontam para autores que defendem que se deve dar voz ao estudante dessa modalidade de educação, levando em consideração que a língua não é um mero instrumento de comunicação, mas sim nos constitui como sujeitos e está em relação direta com nossas identidades. Portanto, tensões são inerentes a esse contexto, fazendo com que tenhamos que lidar com várias circunstâncias que escapam ao nosso controle.

Palavras-chave: Educação Bi/Multilíngue. Teoria psicanalítica. Língua Adicional.

Introdução

É possível perceber que as escolas de Educação Bi/Multilíngue ganham espaço a cada dia no cenário brasileiro. Pelas propagandas e discursos sociais, vários são os modelos que se pretendem inovadores no ensino. Com isso, dúvidas podem surgir a respeito do que se trata, exatamente, esta modalidade educativa. Por exemplo, sobre qual seria a diferença em relação a um programa de ensino de línguas. Além disso, pode-se questionar com relação a que tipo de abordagem está sendo utilizada e quais as vantagens de ser um estudante desse contexto.

- 983 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Tendo isso em vista, assumimos a concepção de Educação Bi/Multilíngue como aquela caracterizada pelo uso de duas ou mais línguas como meio de instrução, havendo a pretensão de ampliar o repertório dos estudantes por meio da língua adicional, propiciando acesso a bens culturais e fontes de conhecimento (MEGALE e EL KADRI, 2023). Com isso, vários desafios estão postos, já que a ideologia monoglóssica ainda faz parte do campo do ensino de línguas. Frente a isso, é para uma visão heteroglossa, intercultural e crítica (MEGALE e EL KADRI, 2023) que estamos apontando. Tal abordagem deve, ainda, comprometer-se com a justiça social. Para fazer frente a esses desafios, os educadores precisam ter em vista tudo isso em seus contextos de formação.

Cabe a nós, educadores, portanto, reflexões e discussões que sejam pertinentes a essa realidade. É importante compreender como as questões estão em jogo no ato educativo, a saber: os sujeitos que estão envolvidos na cena educativa, as motivações, pulsões, desejos e angústias que perpassam o chão de cada escola. Para contribuir nesse debate, lanço mão da teoria psicanalítica, não puramente por sua técnica clínica, mas por seu discurso e ética que lhe são próprios. Não se trata de uma nova pedagogia com modos de se fazer encerrados, mas como algo que tem a dizer sobre as relações humanas, aqui, especificamente, sobre esse contexto de Educação Bi/Multilíngue. A partir disso, discutimos sobre o encontro de um sujeito com uma nova língua (REVUZ, 1998), as questões identitárias (FRIMM, 2020), a transferência como fenômeno educacional e outros tópicos presentes na educação.

Assim, o objetivo deste trabalho, uma pesquisa bibliográfica, é o de lançar, sob a ótica psicanalítica, luz e debate sobre temas recorrentes no campo da educação, mais especificamente sobre a Educação Bi/Multilíngue. Para isso, recorro a autores que têm um trabalho na Psicanálise (Longo, 2006; Elia, 2010), na interface Educação e Psicanálise (KUPFER, 1989; VOLTOLINI, 2011; WELS, 2015; VOLTOLINI, 2020), Educação Bilíngue e questões identitárias (FRIMM, 2020) e Educação Bi/Multilíngue (MEGALE e EL



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

KADRI, 2023).

A justificativa para esse trabalho está no fato de que as várias metodologias e abordagens no ensino de línguas e na educação como um todo ainda carecem de entendimento dessa realidade, levando em conta questões como subjetividade e identidade do sujeito aprendiz, bem como a relação entre educador e estudante. Há uma hipótese de que subjaz o ato educativo questões bastante complexas, as quais merecem atenção por parte da pesquisa, a fim de melhor compreendê-las, sem, porém, esgotar o tema ou encontrar uma abordagem que possa dar conta de todas as situações educativas.

Sobre a psicanálise no campo da Educação

Como aponta Voltolini (2011), a Psicanálise, criada por Sigmund Freud e que carrega pressupostos teóricos e éticos próprios, pode apontar, no campo da Educação, para as possibilidades de qualquer educação, em detrimento de um ideal educativo trazido, frequentemente, pelo campo pedagógico. Assim, a psicanálise não entra nessa discussão como uma mera ferramenta pedagógica com viés utilitarista ou com ambição de trazer “modos de se fazer” para aplicação na Educação. Este estudo, vale dizer, ancora-se na psicanálise como um discurso e ética possíveis, não apenas no sentido clínico, mas sim olhando para o arcabouço teórico criado por Freud.

O que fica importante destacar é o conceito fundamental de inconsciente, trazido aqui para reflexão sobre o controle não possível nas cartilhas educacionais, se observarmos a relação entre educador e educando. Um aforismo de Freud a respeito dos “ofícios impossíveis” apresenta o de educar, ladeado por governar e curar. Então, estamos diante de entender como fato a complexidade de que se trata o ato educativo. Ainda com Voltolini (2011), é importante dizer que a “impossibilidade” apontada por Freud não coincide com a



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

inexequibilidade. Para o autor (2011, p.25)

Compreender a espessura desse aforismo exige um exame detalhado dos vários fios de investigação teórica que conduziram à sua formulação. De saída, adiantemos que a impossibilidade em questão não alude ao plano prático de execução de uma determinada proposta educativa, sendo de caráter lógico, já que implica uma tentativa de superpor dois níveis que não podem ser superpostos. “Impossível” não quer dizer “inexequível”, apontando, antes, para um inalcançável estrutural.

Esse “inalcançável” estrutural a que se refere o autor, a partir da perspectiva freudiana, está ligado à presença do inconsciente, que flagra aspectos que nos escapam enquanto educadores. Apesar dos objetivos conscientes, amarrados entre os gestores e comunidade escolar, não há possibilidade de escapar dessa condição, ficando sempre uma espécie de lacuna que nunca poderá ser totalmente preenchida. Essa é a condição estrutural.

Essa visão, a meu ver, gera uma angústia inevitável, já que somos encarregados de produzir um planejamento a partir das demandas dos contextos educativos que atuamos. No entanto, tal indicativa psicanalítica pode contribuir, de outro lado, se entendermos, como aponta Voltolini (2011), a Educação como um processo de inclusão em um mundo como um lugar que acabará criando uma condição humana. Desta forma, parece-me ser análoga ao conceito de Pharmakon, trazida por Jacques Derrida, a partir desse termo grego que significa remédio e veneno.

Segundo Freud, o ato civilizatório, oposto ao gozo pleno, está na mesma direção da educação. Para Voltolini (2011), de acordo com as teorias de Freud, certa coerção é, sim, necessária, tendo em vista a exigência para uma ordem social. No entanto, essa coerção, relacionada à confrontação da própria limitação humana, não evitará totalmente as mesmas confrontações.

Outro conceito fundamentalmente importante para a psicanálise é a pulsão. Um



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

estudante, assim, pode reverter seus impulsos pelas restrições impostas a ele pelos contextos escolares. Esses ataques representam o que a teoria psicanalítica chama de “pulsão de morte”. De outro lado, a civilização, detentora desse esforço, lutaria contra esses ataques. A educação, nesse sentido, encontraria, porém, certo limite instalado no sujeito (Voltolini, 2011).

Para Freud, então, o papel do educador é algo sugestivo, do qual não se deve abusar do orgulho educativo. O papel da psicanálise, portanto, é bastante específico quando está na discussão do campo educacional. Não se trata, então, de uma pedagogia psicanalítica, e sim de uma apresentação de conceitos que contribuem para entender processos que se dão entre os sujeitos no contexto educacional, a nível consciente e inconsciente.

A respeito, ainda, dessa impossibilidade de controle total, Kupfer (1989) aponta que as ideias psicanalíticas podem permitir ao educador renunciar a uma atividade altamente programada e previsível, focando não tanto nos conteúdos, mas no entender de que isto é a “ponta de um iceberg”, havendo algo muito mais profundo. Para ela (1989)

O encontro entre o que foi ensinado e a subjetividade de cada um é que torna possível o pensamento renovado, a criação, a geração de novos conhecimentos. Esse mundo desejante, que habita diretamente cada um de nós, estará sendo preservado cada vez que um professor renunciar ao controle, aos efeitos de seu poder sobre seus alunos. Estará preservado cada vez que um professor se dispuser a desocupar o lugar de poder em que um aluno o coloca necessariamente no início de uma relação pedagógica, sabendo que, se for atacado, nem por isso deverá reprimir tais manifestações agressivas. Ao contrário, saberá que estão em jogo forças que ele não conhece em profundidade, mas que são muito importantes para a superação do professor como figura de autoridade e indispensáveis para o surgimento do aluno como ser pensante.

Deste modo, parece-me evidente entender que os variados contextos de educação, e, aqui, especificamente, os contextos de Educação Bi/Multilíngues trazem o encontro de

- 987 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

cultura e de gerações (RAHME, 2012). Inevitavelmente, a convivência humana trará uma infinidade de elementos no cotidiano. Essa heterogeneidade marcará o ato educativo, no qual o educador, mais advertido, poderá se esforçar para abrir mão desse desejo de controle excessivo que, por vezes, nos habita.

A questão da transferência

Nos apontamentos de Wels (2015), ainda que o discurso científico se debruce sobre a complexidade de fatores inerentes ao ensino-aprendizagem de línguas, notamos lacunas a respeito das questões subjetivas atinentes ao que ocorre em sala de aula. No entanto, corroborando com o autor, e como vimos na seção anterior e olhando para a realidade do contexto de ensino de uma língua adicional ou mesmo para o contexto aqui trazido, o de Educação Bi/Multilíngues, podemos entender que tal processo é objetivo apenas em parte. Obviamente, ainda com Wels (2015), não é o caso de usar o critério subjetivo como aquele que é o único válido, mas sim de apontar para um discurso objetivo que ainda é insuficiente quando se fala do campo do ensino de línguas, já que nos deparamos, frequentemente, com realidades que nos parecem ser resultados de fracasso, como aquele estudante que não está motivado, interessado ou que não apresente aquilo que idealizamos, mesmo diante de nossos esforços no ato educativo.

Diante do contexto de ensino, portanto, há, além da condição objetiva propiciada pelos recursos didáticos que lançamos mão, uma natureza subjetiva, difícil, para não dizer impossível, de ser mensurada. Deste modo, pode haver resistência ao mestre, por parte do estudante. Wels (2015) questiona se a intenção do primeiro é suficiente para que o segundo seja alcançado, apontando para o fato de que se imagina que haja uma equação composta por dois pólos, e que acionando o lado que ensina, o lado que aprende receberia os conteúdos.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Ora, sendo o estudante um sujeito de desejo, parece-me, também, que a coisa é mais complexa. A meu ver, esse golpe narcísico é capaz de gerar um mal-estar²⁶ docente.

A questão específica da transferência, aqui abordada, tem a ver com um processo que acontece na relação do paciente com o psicanalista, trazido na teoria freudiana e depois estudada por outros autores. Conforme aponta Roudinesco (1998), o termo não é exclusivo do campo psicanalítico. É importado por Freud para designar o fenômeno na situação terapêutica, sendo definida como a experiência emocional que o paciente vive com a pessoa do analista a partir das representações que ele tem de si. Além disso, o fenômeno transferencial, de acordo com Zimmerman (2010), está virtualmente presente em todas as inter-relações humanas. Assim, apesar de não estarmos falando de um contexto clínico, podemos entender que na relação entre o educador e seu estudante, há uma transferência. Trata-se de um deslocamento de emoções advindas das experiências que os sujeitos carregam e que deixaram marcas, gerando um sentimento singular, a depender desse encontro.

Toda essa complexidade ganha corpo no ato educativo e é importante que saibamos que não passaremos impunes dessa circunstância. Algo irá nos escapar para além das escolhas de abordagens didáticas que lançamos mão. Há, inevitavelmente, uma tensão que permeia o contexto educativo, dado o fenômeno das pulsões dos sujeitos, a ser melhor discutido na seção seguinte. Para Wels (2015), saber da existência desse conceito é minimamente necessário para um manejo mais adequado das relações que acontecem durante o processo de ensino, entendendo a sala de aula como um local de subjetividades em conflito e interação, além de ser alvo de jogos de poder. Possibilita-se, pois, como aponta Kupfer

²⁶ Conceito de Sigmund Freud na obra *Mal-estar na Civilização*, referente ao processo civilizatório, o qual convocou, no ser humano, a repressão das pulsões para viver em sociedade, gerando, como resultado, um mal-estar.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

(1989). quando o educador sustenta o lugar de mestre, o acesso do estudante ao conhecimento.

É crucial, então, reiterando com os autores acima trazidos, compreender que esse fenômeno transferencial comparece à cena educativa, de maneira que possamos olhar para as escolhas didáticas que fazemos, entendendo que isso representa apenas parte de um processo que não é todo controlável, ainda que isso provoque uma angústia e seja um golpe em nosso narcisismo²⁷.

Sobre o sujeito para a psicanálise

A fim de compreender a concepção de sujeito aqui adotada, o da psicanálise, tratarei, nesta seção, de abordar brevemente, como se constitui tal sujeito.

Para Elia (2010), sujeito, para a psicanálise, é uma das categorias mais essenciais. O autor aponta que foi Lacan quem trouxe esse conceito para a psicanálise de maneira mais evidente. Elia (2010) ensina que há uma relação de equivalência entre emergência da angústia e emergência do sujeito, sendo este último uma categoria moderna, assim como a ciência o é. Há uma diferença entre o sujeito de Descartes, que responde a formulação do sujeito com res divina, com os apontamentos de um ser humano a partir de sua razão, advindo do “penso, logo existo/sou”. Já o sujeito em Kant é o transcendental, sem essa res divina de Descartes.

Elia (2010) aponta que, mesmo com o aparecimento do sujeito junto à ciência

²⁷ Conforme Roudinesco (1998), na tradição grega, o narcisismo designa o amor de um indivíduo por si mesmo. Em Freud, aparece com evidência em 1914, quando ele trata do desenvolvimento sexual do desenvolvimento humano, sendo definido como a atitude resultante da transposição para o eu do sujeito dos investimentos libidinais antes feitos nos objetos do mundo externo. Aqui, pretendo aludir a esse desejo de controle da cena educativa que nos é peculiar.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

moderna, esse mesmo sujeito é excluído desse campo de operação (da ciência). No entanto, mesmo diante disso, Lacan afirma que o sujeito da psicanálise não é outro senão esse mesmo, o da ciência. O que a psicanálise fez foi criar condições para a operação com esse sujeito.

A constituição do sujeito

Segundo Elia (2010), a psicanálise tem uma visão bastante diferente das trazidas pelo campo da Psicologia. Para esta última, o psíquico do ser humano, em geral, vem como um resultado interativo de fatores genéticos e constitucionais com fatores aprendidos ou ambientais. Já com a psicanálise, a concepção central desse campo psíquico é a própria noção de sujeito. Assim, o sujeito não “nasce” e nem se “desenvolve”. Elia (2010) aponta que para entender o modo pelo qual esse sujeito se constitui só pode ser a partir do campo da linguagem. Ora, para nós, estudiosos e educadores do campo da linguagem, torna-se significativo entender tal afirmativa, a fim de perceber o que está em jogo na educação Bi/Multilíngue.

As contribuições de Lacan aproximaram a psicanálise da ciência linguística a partir de Ferdinand de Saussure. O primeiro fez com que houvesse uma necessidade de referência metodológica para entender essa questão de ordem simbólica, a linguagem. Conforme Elia (2010), na visão lacaniana, não seria possível entender o funcionamento do sistema inconsciente com referenciais não simbólicos de estatuto biológico ou “psicológico”. Somente a linguagem é que oferece isso, de uma só vez. Vale ressaltar que ele fez uma alteração no duo significante e significado, dando primazia ao primeiro, de modo que o significante, para Lacan, se produz somente a partir da articulação entre os significantes. Assim, o significante é material e simbólico, na medida em que sua articulação em cadeia irá



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

produzir uma ordem para criar o significado.

De acordo com Elia (2010), o ser humano chega ao mundo e se insere na ordem social, a qual criará condições de possibilidade para tal. Deste modo, a teoria psicanalítica pensa o sujeito como social, sendo, assim, sua constituição no cerne do plano social. Há, pois, uma questão obrigatória para o ser humano: a de ingresso na sociedade a partir de uma família ou seus substitutos institucionais. Para isso, existe a necessidade de um adulto próximo que aja em direção à necessidade desse novo ser humano. Freud chamou essa condição humana de recém-nascido de desamparo fundamental.

A esse adulto, o qual ampara a necessidade do recém-chegado, Lacan chama de um Outro (ELIA, 2010). A grafia com letra maiúscula tem a ver com a ordem que esse outro humano instala no bebê. Assim, esse Outro traz um conjunto de marcas materiais e simbólicas que suscitam uma resposta ao bebê, não sendo apenas incorporado e reproduzido por este último. Como afirma Elia (2010), sujeito, é, portanto, um ato de resposta, uma resposta dada em ato. Desta forma, há um encontro entre esse bebê e um Outro, no qual o primeiro vai dar um significado a depender do significante, exigindo, porém, um trabalho de significação por parte desse sujeito. Assim, esse trabalho invocado fará sua constituição. Vale destacar, ainda, como indica Elia (2010), que nossas necessidades, quando da nossa recém-chegada, são experienciadas por intermédio da linguagem. Desta feita, temos essa parte orgânica como um não-todo, mas sim como experiências fragmentadas com as quais representamos para nós mesmos.

O adulto que atende a necessidade do bebê é, também, um sujeito de linguagem. Com isso, o segundo cinde dois planos, a saber: o objeto necessário e alguém que traz o necessário, que não são a mesma coisa. Há, então, a passagem da necessidade para o objeto de desejo, sendo registrado na experiência psíquica do bebê tal experiência, a qual se “perde” como algo “natural”, indo o psiquismo em direção de encontrar o objeto segundo as linhas



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

em que foi registrado. Freud vai chamar isso de desejo, possível pela linguagem, enquanto Lacan definirá como demanda, uma vez que o bebê quer a presença daquele que trouxe aquilo que ele, bebê, queria. Assim, como explica Elia (2010), no nível da demanda, conforme visão lacaniana, o sujeito se direciona ao Outro, capaz de trazer o objeto. Deste modo, não vai atrás do objeto, mas sim em outro plano, apagando os traços de tal objeto, passando à pulsão. É relevante indicar, aqui, a questão da pulsão como algo constituinte do ser humano, não como um instinto observado nos outros animais, mas como um conjunto de efeitos que a linguagem realiza no instinto. Ora, esse momento primeiro do recém-chegado, tido como a condição do pré-sujeito, terá sido mítica quando o sujeito estiver constituído. No entanto, tal fato deixa marcas no sujeito que serão retomadas e ressignificadas, fazendo-se uso do significante para isso (ELIA, 2010).

Por último, vale apontar, pois, que a linguagem é a condição do inconsciente ou o inconsciente é a condição da linguagem (LONGO, 2006). Nas palavras pertinentes dessa autora (2006, p. 60)

...o inconsciente vocaciona o homem para o símbolo, para a metáfora e para a grande ficção que é a linguagem, que substitui a “realidade”, criando sempre outra, adiando sempre o sentido. E é sempre da linguagem que o sujeito se vale, porque é a palavra que diz o que somos nos labirintos do logro: lapsos, deslizos, erros. É uma fugaz revelação de uma verdade sempre outra, atravessada por um discurso virtual, no qual apostamos toda a nossa existência, um jogo contínuo de perdição e salvação.

Acrescento, ainda, o que Lacan apontou em seus ensinamentos: o inconsciente é estruturado como uma linguagem. O sujeito é, desta forma, aquele que fala e que deseja, sendo este último inseparável do pensamento inconsciente (LONGO, 2006). Por isso, diante do exposto, é possível assumir que o sujeito em psicanálise, além de ser esse mesmo sujeito



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

da ciência, é aquele que possui um inconsciente e é constituído na/pela linguagem.

Sobre o sujeito e a Educação Bi/Multilíngue

A temática da Educação Bi/Multilíngue, costumeiramente, gera dúvidas e questionamentos na sociedade. Conforme apontam Megale e El Kadri (2023), motivadas pelo interesse socioeconômico, assim como o Parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE), surgiram no contexto nacional diversas propostas a respeito das proposições bilíngues. Porém, para elas, pouco se concretizou sobre o que isso representa. Assim, as autoras trouxeram à tona discussões a respeito dos saberes na Educação de professores que atuam nesse contexto.

Sob o entendimento de que a função da Educação Bi/Multilíngue trata de fomentar aprendizagens que tragam novas formas de engajamento e participação dos estudantes em um mundo plural e globalizado.

Diante disso, cabe-nos trazer à baila o que propõem Megale e El Kadri (2023) a respeito do sujeito que se pretende formar no referido contexto. Vale o destaque de que, ao que me parece, as autoras não estão respaldadas, especificamente, no conceito psicanalítico de sujeito. No entanto, tais proposições nos interessam para a discussão deste trabalho.

Para Megale e El Kadri (2023), o sujeito bilíngue não é alguém com habilidades equivalentes em duas línguas. Não é, portanto, um sujeito duplo monolíngue. Assim, o conceito de repertório linguístico é usado a partir da perspectiva heteroglóssica. Baseada em Busch (2006, 2012, 2014, 2015), elas apontam que as pesquisas em Educação Bi/Multilíngue devem focar o exame de práticas linguísticas dos indivíduos Bi/Multilíngues, em detrimento do sistema linguístico em toda a sua abstração. Ora, abre-se mão da visão clássica de primeira e segunda línguas. Esse sujeito estaria de posse de seu repertório linguístico como o



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

que reflete a sua própria vida, ocorrendo em um espaço real sociocultural, histórico e político, não se restringindo apenas ao seu local de nascimento.

Tal abordagem, segundo as autoras, acontece com práticas comunicativas que têm como lente a translíngua como norma, não como desvio. Parte-se, então, da translíngua como ferramenta pedagógica, havendo reconhecimento da diversidade linguística como um recurso para a construção de significados. Desta forma, essas práticas estariam relacionadas com a realidade dos estudantes, transgredindo posições fixas, a exemplo do professor como detentor de todo o saber.

Outro ponto fundamental, segundo as autoras, é que ocorra a Educação Bi/Multilíngue intercultural para a formação de estudantes comprometidos com uma sociedade mais justa, questionando diferenças e desigualdades historicamente construídas. Segundo elas (p. 57, 2023)

Para a promoção de uma Educação Bi/Multilíngue intercultural, partimos, portanto, do princípio de que, por meio de uma língua adicional (e também da língua de nascimento dos estudantes), podemos construir oportunidades para que eles confrontem visões de mundo distintas das que circulam em suas comunidades imediatas. Assim, eles têm a possibilidade de ampliar seu repertório e decidir quais desses novos saberes e representações importam para sua vida. Ao lidarem com textos orais e escritos na língua adicional e em sua língua de nascimento e ao se valerem delas para agir, os estudantes podem se conhecer cada vez mais e, desse modo, formar uma visão própria mais atuante e informada acerca dos discursos que orientam as ações em sua comunidade.

Assim, tal perspectiva parece-me ir em direção a um empoderamento de um sujeito, valorizando seu lugar, o qual é historicamente situado sendo, ele mesmo, constituído na/pela linguagem, sempre em relação com um Outro.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Implicações na cena do sujeito entre línguas no contexto de Educação Bi/Multilíngue

Até aqui, apontei questões pertinentes à inserção da psicanálise em uma espécie de diálogo com o campo da Educação, assumindo a posição de que a primeira vem com seu discurso e ética que lhe são próprios, não admitindo, aqui, portanto, a questão propriamente clínica. Assim, discutimos, também, nas seções anteriores, a concepção e constituição do sujeito para a psicanálise, além de adotar a concepção de uma Educação Bi/Multilíngue engajada na perspectiva de uma pedagogia translíngue e que considera todo o repertório linguístico de seus estudantes, acompanhando os apontamentos de Megale e El Kadri (2023). Partindo disso, passamos, agora, às discussões de alguns dos elementos que me parecem importantes para a reflexão, no sentido que, a meu ver, estão em jogo na cena educativa.

Outras línguas, outros lugares

O trabalho de Christine Revuz (1998) parece ser seminal no diálogo dos campos das línguas e a teoria psicanalítica que pensa nos contextos de aprendizagem. Ela questiona como um ser humano, crescido e autônomo, carregando saberes diversos e instrumentos intelectuais, se atreve a aprender uma nova língua em tempo recorde.

A autora pontua que aprender uma outra língua, a chamada “língua estrangeira”, como ela coloca, só é possível graças ao acesso que o sujeito teve à linguagem através de uma outra língua. Para ela, o “estar-já-aí” da primeira língua é algo tão onipresente para o sujeito, que há uma impressão de que jamais se aprendeu tal língua. Já no encontro com outra (língua), é de uma experiência totalmente nova que se está falando, sendo um objeto de uma aprendizagem raciocinada, perto e radicalmente heterogênea em relação à dita língua materna. A autora afirma que o encontro dessas línguas não é algo anódino para o sujeito

- 996 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

aprendiz. Além disso, aponta que as diversas abordagens, até então, não coincidiram com a quantidade de aprendizagens bem sucedidas. Para ela, “afirmar que o desejo de aprender é o verdadeiro motor da aprendizagem é forçar uma porta aberta” (1998, p.4). Penso que tal afirmação é forte para observarmos a peculiaridade de que se trata uma aprendizagem de uma língua nova. Vale trazer o que Revuz (1998) coloca: a língua é um objeto de conhecimento intelectual, mas também é uma prática complexa. Assim (1998, p. 5)

Prática de expressão, mais ou menos criativa, ela solicita o sujeito, seu modo de relacionar-se com os outros e com o mundo; prática corporal, ela põe em jogo todo o aparelho fonador. Sem dúvida, temos aí uma das pistas que permitem compreender por que é tão difícil aprender uma língua estrangeira. Com efeito, essa aprendizagem mobiliza, em uma interação necessária, dimensões da pessoa que geralmente não colaboram, nem mesmo convivem, em harmonia. O sujeito deve pôr a serviço da expressão de seu eu um vaivém que requer muita flexibilidade psíquica entre um trabalho de corpo sobre os ritmos, os sons, as curvas entoacionais, e um trabalho de análise e de memorização das estruturas linguísticas. É possível se levantar a hipótese de que muitos dos insucessos podem ser analisados como uma incapacidade de ligar essas três dimensões: afirmação do eu, trabalho do corpo, dimensão cognitiva.

Corroborando com a visão da autora, diante disso, não é possível conceber uma língua apenas como um “instrumento”, tendo em vista que a língua é, também, o material fundador de nosso psiquismo e de nossa vida relacional. Essa “história” com a língua dita materna que cada sujeito já traz, irá interferir sempre em como ele irá enfrentar a nova língua. Afinal, a criança, ao nascer, já está imersa na palavra, já que aquele cuidador é um sujeito da linguagem, fazendo com que nossa experiência com o Outro seja também por meio da linguagem, inscrevendo-se as significações libidinais nela, como já exposto. Revuz (1998) ensina que a criança aprende a falar estabelecendo um compromisso para dizer de seu próprio desejo em uma linguagem tecida a partir do desejo que vem de um Outro. Desta



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

feita, a língua dita materna nunca irá se separar dessa sedimentação afetiva.

Revuz (1998) defende que a língua adicional, a qual ela chama de “estrangeira”, abre um novo espaço potencial para que o sujeito se expresse, questionando a relação que já está instaurada entre o sujeito e a língua. Assim, a complexidade disso está posta, tendo em vista a organização psíquica que se formou em torno da relação do sujeito com sua língua. Para a autora, trata-se de encontrar onde e como surgem esses obstáculos. Exemplarmente, ela aponta a dificuldade para o sujeito sair do automatismo fonológico ao se deparar com novos sons na nova língua. O problema, no entanto, não está na incapacidade funcional de produzir determinado som, visto que, na passagem à escrita, esses sujeitos tendem a se sentirem menos desconfortáveis. Por outro lado, há aqueles sujeitos que se regozijam na nova língua. Tudo isso, segundo a autora, tem a ver com as significações produzidas pela língua “estrangeira”. Para alguns sujeitos, as diferenças que o recorte feito pela língua adicional faz pode trazer forte estranhamento. Como exemplo, estão as variações que podem ocorrer entre gêneros em relação a alguma palavra nos diferentes idiomas. Deste modo (Revuz, 1998, p.12)

Esse estranhamento do dito na outra língua pode tanto ser vivido como uma perda (até mesmo como uma perda de identidade), como uma operação salutar de renovação e de relativização da língua materna, ou ainda como a descoberta embriagadora de um espaço de liberdade.

Assim sendo, destacamos, concordando com a autora, a superação da concepção de língua como mero instrumento de comunicação que se faz necessária. O engajamento e as novas formas de atuar no mundo por meio de uma língua, a serem propostas pelos educadores, podem contribuir nesse sentido. No entanto, é preciso ter em mente que muitas questões aparecerão na cena, possivelmente provocando estremecimentos, estranhamentos e interdições no processo de aprendizagem dos sujeitos envolvidos.

- 998 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

As questões identitárias

Frimm (2020) apresenta uma contribuição bastante importante em relação às questões de identidade em contexto de educação bilíngue. Para a autora, identidade e diferença são construções sociais, sendo frutos da cultura e dos sistemas classificatórios. São, conforme ela diz, noções indefinidas e instáveis, tal qual a linguagem, da qual são dependentes para significar. Neste trabalho, assumo, igualmente, esta definição da autora.

Vale destacar que esta concepção de linguagem pós-estruturalista tem a ver com a língua não mais como um sistema abstrato, ideal e homogêneo, como já visto na seção anterior. Para Frimm (2020), apoiada em Derrida (1988), a condição instável da linguagem é revelada na sinalização da incompletude do signo, tendo em vista que este não carrega uma presença, é somente um traço. Assim como a identidade, o signo tem a dependência de outros signos para significar. Portanto, de acordo também com a autora, há um espaço a nível identitário que representa o impossível de se alcançar uma imagem ideal, havendo sempre uma distância em relação ao que se é e aquilo com o que nos identificamos. Vale apontar que isso é gerador de angústia.

Ancorada na vertente do contexto pós-colonial, Frimm (2020) apresenta o hibridismo cultural que marca a desigualdade social entre ex-colonizados e colonizadores quando trata das escolas bilíngues de prestígio, quando estas usam as suas línguas de instrução. Para ela (2020, p.41)

... a escola bilíngue – enquanto terceiro espaço em potencial – possibilita o estabelecimento de novas estruturas e iniciativas criativas que valorizem o lugar do aluno brasileiro em seu processo de subjetivação em língua estrangeira. No entanto, para tal, cremos importante a desconstrução do paradigma monoglóssico de educação bilíngue, pautado na supremacia dos países anglófonos. Cabe ressaltar que esse modelo ainda permeia o discurso de alguns professores e alunos.

- 999 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Tal assertiva tem relação com o que trouxeram Megale e El Kadri (2023), discutido anteriormente. A orientação a partir de uma pedagogia translíngua é importante na medida em que mobiliza, conforme Frimm (2020), a suposta estabilidade da identidade linguística e possibilita modos outros de subjetivação em educação bilíngua. A posição firme da autora é na direção da língua e a constituição identitária como diretamente relacionadas. É esta visão que também assumo.

Tendo em vista que as identidades são, ainda, construções sociais, é possível que as questões relacionadas às identidades de colonizador e colonizado, por exemplo, emerjam em sala de aula de educação bilíngua, reforçando a crença frequente do “estrangeiro” como “melhor”, já que o desejo do Outro e a exaltação desse mesmo estrangeiro parecem latentes no imaginário de escolas bilíngues de prestígio do Brasil (FRIMM, 2020). Assim, mais uma vez, o educador precisará estar advertido dessas possibilidades, a fim de entender e pensar estratégias que possam acolher esse mal-estar.

Outras questões

Seria impossível pensar em esgotar as possibilidades de acontecimento que podem comparecer à cena educativa. A esse respeito, a do acontecimento, Voltolini (2020) advoga que a perspectiva de práticas baseadas em evidência leva a uma ilusão de controle. Para ele, um educador, analogamente a um psicanalista na sessão com seu paciente, não pode sonhar com um controle quando está na cena educativa, já que não sabe, a priori, o que vai acontecer. Afinal, tais práticas são do campo do real²⁸.

²⁸ Conceito extraído da teoria freudiana sobre realidade psíquica, usada para designar uma realidade fenomênica que é imanente à representação e sem possibilidade de simbolizar (ROUDINESCO e PLON, 1998).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Assim sendo, entendendo que o contexto de Educação Bi/Multilíngue é uma prática de ato educativo, várias outras situações irão emergir, tais como resistências por parte dos estudantes, demandas e angústias por parte do educador, que é, igualmente, um sujeito de desejo e de linguagem. A depender do público, a heterogeneidade será evidente e marcará cada sujeito de maneira singular. Deste modo, com as identidades em jogo, os conflitos serão comuns. Os desafios para uma educação crítica e que permita ao sujeito se posicionar em um mundo de formas distintas serão rotina para o educador.

Considerações

Este trabalho trouxe à baila as contribuições da psicanálise para o campo da Educação, refletindo, aqui, especificamente, sobre o contexto de Educação Bi/Multilíngue. Para isso, destaquei que não se tratava de assumir o saber puramente clínico da teoria psicanalítica, mas sim de levar em consideração seus pressupostos éticos e discursivos. Além disso, a concepção de sujeito para a psicanálise, assumida nesta reflexão, foi trazida, destacando a questão da transferência, fenômeno que ocorre em quaisquer relações humanas. Após isso, abordei as contribuições de Megale e El Kadri (2023) a respeito de uma educação com novas formas de engajamento e participação dos estudantes em um mundo plural e globalizado. Por último, trouxe algumas questões que, costumeiramente, aparecem no campo educativo, relacionando com o de Educação Bi/Multilíngue.

Após o exposto e crendo na complexidade que subjaz o ato educativo, resta-nos apostar em uma prática que busque dar voz a esse sujeito que está entre línguas, se falamos do contexto de Educação Bi/Multilíngue. Assumir uma pedagogia translíngue e que considere o repertório linguístico do estudante ainda é um desafio para a educação em línguas. Quando tratamos disso, fica evidente a diversidade de questões, muitas vezes



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

espinhosas, com as quais nós, educadores, precisamos lidar.

Não se trata de entender, pois, a língua como um mero instrumento de comunicação, mas sim como algo que nos constitui como sujeitos e está em relação direta com nossas identidades. Deste modo, não acredito que um método será capaz de atingir a todos de maneira infalível, como quer nosso narcisismo, mas também vários discursos que se pretendem infalíveis e que circulam pela sociedade. Trata-se de observar as questões atinentes à identidade e à singularidade de cada contexto e cada aprendiz. Nessa relação de sujeitos de desejo e de linguagem, as tensões são inerentes e teremos de lidar com as circunstâncias que nos escapam, renunciando, talvez de maneira árdua e forçosa, o controle da cena educativa que, por vezes, nos habita. Essa gama de nós, provavelmente, nunca será totalmente desfeita. Frente a esses nós, talvez apenas nós, educadores, e o nosso desejo de educar. Somado a isso, vale pensar em uma proposta que propicie ao estudante entre línguas novas formas de atuar no mundo, por meio de sua(s) língua(s).

Penso que mais pesquisas são necessárias ao entendimento do que está em jogo quando pensamos na educação em línguas e no contexto de Educação Bi/Multilíngue.

Referências

ELIA, Luciano da Fonseca. O conceito de Sujeito. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010. Disponível em: <https://psiligapsicanalise.files.wordpress.com/2014/09/luciano-elia-o-conceito-de-sujeito.pdf>. Acesso em: 01 maio 2023.

FRIMM, Vania Ricarte Lucas. **A relação entre as línguas materna e estrangeira em educação bilíngue português-ínglês**: (des)construção de identidades e inflexões no ensino. 2020. 218 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Departamento de Letras Modernas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-16102020-155242/pt-br.php>. Acesso em: 10 mar. 2023.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

MEGALE, Antonieta; KADRI, Michele Salles El. **Escola Bilíngue: (trans)formando saberes na educação de professores.** São Paulo: Fundação Santillana, 2023.

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a educação: o mestre do impossível.** São Paulo: Scipione, 1989. Disponível em: <http://peadrecuperacao.pbworks.com/w/file/fetch/104607070/Freud>. Acesso em: 10 ago. 2020.

LONGO, Leila. **Linguagem e Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

RAHME, Monica Maria Farid. Psicanálise e Educação: um percurso de inquietações. **Espaço Acadêmico**, Mariana, p. 43-51, abr. 2012. Mensal.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês. **Linguagem e Identidade.** São Paulo: Mercado das Letras, 1998. p. 213-230.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães.

VOLTOLINI, Rinaldo. **Educação e psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/eeexn>. Acesso em: 10 abr. 2020.

VOLTOLINI, Rinaldo. A Psicanálise na pesquisa sobre a formação de professores: sujeito e saber. In: VOLTOLINI, Rinaldo; GURSKI, Rose (org.). **Retratos da pesquisa em Psicanálise e Educação.** São Paulo: Contracorrente, 2020. p. 81-103.

WELS, Érica S. Entre a Transmissão e a Transferência: implicações éticas, pedagógicas e psicanalíticas da relação mestre-aprendiz no processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. **Pandaemonium Germanicum**, v. 18, p. 168-183, 2015.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica.** Porto Alegre: Artmed, 2017.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O USO DAS TICS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: A REALIDADE DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DO PARANÁ

Elaine Cristina de Freitas Silva (UENP/CP)

Resumo: Na atualidade, é quase impossível desassociar as TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação) das atividades acadêmicas e tão pouco ignorar a sua importância. Assim, este artigo vem discutir o uso de ferramentas digitais no ensino de Língua Portuguesa, com base na perspectiva do professor em apropriar-se de ferramentas para agregar ao seu trabalho pedagógico refletindo sobre sua prática diária. O objetivo desta pesquisa é saber quais são as ferramentas utilizadas pelos professores de LP e se eles se sentem preparados para utilizarem as tecnologias digitais. Para obter os dados de análise para a pesquisa foi realizada entrevistas informais, por meio do WhatsApp, com 10 docentes de LP do Ensino Fundamental I no Estado do Paraná. O Trabalho referencia-se nos autores Castells (2002) e Rojo e Moura (2012) que trazem o contexto digital como fator importante para o ensino, assim, o trabalho versa comunicar com estes e outros autores que nortearão todo o processo teórico-metodológico. Com os dados obtidos percebeu-se que os professores tentam adequar-se aos meios tecnológicos e utilizá-los em sua prática docente, entretanto por falta de qualificação digital pedagógica os usos das tecnologias não são significativos para o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Tecnologia da Informação e Comunicação. Língua Portuguesa. Prática docente.

Introdução

Desde 2020 as pessoas foram surpreendidas com a pandemia por conta de um vírus que chegou e amedrontou a todos. E dentre todas as pessoas afetadas, ou pela perda de entes queridos, ou pelo desemprego, ou até mesmos pelo vírus, a escola é uma delas que durante esse período de isolamento manteve suas atividades em EAD. Nesta modalidade de ensino, até então muito assustadora, inicialmente, foram encontradas pelos professores, alunos e pais muitos desafios que os fizeram repensar em seus papéis. O processo de ensino começa,

- 1004 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

então, por conta da situação, a se inclinar para os meios tecnológicos, meios esses que antes deste período eram repugnados pela escola, vendo-o como meio de distração e, a partir desse período passa a ser agregado como ferramenta de trabalho pedagógico.

A busca por estratégias que alcancem os alunos no ensino remoto por parte dos profissionais educacionais tornou-se cada dia crescente, pois se a defasagem de leitura e escrita por parte dos alunos já eram imensas no ensino presencial a preocupação, em relação ao ensino híbrido, torna-se ainda maior já que pensamentos em como ensinar leitura e escrita nesse momento são desafiadores no Ensino Fundamental I. Assim, a constante busca por opções que sanassem ou então que contribuíssem para uma efetiva aquisição de leitura e escrita começa a tornar-se parte do cotidiano do professor que em meio aos desafios percebe a necessidade de fazer modificações em suas estratégias educacionais.

Pensando nesse quesito, o presente trabalho tem por objetivo apresentar uma observação realizada, na Escola Municipal Cecília Meireles, localizada na cidade de Conselheiro Mairinck, com os professores de ensino de Língua Portuguesa mostrando quais foram às ferramentas utilizadas e os meios tecnológicos nesse período de ensino híbrido, e se existe a possibilidade de usa-las em suas aulas, e se os professores sentem-se preparados para utilizarem os recursos tecnológicos. Justifica-se a escolha do tema e da pesquisa em questão justamente por estarmos vivenciando uma era das TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação) no ensino, momento esse temido pelos educadores, principalmente os mais tradicionais. Sendo assim a pesquisa visa entender e mostrar quais foram às ferramentas utilizadas e, os desdobramentos dos professores para se adaptarem a essa nova realidade educacional que é o ensino a distância. Para a obtenção de dados foram realizadas observações e pesquisas com os educadores da disciplina de L P (Língua Portuguesa) por meio de entrevistas informais utilizando o WhatsApp como suporte para envio das perguntas, com o intuito de entender como foi trabalhado de ensino de Língua Portuguesa momento em

- 1005 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

que a tecnologia parecia e parece ser primordial para a aproximação de professor e aluno já que o ensino híbrido assim exigia ou exige.

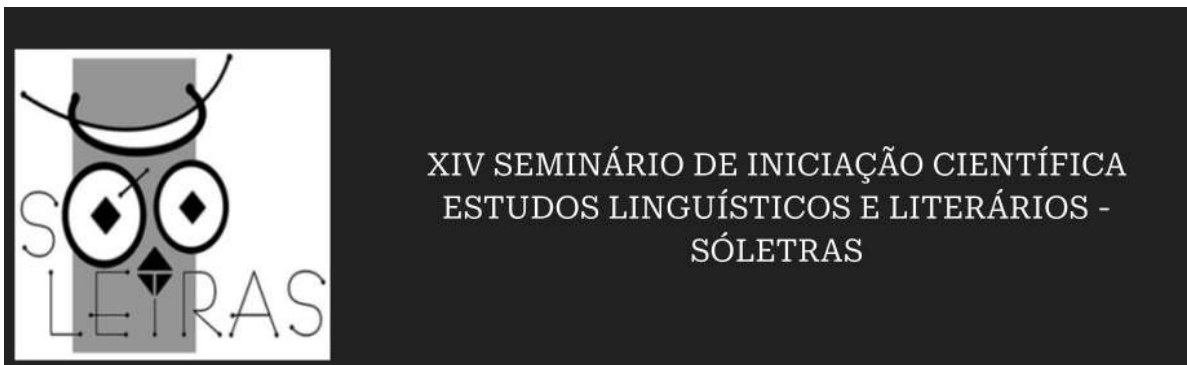
Referencial Teórico

Para esta etapa do artigo utilizou-se como referencial os autores Rojo e Moura (2012) na qual enfatizam a importância da utilização das tecnologias em sala de aula. Marcuschi (2005), com a afirmativa de que as plataformas digitais trouxeram novas possibilidades de criação de textos diversificados trazendo, assim, a linguagem midiática para o contexto escolar. Já o autor Castells (2002), que argumenta que as tecnologias não podem ser vistas apenas como ferramentas, fato este que impede as mídias digitais de serem vistas como um processo. Os PCNs (parâmetros Curriculares Nacionais) de Língua Portuguesa (1998), na qual enfatizam os benefícios da utilização das TICs na educação.

Metodologia

Os procedimentos de geração e coleta de dados foram realizados por meio de perguntas informais, utilizando o WhatsApp como ferramenta de suporte para as conversas, com professores do Ensino Fundamental I que trabalham desde a 1º até o 5º ano na cidade de Conselheiro Mairinck, a saber: 2 professores do 1º ano; 2 professores do 2º ano; 2 professores do 3º ano; 2 professores do 4º ano; 2 professores do 5º ano. Elegeram-se estas turmas, pois foi focado em realizar uma pesquisa de campo voltada para o ensino de Língua Portuguesa (leitura e escrita) no Fundamental I, já que muitos acreditam que não se pode acontecer ensino de leitura e escrita por meio de tecnologias digitais no Ensino Fundamental I, tendo em vista que nesta etapa da educação os alunos ainda não são considerados

- 1006 -



autônomos para a realização de atividade de tal cunho necessitando, assim, do papel em folha, sempre, para realizar as atividades propostas.

O trabalho metodológico foi organizado em etapas, a saber: 1. A elaboração e envio de questionários; 2. Coleta das respostas dos participantes da pesquisa; 3. Transcrição dos resultados; 3. Análise dos dados coletados. Em todas estas etapas do trabalho teórico-metodológico serão sempre observadas às problemáticas levantadas na pesquisa, com vistas a atendê-las.

Nesse sentido, o percurso analítico aconteceu em duas grandes frentes: 1. Pesquisa de campo realizada através de entrevistas; 2. Análise textual das respostas. A coleta de dados começou em 10 de Junho e se estendeu até 18 de Julho, foi necessário todo esse período, um pouco mais de 30 dias, por conta de que os professores, em sua grande maioria, estavam atarefados e segundo eles submergindo em meio às tecnologias (tentando dar conta da situação). Os dados da pesquisa foram selecionados de acordo com a fala dos professores, como são poucos professores foram utilizadas todas as respostas até mesmos as que muitas vezes não tinham muito nexos com as perguntas. Para analisar os dados coletados foram separadas as perguntas e as repostas mais semelhantes e colocado como resposta na análise.

Análise dos dados

Quando analisamos o contexto digital, onde se produz textos e realiza-se leitura de diversos tipos, vários fatores são levados em consideração desde a postura para uma foto até a exposições de ideias e pensamentos em que se posicionam diante dos perfis digitais podem determinar a visão de que a sociedade tem sobre o emissor. Assim, vale destacar que as escritas em redes sociais se adaptam ao gênero no qual ele foi escrito.

Marcuschi (2005), afirma que as tecnologias dos últimos dois séculos



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

proporcionaram o surgimento de outros textos. Ou seja, os usuários das plataformas utilizam de linguagens midiáticas diferenciadas da linguagem apresentada pela Língua Portuguesa. Outro fato importante para agregar aos apontamentos de Marcuschi (2005) é que além dessas linguagens, muitas vezes usadas em formas de abreviaturas, a comunicação por meio da internet tornou-se muito mais utilizada, justamente porque ela proporciona uma instantaneidade maior do que outros meios de comunicação.

Então, buscar informações ou comunicar-se com alguém é mais rápido, pois o outro pode visualizar a uqe esta sendo escrito e postado com uma maior frequência e rapidez do que um alcance do jornal, TV e do rádio que tem, exatamente, horário e programas definidos para apresentar a notícia. Percebe-se que a velocidade da internet e as suas capacidades de alcance em tempo real e integral são maiores do que outros meios e comunicação.

As pessoas se comunicam por meio de aplicativos como WhatsApp, Facebook, etc, e consomem notícias sem nem mesmo saírem da plataforma, pois ali contém inúmeras postagens feitas por amigos, conhecidos e familiares. E essas postagens permitem que outras pessoas as compartilhem, comentem e reajam a elas sem se deslocar para outra ferramenta.

Esses gêneros que emergiram no último século no contexto das mais diversas mídias criam formas comunicativas próprias com um certo hibridismo que desafia as relações entre oralidade e escrita e inviabiliza de forma definitiva a velha visão dicotômica ainda presente em muitos manuais de ensino de língua. Esses gêneros também permitem observar a maior integração entre os vários tipos de semioses: signos verbais, sons, imagens e formas em movimento. (MARCUSCHI, 2005, p.2)

O autor defende a ideia de que essas redes possibilitam formas de se comunicar diversificadas, além de trazer novos significados para a oralidade e a escrita por meio das formas, dos movimentos, de uma maneira não tão textual mais imagética.

Com o objetivo de preservar a identidade dos professores, nomeamo-los de

- 1008 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

professor A1 e A2 do 1º ano, professor B1 e B2 do 2º ano, professor C1 e C2 do 3º ano, professor D1e D2 do 4º ano, professor E1 e E2 do 5º ano. As respostas das perguntas do questionário foram colocadas num quadro para melhor visualização. Ressaltamos aqui que todos os professores entrevistados são do sexo feminino, pois não trabalha nenhum professor do sexo masculino nesta escola.

Todas as professoras são formadas em Pedagogia e possuem especializações em diferentes áreas, a grande maioria voltada para a Educação Especial e Inclusiva e algumas com especialista em áreas voltadas para a Gestão.

Os questionários e as respostas

As perguntas 1 e 2 do questionário dizem respeito à Língua Portuguesa. A primeira e segunda questiona: O que é ensinar a Língua Portuguesa? Quais conteúdos são mais importantes?

As professoras A1, A2 e B2, disseram que é ensinar a leitura e a escrita todas elas acreditam todos os conteúdos da disciplina são importantes; já a professora B1 responde que ensinar a LP é ensinar um conjunto de normas, regras, conhecimento de mundo, incentivar a criatividade, apontar o caminho da interpretação e da coerência, e consideram os conteúdos de leitura, interpretação e produção textual os mais importantes; as professoras C1, C2, E1 responderam que ensinar português não é só ensinar a gramática, mas a linguística, a literatura também são importantes para o desenvolvimento cognitivo do aluno na área de Português. Para elas, a leitura, a escrita e a interpretação são os conteúdos mais importantes já que em todas as disciplinas é necessário o uso das mesmas, e que nesses dois fatores, com base em suas vivências, os alunos sentem mais dificuldades. E as professoras D1 e E 2 mencionam que ensinar LP é mostrar as diferentes variantes estratégias de escritas para que o



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

aluno entenda e compreenda diferentes tipos de textos. Elas consideram a interpretação de textos e a escrita como dois fatores essenciais para o aprendizado dos alunos, principalmente, na sociedade em que vivemos, onde as pessoas têm preguiça de escrever e dificuldades para interpretar textos principalmente os que as palavras estão intrínsecas.

A internet, por sua vez, é um meio eletrônico que vem cada vez mais introduzindo, ainda que implicitamente, as crianças e adolescentes ao mundo da leitura e escrita, pois a grande maioria deles utiliza de diversos meios tecnológicos para se comunicar no dia a dia, como Whatsapp, Facebook, entre outros. Sendo assim, pode-se utilizar a internet e os seus recursos para atrair esses alunos com o intuito de produzir textos mais interativos, dinâmicos e pedagógicos já que faz parte da realidade deles, a esfera digital. O meio digital tem dado ao professor de Língua Portuguesa a possibilidade de fazer com que suas aulas de produções textuais fiquem aos olhos do alunado mais interativo.

A **terceira pergunta** questionava se elas utilizavam em sua prática, antes da pandemia, algum recurso tecnológico em suas aulas de LP. Oito, a A1/A2, a B1/B2, a C1/C2 e a D1/D2 responderam que não utilizavam porque em sua prática diária era muito corrido e dar conta dos conteúdos já era difícil imagina incluir um suporte tecnológico, e as informantes E1/E2 responderam sim também, mas que não com frequência em média umas 5 ou 6 vezes ao ano, atividades mais voltadas ao uso do celular como suporte para envio e leitura de textos e algumas ferramentas como suporte de produção textual.

Ao serem questionadas, **pergunta 04**, sobre quais as ferramentas e suportes digitais utilizam no ensino, as entrevistadas responderam:

Professora do grupo A1/A2, respondeu: “Agora em meio aos tempos de pandemia utilizamos muito os vídeos do Youtube e o Inshot para gravarmos nossas aulas, pois os alunos da nossa turma (1º ano) precisam muito do visual e da explicação do professor para realizar a escrita. Para a leitura solicitamos que os alunos o façam pelo recurso de áudio do



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

WhatsApp”.

Professora B2/C2: disseram que utilizam o celular e algumas vezes usaram o Meet como recurso para transmitirem as aulas, mas que o Youtube, também, tem sido umas das recorrências delas para a pesquisa de vídeos que expliquem o assunto, pois um dos objetivos da aula de produção de texto é a aplicação correta da ortografia, segundo elas, com coerência e fazendo o uso adequado da concordância e que as vezes fazer isso remotamente é muito complicado por isso usam destes recursos.

As professoras, D1/D2 e E1/E2: Utilizam de diversos recursos, como: Wordwal, Youtube, Google Forms, Canvas e o Meet para a produção e a leitura de textos, além de utilizar tais recursos para aplicação de avaliações bimestrais.

Já a Professora C1/B1: Utilizam apenas o Youtube (baixam vídeos explicativos para a aula) e o WhatsApp para envio e recebimento de atividades. Disseram ter inúmeras dificuldades para se adaptarem aos recursos tecnológicos, pois nada ou quase não usam eles no seu dia a dia e que preferem as produções textuais no papel fazendo então a impressão dos materiais e solicitando que os pais o retirem na escola. Nesse sentido, Castells (2002) argumenta que “As novas tecnologias da Informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos (p. 69)”.

Nesse sentido, os PCNs de Língua Portuguesa (1998), deixam claro que um dos benefícios trazidos pelo uso das TICs, neste caso, o uso da internet no processo ensino/aprendizagem é poder destinar os textos produzidos a leitores reais, ou ainda interagir com outros colegas, ampliando as possibilidades de interlocução por meio da escrita e permitindo acesso online ao conhecimento enciclopédico acumulado pela humanidade. A existência de vários softwares disponíveis no mercado com a finalidade de trabalhar aspectos específicos da língua portuguesa é riquíssima, porém como qualquer recurso didático, devem ser analisados com cuidado e selecionados em função das necessidades colocadas pelas



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

situações de ensino e de aprendizagem.

Na pergunta 05, “você acredita que os alunos estão assimilando os conhecimentos necessários para a vida acadêmica?” Algumas responderam que muito pouco e algumas que não. Já como resposta da **pergunta nº 6**: “Você considera importante à aplicação de ferramentas digitais no contexto escolar”? Todas foram unânimes: disseram que em algumas vezes sim, mas que outras não.

E, para a questão 7, que questionava sobre as maiores dificuldades para a utilização de ferramentas tecnológicas e digitais no seu trabalho e o que poderia ser feito para melhorar esses enfrentamentos. Todas disseram que enfrentam muitas dificuldades, principalmente a questão da falta de capacitação, pois se houvesse mais investimentos na carreira voltados para a formação continuada com ênfase na capacitação digital teriam mais conhecimentos para usar as ferramentas:

As professoras A1/A2, B1/B2 e C1/C2: argumentaram que as dificuldades estão refletindo na qualidade do aprendizado do aluno e que infelizmente ninguém faz nada para mudar e lhe proporcionar uma capacitação voltada para o digital.

As professoras D1/D2: espanam que o trabalho docente é visto, infelizmente como tapa buraco e que ninguém se importa se o aluno está aprendendo ou não que o importante para os responsáveis de diversos setores são os números, se os alunos estão fazendo e se estão entregando.

As educadoras E1/E2 responderam que as dificuldades são muitas, mas que eles sempre estão fuçando e tentando aprender com as mudanças trazidas pela situação, entretanto uma capacitação voltada para a aprendizagem das ferramentas tecnológicas fundamentaria ainda mais o trabalho docente desenvolvido.

Rojo e Moura (2012, p.40), afirmam que “As possibilidades de ensino são multiplicadas se utilizarmos ferramentas digitais”, dessa forma faz-se necessário repensar a



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

importância do uso das tecnologias como instrumento auxiliador na prática de leitura e escrita. Para os autores, os recursos midiáticos são ferramentas que possibilitam aos seus usuários a expansão da linguagem. Assim, os mesmos podem proporcionar novas formas de ler e escrever, gerando o que os pesquisadores chamam de novos letramentos, ou seja, uma condição diferenciada de leitura e produção textual.

A presença das tecnologias digitais em nossa cultura contemporânea cria novas possibilidades de expressão e comunicação. [...] Além disso, a tecnologias digitais estão introduzindo novos modos de comunicação, como a criação e o uso de imagens, de som, de animação e a combinação dessas modalidades. Tais procedimentos passam a exigir o desenvolvimento de diferentes habilidades, de acordo com as várias modalidades utilizadas, criando uma nova área de estudos relacionados com os novos letramentos. (ROJO; MOURA, 2012, p.37)

Os autores argumentam que as tecnologias permitem que novas habilidades sejam fundidas possibilitando a aquisição de novos letramentos por meio das mídias digitais.

Sendo assim, por meio das respostas, observa-se que, embora algumas delas utilizem de recursos digitais como ferramenta pedagógica e outras como suporte, as dificuldades encontradas para a utilização dos meios digitais no ensino de LP é notório, ora por falta de manejo dos meios ou por falta de entendimento, pois consideram algumas, que o papel ainda é mais eficaz do que o recurso tecnológico mesmo a situação pandêmica assim exigindo que se apele por outros meios.

Considerações finais

Por meio dos dados analisados, observou-se que as dez professoras entrevistadas sabem da importância do ensino de LP na educação, porém algumas delas não se sentem à



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

vontade ou preparadas para utilizar o ensino por meio das tecnologias digitais. Dentre os fatores destacados percebe-se que a falta de capacitação é a mais recorrente, entretanto algumas delas mesmo sentindo-se não preparadas têm buscado o aprimoramento do uso das tecnologias e utilizado em suas práticas diárias.

O interessante é que, apesar de afirmarem que não se sentem capacitadas para o uso das TICs na sala de aula, os recursos tecnológicos utilizados nesta escola são bem diversificados, ainda que com um embasamento não muito definido segundo elas, pois não conhecem as ferramentas muito bem, ou seja, vão “Fuçando” nelas para aprenderem. Mesmo assim, o importante é que independentemente da situação política-educacional os professores busquem aprimorar os seus conhecimentos e alcancem os seus alunos.

Entretanto, um fator preocupante é quando elas são questionadas se os alunos estão sendo alcançados com conhecimentos necessários nesse período, a resposta varia entre muito pouco e não. Percebe-se aqui que a divergência de opiniões entre eles é grande, já que o objetivo principal do ensino é que a aprendizagem aconteça, mas sabemos que para isso o profissional precisa estar pronto a desafiar-se frente aos obstáculos para que eles sejam supridos e desafiar seus alunos a buscarem o conhecimento. É nítido nas falas das professoras que a responsabilidade fica sendo jogada, por alguns dos entrevistados, a outros ao invés de assumirem o papel independentemente da situação educacional.

Assim, percebe-se que as ferramentas digitais utilizadas, ainda que existam várias outras, foram bem diversificadas, ainda que apenas por 4 professoras de 10 entrevistadas, e que alguns professores estão tentando e se adaptando as mídias, ferramentas e suportes digitais para inovar as suas aulas de LP nesse momento em que o ensino acontece à distância.

Desse, o presente trabalho, na condição de uma investigação preliminar reafirma a importância do uso das TICs na educação, visto que os alunos, conforme citado no texto, já nasceram nesta era digital cabendo, assim, aos professores se adequarem na realidade



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

tecnológica dos alunos e agregar conhecimentos digitais aos pedagógicos. A Pesquisa visa contribuir com outros estudos já realizados a fim de que os profissionais, leitores e pesquisadores conheçam um pouco da prática docente e das dificuldades enfrentadas por outros professores.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** 6. ed. rev. São Paulo - SP: Paz e Terra, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais:** novas formas de construção do sentido. – 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 13-67, 2005.

Parâmetros Curriculares Nacional (PCNs). **Língua Portuguesa.** Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**PERSPECTIVAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS: UMA ANÁLISE DE
QUARTO DE DESPEJO EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO**

Hdanubya Cassya do Nascimento (G-CLCA-UENP/CJ)
Renata Nogueira do Nascimento Rocha (G-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Esta pesquisa analisa a obra *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus, contextualizando-a historicamente na década de 1950 no Brasil. Explora o impacto do governo de Juscelino Kubitschek, o desenvolvimento industrial e as condições de vida precárias das camadas mais pobres da população. A autora, mulher negra e pobre, oferece um testemunho autêntico da vida na favela, abordando temas de pobreza, raça, gênero e classe social. A análise crítica destaca a relevância da obra como forma de denúncia e resistência contra a desigualdade e a opressão, destacando a importância da literatura como ferramenta de luta social.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Autobiografia. Ativista.

Introdução

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) foi uma escritora, diarista e ativista brasileira, nascida em Sacramento, Minas Gerais, Brasil. Ela é conhecida por sua obra *Quarto de Despejo* -, publicada em 1960, que é uma autobiografia sobre sua vida na cidade de São Paulo, onde viveu em um cortiço e enfrentou muitas dificuldades financeiras e sociais. A obra é considerada um importante registro da história social e cultural do Brasil e é amplamente estudada como um exemplo de literatura dos movimentos negros e feministas no país. Carolina foi uma voz importante na luta contra a pobreza e a desigualdade social no Brasil.

A sua principal obra é uma autobiografia que relata a sua vida: uma mulher negra e pobre que vivia em um cortiço na cidade de São Paulo, retratando a vida difícil das pessoas em situação de pobreza na cidade, e destacando as lutas e desafios enfrentados pela autora



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

para sobreviver e criar seus três filhos. Além disso, também aborda questões relacionadas à raça, gênero e classe social no Brasil (PEREIRA, 2019, p. 99).

O contexto social e político do Brasil na década de 1950, por um lado, incluiu a intensa migração para as cidades, vinda com o avanço do processo de industrialização e o sonho de emprego e melhor qualidade de vida. Já no outro lado, havia a precariedade das condições de vida das camadas mais pobres da população, a limitação da liberdade de expressão e a repressão aos movimentos populares, sendo ainda uma importante influência na formação do clima político opressor que anos mais tarde culminaria no estabelecimento da ditadura militar. Antes mesmo da ditadura ser estabelecida, esse contexto já limitava a liberdade de expressão e impedia a organização política e social dos movimentos populares, incluindo os movimentos negros e feministas (SANTOS, 2015, p. 25).

No entanto, a publicação de *Quarto de Despejo* foi uma das mais importantes formas de denúncia da desigualdade social e racial no país e contribuiu para a luta contra a exclusão e a opressão. No âmbito local, a obra retrata a vida das pessoas em situação de pobreza na cidade de São Paulo e destaca as dificuldades enfrentadas por Carolina Maria de Jesus e sua comunidade para sobreviver. O livro é, portanto, uma importante fonte de conhecimento sobre a realidade da cidade na época e sobre as condições de vida dos setores mais pobres e excluídos da população. Em suma, *Quarto de Despejo* é uma obra que retrata o contexto histórico do Brasil na década de 1950, especialmente na cidade de São Paulo, abrangendo os âmbitos social, político e local, e é considerada um importante registro da luta contra a desigualdade e a opressão no país.

Considerando a relevância da obra apresentada, a presente pesquisa visa realizar uma análise do livro, de forma a compreender as questões relacionadas à pobreza, raça, gênero e classe social, abordadas pela autora. Além disso, busca-se refletir sobre a importância da obra como um testemunho da luta contra a desigualdade e a exclusão social



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

no Brasil, sobretudo nos anos de 1950 e início dos anos 1960.

Importante destacar aqui que a colocação de Perpétua (2003), que relatou a participação de Audálio Dantas no livro de Carolina de Jesus, o qual adiantou a obra escrevendo reportagens periódicas sobre a diarista antes do lançamento, e foi encarregado de datilografar e ordenar os manuscritos para publicação. A linguagem de Carolina, como destaca a autora (2003), é tão expressiva que o organizador do diário foi acusado, em várias ocasiões após o lançamento, de ter forjado o diário e até mesmo de ter inventado a existência de Carolina.

Dessa forma, o estudo do livro Quarto de Despejo, sob uma perspectiva contextualizada ao momento histórico em que o mesmo foi escrito, trazendo ainda a visão de autores que estudaram o livro, evidencia a relevância e a oportunidade de trazer à tona essa discussão e ouvir um pouco mais da voz da escritora em seu momento. Valendo também pesquisar acerca dos manuscritos originais realizados por Carolina, uma vez que, ainda segundo Perpétua.

Ao montar o texto para publicação, Audálio Dantas promove uma revisão em relação à pontuação, ortografia, vocabulário e termos recorrentes, além de organizá-lo numa arquitetura própria. Nessa etapa, observam-se três tipos de modificação em relação ao manuscrito – acréscimos, substituições e supressões. No estudo da transposição da escrita cursiva para a letra de fôrma, o exame do processo de substituição evidencia a intenção do editor de compor uma imagem da autora diferente da que aparece no manuscrito (2003,p. 64).

Ora, visto que tal alteração pode nos trazer uma imagem distinta do que realmente a autora produziu, torna-se justificável não apenas fundamentar esta pesquisa no livro, mas também realizar a comparação entre os manuscritos originais e a obra publicada em 1960. A literatura, como uma forma de expressão artística que utiliza da escrita para transmitir ideias,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

sentimentos e reflexões sobre a vida humana e o mundo ao nosso redor, nem sempre terá o uso da norma culta da linguagem, como foi o caso dos diários de Carolina. Com a importância de enriquecer a cultura, ampliar horizontes, promover empatia, estimular a imaginação e transmitir conhecimentos e valores de geração em geração, a escrita original é de grande relevância para ser discutida. A literatura desafia e inspira os leitores a compreenderem diferentes perspectivas e a conectarem-se com a experiência humana de maneira única e significativa, e é por isso que é completamente cabível considerar a real perspectiva de Carolina ao produzir seus manuscritos com seus recursos e seu contexto histórico e social. Entretanto, por falta de acesso direto e físico aos manuscritos originais, essa etapa será fundamentada no estudo de Perpétua (2003).

O objetivo geral deste estudo foi de realizar uma análise aprofundada do livro Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus, contextualizando-o historicamente, politicamente e socialmente no período em que foi escrito. Buscou-se, portanto, compreender as questões sociais e políticas relacionadas à desigualdade e à opressão, e destacar a relevância da obra como uma forma de denúncia e resistência contra as condições de vida das camadas mais pobres da população. O desenvolvimento desta pesquisa descreverá o contexto da década de 1950 no Brasil, enfatizando as questões de desigualdade e opressão, simultaneamente analisando a obra em si, ressaltando sua importância como uma denúncia das condições de vida dos marginalizados, e ainda examinando como a literatura pode ser uma poderosa ferramenta de resistência contra a desigualdade e a opressão.

A metodologia adotada para este estudo foi baseada em pesquisa bibliográfica, conforme proposta por Gil (2002). Essa abordagem permitiu a realização de uma revisão sistemática e abrangente da literatura disponível sobre o tema, fornecendo informações valiosas para a compreensão do contexto histórico e social do Brasil na década de 1950 e início da década seguinte. A pesquisa bibliográfica é a base para a análise do livro Quarto de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Despejo, onde serão examinados aspectos como gênero textual, narrativa, temas, mensagens e estilo da autora. A perspectiva da autora e as condições sociais e políticas retratadas em sua obra também serão consideradas. Será realizada uma análise crítica, enfocando a representação da pobreza, raça, gênero e identidade, buscando compreender a relevância e o significado da obra tanto para a época em que foi escrita quanto para a sociedade atual. Além disso, haverá uma comparação da obra estudada com outras similares, destacando as diferenças e semelhanças na representação da pobreza e identidade no Brasil, e como isso influencia a abordagem do tema.

Para tanto, o desenvolvimento desta pesquisa ocorrerá em quatro momentos, descritos a seguir. No primeiro tópico, será explorado o contexto histórico, político e social do Brasil naquela época, contextualizando o governo de Juscelino Kubitschek e o impacto do desenvolvimento industrial, bem como a criação do Sistema Nacional de Repressão e outras questões. Em seguida, o segundo tópico abordará a vida de Carolina Maria de Jesus, sua origem humilde e sua relevância como uma figura histórica de resistência, destacando sua obra e seu diário como formas de registro autênticas do cotidiano dos excluídos. No terceiro tópico, será realizada a análise da narrativa presente em Quarto de Despejo, explorando o estilo literário, o retrato da realidade das favelas através da narrativa e a voz e identidade únicas de Carolina em sua escrita. Por fim, no quarto tópico, será investigado como a literatura de Carolina Maria de Jesus se tornou uma forma de luta e resistência, inspirando outras gerações de escritores e escritoras, além de destacar outras obras similares de relevância no enfrentamento das desigualdades sociais.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Análise de Quarto de despejo - diário de uma favelada (1960) e seu contexto

O contexto histórico, político e social

Juscelino Kubitschek (JK) assumiu a presidência do Brasil em 1956 e inicialmente seu governo teve como objetivo promover um rápido desenvolvimento industrial no país. O Plano de Metas incluía investimentos em infraestrutura, energia, siderurgia, indústria automobilística e a construção da nova capital, Brasília. JK enfatizava a importância da industrialização como solução para o subdesenvolvimento do Brasil, embora as questões sociais tivessem destaque mínimo em suas metas. O governo priorizou setores como energia, transportes (especialmente rodoviário), e indústria de base, incluindo siderurgia e cimento (BRANDÃO; ROCHA, 2016, p.93).

O Plano de Metas teve sucesso em muitas áreas, mas as metas sociais, como educação, receberam pouca atenção em comparação com os setores industriais, o que gerou diversos problemas sociais. Esse desenvolvimento agravou a inflação, gerou um déficit na balança de pagamentos e resultou em um grande endividamento externo, principalmente para financiar a construção da nova capital, Brasília. O governo enfrentou o desafio de equilibrar o investimento maciço com o controle da inflação, optando por uma política de estabilidade monetária preconizada pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), o que impactou negativamente o crescimento econômico e teve custos sociais significativos, incluindo desemprego (BRANDÃO; ROCHA, 2016, p.94).

No aspecto social, o projeto desenvolvimentista de JK priorizou o desenvolvimento econômico em detrimento das políticas sociais, resultando em agravamento da desigualdade social e investimentos limitados em educação e saúde. A construção de Brasília, apesar de ser um símbolo do desenvolvimento nacional, acabou beneficiando uma minoria da



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

população, exacerbando as desigualdades sociais. Embora o governo tenha deixado uma nova estrutura produtiva, o Brasil ainda enfrentou antigos problemas econômicos e sociais, sobretudo nas desigualdades persistentes ao final de seu mandato.

Oliveira (2013) evidenciou a complexa rede de vigilância, coerção e repressão que foi estabelecida durante o governo JK. Com propostas para centralização e integração nacional das Polícias, que visavam vigiar e eliminar o que consideravam ameaças ao Estado, essa rede envolveu a articulação tanto horizontal quanto vertical entre diversos órgãos estatais com o objetivo de defender os preceitos legais vigentes. Ao longo da década de 1950, essa articulação foi se consolidando em todo o país, e considera-se que houve o chamado Sistema de Repressão Nacional. Esse sistema de vigilância e repressão, embora tenha surgido durante um período de abertura democrática, permaneceu eficaz em controlar a sociedade e se adaptou às pressões da Guerra Fria, alinhando-se aos interesses dos segmentos dominantes e dos Estados Unidos.

Nesse contexto, o governo de Juscelino Kubitschek foi marcado pela criação de um Sistema de Informações no Brasil, que se tornou eficiente na vigilância e repressão da sociedade. Esse sistema estava fundamentado na Lei de Segurança Nacional e tinha como justificativa a ameaça comunista. A Guerra Fria desempenhou um papel significativo, já que os segmentos dominantes no Brasil viam movimentos internos como parte da extensão mundial da Revolução Comunista, ameaçando o desenvolvimento da economia capitalista e os governos considerados democráticos na América Latina. Portanto, a ideologia da Guerra Fria e o anticomunismo exacerbado contribuíram para a manutenção desse sistema de controle, mesmo durante um período de expansão dos direitos constitucionais (OLIVEIRA, 2013, p.52).

O Estado brasileiro, mesmo em um período de suposta democratização, se posicionou como uma entidade acima das divisões de classe, promovendo a união em torno



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

dos interesses das elites dominantes e respaldando a Ideologia da Segurança Nacional. A luta pela cidadania foi vista como uma anomalia social, e o Estado se consolidou como um instrumento de manutenção do status quo, alinhado aos interesses do capital internacional e dos setores mais conservadores da sociedade brasileira.

Nesse contexto de intensa desigualdade e repressão política, diversos movimentos sociais e culturais começaram a surgir no Brasil. A sociedade civil, ansiosa por liberdades democráticas e preocupada com as questões sociais, começou a se organizar e a manifestar suas demandas. Os movimentos operários e camponeses ganharam força, e o Partido Comunista Brasileiro (PCB) desempenhou um papel importante na mobilização popular. Ao mesmo tempo, a literatura emergiu como uma forma poderosa de evidenciar e denunciar as injustiças sociais e políticas que persistiam no país. Carolina Maria de Jesus, foco desta pesquisa, vivenciou esses períodos e se destacou como uma autora que, por meio de sua escrita, contribuiu para a conscientização sobre as questões sociais do Brasil daquela época, desafiando a narrativa oficial de progresso e expondo a realidade das pessoas excluídas do sistema.

Carolina Maria de Jesus e sua vida

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) foi uma figura notável na literatura e na luta pelos direitos das camadas mais marginalizadas da sociedade brasileira. Nascida em Sacramento, Minas Gerais, ela se tornou uma escritora, diarista e ativista cuja influência ultrapassou as fronteiras de seu tempo e lugar. Sua obra mais conhecida, *Quarto de Despejo*, publicada em 1960, é muito mais do que uma simples autobiografia; é um retrato contundente e autêntico da vida dos seus semelhantes, pessoas que viviam nas favelas de São Paulo durante uma época marcada pela desigualdade social e racial.

- 1023 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A voz de Carolina em seus registros diários, não representa apenas a si mesma, mas a todas as mulheres que se encontram em situações análogas na sociedade brasileira. O seu posicionamento de não silenciamento reflete a não resignação diante das situações de exclusão e invisibilidade (COSTA, 2017, p. 311).

No cerne de Quarto de Despejo, Carolina descreve a dura realidade de sua vida como mulher negra e pobre vivendo em um cortiço na cidade de São Paulo. Através de seu diário, ela compartilha as dificuldades financeiras, as condições precárias de moradia e as lutas diárias enfrentadas para sustentar a si mesma e seus três filhos. A obra vai além, abordando questões profundas de raça, gênero e classe social no Brasil, oferecendo uma perspectiva única sobre as complexas interseções desses temas em sua vida e na sociedade em geral.

A história de Carolina é uma jornada de transformação, de uma catadora de material reciclável invisível para uma escritora de best-sellers aclamada, graças à descoberta feita por Audálio Dantas, um jornalista. No entanto, essa fama foi efêmera e ela retornou à mesma condição de pobreza e esquecimento. Carolina, uma mulher negra, pobre e com pouca escolaridade, encontrou na escrita uma forma de escapar das dificuldades da vida na extinta favela Comunidade Canindé em São Paulo. Seu sonho de se tornar uma escritora consagrada se concretizou, mas infelizmente foi de curta duração.

A partir do sucesso de vendas, conseguiu comprar uma chácara e mudar-se da favela. Todavia sua produção seguinte, Casa de Alvenaria, não alcançou o mesmo prestígio, passando a escritora do estágio de euforia de vendas e da divulgação na imprensa para o silenciamento e volta ao quase anonimato. A autora faleceu em 1977, esquecida e novamente em estado de extrema pobreza (COSTA, 2017, p. 306).

O trecho citado ressalta um aspecto marcante da história da escritora: a efemeridade



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

de sua fama e sua subsequente queda para a mesma condição social e anonimato que enfrentava anteriormente. Isso realça a ênfase e importância exclusivas no trabalho da escritora, negligenciando sua humanidade, necessidades e reconhecimento, novamente a deixando em status de exclusão social.

Além de seu impacto literário, Carolina também se destacou como uma voz importante na luta contra a pobreza e a desigualdade social no Brasil. Seu livro serviu como um importante registro da história social e cultural do país, amplamente estudado como um exemplo de literatura dos movimentos negros e feministas.

Sua grandiosidade como artista não se limitou à escrita: Carolina demonstrou uma impressionante versatilidade artística ao compor e interpretar músicas, escrever romances, poemas, criar um livro de provérbios, e sua criatividade ainda se estendeu à produção de roteiros teatrais, revelando assim uma expressão artística rica e diversificada ao longo de sua vida (MOREIRA, 2019, p. 25).

Essa personalidade na luta em favor dos oprimidos continua a ser uma inspiração para aqueles que buscam justiça social e igualdade no Brasil, lembrando-nos da importância de ouvir e valorizar as vozes das comunidades marginalizadas.

A narrativa em contexto

Para falar sobre a obra de Carolina, cabe aqui introduzir o conceito de Literatura Menor. Essa definição, Segundo Batalha.

Seria o caso de obras, gêneros e autores, tomados negativamente como produções culturais de margem em relação a modelos canônicos, considerados como Literatura Maior e tidos como parâmetros e referências para novas produções (2013, p. 116).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Considerando o exposto, e ao analisar os elementos que permeiam a narrativa e a forma como são expressos no livro *Quarto de Despejo*, torna-se evidente que essa obra se enquadra no conceito de Literatura Menor. Isso se deve ao contexto em que a história se desenrola, e à influência significativa de elementos sociais e culturais que moldam as interações entre as personagens.

Outro aspecto que cabe mencionar é a escrita da autora. Audálio Dantas foi inúmeras vezes acusado de alterações da escrita, e até mesmo de ter inventado Carolina (PERPÉTUA, 2003, p.64). A nota dos editores da décima edição do livro diz o seguinte: “Esta edição respeita fielmente a linguagem da autora, que muitas vezes contraria a gramática, incluindo a grafia e a acentuação das palavras, mas que por isso mesmo traduz com realismo a forma de o povo enxergar e expressar seu mundo” (ÁTICA, 2014, p.9).

Entretanto, logo em seguida, o prefácio de Dantas traz um adendo:

No tratamento que dei ao original, muitas vezes, por excessiva presença, a Amarela saiu de cena, mas não de modo a diminuir a sua importância na tragédia favelada. Mexi, também, na pontuação, assim como em algumas palavras cuja grafia poderia levar à incompreensão da leitura. E foi só, até a última linha (DANTAS, 2014, n.p).

A justificativa dos editores, ao manter a linguagem original de Carolina, mesmo quando contraria normas gramaticais, destaca a intenção de preservar a autenticidade e o realismo da expressão do universo vivido pela autora. No entanto, a admissão de intervenções por parte de Dantas no prefácio, além de parecer um pouco contraditório, levanta questionamentos sobre até que ponto é legítimo modificar a obra de um autor para torná-la mais acessível ou esteticamente palatável. Essa dualidade entre manter a autenticidade e ajustar elementos para facilitar a compreensão do público desafia o papel do escritor e a ética da representação literária.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Santos aponta as diferenças da realidade de Carolina face uma cultura construídas de camadas sociais e intelectuais:

[...] o extrato social da qual fazia parte quase não produzia intelectuais, muito menos intelectual mulher e negra. Postos à margem de tudo e todos, os favelados eram sujeitos que quase não consumiam a cultura dita erudita ou clássica, e mesmo a cultura popular não estava ao alcance de todos. Poucos possuíam rádio, livros ou revistas (2014, p. 64)

Considerando o contexto do que definem essas intelectualidades, essa situação contribui para enquadrar o livro de Carolina como Literatura Menor, expressando uma perspectiva única e autêntica das experiências da autora na favela.

Não se deve, entretanto, confundir essa perspectiva dissociativa que estabelece critérios às obras intelectuais, como motivo para desvalorizar a obra de Carolina. Pelo contrário, quando Carolina faz o retrato da sua realidade em sua narrativa, em forma de diário pessoal, ela oferece uma visão única e autêntica, influenciada pela literatura clássica e pelos valores e princípios que busca resgatar. Acima disso, a obra retrata e denuncia as condições vivenciadas por ela e seus semelhantes. Na escrita de Jesus [1960]/(2014),

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. **Atualmente somos escravos do custo de vida.** Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar (JESUS, 2014, p. 83, grifo próprio).

Esse relato encapsula de maneira contundente as dificuldades enfrentadas pela autora. A frase ressoa como um lamento sincero diante das limitações econômicas que impedem a concretização de desejos simples. O uso da expressão escravos do custo de vida apresenta a pressão financeira, sugerindo uma sensação de aprisionamento frente às

- 1027 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

exigências econômicas que pesam ainda mais sobre aqueles que não têm o básico. Em seu contexto, a luta pela sobrevivência muitas vezes prevalece sobre a realização de gestos tão simples, mas com muito significado, como proporcionar à sua filha um par de sapatos no dia de seu aniversário.

A publicação de seu livro lançou Carolina ao sucesso, transformando-a em uma figura reconhecida nacional e internacionalmente. Ela se destacou como autora, e sobretudo uma representante singular de uma realidade muitas vezes ignorada. No entanto, a estranheza mútua entre os favelados, que a viam como uma exceção, e a elite letrada, que relutava em aceitá-la, ecoa a dicotomia cultural que Carolina representava. Ela se tornou, assim, uma figura que desafiou as expectativas sociais, confrontando o mundo de alvenaria com a realidade retratada em sua narrativa (SANTOS, 2014, p. 66).

A trajetória de Carolina, desde o anonimato até a notoriedade literária, traz uma reflexão que vai além de sua ascensão individual: destaca uma afirmação coletiva de voz para aqueles que são e estão frequentemente silenciados. Sua obra não se limita a uma mera exposição da realidade favelada, mas representa uma busca por identidade e reconhecimento em um contexto social que historicamente marginalizou sua comunidade. “Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 2014, p. 28). Nessa sua classificação, assim como em outros momentos, Carolina denuncia diretamente a negligência e marginalização do sistema sobre as favelas, ressaltando sua posição assertiva diante dessa realidade.

Uma das necessidades mais básicas (se não a mais) do ser humano, é se alimentar. Se as pessoas vivem em um “quintal onde jogam lixos”²⁹, tão longe da “sala de jantar”, como

²⁹ 1 e 2: termos entre aspas, quintal onde jogam lixo e sala de jantar, foram assim descritos pela autora para definir a favela e a prefeitura de São Paulo, respectivamente.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

serão capazes de satisfazer suas necessidades tão vitais? Nas favelas, elas quase não satisfaziam, como relata:

Percebi que no Frigorífico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar a carne para comer. Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estomago (JESUS, 2014, p. 39)

Em mais uma denúncia sobre a realidade das favelas Carolina mencionou estratégias adotadas para afastar os moradores dos alimentos descartados, o que, às vezes, é onde encontram seu único alimento. A experiência pessoal da autora não evidencia apenas a escassez material, mas também as consequências físicas e emocionais da fome. A tontura descrita relata a angústia da privação alimentar, convidando à reflexão sobre a urgência de enfrentar as injustiças estruturais que perpetuam essas condições de vida. Na visão de Teixeira,

Ao tomar para si o poder, cumpre seu papel de intelectual ao retratar o ambiente em que vivia, suas mazelas e dificuldades, bem como as experimentadas pelos moradores da favela do Canindé. Sua escrita pode ser considerada um divisor de águas na prosa literária brasileira, pois antes dela não há registro de uma inscrição autoral negra e feminina articulando na palavra cotidiana a experiência do urbano (TEIXEIRA, 2016, p.282)

A sua voz autenticamente moldada por suas experiências na favela confrontou as dicotomias culturais e enriqueceu o cenário literário e cultural brasileiro. Sua narrativa, embora individual, ecoa como um testemunho coletivo, representando a busca deste por visibilidade e a luta rotineira de muitos que compartilham experiências similares. Assim, a voz e identidade emitidas ressoam como uma contribuição para a diversidade e inclusão nas

- 1029 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

expressões culturais e literárias, desafiando a marginalização e iluminando uma perspectiva autêntica sobre a complexidade da vida nas periferias.

Literatura de Testemunho

A literatura de testemunho, segundo Salgueiro (2012), é um campo em constante expansão, relacionado à onda multiculturalista. Inicialmente, a literatura e o testemunho parecem opostos, o que culmina em um debate sobre os limites entre estética e ética, verdade e ficção, realidade e representação. Para o autor, esse tema transcende os estudos literários, tendo pauta em discussões da Filosofia, Psicanálise, Direito, Sociologia e História. Alguns traços característicos da literatura de testemunho são: o registro em primeira pessoa; o compromisso com a sinceridade do relato; a busca por justiça; a resistência ao autoritarismo; a apresentação de eventos coletivos; e o abalo da hegemonia do valor estético sobre o valor ético. Esses traços, muitas vezes intercambiáveis, compõem um gênero híbrido e complexo que se destaca pela representação de eventos traumáticos, buscando superar a dicotomia entre literatura e testemunho (SALGUEIRO, 2012, p. 288).

Costa (2015) destaca a Literatura de Testemunho como uma modalidade que busca resgatar a memória histórica por meio das narrativas daqueles que vivenciaram determinados eventos. Esse conceito, desenvolvido tanto na América Latina nos anos 1960 quanto na literatura sobre o holocausto, faz um diálogo entre intelectuais e depoentes, geralmente excluídos dos meios tradicionais de expressão. A abordagem latino-americana desse gênero literário é vinculada a projetos de esquerda que visam dar voz aos menos favorecidos, em busca de mudanças sociais, embora muitas vezes essa voz seja mediada por intelectuais.

Selligman (2018) destaca que Carolina de Jesus, ao narrar o cotidiano em seus cadernos, transformava essa atividade em um testemunho, o qual posteriormente incorporava



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

à literatura. A linguagem do testemunho, segundo o autor, é a construção de algo único em meio a generalidades universais, mesmo durante a narrativa, e em meio a memórias rebuscadas, onde as imagens do cenário em que vivia podem aparecer achatadas ou fragmentadas. No entanto, ele ressalta que, para determinados discursos sobre o testemunho, especialmente no âmbito jurídico, a presença da ficção pode contaminar e dissolver o teor de verdade associado ao testemunho (SELLIGMAN, 2018, p. 72).

Carolina de Jesus e seu livro *Quarto de Despejo* é um fenômeno singular na literatura de testemunho. A polêmica em torno da autoria do livro, se de fato escrito por Carolina ou por Audálio Dantas, escancara o preconceito existente contra a capacidade de expressão por meio da escrita de uma mulher negra e pobre. A autora representou uma quebra de barreiras, ultrapassando a invisível fronteira que limitava a publicação de escritos aos que vinham das classes populares.

A escrita da experiência vivenciada ou a literatura de testemunho de Carolina Maria de Jesus caracteriza-se não só pela descrição intimista, mas também por um forte tom de denúncia. Nesse sentido, conforme nos alerta Ricoeur, a literatura de testemunho configura-se enquanto “huella sentimental” (marca sentimental), mas também como “huella social” (marca social): lugar de fala, manifestação da alteridade. Os constantes questionamentos político-sociais presentes no diário de Carolina, assim como as denúncias da discriminação social que sofria marcam a marginalização dentro da marginalização: Carolina era discriminada por ser pobre, negra, mulher, catadora de papel, mãe solteira e escritora (LOPES, 2017, p. 2).

A literatura como forma de luta e resistência

Como já dito por Teixeira (2016), *Quarto de Despejo* não teve impacto apenas na vida de Carolina, pois sua literatura impactou e foi reconhecida no mundo inteiro. Muito se



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

fala na literatura afro-brasileira ou negra. Mas, de acordo com Evaristo (2009), enquanto um grupo significativo de escritores e críticos acadêmicos destaca a existência de um corpo literário específico na literatura brasileira, caracterizado por uma subjetividade construída a partir das experiências de homens e mulheres negras na sociedade, há outros que contestam essa categorização. Alguns argumentam que a arte é universal e resistem à ideia de que as experiências afrodescendentes possam contribuir para uma produção literária distintamente própria. Mesmo entre aqueles que reconhecem a literatura afro-brasileira, surgem discordâncias sobre o sujeito autoral e sua presença no texto.

Ainda na visão de Evaristo (2009, p. 27), “[...] os textos afro-brasileiros surgem pautados pela vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira e trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo até os modos de utilização da língua”. Nesse sentido, Sartre [1947]/(2004) fala constantemente sobre a liberdade envolvida na literatura, de certa forma, tanto para aquele que escreve quanto para aquele que lê. A liberdade da escrita, sendo algo comum na vida de qualquer pessoa, permite que a produção literária não seja exclusiva da elite intelectual: os marginalizados, os negros e até mesmo os semianalfabetos – como Dantas (2014) descreve Carolina – são plenamente capazes de produzir literatura, como é o caso de Quarto de Despejo.

A literatura afrodescendente, no entanto, não deve ser vista como uma subcategoria, tampouco menos valorizada do que aquela produzida pelos nomes da elite. Carolina simplesmente conquistou o mundo com sua produção, é possível até arriscar dizer que pelo tom de denúncia dos seus relatos, assim como pela resistência da mulher negra frente a essa elite que tanto a pressionou por viver no anonimato e pobreza extrema. Sendo parte de uma parcela tão exilada dos direitos mais básicos às condições minimamente humanas de vida, ela mostrou que uma voz, que fala pelo coletivo, pode impactar tanto a literatura brasileira quanto a mundial, trazendo a relevância de sua escrita e intelectualidade.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Cabe, aqui, mencionar alguns nomes relevantes na literatura afro-brasileira. Como é o caso de Cuti, renomado poeta, ficcionista, dramaturgo e ensaísta, nascido em Ourinhos, São Paulo, tendo papel relevante na literatura negra brasileira. Sua obra, que abrange poesia, como em *Poemas da Carapinha* (1978), *Batuque de Tocaia* (1982), *Flash Crioulo Sobre o Sangue e o Sonho* (1987) e *Sanga* (2002), reflete uma perspectiva identificada às tradições e à história da coletividade étnica negra, abordando temas de afirmação de identidade e crítica social. Cuti, ativo militante da causa negra e cofundador dos *Cadernos Negros*, representa uma voz importante na contemporaneidade, enriquecendo o panorama literário afro-brasileiro (CAVALCANTE, 2017, p. 89).

Para Meihy (1998), no período de ascensão de Carolina, outras mulheres se tornaram as grandes damas da literatura nacional. Como exemplos, além das já consagradas Cecília Meirelles e Raquel de Queiroz, viriam a compor esse cenário principal Clarice Lispector e Maria Alice Barroso. É inegável que o mundo literário feminino não deveria negligenciar a contribuição de Carolina, uma mulher e escritora cujo trabalho poderia enriquecer essa constelação de talentos com uma abordagem única na produção de texto. Ao contrário de algumas de suas contemporâneas que alcançaram reconhecimento crescente, a carreira de Carolina seguiu um caminho de declínio. O fato de que ela não tenha sido devidamente valorizada como símbolo da causa literária feminista naquele período é peculiar e suscita reflexões sobre as complexidades e desafios enfrentados por mulheres escritoras, especialmente aquelas que, como Carolina, ousaram abordar questões sociais e de gênero em suas obras (MEIHY, 1998, p.74).

Tão contraditório, uma mulher com voz, relatando a mais pura realidade de sua vida, ser tão facilmente esquecida, excluída mais uma vez, pelo conjunto de mulheres que fizeram uso dos recursos literários buscando a mesma finalidade. Entretanto, por mais que as convenções sociais marginalizassem a figura de Carolina, isso jamais apagaria as escrituras



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

que esta deixou “em papéis velhos encontrados no lixo, guardados sem o cuidado devido” (MEIHY, 1998, p. 89), e posteriormente culminando em um *bestseller* que conquistou o mundo. Seu trabalho foi reconhecido, mesmo que pressionado ao esquecimento: atualmente, são incontáveis resenhas, artigos e dissertações que, até hoje, retomam a sua produção para analisar, interpretar e refletir, com notável valor artístico, literário, social e histórico, E – por que não? – com inegável forma de resistência dos seus similares àquela época? Fato é que, como havia de se esperar, por conter críticas sociais, seu livro foi censurado após o Golpe Militar e a ditadura instaurada no Brasil em 1964 (SOUZA, 2020, p.94).

A história de Carolina, embora marcada pela exclusão e censura, permanece como um testemunho poderoso de resistência. Suas palavras, resgatadas do anonimato do lixo, transcenderam as adversidades sociais e políticas de sua época, vindo a ser uma voz autêntica que ecoa além das convenções. O reconhecimento tardio de sua obra destaca a importância de valorizar as narrativas marginalizadas, reforçando que a literatura, quando comprometida com a verdade e a denúncia social, transcende fronteiras e perdura como uma ferramenta de resistência ao tempo e à opressão.

Considerações finais

O percurso traçado ao longo deste trabalho conduziu uma análise do contexto histórico, social e político brasileiro durante o governo de Juscelino Kubitschek, destacando os desafios enfrentados pela população, especialmente nas camadas mais marginalizadas. A partir dessa compreensão, adentramos a vida e obra de Carolina Maria de Jesus, uma figura singular na literatura brasileira, cujo testemunho pessoal transcende as páginas de Quarto de Despejo.

Carolina rompeu barreiras ao expressar sua realidade por meio de palavras



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

autênticas e contundentes. Quarto de Despejo emergiu como um retrato fiel das adversidades enfrentadas por ela e por outros habitantes da favela do Canindé, lançando um olhar cru sobre a desigualdade social e racial que permeava a sociedade brasileira da época.

A análise da narrativa de Carolina revelou nuances complexas da literatura brasileira, enquadrando sua obra dentro do conceito de Literatura Menor. A autora, muitas vezes subestimada, desafiou as expectativas sociais e culturais, oferecendo uma perspectiva autêntica e única. O debate sobre possíveis alterações em sua escrita por parte de Audálio Dantas levantou questões éticas sobre a representação literária e a preservação da autenticidade.

Abordando a literatura como forma de luta e resistência, exploramos o impacto duradouro de Quarto de Despejo na esfera literária e afro-brasileira. A autora, embora tenha enfrentado um declínio em sua carreira após o sucesso inicial, permanece como um símbolo de resistência. Sua voz, inicialmente marginalizada, tornou-se um testemunho poderoso, resistindo às adversidades sociais e políticas, mesmo diante da censura imposta pelo Golpe Militar de 1964.

A literatura de Carolina transcendeu fronteiras geográficas e temporais, sendo objeto de estudos, resenhas, dissertações e outras produções e estudos. O reconhecimento tardio destaca a importância de valorizar narrativas marginalizadas, reforçando que a literatura, quando comprometida com a verdade e a denúncia social, persiste como uma ferramenta de resistência ao tempo e à opressão.

Encerrando este trabalho, é imperativo destacar que Carolina não deve ser lembrada apenas como uma voz do passado, mas como uma inspiração contínua para aqueles que buscam justiça social e igualdade. Seu legado desafia a amnésia coletiva e reafirma que, mesmo nas condições mais adversas, a palavra escrita pode ecoar como um grito de resistência, reivindicando espaço e reconhecimento na história literária e social do Brasil.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Referências

BATALHA, Maria Cristina. O que é uma Literatura Menor? **Revista Cerrados**, v. 22, n.º 35, 2013, p. 113-133.

BRANDÃO, Vinicius Costa; ROCHA, Carla Adriana Meneses. O desenvolvimento industrial brasileiro no governo JK e seus impactos sociais. **INFORME ECONÔMICO (UFPI)**, v. 36, n. 1, 2016.

CAVALCANTE, Francys Carla Arraiz Lindoso. Literatura afro-brasileira: um processo de afirmação identitária e de resistência negra na poesia de Cuti. **Opiniões**, n. 10, p. 86-102, 2017.

COSTA, Nelzir Martins. Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada, de Carolina Maria de Jesus. **Humanidades & Inovação**, v. 4, n. 3, 2017.

COSTA, Rodrigo Cazes. Quarto de Despejo: Carolina de Jesus e o surgimento da cultura popular modificada. **Revista Inter-Legere**, v. 1, n. 17, p. 169-179, 2015.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de Despejo: o diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. 200p.

LOPES, Elisângela Aparecida. A importância da leitura e da escrita para Carolina Maria de Jesus: uma análise do seu Quarto de despejo. org.) **DUARTE, Constanca Lima; DUARTE, Eduardo de Assis**, p. 171-177, 2017.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio. **Revista USP**, n. 37, p. 82-91, 1998.

OLIVEIRA, Nilo Dias de et al. **A configuração do Sistema Nacional de Repressão no governo JK (1956 a 1961)**. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Católica de São Paulo PUC-SP, São Paulo, 2013.

PEREIRA, Ana Raquel Ramos de Assis. **A “Outra” Negra**: a falácia da igualdade a partir de uma análise da subalternidade de raça e de gênero e seus reflexos em *Quarto de Despejo*. 131 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2019).

PERPÉTUA, Elzira. Aquém do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 22, p. 63-83, 2003.

SALGUEIRO, Wilberth. O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André du Rap). **Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 19, n. 31, 2012.

SANTOS, Gláucia. A intelectualidade de Carolina Maria de Jesus por meio de sua obra *Quarto de Despejo*. **Pergaminho**, n. 5, p. 59-68, 2014.

SANTOS, Lara Gabriella Alves dos. **Carolina Maria de Jesus**: Análise Identitária em *Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada*. 103 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, Catalão, GO, 2015.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?**. 3. ed. São Paulo: Ática. 2004.

TEIXEIRA, Nírcia Borges. A Escrita empoderada de Carolina Maria de Jesus: a voz da resistência no cenário das impossibilidades. **Scripta Uniandrade**, v. 14, n. 2, 2016.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Unicamp, 2003.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**REFLEXÕES A PARTIR DA PERSONAGEM ARYA STARK NA OBRA
FANTÁSTICA AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO, DE GEORGE R. R. MARTIN**

Daniel Caetana Vieira (G-CLCA-UENP/CJ)
Nerynei Meira Carneiro Bellini (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: O objetivo principal deste projeto consiste em realizar uma análise do processo de transformação vivenciado pela personagem Arya Stark em sua jornada, contextualizada esteticamente nas páginas de *As Crônicas de Gelo e Fogo* (2011), de George R. R. Martin. Utilizando uma abordagem analítica e reflexiva, a metodologia de pesquisa adotada se configura como bibliográfica, buscando assim compreender o papel da literatura fantástica através da trajetória da personagem e suas evoluções ao longo da narrativa. A análise se concentra em examinar a configuração da personagem no contexto insólito, proporcionando ao leitor reflexões sobre sua própria experiência pessoal, social e formativa, destacando a potencialidade transformadora da literatura fantástica. Aprofundando-se na estrutura formal do fantástico, o estudo visa enriquecer a compreensão do leitor sobre as implicações da jornada de Arya Stark. Para embasar teoricamente essa análise, serão consideradas as contribuições críticas de Lloyd (1971), Candido (2009), Cosson (2014), Maia de Oliveira (2016), Roas (2001, 2017) e outros importantes pesquisadores do tema. A partir dessas bases, pretende-se fornecer uma visão mais aprofundada do significado e impacto da transformação da personagem, explorando as dimensões sociais, psicológicas e éticas presentes na narrativa fantástica de Martin.

Palavras-chave: Insólito. Fantástico. Arya Stark. Literatura Fantástica.

Introdução

O termo "literatura fantástica" é frequentemente utilizado para descrever uma produção literária profunda e singular, caracterizada pela presença de elementos sobrenaturais ou pela ocorrência de fenômenos que escapam à explicação racional. Definir esse gênero tem sido desafiador ao longo dos séculos, como ressaltado por Bellini (2017, p. 25): "Produções literárias nas quais o fator sobrenatural está no cerne de sua estrutura já



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

foram cunhadas com diferentes nomes: realismo mágico, realismo fantástico, realismo maravilhoso e fantástico”.

Uma das primeiras definições concretas desse gênero foi proposta por Tzvetan Todorov (1992, p. 16), que o descreve como: “O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural”.

Posteriormente, David Roas (2001, p. 8) apresenta uma nova definição derivada de estudos e definições anteriores: "O sobrenatural é aquilo que transgride as leis que organizam o mundo real, algo que não é explicável, que não existe, de acordo com essas leis." (tradução nossa).

A narrativa insólita desempenha um papel crucial na formação do leitor, desde a infância até a vida adulta, permitindo-lhe explorar o imaginário e realizar críticas sociais relevantes. O sobrenatural é manifestado por meio de tramas insólitas que instigam reflexões necessárias para a formação social e cultural do leitor, incentivando-o a reconsiderar sua própria realidade.

Obras do gênero fantástico não apenas incentivam a leitura, mas também proporcionam questionamentos que podem gerar práticas sociais relevantes para os leitores. Nesse contexto, este trabalho se propõe a analisar a personagem Arya Stark da obra fantástica *As Crônicas de Gelo e Fogo*, de George R. R. Martin, explorando sua jornada de crescimento entre as páginas e como essa narrativa pode instigar reflexões sobre o caráter formativo do leitor, suas experiências e contexto social.

Ao longo dos cinco livros já publicados da obra, a trama se desenvolve com personagens intensas envolvidas em tramas variadas, compartilhando, no geral, características comuns, como mudanças em suas personalidades ao longo da narrativa. A escolha da personagem Arya Stark, uma jovem de nove anos no início da história, se justifica



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

pelo seu desenvolvimento ao longo da trama, com capítulos que permitem ao leitor acompanhar sua evolução até a vida adulta.

A jornada de Arya Stark abrange aventuras, viagens, intriga política e amplas experiências que revelam transformações significativas em seu caráter. Filha do lorde Eddard Stark, de uma das famílias mais importantes do fictício reino de Westeros, Arya enfrenta uma separação brutal de seus pais, desencadeando uma série de desafios em sua vida.

Para a realização deste trabalho, portanto, a metodologia da investigação configura pesquisa bibliográfica de textos científicos e literários que versam sobre o fantástico, sua construção narrativa, o valor do imaginário no desenvolvimento dos leitores. Sobre essa modalidade, Oliveira (2016, p. 69) afirma que: “apresentam como principal vantagem um estudo direto em fontes científicas, sem precisar recorrer diretamente aos fatos/fenômenos da realidade empírica”. O estudo deverá ser pautado pelo rigor científico de pressupostos teóricos e críticos, da elaboração de análises a partir da jornada da personagem Arya Stark em as *Crônicas de Gelo e Fogo* (2011), de George R. R. Martin. As atividades serão permeadas por fichamentos, discussões e disseminação da pesquisa em eventos científicos e submissões para publicações em revista e/ou capítulos de livros.

A literatura do fantástico e suas peculiaridades

A literatura fantástica, embora muitas vezes conte histórias que se afastam da nossa realidade, especialmente quando se trata da chamada "Alta Fantasia" ou "Fantasia Épica", categorias definidas por Alexander (1971) como cenários ou enredos épicos ambientados em mundos fictícios, carrega consigo significados subliminares que fazem alusão a questões empíricas. Desse modo, mesmo em um universo completamente irreal, a literatura fantástica não deixa de abordar temas reais e próximos das nossas experiências cotidianas. Ela tem o

- 1040 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

potencial de oferecer perspectivas diferentes e estimular reflexões sobre questões humanas, de maneiras que talvez não seríamos capazes de contemplar ao nos ater apenas à nossa própria realidade. Nesse sentido, cabe aqui a assertiva de David Roas (2017, p. 12): “O fantástico é o gênero mais realista que existe, porque seu objetivo é questionar a realidade, indagar as obscuras regiões ocultas por trás do cotidiano [...]”.

Na obra *Introdução à literatura fantástica*, Tzvetan Todorov (1975, p. 166) fortalece sua concepção do gênero fantástico, destacando a relevância do leitor no fenômeno de hesitação que caracteriza essa categoria:

O fantástico se fundamenta essencialmente numa hesitação do leitor – um leitor que se identifica com a personagem principal – quanto à natureza de um acontecimento estranho. Esta hesitação pode se resolver seja porque admite que o acontecimento pertence à realidade; seja porque se decide que é fruto da imaginação ou resultado de uma ilusão; em outros termos, pode-se decidir se o acontecimento é ou não é. Por outro lado, o fantástico exige um certo tipo de leitura: sem que, arriscamo-nos a resvalar ou para a alegoria ou para a poesia.

A definição de fantástico proposta por Todorov revela a natureza altamente híbrida desse gênero, uma vez que compartilha uma fronteira tênue com outros dois, destacando-se o maravilhoso, um elemento característico em textos fundadores da literatura ocidental. Além disso, essa definição se consolida ao incorporar um componente extratextual, o leitor, e ao analisar sua interação diante das estratégias de construção do texto fantástico. A hesitação do leitor, muitas vezes identificado com a personagem principal da narrativa, desempenha um papel crucial nesse contexto. “Desta forma o papel do leitor é, por assim dizer, confiado a uma personagem e ao mesmo tempo a hesitação encontra-se representada” (Todorov, 1975, p. 39).

Partindo da perspectiva leitora, a narrativa insólita desempenha um papel



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

significativo na construção do leitor, influenciando-o desde a infância até a idade adulta, permitindo-lhe explorar o reino da imaginação e, ao mesmo tempo, promovendo a reflexão crítica sobre questões sociais pertinentes. O sobrenatural manifesta-se por meio de articulações peculiares, incitando o leitor a considerar reflexões essenciais para seu desenvolvimento social e cultural, incentivando-o a reavaliar sua própria realidade. Segundo Pontes (2010, p. 73):

Essa particularidade dos contos em proporcionar a interação de fatos da realidade juntos ao mundo fantástico, faz com que o leitor estabeleça uma relação entre texto e contexto, entre o real e o fictício, visto que ao vivenciar as experiências dos personagens (elementos fantásticos), também vivenciam as suas experiências do dia a dia, o que torna essa leitura significativa, pois é significativo aquilo que conseguimos relacionar com a vida, com o eu de cada um.

Mesmo que as narrativas fantásticas sejam elaboradas em termos formais e estruturais, utilizando a organização de elementos simbólicos e imaginários, esses textos instigam no leitor uma reflexão profunda sobre eventos e experiências vivenciadas na realidade concreta, podendo desencadear alterações sociais significativas no ambiente do leitor.

A literatura de ficção, especialmente em obras de "Alta Fantasia", frequentemente nos transporta para narrativas situadas em mundos completamente fictícios, afastados da realidade do nosso dia a dia. Apesar dessa distância, a ficção ainda se propõe a explorar questões que ressoam com as nossas experiências e problemas reais. Essa abordagem singular nos proporciona uma perspectiva diferenciada, permitindo reflexões sobre essas questões de maneiras que, talvez, não conseguiríamos alcançar ao considerá-las apenas com base na nossa própria realidade.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Breve contextualização sobre Martin e as obras estudadas e o cenário

As Crônicas de Gelo e Fogo é a série literária que Martin começou a escrever no início dos anos 1990, cujo primeiro livro, *A Guerra dos Tronos*, foi publicado em 1996. Desde então, foram lançados mais quatro livros: *A Fúria dos Reis* (1998), *A Tormenta de Espadas* (2000), *O Festim dos Corvos* (2005) e *A Dança dos Dragões* (2011). Segundo o autor, estão em produção mais dois livros que concluem a história, mas até o final de 2022, ainda não havia uma data de lançamento confirmada. A narrativa desenrola-se por meio de capítulos de "ponto de vista", nos quais cada capítulo é apresentado a partir da perspectiva de um personagem específico e nomeado de acordo com o narrador. Ao longo dos livros, mais de uma dúzia de personagens protagonizam esses capítulos.

As Crônicas de Gelo e Fogo desdobram-se em um mundo fictício de "Alta Fantasia", distinto de nossa realidade, com sua própria geografia e história, ambientado em uma estrutura semelhante à Idade Média. A narrativa se concentra em dois continentes principais, Westeros e Essos. Westeros, conhecida como "os sete reinos", foi originalmente dividida em sete reinos em conflito, sendo conquistada pelos Targaryens, uma família com dragões, três séculos antes do início da história. Após a conquista, Westeros permaneceu unificada sob o domínio dos Targaryens, embora a denominação "sete reinos" fosse mantida por tradição. Essos, o segundo continente, é composto por "cidades livres" independentes, cada uma com sua governança, povos e culturas. Embora ambos os continentes sejam relevantes, a maior parte da trama ocorre em Westeros, especialmente em relação ao personagem central.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

A trajetória da personagem Arya Stark

Os volumes que integram a série adotam uma organização baseada em capítulos concisos, cada um seguindo o ponto de vista da personagem em foco. Em geral, a narrativa é conduzida a partir dessa perspectiva, destacando as situações enfrentadas por essa figura e, comumente, sendo intitulada pelo nome do personagem em questão. Para este estudo, optou-se por explorar a trajetória da jovem Arya Stark, de nove anos no início da história. A escolha se justifica pela centralidade desse personagem na trama, evidenciada pela presença frequente de capítulos sob seu ponto de vista em quase todos os cinco livros lançados até o momento, permitindo ao leitor acompanhar suas mudanças ao longo da narrativa.

A trajetória de Arya abarca explorações por locais desconhecidos, envolvimento em questões políticas e, sobretudo, uma ampla variedade de experiências que se mostram potencialmente transformadoras em seu caráter. Essas vivências desempenham um papel crucial em seu aprendizado das regras do contexto em que está inserido, contribuindo significativamente para o seu desenvolvimento pessoal. Ao longo de sua jornada, Arya encontra mentores mais experientes, bem como indivíduos de idade semelhante, todos servindo como fontes de aprendizado e proporcionando experiências diversas. Esses encontros oferecem ao leitor a oportunidade de questionar e refletir sobre o papel que as situações cotidianas e os relacionamentos interpessoais desempenham em nossa formação como indivíduos. Mas quem é Arya? Ela é a filha mais nova de Lorde Eddard e Lady Catelyn, irmã mais nova de Robb e Sansa, e irmã mais velha de Bran I, e Rickon Stark. Seu primo Jon Snow foi criado como seu meio-irmão bastardo durante toda sua vida, e cresceu muito próximo de Arya.

A maioria dos personagens dessa família possui grande relevância na trama de *As Crônicas de Gelo e Fogo*, em especial nos três primeiros livros. Adicionalmente, a seleção



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

desse personagem é motivada pelo fato de que ele experimenta transformações significativas ao longo da narrativa, afetando sua perspectiva e modo de pensar. A forma como ele percebe diversas questões e situações vai evoluindo com o tempo, ainda que esse processo ocorra de maneira gradual e progressiva.

Arya é a filha mais nova e terceira descendente de Catelyn e Eddard Stark, líder da Casa Stark. Seu nascimento ocorreu após o retorno de Eddard Stark da Rebelião Greyjoy, e ela foi criada em Winterfell. Desde cedo, demonstrou independência e um espírito intrépido, revelando-se uma jovem de nove anos diferente das normas convencionais. Ao contrário de sua irmã, Arya recusa a ideia de se tornar uma mulher destinada a casar-se por influência e poder, manifestando desinteresse por atividades tradicionalmente femininas, como dança, canto e costura. Em vez disso, seu interesse recai sobre lutas e exploração, surpreendendo sua tutora, Septã Mordane, e seus pais. Em Winterfell, ela é afetuosamente chamada de Arya Debaixo dos Pés.

No início da saga, Arya Stark viaja para Porto Real com seu pai, Eddard, quando ele se torna Mão do Rei. Antes de partir, seu meio-irmão Jon Snow lhe presenteia com uma espada chamada Agulha. Durante sua estadia, Arya faz amizade com Mycah, filho do carnicheiro, e os dois treinam luta com espadas. Um confronto com o príncipe Joffrey resulta na intervenção de Arya e seu lobo gigante, Nymeria, ferindo Joffrey. Para evitar a execução de Nymeria, Arya e Jory Cassel afugentam a loba. A rainha Cersei exige a execução de Lady, loba de Sansa, em retaliação. Mycah é posteriormente morto pelo "cão" de Joffrey, Sandor Clegane. Esse evento marca o início da animosidade de Arya em relação à Casa Lannister e Clegane, jurando vingança pela morte de Mycah.

Ainda em Porto Real, seu pai descobre Agulha, mas ela se recusa a dizer que foi Jon quem lhe deu o presente. Seu pai percebe que ela deve ser treinada. Arya começa a treinar com o espadachim Syrio Forel, um célebre Bravosi. Sob sua estrita, mas criativa tutela, Arya



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

aprende a lutar no estilo bravosiano com Agulha. Ela passa a maior parte de seu tempo fazendo exercícios de equilíbrio e esgrima como Forel instruiu ela. Durante um desses exercícios ela descobre uma passagem secreta no castelo, em um desses passeios secretos, Arya ouve dois homens, que pela descrição parecem ser Varys e Illyrio, falando sobre seu pai e desconfia de alg suspeito.

Pouco depois, durante o expurgo da Casa Stark da Fortaleza Vermelha, Syrio percebe que os guardas Lannister não foram enviados por seu pai como disseram, ele ataca os soldados com uma espada de treino para que Arya possa fugir. Arya saiu do castelo usando a passagem que encontrou antes, mas não podia sair da cidade já que os portões estavam fortemente vigiados.

Ela viveu nas ruas da Baixada das Pulgas, pegando pombos e ratos para trocar por comida, até o dia em que ela testemunhou a condenação pública de seu pai. Ela foi encontrada no meio da multidão por Yoren da Patrulha da Noite, que a reconhece e a salva de ver a execução de Eddard e arrasta-a de Porto Real.

Neste primeiro momento, podemos observar os primeiros baques que a personagem sofre. Com os grandes traumas, o sentimento suscitado é de justiça. Vale ressaltar que esta trama se desenrola em uma sociedade onde, assim como em nosso mundo, questões políticas e morais desempenham papéis cruciais. Contudo, isso não significa necessariamente que os habitantes desse cenário aderem a códigos morais inflexíveis. Em vários momentos de suas trajetórias, muitos personagens se veem diante de situações que demandam escolhas difíceis e, por vezes, consideradas moralmente questionáveis, em busca do que julgam ser o melhor para si mesmos ou para as causas que defendem. Diante de todos os acontecimentos, Arya cria uma lista mental com pessoas as quais ela vai em busca de justiça.

Em *A Fúria dos Reis* (2012), enquanto Arya segue em direção ao Norte arrastada por Yores, em dado momento, seu grupo é descoberto pela Irmandade Sem Bandeiras e



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

conduzidos à Estalagem do Ajoelhado. Nesse local, Arya reconhece Harwin, um ex-guarda de seu pai, que a identifica como Arya Stark. Acompanhando o grupo até o esconderijo da Irmandade, Arya reencontra Sandor Clegane, recentemente capturado, aguardando julgamento por seus atos, incluindo o suposto assassinato de Mycah. Ele sobrevive ao julgamento por combate e é libertado.

Desapontada com a Irmandade e sentindo-se isolada, Arya tenta fugir, mas é capturada novamente por Sandor Clegane, que a estava seguindo. Levada por ele até as Gêmeas, testemunham juntos a tragédia do Casamento Vermelho, sendo impedidos pelo Cão de se envolverem durante o massacre. Esse evento foi o momento em que a mãe e o irmão mais velho de Arya foram esfolados e assassinados.

Decidindo levá-la ao Ninho da Águia, governado por sua tia Lysa, eles partem para o leste. No caminho, Arya encontra um cavalo selado, que ela toma como sua montaria e batiza de Covarde. No entanto, percebem que não conseguirão chegar ao Ninho da Águia e são forçados a retornar a Correrrio para resgatar Sor Brynden Tully. Arya e Sandor, em sua jornada, param em uma pousada onde confrontam indivíduos da lista de justiça de Arya. Uma briga se desencadeia, resultando na morte de Polliver e Cócegas, enquanto Arya esfaqueia um escudeiro. Posteriormente, Arya e Sandor vão para Salinas, mas a saúde de Sandor deteriora, levando-o a cair do cavalo. Arya decide deixá-lo morrer ao invés de matá-lo rapidamente. Em Salinas, ela vende seu cavalo e, usando uma moeda e uma frase dadas por Jaqen H'ghar, garante passagem em um navio para Bravos chamado Filha de Titã.

Neste segmento, a personagem passa por diversas mudanças de ambiente, além de desafios físicos e mentais, visto que está a milhares de quilômetros de sua família e sua última memória com eles foi a execução brutal de seu pai em praça pública. Aqui o leitor já se encontra envolvido e disposto a acompanhar Arya em sua próxima jornada.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Em *O Festim dos Corvos* (2012), durante a viagem para Bravos a bordo da Filha do Titã, Arya adota o nome de Salgada. Muitos marinheiros, incluindo o Capitão Ternesio Terys, pedem a ela que aprenda e se lembre de seus nomes, demonstrando certo temor. O capitão instrui seu filho mais velho, Yorko, a levá-la para a costa antes da chegada dos clientes ao navio. O filho do capitão, compartilha com Arya uma fascinante história de Bravos, descrevendo uma cidade que reverencia todos os deuses, inclusive os Sete, dos quais ele acredita que Arya seja devota. Isolada em seus pensamentos, Arya pondera se esses deuses são de sua mãe, Catelyn, e se os Sete permitiram que o trágico assassinato dela. A hesitação a impediu de questionar sobre os velhos deuses, considerando que uma garota de Salinas poderia saber sobre essas divindades.

Num momento introspectivo, Arya reflete sobre a morte de sua família e as tragédias, afirmando que os velhos deuses estão mortos. Recorda-se das palavras de seu pai, Ned Stark, sobre o lobo solitário e a alcateia, percebendo uma interpretação equivocada. Arya, a loba solitária, sobreviveu, mas os lobos da alcateia foram capturados, mortos e esfolados. O peso dessas memórias perdura enquanto a jornada para Bravos continua.

À frente da Casa do Preto e Branco, Arya é deixada à entrada do templo dedicado ao Deus de Muitas Faces. O ambiente, sombrio e decorado com estátuas peculiares, revela alcovas onde algumas pessoas dormem, indicando um estado entre a vida e a morte. Nesse cenário, um homem vestido com uma túnica, sua voz gentil ressoando, surge para informar a Arya que aquele é um local de tranquilidade e paz. Decidi então ficar no templo e assim começa mais uma jornada.

Durante sua estadia, ela é obrigada a abandonar sua antiga identidade e pertences, exceto Agulha, que ela esconde em um local seguro. Seu treinamento a conduz pela cidade sob a identidade de Gata dos Canais, uma menina de rua. Arya aprende segredos, relata suas descobertas para o homem bondoso e inicia o aprendizado da língua Bravosi. Após meses,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

ela mata um desertor da Patrulha da Noite chamado Dareon, e, ao acordar na manhã seguinte, descobre que está cega. Neste momento da trama, a personagem se encontra totalmente a perda e com medo, apesar disso, resolve usar a adversidade a seu favor. Enquanto menina cega em treinamento, Arya usa o disfarce de Beth, uma menina mendiga. Ela vagueia pelas ruas de Braavos, pedindo dinheiro e ouvindo informações – com isso, ela se torna melhor em mentir e em detectar a mentira dos outros.

Após sair de Bravos, Arya inicia sua jornada de volta para casa em busca de justiça. Agora, como uma assassina habilidosa e estratégica, trama matar todos de sua lista, mas em especial, Cersei Lannister, atual Rainha dos Sete Reinos. No meio de caminho, Arya reencontra Torta Quente, um amigo antigo, que lhe diz que seu irmão Jon Snow foi nomeado Rei do Norte. Sendo assim, muda seu trajeto para seu antigo lar, o Winterfell.

Com sua chegada, o que restou da família Stark comemorou com grandes forças sua volta. Apesar disso, durante toda a trajetória anteriormente citada, Os Sete Reinos passavam por uma guerra, onde alguns lutavam pelo Trono de Ferro e outros lutavam contra a escuridão do exército da noite que se aproximava do outro lado da Muralha.

Arya, depois de seus altos e baixos, aprendizados, sofrimentos, perdas, estava finalmente de volta ao seu lar e junto de sua família. Contra tudo, Arya sempre se mostrou uma justiceira contra o lado obscuro do mundo, visto que só se vingou dos que tem teoria mereciam.

Com diversos obstáculos durante sua jornada, o leitor que caminha junto com Arya, acaba se identificando com os sentimentos da personagem e sua busca por justiça em nome do amor por sua família. Nessa ótica, é possível posicionar o papel crucial da literatura no desenvolvimento humano, sendo uma experiência central que o indivíduo pode integrar ao longo de sua trajetória educacional. Neste sentido, Santos (2014, p. 54) enfatiza um aspecto fundamental:

- 1049 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A literatura, em decorrência de suas qualidades, apresenta um grande potencial formativo que, muito embora não seja um ponto de fundamental exploração, está voltado às sensibilidades humanas, muito próximas ao nosso mundo interno. Por isso, também é considerada como humanizadora.

Entendemos, a partir desse trecho, que o papel formativo da literatura não é compulsório, não sendo uma presença constante, mas sim uma oportunidade, uma capacidade potencial que pode se concretizar. A literatura tem uma forte probabilidade de se realizar, pois pode dialogar com questões essenciais e oferecer reflexões que talvez uma discussão baseada unicamente em aspectos da realidade não alcançaria.

Além disso, a literatura tem a capacidade de atingir um nível de sensibilidade humana acessível principalmente (ou de maneira mais fácil) por meio desse mundo fictício composto por personagens e situações. Esse universo abre uma gama completamente nova de pensamentos e possibilidades que podemos incorporar em nossas vidas.

E tudo isso se constitui mediante várias fantasias, elaboradas ante o confronto entre personagens ficcionais e nossas experiências de vida, alimentados por hábitos individuais, culturais e disposições sociais [...] toda ficção só é ficção [...] porque podemos sair da dinâmica da vida cotidiana. Assim, só podemos viver essa realidade paralela porque, como humanos, nós temos a capacidade de criar, abstrair, imaginar. E esse distanciamento não é aleatório. Ele tem bases construídas no cenário da obra literária com personagens e enredos, em um processo que pode nos instigar a problematizar situações, justamente porque não as conhecemos amplamente e não possuímos respostas. E, com um olhar menos viciado em respostas prontas, o que nos poderá ocorrer é uma postura aberta a descobertas. E, para isso, a literatura é um terreno fértil. (Santos, 2014, p. 60).



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A trajetória de Arya evidencia que a literatura tem a capacidade de abrir portas para conhecimentos e experiências que, sem ela, o leitor poderia não ter a chance de vivenciar. Quanto à literatura fantástica, Todorov (1975, p.16) afirma: “O conceito de fantástico se define, pois, com relação ao real e imaginário”; apresentando a ideia de que esse "fantástico" é algo que se afasta do nosso mundo, adentrando o território do imaginário e, dessa forma, expandindo as vastas e diversas possibilidades para as histórias que podem ser narradas.

Considerações finais

A evolução de Arya Stark, ao longo de sua jornada, destaca-se ao superar um pensamento inicialmente ingênuo e conservador, que compartilhava com os outros personagens ao seu redor. Essa transformação o conduz a uma moral própria, considerada por alguns como "revolucionária".

Arya salta de uma criança para uma jovem que precisa lutar para sobreviver a qualquer custo, quando, ao mesmo tempo, tem sua família brutalmente tirada de si. Sozinha, Arya cria seu senso de caráter e justiça, baseando sempre nos ensinamentos de sua casa e de seu pai.

Dessa forma, podemos afirmar que Arya experimenta não apenas uma única transformação ao longo da trama, mas sim diversas metamorfoses. Em algumas situações, suas decisões denotam maior maturidade e perspicácia, enquanto, em outros momentos, ele sucumbe a impulsos emocionais, mesmo quando suas ações indicavam uma trajetória menos propensa a comportamentos irracionais.

Sendo assim, com a leitura e análise podemos observar que o senso de justiça de Arya foi seu maior ponto de personalidade. Ao ler a trama, o leitor segue junto a personagem durante sua jornada. Com a leitura pode suscitar sentidos de justiça e ao mesmo tempo, amor,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

compaixão e lealdade, visto que todas as decisões tomadas por Arya foram em prol de sua família e de seu lar, o Norte.

Por meio dessa perspectiva, compreendemos que a leitura fantástica da obra em questão pode desempenhar um papel fundamental na formação humana, proporcionando uma experiência enriquecedora no processo de formação. Santos (2014, p. 54) destaca, de maneira crucial, que esse papel formativo da literatura não é obrigatório, mas uma possibilidade, uma potencialidade que pode se concretizar. A literatura tem a capacidade de dialogar com questões fundamentais, oferecendo reflexões que talvez não seriam alcançadas em uma discussão baseada unicamente na realidade.

Além disso, a literatura insólita atinge um nível de sensibilidade humana acessível mais facilmente por meio de seu mundo fictício. Ao ser constituída por personagens e situações imaginárias, ela abre um leque de pensamentos e potencialidades que podem enriquecer nossas vidas. Essa experiência transformadora se manifesta na jornada de Arya Stark, evidenciando que a literatura pode abrir caminhos para conhecimentos e experiências que, de outra forma, poderiam não ser acessados pelo leitor.

Referências

- ALEXANDER, Lloyd. **High Fantasy and Heroic Romance**. The Horn Book, 1971.
Disponível em: <https://www.hbook.com/story/high-fantasy-and-heroic-romance> .
Acesso em: 22 dez. 2024.
- BELLINI, Nerynei Meira Carneiro. **O caleidoscópio de José J. Veiga: narrativas do insólito**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.
- CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem de ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. 4. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

COSTA, Cristiane Moreira da. **O universo fantástico – uma experimentação para o letramento literário**. 2019. 219 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras em Rede) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2019.

FURTADO, Filipe. **A construção do fantástico na narrativa**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1980.

MARTIN, George R. R. **As crônicas de gelo e fogo**. Tradução de Jorge Candeias. São Paulo: Leya, 2011.

MARTIN, George R. R. **As Crônicas de Gelo e Fogo. A Guerra dos Tronos**. Vol. 1. São Paulo: Leya, 2012a.

MARTIN, George R. R. **As Crônicas de Gelo e Fogo. A Fúria dos Reis**. Vol. 2. São Paulo: Leya, 2012b.

MARTIN, George R. R. **As Crônicas de Gelo e Fogo. A Tempestade de Espadas**. Vol. 3. São Paulo: Leya, 2012c.

MARTIN, George R. R. **As Crônicas de Gelo e Fogo. O Festim dos Corvos**. Vol. 4. São Paulo: Leya, 2012 d.

MARTIN, George R. R. **As Crônicas de Gelo e Fogo. A Dança dos Dragões**. Vol. 5. São Paulo: Leya, 2012 e.

MARTIN, George R. *et al.* **The World of Ice & Fire: The Untold History of Westeros and the Game of Thrones**. New York: Penguin Random House Company, 2014.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7. ed. revista e atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

OLIVEIRA, Gabriel Maia de. **“O inverno está chegando”: uma análise da ideologia e das virtudes nas Crônicas de Gelo e Fogo**. 2016. 135f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

ROAS, David. **Teorías de lo fantástico**. Madrid: Arco Libros, 2001.

ROAS, David. **Exceções e outros contos fantásticos**. São Carlos: EdUFSCar, 2017.

SANTOS, Helen Regina Freire dos. **A Educação, a Literatura e o percurso de um espaço extraterritorial de possibilidades formativas**. Recife: O autor, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução Maria Clara Correa Castello. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

VAUGHT, Susan. O Custo Brutal da Redenção em Westeros. *In*: LOWDER, James (org.). **Além da muralha: explorando o universo de As crônicas de gelo e fogo, de George R. R. Martin**. São Paulo: Leya, 2015.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**REFLEXÕES SOBRE A REALIDADE POR MEIO DO FANTÁSTICO EM CONTO
ESPANHOL SOBRE A GUERRA**

Marcelo Reis da Silva (G-CLCA-UENP/CJ)
Nerynei Meira Carneiro Bellini (CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Este trabalho tem por objetivo realizar uma análise temático-formal, a partir da configuração estética das personagens do conto “El Desertor” (1982), que está inserido no livro *Cuentos del reino secreto* (1982), de José María Merino (1941), com vistas a promover reflexões leitoras sobre temas implícitos ao enredo como a realidade de um contexto bélico. Ainda, intenciona-se, aqui, inquirir sobre a sutileza da narrativa no que tange à caracterização do cenário melancólico, caótico e com um fio de esperança quanto à retomada da vida cotidiana. Uma vez que a narrativa “El desertor” causa uma hesitação, no ato da recepção, diante de fatos sobrenaturais articulados em determinados momentos do conto, podemos também elencar tal texto como uma obra que se configura como literatura fantástica. Ainda que “El desertor” ressignifique, textualmente, o cenário de guerra, ele o faz por meio da urdidura e do contraponto entre situações e aparições veristas e irreais. A Literatura do Fantástico entretece o insólito para tratar e promover reflexões sobre o real e, nesse sentido, pode ser considerada mais real que as obras realistas (Roas, 2017, p. 12). Esta análise buscará o reconhecimento da força expressiva da literatura fantástica no que concerne a reflexões profícuas sobre a vida contemporânea com seus revezes e desafios, como num contexto de guerra. Por meio do entrelaçamento estético entre realidade e sobrenatural, instaura-se o fantástico (Todorov, 1992, p. 31) e os possíveis leitores e leitoras são acometidos de um êxtase, medo e incerteza, o que lhes causa um misto de sentimentos com desfechos inesperados. Além de demonstrar, analiticamente, as características do fantástico no conto, este trabalho evidenciará as expressivas formas de contextualizar o cenário da guerra em uma dimensão ficcional, especificamente, na obra de José María Merino (1941), com foco na configuração das personagens. Considerações de “A personagem do romance” (2005), de Antonio Candido e “Operadores de leitura da narrativa” (2009), de Arnaldo Franco Júnior dão suporte teórico ao trabalho.

Palavras-chave: Conto. Guerras. Literatura hispânica. Literatura Fantástica.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Introdução

O conflito narrativo do conto “El Desertor”, que está inserido no livro *Cuentos del reino secreto* (1982), de José María Merino (1941), ocorre de forma intensa. A trama apresenta uma mulher solitária e triste que lamenta a ausência do seu marido que foi convocado para servir na guerra. À época, as pessoas eram convocadas de modo abrupto e tinham que ir sem tem opções para recusa do chamado e de imediato. O enredo traz a história de um casal de jovens, com pouco tempo de matrimônio, acometidos pela surpresa da convocação do homem. Essa situação foi avassaladora para os dois, o que permite ao leitor sentir, logo de início, o ar nostálgico de tal situação no seio de uma família recém-formada. Depara-se, então, com os elementos que compõem o escopo da literatura fantástica e começa-se a mergulhar num mundo onde leitores são envolvidos nos desfechos mais inesperados e comoventes, onde a fé mescla-se com a capacidade real de raciocinar, e adentra-se a cenas descritas e narradas pela personagem, sem saber onde a realidade termina e começa o sobrenatural. Isso porque o fato que se dá do marido abandonar a companhia militar e manter-se vivo, até determinado momento, é uma questão de fé e esperança.

Imerge-se, aqui, em observações de tamanha complexidade, já que não é possível definir, com exatidão, se o fato é real ou ilusório, mantendo-se o leitor na dúvida, ou seja, “a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados” (Todorov, 1992, p. 39), que, segundo esse teórico, é a condição *sine qua non*, (sem a qual não) para a instauração e permanência do fantástico literário, ou seja, sem essas condições não é possível que o insólito de fato aconteça dentro do texto fantástico.

Todorov (1992, p. 31) assim define essa modalidade literária: “O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural”. Existe uma peculiaridade na observância do fantástico como



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

estratégia leitora para fruição estética e reflexões sobre a vida real, ou seja, o aprofundamento do leitor no contexto da história, na vida das personagens. Esse envolvimento é crucial para que haja uma experiência de leitura intensa e produtiva, ao contrário de superficial e sem comprometimento com os significados subliminares ao enredo.

Em “El desertor” (1982) é por meio da urdidura e configuração ficcional do real e irreal que se desenrola a inquietante história de uma mulher solitária que experimenta física, psíquica e emocionalmente a devastação e as perdas que a guerra pode causar em pessoas, famílias e, inclusive, em sociedades inteiras. Nesse viés, retoma-se a assertiva de David Roas (2017, p.12): “o fantástico é o gênero mais realista que existe, porque seu objetivo é questionar a realidade e indagar as obscuras regiões ocultas por trás do cotidiano”.

As considerações dos autores que embasam este trabalho, ou seja, Todorov (1992), Rodrigues (1988), Roas (2017), dentre outros, revelam que existem três pontos básicos para uma configuração dos elementos fantásticos no texto literário, ou seja, imbricação do empirismo com o fantasioso, o irreal no cotidiano, a projeção de efeitos no leitor.

A metodologia de investigação consiste em pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, e utiliza, principalmente, o método hipotético-dedutivo (Oliveira, 2016, p. 37-51). Por isso, são estudados artigos científicos, *podcasts*, vídeos, livros e dissertações que abordem os temas a serem tratados: estudo de personagem, estudo sobre o gênero Literatura Fantástica, e reflexões sobre a guerra em países hispânicos. Para tanto, serão lidos os textos: “A personagem do romance” (1976), de Antonio Candido; *Introdução à Literatura Fantástica* (1992), de Tzvetan Todorov, *Exceções e outros contos fantásticos*, de David Roas (2017), “Operadores de leitura da narrativa” (2009), de Arnaldo Franco Júnior, dentre outros que se fizerem necessários no decorrer da pesquisa.

Como resultado pretende-se demonstrar as especificidades estéticas acerca da modalidade literatura fantástica, promovendo discussões significativas sobre o assunto.

- 1057 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Ainda, deseja-se, com este trabalho, possibilitar fruição leitora e reflexões importantes sobre as causas, vivências e consequências da guerra. Esse é um tema doloroso, preocupante e, lamentavelmente, muito frequente nos dias de hoje, e, por isso mesmo, levantar questões sobre ele, torna-se premente. Por fim, espera-se demonstrar que, por meio dos estudos da literatura, também é possível criar reflexões sobre um tema tão chocante.

Mas o que é O Fantástico?

A propósito da etimologia do termo fantástico, a Professora Dra. Selma Calasans Rodrigues (1988, p. 9), em sua obra *O Fantástico*, assim explica:

O termo fantástico (do latim *phantasticu*, por sua vez do grego *phantastikós*, os dois oriundos de *phantasia*) refere-se ao que é criado pela imaginação, o que não existe na realidade, o imaginário, o fabuloso. Aplica-se, portanto, melhor a um fenômeno de caráter artístico, como é a literatura, cujo universo é sempre ficcional por excelência, por mais que se queira aproximá-la do real (Rodrigues, 1988, p. 9).

Todorov, em sua principal obra sobre o assunto, *Introdução à Literatura Fantástica* (1992), explica que o fantástico deve ser entendido, compreendido e evidenciado como um gênero literário.

No entanto, para Todorov, a narrativa fantástica é baseada então na interrupção, em um mundo, que é representado como real, de acontecimentos que não podem ser explicados pelas leis racionais. Nesse instante, é gerado o sentimento de dúvida na mente do leitor, dúvida essa que é uma das três principais condições que compõem o insólito.

Essa dúvida caminha juntamente com a hesitação, questionando se de fato, a fantasia sobressai ou não à racionalidade, e, para que isso aconteça de forma plena na ficção,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

é preciso que haja a conexão do leitor com o mundo fictício das personagens, enxergando-as como se fossem pessoas reais vivendo num universo paralelo dentro da história ficcional. Isso é encantador, é mágico, pois, apesar de o fantástico estar relacionado ao irreal e ao sobrenatural, não podemos afirmar que não tenha nenhuma relação com o mundo real. A ambiguidade da narrativa fantástica envolve o leitor de tal maneira que o faz oscilar entre uma explicação pautada no verismo ou na fantasia.

Podemos afirmar, de modo geral, que o texto literário, e se inclui nessa gama de gêneros o fantástico, é a mais pura representação do mundo real, da nossa realidade (culturalmente construída) aquela vivenciamos todos os dias, porque a literatura não nasceu do nada, pelo contrário, surgiu a partir do mundo empírico.

Todorov também afirma que a expressão “literatura fantástica” se refere a um gênero literário que ocorre na incerteza se o que está sendo lido trata-se de uma ilusão dos sentidos e as leis do mundo continuam a ser o que são; ou, então, o acontecimento realmente ocorreu e integra uma realidade regida por leis desconhecidas para nós.

Toda essa discussão, que foi gerada em torno de conceitos, fez com que muitos estudiosos da área tentassem uma definição mais assertiva sobre esse gênero literário sem, contudo, tê-la como única. Todorov, inclusive, adverte que, embora sistematize os traços estruturais e conceitue o fantástico, é preciso ter em mente que essa ficção está em constante processo de transformação e que ganha novas formas e, por isso, com o tempo, novos estudos fazem-se necessários.

Dentre as muitas mudanças, as variações do pensamento crítico, as diversas teorias, as pesquisas nos apontam características em comum sobre o desenvolvimento e as principais características do fantástico nas obras: a fusão do real e do irreal; a presença do sobrenatural no cotidiano; a evocação de emoções no leitor por meio de fatos sobrenaturais.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Motes originários da literatura fantástica

Antes de mais nada é preciso explicar um pouco sobre os motivos iniciais da literatura fantástica para que este trabalho ganhe clareza. A literatura fantástica diz respeito a um gênero literário no qual todos os elementos narrativos, inclusive as ações do enredo, são caracterizados por seres ou eventos que ultrapassam o real, ou ainda, por circunstâncias ou personagens sobrenaturais que se mesclam à realidade.

Na sua origem, a literatura fantástica buscava explorar e evidenciar o medo através de monstros, fantasmas, assombrações, entre outros, para causar “espanto” no leitor. Essa modalidade primava por acontecimentos surpreendentes, assustadores e emocionantes. Já em contrapartida, ao longo do último século, observa-se que o gênero fantástico vem sofrendo várias mudanças na sua composição estrutural, especialmente, no desenvolvimento do enredo. No decorrer desse processo, muitos estudiosos literários tomaram a literatura fantástica como objeto de estudo, aprofundando-se e criando teorias, desenvolvendo materiais ricos para o complemento de trabalhos, além de estar proporcionando diferentes definições da literatura fantástica ao longo dos anos, elevando esse conceito literário a outro patamar, abraçando e encantando leitores assíduos ao redor do mundo.

O surgimento da Literatura Fantástica e sua ascensão pelo mundo

Alguns escritores como Marcel Schneider (1964), Louis Vax (1970) e Emir Rodríguez Monegal (1980) acreditavam que nos primórdios toda literatura era fantástica. Esses estudiosos fazem parte de uma veia de escritores que tratavam o fantástico com uma abordagem *latu senso*, ou seja, consideravam que, antes do realismo “puro” do século XIX, os textos não possuíam nenhum tipo de compromisso em narrar histórias reais, sendo assim,

- 1060 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

a maneira mais antiga de se contar e narrar histórias era a forma fantástica.

No entanto, uma grande parte de especialistas da literatura fantástica, senão a maioria dos estudiosos, como Roger Caillois (1967), Tzvetan Todorov (1970), Joseph Restinger (1973), têm a mesma visão quanto ao fato do fantástico ter surgido entre os séculos XVIII e XIX. Essa teoria adota uma perspectiva *strictu senso*, pois, aprofunda os estudos do fantástico em suas especificações e, ainda, é criada a partir da não aceitação do pensamento teológico medieval.

A literatura fantástica só teve sua ascensão e disseminação principalmente no quesito de produção e desenvolvimento na América Latina por volta dos anos de 1940, por meio das produções literárias e textos críticos do escritor argentino Jorge Luis Borges, que fez a publicação da *História universal da infâmia*, no ano de 1935.

No Brasil, Machado de Assis desenvolveu elementos fantásticos em seu livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em 1881. Mesmo Machado de Assis sendo considerado um escritor um realista pelos críticos literários, quando ele deu vazão à ideia de ter um morto como autor de seu livro, ultrapassou todos os sentidos da sanidade realista, fugindo totalmente da lógica do mundo real na representação que fez em sua obra literária. É justamente o que ocorre com a caracterização do personagem Brás Cubas no qual Machado de Assis cravou a dúvida, a hesitação como sentido subjacente à descrição de um lugar representado como uma realidade no século XIX.

Todavia, a literatura fantástica foi disseminada de forma mais ampla no Brasil a partir do século XX, com os escritores Murilo Rubião, Moacyr Scliar e José J. Veiga, publicando muitas obras nesse gênero. A partir deste momento, no mundo literário brasileiro, as publicações buscavam utilizar elementos sobrenaturais no cotidiano das personagens, como o combustível para fomentar a busca por leitores que se iriam adaptar a esse tipo de conteúdo e forma literária.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

No contexto latino-americano, não podemos deixar de mencionar Gabriel García Márquez, que ganhou o Prêmio Nobel de literatura com sua grande obra *Cem anos de solidão*, ovacionada por leitores, escritores, acadêmicos, jornais e revistas especializadas do mundo todo, além de Isabel Allende, Julio Cortázar e Bioy Casares, dentre outros, como grandes nomes da Literatura fantástica na América do Sul.

Temos na América do Norte os destaques americanos de autores, como, H. P. Lovecraft e o pai das histórias de terror Edgar Allan Poe, na América Central, entre muitos, o grandioso mexicano Juan Rulfo e o cubano Alejo Carpentier.

Na Europa, os grandes nomes da literatura fantástica são J. R. R. Tolkien, José Saramago, Franz Kafka, C. S. Lewis, Hans Christian Andersen, Lewis Carroll, Antoine Saint-Exupéry, em meio a muitos autores da atualidade, como, Angela Carter, José María Merino, Patricia Esteban Erlés, etc.

Análise do fantástico em “El desertor”: conceitos teóricos e características formais

A presença do fantástico em "El Desertor" pode ser percebida em diversos momentos do conto. A atmosfera surreal e perturbadora criada por José María Merino é um dos principais aspectos que denotam a presença do fantástico. Em primeiro lugar, a transformação do ambiente ao redor do protagonista, que passa de um cenário de guerra para um mundo estranho e fora da lógica, é um elemento fantástico que desafia a compreensão do leitor. Além disso, as interações do protagonista com os personagens misteriosos e insólitos que encontram nesse mundo alternativo criam uma sensação de estranheza e incerteza, típicas do gênero fantástico.

A quebra das leis naturais e a distorção do tempo e do espaço também contribuem para a presença do fantástico no conto. A sensação de deslocamento e perplexidade do



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

protagonista diante desses elementos reforçam a atmosfera onírica e sobrenatural da narrativa. Temos também a presença contínua da dúvida instaurada no texto, que podemos ver claramente estampada na esposa do Desertor, que, por várias vezes, vive o impasse sobre o regresso do marido à casa e sobre até mesmo ele estar vivo, preso ou onde andaria, já que a dúvida é um elemento marcante no fantástico.

No conto "El Desertor", o fantástico manifesta-se de forma sutil, quase imperceptível no início da narrativa. A história começa de maneira sentimentalista e exitosa, com a volta do marido para a casa, no qual havia abandonado o campo de batalha, sem se saber como e de que forma ele estava ali, já que a guerra ainda acontecia. Essas incertezas perpassam a mente da personagem feminina, na qual é a companheira do soldado. Por isso, numa noite, ela vislumbra uma sombra à porta de sua casa: "El amor es algo muy especial. Por eso, cuando vio la sombra junto a la puerta, a la claridad de la luna que, precisamente por su escasa luz, le daba una apariencia de gran borrón plano y ominoso, no tuvo ningún miedo. Supo que él había regresado a casa." (Merino, 1982, s.p.).

O contexto sugerido é da guerra civil espanhola, mas à medida que o enredo se desenrola, elementos sobrenaturais começam a se insinuar. A protagonista do conto, a mulher do soldado desertor, depara-se com situações que desafiam as leis da lógica, como encontros com figuras misteriosas e eventos inexplicáveis. Esses elementos criam um clima de mistério e estranheza, deixando o leitor em dúvida sobre o que é real e o que é imaginário.

A visão de Selma Calasans Rodrigues (1988) sobre o fantástico baseia-se na ideia de que esse gênero literário permite o questionamento das fronteiras entre o real e o imaginário. Ela explora a noção de que o fantástico é uma forma de expressão que desafia as convenções da realidade, convidando os leitores a repensar suas percepções sobre o mundo ao seu redor, que segundo Rodrigues (1988, p. 11) é quando



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

[...] o texto oferece um diálogo entre razão e desrazão, mostra o homem circunscrito à sua própria racionalidade, admitindo o mistério, entretanto, e com ele se debatendo. Essa hesitação que está no discurso narrativo contamina o leitor, que permanecerá, entretanto, com a sensação do fantástico predominante sobre as explicações objetivas. A literatura, nesse caso, se nutre desse frágil equilíbrio que balança em favor do inverossímil e acentua-lhe a ambiguidade. (Rodrigues, 1988, p.11).

A estudiosa enfatiza a importância do estranhamento e da ambiguidade como elementos essenciais do fantástico, destacando como essas características permitem a criação de narrativas que desafiam as expectativas e convidam à reflexão sobre o desconhecido: os atores se encontram integrados num universo de ficção total onde o verossímil se assimila ao inverossímil numa completa coerência narrativa, criando o que se poderia chamar de uma verossimilhança interna. (Rodrigues, 1988, p.13).

Assim, temos duas partes essenciais na criação do fantástico, e a criação de um contexto onde se pode trabalhar de uma forma mais clara a construção das narrativas sobre o desconhecido e a compreensão textual, que mesmo com essa ambiguidade e estranheza, cria-se um nexos nesse universo ficcional do Fantástico.

Além disso, Selma (1988) destaca a capacidade do fantástico de abrir espaço para a exploração de temas complexos e profundos, oferecendo um terreno fértil para a investigação de questões existenciais e filosóficas. Em resumo, Calasans Rodrigues (1988) entende o fantástico como um gênero rico e provocativo, capaz de transcender as limitações da realidade e instigar a imaginação dos leitores.

O cenário de guerra que encontramos no conto “El Desertor” pode ser entendido como um elemento que cria o ambiente de tensão e desespero no qual ocorre a transformação fantástica que conduz a narrativa. A guerra, comumente associada a caos, perigo e extremo estresse emocional, é potencializada na situação surreal vivenciada pelos protagonistas: o soldado e sua esposa.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Nesse contexto ficcional, a guerra amplifica a sensação de desorientação e desespero dos protagonistas, tornando a transição para a dimensão fantástica ainda mais impactante. A realidade brutal da guerra funciona como uma espécie de contraponto à estranheza e irrealidade do mundo alternativo no qual os personagens se envolvem ou criam.

Além disso, a presença da guerra no conto também contribui para criar um ambiente de opressão e desumanização, que contrasta com a liberdade e os enigmas da dimensão fantástica. A dualidade entre a brutalidade da guerra e a estranheza do mundo alternativo acrescenta complexidade à narrativa e permite uma reflexão mais profunda sobre as consequências psicológicas e emocionais do conflito.

Dessa forma, a contextualização do cenário de guerra em uma dimensão ficcional no conto "El Desertor" enfatiza a intensidade da experiência vivida pelos protagonistas, tanto em termos emocionais quanto de percepção da realidade, criando um contraste impactante que enriquece a narrativa. Como resultado, alude a questões sociais, políticas e existenciais profundas, como a natureza da guerra, a solidão, a loucura, oferecendo uma perspectiva intrigante e multidimensional aos leitores.

Fantástico enquanto gênero narrativo e a construção das personagens

Um dos grandes questionamentos de Todorov em seu livro *Introdução à narrativa fantástica* (1992) é se existiam de fato a sistematização de muitos gêneros literários, já que, naquele período, não era tão difundido essa concepção de multiplicidade de gêneros como é realizado nos dias de hoje. Lembrando ainda que existem os cruzamentos de alguns gêneros literários em um mesmo conteúdo/livro, mostrando que essa polivalência ou miscigenação de gêneros também é muito válida e enriquecedora, pois, eles habitam e transitam no escopo da literatura.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Segundo Todorov (1992, p. 7), a importância de se estudar as características literárias de uma obra é porque: “Não reconhecer a existência de gêneros equivale a supor que a obra literária não mantém relações com as obras já existentes. Os gêneros são precisamente essas escalas através das quais a obra se relaciona com o universo da literatura.”

Todo gênero vai se moldando, sendo construído e formando-se por obras, trabalhos e autores canônicos. Com isso, cria-se seu próprio nicho, sua própria história vai sendo tecida, originando-se do entrelaçamento dos fragmentos mais importantes e preponderantes que se cruzam no caminho da criação.

Na constituição do fantástico enquanto um gênero, Todorov o definiu e elencou três pontos básicos como características para essa identificação: Hesitação, Ambiguidade e a Dúvida. Encontramos, muitas vezes, essas características em obras do passado e no presente, o que torna plausível o efeito da ambiguidade em narrativas do fantástico. A hesitação em determinados atos que determinam, muitas vezes, o que pode ocorrer no desfecho da história, a ambiguidade das palavras e sentidos que as personagens utilizam durante suas falas ou ações que, conseqüentemente, geram a dúvida, essa dúvida que corrói, instiga e faz com que a leitura seja ainda mais cativante e envolvente. São três pontos que instigam os sentidos dos leitores que sentem a necessidade de consumir mais e mais as histórias até o seu grande desfecho. O efeito do fantástico mantém uma oscilação de elementos narrativos, do estranho ao maravilhoso, até o final da história. Segundo Todorov (1992, p. 15):

O âmago do Fantástico decorre do momento em que somos transportados para um mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das suas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso está realidade é regida por leis desconhecidas para nós.

O “quase cheguei a acreditar”, o “pensei que fosse verdade” ou o “talvez”, é uma das marcas da fórmula do fantástico puro, que também implica uma integração do leitor com o personagem protagonista da obra, durante o andamento da narrativa. Nessa condição, ocorre a percepção da ambiguidade dos fatos que sucedem ao longo da história. Levando em consideração que essa percepção deve permanecer junto com o protagonista da narrativa e do leitor em potencial, já que essa troca ocorre de maneira espontânea no decorrer da história. A dúvida deve perpassar cada parágrafo na mente do leitor, que questiona se de fato tais acontecimentos estão ocorrendo ou não, e para aqueles que enxergam essa complexidade na escrita, para os autores e leitores mais sagazes, é mágico.

Segundo Todorov (1992) existem três condições para a ocorrência do fantástico na produção literária. Quanto à primeira condição, o teórico (1992, p. 38) afirma que: “é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados.”

O conto em pauta constrói a ambiguidade a partir de indagações sobre as sensações do personagem, no caso, como o desertor estaria se sentindo em relação a sua convocação para a guerra. Talvez angústias o afligissem, pois, indo à guerra, poderia não voltar mais para o aconchego de sua esposa e seu lar. A hesitação também é sugerida nos encontros entre o desertor e sua mulher na calada da noite, gerando dúvidas quanto à veracidade da situação ou tratar-se de um devaneio movido pelo desejo intenso da esposa de ter seu marido de volta.

Quanto à segunda condição apontada pelo teórico Todorov (1992, p. 39), sabe-se que a hesitação, muitas vezes, é reforçada na obra fantástica por meio das inquirições



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

suscitadas na personagem, pois:

[...] esta hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem; desta forma o papel do leitor é, por assim dizer, confiado a uma personagem e ao mesmo tempo a hesitação encontra-se representada, torna-se um dos temas da obra; no caso de uma leitura ingênua, o leitor real se identifica com a personagem.

Em “El Desertor”, podemos nitidamente perceber a hesitação da esposa em trechos que são de suma importância na história. No momento em que ela titubeia ao ver uma sombra na porta da sua casa, se era seu esposo regressando ou não. Em outra ocasião, quanto os dias já não lhe eram animados, com tom de cinza no ar (conforme relato do narrador) e alguns prisioneiros passam na rua e a mulher vê, num lampejo, o rosto de seu marido todo sujo, mas, fixando os olhos, conclui que se trata de um refém inimigo. Nesses episódios, percebemos a realidade da guerra sendo problematizada na ficção, especificamente, pela hesitação construída por meio da verossimilhança do fantástico.

A terceira condição, que foi identificada por Todorov (1992, p. 39), aponta que na configuração formal do fantástico: “[...] é importante que o leitor adote uma certa atitude para com o texto: ele recusará tanto a interpretação alegórica quanto a interpretação poética.” Ainda, segundo Todorov (1992, p. 39): “[...] essas três exigências não têm valor igual. A primeira e a terceira constituem verdadeiramente o gênero, a segunda pode não ser satisfeita.”

No conto “El Desertor” a identificação do leitor com as inquietações dos personagens acontece, pois é como se o leitor fosse transportado a um universo paralelo, onde o mundo real e o mundo imaginário se entrelaçam de maneira sutil por conta da verossimilhança presente. Isso nos faz viajar pelas entrelinhas, criando cenas e situações em nossas cabeças, nos dando uma sensação de estar inserido no contexto da história ao ler. É o



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

tipo de presença que nos leva ao questionamento sobre o que é possível e o que é apenas fruto da imaginação, e isso é simplesmente esplêndido.

Na literatura fantástica, essa hesitação é o cerne da trama, mantendo a atmosfera carregada de suspense e mistério. O leitor é constantemente levado a questionar se o que está acontecendo é puramente real ou se há elementos sobrenaturais em jogo. Essa ambiguidade entre o natural e o sobrenatural cria uma aura de inquietação e desafio à compreensão convencional da realidade, tornando a literatura fantástica um território fértil para explorar os limites da percepção e da causalidade, o que se torna fascinante.

Enfatiza, ainda, a importância da representação psicológica das personagens em romances, pois acredita que a profundidade psicológica contribui significativamente para a compreensão e a identificação do leitor com as personagens. Segundo Candido (2005, p. 54): “Não espanta [...] que a personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor.” Ele enfatiza que a verossimilhança psicológica das personagens é crucial para o sucesso de um romance, pois permite que os leitores se identifiquem e se conectem emocionalmente com as experiências das personagens, principalmente quando são bem estruturados dentro do romance ou texto. Verossimilhança = “Sentimento de verdade” (Candido, 2005, p. 55).

Candido também abre discussão sobre a complexidade das motivações, emoções e o desenvolvimento das personagens ao longo das narrativas, dando ênfase à importância de representar as nuances da vida interior das personagens. Ele ressalta que a representação psicológica autêntica pode transformar e enriquecer a leitura, tornando as personagens mais humanas e reais para quem lê. De forma mais clara, essa alusão ao mundo real de forma detalhada e marcante, abrange com certa firmeza essa presença em nosso meio durante a leitura, como se fôssemos conduzidos por uma força motriz para dentro do contexto devido à



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

verossimilhança narrativa, que gera motivações e emoções que nos prendem com grande entusiasmo. Candido (2005, p. 55) explana que:

A personagem é um ser fictício, - expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre esse paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.

Para Candido a ficção pode ser elaborada através da relação entre o mundo real e o mundo da fantasia literária, já que a personagem necessita veementemente de algo para se estruturar e se fundamentar, buscando sempre um ponto central no que é realista, trazendo assim, essa paridade com a vida e a ficção, num efeito sugestivo de identificação do ficcional no real. Ainda que a personagem tenha que ser real, ela também deve alcançar os termos fictícios capazes de manifestar diversas existências essenciais até mesmo dentro de um mundo de ideias. A propósito, Candido (2005, p. 66) afirma:

No romance o sentimento da realidade é devido a fatores diferentes da mera adesão ao real, embora este possa ser, e efetivamente é, um dos seus elementos. [...] Na verdade, enquanto na existência quotidiana nós quase nunca sabemos as causas, os motivos profundos da ação, dos seres, no romance estes nos são desvendados pelo romancista, cuja função básica é, justamente, estabelecer e ilustrar o jogo das causas, descendo a profundidades reveladoras do espírito.

Em resumo, o pensamento de Candido sobre a representação psicológica das personagens destaca a necessidade de construir personagens que sejam verossímeis e que



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

possuam uma rica vida interior, a fim de enriquecer a experiência de leitura e a compreensão da complexidade humana. Como por exemplo, esses dois trechos, um de hesitação onde a esposa titubeia com a imagem borrada na porta de sua casa, se de fato é seu marido que regressou da guerra, e o outro trecho de profundo sofrimento da esposa ao ler as cartas do marido no campo de batalha:

[...] El amor es algo muy especial. Por eso, cuando vio la sombra junto a la puerta, a la claridad de la luna que, precisamente por su escasa luz, le daba una apariencia de gran borrón plano y ominoso, no tuvo ningún miedo. Supo que él había regresado a casa. (Merino, 1982, s.p.).

Aqui, há uma exemplificação plena desse sentimento que fica cada vez mais nítido através das linhas do conto. A verossimilhança conduz o leitor a um mergulho direto nas dores que os personagens sentem, e não tem como ler e não se compadecer com tal situação, a menos que se possa os olhos por esse trecho sem sentir o mínimo de condolência pela situação narrada.

La vida conyugal había durado apenas cinco meses cuando estalló la guerra. Le reclamaron, y ella fue conociendo entre líneas, en aquellas cartas breves y llenas de tachaduras, las vicisitudes del frente. Pero las cartas, que al principio hacían referencia, aunque confusa, a los sucesos y a los parajes, fueron ciñéndose cada vez más a la crónica simple de la nostalgia, de los deseos de regreso. Venían ya sin tachaduras y estaban saturadas de una añoranza tan descarnadamente relatada, que a ella le hacían llorar siempre que las leía. (Merino, 1982, s.p.).

A simbologia em “El Desertor” trava-se, esteticamente, no contexto de uma guerra e suas consequências, como: a busca incessante pela paz, a esperança de dias melhores, a fé que é gerada, o sonho de ter o seu lar restituído, nos leva a refletir sobre a importância de se ter algo em que nos centramos, ter sensatez na busca pela felicidade e de que tudo é possível

- 1071 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

acontecer. A propósito, José María Merino (1982, s.p.) afirmou o seguinte:

El cuento, la narración, la ficción, es fundamental para hacernos con el mundo. En definitiva, es el símbolo; los seres humanos nos hemos apropiado del mundo a través de los símbolos. Cuando prevalecen los malos símbolos, en el nombre de los cuales la gente mata a su prójimo, horrible. Pero todo, los cuentos, las ficciones, las historias, están hechos de elementos simbólicos. Si los seres humanos perdiésemos los símbolos, volveríamos al mono.

A literatura do fantástico promove a apropriação do mundo por meio dos símbolos, gerando em nós empatia por pessoas e situações que nunca experimentamos ou pensamos. Além disso, desenvolve em nós uma humanidade mais ampla e profunda, inclusive, desperta-nos o sentimento de compaixão:

A ella, de pronto, la visión de aquellos soldados maltrechos le trajo a la mente la imaginación de su propio marido, acaso en esos momentos, también acarreado en algún camión embarrado, encogido bajo un pardo capote. Hasta creyó reconocer en varios rostros el rostro querido, sumida en una súbita confusión que la llenó de angustia. (Merino, 1982, s.p.).

A magnitude da assimilação da obra com a realidade é esplêndida, o choque de realidade do nosso mundo com a ficção é o que torna a literatura fantástica incrível, já que a ambiguidade é o recurso que promove reflexões. Por meio da leitura de texto com qualidade, ou seja, uma narrativa convincente e empolgante, com personagens tão reais quanto nós mesmos, firmados num enredo tão bem estruturado, o insólito passa a ser instigante e questionador.

Depois de todas essas conceituações das teorias do fantástico, enxergamos mais nitidamente as nuances formais ao abordarmos os elementos narrativos do fantástico no conto “El Desertor”, de José María Merino. O escritor, com tal maestria, alinhou os

- 1072 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

componentes de sua obra de tal modo que, ao lermos as conceituações e entendermos como se dá as proposições de uma obra literária, percebemos que tudo é criado e entrelaçado com uma sutileza incrível. Podemos enxergar como o processo de criação de um conto ou um livro é amplamente afetado por esse modo de desenvolvimento da escrita, amarrando todos os elementos em único contexto, com o intuito de gerar os sentimentos mais profundos nos leitores.

Percebemos que, minuciosamente, “as peças do quebra-cabeças” são montadas durante a leitura de “El Desertor”. Especialmente quando se realiza uma análise temático-formal da narrativa e se conhece os elementos que constituem o gênero fantástico, percebemos a capacidade e a astúcia de Merino em produzir uma obra que envolve e emociona o leitor.

Considerações finais

Em se tratando de textos onde a história conduz graciosamente o leitor a ter essa percepção de mundo e de contexto, podemos considerar que José María Merino gerou, com êxito, grande hesitação nos leitores. Uma vez que a articulação ficcional do fantástico cria dúvidas nos personagens e, conseqüentemente, instaura a ambigüidade constituída no decorrer na história, confirmando, assim, os traços formais desse gênero. Por isso, “El Desertor” pode ser considerado um conto ímpar do gênero fantástico. Nele, os leitores se envolvem desde o início nas questões sociais, políticas e sentimentais do casal diante da obrigatoriedade ao marido em participar de uma guerra e deixar a esposa sozinha, desfazendo-se uma família recém-construída. Isso gera uma profunda consternação no leitor, que é influenciado pela sensação melancólica da esposa do começo ao fim. Então, embarcamos nas hesitações, dúvidas e mergulhamos, portanto, nessa ambigüidade tensa,

- 1073 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

misteriosa e contínua sobre o desfecho real desse conto.

Traços marcantes de um mestre na escrita que nos concede o privilégio de consumir tal obra, que é capaz de nos transportar para dentro de um contexto tão detalhista em atos e sentimentos, especialmente na imersão da solidão e do medo, uma mistura perturbadora que nos envolve enquanto leitores. Por isso, chegamos a nos questionar sobre as condições da natureza humana, já que toda a ambientação e a construção dos personagens possuem elementos muito marcantes para o efeito de ambiguidade. Em vários momentos nos perguntamos se de fato isso foi uma representação calcada no real ou somente uma narração absurdamente “Fantástica”.

Este é o convite que “El Desertor” faz a nós leitores, ou seja, conduz-nos a mergulhar de cabeça nesse universo intrigante, cheio de simbolismos e uma história cheia de mistério em terras espanholas. Ainda, propicia uma reflexão sobre o que de fato é real e o que é ficcional, já que nossa mente é capaz de criar diversas situações/ilusões estressantes, diante do medo e da incerteza que nos carregam através de mundos que nunca antes havíamos visitado.

Para complementar essas reflexões, recuperamos uma frase de José María Merino (2010) que exemplifica perfeitamente essa dimensão do poder da escrita e, ainda, coaduna com nossa linha de raciocínio: “Yo creo que el símbolo y la ficción, las palabras, son las que nos han hecho *homo sapiens*. Si perdemos las palabras, perdemos nuestra condición, de eso estoy convencido.”

Essa é a magia da leitura, isto é, introduzir o leitor no contexto da história e, ao mesmo tempo, levá-lo a perscrutar a mente dos personagens, na tentativa de desvendar as inenarráveis partículas de pensamentos e sensações incutidas nas entrelinhas de uma obra. Por fim, a narrativa fantástica faz o leitor se emocionar a cada momento da trama até o desfecho da história. Ainda, o faz caminhar junto com as hesitações, ambiguidades e dúvidas



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

do que seja real e irreal no mundo da literatura. Isso é “FANTÁSTICO”!

Referências

- CANDIDO, Antonio. “A personagem do romance”. In: CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem da ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 53-80.
- FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. “Operadores de leitura da narrativa”. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3.ed. Maringá: EDUEM, 2009. p. 33-58.
- MERINO, José María. “El Desertor”. In: **Cuentos del reino secreto**. Madrid: Alfaguara. 1982. Disponível em: <https://narrativabreve.com/2013/12/cuento-breve-jose-maria-merino-desertor.html>. Acesso em: 02 set. 2023.
- MERINO, José María. Unos Escriben Dossier José María Merino. In: **Otrolunes**. Revista Hispanoamericana de Cultura. Nº 11. Año IV. Enero 2010. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/438265092/Coletanea-Jorge-Maria-Merino> Acesso em: 03 dez. 2023.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- ROAS, David. **Exceções e outros contos fantásticos**. São Carlos: EduFSCar, 2017.
- RODRIGUES, Selma Calasans. **O Fantástico**. São Paulo: Ática, 1988.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO (1594): UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA EM
SALA DE AULA**

Nívea Schiramm Costa (G-CLCA-UENP/CJ)
Mônica de Aguiar Moreira Garbelini (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)
Luiz Antonio Xavier Dias (Coorientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: O presente trabalho apresenta uma sequência metodológica referente à aplicabilidade de textos literários em sala de aula, partindo da sequência expandida de Rildo Cosson (2006) que se pauta no letramento literário. Esta é uma prática que defende a importância do hábito da leitura na vida dos alunos, bem como sua constância, para que assim, as interpretações soberanas dos estudantes sejam correlatas com o saber. Essa metodologia é composta de quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. Para Cosson (2006), a literatura corresponde a uma necessidade humana universal, pois é através dela que passamos a transformar nossa personalidade de forma a transfigurar o nosso senso crítico em relação ao mundo em que vivemos e os problemas que nos rodeiam desde os primórdios da sociedade. Para tanto, usaremos a obra ‘Sonho de Uma Noite de Verão’ (1594) de William Shakespeare, que fala de amor, ódio, disputas familiares, convergências e dissonâncias e a partir da fundamentação de Cosson (2006) será proposta uma sequência expandida com a obra shakespeariana.

Palavras-chave: Sequência metodológica, Textos Literários, Rildo Cosson, Sonho de Uma Noite de Verão.

Introdução

No Brasil, o processo educacional começa por volta de 1549 quando os primeiros padres jesuítas chegam em solo brasileiro e iniciam as instruções e catequização. Desde então os estudos acerca do ensino e suas aplicabilidades cresceram, fazendo com que surgisse discussões e novas ideias para que o aprendizado ocorresse da melhor forma.

Atualmente, a educação, bem como o acesso aos livros e os seus pressupostos de coruptibilidade, são garantia de todos, tendo previsão no Art. 205 da Constituição Federal,

- 1076 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

tal previsão, acabou, finalmente, por fazer com que o acesso às escolas (mesmo que ainda não totalmente) fossem ocupados em sua maior parte.

Diante de discussões acerca do processo de ensino e da aprendizagem dos alunos, surge a concepção de leitura, seus benefícios e a sua importância não somente para as disciplinas escolares (principalmente de língua portuguesa), mas também das demais disciplinas e para o mundo, tendo em vista que é por meio das leituras que os jovens compreendem as situações que os rodeiam, sejam elas benéficas ou malélicas.

Sendo assim, aos alunos da educação básica a leitura promove um encontro especial entre o real e o ilusório, e assim, ele descobre as variadas facetas da língua, uma vez em que entra em contato com os mais diversos aspectos de nossa língua mãe.

Objetivando seguir nessa linha de estudo para dar início ao artigo científico foi identificado que os estudos voltados para o letramento literário são responsáveis por demonstrarem o quão importante é o papel da literatura no tocante ao domínio da leitura e, conseqüentemente da escrita, tendo em vista que faz com que “o domínio da palavra é conduzido a partir dela mesma” (COSSON, 2011, p.102.).

Nesta direção, o domínio do ilusório, da palavra e da escrita somente serão dominados, por nós, seres humanos, a partir de muita leitura e estudos sob a mesma, pois é a partir da familiaridade que começamos a entender a língua em sua forma completa e singela.

Entretanto, para essa compreensão entre aluno e palavras de língua portuguesa acontecerem é necessário “um tratamento de educar que seja trabalhado de uma forma diferente que tenha como objetivo principal enfatizar a literatura e as experiências que ela proporciona” (COSSON, 2011, p. 103).

Assim, a literatura deixa de ser, sob a ótica do letramento literário, apenas um conhecimento sobre ela mesma, mas sim uma forma de “dar voz” e sentido ao mundo através de palavras escritas, que em um livro são capazes de transcender os limites de espaço e de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

tempo, fazendo com que a leitura se torne uma essencialidade para a vida dos alunos.

Em salas de aula, é possível afirmar (de uma forma bem clara, mas ao mesmo tempo abrangente), que não existe a chamada literatura estética, ou seja, aquelas que envolvem uma construção de sentidos em sua totalidade.

Tal fato se dá, principalmente, pela aversão que a grande maioria dos alunos sentem pelos livros, a grande maioria (como todos sabem) não se interessam pela leitura, não se sentem animados para ler uma nova história, e, na maior parte das vezes, alegam ter preguiça de praticar tal ato, preferindo na maior parte o uso de eletrônicos.

Ainda no tocante ao uso de eletrônicos, é importante acrescentar que eles possuem, atualmente, a sua determinada importância para o processo educacional, entretanto, ocorre que os alunos, muitas das vezes acabam confundindo o propósito dos eletrônicos nas escolas e passam a utilizar do mesmo de forma inadequada, deixando a leitura sempre de lado e esquecida, mas não por mero acaso, e sim, de forma premeditada.

Essa ausência da leitura e dos interesses dos alunos em realizarem a leitura de histórias, são as grandes responsáveis pela inquietação dos professores e também daqueles que se preocupam com o futuro de nossa humanidade.

O que mais causa preocupação nos professores é o fato de que muitos alunos, além de não gostarem da leitura, sentem aversão por tal ato e se sentem (na grande maioria das vezes), castigados quando o fazem.

Assim, evidencia-se que a escolarização de literatura inapropriada contribui para o afastamento da literatura, uma vez em que diversas pesquisas já demonstraram um determinado “predominantemente e acentuados afastamentos de jovens alunos da área literária” (PAULINO, 2010, p. 414).

A partir de estudos recentes realizados por professores e estudiosos que estudam sobre a defasagem das leituras em nossa sociedade brasileira, tem-se que a escolarização



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

adequada seria aquela em que as práticas de leituras fossem conduzidas de forma simples e clara, ao não apresentarem os percalços citados acima.

Sabendo disso, alguns estudiosos, como por exemplo Rildo Cosson, pensam e defendem que um professor é aquele que convoca os alunos, a partir de seus conhecimentos, para dar novos passos em direção às realidades novas, tendo o professor como um mediador do letramento literário durante a escola básica, para que no durante o ensino médio, os alunos estejam habituados de forma exultante com as propostas de leituras que surgirão, de acordo com Begma Tavares Barbosa (2011), o professor deve:

Atuar como mediador perante o processo de leitura de seus alunos, principalmente dos textos literários, cumprindo assim, com o seu respectivo papel em sala de aula. Deve produzir os objetivos da leitura a ser realizada, organizar a sala de aula para a atividade e mesclar essa síntese com perguntas que estimulem a concentração, e pensamentos organizados de seus alunos, de forma que a interpretação seja trabalhada. (BARBOSA, 2011, p.156.).

Desta forma, mesmo que de maneira breve, obtivemos uma compreensão acerca da mediação do professor em sala de aula mediante a prática de leitura com os seus alunos, assim, para alcançarmos determinada eficiência com o processo de aprendizagem de leitura é necessário que tenhamos conhecimento acerca de práticas, que, de maneira comprovada, ajudam a estimular o gosto por determinado ato.

Nesse sentido, como o próprio título do presente artigo científico já sugere, será utilizado de apoio os estudos de Rildo Cosson (2006) acerca da criação de uma sequência didática em sala de aula em face do livro “Sonho de Uma Noite de Verão”, tendo sido escrita pelo famoso escritor inglês William Shakespeare.

Finalizando a introdução, importante ressaltar que para formular o presente trabalho científico, objeto de estudo, foi utilizado de pesquisa descritiva (visando a descrição da

- 1079 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

sequência didática a ser utilizada), e de pesquisa bibliográfica para maior domínio do tema em questão e suas definições.

Letramento literário

Ao falarmos sobre a pauta “Letramento”, automaticamente estamos nos referindo ao plural do letramento, isso porque ele é o grande responsável pela escrita em seu uso social, ou seja, a sua aplicabilidade para lidar em público com as demais pessoas.

Entretanto, como o próprio nome nos sugere o “Letramento literário”, diferentemente do “Letramento” citado no parágrafo acima, não faz menção aos usos da língua em seus aspectos sociais, mas sim “o processo de apropriação da literatura visando a construção literária dos sentidos” (COSSON, 2006, p. 67.).

Assim, percebe-se que o letramento literário se sobrepõe aos demais pois visa designar o sentido da palavra apenas em seu sentido literário, sendo denominado como um tipo de letramento singular, pois abrange apenas as palavras escritas em obras literárias.

Ademais, a diferença do letramento literário para os demais tipos de letramento se constrói a partir do fato de que “cabe a literatura tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de odores, cores sabores e formas humanas” (COSSON, 2006, p. 17).

Quando o letramento é feito baseado em textos literários, acaba por proporcionar um certo privilégio para os alunos em relação à escrita, pois é sabido por todos que “para se ter uma boa escrita, são necessárias horas de leitura”, uma vez em que a leitura é a grande responsável por conduzir ao domínio da palavra, e, conseqüentemente da escrita.

Para a concretização do letramento literário é necessário um grande apoio da escola, isso porque é no ambiente estudantil que se dá esse processo de aprendizagem baseado no



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

fato de que demanda um processo de estudo específico que infelizmente a mera prática de leitura dos textos não conseguem cumprir.

A partir do entendimento da independência do letramento literário que surge a seguinte definição de concepção “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (COSSON, 2009, p. 67).

Na definição citada acima é importante obter a compreensão acerca de que o letramento literário não é uma habilidade pronta para ser usada, mas sim uma aptidão de atualização constante dos jovens leitores em relação a leitura dos textos literários.

Na mesma síntese, requer a concepção de que o letramento literário também não se trata apenas de um saber que é adquirido apenas sobre os textos lidos, mas também de uma experiência que envolve o “dar sentido ao mundo” por meio das palavras, que transcendem os limites existente entre tempo e espaço.

Letramento literário em sala de aula

Para chegar à formação do repertório do leitor baseando-se no letramento literário, o professor deve guiar os alunos a construção dos sentidos dos textos indagando o que é dito, quem está dizendo, como está dizendo, para quem está dizendo, buscando, assim, respostas que só podem ser obtidas mediante uma análise atenta e minuciosa do objeto de estudo.

Num primeiro momento, já em sala de aula, é interessante que o professor já tenha selecionado o texto que será trabalhado (lido) e discutir de forma superficial com a turma. É importante que o professor se atente para a forma que esse texto será transmitido aos alunos, tendo sempre em vista que essa é uma forma de escolarização literária, e que, quando não feita corretamente acaba por deturpar, e tornar falso o texto, fazendo com que a escolarização adequada do processo de leitura não ocorra.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A fim de evitar essa situação é necessário que o professor tome alguns cuidados, como por exemplo: privilegiar o texto que será estudado, prestar atenção na escolha do livro didático (pois pode haver apenas fragmentos do texto, e não a história em sua totalidade), escolher o texto em sua forma original, e ser transparente com o conto.

Cosson (2006) afirma que a literatura em sua forma de escolarização adequada conduz o momento à prática de leituras que visem sempre o contexto social, valores e atitudes que correspondem exatamente ao leitor que está se objetivando formar.

Escolhido o texto, o professor pode optar por trabalhar com aquilo que Cosson (2006) chama de sequência didática – momentos da aula em que o professor planeja como a leitura será conduzida, utilizando de estratégias para o sucesso da mesma, e que será estudada no capítulo seguinte.

Sequência Didática: um modelo de estudo literário proposto por Rildo Cosson

Rildo Cosson (2006) afirma em seu livro *Letramento Literário: Teoria e Prática* (2006), o autor apresenta duas sequências para o professor utilizar em sala de aula visando a aprendizagem da leitura e desenvolver o seu respectivo letramento.

Há duas sequências, sendo elas: sequência básica e sequência. Cosson (2006) afirma que a sequência básica (que é a sequência que trataremos nesse artigo), deve seguir quatro etapas para a sua efetivação: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Cosson (2006) afirma que a leitura deve ser vista como um ato prazeroso e de certo domínio, uma vez em que a leitura demanda uma certa preparação para o entendimento dos acontecimentos que acontecerão na história, e que sem a devida atenção passariam despercebidos.

O professor, em sala de aula, deve preparar essa aula visando o favorecimento do



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

processo de leitura dos discentes como um todo.

A motivação, denominada por Cosson (2006) como sendo o primeiro passo para a efetivação da sequência didática, consiste em preparar o aluno para iniciar e viver o texto. Para o autor, “o sucesso do encontro do leitor com a obra depende da motivação” (COSSON, p. 54, 2006). Assim, o leitor deve se sentir motivado de forma antecipada para que sinta vontade de forma genuína de ler o texto e conseguir realizar uma boa leitura, absorvendo o máximo possível da história.

Um outro ponto importante e que deve ser levado em consideração é o ato de traçar, inicialmente, antes do início da leitura, os objetivos de cada aluno com a presente atividade, Isabel Solé, atribui a esse ato a denominada “Estratégias de Leitura”, argumentando:

[...] sempre deve existir um objetivo para guiar a leitura; em outras palavras, sempre lemos para algo, para alcançar alguma finalidade. [...] a interpretação que nós, leitores, realizamos dos textos que lemos depende em grande parte do objetivo da nossa leitura. Isto é, ainda que o conteúdo de um texto permaneça invariável, é possível que dois leitores com finalidades diferentes extraiam informação distinta. (SOLÉ, p. 22, 1988).

Ainda no tocante às contribuições de Solé (1988) para com os objetivos iniciais de leitura, que devem ser traçados frente a motivação inicial, vale ressaltar que terá influência direta na percepção do aluno mediante a obra lida.

Cosson (2006), também argumenta que o objetivo traçado no início é de grande importância, tanto que em seu artigo “Literatura: modos de ler na escola”, publicado no ano de 2011, ele defende que não existe apenas um modo de ler, pois a leitura e os modos de compreensão do ser humano em relação a ela são múltiplos e variáveis, justamente por isso, se faz tão importante o ato de traçar os objetivos perante o início dessa jornada, pois cada ser humano possui objetivos e motivações diferentes e que, ao longo da atividade, podem ser



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

modificados e alterados.

Ainda no tocante a importância de traçar os objetivos antes de iniciar uma obra literária que o nobre estudioso objeto de estudo deste artigo nos proporcionou, há a especificação, feita por ele, das três fases de leitura, são elas:

Pré-leitura, que consiste nas antecipações, ou seja, as motivações que preparam o leitor que irá entrar em contato com o texto. Leitura efetiva, que possibilita o entendimento e as dúvidas e, por fim, a interpretação, que visa, principalmente, entender o sentido do texto em suas variáveis.

Explicado a importância de se tratar os objetivos antes de iniciar o processo de que estamos tratando, voltemos para a sequência básica com a ideia de Cosson (2006) de propor aos alunos, que respondam, ainda com relação a motivação, alguma questão que seja relevante ao tema e que os encoraje a seguir adiante com a obra.

Um exemplo seria o fato de explicar, de forma breve e superficial aos alunos que a obra “Sonho de Uma Noite De Verão” trata sobre sonhos curiosos e bizarros, e, diante disso, propor aos alunos uma reflexão acerca do que seria para eles sonhos exóticos e que lhe deixam intrigados e com vontade de viver.

Plantado nos alunos a sementinha dos sonhos, nasce em sala de aula a discussão acerca do livro que será lido, os sonhos pessoais de cada um e assim, eles se sentem curiosos e intrigados com o livro que será trabalhado.

Na segunda parte da sequência básica deve ocorrer a introdução, que, para Cosson (2006), é a “apresentação do autor e da obra” (p. 57). Nessa etapa, deve-se tomar cuidado ao com a forma que a introdução será tratada, sendo em vista que ela deverá ser dada com uma certa cautela para não tirar o interesse dos alunos acerca das obras e desvendar seus mistérios antecipadamente.

O que precisa acontecer na introdução é o ato de chamar a atenção dos alunos para



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

aspectos que façam parte e se relacionam com o texto abordado. O cuidado deve ser tomado para que não sejam desvendados aspectos de ápice e essenciais para a obra em questão, fazendo com que o leitor crie uma chave de ligação e entendimento com o objeto de estudo.

Cosson (2006) ainda argumenta que deve ter cautela com as perguntas que os professores podem vir a realizar para seus alunos, tendo em vista que ela pode vir a possibilitar uma certa resolução de dúvidas.

É interessante, que ainda na fase da introdução o professor explique ao aluno o motivo pelo qual está trabalhando com a obra, buscando justificar visando explicar a importância do livro para o momento presente.

Por fim, os alunos devem ter a oportunidade de familiarização com o livro, ou seja, deve ser ofertado a eles o momento de pegar no livro e conhecer os seus elementos composicionais, que são: capa, prefácio, nota sobre o autor, dados da editora, “orelhas”.

Na terceira etapa, deve ocorrer o processo chamado de Leitura. Segundo Cosson (2006) essa etapa:

Na etapa da leitura as questões sobre a interpretação e seus limites envolvem práticas e postulados tão numerosos quanto aparentemente impossíveis de serem conciliados, até porque toda reflexão sobre a literatura traz implícita ou explicitamente uma confissão do que seja uma interpretação ou de como se deve proceder para interpretar os textos literários. (COSSON, p. 62, 2006)

O acompanhamento da leitura deve se desprender na averiguação da veracidade da leitura do aluno, ou seja, o professor não deve buscar identificar se o aluno realmente está lendo ou não, mas sim observar se o aluno enfrenta alguma dificuldade, e se ele necessita de algum auxílio.

Cosson (2006) atribui grande responsabilidade e importância a esse processo, pois é



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

durante ele que o professor poderá averiguar se há questões a serem solucionadas e dúvidas dos alunos, tão importante é que se não fosse realizada, poderia levar até mesmo ao abandono da obra por parte do discente.

Por último, mas não menos importante, tem-se a etapa da interpretação, que segundo Cosson (2006), pode ser bem complexa. Vejamos a seguir:

As questões sobre a interpretação envolvem práticas e postulados tão numerosos quanto aparentemente impossíveis de serem conciliados, até porque toda reflexão sobre a literatura traz implícita ou explicitamente uma confissão do que seja uma interpretação ou de como se deve proceder para interpretar os textos literários. (COSSON, p.64, 2016).

Para entender a interpretação, Cosson (2006) afirma que ela deve ser feita em dois momentos, o momento interior e o exterior. O momento interior é aquele onde “a decifração das palavras e seus significados são acompanhados” (COSSON, p. 65, 2006).

O momento externo é aquele que ocorre quando a interpretação já está na fase da coletividade, ou seja, ocorre quando os alunos compartilham suas dúvidas e experiências uns com os outros, falando como foram tocados com a obra, como entenderam sobre ela.

Sobre o parágrafo acima, Cosson (2006) afirma:

Na escola, entretanto, é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma sociedade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. (COSSON, p.66, 2006).

Durante esse momento é possível fazer a distinção entre letramento literário guiado pelo docente em escola da leitura literária individual realizada em casa pelos alunos. O trabalho da interpretação em coletivo compartilhado faz com que várias visões sejam



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

pensadas, conversadas e levadas em consideração, contribuindo para as mais variadas facetas de observar o mundo.

Para finalizar o presente capítulo, depois de realizadas as sequências didáticas em sala do ensino fundamental II, uma proposta de atividade seria o ato de reproduzir, em um sarau cenas importantes e que mais chamaram a atenção dos alunos, bem como a produção de um resumo explicitando sobre qual será o assunto da peça trabalhada em sarau sobre a obra “Sonho de Uma Noite de Verão”.

Sonho de uma Noite De Verão: uma Sequência Didática em sala de aula

Para colocar em prática os ensinamentos de proposta de estudo literário certa e completa proposta por Cosson (2006), seria interessante usar de base para aplicação do conteúdo classes do Ensino Fundamental II.

Inicialmente, iniciando a prática de estudos proposto por Cosson (2006), é interessante que o professor inicie a aula apresentando o livro aos alunos (bem como sua espessura, capa, contracapa, breve síntese do autor da obra) através do aspecto que estudamos e passamos a conhecer que se denomina motivação e utilizar de assunto muito comuns em nosso cotidiano para relacionar com a presente obra.

Feito isso, inicia-se a segunda etapa do letramento literário que seria o momento da introdução, o professor deverá, de forma breve e sucinta apresentar o autor aos seus discentes e, singelamente conversar sobre a obra e os assuntos que nela serão abordados.

A terceira etapa é a etapa da leitura, durante essa fase é importante mencionar e destacar que o aluno já está fazendo a leitura da obra e já está tendo contato com a proposta de leitura assim o que o docente deve observar é a forma com que o aluno está realizando o processo de “ler”.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Deve-se tomar cuidado para não tornar essa fase como uma espécie de vigia de leitura, ou seja, verificar se o aluno realmente está lendo, ou está fingindo que está lendo, mas sim, cuidar das dificuldades que possam surgir e orientá-lo da melhor maneira.

Na terceira etapa uma atividade interessante de ser realizada é a oportunidade que o professor possui de propor aos alunos que façam relato de leitura compartilhada, em roda, na própria sala de aula, para que informações e considerações sejam trocadas.

A última fase da sequência didática proposta por Cosson (2006) enfatiza o momento da interpretação, ou seja, é durante essa etapa que o professor poderá propor aos alunos a realização de uma tarefa sobre a obra, uma apresentação, ou ainda uma redação, para que assim, ele possa avaliar a absorção dos temas trabalhados no livro e que também podem facilmente se relacionar com a língua portuguesa em sua forma gramatical.

Considerações finais

O presente trabalho partiu de informações retiradas a partir de fontes bibliográficas (como já mencionado na introdução) referentes à importância do processo da formação do jovem aluno leitor, não somente para a escola e suas menções ao final de cada bimestre, mas sim para o seu processo de aprendizagem e formação enquanto habilitado para viver em sociedade e entendendo sobre as suas complexidades.

Para tal entendimento e formato de estudo, abordamos a sequência didática que Rildo Cosson (2006) propõe a ser trabalhado, por nós, professores, em sala de aula, para que os alunos não leiam os textos muitas vezes, de forma revoltada e desanimada, mas sim com curiosidade, responsabilidade e felicidade.

O mundo e as suas concepções e reflexões mudaram, e, a partir disso, precisamos nos atualizar a forma de solicitar que nossos alunos realizem as suas leituras. Entendemos,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

cada vez mais, que a importância de criar um ambiente prazeroso onde o ato de ler é motivadamente fomentado e não apenas delegado a praticar tal atividade.

Por intermédio de Cosson (2006), observamos o quão irrelevante, inadequado é o ato de insistir nas velhas formas de ensinar (não que elas sejam erradas, mas já estão desatualizadas), de modo que o acesso à cultura, leitura seja ampliado criativamente e criticamente o processo de formação.

Referências

ARRUDA, Renata Beloni; BIANCHINI, Luciane Guimarães Batistella; FIGLILOLO, Gustavo Javier. **Significação do conhecimento e sequência expandida**: uma proposta criativa para trabalhar com textos literários. Presidente Prudente: Nuance: estudos educação, 2015.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. Literatura: modos de ler na escola. **Anais da XI Semana de Letras**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

KHEMAIS, Jouini. El texto literário en la classe de español como lengua extranjera: propuestas. Íkala, revista de language y cultura. Vol. 13, N.º 20, 2008.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Org). **Escola e leitura**: velha cri se; novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

SHAKESPEARE, William. **Sonho de Uma Noite de Verão**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2023.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução por SCHILLING, Cláudia. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

- 1089 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**UMA ANÁLISE LINGÜÍSTICA SOBRE A COMPREENSÃO DE FIGURAS DE
LINGUAGEM EM CONTEXTOS DE NEUROATIPICIDADE E AUTISMO:
POSSIBILIDADES NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS³⁰**

Henrique Aparecido Apolinário (G-CLCA-UENP/CJ)
Luiz Antonio Xavier Dias (Orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: o referente artigo se trata de um trabalho de conclusão de curso para a obtenção do título de licenciado em Letras com Habilitação em Português e Espanhol e respectivas Literaturas. Trata-se uma pesquisa documental e teórico-especulativa em relação às dificuldades apresentadas por sujeitos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista na concepção e interpretação de diferentes figuras de linguagem. A partir da análise bibliográfica e referencial teórica, foi possível estabelecer níveis de dificuldade no desempenho em conversações subjetivas em pessoas diagnosticadas com TEA. A pesquisa abarcou a Teoria Cognitiva de Jean Piaget (1980) e, possuindo caráter linguístico, foi pensada sob a ótica teórica bakhtiniana. Ao final da pesquisa, foi possível pensar na utilização de recursos visuais no que se refere ao ensino de figuras de linguagem considerando as dificuldades apresentadas por sujeitos diagnosticados com TEA. Para tanto, a utilização de tais recursos visuais, a partir dessa perspectiva, basear-se-á na Metodologia ativa de Aprendizagem Baseada em Problemas. A mescla entre a APB e a utilização de recursos visuais se mostra uma possibilidade para que o ensino de línguas seja capaz de perpassar barreiras no processo de ensino e aprendizagem nos contextos de especificidades supracitados.

Palavras-chave: Autismo. Aquisição. Linguagem. Bakhtin. Piaget.

³⁰ A proposta principal está vinculada ao Projeto Gêneros discursivos, gramática, variação e ensino, cadastrado no Sistema de Cadastro de Atividades de Pesquisa, Ensino e Extensão (SECAPEE) da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), sob o registro nº 5430, que se desenvolve no âmbito do Programa de Iniciação Científica Voluntária da UENP.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Introdução

O autismo recebeu suas primeiras denominações a partir da década de 1940, através dos relatos do psiquiatra austríaco Leo Kanner e dos estudos do pediatra, também austríaco, Hans Asperger. As nomenclaturas sofrem constantes atualizações e, atualmente, de acordo com o Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-V) recebe o nome de Transtorno do Espectro Autista (TEA), separando-se em graus de suporte, que equivalem à gravidade, partindo do grau de suporte I ao suporte III, que significa a necessidade de apoio substancial. Ainda nos dias atuais, é incerta a causa do Transtorno Global De Desenvolvimento (TGD), tornando impossível a definição de uma só maneira de efetuar-se o diagnóstico. Por se tratar de transtorno neurobiológico, suas características se manifestam também nos campos da comunicação verbal e nas práticas do diálogo social, incluindo dificuldades de aprendizagem e motoras. Tais dificuldades, relacionadas ao TEA e aos indivíduos diagnosticados com o Transtorno, se apresentam de maneira enfática no estabelecimento de comunicação oral, ora por meio de inversões sintáticas e ecolalia, isto é, a repetição de palavras previamente assimiladas de modo, muitas vezes, literal.

Ainda, sendo a linguagem um importante instrumento na identificação do grau de suporte, quanto mais deficitária se dá a comunicação, mais elevado será o suporte exigido, sendo que, em muitos casos, não há o desenvolvimento da comunicação verbal de forma plena. Surge, então, a dificuldade em se trabalhar, do campo de vista pedagógico, com aspectos da Língua Portuguesa, tais como a linguagem informal e o uso de figuras de linguagem. Assim, muitas vezes, se faz necessário que sua forma de comunicação seja interpretada como o uso da linguagem dentro de seu próprio contexto discursivo. Faz-se necessário, então, que se pense em maneiras de estimular o desenvolvimento comunicativo dentro das possibilidades do grau de suporte do indivíduo. Há, no entanto, de se pensar a

- 1091 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

linguagem enquanto fenômeno histórico-social, ou seja, o discurso se forma a partir do contexto em que o sujeito está inserido (BORDIN, 2006).

Nessa direção, a docência no Brasil passa, há muitos anos, por inúmeras dificuldades no que tange à plena ocorrência da atividade. Dentre os problemas, existe a terceirização das dificuldades discentes, isto é, torna-se de responsabilidade do docente não só o ensino, mas também a resolução de demandas normalmente delegadas a outras áreas profissionais. Nesse sentido, a pesquisa se debruça em propor reflexões e pensar possíveis soluções em relação à abordagem de metodologias capazes de transpassar a barreira linguística entre professor de língua portuguesa e aluno diagnosticado com TEA, estando ciente das dificuldades interpretativas e comunicativas ligadas à Língua Portuguesa apresentadas por pessoas diagnosticadas com TGD e TEA.

Dentre os objetivos desta pesquisa, se encontram o estabelecimento de pesquisa bibliográfica de cunho teórica relacionada a possíveis intervenções na dificuldade de discentes no entendimento de linguagem subjetiva e no uso de figuras de linguagem, visando a investigação, partindo de pressupostos teóricos, sobre o desenvolvimento comunicativo verbal de pessoas diagnosticadas com TEA. Dessa forma, a partir de uma ótica piagetiana e de sua Teoria Cognitiva (1988), a pesquisa visa, também, analisar o processo de desenvolvimento de estruturas lógicas pertinentes à comunicação, estabelecendo a ecolalia e o pensamento literal como processos ligados à forma de comunicação inata e ao desenvolvimento comunicativo em indivíduo diagnosticado com TEA. Do ponto de vista linguístico, a pesquisa visa, ainda, a partir de uma ótica bakhtiniana e de seu círculo teórico, denominado Círculo de Bakhtin (1929), entender a comunicação verbal de indivíduos diagnosticados com TEA como parte de um processo concreto de realização de discurso. Como objetivo final, a pesquisa busca propor reflexões referentes ao estudo de metodologias capazes de propiciar o desenvolvimento, de maneira satisfatória, de formas de comunicação



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

que tornem capaz a compreensão de linguagem figurada.

Para tanto, a metodologia utilizada para a realização do referido trabalho foi a análise documental, referencial e teórica de materiais voltados ao cerne da pesquisa. A análise qualitativa tem como principal teor a explanação dos processos de desenvolvimento neurobiológico e de aprendizagem, em especial, voltada à comunicação e utilização de códigos de linguagem. O método empregado foi o dedutivo, sendo reforçado com a evolução histórica dos estudos sobre o TEA e do processo do emprego de linguagem informal e figurativa. Para a realização da pesquisa fez-se, então, o uso da revisão bibliográfica, documental, sob a lente teórico-especulativa, em se tratando da análise documental teórica e da sugestão da aplicabilidade, na *praxis*, da Metodologia APB em contextos concretos do processo de ensino-aprendizagem neurodesenvolvimental.

Transtorno Global do Desenvolvimento e Transtorno Do Espectro Autista

Para o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Americana de Psiquiatria (DSM-V), os transtornos globais do desenvolvimento são caracterizados, de forma notável, por serem prejudiciais em diferentes âmbitos do desenvolvimento, afetando, principalmente, a interação social do indivíduo diagnosticado. As TGD's comprometem, ainda, o comportamento, implicando em diferentes níveis de estereotipias. Dessa forma, como bem destacam Silva, Lopes-Herrera e Vitto (2007), tais condições comprometem, em diferentes níveis, sua sociabilidade, educação e habilidades comunicativas.

Nesta alçada, encontravam-se, até o DSM-IV, inseridos dentro do conceito de TGD's o Transtorno Autista, o Transtorno de Rett, Transtorno Desintegrativo da Infância, Transtorno de Asperger e Transtorno Invasivo do Desenvolvimento sem outra Especificação



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

(TID-SOE). A partir da quinta edição do DSM, o DSM-V, o autismo passou a se encontrar como padrão para o diagnóstico dos transtornos supracitados (SCHMIDT, 2012, p. 2). Em relação ao Transtorno do Espectro Autista, Gadia, Tuchman e Rotta (2004 *apud* Schmidt, 2012, p. 2) apontam que:

[...] não é uma doença única, mas sim um distúrbio de desenvolvimento complexo, definido de um ponto de vista comportamental, com etiologias múltiplas e graus variados de severidade.

As primeiras descrições de Kanner (1943, p. 250 *apud* PIECZARKA, 2017, p. 19) apontavam que a falta de habilidade no estabelecimento de relações interpessoais eram, assim como ocorre em outras crianças, inatas ao indivíduo, como aponta:

Devemos assumir que essas crianças vieram ao mundo com uma incapacidade inata para constituir o contato afetivo com as pessoas, habitualmente e biologicamente fornecido, assim como outras crianças vêm ao mundo com deficiências físicas e intelectuais inatas. Se esta hipótese estiver correta, um estudo mais aprofundado dos nossos filhos pode ajudar a fornecer critérios concretos sobre as noções ainda difusas acerca dos componentes constitucionais da reatividade emocional. Por aqui parece que temos exemplos da cultura pura de distúrbios autísticos inatos do contato afetivo.

Ainda em seus primeiros estudos, Kanner (1943), enquanto médico psiquiatra, realizou as primeiras descrições do que considerava à época *distúrbios autísticos do contacto afetivo*. Para ele, o autismo era caracterizado por meio do extremo isolamento, da obsessividade com pessoas ou objetos, por meio de estereotípias comportamentais e da ecolalia³¹. Para Kenner (1943), tais características atípicas eram encontradas ainda em tenra

³¹ Repetição involuntária de frases ou palavras.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

idade em indivíduos que apresentavam dificuldade em responder a estímulos externos e que, de certa forma, se mostravam indiferentes com o que acontecia ao seu redor e mantinham, ainda, níveis variáveis de interação com objetos (PIECZARKA, 2017, p. 18).

Em relação ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), o DSM-V destaca o reconhecimento de diferentes níveis de gravidade em relação ao estabelecimento de comunicação social, à apresentação de comportamentos repetitivos (estereotípias) e dificuldades de desenvolvimento em diferentes níveis (APA, 2014, p. 51). O DSM-V, neste caso, apresenta, três níveis de suporte. O nível 1 de suporte exige apoio e apresenta as seguintes características em relação à comunicação social e comportamentos restritos e repetitivos:

Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolver-se na comunicação, embora apresente falhas na conversação com os outros e cujas tentativas de fazer amizades são estranhas e comumente malsucedidas. Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência (APA, 2014, p. 52).

O nível 2 de suporte, segundo o DSM-V, exige apoio substancial e apresenta as seguintes características em relação à comunicação social e comportamentos restritos e repetitivos:

Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa que fala frases simples, cuja interação se limita a interesses especiais reduzidos e que apresenta comunicação não verbal acentuadamente estranha. Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações (APA, 2014, p. 52).

O nível 3 de suporte, de acordo com o DSM-V, exige apoio muito substancial e apresenta as seguintes características em relação à comunicação social e comportamentos restritos e repetitivos:

Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e res- posta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa com fala inteligível de poucas palavras que raramente inicia as interações e, quando o faz, tem abordagens incomuns apenas para satisfazer a necessidades e reage somente a abordagens sociais muito diretas. Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mu- dar o foco ou as ações (APA, 2014, p. 52).

Percebe-se então que, a partir desta perspectiva, o Transtorno do Espectro Autista possui duas distintas categorias de comprometimento e, da mesma maneira, o indivíduo diagnosticado apresenta diferentes níveis de comprometimento em ambas as áreas, comunicativa e comportamental, respectivamente.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O Autismo a partir da perspectiva da Teoria Epistemológica Genética de Jean Piaget

A teoria da epistemologia genética de Jean Piaget é uma abordagem importante para entender o desenvolvimento cognitivo e a construção do conhecimento nas crianças e, muito embora Piaget não tenha trabalhado especificamente com o autismo, sua teoria pode nos ajudar a compreender alguns aspectos do autismo a partir de uma perspectiva cognitiva, como aponta Pieczarka (2017, p.14):

Ao detalhar a psicogênese da construção do conhecimento, Piaget (1936/1975) relata pormenorizadamente aspectos importantes do desenvolvimento humano e da construção do conhecimento que estabelecem uma base sólida para a identificação de um padrão desenvolvimentista que pode servir como uma base para interpretação desta realidade.

Neste sentido, sabe-se que o autismo é um transtorno neurodesenvolvimental que afeta a comunicação, a interação social e o comportamento do indivíduo, podemos abordá-lo a partir da teoria de desenvolvimento proposta por Piaget. O TEA é caracterizado por padrões repetitivos de comportamento, interesses restritos e dificuldades na comunicação verbal e não verbal. Logo, podemos analisar o desenvolvimento de indivíduos diagnosticados a partir dos *estádios* de desenvolvimento propostos pelo teórico suíço ao longo de suas obras.

Apesar de não ter investigado o autismo diretamente, Piaget estudou como as crianças constroem o conhecimento através de estágios de desenvolvimento cognitivo, como aponta Morgan (1986, p. 442 *apud* PIECZARKA, 2017, p. 14):

(...) bem delineados, podemos traçar mais precisamente o curso das anomalias no desenvolvimento cognitivo da criança autista. A descrição detalhada de Piaget do desenvolvimento cognitivo durante a infância parece particularmente aplicável ao autismo, partindo do princípio que

- 1097 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

tenha origem na primeira infância. Tal análise também pode nos ajudar a avaliar e compreender melhor as complexidades do desenvolvimento intelectual normal, porque as funções cognitivas, muitas vezes tomadas como certas em crianças normais, parecem estar prejudicadas em crianças autistas. Além disso, um olhar sobre o autismo nessa perspectiva deve acentuar a relação recíproca entre o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento afetivo-social. Finalmente, uma análise piagetiana do autismo servirá como um teste preliminar da generalidade da teoria e sua capacidade de explicar os desvios e inconsistências que distinguem a criança autista da criança normal e da criança que apresenta deficiência intelectual.

Ciente de que, no autismo, a interação social é frequentemente uma das áreas mais afetadas, e que as dificuldades sociais são uma das características principais desse transtorno de neurodiversidade e podem impactar significativamente o desenvolvimento educacional da pessoa com autismo, é possível que haja uma aproximação entre a teoria de Piaget - a qual enfatiza que a construção do conhecimento ocorre através da interação ativa da criança com o ambiente, e o atendimento ao indivíduo diagnosticado com TEA.

A teoria de Piaget (1980) enfatiza que a construção do conhecimento ocorre pro meio da interação ativa da criança com o ambiente, o que ele chamou de "interacionismo". Nesse processo, as experiências emocionais e os interesses pessoais têm um impacto significativo na forma como as crianças assimilam e acomodam informações.

A carga afetiva refere-se ao grau de importância emocional que um evento, objeto ou tarefa possui para a criança. Dessa forma, quando uma criança tem interesse genuíno e motivação em relação a um tópico específico, isso pode impulsionar o processo de construção cognitiva, facilitando a assimilação de novos conhecimentos e a adaptação de suas estruturas mentais para acomodar essas novas informações, por meio dos processos de assimilação, acomodação e equilíbrio, conforme ele propôs em sua obra *As formas elementares da dialética* (PIAGET, 1980 *apud* SANTOS, 2013, p. 16):

- 1098 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A relação cognitiva sujeito/objeto é uma relação dialética porque se trata de processos de assimilação (por meio de esquemas de ação, conceitualizações ou teorizações, segundo os níveis) que procedem por aproximações sucessivas e através dos quais o objeto apresenta novos aspectos, características, propriedades, etc. que um sujeito também em modificação vai reconhecendo. Tal relação dialética é um produto da interação, através da ação, dos processos antagônicos (mas indissociáveis) de assimilação e acomodação.

Neste sentido, a teoria epistemológica genética de Piaget propicia uma aproximação entre as dificuldades encontradas em indivíduos diagnosticados com TEA e aos quatro *estádios* de desenvolvimento propostos.

Piaget distinguiu quatro grandes períodos no desenvolvimento das estruturas cognitivas, intimamente relacionados ao desenvolvimento da afetividade e da socialização da criança: estágio da inteligência sensório-motora (até, aproximadamente, os 2 anos); estágio da inteligência simbólica ou pré-operatória (2 a 7-8 anos); estágio da inteligência operatória concreta (7-8 a 11-12 anos); e estágio da inteligência formal (a partir, aproximadamente, dos 12 anos) (PIAGET, 1987, p. 3 *apud* SANTOS, 2013, p. 17).

Diante do exposto, é perceptível que os estágios de desenvolvimento propostos por Jean Piaget podem contribuir para o reconhecimento do Transtorno do Espectro Autista através da aproximação entre o desenvolvimento de habilidades cognitivas relacionadas à afetividade e aspectos sociais e a neuroatipicidade de crianças diagnosticadas com TEA, principalmente no que se refere à dificuldade no estabelecimento de relações sociais e o desenvolvimento de estereótipias relacionadas à comunicação verbalizada, sendo estas, de acordo com a teoria epistemológica de Piaget, desenvolvidas dos 2 aos 12 anos. Dentre tais dificuldades relacionadas à comunicação destacam-se a dificuldade no estabelecimento de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

pensamento abstrato, ocorrendo o pensamento literal e a dificuldade generalização.

Linguagem figurada e Autismo – processo da aquisição da linguagem em autistas

Para além da perspectiva em que a estilística é muitas vezes considerada como um simples enfeite, aparecendo de forma isolada em gramáticas, é fundamental compreendê-la como uma parte integrante do discurso, indo além dos conceitos tradicionais, gramaticais e retóricos. Nesse sentido, a superação desse paradigma requer uma abordagem linguística que estabeleça o discurso como uma prática social, incorporando o aspecto figurativo da língua como um processo intrínseco às práticas linguísticas. Um exemplo desse processo é a similaridade metafórica, conforme postulado por Jakobson (1956).

É crucial resgatar o papel cognitivo-discursivo das figuras de linguagem, como a metáfora, ecoando as contribuições de Vereza (2017). Ao examinarmos até mesmo as ideias de Aristóteles, podemos perceber o papel fundamental das figuras de linguagem no âmbito da cognição e do discurso. Portanto, a compreensão da estilística e das figuras de linguagem como elementos intrínsecos à comunicação enriquece nossa compreensão da linguagem como um todo.

O que é conhecido pelos teóricos contemporâneos como “visão tradicional da metáfora” não tem origem, portanto, no pensamento do filósofo grego, mas sim no que Genette (1975) trata como “reducionismo da retórica”, que, por muitos séculos, restringiu as figuras da linguagem, principalmente a metáfora, a um papel puramente decorativo, sem qualquer valor discursivo ou cognitivo relevante (VEREZA, 2017, p. 138).

A partir das obras de Richards e Black (1936 e 1962), começou a ser reconhecido o papel sociocognitivo das figuras de linguagem, com destaque para a metáfora, na construção

- 1100 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

de significados. A metáfora, outrora limitada pelas abordagens restritivas da retórica e da gramática tradicional, passou a ser objeto de reflexões mais amplas. Esse reconhecimento do papel cognitivo da metáfora na construção de significados teve seu início com as contribuições de Richards (1936) e Black (1962), e alcançou seu ápice com a publicação do livro *Metáforas da Vida Cotidiana*, de Lakoff e Johnson (1980). Isso permitiu que a metáfora, enquanto objeto de análise, se libertasse das limitações impostas pela abordagem reducionista que a cercava (VEREZA, 2017).

Além disso, conforme mencionam Lakoff e Johnson (1980, *apud* MOUSINHO *et. al.*, 2009, p. 204):

[...] a metáfora extrapola seu uso na poética ou retórica e passa a ser encarada como algo presente no dia a dia não só na linguagem, mas também no pensamento e na ação. O processamento da linguagem, segundo os autores, é altamente metafórico.

De maneira sucinta, pode-se compreender a linguagem figurada, segundo Souza (2013, p. 14 *apud* Gibbs e Colston, 2012), como uma maneira diferente de oralizar, verbalizar ou realizar enunciações e leituras de modo diferente ao literal, a depender do contexto. Como postulou Jean Cohen, as figuras de linguagem se encontram no campo estético da imagem, produzindo sentido figurado concreto, retomando o conceito através da abstração (MONTEIRO, 2016, p. 36). Dentro da perspectiva proposta por Cohen, Lakoff e Johnson contribuem:

Os conceitos que governam nosso pensamento não são somente problemas do intelecto. Eles também governam o funcionamento da rotina. Os conceitos estruturam a nossa percepção das coisas do mundo e nossas relações com as outras pessoas. Nosso sistema conceitual, portanto, exerce um papel central na definição da nossa realidade. Se nós estamos certos ao afirmar que o nosso sistema conceitual é altamente

- 1101 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

metafórico, então a forma como pensamos, a experiência e a rotina são problemas de metáfora (LAKOFF; JONHSON, 1980, p. 3).

Considerando as complexidades inerentes às abstrações presentes na linguagem figurada, especialmente na linguagem metafórica, e levando em consideração a visão dos pensadores mencionados anteriormente, que sustentam a noção de que a estilística, juntamente com suas figuras de linguagem, torna-se intrínseca ao cotidiano daqueles que empregam a linguagem como forma de expressão verbal, torna-se viável estabelecer uma nova conexão entre a aquisição da linguagem e a teoria de Piaget. Essa relação é sustentada pelo fato de que a habilidade de abstração é uma parte integrante do desenvolvimento cognitivo, normalmente manifestando-se a partir dos onze anos de idade, durante o estágio das "Operações Formais", conforme identificado por Piaget.

Nesse sentido, em se tratando de aquisição da linguagem, em especial, linguagem figurada, Siqueira e Lamprecht (2007) ressaltam que as metáforas primárias:

[...] resultam de interações entre particularidades dos aparatos físico e cognitivo humanos, com suas experiências subjetivas no mundo, independentemente de língua e cultura (SIQUEIRA; LAMPRECHT, 2007, p. 246).

Ao se considerar tal colocação, é evidente a presença de desafios associados ao desenvolvimento da linguagem abstrata em indivíduos com diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Esses desafios estão intrinsecamente ligados às dificuldades expressivas que caracterizam o TEA, uma vez que a língua, como veículo primordial de comunicação, se apresenta como um meio de comunicação não convencional para esses indivíduos. Além disso, acrescenta-se a dificuldade de pessoas diagnosticadas com TEA em utilizar a subjetividade da língua, tornando ainda mais complexa a tarefa de expressar



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

pensamentos e emoções de maneira sutil e abstrata, especialmente quando se explora o uso de recursos como a analogia e a metáfora. Em tais casos, a língua não pode ser utilizada da maneira típica usual, com suas subjetividades, para além de seu uso gramático-normativo, tal como figura, a respeito do emprego de analogia e metáfora, Assis (2009, p. 31):

A analogia e metáfora compõem uma categoria primária na comunicação humana, podendo ser relevante na formação de padrões sobre o funcionamento do pensamento, raciocínio, imaginação.

Dessa forma, considerando as informações apresentadas, a pesquisa se volta para a investigação da adequação da comunicação autística aos tipos relativamente estáveis na perspectiva de Bakhtin. Delimitados os conceitos de linguagem figurada e de metáforas primárias, torna-se relevante abordar a visão dialógica-discursiva de Bakhtin, uma vez que seu entendimento do discurso como tendo um caráter intrinsecamente dialógico e sua transição por meio de tipos relativamente estáveis proporcionam uma lente teórica útil para examinar a natureza da comunicação autística³². Nesse contexto, a pesquisa busca entender se as características distintivas da comunicação autística podem ser enquadradas dentro do quadro conceitual de tipos relativamente estáveis, constituintes dos gêneros discursivos, visto que, conforme definido por Bakhtin:

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascido no diálogo de séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles irão sempre mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, diálogo futuro (BAKHTIN, 2011c [1974], p. 410).

³² Adjetivo relativo às alterações do espectro do autismo.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Portanto, de maneira a retomar as dificuldades de comunicação encontradas em sujeitos diagnosticados com TEA, tem-se que tais percalços se mostram como possíveis marcadores linguísticos próprios de suas condições. Neste sentido, figura a dúvida se tal forma restrita que esses indivíduos dispõem para a comunicação pode ser enxergada como “tipos relativamente estáveis”. Em relação ao questionamento, tem-se que, em decorrência da dificuldade no desenvolvimento de relações sociais, bem como a apresentação de pensamento literal e escassez subjetiva, torna-se difícil estabelecer as estereotípias e traços neuroatípicos como gêneros relativamente estáveis, uma vez que, para Bakhtin, a estabilidade dos gêneros está intrinsecamente ligada à dinâmica do diálogo e à diversidade de vozes que contribuem para a construção do significado.

[...] o elemento expressivo, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado. Nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado vario e grau vario de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível. A relação valorativa do falante com o objeto de seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 280, p. 289).

Sendo assim, ainda que, de acordo com Bakhtin, o discurso relativamente estável seja construído por meio da interação, essa perspectiva não pode ser diretamente aplicada aos indivíduos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA), dado que, em muitos casos, a socialização não se desenvolve plenamente em sujeitos com TEA. Nesses contextos, a visão bakhtiniana encontra limitações, uma vez que a interação social, que é fundamental para a construção do discurso estável, pode não ocorrer da mesma maneira para os indivíduos afetados pelo TEA. Em contextos neurotípicos, a língua assume papel para além da comunicação formal, como contribuem Acosta Pereira e Costa-Hübes:

- 1104 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O projeto do sujeito determina relativamente o todo do enunciado, desde seu objeto a ser tematizado às formas composicionais do gênero. Com isso, a vontade discursiva do falante determina a construção da enunciação, seu volume e suas fronteiras (ACOSTA PEREIRA; COSTA-HUBES, 2021, p. 12).

A língua, no caso dos indivíduos com TEA, frequentemente não se manifesta como um objeto que transcenda a mera função comunicativa. A subjetividade muitas vezes carece de plena expressão, e a linguagem é utilizada principalmente como meio de comunicação prática. O projeto do sujeito, que normalmente molda e direciona o enunciado, desde o objeto a ser abordado até as escolhas composicionais do gênero, pode não ser tão determinante em indivíduos com TEA. Assim, a construção da enunciação pode não ser guiada da mesma forma pela vontade discursiva do falante, devido às particularidades na interação e na expressão linguística. Nesse contexto, a limitação da subjetividade e a abordagem mais funcional da linguagem podem influenciar a construção da enunciação, impactando seu alcance, volume e fronteiras (ACOSTA PEREIRA; COSTA-HUBES, 2021).

Ao fim, o fator (c) associa-se à forma tipificada dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, formas relativamente estáveis da enunciação, que se constituem e funcionam na interação, reverberando às demandas ideológicas e valorativas da esfera social (vamos tratar dos gêneros e das esferas sociais na sequência de nossa discussão) (COSTA PEREIRA; COSTA-HUBES, 2021, p. 12).

Nesse contexto, a importância de reconhecer essas peculiaridades, especialmente no âmbito da comunicação, é crucial. Cada manifestação linguística dos indivíduos com TEA pode ser vista como uma forma única e atípica, não convencional, de *gênero relativamente estável*, uma maneira de expressão que possui sua própria coerência e relevância dentro das



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

vivências dessas pessoas. Enquanto buscamos promover a inclusão e a compreensão, é fundamental abraçar e valorizar essas diversas formas de comunicação como parte essencial da rica tapeçaria da experiência humana.

No entanto, é importante observar que, de acordo com as ideias teóricas de Bakhtin, tais manifestações podem não se enquadrar estritamente como gêneros relativamente estáveis, como esclarecido anteriormente. Em vez disso, devem ser encaradas como tal, considerando o contexto e a natureza específica da comunicação para indivíduos com TEA. As teorias de Bakhtin podem nos fornecer um arcabouço valioso para compreender a dinâmica comunicativa, mas ao aplicá-las a contextos excepcionais, como o TEA, é crucial adaptar nossa compreensão para abranger as nuances únicas que surgem nesse cenário.

Dada à natureza particular do discurso autístico, que pode não se alinhar perfeitamente com os conceitos de gêneros relativamente estáveis propostos por Bakhtin, é essencial considerar abordagens alternativas no ensino da língua e suas ferramentas subjetivas, como as figuras de linguagem.

Possibilidades no ensino de línguas em contexto autístico

Em um contexto autístico, portanto, é preciso que o ensino de línguas demande uma abordagem flexível e adaptativa, levando em consideração as características únicas das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). É fundamental entender as características específicas do TEA do aluno, como preferências sensoriais, habilidades de comunicação, níveis de ansiedade e pontos fortes, além de propor adequações espaciais, tendo em vista as necessidades da criança diagnosticada com TEA, assim como postulam Fonseca e Ciola (2016, p. 74 *apud* CANCELIER; MEDEIROS, 2022, p. 7):



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Considerando que o autismo faz com que a criança aprenda de uma maneira peculiar, torna-se lógica a ideia de que seus materiais e os procedimentos de ensino sejam também diferenciados. [...] As mudanças estarão na forma de apresentação da [...] proposta [...] para a diversidade.

Em se tratando de possibilidades, a utilização de recursos visuais no ensino de língua e de figuras de linguagem em contextos neuroatípicos desempenha um papel fundamental na promoção da compreensão e na facilitação do processo de aprendizado. Para indivíduos com transtornos do espectro autista (TEA), por exemplo, muitas vezes possuem um processamento cognitivo altamente visual, o uso de elementos visuais, como imagens, gráficos e diagramas, pode ser especialmente eficaz. Esses recursos visuais não apenas tornam o conteúdo mais acessível, mas também ajudam a criar associações mentais que facilitam a identificação e a compreensão das figuras de linguagem, tornando o aprendizado mais significativo e agradável. Por exemplo, para ensinar a metáfora "Ele é um raio de sol", o professor de língua portuguesa pode mostrar uma imagem de um sol brilhante e feliz ao lado de uma pessoa sorridente, destacando como a expressão faz uma comparação indireta entre a pessoa e a luz do sol. Dessa forma, essa representação visual ajuda a tornar a figura de linguagem mais tangível e concreta, facilitando a conexão entre a palavra e seu significado figurado. Além disso, a utilização de recursos visuais também pode auxiliar na generalização do entendimento das figuras de linguagem em diferentes contextos, à medida que os alunos neuroatípicos podem identificar padrões visuais e aplicar seu conhecimento de forma mais eficaz.

Sendo assim, a incorporação de recursos visuais no ensino de figuras de linguagem beneficia não apenas os alunos com TEA, mas também aqueles com outros desafios neuroatípicos, como TDAH ou dislexia. Os elementos visuais ajudam a reduzir a carga cognitiva, proporcionando uma representação concreta dos conceitos abstratos das figuras de linguagem. Essa abordagem inclusiva não apenas reconhece a diversidade de estilos de

- 1107 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

aprendizado, mas também promove a igualdade de oportunidades educacionais, capacitando todos os alunos a desenvolverem suas habilidades linguísticas de maneira eficaz e significativa.

Dessa forma, evidenciando a necessidade de buscar possibilidades viáveis para o ensino de línguas, várias metodologias ativas podem ser eficazes na utilização de recursos visuais no ensino de figuras de linguagem para alunos neuroatípicos, incluindo aqueles com autismo. Dentre essas metodologias, é válido citar a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) ou *Problem Based Learning* (PBL), método de ensino e aprendizagem que pode ser utilizado para beneficiar tanto crianças sem deficiência e transtornos quanto para promover a inclusão e enriquecer o processo de ensino e aprendizagem de crianças com deficiência.

[...] é um método de ensino e aprendizagem que nasceu em 1965 na escola de medicina de McMaster, na cidade de Hamilton, província de Ontário, no Canadá. O objetivo era ampliar o conhecimento e o desenvolvimento das habilidades médicas dos alunos em trabalho coletivo, cooperativo e colaborativo, partindo de situações-problema hipotéticas [...] (BOROCHOVICIUS; TASSONI, 2021, p. 3).

A utilização da ABP pode ser pensada em um contexto prático de ensino de línguas por meio da apresentação aos alunos de um problema ou situação que envolva figuras de linguagem. Isso poderia ser um texto, uma história curta, um anúncio publicitário, um poema ou qualquer outra forma de comunicação que contenha figuras de linguagem visuais ou verbais. Posteriormente, ocorre a discussão e exploração por meio do encorajamento dos alunos a discutirem o problema em grupos e a explorarem as figuras de linguagem presentes. Subsequentemente, os alunos podem identificar metáforas, metonímias, comparações, personificações, entre outros elementos figurativos. É importante que os alunos se concentrem não apenas nas palavras, mas também nas imagens ou elementos visuais que



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

podem estar presentes. Como proposta de atividade, pode ser pensada a criação de recursos visuais, em que os alunos podem criar recursos visuais para representar as figuras de linguagem identificadas. Isso pode incluir a criação de desenhos, gráficos, colagens, ou mesmo a produção de pequenos vídeos que ilustrem as figuras de linguagem em ação.

Nota-se, assim, o emprego de recursos visuais no ensino, uma das possibilidades para propor a aprendizagem da língua bem como de seus mecanismos estilísticos, notadamente um dos maiores desafios no que se refere à comunicação subjetiva em sujeitos TEA. Por meio de utilização de recursos visuais, o ensino de figuras de linguagem pode ser pensado em um contexto prático, onde ocorre a fixação do conceito e da referência visual a que se remete a expressão.

De forma progressiva, os alunos podem apresentar e realizar discussões sobre suas criações, onde cada grupo de alunos apresenta seus recursos visuais à classe e explica como as figuras de linguagem estão sendo representadas. Isso promove a comunicação e a compreensão entre os colegas. Visando propor a reflexão e análise, após as apresentações, pode ser conduzida uma discussão sobre as diferentes maneiras como as figuras de linguagem foram interpretadas e representadas visualmente. Isso ajuda os alunos, principalmente o diagnosticado com TEA, foco, nesta alçada, da abordagem, a aprofundar sua compreensão das figuras de linguagem. Buscando, então, promover a aplicação da aprendizagem em contextos práticos, pode ser solicitado aos alunos para que usem as figuras de linguagem que aprenderam em contextos reais. Isso pode incluir a criação de histórias, poesias ou textos em que devem incorporar as figuras de linguagem de forma criativa. Assim, a avaliação e o Feedback, importantes instrumentos no processo de ensino e aprendizagem, podem ser feitos por meio de exercícios de avaliação que envolvam a identificação e o uso de figuras de linguagem em novos contextos.

Ao combinar a ABP com recursos visuais, os alunos são incentivados a pensar de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

forma mais crítica, criativa e inclusiva sobre o uso das figuras de linguagem. Essa abordagem ativa e envolvente pode beneficiar tanto alunos sem transtornos e deficiências quanto aqueles que possuem diagnóstico, tornando o processo de aprendizado mais significativo e inclusivo.

Dessa maneira, a metodologia ativa de Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) pode ser uma abordagem eficaz no ensino de figuras de linguagem em contextos neuroatípicos, especialmente quando combinada com o uso de recursos visuais. Nesse método, os alunos são apresentados a problemas ou situações desafiadoras que envolvem o uso de figuras de linguagem e são incentivados a explorar esses conceitos de maneira mais profunda e criativa.

Considerações finais

A educação inclusiva no Brasil é regida por diversos documentos legais e diretrizes, com destaque para a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996. Além desses, a Declaração de Salamanca, embora não seja um documento brasileiro, exerce influência significativa nas políticas de inclusão educacional no país. Embora, teoricamente, a educação inclusiva no Brasil seja resguardada por esses documentos, no contexto prático, ainda existem muitas lacunas em relação ao processo de ensino-aprendizagem em contextos de neuroatipicidade.

É necessário, no entanto, buscar a compreensão e a localização da comunicação autística no contexto em que ela se produz. Existem muitos questionamentos referentes às reais causas do TEA, bem como de seus desdobramentos. Entretanto, a comunicação do sujeito TEA também deve ser encarada como processo social, estando intrinsecamente ligado à intencionalidade do falante. Para tanto, a pesquisa abarcou os gêneros relativamente

- 1110 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

estáveis, propostos por Bakhtin em seu trabalho acerca da teoria do discurso, propondo compreender se a comunicação no contexto do autismo pode ou não se encaixar nas definições de discurso propostas pelo teórico russo entre as décadas de 1952 e 1953. O resultado da pesquisa sugeriu que embora os gêneros relativamente estáveis de Bakhtin, à luz dos fenômenos da interação comunicativa, sejam aqueles que mantêm uma estrutura mais consistente e reconhecível, o discurso autístico, devido às características específicas do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e às diferenças fundamentais nas formas de comunicação utilizadas por pessoas com TEA em comparação com as normas de comunicação predominantes em uma determinada cultura ou sociedade.

Dessa forma, as características do discurso autístico não se alinham com os gêneros relativamente estáveis devido às diferenças fundamentais na comunicação e às particularidades linguísticas associadas ao TEA. No entanto, é importante reconhecer e valorizar a diversidade de estilos de comunicação e adaptar estratégias de apoio para atender às necessidades individuais das pessoas com TEA, promovendo a compreensão e a inclusão.

O autismo, ou Transtorno do Espectro Autista, definido pelo DSM-V como um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades de interação social, comunicação e comportamentos repetitivos e restritos, ainda se apresenta como um desafio aos educadores, em especial, aos docentes de línguas, tendo em vista que a inclusão de alunos com TEA na educação regular requer uma abordagem cuidadosa e adaptada para atender às suas necessidades individuais.

Levando em consideração tais fatores, urge a necessidade em se pensar o ensino de línguas, em especial, no contexto de neuroatipicidade do autismo, considerando suas facetas e características. O ensino de línguas é permeado por inúmeros tópicos, dentre eles se encontram as figuras de linguagem, que se encontra dentro do campo da estilística. O ensino de figuras de linguagem é tipicamente complexo, e torna-se ainda mais quando voltado ao



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

processo onde se encontram alunos diagnosticados, tendo em vista que o TEA é caracterizado por dificuldades na compreensão de comunicação não literal, como metáforas, ironias e outras figuras de linguagem, que muitas vezes dependem de subjetividade e interpretação contextual.

Diante do exposto, a pesquisa visa contribuir de maneira positiva para que o ensino de figuras de linguagem se torne mais acessível e significativo para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Por meio da utilização da Metodologia de Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL) e recursos visuais, busca-se oferecer estratégias de ensino adaptadas às necessidades individuais desses alunos, promovendo sua compreensão e aquisição de habilidades comunicativas complexas.

Ao promover a inclusão e a diversidade no ensino de línguas, essa pesquisa busca contribuir para a construção de ambientes educacionais mais inclusivos e igualitários, onde todos os alunos, independentemente de suas diferenças, tenham a oportunidade de aprender e se desenvolver plenamente. O objetivo final é enriquecer a experiência educacional de alunos com TEA, capacitando-os a se comunicar de maneira eficaz e a participar ativamente da sociedade.

Referências

ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. C. Práticas de linguagem na escola sob uma perspectiva dialógica. In: BELOTI, Adriana; POLATO, Adriana Mendes; BRITO, Pedro Augusto Pereira. (orgs.). Dialogismo e ensino de línguas: **reflexos e refrações na práxis**. Campo Mourão, PR: Editora Fecilcam, 2021b. p. 12. Disponível em: <https://campomourao.unespar.edu.br/editora/documentos/dialogismo-e-ensino-de-linguas-reflexos-e-refracoes-na-praxis>. Acesso em: 22 set. 2023.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5 – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <https://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de>

- 1112 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

transtornos-mentais-dsm-5.pdf. Acesso em: 22 set. 2023.

ASSIS, R. L. A. (2009). Analogias e Metáforas como Potencializadoras do Desenvolvimento Cognitivo no Ensino de Ciências: **Estudo de Caso com Alunos de 11 a 12 anos**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?selectaction=&coobra=169408>. Acesso em: 22 set. 2023

BAKHTIN, M. M. Gêneros discursivos. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

BAKHTIN, M. Metodologia das ciências humanas. **Estética da Criação Verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011c [1974], p. 393-410.

BORDIN, S. Fale com ele: **um estudo neurolinguístico do autismo**. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; 2006. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/366895>. Acesso em: 22 set. 2023.

BOROCHOVICIUS, E.; TORTELLA, J. C. B. Aprendizagem Baseada em Problemas: um método de ensino-aprendizagem e suas práticas educativas. Ensaio: **Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 22, n. 83, p. 263–294, abr. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/QQXPb5SbP54VJtpmvThLBTc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 set. 2023.

CANCELIER, B. C. **A UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA E COM CRIANÇAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM ESTUDO SOBRE O MÉTODO TEACCH**. Orientador: Jacira Medeiros. 2022. Artigo (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina, 2022. p. 31. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/26314>. Acesso em: 22 set. 2023.

JAKOBSON, R. "Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia". **Linguística e comunicação**. 19 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução do Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/Editora da PUC-



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

SP, 2002.

MOUSINHO, R. *et al.* Aquisição da linguagem figurada. **Rev. psicopedag.**, São Paulo, v. 26, n. 80, p. 200-206, 2009. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010384862009000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 set. 2023.

PIECZARKA, T. O desenvolvimento do Transtorno do Espectro Autista: **considerações a partir de Piaget**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. UFPR, 2017. Disponível em:

<https://www.prppg.ufpr.br/site/ppge/pb/trabalhos-de-conclusao/>. Acesso em:

SANTOS, R. C. **A ESCOLA E O DESENVOLVIMENTO MOTOR DE CRIANÇAS DE 5 A 24 MESES DE IDADE**. 2013. 52 p. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Centro de Ensino Superior do Ceará, Fortaleza, 2013.

SIQUEIRA, M.; LAMPRECHT, R. R. As metáforas primárias na aquisição da linguagem: um estudo interlingüístico. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 23, n. 2, 2016. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/30421>. Acesso em: 22 set. 2023.

VEREZA, S. C. O gesto da metáfora: na referenciação: tecendo objetos de discurso pelo viés da linguagem figurada. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 59, p. 135, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8648450/15699>. Acesso em: 22 set. 2023.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

VARIAÇÃO FONÉTICA: UM ESTUDO GEOSOCIOLINGÜÍSTICO DA VARIÁVEL CADARÇO

Thiago Leonardo Ribeiro (SEED-PR)
Vera Maria Ramos Pinto (CLCA-UENP/CJ)³³

Resumo: Se virmos alguém com o calçado desamarrado o que podemos falar? “Fulano, o cadarço está desamarrado!”. Mas sabemos bem que na linguagem popular nos deparamos com outras pronúncias como: [ka'daɾʃʊ], [kaɾ'dasʊ], [ka'dasʊ], [ka'dahsʊ], [kaɾ'daɾʃʊ], [ka'dawsʊ], [kaw'dasʊ]. Então, para explorar esse fato linguístico, lançamos mão da Sociolinguística e da Dialectologia, abordando a relevância do estudo da variação fonética no português brasileiro. Temos por objetivo analisar as respostas obtidas para a questão 31 do Questionário Fonético-Fonológico elaborado para o Atlas Linguístico do Norte Pioneiro do Paraná – ALiNPiPR (Ribeiro, 2022), verificando que o português brasileiro vai além da gramática, além do certo e errado. Este trabalho consiste em uma contribuição para que se confirme a diversidade linguística em nosso país e região, além de uma tentativa de se mitigar o preconceito linguístico.

Palavras-chave: Variação fonética. Português brasileiro. Cadarço.

Introdução

Atentos ao Português Brasileiro do nosso cotidiano, lançamos mão desse item frequentemente usado para que nossos calçados não saiam dos nossos pés, para abordar e exemplificar um dos tipos de variação linguística que fazem parte da nossa vida, a variação fonética. Ocorre essa variação quando a mesma palavra é pronunciada de forma diferente levando em consideração a localidade, sexo, faixa etária, dentre outros fatores.

Esta variação atesta determinados fenômenos no português brasileiro, como é o caso da rotacização (troca o [l] pelo [r]) em planta / pranta; iotização (troca do [lh] por [i]) em folha / foia; e monotongação (redução de um ditongo em vogal), que ocorre em queijo /

³³ Líder do Grupo de Pesquisa *Leitura e Ensino* do CLCA-UENP/CJ.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

quejo. Podemos verificar no mesmo ambiente linguístico mais de uma realização fonética.

Este trabalho tem o objetivo de levar o conhecimento da realidade linguística do Norte Pioneiro, mesorregião colonizada em vastos latifúndios, preponderantemente por paulistas e mineiros, e apresentar a variação linguística existente, visando ao combate ao preconceito linguístico, pois o que é falado de maneira diversa ao imposto pela norma padrão não é errado, por vezes é apenas outra denominação determinada por fatores históricos, geográficos e socioculturais.

Pressupostos teórico-metodologia

Na investigação de temas ligados à variação contamos, mais recentemente, com a confluência das metodologias da Geolinguística e da Sociolinguística, resultando no ramo denominado Geossociolinguística ou Dialectologia Pluridimensional (Thun, 1998). Essa, por sua vez, “combina a dialectologia areal com a sociolinguística (e a pragmática) para converter o estudo tradicional da superfície bidimensional em estudo do espaço tridimensional da variação linguística” (Thun, 1997, p. 4).

Assim, o presente estudo se insere numa perspectiva pluridimensional, uma vez que tratamos da perspectiva diatópica, diassexual e diageracional.

Estabelecemos que a variação linguística ocorre quando duas ou mais formas concorrem com o mesmo significado. Acrescentamos, ainda, que o termo *variantes* diz respeito às muitas formas de nomear o referente, enquanto *variável* é o conjunto de variantes. Nessa esteira, com a coautoria de Ramos Pinto (2019), publicamos:

A língua, por ser heterogênea, manifesta-se de modo variável dentro da mesma comunidade de fala, pois pessoas, com características diferentes, expressam-se de maneiras diferentes. Essas variações podem ocorrer em todos os níveis da fala (fonético-fonológico, sintático, morfológico,

- 1116 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

lexical) e são decorrentes de vários fatores sociais como a origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho e redes sociais do falante (Ramos Pinto; Ribeiro, 2019, p. 18).

Para registrar as variedades, lançamos mão dos atlas linguísticos, que retratam a diversidade linguística com suas singularidades fonéticas, lexicais e morfossintáticas, considerando as dimensões sexuais, geracionais, culturais, estilísticas, entre outras.

A pesquisadora Isquerdo (2012, p. 124), sobre a importância do registro do léxico regional em obras lexicográficas e nos atlas, destaca que é uma “forma de perenização de determinadas formas que foram representativas de um momento da história da língua e da cultura de um povo e que são substituídas por outras no decurso dessa história”.

No que tange ao âmbito de investigação dos atlas, Cardoso (2009) aponta:

[...] a Geolinguística produziu, inicialmente, atlas nacionais, dos quais o *Atlas [Atlas Linguistique de la France (ALF)]* de Gilliéron é o primeiro exemplo, a que se seguiram atlas regionais, como os de que dispomos em relação ao Brasil, atlas continental, representado pelo único existente — o *Atlas Linguarum Europae (ALE)* —, e vem produzindo atlas de famílias de línguas, como o *Atlas Linguistique Roman (ALiR)*, o que revela ora a relação com o espaço geopolítico, ora a perseguição dos caminhos seguidos por línguas, independentemente dos limites geográficos e/ou políticos (Cardoso, 2009, 190-191).

Como Amaral (1920), Nascentes (1922) e Marroquim (1934), pesquisadores da realidade linguística brasileira, obtivemos os dados explorados neste trabalho por ocasião de pesquisa geossociolinguística empreendida para elaboração do *Atlas Linguístico do Norte Pioneiro do Paraná*³⁴.

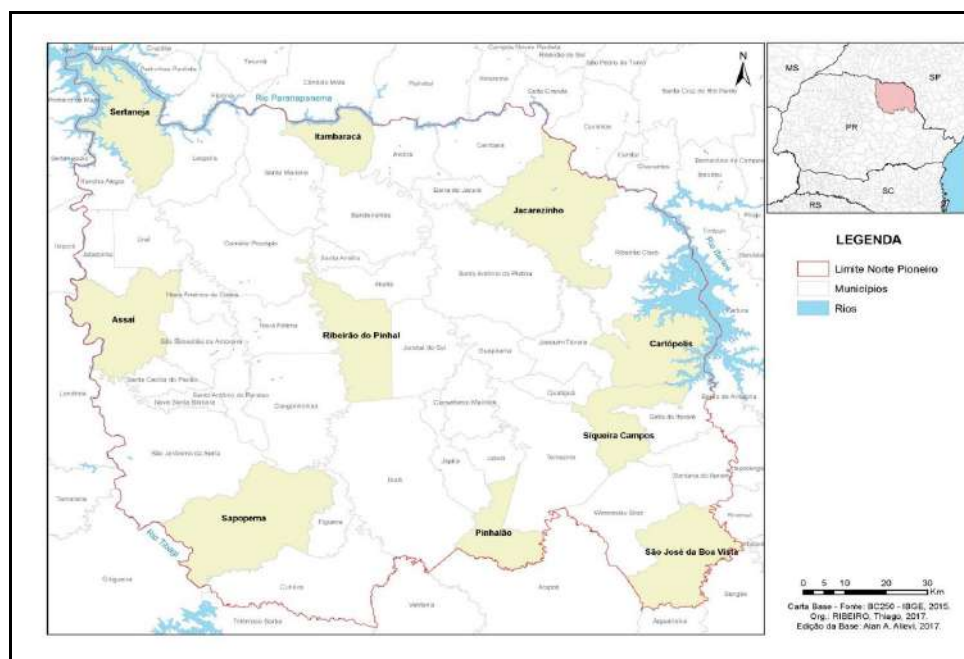
³⁴ Tese de doutorado defendida em 2021 junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem - PPGEL da Universidade Estadual de Londrina - UEL, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Vanderci de Andrade Aguilera.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Para atingir nosso objetivo, seguimos o percurso metodológico do Projeto *Atlas Linguístico do Brasil* – ALiB, pautados nos princípios da Geolinguística Pluridimensional, unindo a visão diatópica à sociolinguística. Delimitamos para o estudo, como nossa rede de pontos, a mesorregião Norte Pioneira do Estado Paraná e, usando o critério geográfico, decidimos por investigar dez localidades: Sertaneja (1), Itambaracá (2), Jacarezinho (3), Assaí (4), Ribeirão do Pinhal (5), Carlópolis (6), Sapopema (7), Siqueira Campos (8), Pinhalão (9) e São José da Boa Vista (10).

Figura 1 – Carta base



Fonte: elaborado pelo geógrafo Alan A. Alievi

Quanto ao perfil dos informantes, estabelecemos: sexo masculino e feminino, de 16 a 24 anos (faixa I), de 30 a 50 anos (faixa II), e de 60 a 80 anos (faixa III), sem ensino médio completo, morando no local a maior parte da vida.

- 1118 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Nossos instrumentos de coleta de dados, os questionários linguísticos, foram elaborado com 110 perguntas (ilustradas quando possível), distribuídas em: Fonético-Fonológico (40 questões), Morfossintático (14), Semântico-Lexical (54), Perguntas Metalinguísticas (2). Como base para a sua composição, recorreremos aos questionários do *Atlas Linguístico do Brasil - ALiB* (Comitê..., 2001), do *Atlas Linguístico do Paraná - ALPR* (Aguilera, 1994), do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS* (Koch; Klassmann; Altenhofen, 2002 / Altenhofen; Klassmann, 2011) e ao *Questionário para verificação do léxico na Rota do Café – QVLRC* (Ribeiro, 2017). Dessas 110 questões, 29 são inéditas, criadas pelo autor/pesquisador.

Os inquéritos linguísticos ocorreram de janeiro a junho de 2019, com 69 entrevistas em busca do *corpus* ideal, chegando aos 60 informantes com aproximadamente 45 horas de gravação. A conversa tinha início com o preenchimento das fichas do informante e da localidade, com o gravador já ligado, continuando com questionamentos direcionados à obtenção de narrativas pessoais (origem familiar, pontos turísticos da localidade, comida típica, feira agropecuária, curiosidades locais) e, em seguida, a aplicação do questionário; finalizávamos contando o real motivo da entrevista.

Após a transcrição dos dados, apresentamos as respostas obtidas para a questão n. 31 do Questionário Fonético-Fonológico, com o enunciado: “Com o quê amarramos nossos calçados, apertando-os e ajustando-os aos nossos pés?” e ilustrada pela seguinte imagem:



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Figura 2 – Cadarço



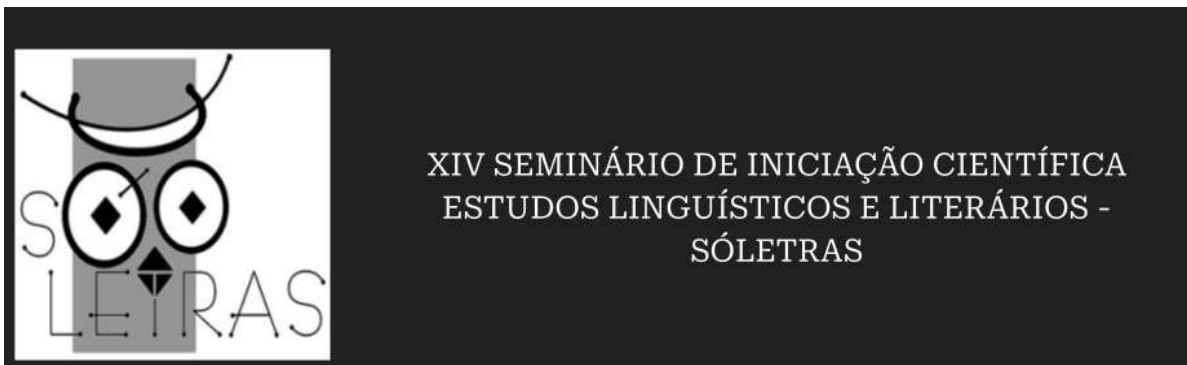
Fonte: vejario.abril.com.br

Na sequência, passamos à análise diatópica, diassexual e diageracional, com cartografia das variantes, distribuindo os dados pela região investigada, trabalho executado com o auxílio do *[[GVCLin]* - *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas*, de Seabra, Romano e Oliveira (2014).

Figura 3 - Cartografia [[GVCLin]



Fonte: SEABRA; ROMANO; OLIVEIRA, 2014, p. 30



Análise geossociolinguística

Explorando a mesorregião Norte Pioneiro, levantamos um total de 59 respostas válidas (descartamos a designação *cordão*, pois o objetivo era a variação fonética e não lexical), consistente nas variantes: [ka'daʃsɯ] (33), [kaɫ'dasɯ] (18), [ka'dasɯ] (4), [ka'dahsɯ] (1), [kaɫ'daʃsɯ] (1), [ka'dawsɯ] (1) e [kaw'dasɯ] (1).

Ao compulsar os dicionários Aulete (2011), Aurélio (2010) e Houaiss UOL (online) encontramos as seguintes definições respectivamente:

- Cordão ou fita para amarrar sapatos, apertar botas ou botinas etc;
- Cordão com que se ajusta o sapato aos pés;
- Fita ou cordão que se usa em certos tipos de calçados e que permite alargar ou estreitar a abertura destes para melhor ajustá-los e prendê-los ao pé e/ou tornozelo e/ou perna (p. ex., em botas de cano alto etc.).

Com a pesquisa verificamos que ataca, atacador, atilho, cordão, enfia, enfiador, nastro, fita são formas sinônimas.

No que tange à origem da palavra *cadarço*, encontramos que é proveniente do espanhol *cadarzo* (século XIII), derivado da forma latina *cathartum*, do grego *kathartéon*, no sentido de "seda que deve ser purificada"³⁵.

Variação diatópica

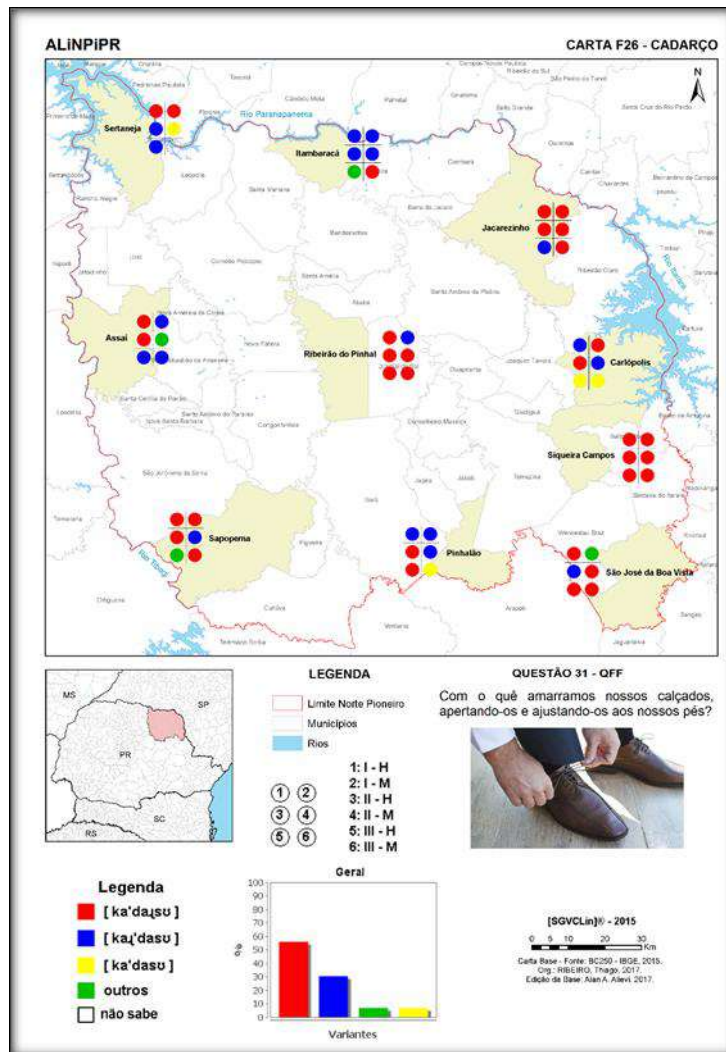
Com os dados sistematicamente coletados, na Figura 4, apresentamos a carta linguística fonética com a distribuição das variantes por localidade, sexo e faixa etária:

³⁵ Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-2/html/index.php#7. Acesso em: 20 fev. 2024.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Figura 4 – Carta linguística



Fonte: ALINPiPR, Tomo II, p. 66

Para esclarecer os registros coletados, apresentamos a ocorrência das variantes distribuídas pelos pontos da rede:

- 1122 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

- Em Sertaneja (ponto 1), registramos as formas [ka'dasʊ] (20%), [ka'daɪʃʊ] (40%) e [kaɻ'dasʊ] (40%);
- Em Itambaracá (ponto 2), [ka'daɪʃʊ] (16,67%), [kaɻ'dasʊ] (66,67%), [ka'dahsʊ] como outros (16,67%);
- Em Jacarezinho (ponto 3), [ka'daɪʃʊ] (83,33%) e [kaɻ'dasʊ] (16,67%);
- Assaí (ponto 4), [ka'daɪʃʊ] (33,33%), [kaɻ'dasʊ] (50%) e [kaɻ'daɪʃʊ] como outros (16,67%);
- Ribeirão do Pinhal (ponto 5): [ka'daɪʃʊ] (83,33%) e [kaɻ'dasʊ] (16,67%);
- Em Carlópolis (ponto 6), obtivemos [ka'dasʊ] (33,33%), [ka'daɪʃʊ] (33,33%) e [kaɻ'dasʊ] (33,33%);
- Em Sapopema (ponto 7): [ka'daɪʃʊ] (66,67%), [kaɻ'dasʊ] (16,67%) e [ka'dawsʊ] como outros (16,67%);
- Siqueira Campos (ponto 8): com a forma hegemônica [ka'daɪʃʊ] (100%);
- Em Pinhalão (ponto 9), informaram [ka'dasʊ] (16,67%), [ka'daɪʃʊ] (33,33%) e [kaɻ'dasʊ] (50%);
- Em São José da Boa Vista (ponto 10), documentamos o uso de [ka'daɪʃʊ] (66,67%), [kaɻ'dasʊ] (16,67) e [kaw'dasʊ] como outros (16,67%).

A carta linguística da Figura 4, mostra que a variante [ka'daɪʃʊ] está presente em todas as localidades, mas em Jacarezinho, Ribeirão do Pinhal e Siqueira Campos é a forma cristalizada.

Em Assaí, Itambaracá e Pinhalão conferimos a forma [kaɻ'dasʊ] proferida por três informantes, porém, não registrada em Siqueira Campos.

Já em Carlópolis, Sertaneja e Pinhalão, encontramos a variante [ka'dasʊ], sendo uma forma menos produzida, ganhando apenas das variantes classificadas como outros, com uma ocorrência cada.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Variação diassexual

Das 59 respostas, o grupo masculino é responsável por 30, consistindo em: [ka'daɻsɔ] (60%), [kaɻ'dasɔ] (30%), [ka'dasɔ] (3,33%), e como *outros* [ka'dawsɔ] (3,33%) e [ka'dahsɔ] (3,33%).

O grupo feminino colaborou com 29 respostas: [ka'daɻsɔ] (51,72%), [kaɻ'dasɔ] (31,03%), [ka'dasɔ] (10,34%), e como *outros* [kaɻ'daɻsɔ] (3,44%) e [kaw'dasɔ] (3,44%).

Tecnicamente, podemos inferir que o sexo não se constitui em marcador social da variável. Ressaltamos que em ambas as falas ocorreram cinco variantes. Sendo as formas [ka'dawsɔ] e [ka'dahsɔ] registradas como *hapax legomena* na fala masculina, enquanto na fala feminina, [kaɻ'daɻsɔ] e [kaw'dasɔ] figuraram uma única vez; e neste grupo registramos uma abstenção.

Vale destacar que foram as mulheres que mais realizaram a variante [ka'dasɔ] com 10,34% contra 3,33%. Já os homens foram os que mais produziram [ka'daɻsɔ], 60% contra 51,72%.

Variação diageracional

Os informantes das faixas etárias I (de 16 a 24 anos) e II (de 30 a 50 anos) deram ambos 20 respostas. A primeira faixa registrou: [ka'daɻsɔ] (60%), [kaɻ'dasɔ] (35%) e [kaw'dasɔ] (5%), categorizada em *outros* por ser produzida uma vez apenas.

A segunda faixa emitiu: [ka'daɻsɔ] (55%), [kaɻ'dasɔ] (35%), [ka'dasɔ] (5%) e [kaɻ'daɻsɔ] (5%), como *outros*.

A faixa III (de 60 a 80 anos) contribuiu com 19 ocorrências: [ka'daɻsɔ] (54.16%), [kaɻ'dasɔ] (29.16%), [ka'dasɔ] (8.33%), e como *outros* [ka'dahsɔ] (4.16%), [ka'dawsɔ]



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

(4.16%).

Descartamos a resposta dada pela informante mulher da faixa etária III no ponto 1 (Sertaneja), o designativo *cordão*, por se tratar de variante lexical que não atende ao objetivo da questão que é o de verificar se ocorre ou não a hipértese.

Os dados permitem afirmar que os mais idosos foram mais produtivos em nosso levantamento geossociolinguístico, produzindo cinco variantes, enquanto os mais jovens três e os adultos quatro.

Considerações finais

Com a pesquisa verificamos que na mesorregião Norte Pioneiro do Paraná, 55% das respostas forneceram a variante [ka'daʃʊ], 30% das ocorrências foram com a variante [kaɻ'dasʊ], 6,66% [ka'dasʊ] e 6,66% para outros ([ka'dahsʊ], [kaɻ'daʃʊ], [ka'dawsʊ], [kaw'dasʊ]). A resposta descartada, qual seja, *cordão*, equivale a 1,66%.

Nas palavras de Ataliba T. de Castilho, importante linguista brasileiro:

[...] Quem pratica o português popular não 'fala errado' – apenas opera com a variedade correspondente ao seu nível sociocultural. Quem pratica o português culto não 'fala certo', de novo apenas se serve da variedade correspondente ao seu nível sociocultural. Falar errado é não se fazer entender em seu meio, como bem lembrava o professor Antenor Nascentes, ou é usar uma variedade inadequada ao meio em que o falante se encontra (CASTILHO, 2014, p. 205, grifo do autor).

Assim, o estudo de variantes como as aqui elencadas consiste em uma contribuição para que se confirme a diversidade linguística em nosso país e região, além de uma tentativa de se mitigar o preconceito linguístico. Registrar os fenômenos linguísticos antes que se percam no decurso do tempo.

- 1125 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Referências

AGUILERA, V. de A. *Atlas linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. (orgs.). *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas semântico-lexicais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 4. ed. São Paulo: Hucitec/INL-MEC, 1981 [1920].

AULETE, C. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

CARDOSO, S. A. M. Projeto Atlas Linguístico do Brasil - Projeto ALiB: descrição e estágio atual. *Revista da ABRALIN*, v.8, n.1, p. 185-198 jan./jun. 2009. Disponível em: <https://docplayer.com.br/42427234-Projeto-atlas-linguistico-do-brasil-projeto-alib-descricao-e-estagio-atual-1.html>. Acesso em: 05 set. 2019.

CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed. 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2014.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. *Atlas Linguístico do Brasil: Questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.

FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

ISQUERDO, A. N. A vitalidade do cuitelo na Região Sul do Brasil: um estudo com base em dados de atlas rurais e urbanos de diferentes domínios. In: ALTINO, F. C. (Org.). *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera*. Londrina: Midiograf, 2012.

KOCH, W.; KLASSMANN, M. S.; ALTENHOFEN, C. V. (Orgs.). *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*. v. 2 Cartas fonéticas e morfossintáticas. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Ed. UFRGS/ Ed. UFSC/ Ed. UFPR, 2002.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste*. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996 [1934].

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953 [1922].

RAMOS PINTO, V. M.; RIBEIRO, T. L. A Diversidade Linguística na Publicidade. In: MAZINI, A. G. E.; DIAS, L. A. X.; DUARTE, P. C. de O. (Orgs.). *Estudos da Linguagem: questões teóricas e metodológicas*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

RIBEIRO, T. L. *A variação lexical na Rota do Café: estudos geossociolinguísticos no norte do Estado do Paraná*. 2017. 205 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina. 2017. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000225819>. Acesso em: 20 fev. 2024.

RIBEIRO, T. L. *Atlas linguístico do norte pioneiro do Paraná: ALiNPiPR*. 2021. 2 v. 436 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina. 2022. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000236796>. Acesso em: 20 fev. 2024.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] - Software para geração e visualização de cartas linguísticas. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 22, n.1, p.119-151, 2014. Disponível em: <https://bitbucket.org/oliveiranathan/sgvclin/downloads/>. Acesso em: 20 mar. 2018.

THUN, H. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevidianos em Rivera. *New Wege der Romanischen Geolinguistic: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie*. (Heidelberg/Mainz 21-24, 10.1991) Kiel: Westensee-Verl, 1998.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

**VIOLÊNCIA COMO FATOR DE ATRAÇÃO NO ROMANCE POLICIAL
CONTEMPORÂNEO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE “UMA MULHER
NO ESCURO”, DE RAPHAEL MONTES, E “UM CRIME ADORMECIDO”, DE
AGATHA CHRISTIE**

Nicole de Campos Sandri (G-CLCA-UENP/CJ)
Mônica Moreira Garbellini (Orientadora-CLCA-UENP/CJ)
Luiz Antonio Xavier Dias (Co-orientador-CLCA-UENP/CJ)

Resumo: Este trabalho realiza uma análise comparativa entre o romance policial clássico e contemporâneo, utilizando as obras "Uma Mulher no Escuro" (2019) de Raphael Montes e "Um Crime Adormecido" (1976) de Agatha Christie como estudo de caso. A pesquisa concentra-se na representação da violência como elemento de atração no romance policial contemporâneo. Ao contrastar os elementos estilísticos e narrativos dessas obras, examina-se como a violência é utilizada como recurso estético e ideológico, buscando provocar e questionar o leitor. A hipótese formulada sugere que a abordagem mais intensa da violência no romance policial contemporâneo cria um contraste marcante com o tom mais suave do romance policial clássico. Os objetivos incluem analisar a representação da violência nas obras de Raphael Montes, comparar essas representações com o trabalho de Agatha Christie, uma renomada autora do romance policial clássico, e discutir como as mudanças sociais e culturais influenciam a preferência dos leitores por essa evolução do gênero.

Palavras-chave: romance policial; violência; Raphael Montes; Agatha Christie; comparação.

Considerações Iniciais

Neste trabalho, realizaremos uma análise comparativa entre dois romances policiais contemporâneos de autores de diferentes nacionalidades e épocas, que apresentam formas distintas de abordar a violência em suas narrativas: *Uma mulher no escuro*, de Raphael Montes, publicado em 2019 no Brasil, e *Um crime adormecido*, de Agatha Christie, publicado em 1976 na Inglaterra. O objetivo é identificar e discutir como a violência é

- 1128 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

representada, tematizada, estilizada e utilizada em cada obra, e como isso se relaciona com o perfil dos autores, o contexto de produção e recepção, e o subgênero policial em que se inserem. Além disso, pretendemos analisar como a violência funciona como um fator de atração para os leitores, quais são os efeitos e as implicações éticas e estéticas dessa escolha, e quais são as semelhanças e as diferenças entre as duas obras nesse aspecto.

A metodologia que utilizaremos para realizar o trabalho consiste em uma leitura atenta e comparativa dos dois romances, buscando identificar e analisar os aspectos relacionados à violência, tais como: a natureza, a frequência, a intensidade, a explicitação, a motivação, a função, o significado, o estilo e o impacto dos atos violentos na trama, nos personagens e nos leitores. Para isso, utilizaremos como referencial teórico os conceitos de violência, de gênero policial e de subgêneros policiais, a partir de autores como Zizek (2004), Todorov (1978), D'Onofrio (1999), entre outros. Também recorreremos a estudos críticos e resenhas sobre as obras e os autores escolhidos, bem como a dados biográficos e bibliográficos dos autores.

Romance Policial Clássico X Romance Policial Contemporâneo

O romance policial clássico é aquele que segue as regras e as convenções estabelecidas pelos autores pioneiros do gênero, como Edgar Allan Poe, Arthur Conan Doyle e Agatha Christie. O romance policial clássico se caracteriza por ter um crime enigmático, geralmente um assassinato, que ocorre em um ambiente fechado e isolado, como uma mansão ou um trem.

O detetive é um personagem racional e observador, que usa a lógica e a dedução para resolver o caso. O grupo de suspeitos é formado por personagens com motivos e álibis plausíveis, que são interrogados pelo

- 1129 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

detetive. A solução do caso é revelada no final da obra, em uma cena dramática, onde o detetive explica como chegou à identidade e à motivação do criminoso. O romance policial clássico tem um tom de mistério e de surpresa, e busca satisfazer o senso de justiça do leitor.(TODOROV, 1971, p. 9-10).

Por sua vez, o romance policial contemporâneo é aquele que se adapta às mudanças sociais, culturais e tecnológicas do mundo atual, trazendo novos temas, cenários e personagens para o gênero policial. O gênero contemporâneo se caracteriza por ter um crime violento, que pode envolver vários tipos de delitos, como sequestro, tortura, estupro, terrorismo, etc. A violência ocorre em um ambiente aberto e dinâmico, como uma cidade, um país ou o mundo. O detetive é um personagem complexo e problemático, que usa a intuição e a tecnologia para resolver o caso. O grupo de suspeitos é formado por personagens com perfis psicológicos e sociais diversos, que podem ser vítimas ou cúmplices do crime. A solução do caso é revelada ao longo da obra, em várias cenas de ação, onde o detetive enfrenta perigos e obstáculos. O romance policial contemporâneo tem um tom de suspense e de violência, e busca chocar e provocar o leitor.

O romance policial contemporâneo carrega tipos de manifestação discursiva, com motivos científicos, religiosos, místicos, que movimentam a narrativa no lugar dos tradicionais assassinatos de motivos e criminosos previsíveis. Nesse tipo de texto tudo parece novo, diferente, ousado, assim como a sociedade moderna, de modo que não é um único crime que desenrola a narrativa, mas sim algum acontecimento que movimenta as personagens, seja ele um segredo a ser descoberto, um código secreto, etc. (Massi, 2009, p. 113).

Segundo Bakhtin (1998), o gênero literário é uma forma histórica e social de enunciado, que reflete as condições e as finalidades de cada esfera da cultura letrada. Cada esfera elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, que são os gêneros literários.

- 1130 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

O gênero literário é, portanto, uma forma-padrão de realização da língua, que pode ser modificada de acordo com as necessidades e as situações comunicativas. Neste sentido, o romance é o gênero literário por excelência da era moderna, pois incorpora e dialoga com diversos outros gêneros, tanto poéticos quanto prosaicos, criando uma multiplicidade de vozes e sentidos. (Bakhtin, 1998, p. 397-398).

O romance policial, como gênero literário, é um exemplo de gênero do discurso, que possui uma estrutura composicional, um estilo e um conteúdo temático próprios, mas que também se renova e se transforma ao longo da história. Para entendermos um pouco melhor o romance policial, levamos em consideração a fala de Ernest Mandel (1988) quando afirmou que o gênero está ancorado na ideia de que o mundo pode ser consertado, ou seja, a polícia e /ou o detetive das narrativas tem que resolver a investigação para, dessa forma, restaurar o universo e “satisfazer o senso de justiça do leitor” conforme pontuado por Chauvin (2020).

Logo nos primeiros contos, Edgar nos apresenta algumas regras que serão mais tarde consolidadas como característica do romance enigma clássico. São elas: o início do trabalho do detetive após o crime ter acontecido; o foco na dupla história (do crime e do inquérito); a imunidade do detetive e os jogos intertextuais.

Outros que valem a pena serem citadas quando falamos sobre o romance policial clássico e que são encontradas em todas as narrativas do gênero são a ocorrência de um crime (roubo ou assassinato, geralmente; o mistério em torno da identidade do criminoso; pistas e deduções ao longo da obra e a revelação, ao final da obra, do culpado e da motivação.

Mais à frente, em 1887, surge “Um estudo em vermelho” de Conan Doyle que dá segmento ao gênero explorado por Poe. Segundo Almeida (1991) “Holmes, ao contrário de Dupin, não é um iluminado do raciocínio abstrato; é, antes de mais nada, o homem das



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

observações cuidadosas, do silogismo, das deduções lógicas. É um perito que não quer adivinhar nem dar saltos no escuro”. Se para Dupin, sabedor dos fatos por intermédio de terceiros, basta sentar e raciocinar, para Holmes, ao contrário, torna-se necessária na maior parte das vezes sua presença física na cena do crime, debruçando-se sobre impressões digitais, cinzas, pegadas, etc. Com o tempo, Sherlock Holmes se torna um detetive de sucesso e seu legado se estende até o início do século XX. Assim como ocorre com Dupin, as aventuras de Sherlock são narradas por outra pessoa, um amigo, já que o detetive sempre está um passo à frente na investigação e totalmente focado nela. Dessa forma, o leitor descobre os fatos junto ao narrador e não ao detetive.

Segundo Paulo Medeiros “[...] anos após o aparecimento de Holmes, o grande detetive que veio marcar época, [...] [o] investigador puramente cerebral foi Hercule Poirot, o pequeno mas genial belga criado por Agatha Christie” (ALBUQUERQUE, 1979, p. 54). O detetive de Agatha também tem seus feitos contados por um fiel companheiro: Dr Hastings. Mas se engana quem pensa que esse foi o único detetive criado pela romancista. Agatha também conta com Miss Marple e o casal Tommy e Tuppence como investigadores em suas obras.

Embora os três detetives (Dupin, Sherlock e Poirot) contem com as suas particularidades no que se refere à investigação dos crimes, o fato é que os três são os mais famosos do gênero e isso perdura até os dias atuais. A narrativa policial tradicional tem como premissa que não pode haver um crime perfeito e que não há lugar para a impunidade e nos traz um universo de mistério, investigação, curiosidade, espanto e medo. Além disso, a solução do mistério tem que estar evidente, mesmo que implicitamente, desde o início. De forma que faça sentido caso seja feita uma releitura da obra e que o leitor perceba o quão desatento foi no momento em que a identidade do assassino seja revelada.

Se antes os romances de enigma abordavam apenas o crime e o inquérito e focavam



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

exclusivamente neles, os romances policiais atuais (e principalmente os do século XXI) abordam questões paralelas a tríade vítima, assassino e detetive.

Neste trabalho, investigamos a violência como fator de atração no romance policial contemporâneo, tendo como referência as obras de Raphael Montes, um dos principais representantes do gênero no Brasil. Nossa hipótese é que a violência é usada como um recurso estético, narrativo e ideológico, que busca chocar, provocar e questionar o leitor, criando um contraste com o romance policial clássico, que era mais suave na abordagem da trama.

Para alcançar nossos objetivos, realizamos uma pesquisa bibliográfica, baseada na consulta de livros, artigos e sites sobre o tema do romance policial e sobre os autores Raphael Montes e Agatha Christie. Analisamos como a violência é representada e consumida nas obras de Raphael Montes, comparando-as e contrastando-as com as obras de Agatha Christie, uma das maiores expoentes do romance policial clássico. Discutimos também como a mudança do leitor influencia na preferência pelo romance policial contemporâneo, levando em conta os aspectos psicológicos, sociais e culturais que influenciam o gosto literário.

Consideramos que este trabalho é relevante por mostrar a importância do romance policial como uma forma de expressão literária e social, capaz de refletir e questionar os valores e os conflitos da sociedade em diferentes épocas e contextos. Além disso, este trabalho contribui para o estudo da literatura comparada entre autores de diferentes países e períodos históricos, ampliando a visão crítica e a sensibilidade estética do leitor.

Uma mulher no escuro: a violência como espetáculo e catarse

Uma mulher no escuro é o quarto romance do escritor brasileiro Raphael Montes, considerado um dos principais nomes da literatura policial contemporânea no país. O livro



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

conta a história de Victoria Bravo, uma jovem que aos quatro anos de idade foi a única sobrevivente de um massacre que vitimou sua família. Vinte anos depois, ela vive reclusa em um apartamento no Rio de Janeiro, sofrendo de fobias e transtornos psicológicos, até que um dia recebe um recado do assassino. A partir daí, Victoria se envolve em uma trama de suspense, violência e vingança, que a leva a confrontar seu passado e seus medos.

A violência em *Uma mulher no escuro* (2019) tem ao menos três significados e funções diferentes, que se relacionam com os temas e as intenções do autor. Em primeiro lugar, a violência funciona como um fator de atração para o público, que se sente curioso, envolvido e estimulado pelas cenas de sangue e de sofrimento, que despertam sensações de medo, de adrenalina, de prazer e de catarse. O autor explora o gosto pela violência como uma forma de entretenimento, de espetáculo, de diversão e de escape, que revela aspectos obscuros e contraditórios da natureza humana. Em segundo lugar, a violência funciona como um fator de denúncia, de crítica, de reflexão e de questionamento sobre a realidade social, política, moral e psicológica do Brasil contemporâneo, marcado por conflitos, injustiças, corrupção, impunidade e desigualdade. O autor utiliza a violência como uma forma de chamar a atenção, de provocar, de incomodar e de desafiar os leitores, que são confrontados com situações e personagens que espelham os problemas e os dilemas do país. Em terceiro lugar, a violência funciona como um fator de transformação, de libertação, de superação e de vingança para a protagonista, que precisa enfrentar seus traumas, seus inimigos, seus limites e seus desejos, em busca de justiça, de verdade e de redenção. O autor utiliza a violência como uma forma de mostrar o crescimento, a evolução, a complexidade e a ambiguidade da personagem.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Um crime adormecido: a violência como enigma e desafio

Um crime adormecido é o último romance da escritora inglesa Agatha Christie, considerada a rainha do romance policial clássico. O livro conta a história de Gwenda Reed, uma jovem que se muda para uma casa antiga na Inglaterra, e começa a ter visões e pressentimentos sobre um crime ocorrido ali há dezoito anos. Ela procura a ajuda de Miss Marple, uma velha senhora que tem o talento de resolver mistérios, e juntas elas tentam desvendar o que ocorreu naquele local.

O romance de Christie se insere no subgênero policial conhecido como whodunit, que se caracteriza por uma narrativa de ritmo moderado, repleta de pistas, suspeitos, falsos indícios e deduções, que visa desafiar o leitor a descobrir a identidade e o motivo do criminoso. Nesse tipo de romance, a violência é um elemento secundário, tanto na construção do enredo, quanto na caracterização dos personagens, quanto na produção de efeitos estéticos e emocionais. No caso de *Um crime adormecido*, a violência é apresentada de forma implícita, discreta e elegante, sem enfatizar detalhes ou exibir cenas de crueldade, tortura e morte. A autora utiliza recursos como a sugestão, a alusão, o diálogo, o humor, a ironia e o contraste entre o refinado e o macabro, para criar um clima de mistério, curiosidade, surpresa e fascínio nos leitores.

A violência em *Um crime adormecido* (2019) tem várias funções e significados, que se relacionam com os temas e as intenções da autora. Em primeiro lugar, a violência funciona como um fator de enigma, de desafio, de raciocínio e de lógica para o público, que se sente intrigado, envolvido e estimulado pelas pistas e pelos indícios, que conduzem à solução do crime. A autora explora o gosto pela violência como uma forma de jogo, de exercício, de diversão e de aprendizado, que revela aspectos racionais e criativos da natureza humana. Em segundo lugar, a violência funciona como um fator de contraste, de ironia, de



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

reflexão e de questionamento sobre a realidade social, cultural, moral e psicológica da Inglaterra do pós-guerra, marcada por mudanças, conflitos, tradições, preconceitos e hipocrisias. A autora utiliza a violência como uma forma de chamar a atenção, de provocar, de incomodar e de desafiar os leitores, que são confrontados com situações e personagens que espelham os problemas e os dilemas do país. Em terceiro lugar, a violência funciona como um fator de justiça, de ordem, de restauração e de moralidade para a protagonista, que precisa enfrentar seus medos, seus inimigos, seus segredos e seus sentimentos, em busca de paz, de verdade e de felicidade. A autora utiliza a violência como uma forma de mostrar o crescimento, a evolução, a simplicidade e a bondade da personagem, que se torna ao mesmo tempo vítima e detetive, heroína e amiga, inocente e sábia.

A violência como fator de atração no romance policial contemporâneo

A partir da análise comparativa entre as duas obras, podemos concluir que a violência é um fator de atração no romance policial contemporâneo, que se manifesta de formas diferentes, dependendo do subgênero, do contexto, do estilo e da intenção dos autores e dos leitores. A violência é um tema que desperta o interesse, a curiosidade e o envolvimento dos leitores, que buscam na literatura uma forma de lidar com seus medos, seus desejos, seus conflitos e seus dilemas, que são refletidos e ampliados nas narrativas policiais. A brutalidade é também um recurso que provoca reações emocionais e intelectuais nos leitores, que sentem medo, repulsa, indignação, surpresa, curiosidade, raciocínio, prazer, adrenalina, catarse, aprendizado, entre outras sensações, que variam de acordo com o grau e a forma de representação da agressão em cada obra. A hostilidade é ainda uma função que tem um papel importante na construção do enredo, na caracterização dos personagens, na produção de efeitos estéticos e na transmissão de mensagens e valores, que se relacionam

- 1136 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

com os problemas, as questões, as críticas e as reflexões que os autores e os leitores querem expressar e discutir sobre a realidade em que vivem.

Assim, podemos afirmar que a violência é um elemento que caracteriza e diferencia o romance policial contemporâneo, que se adapta e se renova de acordo com as mudanças históricas, culturais, estéticas e éticas que ocorrem na sociedade e na literatura. O romance policial contemporâneo é um gênero que explora a violência de forma criativa, inovadora, diversificada e desafiadora, que busca atender às expectativas e às preferências dos leitores, que se interessam por histórias que misturam suspense, mistério, ação, horror, humor, ironia, lógica, emoção, crítica e reflexão, que revelam aspectos racionais e obscuros, criativos e contraditórios, simples e complexos, bondosos e ambíguos da natureza humana. O romance policial contemporâneo é um gênero que utiliza a violência de forma crítica, provocativa, incomodativa e questionadora, que busca chamar a atenção, despertar, envolver e desafiar os leitores, que são confrontados com situações e personagens que espelham e ampliam os problemas, os dilemas, as injustiças, as hipocrisias e as desigualdades da realidade em que vivem.

Agatha Christie

A vida e a obra de Agatha Christie, a Dama do Crime, foram retratadas por Janet Morgan em sua biografia oficial. Segundo Morgan (1985, p. 15), Christie “foi uma famosa escritora britânica de romances policiais” que criou personagens memoráveis como Hercule Poirot e Miss Marple. Ela nasceu em 1890 em uma família abastada e recebeu uma educação doméstica. Seu primeiro livro, “The Mysterious Affair at Styles”, foi publicado em 1920, após seis tentativas frustradas. Nessa obra, ela apresentou o detetive belga Hercule Poirot, que se tornaria um dos seus mais famosos protagonistas.

- 1137 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Christie teve uma vida cheia de aventuras e desafios. Durante as duas guerras mundiais, ela trabalhou como enfermeira e farmacêutica, adquirindo um vasto conhecimento sobre venenos, que usou em muitas de suas histórias. Em 1930, ela se casou com o arqueólogo Max Mallowan, com quem viajou pelo Oriente Médio e participou de escavações. Essas experiências também inspiraram alguns de seus romances, como “Morte no Nilo” e “Assassinato no Expresso do Oriente”. Além de escrever livros de mistério, ela também se aventurou em outros gêneros, usando o pseudônimo Mary Westmacott. Ela também foi a autora da peça teatral mais longa do mundo, “The Mousetrap”, que estreou em 1952 e continua em cartaz até hoje.

Morgan (1985, p. 23) afirma que Christie foi uma escritora da “Era de Ouro da Ficção Detetivesca” e que recebeu o título de “Rainha do Crime”. Sua obra é reconhecida mundialmente e é a mais vendida de todos os tempos, segundo o Guinness World Records. Em 1971, ela foi condecorada pela Rainha Elizabeth II com a Ordem do Império Britânico, tornando-se Dama (DBE). Ela morreu em 1976, deixando um legado de 66 romances policiais, 14 coleções de contos e mais de uma dúzia de peças teatrais.

Raphael Montes

Raphael Montes é um dos principais nomes da literatura policial brasileira contemporânea. Nascido no Rio de Janeiro, em 1990, ele se apaixonou pela escrita desde cedo e publicou seu primeiro romance, *Suicidas*, em 2014, aos 24 anos. A obra foi finalista do prêmio Benvirá de literatura e recebeu elogios da crítica e do público. Segundo o jornal O Globo, *Suicidas* é “um dos melhores romances policiais dos últimos tempos” (O GLOBO, 2014, p. 2). Desde então, Montes não parou de produzir histórias de suspense, crime e terror, que conquistaram leitores no Brasil e no exterior.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Montes é formado em direito pela UERJ, mas abandonou a carreira jurídica para se dedicar à literatura. Em 2014, ele lançou *Dias Perfeitos*, pela Companhia das Letras, que foi traduzido para 22 países e escolhido como livro do mês na Amazon norte-americana. Em 2015, ele publicou *O vilarejo*, uma coletânea de contos de terror, e em 2016, *Jantar Secreto*, um thriller que aborda temas como canibalismo, corrupção e violência. Ambos os livros foram best-sellers e tiveram seus direitos de tradução vendidos para vários países. Em 2016, ele também escreveu, em parceria com a criminóloga Ilana Casoy, o livro *Bom dia, Verônica*, que deu origem à série homônima da Netflix, na qual ele atuou como produtor executivo e roteirista-chefe. Em 2019, ele lançou *Uma mulher no escuro*, um romance que mistura suspense, drama e humor negro, e que foi vencedor do Prêmio Jabuti na categoria Romance de Entretenimento em 2020.

Montes é um admirador confesso de Agatha Christie, a Dama do Crime, e de outros autores clássicos do gênero policial. Em sua coluna na revista *Veja*, ele celebrou os 130 anos de nascimento da escritora britânica e declarou: “devorar um mistério de Agatha Christie é como reencontrar um bom amigo” (MONTES, 2020, p. 4). Ele também afirmou que a leitura das obras de Agatha é “aconchegante e nostálgica” e que ela foi uma das suas maiores influências literárias. Montes também é colunista do jornal *O Estado de S. Paulo*, onde escreve sobre livros, filmes e séries de suspense.

Um crime adormecido

A história gira em torno de Gwenda Reed, uma jovem recém casada que está em uma missão de escolher uma casa na Inglaterra para ela e seu marido morarem. Após uma semana procurando por uma casa que fosse de seu interesse, Gwenda passa por uma placa de “Casa À Venda” e tem um sentimento quase que de reconhecimento e familiaridade pelo



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

local. Depois de ir até os corretores e conseguir uma licença para visitar a casa, a mulher vai até lá e assim que chega ela tem a impressão de que aquele é seu lar e que ela conhece todos os detalhes de lá. Ao passar com a dona da casa por uma escada, Gwenda se sente invadida por uma onda de terror que logo passa, mas traz a ideia de que talvez aquele lugar fosse assombrado. Após se certificar que o marido da viúva não tinha morrido ali, Gwenda continua com a visita, e vez ou outra, ao passar por algum cômodo, sente que está faltando algo e que algumas coisas poderiam ser trocadas no que diz respeito à decoração do lugar. Gwenda então faz sua oferta e a senhora aceita, e ela logo informa ao seu marido que comprou a casa.

A mulher já espera que vai demorar um tempo até que seu marido chegue em Londres, já que o seu trabalho exige que ele viaje, e aproveita desse período para fazer algumas reformas. É nesse momento que as coisas começam a ficar estranhas, porque todas as mudanças que Gwenda sugeria eram na verdade coisas que já tinham existido na casa, como escadas e portas. Nesse ponto, o medo que ela sentira antes tinha voltado.

Depois de ir até uma peça de teatro e ter um choque durante a cena em que uma mulher morria e se lembrar de uma cena que ela própria tinha presenciado de um cadáver sendo levado da casa que tinha comprado, Gwenda conta com a ajuda da detetive Miss Marple para desvendar o que isso tudo significa.

A mulher que foi assassinada era madrasta de Gwenda e foi casada com o seu pai por pouco tempo, a protagonista descobre após algumas buscas. Ela descobre também que tinha morado por pouco tempo na casa que tinha comprado (por isso as lembranças) e que fora mandada depois para a Nova Zelândia aos cuidados da família de sua falecida mãe. Após algum tempo, seu pai faleceu também.

Gwenda e Guiles, seu marido, conseguem contatar o irmão dela e ele diz que ela teria fugido com algum homem e não havia contado a ele porque sabia que ele não aprovaria,



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

além de confidenciar que o pai de Gwenda tinha falecido em uma clínica de doenças mentais. Ele próprio se internou por estar convencido de que matara Helen. A mulher vai até essa clínica e descobre que seu pai tinha se suicidado lá, e também pergunta a opinião do psiquiatra sobre a possibilidade de seu pai ter matado Helen, mas o médico a tranquiliza e diz que o homem não era um assassino.

Miss Marple investiga a vida de um outro suspeito, um rapaz que era noivo de Helen mas que havia sido deixado quando ela decidiu se casar com Major Holiday, pai de Gwenda. Nesse meio tempo, também surge um outro suspeito, um homem casado que aparentemente era apaixonado por Helen. Uma antiga empregada revela que não fazia sentido que Helen tivesse fugido como o irmão dela afirmava, porque ela não teria levado as combinações de roupas que geralmente usava. Ela também afirma que não tinha sido o seu ex -patrão que matou a esposa, caso ela realmente tivesse sido morta.

A mãe do ex noivo de Helen, após ser discretamente interrogada por Miss Marple, afirma que o filho tinha um temperamento agressivo e que antes de se envolver com ele, Helen já tinha tido um outro namorado, um rapaz ganancioso que poderia ter interesse na mulher por ela ser filha e irmã de médicos. Enquanto isso, o jovem casal vai atrás do homem casado que se envolveu com Helen e ele confessa que os dois tiveram um caso mas que não tinham combinado de fugir.

Miss Marple tem uma conversa com Dr Kennedy, irmão de Helen, e ele entrega as cartas que dizia ter recebido dela após a fuga. As cartas são enviadas para análise e é constatado mais tarde que foi Helen quem escreveu elas.

Um segundo empregado antigo aparece na história e conta para os três que alguém tinha cortado a rede da quadra de tênis por pura maldade e que a srta Helen tinha se machucado uma vez porque tropeçou em um ancinho que parecia ter sido jogado no meio do caminho.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

O irmão de Helen, Gwenda e seu marido Giles marcam um encontro com outra ex funcionária da casa que poderia ter pistas sobre o que aconteceu, só que ela não aparece. Mais tarde, eles recebem a notícia de que a mulher foi encontrada morta.

Após fazer uma ligação entre o que coletaram no encontro com a funcionária que interrogaram primeiro e as lembranças que Gwenda tinha, eles decidiram chamar um inspetor para cuidar do caso e ele levou homens para escavarem o jardim, que era onde eles suspeitavam que Helen poderia estar enterrada. E eles encontram o esqueleto.

Há uma tentativa de envenenamento na casa do casal, onde colocaram veneno no conhaque, mas todos os suspeitos tinham ido na casa deles no dia anterior, então era impossível saber quem tinha feito isso. Naquele mesmo dia, Dr ... vai até a casa do casal e é aí que Gwenda se lembra de tudo. A voz masculina que ela ouviu na noite do assassinato era a do médico e ela se lembrava das “mãos de macaco” porque ele estava usando luvas no dia. Ele tenta atacar ela mas Miss Marple aparece e a salva. Keneddy é preso.

No fim, Miss Marple revela que já sabia que ele era o assassino por vários detalhes que percebeu: O consultório dele, na época, era ao lado da casa; o fato de a mulher ter se envolvido com vários homens e estar desesperada pra se casar e sair de casa; o fato de ele mesmo dizer algumas vezes durante a história que era severo; ele ter cortado a rede por ciúmes dela com os amigos; além de ser o médico que cuidava do pai de Gwenda quando ele começou a ter alucinações, o que era muito suspeito; etc. E esse é o desfecho da trama.

Fez uma pausa e acrescentou baixinho: - Pobre Helen... Pobre Helen, tão linda, que morreu jovem... Sabe Giles, ela não está mais lá... na casa.. no saguão. Senti isso ontem, antes de partirmos. Agora existe apenas a casa. E a casa gosta de nós. Podemos voltar, se quisermos... FIM. (Christie, 1976, p. 220)



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

Uma mulher no escuro

No prólogo do livro temos a noite do assassinato dos pais de Victória em 31 de maio de 1998. A menina, ainda criança, acorda com o latido dos cachorros no quintal da vizinha. Ela se agarra ao seu ursinho Abu e começa a lembrar de como tinha sido incrível o dia de seu aniversário. Os cachorros continuam latindo e ela vai até o corredor e, de lá, ouve gritos vindos do quarto dos pais.

O irmão agarra seu braço e tampa a sua boca, e ela percebe que havia algo de errado pois nunca tinha o visto tão pálido. Após ouvirem um estrondo, ele diz que tem alguém na casa, manda ela para baixo da cama e informa que vai ligar para a polícia usando o telefone que ficava no térreo enquanto Vic fica no segundo andar. Vic então ouve um segundo estrondo e o seu irmão urrando de dor, depois uma sequência de baques surdos. O irmão, então, surge rastejando e faz sinal para ela permanecer em silêncio. Havia sangue em suas pernas.

Logo, surge um vulto e agarra o menino, jogando-o em cima da cama e o golpeando. Filetes de sangue escorreram pela beirada da cama e ela ouve um TSS. Depois disso, um cheiro forte toma conta do quarto e Victória acaba deixando escapar uma tosse. O invasor percebe sua presença e Victória sai correndo e gritando por seus pais enquanto desce as escadas rapidamente com a consciência de que está sendo perseguida. A menina dá a volta no sofá para chegar até a saída dos fundos mas, ao se aproximar, encontra o corpo de sua mãe todo ensanguentado e pichado por uma tinta preta. Ela então decide que tinha que fazer algo, chega até o telefone e disca para sua tia Emília. A única coisa que Vic consegue dizer antes de o invasor alcançar e golpeá-la 2x e pintar sua cara de tinta é “Me ajuda”.

Vinte e dois anos depois temos a visão de um homem que nos diz:



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

“Não é fácil ser Victoria Bravo. Eu a observo todos os dias. Conheço seus horários, suas manias, seus lugares preferidos. Sei quais remédios toma, de que desenhos animados mais gosta, o que compra no mercado. Conheço seus medos e seus segredos mais bem guardados. Sei que visita a tia-avó quando está de folga, que adora passar o sábado em casa e que frequenta sozinha sessões de cinema à meia-noite. Eu a acompanho à distância. Perco noites de sono observando a única janela de seu apartamento e pensando nela. As poucas horas que passamos juntos a cada semana são deliciosas, repletas de sutilezas, de palavras não ditas, de olhares carregados de sentido. Mas Victoria é escorregadia. Já estamos nessa há muito tempo, sem que haja qualquer evolução. Um passo, depois outro, então de volta ao início. Sinto que é o momento de avançar, de conquistar mais espaço. Minhas mãos suam, meu coração palpita. Mal vejo a hora. Desta vez, não tenho dúvidas de que será maravilhoso.” (Montes, 2019, p. 17).

E assim, finalmente adentramos na rotina de Victória Bravo. De cara já nos é apresentado seu amigo arroz, que conheceu Vic através de um fórum do The Sims. O relacionamento da protagonista com o homem (que ela acredita que tenha uns 30 anos, porque nunca conversaram sobre isso) é estranho e Vic sempre tenta se manter afastada dele. Os dois compartilham um hobby de visitar casas à venda e mentir sobre suas identidades só para observarem a vida de desconhecidos mais de perto. Nesse dia, arroz beija Vic e a garota vai embora.

No dia seguinte conhecemos o Dr Max, psiquiatra de Vic. Ele foi atrás dela depois que o primeiro psiquiatra (que a tratava desde a infância) morreu, dizendo que era especializado em casos mais extremos como o dela. Max não cobrava nada de Victória pelas consultas. Durante a sessão, o médico encoraja-a a se aproximar mais das pessoas e, mesmo que ela tenha se oposto à opinião do médico no início, aceita o convite de um escritor que frequentava o café em que trabalha para sair.

Depois de muita conversa com Georges, o escritor, Vic acaba revelando para ele sobre o assassinato de seus pais porque se sente a vontade com ele. A noite acaba sendo

- 1144 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

melhor do que ela imaginava. Após chegar em sua casa, Victória tira a sua perna mecânica (que só agora descobrimos a existência e que é consequência do golpe que levou na noite do assassinato dos pais) e vai dormir.

No outro dia o autor nos apresenta a tia Emília, a quem Victória tinha ligado na noite do crime, que se encontra em uma casa de repouso. Nesse mesmo dia, quando Vic chega em sua casa após um segundo encontro com Georges, ela vê a porta arrombada. Não havia ninguém dentro do seu apartamento, mas a cena que viu a fez vomitar.

Empurrou a porta com cuidado, sem fazer barulho. A sala parecia perfeitamente arrumada. Passou os olhos por ela. As cadeiras no lugar, as pelúcias organizadas na estante, ao lado dos livros de aventura e ficção científica. O laptop, a coisa mais valiosa que ela tinha, continuava sobre o sofá. Victoria tampouco sentiu falta de algo na cozinha. Pegou a faca mais afiada no gaveteiro e foi para a porta de correr que levava ao único quarto. Estava fechada, como a havia deixado. Avançou pé ante pé. Deslizou a porta sobre os trilhos, pronta para qualquer surpresa. Se gritasse, os vizinhos escutariam. Mas ela não gritou. Na parede acima da cama, havia um recado em letras garrafais, pichado em tinta preta: VAMOS BRINCAR? (Montes, 2019, p.32)

Ao final do capítulo, temos o ponto de vista do assassino:

Victoria não reagiu como eu pensava. Movidas algumas peças, esperei que ela perdesse o controle, se sentisse indefesa e me procurasse na mesma hora. Não foi o que ela fez. Por um lado, estou decepcionado. Por outro, orgulhoso. Gosto de desafios, gosto que ela quebre minhas expectativas. Torna tudo mais excitante. Finalmente, as engrenagens estão girando. Não posso ter pressa. Esperei vinte anos, preparei tudo. Não vou meter os pés pelas mãos. Pego o telefone e ligo para o celular dela. Não espero que atenda. Mas é importante que saiba que estou por perto, que me importo com ela e que pode contar comigo. Faz parte do plano. (Montes, 2019 p.33)



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Depois desse ocorrido, Victória instala mecanismos de segurança em sua porta e não sai por 2 dias de casa, nem mesmo para ir trabalhar. No seu celular, ela vê várias chamadas perdidas e vários áudios dos três homens que fazem parte da sua vida: Georges, Arroz e Dr Max.

Dr Max aparece então no apartamento de Vic e ela acaba o atacando com uma faca e rasgando sua mão e, quando confrontado pela moça sobre como ele sabia o endereço dela, ele se justifica dizendo que ela tinha passado quando fez o cadastro em sua clínica. Victória conta sobre o acontecido em sua casa e o médico a aconselha a ir até a polícia, além de se oferecer para ir com ela e passar a noite com ela em seu apartamento. No outro dia, os dois vão juntos até a delegacia e lá ela descobre um pouco mais sobre Santiago, o assassino de seus pais, Mauro e Sandra.

O delegado diz que não há nada a fazer porque a garota tinha apagado as provas, mas que ia tentar arranjar o contato do pai de Santiago para que Victória pudesse ir até ele. Vic e Max vão até a casa do pai de Santiago, chamado Átila, mas o psiquiatra fica esperando no carro. Lá, o pai de Santiago revela que não via seu filho há anos, mas que na última vez em que se viram ele lhe entregou um diário para que desse a Victória caso ela o procurasse algum dia.

Vic vira a noite lendo o diário mas não encontra nada demais. Ele foi escrito na época que Santiago tinha 11 anos e até o momento os únicos relatos que apareciam eram de aventuras com seus dois amigos, Igor e Gabriel. Após um momento de fragilidade de Santiago, porque um de seus amigos tinha ficado com a garota que ele gostava, aparece uma figura importante no diário: Rapunzel. Ela se aproxima do garoto, consola ele e os dois se beijam. Depois, vai embora dizendo que aquilo era errado e que ninguém podia saber. O diário está com páginas faltando.

Depois, Victória liga para seu amigo Arroz para ajudá-la a instalar câmeras na casa



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

e essa é a primeira vez que ele vai até lá. Enquanto eles instalavam os equipamentos, o delegado liga para Victória e informa que o pai de Santiago foi assassinado. Victória vai até a polícia e o delegado também confessa que Átila mentiu para ela sobre o diário, pois ele havia recebido há pouco tempo esse livro do filho. Ainda na delegacia, o oficial questiona Victória sobre sua tia Sofia, irmã de seu pai. Ela desmaia na saída da delegacia e Georges a socorre.

Ela acorda na casa do escritor e o questiona sobre estar lá, e é quando ele confessa que estava preocupado com o seu sumiço e a seguiu. Georges também conta para a mulher que mexeu na sua mochila e encontrou o diário de Santiago. Os dois discutem mas acabam se beijando depois.

Em seguida, mais um *point of view*:

Romper barreiras, trocar carinhos, avançar na intimidade, mas sem parecer grosseiro — é esse o complexo jogo que Victoria tem travado comigo. Duas casas adiante, então um retrocesso, depois mais um avanço, e mais um retrocesso. Agora estamos melhores do que nunca. Tudo tem seguido como o previsto. Ela foi ao delegado e está lendo o diário. Pouco a pouco, se abre comigo, confia em mim, se entrega. Infelizmente, ainda tem coisas que esconde, que prefere guardar para si. Eu entendo. É esse íntimo — esse núcleo inescrutável — que quero acessar. E, quando conseguir, ela vai entender tudo. Seremos só nós dois. E mais ninguém (Montes, 2019, p.126)

Quando vai até a casa de repouso no dia seguinte, Victória questiona sua tia sobre a existência de Sofia e sobre os motivos pelos quais ela não sabia sobre ela. Emília fica irritada e não quer falar sobre o assunto, somente diz que ela era uma ingrata e que, após arrumar problemas, o pai de Victória colocou ela pra fora de casa. Anos mais tarde, Sofia se mudou para os Estados Unidos e a família não ouviu mais sobre a mulher. Tia Emília também pede para Victória não ir mais atrás de Sofia e esquecer essa história, mas antes ela confia

- 1147 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

que Sofia trabalhou na mesma escola em que Santiago estudou, onde os pais de Vic eram diretor e professora, respectivamente. Victória já sabia que Santiago era aluno na escola onde os pais trabalhavam, mas fica interessada nessa nova informação sobre sua tia Sofia.

Na sua sessão com Dr Max, Victória conta tudo o que sabe sobre Santiago. Mais tarde naquele dia, temos um encontro nada amistoso entre Arroz e Georges, que se apresenta como namorado de Victória. Já sozinha em casa, Victória, ao chegar, dá de cara com novas páginas do diário que Santiago havia deixado para ela. Depois de ler sobre o envolvimento sexual que Rapunzel tinha iniciado com Santiago, Vic começa a desconfiar que Rapunzel, na verdade, poderia ser Sofia.

Enquanto procura por evidências de sua tia Sofia, Victória encontra o comprovante de venda da casa de seus pais à Rayane, ex-aluna da escola, que era a menina por quem Santiago se apaixonou antes da Rapunzel aparecer. Victória contata Rayane e vai até a casa da mulher acompanhada por Georges. Conversando com Rayane, Vic descobre que Igor, amigo de Santiago, se suicidou jogando-se de uma janela da escola.

O assassino, que está observando, fica contente com a situação

Victoria não se cansa de me surpreender. Jamais acreditei que seria capaz de voltar à Ilha do Governador. E aí está ela, na casa onde tudo começou. Às vezes, eu adoraria entrar na cabeça dela. Entender o que pensa, o que sente, como age. Então, alterar uma ou duas coisinhas para ficar tudo perfeito. Os outros dois me atrapalham, rodeiam a vida dela, oferecem ajuda e dão conselhos. Talvez seja hora de considerá-los peças do tabuleiro, usá-los a meu favor, e, caso ameacem demais, eliminá-los de vez. Continuo confiante de que tudo vai dar certo. Não posso me irritar, não agora. Mesmo sem saber, ela está muito perto. Perto da verdade. Perto de mim. Vejo Victoria atravessar o portão depois de se despedir de Rayane e caminhar tensa na direção do táxi com o pisca-alerta ligado. Uma ideia me invade, me enchendo de entusiasmo. Como não pensei antes? Agora parece tão óbvio! Seguro a respiração e tento ficar calmo. Baixo os olhos, imaginando o que está por vir. Falta pouco. (Montes, 2019 p.162).

- 1148 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Nesse ponto da história, Victória está próxima dos 3 homens novamente. Ela conta para Max que vai atrás da mãe de Gabriel, o último dos meninos que eram amigos de Santiago. Georges, novamente, vai com ela para conversar com a mulher. Mirela, mãe de Gabriel, conta para Vic e Georges que seu filho teve um surto psicótico e após estuprar algumas meninas foi mandado para um hospital penitenciário. Porém, quando houve um incêndio nesse hospital, Gabriel assassinou o médico que cuidava dele e usando o seu jaleco, conseguiu fugir.

Alguns dias depois, Vic vai até o asilo visitar sua tia Emília e lá ela recebe mais um maço de folhas do diário. Desesperada, a menina questiona tia Emília sobre a possibilidade de Sofia ser Rapunzel e a senhora responde que ela era uma pervertida, por isso não durou muito tempo morando com os pais de Victória.

Vic continua a leitura das novas páginas e descobre sobre os encontros sexuais de Rapunzel e Santiago. O tempo todo, a mulher diz pra ele que é perigoso e que ninguém pode saber, porque ela é mais velha. Após esses encontros onde eles de fato têm relações, Santiago começa a ter pesadelos frequentes e ele esconde a sua situação com Rapunzel por medo de as pessoas separarem os dois. Mais tarde, o menino também confessa no diário que ele quem jogou Igor da janela após descobrir que ele também ficava com Rapunzel e que ele ia pixar na parede da escola “S puta”. Igor ia fazer essa pixação porque descobriu que Rapunzel ficava com vários outros meninos e meninas da escola. Victória agora tem certeza que Sofia é Rapunzel.

Ela liga para Georges e conta que recebeu mais páginas, pergunta onde ele está e pede para que os dois se encontrem. Acontece que Vic está em um café em frente ao prédio de Georges e ele diz que está no hospital visitando um amigo, mas Victória vê ele saindo de um prédio ao lado do que ele mora e percebe que ele está a enganando. Quando ele avisa que



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

já está em casa e que ela poderia ir até lá, Victória simula uma cena em que ela derruba café nele e o rapaz tem que ir se trocar, enquanto isso Vic mexe nas coisas dele e consegue roubar as chaves do outro apartamento que Georges tinha alugado (ela descobriu isso ao telefonar para o porteiro do prédio que viu Georges saindo).

Assim que Victória descobriu a mentira do amigo no hospital, ela ligou para Arroz e disse que se algo acontecesse com ela, ele deveria saber que ela estava indo encontrar com o namorado. Ao chegar no tal apartamento, Victória encontra muito material sobre ela e sobre o crime que ocorreu com seus pais. Instantes depois, Georges chega chamando por ela e ela o ataca com um peso de papel. Antes de sair correndo de lá, ela pega uma mochila com as anotações que ele tem sobre ela. Desnorteada, Victória sai na rua e compra uma garrafa de vodka, acaba com ela, quebra a garrafa na parede e usa os cacos de vidro para cortar os pulsos. Essa é a hora em que ela desmaia. Temos outra narração do assassino que se aproxima depois de ela apagar e picha o corpo todo dela.

Vic acorda no hospital com Arroz, Max e tia Emília ao seu lado. Ela considera que talvez Georges seja Santiago, mas essa possibilidade parece um pouco remota após comparar as anotações do escritor e o diário do menino.

Com medo do que poderia acontecer com ela já que agora o assassino tinha se aproximado muito e até pichado ela, Victória decide não sair mais de casa. Sua tia Emília e o Dr Max estavam com ela em seu apartamento, e as sessões com o médico começaram a ser em casa. Victória tem um momento estranho com Max quando ele insinua que ela tem que se afastar de Arroz.

Após uma investigação da polícia, é constatado que Georges e Santiago não são a mesma pessoa. Georges na verdade era um jornalista que ficou obcecado com o caso de Vic e pretendia escrever um livro sobre ela.

Dr Max tenta se aproximar de Victória de um jeito romântico, mas ela não retribui



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

as expectativas dele assim como alguns dias atrás não tinha retribuído as investidas de Arroz. Inclusive, Arroz procura Vic em um dia que sua tia tinha saído, diz que encontrou Sofia e que ela estava morando no Rio, mesma cidade que eles moravam.

Com muita insistência, Victória consegue conversar com Sofia sobre seus pais e a relação que os três tinham. Sofia revela que foi morar com o irmão quando tinha 11 anos e que Mauro e Sandra acolheram ela. Após algumas noites visitando o quarto da menina, Sandra começou a abusar dela. Quando foi contar ao irmão, a resposta que recebeu foi que ela estava mentindo e que não deveria contar aquela mentira pra mais ninguém. Sofia percebeu um dia que seu irmão observava enquanto Sandra fazia aquilo com ela e tentou se convencer de que a culpa era dela. Sofia relatou também que após 3 anos trabalhando na escola ela descobriu que o casal também abusava de vários alunos da escola e após achar fotos do que eles faziam, teve uma briga feia com o irmão e foi pedir ajuda a tia Emília. A mulher não acreditou nela e chamou-a de ingrata. Foi quando ela fugiu. A última coisa que a tia revela para Victória é que ela também foi vítima deles, porque eles colocavam Vic para assistir as coisas que faziam com as crianças e Sofia viu isso uma vez.

Victoria vai embora e ao chegar em seu apartamento confronta Emília, mesmo com a presença de Dr Max lá. A senhora nega tudo, mas é nesse momento que Max entra em cena e exige que a mulher fale a verdade. Enquanto as duas estão confusas, Max diz que Sofia nunca fez nada e que era Sandra quem abusava dos alunos. Max segura a velha e aperta uma faca contra o pescoço dela, perguntando sobre as fotos que tinham na cena do crime, mas que não foram encontradas pela polícia. Emília diz que queimou tudo antes que a polícia chegasse pois eram as fotos dos abusos com alunos.

Victoria ataca Max e ele a esfaqueia. Enquanto está no chão, o homem se aproxima dela e a beija. Arroz entra na casa e trava uma luta com o médico, na qual ele acaba enfiando a faca no peito do homem e o mata. Rapidamente, ele pega Victória do chão dizendo que vai



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

levá-la até o hospital.

Temos o ponto de vista do Arroz, que diz:

Dirijo atento ao limite de velocidade, enquanto espero meu ritmo cardíaco voltar ao normal. Foi por pouco. Pelo retrovisor, vejo Victoria deitada no banco traseiro com a cabeça recostada na porta. Ela está muito suada e machucada. Entre desmaios e gemidos, dorme e acorda, dorme e acorda. Depois de alguns minutos, pergunta se falta muito para chegar ao hospital. Digo que não. Ela está tão zozna que não olhou para fora, ainda não se deu conta de que não estamos indo para o hospital. Se não fossem as câmeras que instalei no apartamento, eu não conseguiria chegar na hora certa. Gabriel quase colocou tudo a perder. Eu o ajudei a fugir do hospital psiquiátrico, consegui a papelada que o transformou no dr. Max e me liberei do antigo médico para que ele pudesse se aproximar de Victoria e a guiar até mim. Mas Gabriel me traiu. Estimulou uma confiança excessiva em Victoria, a transformou numa puta que se entrega a qualquer um. Agora, ele está morto e Victoria está comigo. Vou consertar tudo. O relógio marca quatro da tarde. Sigo pela Linha Vermelha e entro na Ilha do Governador. Minutos depois, chegamos à casa. A casa onde tudo começou. Aperto o controle. O portão se abre lentamente. Volto a olhar o retrovisor e percebo que ela me encara. Há algo de diferente no rosto dela. Uma expressão indisfarçada de terror. Com um sorriso, digo que não precisa ter medo. Que vai ficar tudo bem. Victoria se agita, tenta inutilmente abrir a porta. Chuta e soca os vidros do carro como num ataque epilético. Sou obrigado a manobrar mais depressa e passo de qualquer jeito pelo portão. Arranho a lataria, mas não me importo. Sem perder tempo, desço do carro e abro a porta traseira. Tento puxar Victoria pelos braços, mas ela está arredia, tenta me abocanhar, como um animal selvagem. Dou um tapa na cara dela. Dou outro mais forte, que faz seus óculos voarem longe, e a agarro em seguida. Empurro a porta da garagem com a perna. Deito-a na mesa e acendo as luzes. Meu coração se enche de alegria. Finalmente, chegamos. Estou de volta com minha Rapunzel. Só nós dois, no nosso cantinho. (Montes, 2019, p.245)

Vic percebe que está na garagem de sua antiga casa, no lugar onde seus pais abusavam das crianças, e se desespera. Ela vê que Georges também está lá, desacordado. Arroz -que agora sabemos que é Santiago- conta para ela então que foi horrível assistir ela se

- 1152 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

relacionar com o jornalista e que ela deveria ter se apaixonado por ele. Ele tenta abusar dela dizendo que só precisava de mais uma noite como aquelas e que depois não precisaria mais dela. Victória consegue se soltar e golpeá-lo, e depois o mata usando sua própria prótese. Ela consegue ligar para a emergência antes de desmaiar.

No fim, Victória acorda no hospital com tia Emília ao seu lado e Georges esperando para falar com ela. Ele se desculpa pelas mentiras e diz que havia se apaixonado de verdade por ela, pedindo para que os dois passassem uma borracha em tudo.

Eu te amo, Vic. Te amo muito”, disse, encarando-a nos olhos. “Vamos recomeçar?” Georges se aproximou para um beijo, mas ela virou o rosto sutilmente e pediu para ele se afastar. “Depois do que aconteceu... Eu não sei.” A decepção surgiu nos olhos dele. Ficaram se encarando, em silêncio. Subitamente, o rosto de Victoria se iluminou. “Mas talvez você possa me ajudar”, ela disse. “Quero escrever minha história. (Montes, 2019, p.254)

Tabelas de Comparação e Semelhança entre as duas obras analisadas

As tabelas de comparação apresentadas neste trabalho têm como objetivo mostrar as semelhanças e diferenças entre duas obras do gênero romance policial: “Uma Mulher no Escuro”, de Raphael Montes, e “Um Crime Adormecido”, de Agatha Christie. Ambas as obras retratam a violência como um fator de atração para o leitor, mas de formas distintas. Enquanto Christie utiliza uma violência mais sutil e indireta, Montes explora uma violência mais gráfica e direta. Além disso, as obras apresentam diferenças no tipo de assassino, no grau de detalhamento, no estilo de escrita e no relacionamento com o detetive. Essas diferenças refletem as mudanças na sociedade e na cultura ao longo do tempo, bem como as preferências e expectativas dos leitores contemporâneos.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Tabela 1 – Semelhança entre as obras analisadas

Semelhanças	Um Crime Adormecido	Uma Mulher no Escuro
Protagonista feminina	Gwenda Reed	Victória Bravo
Mistério do passado	Gwenda tem lembranças estranhas sobre a casa que comprou	Victória é assombrada pelo assassinato de seus pais
Investigação	Gwenda busca a ajuda de Miss Marple para desvendar o mistério	Victória investiga por conta própria e com a ajuda de amigos
Violência	Assassinato da madrasta de Gwenda	Assassinato dos pais de Victória
Presença de um detetive	Miss Marple, uma detetive experiente	Victoria, jovem inexperiente que vivenciou a violência
Trauma do passado	Gwenda tem lembranças traumáticas relacionadas à casa	Victória tem traumas relacionados ao assassinato de seus pais
Intriga	A história se desenrola em torno do mistério da casa	A história se desenrola em torno do mistério do assassinato dos pais de Victória
Relacionamentos complicados	Gwenda tem um relacionamento complicado com a casa e seu passado	Victória tem relacionamentos complicados com Georges, Arroz e Dr. Max

Fonte: A autora (2024)



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Tabela 2 – Diferenças entre as obras analisadas

Diferenças	Um Crime Adormecido	Uma Mulher no Escuro
Ambiente	Inglaterra, numa casa recém-comprada	Brasil, na cidade do Rio de Janeiro
Assistência na investigação	Gwenda recebe ajuda de Miss Marple	Victória recebe ajuda de seus amigos e de Dr. Max
Resolução do mistério	O mistério é resolvido por meio de investigações e descobertas de pistas	O mistério é resolvido por meio de confrontos indiretos com o assassino
Relacionamento com o assassino	O assassino é um personagem secundário na vida de Gwenda	O assassino é uma figura constante e obscura na vida de Victória
Estilo de escrita	A história é contada de uma maneira mais clássica e direta	A história é contada de uma maneira mais moderna e complexa, com várias perspectivas
Relacionamento com o detetive	Gwenda tem um relacionamento profissional com Miss Marple	Victória tem um relacionamento pessoal e complicado com Dr. Max

Fonte: A autora (2024)

Tabela 3 – Semelhanças mais visíveis nas obras analisadas

Semelhanças	Um Crime Adormecido	Uma Mulher no Escuro
Mistério do passado	Gwenda tem lembranças estranhas sobre a casa que comprou	Victória é assombrada pelo assassinato de seus pais
Investigação	Gwenda busca a ajuda de Miss Marple para desvendar o mistério	Victória investiga por conta própria e com a ajuda de amigos
Violência	Assassinato da madrasta de Gwenda	Assassinato dos pais de Victória

Fonte: A autora (2024)



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Tabela 4 – Divergências mais visíveis nas obras analisadas

Diferenças	Um Crime Adormecido	Uma Mulher no Escuro
Grau de violência	A violência é apresentada de forma mais sutil e indireta	A violência é apresentada de forma mais gráfica e direta
Detalhes do assassino	Menos detalhes são fornecidos sobre o assassino	Mais detalhes são fornecidos sobre o assassino, incluindo suas motivações e métodos
Preferência do leitor	Leitores clássicos podem preferir o mistério e a sutileza da violência	Leitores contemporâneos podem preferir a exploração gráfica da violência e a figura do serial killer

Fonte: A autora (2024)

O primeiro aspecto que me chamou a atenção foi o tipo de assassino que aparece nas obras. No romance policial clássico, o assassino é um personagem secundário na vida da protagonista, que só é revelado no final da história. No romance policial contemporâneo, o assassino é uma figura constante e obscura na vida da protagonista, que a persegue e a ameaça. Isso mostra uma diferença na forma de criar o suspense e o medo no leitor.

O segundo aspecto que me chamou a atenção foi o grau de violência que é apresentado nas obras. No romance policial clássico, a violência é mais sutil e indireta, sendo sugerida por meio de pistas e indícios. No romance policial contemporâneo, a violência é mais gráfica e direta, sendo descrita em detalhes e cenas de ação. Isso mostra uma diferença na forma de explorar o tema do crime e da morte no leitor.

O terceiro aspecto que me chamou a atenção foi o detalhamento do assassino que é fornecido nas obras. No romance policial clássico, menos detalhes são dados sobre o assassino, que permanece como um enigma até o final. No romance policial contemporâneo, mais detalhes são dados sobre o assassino, incluindo suas motivações e métodos. Isso mostra uma diferença na forma de construir o perfil psicológico e social do criminoso no leitor.

- 1156 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

A violência como fator de atração no romance policial contemporâneo pode ser atribuída a vários fatores. Primeiro, a violência cria tensão e suspense, mantendo os leitores na borda de seus assentos. Segundo, a violência pode servir como uma forma de comentário social ou crítica, refletindo as realidades sombrias da sociedade. Terceiro, a figura do serial killer, que é frequentemente retratada como inteligente e manipuladora, pode ser fascinante para os leitores. Finalmente, a violência pode proporcionar uma forma de catarse, permitindo que os leitores enfrentem seus medos e ansiedades de uma maneira segura e controlada.

Esses aspectos revelam as características dos dois tipos de romance policial, que podem ser relacionados com as mudanças históricas, culturais e literárias que ocorreram entre o século XIX e o século XXI.

Partindo das comparativas, pudemos concluir que as duas obras apresentam formas contrastantes de lidar com a violência, refletindo as características pessoais, históricas e culturais dos autores, bem como as expectativas e as preferências dos leitores de cada época e lugar. *Uma mulher no escuro* se insere no subgênero policial conhecido como thriller, que se caracteriza por uma narrativa de ritmo acelerado, repleta de ação, perigo, reviravoltas e surpresas, que visa manter o leitor em constante tensão e expectativa. Nesse tipo de romance, a violência é um elemento central, tanto na construção do enredo, quanto na caracterização dos personagens, quanto na produção de efeitos estéticos e emocionais. A violência é apresentada de forma explícita, gráfica e impactante, sem poupar detalhes

Considerações finais

Neste trabalho, realizamos uma análise comparativa entre dois romances policiais contemporâneos, de autores de diferentes nacionalidades e épocas, que apresentam formas distintas de abordar a violência em suas narrativas: *Uma mulher no escuro*, de Raphael



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Montes, publicado em 2019 no Brasil, e *Um Crime Adormecido* (1976), de Agatha Christie, publicado em 1976 na Inglaterra. O objetivo foi identificar e discutir como a violência é representada, tematizada, estilizada e utilizada em cada obra, e como isso se relaciona com o perfil dos autores, o contexto de produção e recepção, e o subgênero policial em que se inserem. Além disso, pretendemos analisar como a violência funciona como um fator de atração para os leitores, quais são os efeitos e as implicações éticas e estéticas dessa escolha, e quais são as semelhanças e as diferenças entre as duas obras nesse aspecto.

Para isso, utilizamos como referencial teórico os conceitos de violência, de gênero policial e de subgêneros policiais, a partir de autores como Zizek (2004), Todorov (1978), D'Onofrio (1999), entre outros. Ademais, recorreremos a estudos críticos e resenhas sobre as obras e os autores escolhidos, bem como a dados biográficos e bibliográficos deles. A metodologia consistiu em uma leitura atenta e comparativa dos dois romances, buscando identificar e analisar os aspectos relacionados à violência, tais como: a natureza, a frequência, a intensidade, a explicitação, a motivação, a função, o significado, o estilo e o impacto dos atos violentos na trama, nos personagens e nos leitores.

Um crime adormecido se insere no subgênero policial conhecido como whodunit, que se caracteriza por uma narrativa de ritmo moderado, repleta de pistas, suspeitos, falsos indícios e deduções, que visa desafiar o leitor a descobrir a identidade e o motivo do criminoso. Nesse tipo de romance, a violência é um elemento secundário, tanto na construção do enredo, quanto na caracterização dos personagens, quanto na produção de efeitos estéticos e emocionais. A violência é apresentada de forma implícita, discreta e elegante, sem enfatizar detalhes ou exibir cenas de crueldade, tortura e morte. A violência tem várias funções e significados, que se relacionam com os temas e as intenções da autora: a violência funciona como um fator de enigma, de desafio, de raciocínio e de lógica para os leitores, que buscam na literatura uma forma de exercitar e aprimorar suas habilidades



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

mentais; a violência funciona como um fator de contraste, de ironia, de reflexão e de questionamento sobre a realidade social, cultural, moral e psicológica da Inglaterra do pós-guerra, marcada por mudanças, conflitos, tradições, preconceitos e hipocrisias; a violência funciona como um fator de justiça, de ordem, de restauração e de moralidade para a protagonista, que precisa enfrentar seus medos, seus inimigos, seus segredos e seus sentimentos, em busca de paz, de verdade e de felicidade; a violência funciona como um fator de entretenimento, de mistério, de surpresa e de fascínio para os leitores, que se interessam por histórias que misturam suspense, curiosidade, surpresa e aprendizado.

A partir da análise, concluímos que as duas obras apresentam formas contrastantes de lidar com a violência, refletindo as características pessoais, históricas e culturais dos autores, bem como as expectativas e as preferências dos leitores de cada época e lugar. As diferenças entre as obras se manifestam nos aspectos de representação, de tematização, de estilização e de função da violência, que se relacionam com os subgêneros policiais, os contextos históricos e culturais, os perfis estéticos e éticos dos autores e dos leitores. As semelhanças entre as obras se manifestam nos aspectos de gênero, de protagonista, de tema e de efeito da violência, que se relacionam com as características e as convenções do romance policial, as escolhas e as intenções dos autores e dos leitores.

Assim, podemos afirmar que a violência é um fator de atração no romance policial contemporâneo, que se manifesta de formas diferentes, dependendo do subgênero, do contexto, do estilo e da intenção dos autores e dos leitores. A violência é um tema que desperta o interesse, a curiosidade e o envolvimento dos leitores, que buscam na literatura uma forma de lidar com seus medos, seus desejos, seus conflitos e seus dilemas, que são refletidos e ampliados nas narrativas policiais. A violência é também um recurso que provoca reações emocionais e intelectuais nos leitores, que sentem medo, repulsa, indignação, surpresa, curiosidade, raciocínio, prazer, adrenalina, catarse, aprendizado, entre



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

outras sensações, que variam de acordo com o grau e a forma de representação da violência em cada obra. A violência é ainda uma função que tem um papel importante na construção do enredo, na caracterização dos personagens, na produção de efeitos estéticos e na transmissão de mensagens e valores, que se relacionam com os problemas, as questões, as críticas e as reflexões que os autores e os leitores querem expressar e discutir sobre a realidade em que vivem.

Portanto, podemos dizer que o romance policial contemporâneo é um gênero que explora a violência de forma criativa, inovadora, diversificada e desafiadora, que busca atender às expectativas e às preferências dos leitores, que se interessam por histórias que misturam suspense, mistério, ação, horror, humor, ironia, lógica, emoção, crítica e reflexão, que revelam aspectos racionais e obscuros, criativos e contraditórios, simples e complexos, bondosos e ambíguos da natureza humana. O romance policial contemporâneo é um gênero que utiliza a violência de forma crítica, provocativa, incomodativa e questionadora, que busca chamar a atenção, despertar, envolver e desafiar os leitores, que são confrontados com situações e personagens que espelham e ampliam os problemas, os dilemas, as injustiças, as hipocrisias e as desigualdades da realidade em que vivem.

Referências

BAKHTIN, M. **Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance**. In: Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. São Paulo: UNESP-HUCITEC, 1998, p. 397-428.

BAKHTIN, Mikhail. **Epos e romance**. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1988.

CHAUVIN, D. **Condenação pelo assassinato de George Floyd**. Estados Unidos, 2020.

CHRISTIE, A. **Um crime adormecido**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

- 1160 -



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

D'ONOFRIO, Salvatore. **Metodologia do Trabalho Intelectual**. São Paulo: Ática, 1999

GENTILLI, Danilo. **Entrevista com Danilo Gentilli**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=KoMD4rzhnzc>. Acesso em: 15 jan. 2024.

MANDEL, E. **Delícias do Crime**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MASSI, A. P. **O romance policial contemporâneo: uma análise de O Código Da Vinci**. São Paulo: Annablume, 200

MEDEIROS, Paulo de Albuquerque. **O Mundo Emocionante do Romance Policial**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Comunidade brasileira no exterior 2013 - estatísticas 2020**. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/artigos-variados/comunidade-brasileira-no-externo-2013-estatisticas-2020>. Acesso em: 15 jan. 2024.

Montes, R. (2024). **Raphael Montes: uma trajetória de sucesso**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca. (Obra original publicada em 2023).

MONTES, R. **Uma mulher no escuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MONTES, Raphael. **Agatha Christie, 130 anos: a dama do crime**. Veja, São Paulo, 15 set. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/raphael-montes/agatha-christie-130-anos-a-dama-do-crime/>. Acesso em: 16 jan. 2024.

MORGAN, Janet. **Agatha Christie: uma biografia**. São Paulo: Record, 1985.

O GLOBO. **Raphael Montes: um dos melhores romances policiais dos últimos tempos**. Rio de Janeiro, 14 set. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/raphael-montes-um-dos-melhores-romances-policiais-dos-ultimos-tempos-14001262>. Acesso em: 16 jan. 2024.

REIMÃO, S. L. A. **A. Dupin, Holmes & Cia**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS -
SÓLETRAS

Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1983.

SANTOS, J. R. **A configuração do romance policial contemporâneo: uma abordagem semiótica.** Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 329-351, jul./dez. 2011. Disponível em: https://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2009_gt_lg21_artigo_7.pdf. Acesso em: 16 jan. 2024.

SILVESTRE, Edney. **Clube de Leitura | Se eu fechar os olhos agora com Edney Silvestre.** Disponível em: <URL do site>. Acesso em: 15 jan. 2024.

TODOROV, T. **A poética do conto.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1971.

TODOROV, Tzvetan. **A Psicologia como o estudo de interações.** Psic.: Teor. e Pesq, 1978.

ZIZEK, Slavoj. **Uma breve introdução ao pensamento de Slavoj Zizek.** Analytica: Revista de Psicanálise, 2004.



XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS - SÓLETRAS

CONTATO

Centro de Letras Comunicação e Artes - CLCA-UENP/CJ

Rua Padre Mello, 1200, Jardim Marymar, Jacarezinho - Paraná

Para mais informações: <https://eventos.uenp.edu.br/soletras/>

ORGANIZAÇÃO E APOIO

